SER PROTAGONISTA

CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS

FILOSOFIA

MANUAL DO PROFESSOR

Área do conhecimento:
Ciências Humanas e Sociais Aplicadas
Componente curricular:
Filosofia

ENSINO MÉDIO

VOLUME ÚNICO

Editora responsável: **Valéria Vaz**
Organizadora: **SM Educação**

Obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida por SM Educação.

CÓDIGO DA COLEÇÃO
0103P26010120481 6 OBJETO 1

PNLD ENSINO MÉDIO • 2026 – 2029 •

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
Versão em processo de avaliação

sm

MANUAL DO PROFESSOR

SER PROTAGONISTA

CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS

FILOSOFIA

Área do conhecimento:
Ciências Humanas e Sociais Aplicadas
Componente curricular:
Filosofia

ENSINO MÉDIO

VOLUME ÚNICO

Editora responsável:

VALÉRIA VAZ

Licenciada em História pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp).
Especialista em Linguagens Visuais e mestra em Artes Visuais pela Faculdade Santa Marcelina (FASM).
Bacharela em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP).
Editora de livros didáticos.

Organizadora: **SM Educação**
Obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida por SM Educação.
São Paulo, 1ª edição, 2024

sm

Ser Protagonista Ciências Humanas e Sociais aplicadas – Filosofia

© SM Educação
Todos os direitos reservados

Direção editorial André Monteiro
Gerência editorial Lia Monguilhott Bezerra
Coordenação editorial André Zamboni
Edição executiva Valéria Vaz
Edição Alane Oliveira Fontes, Gabriel Careta, Tais Freire Rodrigues
Colaboração técnico-pedagógica Ana Paula Santos, Érico Andrade Marques de Oliveira, Felipe Fernandes, Kenya Jeniffer Marcon, Marina Santos de Castro, Nadini de Almeida Lopes, Paulo Ferraz, Priscilla Cerencio, Raquel Krempel, Rogério Luís da Rocha Seixas, Sara Albieri
Suporte editorial Camila Alves Batista, Fernanda de Araújo Fortunato
Coordenação de preparação e revisão Cláudia Rodrigues do Espírito Santo
Preparação: Clara Fernandes, Daniela Uemura, Érica Lamas
Revisão: Clara Fernandes, Daniela Uemura, Érica Lamas, Fernanda Oliveira Sousa, Karina Danza
Apoio de equipe: Amanda Taioque Moreira, Camila Lamin Lessa, Lívia Taioque
Coordenação de *design* Gilciane Munhoz
***Design*:** Paula Maestro
Coordenação de arte Vitor Trevelin
Edição de arte: João Negreiros
Assistência de produção: Júlia Stacciarini Teixeira
Coordenação de iconografia Josiane Laurentino
Pesquisa iconográfica: Camila Losimfeldt, Mariana Sampaio
Tratamento de imagem: Marcelo Casaro, Robson Mereu
Capa APIS Design
Ilustração da capa: Davi Augusto
Projeto gráfico APIS Design
Editoração eletrônica Estação das Teclas Editorial
Pré-impressão Américo Jesus, Mauro Moreira
Fabricação Alexander Maeda
Impressão

Elaboração de originais

Albérico Araújo Sial Neto
Licenciado em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).
Especialista em Ciência Política pela Faculdade Famart.
Mestre em Filosofia pela UFPE.

Diego dos Anjos Azizi
Bacharel em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).
Especialista em Ciência Política pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP).
Mestre em História da Filosofia Moderna e Ética e Filosofia Política pela PUC-SP.
Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Gabriel Careta
Bacharel e licenciado em História pela PUC-SP.
Editor de materiais didáticos.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ser protagonista ciências humanas e sociais aplicadas : filosofia / organizadora SM Educação ; obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida por SM Educação ; editora responsável Valéria Vaz. -- 1. ed. -- São Paulo : Edições SM, 2024.

Componente curricular: Filosofia.
Área do conhecimento: Ciências humanas e sociais aplicadas.
ISBN 978-85-418-3570-1 (aluno)
ISBN 978-85-418-3561-9 (professor)

1. Filosofia (Ensino médio) I. Vaz, Valéria.

24-229408 CDD-107

Índices para catálogo sistemático:
1. Filosofia : Ensino médio 107

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

1ª edição, 2024

SM Educação
Avenida Paulista, 1842 – 18º andar, cj. 185, 186 e 187 – Condomínio Cetenco Plaza
Bela Vista 01310-945 São Paulo SP Brasil
Tel. 11 2111-7400
atendimento@grupo-sm.com
www.grupo-sm.com/br

APRESENTAÇÃO

OLÁ, ESTUDANTE!

O Ensino Médio é o momento de ressignificação e de aplicação dos conhecimentos que você adquiriu em seu percurso escolar durante a Educação Básica. Agora será estabelecida uma conexão profunda entre os conhecimentos teóricos e suas vivências, trazendo mais sentido aos conteúdos apreendidos no decorrer do processo de ensino-aprendizagem.

Trata-se, portanto, de uma oportunidade de pensar em como as teorias se aplicam no dia a dia, agora de uma perspectiva mais complexa, e de compreender como os diversos processos e mudanças ocorridos ao longo do tempo se manifestam no presente. É também uma ocasião importante para refletir sobre seu papel e sua forma de atuação na sociedade.

A área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas propõe a ampliação e o aprofundamento das aprendizagens que favorecem o diálogo e o protagonismo juvenil. Por isso, esta coleção foi elaborada com o objetivo de contribuir para que, compreendendo melhor os diferentes aspectos da realidade, você possa agir de modo crítico, consciente, ético e responsável, reconhecendo e respeitando as diferenças, preservando os direitos humanos e cuidando de si mesmo e dos demais. No decorrer do trabalho com a coleção, você vai se engajar em práticas cooperativas e conhecer diversas formas de registro em diferentes linguagens: textual, imagética, artística, tecnológica, cartográfica, entre outras.

Acreditamos em seu protagonismo e em sua capacidade de buscar respostas e soluções para os desafios presentes e para os que estão por vir. Temos confiança de que, por meio de sua atuação e de sua interação com o mundo, você desenvolverá as competências e as habilidades necessárias ao pleno exercício da cidadania no século XXI, seguindo caminhos coerentes com seus projetos de vida.

Equipe editorial

CONHEÇA SEU LIVRO

ABERTURA DE UNIDADE

Elaborada em página dupla, apresenta um pequeno texto, uma imagem e questões para que você comece a refletir sobre o assunto da unidade e o que já sabe a respeito dele.

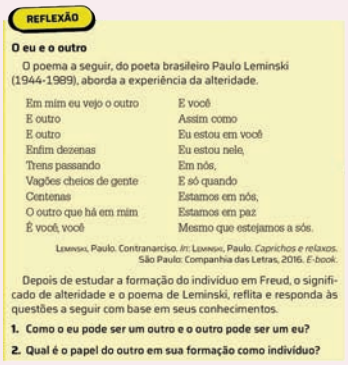
ABERTURA DE CAPÍTULO

Composta de textos, imagens e questões que se relacionam e introduzem o assunto do capítulo.

Não escreva no livro.

Reflexão

Composto de texto e de questões que envolvem análise, pesquisa e reflexão sobre o conteúdo apresentado, considerando a realidade e buscando ampliar e/ou aprofundar o assunto ou o conceito trabalhado.



REFLEXÃO

O eu e o outro

O poema a seguir, do poeta brasileiro Paulo Leminski (1944-1989), aborda a experiência da alteridade.

Em mim eu vejo o outro
E outro
E outro
Enfim dezenas
Trens passando
Vagões cheios de gente
Centenas
O outro que há em mim
É você, você

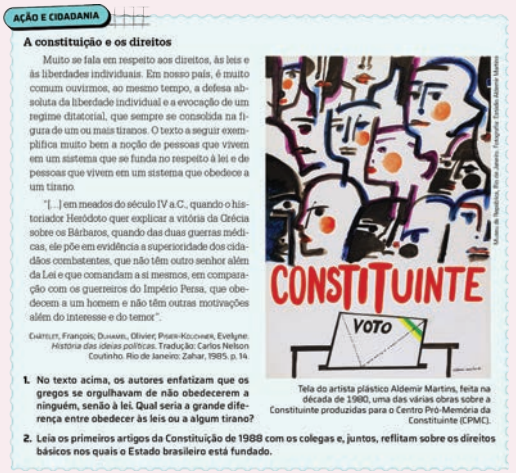
E você
Assim como
Eu estou em você
Eu estou nele,
Em nós,
E só quando
Estamos em nós,
Estamos em paz
Mesmo que estejamos a sós.

LEMINSKI, Paulo. Contranarcisa. *In*: LEMINSKI, Paulo. *Caprichos e relaxos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. *E-book*.

Depois de estudar a formação do indivíduo em Freud, o significado de alteridade e o poema de Leminski, reflita e responda às questões a seguir com base em seus conhecimentos.

1. Como o eu pode ser um outro e o outro pode ser um eu?
2. Qual é o papel do outro em sua formação como indivíduo?

Bruce Katter/CNRI



AÇÃO E CIDADANIA

A constituição e os direitos

Muito se fala em respeito aos direitos, às leis e às liberdades individuais. Em nosso país, é muito comum ouvirmos, ao mesmo tempo, a defesa absoluta da liberdade individual e a evocação de um regime ditatorial, que sempre se consolida na figura de um ou mais tiranos. O texto a seguir exemplifica muito bem a noção de pessoas que vivem em um sistema que se funda no respeito à lei e de pessoas que vivem em um sistema que obedece a um tirano.

"[...] em meados do século IV a.C., quando o historiador Heródoto quer explicar a vitória da Grécia sobre os Bárbaros, quando das duas guerras médicas, ele põe em evidência a superioridade dos cidadãos combatentes, que não têm outro senhor além da Lei e que comandam a si mesmos, em comparação com os guerreiros do Império Persa, que obedecem a um homem e não têm outras motivações além do interesse e do temor".

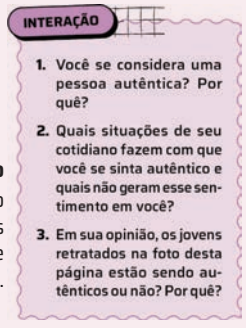
CHÂTELET, François; DUHAMEL, Olivier; PISIER-KOUCHNER, Evelyne. *História das ideias políticas*. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. p. 14.

1. No texto acima, os autores enfatizam que os gregos se orgulhavam de não obedecerem a ninguém, senão à lei. Qual seria a grande diferença entre obedecer às leis ou a algum tirano?
2. Leia os primeiros artigos da Constituição de 1988 com os colegas e, juntos, reflitam sobre os direitos básicos nos quais o Estado brasileiro está fundado.

Tela do artista plástico Aldemir Martins, feita na década de 1980, uma das várias obras sobre a Constituinte produzidas para o Centro Pró-Memória da Constituinte (CPMC).

Ação e cidadania

Apresenta informações e questões relacionadas à ação cidadã com o objetivo de promover melhorias nos âmbitos social, econômico, ambiental e cultural, entre outros.



INTERAÇÃO

1. Você se considera uma pessoa autêntica? Por quê?
2. Quais situações de seu cotidiano fazem com que você se sinta autêntico e quais não geram esse sentimento em você?
3. Em sua opinião, os jovens retratados na foto desta página estão sendo autênticos ou não? Por quê?

Interação

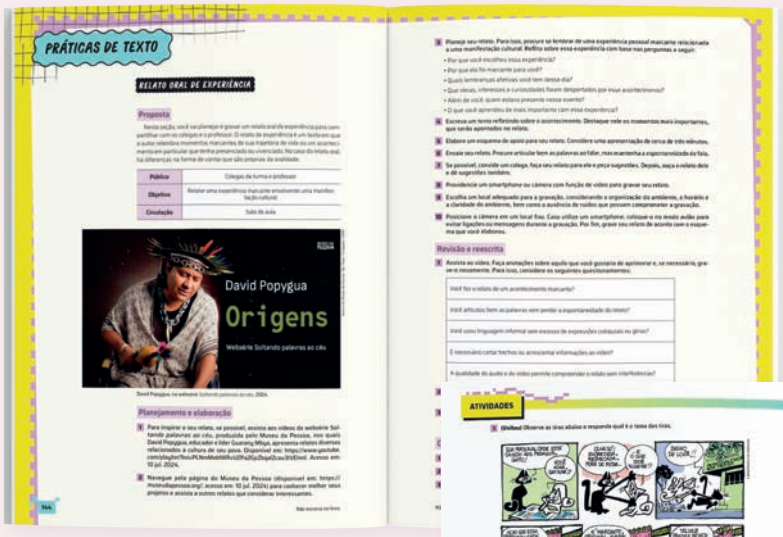
Contém atividades que vão ajudá-lo a desenvolver habilidades e a adquirir uma visão ampla e integrada dos assuntos estudados.

axioma: proposição considerada evidentemente verdadeira, sem a necessidade de prova ou demonstração.

Glossário

Apresenta a explicação de palavras e conceitos que você talvez não conheça.

BOXES



PRÁTICAS DE TEXTO

RELATO ORAL DE EXPERIÊNCIA

Proposta

Público	Colegas de turma e professor
Objetivo	Relatar uma experiência marcante envolvendo uma manifestação cultural
Circulação	Sala de aula

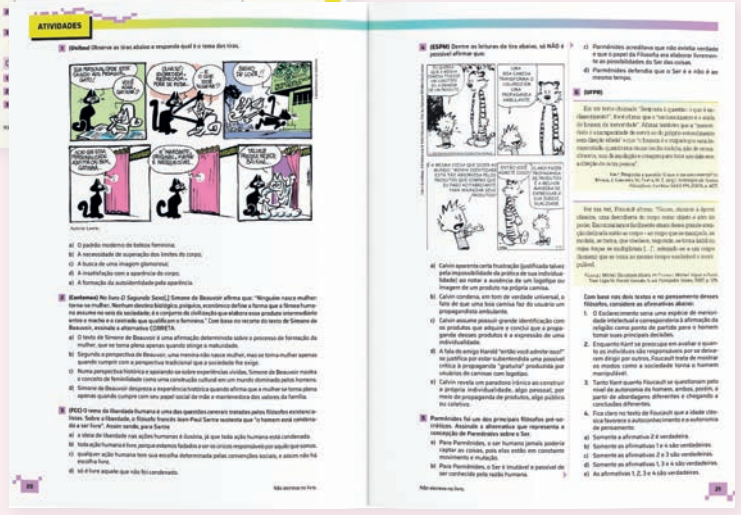
David Popygua
Origens
Websérie Soltando palavras ao céu

Planejamento e elaboração

Revisão e reescrita

Práticas de texto

Com base na produção textual de diferentes gêneros, a seção contribui para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita.



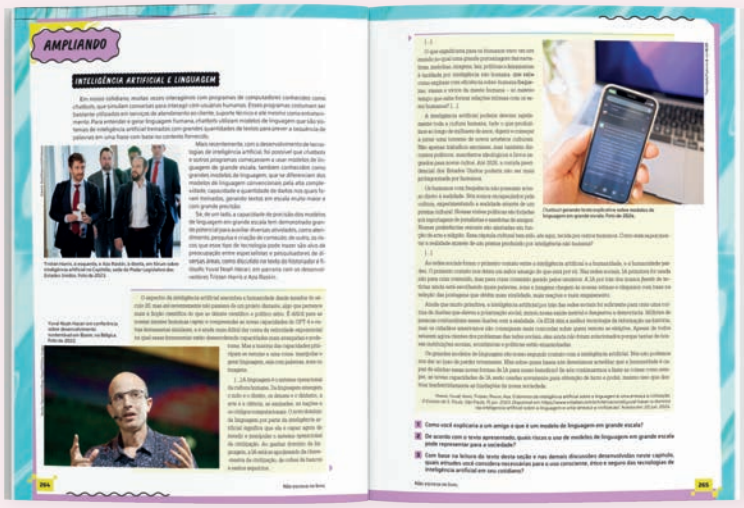
ATIVIDADES

Atividades

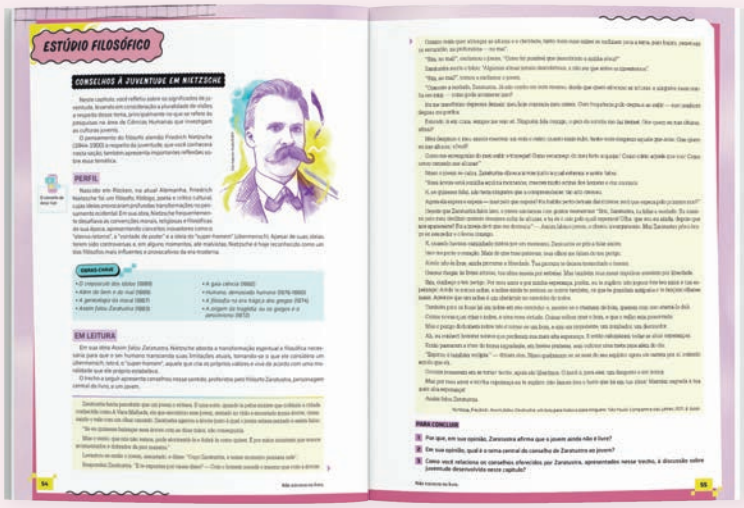
Ao final de cada capítulo, um conjunto de atividades possibilita a consolidação, a retomada, a análise, a síntese e a pesquisa dos assuntos abordados. A seção traz também questões de importantes exames nacionais.

SEÇÕES DE CAPÍTULO

SEÇÕES DE CAPÍTULO



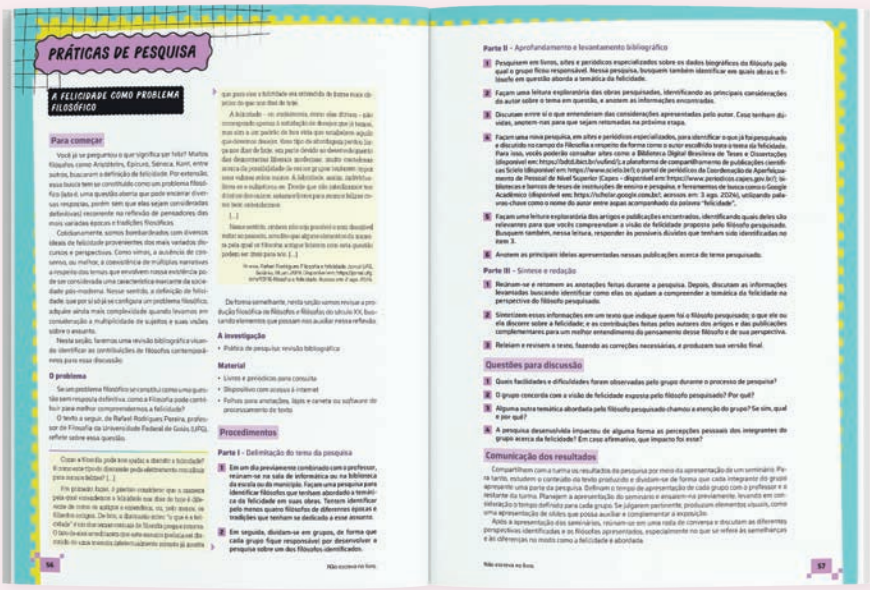
Ampliando
Apresenta textos diversos sobre questões contemporâneas associadas aos assuntos da unidade, com o intuito de desenvolver a reflexão e a análise crítica.



Estúdio filosófico
Esta seção apresenta minibiografias, textos e atividades para você conhecer diferentes pensadores e pensadoras que promovem a reflexão filosófica.

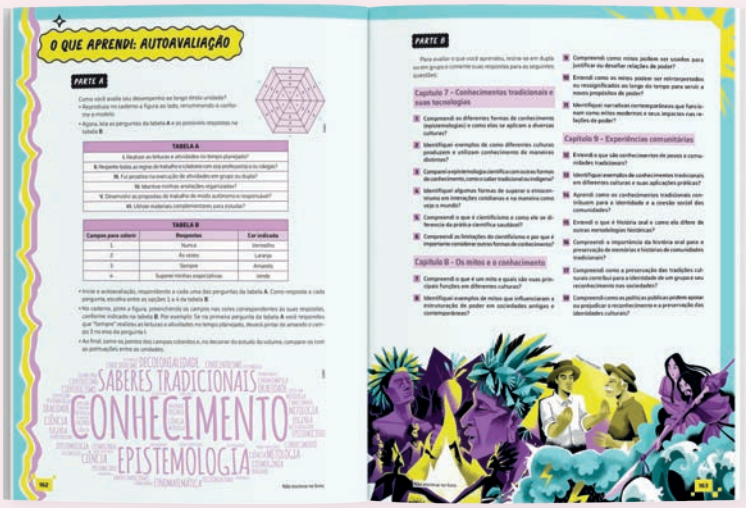
Objeto digital
O ícone
indica objeto digital presente no livro digital.

SEÇÃO ESPECIAL



Práticas de pesquisa
Propõe diferentes metodologias e procedimentos de pesquisa, com o objetivo de aprimorar a investigação e o raciocínio científico.

Não escreva no livro.

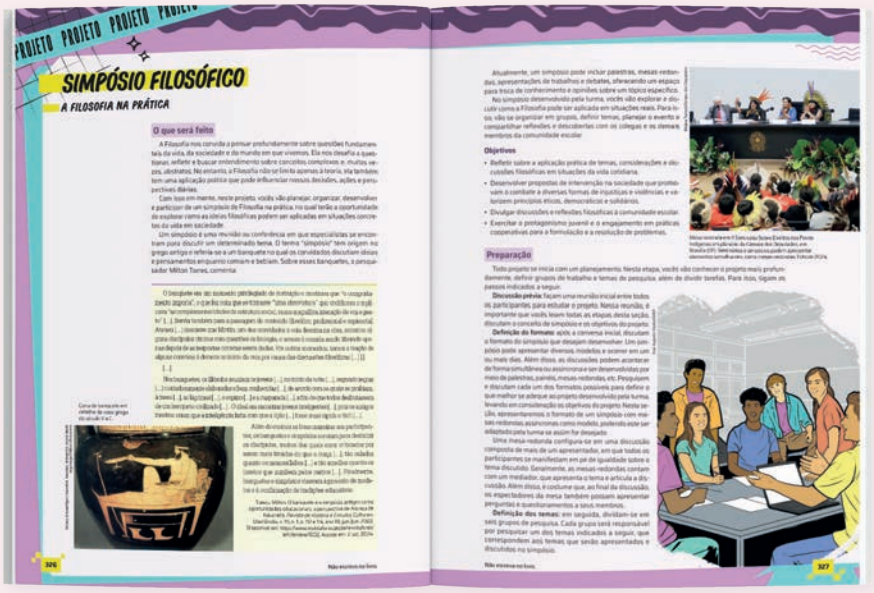


O que aprendi: autoavaliação

Nesta seção, você será orientado a realizar uma autoavaliação a partir de perguntas que ajudarão você a estabelecer relações entre os temas estudados no livro.

Para ir além

Traz indicações de produções audiovisuais, *sites*, livros, entre outros materiais que auxiliam na ampliação e no aprofundamento dos conteúdos estudados.



Projeto

Nesta seção, você e seus colegas realizarão um projeto sobre questões importantes vivenciadas na comunidade onde vivem.

SEÇÕES DE FECHAMENTO DE UNIDADE

SEÇÃO DE PROJETO

SUMÁRIO

UNIDADE 1 — 10

SER NO MUNDO

Capítulo 1 – Afinal, o que significa ser humano? 12
O estudo do Ser 13
Ser humano 14
Tornar-se indivíduo 16
Diferentes formas de ser no mundo 18
Atividades 20
Estúdio filosófico: O sujeito em Simone de Beauvoir 22
Práticas de texto: Fichamento 24

Capítulo 2 – Um mundo pós-moderno 26
Definindo pós-modernidade 27
Novos questionamentos, novos desafios 28
Múltiplos sujeitos 31
Objeto digital: Interseccionalidade 32
Empoderamento e apropriação 34
Novas narrativas 36
Atividades 38
Estúdio filosófico: O lugar de fala em Djamila Ribeiro 40
Ampliando: A sociedade do cansaço 42

Capítulo 3 – Juventude plural 44
Falando em geração 45
Jovem: um sujeito social 46
A busca pela autenticidade 48
Juventude e participação social 50
Atividades 52
Estúdio filosófico: Conselhos à juventude em Nietzsche 54
Objeto digital: O conceito de *Amor Fati* 54
Práticas de pesquisa: A felicidade como problema filosófico 56
O que aprendi: autoavaliação 58
Para ir além 60

UNIDADE 2 — 62

EM BUSCA DA VERDADE

Capítulo 4 – Onde está a verdade? 64
A busca pela verdade: questões filosóficas 65
Positivismo 69
Relativismo 70
Perspectivismo 71
A pós-verdade 72
Atividades 74
Estúdio filosófico: A verdade em Marilena Chaui 76
Práticas de texto: Carta do leitor 78

Capítulo 5 – Desenvolvimento do pensamento ocidental 80
O nascimento da razão 81
Negacionismo científico 82
Objeto digital: Negacionismo científico 82
O cientificismo 84
A Antiguidade greco-romana e a Filosofia 86
Atividades 90
Estúdio filosófico: A razão em Descartes 92
Ampliando: Viés de confirmação 94

Capítulo 6 – Ciência ocidental moderna 96
A importância do Ensino Superior: formação e pesquisa 97
Objeto digital: As primeiras universidades europeias 98
Iluminismo e seus reflexos hoje 99
As origens do método científico na modernidade 100
Atividades 104
Estúdio filosófico: O conhecimento em Kant 106
Práticas de pesquisa: Identificação de *fake news* 108
O que aprendi: autoavaliação 110
Para ir além 112

UNIDADE 3 — 114

DIVERSIDADE EPISTEMOLÓGICA

Capítulo 7 – Conhecimentos tradicionais e suas tecnologias 116
A política da ciência 117
Atividades 124
Estúdio filosófico: O etnocentrismo em Derrida 126
Ampliando: Etnocentrismo e eugenia 128

Capítulo 8 – Os mitos e o conhecimento 130
O que é um mito? 131
Objeto digital: Conhecendo mitos 131
Diferentes visões sobre os mitos 134
Mitos no mundo atual 137
Atividades 140
Estúdio filosófico: Os mitos em Platão 142
Práticas de texto: Relato oral de experiência 144

Capítulo 9 – Experiências comunitárias 146
Conhecimentos tradicionais 147
Objeto digital: Conhecimentos tradicionais 147
Conhecimento e oralidade 148
Profetas da chuva 150
Medicina guarani 152
Pescadores de Iguape 154
Atividades 156
Estúdio filosófico: A decolonialidade em Nelson Maldonado-Torres 158
Práticas de pesquisa: As redes sociais e o poder de escolha 160
O que aprendi: autoavaliação 162
Para ir além 164

Não escreva no livro.

UNIDADE 4 — 166

VIVER COLETIVO

Capítulo 10 – Ser em sociedade 168
Somos animais sociais? 169
Entre o individual e o coletivo 170
Convencionalismo e pactos sociais 172
A prática social e o viver em sociedade 174
Reimaginando a vida em sociedade 176
Atividades 178
Estúdio filosófico: A meritocracia em Michael Sandel 180
Práticas de texto: Manifesto 182

Capítulo 11 – Política: um conceito amplo e plural 184
Política se discute? 185
Afinal, o que é política? 187
Novos agentes políticos 190
Quando religião e política se misturam 192
Objeto digital: Religião e política 192
Atividades 194
Estúdio filosófico: O fenômeno político em Jürgen Habermas 196
Ampliando: As incômodas filhas de Eva 198

Capítulo 12 – Nós somos o Estado 200
Algumas formas de pensar o Estado 201
O Estado como o conhecemos 203
Paradoxos da democracia 205
Objeto digital: A democracia representativa 205
Atividades 208
Estúdio filosófico: O totalitarismo em Hannah Arendt 210
Práticas de pesquisa: Dicionário de termos políticos 212
O que aprendi: autoavaliação 214
Para ir além 216

UNIDADE 5 — 218

BIOÉTICA: DILEMAS E RESPONSABILIDADES

Capítulo 13 – Padrões de beleza: diálogos sobre estética 220
Beleza: um conceito filosófico 221
Modificações corporais 222
Objeto digital: Corpo e beleza 223
Bioética 224
Consumismo e desenvolvimento tecnológico 228
Estética e os principais diálogos filosóficos 230
Atividades 232
Estúdio filosófico: O belo em Hegel 234

Capítulo 14 – Saúde e controle do corpo 236
A medicina e o conceito de verdade 237
As redes sociais e o controle sobre o corpo 241
Vacina: retomando o debate 244
Atividades 246
Estúdio filosófico: Os direitos da população negra em Sueli Carneiro 248
Práticas de texto: *Podcast* 250

Capítulo 15 – Inteligência artificial 252
Inteligência artificial no cotidiano 253
Objeto digital: O uso de inteligência artificial nas eleições 253
A filosofia da inteligência artificial 255
Algoritmos também revelam aspectos culturais 259
Atividades 260
Estúdio filosófico: A consciência em John Searle 262
Ampliando: Inteligência artificial e linguagem 264
Práticas de pesquisa: A construção do corpo saudável nas mídias sociais 266
O que aprendi: autoavaliação 268
Para ir além 270

UNIDADE 6 — 272

TECNOLOGIA E SUSTENTABILIDADE

Capítulo 16 – Natureza e o ser humano 274
Periodizações históricas e o desenvolvimento tecnológico 275
Revoluções industriais 277
Resinas e polímeros: passado e presente 281
O conceito de sustentabilidade 282
Atividades 284
Estúdio filosófico: A tecnologia em Martin Heidegger 286
Práticas de texto: Resenha 288

Capítulo 17 – Direito à cidade 290
A mãe urbana 291
Reimaginando as cidades 293
Objeto digital: Cidades sustentáveis 295
Atividades 300
Estúdio filosófico: A utopia em Thomas More 302
Ampliando: Arquitetura e sustentabilidade 304

Capítulo 18 – Agroecologia: possibilidades de futuro 306
Agroecologia 307
Objeto digital: Agroecologia 307
Conhecimentos tradicionais e tecnologias 309
Impactos no mundo 312
Atividades 316
Estúdio filosófico: A ecologia profunda em Arne Naess 318
Práticas de pesquisa: Sustentabilidade local 320
O que aprendi: autoavaliação 322
Para ir além 324

PROJETO — 326

Simpósio filosófico: A Filosofia na prática

Transcrição dos áudios 332
Bibliografia comentada 335

SER NO MUNDO

ORGANIZAR IDEIAS

Para as correntes filosóficas existencialistas e pós-modernas, a identidade é vista como algo fluido, construída por meio de escolhas, práticas culturais e interações sociais. Nesse sentido, pinturas e outras modificações corporais podem ser compreendidas como expressões identitárias, com as quais os indivíduos afirmam seu pertencimento cultural, e também como aquilo que os distingue, em um processo contínuo e fluido.

1. **Como a Filosofia auxilia na compreensão da multiplicidade de identidades que uma pessoa pode assumir ao longo da vida?**
2. **Em sua opinião, de que formas as pinturas corporais podem ser entendidas como uma maneira de exploração da identidade pessoal?**
3. **Você conhece a expressão "crise de identidade"? O que você entende que ela significa?**

PRINCIPAIS PROBLEMAS FILOSÓFICOS

- O que é o Ser?
- O que é a pós-modernidade?
- O que significa ser jovem?

Jovem Pataxó fazendo pintura facial com urucum na aldeia Reserva da Jaqueira, em Porto Seguro (BA). Foto de 2024.

Chico Ferreira/Pulsar Imagens

FILOSOFIA FILOSOFIA FILOSOFIA

UNIDADE 1

1 Afinal, o que significa ser humano?

2 Um mundo pós-moderno

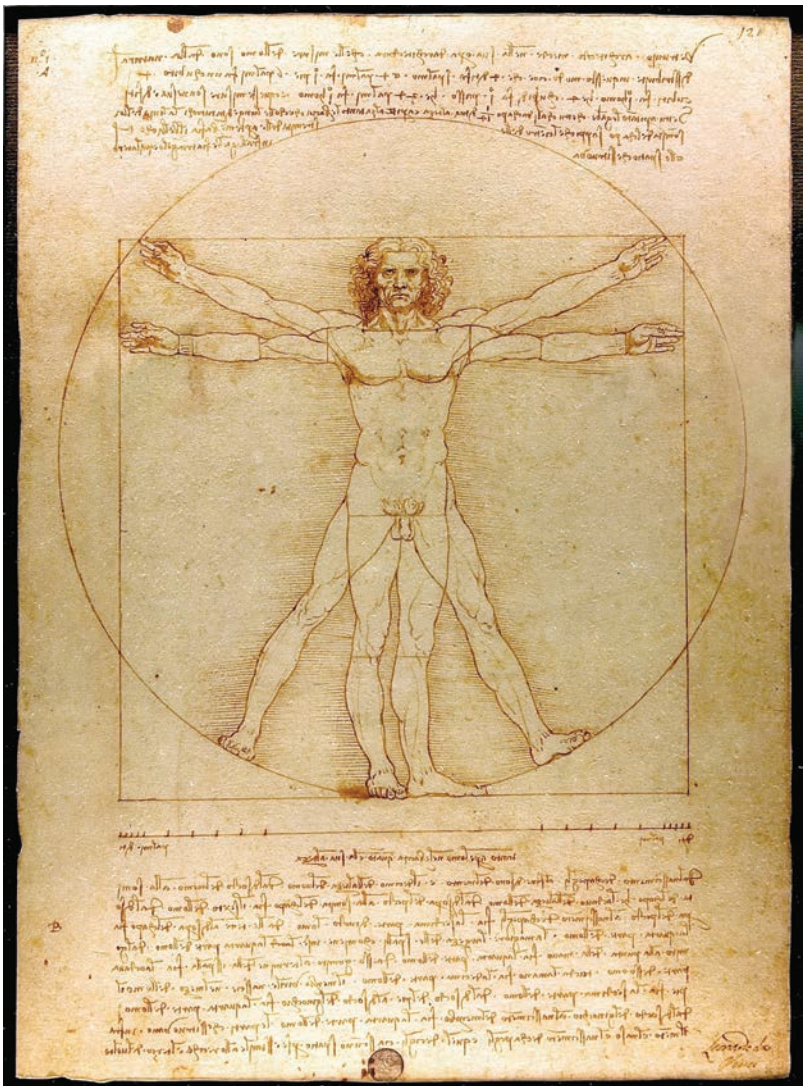
3 Juventude plural

AFINAL, O QUE SIGNIFICA SER HUMANO?

1. **Com base em suas vivências e reflexões, como você descreveria a essência do ser humano?**
2. **A obra de arte apresentada nesta página retrata um ideal de ser humano feito na Europa, no século XV. Você concorda com esse ideal? Como você representaria um modelo de ser humano no Brasil atual?**
3. **De que maneira as interações sociais e culturais influenciam sua percepção sobre a natureza do ser humano?**

Ser humano é viver a condição única de poder refletir sobre si mesmo e sobre o mundo ao seu redor, combinando dimensões biológicas, psicológicas e sociais de forma interligada. Em algumas linhas de pensamento, a essência da humanidade reside na capacidade de experimentar emoções complexas, formular pensamentos abstratos e criar significados que transcendem a simples sobrevivência. Somos seres conscientes de nossa finitude e potencial, o que nos impulsiona a buscar não apenas a satisfação de necessidades imediatas, mas também a construção de culturas e sociedades que refletem nossas aspirações e valores. Essa capacidade de reflexão e criação é o que nos distingue dos demais seres vivos e nos permite formar comunidades que compartilham visões e objetivos comuns.

A Filosofia destaca que o papel do indivíduo no espaço social é crucial para a formação e o funcionamento das sociedades. Cada pessoa contribui com suas ações, escolhas e pensamentos para o tecido social, moldando e sendo moldada pelas estruturas e normas que emergem dessa interação. O indivíduo, ao exercer sua liberdade e sua identidade, influencia a criação de normas sociais, práticas culturais e instituições. Por meio de sua participação ativa, o ser humano não só se adapta às condições sociais existentes, como também pode desafiá-las e transformá-las. Essa dinâmica entre o indivíduo e o coletivo reflete a interdependência entre o eu e o mundo social, em que a liberdade individual e a responsabilidade social se entrelaçam, permitindo a evolução contínua das sociedades e a adaptação a novos contextos e desafios.



Academia de Belas Artes de Veneza, Itália. Fotografia: Luc Viatour/Acervo do fotógrafo

Homem vitruviano, de Leonardo da Vinci, 1492. Lápis e tinta sobre papel. O desenho retrata a visão do artista acerca do ser humano ideal.

Não escreva no livro.

O ESTUDO DO SER

A Filosofia nasce com o espanto. É a partir dele que surge a pergunta característica do filosofar: "O que é isto?". Ao se espantarem, os primeiros filósofos iniciaram a investigação do que é a natureza e, posteriormente, a investigação do que é esse **ser** que se espanta, ou seja, do que é o **ser humano**.

O estudo do Ser das coisas recebe o nome de **ontologia**, que é a junção do termo grego *onta*, que significa "entes" ou "coisas", e *logos*, que significa "discurso" ou "teoria". Desse modo, ontologia significa "estudo de como as coisas são" ou "discurso do Ser enquanto tal". Portanto, a ontologia, como um ramo central da Filosofia, preocupa-se em estudar o Ser em sua totalidade, questionando o que significa existir e quais são as propriedades fundamentais que definem o que é real.

Parmênides de Eleia (510 a.C.-445 a.C.) foi o primeiro filósofo a dedicar suas investigações à busca do Ser das coisas. Para ele, o Ser é sempre idêntico a si mesmo, imutável e eterno. Essas características garantem que o Ser possa ser conhecido pela razão, por meio da Filosofia.

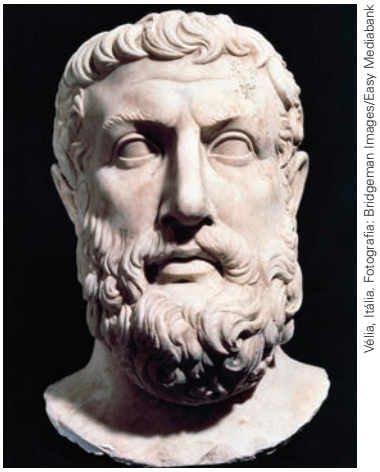
Outro importante filósofo da ontologia foi Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.). Segundo o pensador, a realidade é constituída de elementos essenciais que são divididos entre duas classes: a das **substâncias** e a das qualidades. Assim, toda investigação filosófica sobre a realidade das coisas deve considerar essas duas categorias. Após as considerações de Aristóteles, as investigações ontológicas passaram a carregar duas premissas fundamentais:

1. Existem características necessárias do Ser, ou seja, características que nenhum Ser pode deixar de ter;
2. Essas características podem ser observadas em todos os seres particulares.

Com o desenvolvimento da ontologia, os filósofos passaram a analisar noções como a alma, o mundo, Deus e o humano, buscando as características necessárias de cada um desses conceitos.

No decorrer dos tempos, a ontologia evoluiu significativamente, adquirindo novas interpretações e configurações conforme o pensamento filosófico se desenvolvia em diferentes contextos históricos e culturais. Desde os primeiros debates metafísicos na Grécia Antiga até as discussões contemporâneas, o campo da ontologia foi enriquecido por diversas perspectivas, cada uma trazendo novos elementos e desafios à compreensão do Ser.

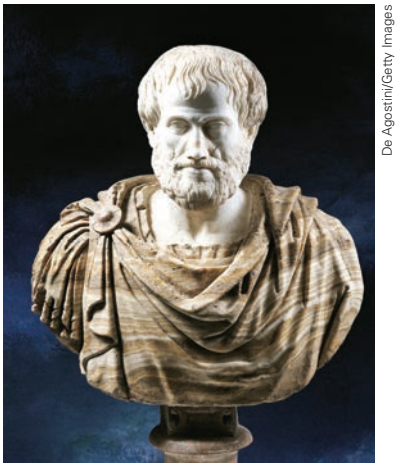
Entre todas as noções ontológicas, a do humano é, sem dúvida, uma das que mais se transformou e se expandiu ao longo dos séculos. Atualmente, a ontologia do humano abrange uma ampla gama de questões complexas, incluindo identidade, existência, subjetividade e liberdade. A identidade, por exemplo, é vista não apenas como uma essência fixa, mas como algo em constante construção e renegociação, influenciada por fatores sociais, culturais e históricos. A existência humana, por sua vez, é abordada não apenas no sentido físico, mas também em termos de nossa experiência consciente e da forma como nos relacionamos com o mundo.



Vélia, Itália. Fotografia: Bridgeman Images/Easy Mediabank

Busto em mármore retratando Parmênides de Eleia. Escola grega, século I.

substância: estrutura necessária da coisa; aquilo que existe em si mesmo e não em outro; a base da realidade. Exemplos: (1) o filósofo Sócrates (c. 470 a.C-399 a.C) é uma substância individual porque existiu independentemente de qualquer outra coisa e teve uma essência própria; (2) um cavalo e uma árvore são exemplos de substâncias, ou seja, são aquilo que, em português, chamamos de substantivos comuns.



De Agostini/Getty Images

Busto em mármore retratando Aristóteles. Reprodução romana feita no século II a partir de original grego do século III a.C., de autoria de Lísipo.

INTERAÇÃO

1. **Em sua opinião, o que significa ser humano?**
2. **Você considera que existe uma essência comum para todos os humanos?**
3. **Em muitos idiomas, os verbos ser e estar são expressos por um mesmo vocábulo. Você já se questionou sobre a relação entre esses dois verbos? Existe diferença entre ser e estar? Compartilhe suas percepções com os colegas.**

SER HUMANO

Uma das investigações ontológicas que mais passou por alteração ao longo do tempo foi a da busca pelo que é ser humano. Aristóteles concebia o homem como animal político; Descartes (1596-1650), por sua vez, concebia o homem como animal dividido entre a alma e o corpo. Mais recentemente, em oposição aos animais, que têm uma essência determinada pela espécie, o humano é, muitas vezes, entendido como aquele que se autoproduz.

Nesse sentido, o ser humano é aquele que escolhe ser. É importante notar que o reino das possibilidades é sempre o reino do tempo futuro. No presente, somos consequência daquilo que escolhemos no passado, somente no futuro podemos nos tornar algo. Essa é a interpretação de um dos filósofos mais célebres do século XX, Jean-Paul Sartre (1905-1980).

Para Sartre, a existência é o que permite aos humanos a produção da própria história e a possibilidade de responsabilização pelos próprios atos. Levando isso em conta, o filósofo estabelece uma distinção evidente entre os animais e os homens. Os animais são seres **em-si**, isto é, possuem essência própria, que é sua natureza. Já os humanos são seres **para-si**, isto é, sua essência é aberta à possibilidade de autoprodução.

Sartre compreende a liberdade como escolha irrenunciável que o humano faz de si. Assim, ele afirma que o humano não apenas é a única espécie que pode ser considerada livre, como também é um ser condenado a ser livre.

Outro grande nome do existencialismo é o romancista e filósofo Albert Camus (1913-1960). Curiosamente, Camus recusava o título de existencialista, preferia ser chamado de absurdista. Segundo ele, seu pensamento não estava preocupado com uma filosofia da existência; em vez disso, debruçava-se sobre uma sensibilidade para com o existir.

A maior distinção entre os pensamentos filosóficos de Sartre e Camus está no fato de que, para Camus, o foco investigativo não é a liberdade, mas sim o absurdo da existência.

Para Camus, o absurdo é uma brecha entre as aspirações humanas sobre a vida e o que a vida de fato oferece. Nós ansiamos pela ordem, harmonia e perfeição, muito embora não saibamos se elas existem de fato. Esses anseios demonstram a tendência do humano em tentar dotar de sentido um mundo que é desarrazoado e sem sentido algum. É justamente essa tendência de ordenar e de dar sentido às coisas que é responsável por tornar a vida humana absurda. Sua famosa obra *O mito de Sísifo* ilustra como o reconhecimento e a aceitação do absurdo podem conduzir a uma forma autêntica de liberdade, na qual o ser humano, apesar da falta de sentido universal, é livre para criar o próprio significado.

Galeria Ritthaler, Hamburgo. Fotografia: Maxinvestigator/Acervo do fotógrafo

No ensaio *O mito de Sísifo*, Camus utiliza a personagem da mitologia grega Sísifo – condenado por Zeus a rolar, morro acima, uma rocha que todas as noites desliza para sua posição inicial – como metáfora do absurdo da existência. Na imagem, representação de Sísifo feita por Antonio Zanchi, *c.* 1600. Óleo sobre tela.

Não escreva no livro.

Apesar das diferenças, tanto os pensamentos de Jean-Paul Sartre quanto os de Albert Camus influenciaram profundamente a forma como concebemos o ser humano hoje. A visão existencialista, que ambos contribuíram para moldar, enfatiza a liberdade radical do indivíduo e a responsabilidade que essa liberdade acarreta. Isso significa que, em última instância, somos responsáveis por nossas escolhas e, portanto, pela construção de nossa própria essência.

Muitas discussões atuais, especialmente no campo dos direitos humanos e da ética, estão profundamente enraizadas na compreensão do ser humano como um agente livre, capaz de dar forma à sua existência através das decisões que toma.

Essas interpretações filosóficas não permanecem confinadas à teoria, mas permeiam diversas questões sociais contemporâneas, como os debates sobre autonomia individual, liberdade de expressão e direitos reprodutivos. A noção de que cada ser humano tem o direito de ser livre para construir a si mesmo de acordo com suas próprias escolhas é um princípio que continua a influenciar legislações, políticas públicas e movimentos sociais ao redor do mundo.

Esses legados de Sartre e Camus se estendem também ao campo das artes e da literatura, no qual a exploração da liberdade individual e das consequências de nossas escolhas é um tema recorrente. Obras literárias, cinematográficas e teatrais continuam a explorar as complexidades e os desafios dessa liberdade, revelando tanto seu poder emancipador quanto os dilemas éticos que ela impõe.

REFLEXÃO

A vida ativa e a condição humana

O texto a seguir apresenta algumas reflexões da filósofa Hannah Arendt (1906-1975) acerca da condição humana.

> Com a expressão vida ativa, pretendo designar três atividades humanas fundamentais: labor, trabalho e ação. Trata-se de atividades fundamentais porque a cada uma delas corresponde a uma das condições básicas mediante as quais a vida foi dada ao homem na Terra.
>
> O labor é a atividade que corresponde ao processo biológico do corpo humano, cujos crescimento espontâneo, metabolismo e eventual declínio têm a ver com as necessidades vitais produzidas e introduzidas pelo labor no processo da vida. A condição do labor é a própria vida.
>
> O trabalho [...] produz um mundo artificial de coisas, nitidamente diferente de qualquer ambiente natural. Dentro de suas fronteiras habita cada vida individual, embora esse mundo se destine a sobreviver e a transcender todas as vidas individuais. A condição humana do trabalho é a mundanidade.
>
> A ação, única atividade que se exerce diretamente entre os homens sem a mediação das coisas ou da matéria, corresponde à condição humana da pluralidade, ao fato de que homens e não o Homem [...] vivem na Terra e habitam o mundo. Todos os aspectos da condição humana têm alguma relação com a política; mas esta pluralidade é especificamente a condição [...] de toda vida política [...]
>
> A condição humana compreende algo mais que as condições nas quais a vida foi dada ao homem. Os homens são seres condicionados: tudo aquilo com o qual eles entram em contato torna-se imediatamente uma condição de sua existência [...].

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Tradução: Roberto Raposo. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. p. 15.

1. **Escreva, com suas palavras, como Hannah Arendt (1906-1975) diferencia as atividades de labor e trabalho em sua obra *A condição humana* e qual é a implicação dessa distinção para a compreensão da liberdade e da política.**
2. **De que maneira a análise de Hannah Arendt sobre a valorização excessiva do labor e do trabalho na modernidade se reflete sobre as mudanças na esfera pública e na experiência da liberdade?**

TORNAR-SE INDIVÍDUO

Vimos que a ontologia nos ajuda a entender o que é o Ser e, em especial, o que é ser humano. Agora, vamos explorar o que faz com que humanos sejam também indivíduos, isto é, pessoas únicas com identidades próprias.

Vamos considerar o filósofo grego Sócrates como exemplo. Ele era um homem como qualquer outro, mas também diferente de todos os outros. Isso é verdade para todos nós: apesar de sermos humanos, cada um é único. O processo de se tornar um ser único é chamado de individuação.

Na Filosofia, a discussão sobre a individuação surgiu no período conhecido como Idade Média, com o filósofo persa Avicena (980-1037). Ele indagou se a essência comum das coisas estava no universal ou nos singulares, ou seja, se a humanidade está contida no ser humano enquanto espécie ou nas pessoas singulares. Com base nesse questionamento, ele passou a investigar como a humanidade podia ser tanto una (a mesma para toda a espécie) quanto múltipla (diferente em cada indivíduo).

Mesmo tendo suas obras banidas pela Igreja católica, Avicena influenciou a filosofia escolástica, e a atenção ao problema da individuação perdurou por toda a Idade Média nas obras de filósofos como Tomás de Aquino (1225-1274) e Duns Scot (1266-1308).

Na modernidade, o problema da individuação perdeu espaço, mas pode ser encontrado em pensadores como Leibniz e Locke. É no pensamento contemporâneo que o tema da individuação retorna com filósofos como Sartre, Lukács, Simone de Beauvoir, Deleuze, Fanon e Lélia Gonzalez, além das contribuições de outras áreas, como a Psicanálise, a Psicologia e a Antropologia.

Arturo Holmes/Getty Images

Chegada da delegação brasileira às Olimpíadas de Paris, na França, em 2024. Apesar de pertencerem à mesma nacionalidade, a qual representam nos jogos olímpicos, de vestirem uniformes iguais, além de outros possíveis aspectos em comum, cada um dos membros dessa delegação é um indivíduo, um ser único.

Não escreva no livro.

Indivíduo em diálogo

A formação do indivíduo é um tema estudado por diversos filósofos durante séculos, que buscam compreender como a identidade e o caráter de uma pessoa se desenvolvem ao longo da vida. Esse processo é influenciado tanto por fatores internos, como a capacidade de reflexão e a busca por sentido, quanto por fatores externos, como a cultura, a educação e as relações sociais, que moldam e se relacionam à singularidade de cada pessoa, refletindo sobre a importância da liberdade, da responsabilidade e das escolhas individuais na construção de um ser humano autônomo e consciente de si mesmo e do mundo ao seu redor.

Se para parte do pensamento ocidental o indivíduo é um organismo indivisível e idêntico a si mesmo, para Sigmund Freud (1856-1939), pai da Psicanálise, o indivíduo é o resultado do conflito constante entre as instâncias que o compõem. De acordo com Freud, somos compostos de três instâncias psíquicas fundamentais: *id*, ego e superego.

O *id* abriga nossos desejos mais profundos, busca satisfação imediata e não tolera adiamentos ou repressões. O superego é a parte que nos introjeta normas sociais, funcionando como um censor que gera culpa e vergonha diante dos desejos do *id*. O ego, nossa personalidade consciente, medeia os desejos do *id*, as restrições do superego e as exigências do mundo externo, protegendo-nos dos conflitos internos.

Para Freud, toda mente possui conteúdos conscientes e inconscientes, mas são os conteúdos inconscientes os principais responsáveis por moldar nossa personalidade. O *id* e o superego, embora conflitantes, compartilham o caráter inconsciente da maioria de seus conteúdos. Mesmo sendo a parte mais inacessível da mente humana, o inconsciente está indissociavelmente ligado ao outro e à cultura. O superego, como vimos, internaliza a ordem cultural; os desejos do *id*, por sua vez, também promovem essa internalização, porque são sociais, isto é, desde recém-nascidos, necessitamos e desejamos ser objeto do cuidado e do amor do outro, o que é fundamental para que nos desenvolvamos enquanto indivíduos. Esse vínculo com o outro revela a **alteridade** presente em nossa constituição psíquica, evidenciando como nossa identidade se constrói em relação ao outro.

alteridade: condição daquilo que se desenvolve por relações de diferença ou contraste.

REFLEXÃO

O eu e o outro

O poema a seguir, do poeta brasileiro Paulo Leminski (1944-1989), aborda a experiência da alteridade.

Em mim eu vejo o outro
E outro
E outro
Enfim dezenas
Trens passando
Vagões cheios de gente
Centenas
O outro que há em mim
É você, você
E você
Assim como
Eu estou em você
Eu estou nele,
Em nós,
E só quando
Estamos em nós,
Estamos em paz
Mesmo que estejamos a sós.

Leminski, Paulo. Contranarciso. *In*: Leminski, Paulo. *Caprichos e relaxos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. *E-book*.

Bruna Kater/ID/BR

Depois de estudar a formação do indivíduo em Freud, o significado de alteridade e o poema de Leminski, reflita e responda às questões a seguir com base em seus conhecimentos.

1. **Como o eu pode ser um outro e o outro pode ser um eu?**
2. **Qual é o papel do outro em sua formação como indivíduo?**

DIFERENTES FORMAS DE SER NO MUNDO

Você conhece a máxima "Penso, logo existo"? A expressão é uma tradução aproximada do francês *je pense donc je suis*, enunciada por René Descartes (1596-1650) em *O discurso sobre o método*, de 1637. Nela, Descartes declara que podemos duvidar da existência de tudo o que existe, sentimos e experimentamos, mas não da existência da própria dúvida. Portanto, se duvido, penso. E se penso, necessariamente, sou algo que pensa; eu sou.

Descartes é considerado o fundador da modernidade filosófica, e essa relação de identidade que estabelece entre o ser e seu pensamento influencia todo o período moderno, especialmente o que chamamos de pensamento racionalista.

Séculos depois, surge, na filosofia ocidental, um movimento que ficou conhecido como o último grande esforço do racionalismo moderno, chamado Iluminismo. Para os iluministas, tudo o que somos e fazemos de nós e do mundo deve passar pelo crivo da razão. Essa razão não é apenas uma consciência individual e singular do que é certo ou errado, mas uma razão universal, isto é, a mesma para todos, em todos os tempos e em todos os lugares. Assim, existiria aquilo que é irrefutavelmente racional e aquilo que é irracional e deve ser combatido para que a humanidade possa progredir.

A ideia de sujeito universal, desenvolvida na modernidade, defende um modelo único e normativo da existência humana ao qual todos os indivíduos deveriam se adaptar. Tal forma de compreender o indivíduo não leva em consideração a pluralidade das formas de ser e estar no mundo.

Vimos, por meio das contribuições de Freud, que o indivíduo não é inteiramente consciente nem pode ser identificado por seu pensamento racional, pois somos formados por um complexo emaranhado de desejos, conflitos internos e experiências inconscientes que influenciam nossa percepção de nós mesmos e do mundo em que vivemos.

As diferentes formas de ser humano variam no tempo e no espaço e abrangem diferentes culturas, gêneros, orientações sexuais, classes sociais, etnias e religiões. Assim, a busca por um sujeito universal ignora que cada comunidade e cada indivíduo carrega em si uma história que influencia sua maneira de ser, sentir e conhecer o mundo, o que também determina nossas noções sobre o que é racional, bom, belo e desejável para o futuro da humanidade.

Pensadores como o martinicano Frantz Fanon (1925-1961) e a brasileira Lélia Gonzalez (1935-1994) revelaram como raça, gênero e colonialidade influenciam nossas identidades, evidenciando como o lugar de sujeito foi historicamente negado a pessoas não brancas e destacando as profundas limitações da noção iluminista de sujeito, que não reconhece nada além da própria experiência.

Em resumo, a filosofia contemporânea tem nos ensinado que os modos de existir são socialmente construídos e que não podem ser reduzidos às autocompreensões de um único povo. Além disso, não devem ser hierarquizados, se quisermos construir uma sociedade justa e igualitária.

© Lorna Simpson/Courtesy the artist and Hauser & Wirth. Davis Museu e Centro Cultural, Wellesley, Estados Unidos. Fotografia: James Wang

Perucas (Wigs), de Lorna Simpson, 1994. Litografias sobre feltro, 182,9 cm x 411,5 cm. O trabalho de Simpson frequentemente questiona convenções de beleza, especialmente no que se refere à percepção social da aparência de pessoas negras. Na obra, a artista traz reflexões acerca do potencial das perucas como um instrumento de conformidade, metamorfose e ocultação para pessoas de diferentes identidades de gênero.

Não escreva no livro.

AÇÃO E CIDADANIA

Uma guerra entre mundos?

Ailton Krenak, filósofo, ambientalista e líder indígena, autor de *Futuro ancestral* e *Ideias para adiar o fim do mundo*, afirma que nossos mundos estão em guerra há mais de quinhentos anos. Para Krenak, diante do colapso ambiental, adiar o fim do mundo depende de uma mudança radical na forma como o Ocidente pensa a si mesmo e a chave para essa mudança está no conhecimento e nos modos de ser e estar de nossos ancestrais.

Mauro Pimentel/AFP/Getty Images

O filósofo e ambientalista Ailton Krenak em discurso durante sua cerimônia de posse na Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro (RJ). Foto de 2024.

Estamos vivendo num mundo onde somos obrigados a mergulhar profundamente na terra para sermos capazes de recriar mundos possíveis. Acontece que, nas narrativas de mundo onde só o humano age, essa centralidade silencia todas as outras presenças. Querem silenciar inclusive os encantados, reduzir a uma mímica isso que seria "espiritar", suprimir a experiência do corpo em comunhão com a folha, com o líquen e com a água, com o vento e com o fogo, com tudo que ativa nossa potência transcendente e que suplanta a mediocridade a que o humano tem se reduzido. Para mim, isso chega a ser uma ofensa. Os humanos estão aceitando a humilhante condição de consumir a Terra. Os orixás, assim como os ancestrais indígenas e de outras tradições, instituíram mundos onde a gente pudesse experimentar a vida, cantar e dançar, mas parece que a vontade do capital é empobrecer a existência. O capitalismo quer um mundo triste e monótono em que operamos como robôs, e não podemos aceitar isso.

Tem um poeta do povo Kuna, do Panamá, que se chama Cebaldo Inawinapi. Atualmente, ele é professor numa universidade do Porto, em Portugal, mas não cessa de fazer visitas à ilha de Kunayala, onde vive seu povo. Ele conta que o nascimento de uma criança Kuna implica em identificar aquele corpo que chega com uma árvore – assim como os Krenak, eles relacionam o umbigo da criança a uma planta. Ele diz que todos os bosques de Kunayala são formados por pessoas, têm nome, porque cada planta coincide com alguém que nasceu ali. Esse trânsito entre um corpo humano e uma planta pode ocorrer com uma bananeira ou com uma árvore que vive duzentos anos, não importa, o importante é o cordão umbilical ser enterrado no ato de plantar, então criança e planta compartilham o mesmo espírito. Quando João Paulo Barreto fala da concepção do corpo feito de barro na tradição do povo Tukano, do alto rio Negro, também está dizendo que não existe fronteira entre o corpo humano e os outros organismos que estão ao seu redor. Faz um tempo que nos convencemos de que somos essa coisa excelente chamada gente e ficamos sem querer nos espraiar em outros organismos para além dessa sanitária e higiênica figura humana. Essa configuração do corpo acatada hoje por muitos é apenas uma instituição pobre fabricada por uma civilização sem imaginação.

Quando eu falo em adiar o fim do mundo, não é a este mundo em colapso que estou me referindo. Esse tem um esquema tão violento que eu queria mais é que ele desaparecesse à meia-noite de hoje e que amanhã a gente acordasse em um novo. No entanto, efetivamente, estamos atuando no sentido de uma transfiguração, desejando aquilo que o Nêgo Bispo chama de confluências, e não essa exorbitante euforia da monocultura, que reúne os birutas que celebram a necropolítica sobre a vida plural dos povos deste planeta. Ao contrário do que estão fazendo, confluências evoca um contexto de mundos diversos que podem se afetar. É um termo talhado de maneira artesanal e local, por um homem quilombola, um brilhante pensador marginal neste universo colonial, um crítico sempre tranquilo e bem-humorado das tendências políticas.

KRENAK, Ailton. *Futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023. *E-book*.

1. **No texto, observamos uma crítica ao sujeito universal iluminista. Que crítica é essa e como ela se relaciona à ideia de guerra entre mundos defendida pelo autor?**
2. **Krenak apresenta uma concepção de indivíduo humano do povo Tukano. De que maneira essa concepção difere das noções discutidas ao longo do capítulo e como ela pode nos ajudar a enfrentar o colapso ambiental?**

ATIVIDADES

1 **(Unitau)** Observe as tiras abaixo e responda qual é o tema das tiras.

Laerte/Acervo da cartunista

Autoria: Laerte.

a) O padrão moderno de beleza feminina;
b) A necessidade de superação dos limites do corpo;
c) A busca de uma imagem glamorosa;
d) A insatisfação com a aparência do corpo;
e) A formação da autoidentidade pela aparência.

2 **(Contemax)** No livro *O Segundo Sexo*[,] Simone de Beauvoir afirma que: "Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam o feminino." Com base no recorte do texto de Simone de Beauvoir, assinale a alternativa CORRETA:

a) O texto de Simone de Beauvoir é uma afirmação determinista sobre o processo de formação da mulher, que se torna plena apenas quando atinge a maturidade.
b) Segundo a perspectiva de Beauvoir, uma menina não nasce mulher, mas se torna mulher apenas quando cumprir com a perspectiva tradicional que a sociedade lhe exige.
c) Numa perspectiva histórica e apoiando-se sobre experiências vividas, Simone de Beauvoir mostra o conceito de feminilidade como uma construção cultural em um mundo dominado pelos homens.
d) Simone de Beauvoir despreza a experiência histórica quando afirma que a mulher se torna plena apenas quando cumpre com seu papel social de mãe e mantenedora dos valores da família.

3 **(FCC)** O tema da liberdade humana é uma das questões centrais tratadas pelos filósofos existencialistas. Sobre a liberdade, o filósofo francês Jean-Paul Sartre sustenta que "o homem está condenado a ser livre". Assim sendo, para Sartre

a) a ideia de liberdade nas ações humanas é ilusória, já que toda ação humana está condenada.
b) toda ação humana é livre, porque estamos fadados a ser os únicos responsáveis por aquilo que somos.
c) qualquer ação humana tem sua escolha determinada pelas convenções sociais, e assim não há escolha livre.
d) só é livre aquele que não foi condenado.

Não escreva no livro.

4 **(ESPM)** Dentre as leituras da tira abaixo, só NÃO é possível afirmar que:

Calvin & Hobbes, Bill Watterson © 1992 Watterson. Dist. by Andrews McMeel Syndication

a) Calvin aparenta certa frustração (justificada talvez pela impossibilidade da prática de sua individualidade) ao notar a ausência de um logotipo ou imagem de um produto na própria camisa.

b) Calvin condena, em tom de verdade universal, o fato de que uma boa camisa faz do usuário um propagandista ambulante.

c) Calvin assume possuir grande identificação com os produtos que adquire e conclui que a propaganda desses produtos é a expressão de uma individualidade.

d) A fala do amigo Harold "então você admite isso?" se justifica por estar subentendida uma possível crítica à propaganda "gratuita" produzida por usuários de camisas com logotipo.

e) Calvin revela um paradoxo irônico ao construir a própria individualidade, algo pessoal, por meio de propaganda de produtos, algo público ou coletivo.

5 **Parmênides foi um dos principais filósofos pré-socráticos. Assinale a alternativa que representa a concepção de Parmênides sobre o Ser.**

a) Para Parmênides, o ser humano jamais poderia captar as coisas, pois elas estão em constante movimento e mutação.

b) Para Parmênides, o Ser é imutável e passível de ser conhecido pela razão humana.

c) Parmênides acreditava que não existia verdade e que o papel da Filosofia era elaborar livremente as possibilidades do Ser das coisas.

d) Parmênides defendia que o Ser é e não é ao mesmo tempo.

6 **(UFPR)**

Em um texto chamado "Resposta à questão: o que é esclarecimento?", Kant afirma que o "esclarecimento é a saída do homem da menoridade". Afirma também que a "menoridade é a incapacidade de servir-se do próprio entendimento sem direção alheia" e que "o homem é o culpado por esta incapacidade, quando sua causa resulta na falta, não do entendimento, mas de resolução e coragem para fazer uso dele sem a direção de outra pessoa".

KANT, Resposta à questão: O que é esclarecimento? *In*: MARÇAL, J.; CABARRÃO, M.; FANTIN, M. E. (org.). *Antologia de Textos Filosóficos*. Curitiba: SEED-PR, 2009, p. 407.

Por sua vez, Foucault afirma: "Houve, durante a época clássica, uma descoberta do corpo como objeto e alvo do poder. Encontraríamos facilmente sinais dessa grande atenção dedicada então ao corpo – ao corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil ou cujas forças se multiplicam [...]", referindo-se a um corpo (homem) que se torna ao mesmo tempo analisável e manipulável.

FOUCAULT, Michel. Os corpos dóceis. *In*: FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Trad. Ligia M. Pondé Vassalo. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 125.

Com base nos dois textos e no pensamento desses filósofos, considere as afirmativas abaixo:

1. O Esclarecimento seria uma espécie de menoridade intelectual e corresponderia à afirmação da religião como ponto de partida para o homem tomar suas principais decisões.
2. Enquanto Kant se preocupa em avaliar o quanto os indivíduos são responsáveis por se deixarem dirigir por outros, Foucault trata de mostrar os modos como a sociedade torna o homem manipulável.
3. Tanto Kant quanto Foucault se questionam pelo nível de autonomia do homem, ambos, porém, a partir de abordagens diferentes e chegando a conclusões diferentes.
4. Fica claro no texto de Foucault que a idade clássica favorece o autoconhecimento e a autonomia de pensamento.

a) Somente a afirmativa 2 é verdadeira.

b) Somente as afirmativas 1 e 4 são verdadeiras.

c) Somente as afirmativas 2 e 3 são verdadeiras.

d) Somente as afirmativas 1, 3 e 4 são verdadeiras.

e) As afirmativas 1, 2, 3 e 4 são verdadeiras.

ESTÚDIO FILOSÓFICO

O SUJEITO EM SIMONE DE BEAUVOIR

Davi Augusto Studio/ID/BR

O século XX é conhecido como o século das revoluções ou a era dos extremos. Isso se deve não apenas às duas guerras mundiais, à grande crise de 1929 e às diversas revoluções socialistas em países como Rússia, China, Cuba e Vietnã – que alteraram definitivamente o panorama político global –, mas também à intensa transformação dos costumes provocada pelo crescimento da participação de movimentos sociais na luta política. Esses movimentos foram especialmente voltados contra o racismo e para a defesa dos direitos das mulheres e da diversidade de gênero e de sexualidade.

Nesse cenário, novas correntes de pensamento filosófico surgiram, questionando as relações estabelecidas entre indivíduo e sociedade. O existencialismo, uma das correntes mais influentes do período, defendia que o ser humano não possui nenhuma essência prévia à sua existência; pelo contrário, cria a si mesmo a partir de sua experiência. Assim, somos responsáveis pelo desenvolvimento de nossa essência através de nossas escolhas e ações.

Neste capítulo, abordamos o que é ser humano por meio da análise do pensamento de alguns filósofos que marcaram épocas e foram responsáveis pelo desenvolvimento dos estudos do Ser. Dando continuidade ao aprofundamento desses estudos, vamos conhecer um pouco mais sobre uma pensadora central para o existencialismo e para o movimento feminista, Simone de Beauvoir.

OBRAS-CHAVE

- *Os mandarins* (1954)
- *O segundo sexo* (1949)
- *A convidada* (1943)

PERFIL

Simone de Beauvoir nasceu em Paris, na França, em janeiro de 1908, e faleceu aos 78 anos, nesta mesma cidade, em abril de 1986. Além de filósofa e professora, Beauvoir foi uma renomada romancista, ensaísta e dramaturga. Formou-se em Filosofia, Matemática e Letras clássicas. Aos 21 anos de idade, tornou-se a estudante mais jovem a passar no concurso *agrégation* (concurso para professores criado durante o reinado de Luís XV, em 1766) para docência de Filosofia.

Beauvoir atuou até sua morte como editora, tradutora e escritora na revista de literatura e política *Les Temps Modernes*, fundada em 1945, junto com os filósofos Maurice Merleau-Ponty e Jean-Paul Sartre, com quem manteve um relacionamento aberto por mais de cinquenta anos.

EM LEITURA

As obras filosóficas e literárias de Simone de Beauvoir tratam da construção da identidade individual, especialmente sob a perspectiva da condição feminina, destacando como as relações sociais e as estruturas de poder influenciam o processo de individuação das mulheres. É dela a famosa frase "Não se nasce mulher, torna-se mulher", presente no livro *O segundo sexo*.

Como filósofa existencialista, o tema da liberdade marca profundamente a sua produção intelectual. A liberdade é pensada por ela não como um conceito abstrato de ser ilimitado, mas em relação à capacidade humana de autoprodução. Ou seja, não escolhemos o mundo em que vivemos, mas podemos escolher como ser neste mundo e como agir para transformá-lo.

Segundo a autora, a liberdade de ser das mulheres é constantemente tolhida pela sociedade patriarcal,

Não escreva no livro.

que lhes nega o papel de sujeitos autônomos, estabelecendo uma norma do que pode ser uma mulher e relegando-as ao lugar subalterno de objetos do desejo e do poder dos homens. Essa norma diz respeito aos padrões sociais de gênero que definem a condição feminina, transmitida aos indivíduos desde a infância, por meio da cultura, da educação e de instituições sociais como a família.

Em um mundo onde o homem é tido como sujeito universal, a identidade das mulheres é construída sempre como "o outro", moldada pela forma como os homens as veem. Assim, a condição feminina na sociedade patriarcal limita as mulheres a uma posição de inferioridade em relação aos homens, impedindo que elas se tornem sujeitos plenos e soberanos. Por isso, a atuação política, artística e intelectual de Beauvoir pautava a necessidade de romper com os papéis de gênero impostos pela cultura.

> [...] Todo sujeito coloca-se concretamente através de projetos como uma transcendência; só alcança sua liberdade pela sua constante superação em vista de outras liberdades; não há outra justificação da existência presente senão sua expansão para um futuro indefinidamente aberto. Cada vez que a transcendência cai na imanência, há a degradação da existência "em si", da liberdade em facticidade; essa queda é uma falha moral, se consentida pelo sujeito. Se lhe é infligida, assume o aspecto de frustração ou opressão. Em ambos os casos, é um mal absoluto. Todo indivíduo que se preocupa em justificar sua existência sente-a como uma necessidade indefinida de se transcender. Ora, o que define de maneira singular a situação da mulher é que, sendo, como todo ser humano, uma liberdade autônoma, descobre-se e escolhe-se num mundo em que os homens lhe impõem a condição do Outro. Pretende-se torná-la objeto, votá-la à imanência, porquanto sua transcendência será perpetuamente transcendida por outra consciência essencial e soberana. O drama da mulher é esse conflito entre a reivindicação fundamental de todo sujeito que se põe sempre como o essencial e as exigências de uma situação que a constitui como inessencial. Como pode realizar-se um ser humano dentro da condição feminina? Que caminhos lhe são abertos? Quais conduzem a um beco sem saída? Como encontrar a independência no seio da dependência? Que circunstâncias restringem a liberdade da mulher, e quais pode ela superar? São essas algumas questões fundamentais que desejaríamos elucidar. Isso quer dizer que, interessando-nos pelas oportunidades dos indivíduos, não as definiremos em termos de felicidade e sim em termos de liberdade.
>
> Beauvoir, Simone de. *O segundo sexo*. Tradução: Sérgio Milliet. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970. p. 22-23. (Fatos e mitos, v. 1).

PARA CONCLUIR

1 **Para Simone de Beauvoir, a experiência de ser um sujeito pleno e soberano, como o sujeito universal iluminista, é possível apenas para os homens. Às mulheres, no entanto, impõe-se um modo de ser limitado por padrões de gênero que castram sua identidade e as colocam em uma posição de inferioridade. Sabendo disso, responda, com base em sua opinião, ao autoquestionamento de Beauvoir: "Como pode realizar-se um ser humano dentro da condição feminina?".**

2 **Como a frase "Não se nasce mulher, torna-se mulher" expressa a crítica de Simone de Beauvoir aos papéis de gênero impostos pela sociedade patriarcal, e de que maneira essa afirmação se relaciona ao conceito de liberdade existencial?**

3 **Em que medida a análise de Beauvoir sobre a condição feminina desafia a concepção tradicional de identidade, e como essa perspectiva pode ser aplicada para questionar outras formas de identidade que também são marginalizadas pela norma social?**

PRÁTICAS DE TEXTO

FICHAMENTO

Proposta

Com base no texto em destaque, você vai elaborar um fichamento que será útil para organizar as ideias e otimizar futuros estudos acerca dos temas desenvolvidos neste capítulo.

O fichamento é um tipo textual que destaca as informações mais importantes de uma obra. Geralmente, esse tipo de texto reúne citações, comentários estruturados acerca de um trecho, palavras-chave, a ideia central de parágrafos ou capítulos e anotações pessoais sobre o conteúdo estudado. Essa técnica possibilita a fixação do conteúdo, a construção de raciocínios mentais sobre o tema e a revisão facilitada do material fichado.

Público	Próprio autor do texto e colegas de estudo.
Objetivo	Organizar ideias e apresentar os pontos centrais do texto ao qual se refere.
Circulação	Particular.

Leia o texto a seguir.

A liberdade

O tema da liberdade é o núcleo central do pensamento sartriano e como que resume toda a sua doutrina. Sua tese é insólita: a liberdade é absoluta ou não existe. Sartre recusa todo determinismo e mesmo qualquer forma de condicionamento. Assim, ele recusa Deus e inverte a tese de Lutero; para este, a liberdade não existe justamente porque Deus tudo sabe e tudo prevê. Mas como Deus não existe, a liberdade é absoluta. E recusa também o determinismo materialista: se tudo se reduzisse à matéria, não haveria consciência e não haveria liberdade. Qual é, então, o fundamento da liberdade? É o nada, o indeterminismo absoluto. Agora entende-se melhor a má-fé: a tendência a ser termina sendo a negação da liberdade. Se o fundamento da consciência é o nada, nenhum ser consegue ser princípio de explicação do comportamento humano. Não há nenhum tipo de essência – divina, biológica, psicológica ou social – que anteceda e possa justificar o ato livre. É o próprio ato que tudo justifica. Por exemplo: de certo modo, eu escolho inclusive o meu nascimento. Por quê? Se eu me explicasse a partir de meu nascimento, de uma certa constituição psicossomática, eu seria apenas uma sucessão de objetos. Mas o homem não é objeto, ele é sujeito. Isso significa que, aqui e agora, a cada instante, é a minha consciência que está "escolhendo", para mim, aquilo que meu nascimento foi. O modo como sou meu nascimento é eternamente mediado pela consciência, ou seja, pelo nada. A falsificação da liberdade, ou a má-fé, reside precisamente na invenção dos determinismos de toda espécie, que põem no lugar do nada o ser.

Bornheim, Gerd. O existencialismo de Sartre. *In*: Rezende, Antonio (org.). *Curso de Filosofia*: para professores e alunos dos cursos de ensino médio e de graduação. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. *E-book*.

Planejamento e elaboração

Existem várias formas de realizar um fichamento, dependendo das necessidades e preferências individuais de cada estudo. Cada tipo serve a um propósito específico e pode ser adaptado para diferentes estilos de aprendizagem. Os fichamentos mais conhecidos são de citação, bibliográfico, de conteúdo, de comentários, esquemáticos e temáticos. Veja a seguir um pouco mais sobre eles.

Não escreva no livro.

Fichamento de citação: é uma técnica utilizada para organizar e registrar informações extraídas de textos durante a leitura. Serve como um suporte para a memória; assim, você sempre pode recorrer a esse tipo de fichamento para encontrar uma passagem que achou relevante. Além disso, esse fichamento se concentra em coletar citações diretas do texto original, acompanhadas de referências detalhadas para facilitar a localização posteriormente. Portanto, é essencial que o fichamento de citação contenha a citação e a referência de onde foi retirada.

Fichamento bibliográfico: é uma ferramenta que registra as principais informações bibliográficas de uma obra consultada, facilitando a referência e a revisão durante a elaboração de trabalhos acadêmicos. Um fichamento bibliográfico costuma incluir dados completos do material, conforme as normas de citação adotadas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Fichamento de conteúdo: é uma técnica de estudo e organização que se concentra em detalhar e analisar o conteúdo de uma obra. Ele vai além de apenas listar as informações bibliográficas e as citações, oferecendo uma análise mais profunda dos principais pontos e argumentos apresentados no texto.

Fichamento de comentários: é caracterizado por registrar opiniões pessoais sobre o texto. As críticas e as interpretações pessoais a respeito de um texto contribuem para reforçar o aprendizado e a própria autonomia nos estudos, à medida que permite ao estudante se inserir no conteúdo estudado.

Fichamento esquemático: organiza de forma diversa as informações estudadas. Assim, esse fichamento pode conter esquemas, diagramas, tabelas ou mapas mentais para representar de maneira visual e estruturada as informações principais de um texto.

Fichamento temático: busca organizar, agrupar e sintetizar informações de um texto ou conjunto de textos de acordo com temas ou tópicos específicos. Esse tipo é especialmente útil quando se está trabalhando com grandes volumes de informação, ou caso seja necessário comparar diferentes perspectivas sobre o mesmo tema.

O importante é ter em mente que o fichamento é um instrumento particular de estudo e deve ser elaborado com o objetivo de aprofundar sua compreensão do tema, facilitando uma pesquisa posterior; portanto, adeque as formas de fichamento apresentadas a seu gosto pessoal e à sua necessidade. Para a elaboração de seu fichamento, atente-se aos pontos sugeridos a seguir.

1. **Identifique os dados bibliográficos disponíveis, como: título do texto, nome do(a) autor(a), ano de publicação original da obra, número da edição, ano de publicação e editora.**
2. **Selecione as informações centrais do texto: o gênero textual, os temas abordados, os argumentos centrais, os autores citados e os principais conceitos mobilizados.**
3. **Transcreva as citações de maior relevância, indicando, se houver, as páginas das quais foram retiradas.**
4. **Comente as citações e conceitos com as próprias palavras, fazendo ligações do texto fichado com os demais temas desenvolvidos ao longo do capítulo.**

Revisão e reescrita

Releia o texto e revise cuidadosamente o fichamento para garantir que todas as informações importantes foram incluídas e nenhuma parte relevante foi omitida. Verifique se o conteúdo está claro e de fácil interpretação, tendo em mente que, com o tempo, você pode esquecer detalhes importantes do texto original. Certifique-se de que as anotações no fichamento refletem de maneira precisa os principais argumentos, conceitos e dados do texto. Registre informações detalhadas sobre a localização das citações, como número de página, número da linha ou parágrafo de onde cada citação foi retirada. Ao manter esses cuidados, você assegura que o fichamento servirá como um recurso eficaz e acessível para sua revisão e estudo posterior.

Circulação

Compartilhe seu fichamento com os colegas e aproveite para ler o que eles produziram. Dessa maneira, vocês podem iniciar o diálogo sobre os conhecimentos que construíram ao longo da leitura deste capítulo.

UM MUNDO PÓS-MODERNO

1. Você já ouviu falar em pós-modernidade? Que exemplos você usaria para definir o que seria o mundo pós-moderno?
2. Em sua opinião, o que seria uma visão fragmentada e pluralista da realidade? Você consegue pensar em alguma situação que ilustre esse tipo de visão?

Em decorrência dos grandes ideais de racionalidade, progresso e liberdade, os filósofos iluministas do século XVIII (considerados o ápice do pensamento moderno) imaginaram que o império da razão e do conhecimento científico iria aprimorar a vida humana no planeta, tornando-a segura, organizada, feliz e emancipada do jugo de qualquer autoridade.

Contudo, com o avanço da técnica e da industrialização, a partir do século XIX, e a mudança nas relações de produção, circulação e consumo dos objetos criados pela humanidade, o mundo capitalista produziu novas formas de gerir a vida, o conhecimento, as relações humanas e o modo de organização social. Valores dos pensadores modernos, como a razão e a busca pela segurança, não impediram que a sociedade se tornasse cada vez mais insegura; o ideal de ordem e de felicidade promovido pela técnica e pela ciência não foi atingido; e, cada vez mais, a sociedade vem enfrentando desordens políticas e sociais, assim como um sentimento de desolação e desamparo que impedem a busca e a sensação de felicidade. A emancipação dos sujeitos também parece distante, já que estamos cada vez mais fragmentados, à mercê da opressão do mercado de trabalho, da exigência do sucesso desenfreado e da falta de oportunidades em um mundo cada vez mais rápido, conectado e difuso. Todas essas questões fizeram com que intelectuais das artes, das ciências e da Filosofia situassem nossa época para além das promessas perdidas do mundo moderno. A era em que vivemos, portanto, passou a ser designada como pós-modernidade.

© Calle, Sophie/ AUTVIS, Brasil, 2024

Cuide de você, instalação de Sophie Calle, 2009. Em sua obra, Calle explora diversas facetas da pós-modernidade, como a hiperexposição, a encenação/representação de si e a coexistência de múltiplas narrativas.

O conceito de mundo pós-moderno, portanto, diz respeito a uma condição cultural, social e econômica que emerge após a era moderna, marcada pelo Iluminismo e pela Revolução Industrial. A pós-modernidade questiona as grandes narrativas e verdades universais que caracterizavam a modernidade, como as ideias de progresso, emancipação, liberdade e racionalidade, promovendo uma visão mais fragmentada e pluralista da realidade.

Não escreva no livro.

DEFININDO PÓS-MODERNIDADE

A pós-modernidade é uma condição sociocultural e filosófica que emerge como resposta crítica à era moderna, caracterizada pelo Iluminismo e suas consequências, a saber, o racionalismo e a industrialização. Filósofos como Jean-François Lyotard (1924-1998), Fredric Jameson (1934-) e Jean Baudrillard (1929-2007) oferecem, de modos distintos, conceitos que podem esclarecer um pouco o significado da pós-modernidade.

O filósofo Jean-François Lyotard, em sua obra intitulada *A condição pós-moderna*, argumenta que a pós-modernidade se caracteriza pela incredulidade em relação às metanarrativas, ou seja, grandes narrativas que fornecem explicações totalizantes para a realidade. Lyotard sugere que, em vez de narrativas abrangentes, universais (como a Verdade, a Razão, o Sujeito), a sociedade pós-moderna é composta de uma multiplicidade de pequenos relatos ou "micronarrativas" que refletem a diversidade de experiências e perspectivas. Para ele, essa fragmentação é uma resposta à complexidade e à pluralidade do mundo contemporâneo. O saber – antes concebido como um valor em si pelos modernos, algo que nos levaria à verdade – na pós-modernidade é produzido para ser vendido e consumido, sendo valorizado apenas pelo consumo. Assim, ele perde seu valor de uso, uma característica que o valoriza em si mesmo, pelo simples fato de ser um saber, e passa a ter valor de troca. O conhecimento se torna, dentro da lógica capitalista contemporânea, mais um produto.

Uma outra visão é apresentada pelo filósofo Fredric Jameson em seu livro *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. Jameson vê a pós-modernidade como um reflexo das condições econômicas e culturais do capitalismo tardio ou, em outras palavras, do neoliberalismo. O filósofo afirma que a cultura pós-moderna é marcada pela superficialidade, pelo **pastiche** e pela perda da profundidade histórica. Ele sugere que a distinção entre cultura alta e baixa se dissolve, resultando em uma cultura de consumo dominada pela imagem e pela simulação. Para Jameson, a pós-modernidade é uma era de "profundidade superficial", na qual o passado é continuamente reciclado e recontextualizado.

pastiche: aglomerado de elementos provenientes de variadas fontes, como um texto que é produzido e copiado de diversos autores, sem que haja nenhuma profundidade ou substância na junção dos elementos.

O filósofo Jean Baudrillard, em seu livro *Simulacros e simulação*, explora a ideia de que a realidade na pós-modernidade é substituída por simulacros, ou seja, cópias que não têm um original autêntico. O filósofo argumenta que a sociedade contemporânea é dominada por imagens e representações que criam uma "hiper-realidade", na qual a distinção entre o real e o imaginário se torna indistinguível. Para ele, a pós-modernidade é marcada por uma proliferação de signos e símbolos que substituem a realidade tangível. Não foi por acaso que as irmãs Wachowski usaram essa obra como uma das referências para o roteiro do filme *Matrix* (1999). Na perspectiva do autor, a pós-modernidade, com sua hiperexcitação de imagens e informações rápidas e sucessivas, se distancia do real a tal ponto que ele se perde. Não se trata de esconder o real, mas de substituí-lo pelo simulacro. Essa é, segundo o filósofo, a grande ruptura da pós-modernidade.

Tira de Quino, com a personagem Mafalda, sobre os comandos midiáticos da pós-modernidade.

© Sucesores de Joaquín S. Lavado Tejón (QUINO), TODA MAFALDA/Fotoarena

De uma forma ou de outra, esses filósofos compartilham a visão de que a pós-modernidade representa uma ruptura com as certezas e as estruturas da modernidade. Eles destacam como a fragmentação, a pluralidade e a simulação redefinem a maneira como percebemos e interagimos com o mundo. Ao valorizar a diversidade e a multiplicidade de experiências, a pós-modernidade questiona as noções de verdade, de identidade e de realidade que eram centrais na era moderna, tanto para o bem quanto para o mal.

NOVOS QUESTIONAMENTOS, NOVOS DESAFIOS

Os modos de vida contemporâneos, especialmente no que se refere às tecnologias digitais, levantam uma série de problemas e inquietações humanas que permeiam diversas esferas da sociedade. Com a crescente dependência das pessoas pelos dispositivos digitais e a disseminação de tecnologias avançadas, questões relacionadas à privacidade, à identidade, à alienação e ao impacto psicológico das redes sociais tornaram-se centrais no debate filosófico e sociológico.

A tecnologia eletrônica invadiu a vida cotidiana e, assim como os meios de comunicação de massa (o rádio, a televisão e o cinema), modifica as formas como experienciamos o mundo, o conhecimento, o corpo, a linguagem, a verdade e o real. A realidade e a verdade agora são determinadas e definidas pelas formas culturais, imagens e signos que encontramos na vida cotidiana. A vida privada invade o espaço público e a esfera da intimidade passa a ser aberta a todos que queiram consumi-la. O que consumimos passa a ser determinado pela cultura popular. Por exemplo, usamos celulares e computadores para nos comunicarmos e, ao navegarmos pela internet, os algoritmos nos direcionam propagandas baseadas em nossos interesses e hábitos de consumo *on-line*. O mundo pós-moderno interconectado oferece-nos o consumo de produtos, imagens e signos por seus valores simbólicos, e não por seus valores de uso.

Grafite sobre vigilância social feito pelo artista Djalouz em Paris, na França. Foto de 2020.

Fotografia: Yohann Grignou/SAMOURAI COOP

Um dos problemas mais urgentes na era pós-moderna digital é a questão da privacidade. Com o advento das redes sociais e a onipresença dos dispositivos conectados, a quantidade de dados pessoais que circula na internet é imensa.

O filósofo Michel Foucault (1926-1984), em sua obra intitulada *Vigiar e punir,* explora a ideia do panóptico, inventada pelo filósofo Jeremy Bentham (1748-1832), e que será explorada adiante, no capítulo 14 desta obra. Trata-se de uma estrutura de vigilância em que os indivíduos são constantemente observados, levando-os a internalizar a vigilância e a se conformar às normas sociais. Foucault argumenta que, durante o século XIX, o sistema de vigilância e punição não era mais constituído como um espetáculo a céu aberto, com torturas e execuções públicas. As punições para os crimes passaram a ser, então, em vez da tortura, o encarceramento. Não se trata de punir mais, mas de punir melhor. Assim, muda-se a brutalidade explícita da punição física para uma mais intrusiva psiquicamente, para que haja uma mudança interior no comportamento do criminoso. O controle da alma se caracteriza como uma forma mais sutil e mais abrangente de controle do corpo, pois determina as ações corporais dos sujeitos. O poder disciplinar oferece um controle meticuloso, exaustivo e contínuo para docilizar e utilizar os corpos e impedir a resistência.

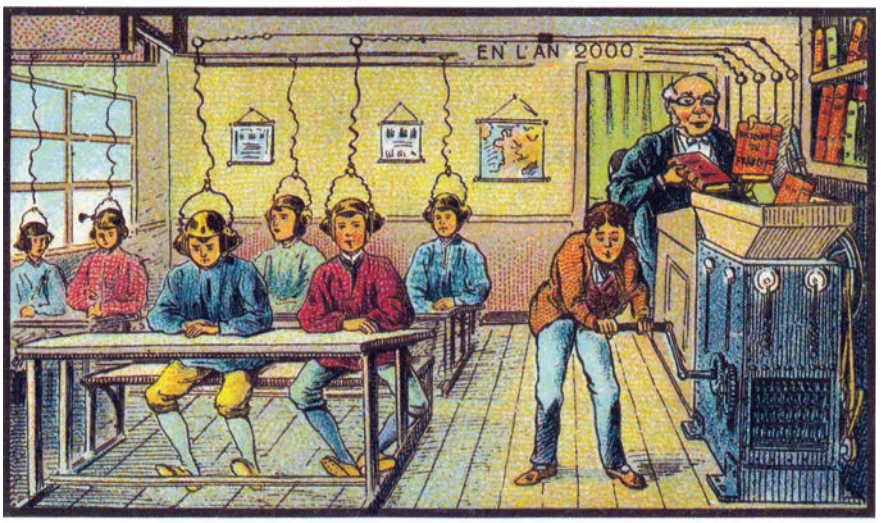
Não escreva no livro.

O panóptico que Foucault identifica como o ideal de vigilância das sociedades modernas não é apenas físico, mas também simbólico. Ele estabelece que o princípio do controle não está no fato, mas na possibilidade de observação, que produz nos sujeitos um estado de consciência e visibilidade permanentes, o que assegura o funcionamento automático do poder disciplinador. O poder disciplinador produz a normalização, ou seja, a ideia de que só é normal quem se curva à disciplina. Os sujeitos modernos, portanto, teriam medo de serem considerados anormais se fugirem das normas estabelecidas pelo poder disciplinador. Tal normalidade é medida em escalas, com notas e conceitos para enquadrar os sujeitos.

Na contemporaneidade, essa vigilância se materializa nos dados que fornecemos voluntariamente ou que são coletados sem nosso consentimento. Empresas de tecnologia e governos têm acesso a vastas quantidades de informações pessoais, levantando preocupações sobre a erosão da privacidade e a potencial utilização desses dados para controle e manipulação. Para o filósofo Byung-Chul Han (1959-), a sociedade pós-moderna não é mais aquela disciplinar descrita por Foucault, com hospitais, asilos, presídios e quartéis, mas se tornou uma outra, de academias *fitness*, prédios de escritórios, bancos, aeroportos, *shopping centers* e laboratórios de genética. Assim, a sociedade disciplinar se torna uma sociedade do desempenho, aquela em que todos nós somos empresários de nós mesmos. No lugar da proibição, da disciplina e do controle – conceitos negativos – entra a positividade do desempenho, cujos lemas são a iniciativa e a motivação. Esse excesso de positividade, ilustrado pela superpopulação de *coaches* e *influencers* nas redes sociais, constrói uma imagem irreal do sucesso. Agora nós é que vigiamos a nós mesmos e nos comparamos aos demais, sempre tentando ser melhores, sempre tentando superar os outros, mesmo que as oportunidades não sejam iguais para todos. A sociedade do desempenho, como diz Han, produz depressivos e fracassados em vez dos anormais, loucos e delinquentes da sociedade disciplinar moderna.

A identidade na era digital passa a ser outro tema crucial do mundo pós-moderno, já que as redes sociais permitem às pessoas construírem e projetarem versões idealizadas de si mesmas, o que pode levar a uma dissonância entre as identidades *on-line* e *off-line*. A socióloga e psicóloga Sherry Turkle (1948-) argumenta que a interação mediada pela tecnologia pode levar a um sentimento de solidão e alienação, mesmo quando estamos "conectados" com outros. A constante comparação com os outros e a busca por validação por meio de "*likes*" e "seguidores" podem afetar negativamente a autoestima e a saúde mental.

A alienação em relação ao trabalho, um conceito discutido pelo filósofo Karl Marx (1818-1883), também ganha novas dimensões na era digital. Byung-Chul Han, em seu livro *A sociedade do cansaço,* argumenta que a constante exigência de desempenho e a autovigilância levam a um estado de exaustão e de alienação. Na sociedade contemporânea, o trabalho não é apenas físico, mas também emocional e cognitivo, e as tecnologias digitais ampliam essas demandas. As redes sociais e outras plataformas digitais incentivam a autoexploração e a produtividade incessante, transformando a vida em uma série de tarefas e *performances* que alienam os indivíduos de suas verdadeiras necessidades e desejos.



A escola dos anos 2000, ilustração em papel-cartão feita pelos ilustradores franceses Jean Marc Cotí e Villemard, c. 1910.

Vizu/Acervo do cedente

Hiperconectividade

O impacto psicológico das redes sociais é uma preocupação crescente. Estudos indicam que o uso excessivo de redes sociais está associado a problemas de saúde mental, como ansiedade, depressão e distúrbios do sono. Como vimos anteriormente, Sherry Turkle observa que a comunicação mediada pela tecnologia muitas vezes carece da profundidade e da intimidade das interações face a face, levando a um sentimento de desconexão emocional. A pressão para estar constantemente disponível e a competição por atenção podem criar um ambiente estressante, no qual o valor das interações é medido pela quantidade de engajamento digital, e não pela qualidade das relações humanas, o que potencializa uma dependência perigosa das redes sociais para a autoafirmação.

O filósofo Zygmunt Bauman (1925-2017), em sua obra *Amor líquido*, descreve a modernidade líquida, ou seja, a pós-modernidade, como uma época em que as relações humanas são caracterizadas pela fragilidade e pela efemeridade. No trecho a seguir, o autor comenta como as tecnologias digitais também contribuem para a superficialidade das interações ao facilitar a comunicação instantânea e a conectividade global.

> O advento da proximidade virtual torna as conexões humanas simultaneamente mais frequentes e mais banais, mais intensas e mais breves. As conexões tendem a ser demasiadamente breves e banais para poderem condensar-se em laços. Centradas no negócio à mão, estão protegidas da possibilidade de extrapolar e engajar os parceiros além do tempo e do tópico da mensagem digitada e lida – ao contrário daquilo que os relacionamentos humanos, notoriamente difusos e vorazes, são conhecidos por perpetrar. Os contatos exigem menos tempo e esforço para serem estabelecidos, e também para serem rompidos. A distância não é obstáculo para se entrar em contato – mas entrar em contato não é obstáculo para se permanecer à parte. Os espasmos da proximidade virtual terminam, idealmente, sem sobras nem sedimentos permanentes. Ela pode ser encerrada, real e metaforicamente, sem nada mais que o apertar de um botão.
>
> A realização mais importante da proximidade virtual parece ser a separação entre comunicação e relacionamento. Diferentemente da antiquada proximidade topográfica, ela não exige laços estabelecidos de antemão nem resulta necessariamente em seu estabelecimento. "Estar conectado" é menos custoso do que "estar engajado" – mas também consideravelmente menos produtivo em termos da construção e manutenção de vínculos.
>
> Bauman, Zygmunt. *Amor líquido*: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2021. *E-book*.

As relações se tornam descartáveis e transitórias, o que pode levar a um sentimento de insegurança e isolamento. A facilidade com que se pode "desconectar" de alguém ou terminar uma relação *on-line* reflete e amplifica a volatilidade das conexões humanas na contemporaneidade.

Will Leite/Acervo do cartunista

Tira de Willian Leite sobre relações sociais mediadas por mídias digitais, 2017.

INTERAÇÃO

1. **A tira retrata uma conversa sobre amizade entre um rapaz e o filósofo Zygmunt Bauman. Por que o rapaz considera Bauman "chato"? O que esse diálogo pode nos dizer sobre as relações vivenciadas no mundo virtual?**

Não escreva no livro.

MÚLTIPLOS SUJEITOS

Se a pós-modernidade traz muitos problemas para as relações humanas, para a construção do conhecimento e para nossa organização política, econômica e social, além das expressões culturais, ela também nos oferece ferramentas para repensarmos as formas universalizantes que herdamos do Iluminismo e da Filosofia europeia de maneira dogmática e canônica. Os chamados pensadores pós-modernos oferecem formas de superação para impasses gerados no próprio conceito de humanidade que construímos na modernidade. O conceito de sujeito universal é um dos problemas e aparece pela primeira vez durante o século XVIII. Pilar fundamental na construção do pensamento ocidental, moldando tanto as teorias filosóficas quanto as práticas políticas ao longo dos séculos, esse modelo tem sido amplamente criticado por sua incapacidade de representar a diversidade e a complexidade das experiências humanas. Em sua tentativa de universalizar as experiências, ele acaba por silenciar e marginalizar vozes que não se encaixam em sua moldura estreita.

O modelo de sujeito universal é uma construção conceitual que busca representar um sujeito racional, autônomo e independente, que supostamente transcende contextos históricos, culturais e sociais. Esse conceito tem raízes profundas na filosofia de Immanuel Kant (1724-1804), um dos mais importantes e mais influentes filósofos da história ocidental, que postulou a ideia de um sujeito universal como base para a moralidade e o conhecimento.

No entanto, essa visão tem sido criticada por sua abstração e falta de consideração das particularidades e diferenças intrínsecas à experiência humana. A ideia de um sujeito universal implica no fato de que, então, todos os seres humanos têm uma forma pura, uma estrutura cognitiva formal básica, que permite a todos aprender as coisas da mesma maneira, seja a ciência, sejam os valores morais.

© KOBRA. Eduardo/AUTVIS, Brasil, 2024. Fotografia: Aloisio Mauricio/Fotoarena

Mural intitulado *Coexistência – Memorial por todas as vítimas da covid-19*, do artista brasileiro Kobra. Nele, o artista aborda a pluralidade e a singularidade humanas em diferentes expressões da fé. São Paulo (SP), 2021.

Críticos contemporâneos, como a filósofa Judith Butler (1956-) e Michel Foucault, argumentam que o sujeito universal é, na verdade, uma ficção que serve para manter as estruturas de poder existentes. Butler, em suas obras sobre gênero e performatividade, mostra como as normas que definem o sujeito universal são excludentes e operam para marginalizar aqueles que não se conformam com essas normas. Foucault, por sua vez, analisa como o poder disciplinar molda e constrói sujeitos de modo a manter a ordem social e a política vigentes. Para Foucault (e também para Butler), não existe uma forma pura da subjetividade, ou seja, um conjunto de compreensões do que é ser um agente humano com sentidos de interioridade, liberdade e individualidade. Para esses filósofos, os seres humanos passam por processos de subjetivação, uma vez que não pode existir sujeito sem que algo o produza. Podemos compreender isso apenas olhando para a história e para outras culturas, já que culturas diferentes contam com formas distintas de se reconhecer como indivíduos. Um chinês e um brasileiro, apesar de se reconhecerem humanos, não recebem a mesma educação, não falam o mesmo idioma, não reconhecem os mesmos símbolos e interpretam o mundo de maneiras distintas. Se fôssemos iguais, como poderíamos aprender as mesmas coisas de maneiras diferentes ou até mesmo aprender coisas diferentes usando as mesmas estratégias?

Para os filósofos críticos da ideia de sujeito universal, toda experiência que concretiza uma subjetividade envolve modos historicamente próprios de se fazer a experiência de si. São as circunstâncias nas quais estamos inseridos, as relações com os sistemas de poder, de produção de conhecimento, de construção da arte e da cultura, da relação com o corpo e com a sexualidade, com os valores morais e religiosos de uma época e de um lugar específico que constituem as formas pelas quais nos tornamos sujeitos singulares, não universais.

A globalização e as mudanças socioculturais dos últimos anos têm trazido à tona novos agentes sociais que desafiam o modelo tradicional de sujeito universal. Esses agentes incluem movimentos progressistas que lutam por direitos civis, igualdade de gênero e justiça social, bem como movimentos conservadores, que buscam preservar valores tradicionais e resistir a mudanças na sociedade. Diferentes processos de subjetivação, portanto, constroem subjetividades diferentes que se relacionarão com o mundo de maneiras distintas. Se nossa subjetividade fosse universal, então todos seríamos iguais.

Se o mundo pós-moderno produziu a superficialidade e a fragmentação de nossas formas de vida, também permitiu a ascensão de movimentos progressistas variados que incluem feministas, ativistas LGBTQIA+, defensores dos direitos raciais, ambientalistas, entre outros. Esses movimentos têm em comum a luta contra as formas de opressão e de marginalização que têm sido perpetuadas pelo modelo de sujeito universal, reconhecendo a necessidade de singularizar as formas de opressão que não se abatem sobre todos. Há grupos de pessoas que são mais marginalizados que outros, que sofrem mais violência que outros, que têm menos direitos que outros, que têm menos voz que outros. São subjetividades que não são contempladas pela ideia de sujeito universal e que, só muito recentemente, têm sido reconhecidas e consideradas. A crítica ao sujeito universal permite a ascensão de outras subjetividades, singulares, com características próprias que também são humanas e merecem respeito e cuidado.

Interseccionalidade

O conceito de subjetividade que a modernidade produz desde o século XVII culmina com a noção de sujeito universal que se constitui dentro das teorias políticas liberais. O filósofo Thomas Hobbes (1588--1679), em seu livro *Do cidadão,* convida-nos a pensar os seres humanos como "cogumelos", que surgem da terra sem nenhuma ligação com os outros, como se os seres humanos nascessem sem história, sem memória, sem pai nem mãe e apenas brotassem do chão. Essa noção servirá de base para a concepção de indivíduo moderno, de sujeito universal, que se crê autossuficiente para conquistar a verdade científica, a perfeição moral e a liberdade política, e que não precisa dos outros para viver.

Tal ideia de autossuficiência do sujeito, como notou a filósofa Seyla Benhabib (1950-), constituiu-se a partir de caracteres masculinos. Nesse sentido, o debate político, a esfera pública e a racionalidade do sujeito moderno estavam restritos ao domínio dos homens, enquanto o mundo doméstico, do cuidado, da nutrição, da reprodução e da esfera privada do lar foi restrito às mulheres.

Por isso, as políticas públicas e as atividades sociais que buscam dar importância às tarefas do cuidado, da alimentação e da reprodução são deixadas em segundo plano, como menos importantes, menos racionais, menos masculinas. As questões masculinas, portanto, são as questões políticas e relevantes, e as femininas são particulares, sentimentais, não políticas. O cuidado, a reprodução, a nutrição, assim como as mulheres, ficam fora do debate político.

Não escreva no livro.

As teorias feministas surgiram para denunciar a origem dessas relações, que estabelecem âmbitos de importância distintos, hierarquizados àquilo que é da ordem do feminino e do masculino, com vistas a tornar a democracia mais radical, plural, inclusiva, equânime. As feministas buscaram, em princípio, fazer uma crítica à noção de sujeito moderno, na perspectiva de que qualquer tentativa de construir a igualdade que ignore as diferenças acaba por excluir os diferentes.

As teorias feministas liberais focaram muito no conceito de identidade e deixaram de lado os problemas de redistribuição e de reconhecimento. Afinal, as injustiças contra as mulheres não são apenas identitárias, mas também econômicas e culturais. São as feministas negras que chamam a atenção para a natureza interligada da opressão, o que passamos a chamar de "interseccionalidade". A filósofa Angela Davis (1944-), em sua obra *Mulheres, raça e classe*, identifica que, inclusive dentro dos movimentos feministas, ainda falta reconhecer que é preciso fazer um recorte não apenas de gênero, mas também de classe e raça. As mulheres negras e pobres, por exemplo, não passam pelas mesmas mazelas que as brancas e pobres, ou as brancas e ricas, ou as negras e ricas. Sem o recorte interseccional, não é possível incluir todas as mulheres dentro da luta que busca a emancipação feminina. Só assim todas as formas de opressão podem ser consideradas e combatidas.

O feminismo negro, portanto, não oferece apenas uma ferramenta para a luta das mulheres, mas de todas as pessoas oprimidas em uma sociedade que apenas valoriza e dá voz para alguns privilegiados que já são reconhecidos pelas esferas de poder.

Paul-Henri Verlooy/Belga Mag/AFP/Getty Images

Angela Davis em coletiva de imprensa em Bruxelas, na Bélgica. Foto de 2022.

Lugar de fala

Um dos conceitos fundamentais desenvolvidos pelo feminismo negro para incluir e dar voz às pessoas que sofrem inúmeras opressões ainda não consideradas é o de "lugar de fala". A filósofa brasileira Djamila Ribeiro (1980-), autora de *Lugar de fala*, escreveu a obra para explicar essa concepção. O conceito é uma ferramenta importante para abordar a diversidade de experiências e perspectivas, já que se refere à legitimidade e à autoridade de diferentes pessoas para falar sobre as próprias experiências de opressão e privilégio. Reconhece-se que aqueles que vivenciam diretamente a discriminação detêm um entendimento único e valioso que deve ser respeitado e centralizado nas discussões sobre justiça social.

O lugar de fala não significa que somente aqueles diretamente afetados podem debater sobre certas questões, mas que suas vozes devem ser prioritárias e ouvidas com atenção. Esse conceito é crucial para combater a tendência de silenciamento e marginalização de grupos historicamente oprimidos.

A filósofa brasileira Aparecida Sueli Carneiro (1950-) abre sua tese de doutorado com uma afirmação que ilustra o conceito de lugar de fala:

Leonardo Ramos/Fotoarena

Sueli Carneiro durante feira do livro no município de São Paulo. Foto de 2023.

> Falarei do lugar da escrava. Do lugar dos excluídos da res(pública). Daqueles que na condição de não cidadãos estavam destituídos do direito à educação. Dirijo-me a ti, Eu hegemônico, falando do lugar do "paradigma do Outro", consciente de que é nele que estou inscrita por ti e que, "graças" a ele, expectativas se criaram em relação a mim. Estou ciente de que mesmo tentando negá-las, elas podem se realizar, já que me encontro condicionada por uma "unidade histórica e pedagogicamente anterior" da qual eu seria uma aplicação.
>
> Carneiro, Aparecida Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. 2005. 339 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

Sueli Carneiro parte da própria vivência como pessoa oprimida, mulher, negra e descendente de pessoas escravizadas que nunca foram ouvidas para mostrar ao mundo as situações nas quais pessoas como ela vivem e das quais ninguém pode falar por elas.

EMPODERAMENTO E APROPRIAÇÃO

As lutas empreendidas pelas pessoas que vivem situações de sujeição e opressão têm produzido efeitos positivos para a ampliação de direitos e inclusão social. Os conceitos de empoderamento e apropriação têm origens profundas nas lutas dos movimentos sociais, e são ferramentas cruciais para a conscientização e a ação coletiva em busca de justiça e igualdade.

No entanto, nos últimos anos, ambos os termos têm sido frequentemente cooptados por empresas e marcas, resultando em um esvaziamento de seus significados originais. Essa cooptação não apenas dilui a potência transformadora desses conceitos, mas também levanta questões sobre autenticidade e ética no uso de ideias derivadas de movimentos sociais.

O conceito de empoderamento surgiu no contexto das lutas por direitos civis, dos movimentos feministas e de outras lutas sociais, buscando capacitar indivíduos e comunidades marginalizadas a assumirem o controle da própria vida. Segundo o filósofo e pedagogo brasileiro Paulo Freire (1921-1997), o empoderamento é um processo pelo qual os oprimidos tomam consciência de sua situação e adquirem as ferramentas necessárias para transformá-la. Para feministas como a filósofa bell hooks (1952-2021), o empoderamento implica uma mudança estrutural, não apenas individual, visando à transformação das relações de poder na sociedade.

No entanto, a popularização do termo "empoderamento" na mídia e no *marketing* corporativo trouxe uma mudança expressiva em seu significado. Empresas de cosméticos, moda e tecnologia, por exemplo, têm adotado o discurso para promover produtos que prometem "empoderar" os consumidores, especialmente mulheres. Essa apropriação comercial frequentemente reduz o empoderamento a uma questão de escolha individual e consumo, ignorando as dimensões coletivas e estruturais que são centrais ao conceito original. Assim, as empresas se aproveitam do debate proposto pelas lutas identitárias e, ao mesmo tempo, se recusam a questionar as estruturas econômicas que criaram os problemas – já que as empresas se beneficiam dessas mesmas estruturas.

A apropriação cultural refere-se ao uso de elementos de uma cultura por membros de outra, especialmente quando uma cultura dominante se apropria de aspectos de culturas marginalizadas. Esse fenômeno tem sido amplamente criticado por desrespeitar e explorar culturas sem reconhecimento ou retribuição adequados.

No entanto, a apropriação cultural também foi cooptada por marcas e indústrias criativas, que frequentemente utilizam elementos de culturas marginalizadas para fins estéticos e comerciais, sem qualquer consideração pelo contexto ou significado original.

Projeto Negritude Piauiense, criação de Camila Hilário e Ronald Moura. Fotografia: Ronald Moura

A cooptação dos conceitos de "empoderamento" e "apropriação" por empresas e marcas resulta em um esvaziamento de seus significados originais. Quando o empoderamento é reduzido a uma estratégia de *marketing* que encoraja o consumo como forma de autoafirmação, ele perde seu potencial transformador. Da mesma forma, quando a apropriação cultural é usada para fins comerciais sem respeito ou retribuição, ela perpetua uma dinâmica de exploração e desrespeito.

Esse esvaziamento não somente trivializa lutas e histórias de resistência, mas também apresenta desafios éticos significativos. A comercialização desses conceitos pode minar a credibilidade e a eficácia dos movimentos sociais, criando uma falsa sensação de progresso e inclusão que, na realidade, não aborda as questões estruturais subjacentes. Além disso, a apropriação não crítica pode reforçar estereótipos e perpetuar desigualdades.

Projeto fotográfico *Negritude piauiense*, idealizado por Camila Hilário e Ronald Moura, que tem por objetivo questionar padrões de beleza que excluem mulheres negras. Foto de 2017.

Não escreva no livro.

AÇÃO E CIDADANIA

Da ridicularização à apropriação

O texto a seguir comenta sobre o processo de transformação de um signo cultural de um elemento marginalizado a item socialmente valorizado.

Daniel Cymbalista/Pulsar Imagens

Box braids – tranças feitas desde a raiz do cabelo, que unem cabelo natural a fibras sintéticas – são um exemplo de signos visuais historicamente associados a identidades negras, que muitas vezes são alvo de um processo de esvaziamento, apagamento e apropriação. Na foto, mulher usando *box braids* no município de São Paulo, 2023.

Até 1975, ano em que comecei a frequentar o primeiro ano escolar, eu nem sabia que era considerada "diferente" ou "estranha" aos olhos das outras pessoas. Meu cabelo era um campo de batalha, incomodando todos que não faziam parte do meu núcleo familiar. A partir daquele momento, a violência foi gratuita e intensa. Além da minha pele, meu cabelo era a principal vítima. Não importava como ele estivesse: preso, era "bandido"; solto, era "bombril"; trançado, era "troço"; e com as tranças soltas, era "corda". Os insultos eram incessantes, ora de alunos, ora de professores. Como criança, eu não sabia me defender daquilo, nem sabia que era errado. Na escola, nos programas de TV, nas revistas e livros, meu cabelo não era aceito. Isso durou por longos anos, até que a pressão se tornou insuportável. A violência de mudar a estrutura dos meus fios de cabelo 4B e 4C tornou-se inevitável, assim como aconteceu com minhas tias, minha mãe e minhas primas, algo que nunca tinha percebido.

Primeiro veio o pente quente, queimando minhas raízes. Depois, a chapinha [...] seguida por pastas químicas que ardiam no meu couro cabeludo. Tudo isso para me aproximar de um padrão imposto por uma sociedade que me rejeitava como eu era – com meu cabelo natural, com minhas tranças, fosse como fosse.

Mas o tempo passou, e a maturidade trouxe uma nova consciência. Deixei para trás aquela dor e abracei a liberdade de ser quem sou. Permiti que meu cabelo voltasse a ser livre, natural, autêntico. E essa libertação foi transformadora.

Hoje, vejo algo intrigante: as mesmas pessoas que antes me ridicularizavam agora desfilam com as tranças que antes chamavam de "cordas" ou "troços". Alguém pode dizer: "Ah, mas não eram elas!" Eu respondo que, direta ou indiretamente, eram sim, pois muitos têm a minha faixa de idade, e as mais novas são filhas, netas ou sobrinhas desse grupo que ofendia, e ainda ofende, pessoas com a mesma estética que a minha.

Quem usa os cabelos trançados já deve ter ouvido: "Você lava isso?" ou "Como você faz para lavar?"

Absurdo, mas fato.

Quando pessoas de ascendência não africana usam *dreadlocks* ou tranças afro (como *box braids*) sem reconhecer seu significado cultural e histórico para as comunidades negras, reafirmam preconceitos enraizados. Esses estilos não são meramente estéticos; carregam significados históricos profundos e foram utilizados como formas de resistência cultural.

Chamamos isso de apropriação cultural – o uso de elementos de uma cultura por membros de outra, especialmente quando esse uso ignora o contexto cultural original, muitas vezes perpetuando estereótipos e desigualdades de poder entre as culturas.

É importante lembrar que as imagens que hoje vemos na TV e nas revistas, com muitas pessoas pretas em quase todos os campos de atuação, não refletem a realidade do pós-abolição até pelo menos o início dos anos 2010.

Além disso, enquanto pessoas negras frequentemente enfrentam discriminação por usar esses mesmos estilos, outras etnias são elogiadas e muitas vezes lucram com eles. Um exemplo claro é o segmento musical do Axé, um estilo genuinamente preto, onde as principais figuras desse gênero não são mulheres pretas, revelando um preconceito subjacente e doloroso.

E, mesmo assim, contrariando todas as expectativas, seguimos sendo "as mais belas das belas".

Faria, Mônica. Da ridicularização à apropriação. Portal Geledés, São Paulo, 25 jul. 2024. Disponível em: https://www.geledes.org.br/da-ridicularizacao-a-apropriacao/. Acesso em: 2 ago. 2024.

1. Como a experiência de discriminação vivida pela narradora pode ser utilizada para promover melhorias no âmbito social e cultural da escola? Proponha ações concretas que possam ser implementadas no ambiente escolar para combater o racismo e a apropriação cultural, promovendo a valorização da diversidade e o respeito às diferentes culturas.

NOVAS NARRATIVAS

As mídias sociais e a internet transformaram radicalmente a forma como nos comunicamos, interagimos e compartilhamos informações. Mais do que isso, proporcionaram visibilidade e espaço de expressão para novos agentes sociais, permitindo que discursos antes marginalizados ou restritos a nichos específicos alcançassem um público mais amplo. Essa transformação é especialmente visível no caso dos *influencers*, indivíduos que, em seus perfis e canais em diversas redes sociais, têm pautado discussões políticas, sociais e culturais e influenciado opiniões e comportamentos.

O filósofo Pierre Lévy (1956-), conhecido por seus estudos sobre a cibercultura, argumenta que a internet possibilita a inteligência coletiva, um fenômeno no qual o conhecimento é construído de maneira colaborativa e descentralizada. Por meio das redes sociais, indivíduos podem compartilhar informações, debater ideias e organizar movimentos sociais. Essa capacidade de conexão e colaboração tem permitido que novos agentes sociais, incluindo grupos marginalizados e minorizados, ganhem visibilidade e influenciem o debate público.

Contemporaneamente vimos surgir a figura do *influencer,* que não existia antes das redes sociais e que, por ser tão recente, precisa ser estudada. Apesar do risco de muitos *influencers* sem formação adequada ou conhecimentos sólidos, e um alto poder de influência sobre milhões de pessoas, abordarem determinados assuntos em suas redes, há também exemplos de figuras relevantes que se dedicam rigorosamente a estudar os assuntos que querem abordar e oferecem discussões muito ricas com um poder de alcance que só as redes sociais podem proporcionar. Um exemplo no contexto brasileiro é o trabalho da filósofa, que também se tornou *influencer,* e ativista Djamila Ribeiro. Como filósofa e escritora, Ribeiro utiliza as mídias sociais para discutir questões relacionadas ao feminismo negro, à interseccionalidade e ao racismo estrutural. Sua presença nas redes sociais, especialmente no Instagram e no Twitter, tem lhe permitido alcançar uma audiência ampla e diversificada, trazendo à tona discussões importantes sobre desigualdade e justiça social. O trabalho de Djamila exemplifica como as mídias sociais podem amplificar vozes que tradicionalmente têm pouco espaço na mídia convencional.

Outro caso é o de Felipe Neto, um dos produtores de conteúdo para plataformas de vídeos mais influentes do Brasil. Inicialmente conhecido por seu conteúdo de entretenimento, Neto tem utilizado sua plataforma para abordar temas políticos e sociais, incentivando seus seguidores a se engajarem em questões relacionadas a educação, saúde pública e direitos humanos. A transição de Neto, de criador de conteúdo de entretenimento para ativista social, demonstra como as mídias sociais permitem aos influenciadores que se tornem novos agentes de mudança social.

William Volcov/Brazil Photo Press via AFP

O *influencer* Felipe Neto em evento da Unesco, na sede da ONU em Nova York, nos Estados Unidos. Foto de 2023.

Além dos influenciadores individuais, as mídias sociais também têm sido cruciais para movimentos coletivos. O movimento *Black lives matter*, por exemplo, ganhou notoriedade internacional por meio do uso estratégico das redes sociais para organizar protestos e espalhar informações. No Brasil, movimentos como # MeTooBrasil e Criança Não é Mãe mobilizaram milhares de pessoas por meio de campanhas *on-line*, evidenciando o poder das mídias sociais na articulação e na amplificação de causas sociais.

Contudo, o filósofo Byung-Chul Han oferece uma perspectiva crítica sobre a sociedade digital. Em sua obra *No enxame*, Han argumenta que a comunicação digital, apesar de suas vantagens, pode levar a um excesso de exposição e a uma superficialidade nas interações. Segundo ele, as mídias sociais muitas vezes promovem um tipo de comunicação que prioriza a quantidade sobre a qualidade, o que pode resultar em debates polarizados e superficiais. Essa crítica é relevante ao considerar o impacto das mídias sociais na qualidade do discurso público e na formação da opinião pública.

Não escreva no livro.

No entanto, a visão de Han não diminui a importância das mídias sociais como ferramentas de empoderamento. A filósofa brasileira Marcia Tiburi (1970-) também destaca a relevância dessas plataformas na formação de um espaço público virtual no qual as pessoas podem se engajar em discussões críticas e construir uma consciência coletiva. Tiburi argumenta que, apesar dos desafios, as mídias sociais oferecem uma oportunidade única para a democratização do espaço público e a inclusão de vozes diversas.

Um exemplo prático dessa dinâmica pode ser observado no trabalho de grupos indígenas brasileiros nas redes sociais. Lideranças e ativistas indígenas, como Sônia Guajajara e Txai Suruí, têm utilizado plataformas de compartilhamento de imagens e vídeos para aumentar a visibilidade das lutas dos povos indígenas, compartilhar suas culturas e denunciar violações de direitos.

A matéria a seguir comenta sobre como esse uso estratégico das mídias sociais tem ajudado a construir solidariedade global e a pressionar o governo e a sociedade por políticas mais justas e inclusivas.

Na última década, as redes sociais abrigaram cerca de dois milhões de *posts* sobre a causa indígena, gerando mais de 584 milhões de interações, segundo pesquisa da Diretoria de Análise de Políticas Públicas da Fundação Getulio Vargas (FGV-Dapp).

Ao conectar as centenas de etnias espalhadas pelo território nacional, entidades como a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib), que aglutina organizações regionais de todo o país, vêm ganhando influência. Em 2020, o Supremo Tribunal Federal (STF) reconheceu a legitimidade da Apib para propor ações de arguição de descumprimento de preceito fundamental (ADPFs). Ano passado, advogados indígenas como Ivo Macuxi e Eloy Terena, ligados à Apib, apresentaram sustentações orais no início do julgamento do polêmico marco temporal, que deve ser retomado no próximo dia 23 pela Corte.

Há 15 anos, o povo Paiter-Suruí começava a informatização de suas aldeias, em Rondônia, após o contato com executivos do Google em busca de ajuda para monitorar queimadas na Amazônia. A iniciativa do cacique Almir Suruí influenciou a filha do requisitado ambientalista. Hoje, aos 25 anos, Txai Suruí fundou o Movimento da Juventude Indígena de Rondônia para disseminar, entre as 12 reservas do estado, a força da comunicação.

— É com a tecnologia que comunicamos ao mundo o quanto o garimpo polui os rios e devasta as florestas – explica Txai, que discursou na Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP26), ano passado, na Escócia. — Hoje, atuo com mais de 120 jovens fazendo denúncias nas redes e organizando manifestações.

Dias, Pâmela. Articulação indígena nas redes sociais mobiliza campanhas e protestos em defesa de seus territórios. *O Globo*, Rio de Janeiro, 6 jun. 2022. Disponível em: https://oglobo.globo.com/um-so-planeta/noticia/2022/06/articulacao-indigena-nas-redes-sociais-mobiliza-campanhas-e-protestos-em-defesa-de-seus-territorios.ghtml. Acesso em: 30 ago. 2024.

Mauro Pimentel/AFP/Getty Images

A ativista Txai Suruí discursa sobre o uso de tecnologias digitais em ações pela preservação de culturas e territórios indígenas durante o Web Summit Rio, no município do Rio de Janeiro, em 2023.

Contudo, é importante reconhecer os desafios que acompanham essa nova visibilidade. A disseminação de discursos de ódio, de *fake news* e a polarização são problemas significativos que acompanham o uso das mídias sociais. O filósofo Zygmunt Bauman, em suas reflexões sobre a modernidade líquida, observa que a sociedade contemporânea é caracterizada por uma fluidez e uma incerteza constante, o que se reflete nas dinâmicas das redes sociais. A rápida disseminação de informações (ou desinformações) pode agravar divisões sociais e dificultar a formação de consensos.

As mídias sociais e a internet têm proporcionado uma plataforma vital para a expressão de novos agentes sociais, permitindo que minorias, ativistas e movimentos sociais alcancem uma audiência mais ampla e influenciem o debate público. Embora existam desafios significativos, as possibilidades de democratização do espaço público e a inclusão de vozes diversas representam avanços importantes na construção de uma sociedade justa e equitativa.

ATIVIDADES

1 **(Enem)**

O edifício é circular. Os apartamentos dos prisioneiros ocupam a circunferência. Você pode chamá-los, se quiser, de celas. O apartamento do inspetor ocupa o centro; você pode chamá-lo, se quiser de alojamento do inspetor. A moral reformada; a saúde preservada; a indústria revigorada; a instrução difundida; os encargos públicos aliviados; a economia assentada, como deve ser, sobre uma rocha; o nó górdio da Lei sobre os Pobres não cortado, mas desfeito – tudo por uma simples ideia de arquitetura!

BENTHAM, J. *O panóptico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

Essa é a proposta de um sistema conhecido como panóptico, um modelo que mostra o poder da disciplina nas sociedades contemporâneas, exercido preferencialmente por mecanismos

a) Religiosos, que se constituem como um olho divino controlador que tudo vê.
b) Ideológicos, que estabelecem limites pela alienação, impedindo a visão da dominação sofrida.
c) Repressivos, que perpetuam as relações de dominação entre os homens por meio da tortura física.
d) Sutis, que adestram os corpos no espaço-tempo por meio do olhar como instrumento de controle.
e) Consensuais, que pactuam acordos com base na compreensão dos benefícios gerais de se ter as próprias ações controladas.

2 **(PUC-PR)** Considere o excerto a seguir.

O autor do texto apresenta o hábito que os humanos têm de culpar e punir o mensageiro por causa do conteúdo da mensagem que conduzem. Para tanto, fundamenta seu ponto de vista

É um hábito humano – muito humano – culpar e punir os mensageiros pelo conteúdo odioso da mensagem de que são portadores – nesse caso, das enigmáticas, inescrutáveis, assustadoras e corretamente abominadas forças globais que suspeitamos (com boas razões) serem responsáveis pelo perturbador e humilhante sentido de incerteza existencial que devasta e destrói nossa confiança, ao mesmo tempo que solapa nossas ambições, nossos sonhos e planos de vida. E embora quase nada possamos fazer para controlar as esquivas e remotas forças da globalização, podemos pelo menos desviar a raiva que nos provocaram e continuam a provocar, e despejar nossa ira, alternadamente, sobre seus produtos, ao nosso lado e ao nosso alcance. Isso, claro, não vai chegar nem perto das raízes do problema, mas pode aliviar, ao menos por algum tempo, a humilhação provocada por nossa impotência e incapacidade de resistir à debilitante precariedade de nosso lugar no mundo.

BAUMAN, Z. *Estranhos à nossa porta*. Trad.: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2017. p. 21-22.

a) Nos mecanismos de apagamento das consequências das ações globais.
b) Na percepção do panorama gerado pelas forças da globalização.
c) Na precariedade de nosso lugar no mundo diante da crueza de nossa ira.
d) No exemplo de como lidamos com os produtos da globalização.
e) Na humilhação provocada por nossa impotência diante das incertezas.

3 **(Unesp)**

O lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas. A teoria do ponto de vista feminista e lugar de fala nos faz refutar uma visão universal de mulher e de negritude, e outras identidades, assim como faz com que homens brancos, que se pensam universais, se racializem, entendam o que significa ser branco como metáfora do poder.

(Djamila Ribeiro. O que é: lugar de fala?, 2017. Adaptado.)

O excerto aborda um conceito que propõe uma nova perspectiva de análise filosófica, sobretudo em relação

a) ao estabelecimento de uma ética pluralista.
b) à recusa de instituições políticas.
c) ao reconhecimento de um eurocentrismo epistêmico.
d) à negação de hierarquias sociais.
e) à reconstrução de discursos representativos.

4 **Converse com a turma sobre a importância dos influenciadores digitais nas redes sociais contemporâneas, bem como sobre os potenciais perigos associados à sua influência. Considere tanto os impactos positivos quanto os negativos e forneça exemplos para sustentar sua argumentação.**

5 **(Enem)**

Maria da Penha

Você não vai ter sossego na vida, seu moço
Se me der um tapa
Da dona "Maria da Penha"
Você não escapa
O bicho pegou, não tem mais a banca
De dar cesta básica, amor
Vacilou, tá na tranca
Respeito, afinal, é bom e eu gosto

Não escreva no livro.

[...]

Não vem que eu não sou

Mulher de ficar escutando esculacho

Aqui o buraco é mais embaixo

A nossa paixão já foi tarde

[...]

Se quer um conselho, não venha

Com essa arrogância ferrenha

Vai dar com a cara

Bem na mão da "Maria da Penha"

ALCIONE. De tudo o que eu gosto. Rio de Janeiro: Indie; Warner, 2007.

A letra da canção faz referência a uma iniciativa destinada a combater um tipo de desrespeito e exclusão social associado, principalmente, à(s)

a) mudanças decorrentes da entrada da mulher no mercado de trabalho.
b) formas de ameaça doméstica que se restringem à violência física.
c) relações de gênero socialmente construídas ao longo da história.
d) violência doméstica contra a mulher relacionada à pobreza.
e) ingestão excessiva de álcool pelos homens.

6 (Enem)

"Vida perfeita" em redes sociais pode afetar a saúde mental

Nas várias redes sociais que povoam a internet, os chamados *digital influencers* estão sempre felizes e pregam a felicidade como um estilo de vida. Essas pessoas espalham conteúdo para milhares de seguidores, ditando tendência e mostrando um estilo de vida sonhado por muitos, como o corpo esbelto, viagens incríveis, casas deslumbrantes, carros novos e alegria em tempo integral, algo bem improvável de ocorrer o tempo todo, aponta Carla Furtado, mestre em psicologia e fundadora do Instituto Feliciência.

A problemática pode surgir com a busca incessante por essa felicidade, que gera efeitos colaterais em quem consome diariamente a "vida perfeita" de outros. Daí vem o conceito de positividade tóxica: a expressão tem sido usada para abordar uma espécie de pressão pela adoção de um discurso positivo, aliada a uma vida editada para as redes sociais. Para manter a saúde mental e evitar ser atingido pela positividade tóxica, o uso racional das redes sociais é o mais indicado, aconselha a médica psiquiatra Renata Nayara Figueiredo, presidente da Associação Psiquiátrica de Brasília (APBr).

Disponível em: https:/agenciabrasilebc.com.br. Acesso em: 21 nov. 2021 (adaptado)

Associada ao ideário de uma "vida perfeita", a positividade tóxica mencionada no texto é um fenômeno social recente, que se constitui com base em

a) representações estereotipadas e superficiais de felicidade.
b) ressignificações contemporâneas do conceito de alegria.
c) estilos de vida inacessíveis para a sociedade brasileira.
d) atitudes contraditórias de influenciadores digitais.
e) padrões idealizados e nocivos de beleza física.

7 (Uece)

O respeito é um elemento basilar para qualquer bom relacionamento nos mais variados âmbitos do convívio social: profissional, familiar, entre amigos, sexual-afetivo. Mas, é justamente a falta desse elemento que é uma das características ressaltadas do "enxame digital", expressão conceitual desenvolvida pelo filósofo sul-coreano Byung-Chul Han para descrever a situação das relações na rede mundial de computadores, especialmente as que são conduzidas nas chamadas mídias sociais. O respeito, mais precisamente para Han (2018), é o alicerce de qualquer boa relação conduzida na esfera pública, esfera que tem como pressuposto um "não olhar para a vida privada" e, assim, um distanciamento para os acontecimentos da vida íntima e particular de cada indivíduo, porém, neste "enxame digital" aquilo que é promovido é o desmoronamento desse tipo de distância. Em resumo, no "enxame digital" hoje se promove uma "exposição pornográfica" da intimidade que coloca em suspenso um necessário distanciamento da vida privada que é, justamente, enfatiza o filósofo, a base para qualquer bom convívio na esfera pública.

HAN, Byung-Chul. *No enxame*: perspectivas do digital. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

Partindo dessa compreensão do enunciado acima apresentado, é correto afirmar que

a) a esfera pública mencionada por Han pressupõe a restrição do olhar alheio sobre a vida particular para que se cultive o respeito.
b) a intimidade é exposta somente quando existe uma distância social nas relações intermediadas pelo ambiente virtual das redes.
c) um dos modos certos de garantir o respeito nas mídias sociais é a criação de perfis anônimos para a interação entre os usuários.
d) as mídias digitais garantem a autoria da mensagem de quem as envia e isto é o motivo para proliferar desrespeito nas relações sociais.

ESTÚDIO FILOSÓFICO

O LUGAR DE FALA EM DJAMILA RIBEIRO

Neste capítulo, discutimos o conceito de pós-modernidade e, com base nele, exploramos as diversas formas de compreender o mundo e a vida em uma relação crítica com as ideias herdadas do mundo moderno, principalmente a partir do século XVIII, século do pensamento iluminista.

Das críticas mais contundentes à noção de sujeito universal, temos a de que esse modelo supõe uma concepção masculina de identidade e de atuação política, relegando às mulheres o domínio do cuidado e do privado. Universalizar os sujeitos significa não levar em conta os aspectos contingentes e singulares que constituem os processos de subjetivação que produzem sujeitos distintos, que contam com outras formas de viver no mundo. Não reconhecer as diferenças implica deixá-las de fora das discussões mais importantes da sociedade.

Um dos conceitos fundamentais que emerge dessa discussão é o conceito de lugar de fala, abordado pela filósofa brasileira Djamila Ribeiro em seu livro *Lugar de fala*. Vamos conhecer um pouco mais sobre a filósofa e suas ideias acerca desse conceito.

Davi Augusto Studio/ID/BR

OBRAS-CHAVE

- *Cartas para a minha avó* (2021)
- *Pequeno manual antirracista* (2019)
- *Quem tem medo do feminismo negro?* (2018)
- *O que é lugar de fala?* (2017)

PERFIL

Djamila Ribeiro é filósofa, escritora e ativista brasileira, conhecida por sua atuação em defesa dos direitos humanos, especialmente nas questões de racismo e feminismo. Mestre em Filosofia Política pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Ribeiro é autora de obras como *O que é lugar de fala?* e *Pequeno manual antirracista*. Com sua influência nas redes sociais e na mídia, promove diversos debates sobre igualdade racial e de gênero no Brasil.

EM LEITURA

No livro *O que é lugar de fala?*, Djamila Ribeiro explora o conceito de lugar de fala como uma ferramenta essencial para entender as dinâmicas de poder e representatividade nas discussões sociais. Ela argumenta que reconhecer e valorizar as vozes de grupos historicamente marginalizados é crucial para promover a igualdade e a justiça social. Ribeiro enfatiza que cada pessoa fala de acordo com a própria experiência e o contexto social em que está inserida, e que é fundamental ouvir e amplificar as vozes daqueles que foram sistematicamente silenciados. O livro oferece uma reflexão profunda sobre como o racismo, o machismo e outras formas de opressão afetam quem não tem espaço para se expressar e ser ouvido. No trecho a seguir, Ribeiro discute sobre um equívoco muito comum repetido sobre o conceito de lugar de fala.

> Um dos equívocos mais recorrentes que vemos acontecer é a confusão entre lugar de fala e representatividade. Uma travesti negra pode não se sentir representada por um homem branco cis, mas esse homem branco cis pode teorizar sobre a realidade das pessoas trans e travestis a partir do lugar que ele ocupa. Acreditamos que não pode haver essa desresponsabilização do sujeito do poder. A travesti negra fala a partir de sua localização social, assim como o homem branco cis. Se existem poucas travestis negras em espaços de privilégio, é legítimo que exista uma luta para que elas de fato possam ter escolhas numa sociedade que as confina a um determinado lugar; logo, é justa a luta por representação, apesar dos seus limites. Porém, falar a partir de lugares é também romper com essa lógica

Não escreva no livro.

de que somente os subalternos falem de suas localizações, fazendo com que aqueles inseridos na norma hegemônica nem sequer se pensem. Em outras palavras, é preciso cada vez mais que homens brancos cis estudem branquitude, cisgeneridade, masculinos. Como disse Rosane Borges para a matéria "O que é lugar de fala e como ele é aplicado no debate público", pensar lugar de fala é uma postura ética, pois "saber o lugar de onde falamos é fundamental para pensarmos as hierarquias, as questões de desigualdade, pobreza, racismo e sexismo".

Outra crítica, no nosso entendimento, equivocada, que comumente ouvimos é de que o conceito de lugar de fala visa restringir a troca de ideias, encerrar uma discussão ou impor uma visão. [...]

A interrupção do regime de autoridade que as múltiplas vozes tentam promover faz com que essas vozes sejam combatidas de modo a manter esse regime. Existe a tentativa de dizer "voltem para seus lugares", posto que o grupo localizado no poder acredita não ter lugar.

Assim, entendemos que todas as pessoas possuem lugares de fala, pois estamos falando de localização social. E, partir disso, é possível debater e refletir criticamente sobre os mais variados temas presentes na sociedade. O fundamental é que indivíduos pertencentes ao grupo social privilegiado em termos de *locus* social consigam enxergar as hierarquias produzidas a partir desse lugar, e como esse lugar impacta diretamente a constituição dos lugares de grupos subalternizados.

Numa sociedade como a brasileira, de herança escravocrata, pessoas negras vão experenciar racismo do lugar de quem é objeto dessa opressão, do lugar que restringe oportunidades por conta desse sistema de opressão. Pessoas brancas vão experenciar do lugar de quem se beneficia dessa mesma opressão. Logo, ambos os grupos podem e devem discutir essas questões, mas falarão de lugares distintos. Estamos dizendo, principalmente, que queremos e reivindicamos que a história sobre a escravidão no Brasil seja contada por nossas perspectivas também e não somente pela perspectiva de quem venceu, para parafrasear Walter Benjamin, em *Teses sobre o conceito de história*: Estamos apontando para a importância de quebra de um sistema vigente que invisibiliza essas narrativas.

Com todos os limites, o espaço virtual tem sido um espaço de disputas de narrativas, pessoas de grupos historicamente discriminados encontraram aí um lugar de existir. Seja na criação de páginas, *sites*, canais de vídeos, *blogs*. Existe nesse espaço uma disputa de narrativa, mas ainda aquém do ideal por conta das barreiras institucionais que impedem o acesso de vozes dissonantes. Como expressar-se não é um direito garantido a todos e todas, ainda há a necessidade de democratização das mídias e rompimento de um monopólio, a discussão sobre liberdade de expressão também não pode ser pautada unicamente no direito – não absoluto – de expressar opiniões. Friso que mesmo diante dos limites impostos, vozes dissonantes têm conseguido produzir ruídos e rachaduras na narrativa hegemônica, o que, muitas vezes, desonestamente, faz com que essas vozes sejam acusadas de agressivas justamente por lutarem contra a violência do silêncio imposto. O grupo que sempre teve o poder, numa inversão lógica e falsa simétrica causada pelo medo de não ser único, incomodasse com os levantes de vozes. Entretanto, mesmo com essas rachaduras, torna-se essencial o prosseguimento do debate estrutural, uma vez que uma coisa não anula a outra, definitivamente.

Ribeiro, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017. p. 83-85.

PARA CONCLUIR

1 **De acordo com o trecho lido, qual é a diferença entre lugar de fala e representatividade? Como a autora sugere que homens brancos cisgêneros deveriam se envolver na discussão sobre lugar de fala?**

2 **Você concorda com a proposição de que homens brancos cisgêneros devam estudar e refletir sobre branquitude, cisgeneridade e masculinidade a fim de promover uma compreensão justa das hierarquias sociais? Justifique sua resposta com base em exemplos ou argumentos que considere relevantes.**

AMPLIANDO

A SOCIEDADE DO CANSAÇO

Em sua obra *Sociedade do cansaço*, o filósofo Byung-Chul Han argumenta que a sociedade moderna é caracterizada por um excesso de positividade e um imperativo de desempenho. Ele descreve como a pressão para ser produtivo e eficiente em todos os aspectos da vida leva a um estado constante de cansaço e esgotamento.

Para Han, a sociedade atual não é mais disciplinar, como descrito por Michel Foucault, mas uma sociedade de desempenho, na qual a autoexploração e a autorresponsabilização substituem a coerção externa. Nesse contexto, indivíduos se tornam empreendedores de si mesmos, constantemente impulsionados a otimizar suas habilidades e a maximizar seus resultados. Esse cenário resulta em um aumento de distúrbios psicológicos, como depressão, transtornos de ansiedade e ***burnout***, visto que a falha em atingir as expectativas impostas se transforma em autocrítica e sentimento de insuficiência.

burnout: distúrbio emocional com sintomas como exaustão extrema, estresse e esgotamento físico, provocados principalmente por situações de trabalho desgastante.

Além disso, Han sugere que a sociedade do cansaço é marcada por uma superexposição e hiperconectividade proporcionadas pelas tecnologias digitais, que intensificam a pressão para estar constantemente ativo e disponível. Essa incessante demanda por *performance* e conexão acaba minando a capacidade de reflexão e contemplação, essenciais para a saúde mental e o bem-estar.

Byung-Chul Han, portanto, nos alerta para os perigos da hiperatividade e da autoexploração, propondo uma revalorização do ócio, da serenidade e da capacidade de dizer "não" como formas de resistência a essa lógica extenuante. No trecho a seguir, o filósofo comenta sobre os desdobramentos da **atenção multitarefa** que nos é requerida na sociedade atual.

Laurent Viteur/Getty Images

Byung-Chul Han em solenidade em Paris, na França. Foto de 2015.

> O excesso de positividade se manifesta também como excesso de estímulos, informações e impulsos. Modifica radicalmente a estrutura e economia da atenção. Com isso se fragmenta e destrói a atenção. Também a crescente sobrecarga de trabalho torna necessária uma técnica específica relacionada ao tempo e à atenção, que tem efeitos novamente na estrutura da atenção. A técnica temporal e de atenção *multitasking* (multitarefa) não representa nenhum progresso civilizatório. A multitarefa não é uma capacidade para a qual só seria capaz o homem na sociedade trabalhista e de informação pós-moderna. Trata-se antes de um retrocesso. A multitarefa está amplamente disseminada entre os animais em estado selvagem. Trata-se de uma técnica de atenção, indispensável para sobreviver na vida selvagem.
>
> Um animal ocupado no exercício da mastigação de sua comida tem de ocupar-se ao mesmo tempo também com outras atividades. Deve cuidar para que, ao comer, ele próprio não acabe comido. Ao mesmo tempo tem de vigiar sua prole e manter o olho em seu(sua) parceiro(a). Na vida selvagem, o animal está obrigado a dividir sua atenção em diversas atividades. Por isso, não é capaz de aprofundamento contemplativo – nem no comer nem no copular. O animal não pode mergulhar contemplativamente no que tem diante de si, pois tem de elaborar ao mesmo tempo o que tem atrás de si. Não apenas a multitarefa, mas também atividades como jogos de computador geram uma atenção ampla, mas rasa, que se assemelha à atenção de um animal selvagem. As mais recentes evoluções sociais e a mudança de estrutura da atenção aproximam cada vez mais a sociedade humana da vida selvagem. Entrementes, o assédio moral, por exemplo, alcança uma desproporção pandêmica. A preocupação pelo bem viver, à qual faz parte também uma convivência bem-sucedida, cede lugar cada vez mais à preocupação por sobreviver.

Não escreva no livro.

Os desempenhos culturais da humanidade, dos quais faz parte também a filosofia, devem-se a uma atenção profunda, contemplativa. A cultura pressupõe um ambiente onde seja possível uma atenção profunda. Essa atenção profunda é cada vez mais deslocada por uma forma de atenção bem distinta, a hiperatenção (*hyperattention*). Essa atenção dispersa se caracteriza por uma rápida mudança de foco entre diversas atividades, fontes informativas e processos. E visto que ele tem uma tolerância bem pequena para o tédio, também não admite aquele tédio profundo que não deixa de ser importante para um processo criativo. Walter Benjamin chama a esse tédio profundo de um "pássaro onírico, que choca o ovo da experiência. Se o sono perfaz o ponto alto do descanso físico, o tédio profundo constitui o ponto alto do descanso espiritual. Pura inquietação não gera nada de novo. Reproduz e acelera o já existente. Benjamin lamenta que esse ninho de descanso e de repouso do pássaro onírico está desaparecendo cada vez mais na modernidade. Não se "tece mais e não se fia". O tédio seria um "pano cinza quente, forrado por dentro com o mais incandescente e o mais colorido revestimento de seda que já existiu" e no qual "nos enrolamos quando sonhamos". Nos "arabescos de seu revestimento estaríamos em casa". Com o desaparecimento do descanso, teriam se perdido os "dons do escutar espreitando" e desapareceria a "comunidade dos espreitadores". Nossa comunidade ativa é diametralmente oposta àquela. O "dom de escutar espreitando" radica-se precisamente na capacidade para a atenção profunda, contemplativa, à qual o ego hiperativo não tem acesso.

Quem se entedia no andar e não tolera estar entediado, ficará andando a esmo inquieto, irá se debater ou se afundará nesta ou naquela atividade. Mas quem é tolerante com o tédio, depois de um tempo irá reconhecer que possivelmente é o próprio andar que o entedia. Assim, ele será impulsionado a procurar um movimento totalmente novo. O correr ou o cavalgar não é um modo de andar novo. É um andar acelerado. A dança, por exemplo, ou balançar-se, representa um movimento totalmente distinto. Só o homem pode dançar. Possivelmente no andar é tomado por um profundo tédio, de tal modo que por essa crise o tédio transponha o passo do correr para o passo da dança. Comparada com o andar linear, reto, a dança, com seus movimentos revoluteantes, um luxo que foge totalmente do princípio do desempenho.

Com o título *Vita contemplativa* não deveria ser reconjurado aquele mundo no qual esta estava alocada originariamente. Ela está ligada com aquela experiência de ser, segundo a qual o belo e o perfeito é imutável e imperecível e se retrai a todo e qualquer lançar mão humano. Seu humor de fundo é o espanto a respeito do ser-assim das coisas, afastado de toda e qualquer exequibilidade e processualidade. A dúvida moderna cartesiana dissolve o espanto. A capacidade contemplativa não está necessariamente ligada ao ser imperecível. Justamente o oscilante, o inaparente ou o fugidio só se abrem a uma atenção profunda, contemplativa. Só o demorar-se contemplativo tem acesso também ao longo fôlego, ao lento. Formas ou estados de duração escapam à hiperatividade. Paul Cézanne, esse mestre da atenção profunda, contemplativa, observou certa vez que podia ver inclusive o perfume das coisas. Essa visualização do perfume exige uma atenção profunda. No estado contemplativo, de certo modo, saímos de nós mesmos, mergulhando nas coisas. Merleau-Ponty descreve a consideração contemplativa da paisagem como uma alienação ou desinteriorização: "De princípio ele tentou ganhar claridade sobre as camadas geológicas. Depois não se moveu mais do lugar e apenas olhava, até que, como dizia Madame Cézanne, os olhos lhe saltassem da cabeça. [...] A paisagem, dizia ele, pensa-se em mim, eu sou sua consciência". É só a atenção profunda que interliga a "instabilidade dos olhos" gerando o recolhimento, que está em condições de "delimitar as mãos errantes da natureza". Sem esse recolhimento contemplativo, o olhar perambula inquieto de cá para lá e não traz nada a se manifestar. Mas a arte é uma "ação expressiva". O próprio Nietzsche, que substituiu o ser pela vontade, sabe que a vida humana finda numa hiperatividade mortal se dela for expulso todo elemento contemplativo: "Por falta de repouso, nossa civilização caminha para uma nova barbárie. Em nenhuma outra época os ativos, isto é, os inquietos, valeram tanto. Assim, pertence às correções necessárias a serem tomadas quanto ao caráter da humanidade fortalecer em grande medida o elemento contemplativo".

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Rio de Janeiro: Vozes, 2022. *E-book*.

1 **Por que, segundo o texto, a atenção multitarefa pode ser considerada um retrocesso?**

2 **De acordo com o autor, qual seria a importância do tédio para o processo criativo? Você concorda com essa percepção? Por quê?**

3 **Como você relaciona a reflexão desenvolvida pelo autor, no texto lido, ao título da obra *Sociedade do cansaço*?**

4 **Em sua opinião, quais outras características dos modos de vida no mundo contemporâneo podem contribuir para um sentimento crescente de insatisfação e cansaço? De que forma podemos lidar com essas características em busca de um modo de vida mais pleno e satisfatório?**

CAPÍTULO 3

JUVENTUDE PLURAL

1. Para você, o que significa ser jovem? Quais das suas vivências e experiências fazem com que você se sinta jovem?
2. Como você imagina que era a vida de seus avós quando eles tinham a idade que você tem hoje? Quais semelhanças você pensa existir entre a juventude deles e a sua? O que você acha que foi diferente?
3. Como você percebe o papel desempenhado pelos jovens na sociedade brasileira atual? Você se sente atuante nesse papel? Por quê?

Bruna Kater/ID/BR

Juventude

Sim, eu conheço ainda, eu amo ainda,
esse rumor abrindo, luz molhada,
rosa branca! Não, não é solidão,
nem frio, nem boca aprisionada.
Não é pedra nem espessura.
É juventude. Juventude ou claridade,
É um azul puríssimo, propagado,
Isento de peso e crueldade.

ANDRADE, Eugénio. *Poemas*: 1945-1965. Lisboa: Portugália, 1966. p. 129.

Nos capítulos anteriores, você conheceu algumas perspectivas sobre a existência e a condição humana e refletiu sobre as características e os desafios da pós-modernidade. Agora, vai refletir sobre a juventude, sobre o que significa ser jovem e, principalmente, sobre a multiplicidade de juventudes e culturas juvenis, tanto no Brasil atual como em outros lugares e temporalidades.

Como você deve imaginar, ser jovem no Brasil, hoje, talvez seja bastante diferente do que foi, digamos, em Portugal, há oitenta anos. Apesar de ambos os países compartilharem laços históricos e serem o lar de nações falantes de variações de uma mesma língua, existem especificidades culturais e de outras ordens que tornam distintas as experiências de ser um jovem brasileiro ou um jovem português. Isso, é claro, sem levar em consideração o espaço temporal e todas as transformações culturais e sociais que separam a juventude da década de 1940 e a de 2020.

Ainda assim, a experiência da juventude pode apresentar semelhanças. O poema que abre este capítulo, de autoria do poeta português Eugénio de Andrade (1923-2005), apresenta o sentimento do eu lírico a respeito da juventude e, em especial, de sua juventude em Lisboa entre as décadas de 1930 e 1940. Releia-o e, depois, reflita com os colegas: Em que o sentimento de juventude expresso no poema de Eugénio de Andrade se assemelha ou se distingue das experiências e dos sentimentos de vocês?

A juventude é, muitas vezes, compreendida como um momento de transição, uma fase da vida entre a infância e a idade adulta. Mas, afinal de contas, o que significa ser jovem? Talvez essa pergunta não possa ser respondida de forma simples e definitiva. As discussões apresentadas e desenvolvidas nas próximas páginas vão ajudar você a refletir sobre essa questão.

Não escreva no livro.

FALANDO EM GERAÇÃO

Você provavelmente já se deparou com conteúdos na internet mencionando *alphas*, "*gen Z*" (ou "*zennials*"), *millennials*, *boomers*, entre outros termos. Essas expressões são nomes populares pelos quais são conhecidas as pessoas que fazem parte de uma determinada geração, relacionada a um período de tempo; e os conteúdos que as mencionam geralmente comentam ou fazem humor com características comportamentais dessas pessoas, ou até mesmo apontam diferenças, muitas vezes estereotipadas, entre elas. Você sabe o que é uma geração?

De modo resumido, a palavra "geração" se refere ao grupo de indivíduos que nasceram e coexistem (ou coexistiram) em uma determinada época. Dessa forma, você e as pessoas com idades próximas à sua provavelmente fazem parte da mesma geração, assim como seus pais e as demais pessoas com idades próximas à idade deles integram outra geração.

No âmbito das Ciências Humanas, no entanto, a expressão "geração" adquire significados mais complexos, que levam em consideração recortes e características múltiplos, e é utilizada com finalidades diversas.

A temática das gerações começa a ser estudada por autores de diferentes tradições culturais desde meados do século XIX, mas é na primeira metade do século XX, a partir do trabalho de autores como o filósofo espanhol José Ortega y Gasset (1883-1955), que as bases de uma teoria das gerações começam a ser desenvolvidas.

Para Ortega y Gasset, em sua obra *O tema de nosso tempo*, de 1923, uma geração se configura como um compromisso dinâmico entre o indivíduo e a sociedade, no qual os envolvidos, apesar das diferenças que os separam, compartilham o fato de serem pessoas de seu tempo. Nesse sentido, cada geração apresenta e representa uma certa atitude para com a vida, com base na qual percebem a existência.

A perspectiva do filósofo espanhol gira em torno da ideia de um revezamento geracional, especialmente no campo da criação artística e literária, naquilo que classifica como épocas cumulativas e épocas eliminatórias. As épocas cumulativas, também conhecidas como tempos dos velhos, são caracterizadas pela assimilação e continuidade dos valores e costumes dos mais velhos pelos mais jovens, seja na arte, seja na política, na ciência ou em outros campos. Já as épocas eliminatórias, também conhecidas como épocas de juventude, são marcadas pela ruptura e hostilidade pelos jovens a tudo aquilo que não consideram pensado e sentido por eles, isto é, a tudo aquilo que pertence a gerações anteriores.

É com o sociólogo húngaro Karl Mannheim (1893-1947), no entanto, que o conceito de geração se torna mais cristalizado no contexto das Ciências Humanas. Para ele, uma geração não está necessariamente relacionada a uma data de nascimento comum, mas ao processo histórico que jovens de mesma idade compartilham, formando um laço geracional. Para o sociólogo, portanto, esse laço geracional é formado com base na vivência compartilhada por um determinado grupo etário da experiência de descontinuidade e ruptura de uma determinada estrutura ou configuração social. Assim, por exemplo, podemos falar de uma geração de pessoas que cursavam a Educação Básica durante a pandemia de covid-19 (geração *alpha*) diferente de uma geração que, nesse período, ingressava no mercado de trabalho (geração Z).

As teorias geracionais muitas vezes são criticadas por não conseguirem unificar as experiências de todas as pessoas nascidas em uma mesma época e por propagarem estereótipos de comportamento. No entanto, essas discussões têm se tornado comuns em diversas áreas das sociedades, especialmente para entender os hábitos de consumo das gerações mais jovens.

Studio Empreinte/Shutterstock.com/ID/BR; Banco Central do Brasil. Fac-símile: ID/BR

Meme sobre nota de 1 real, que teve sua produção encerrada em 2005. O *meme* faz alusão a objetos comuns às gerações anteriores, porém atípicos, ou até mesmo desconhecidos, para as novas gerações.

Dirceu Portugal/Fotoarena

Estudantes do Ensino Médio usam máscara em sala de aula com número reduzido de alunos e distanciamento entre as cadeiras, durante a pandemia de covid-19. Escola em Campo Mourão (PR), em 2020.

JOVEM: UM SUJEITO SOCIAL

As Ciências Humanas, como o próprio nome sugere, têm o ser humano como principal objeto de estudo. As discussões desenvolvidas nos capítulos anteriores chamaram a atenção para a complexidade dessa temática, bem como para alguns dos temas e questões articulados a esse campo de pesquisa.

Uma das principais formas pela qual o estudo do ser humano é desenvolvido nessa área se dá em sua dimensão social, isto é, em sua relação com outros seres humanos. Nesse sentido, é bastante comum que os diversos indivíduos que compõem a sociedade sejam agrupados em determinadas categorias que levam em consideração características relevantes para essa investigação. Tais grupos são considerados sujeitos sociais.

À primeira vista, a ideia de sujeito pode parecer se referir exclusivamente a indivíduos, mas, quando pensamos em sujeitos sociais, levamos em consideração também o corpo social formado por indivíduos que participam da sociedade e atuam nela a partir da subjetividade que os une, como no caso dos múltiplos sujeitos sociais da pós-modernidade abordados no capítulo anterior.

Você, enquanto jovem, é um sujeito social. Isso significa que a forma como você vivencia e atua na sociedade apresenta algumas características em comum com outros jovens que vivem na mesma época e no mesmo lugar que você. Entretanto, ser jovem não é sua única característica, outros marcadores identitários e sociais, como gênero, cor, classe social, sexualidade, local de origem, entre outros, atravessam a sua vivência, fazendo com que você experimente e vivencie a vida a partir de outras subjetividades e, dessa forma, também integre outros grupos sociais. O sujeito social está inserido em uma estrutura que o influencia, como a cultura, as normas, as instituições e as relações de poder, mas, ao mesmo tempo, ele tem a capacidade de tomar decisões e realizar ações que podem reforçar ou questionar essas estruturas.

Pensar a juventude como categoria social, portanto, requer compreendê-la em sua multiplicidade, levando em consideração as diversas subjetividades que a atravessam. O texto a seguir, do pesquisador Juarez Dayrell, professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), aprofunda essa discussão.

Juventude? Juventudes...

Construir uma definição da categoria juventude não é fácil, principalmente porque os critérios que a constituem são históricos e culturais. Uma série de autores já se debruçou sobre o tema, trazendo importantes contribuições, não sendo meu propósito aqui recuperar toda essa discussão [...]. Neste artigo, me limitarei a explicitar a minha posição, ressaltando a dimensão da diversidade presente na mesma.

Entendemos [...] que a juventude é, ao mesmo tempo, uma condição social e um tipo de representação. Se há um caráter universal dado pelas transformações do indivíduo numa determinada faixa etária, nas quais completa o seu desenvolvimento físico e enfrenta mudanças psicológicas, é muito variada a forma como cada sociedade, em um tempo histórico determinado, e, no seu interior, cada grupo social vão lidar com esse momento e representá-lo. Essa diversidade se concretiza com base nas condições sociais (classes sociais), culturais (etnias, identidades religiosas, valores) e de gênero, e também das regiões geográficas, dentre outros aspectos.

Construir uma noção de juventude na perspectiva da diversidade implica, em primeiro lugar, considerá-la não mais presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social. Significa não entender a juventude como uma etapa com um fim predeterminado, muito menos como um momento de preparação que será superado com o chegar da vida adulta. [...]

[...]

Dessa discussão, entendemos a juventude como parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas que tem especificidades que marcam a vida de cada um. A juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem; ela assume uma importância em si mesma. Todo esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona. Assim, os jovens pesquisados constroem determinados modos de ser jovem que apresentam especificidades, o que não significa, porém, que haja um único modo de ser jovem nas camadas populares. É nesse sentido que enfatizamos a noção de juventudes, no plural, para enfatizar a diversidade de modos de ser jovem existentes. [...]

Dayrell, Juarez. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 24, p. 41-42, set./out./nov./dez. 2003. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n24/n24a04.pdf. Acesso em: 30 jul. 2024.

Não escreva no livro.

Pensando juventudes

Cada componente curricular que integra a área das Ciências Humanas conta com um conjunto de ferramentas, metodologias e até mesmo finalidades a partir das quais analisa seus objetos de estudo. Assim, não é incomum que componentes como História, Psicologia e Filosofia apresentem perspectivas distintas e, em alguns casos, inclusive, conflitantes, ao tratar de um mesmo tema. Os diferentes entendimentos de cada um desses componentes, no entanto, não devem ser considerados respostas isoladas mais ou menos corretas para os grandes questionamentos da área, e sim como partes complementares que podem propiciar melhor compreensão sobre um mesmo tema.

Dessa forma, as pesquisas em Ciências Humanas têm contribuído muito para a compreensão da juventude, especialmente no que se refere aos jovens enquanto sujeitos sociais. Uma das maiores contribuições nesse sentido tem sido o estudo acerca de **culturas juvenis**, que, entre outras coisas, refere-se ao conjunto de crenças, valores, símbolos, normas e práticas compartilhados por determinados jovens. Esse estudo tem contribuído significativamente para entendimentos mais diversos da juventude, que levam em consideração a pluralidade de subjetividades existentes nessa categoria social.

REFLEXÃO

Juventude e territorialidade

Uma das formas de compreender a pluralidade das culturas juvenis é considerar a subjetividade do grupo que se deseja estudar, não como um complemento, mas como elemento central da pesquisa. Nesse sentido, a territorialidade desponta não somente como um espaço inócuo, no qual a juventude transcorre, mas como elemento constitutivo e inseparável dessa juventude. Para pensar juventudes rurais, por exemplo, faz-se necessário repensar o próprio conceito de rural. Sobre essa discussão, leia o texto a seguir.

É corrente tanto no senso comum quanto entre pesquisadores da área das ciências humanas e sociais, a ideia do "fim ou morte do rural". A justificativa é de que com o avanço capitalista, o rural perde sua existência por ser tomado pelas características do urbano moderno e contemporâneo. Porém, é necessário avançar no sentido de problematizar esse pensamento e entender que na verdade pode-se falar em novos conceitos em relação ao rural, tais como novo rural, *continuum* (r)urbano, pluriatividade e capital social, entre outros [...].

Deste modo, as novas formas de pensar o rural ultrapassam a concepção da dicotomia, da polarização e da oposição entre rural e urbano. Quando observamos as realidades urbanas e rurais, entendemos essa relação como permeada de trocas e preservações, consensos e contradições, numa verdadeira complementariedade constituída em seus processos históricos. [...]

[...]

O rural contemporâneo é um imbricado de relações sociais, econômicas e culturais permeadas de características do rural tradicional, mas também do urbano moderno. [...]

[...]

João Prudente/Pulsar Imagens

Jovens aguardam ônibus em praça no município de São Bento do Sapucaí, no interior do estado de São Paulo. Foto de 2023.

Dessa perspectiva, o jovem rural precisa ser pensado em sua heterogeneidade pois, imergidos em contextos rurais marcados por inúmeras mudanças, têm suas vidas forjadas por novas relações, por outras práticas, processos e relações. Quando se pensa o jovem rural apenas na perspectiva do agricultor camponês, esquece-se de que a juventude, como um todo social e em suas mais diversas expressões, deve ser analisada a partir da diversidade e da heterogeneidade. [...]

SANTOS, Rayane de Moura; LUZ, Lila Cristina Xavier. Juventudes rurais: limites e possibilidades teóricas. *Informe econômico (UFPI)*, v. 38, n. 1, jan./jun. 2019. Disponível em: https://periodicos.ufpi.br/index.php/ie/article/view/276. Acesso em: 1º ago. 2024.

1. **Em sua opinião, como uma nova perspectiva a respeito do conceito de rural pode contribuir para uma melhor compreensão acerca das juventudes rurais?**
2. **Como você percebe a influência do território onde vive na forma como experiencia sua juventude?**

A BUSCA PELA AUTENTICIDADE

O que significa ser autêntico? Muito provavelmente você já deve ter se feito essa pergunta alguma vez. A busca pela autenticidade pode ser considerada um comportamento bastante característico da juventude na modernidade.

De forma geral, entende-se a autenticidade como a qualidade ou condição daquilo que é verdadeiro. Em termos de identidade, pode-se pensar em autenticidade como a capacidade de expressar aquilo que se é verdadeiramente.

Passamos os primeiros anos de nossas vidas conhecendo o mundo por meio de nossos sentidos, mas também por intermédio dos adultos que cuidam de nós, que nos ensinam seus costumes, valores, visões de mundo, códigos morais, etc. Dessa forma, nossa experiência é mesclada (ou provida de significado) pela experiência dos adultos que nos cercam.

Com a chegada da adolescência, códigos, costumes e visões de mundo muitas vezes começam a ser questionados à medida que vamos tomando cada vez mais consciência de nossa individualidade e passamos a experimentar novas formas de perceber o que nos cerca.

Nesse sentido, enquanto procuramos descobrir quem somos no mundo, não é incomum que busquemos por experiências que tanto nos aproximem dos grupos dos quais fazemos parte como também por características que nos tornem seres únicos, e é nesse duplo movimento de buscar pertencer e ao mesmo tempo se distinguir que talvez a busca pela autenticidade se torne mais perceptível.

Alguns dos filósofos existencialistas que você conheceu no capítulo 1 desta unidade dedicaram especial atenção à temática da autenticidade. Para Jean-Paul Sartre, por exemplo, a liberdade prescinde da autenticidade, que consiste em tomar consciência de determinada situação, assumindo as responsabilidades e os riscos que tal situação representa. Ao negar quem somos, portanto, estaríamos sendo inautênticos e abdicando da liberdade.

De forma semelhante, a filósofa francesa Simone de Beauvoir afirma que o indivíduo só se torna sujeito em sua autenticidade. Para ela, a autenticidade, assim como sua correlata oposta, a má-fé, não pode ser pensada de forma desvinculada do problema da opressão. Se a liberdade é, por um lado, constitutiva da condição humana, por outro, possibilita o desejo de querer não ser livre. A negação da própria liberdade, portanto, reduziria o sujeito à condição de objeto, e o autêntico, à condição de inautêntico.

INTERAÇÃO

1. **Você se considera uma pessoa autêntica? Por quê?**
2. **Quais situações de seu cotidiano fazem com que você se sinta autêntico e quais não geram esse sentimento em você?**
3. **Em sua opinião, os jovens retratados na foto desta página estão sendo autênticos ou não? Por quê?**

Muito associado ao movimento *geek*, o *cosplay* é uma manifestação artística em que os participantes usam fantasias e acessórios para representar determinados personagens. Nesse contexto, o ato de fantaziar-se é considerado tanto uma expressão individual de autenticidade como de partencimento ao movimento. Na foto, jovens performando *cosplay* durante evento em Colônia, na Alemanha, 2024.

Kadir Ilboga/Anadolu via AFP

Não escreva no livro.

Entre influenciadores e tendências

Como vimos, a experiência da juventude não é um fenômeno isolado, mas sim atravessado por fenômenos sociais, culturais, etc.

Uma das características do mundo contemporâneo é o emprego de tecnologias digitais na mediação de nossas relações: para nos comunicar, geralmente utilizamos aplicativos de mensagens; para compartilhar nossas vivências e experiências com outras pessoas, usamos redes sociais; cada vez mais compramos em lojas virtuais e nos informamos por meio de mídias digitais de diversas naturezas. Dessa forma, é possível afirmar que a experiência do mundo contemporâneo é mediada por telas e algoritmos, tema que será abordado mais adiante.

Uma figura-chave nessa mediação é a do influenciador digital. A ideia de influenciadores surge a partir de uma tendência de *marketing* conhecida como *marketing* da influência, segundo a qual determinados indivíduos exercem influência sobre as decisões de consumo de outros. São considerados influenciadores, portanto, aqueles que preconizam determinada tendência a um determinado grupo (ou rede) sobre o qual exercem influência. Muito importante para essa perspectiva é também o posicionamento do influenciador na rede que pretende influenciar: ele deve estar próximo o suficiente para que se estabeleça um laço de identificação com aqueles a quem deseja influenciar, mas, ao mesmo tempo, distante o suficiente para que as tendências que deseja reproduzir sejam de fato uma novidade para sua rede.

A figura dos influenciadores adquiriu novos contornos no contexto da sociedade em rede, mesclando-se com a emergente figura das **celebridades da internet**. A ideia de celebridade por si só já apresenta diversas características em comum com a do influenciador, como a de divulgar tendências e de representar um determinado ideal de modo de vida e consumo, de forma que não é difícil perceber como as celebridades da internet, em nossa sociedade, muitas vezes adquirem o *status* de **influenciadores digitais**.

O fato de influenciadores digitais atuarem em mídias como redes sociais – as mesmas que utilizamos em nosso cotidiano para compartilhar experiências com nossa rede – muitas vezes transmite uma ideia de informalidade, como se essas pessoas estivessem apenas compartilhando aspectos de seu cotidiano. De certo modo, não é incomum que esses profissionais também compartilhem determinados aspectos de suas vidas pessoais que desejam tornar públicos; porém, ao consumir tais conteúdos, é fundamental levar em consideração que, a despeito do quão natural possam parecer, as relações publicitárias entre marcas e influenciadores são parte fundamental da própria ideia de influenciador e, dessa forma, inseparáveis do conteúdo produzido.

Além disso, também é importante considerar que tais conteúdos passam por um intenso (e profissional) processo de produção, edição e tratamento antes de serem publicados. Assim, não raro o cenário para o qual determinados influenciadores posam, o corpo que exibem, a experiência que divulgam ou o estilo de vida que representam não sejam exatamente tão fantásticos e glamourosos fora das lentes das redes sociais. Um olhar crítico e questionador, portanto, é fundamental para o uso saudável das redes sociais.

Daniel Zuchnik/Getty Images

Em 2021, a maquiadora e influenciadora digital estadunidense Huda Kattan se posicionou publicamente sobre a importância de marcas de beleza serem mais transparentes em relação aos retoques e edições que realizam nas imagens que divulgam. Discursos como esse, que problematizam padrões de beleza irreais disseminados em diversos tipos de mídias, têm se tornado cada vez mais comuns nas últimas décadas. Na foto, a *influencer* posa em loja de cosméticos em Nova York, nos Estados Unidos. Foto de 2024.

INTERAÇÃO

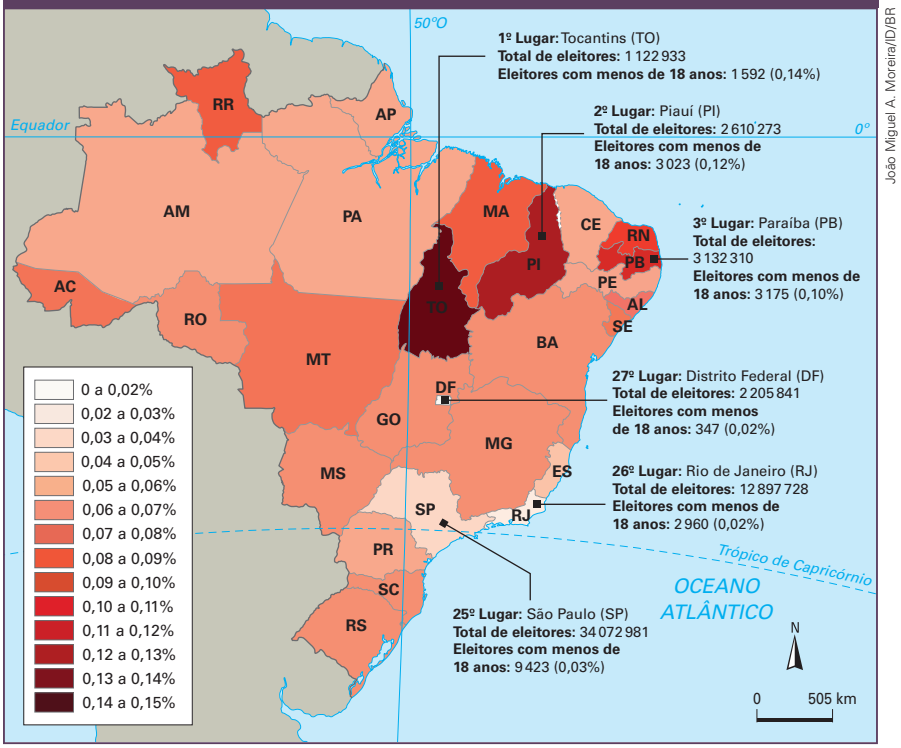
1. **Muitas vezes, o clima de novidade vinculado às tendências divulgadas pelos influenciadores digitais imprime uma ideia de autenticidade a seu conteúdo. Levando em consideração as discussões anteriores sobre autenticidade, bem como seus conhecimentos prévios, responda:**
   - **a)** Você considera a autenticidade importante? Por quê?
   - **b)** Em sua opinião, é possível que a autenticidade exista em uma relação de influência? Comente.

JUVENTUDE E PARTICIPAÇÃO SOCIAL

Como você deve imaginar, os jovens não são sujeitos sociais passivos que apenas recebem e assimilam estímulos do mundo externo. A própria ideia de sujeito social envolve a participação ativa de indivíduos e grupos em processos sociais. Assim, pensar os jovens enquanto sujeitos sociais requer pensá-los em sua participação ativa na sociedade e em seu protagonismo nesses processos.

Existem diversas formas pelas quais os jovens podem exercer seu protagonismo social. Uma delas, e talvez a mais conhecida, é pela participação em processos eleitorais. É por meio das eleições que escolhemos as pessoas e os partidos que nos representarão na esfera política da sociedade. Dessa forma, a escolha de representantes alinhados a nossos ideais e visões de mundo é de vital importância. No Brasil, o voto é obrigatório para pessoas alfabetizadas entre 18 e 70 anos. Porém, pessoas maiores de 16 anos (ou que completem 16 anos até a data do primeiro turno de determinado processo eleitoral) também podem votar. Dados do Tribunal Superior Eleitoral apontam que, até janeiro de 2024, o número de eleitores entre 16 e 17 anos cresceu 14,22% em relação ao último pleito eleitoral municipal, em 2020. Esse dado indica um aumento da participação de jovens na vida política; porém, ainda é necessário que mais jovens se engajem nas eleições para que essa parcela da população seja de fato representada no cenário político.

PARCELA DE ELEITORES COM MENOS DE 18 ANOS POR UNIDADE FEDERATIVA (2024)



João Miguel A. Moreira/ID/BR

Fonte de pesquisa: Número de eleitores jovens volta a crescer em ano de eleições municipais. Tribunal Superior Eleitoral, 28 fev. 2024. Disponível em: https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2024/Fevereiro/jovem-eleitor-volta-a-crescer-em-ano-de-eleicoes-municipais. Acesso em: 2 ago. 2024.

A participação em processos eleitorais não é a única forma pela qual os jovens podem exercer seu protagonismo social. Nesse sentido, o envolvimento em grêmios estudantis, associações comunitárias, voluntariados, coletivos, organizações não governamentais (ONGs) e demais iniciativas da sociedade civil também representam uma grande oportunidade para que a juventude possa se engajar de forma ativa em causas nas quais acredita e que correspondam às suas visões de mundo, bem como à sua busca por uma sociedade justa e igualitária.

Não escreva no livro.

AÇÃO E CIDADANIA

Movimento estudantil

A expressão "movimento estudantil" refere-se ao conjunto de grupos e associações formados por estudantes que atuam em causas políticas, sociais, ambientais, etc., representando seus interesses. Não se trata, portanto, de um movimento unificado, com pautas homogêneas, mas de um movimento que, por tradição, está à frente de lutas e debates de interesse social, especialmente dos relacionados à educação.

Historicamente, o movimento estudantil no Brasil tem desempenhado um papel de grande destaque na luta pela democracia e pela construção de uma sociedade justa e igualitária. O texto a seguir, publicado no portal da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (Ubes), comenta o histórico de luta e atuação do movimento estudantil brasileiro.

Nos anos de golpe e ascensão do fascismo no Brasil, os e as estudantes foram aqueles e aquelas que sempre estiveram na luta em defesa da democracia e de um país soberano para todos. Organizamos os grandes Tsunamis da Educação, ocupamos escolas anunciando a tragédia que seria a implementação do Novo Ensino Médio e contra a PEC 241/2016, que limitava os investimentos na educação e ameaçava o futuro das Universidades e Institutos Federais.

Construímos e ocupamos as ruas por Vida, Pão, Vacina e Educação, mesmo no meio da maior crise sanitária dos últimos tempos, diante de um governo fascista que cortava verba da educação e recusava o plano vacinal. Ocupamos as escolas por todo Brasil e emitimos mais de 2 milhões de títulos de eleitor de estudantes que estavam dispostos a mudar o rumo do país, o exato número que recuperou a nossa democracia.

[...]

Continuaremos na luta para que o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES) vire lei e que contemple estudantes secundaristas, graduandos e pós-graduandos, garantindo que as escolas, Universidades e Institutos Federais se pintem cada vez mais de povo e que garanta sua permanência com qualidade. Para nenhum estudante precisar escolher entre o estudo e o trabalho.

A reconstrução do Brasil e da educação perpassa pelas mãos das e dos estudantes brasileiros, pois somos nós os que sempre estiveram organizados na linha de frente da defesa da democracia e de um Brasil soberano. Somente com muita mobilização coletiva, valores democráticos e investimentos públicos teremos uma educação que esteja à altura dos nossos sonhos.

A RECONSTRUÇÃO do Brasil pelas mãos dos estudantes: 11 de agosto nas ruas em defesa do orçamento da educação e pela revogação do Novo Ensino Médio. União Brasileira dos Estudantes Secundaristas, Rio de Janeiro, [20--]. Disponível em: https://www.ubes.org.br/2023/artigo-a-reconstrucao-do-brasil-pelas-maos-dos-estudantes-11-de-agosto-nas-ruas-em-defesa-do-orcamento-da-educacao-e-pela-revogacao-do-novo-ensino-medio/. Acesso em: 2 ago. 2024.

Leo Bahia/Fotoarena

Entidades estudantis em protesto pela revogação do novo Ensino Médio, que, entre outras medidas, considerava a diminuição da carga horária de componentes curriculares como Filosofia e Sociologia. Brasília (DF), 2023.

1. **Há alguma medida ou projeto de lei relacionado à educação mencionado no texto que você desconheça? Se sim, faça uma pesquisa sobre isso em jornais, revistas ou na internet e, depois, responda:**
   a) Como essa medida ou projeto pode influenciar sua vida como estudante?
   b) Você é a favor ou contra essa medida ou projeto? Por quê?
2. **Como você avalia o protagonismo juvenil exercido pela Ubes?**
3. **Você participa ou gostaria de participar de algum grupo de ativismo formado por estudantes? Por quê?**

ATIVIDADES

1 **Como você estudou neste capítulo, uma das formas pelas quais o conceito de geração pode ser compreendido nas Ciências Humanas é por meio da perspectiva do laço geracional, formado a partir da vivência da experiência de ruptura e descontinuidade compartilhada por um determinado grupo etário. Essa experiência de ruptura pode ser percebida, entre outras formas, com base na análise do discurso de indivíduos sobre temas de relevância social.**

a) Reúnam-se em grupos de até quatro estudantes e dividam-se de forma que cada integrante do grupo fique responsável por entrevistar uma ou mais pessoas das seguintes faixas etárias:
- Nascidos entre os anos 1965 e 1980 (geração X);
- Nascidos entre os anos 1981 e 1996 (geração Y);
- Nascidos entre os anos 1997 e 2010 (geração Z);
- Nascidos a partir do ano de 2010 (geração *alpha*).

b) As entrevistas devem transcorrer de forma semiestruturada: apresentem determinado tema aos entrevistados e os convidem a emitir suas opiniões e posicionamentos sobre o assunto. Os temas que devem ser apresentados aos entrevistados são:
- Política;
- Família;
- Religião.

c) Registrem os conteúdos das entrevistas, preferencialmente de forma escrita e audiovisual. Registrem também informações sobre os entrevistados, como iniciais do nome (sem, no entanto, identificá-los), idade e local de nascimento.

d) Em um dia previamente combinado com o professor, tragam os resultados das entrevistas para a escola; agrupem-se de acordo com a faixa etária dos entrevistados e, então, comparem esses relatos entre si.

e) Por fim, façam uma roda de conversa e discutam suas percepções a respeito das opiniões emitidas pelos entrevistados de cada grupo geracional.

2 **(Uece) No Brasil, para as legislações vigentes, o adolescente é definido pela faixa etária entre 12 a 17 anos. Para a Organização Mundial de Saúde (OMS) uma pessoa jovem é o indivíduo que se encontra em outro parâmetro etário: de 15 a 29 anos de idade. De modo geral, a juventude tem como parâmetro oficial questões que apontam para uma determinada fase de maturação biológica dos seres humanos. Mas, para as ciências sociais como a Sociologia, o significado de "ser jovem" está ligado principalmente a questões socioculturais e se modifica de acordo com outros condicionamentos sociológicos como o de classe social, gênero e raça, por exemplo. Assim, para além de um fato biológico da maturação corporal, "ser jovem", em síntese, para as ciências sociais, não significa seguir determinados padrões de conduta nas sociedades contemporâneas, mas é algo marcado por diversas variáveis.**

No que diz respeito à definição de juventude na perspectiva sociológica, assinale a afirmação verdadeira.

a) A juventude é uma simbolização sobre um estágio natural de desenvolvimento orgânico e, a partir daí, pode ser definida por aspectos culturais e sociais.

b) A juventude é uma fase da vida em que a transgressão e a rebeldia aos padrões conservadores e tradicionais identificam todos que se consideram jovens.

c) A adolescência e o "ser jovem" estão ligados a grupos geracionais mais novos e que se contrapõem às gerações mais velhas em todas as sociedades.

d) O fato de "ser jovem" está fundado em uma fase em que pesam as obrigações da vida adulta diante da moderação de uma vida com diversão e prazeres.

3 **(Enem)**

Em 2000 tivemos a primeira experiência do futebol feminino em um jogo de *videogame*, o Mia Hamm Soccer. Doze anos depois, uma petição *on-line* pedia que a EA Sports incluísse o futebol feminino no Fifa 13. Contudo, só em 2015, com uma nova petição *on-line*, que arrecadou milhares de assinaturas, tivemos o futebol feminino incluído no Fifa 16. Vendo um nicho de mercado inexplorado, a EA Sports produziu o jogo com 12 seleções femininas e o apresentou como inovação. A empresa sabe que mais de 40% dos praticantes de futebol nos EUA são meninas. Para elas, ver o futebol feminino representado em um jogo de *videogame* é extremamente importante. Ter o futebol feminino no Fifa 16 é um grande passo para a sua popularização na luta pela igualdade de gênero, num contexto machista, sexista, misógino e homofóbico.

Disponível em: www.ludopedio.com.br. Acesso em: 5 jun. 2018 (adaptado).

Não escreva no livro.

Os jogos eletrônicos presentes na cultura juvenil podem desempenhar uma relevante função na abordagem do futebol ao

a) disseminarem uma modalidade, promovendo a igualdade de gênero.
b) superarem jogos malsucedidos no mercado, lançados anteriormente.
c) inovarem a modalidade com novas ofertas de jogos ao mercado.
d) explorarem nichos de mercado antes ignorados, produzindo mais lucro.
e) reforçarem estereótipos de gênero masculino ou feminino nos esportes.

4 (UFU)

Para Pais (1990, p. 164), "a cultura pode ser entendida como um conjunto de significados compartilhados; um conjunto de símbolos específicos que simbolizam a pertença a um determinado grupo; uma linguagem com seus específicos usos, particulares rituais e eventos, através dos quais a vida adquire um sentido. Esses 'significados compartilhados' fazem parte de um conhecimento comum, ordinário, quotidiano."

Pais, José Machado. A construção sociológica da juventude-alguns atributos. *Revista Análise social*: Lisboa, vol. XXV, 1990. p. 164.

Considerando-se o excerto acima, é correto afirmar que

a) a juventude pode ser estudada como uma categoria social na qual é possível estabelecer similaridades e diferenças sociais.
b) a cultura juvenil, para as Ciências Sociais, estabelece padrões individuais e próprios em todos os grupamentos humanos.
c) a juventude não pode ser estudada como uma categoria social, porque os jovens não estão no mercado de trabalho, e trabalho é a categoria fundamental para as Ciências Sociais.
d) a juventude é um problema social que deve ser enfrentado pelo Estado e pela Economia, mas está distante de se tornar um problema sociológico, pois carece de teorias próprias.

5 (Enem)

"Vida perfeita" em redes sociais pode afetar a saúde mental

Nas várias redes sociais que povoam a internet, os chamados *digital influencers* estão sempre felizes e pregam a felicidade como um estilo de vida. Essas pessoas espalham conteúdo para milhares de seguidores, ditando tendências e mostrando um estilo de vida sonhando por muitos, como o corpo esbelto, viagens incríveis, casas deslumbrantes, carros novos e alegria em tempo integral, algo bem improvável de ocorrer o tempo todo, aponta Carla Furtado, mestre em psicologia e fundadora do Instituto Feliciência.

A problemática pode surgir com a busca incessante por essa felicidade, que gera efeitos colaterais em quem consome diariamente a "vida perfeita" de outros. Daí vem o conceito de positividade tóxica: a expressão tem sido usada para abordar uma espécie de pressão pela adoção de um discurso positivo, aliada a uma vida editada para as redes sociais. Para manter a saúde mental e evitar ser atingido pela positividade tóxica, o uso racional das redes sociais é o mais indicado, aconselha a médica psiquiatra Renata Nayara Figueiredo, presidente da Associação Psiquiátrica de Brasília (APBr).

Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br. Acesso em: 21 nov. 2021 (adaptado).

Associada ao ideário de uma "vida perfeita", a positividade tóxica mencionada no texto é um fenômeno social recente, que se constitui com base em

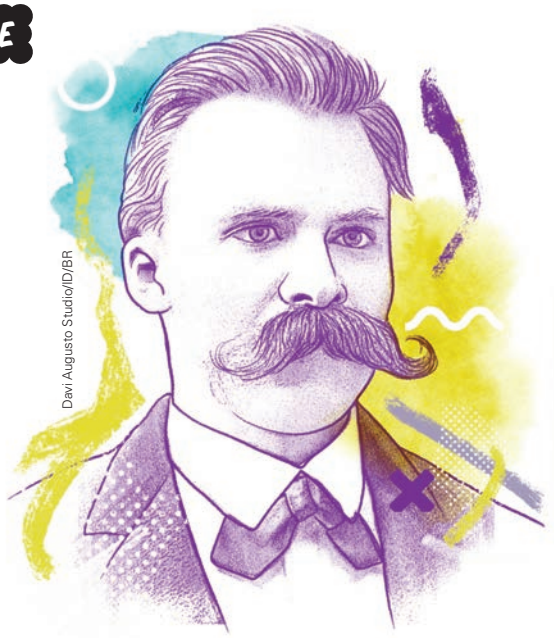
a) representações estereotipadas e superficiais de felicidade.
b) ressignificações contemporâneas do conceito de alegria.
c) estilos de vida inacessíveis para a sociedade brasileira.
d) atitudes contraditórias de influenciadores digitais.
e) padrões idealizados e nocivos de beleza física.

ESTÚDIO FILOSÓFICO

CONSELHOS À JUVENTUDE EM NIETZSCHE

Neste capítulo, você refletiu sobre os significados de juventude, levando em consideração a pluralidade de visões a respeito desse tema, principalmente no que se refere às pesquisas na área de Ciências Humanas que investigam as culturas juvenis.

O pensamento do filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900) a respeito da juventude, que você conhecerá nesta seção, também apresenta importantes reflexões sobre essa temática.



Davi Augusto Studio/ID/BR

O conceito de *Amor Fati*

PERFIL

Nascido em Röcken, na atual Alemanha, Friedrich Nietzsche foi um filósofo, filólogo, poeta e crítico cultural, cujas ideias provocaram profundas transformações no pensamento ocidental. Em sua obra, Nietzsche frequentemente desafiava as convenções morais, religiosas e filosóficas de sua época, apresentando conceitos inovadores como o "eterno retorno", a "vontade de poder" e a ideia do "super-homem" (*übermensch*). Apesar de suas ideias terem sido controversas e, em alguns momentos, até malvistas, Nietzsche é hoje reconhecido como um dos filósofos mais influentes e provocativos da era moderna.

OBRAS-CHAVE

- *O crepúsculo dos ídolos* (1889)
- *Além do bem e do mal* (1889)
- *A genealogia da moral* (1887)
- *Assim falou Zaratustra* (1883)
- *A gaia ciência* (1882)
- *Humano, demasiado humano* (1876-1880)
- *A filosofia na era trágica dos gregos* (1874)
- *A origem da tragédia: ou os gregos e o pessimismo* (1872)

EM LEITURA

Em sua obra *Assim falou Zaratustra*, Nietzsche aborda a transformação espiritual e filosófica necessária para que o ser humano transcenda suas limitações atuais, tornando-se o que ele considera um *übermensch*, isto é, o "super-homem", aquele que cria os próprios valores e vive de acordo com uma moralidade que ele próprio estabelece.

O trecho a seguir apresenta conselhos nesse sentido, proferidos pelo filósofo Zaratustra, personagem central do livro, a um jovem.

> Zaratustra havia percebido que um jovem o evitava. E uma noite, quando ia pelos montes que rodeiam a cidade conhecida como A Vaca Malhada, eis que encontrou esse jovem, sentado no chão e encostado numa árvore, observando o vale com um olhar cansado. Zaratustra agarrou a árvore junto à qual o jovem estava sentado e assim falou:
>
> "Se eu quisesse balançar essa árvore com as duas mãos, não conseguiria.
>
> Mas o vento, que nós não vemos, pode atormentá-la e dobrá-la como quiser. É por mãos invisíveis que somos atormentados e dobrados da pior maneira."
>
> Levantou-se então o jovem, assustado, e disse: "Ouço Zaratustra, e nesse momento pensava nele".
>
> Respondeu Zaratustra: "E te espantas por causa disso? — Com o homem sucede o mesmo que com a árvore.

Não escreva no livro.

Quanto mais quer alcançar as alturas e a claridade, tanto mais suas raízes se inclinam para a terra, para baixo, penetram na escuridão, na profundeza — no mal".

"Sim, no mal!", exclamou o jovem. "Como foi possível que descobriste a minha alma?"

Zaratustra sorriu e falou: "Algumas almas jamais descobrimos, a não ser que antes as inventemos".

"Sim, no mal!", tornou a exclamar o jovem.

"Disseste a verdade, Zaratustra. Já não confio em mim mesmo, desde que quero alcançar as alturas, e ninguém mais confia em mim — como pode acontecer isso?

Eu me transformo depressa demais: meu hoje contraria meu ontem. Com frequência pulo degraus ao subir — isso nenhum degrau me perdoa.

Estando lá em cima, sempre me vejo só. Ninguém fala comigo, o gelo da solidão me faz tremer. Que quero eu nas alturas, afinal?

Meu desprezo e meu anseio crescem um com o outro; quanto mais subo, tanto mais desprezo aquele que sobe. Que quero eu nas alturas, afinal?

Como me envergonho do meu subir e tropeçar! Como escarneço do meu forte arquejar! Como odeio aquele que voa! Como estou cansado nas alturas!"

Nisso o jovem se calou. Zaratustra olhou a árvore junto à qual estavam e assim falou:

"Essa árvore está sozinha aqui na montanha; cresceu muito acima dos homens e dos animais.

E, se quisesse falar, não teria ninguém que a compreendesse: tão alto cresceu.

Agora ela espera e espera — mas pelo que espera? Ela habita perto demais das nuvens: será que espera pelo primeiro raio?"

Depois que Zaratustra falou isso, o jovem exclamou com gestos veementes: "Sim, Zaratustra, tu falas a verdade. Eu ansiava pelo meu declínio quando desejava subir às alturas, e tu és o raio pelo qual esperava! Olha: que sou eu ainda, depois que nos apareceste? Foi a inveja de ti que me destruiu!" — Assim falou o jovem, e chorou amargamente. Mas Zaratustra pôs o braço ao seu redor e o levou consigo.

E, quando haviam caminhado juntos por um momento, Zaratustra se pôs a falar assim:

Isso me parte o coração. Mais do que tuas palavras, teus olhos me falam do teu perigo.

Ainda não és livre, ainda procuras a liberdade. Tua procura te deixou tresnoitado e insone.

Queres chegar às livres alturas, tua alma anseia por estrelas. Mas também teus maus impulsos anseiam por liberdade.

Sim, conheço o teu perigo. Por meu amor e por minha esperança, porém, eu te suplico: não jogues fora teu amor e tua esperança! Ainda te sentes nobre, e nobre ainda te sentem os outros também, os que te guardam antipatia e te lançam olhares maus. Aprende que um nobre é um obstáculo no caminho de todos.

Também para os bons há um nobre em seu caminho: e, mesmo se o chamam de bom, querem com isso afastá-lo dali.

Coisas novas quer criar o nobre, e uma nova virtude. Coisas velhas quer o bom, e que o velho seja preservado.

Mas o perigo do homem nobre não é tornar-se um bom, e sim um impudente, um zombador, um destruidor.

Ah, eu conheci homens nobres que perderam sua mais alta esperança. E então caluniaram todas as altas esperanças.

Então passaram a viver de forma impudente, em breves prazeres, sem cultivar uma meta para além do dia.

"Espírito é também volúpia!" — diziam eles. Nisso quebraram-se as asas do seu espírito: agora ele rasteja por aí, sujando aquilo que rói.

Outrora pensavam em se tornar heróis: agora são libertinos. O herói é, para eles, um desgosto e um horror.

Mas por meu amor e minha esperança eu te suplico: não lances fora o herói que há em tua alma! Mantém sagrada a tua mais alta esperança!

Assim falou Zaratustra.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*: um livro para todos e para ninguém. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. *E-book*.

PARA CONCLUIR

1 **Por que, em sua opinião, Zaratustra afirma que o jovem ainda não é livre?**

2 **Em sua opinião, qual é o tema central do conselho de Zaratustra ao jovem?**

3 **Como você relaciona os conselhos oferecidos por Zaratustra, apresentados nesse trecho, à discussão sobre juventude desenvolvida neste capítulo?**

PRÁTICAS DE PESQUISA

A FELICIDADE COMO PROBLEMA FILOSÓFICO

Para começar

Você já se perguntou o que significa ser feliz? Muitos filósofos como Aristóteles, Epicuro, Séneca, Kant, entre outros, buscaram a definição de felicidade. Por extensão, essa busca tem se constituído como um problema filosófico (isto é, uma questão aberta que pode encerrar diversas respostas, porém sem que elas sejam consideradas definitivas) recorrente na reflexão de pensadores das mais variadas épocas e tradições filosóficas.

Cotidianamente, somos bombardeados com diversos ideais de felicidade provenientes dos mais variados discursos e perspectivas. Como vimos, a ausência de consenso, ou melhor, a coexistência de múltiplas narrativas a respeito dos temas que envolvem nossa existência pode ser considerada uma característica marcante da sociedade pós-moderna. Nesse sentido, a definição de felicidade, que por si só já se configura um problema filosófico, adquire ainda mais complexidade quando levamos em consideração a multiplicidade de sujeitos e suas visões sobre o assunto.

Nesta seção, faremos uma revisão bibliográfica visando identificar as contribuições de filósofos contemporâneos para essa discussão.

O problema

Se um problema filosófico se constitui como uma questão sem resposta definitiva, como a Filosofia pode contribuir para melhor compreendermos a felicidade?

O texto a seguir, de Rafael Rodrigues Pereira, professor de Filosofia da Universidade Federal de Goiás (UFG), reflete sobre essa questão.

> Como a filosofia pode nos ajudar a discutir a felicidade? E como este tipo de discussão pode efetivamente contribuir para sermos felizes? [...]
>
> Em primeiro lugar, é preciso considerar que a maneira pela qual entendemos a felicidade nos dias de hoje é diferente de como os antigos a entendiam, ou, pelo menos, os filósofos antigos. De fato, a discussão sobre "o que é a felicidade" é um dos temas centrais da filosofia grega e romana. O fato de eles acreditarem que este assunto poderia ser discutido de uma maneira intelectualmente robusta já mostra que para eles a felicidade era entendida de forma mais objetiva do que nos dias de hoje.
>
> A felicidade – ou *eudaimonia*, como eles diziam – não corresponde apenas à satisfação de desejos que já temos, mas sim a um padrão de boa vida que estabelece aquilo que devemos desejar. Esse tipo de abordagem perdeu força nos dias de hoje, em parte devido ao desenvolvimento das democracias liberais modernas, muito cautelosas acerca da possibilidade de certos grupos tentarem impor seus valores sobre outros. A felicidade, assim, individualizou-se e subjetivou-se. Desde que não interfiramos nos direitos dos outros, estamos livres para sermos felizes como bem entendermos.
>
> [...]
>
> Nesse sentido, embora não seja possível e nem desejável voltar ao passado, acredito que alguns elementos da maneira pela qual os filósofos antigos lidavam com esta questão podem ser úteis para nós. [...]
>
> PEREIRA, Rafael Rodrigues. Filosofia e felicidade. *Jornal UFG*, Goiânia, 18 jan. 2019. Disponível em: https://jornal.ufg.br/n/113116-filosofia-e-felicidade. Acesso em: 2 ago. 2024.

De forma semelhante, nesta seção vamos revisar a produção filosófica de filósofos e filósofas do século XX, buscando elementos que possam nos auxiliar nessa reflexão.

A investigação

- Prática de pesquisa: revisão bibliográfica

Material

- Livros e periódicos para consulta
- Dispositivo com acesso à internet
- Folhas para anotações, lápis e caneta ou *software* de processamento de texto

Procedimentos

Parte I – Delimitação do tema da pesquisa

1 **Em um dia previamente combinado com o professor, reúnam-se na sala de informática ou na biblioteca da escola ou do município. Façam uma pesquisa para identificar filósofos que tenham abordado a temática da felicidade em suas obras. Tentem identificar pelo menos quatro filósofos de diferentes épocas e tradições que tenham se dedicado a esse assunto.**

2 **Em seguida, dividam-se em grupos, de forma que cada grupo fique responsável por desenvolver a pesquisa sobre um dos filósofos identificados.**

Não escreva no livro.

Parte II – Aprofundamento e levantamento bibliográfico

1. Pesquisem em livros, *sites* e periódicos especializados sobre os dados biográficos do filósofo pelo qual o grupo ficou responsável. Nessa pesquisa, busquem também identificar em quais obras o filósofo em questão aborda a temática da felicidade.
2. Façam uma leitura exploratória das obras pesquisadas, identificando as principais considerações do autor sobre o tema em questão, e anotem as informações encontradas.
3. Discutam entre si o que entenderam das considerações apresentadas pelo autor. Caso tenham dúvidas, anotem-nas para que sejam retomadas na próxima etapa.
4. Façam uma nova pesquisa, em *sites* e periódicos especializados, para identificar o que já foi pesquisado e discutido no campo da Filosofia a respeito da forma como o autor escolhido trata o tema da felicidade. Para isso, vocês poderão consultar *sites* como a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/); a plataforma de compartilhamento de publicações científicas Scielo (disponível em: https://www.scielo.br/); o portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes – disponível em: https://www.periodicos.capes.gov.br/); bibliotecas e bancos de teses de instituições de ensino e pesquisa; e ferramentas de busca como o Google Acadêmico (disponível em: https://scholar.google.com.br/; acessos em: 3 ago. 2024), utilizando palavras-chave como o nome do autor entre aspas acompanhado da palavra "felicidade".
5. Façam uma leitura exploratória dos artigos e publicações encontrados, identificando quais deles são relevantes para que vocês compreendam a visão de felicidade proposta pelo filósofo pesquisado. Busquem também, nessa leitura, responder às possíveis dúvidas que tenham sido identificadas no item 3.
6. Anotem as principais ideias apresentadas nessas publicações acerca do tema pesquisado.

Parte III – Síntese e redação

1. Reúnam-se e retomem as anotações feitas durante a pesquisa. Depois, discutam as informações levantadas buscando identificar como elas os ajudam a compreender a temática da felicidade na perspectiva do filósofo pesquisado.
2. Sintetizem essas informações em um texto que indique quem foi o filósofo pesquisado; o que ele ou ela discorre sobre a felicidade; e as contribuições feitas pelos autores dos artigos e das publicações complementares para um melhor entendimento do pensamento desse filósofo e de sua perspectiva.
3. Releiam e revisem o texto, fazendo as correções necessárias, e produzam sua versão final.

Questões para discussão

1. Quais facilidades e dificuldades foram observadas pelo grupo durante o processo de pesquisa?
2. O grupo concorda com a visão de felicidade exposta pelo filósofo pesquisado? Por quê?
3. Alguma outra temática abordada pelo filósofo pesquisado chamou a atenção do grupo? Se sim, qual e por quê?
4. A pesquisa desenvolvida impactou de alguma forma as percepções pessoais dos integrantes do grupo acerca da felicidade? Em caso afirmativo, que impacto foi esse?

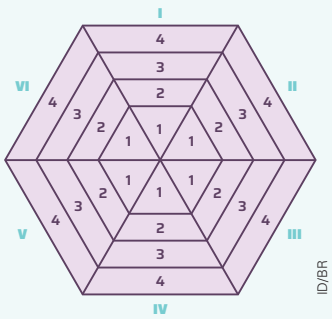
Comunicação dos resultados

Compartilhem com a turma os resultados da pesquisa por meio da apresentação de um seminário. Para tanto, estudem o conteúdo do texto produzido e dividam-se de forma que cada integrante do grupo apresente uma parte da pesquisa. Definam o tempo de apresentação de cada grupo com o professor e o restante da turma. Planejem a apresentação do seminário e ensaiem-na previamente, levando em consideração o tempo definido para cada grupo. Se julgarem pertinente, produzam elementos visuais, como uma apresentação de *slides* que possa auxiliar e complementar a exposição.

Após a apresentação dos seminários, reúnam-se em uma roda de conversa e discutam as diferentes perspectivas identificadas e os filósofos apresentados, especialmente no que se refere às semelhanças e às diferenças no modo como a felicidade é abordada.

O QUE APRENDI: AUTOAVALIAÇÃO

PARTE A



ID/BR

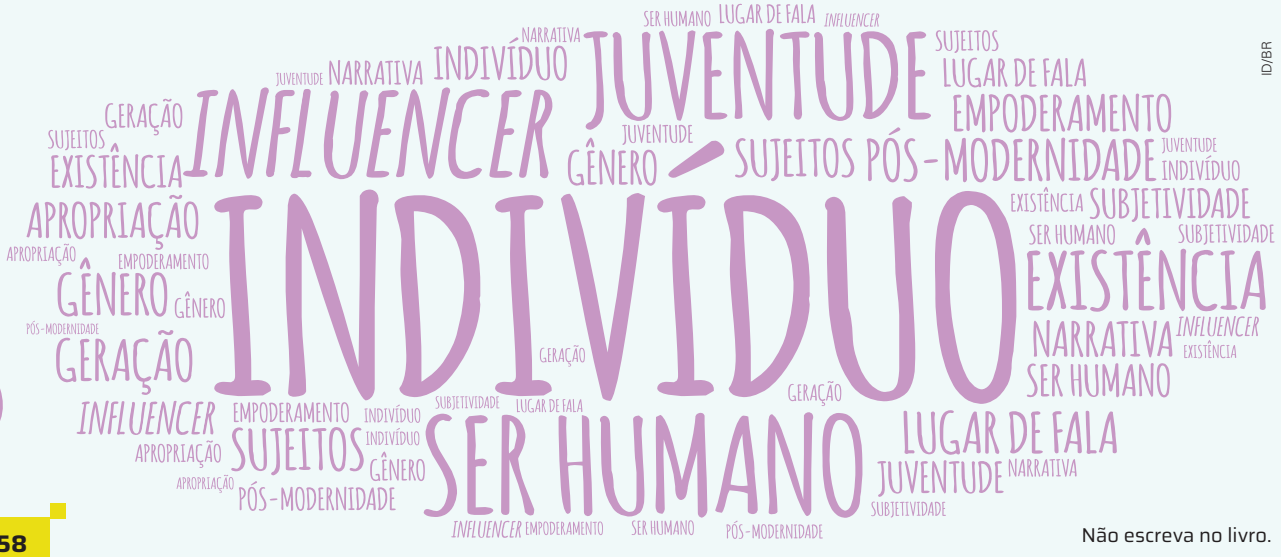
Como você acha que foi seu desempenho ao longo desta unidade?

- Reproduza no caderno a figura ao lado, renumerando-a conforme o modelo.
- Agora, leia as perguntas da tabela **A** e as possíveis respostas na tabela **B**.

TABELA A
I. Realizei as leituras e atividades no tempo planejado?
II. Respeitei todas as regras de trabalho e colaborei com o professor e os colegas?
III. Fui proativo na execução de atividades em grupo ou dupla?
IV. Mantive minhas anotações organizadas?
V. Desenvolvi as propostas de trabalho de modo autônomo e responsável?
VI. Utilizei materiais complementares para estudar?

TABELA B		
Campos para colorir	**Respostas**	**Cor indicada**
1	Nunca	Vermelho
2	Às vezes	Laranja
3	Sempre	Amarelo
4	Superei minhas expectativas	Verde

- Inicie a autoavaliação, respondendo a cada uma das perguntas presentes na tabela **A**. Como resposta a cada pergunta, escolha entre as opções de 1 a 4.
- No caderno, pinte a figura, preenchendo os campos nas cores correspondentes às suas respostas, conforme indicado na tabela **B**. Por exemplo: Se na primeira pergunta da tabela **A** você respondeu que "Sempre" realizou as leituras e atividades no tempo planejado, deverá pintar de amarelo o campo 3 no eixo da pergunta I.
- Ao final, some os pontos dos campos coloridos e, no decorrer do estudo do volume, compare-os com as pontuações entre as unidades.



ID/BR

Não escreva no livro.

PARTE B

Para avaliar o que você aprendeu, reúna-se em dupla ou em grupo e comente suas respostas às seguintes questões:

Capítulo 1 – Afinal, o que significa ser humano?

1. Refleti sobre o ser humano e a condição humana?
2. Conheci o conceito de individuação e sua aplicação na história da Filosofia?
3. Problematizei a ideia de sujeito universal, reconhecendo as diversas possibilidades de existência?
4. Questionei as relações entre indivíduos e sociedade?

Capítulo 2 – Um mundo pós-moderno

5. Compreendi o conceito de pós-modernidade?
6. Identifiquei as características e os dilemas do mundo pós-moderno?
7. Refleti sobre a hiperconectividade e a forma como ela influencia nosso cotidiano na atualidade?
8. Reconheci a pluralidade de sujeitos existentes?
9. Compreendi os conceitos de interseccionalidade, apropriação e lugar de fala?

Capítulo 3 – Juventude plural

10. Reconheci a juventude como uma categoria social plural?
11. Refleti sobre o conceito de geração e suas contribuições para a compreensão da juventude?
12. Compreendi o que é um sujeito social?
13. Compreendi a busca pela autenticidade como uma característica do mundo contemporâneo?
14. Conheci formas pelas quais os jovens podem exercer protagonismo social?

Thiago Limón/ID/BR

Não escreva no livro.

PARA IR ALÉM

Capítulo 1 – Afinal, o que significa ser humano?

O enigma de Kaspar Hauser

O filme aborda temáticas como sociedade, ciência e religião ao contar a história da personagem Kaspar Hauser, um homem que passou sua vida inteira trancado como prisioneiro, desconhecendo o mundo exterior, na cidade de Nuremberg, Alemanha, em 1828.

O enigma de Kaspar Hauser. Direção: Werner Herzog. Alemanha, 1974 (110 min).

Werner Herzog Filmproduktion/ID/BR

Record/Arquivo da editora

O mito de Sísifo

Nesse ensaio, inspirado no mito grego de Sísifo, Albert Camus argumenta que, embora os seres humanos vivam em busca de um sentido para a vida, acabam por se deparar com um mundo desconexo, ininteligível e sem sentido. Para o autor, encarar o absurdo do mundo e assumir a revolta despontam como uma solução para a ausência de sentido.

Camus, Albert. *O mito de Sísifo*. Rio de Janeiro: Record, 2018.

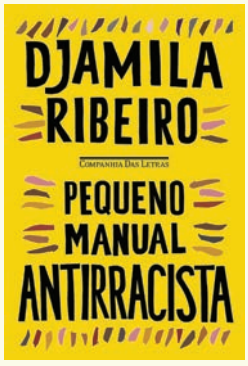
Companhia das Letras/Arquivo da editora

Futuro ancestral

Nessa obra, o ambientalista e filósofo Ailton Krenak faz provocações ao leitor sobre as possibilidades de futuro que imaginamos e construímos, convidando-nos a repensar esse futuro com base em perspectivas ancestrais.

Krenak, Ailton. *Futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

Capítulo 2 – Um mundo pós-moderno



Companhia das Letras/Arquivo da editora

Pequeno manual antirracista

Nesse livro, Djamila Ribeiro discute o racismo estrutural no Brasil, explorando nuances e subjetividades que muitas vezes passam despercebidas pelo olhar de pessoas que não vivenciam diretamente essa forma de violência. A partir dessa discussão, a autora apresenta e discute práticas antirracistas que podem e devem ser adotadas por todas as pessoas comprometidas com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Ribeiro, Djamila. *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

20th Century Fox/ID/BR

Estrelas além do tempo

Baseado em fatos reais, o filme narra a história de três mulheres negras estadunidenses, Katherine Johnson, Dorothy Vaughan e Mary Jackson, que desempenharam papéis cruciais na Nasa durante a corrida espacial da década de 1960, enfrentando o racismo e o sexismo em um ambiente predominantemente masculino e branco.

Estrelas além do tempo. Direção: Theodore Melfi. Estados Unidos, 2016 (127 min).

Não escreva no livro.

Disponível em: https://www.geledes.org.br/. Acesso em: 4 set. 2024.

Portal Geledés

Portal da organização brasileira Geledés, formada por mulheres negras que, desde o final década 1980, estudam, discutem e atuam socialmente em temas relacionados às identidade negras – especialmente as femininas – e no combate ao racismo e ao sexismo. O *site* traz artigos, matérias e projetos da organização.

Portal Geledés. Disponível em: https://www.geledes.org.br/. Acesso em: 3 ago. 2024.

Capítulo 3 – Juventude plural

Disponível em: https://atlasdasjuventudes.com.br/. Acesso em: 2 set. 2024.

Atlas das Juventudes

Desenvolvida pelas redes de organizações Em Movimento e Pacto das Juventudes pelos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), a plataforma produz, sistematiza e dissemina dados sobre as juventudes, além de promover projetos e iniciativas que buscam favorecer o potencial e o protagonismo de jovens brasileiros.

Atlas das Juventudes. Disponível em: https://atlasdasjuventudes.com.br/. Acesso em: 3 ago. 2024.

Disponível em: https://observatoriodajuventude.ufmg.br/livros-links-artigos-2/. Acesso em: 4 set. 2024.

Fanzines Juventude (in/em) Formação

A série de *fanzines* produzida pelo Observatório da Juventude, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), propõe reflexões sobre temas relacionados às questões sociais e alguns desafios vivenciados pelas juventudes brasileiras.

Fanzines Juventude (in/em) Formação. Disponível em: https://observatoriodajuventude.ufmg.br/livros-links-artigos-2/. Acesso em: 3 jul. 2024.

EM BUSCA DA VERDADE

ORGANIZAR IDEIAS

As primeiras universidades europeias foram criadas ainda durante a Idade Média. Essas instituições de ensino estavam ligadas à Igreja católica ou às cortes reais e, por meio de suas atividades de pesquisa e produção do saber, desempenharam um importante papel no desenvolvimento científico e do pensamento ocidental como um todo.

1. **Como você imagina que eram as primeiras universidades europeias? Quais assuntos eram ensinados nessas instituições e a quem eles eram destinados?**
2. **Que papel é desempenhado pelas universidades no contexto atual? Como as produções científicas das universidades impactam sua vida?**
3. **Você já ouviu a expressão que dá nome a esta unidade? Em que contexto(s)? Compartilhe suas percepções com os colegas.**

PRINCIPAIS PROBLEMAS FILOSÓFICOS

- O que é a verdade?
- Qual é o princípio fundante das coisas?
- Como conhecer o Universo?

A Universidade de Oxford foi fundada em 1096, na região que hoje corresponde à Inglaterra. Ela é considerada uma das instituições de ensino superior mais antigas da Europa. Foto de 2024.

UNIDADE 2

4 Onde está a verdade?

5 Desenvolvimento do pensamento ocidental

6 Ciência ocidental moderna

Steve Speller/Alamy/Fotoarena

CAPÍTULO 4 CAPÍTULO 4 CAPÍTULO 4

ONDE ESTÁ A VERDADE?

1. No poema a seguir, Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) afirma que as duas metades da verdade, cada uma delas representada por meio perfil, não coincidem. Leia o texto e responda: O que você pode inferir dessa não correspondência entre as duas metades da verdade?
2. Explique os dois versos que encerram o poema, relacionando-os à possibilidade de que a verdade assuma vários sentidos.

Linoca Souza/ID/BR

Verdade

A porta da verdade estava aberta,
mas só deixava passar
meia pessoa de cada vez.

Assim não era possível atingir toda a verdade,
porque a meia pessoa que entrava
só trazia o perfil de meia verdade.

E sua segunda metade
voltava igualmente com meio perfil.
E os dois meios perfis não coincidiam.

Arrebentaram a porta. Derrubaram a porta.
Chegaram a um lugar luminoso
onde a verdade esplendia seus fogos.
Era dividida em duas metades,
diferentes uma da outra.

Chegou-se a discutir qual a metade mais bela.
As duas eram totalmente belas.
Mas carecia optar. Cada um optou conforme
seu capricho, sua ilusão, sua miopia.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Verdade. *In*: ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002. *E-book*.

Para responder à questão que nomeia este capítulo, é preciso antes compreender o que é a verdade. Isso, entretanto, não é uma tarefa simples, pois a sua definição é complexa, variando conforme a cultura e o contexto histórico de cada tempo e lugar.

Segundo o historiador francês Marc Bloch (1886-1944), as sociedades mudam o sentido que atribuem às coisas, usando, no entanto, as mesmas palavras para descrevê-las. Dessa forma, torna-se quase impossível analisar as experiências dos diversos povos e sociedades como um conjunto imutável de conceitos, os quais se pretende considerar de uso universal.

A definição de verdade e os diferentes sentidos que esse termo pode adquirir já inspiraram artistas e poetas ao longo da história. No poema lido, por exemplo, Drummond nos provoca a refletir sobre o significado da verdade.

Não escreva no livro.

A BUSCA PELA VERDADE: QUESTÕES FILOSÓFICAS

A partir da reflexão anterior, podemos perceber que definir o que é verdade é muito mais complexo do que imaginávamos à primeira vista, podendo ter e sugerir sentidos diferentes, tanto em relação às percepções e aos usos cotidianos que fazemos da palavra quanto ao plano teórico dos conceitos e das reflexões filosóficas. Tudo isso nos informa, portanto, que precisamos mergulhar mais fundo em certos aspectos das noções de verdade para que, dessa forma, possamos compreender melhor alguns desses sentidos.

As Ciências Humanas como um todo – Filosofia, Geografia, História, Sociologia, entre outras – são essenciais para esse tipo de análise e reflexão, justamente porque se propõem, a partir de óticas diferentes, a compreender aspectos das relações sociais e das características que organizam a vida mental e a vida social dos indivíduos, seja no passado, seja nos dias atuais.

A busca pela verdade desempenha um papel de grande destaque para a Filosofia, área do conhecimento muitas vezes compreendida como um modo de pensar e reconhecida por ter uma postura questionadora diante do mundo.

Nessa busca, a Filosofia, em suas diferentes correntes, incentiva atitudes que nos convidam a perceber a existência de um abismo entre o que supomos saber e a realidade de fato. A Filosofia se afasta de julgamentos instantâneos, superficiais, fáceis e descomprometidos, e faz isso por meio de questionamentos que colocam em dúvida as certezas que não foram investigadas.

Sobre essa postura, observe as tiras a seguir.

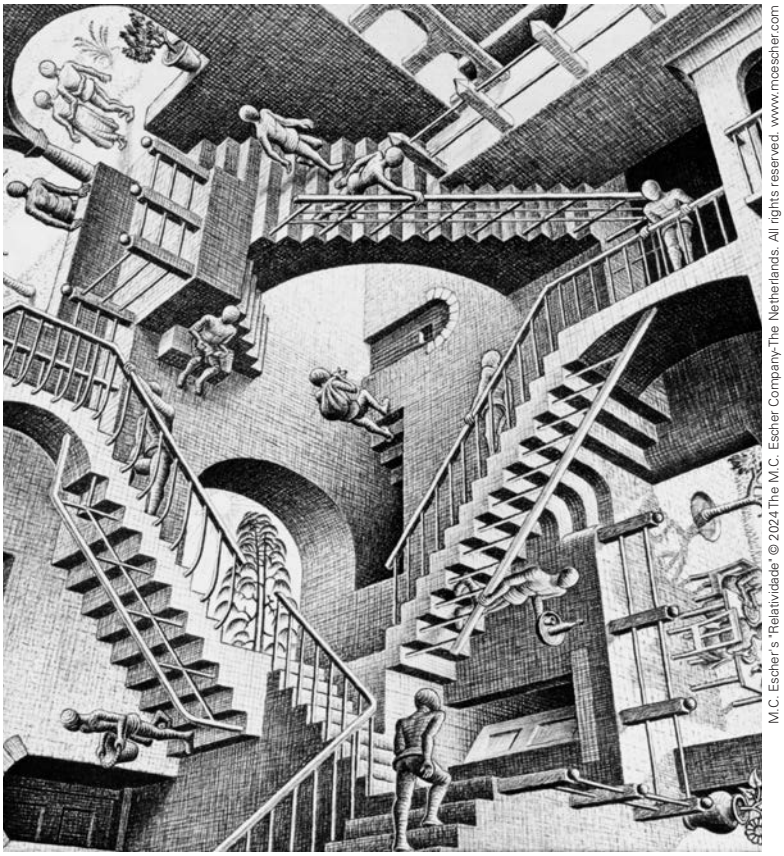
Tiras de Carlos Ruas, de 2012, sobre diálogos fictícios entre Deus e o filósofo grego Sócrates.

INTERAÇÃO

1. Em sua opinião, de que modo as duas tiras de Carlos Ruas se relacionam com o diálogo sobre a busca pela verdade empreendida pela Filosofia? Compartilhe suas hipóteses com os colegas.

A verdade é relativa

O exercício filosófico e intelectual pela busca da verdade implica, em um primeiro momento, considerar que há diferentes perspectivas associadas à noção de verdade quando nos referimos à própria origem da palavra. Para ajudar a compreender essas especificidades associadas à origem da palavra "verdade", vamos nos apoiar nas proposições da filósofa contemporânea Marilena Chaui (1941-), que busca o significado da verdade nas acepções grega, latina e hebraica dessa palavra. Conheça mais sobre essa importante intelectual brasileira na seção *Estúdio filosófico*, ao final deste capítulo.



M.C. Escher's "Relatividade" © 2024 The M.C. Escher Company-The Netherlands. All rights reserved. www.mcescher.com

Relatividade, de Maurits Cornelis Escher, 1953. Litografia. Assim como o exercício filosófico, a obra de Escher muitas vezes nos leva a questionar nossas perspectivas, convidando-nos a refletir sobre a relatividade daquilo que muitas vezes se considera como absoluto.

A verdade grega: *aletheia*

Ao pesquisar a origem grega da palavra "verdade", encontramos o termo *aletheia*, que, em uma tradução direta, significa "não oculto", "não escondido", "não dissimulado". Nesse sentido, a verdade está nas coisas, nos fatos e nos seres percebidos no momento presente, estando revelada plenamente à percepção e à razão.

Há, nesse sentido de verdade, uma oposição interessante entre aparência e essência, considerando que a verdade como o não oculto, o não escondido e o não dissimulado permite distingui-la do falso, pois, se não há correspondência entre coisa (fato e ser) e ideia, não há evidência de verdade.

Observando a tira a seguir, por exemplo, é possível refletir sobre o que é superficialmente visível por meio de uma rede social (aparência) e o que uma pessoa é, de fato, em seu cotidiano (essência). Em nossos perfis nas diversas redes sociais, divulgamos o que realmente somos, sem filtros e edições? O que sabemos sobre as características das pessoas com as quais interagimos no mundo virtual?

Ainda no sentido grego do conceito de **verdade**, o erro, o falso e a mentira acontecem quando não conseguimos atingir a essência da coisa, do fato ou do ser. Isso pode acontecer porque percebemos uma aparência superficial e ilusória que não nos permite criar uma correspondência real entre coisa e ideia; mas também pode acontecer quando atribuímos qualidades a coisas, fatos e seres que não as possuem, por uma sensação equivocada de nossos sentidos ou de forma deliberada.

André Dahmer/Acervo do chargista

Tira de André Dahmer, feita em 2014, que apresenta uma crítica às pessoas que utilizam as redes sociais para simular um modo de vida que não corresponde à realidade cotidiana.

Não escreva no livro.

REFLEXÃO

A relação entre as redes sociais e a distorção da própria imagem

As redes sociais são plataformas em que a aparência frequentemente se sobrepõe à essência. Perfis cuidadosamente curados e filtrados costumam representar versões idealizadas da realidade, distorcendo a verdade sobre nossas vidas.

Os algoritmos dessas redes, projetados para maximizar o engajamento, reforçam essas distorções ao priorizar conteúdos que geram mais interação, independentemente de sua veracidade. Isso pode criar bolhas informacionais e reverberar percepções equivocadas, dificultando o acesso à verdade.

FG Trade/Getty Images

Nas redes sociais, a maior parte das fotos são planejadas para mostrar o melhor das pessoas. Na foto, adolescentes tirando *selfie*. Foto de 2022.

[…] Um estudo conduzido [pela] Royal Society for Public Health do Reino Unido mostrou que o Instagram é a pior rede social para a saúde mental e o bem-estar das pessoas, principalmente entre jovens. Para essa pesquisa, foram entrevistadas 1 479 pessoas com idades entre 14 e 24 anos, que avaliaram aplicativos populares em quesitos como ansiedade, depressão, solidão, *bullying* e imagem corporal.

O estudo concluiu que o Instagram pode afetar negativamente a imagem corporal, aumentando a incidência de ansiedade e depressão. Estas, por sua vez, podem influenciar no desenvolvimento de transtornos alimentares. Como em qualquer comunidade humana, os padrões de comportamento que se mostram bem-sucedidos na conquista por *status* – os *likes* das redes sociais, por exemplo – geram em todo o grupo uma pressão para reproduzi-los para serem aceitas entre os pares. O problema é que a exposição em massa que ocorre em plataformas como Instagram e TikTok contribui para uma busca por padrões de estilo de vida e estéticos irreais, visto que grande parte dos usuários abusam de filtros e edições fotográficas para ter uma aparência perfeita. Nesse cenário, a frustração é quase inevitável.

[…]

A psicóloga Aline Vasconcelos ressalta que a maturidade emocional é crucial para lidar com as redes sociais, uma vez que [é] a forma como as utilizamos que pode causar prejuízos, e não as plataformas em si. As redes sociais possuem um poder de influência significativo, podendo alienar e segregar se forem mal utilizadas, e é a partir daí que podem surgir brechas para o desenvolvimento de transtornos emocionais.

Segundo a psicóloga, "o autoconhecimento é fundamental para encontrar um equilíbrio saudável no uso das redes sociais. Quando estamos em boa saúde emocional, as chances de sermos influenciados negativamente pela internet são menores. Porém, se já temos pontos sensíveis em nosso emocional e somos expostos a situações estressantes na internet, somos mais vulneráveis a sofrer consequências emocionais negativas".

Mas precisamos considerar também que nem sempre é possível se desvencilhar de maneira saudável da vida virtual e adotar novos hábitos. Este é um caminho longo, mas que vale a pena ser trilhado caso seja preciso. […]

A INFLUÊNCIA das redes sociais nos transtornos alimentares. *NSaúde*, São Carlos, 3 maio 2023. Disponível em: https://nsaude.meunorden.com/a-influencia-das-redes-sociais-nos-transtornos-alimentares. Acesso em: 26 jun. 2024.

1. **Reflita sobre a noção de "verdade" no sentido grego de *aletheia* e como ela pode ser afetada pelo comportamento nas redes sociais.**
2. **Converse com os colegas sobre o tema do texto citado e se você já se sentiu triste ou frustrado com seu corpo ou com sua aparência por não corresponder ao padrão disseminado nas redes.**
3. **Em sua opinião, quais estratégias podem ser utilizadas por usuários de redes sociais para evitar a distorção de imagem que essas mídias podem provocar?**

A verdade latina: *veritas*

No latim, a palavra "verdade" se origina do vocábulo *veritas*, que define as narrativas fiéis das coisas e dos fatos tais como foram ou aconteceram, ou seja, a verdade do ponto de vista de *veritas* está relacionada à coerência lógica que, internamente, valida os argumentos utilizados e expressa a realidade.

Assim, algo é verdadeiro quando expõe fatos, pois os argumentos utilizados apresentam uma lógica que os faz encontrar correspondência na realidade externa por eles narrada. Em outras palavras, os eventos e as coisas em si não são verdadeiros ou falsos, mas os relatos sobre eles é que podem ser verdadeiros ou não, a depender do enunciador.

Podemos perceber a variação das narrativas sobre determinado fato ao analisarmos, por exemplo, as notícias sobre ele, pois, como sabemos, os meios de comunicação não são imparciais e neutros, mas, ao contrário, assumem sempre uma posição. Na tira reproduzida a seguir, a personagem Calvin problematiza o caráter sensacionalista de alguns programas de televisão, mas ironiza dizendo que, na realidade, é isso que o atrai.

Calvin, personagem de Bill Watterson (1958-), em tira de 1979, reagindo à narrativa jornalística relacionada ao estilo sensacionalista.

A verdade hebraica: *emunah*

O último sentido atribuído à verdade a partir da origem do termo deriva da palavra hebraica *emunah*, que significa "confiança". Essa palavra tem a mesma origem da palavra ***amen***, que significa, em uma tradução direta, "amém", "assim seja". Dessa forma, "verdade", no hebraico, está relacionada às ações futuras, à confiança e à esperança que são depositadas nas pessoas e em Deus.

O verdadeiro é, nesse sentido, aquilo que poderá honrar o pacto, a promessa, a profecia, estando fundamentado na crença. No que se refere à aplicação filosófica dessa concepção de verdade, *emunah* implica a necessidade de seguir convenções universais para ascender ao conhecimento verdadeiro, que, dessa forma, deve ser respeitado por todos, já que é resultado das convenções consensualmente pactuadas.

INTERAÇÃO

1. **Inspirando-se na tira da personagem Calvin, escolha um fato relevante que tenha acontecido no Brasil ou no mundo e procure, pelo menos, cinco notícias diferentes sobre ele. Opte por meios de comunicação diferentes, como TV, jornais impressos ou digitais, *blogs* de notícias e de opinião. Depois de realizada a seleção das matérias, analise as seguintes questões:**

   a) Há detalhes que divergem entre as narrativas e as manchetes sobre o fato? Se sim, identifique essas divergências e crie hipóteses que as expliquem.

   b) A partir da concepção latina de **verdade**, *veritas*, o que você pode concluir sobre essas notícias coletadas?

Não escreva no livro.

POSITIVISMO

A percepção de que a verdade é relativa é fruto de séculos de reflexões filosóficas e experiências. Entretanto, durante muito tempo, correntes filosóficas perseguiram a verdade absoluta.

Uma dessas correntes começou a se estruturar no século XIX, com o filósofo Auguste Comte (1798-1857), que organizou os princípios do **positivismo**. Nessa abordagem, assume-se que a realidade social está fundada em verdades universais e indissolúveis, que podem ser apreendidas pelas leis gerais que regulam a sociedade.

Além disso, segundo Comte, as sociedades transformavam-se ao longo da história seguindo o curso de três estados: teológico, metafísico e positivo. No estado teológico, predominam os pensamentos e as relações fundamentadas na religião; o metafísico, por sua vez, é evidenciado em sociedades marcadas por críticas sem nexo e desordem espiritual; por fim, o estado positivo é aquele que deveria ser almejado por todas as sociedades, uma vez que, estando apoiado na ciência, seria a única forma possível para a busca da verdade.

Acervo do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro. Fotografia: ID/BR

A escritora brasileira Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) pode ser considerada uma das poucas mulheres intelectuais brasileiras que publicaram ideias positivistas. A autora defendia que as mulheres de todos os grupos sociais deveriam buscar o progresso por meio do estudo, da reflexão e do trabalho. Em contrapartida, para o ideal positivista da época, o principal papel social da mulher deveria ser desempenhado no ambiente doméstico. Foto de c. 1920.

AÇÃO E CIDADANIA

Brasil: amor, ordem e progresso?

A atual bandeira do Brasil, criada em 1889, em substituição à antiga bandeira do Império do Brasil, tem os princípios de "ordem e progresso", base do positivismo de Auguste Comte, estampados até a atualidade. Porém, há alguns anos, vêm ocorrendo diversas discussões em torno da mudança da frase na bandeira para "Amor, Ordem & Progresso".

Todos partem de uma justificativa concreta: o pensamento do filósofo francês Auguste Comte que inspirou as palavras escolhidas para a bandeira em 1889, após a Proclamação da República, originalmente mencionava amor, mas a referência acabou cortada.

Do lema positivista "o amor por princípio, a ordem por base e o progresso por fim", de autoria de Comte, sobraram só as duas últimas concepções. O resgate do amor, na visão dos militantes da campanha, corrigiria um erro histórico e apontaria um novo rumo para o Brasil.

[...]

"A negação do amor como princípio nos parece muito simbólica de uma grave lacuna na formação de nossos valores. Não há ordem que faça sentido sem amor, e não é possível fazer progresso com base numa ordem que vem da violência", continua o texto.

"É verdade que não será uma mudança na bandeira que vai resolver nossos problemas", pondera o movimento. "Mas a união de um povo em torno de uma causa que apresenta o amor como tema central é certamente um marco para uma gigantesca transformação."

Tavares, Joelmir. Campanha quer escrever "amor" na bandeira do Brasil e combater ódio político. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 2021. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/11/campanha-quer-escrever-amor-na-bandeira-do-brasil-e-combater-odio-politico.shtml. Acesso em: 8 ago. 2024.

Disponível em: https://www.instagram.com/p/CWOpv1wPFzk/. Acesso em: 10 set. 2024.

Logotipo do movimento Amor na Bandeira, um dos coletivos que reivindicam a inserção da palavra "amor" na bandeira nacional, 2021.

1. **O que você pensa da inclusão da palavra "amor" na bandeira nacional?**
2. **Como a omissão do termo "amor" da frase original pode ser interpretada em relação aos valores sociais e culturais brasileiros desde a criação da bandeira?**
3. **De que maneira a nova proposta pode ser vista como uma tentativa de redefinir o significado de "ordem e progresso" nas sociedades brasileiras?**

Não escreva no livro.

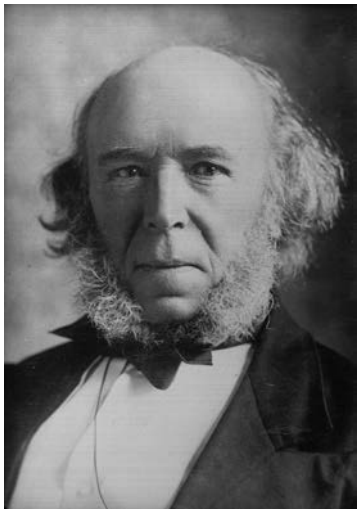
RELATIVISMO

Em decorrência da abordagem positivista, que compreendia as sociedades dispostas em estados diferentes, surgiu, com Herbert Spencer (1820-1903), o que nós conhecemos como **darwinismo social** ou **evolucionismo social**. Nessa perspectiva, as sociedades foram classificadas segundo estágios de desenvolvimento, o que, de certo modo, respaldava ideias e práticas que hoje são bastante criticadas, como a colonização e a **eugenia**.

O texto a seguir comenta a influência do darwinismo social em obras de escritores brasileiros, a partir do final do século XIX.

> [...] No período entre as duas últimas décadas do século XIX e as primeiras do século XX, o darwinismo social foi uma das doutrinas científicas mais difundidas no Brasil. Mais do que um corpo articulado e coerente de ideias, constituiu-se sobretudo em uma visão de mundo, baseada em um conjunto de assertivas bastante amplas e imprecisas. Essas davam margem a um uso generalista da teoria, capaz de ser aplicada às mais diferentes situações, e que implicava uma determinada concepção do sentido da história. A retórica darwinista foi incorporada por diversos escritores brasileiros. Alguns deles, como Euclides da Cunha, Affonso Arinos, Rodolpho Theophilo e Mário Guedes, aplicaram as ideias gerais da doutrina na interpretação dos conflitos sociais e da relação do homem brasileiro com a natureza do país. Outros, como Machado de Assis e Lima Barreto, viram o darwinismo por um olhar crítico e satírico, apontando sua trivialidade e seu caráter egoísta, amoral e agressivo.
>
> Murari, Luciana. "A vida e os prêmios que ela comporta": darwinismo social e imaginação literária no Brasil. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, Salvador, n. 11, p. 155, 2007. Disponível em: https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/173/176. Acesso em: 27 jun. 2024.

Boyer/Roger Viollet/Getty Images



O filósofo inglês Herbert Spencer defendia que as sociedades poderiam ser entendidas como um organismo, em que a "evolução" aconteceria a partir de estruturas sociais simples para aquelas consideradas mais complexas. Foto de 1862.

eugenia: conjunto de teorias que propagaram a possibilidade de seleção das coletividades humanas por meio de modificações genéticas artificiais que melhorariam as raças, permitindo a evolução e o progresso da espécie pela combinação de "bons genes". As teorias eugenistas afirmavam a inferioridade das pessoas com deficiência, dos negros e de outras não incluídas nas categorias do ideal de superioridade perseguido por elas.

O evolucionismo social é uma perspectiva **etnocêntrica**, pois assume que os valores da cultura dominante devem ser tomados como referência e, portanto, como verdade a ser seguida por todas as sociedades. Para se opor às consequências desastrosas do evolucionismo social, desenvolveu-se o relativismo.

A partir da *charge* reproduzida nesta página, podemos perceber uma prática de etnocentrismo associada à intolerância religiosa, pois, muitas vezes, ao assumir a própria fé, alguns grupos negligenciam qualquer outra expressão de fé possível, afirmando que apenas sua forma de viver e compreender a fé é válida e, portando, verdadeira.

Para a corrente relativista, no entanto, a verdade não existe de forma universal, devendo ser apreendida contextualmente, no interior de cada cultura. Além disso, nessa abordagem, não há padrão de racionalidade que se coloque como superior e capaz de compreender toda a verdade do mundo, uma vez que ela não existe de forma absoluta, estando atrelada a fatores aleatórios e subjetivos, impossíveis de serem apreendidos em sua totalidade.

Scabin/Fotoarena

Charge de Scabin, feita em 2012, sobre o conceito de **relativismo** em uma ilustração que retrata o encontro entre europeus e indígenas.

Não escreva no livro.

PERSPECTIVISMO

Guardando alguma proximidade com a compreensão proposta pelo relativismo, mas marcando, ao mesmo tempo, diferenças fundamentais, temos o perspectivismo. No âmbito dessa abordagem, o filósofo alemão Friedrich Nietzsche afirma que, por não haver verdade absoluta, não é possível obter um conhecimento estritamente racional e objetivo sobre a realidade. Segundo sua teoria, tanto a verdade como o processo que orienta sua busca são valores sociais historicamente construídos e, portanto, condicionados à experiência humana e, assim, sujeitos à aleatoriedade e à causalidade. Disso podemos concluir que, no perspectivismo proposto por Nietzsche, as verdades são formas possíveis de interpretar o mundo.

A principal diferença entre o perspectivismo e o relativismo se dá na forma da análise. Enquanto o relativismo apreende a verdade de forma contextual, segundo um sistema de referências do grupo que está em evidência, o perspectivismo assume a perspectiva de um grupo para compreender o que este toma como verdade, sem necessariamente traçar paralelos e classificações utilizando um modelo conhecido de forma geral, como faz o relativismo.

Os antropólogos brasileiros Eduardo Viveiros de Castro e Tânia Stolze Lima elaboraram uma síntese com base nas etnografias realizadas com povos ameríndios brasileiros, as quais eles denominaram "Perspectivismo ameríndio". Como sugere essa aplicação conceitual, não podemos analisar as culturas ameríndias de acordo com a ótica das referências eurocêntricas de natureza *versus* cultura, ainda que consideremos as diferenças contextuais, como sugeriria o relativismo.

Luciana Whitaker/Pulsar Imagens

Homem Pataxó fazendo pintura corporal em seu filho, na Reserva da Jaqueira, em Porto Seguro (BA). Foto de 2024.

O perspectivismo ameríndio consiste num conceito formulado a partir de uma base etnográfica, que sintetiza as visões indígenas sobre as interações entre seres humanos e não humanos enquanto relações sociocosmológicas. Este descreve uma concepção encontrada entre diversos grupos do continente americano, segundo a qual no mundo existiriam diferentes classes de pessoas que concebem a realidade a partir de pontos de vista próprios, levando em conta sua forma corpórea [...]. Ao lado dos humanos, estariam os deuses, os animais, os espíritos da floresta, os espíritos dos mortos, os espíritos patogênicos, os mestres dos animais, os fenômenos meteorológicos e mesmo alguns artefatos – todos considerados pessoas. Estes diferentes seres são dotados de consciência e intencionalidade e se percebem como humanos, tendo as suas próprias casas, roças e outros atributos culturais da vida humana. Os seres de outras espécies são vistos por eles tanto como predadores quanto como presas.

Gomes, Denise Maria Cavalcante. O perspectivismo ameríndio e a ideia de uma estética americana. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Ciências Humanas, Belém, v. 7, n. 1, p. 133-159, jan./abr. 2012. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1981-81222012000100010. Acesso em: 7 ago. 2024.

A PÓS-VERDADE

Para além das reflexões propostas pelas diversas correntes de pensamento que buscam conceituar e compreender a verdade, em nosso cotidiano é cada vez mais comum presenciarmos debates sobre "a verdade das coisas". Nessas discussões, que ocorrem tanto no mundo virtual como fora dele, somos impulsionados por notícias que nos induzem a construir uma verdade única e absoluta sobre as coisas e as pessoas. Atualmente, é comum observarmos discussões entre amigos, familiares ou professores motivadas por mensagens recebidas nas redes sociais cujo conteúdo não correspondia a uma informação correta, ou seja, *fake news* que foram consideradas verdade por alguns indivíduos. Chamamos esse fenômeno contemporâneo de **pós-verdade**.

A pós-verdade não é uma simples mentira, porque, em vez de se referir ao relato de um fato inverídico, tem mais relação com a disposição do indivíduo para acreditar em algo não verdadeiro só porque confirma seu ponto de vista. É como se estivéssemos mais propensos a acreditar nas informações que reforçam as "verdades" nas quais acreditamos, independentemente da validade dessas informações. Em outros termos, o critério de verdade passa a ser a visão de mundo de um indivíduo, e não o nexo com a realidade.

Duke/Acervo do cartunista

Charge do cartunista Duke, feita em 2019, sobre as *fake news* e a manipulação de informações. Na era da pós-verdade, o indivíduo não duvida das informações quando elas convergem com suas crenças.

Em suma, a estrutura das redes sociais, impulsionada por algoritmos que privilegiam o conteúdo alinhado às preferências dos usuários, intensifica a formação de bolhas de informação. Essa curadoria algorítmica, embora vise personalizar a experiência do usuário, contribui para a fragmentação da verdade e o isolamento em ecossistemas informacionais. Dentro dessas "bolhas", a exposição constante a informações confirmatórias reforça preconceitos existentes e limita o contato com perspectivas divergentes, criando um terreno fértil para a proliferação da pós-verdade.

Em um ambiente em que a verdade se torna subjetiva e moldada por vieses, o diálogo construtivo e a compreensão mútua se tornam desafiadores. A polarização social e política se intensifica à medida que a manipulação da verdade e a disseminação de desinformações influenciam a formação de opiniões e decisões.

Não escreva no livro.

Nesse contexto, a alfabetização midiática e o desenvolvimento de uma postura crítica em relação às informações consumidas *on-line* são cruciais. Buscar fontes confiáveis e diversificar as fontes de informação são passos importantes para navegar no cenário da pós-verdade, em que a linha divisória entre fato e opinião se torna cada vez mais tênue.

REFLEXÃO

Fake news e ação individual

Em sociedades altamente conectadas por meio de redes sociais, o compartilhamento em massa de informações pode trazer benefícios, como a circulação instantânea de notícias de interesse público, mas também pode contribuir para a disseminação das *fake news*. A matéria a seguir comenta alguns dos efeitos da disseminação de *fake news* na área da Saúde.

Alexandre Beck/Acervo do cartunista

Tira de Alexandre Beck, feita em 2021, com a personagem Armandinho.

[…] Doenças crônicas como obesidade e diabetes estão entre os temas frequentes das *fake news*, segundo o endocrinologista Rodrigo Moreira, diretor do Departamento de Diabetes Mellitus da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia (Sbem). "A internet tem sido usada para a disseminação e a venda de medicamentos que não sabemos o que têm dentro, como agem, como são metabolizados pelo organismo e se causam efeitos colaterais", afirma o endocrinologista.

"Tem sido comum nas consultas o paciente com diabetes dizer que está tomando um remédio que conheceu *online*. Isso é muito arriscado, porque são medicamentos que não têm eficácia nem segurança", diz Moreira.

Além da automedicação, a desinformação pode afetar o tratamento eficiente contra o diabetes, resultando em complicações decorrentes da doença. "O diabetes é risco para várias outras complicações, como cegueira, diálise, infarto e AVC", afirma o endocrinologista. […]

Os perigos da desinformação em saúde. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 14 dez. 2023. Disponível em: https://estudio.folha.uol.com.br/novonordisk-obesidade/2023/12/os-perigos-da-desinformacao-em-saude.shtml. Acesso em: 9 ago. 2024.

1. Você concorda com as opiniões emitidas pelas personagens da tira? Por quê?

2. Reflita sobre suas experiências no compartilhamento de notícias, tanto no mundo digital quanto em conversas com amigos e familiares.

a) Você costuma checar se as informações que você repassa são verdadeiras? Em caso afirmativo, como você faz a verificação? Compartilhe suas respostas com a turma.

b) Por que, no caso da disseminação de notícias falsas, a ação de cada indivíduo é importante para combater a desinformação? Dialogue sobre o tema com os colegas e depois, juntos, elaborem uma lista de ações que possam contribuir para interromper o fluxo de circulação de *fake news*.

ATIVIDADES

1 **Estudamos, ao longo do capítulo, que as Ciências Humanas – Filosofia, Geografia, História e Sociologia –, com o auxílio especial da Filosofia, nos ajudam a questionar o senso comum, duvidando de tudo aquilo que nos é imposto como verdades a serem seguidas. Analise a tira a seguir e faça o que se pede.**

Alexandre Beck/Acervo do cartunista

Tira da personagem Armandinho, feita em 2016, ressaltando a importância do ensino de Filosofia, História e Sociologia.

Com base na tira, é possível refletir sobre a função da educação e sobre como algumas áreas do conhecimento podem contribuir, ou não, para a formação dos estudantes, de acordo com os ideais perseguidos pelas políticas públicas educacionais.

a) Você sabia que a inserção da Sociologia e da Filosofia no currículo do Ensino Médio tem oscilado ao longo da história da educação brasileira, com momentos, inclusive, de proibição desses componentes curriculares? Por que você acha que isso acontece? Levante ao menos duas hipóteses.

b) Forme grupo com os colegas a fim de confrontar suas hipóteses com as dos demais integrantes. Em seguida, reflitam e escrevam um texto que apresente a importância da Filosofia e da Sociologia no Ensino Médio, construindo argumentos com base nas hipóteses que vocês levantaram e demonstrando como a Filosofia nos ajuda a compreender o mundo.

2 **Segundo a concepção hebraica de *emunah*, a verdade está relacionada à confiança de que se honrarão os princípios acordados coletivamente. Imagine que você precisa explicar esse conceito a um amigo ou familiar. Como você abordaria os critérios estabelecidos para o conceito de verdade na concepção judaica? Escreva um parágrafo sobre o tema e leia-o para a turma.**

3 **Leia a tira a seguir.**

André Dahmer/Acervo do chargista

Tira de André Dahmer, feita em 2018, sobre o conceito de **verdade** nos dias atuais.

a) A tira aborda qual problema contemporâneo referente ao conceito de **verdade**? Explique usando elementos presentes na tira.

b) Relacione o contexto dessa tira ao contexto da charge do tema "A pós-verdade". Escreva um parágrafo sobre o tema e leia-o para a turma.

Não escreva no livro.

4 **Forme dupla com um colega. Depois, leiam o texto a seguir.**

O erro é um engano do juízo quando desconhecemos a essência de um ser. O falso e a mentira, porém, são juízos deliberadamente errados, isto é, conhecemos a essência de alguma coisa, mas deliberadamente emitimos um juízo errado sobre ela. O que é a verdade? É a conformidade entre nosso pensamento e nosso juízo e as coisas pensadas ou formuladas. Qual a condição para o conhecimento verdadeiro? A evidência, isto é, a visão intelectual da essência de um ser. Para formular um juízo verdadeiro precisamos, portanto, primeiro conhecer a essência, e a conhecemos ou por intuição, ou por dedução, ou por indução.

Chaui, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 2000. p. 126.

A qual conceito de verdade o texto se refere? Cada membro da dupla deve levantar uma hipótese individualmente. Depois, devem compartilhar as hipóteses um com o outro e chegar a um consenso. Por fim, cada dupla deve comunicar sua resposta à turma e ouvir as conjecturas das outras duplas.

5 **(Enem)**

É amplamente conhecida a grande diversidade gastronômica da espécie humana. Frequentemente, essa diversidade é utilizada para classificações depreciativas. Assim, no início do século, os americanos denominavam os franceses de "comedores de rãs". Os índios kaapor discriminam os timbiras chamando-os pejorativamente de "comedores de cobra". E a palavra potiguara pode significar realmente "comedores de camarão". As pessoas não se chocam apenas porque as outras comem coisas variadas, mas também pela maneira que agem à mesa. Como utilizamos garfos, surpreendemo-nos com o uso dos palitos pelos japoneses e das mãos por certos segmentos de nossa sociedade.

Laraia, R. *Cultura*: um conceito antropológico. São Paulo: Jorge Zahar, 2001 (adaptado).

O processo de estranhamento citado, com base em um conjunto de representações que grupos ou indivíduos formam sobre outros, tem como causa o(a):

a) reconhecimento mútuo entre povos.
b) etnocentrismo recorrente entre populações.
c) comportamento hostil em zonas de conflito.
d) constatação de agressividade no estado de natureza.
e) transmutação de valores no contexto da modernidade.

6 **(Enem)**

Uma parte da nossa formação científica confunde-se com a atividade de uma polícia de fronteiras, revistando os pensamentos de contrabando que viajam na mala de outras sabedorias. Apenas passam os pensamentos de carimbada cientificidade. A biologia, por exemplo, é um modo maravilhoso de emigrarmos de nós, de transitarmos para lógicas de outros seres, de nos descentrarmos. Aprendemos que não somos o centro da vida nem o topo da evolução.

Couto, M. *Interinvenções*. Portugal: Caminho, 2009 (adaptado).

No trecho, expressa-se uma visão poética da epistemologia científica, caracterizada pela:

a) implementação de uma viragem linguística com base no formalismo.
b) fundamentação de uma abordagem híbrida com base no relativismo.
c) interpretação da natureza eclética das coisas com base no antiacademicismo.
d) definição de uma metodologia transversal com base em um panorama cético.
e) compreensão da realidade com base em uma perspectiva não antropocêntrica.

ESTÚDIO FILOSÓFICO

A VERDADE EM MARILENA CHAUI

Davi Augusto Studio/ID/BR

Neste capítulo, debatemos os conceitos de verdade, positivismo, relativismo, perspectivismo e pós-verdade. Para embasar a discussão, adentramos os fundamentos do pensamento de Marilena Chaui, destacando sua abordagem singular sobre o conceito de verdade na Filosofia contemporânea.

Chaui é uma figura central no cenário intelectual brasileiro. Sua compreensão da verdade é fundamentada em um diálogo constante entre teoria e prática, influenciado pela dialética e pela crítica social, oferecendo *insights* importantes para a reflexão sobre as dinâmicas sociais e políticas da atualidade.

PERFIL

Nascida em São Paulo no ano de 1941, Marilena de Souza Chaui é uma figura proeminente no campo da Filosofia no Brasil. Com formação inicial em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP), Chaui se destacou não apenas como filósofa, mas também como professora e escritora engajada em temas fundamentais para a compreensão da sociedade brasileira e dos desafios da democracia.

Ao longo de sua carreira acadêmica, Chaui contribuiu significativamente para o pensamento crítico no Brasil, abordando questões como a teoria política, a história das ideias e a Filosofia moderna e contemporânea. Suas obras refletem uma profunda análise das estruturas sociais e políticas do país, bem como uma crítica contundente aos sistemas de poder e dominação.

OBRAS-CHAVE

- *Simulacro e poder: uma análise da mídia* (2006)
- *Filosofia e democracia* (2006)
- *Cidadania cultural* (2006)
- *Escritos sobre a universidade* (2001)
- *Convite à Filosofia* (2000)
- *A nervura do real: imanência e liberdade em Espinosa* (1999)
- *Introdução à história da Filosofia* (1994)
- *Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil* (1986)
- *Política e cultura* (1984)
- *O que é ideologia* (1980)

EM LEITURA

Em suas obras, Marilena Chaui se dedica à compreensão do conceito de **verdade**, que, enfatiza ela, está sempre situada em um contexto específico, sendo moldada por relações de poder, interesses sociais e condições históricas particulares. A abordagem crítica da autora questiona a noção de uma verdade absoluta e universal, destacando a necessidade de uma análise contextualizada e multifacetada para compreendermos as múltiplas dimensões da verdade em sua complexidade sociopolítica.

Existem diferentes concepções filosóficas sobre a natureza do conhecimento verdadeiro, dependendo de qual das três ideias originais da verdade predomine no pensamento de um ou de alguns filósofos.

Assim, quando predomina a *aletheia*, considera-se que a verdade está nas próprias coisas ou na própria realidade e o conhecimento verdadeiro é a percepção intelectual e racional dessa verdade. A marca do conhecimento verdadeiro é a evidência, isto é, a visão intelectual e racional da realidade tal como é em si mesma e alcançada pelas operações de nossa razão ou de nosso intelecto. Uma ideia é verdadeira quando

Não escreva no livro.

corresponde à coisa que é seu conteúdo e que existe fora de nosso espírito ou de nosso pensamento. A teoria da evidência e da correspondência afirma que o critério da verdade é a adequação do nosso intelecto à coisa, ou da coisa ao nosso intelecto.

Quando predomina a *veritas*, considera-se que a verdade depende do rigor e da precisão na criação e no uso de regras de linguagem, que devem exprimir, ao mesmo tempo, nosso pensamento ou nossas ideias e os acontecimentos ou fatos exteriores a nós e que nossas ideias relatam ou narram em nossa mente.

Agora, não se diz que uma coisa é verdadeira porque corresponde a uma realidade externa, mas se diz que ela corresponde à realidade externa porque é verdadeira. O critério da verdade é dado pela coerência interna ou pela coerência lógica das ideias e das cadeias de ideias que formam um raciocínio, coerência que depende da obediência às regras e leis dos enunciados corretos. A marca do verdadeiro é a validade lógica de seus argumentos.

Finalmente, quando predomina a *emunah*, considera-se que a verdade depende de um acordo ou de um pacto de confiança entre os pesquisadores, que definem um conjunto de convenções universais sobre o conhecimento verdadeiro e que devem sempre ser respeitadas por todos. A verdade se funda, portanto, no consenso e na confiança recíproca entre os membros de uma comunidade de pesquisadores e estudiosos.

O consenso se estabelece baseado em três princípios que serão respeitados por todos:

1. que somos seres racionais e nosso pensamento obedece aos quatro princípios da razão (identidade, não contradição, terceiro-excluído e razão suficiente ou causalidade);

2. que somos seres dotados de linguagem e que ela funciona segundo regras lógicas convencionadas e aceitas por uma comunidade;

3. que os resultados de uma investigação devem ser submetidos à discussão e avaliação pelos membros da comunidade de investigadores que lhe atribuirão ou não o valor de verdade.

Existe ainda uma quarta teoria da verdade que se distingue das anteriores porque define o conhecimento verdadeiro por um critério que não é teórico[,] e sim prático. Trata-se da teoria pragmática, para a qual um conhecimento é verdadeiro por seus resultados e suas aplicações práticas, sendo verificado pela experimentação e pela experiência. A marca do verdadeiro é a verificabilidade dos resultados.

Essa concepção da verdade está muito próxima da teoria da correspondência entre coisa e ideia (*aletheia*), entre realidade e pensamento, que julga que o resultado prático, na maioria das vezes, é conseguido porque o conhecimento alcançou as próprias coisas e pode agir sobre elas.

Em contrapartida, a teoria da convenção ou do consenso (*emunah*) está mais próxima da teoria da coerência interna (*veritas*), pois as convenções ou consensos verdadeiros costumam ser baseados em princípios e argumentos linguísticos e lógicos, princípios e argumentos da linguagem, do discurso e da comunicação.

Chaui, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 2000. p. 124-125.

A citação de Marilena Chaui oferece uma perspectiva profundamente reflexiva e esclarecedora sobre a natureza da verdade e da moralidade. Ao afirmar que a distinção entre verdade e mentira não se limita ao conhecimento da realidade, mas reflete o caráter moral das pessoas, Chaui nos leva a considerar a complexidade ética envolvida na busca pela verdade.

PARA CONCLUIR

1 **Relacione os diferentes significados de verdade para a autora Marilena Chaui. Em seguida, responda: Por qual motivo o conceito de verdade, compreendido atualmente, é uma síntese desses três conceitos?**

2 **Imagine que você está conduzindo uma pesquisa sobre um evento histórico controverso, como a Revolução Francesa, e tem acesso a fontes históricas variadas, incluindo documentos políticos, relatos de testemunhas oculares e interpretações acadêmicas modernas. Com base nesse cenário, reflita sobre as seguintes questões:**

a) Como você definiria o conceito de **verdade** em relação aos eventos da Revolução Francesa? O que significa dizer que um evento histórico é "verdadeiro"?

b) Em sua opinião, a verdade histórica é uma construção estática e universal ou ela é moldada pelas perspectivas e pelos interesses dos historiadores e das sociedades em que vivem?

PRÁTICAS DE TEXTO

CARTA DO LEITOR

Proposta

Considerando as reflexões deste capítulo sobre o pensamento científico, você vai escrever uma carta do leitor direcionada a um jornal de grande circulação.

A carta do leitor é um gênero textual que circula em jornais e revistas, geralmente contendo comentários a respeito de um texto ou uma seção publicado nesses meios de comunicação. A carta pode conter críticas, elogios, sugestões ou até mesmo apresentar outros pontos de vista, sempre prezando por um diálogo respeitoso e construtivo. Isso contribui para a qualidade dos textos publicados pelo jornal e para o diálogo aberto entre leitores e meios de comunicação, características necessárias ao convívio social republicano e à construção de uma sociedade democrática.

Público	Jornalistas e editores de jornal de grande circulação.
Objetivo	Expor opiniões e fazer sugestões sobre um texto jornalístico.
Circulação	Seção de cartas do leitor do jornal escolhido.

Planejamento e elaboração

1 **Leia o texto a seguir.**

A jovem cientista da escola pública que chegou onde nenhum brasileiro chegou

Premiada aos 19 anos, Juliana Estradioto desenvolveu um plástico a partir da casca da macadâmia e ganhou um asteroide para chamar de seu. "Devemos nos inspirar nas mulheres que estão à nossa volta, como amigas e professoras", diz

Foi graças à casca do maracujá que a estudante Juliana Estradioto, 19, viajou de avião pela primeira vez. Em 2017, ela saiu de Osório, um pequeno município de 45 000 habitantes no Rio Grande do Sul, para ir até São Paulo apresentar seu projeto científico: um plástico biodegradável feito a partir dos restos da fruta. Da primeira viagem de avião para cá, Juliana desenvolveu outros projetos, ganhou prêmios, viajou para a Suécia, onde participou da entrega do prêmio Nobel, patenteou outra descoberta e entrou na universidade. Tudo na velocidade de um asteroide. Talvez o seu próprio, já que ela é a única brasileira a ter um asteroide com seu nome, fruto de um prêmio internacional que recebeu por suas descobertas.

Formada no Instituto Federal de Ciência, Tecnologia e Educação do Rio Grande do Sul (IFRS), ela acredita que sua trajetória numa instituição pública de referência fez toda a diferença para chegar onde chegou. "Se eu não tivesse estudado em uma escola que tem como pilares o incentivo à pesquisa e à extensão, acho que talvez nem soubesse que dava para fazer pesquisa no ensino médio", disse, por telefone, ao EL PAÍS. "Tive oportunidades lá que nem na escola privada eu acho que teria", afirmou, enquanto preparava a mudança para Porto Alegre. [...]

Rossi, Marina. A jovem cientista da escola pública que chegou onde nenhum brasileiro chegou. *El País*, São Paulo, 6 mar. 2020. Disponível em: https://brasil.elpais.com/ciencia/2020-03-06/a-jovem-cientista-da-escola-publica-que-chegou-onde-nenhum-brasileiro-chegou.html. Acesso em: 9 ago. 2024.

a) Qual é o principal assunto do texto?
b) Que instituição é destacada no texto por ter um papel central na conquista da estudante?
c) Você concorda com as opiniões da estudante presentes no segundo parágrafo? Por quê?
d) Em geral, como é sua relação com a pesquisa no Ensino Médio?

2 **Pesquise outras reportagens que abordem temas relacionados à participação de pessoas jovens em pesquisas científicas. Você pode fazer essa pesquisa em *sites* de jornais de grande circulação. Não se esqueça de salvar o *link* dos textos para futuras consultas.**

Não escreva no livro.

3 Selecione o texto que mais chamou a sua atenção e leia-o atentamente.

4 Analise o texto com base nas seguintes questões:

- Quais são o objetivo e o tema central da reportagem?
- Você considera o tema relevante? Por quê?
- Quais posicionamentos são defendidos no texto de forma explícita? E de forma implícita?
- Que argumentos são apresentados no texto? Eles refletem um único ponto de vista ou consideram a diversidade de opiniões sobre o tema?
- O texto está bem escrito e apresenta informações relevantes aos leitores?
- Qual é seu posicionamento pessoal em relação ao tema? Por quê?
- Quais possíveis informações você acrescentaria ao texto?
- Que assuntos relacionados à reportagem você sugeriria ao jornal?

5 Faça mais pesquisas sobre o tema do texto e elabore sua carta, direcionada ao editor do jornal em que o texto foi publicado.

6 Indique qual reportagem você vai comentar na carta, citando o título exato da matéria, a data de publicação e, se possível, o nome da seção do jornal.

7 Apresente seu ponto de vista sobre a reportagem, considerando a forma como o tema foi abordado, a qualidade e a coerência do texto, os argumentos utilizados e outros pontos que tenham chamado a sua atenção.

8 Utilize argumentos para defender seu ponto vista. Você pode dar exemplos, fazer comparações, citar especialistas no assunto ou mesmo oferecer um relato pessoal.

9 Finalize o texto agradecendo a oportunidade de poder manifestar e publicar sua opinião.

10 Pontos de vista diferentes contribuem para um debate saudável. Por isso, ao redigir seu texto, procure utilizar uma linguagem formal, respeitosa e educada, mesmo em casos de discordância em relação ao texto.

11 Observe se seu texto está coerente e se as ideias estão bem organizadas, estabelecendo uma sequência lógica de pensamento. Verifique também se não há problemas de grafia, acentuação ou digitação.

Revisão e reescrita

1 Releia seu texto, analisando os itens a seguir.

O texto explicita a reportagem à qual se refere?
Os objetivos da carta são apresentados de maneira clara e objetiva?
São apresentados argumentos consistentes para defender uma opinião a respeito do tema ou do texto?
A linguagem utilizada é formal, respeitosa e traz contribuições ao debate?
O texto está coerente, bem estruturado e sem erros de grafia, acentuação ou digitação?

2 Faça as alterações necessárias e redija a versão final do texto.

3 No *site* do jornal, pesquise as formas mais adequadas para o envio de sua carta e os critérios de envio. Em seguida, encaminhe seu texto.

Circulação

1 Em geral, para a publicação, os textos dos jornais precisam ter um limite de caracteres. Caso sua carta venha a ser publicada, é possível que só um trecho dela fique disponível aos leitores.

2 Mostre seu texto para os colegas de turma e leia os textos elaborados por eles.

3 Acompanhe a seção de cartas do leitor do jornal escolhido para ver se seu texto foi publicado.

Não escreva no livro.

CAPÍTULO 5

DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO OCIDENTAL

1. **A liberdade de expressão e o direito de manifestar opiniões são valores democráticos e devem ser defendidos. No entanto, divulgar posicionamentos sem o respaldo de pesquisas científicas pode ser prejudicial para a sociedade. Você concorda com essas afirmações? Compartilhe suas ideias com a turma.**
2. **Para você, por que, atualmente, uma parte relativamente grande da população tem rejeitado a ciência e desconfiado dela?**

Observe a imagem de abertura deste capítulo. Ela mostra um modelo do formato de nosso planeta proposto pelos **terraplanistas**, que são aqueles que acreditam que a Terra é plana.

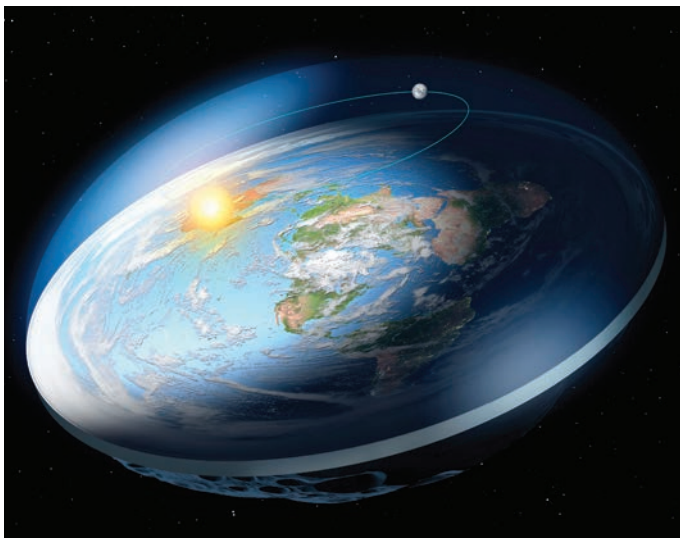
A esfericidade da Terra já havia sido defendida por Aristóteles na Antiguidade grega. Nos últimos dois milênios, muitos pesquisadores e vários experimentos confirmaram que a Terra não é plana, mas tem o formato de um globo com os polos achatados. Mas, se a forma da Terra não é uma dúvida da ciência há muito tempo, como explicar que, em 2024, de acordo com uma pesquisa do Instituto Datafolha, cerca de 8% dos brasileiros afirmaram acreditar que nosso planeta é plano?

O estudo, realizado pelo professor substituto de Antropologia da Universidade Federal do Ceará (UFC) Jorge Garcia de Holanda, observou, de 2015 a 2022, a disseminação dos conteúdos terraplanistas na mídia, em sua grande parte vídeos publicados em redes sociais. [...]

O estudo concluiu que o sistema de recomendação das plataformas digitais contribui para a formação do público que acredita em terraplanismo. De acordo com o pesquisador, um único vídeo não é capaz de criar a ideia, mas vários, sim.

Mendes, Andressa. Pesquisa da UFRGS analisa onda de disseminação de conteúdos sobre terraplanismo em plataformas digitais. *G1*, Rio Grande do Sul, 7 fev. 2024. Disponível em: https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2024/02/07/pesquisa-da-ufrgs-analisa-onda-de-disseminacao-de-conteudos-sobre-terraplanismo-em-plataformas-digitais.ghtml. Acesso em: 26 jun. 2024.

Ilustração em 3-D do modelo do formato da Terra proposto por terraplanistas.



Mark Garlick/Science Photo Library/Getty Images

Não é novidade o impacto que a era digital provocou no mundo contemporâneo. Redes sociais, diferentes dispositivos portáteis com acesso à internet e a disponibilidade das mais diversas informações de modo quase instantâneo têm mudado de forma significativa a maneira como nos relacionamos socialmente e com o ambiente.

De forma particular, as redes sociais produziram novos formatos de sociabilidade que, dada a possibilidade de anonimato, transformaram as pessoas em produtores de opinião, sob a premissa da liberdade de expressão. As opiniões, assim, ganharam *status* de verdade, "a verdade de cada um", e alguns dos possíveis e desejáveis acordos sociais acabaram se perdendo em um mar de subjetividades guiadas pelas mais diversas motivações.

Não escreva no livro.

O NASCIMENTO DA RAZÃO

O modo ocidental de pensar o mundo foi bastante influenciado pelas culturas grega e romana. A ideia de **razão** presente no mundo ocidental moderno tem origem na Antiguidade clássica, um longo período da história da Europa compreendido entre os séculos VIII a.C. e V d.C. O início desse período foi marcado pela poesia grega de Homero, e seu fim, pelo declínio do Império Romano.

Vale destacar a simultaneidade do desenvolvimento do conceito de ***logos*** – considerado por muitos o marco do surgimento da Filosofia ocidental e da razão – e do surgimento da **democracia** ateniense, bem como sua interconexão. Mas de que maneira esse conceito e essa forma de política se relacionam?

Na cidade-Estado de Atenas, floresceu um sistema de governo chamado **democracia**, no qual todos os indivíduos considerados cidadãos poderiam expor suas ideias nos órgãos colegiados, participando de modo direto da tomada de decisões políticas. A exposição pública dos pensamentos e das reflexões – atitude relacionada à postura filosófica – possibilitou o desenvolvimento de técnicas de oratória e de discurso.

Assim, a democracia ateniense também foi considerada o regime do discurso e da argumentação, baseados em encadeamentos **lógicos**. Cada cidadão, por meio da persuasão de seu discurso, empregava uma argumentação com lógica interna consistente e respaldada na realidade vivida para convencer o público reunido na Ágora. Nascia, então, o *logos* como a resposta para uma necessidade imposta pela realidade social daquele contexto histórico. Usualmente, o termo grego ***logos*** é traduzido como "razão", mas vale notar que essa razão é ordenadora da realidade e coerente com ela, e a linguagem é o meio de expressão dessa racionalidade. Em certa medida, o pensamento se desvincula da obrigatoriedade relacionada à autoridade e à tradição e torna-se passível de questionamento. A possibilidade e a liberdade de questionar são os fundamentos próprios da atitude filosófica.

REFLEXÃO

Razão e emoção

A dicotomia entre razão e emoção tem intrigado as comunidades humanas há séculos. Ela integra as dualidades que constituem a existência humana e foi analisada por diferentes correntes filosóficas, em diferentes sociedades e épocas. Atualmente, apesar de uma certa tendência cultural a desvalorizar a emoção em detrimento da razão, sabe-se que ambas são fundamentais para o desenvolvimento pleno dos seres humanos.

A *charge* a seguir apresenta um desses dilemas.

Guilherme Bandeira/Acervo do cartunista

Charge de Guilherme Bandeira, de 2016, que representa a oposição entre razão e emoção.

1. Na *charge*, como foram representadas a razão e a emoção?
2. Você já se viu em uma situação parecida? Como você lidou com ela?
3. No exemplo da *charge*, qual é a importância da razão e da emoção para que o indivíduo tome suas decisões? Debata sobre isso com a turma.

NEGACIONISMO CIENTÍFICO

Negacionismo científico

Vamos retomar as considerações da abertura do capítulo sobre as pessoas que rejeitam o conhecimento construído com base em pesquisas científicas. Essa corrente de pensamento é chamada de **negacionismo científico**. Teorias que negam o formato esférico da Terra, a chegada do ser humano à Lua, o aquecimento global e a validade da vacinação costumam aparecer em notícias e artigos compartilhados pelos negacionistas.

Nesse ponto, é importante diferenciar o negacionismo do **ceticismo**. Enquanto o ceticismo se refere a uma postura de dúvida e questionamento em busca das evidências sobre determinado fenômeno, o negacionismo se trata de uma recusa em aceitar fatos e explicações, independentemente de suas evidências. O texto a seguir, publicado no portal do Instituto Butantan, aprofunda essa discussão.

falácia: argumento que, à primeira vista, pode parecer verdadeiro ou coerente, mas que apresenta uma falha de raciocínio em sua estrutura, invalidando a veracidade da argumentação.

Uma falácia reproduzida por "especialistas" na imprensa e por leigos nas redes sociais afirma que toda evolução do conhecimento humano é resultado de um negacionismo, e que a ciência só evolui por conta das pessoas que se recusam a acreditar na verdade estabelecida. À primeira vista, esse raciocínio pode parecer correto: quando defendeu a teoria copernicana, ou heliocêntrica, no século XVII, Galileu Galilei foi contra o que a maioria acreditava, por exemplo. Por meio de observações, experimentações e cálculos, ele corroborou a ideia de que o Sol é o centro do universo – e não a Terra, como se defendia até então.

Mas ir contra o senso comum não tem nada a ver com negar um fato atestado e comprovado pela ciência. Questionar algo e negar uma verdade são ações bem distintas – e só a primeira delas contribui para o avanço científico.

[...]

Segundo a definição da Academia Brasileira de Letras, negacionismo é uma "atitude tendenciosa que consiste na recusa a aceitar a existência, a validade ou a verdade de algo, como eventos históricos ou fatos científicos, apesar das evidências ou [dos] argumentos que o comprovam". Novamente: o negacionismo não vai contra o senso comum, ele vai contra a verdade e os fatos provados pela ciência.

Um artigo publicado na *Revista Brasileira de História* aponta que o termo se popularizou no final da década de 1980, depois que o historiador francês Henry Rousso passou a usá-lo para se referir a grupos e indivíduos que negavam a existência das câmaras de gás e o extermínio em massa de judeus pelo regime nazista durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Atualmente, Rousso entende negacionismo como "uma modalidade discursiva, um modo de representação do passado e de percepção do presente".

[...]

Negar a verdade não é um posicionamento pessoal: é uma questão de saúde pública e um desafio da sociedade. Uma das consequências desse problema é o desperdício de recursos financeiros. Quando uma parcela das pessoas nega uma verdade já comprovada pela ciência e se recusa, por exemplo, a vacinar seus filhos, os pesquisadores são obrigados a dedicar mais esforços para derrubar os mitos por trás da crença equivocada. O resultado é que, devido a um negacionismo, é necessário criar mais evidências científicas sobre algo já comprovado – gastando mais dinheiro, tempo e recursos.

Mazzonetto, Caroline. O que é negacionismo e por que ele atrasa a evolução do conhecimento; ciência avança com dúvida e questionamento, não com negação. *Portal do Butantan*, São Paulo, 19 abr. 2023. Disponível em: https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/o-que-e-negacionismo-e-por-que-ele-atrasa-a-evolucao-do-conhecimento--ciencia-avanca-com-duvida-e-questionamento-nao-com-negacao. Acesso em: 26 jun. 2024.

INTERAÇÃO

1. **Como você explicaria a um amigo a diferença entre ceticismo e negacionismo?**
2. **Por que a ideia de que "toda [a] evolução do conhecimento humano é resultado de um negacionismo", exposta no texto do Portal Butantan, pode ser considerada falaciosa?**
3. **Como você reformularia a ideia mencionada na atividade anterior de forma a não torná-la falaciosa?**
4. **Além das consequências do negacionismo científico mencionadas no texto, quais outras consequências você conhece ou imagina que atitudes negacionistas possam ter?**

Não escreva no livro.

Ciência e ceticismo

O pensamento filosófico é, por excelência, construído a partir do estranhamento diante das coisas do mundo. Dessa forma, uma perspectiva cética pode ser bem-vinda, pois o cético questiona, não considera nenhum dado uma verdade absoluta, isto é, duvida de tudo.

René Descartes, na obra *Discurso do método* (1637), propôs a **dúvida metodológica** como um caminho para produzir conhecimentos. Mas note que o ceticismo de Descartes é um método para chegar a um conhecimento verdadeiro, ainda que provisório. Esse conhecimento é produzido com base em evidências, experimentos, observações e, sobretudo, racionalidade. Isso significa que os conhecimentos que almejam atingir o *status* de válidos devem ser testados.

Carol Jacob/Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo

Uma das características da pesquisa científica é a divulgação dos resultados em eventos e periódicos especializados, nos quais os resultados são não somente conhecidos, mas também validados por outros pesquisadores, conforme os parâmetros de pesquisa da área em questão. Na foto, pesquisadores em seminário de divulgação científica sobre acidente vascular cerebral na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, 2024.

No entanto, isso não equivale a dizer que as ciências sejam absolutamente objetivas e neutras. A ciência é como qualquer outro conhecimento ou objeto produzido pelas comunidades humanas: faz parte da cultura. Contextos históricos, interesses políticos e econômicos, crenças pessoais dos cientistas e forças imaginativas e criativas são alguns dos aspectos que podem influenciar a produção científica. Todavia, não se trata de uma simples opinião, uma vez que está alicerçada no *logos* e sujeita a refutação.

Todo conhecimento científico é, por princípio, provisório. E, ao contrário do que pode parecer, é nessa provisoriedade fundante que reside a força do conhecimento científico, pois ele deve se render continuamente, se for o caso, às novas evidências, às novas produções. Esse é o ponto fundamental que separa os discursos científicos daqueles dos negacionistas científicos. Assim, negar as ciências não é uma questão de opinião ou liberdade de expressão. É uma postura que nega a realidade e os procedimentos investigativos necessários para estabelecer uma opinião consistente.

Para alguns especialistas em história das ciências, o negacionismo científico mostra a profunda angústia humana diante de um mundo que não traz respostas totais, evidenciando a fragilidade humana mesmo com o desenvolvimento científico. Um problema importante dessa resposta angustiada é que ela é particularmente vulnerável à manipulação, já que não está sujeita aos métodos científicos de refutação e diálogo entre pesquisadores. Assim, boatos falaciosos, como os que apregoam a ineficiência das vacinas, podem, por exemplo, deixar populações vulneráveis a doenças já erradicadas.

AÇÃO E CIDADANIA

Vacinação

Em 2022, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), houve um aumento de 43% nas mortes ligadas ao sarampo em todo o mundo. Um dos motivos apontados para esse aumento é a diminuição da taxa de vacinação contra a doença, que é explicada por diversos fatores; entre eles, a desconfiança das pessoas em relação aos efeitos da vacina. As notícias falsas que veiculam dados errados sobre o tema também contribuem para desinformar a população sobre a vacinação gerar medo, o que pode não somente aumentar o número de casos de doenças evitáveis com vacinas, mas contribuir para o retorno de doenças já erradicadas.

1. **Imagine que você precisa explicar para uma pessoa por que é importante se vacinar contra o sarampo e que essa pessoa tem dúvidas sobre a eficácia da vacina. Como você conduziria esse diálogo? Se necessário, faça uma pesquisa em publicações impressas ou digitais para buscar informações que sejam confiáveis. Compartilhe suas estratégias com a turma.**

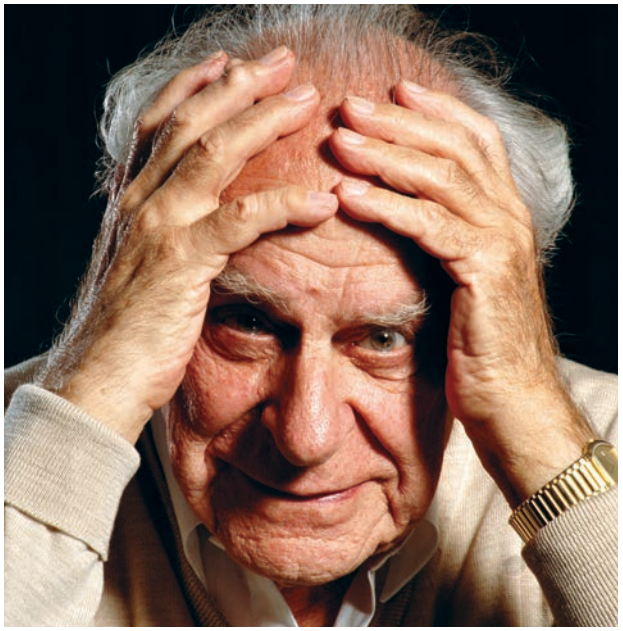
Prefeitura Municipal de Silvianópolis/Governo do Estado de Minas Gerais

Campanha de vacinação divulgada pela prefeitura de Silvianópolis (MG) em 2022. O sarampo é uma doença altamente contagiosa. Em 2023, foram reportados mais de 300 mil casos da doença, segundo a OMS, um aumento de 79% em relação ao ano anterior.

O CIENTIFICISMO

O cientificismo é uma forma de entender as ciências que as considera produtoras de uma verdade inquestionável e lhes imputa a única maneira verdadeira de conhecer o mundo. Se o negacionismo científico representa um dos extremos de uma discussão extremamente polarizada acerca do que é verdadeiro ou não em termos de compreensão de mundo, o cientificismo representa o outro. Nesse sentido, ter uma visão cientificista das ciências é uma contradição incontornável. Como estudado anteriormente, as ciências produzem verdades que, por princípio, devem ser passíveis de questionamento e, portanto, são intrinsecamente provisórias, ainda que muitas delas perdurem por muito tempo ou sequer cheguem a ser refutadas.

David Levenson/Getty Images



Karl Popper em Londres, na Inglaterra. Foto de 1992.

As ciências se propõem a ser uma explicação racional dos fenômenos do mundo, seguindo, em seus mais diversos procedimentos, métodos de coleta de evidências, dados, observações e interpretações que sustentam aquilo que se torna conhecimento científico. É fundamental não esquecer que, assim como qualquer outra atividade humana, a ciência não é neutra; pode cometer erros, ser feita e usada em favor de determinadas pautas nem sempre condizentes com o interesse geral. Mas, sobretudo, é um fazer coletivo, sujeito a verificações e falseabilidade.

O desenvolvimento do conceito de **falseabilidade**, também conhecido como **refutabilidade**, é atribuído ao filósofo austro-britânico Karl R. Popper (1902-1994). Para ele, as ciências jamais podem proclamar que atingiram a verdade absoluta e sempre podem ser submetidas à falseabilidade. Enquanto determinado conhecimento científico conseguir resistir ao falseamento, ele continuará válido.

Segundo Popper, para que um sistema seja aceito como científico, não basta que muitos casos confirmem uma teoria (método indutivo), mas que ela seja passível de ser refutada pela experiência empírica, conforme exposto no texto a seguir.

> Contudo, só reconhecerei um sistema como empírico ou científico se ele for passível de comprovação pela experiência. Essas considerações sugerem que deve ser tomado como critério de demarcação, não a *verificabilidade*, mas a *falseabilidade* de um sistema. Em outras palavras, não exigirei que um sistema científico seja suscetível de ser dado como válido, de uma vez por todas, em sentido positivo; exigirei, porém, que sua forma lógica seja tal que se torne possível validá-lo através de recurso a provas empíricas, em sentido negativo: *deve ser possível refutar, pela experiência, um sistema científico empírico*.
>
> Assim, o enunciado "Choverá ou não choverá aqui, amanhã" não será considerado empírico, simplesmente porque não admite refutação, ao passo que será considerado empírico o enunciado "Choverá aqui, amanhã".
>
> POPPER, Karl R. *A lógica da pesquisa científica*. São Paulo: Cultrix, 1972. p. 42.

Susan Haack/Acervo da cedente

Filósofa Susan Haack. Foto de 2009.

Para a filósofa inglesa Susan Haack (1945-), professora de Filosofia e de Direito na Universidade de Miami, nos Estados Unidos, o cientificismo pode ser percebido por meio de seis sinais, apresentados a seguir.

Não escreva no livro.

1. Quando são usadas as palavras “ciência”, “científico”, “cientificamente”, “cientista”, etc. como uma forma de elogio epistêmico.

2. Quando as terminologias técnicas ou os “adornos” acadêmicos são utilizados sem que tenham uma real utilidade para a compreensão de um problema.

3. Quando há uma preocupação exacerbada com a delimitação entre ciência e pseudociência.

4. Quando há a necessidade de que o “método científico” seja plenamente reconhecido para explicar a excelência das ciências, ou seja, receba uma espécie de chancela inquestionável.

5. Quando há a pretensão de procurar nas ciências respostas que estão além dos limites do conhecimento científico possível.

6. Quando há a negação da legitimidade de outros tipos de investigação ou mesmo do valor de outras atividades humanas não necessariamente investigativas, como a poesia e a arte.

Haack, Susan. *In*: Ribas, Marcelo Ferreira. Pela autonomia da compreensão humanística: Wittgenstein e o cientificismo. Seminário de Pesquisa e Ciências Humanas, Londrina, 12., 2018. Anais. Londrina: Universidade Estadual de Londrina. Disponível em: https://sepechuel2018.wordpress.com/wp-content/uploads/2019/01/pdf55.pdf. Acesso em: 8 ago. 2024.

As ciências propõem, sim, uma forma de compreensão do mundo e, por sua performatividade, ou seja, pelos resultados conquistados, têm se mostrado muito positivas para a melhoria da vida das pessoas e do mundo, mas não podem ser dogmatizadas. Efetivamente, nada combina menos com o espírito científico do que dogmas inquestionáveis.

André Dahmer/Acervo do cartunista

Charge A palavra da ciência, de André Dahmer. 2021.

INTERAÇÃO

1. **O humor da *charge* ao lado decorre de uma contradição exposta. Que contradição é essa?**
2. **Debata com os colegas sobre as questões a seguir.**
   - **a)** Quais são as diferenças existentes entre o negacionismo científico e o cientificismo?
   - **b)** De que modo cada uma dessas posturas pode afastar as pessoas da busca científica? Por que ambas são prejudiciais?
   - **c)** Durante o debate, faça anotações; depois, escreva um texto dissertativo sobre o tema. Em seguida, compartilhe sua redação com a turma.

Não escreva no livro.

A ANTIGUIDADE GRECO-ROMANA E A FILOSOFIA

No começo deste capítulo, apresentamos as relações entre o surgimento da democracia na Grécia Antiga e o estabelecimento de certa forma de pensar e explicar o mundo. Entre o final do século VII a.C. e o começo do século VI a.C., o conceito de *logos* foi apresentado como um discurso racional, capaz de explicar as causas e os efeitos da realidade.

A cultura ocidental adotou não apenas a postura racional da Grécia Antiga, mas também a filosofia decorrente desse modo de pensar. Conceitos como antropocentrismo, idealismo e a própria ideia de racionalidade se juntaram às ideias políticas de monarquia, tirania, democracia e hegemonia, entre outras, para compor um legado partilhado pelo mundo ocidental.

No entanto, também é importante mencionar a presença da cultura da Antiguidade romana nessa composição. O Império Romano perdurou por cinco séculos (de 27 a.C. a 476 d.C.). À sua grande extensão pode ser imputada parte de sua influência sobre a cultura ocidental, pois ele agregava regiões contínuas da Europa, do norte da África e do Oriente Médio. Vale ressaltar que os romanos chegaram a dominar a Grécia no século II a.C. Nesse período de domínio, os romanos também absorveram aspectos culturais gregos que passaram a integrar as sociedades romanas. Conceitos como cidadania e justiça (direito romano), a língua latina e suas derivações e o cristianismo são exemplos de elementos considerados fundamentais para o mundo ocidental e que têm suas origens nessa Antiguidade.

A Filosofia nasce nesse contexto, na Grécia Antiga, com a preocupação central de descobrir um princípio originário do qual todas as coisas derivariam. Esse princípio ou fundamento era chamado de *arkhé*. Para encontrar a *arkhé* e refletir sobre ela, os primeiros filósofos ocuparam-se da *physis*, noção comumente traduzida como "natureza", mas com um sentido mais amplo de desenvolvimento, transformação e crescimento.

Considera-se Tales de Mileto (*c.* 624 a.C.-*c.* 546 a.C.) o primeiro filósofo grego pertencente ao grupo dos ditos filósofos pré-socráticos, dadas a centralidade e a importância do pensamento de Sócrates (*c.* 469 a.C.-399 a.C.) para a filosofia grega.

Museus do Vaticano, Cidade do Vaticano. Fotografia: Bridgeman Images/Easy

Detalhe de vaso grego de cerca de 555 a.C., representando o mito de Prometeu.

REFLEXÃO

Então, a filosofia é grega?

O poeta inglês Percy Shelley (1792-1822), no prefácio de sua obra ***Hellas***, afirma: "Nós todos somos gregos". Shelley buscava na Antiguidade grega elementos para sua produção artística, sendo que um de seus poemas mais famosos (na verdade, uma pequena peça lírica) é "Prometeu desacorrentado", uma referência ao mito de Prometeu. Assim, ao afirmar que todos nós somos gregos, Shelley assume a importância do pensamento grego antigo na formação do pensamento ocidental. No entanto, duas perguntas importantes se colocam: a filosofia, como uma nova forma de pensar o mundo, é realmente grega? Somente os gregos faziam filosofia?

A resposta à primeira questão ainda é controversa. Há os estudiosos que defendem a tese do "milagre grego" no desenvolvimento da filosofia. Há também aqueles que defendem que a filosofia grega antiga é tributária das relações estabelecidas entre povos orientais e a Grécia (chamados de orientalistas). Há, por fim, correntes mais atuais de pensamento que defendem que todos os povos criaram correntes de pensamento e áreas de conhecimento, ampliando a ideia de filosofia.

1. **Com base nesses diálogos, na foto desta página e no texto sobre as origens da filosofia ocidental, pondere e responda: Em sua opinião, a filosofia é exclusivamente grega? Explique sua resposta para a turma.**

Não escreva no livro.

Em busca da *arkhé*

Você lembra que os primeiros filósofos gregos estavam preocupados em encontrar um princípio, um fundamento que fosse capaz de dar sustentação a uma cadeia explicativa racional sobre as coisas do mundo? Pois bem, cada um desses filósofos pré-socráticos encontrou saídas distintas, às vezes próximas, às vezes completamente diferentes. No entanto, há que se ressaltar a dificuldade de estudar o pensamento pré-socrático pelo simples fato de que muita coisa se perdeu, sendo conhecido apenas por meio de fragmentos ou referências de outros filósofos que praticaram a **doxografia**. De toda forma, mesmo dispondo de pouco material, podemos dividir os filósofos pré-socráticos por escolas. Assim, temos a escola jônica, a escola pitagórica e a escola eleata. Temos, ainda, os pluralistas e os atomistas.

doxografia: atividade na qual as ideias de determinado autor são apresentadas e interpretadas por outro autor.

Tales de Mileto, tido como o primeiro filósofo grego, pertencia à escola jônica, que se desenvolveu na Jônia entre os séculos VI a.C. e V a.C. Para esse filósofo, a *arkhé* era a água, e sua qualidade era representada pela unidade. É bastante difícil ainda hoje entender exatamente o que significava para Tales reconhecer a água como princípio fundante do mundo. No entanto, podemos nos arriscar a supor que Tales reconhecia a importância da presença da água para a preservação e o desenvolvimento da vida, por exemplo.

Museu Nacional da Suíça, Zurique/Fotografia: Album/Easy Mediabank

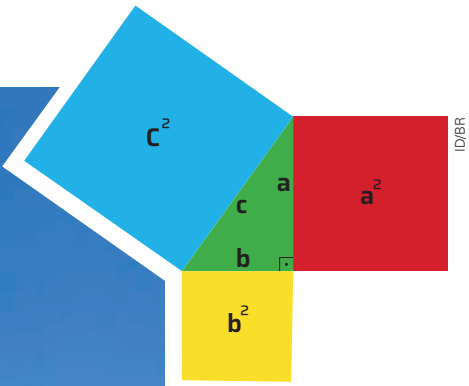
Anaxímenes de Mileto retratado em mosaico romano do século III.

Na escola jônica, merece destaque, ainda, Anaximandro de Mileto (*c.* 610 a.C.-*c.* 546 a.C.), que, curiosamente, não identificava nenhuma *arkhé*, mas entendia como princípio unificador da *physis* o *ápeiron*, ou seja, o indeterminado, o ilimitado e indefinido. Anaxímenes de Mileto (*c.* 586 a.C.-*c.* 526 a.C.), discípulo de Anaximandro, contrariamente ao pensamento de seu mestre, acreditava que o princípio fundante da natureza era o ar, pois imaginava que as coisas se formavam por meio da condensação ou da rarefação desse elemento.

Por volta do final do século VI a.C., a filosofia grega sofreu um deslocamento e ganhou mais notoriedade na região da Magna Grécia, graças ao filósofo e matemático Pitágoras de Samos (*c.* 570 a.C.-*c.* 495 a.C.), que chegou a ser discípulo de Tales de Mileto, mas fundou a própria escola: a escola pitagórica. Para Pitágoras e seus discípulos, a unidade fundamental da natureza eram os números, a matemática. Nessa vertente, o trabalho do pensamento é capaz de descobrir a estrutura numérica das coisas e pode, então, estabelecer as relações com o cosmos, a harmonia, a beleza e a proporção. A escola pitagórica é bastante famosa até os dias de hoje, graças ao teorema de Pitágoras, que estabelece uma relação entre os lados de um triângulo retângulo.

Hoje, ainda que seja difícil entendermos o que esses filósofos pensavam, sobretudo pela falta de material escrito, suas contribuições não se resumiram à Filosofia. A Astronomia e a Matemática também devem muito a esses pensadores. Vale lembrar que, muito tempo depois de Pitágoras, o físico e matemático italiano Galileu Galilei (1564-1642) afirmou que "o livro da natureza está escrito em caracteres matemáticos".

Esin Deniz/Shutterstock.com/ID/BR



ID/BR

Representação ilustrativa do teorema de Pitágoras, segundo o qual a soma das medidas das áreas dos quadrados sobre os catetos (*a* e *b*) é igual à medida da área do quadrado sobre a hipotenusa (*c*).

Estátua feita em homenagem a Pitágoras, na ilha de Samos, na Grécia, local onde o filósofo e matemático teria nascido. A estátua, feita por Nikos Icarus, em bronze, no ano de 1988, mostra Pitágoras alinhado com os catetos de um triângulo retângulo contendo inscrições em sua hipotenusa, ilustrando o teorema de Pitágoras. Foto de 2023.

Entre a imobilidade e o movimento

A segunda fase de pensadores pré-socráticos também é conhecida como **pluralista**, devido à sua concepção do mundo natural como múltiplo e dinâmico, rompendo com a ideia de unidade da *physis*, concebendo-a como uma pluralidade. Assim, Empédocles (*c.* 495 a.C.-430 a.C.) concebeu a *physis* como composta de quatro elementos: o fogo, a terra, o ar e a água.

Album/Easy Mediabank

Representação dos símbolos alquímicos dos quatro elementos (da esquerda para direita: fogo, terra, ar e água), do tratado *Filosofia reformada*, de Johannes Daniel Mylius, do ano de 1622.

Entre os pluralistas, Demócrito de Abdera (*c.* 460 a.C.-370 a.C.) e Leucipo de Mileto (*c.* 480 a.C.-420 a.C.) são conhecidos como **atomistas**. Partindo da ideia de que a *physis* é múltipla, eles imaginaram que seria formada por parte indivisíveis – os átomos.

Heráclito de Éfeso (*c.* 535 a.C.-475 a.C.), por sua vez, considerava que todas as coisas estão em movimento, que tudo flui. Para ele, o mundo seria múltiplo e estaria em fluxo perpétuo. Dessa forma, Heráclito pode ser considerado o filósofo do *devir,* ou seja, a essência de todas as coisas é aquela que advém da luta entre os contrários. Pode-se, assim, considerar que o pensamento heracliteano inaugura, em alguma medida, o pensamento dialético, devido à importância que dá à disputa entre os opostos.

Entretanto, nem todos os pensadores gregos do século V a.C. chegavam a um consenso sobre o dinamismo do mundo, e a disputa entre **mobilistas**, que compreendem o ser e o mundo como entes em constante movimento, e **monistas**, que defendem a existência de uma realidade única, é considerada um divisor de águas na formação do pensamento filosófico ocidental.

Parmênides de Eleia é considerado por muitos um dos principais filósofos pré-socráticos, por seu pensamento trazer uma preocupação com o ser das coisas para além de seu princípio fundante. Dessa forma, ele acabou abrindo caminho para aquilo que, na Filosofia, é conhecido como **ontologia**.

A importância de seu pensamento contrasta com a exiguidade do material de sua autoria que chegou até nós. Basicamente, são apenas fragmentos de seu poema "Da natureza". Nesse poema, ele faz uma importante distinção entre aparência e essência, bem como entre a "via da verdade" e a "via da opinião". A via da opinião é enganosa e induz ao erro por valer-se dos sentidos. Dessa forma, temos acesso apenas à aparência das coisas. No entanto, pela via da verdade, trilhada exclusivamente pelo caminho da racionalidade, é possível alcançar a essência tida como a verdade das coisas.

Para o eleata, a essência das coisas é a existência, e o ser é imóvel, imutável, infinito. Apenas aquilo que é inteligível, isto é, acessível por meio da razão, é verdadeiro. Sua máxima "o ser é e o não ser não é" talvez seja a mais emblemática de seu pensamento.

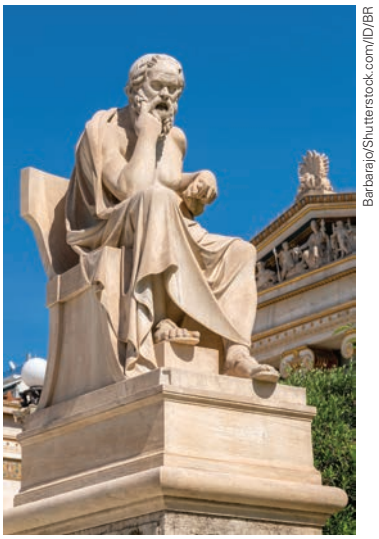
Não escreva no livro.

A metafísica

O termo "metafísica", em sentido filosófico, refere-se à ciência primeira, isto é, aquela que tem como foco os objetos de todas as outras ciências. Isso significa que os objetos sobre os quais se debruça a Metafísica, aquele conhecimento que está para além da Física, da materialidade, são a própria realidade e sua natureza fundamental. Os filósofos deram e dão respostas distintas a esse questionamento e também divergem quanto às formas de conhecer a natureza última da realidade das coisas. Há, inclusive, filósofos que defendem a impossibilidade desse tipo de conhecimento, como Immanuel Kant.

Na Antiguidade grega, três filósofos se destacaram no tocante ao tratamento do conhecimento da realidade em sua natureza mais fundamental: Sócrates, Platão e Aristóteles. Disso não se depreende que sejam os únicos, tampouco que antes deles as discussões metafísicas não se encontravam no horizonte dos pensadores.

A frase "Só sei que nada sei" talvez seja uma das afirmações mais famosas da história da Filosofia e retrata a essência da postura filosófica de Sócrates. Essa afirmação não pretendia ser uma simples frase de efeito, mas, antes, a síntese do modo como o pensamento filosófico deve proceder, ou seja, é necessário assumir que não sabemos para podermos vir a saber. Essa espécie de mote socrático tinha por objetivo não apenas instaurar um método filosófico, mas também combater as ideias sofistas segundo as quais a verdade é fruto tanto de nossas opiniões sobre as coisas quanto dos consensos que podem ser formados a partir delas.



Barbaraj/Shutterstock.com/ID/BR

Estátua de Sócrates na Academia Nacional de Atenas, Grécia, feita em mármore por Leonidas Drosis, no século XIX. Foto de 2023.

Platão foi discípulo de Sócrates e o responsável pela difusão do pensamento socrático, uma vez que seu mestre não deixou sua filosofia registrada na forma escrita. Isso significa que tudo o que sabemos sobre Sócrates é conhecido por meio dos livros platônicos. Já Aristóteles foi discípulo de Platão por 19 anos e se distanciou dele por divergências fundamentais entre as próprias ideias e as do mestre.

Platão talvez seja o filósofo da Antiguidade grega mais influente na cultura ocidental. Foi discípulo de Sócrates por dez anos e produziu uma filosofia vigorosa e abundante. Ganham destaque na doutrina platônica sua compreensão da realidade e a maneira pela qual a verdade pode ser alcançada. Uma das perspectivas elaboradas por Platão é a de que a realidade está dividida em dois planos ou mundos: o mundo das ideias/inteligível – perfeito, eterno, imutável e que pode ser alcançado e conhecido por meio da razão – e o mundo sensível – imperfeito, mutável e que pode ser conhecido por meio dos sentidos, sendo, portanto, sujeito a enganos. Assim, nessa perspectiva, conhecer é conhecer as ideias, é inteligir. O mito ou a alegoria da caverna também é um ponto importante do pensamento platônico, apresentado no livro *A República*. Nele, o filósofo estabelece as relações entre luz e conhecimento e entre escuridão e ignorância, o que ressalta uma característica do pensamento platônico, que é o estabelecimento de dualismos.

Escola de Atenas, de Rafael Sanzio, 1509-1510. Afresco. No centro da pintura destacam-se representações de Platão (à esquerda) e Aristóteles (à direita). A identidade das demais pessoas representadas é alvo de debate até os dias atuais.

Acervo Museus do Vaticano, Cidade do Vaticano, Itália. Fotografia: ID/BR

Aristóteles, após romper com Platão, fundou o Liceu, em contraposição à Academia de Platão. Os aspectos de maior discórdia entre os dois filósofos eram o dualismo platônico e a teoria das ideias. Para Aristóteles, o saber empírico, isto é, o conhecimento advindo do mundo sensível, é fundamental para que o conhecimento seja alcançado. Conhecer, na filosofia aristotélica, é conhecer as causas.

ATIVIDADES

1 **O texto a seguir apresenta algumas reflexões sobre a ciência. Leia-o e, depois, faça o que se pede.**

> […] A ciência pode ser considerada como uma *linguagem construída pelos homens e pelas mulheres para explicar o nosso mundo natural*. Compreendermos essa linguagem (da ciência) como entendemos algo escrito numa língua que conhecemos (por exemplo, quando se entende um texto escrito em português) é podermos compreender a linguagem na qual está (sendo) escrita a natureza. […]
>
> […]
>
> Entender a ciência nos facilita, também, contribuir para controlar e prever as transformações que ocorrem na natureza. Assim, teremos condições de fazer com que essas transformações sejam propostas, para que conduzam a uma melhor qualidade de vida. […]
>
> Chassot, Attico. Alfabetização científica: uma possibilidade para a inclusão social. *Revista Brasileira de Educação*, n. 22, jan./abr. 2003. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n22/n22a09.pdf. Acesso em: 19 jul. 2024.

a) Ao ler o texto, você identifica relações entre as concepções de Attico Chassot e os pré-socráticos? Explique.

b) Você concorda com Chassot em relação aos objetivos da ciência? Por quê? Compartilhe suas percepções com a turma.

c) Reflita sobre o texto e dialogue com a turma sobre as seguintes questões: Por que conhecer a ciência e suas dinâmicas de produção e divulgação de conhecimento é importante para os cidadãos? De que modo isso poderia acabar com as *fake news*?

2 **(UFU)**

> Vou explicar-me, e não será argumento sem valor, a saber: que nenhuma coisa é una em si mesma e que não há o que possas denominar com acerto ou dizer como é constituída. Se a qualificares como grande, ela parecerá também pequena; se pesada, leve, e assim em tudo o mais, de forma que nada é uno, ou algo determinado ou como quer que seja. Da translação das coisas, do movimento e da mistura de umas com as outras é que se forma tudo o que dizemos existir, sem usarmos a expressão correta, pois em rigor nada é ou existe, tudo devém. Sobre isso, com exceção de Parmênides, todos os sábios […] estão de acordo: Protágoras, Heráclito e Empédocles […].
>
> Platão. *Teeteto*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 2001, p. 50.

Tendo em vista o trecho de Platão citado, explique, utilizando a distinção entre o uno de Parmênides e o devir de Heráclito, por que no mobilismo nada é e por que, para Parmênides, apenas o Ser é.

3 **(UFPR)**

> Quando soube daquele oráculo, pus-me a refletir assim: "Que quererá dizer o Deus? Que sentido oculto pôs na resposta? Eu cá não tenho consciência de ser nem muito sábio nem pouco; que quererá ele então significar declarando-me o mais sábio? Naturalmente não está mentindo, porque isso lhe é impossível". Por longo tempo fiquei nessa incerteza sobre o sentido; por fim, muito contra meu gosto, decidi-me por uma investigação, que passo a expor.
>
> Platão. *Defesa de Sócrates*. Trad. Jaime Bruna. Coleção Os Pensadores. Vol. II. São Paulo: Victor Civita, 1972, p. 14.

O texto lido pode ser tomado como exemplo para ilustrar o modo como se estabelece, entre os gregos, a passagem do mito para a filosofia. Essa passagem é caracterizada:

a) pela transição de um tipo de conhecimento racional para um conhecimento centrado na fabulação.

b) pela dedicação dos filósofos em resolver as incertezas por meio da razão.

c) pela aceitação passiva do que era afirmado pela divindade.

Não escreva no livro.

d) por um acento cada vez maior do valor conferido ao discurso de cunho religioso.

e) pelo ateísmo radical dos pensadores gregos, sendo Sócrates, inclusive, condenado por isso.

4 (Enem)

Para Platão, o que havia de verdadeiro em Parmênides era que o objeto de conhecimento é um objeto de razão e não de sensação, e era preciso estabelecer uma relação entre objeto racional e objeto sensível ou material que privilegiasse o primeiro em detrimento do segundo. Lenta, mas irresistivelmente, a Doutrina das Ideias formava-se em sua mente.

Zingano, M. *Platão e Aristóteles*: o fascínio da filosofia. São Paulo: Odysseus, 2012 (adaptado).

O texto faz referência à relação entre razão e sensação, um aspecto essencial da Doutrina das Ideias de Platão (427 a.C.-346 a.C.). De acordo com o texto, como Platão se situa diante dessa relação?

a) Estabelecendo um abismo intransponível entre as duas.

b) Privilegiando os sentidos e subordinando o conhecimento a eles.

c) Atendo-se à posição de Parmênides de que razão e sensação são inseparáveis.

d) Afirmando que a razão é capaz de gerar conhecimento, mas a sensação não.

e) Rejeitando a posição de Parmênides de que a sensação é superior à razão.

5 (FGV)

O NEGACIONISMO NO PODER

Como fazer frente ao ceticismo que atinge a ciência e a política

Até pouco tempo atrás, quando queríamos sustentar uma afirmação sem argumentar demais, bastava dizer: "É comprovado cientificamente." Mas essa tática já não tem mais a mesma eficácia, pois a confiança na ciência está diminuindo. Vivemos hoje um clima de ceticismo generalizado, uma descrença nas instituições que favorece a disseminação de negacionismos, encampados por governos com políticas escancaradamente anticientíficas.

Algumas pesquisas confirmam a crise de confiança que atinge, ao mesmo tempo, a ciência e a política. O fenômeno da pós-verdade – esse momento que atravessamos no qual fatos objetivos têm menos influência na opinião pública do que crenças pessoais – é um sintoma extremo dessa crise. Muita gente não enxerga que a ciência, assim como a política, existe para beneficiar a sociedade. E esse desencanto produz um terreno fértil para movimentos anticiência e teorias da conspiração (além de fomentar extremismos). A pós-verdade, assim, não designa apenas o uso oportunista da mentira (embora ele seja frequente). O termo sinaliza, acima de tudo, um ceticismo quanto aos benefícios das verdades que costumavam compor um repertório comum, o que explica certo desprezo por evidências factuais usadas na argumentação científica. Diante disso, contradizer argumentos falsos exibindo fatos reais pode ter pouca relevância em uma discussão. Evidências e consensos científicos têm sido facilmente contestados com base em convicções pessoais ou experiências vividas – como se percebe todos os dias nas redes sociais.

Tatiana Roque, *Piauí*, No. 161, fevereiro, 2020. Adaptado.

Segundo a autora do texto,

a) convicções pessoais deveriam impedir e não estimular a disseminação dos negacionismos nos meios científico e político.

b) a pós-verdade nada mais é do que uma versão moderna das teorias da conspiração.

c) os movimentos anticientíficos fomentam os extremismos e enfraquecem os governos.

d) a negação da ciência é mais prejudicial para a sociedade do que a rejeição da política.

e) a argumentação baseada em experiências vividas é usada por muitas pessoas para contestar a comprovação científica.

6 (Enem)

A definição de Aristóteles para enigma é totalmente desligada de qualquer fundo religioso: dizer coisas reais associando coisas impossíveis. Visto que, para Aristóteles, associar coisas impossíveis significa formular uma contradição, sua definição quer dizer que o enigma é uma contradição que designa algo real, em vez de não indicar nada, como é de regra.

Colli, G. *O nascimento da filosofia*. Campinas: Unicamp, 1996 (adaptado).

Segundo o texto, Aristóteles inovou a forma de pensar sobre o enigma, ao argumentar que

a) a contradição que caracteriza o enigma é desprovida de relevância filosófica.

b) os enigmas religiosos são contraditórios porque indicam algo religiosamente real.

c) o enigma é uma contradição que diz algo de real e algo de impossível ao mesmo tempo.

d) as coisas impossíveis são enigmáticas e devem ser explicadas em vista de sua origem religiosa.

e) a contradição enuncia coisas impossíveis e irreais, porque ela é desligada de seu fundo religioso.

ESTÚDIO FILOSÓFICO

A RAZÃO EM DESCARTES

Neste capítulo, discutimos o conceito de razão moderna, refletindo sobre sua influência no contexto do negacionismo científico e do cientificismo contemporâneo. Além disso, revisitamos as raízes da filosofia na Antiguidade greco-romana, analisando desde os pré-socráticos até a metafísica de Platão. Neste capítulo, vamos nos aprofundar no método científico proposto por Descartes e em sua contribuição para a Filosofia e a Ciência, explorando como suas ideias moldaram nossa compreensão moderna do conhecimento e da investigação científica.

Davi Augusto Studio/ID/BR

PERFIL

René Descartes, nascido em 1596, na França, é considerado um dos fundadores da Filosofia moderna e um dos grandes pensadores do século XVII. Educado em um ambiente jesuíta, desde cedo Descartes demonstrou uma inclinação para a Matemática e a Ciência. Após concluir sua formação na Universidade de Poitiers, dedicou-se a uma vida de estudo e reflexão, viajando pela Europa e interagindo com outros intelectuais da época.

A contribuição mais marcante de Descartes para a Filosofia foi a defesa de um método sistemático e racional para a obtenção de conhecimento, sintetizado em seu famoso princípio "Penso, logo existo". Ele buscava fundamentar todo o conhecimento humano em bases indubitáveis, partindo da dúvida metódica para alcançar certezas inabaláveis.

OBRAS-CHAVE

- *Cartesianismo* (1656)
- *As paixões da alma* (1649)
- *Princípios de filosofia* (1644)
- *Meditações metafísicas* (1641)
- *Discurso do método* (1637)

Além de suas obras filosóficas, como *Meditações metafísicas* e *Discurso do método*, Descartes também fez importantes contribuições para a Matemática, especialmente para a Geometria Analítica. Sua influência se estendeu para além da Filosofia e da Ciência, moldando o pensamento moderno sobre a natureza do conhecimento, a relação entre mente e corpo e os limites do entendimento humano. René Descartes faleceu em 1650, na Suécia, deixando um legado duradouro que continua a ser estudado e debatido até os dias de hoje.

EM LEITURA

Em *Discurso do método*, uma de suas obras mais conhecidas, Descartes apresenta e discute as bases do racionalismo, corrente filosófica que enfatiza a primazia da razão humana na busca pelo conhecimento, estabelecendo um método sistemático para alcançar verdades indubitáveis. Esse método de investigação científica, por sua vez, influenciou profundamente o desenvolvimento posterior da Filosofia, da Ciência e da Epistemologia ocidentais.

O *Discurso do método* é estruturado em seis partes distintas. Inicia com considerações sobre a Ciência, em que Descartes pondera a necessidade de estabelecer um método seguro para guiar o pensamento humano. Em seguida, ele apresenta as regras do método, que incluem princípios como a dúvida sistemática e a decomposição de problemas complexos em partes menores e mais acessíveis à razão.

Na quarta parte da obra, Descartes apresenta os fundamentos de suas reflexões metafísicas, como podemos observar no trecho a seguir.

No trecho da obra apresentado a seguir, Descartes aprofunda sua reflexão acerca da importância da dúvida como ferramenta metodológica.

Não escreva no livro.

Não sei se vos devo falar das primeiras meditações que aqui fiz, pois elas são tão metafísicas e tão pouco comuns que talvez não sejam do agrado de todos. No entanto, a fim de que se possa julgar se os fundamentos que tomei são bastante firmes, acho-me, de certa forma, obrigado a falar delas. Há muito tempo eu notara que, quanto aos costumes, por vezes é necessário seguir, como se fossem indubitáveis, opiniões que sabemos serem muito incertas, como já foi dito acima; mas, como então desejava ocupar-me somente da procura da verdade, pensei que precisava fazer exatamente o contrário, e rejeitar como absolutamente falso tudo em que pudesse imaginar a menor dúvida, a fim de ver se depois disso não restaria em minha crença alguma coisa que fosse inteiramente indubitável. Assim, porque os nossos sentidos às vezes nos enganam, quis supor que não havia coisa alguma que fosse tal como eles nos levam a imaginar. E porque há homens que se enganam ao raciocinar, mesmo sobre os mais simples temas de geometria, e neles cometem paralogismos, julgando que eu era tão sujeito ao erro quanto qualquer outro, rejeitei como falsas todas as razões que antes tomara como demonstrações. E, finalmente, considerando que todos os pensamentos que temos quando acordados também nos podem ocorrer quando dormimos, sem que nenhum seja então verdadeiro, resolvi fingir que todas as coisas que haviam entrado em meu espírito não eram mais verdadeiras que as ilusões de meus sonhos. Mas logo depois atentei que, enquanto queria pensar assim que tudo era falso, era necessariamente preciso que eu, que o pensava, fosse alguma coisa. E, notando que esta verdade – *penso, logo existo* – era tão firme e tão certa que todas as mais extravagantes suposições dos céticos não eram capazes de a abalar, julguei que podia admiti-la sem escrúpulo como o primeiro princípio da filosofia que buscava.

Depois, examinando atentamente o que eu era e vendo que podia fingir que não tinha nenhum corpo e que não havia nenhum mundo, nem lugar algum onde eu existisse, mas que nem por isso podia fingir que não existia; e que, pelo contrário, pelo próprio fato de eu pensar em duvidar da verdade das outras coisas, decorria muito evidentemente e muito certamente que eu existia; ao passo que, se apenas eu parasse de pensar, ainda que tudo o mais que imaginara fosse verdadeiro, não teria razão alguma de acreditar que eu existisse; por isso reconheci que eu era uma substância, cuja única essência ou natureza é pensar, e que, para existir, não necessita de nenhum lugar nem depende de coisa alguma material. De sorte que este eu, isto é, a alma pela qual sou o que sou, é inteiramente distinta do corpo, e até mais fácil de conhecer que ele, e, mesmo se o corpo não existisse, ela não deixaria de ser tudo o que é.

Descartes, René. *Discurso do método*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 37-39.

PARA CONCLUIR

1 **Com base na leitura do trecho, bem como em seus conhecimentos prévios, responda:**

a) O que levou Descartes a rejeitar como falso tudo aquilo que pudesse suscitar dúvida?

b) Como você interpreta a máxima "Penso, logo existo"?

2 **Quais critérios você costuma utilizar para avaliar se uma afirmação é verdadeira? Você considera esse método eficaz? Por quê?**

3 **Descartes utiliza a dúvida como ferramenta metodológica. Em sua opinião, qual é a importância da dúvida na busca pelo conhecimento verdadeiro?**

4 **Considere a afirmação de Descartes de que os sentidos podem nos enganar e que o pensamento é mais certo do que a percepção sensorial. Em sala de aula, discuta com os colegas as implicações dessa afirmação para a Ciência e a Epistemologia.**

AMPLIANDO

VIÉS DE CONFIRMAÇÃO

Você já ouviu falar em viés de confirmação?

Grosso modo, pode-se dizer que **viés de confirmação** é a tendência a considerar verdadeiras informações que reforçam ou validam crenças e opiniões pessoais a respeito de determinado tema, independentemente da veracidade dessas informações.

Imagine a seguinte situação: você faz parte da *fanbase* de determinado artista ou influenciador, identificado neste exemplo pela letra **a**. Ele é rival de outro artista ou influenciador (a quem você detesta), identificado aqui pela letra **b**, e a desavença entre **a** e **b** é publicizada em redes sociais, com ofensas e ataques proferidos por ambas as partes. No furor da disputa, boatos, supostamente reportados por pessoas próximas a **b**, começam a circular pelas redes sociais, afirmando que **b** seria uma pessoa horrível e teria cometido atrocidades contra pessoas, animais e o meio ambiente. Mesmo que a origem do boato seja desconhecida, que suas fontes não tenham sido reveladas e que seu conteúdo não possa ser confirmado, embora pareçam verdadeiros, pois, em sua opinião, **b** de fato é uma pessoa horrível e capaz de atrocidades, você tenderia a considerá-lo verdadeiro? Se você respondeu "sim", acabou de experimentar o fenômeno do viés de confirmação.

O viés de confirmação foi observado e descrito pela primeira vez na década de 1960, pelo psicólogo cognitivo estadunidense Peter Wason (1924-2003), no contexto de sua pesquisa sobre como as pessoas raciocinam. Ele também pode ser observado na forma como costumamos lembrar, interpretar e até pesquisar informações.

O texto a seguir comenta alguns dos desdobramentos do viés de confirmação na forma como lemos o mundo.

> […] Em 1979, foi realizado um estudo na Universidade Stanford, nos Estados Unidos, com estudantes universitários que tinham opiniões opostas sobre a pena de morte. Com base em dois artigos falsos – um que argumentava a favor e outro contra a pena de morte –, os estudantes apoiaram justamente aquele artigo que confirmava sua crença original. O estudo mostrou que ter as certezas contestadas serviu apenas como reforço para as próprias convicções.
>
> Para os especialistas, a política e o futebol são campos de florescência do viés de confirmação. "A partir do momento em que você se expõe, você se cristaliza naquele posicionamento e aí você vai polarizando, polarizando…", diz a neurocientista Claudia Feitosa-Santana. […]
>
> Segundo Claudia, as conversas não ajudam a reduzir a polarização porque as pessoas acham que o diálogo está a serviço de desconstruir o argumento do outro. […] Há quem coloque na conta da empatia a solução. Acontece que a empatia, relacionada à verdadeira escuta, custa energia cerebral ou glicose, que é um recurso limitado.
>
> "É muito difícil você conseguir 'empatizar' com o que não faz parte do que você considera seu círculo moral", diz Claudia. "As pessoas hoje em dia focam em empatia, sendo que ninguém tem empatia com ninguém. Usam a palavra empatia para cobrar do outro empatia, não para ser empático. O foco na verdade é a palavra respeito e ninguém se respeita".
>
> Alinhada ao viés de confirmação, a polarização política já chega formatada. "Quem é de esquerda tem que ser a favor do aborto. Se você é de direita, você tem que ser contra. Alguns autores chamam isso de identidade *prêt-à-porter*, uma identidade que já vem pronta, você só vai ali e veste", diz Sérgio Rodrigo Ferreira, pesquisador da

Não escreva no livro.

Universidade Federal do Espírito Santo. "De certo modo, isso vai matando o aspecto mais subjetivo e mais diverso. Nós temos tido muita dificuldade de conviver com o contraditório por conta disso".

Se um ambientalista e um executivo de companhia petrolífera buscarem na internet por "mudanças climáticas", os resultados das buscas serão diferentes.

[...]

Ao mapear as preferências do usuário, o algoritmo forma as chamadas bolhas, delimitando as respostas de acordo com seus gostos. Isso gera uma autossatisfação viciante que pode isolar o indivíduo num sistema de conhecimento unilateral, reforçando sua visão em vez de expandi-la, assim como acontece com o viés de confirmação.

Mais do que as bolhas, existem ainda as câmeras de eco, que recebem a contribuição dos usuários para manter o alinhamento das crenças. "Quando recebe algum posicionamento diferente, além de ser ferrenhamente contrário a ele, o usuário exclui pessoas e conteúdos que divergem de si", explica Sérgio. "Não é apenas o algoritmo que está criando a bolha, mas os usuários ativamente estão construindo esses espaços fechados."

O constante reforço da própria opinião, evitando ter valores e crenças questionados, é abertura para a desinformação e para as *fake news*.

"O mundo é extremamente complexo hoje em dia. Nós temos muita dificuldade de enxergar e compreender a dimensão das várias camadas das coisas que acontecem e, de certo modo, na câmara de eco há uma simplificação do mundo a partir do que previamente eu já entendo, compreendo e creio. Eu faço o mundo caber na minha crença", considera Sérgio.

Claudia Feitosa-Santana traz um contraponto, lembrando que fazemos parte de grupos diversos, como veganos ou *petlovers*. "Nós não estamos todos exatamente dentro das mesmas bolhas. Nós temos muitos grupos e é isso que confere estabilidade para a nossa sociedade."

A falta de tempo, de conhecimento e de fontes confiáveis para filtrar a enxurrada de informações que recebemos pode colocar também a ciência no balaio do descrédito.

Amanda Moura de Sousa, pesquisadora na Universidade Federal do Rio de Janeiro, vem estudando a desinformação na área da saúde e a infodemia, o enorme fluxo de informações que invade a internet, diante da pandemia de covid-19.

"Para economizar o esforço de tentar lidar com algum fato, às vezes a gente precisa recorrer às nossas crenças, só que essas crenças podem levar para um caminho não muito saudável, que é eliminar a dúvida e se focar na certeza que você já tem", diz a especialista em ciência da informação.

Ela lembra de mensagens que circulavam no início da pandemia, dizendo que os laboratórios não tinham avançado suficientemente em seus estudos e usavam as pessoas como cobaias na aplicação de vacinas. Mais de 71% das mensagens falsas naquele período circulavam pelo WhatsApp, segundo análise do aplicativo Eu Fiscalizo, desenvolvido por pesquisadoras da Fiocruz. "Pela relação de desconfiança que as pessoas muitas vezes têm com os cientistas ou com o próprio fazer da ciência, que às vezes escapa à compreensão delas, elas acabam aderindo à desinformação sem buscar outra fonte", afirma Amanda.

Zanon, Sibélia. A mente aceita só aquilo em que acredita, dizem cientistas. ***Estadão***, São Paulo, 21 jan. 2023. Disponível em: https://www.estadao.com.br/cultura/a-mente-aceita-so-aquilo-em-que-acredita-dizem-cientistas/. Acesso em: 3 jul. 2024.

1 **Como você explicaria a um amigo ou conhecido o que é viés de confirmação?**

2 **Você já vivenciou ou presenciou alguma situação na qual ações e decisões tenham sido tomadas a partir de perspectivas distorcidas ocasionadas por um viés de confirmação? Compartilhe suas impressões com os colegas.**

3 **Em sua opinião, quais posturas ou atitudes são necessárias para que tomemos decisões e façamos escolhas informadas, independentemente de nossas crenças e opiniões pessoais?**

Não escreva no livro.

CAPÍTULO 6 CAPÍTULO 6 CAPÍTULO 6

CIÊNCIA OCIDENTAL MODERNA

1. Observe a seguir a gravura de Andreas Cellarius e responda: Que elementos dela se relacionam com a forma como você compreende o mundo?
2. Imagine que um objeto ou um fenômeno completamente novo tenha surgido em sua frente, algo que ninguém nunca tenha presenciado nem falado ou escrito a respeito. O que você faria para conhecê-lo?

Album/Easy Mediabank

A teoria heliocêntrica, proposta por Copérnico, tornou-se símbolo da Revolução Científica moderna. O heliocentrismo está representado nesta gravura, retirada do atlas *Harmonia macrocósmica* (1660), de Andreas Cellarius.

A busca pelo conhecimento é uma ferramenta fundamental para a sobrevivência dos seres humanos. Nesse sentido, grande parte dos saberes produzidos pela humanidade tem a função de resolver algum problema vital para sua subsistência. Os conhecimentos que diversos povos desenvolveram ao longo de milênios resultaram em diferentes formas de acúmulo, registro, transmissão e elaboração desses saberes.

Uma dessas formas deu origem à Revolução Científica da modernidade, isto é, à **ciência** à qual nos referimos hoje. Nos capítulos anteriores, ela foi chamada de ciência ocidental contemporânea, para se diferenciar dos contextos da Antiguidade analisados.

Caracterizada por métodos rigorosos de observação, análise, controle, experimentação e divulgação de resultados, essa maneira de se relacionar com o conhecimento possibilitou o desenvolvimento de muitas técnicas e tecnologias. Com essa expansão científica, especialmente durante a Idade Moderna na Europa, surgiram novos procedimentos de investigação do Universo e de seus fenômenos, organizados paulatinamente em campos de estudo. Surgiu, assim, uma visão de mundo centrada na **razão** e na **capacidade intelectual** do ser humano.

Como estudamos, há vestígios desse tipo de pensamento desde a Antiguidade greco-romana. Os pensadores da Idade Moderna da Europa tentaram, intensamente, relacionar seus modos de estruturar o pensamento aos posicionamentos dos intelectuais gregos e romanos, considerando que se trata de um modo de pensar inerente ao ser humano. No entanto, hoje sabemos que essa ideia foi construída durante a Modernidade. Além disso, há muitas formas de se relacionar com o conhecimento.

Não escreva no livro.

A IMPORTÂNCIA DO ENSINO SUPERIOR: FORMAÇÃO E PESQUISA

Você saberia dizer qual é função do Ensino Superior? É bem provável que tenha pensado que ele serve para formar os diversos profissionais e especialistas de que nossa sociedade necessita. Essa caracterização está certa, mas incompleta. Além de promover a formação profissional, as universidades têm como função a produção e a disseminação de conhecimentos por meio de pesquisas científicas. Trata-se, portanto, de instituições que resguardam os valores da ciência ocidental moderna.

Boa parte do desenvolvimento tecnológico atual foi realizado em algum departamento universitário de pesquisa. Por serem instituições voltadas para a excelência em pesquisa e ensino, as universidades desempenham um importante papel no desenvolvimento ético da sociedade e são locais privilegiados de crítica e transformação social. Apesar de apresentarem autonomia em relação à forma de trabalhar, espera-se que elas estejam em sintonia com as demandas do contexto sociocultural em que estão inseridas, produzindo e transmitindo não só conhecimento, mas também valores. Por isso, as universidades são locais de tensão intelectual e cultural que devem ter liberdade para produzir e propor ideias à sociedade, mesmo que ainda não estejamos preparados para elas.

Se avaliarmos o grau de desenvolvimento de um país ou uma sociedade, perceberemos que o conhecimento é uma condição fundamental para que se produza uma cultura rica, com instituições sólidas e igualitárias. O desenvolvimento sustentável da humanidade, por sua vez, só é possível com investimento em educação, ciência e tecnologia. Mas essas condições favoráveis ao saber nem sempre existem, e muitas vezes a educação é menosprezada e desvalorizada por certos governos.

No Brasil, a Constituição Federal de 1988 prevê a gratuidade e a universalidade do Ensino Básico, mas não garante o acesso generalizado ao Ensino Superior, dispondo que ele deve ocorrer de acordo com a capacidade intelectual de cada indivíduo. Disso decorre que a educação superior brasileira é caracterizada como privilégio de uma elite constituída de indivíduos pertencentes às classes sociais e econômicas mais favorecidas.

Contudo, a lei também prevê igualdade de acesso, de modo que cabe ao Estado desenvolver mecanismos que garantam essa equidade. Ações afirmativas, como as políticas de cota para pessoas negras e indígenas, estão sendo tomadas gradualmente para estimular a democratização do Ensino Superior, mas ainda há muitas medidas a serem tomadas para que esse objetivo seja cumprido. Somente garantindo o acesso e a permanência de estudantes de todas as cores e oriundos das diversas camadas da sociedade será possível construir uma sociedade verdadeiramente justa e democrática.

REFLEXÃO

Importância da pesquisa

Uma equipe de pesquisadores brasileiros de maioria feminina, dentre elas as pesquisadores Ester Cerdeira Sabino e Jaqueline Goes de Jesus, ambas da Universidade de São Paulo (USP), foi capaz de completar o sequenciamento do genoma do novo coronavírus, causador da covid-19, 48 horas após a detecção do primeiro caso da doença no Brasil.

1. **Por qual motivo esses pesquisadores brasileiros conseguiram esse feito em tão pouco tempo? Elabore hipóteses com base em seus conhecimentos sobre a pesquisa científica no Brasil.**
2. **Qual é a importância do apoio e do investimento para o desenvolvimento de pesquisas científicas? Reflita sobre a situação brasileira.**

Delfim Martins/Pulsar Imagens

Imagem feita por *drone* da vista do *campus* central da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) em Natal (RN). Foto de 2024.

Origens das universidades

As primeiras universidades europeias

As sociedades antigas já dispunham de instituições de ensino destinadas à formação intelectual, que eram, geralmente, frequentadas por cidadãos dos grupos de elite. Encontramos esse tipo de instituição por todo o mundo antigo, tanto na Europa como na Ásia e na África. Elas tinham em comum certa liberdade de pensamento, que, diferentemente da educação formal, era voltada para a pesquisa científica de diversas áreas. Tais escolas superiores também acolhiam conhecimentos e sábios de diversas regiões do mundo.

Muito se debate sobre qual teria sido a primeira instituição de Ensino Superior, mas esse é um dado difícil de determinar, uma vez que a ideia que nós temos de Ensino Superior e de universidade é "recente". O Ensino Superior e a universidade nos moldes como os conhecemos tiveram sua origem na Europa a partir do século XI. A palavra "universidade" vem do latim *universitas* e significa "conjunto, comunidade, associação, universalidade". As primeiras universidades da Europa medieval foram designadas como *Universitas Magistrorum et Scholarium*, ou seja, "comunidade de mestres e estudantes". Elas surgiram de forma espontânea dentro de instituições de ensino formal, sendo que a Universidade de Bolonha, organizada em 1088, é reconhecida como a pioneira.

O papa Gregório VII (pontificado de 1073 a 1085) incentivou a criação de escolas catedralícias e monásticas, que serviram de precursoras das universidades, fornecendo a base educacional e intelectual que alimentou o surgimento das primeiras universidades da Europa. A Igreja católica passou a controlar cada vez mais as universidades, delimitando as disciplinas ensinadas, administrando os salários dos mestres, entre outras intervenções. Isso fez com que as universidades entrassem em crise no século XIV, uma vez que o dogmatismo religioso inibia a liberdade essencial à pesquisa e ao ensino.

Nesse período, em que se inicia o Renascimento, os dogmas católicos foram contestados e a busca por conhecimento se deu, sobretudo, fora das universidades. Ao longo do século XVII, surgiram as sociedades e academias científicas, que, separadas das universidades, buscavam realizar, organizar e transmitir ao público os resultados de pesquisas e experimentos. Grandes cientistas, como Isaac Newton, Blaise Pascal, Galileu Galilei e René Descartes, fizeram parte de academias de ciência. Nessa época, o cientista não era alguém especialista em latim que dava aula nas universidades, mas sim o membro de uma sociedade científica que pesquisava com colegas em laboratórios, às vezes escondido da Igreja.

A Universidade de Sankore, construída entre 1325 e 1433, é uma das universidades mais antigas do mundo. Ela está situada na cidade de Tombuctu, no Mali. Foto de 2021.

Le Pictorium/Alamy/Fotoarena

Não escreva no livro.

ILUMINISMO E SEUS REFLEXOS HOJE

O Iluminismo, também conhecido como Esclarecimento, Ilustração ou Século das Luzes, foi uma corrente cultural hegemônica na Europa durante o século XVIII, abarcando o início do século XIX. Sua característica maior é a exaltação da **razão humana** como a faculdade que garantiria aos seres humanos a conquista dos ideais de felicidade, liberdade e autonomia. A simbologia da ideia de luz ou iluminação, de onde se origina a palavra "iluminismo", representa a forma como a razão atua, iluminando a escuridão do desconhecido e trazendo à tona a verdade sobre as coisas.

Os iluministas acreditavam em um progresso da humanidade que evoluiria até a perfeição de acordo com o avanço de nosso entendimento, que deveria ser guiado pelo uso crítico e construtivo da razão. Essa razão iluminista não é como a razão dos filósofos da Antiguidade greco-romana, que descobre as verdades eternas e a essência das coisas, pois ela pressupõe que o ser humano possui limitações naturais de conhecimento que podem ser superadas quando se faz bom uso dela. Para tanto, julgava-se necessário seguir as regras de um método rigoroso de conhecer o mundo, o que produziria a **metodologia científica**.

Os membros da teoria crítica, que desenvolveram suas teses durante o século XX, mostraram como a razão se tornou instrumento de dominação e exploração, colocando em questão a convicção de que haveria um progresso crescente da humanidade esclarecida. As grandes guerras, o aumento das desigualdades, a degradação do meio ambiente e outros problemas graves fizeram a humanidade questionar o uso que havia feito da razão e do conhecimento produzido até então.

Se quisermos considerar o legado do Iluminismo para enfrentar nossas dificuldades atuais, não podemos aceitar as ideias formuladas no século XVIII, mas sim avaliá-las criticamente e julgar o que ainda seria válido. Além disso, é importante entender a relação entre nossa capacidade de conhecer o mundo racionalmente e o problema ético acerca do que fazer com esse conhecimento que fomos capazes de produzir. Nesse sentido, talvez o legado mais relevante desse período para o século XXI esteja no reconhecimento dos limites do saber humano e na estimulação de nossa capacidade de conhecer o mundo.

Sobre a expressão "esclarecimento", leia o texto abaixo.

Resposta à pergunta: o que é esclarecimento?

Esclarecimento [*Aufklärung*] é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de *servir-se de si mesmo* sem a direção de outrem. *Sapere aude!* Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento [...].

KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: o que é esclarecimento? *In*: KANT, Immanuel. *Textos seletos*. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 100.

Biblioteca Welcome, Londres, Inglaterra. Fotografia: ID/BR

Isaac Newton realizando experimento óptico, de Martin e C. Laverie, século XVII. Gravura. A obra apresenta um experimento no laboratório de Isaac Newton, físico, matemático, astrônomo, filósofo natural, alquimista e teólogo inglês que descreveu a lei da gravitação universal e as três leis do movimento, lançando as bases que fundamentam a mecânica clássica.

INTERAÇÃO

1. Esse texto do filósofo alemão Immanuel Kant é tido como uma das caracterizações mais clássicas das pretensões da Filosofia moderna e, especialmente, do Iluminismo. O que é **menoridade**, segundo Kant?
2. Qual é a relação da autonomia com o entendimento e a razão?

Não escreva no livro.

AS ORIGENS DO MÉTODO CIENTÍFICO NA MODERNIDADE

O pensador inglês Francis Bacon (1561-1626) é um dos precursores do método científico e é considerado por muitos o pai da ciência moderna. Para ele, "conhecer é poder", pois o homem que conhece a natureza e suas leis causais pode agir para controlar diversos fenômenos naturais ou, ao menos, intervir nesses fenômenos. Ele considerava que os indivíduos de sua época produziam um saber precipitado e sem rigor, que ele chamou de **antecipação da natureza**. Essa forma de conhecimento consistia em explicações rudimentares com base em crenças falsas, impressões pessoais ou preconceitos, denominados **ídolos**.

Para Bacon, o conhecimento verdadeiro derivaria da **interpretação da natureza**, o que implica um processo de síntese entre experimentação e razão teórica que utiliza a **indução**: um método em que se parte de um fato singular para tirar dele uma conclusão universal. Contudo, Bacon utilizava a indução como método que se seguia da experimentação e servia para eliminar aquilo que não apresentava uma relação verificável com o fenômeno analisado. Assim, a experimentação poderia evidenciar uma relação causal entre determinados elementos, podendo assegurar um **axioma** ou uma lei mais geral por trás dele.

axioma: proposição considerada evidentemente verdadeira, sem a necessidade de prova ou demonstração.

Já o francês René Descartes é considerado o fundador da Filosofia moderna por ter descrito, de maneira clara e distinta, a importância da razão na produção de conhecimentos e na conduta da vida prática. Além disso, ele insistiu na importância da formulação de um método rigoroso que não desse espaço para a dúvida como um elemento fundamental para a constituição de um saber preciso. Por isso, ele empreendeu a tarefa de **duvidar metodicamente** até encontrar uma verdade que, por ser indubitável, poderia servir de fundamento para todas as outras. O resultado é que Descartes percebeu que não poderia duvidar do fato de que duvidava e que, se duvidava, existia como um ser que pensa: "Penso, logo existo".

Nesse sentido, o método cartesiano indica que as coisas existem segundo uma ordem que pode ser identificada pela razão, sendo que o método científico determinaria a melhor forma de assimilar essa ordem. Esse método abrange quatro regras: só é verdadeiro aquilo que traz a evidência dessa verdade, alcançada pela intuição; a análise ou divisão do problema em problemas menores dissipa dificuldades e torna o problema inicial mais simples; o estabelecimento de uma síntese entre os problemas, relacionados segundo uma ordem que parte do mais simples para o mais complexo; e a revisão e a avaliação de tudo que foi realizado até então.

As ideias de Bacon deram origem a uma tradição conhecida como **empirismo britânico**, que abarca as obras de John Locke (1632-1704), tido como seu fundador de fato, mas também as obras de George Berkeley (1685-1753) e do escocês David Hume (1711-1776). Se Locke é considerado o fundador dessa corrente de pensamento, foi porque ele tomou para si o projeto científico de Bacon e buscou aprimorá-lo, focando os aspectos que envolvem o intelecto humano, suas potências e seus limites. O empirismo passou a ter como um de seus objetos centrais de estudo as questões acerca da forma como nós conhecemos o mundo e o que nós podemos conhecer, questões que posteriormente influenciaram pensadores que não fizeram parte dessa tradição, como Kant.

Uma das principais perspectivas do empirismo é a de que as ideias que formam nosso conhecimento derivam da **experiência**. Uma ideia, portanto, seria uma imagem ou noção que está presente em nossa mente quando pensamos, e a experiência seria o limite de nosso conhecer. Nesse sentido, o intelecto humano não poderia ir além daquilo que apreende pela experiência e registra na memória como ideia. Mesmo as invenções mais excêntricas criadas por nossa imaginação seriam produzidas pela mistura de ideias que foram originadas da experiência.

Não escreva no livro.

As Ciências Exatas e as Ciências da Natureza

A partir da modernidade, a ciência se constituiu de acordo com duas vertentes que resgatam o racionalismo cartesiano e o empirismo baconiano. O **racionalismo** preza a objetividade e exige demonstração e explicação causal das leis que regem os fenômenos, utilizando a dedução e a análise para isso. Já o **empirismo** incentiva a observação e a experimentação como modos de verificação de hipóteses que possibilitam induções consistentes sobre os fenômenos examinados. A ciência moderna é a junção dessas duas linhas que se complementam.

Além disso, a ciência é dividida em diversas áreas que têm em comum o espírito científico. Ou seja, todo saber científico busca compreender as leis que regem os fenômenos analisados, realizar algum tipo de quantificação ou mensuração para identificar ou distinguir fenômenos, atuar rigorosamente por meio de métodos explícitos que podem ser reproduzidos, estabelecer uma ordem causal entre as coisas e articular-se segundo explicações racionais organizadas em teses, hipóteses e teorias.

Mas existem diversas formas de aplicar tais preceitos, dependendo do objeto de estudo. Nesse sentido, a Matemática teria certo privilégio por tratar de objetos que apresentam um estatuto lógico e, por isso, têm um alto nível de exatidão e permitem maior precisão em sua análise. É por isso que, no entorno da Matemática, se organizaram as chamadas **Ciências Exatas**, que tratam de fenômenos mais objetivos, os quais permitem a aplicação da Matemática como linguagem de análise.

As **Ciências Naturais** ou **Ciências da Natureza** dizem respeito ao estudo da natureza a partir desse rigor matemático. Elas são divididas entre aquelas que estudam os fenômenos físicos, como a própria Física e a Astronomia, e aquelas que estudam os organismos vivos, como a Biologia ou a Medicina. A Química poderia ser enquadrada entre essas duas vertentes. Essas ciências realizam a experimentação e a observação, seja na própria natureza, seja em laboratório, dos fenômenos estudados e buscam as leis universais e necessárias que os organizam. Elas também concebem a natureza como um conjunto articulado de seres e acontecimentos que são interligados por relações de causa e efeito, o que permite a previsão e o controle de boa parte de seus fenômenos.

Além das Ciências Exatas e Naturais, existem as **Ciências Humanas e Sociais**, que também se constituíram a partir dos princípios do racionalismo e do empirismo, mas aplicados ao estudo dos comportamentos, das culturas e das sociedades humanas. Enquanto as Ciências Exatas e Naturais buscam leis universais aplicáveis em qualquer contexto, as Ciências Humanas e Sociais frequentemente lidam com particularidades e contextos específicos, adotando métodos qualitativos, além dos quantitativos, para capturar as nuances dos fenômenos estudados.

Adriano Kirihara/Pulsar Imagens

Pesquisadoras do Instituto Tamanduá utilizando antena e receptor para encontrar tamanduás-bandeiras reintroduzidos na natureza através do projeto Órfãos do Fogo. Aquidauana (MS), 2022.

As Ciências Humanas

As **Ciências Humanas** nasceram da curiosidade e da ignorância do ser humano em relação a um objeto que lhe é tão próximo, mas ao mesmo tempo tão difícil de compreender, mesmo a partir do estudo científico: ele mesmo. As chamadas **Ciências do Homem**, **Ciências Sociais**, **Ciências Morais** ou ainda **Antropologia** surgiram no Iluminismo do século XVIII e buscam conhecer o ser humano em sua totalidade.

No entanto, esse projeto só tomou forma no século XIX, quando pensadores resolveram analisar os fenômenos humanos com a precisão e o rigor da metodologia científica. Como toda área do conhecimento que está nascendo, as Ciências Humanas se apoiaram nos conhecimentos científicos da época, até porque nesse período as fronteiras entre as áreas científicas não estavam tão bem demarcadas.

Com o advento de componentes disciplinares como a Sociologia, a Psicanálise e a Linguística, estabelecidas de acordo com reflexões e metodologias próprias, foi consolidada a divisão entre os ramos das Ciências Exatas, Naturais e Humanas. Essa divisão tornou-se mais evidente quando as grandes universidades da Europa, especialmente na Alemanha e na França, passaram a orientar o ensino e as pesquisas com base nela, na primeira metade do século XX.

A diferença entre as **Ciências Humanas** e as **Humanidades** é que estas últimas dizem respeito aos componentes que analisam as produções do ser humano, como a História da Arte e os Estudos Literários, enquanto as primeiras analisam a forma como o ser humano age por meio de uma perspectiva científica, como a Sociologia, a Antropologia, a Política, etc. Mas as Ciências Humanas podem, de fato, ser caracterizadas como ciências?

Essa é uma questão delicada, que implica compreender que as Ciências Humanas conservam o espírito científico, mas seu objeto de estudo tem características específicas que as fazem diferir das demais ciências. Essa especificidade diz respeito ao fato de o ser humano ser, ao mesmo tempo, aquele que estuda e o objeto estudado. Essa perspectiva dificulta a objetividade, uma vez que não podemos olhar para nós mesmos com o distanciamento necessário à ciência. Em contrapartida, a **objetividade** fica comprometida quando estudamos a experiência humana, que é constituída de **subjetividade**. Isso nos faz levantar questões do tipo: "Como tratar objetivamente um sentimento humano?". Diferentemente da Biologia, que, por exemplo, estuda o ser humano como um organismo vivo, as Ciências Humanas estudam-no como um ser dotado de vontade e liberdade, conceitos que parecem contradizer as leis causais das Ciências Naturais. Contudo, devemos compreender que as Ciências Humanas têm uma especificidade maior, relacionada ao tipo de saber que elas produzem, pois não buscam meramente descrever o que é humano, mas sim produzir formas de transformá-lo. Um exemplo é o conceito sociológico de **racismo**, que define o comportamento de discriminação e menosprezo de indivíduos pela "raça". Esse comportamento não está presente em todos os seres humanos, não se tratando, portanto, de uma característica naturalmente humana, pois está, necessariamente, inserido em determinados contextos temporais, locais, sociais e culturais. Nesse sentido, cabe às Ciências Humanas o papel de contextualizá-lo, problematizá-lo e incentivar transformações que interrompam sua disseminação.

Aloisio Mauricio/Fotoarena

Fachada da Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin, importante local de pesquisa com acervo de obras raras sobre o Brasil situado no *campus* da Universidade de São Paulo. Cidade Universitária (USP). Foto de 2024.

Não escreva no livro.

REFLEXÃO

O que foi o Maio de 1968

"Maio de 68" é uma expressão que se refere a um conjunto de eventos espaçados no tempo e no mundo, que, na verdade, tiveram início em março, não em maio, e cujo berço foi uma universidade em Nanterre, nos arredores de Paris.

"Um projeto de pesquisa é como um projeto de vida", dizia um velho professor. Maio de 68 marcou quem quis fazer da vida um projeto de pesquisa. Em qualquer projeto de pesquisa é possível ver, às vezes nas entrelinhas, atitudes profundas de seus autores. Projetos de caráter emancipatório, metodologia de pesquisa participativa e outros objetivos ou métodos voltados para a conscientização popular ganharam espaço depois de 1968, dentro de um ideal de ciência compromissada com os atores da realidade e seus problemas. Isso não deve ser confundido com a velha atitude "iluminista". Nas ciências sociais, esse momento representou uma profunda ruptura no plano da metodologia e da concepção de ciência.

Muitas discussões de maio de 1968 giravam em torno da educação e da comunicação. Ambas estiveram no centro das atenções desde aquela época. De um lado, havia crise profunda no sistema de ensino tradicional, com violenta contestação estudantil e procura de experiências alternativas ("contra-cursos", "universidade crítica" etc.). Por outro lado, manifestava-se a vontade de se estabelecer novas formas de comunicação entre estudantes e trabalhadores, inclusive recorrendo a "novos" canais de divulgação das ideias, como, por exemplo, por meio das tentativas de Universidades Populares.

[...]

Em 1968, cresceu a desconfiança para com as autoridades e hierarquias em diversas instituições, especialmente nas universidades e centros de pesquisa. Havia uma crítica ao conteúdo do ensino, aos métodos de didática e de pesquisa. No imediato pós-maio 68, muitos cursos de marxismo e de matérias de conteúdo crítico foram implantados. Havia uma ampla sensibilização aos problemas do adestramento. A crítica aos condicionamentos valia tanto na área de educação (crítica à pedagogia autoritária), como na de comunicação (crítica à linguagem da mídia).

Para muitos estudantes da geração 68, os acontecimentos e o contexto geral da época foram propícios à aquisição de uma concepção de vida diferente, um olhar, uma independência para com as doutrinas e hierarquias estabelecidas. Inclusive nas artes, jovens procuravam expressar algo diferente, estabelecendo relações com movimentos populares e desafiando vários tipos de poder. Nos estudos, adquiriram uma estrutura de relevância diferente do saber acadêmico tradicional. Na pesquisa social e na educação, procurava-se um novo ideário metodológico capaz de dar outra relevância aos fatos e de estabelecer uma participação entre os interessados, ou forma de atuação prática e permanente.

[...] Tanto na universidade como fora dela seria então possível imaginar novas alternativas de ensino crítico e de pesquisa que pudessem aproximar alunos e docentes de problemas reais vividos pela grande maioria da população.

THIOLLENT, Michel. Maio de 1968 em Paris: testemunho de um estudante. *Tempo Social*, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 63-100, out. 1998.

1. **Maio de 68 foi um movimento francês, nascido no interior das universidades parisienses, que questionava a cultura e a sociedade. Qual foi o papel das instituições de Ensino Superior nesse tipo de acontecimento?**
2. **Quais foram as estratégias usadas pelos estudantes para mobilizar e disseminar suas ideias?**
3. **De que forma as universidades contribuíram para a articulação e a ampliação das demandas do movimento de Maio de 1968, transformando questões acadêmicas em pautas sociais e políticas mais amplas?**

ATIVIDADES

1 (Enem)

Os produtos e seu consumo constituem a meta declarada do empreendimento tecnológico. Essa meta foi proposta pela primeira vez no início da Modernidade, como expectativa de que o homem poderia dominar a natureza. No entanto, essa expectativa, convertida em programa anunciado por pensadores como Descartes e Bacon e impulsionado pelo Iluminismo, não surgiu "de um prazer de poder", "de um mero imperialismo humano", mas da aspiração de libertar o homem e de enriquecer sua vida, física e culturalmente.

Cupani, A. A tecnologia como problema filosófico: três enfoques. *Scientiae Studia*, São Paulo, v. 2, n. 4, 2004 (adaptado).

Autores da filosofia moderna, notadamente Descartes e Bacon, e o projeto iluminista concebem a ciência como uma forma de saber que almeja libertar o homem das intempéries da natureza. Nesse contexto, a investigação científica consiste em:

a) expor a essência da verdade e resolver definitivamente as disputas teóricas ainda existentes.
b) oferecer a última palavra acerca das coisas que existem e ocupar o lugar que outrora foi da filosofia.
c) ser a expressão da razão e servir de modelo para outras áreas do saber que almejam o progresso.
d) explicitar as leis gerais que permitem interpretar a natureza e eliminar os discursos éticos e religiosos.
e) explicar a dinâmica presente entre os fenômenos naturais e impor limites aos debates acadêmicos.

2 (Enem)

A filosofia encontra-se escrita neste grande livro que continuamente se abre perante nossos olhos (isto é, o Universo), que não se pode compreender antes de entender a língua e conhecer os caracteres com os quais está escrito. Ele está escrito em língua matemática, os caracteres são triângulos, circunferências e outras figuras geométricas, sem cujos meios é impossível entender humanamente as palavras; sem eles, vagamos perdidos dentro de um obscuro labirinto.

Galilei, G. O ensaiador. *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

No contexto da Revolução Científica do século XVII, assumir a posição de Galileu significava defender a:

a) continuidade do vínculo entre ciência e fé dominante na Idade Média.
b) necessidade de o estudo linguístico ser acompanhado do exame matemático.
c) oposição da nova física quantitativa aos pressupostos da filosofia escolástica.
d) importância da independência da investigação científica pretendida pela Igreja.
e) inadequação da matemática para elaborar uma explicação racional da natureza.

3 (Fuvest)

"A Enciclopédia conseguiu destronar a antiga rainha das ciências e elevar a filosofia para o seu lugar. Longe de ser um compêndio neutro de informações, a obra modelava o conhecimento de tal maneira que o tirava do clero e o colocava nas mãos de intelectuais comprometidos com o Iluminismo. (...) Mas o combate mais importante ocorreu na década de 1750, quando os enciclopedistas reconheceram que conhecimento era poder e, mapeando o universo do saber, partiram para a conquista."

Darnton, Robert. *O grande massacre de gatos*. Rio de Janeiro: Graal, 1986. p. 270. Adaptado.

Segundo o excerto, a Enciclopédia preparada pelos pensadores Diderot e D'Alembert propunha um novo papel para os filósofos e uma reordenação do conhecimento científico. Tal proposta se caracterizou pela

Não escreva no livro.

a) conexão com um modelo de saber que justificava a hierarquia social do Antigo Regime.
b) revelação de que o conhecimento filosófico oferecia as bases políticas para o absolutismo.
c) valorização do mecenato como forma de proteção aos novos pensadores.
d) aclamação dos pensadores como defensores da neutralidade científica.
e) legitimação dos filósofos enquanto portadores de virtudes derivadas do culto do conhecimento empírico.

4 **(Uece)**

O iluminismo foi um movimento de ideias que teve origem no século XVII e se desenvolveu especialmente no século XVIII. Sobre esse movimento, é correto afirmar que

a) um dos seus princípios básicos era a questão da autonomia: os homens estariam aptos a pensar sem a tutela da religião ou ideologia.
b) os fisiocratas, uma corrente de economistas, defendiam que o comércio era a atividade mais importante para a prosperidade de uma nação.
c) foi homogêneo, centrado na defesa de alguns dos seus princípios básicos como, por exemplo, a individualidade.
d) o despotismo esclarecido, um desdobramento do iluminismo, foi um fenômeno que ajudou a eliminar o absolutismo nos países que o adotaram.

5 **Observe a pintura a seguir.**

Galeria Nacional, Londres, Inglaterra. Fotografia: Bridgeman Images/Easy Mediabank

Experimento com um pássaro numa bomba de ar, óleo sobre tela de Joseph Wright, 1768. Representação de um experimento científico sobre o vácuo realizado durante o Iluminismo.

a) Analise o quadro de Joseph Wright e descreva, com base nas emoções e nas reações expressas pelas personagens, o impacto causado na época pelos experimentos científicos.
b) Examine o uso que o pintor faz das cores fortes e o jogo de luz e escuridão e relacione-os com o ideal simbólico do Iluminismo.

6 **Escolha um curso de Ensino Superior pelo qual você se interesse. Faça uma pesquisa sobre ele e responda às questões a seguir. Com base nas respostas, crie uma tabela com as principais informações e use-a para confeccionar uma ficha colorida, cujo título deve ser o curso escolhido. Dialogue com a turma para que todos montem um modelo único de tabela. Em uma data previamente combinada, compartilhe sua ficha com os colegas e veja os resultados das pesquisas deles. As fichas podem ficar expostas para que vocês possam consultá-las quando tiverem interesse, especialmente na construção do Projeto de Vida.**

a) Qual é a relevância desse curso para a sociedade?
b) Que tipo de conhecimento as pessoas que fazem esse curso produzem?
c) Quais instituições de ensino do município ou do estado em que você vive oferecem essa formação?

ESTÚDIO FILOSÓFICO

O CONHECIMENTO EM KANT

Nesta nova etapa de nosso estudo, voltaremos a atenção para a teoria do conhecimento segundo Immanuel Kant. Até o momento, exploramos uma série de temas essenciais que forneceram os contextos histórico e filosófico para compreendermos melhor as bases do pensamento kantiano. Discutimos a importância do Ensino Superior na formação e na pesquisa, investigamos as origens das universidades e examinamos como o Iluminismo continua a influenciar a sociedade contemporânea.

Além disso, exploramos as origens do método científico na modernidade, destacando tanto suas aplicações nas Ciências da Natureza quanto nas Ciências Humanas e Sociais. Esses temas prepararam o terreno para uma análise mais profunda da epistemologia kantiana e como ela se posiciona diante dos desafios e questões levantados pela revolução intelectual da Era Moderna.

Davi Augusto Studio/ID/BR

PERFIL

Immanuel Kant nasceu em 22 de abril de 1724, na cidade de Königsberg, Prússia Oriental, que hoje é parte da Rússia e conhecida como Kaliningrado. Filho de um modesto artesão de origem escocesa, Kant foi educado em um ambiente rigorosamente **pietista**, influenciado pela ética protestante. Após concluir seus estudos no Collegium Fridericianum, ingressou na Universidade de Königsberg, onde se destacou academicamente e, posteriormente, lecionou Filosofia.

Kant desenvolveu uma carreira acadêmica **prolífica**, produzindo obras que abrangem desde a Filosofia teórica até a Ética prática. Sua obra mais influente, *Crítica da razão pura* (1781), revolucionou o campo da Filosofia ao propor uma análise crítica da capacidade da razão humana para alcançar o conhecimento verdadeiro. Em suas obras subsequentes, como *Crítica da razão prática* (1788) e *Crítica da faculdade do juízo* (1790), Kant explorou temas que vão desde a moralidade e a liberdade até a estética e a natureza do belo.

OBRAS-CHAVE

- *Lógica* (1800)
- *Antropologia de um ponto de vista pragmático* (1798)
- *Metafísica dos costumes* (1797)
- *A paz perpétua*: *um projeto filosófico* (1795)
- *Crítica da faculdade do juízo* (1790)
- *Crítica da razão prática* (1788)
- *Fundamentação da metafísica dos costumes* (1785)
- *Prolegômenos a qualquer metafísica futura que possa apresentar-se como ciência* (1783)
- *Crítica da razão pura* (1781)

pietista: que é sectário ao pietismo, movimento oriundo na Igreja luterana que enfatizava a experiência religiosa individual.

prolífico: que produz muito.

Além de suas contribuições filosóficas, Kant era conhecido por sua rotina disciplinada e por sua vida dedicada ao ensino e à pesquisa. Ele permaneceu em Königsberg ao longo de sua vida, exceto por algumas viagens breves.

Immanuel Kant faleceu em 12 de fevereiro de 1804, deixando um legado duradouro que continua a influenciar profundamente o pensamento filosófico e científico até os dias atuais.

EM LEITURA

Em sua obra *Crítica da razão pura*, publicada em 1781, Kant investiga profundamente a natureza e os limites do conhecimento humano, examinando como a razão opera na percepção e na concepção de ideias. A obra é fundamental para a epistemologia kantiana, em que Kant introduz os conceitos de intuição, entendimento, juízos sintéticos *a priori*, entre outros elementos essenciais para sua teoria do conhecimento. Kant busca responder a duas questões fundamentais: "O que podemos conhecer?" e "Como podemos conhecer?".

Não escreva no livro.

Kant inicia sua análise distinguindo dois tipos de conhecimento: **conhecimento *a posteriori***, baseado na experiência empírica, e **conhecimento *a priori***, que é independente da experiência e fundamentado na razão pura.

> Quero crer que os exemplos da matemática e da ciência da natureza, que se tornaram o que são hoje por meio de uma revolução subitamente desencadeada, sejam interessantes o suficiente tanto para fazer-nos meditar sobre o elemento essencial na transformação do modo de pensar, que lhes foi tão proveitosa, quanto para tomá-las como exemplo, pelo menos a título de tentativa, na medida em que o permita a sua analogia, enquanto conhecimentos racionais, com a metafísica. Até hoje se assumiu que todo o nosso conhecimento teria de regular-se pelos objetos; mas todas as tentativas de descobrir algo sobre eles *a priori*, por meio de conceitos, para assim alargar nosso conhecimento, fracassaram sob essa pressuposição. E preciso verificar pelo menos uma vez, portanto, se não nos sairemos melhor, nas tarefas da metafísica, assumindo que os objetos têm de regular-se por nosso conhecimento, o que já se coaduna melhor com a possibilidade, aí visada, de um conhecimento *a priori* dos mesmos capaz de estabelecer algo sobre os objetos antes que nos sejam dados. [...]
>
> KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. Rio de Janeiro: Vozes, 2018. p. 29-30.

Dois dos conceitos centrais introduzidos por Kant são: intuição *a priori* e categorias do entendimento. A **intuição *a priori*** é a forma como percebemos os objetos por meio dos sentidos, enquanto as **categorias do entendimento** são os conceitos que a mente aplica a essa intuição para organizá-las em uma experiência cognitiva coerente.

Além disso, Kant distingue juízos analíticos e sintéticos. **Juízos analíticos** são aqueles em que o predicado está contido no conceito do sujeito (por exemplo, "Todos os triângulos têm três lados"), enquanto **juízos sintéticos** são aqueles em que o predicado acrescenta algo ao conceito do sujeito (por exemplo, "Este triângulo é verde."). Kant vai além ao introduzir o conceito de **juízos sintéticos *a priori***, que são juízos que ampliam nosso conhecimento de forma necessária e universalmente válida sem depender da experiência empírica.

Por fim, Kant conclui que o conhecimento humano é possível porque a mente humana não apenas percebe o mundo externo, mas o estrutura de acordo com princípios racionais universais. No entanto, ele reconhece que nossa capacidade de conhecer é limitada aos fenômenos, ou seja, às coisas como aparecem para nós, e, por isso, não podemos ter conhecimento das coisas em si mesmas.

PARA CONCLUIR

1 **Considerando as discussões sobre conhecimento feitas em sala de aula e as leituras realizadas, que critérios ou métodos você poderia adotar para avaliar a precisão das interpretações filosóficas que você está utilizando? Quais abordagens específicas podem ajudar a discernir entre interpretações mais e menos válidas da teoria do conhecimento de Kant?**

2 **Em sua opinião, a teoria do conhecimento kantiana é uma construção estática e universal ou ela é moldada pelas perspectivas e pelos contextos dos filósofos que a interpretam e a utilizam? Justifique sua resposta, discutindo como as interpretações contemporâneas podem influenciar ou transformar a compreensão original proposta por Kant.**

3 **Imagine que você está conduzindo uma investigação filosófica sobre a natureza do conhecimento humano e tem acesso a várias fontes filosóficas, incluindo textos originais de Kant, interpretações de filósofos contemporâneos e análises críticas de diversos estudiosos. Com base nesse cenário, reflita sobre as seguintes questões:**

a) Como você definiria o conceito de **conhecimento** segundo Kant? O que significa dizer que algo é "conhecido" na filosofia kantiana?

b) Quais são os desafios de lidar com múltiplas interpretações e perspectivas ao tentar entender a teoria do conhecimento de Kant?

c) Como diferentes interpretações e narrativas sobre a epistemologia kantiana podem influenciar a compreensão contemporânea sobre o conhecimento?

PRÁTICAS DE PESQUISA

IDENTIFICAÇÃO DE FAKE NEWS

Para começar

Nos últimos anos, as notícias falsas – as *fake news* – se tornaram tema das principais discussões coletivas no mundo, e seu uso passou a ser corrente na política, nas mídias e no cotidiano, em uma ampla variedade de situações e com diferentes definições, para influenciar a opinião de grupos massivos da população. No entanto, o uso de notícias falsas para mobilizar a opinião pública não é novidade. O que mudou na contemporaneidade foi o uso das redes sociais e o alto potencial de compartilhamento de notícias que essas plataformas oferecem.

O problema

Você sabe identificar uma *fake news*? Você sabia que 62% dos brasileiros não conseguem reconhecer uma notícia falsa? Essa é uma das conclusões do estudo "*Iceberg* digital", desenvolvido em 2018 na América Latina pela Kaspersky, empresa global de cibersegurança, em parceria com a empresa de pesquisa Corpa. O estudo também analisou a situação da segurança dos internautas da Argentina, do Brasil, do Chile, da Colômbia, do México e do Peru, e identificou quão vulnerável nós somos às *fake news* no ambiente *on-line*.

Por isso, é muito importante que todos saibamos reconhecer *fake news*, combatendo a desinformação e os danos provocados pela disseminação das informações falsas.

A investigação

- Prática de pesquisa: construção e uso de amostragens

Material

- Computadores com acesso à internet ou obras da biblioteca
- Impressora (se possível)
- Caderno, lápis e caneta para anotações
- Folhas de papel avulsas para imprimir ou desenhar e preencher tabelas de pesquisa

Procedimentos

Parte I – Apresentação e definição

1 **No laboratório de informática ou na biblioteca, você e a turma devem pesquisar o uso de notícias falsas em diferentes momentos históricos no Brasil.**

2 **Compartilhem as notícias coletadas ou trazidas pelo professor e busquem identificar:**

a) os principais temas das notícias falsas publicadas;

b) as épocas que concentraram a maioria das notícias falsas pesquisadas;

c) os veículos de comunicação que as compartilhavam;

d) os objetivos políticos que motivaram a publicação das notícias falsas e que efeitos elas causaram.

Parte II – Investigação

1 **Forme dupla com um colega. Em seguida, pesquisem reportagens que são *fake news*.**

2 **Para isso, vocês podem buscar plataformas digitais que denunciam as *fake news* e, com base nas denúncias, coletar as notícias falsas.**

3 **Esse trabalho também pode ser feito em publicações impressas, como jornais e revistas. Nesse caso, peçam orientação ao professor para identificar as *fake news*.**

4 **Quando houver cerca de sete *fake news* coletadas, elaborem um texto com a análise do conjunto, buscando observar:**

a) como se dá a propagação das notícias falsas;

b) como podemos identificar as *fake news*;

c) que estratégias cooperam para a dinâmica e a repercussão das *fake news*;

d) por que as *fake news* conseguem mobilizar tanta gente, inclusive a imprensa; como e em que condições elas são construídas.

5 **Por fim, com base nas percepções de vocês, escrevam um texto dissertativo, com quatro ou cinco parágrafos, sobre as *fake news* do passado e as do presente. Sistematizem as percepções de vocês sobre as *fake news* e divulguem o texto para a comunidade escolar, como forma de informar a sociedade.**

Parte III – Aplicação de questionário

Vocês já sabem o que são as *fake news* e que a ação individual é tão importante quanto as ações coletivas para coibir esse tipo de prática. Mas será que os outros estudantes também estão inteirados disso? Como podemos incentivar a conscientização das pessoas? Para isso, vamos realizar uma pesquisa e, depois, empreender algumas ações.

Não escreva no livro.

1 **Coleta de dados**

- Para coletar os dados, vocês vão realizar entrevistas estruturadas, isto é, com perguntas fechadas e com opções de respostas restritas. Primeiro, definam uma porcentagem de estudantes que deve ser entrevistada. Lembrem-se da proporcionalidade – por exemplo, um entrevistado a cada dez estudantes, assim a amostragem será formada por 10% dos estudantes. Considerem o equilíbrio de gênero e se o foco serão os estudantes do Ensino Médio ou de outros segmentos da escola.

2 **Montando as fichas de perguntas e realizando as entrevistas**

- Construam uma ficha com a identificação dos entrevistados, as perguntas da investigação e as possibilidades de resposta. Ela pode ser copiada ou impressa. Vejam um modelo no fim desta seção.
- Organizem-se em grupos e dividam cada uma das etapas: impressão das fichas; distribuição e recolhimento das fichas; organização dos dados levantados (contagem das respostas dadas para cada pergunta, com a construção de tabelas e gráficos).

Questões para discussão

1 **Qual é a porcentagem de estudantes que acessam notícias falsas e as compartilham?**

2 **Qual é a porcentagem de estudantes que costumam verificar se as fontes das notícias compartilhadas são confiáveis?**

3 **Entre as pessoas que não têm acesso à internet, há recebimento e envio de notícias falsas?**

4 **Qual é a porcentagem de estudantes que consideram importante checar a veracidade das notícias que serão repassadas?**

Comunicação dos resultados

Uma das formas de retribuir a colaboração da comunidade escolar na construção da pesquisa é compartilhar os resultados da análise e da discussão feitas por vocês. Para isso, organizem os gráficos produzidos para que possam ser divulgados de modo físico (em um mural da escola) ou digital (nas redes sociais da escola). Os gráficos devem ser apresentados com textos explicativos, que podem ser aqueles que vocês escreveram na etapa anterior. Isso é importante para facilitar a compreensão das informações oferecidas.

Além disso, os textos que vocês elaboraram nas partes I e II dos **Procedimentos** também podem ser compartilhados, em meios digitais ou impressos, contribuindo para a conscientização da comunidade escolar.

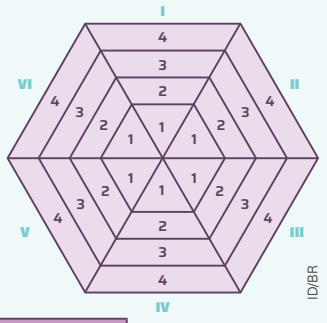
Nome:	

Idade:		**Ano:**	
Turma:		**Período:**	

Questões	**Sim.**	**Não.**	**Não sei.**
1. Você tem acesso à internet?			
2. Você utiliza redes sociais?			
3. Já recebeu notícias falsas?			
4. Você já enviou notícias falsas?			
5. Você costuma verificar se as notícias que você compartilha têm fontes confiáveis?			
6. Você considera importante pesquisar a veracidade de uma notícia antes de repassá-la?			

O QUE APRENDI: AUTOAVALIAÇÃO

PARTE A



ID/BR

- Como você acha que foi seu desempenho ao longo desta unidade?
- Reproduza no caderno a figura ao lado, renumerando-a conforme o modelo.
- Agora, leia as perguntas da tabela **A** e as possíveis respostas na tabela **B**.

TABELA A
I. Realizei as leituras e atividades no tempo planejado?
II. Respeitei todas as regras de trabalho e colaborei com o(a) professor(a) e os colegas?
III. Fui proativo na execução de atividades em grupo ou dupla?
IV. Mantive minhas anotações organizadas?
V. Desenvolvi as propostas de trabalho de modo autônomo e responsável?
VI. Utilizei materiais complementares para estudar?

TABELA B		
Campos para colorir	**Respostas**	**Cor indicada**
1	Nunca	Vermelho
2	Às vezes	Laranja
3	Sempre	Amarelo
4	Superei minhas expectativas	Verde

- Inicie a autoavaliação, respondendo a cada uma das perguntas presentes na tabela **A**. Como resposta a cada pergunta, escolha entre as opções de 1 a 4.
- No caderno, pinte a figura, preenchendo os campos nas cores correspondentes às suas respostas, conforme indicado na tabela **B**. Por exemplo: Se na primeira pergunta da tabela **A** você respondeu que "Sempre" realizou as leituras e atividades no tempo planejado, deverá pintar de amarelo o campo 3 no eixo da pergunta I.
- Ao final, some os pontos dos campos coloridos e, no decorrer do estudo do volume, compare-os com as pontuações obtidas nas demais unidades.

ID/BR

Não escreva no livro.

PARTE B

Para avaliar o que você aprendeu, reúna-se em dupla ou em grupo e comente suas respostas para as seguintes questões:

Capítulo 4 – Onde está a verdade?

1. Compreendi as principais concepções de verdade em diferentes contextos históricos e escolas de pensamento filosófico?
2. Entendi como cada concepção de verdade foi influenciada pelo contexto histórico e cultural em que surgiu?
3. Reconheci os principais marcos na evolução do pensamento racional e científico desde a Antiguidade até os dias atuais?
4. Analisei como diferentes sociedades e períodos históricos contribuíram para as construções e ressignificações do pensamento científico?
5. Avaliei a parcialidade e os preconceitos culturais em discursos que apresentam "verdades"?
6. Conheci os desafios e as técnicas para avaliar criticamente a verdade em discursos provenientes de diferentes contextos culturais?
7. Entendi como a ideia de pós-verdade tem impactado a forma como percebemos e disseminamos informações no mundo contemporâneo?
8. Discuti como as redes sociais digitais influenciam nossa percepção do que é verdade e como posso abordar criticamente essas influências?

Capítulo 5 – Desenvolvimento do pensamento ocidental

9. Consegui identificar e problematizar os aspectos do cientificismo e suas implicações nas sociedades?
10. Compreendi os fundamentos e os impactos do negacionismo científico em debates contemporâneos?
11. Desenvolvi uma postura crítica em relação ao conhecimento científico, considerando seus limites e suas possibilidades?
12. Entendi o desenvolvimento das ciências e a importância de uma abordagem ética na pesquisa científica?
13. Compreendi as variações e adaptações dos métodos científicos ao longo do tempo, considerando os avanços tecnológicos e as necessidades sociais?

Capítulo 6 – Ciência ocidental moderna

14. Compreendi a importância das universidades para o desenvolvimento científico e tecnológico das sociedades?
15. Compreendi exemplos concretos de como as universidades contribuem para o avanço do conhecimento científico?
16. Sou capaz de diferenciar os métodos científicos mais adequados para as áreas das Ciências Humanas, Ciências Exatas e Ciências da Natureza?
17. Compreendi o papel social das universidades e como elas influenciam a produção e a disseminação do conhecimento científico?
18. Entendi a relação entre as universidades e as sociedades, especialmente em termos de inovação, desenvolvimento e impacto social?

Thiago Limón/ID/BR

Não escreva no livro.

PARA IR ALÉM

Capítulo 4 – Onde está a verdade?

As aventuras de Pi

O filme explora os temas verdade e relativismo por meio de uma história de sobrevivência. Pi Patel, um jovem indiano, sobrevive a um naufrágio em um bote salva-vidas com a única companhia de um tigre de bengala chamado Richard Parker. Durante sua jornada de 227 dias no mar, Pi enfrenta desafios físicos e espirituais que o levam a questionar suas crenças e a natureza da verdade. O filme aborda temas de fé, sobrevivência e a subjetividade da verdade, oferecendo múltiplas perspectivas sobre a mesma história.

As aventuras de Pi. Direção: Ang Lee. EUA, 2012 (127 min).

20th Century Fox/ID/BR

Disponível em: http://nilc-fakenews.herokuapp.com. Acesso em: 6 set. 2024.

FakeCheck – Detector de *Fake News*

Você sabia que existem ferramentas na internet que nos ajudam a verificar a validade das informações que recebemos? Um dos principais canais é o FakeCheck, uma plataforma para identificar ***fake news***, criada por pesquisadores da Universidade de São Paulo (USP) e da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

FakeCheck. Disponível em: http://nilc-fakenews.herokuapp.com/. Acesso em: 5 set. 2024.

Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica

Nessa obra, Gadamer argumenta que a verdade não pode ser capturada por métodos científicos, mas é sempre influenciada pelo contexto histórico e cultural do intérprete. O livro explora como a compreensão e a interpretação são moldadas por preconceitos e tradições, enfatizando a importância do diálogo e da fusão de horizontes para alcançar a verdade.

Gadamer, Hans-Georg. *Verdade e método I*: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, 2015.

Editora Vozes/Acervo da editora

Capítulo 5 – Desenvolvimento do pensamento ocidental

Seremos história?

O filme aborda a crise global das mudanças climáticas, explorando suas causas e impactos, confrontando os negacionistas climáticos que defendem a tese de que o planeta passa por um processo natural de aquecimento. Com narrativas envolventes e imagens impactantes, o documentário apresenta entrevistas com cientistas, ativistas e líderes globais, destacando a urgência de ações coletivas para proteger o meio ambiente e enfrentar a crise climática.

Seremos história? Direção: Fisher Stevens. EUA, 2016 (95 min).

National Geographic/ID/BR

Não escreva no livro.

Sony Pictures/ID/BR

Negação

O filme retrata a batalha legal entre a historiadora americana Deborah E. Lipstadt (Rachel Weisz) e o negacionista do Holocausto David Irving (Timothy Spall). Quando Irving acusa Lipstadt de difamação por chamá-lo de negador do Holocausto, ela deve provar no tribunal que o Holocausto realmente aconteceu. A trama explora a luta pela verdade histórica e a importância de enfrentar a negação do Holocausto com evidências e testemunhos contundentes.

Negação. Direção: Mick Jackson. EUA; Reino Unido, 2017 (109 min).

Capítulo 6 – Ciência ocidental moderna

O grande desafio

O grande desafio é um drama baseado em uma história real, dirigido por Denzel Washington e produzido por Oprah Winfrey. O filme é inspirado na vida do professor Melvin B. Tolson, que foi um influente poeta e educador. O filme retrata a luta por justiça e igualdade racial, bem como a importância da educação e do debate na promoção de mudanças sociais.

O grande desafio. Direção: Denzel Washington. EUA, 2007 (127 min).

California Filmes/ID/BR

Paz & Terra/Acervo da editora

A universidade necessária

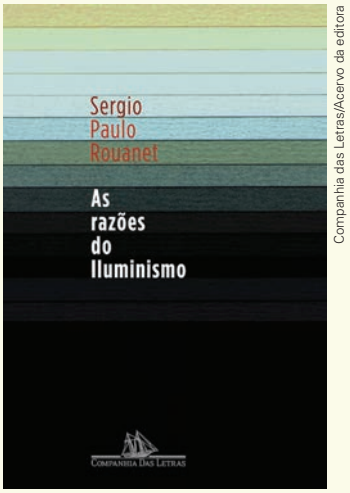
O livro apresenta uma análise crítica do sistema universitário brasileiro e um manifesto pela transformação da Educação Superior no país. Ribeiro argumenta que as universidades devem ir além de suas funções tradicionais de ensino e pesquisa para se tornarem agentes ativos na promoção do desenvolvimento social, econômico e cultural.

Ribeiro, Darcy. *A universidade necessária*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1969.

As razões do Iluminismo

A obra oferece uma análise abrangente e acessível de um dos períodos mais importantes da história intelectual ocidental. Explorando as ideias dos principais pensadores iluministas e seu impacto duradouro, Rouanet ajuda os leitores a apreciar a importância do Iluminismo para o desenvolvimento da sociedade moderna.

Rouanet, Sergio Paulo. *As razões do Iluminismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.



Companhia das Letras/Acervo da editora

DIVERSIDADE EPISTEMOLÓGICA

ORGANIZAR IDEIAS

Os conhecimentos científicos e os tradicionais não são excludentes. Muitas práticas e muitos recursos utilizados nas medicinas tradicionais de diversos povos foram apropriados pela indústria farmacêutica do Ocidente. Os fármacos produzidos de ervas medicinais e de outros gêneros botânicos, por exemplo, desempenham um papel importantíssimo para diversos tratamentos médicos na atualidade. A valorização desses conhecimentos e o reconhecimento de suas particularidades são importantes para o estabelecimento do diálogo e a prática do respeito entre os diversos saberes.

1. **Como você imagina que os conhecimentos tradicionais são apropriados e utilizados pelas indústrias do Ocidente?**
2. **O preconceito contra os conhecimentos tradicionais tem se manifestado de diversas maneiras no Ocidente. Em sua opinião, por que isso acontece? Como o preconceito contra tais conhecimentos se evidencia? Reúna-se com os colegas para conversar sobre isso.**

PRINCIPAIS PROBLEMAS FILOSÓFICOS

- **O que são epistemes?**
- **O que são e para que servem os mitos?**

Mulheres colhendo ervas para produção de queijo artesanal, medicamentos caseiros e cosméticos, em Van, na Turquia. Foto de 2023. ▸

FILOSOFIA CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS

UNIDADE 3

7 Conhecimentos tradicionais e suas tecnologias

8 Os mitos e o conhecimento

9 Experiências comunitárias

Ozkan Bilgin/Anadolu/AFP

CAPÍTULO 7

CONHECIMENTOS TRADICIONAIS E SUAS TECNOLOGIAS

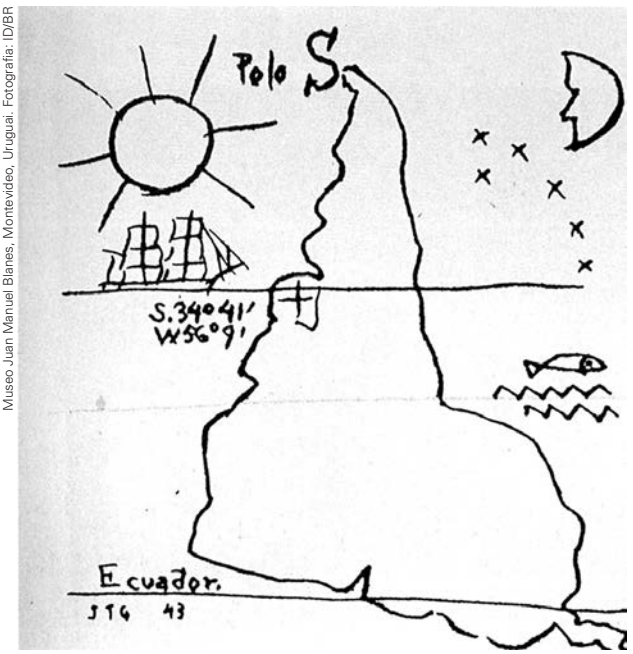
1. Você se recorda de conhecimentos e técnicas que tenha aprendido com pessoas mais velhas de sua família ou comunidade? Reflita um instante sobre isso e compartilhe suas memórias com a turma.
2. Observe a obra de Torres García reproduzida nesta página. Em sua opinião, por que o artista representou o continente americano dessa forma?
3. Com base nas referências que Torres García disponibiliza nessa representação da América do Sul, estime a localização do município onde você vive na obra de arte.

A ciência contemporânea que analisamos na unidade anterior, forjada no mundo moderno e centralizada na Europa, com o advento do Iluminismo, não é a única forma de construir, divulgar e preservar conhecimentos. Diversas comunidades humanas que não desenvolveram espaços como universidades ou laboratórios científicos clássicos foram capazes de criar estratégias, técnicas e ferramentas para se relacionar com o meio ambiente, de modo a garantir a sobrevivência e a continuidade do grupo, transmitindo e reelaborando saberes de geração a geração.

Geralmente, esses conhecimentos são desenvolvidos por meio da observação da natureza e pela experimentação – tentativa e erro. Com os resultados, as técnicas e as habilidades das comunidades tradicionais vão se tornando mais eficientes. A cada geração, os conhecimentos ampliam-se, transformam-se e são comunicados aos mais jovens. Os modos como as técnicas e os saberes são construídos pelas comunidades tradicionais também variam. Pode ser por meio de diferentes tentativas ou mesmo por experiências vivenciadas em rituais específicos. A imagem da abertura desta unidade é um exemplo de técnica e tecnologia desenvolvida por uma comunidade tradicional.

Note que essas estratégias de construção de saberes não são opostas à ciência contemporânea. Por isso, essa perspectiva do estudo do conhecimento não é semelhante ao negacionismo científico, já que não se estrutura na negação ou na opinião sem reflexão.

O estudo do conhecimento e o modo como uma sociedade se relaciona com ele é chamado de **epistemologia**. Durante séculos, a epistemologia abrangeu apenas o pensamento centrado na Europa. Atualmente, no entanto, as Ciências Humanas e Sociais ampliaram o conceito, admitindo a existência de diferentes epistemologias, como as dos conhecimentos tradicionais. Neste capítulo e nos próximos, vamos conhecer e analisar algumas delas.



Museo Juan Manuel Blanes, Montevidéo, Uruguai. Fotografia: ID/BR

América invertida, de Joaquín Torres García, 1943. Nanquim sobre papel. O desenho mostra o continente americano em uma perspectiva diferente daquela que costumamos conhecer.

Não escreva no livro.

A POLÍTICA DA CIÊNCIA

Tudo o que é produzido pelas comunidades humanas faz parte da cultura. Essa perspectiva é muito importante para que os pesquisadores possam relativizar as verdades entendidas como absolutas, como vimos na unidade anterior. Com base nessa relativização, é possível aprofundar as análises epistemológicas de cada sociedade, isto é, o modo como cada povo constrói seus saberes, o que valorizam, o que descartam e como organizam, sistematizam, mantêm, transformam e comunicam às próximas gerações os conhecimentos desenvolvidos.

Essas escolhas são construídas de maneira coletiva ao longo do tempo e envolvem o conjunto cultural da comunidade, como a mitologia e a **cosmogonia**. Por isso, as relações entre produção, preservação e divulgação de conhecimento são marcadas pela política. Nessa perspectiva, nem mesmo a ciência contemporânea é destituída de sentidos políticos. A opção por escolher um tema ou outro para pesquisar e no qual investir recursos é, por exemplo, uma escolha política.

Como estudado em outros momentos desta coleção, o colonialismo europeu, especialmente a partir do século XIX, criou a ideia de que os conhecimentos construídos fora dos cânones europeus eram inferiores. Esse discurso, a serviço do projeto colonialista, deu origem a um **epistemicídio**, um conceito que indica o assassinato de um modo de pensar, de uma epistemologia. O texto a seguir apresenta algumas estruturas que causam os epistemicídios e por que isso é prejudicial para o conhecimento de um modo geral.

Coleção particular. Bridgeman Images/Fotoarena

Cópia fac-símile de detalhe do *Codex Borbonicus*, feito por sacerdotes astecas em cerca de 1562. O manuscrito contém calendários sagrados que mostram divindades relacionadas a mitos de criação do universo e de origem do ser humano.

cosmogonia: princípios que explicam a origem de um povo ou mesmo do Universo. Cada sociedade tem uma cosmogonia característica.

> O mundo é um complexo mosaico multicultural. Todavia, ao longo da modernidade, a produção do conhecimento científico foi configurada por um único modelo epistemológico, como se o mundo fosse monocultural, que descontextualizou o conhecimento e impediu a emergência de outras formas de saber [...]. Assistiu-se, assim, a uma espécie de epistemicídio, ou seja, à destruição de algumas formas de saber locais, à inferiorização de outros, desperdiçando-se, em nome dos desígnios do colonialismo, a riqueza de perspectivas presente na diversidade cultural e nas multifacetadas visões do mundo por elas protagonizadas. [...] Não se questiona a importância e o valor da intervenção científica ao longo dos dois últimos séculos, sobretudo através da produtividade tecnológica, mesmo tendo em consideração os problemas criados para os quais a ciência moderna não tem solução. No entanto, este monopólio da ciência não pode ocultar e impedir-nos de reconhecer que há outras formas de conhecimento e outros modos de intervenção no real para os quais a ciência em nada contribuiu. É o caso, por exemplo, da "preservação da biodiversidade, só possível por formas de conhecimento camponesas e indígenas e que, paradoxalmente, se encontram ameaçadas pela intervenção crescente da ciência moderna".
>
> Tavares, Manuel. Epistemologias do Sul (resenha). *Revista Lusófona de Educação*, Lisboa, n. 13, 2009. Disponível em: https://scielo.pt/pdf/rle/n13/13a12.pdf. Acesso em: 4 jul. 2024.

INTERAÇÃO

1. **De acordo com o texto, a proposta de reconhecer a importância de outras epistemologias, não se limitando aos conceitos científicos contemporâneos, é próxima da ideia de negacionismo científico? Explique usando trechos do texto.**
2. **O texto aponta um problema do mundo contemporâneo que pode ser resolvido com soluções tecnológicas oriundas de conhecimentos tradicionais. Identifique-o e escreva um parágrafo sobre seus conhecimentos acerca dos caminhos apontados pelo autor.**

Não escreva no livro.

Etnocentrismo

As análises propostas pelos grupos de estudos que se debruçam sobre os modos de pensar de outras sociedades que não as do Ocidente moderno e contemporâneo buscam combater o **etnocentrismo**. Esse é um termo usado para caracterizar ideias que consideram uma etnia superior a outras, de modo que todas as demais sociedades deveriam usá-la como referência e exemplo.

Na unidade anterior, ao dialogarmos sobre o relativismo e o perspectivismo, duas importantes correntes do pensamento das Ciências Humanas e Sociais, adotamos uma postura crítica ao etnocentrismo europeu, isto é, ao fato de que, durante séculos, a maioria dos estudos partiam do pressuposto de uma superioridade europeia em relação aos povos de outras regiões. Vimos também os impactos que as escolas relativista e perspectivista trouxeram, e ainda trazem, para o conceito de verdade e também para os paradigmas científicos.

Assim, a percepção de que o etnocentrismo deve ser identificado e desconstruído não é exatamente uma novidade. As propostas de pesquisadores como o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos (1940-), autor do livro *Epistemologias do Sul*, no entanto, trazem mais um passo nesse sentido: além de promover o reconhecimento das origens do pensamento eurocêntrico e seus impactos nas pesquisas produzidas, a ideia de resgatar e divulgar outras formas de pensar pode ser a chave para o desenvolvimento de novas tecnologias, com resultados mais equilibrados dos pontos de vista ambiental e social.

Contudo, o etnocentrismo não é algo que ocorre apenas nas produções acadêmicas e nas pesquisas científicas. Os indivíduos e as instituições sociais também podem ter posições etnocêntricas, pois se trata de uma característica de alguns projetos políticos. Projetos associados ao imperialismo – que visam dominar outros povos ou consolidar uma posição de hegemonia cultural – costumam veicular discursos etnocêntricos. No caso dos indivíduos, porém, nem sempre essa situação é clara.

As tiras desta página abordam dois exemplos disso. Observe-as.

INTERAÇÃO

1. De que modo o etnocentrismo é retratado em cada imagem?
2. Você age ou já agiu como as personagens das tiras? Reflita sobre isso e compartilhe suas percepções com os colegas.

1

Carlos Ruas/Um Sábado Qualquer

Tira de Carlos Ruas, de 2015, sobre diferentes escolhas e opiniões.

2

Tira de Dik Browne com as personagens Hamlet e Hagar, o horrível, de 1990.

Não escreva no livro.

A filosofia da tecnologia

No mundo ocidental contemporâneo, o desenvolvimento científico costuma trazer impactos para o desenvolvimento tecnológico. Mas afinal, o que é tecnologia e como ela pode ser analisada pelas Ciências Humanas e Sociais?

O filósofo estadunidense Andrew Feenberg (1943-) é um dos principais pensadores de uma área da filosofia chamada **filosofia da tecnologia**. Ela integra as teorias do conhecimento, isto é, os estudos epistemológicos. Os objetos de reflexão e pesquisa dessa área são as relações entre as sociedades e as tecnologias, assim como os principais dilemas associados à tecnologia – por exemplo, as implicações e as consequências das transformações tecnológicas para a cultura de um povo.

Em suas análises, Feenberg observa que, na gênese das ciências e das tecnologias, o principal objetivo das ciências é a busca pela **verdade** (sem desconsiderar todo o debate sobre esse conceito), enquanto para as tecnologias, o foco é a **utilidade** – entendida como o controle sobre o meio ambiente que aquele modo de realizar algo pode trazer para as comunidades humanas. Por outro lado, no campo das ideias, o ponto em comum entre ciência e tecnologia seria a racionalidade. Essa perspectiva criou uma ideia de tecnologia como algo destituído de um viés político e de valores.

Como vimos, toda produção humana é constituída dos valores culturais de seus autores. Nesse sentido, Feenberg defende os estudos da filosofia da tecnologia justamente para que sejam aprofundadas as reflexões sobre a tecnologia. Uma área de pesquisa que nasce desses diálogos é a **bioética**, que vamos estudar na unidade 5 deste livro.

AÇÃO E CIDADANIA

Tecnologia e valores universais

No trecho a seguir, Feenberg dialoga sobre um dos principais debates da filosofia da política. Leia-o.

> No contexto moderno, a tecnologia não realiza os objetivos essenciais inscritos na natureza do universo [...]. Ela aparece agora como puramente instrumental, como isenta de valores. Ela não responde a propósitos inerentes, mas somente serve como meios e metas subjetivas que escolhemos como desejemos. Para o senso comum moderno, meio e fins são independentes um do outro. Eis aqui um exemplo bem cru. Nos Estados Unidos, dizemos que as "armas não matam as pessoas, as pessoas matam as pessoas". Armas são meios independentes dos fins trazidos a elas pelo usuário, seja roubar um banco, seja executar a lei. A tecnologia é neutra, nós dizemos, querendo significar que ela não tem qualquer preferência entre os vários usos possíveis a que possa ser empregada. Esta é a filosofia instrumentalista da tecnologia, um tipo de produto espontâneo de nossa civilização, irrefletidamente assumido pela maioria das pessoas.

Feenberg, Andrew. O que é filosofia da tecnologia? [*S. n.*]: [*s. l.*], [20--]. Disponível em: http://www.sfu.ca/~andrewf/Feenberg_OQueEFilosofiaDaTecnologia.pdf. Acesso em: 4 jul. 2024

Brandon Bell/Getty Images

Estudantes e familiares em protesto contra a violência armada em Austin, nos Estados Unidos. O protesto faz parte do movimento Marcha Pelas Nossas Vidas, iniciado após diversos ataques armados a escolas secundárias no país, no qual os integrantes pressionam o governo estadunidense por um maior controle de armas de fogo.
Foto de 2022.

1. **Qual é sua opinião sobre o exemplo apresentado por Feenberg?**
2. **Quais são os impactos da tecnologia em seu dia a dia? Você acha que isso é destituído de efeitos políticos? Explique para a turma.**

Não escreva no livro.

Etnomatemática

A Matemática, assim como as outras ciências, é produto cultural das sociedades. Logo, ela está sujeita ao fator político: a escolha de como a Matemática é comumente produzida e estudada nas escolas e na academia reflete uma escolha política sobre qual forma de pensar matemática é considerada válida nesses ambientes.

Estamos habituados a pensar matemática como um conjunto de conhecimentos produzidos por determinadas pessoas em algum momento do passado e que nos é ensinado formalmente na escola no presente. Entretanto, apesar da existência de um saber matemático tradicional, também existem outras formas pelas quais diferentes grupos sociais desenvolvem a Matemática, apropriam-se dela e utilizam-na em seu cotidiano. Essas formas são conhecidas como etnomatemática, que se refere aos saberes e fazeres matemáticos de grupos diversos, tais como categorias profissionais, comunidades tradicionais e movimentos sociais.

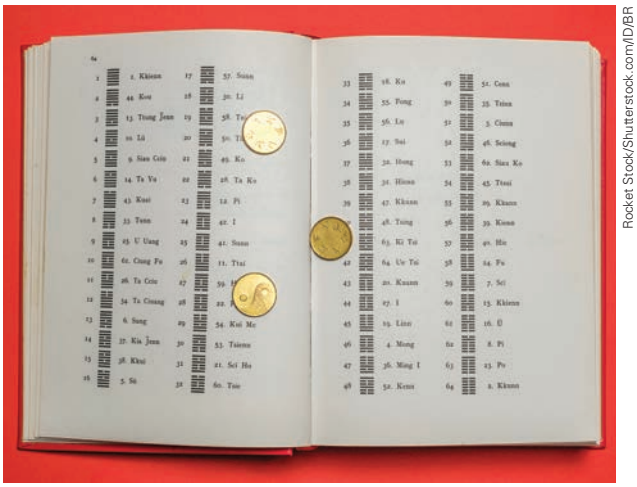
O estudo da etnomatemática permite valorizar conhecimentos culturais de diferentes grupos, reconhecendo sua diversidade, indo em oposição ao etnocentrismo na Matemática e auxiliando o desenvolvimento de uma visão crítica e pluralista dessa ciência.

A etnomatemática como programa de pesquisa surgiu durante a década de 1970 e tem como principal expoente o professor e matemático brasileiro Ubiratan D'Ambrosio (1932-2021). O texto a seguir apresenta a visão de Ubiratan sobre esse programa.

> Metodologicamente, [o Programa Etnomatemática] reconhece que, na sua aventura enquanto espécie planetária, a espécie *Homo sapiens sapiens*, bem como as demais espécies que a precederam, isto é, os vários hominídeos reconhecidos desde há 4,5 milhões de anos antes do presente, têm seu comportamento alimentado pela aquisição de conhecimento, de fazer(es) e de saber(es) que lhes permite sobreviver e transcender através de maneiras, de modos, de técnicas e artes de explicar, de conhecer, de entender, de lidar com, de conviver com a realidade natural e sociocultural na qual está inserida.
>
> Indivíduos e povos têm, ao longo de suas existências e ao longo da história, criado e desenvolvido instrumentos de reflexão, de observação, instrumentos materiais e intelectuais (que chamo *ticas*) para explicar, entender, conhecer, aprender para saber e fazer (que chamo *matema*) como resposta a necessidades de sobrevivência e de transcendência em diferentes ambientes naturais, sociais e culturais (que chamo *etnos*). Daí chamar o exposto acima de Programa Etnomatemática.
>
> O nome sugere o *corpus* de conhecimento reconhecido academicamente como matemática. De fato, em todas as culturas encontramos manifestações relacionadas, e mesmo identificadas, com o que hoje se chama matemática (isto é, processos de organização, de classificação, de contagem, de medição, de inferência), geralmente mescladas ou dificilmente distinguíveis de outras formas, que são hoje identificadas como Arte, Religião, Música, Técnicas, Ciências. Em todos os tempos e em todas as culturas, Matemática, Artes, Religião, Música, Técnicas, Ciências foram desenvolvidas com a finalidade de explicar, de conhecer, de aprender, de saber/ fazer e de predizer (artes divinatórias) o futuro. Todas aparecem mescladas e indistinguíveis como formas de conhecimento, num primeiro estágio da história da humanidade e na vida pessoal de cada um de nós.
>
> D'Ambrosio, Ubiratan. *Etnomatemática*: elo entre as tradições e a modernidade. 6. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. (Coleção Tendências em Educação Matemática, 1).

Não escreva no livro.

Charles Walker Collection/Alamy/Fotoarena



Rocket Stock/Shutterstock.com/ID/BR

O I Ching é um texto clássico chinês que se originou entre os séculos X e VIII a.C. e é utilizado, entre outras funções, para a divinação. Nesse método, são usadas varetas ou moedas para definir um hexagrama, conjunto de seis linhas, cada uma podendo ser inteira ou interrompida. Cada hexagrama está associado a um poema do I Ching, que é então lido com propósito de adivinhação. A utilização de figuras geométricas por grupos de videntes chineses pode ser considerada um exemplo de etnomatemática. Nas fotos, edições modernas do I Ching em circulação atualmente na China e moedas utilizadas para prática divinatória. Fotos de 2022.

REFLEXÃO

Matemática cotidiana

Em sua dissertação de mestrado, o professor Marcelo de Carvalho Borba, pesquisador em educação matemática, investigou a etnomatemática presente no cotidiano de crianças e adultos da comunidade de Vila Nogueira-São Quirino, em Campinas, São Paulo.

Essa pesquisa foi realizada por meio de entrevistas com adultos da comunidade, nas quais eles relataram a matemática presente em suas profissões e em seus cotidianos – mesmo que muitas vezes não a reconhecessem como tal –, e por meio de ações com grupos de crianças dessa comunidade. Uma das formas de aproximação do professor com as crianças era pelo futebol praticado por elas em um campo dentro da comunidade.

Em uma dessas ações, Borba, que atuava como juiz do jogo, percebeu que, para as crianças mais novas, afirmações como "está 3 × 2 para tal time" careciam de significado, já que não elas conheciam tão bem os números naturais a ponto de conseguir ordená-los (isto é, atribuir a eles uma noção de maior ou menor).

Junto a essas crianças, eles propuseram um placar "de pedras": para cada gol marcado por um time, posicionava-se uma pedra do seu lado do campo, de modo que, conforme os gols eram marcados, obtinha-se duas fileiras de pedras. A comparação entre essas fileiras permitia uma rápida identificação de "qual time estava ganhando" e se a margem era grande ou pequena.

1. **Em sua opinião, quais são as implicações da etnomatemática para a compreensão da multiplicidade cultural do conhecimento humano?**
2. **Com base na discussão desse tema, quais outros exemplos de etnomatemática você observa em seu cotidiano e no cotidiano das pessoas da sua comunidade?**
3. **Retome o texto de Ubiratan D'Ambrosio da página anterior e responda às questões a seguir.**
   a) Como o autor reconhece a interação entre as práticas matemáticas e outros campos do conhecimento nas diversas culturas humanas?
   b) Por que essa interação é significativa para a compreensão do desenvolvimento histórico e cultural da humanidade?
   c) Podemos interpretar o placar "de pedras" das crianças da comunidade de Vila Nogueira-São Quirino como etnomatemática? Por quê?

Davi Augusto Studio/ID/BR

Os A’uwe Uptabi e suas tecnologias

Ao longo deste capítulo, abordamos a importância de conhecer e valorizar as diferentes epistemologias. Agora, vamos conhecer alguns aspectos do modo de pensar do povo **A’uwe Uptabi**, chamados pelos não indígenas de Xavante. Trata-se de métodos específicos de desenvolvimento, aplicação, manutenção e reinvenção dos conhecimentos transmitidos de geração a geração.

A’uwe Uptabi significa “povo verdadeiro”, no idioma xavante. Atualmente, a maior parte desse povo vive em Terras Indígenas do Mato Grosso.

Os conhecimentos dos A’uwe são construídos por meio de consulta aos sonhos. Por intermédio de preparações e técnicas específicas, os mais jovens são preparados pelos mais velhos para se aventurarem no mundo onírico em busca de conselhos e sabedorias.

Os sonhos são levados muito a sério pelos A’uwe, que consultam o mundo onírico para garantir todas as decisões políticas. Cada geração tem um conjunto de sonhadores, responsáveis por auxiliar os anciãos nesses momentos.

Não escreva no livro.

Os diferentes seres materiais ou imateriais que habitam as florestas podem ajudar os A'uwe, durante os sonhos, a descobrir remédios, cantos sagrados e os melhores períodos para realizar determinada atividade.

Alexandre de Maio/DIGR

O mundo dos A'uwe é binário, ou seja, tudo pode ser dividido em duas partes. De acordo com a cosmogonia A'uwe, no início dos tempos havia dois homens: Butséwawẽ e Tsa'amri. Logo notaram que, para ter filhos, precisariam de duas mulheres, que foram criadas a partir dessa percepção.
A origem dos outros seres que compõem o Universo também teria se dado dessa forma: dois iguais que necessitam ser complementados por dois diferentes para que haja a sucessão. Essa é uma das bases do pensamento A'uwe, e isso reflete, por exemplo, o modo como esse povo organiza seus conceitos numéricos: em pares complementares, pelo menos até o número 6.

SISTEMATIZAÇÃO DOS NÚMEROS A'UWE UPTABI

	Nome	Significado	Estrutura
0	*Babadi*	Indica a ausência; está vazio; inexistência; a impossibilidade de formação da unidade.	-
...	*U'mrõdi*	Quando é pouco (insuficiente).	-
1	*Misi*	Indica que o elemento está só (*si*: sozinho).	1
2	*Maparané*	Indica que tem um companheiro.	(1 + 1)
3	*Si'ubdatõ*	Também se inicia pelo prefixo *-si*, indicando que tem um sozinho.	(1 + 1) + 1
4	*Maparané Si'uiwanã*	Indica o dobro de *maparané*.	(1 + 1) + (1 + 1)
5	*ĩmrotõ*	Significa "sem companheiro".	(1 + 1) + (1 + 1) + 1
6	*ĩmrõpö*	Aquele que está junto a seu par.	(1 + 1) + (1 + 1) + (1 + 1)
...	*A'hödi*	Indica muitas/muitos (mais de seis).	...
...	*Ahö'uptabidi*	Indica muito/muita/ exageradamente.	...

Fontes de pesquisa: Silva, Adailton Alves da. *Os artefatos e mentefatos nos ritos e cerimônias do* danhono: por dentro do Octógono Sociocultural A'uwẽ/Xavante. 2013. 346 p. Dissertação (Doutorado em Eduação Matemática) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2013. Disponível em: http://biblioteca.funai.gov.br/media/pdf/TESES/MFN-36361.pdf; Fuscaldo, Arthur Iraçu Amaral. *Rowapari Danho're*: sonhar e pegar cantos no xamanismo a'uwe. 2011. 168 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Unesp, São Paulo, 2011. Disponível em: https://hdl.handle.net/11449/86839; Xavante. Povos Indígenas no Brasil. Disponível em: https://www.indios.org.br/pt/Povo:Xavante. Acessos em: 4 jul. 2024.

Não escreva no livro.

ATIVIDADES

1 **Na comunidade onde você mora, há conhecimentos específicos ou práticas que não sejam comuns em todo o Brasil? Junte-se a um colega, reflitam sobre o tema e sigam os passos a seguir para investigar essas características.**

- Pensem e avaliem se, na comunidade de vocês, o modo de vida é mais próximo aos modos de vida das sociedades ocidentais contemporâneas (ligadas às lógicas industriais, ao consumo e à globalização) ou aos das comunidades tradicionais (povos indígenas, comunidades quilombolas, grupos ribeirinhos, assentamentos comunitários, etc.). Pode ser que a comunidade de vocês mescle os dois modos de vida, com mais ou menos elementos de cada tipo.
- Busquem se lembrar das tradições da comunidade, como hábitos específicos, festejos, atividades realizadas em épocas determinadas, entre outras. Façam uma lista dessas tradições.
- Com base nessa lista, escolham uma dessas tradições para pesquisar tanto suas histórias quanto as técnicas e tecnologias relacionadas a elas. A pesquisa pode ser feita por meio de entrevistas, busca de bibliografia impressa ou digital ou qualquer outra fonte que esteja disponível. Lembrem-se de registrar as fontes.
- Montem uma apresentação de até dez minutos para informar suas descobertas aos colegas. A apresentação pode ser feita por meio de um vídeo ou de uma fala, com a exposição de imagens ou objetos, de acordo com a pesquisa. O objetivo é que vocês demonstrem os saberes envolvidos na tradição que escolheram.
- Os resultados devem ser compartilhados com a comunidade escolar. Para isso, combinem como realizar esta etapa da melhor forma possível, de acordo com os suportes escolhidos.

2 **Retome o infográfico sobre os A'uwe Uptabi. Com base nas informações disponibilizadas e em seus conhecimentos, responda às questões a seguir.**

a) Que aspectos das tecnologias A'uwe mais chamaram sua atenção? Por quê?

b) Imagine que você precisa explicar a um colega como é o método A'uwe de construir e preservar seus conhecimentos. Como você explicaria? Compartilhe com a turma.

c) Quais conceitos numéricos existem para a Matemática A'uwe que não são sistematizados pela Matemática ocidental contemporânea?

3 **(UFPR)** **O texto a seguir é referência para a questão.**

> Sobre a questão do etnocentrismo, Roque de Barros Laraia escreve que "o fato de o indivíduo ver o mundo através de sua cultura tem como consequência a propensão em considerar o seu modo de vida mais correto e o mais natural. Tal tendência, denominada etnocentrismo, é responsável em seus casos extremos pela ocorrência de numerosos conflitos sociais. O etnocentrismo, de fato, é um fenômeno universal. É comum a crença de que a própria sociedade é o centro da humanidade, ou mesmo sua única expressão. [...] A dicotomia 'nós e os outros' expressa em níveis diferentes essa tendência. Dentro de uma mesma sociedade, a divisão ocorre sob a mesma forma de parentes e não parentes. Os primeiros são melhores por definição e recebem um tratamento diferenciado. [...] Comportamentos etnocêntricos resultam também em apreciações negativas dos padrões culturais de povos diferentes. Práticas de outros sistemas culturais são catalogadas como absurdas, deprimentes e imorais".
>
> (Laraia, Roque de Barros. *Cultura*: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p. 73-74.)

Em resumo, Laraia tenta nos mostrar que:

a) o etnocentrismo é um conceito amplamente difundido nas Ciências Humanas, mas incapaz de explicar de forma pormenorizada a construção das identidades nacionais, das práticas culturais e as relações formadas pelo "estranhamento" do contato entre diferentes grupos sociais. Afinal, quem dispõe dos instrumentos de análise pode escolher, conforme critérios próprios, como catalogar o outro.

b) a cultura tem um papel fundamental na elaboração de visões de mundo, e que o problema maior em considerar o etnocentrismo está no fato de esse conceito não possuir uma perspectiva cultural, somente política, muito embora o autor não deixe claro essa contradição, já que ele próprio é etnocêntrico.

c) um dos pontos centrais que definem o etnocentrismo, conceito amplamente difundido nos estudos antropológicos, é compreender como determinadas práticas culturais constituídas pelo "estranhamento" se tornam elementos fundamentais na construção das identidades de grupo, comunitárias, societárias e nacionais. Identidades que, por sua vez, estruturam-se por distinção, em que o observador assume para si e seu grupo a centralidade cognitiva.

d) para entendermos o real significado do etnocentrismo nas culturas ocidentais, será necessário pressupor que a dicotomia entre o "nós e os outros" é um aspecto que deve ser superado por todos que desejam construir uma visão genuinamente etnocêntrica.

e) não há problema em observar, agir e interagir a partir de seus próprios referenciais culturais. O conceito de etnocentrismo possui certa legitimidade, pois resguarda na centralidade cultural aquilo que uma raça tem de mais puro quando confrontada com outra.

Não escreva no livro.

4 **Andrew Feenberg é um dos principais filósofos contemporâneos que examina a interseção entre tecnologia e sociedade. Em suas obras, ele argumenta que a tecnologia não é neutra, mas sim um processo que incorpora e promove valores humanos.**

Com base em seus conhecimentos e em possíveis pesquisas, responda: Como Andrew Feenberg explora as implicações da tecnologia na modernidade e a transformação das relações sociais e culturais por meio do desenvolvimento técnico?

a) Segundo Feenberg, a tecnologia é um processo neutro que opera independentemente dos valores humanos.
b) Para Feenberg, a tecnologia moderniza a sociedade sem alterar significativamente as relações sociais existentes.
c) Feenberg defende a ideia de que o desenvolvimento técnico transforma as relações sociais e culturais ao incorporar valores humanos, destacando a ambivalência da tecnologia.
d) Feenberg acredita que a tecnologia é uma ferramenta de dominação usada exclusivamente por elites para controlar a sociedade.
e) De acordo com Feenberg, o impacto da tecnologia é puramente negativo, sempre levando à alienação e à desumanização das pessoas.

5 **Nos últimos anos, o debate sobre decolonialismo tem ganhado destaque no Brasil, especialmente nas áreas de Ciências Sociais e Humanidades. O decolonialismo busca questionar as estruturas de poder e conhecimento que perpetuam hierarquias e exclusões, muitas vezes derivadas do colonialismo histórico.**

Qual das seguintes afirmativas melhor representa a abordagem do decolonialismo no Brasil?

a) O decolonialismo busca restaurar a autoridade intelectual dos colonizadores europeus sobre as culturas locais.
b) O decolonialismo promove uma crítica às estruturas de poder e conhecimento coloniais, valorizando epistemologias indígenas e afrodescendentes.
c) O decolonialismo defende a imposição de uma única narrativa histórica dominante sobre as culturas locais.
d) O decolonialismo exclui a participação de acadêmicos brancos nas discussões sobre epistemologias não ocidentais.
e) O decolonialismo prioriza a exportação de conhecimento ocidental para comunidades tradicionais.

6 **Qual das seguintes afirmações melhor caracteriza o fenômeno do etnocentrismo?**

a) O etnocentrismo promove a valorização equânime de todas as culturas como igualmente válidas.
b) O etnocentrismo é uma atitude que julga outras culturas a partir dos valores e padrões da própria cultura.
c) O etnocentrismo incentiva a busca por entendimento mútuo e respeito entre culturas diferentes.
d) O etnocentrismo é uma abordagem neutra que não influencia o julgamento cultural.
e) O etnocentrismo é uma prática exclusiva das sociedades tradicionais e não afeta as sociedades modernas.

7 **(UFSM)**

"Para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, o epistemicídio implica um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso à educação, sobretudo a de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e pelo rebaixamento da sua capacidade cognitiva; pela carência material e/ou pelo comprometimento da sua autoestima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. Isso porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento considerado legítimo ou legitimado. Por isso o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado, sequestrando a própria capacidade de aprender. É uma forma de sequestro da razão em duplo sentido: pela negação da racionalidade do Outro ou pela assimilação cultural que, em outros casos, lhe é imposta."

Carneiro, S. *Dispositivo de racialidade*: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. São Paulo: Zahar, 2023, p. 83-84. (Adaptado)

De acordo com o texto, assinale V (verdadeiro) ou F (falso) em cada afirmativa a seguir.

( ) A definição de uma proporção de vagas preferenciais em instituições federais de educação superior vinculadas ao Ministério da Educação para autodeclarados pretos, pardos e indígenas e para pessoas com deficiência contribui para a continuação do epistemicídio contra esses grupos sociais.
( ) O epistemicídio é um fenômeno relativo à produção e reprodução do conhecimento que gera desinformação e limita a circulação dos saberes de grupos oprimidos.
( ) A imposição de padrões culturais e científicos de grupos dominantes é uma forma de epistemicídio.

A sequência correta é

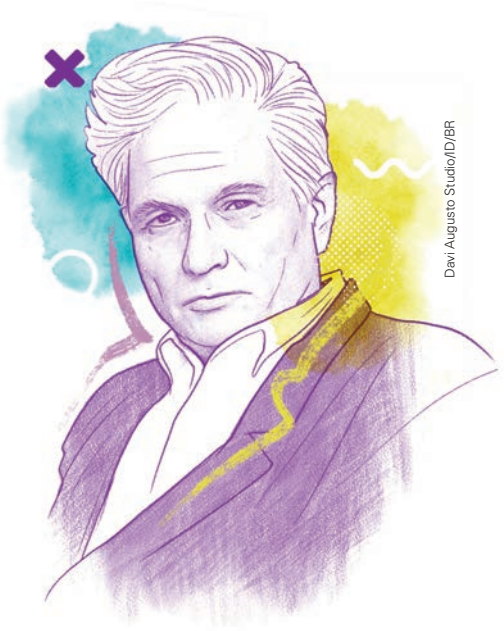
a) F – V – V.
b) V – F – V.
c) V – F – F.
d) V – V – F.
e) F – V – F.

ESTÚDIO FILOSÓFICO

O ETNOCENTRISMO EM DERRIDA

Jacques Derrida (1930-2004), um dos mais importantes filósofos do século XX, é conhecido por seu método de desconstrução, uma abordagem que desafia as premissas básicas das estruturas filosóficas e culturais. Sua obra tem sido fundamental para questionar e reavaliar conceitos profundamente enraizados em nossa sociedade e em nosso pensamento.

Nesta seção, vamos conhecer a crítica ao etnocentrismo feita por Derrida. O etnocentrismo, a tendência de avaliar outras culturas a partir dos padrões da própria cultura, é uma questão central nas discussões sobre interculturalidade, diversidade e igualdade. Nesse sentido, Derrida nos oferece ferramentas conceituais poderosas para desconstruir essas perspectivas e revelar as complexidades e as implicações do etnocentrismo na construção do conhecimento e das identidades culturais.



Davi Augusto Studio/ID/BR

sefardita: referente aos descendentes de judeus da península Ibérica.

PERFIL

Jacques Derrida, nascido em 15 de julho de 1930 em El-Biar, Argélia, foi um filósofo franco-argelino que se tornou uma figura central na filosofia contemporânea. Filho de uma família judaica **sefardita**, Derrida cresceu em um contexto colonial e multicultural, com experiências que influenciaram profundamente seu pensamento. Após estudar na Escola Normal Superior em Paris, ele começou a desenvolver suas ideias sobre a desconstrução, um método filosófico que questiona as premissas fundamentais das estruturas linguísticas e culturais. Sua carreira acadêmica incluiu a publicação de obras de referência, como *A gramatologia* e *A escritura e a diferença*, que revolucionaram campos como Literatura, Filosofia, Teoria Crítica e Ciências Sociais. Derrida passou a maior parte de sua vida acadêmica entre a França e os Estados Unidos, onde lecionou e influenciou gerações de pensadores e estudiosos.

OBRAS-CHAVE

- *O monolinguismo do outro* (1996)
- *Força de lei: o "fundamento místico da autoridade"* (1994)
- *A verdade em pintura* (1987)
- *La Carte Postale: de Sócrates a Freud e além* (1980)
- *Esporas: os estilos de Nietzsche* (1978)
- *Disseminação* (1972)
- *Posições* (1972)
- *Margens da filosofia* (1972)
- *A farmácia de Platão* (1968)
- *A escritura e a diferença* (1967)
- *A gramatologia* (1967)

EM LEITURA

Em *A gramatologia*, Jacques Derrida apresenta uma crítica profunda às tradições filosóficas ocidentais, particularmente à noção de logocentrismo, que é a valorização da fala em detrimento da escrita.

Não escreva no livro.

Ele argumenta que, ao longo da história, a filosofia ocidental considerou a fala como a forma mais pura e direta de expressão do pensamento, associando a escrita a uma forma secundária e derivada de linguagem, muitas vezes vista com suspeita ou desconfiança.

Derrida desconstrói essa hierarquia ao demonstrar que a escrita, longe de ser um mero suplemento da fala, é fundamental para a constituição do sentido e da significação. Ele desafia a tradição filosófica que desde Platão privilegia a fala como a forma mais pura e imediata de comunicação, revelando que essa visão está imbuída de preconceitos culturais que desvalorizam outras práticas linguísticas e de culturas diversas.

De acordo com o filósofo, essa hierarquia entre fala e escrita é parte de uma tradição ocidental que impôs seus próprios padrões culturais e filosóficos a outras formas de conhecimento e expressão, o que pode ser entendido como uma forma de etnocentrismo.

O trecho a seguir apresenta uma crítica feita por Derrida ao antropólogo francês Claude Lévi-Strauss (1908-2009) no tocante a uma prática etnocêntrica.

> Se se deixa de entender a escritura em seu sentido estrito de notação linear e fonética, deve-se poder dizer que toda sociedade capaz de produzir [...], pratica a escritura em geral. A expressão de "sociedade sem escritura" não corresponderia, pois, nenhuma realidade nem nenhum conceito. Esta expressão provém do onirismo etnocêntrico, abusando do conceito vulgar, isto é, etnocêntrico, da escritura. O desprezo pela escritura, notemos de passagem, acomoda-se muito bem com esse etnocentrismo. Aí há apenas um paradoxo aparente, uma destas contradições onde se prefere e se efetiva um desejo perfeitamente coerente. Num único e mesmo gesto, despreza-se a escritura (alfabética), instrumento servil de uma fala que sonha com sua plenitude e com sua presença a si, e recusa-se a dignidade de escritura aos signos não alfabéticos. [...]
>
> Os Nhambiquara – o sujeito da "Lição de escritura" – seriam, portanto, um destes povos sem escritura. Não dispõem daquilo que nós denominamos escritura no sentido corrente. Isto é, em todo caso, o que nos diz Lévi-Strauss: "Supõe-se que os Nhambiquara não sabem escrever" (p. 314). Logo adiante, esta incapacidade será pensada, na ordem ético-política, como uma inocência e uma não violência interrompidas pela estrutura ocidental e pela "Lição de escritura". [...]
>
> Como se recusará aos Nhambiquara o acesso à escritura em geral, se não for determinando este segundo um modelo? Perguntar-nos-emos mais tarde, confrontando vários textos de Lévi-Strauss, até que ponto é legítimo não denominar escritura esses "pontilhados" e "ziguezagues" sobre as cabaças, tão brevemente evocados em *Tristes trópicos*.
>
> Derrida, Jacques. *A gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 1973. p. 136.

Esse trecho reflete a crítica de Derrida ao etnocentrismo na definição de conceitos culturais e sua defesa de uma leitura mais ampla e inclusiva de práticas culturais que transcendem as categorias estabelecidas pelo pensamento ocidental. Ele desafia a noção de que a escritura deve ser entendida apenas por meio das lentes de uma cultura específica, sugerindo que todas sociedades têm os próprios sistemas de representação e comunicação, que podem ser entendidos como formas de escritura em um sentido mais amplo.

PARA CONCLUIR

1 **O que você entende por etnocentrismo? Consegue citar exemplos de atitudes que possam ser consideradas etnocêntricas?**

2 **Qual prática etnocêntrica de Lévi-Strauss é criticada por Derrida?**

AMPLIANDO

ETNOCENTRISMO E EUGENIA

Como estudado anteriormente, muitas das teorias raciais do século XIX buscaram apoiar-se nas teorias científicas da época para justificar visões de mundo etnocêntricas que reafirmavam a superioridade dos europeus diante dos demais povos.

O escritor inglês Gilbert Keith Chesterton (1874-1936) foi um grande opositor das teorias eugenistas, amplamente disseminadas na Inglaterra durante as primeiras décadas do século XX. Em sua obra *Eugenia e outras desgraças*, Chesterton tece duras críticas tanto à eugenia quanto ao cientificismo e suas tentativas de controle da população. Atualmente, essas teorias são amplamente desacreditadas e criticadas pelas mais diversas áreas do conhecimento.

O texto a seguir, de autoria do cientista social Valdeir Del Cont, apresenta o processo de construção de uma dessas teorias, a eugenia, que, ao longo do tempo, mostrou-se profundamente equivocada e trouxe impactos negativos para a sociedade, sobretudo na década de 1930, quando foi apropriada pela Alemanha nazista.

> […] [Darwin, na obra] […] *A descendência do homem e a seleção com relação ao sexo* […], procurou estender também aos seres humanos os mesmos princípios da seleção natural. Contudo, pensar que o ser humano pudesse descender de um animal inferior era geralmente considerado um abuso para a visão de mundo de uma Inglaterra vitoriana […].
>
> Com o propósito de aplicar os pressupostos da teoria da seleção natural ao ser humano, Francis Galton […], primo de Darwin, […] em 1883, reunindo duas expressões gregas, cunhou o termo "eugenia" ou "bem nascido" […]. A partir desse momento, eugenia passou a indicar as pretensões galtonianas de desenvolver uma ciência genuína sobre a hereditariedade humana que pudesse, através de instrumentação matemática e biológica, identificar os melhores membros – como se fazia com cavalos, porcos, cães ou qualquer animal –, portadores das melhores características, e estimular a sua reprodução, bem como encontrar os que representavam características degenerativas e, da mesma forma, evitar que se reproduzissem […].
>
> Como ciência da hereditariedade, a eugenia no final do século XIX ainda carecia de elementos mais sólidos, visto que as próprias teorias correntes até o final do século eram fortemente especulativas […]. Nesse sentido, os primeiros passos para o estabelecimento de uma ciência eugênica se constituíram enquanto um conjunto de práticas envolvendo os trabalhos de Francis Galton e a influência que começou a exercer sobre um grupo de indivíduos – conhecidos como biometristas – preocupados em encontrar regularidades estatísticas que pudessem indicar a prevalência de certas características em um dado conjunto populacional.
>
> Mesmo com a dificuldade de compreensão do mecanismo de transmissão das características, Galton, quando cunhou o termo eugenia, tinha pelo menos uma certeza: que os dados que comprovariam a sua ciência surgiriam do trabalho de registro e análise estatística das características que os progenitores e os seus ancestrais transmitiram à prole […]. Para ele, ademais, a transmissão das características não se limitava apenas aos aspectos físicos, mas também a habilidades e talentos intelectuais […].
>
> No final do século XIX, superadas, pelo menos no cenário intelectual inglês, as fortes resistências à teoria da evolução pela seleção natural, as atenções voltaram-se para a compreensão do processo de transmissão de características dos progenitores à prole. Dado que duas consequências derivavam da aceitação da teoria da evolução darwiniana: primeiro, que a seleção deveria atuar sobre um conjunto de variedades de características individuais, selecionando uma parte delas; segundo, que, ao selecionar certas características, elas deveriam ser transmitidas, por intermédio da reprodução, a uma nova geração de indivíduos […]. Portanto, decidir-se sobre a origem da variação intra-específica foi a primeira exigência posta para o desenvolvimento de uma ciência eugênica. Pois, caso a variação tivesse origem nas condições ambientais, como postulava a teoria da herança dos caracteres adquiridos, então boa alimentação, melhores condições de higiene, educação e melhorias nas condições existenciais seriam suficientes para uma melhora geral nas características humanas, fossem elas orgânicas ou intelectuais.

Não escreva no livro.

Todavia, transformações atestadas por dados que vinham de registros naturais sobre a variação das espécies e de descobertas fósseis indicavam que algumas variações mantiveram-se ao longo do tempo enquanto outras foram extintas, gerando com isso duas questões distintas: a primeira, a necessidade de explicar o fenômeno da diversidade de espécies observadas na natureza; a segunda, como as características de uma dada espécie seriam transmitidas dos progenitores à prole [...].

Galton aceitava plenamente a teoria da seleção natural para dar conta da primeira questão e para a segunda acreditava que a teoria da pangênese darwiniana poderia ser promissora; pois, ao postular a existência de unidades responsáveis pela herança – as gêmulas –, Galton percebeu que a teoria da herança de Darwin poderia receber tratamento laboratorial e cálculo matemático/estatístico, uma vez que indicava a existência de unidades materiais passíveis de verificação empírica.

Duas outras contribuições foram fundamentais para a elaboração da teoria da herança galtoniana. Primeiramente, o pensamento de Herbert Spencer (1820-1903) contribuiu com as noções de existência de um processo evolutivo teleológico, no sentido de uma direção progressiva a que tudo no universo estaria submetido, e de existência de unidades fisiológicas que registrariam as modificações, transmitindo-as às próximas gerações [...]. E, depois, o trabalho de Augusto Weismann (1834-1914), ao diferenciar as células somáticas das células germinativas, contribuiu no sentido de reservar somente aos processos biológicos a possibilidade de transmissão de características. As mudanças ocorridas no soma (corpo) e não incorporadas ao material genético não poderiam ser transmitidas à nova geração [...].

Assim, o que pretendemos indicar neste texto é que Francis Galton propôs a sua teoria da herança em estreita sintonia com o desenvolvimento do debate biológico em curso, no sentido de oferecer um procedimento objetivo que, pela utilização de instrumental laboratorial e matemático/estatístico, pudesse identificar as unidades responsáveis por determinadas características e criar procedimentos de controle reprodutivo selecionadores das características que representariam o melhoramento genético do ser humano.

Del Cont, Valdeir. Francis Galton: eugenia e hereditariedade. *Scientiae Studia*, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 202-204, abr./jun. 2008. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ss/a/nCZxGgFHn8MVtq8C9kVCPwb/?lang=pt. Acesso em: 11 jul. 2024.

No Brasil, assim como em outros países da América, teorias eugenistas adquiriram força entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX. Uma das formas pelas quais essas teorias ganharam expressão no país foi por meio de projetos de embranquecimento da população, que, dentre outras coisas, promoviam práticas médicas centradas na reprodução de pessoas brancas de ascendência europeia, incentivavam a vinda de imigrantes europeus para o trabalho nas lavouras e tipificavam pessoas não brancas como ameaças à saúde e à segurança pública, visando excluir principalmente pessoas negras e indígenas, mas também outros indivíduos considerados indesejáveis (como pessoas com deficiência) na sociedade.

1 **Com suas palavras, explique a teoria eugenista de Francis Galton.**

2 **Por que as teorias raciais do século XIX, como a eugenia, podem ser consideradas etnocêntricas?**

3 **Em sua opinião, quais são os prejuízos sociais ocasionados pela disseminação de teorias como essa?**

Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro. Fotografia: ID/BR

Redenção de Cam, de Modesto Brocos, 1895. Óleo sobre tela. A tela evidencia teorias racistas e eugenistas do século XIX ao associar a ideia de redenção ao processo de embranquecimento geracional retratado.

Não escreva no livro.

CAPÍTULO 8 CAPÍTULO 8 CAPÍTULO 8

OS MITOS E O CONHECIMENTO

1. Em seu entendimento, o que são e para que servem os mitos?
2. O mito que você vai conhecer nesta página corresponde a uma categoria de narrativas conhecida como "mitos de criação", que contam a versão de um povo acerca do surgimento do Universo. Você conhece outros mitos de criação? Quais?

Mitos fazem parte do repertório cultural de todas as sociedades. Alguns deles se relacionam com a origem do mundo e dos seres humanos, outros embasam determinados costumes e práticas sociais. Muitos exibem características fantásticas e apresentam seres diversos que realizam ações extraordinárias, em lugares incríveis e em tempos imemoriais; outros apresentam personagens com características mais ordinárias e ocorrem em locais conhecidos, em uma temporalidade que se aproxima do tempo histórico.

Seja como for, todos os povos, de todas as épocas e em todos os lugares produzem e reproduzem mitos que representam um importante elemento para a construção e a transmissão de variados tipos de conhecimento.

O mito a seguir reconta a criação do mundo pela visão dos indígenas Desana, que vivem na região fronteiriça entre o estado do Amazonas e a Colômbia.

Linoca Souza/ID/BR

No princípio o mundo não existia. As trevas cobriam tudo. Enquanto não havia nada, apareceu uma mulher por si mesma. Isso aconteceu no meio das trevas. Ela apareceu sustentando-se sobre o seu banco de quartzo branco. […] Ela se chamava Yebá Buró, a "Avó do Mundo" ou, também, "Avó da Terra".

[…]

Foi ela que pensou sobre o futuro mundo, sobre os futuros seres. Depois de ter aparecido, ela começou a pensar como deveria ser o mundo. No seu Quarto de Quartzo Branco, ela comeu *ipadu* […] e se pôs a pensar como deveria ser o mundo.

[…]

Enquanto ela estava pensando no seu Quarto de Quartzo Branco, começou a se levantar algo, como se fosse um balão e, em cima dele, apareceu uma espécie de torre. Isso aconteceu com o seu pensamento. O balão, enquanto estava se levantando, envolveu a escuridão, de maneira que esta toda ficou dentro dele. O balão era o mundo. […]

PÃRÕKUMU, Umusĩ; KĒHÍRI, Tõrãmu. *Antes o mundo não existia*: mitologia dos antigos Desana-Kēhíripõrã. São Gabriel da Cachoeira: FOIRN, 1995. p. 19-20.

ipadu: folha de coca.

Não escreva no livro.

O QUE É UM MITO?

A palavra "mito", assim como muitos outros conceitos das Ciências Humanas, apresenta uma diversidade de significados. Sua origem remonta à palavra grega *mithós*, que designava fábulas e histórias.

Na Grécia Antiga, até o século VI a.C., recorria-se principalmente aos mitos para explicar os diversos fenômenos naturais, bem como a causa e a origem de todas as coisas. Contudo, com o desenvolvimento da Filosofia e com a ascensão da ***pólis*** no mundo grego, os mitos passaram a compartilhar com o **logos** – o conhecimento racional, característico do fazer filosófico – o papel de explicar e atribuir significado à realidade. Embora esse processo seja conhecido muitas vezes como "transição do mito ao logos", ele não assinalou uma transição propriamente dita, mas sim uma complementaridade, visto que o pensamento grego é constituído de pares complementares. Nesse sentido, mitos e logos coexistem e ambos desempenham um papel de grande importância para o pensamento grego, principalmente no que se refere ao embasamento dos cultos religiosos.

Posteriormente, na Europa cristã, durante a Idade Média, os mitos anteriores ao cristianismo passaram por um processo de descrédito em relação aos mitos bíblicos. Muitas figuras míticas pré-cristãs foram incorporadas ao repertório cultural do catolicismo com uma roupagem mais condizente com os valores cristãos, como é o caso de Santa Brígida, na Irlanda, cujo culto, segundo alguns pesquisadores, remontaria ao culto à deusa celta Brigit. Outros mitos, no entanto, considerados muito conflitantes com os valores e as crenças cristãs, foram considerados demoníacos ou, na melhor das hipóteses, falsos. Apesar disso, tais mitos se mantiveram vivos no imaginário popular e foram transmitidos de geração em geração por meio de contos, lendas e canções populares.

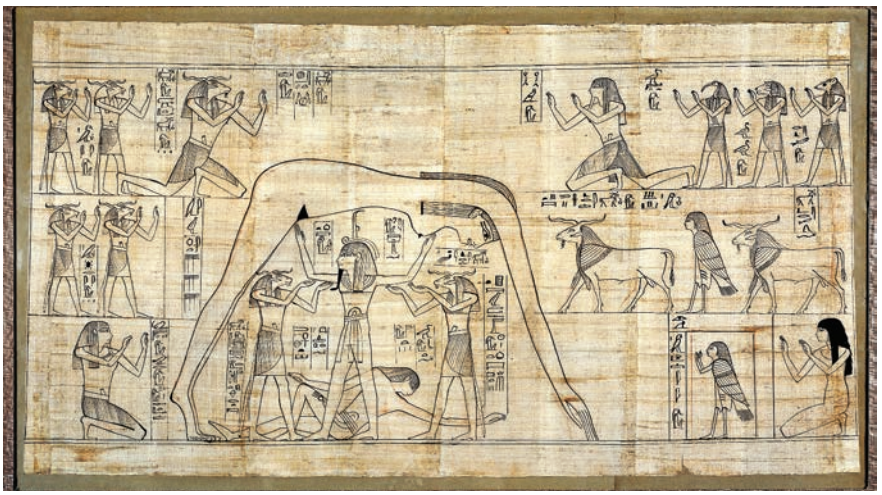
Muitas vezes, em nossa sociedade contemporânea, os mitos costumam ser associados a explicações fantasiosas para fenômenos diversos. Nesse sentido, são desvalorizados e, muitas vezes, considerados retrógrados e inferiores para explicações de cunho mais cientificista. Apesar disso, todas as sociedades produzem mitos e, independentemente de serem considerados verdadeiros ou não, eles desempenham um papel significativo nas formas de organização e nas epistemologias das diferentes sociedades.

Mas, afinal, como podemos definir um mito?

Uma das possíveis definições é que os mitos são histórias fundadoras de caráter simbólico e imagético, geralmente relacionadas à esfera do sagrado, ocorridas, muitas vezes, em tempos imemoriais e protagonizadas por seres de grande importância, que, por meio de suas ações, criaram ou configuraram a realidade como ela é. Nesse sentido, os mitos revelam a estrutura simbólica utilizada por um povo para referir-se à própria origem e à origem de todas as coisas.

Conhecendo mitos

pólis: termo que designa uma cidade-estado da Grécia Antiga. As *poleis*, plural de *pólis*, eram unidades políticas autônomas formadas por uma cidade central e seu território circundante, incluindo aldeias e terras agrícolas.



Werner Forman/Universal Images Group/Getty Images

Detalhe do Livro dos Mortos da sacerdotisa Nesitanebtashru da XXI dinastia egípcia, de cerca de 1025 a.C. Em determinados mitos egípcios, a deusa Nut, cujo corpo é o próprio céu, teria originado, com seu consorte Geb, a terra, os astros, os deuses Ísis e Osíris – de quem, segundo a religião egípcia, os faraós seriam descendentes – e as divindades Néftis e Seth.

AÇÃO E CIDADANIA

Mitologia iorubá: uma jornada entre deuses, orixás e a criação do mundo

Dos diversos mitos existentes que remontam a uma estrutura simbólica para recontar a origem de um povo e a criação de todas as coisas, destacamos um da mitologia iorubá, originária da África Ocidental. Essa mitologia é rica em narrativas que recontam a criação do mundo, a natureza dos orixás (divindades) e a relação entre o divino e a humanidade segundo as perspectivas e valores culturais desse povo.

Diferentemente da imagem singular de Deus no cristianismo, a mitologia iorubá apresenta Olorum como a força criadora primordial, frequentemente distante dos assuntos humanos, que teria incumbido Orinxalá (também conhecido como Oxalá e Orixá Nlá) da criação e de moldação da Terra.

O texto a seguir apresenta uma das versões desse mito.

No começo, o mundo era todo pantanoso e cheio d'água, um lugar inóspito, sem nenhuma serventia.

Acima dele havia o Céu, onde viviam Olorum e todos os orixás que às vezes desciam para brincar nos pântanos insalubres.

Desciam por teias de aranha penduradas no vazio.

Ainda não havia terra firme, nem o homem existia.

Um dia Olorum chamou à sua presença Orixanlá, o Grande Orixá.

Disse-lhe que queria criar terra firme lá embaixo e pediu-lhe que realizasse tal tarefa.

Para a missão, deu-lhe uma concha marinha com terra, uma pomba e uma galinha com pés de cinco dedos.

Orixanlá desceu ao pântano e depositou a terra da concha.

Sobre a terra pôs a pomba e a galinha e ambas começaram a ciscar.

Foram assim espalhando a terra que viera na concha até que a terra firme se formou por toda parte.

Orixanlá voltou a Olorum e relatou-lhe o sucedido.

Olorum enviou um camaleão para inspecionar a obra de Oxalá e ele não pôde andar sobre o solo que ainda não era firme.

O camaleão voltou dizendo que a Terra era ampla, mas ainda não suficientemente seca.

Numa segunda viagem o camaleão trouxe a notícia de que a Terra era ampla e suficientemente sólida, podendo-se agora viver em sua superfície.

O lugar mais tarde foi chamado Ifé, que quer dizer ampla morada.

Depois Olorum mandou Orixanlá de volta à Terra para plantar árvores e dar alimentos e riquezas ao homem.

E veio a chuva para regar as árvores.

Foi assim que tudo começou.

Foi ali, em Ifé, durante uma semana de quatro dias, que Orixá Nlá criou o mundo e tudo o que existe nele.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 502-503.

Museus Castro Maya, Rio de Janeiro/Apoio Instituto Pintora Djanira

Alguns aspectos da mitologia iorubá, como o culto a determinados orixás, são observados em religiões afro-brasileiras, como a umbanda e o candomblé de nação Ketu. Na imagem, a obra *Candomblé, estudo para mural*, guache da artista Djanira da Motta e Silva, 1967, representa a cena de um culto aos orixás.

1. A mitologia iorubá, com sua narrativa da criação, é um dos modos de compreender a visão de mundo, valores e práticas culturais do povo Iorubá. Tal visão nos ajuda a perceber como a tradição oral molda identidades e inspira reflexões sobre a existência humana. Pesquise como essa mitologia pode impactar a cultura afro-brasileira na atualidade.

Não escreva no livro.

As funções dos mitos

Em muitas sociedades, certos mitos só podem ser contados ou transmitidos em condições específicas, como na ausência de crianças, por exemplo, ou somente entre as mulheres. Existem, ainda, mitos que só podem ser transmitidos após certos ritos de passagem que assinalam a mudança da posição que um indivíduo ocupa em seu grupo, ou a indivíduos iniciados em determinados mistérios internos de uma sociedade, um grupo ou uma religião.

Pode haver, também, restrições quanto ao local e ao momento em que eles podem ser contados. Assim, existem povos que só os transmitem, por exemplo, em matas ou em recintos fechados, no interior de templos, ou durante estações específicas do ano e apenas em certos momentos do dia. Um exemplo dessas restrições pode ser observado entre povos tibetanos, que transmitem determinadas canções épicas dedicadas ao herói Gesar apenas à noite e durante o inverno. Acredita-se que a narração desse mito sob tais condições propicia fartura e abundância à comunidade.

Essas formas de transmissão mítica reafirmam a identidade dos indivíduos e o seu pertencimento aos grupos nos quais estão inseridos, pois os mitos estão profundamente relacionados ao *ethos* de um grupo, isto é, com seu conjunto de costumes e hábitos fundamentais. Dessa forma, ao mesmo tempo em que a transmissão mítica reafirma esse *ethos*, ela o perpetua às novas gerações.

Existem, no entanto, outras funções desempenhadas pelos mitos. Uma delas se relaciona à capacidade deles de oferecer pistas para a associação interior entre os diversos acontecimentos da vida e a experiência de estar vivo. Leia, a seguir, o texto do antropólogo estadunidense Joseph Campbell (1904-1987) sobre essa capacidade.

INTERAÇÃO

1. Você concorda com a afirmação de Campbell de que os mitos ajudam a colocar nossa mente em contato com a experiência de estar vivo? Por quê?

Dizem que o que todos procuramos é um sentido para a vida. Não penso que seja assim. Penso que o que estamos procurando é uma experiência de estar vivos, de modo que nossas experiências de vida, no plano puramente físico, tenham ressonância no interior de nosso ser e de nossa realidade mais íntimos, de modo que realmente sintamos o enlevo de estar vivos. É disso que se trata, afinal, e é o que essas pistas nos ajudam a procurar, dentro de nós mesmos.

[...]

[...] O mito o ajuda a colocar sua mente em contato com essa experiência de estar vivo. Ele lhe diz o que a experiência é. Casamento, por exemplo. O que é o casamento? O mito lhe dirá o que é o casamento. É a reunião da díade separada. Originariamente, vocês eram um. Vocês agora são dois, no mundo, mas o casamento não é senão o reconhecimento da identidade espiritual. [...]

Campbell, Joseph. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 2011. p. 5-6.

Album/The Print Collector/Heritage Images/Fotoarena

O retorno de Perséfone, de Frederic Leighton, 1891. Óleo sobre tela. A obra retrata uma passagem do mito de Perséfone, na qual a deusa, que passava metade do ano no submundo com seu marido Hades, retornava ao mundo dos vivos, onde vivia com sua mãe, Deméter. O mito de Perséfone era observado anualmente na Grécia Antiga, especialmente no contexto dos ritos religiosos relacionados à agricultura e ao ciclo das estações.

DIFERENTES VISÕES SOBRE OS MITOS

Como estudado anteriormente, os mitos revelam estruturas simbólicas, existentes no interior das sociedades, que se relacionam com a busca pela origem das coisas como elas são, a atribuição de significados às vivências e experiências de um grupo, e com a reafirmação de seu *ethos* e identidade. Nesse sentido, os mitos são reais para aqueles que os compartilham, independentemente de sua comprovação ou refutação por meios científicos.

Tomemos o culto aos orixás, no contexto do candomblé de nação Ketu, por exemplo. As narrativas míticas associadas a essas divindades determinam a forma como os praticantes dessa religião veem o mundo, bem como seu *ethos* e sua **práxis** ritualística. Isso significa que o código de valores identitários, simbologias e epistemes compartilhado por esse grupo é originado e respaldado pela mitologia dos orixás. Nesse sentido, esses mitos são reais para os que deles comungam. Além disso, são reafirmados e adquirem corporeidade durante o culto religioso, no qual os iniciados, por meio do transe ritualístico, emprestam seus corpos para que os orixás dancem, concedam bênçãos e reúnam-se com seus cultuadores.

práxis: relação dinâmica estabelecida entre teoria e prática.

Da mesma forma, a narrativa mítica do cristianismo é tida como verdadeira entre seus praticantes, independentemente de os acontecimentos descritos na Bíblia terem de fato acontecido da forma como são descritos. Para um católico, por exemplo, a transubstanciação, isto é, a transformação mística da hóstia no corpo de Jesus Cristo por meio da ação de um sacerdote, é a afirmação máxima da existência de Cristo, tanto no presente quanto no passado, e um dos principais elementos que conferem unidade à Igreja. Essa transubstanciação, segundo a ótica católica, é respaldada pelo conjunto de relatos que compõe a Bíblia e, ao mesmo tempo, respalda esses elementos.

De forma diferente, quando os mitos passam a ser estudados, analisados e interpretados por estudiosos e pesquisadores que não pertencem à tradição na qual o mito foi desenvolvido, eles assumem outro valor: o de instrumento para análise das dinâmicas internas dessa sociedade. Assim, por exemplo, quando um historiador ou antropólogo analisa essas estruturas simbólicas, ele o faz buscando entender a cultura, as relações sociais e de poder, as epistemes e demais aspectos do cotidiano do grupo ao qual o mito pertence.

Celebração do Dia de Iemanjá no dia 2 de fevereiro, na praia do Rio Vermelho em Salvador (BA). Foto de 2024.

Ricardo Teles/Pulsar Imagens

Não escreva no livro.

Mitos e relações de poder entre os suaílis

Na condição de elemento que confere embasamento às práticas sociais, os mitos são, muitas vezes, reinterpretados ou ressignificados de forma a afirmar ou valorizar uma narrativa que justifique determinada relação de poder.

Essa ressignificação pode ser observada, por exemplo, em narrativas míticas mantidas entre os suaílis, grupo que no século XII compunha uma comunidade multiétnica na região costeira da África Oriental (atuais Somália, Quênia e Tanzânia). Existem basicamente duas narrativas míticas a respeito da origem dos suaílis, que posicionam a origem dessa comunidade em diferentes localidades. Na primeira delas, os suaílis teriam se originado no continente africano, afirmando, assim, a hegemonia política das elites descendentes de principados urbanos africanos. Já a segunda afirma que essa comunidade teria se originado de povos árabes e persas, oriundos do Oriente Médio, embasando, dessa maneira, o poder político das elites islâmicas entre os suaílis.

Disputas míticas como essa, que posicionam a origem de um povo dentro ou fora do continente africano, podem ser observadas em diversos outros povos da África Oriental, como forma de reafirmar a hegemonia política de determinado grupo sobre outro. Segundo alguns mitos, por exemplo, a dinastia governante do Reino da Etiópia descenderia do rei Salomão e da rainha de Sabá, importantes figuras míticas de grandes tradições religiosas monoteístas do Oriente (judaísmo, cristianismo e islamismo). Até mesmo fora da África Oriental é possível encontrar narrativas míticas desenvolvidas em contextos de intercâmbio cultural entre povos árabes e africanos, que atribuem a origem de determinado povo a ancestrais islâmicos, inclusive associando, algumas vezes, a figura de ancestrais míticos e Maomé.

Hackman/Depositphotos/Fotoarena

Ruínas da antiga mesquita em Kilwa Kisivani, na atual Tanzânia. O local foi reconstruído no século XV e é uma das muitas obras arquitetônicas sob a influência do islamismo. Alguns estudiosos, no entanto, divergem tais influências em construções desse tipo na região, pois identificam, em muitas delas, elementos arquitetônicos não islâmicos. Foto de 2016.

REFLEXÃO

Narrativas hegemônicas

Igualmente ao que ocorre quando um mito tenta reafirmar o direito à hegemonia de determinado grupo sobre outro, outras formas de narrativa têm essa função.

Como estudado em outros momentos desta coleção, as teorias raciais do século XIX respaldaram práticas de opressão a determinados povos e indivíduos, em especial no continente africano.

1. **Você conhece outras narrativas ou estruturas que sejam utilizadas no presente para justificar a dominação de determinados grupos e indivíduos sobre outros?**
2. **De que forma o reconhecimento de outras epistemologias contribui para interromper práticas racistas e etnocêntricas?**

O Japão de Izanagi e Izanami

Historicamente, a sociedade japonesa se desenvolveu a partir das experiências e vivências de comunidades descentralizadas, com características culturais próprias. Foi só durante o período Yamato, entre os séculos III e VIII, que o Japão foi unificado sob um governo centralizado.

Nesse processo de centralização, governantes Yamato buscaram, por meio do **xintoísmo**, nacionalizar mitos locais com o objetivo de fortalecer discursos de unificação cultural do povo japonês. Por isso, não é incomum que algumas divindades nacionais apresentem características diversas, adquiridas pela incorporação de atributos de variadas divindades regionais.

Esse processo de unificação cultural se evidencia com bastante precisão no mito de Izanagi e Izanami, divindades criadoras segundo a tradição religiosa xintoísta. Nessa narrativa mítica, as duas divindades criaram o mundo a partir do caos, reforçando a ideia de desordem associada às comunidades descentralizadas anteriores ao governo Yamato. Ao erguerem sua majestosa lança, que utilizavam para mexer a massa disforme que configurava o caos primordial, gotas dessa massa teriam caído sobre o oceano, originando, assim, as ilhas do arquipélago japonês.

Da união dessas duas divindades, nasceram diversos outros deuses, a quem são atribuídas funções e tarefas distintas, relacionadas à manutenção da ordem no Universo. Entre esses deuses, destaca-se Amaterasu, cujo nome pode ser traduzido para "Grande divindade augusta que ilumina o céu", em referência ao Sol, seu principal símbolo. Ainda segundo a tradição religiosa xintoísta, credita-se a Amaterasu a linhagem sanguínea da qual descendem os imperadores japoneses, afirmando, assim, seu direito e poder de governar.

As expressões culturais japonesas integram também outras tradições religiosas e mitologias de povos asiáticos com quem os japoneses estabeleceram intercâmbio cultural. É o caso do **budismo**, por exemplo, introduzido no país por volta do século VI, no contexto da conquista da península da Coreia pelo Japão. O budismo, mesmo tendo chegado a se tornar a religião oficial do Japão, não extinguiu o xintoísmo, como muitas vezes ocorre quando uma religião torna-se oficial em determinada nação. Atualmente, não é incomum que muitos japoneses se identifiquem como budistas e mantenham práticas religiosas xintoístas ou vice-versa.

budismo: religião originada na Índia, com base nos ensinamentos de Sidarta Gautama, o Buda histórico.

xintoísmo: religião politeísta japonesa caracterizada pelo culto aos Kami, divindades relacionadas à natureza e aos ancestrais.

Masazumi Nakahara/The Yomiuri Shimbun/AFP

Aprendizes de monges *(unsui)* em prática de meditação zazen no Templo Tofuku-ji, em Kyoto, no Japão. Foto de 2023.

Não escreva no livro.

MITOS NO MUNDO ATUAL

Os mitos, frequentemente associados a povos antigos, continuam desempenhando um papel significativo na sociedade contemporânea. Eles não apenas moldaram as culturas antigas, mas também influenciam nossas crenças, comportamentos e narrativas modernas. Mas você já se perguntou como nós nos relacionamos com os mitos no presente?

Diversos mitos antigos são frequentemente recriados em livros, filmes, séries de TV e *videogames*. Histórias de deuses gregos, heróis mitológicos e criaturas lendárias não raramente são reinterpretados em narrativas contemporâneas para atrair novas gerações. Exemplos incluem a série de livros e filmes *Percy Jackson*, baseada na mitologia grega, e o herói Thor, representado em histórias em quadrinhos e, mais recentemente, em filmes, que trazem elementos da mitologia nórdica.

A série de livros *As crônicas de Kane,* de Rick Riordan, reinventa a mitologia egípcia em um contexto contemporâneo, abordando temas como identidade e família. Nos *videogames*, títulos como Assassin's Creed: Odyssey e God of War adaptam mitologias gregas e nórdicas, respectivamente, permitindo aos jogadores que explorem narrativas antigas através de lentes atuais, incluindo temas de vingança, destino e moralidade.

Muitos doramas coreanos, isto é, séries televisivas do gênero dramático produzidas na Coreia, incorporam mitos e lendas tradicionais, trazendo esses elementos culturais para o público contemporâneo de forma envolvente e criativa. Aqui estão alguns exemplos:

- **Jeosung Saja:** na mitologia coreana, essa figura mitológica guia os recém-falecidos para a vida após a morte. Em *Goblin*, a interpretação moderna inclui elementos visuais, como um longo casaco preto e chapéu, proporcionando uma estética atualizada que ressoa com o público contemporâneo.
- **Gumiho:** a figura mitológica de uma raposa de nove caudas que pode se transformar em uma bela mulher é central em vários doramas. Tradicionalmente, os Gumihos são retratados como criaturas que enganam e devoram corações humanos. Essas adaptações modernas, porém, muitas vezes humanizam o Gumiho, explorando temas de amor e redenção.
- **Haetae:** é uma criatura mitológica com corpo de leão e escamas, conhecida como guardiã contra desastres e má sorte. Este mito é representado no dorama *Haechi*, cuja protagonista possui características e habilidades associadas a Haetae.

Além de livros, jogos e séries, mitos também estão presentes em outros aspectos de nossa sociedade. O *marketing* e a publicidade contemporâneos, por exemplo, frequentemente utilizam mitos para criar narrativas persuasivas e emotivas. Marcas constroem histórias em torno de seus produtos que evocam figuras mitológicas recorrentes, como o herói, o explorador ou o sábio. Essas narrativas míticas ajudam a construir uma conexão emocional com os consumidores, tornando os produtos mais atraentes e memoráveis.

Mesmo no campo da ciência, os mitos encontram um lugar. Embora a ciência se baseie em fatos e evidências, a forma como comunicamos descobertas científicas muitas vezes recorre a metáforas mitológicas. A exploração espacial é frequentemente comparada às aventuras heroicas dos mitos, enquanto avanços tecnológicos são descritos como mágicos ou transformadores. Esses mitos científicos ajudam a tornar a ciência mais acessível e inspiradora para o público em geral.

Album/Easy Mediabank

O ator britânico Tom Hiddleston interpretando a personagem Loki, da série televisiva de 2021 de mesmo nome, adaptada da obra em quadrinhos de Stan Lee e criada por Michael Waldron. A personagem Loki foi inspirada no deus nórdico homônimo.

Novos ou velhos mitos?

Além de adaptar mitos já existentes, a sociedade contemporânea também cria novos mitos que refletem os desafios e as esperanças do presente. Em diversas narrativas contemporâneas, especialmente nas que são contadas em séries de filmes, livros ou outras mídias, não é incomum que seus criadores criem verdadeiras mitologias, muitas vezes chamadas de *lore* (do inglês "conhecimento"), que dão sustentação e unidade aos eventos narrados. É o caso das séries de livros *Harry Potter*, de J. K. Rowling, *Senhor dos Anéis*, de J. R. R. Tolkien, e das franquias de filmes *Matrix*, de Lana e Lilly Wachowsky, e *Guerra nas Estrelas*, de George Lucas. As figuras e narrativas míticas que antecedem e dão coesão e sustentação a essas histórias são criações tipicamente contemporâneas, embora muitas vezes inspiradas em mitologias já existentes.

Os mitos urbanos são outra manifestação de como novos mitos surgem a partir de preocupações contemporâneas. Lendas como a do "homem do saco" ou do "chupa-cabra" nascem das ansiedades urbanas e rurais, transformando medos difusos em narrativas concretas. Esses mitos urbanos frequentemente abordam temas como a segurança, a alienação e o medo do desconhecido, refletindo as tensões da vida moderna.

A criação e a reinterpretação de mitos no presente também desempenham um papel crucial na política e na formação da identidade nacional. Movimentos políticos e sociais frequentemente utilizam narrativas míticas para mobilizar apoio e legitimar suas causas. Por exemplo, a ideia de um "sonho americano" é uma narrativa mítica que sustenta a identidade e a ideologia dos Estados Unidos, mesmo que suas interpretações possam variar ao longo do tempo. Da mesma forma, mitos nacionais são usados para promover a unidade e a coesão em países que enfrentam divisões internas.

Além disso, os mitos também são recriados para desafiar estruturas de poder estabelecidas e promover a justiça social. Histórias de resistência e emancipação ganham novos significados quando reinterpretadas em contextos contemporâneos de luta por direitos civis e igualdade. A mitologia pode servir como uma fonte de inspiração e um meio de crítica social, oferecendo novos entendimentos sobre questões de gênero, raça e classe.

Portanto, os mitos de outras temporalidades e sociedades são continuamente reinterpretados e recriados para refletir questões e dilemas contemporâneos. Essa constante reinvenção permite que os mitos permaneçam relevantes e significativos, proporcionando narrativas poderosas que nos ajudam a entender e navegar pelo mundo moderno. Ao explorar e adaptar essas histórias, criamos uma ponte entre o passado e o presente, utilizando os mitos para expressar nossas aspirações, medos e valores atuais.

Landmark Media/Alamy/Fotoarena

Na série de filmes *Matrix*, a personagem Neo, interpretada por Keanu Reeves, personifica diversas figuras mitológicas de diferentes culturas e épocas ao representar o papel de um herói salvador, como Jesus, no cristianismo, ou Hércules, na mitologia grega, ou Beowulf, na mitologia nórdica. Na foto, cena do filme *Matrix Resurrections,* de 2021.

Não escreva no livro.

A heroína das mil e uma faces

Você já deve ter notado que muitas histórias presentes em filmes, livros e séries apresentam um tema comum: uma personagem ordinária vive sua vida cotidiana até se ver envolvida em uma aventura inesperada, na qual desempenhará um papel crucial como salvadora da humanidade. A estrutura narrativa do livro *O herói de mil faces*, proposta por Joseph Campbell, descreve uma jornada que muitos heróis seguem em mitos e histórias ao redor do mundo. Também conhecida como **monomito**, delineia uma série de estágios comuns pelos quais o herói passa, incluindo o chamado à aventura, a rejeição do chamado, a assistência sobrenatural, a travessia do primeiro limiar, provações, apoteose e o retorno com o elixir. Essa narrativa tem sido amplamente utilizada e adaptada em diversas formas de mídia, desde a literatura clássica até o cinema moderno.

No cinema, a saga *Star Wars* é um exemplo emblemático, na qual o desenvolvimento da personagem Luke Skywalker segue os estágios elencados por Campbell em sua análise do monomito. O pesonagem Frodo Baggins, na série de livros e filmes *O Senhor dos Anéis*, também espelha essa estrutura, embarcando em uma missão épica para destruir um importante anel. Jogos de *videogame* como The Legend of Zelda e Final Fantasy frequentemente utilizam a jornada do herói para guiar seus enredos, proporcionando aos jogadores uma experiência narrativa envolvente e familiar.

Sandra Trabucco Valenzuela, em sua obra *A heroína de mil e uma faces*, expande e reinterpreta a estrutura do monomito para incluir a perspectiva feminina. Valenzuela argumenta que as narrativas de heroínas seguem uma trajetória similar à dos heróis tradicionais, mas com nuances e desafios próprios que refletem as experiências e lutas específicas das mulheres. Ela destaca que as heroínas não apenas enfrentam e superam adversidades, mas também lidam frequentemente com questões de identidade, relacionamentos e poder, o que torna mais complexa suas jornadas míticas.

A recriação da estrutura do herói e da heroína pode ser vista em diversas narrativas contemporâneas. A personagem Katniss Everdeen, do filme *Jogos vorazes*, exemplifica *A heroína de mil e uma faces*, ao enfrentar um regime opressor e lutar pela sobrevivência e liberdade de seu povo. Sua jornada incorpora elementos clássicos da jornada do herói, mas também aborda temas de sacrifício, empoderamento feminino e resistência.

Na literatura, *Circe,* de Madeline Miller, reinventa a figura mitológica de Circe, dando-lhe uma voz própria e uma jornada de autodescoberta e empoderamento. A narrativa de Circe desafia as convenções tradicionais da mitologia grega e oferece uma perspectiva feminista sobre o monomito, mostrando que as heroínas, assim como os heróis, podem trilhar caminhos épicos e transformadores.

Coleção particular. Fotografia: Bridgeman Images/Easy Mediabank

A deusa mesopotâmica Inanna, também conhecida como Ishtar, é uma das primeiras figuras mitológicas femininas a ilustrar a complexidade da jornada da heroína. Seu mito mais famoso é a descida ao submundo, no qual ela enfrenta sua irmã Ereshkigal, a rainha do submundo. Nessa jornada, ela passa por uma série de provações, incluindo a perda de seus poderes e vestes, para finalmente ressurgir renovada. Esse mito destaca a coragem, a resistência e a capacidade de renascimento das heroínas. Na foto, relevo em terracota do século II, encontrado no Iraque, representado a deusa Ishtar.

Museu do Louvre, Paris, França. Fotografia: Album/Easy Mediabank

Ártemis, a deusa grega da caça, da lua e da natureza selvagem, é um exemplo de heroína independente e protetora. Diferente de outras deusas gregas, Artemis escolhe não se casar com outra divindade, dedicando-se à proteção das mulheres e crianças, bem como à caça. Ela representa a força e a autonomia femininas, desafiando as normas patriarcais da época. As narrativas míticas de Ártemis envolvem diversas aventuras e confrontos, nos quais ela defende seus valores e aqueles que estão sob sua proteção. Na foto, estátua conhecida como Ártemis de Versalhes, feita em mármore na Grécia, no século IV.

Não escreva no livro.

ATIVIDADES

1 **Observe as imagens a seguir e responda às questões.**

Hernandez Jose Maria/Alamy/Fotoarena

Celebração de uma cerimônia de Bar Mitzvá, na qual o jovem judeu, ao completar 13 anos, adquire a maioridade religiosa. Jerusalém, Israel. Foto de 2023.

Cesar Diniz/Pulsar Imagens

Homens Xavante preparando jovens para rito de passagem para a vida adulta, na Aldeia do Baixão, em Campinápolis (MG). Foto de 2022.

a) O que as imagens apresentam em comum?

b) Como as atividades retratadas nessas imagens relacionam-se à afirmação do pertencimento de um indivíduo a um grupo?

2 **Não é incomum que produções cinematográficas atuais recontem ou façam alusão a mitos de outras temporalidades ou regiões espacialmente distantes do local onde o filme foi produzido. Nessas releituras, tais mitos são apresentados pela ótica de nossos tempos, geralmente diferente daquela da sociedade que desenvolveu o mito em questão.**

Observe a seguir a representação de uma personagem mítica em uma produção cinematográfica do século XXI.

Moviestore Collection Ltd/Alamy/Fotoarena

Chris Hemsworth, ator australiano, intérprete da personagem Thor no filme *Thor: amor e trovão*, dirigido por Taika Waititi, de 2022.

a) A qual narrativa mítica a personagem apresentada nessa imagem faz referência e qual povo criou esse mito?

b) Em sua opinião, que informações essas produções cinematográficas podem nos fornecer enquanto documentos históricos?

c) Levando em consideração a diversidade de mitologias ao redor do mundo, por que, em sua opinião, produções cinematográficas como essas tendem a retratar mitos produzidos por sociedades europeias?

Não escreva no livro.

3 **Em nossa sociedade, os mitos são, muitas vezes, considerados histórias falsas, que constituem narrativas não fidedignas a respeito de determinado conhecimento ou fato. No entanto, isso não reflete os critérios utilizados pela sociedade que desenvolveu o mito em questão. Sobre isso, o cientista das religiões, Mircea Eliade (1907-1986), escreve:**

Os Pawnee "fazem uma distinção entre as 'histórias verdadeiras' e as 'histórias falsas', e incluem entre as histórias 'verdadeiras', em primeiro lugar, todas aquelas que tratam das origens do mundo; seus protagonistas são entes divinos, sobrenaturais, celestiais ou astrais. Seguem-se os contos que relatam as maravilhosas aventuras do herói nacional, um jovem de origem humilde que se tornou o redentor de seu povo, livrando-o de monstros, salvando-o da fome e de outras calamidades e realizando outras façanhas nobres e salutares. Por fim, vêm as histórias relacionadas com os *medicine-men*, que explicam como tal ou tal feiticeiro adquiriu seus poderes pré-humanos, como nasceu tal ou tal associação de xamãs. As histórias 'falsas' são as que contam as aventuras e proezas nada edificantes do Coiote, o lobo das pradarias. Em suma, nas histórias 'verdadeiras', defrontamo-nos com o sagrado e o sobrenatural; as 'falsas', ao contrário, têm um conteúdo profano, pois o Coiote é extremamente popular nesta como em outras mitologias norte-americanas, onde aparece como trapaceiro, velhaco, embusteiro e tratante consumado".

Eliade, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 2019. p. 11.

a) Qual é o critério utilizado entre os Pawnee para diferenciar uma história verdadeira de uma falsa?

b) Em sua opinião, esse critério de distinção é semelhante ao utilizado em nossa sociedade contemporânea? Justifique sua resposta.

4 **O texto a seguir traz uma passagem do mito da deusa romana Ceres e de sua filha Prosérpina. Leia-o com atenção.**

[...]

Ceres continuou a procurar a filha, passando de terra em terra, e atravessando mares e rios, até voltar à Sicília, de onde partira, e ficou de pé à margem do Rio Cíano, onde Plutão abrira uma passagem para seus domínios. A ninfa do rio teria contado à deusa tudo que testemunhara, se não fosse o medo de Plutão; assim, apenas se aventurou a pegar a guirlanda que Prosérpina deixara cair em sua fuga e fazê-la descer pela correnteza do rio, até junto da deusa. Vendo-a, Ceres não teve mais dúvida sobre a perda da filha, mas ainda não conhecia a causa e lançou a culpa sobre a terra inocente:

— Ingrato solo, que tornei fértil e cobri de ervas e grãos nutritivos, não mais gozarás de meus favores! — exclamou.

Então, o gado morreu, o arado quebrou-se no sulco, as sementes não germinaram. Houve sol e chuva em demasia. As aves roubaram as sementes. Somente medravam cardos e sarças. [...]

Bulfinch, Thomas. *O livro de ouro da mitologia*: histórias de deuses e heróis. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2018. p. 71.

a) A qual fenômeno da natureza essa narrativa mítica se relaciona?

b) Uma narrativa mítica bastante semelhante, na qual as divindades que exercem as ações descritas nesse mito e os locais onde elas acontecem são renomeados de acordo com a cultura local, também pode ser observada no mundo grego. Em sua opinião, o que essa semelhança pode revelar a respeito da relação entre gregos e romanos?

5 **(Enem)**

A porca e os sete leitões

É um mito que está desaparecendo, pouca gente o conhece. É provável que a geração infantil atual o desconheça. (Em nossa infância em Botucatu, ouvimos falar que aparecia atrás da igreja de São Benedito no largo do Rosário.) Aparece atrás das igrejas antigas. Não faz mal a ninguém, pode-se correr para apanhá-la com seus bacorinhos que não se conseguirá. Desaparecem do lugar costumeiro da aparição, a qual só se dá à noite, depois de terem "cumprido a sina".

Em São Luís do Paraitinga, informaram que se a gente atirar contra a porca, o tiro não acerta. Ninguém é dono dela e por muitos anos apareceu atrás da igreja de Nossa Senhora das Mercês, na cidade onde nasceu Oswaldo Cruz.

Araújo, A. M. *Folclore nacional I*: festas, bailados, mitos e lendas. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Os mitos são importantes para a cultura porque, entre outras funções, auxiliam na composição do imaginário de um povo por meio da linguagem. Esse texto contribui com o patrimônio cultural brasileiro porque

a) preserva uma história da tradição oral.

b) confirma a veracidade dos fatos narrados.

c) identifica a origem de uma história popular.

d) apresenta as diferentes visões sobre a aparição.

e) reforça a necessidade de registro das narrativas folclóricas.

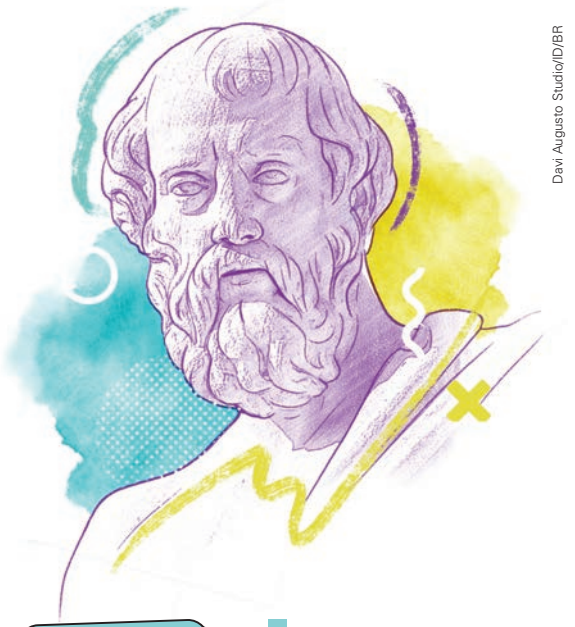
ESTÚDIO FILOSÓFICO

OS MITOS EM PLATÃO

Ao explorar a obra de Platão, encontramos não apenas o filósofo, mas também um contador de histórias habilidoso, que utilizava os mitos como narrativas e, principalmente, como ferramentas poderosas para transmitir verdades filosóficas essenciais.

Para Platão, os mitos não eram somente relatos fantásticos do passado, mas narrativas carregadas de significado simbólico e moral. Eles desempenham papel crucial na educação filosófica, abrindo portas para compreensões mais profundas sobre a natureza da realidade, da alma humana e da ordem cósmica. Por meio dos mitos, Platão nos convida a questionar, refletir e buscar uma compreensão mais elevada da verdade.

Nesta seção, veremos como Platão faz dos mitos instrumentos de reflexão sobre questões metafísicas, éticas e epistemológicas.



Davi Augusto Studio/ID/BR

OBRAS-CHAVE

Platão não publicou suas obras. Suas ideias foram transmitidas principalmente por meio de diálogos escritos, nos quais explorou uma ampla gama de temas filosóficos. Algumas de suas obras mais conhecidas são:

- *A República*
- *Fédon*
- *O banquete*
- *Fedro*

PERFIL

Nascido em Atenas, Platão (*c.* 428/427a.C.–*c.* 348/347 a.C.) é um dos pilares fundamentais da filosofia ocidental. Discípulo de Sócrates e mestre de Aristóteles, o filósofo deixou um legado intelectual que influenciou profundamente o pensamento ao longo dos séculos.

Vasta e diversificada, sua obra abrange desde a investigação ética e política até a metafísica e a epistemologia. Uma de suas teorias, fundamental para a compreensão de seu pensamento, é a Teoria das Ideias, que afirma existir uma distinção entre o mundo sensível e o mundo das ideias. Platão postulou que, por trás das aparências mutáveis do mundo físico, há realidades eternas e imutáveis – as ideias ou formas –, que só podem ser acessadas pela razão e pelo intelecto.

Platão é conhecido também pela abordagem dialética, apresentada em seus diálogos filosóficos, nos quais as personagens discutem questões como justiça, virtude, conhecimento e o papel do filósofo na sociedade. Esses diálogos não apenas transmitiram o pensamento filosófico de Platão, mas lançaram as bases para o método socrático de questionamento e investigação.

EM LEITURA

No livro II de *A República*, Platão apresenta o mito de Giges para discutir questões de justiça e moralidade. Ali, o mito ilustra como a natureza humana pode ser influenciada pelo poder e pelas circunstâncias externas, questionando se o comportamento ético é inerente ao sujeito ou apenas uma convenção social.

Na filosofia de Platão, os mitos desempenhavam funções importantes:

1. **Educação moral e ética:** eram ferramentas educacionais para transmitir valores morais e éticos. Por meio de narrativas mitológicas, ele ensinava sobre virtude, justiça e comportamento ético.
2. **Alegoria das ideias:** Platão frequentemente usava mitos como alegorias para elaborar conceitos filosóficos mais profundos, especialmente em sua Teoria das Formas ou Ideias. Para o filósofo, os mitos eram narrativas simbólicas que comunicavam ideias complexas sobre a natureza da realidade e do conhecimento.

Não escreva no livro.

3. **Exploração da psicologia humana:** os mitos também eram usados por Platão para explorar aspectos da psicologia humana, como desejos, medos e a busca pelo significado da vida.
4. **Construção de narrativas metafísicas:** Platão empregava mitos para construir narrativas que explorassem questões metafísicas, como a origem do Universo, a natureza dos deuses e a estrutura da realidade. Isso permitia a Platão que abordasse aspectos emocionais e intuitivos da experiência humana.

Na filosofia platônica, os mitos desempenhavam um papel multifacetado, não eram apenas histórias antigas, mas ferramentas pedagógicas e expressões simbólicas que ajudavam a iluminar os princípios fundamentais de sua visão de mundo.

Em A *República*, Platão utiliza o mito de Giges, o lídio, para explorar questões de justiça e moralidade. O mito narra como Giges encontra um anel que lhe confere invisibilidade e passa a agir em proveito próprio. Por meio do mito, a obra questiona se o comportamento ético é inato ou resultado das circunstâncias externas, provocando uma profunda reflexão sobre a natureza humana e a sociedade ideal, conforme pode ser observado no texto a seguir.

Agora, que aqueles que a praticam agem pela impossibilidade de cometerem a injustiça é o que compreenderemos bem se fizermos a seguinte suposição. Concedamos ao justo e ao injusto a permissão de fazerem o que querem; sigamo-los e observemos até onde o desejo leva a um e a outro.

Apanharemos o justo em flagrante delito de buscar o mesmo objetivo que o injusto, impelido pela necessidade de prevalecer sobre os outros: é isso que a natureza toda procura como um bem, mas que, por lei e por força, é reduzido ao respeito da igualdade. A permissão a que me refiro seria especialmente significativa se eles recebessem o poder que teve outrora, segundo se conta, o antepassado de Giges, o Lídio.

Este homem era pastor a serviço do rei que naquela época governava a Lídia. Cedo dia, durante uma violenta tempestade acompanhada de um terremoto, o solo fendeu-se e formou-se um precipício perto do lugar onde o seu rebanho pastava. Tomado de assombro, desceu ao fundo do abismo e, entre outras maravilhas que a lenda enumera, viu um cavalo de bronze oco, cheio de pequenas aberturas; debruçando-se para o interior, viu um cadáver que parecia maior do que o de um homem e que tinha na mão um anel de ouro, de que se apoderou; depois partiu sem levar mais nada.

Com esse anel no dedo, foi assistir à assembleia habitual dos pastores, que se realizava todos os meses, para informar ao rei o estado dos seus rebanhos. Tendo ocupado o seu lugar no meio dos outros, virou sem querer o engaste do anel para o interior da mão; imediatamente se tomou invisível aos seus vizinhos, que falaram dele como se não se encontrasse ali.

Assustado, apalpou novamente o anel, virou o engaste para fora e tomou-se visível. Tendo-se apercebido disso, repetiu a experiência, para ver se o anel tinha realmente esse poder; reproduziu-se o mesmo prodígio: virando o engaste para dentro, tomava-se invisível; para fora, visível. Assim que teve a certeza, conseguiu juntar-se aos mensageiros que iriam ter com o rei.

Chegando ao palácio, seduziu a rainha, conspirou com ela a morte do rei, matou-o e obteve assim o poder. Se existissem dois anéis desta natureza e o justo recebesse um, o injusto outro, é provável que nenhum fosse de caráter tão firme para perseverar na justiça e para ter a coragem de não se apoderar dos bens de outrem, sendo que poderia tirar sem receio o que quisesse da ágora, introduzir-se nas casas para se unir a quem lhe agradasse, matar uns, romper os grilhões a outros e fazer o que lhe aprouvesse, tornando-se igual a um deus entre os homens.

Agindo assim, nada o diferenciaria do mau: ambos tenderiam para o mesmo fim. E citar-se-ia isso como uma grande prova de que ninguém é justo por vontade própria, mas por obrigação, não sendo a justiça um bem individual, visto que aquele que se julga capaz de cometer a injustiça comete-a. Com efeito, todo homem pensa que a injustiça é individualmente mais proveitosa que a justiça, e pensa isto com razão, segundo os partidários desta doutrina.

Pois, se alguém recebesse a permissão de que falei e jamais quisesse cometer a injustiça nem tocar no bem de outrem, pareceria o mais infeliz dos homens e o mais insensato àqueles que soubessem da sua conduta; em presença uns dos outros, elogiá-lo-iam, mas para se enganarem mutuamente e por causa do medo de se tomarem vítimas da injustiça. Eis o que eu tinha a dizer sobre este assunto.

PLATÃO. *A República*. Livro II. São Paulo: Escala, 2015. p. 51.

PARA CONCLUIR

1 **Em sua opinião, qual é o propósito da presença do mito de Giges em *A República* e como ele contribui para a discussão sobre justiça e moralidade?**

2 **Como Platão utiliza o mito de Giges para explorar a natureza humana e as questões de poder e responsabilidade?**

3 **Você concorda com a afirmação de que os mitos têm uma função educativa? Explique.**

PRÁTICAS DE TEXTO

RELATO ORAL DE EXPERIÊNCIA

Proposta

Nesta seção, você vai planejar e gravar um relato oral de experiência para compartilhar com os colegas e o professor. O relato de experiência é um texto em que o autor relembra momentos marcantes de sua trajetória de vida ou um acontecimento em particular que tenha presenciado ou vivenciado. No caso do relato oral, há diferenças na forma de contar que são próprias da oralidade.

Público	Colegas da turma e professor.
Objetivo	Relatar uma experiência marcante envolvendo uma manifestação cultural.
Circulação	Sala de aula.

Acervo do Museu da Pessoa, São Paulo. Fotografia: ID/BR

David Popygua, na websérie *Soltando palavras ao céu*, 2024.

Planejamento e elaboração

1 Para inspirar o seu relato, se possível, assista aos vídeos da websérie *Soltando palavras ao céu*, produzida pelo Museu da Pessoa, nos quais David Popygua, educador e líder Guarany Mbya, apresenta relatos diversos relacionados à cultura de seu povo. Disponível em: https://www.youtube.com/playlist?list=PLNmMebIWRxUZPa2GpZbqalZcau3JVEhml. Acesso em: 10 jul. 2024.

2 Navegue pela página do Museu da Pessoa (disponível em: https://museudapessoa.org/; acesso em: 10 jul. 2024) para conhecer melhor seus projetos e assista a outros relatos que considerar interessantes.

Não escreva no livro.

3 Planeje seu relato. Para isso, procure se lembrar de uma experiência pessoal marcante relacionada a uma manifestação cultural. Reflita sobre essa experiência com base nas perguntas a seguir.

- Por que você escolheu essa experiência?
- Por que ela foi marcante para você?
- Quais lembranças afetivas você tem desse dia?
- Que ideias, interesses e curiosidades foram despertados por esse acontecimento?
- Além de você, quem estava presente nesse evento?
- O que você aprendeu de mais importante com essa experiência?

4 Escreva um texto refletindo sobre o acontecimento. Destaque nele os momentos mais importantes, que serão apontados no relato.

5 Elabore um esquema de apoio para seu relato. Considere uma apresentação de cerca de três minutos.

6 Ensaie seu relato. Procure articular bem as palavras ao falar, mas mantenha a espontaneidade da fala.

7 Se possível, convide um colega, faça seu relato para ele e peça sugestões. Depois, ouça o relato dele e dê sugestões também.

8 Providencie um *smartphone* ou câmera com função de vídeo para gravar seu relato.

9 Escolha um local adequado para a gravação, considerando a organização do ambiente, o horário e a claridade do ambiente, bem como a ausência de ruídos que possam comprometer a gravação.

10 Posicione a câmera em um local fixo. Caso utilize um *smartphone*, coloque-o no modo avião para evitar ligações ou mensagens durante a gravação. Por fim, grave seu relato de acordo com o esquema que você elaborou.

Revisão e reescrita

1 Assista ao vídeo. Faça anotações sobre aquilo que você gostaria de aprimorar e, se necessário, grave-o novamente. Para isso, considere os seguintes questionamentos:

Você fez o relato de um acontecimento marcante?
Você articulou bem as palavras sem perder a espontaneidade do relato?
Você usou linguagem informal sem excesso de expressões coloquiais ou gírias?
É necessário cortar trechos ou acrescentar informações ao vídeo?
A qualidade do áudio e do vídeo permite compreender o relato sem interferências?

2 Avalie se há necessidade de fazer mudanças no vídeo. Se houver, faça anotações sobre elas, reveja seu planejamento e grave o vídeo novamente.

3 Caso conheça algum *software* de edição de imagens, utilize-o para fazer cortes em algum trecho ou para acrescentar alguns efeitos ao vídeo, desde que isso não desvie o espectador do foco principal do vídeo: o relato.

Circulação

1 Apresente seu vídeo para a turma e assista aos vídeos dos colegas.

2 Se possível, utilizem um *software* de edição de imagens e reúnam todos os relatos em um único vídeo.

3 Decidam a melhor forma de agrupar os relatos: por tema, por tipo de acontecimento, etc. Depois, combinem uma data para assistir ao vídeo final.

Não escreva no livro.

EXPERIÊNCIAS COMUNITÁRIAS

1. Observe as imagens apresentadas nesta página e descreva as técnicas e/ou tecnologias empregadas para a realização das atividades nelas retratadas.
2. Como você imagina que essas técnicas e tecnologias tenham sido desenvolvidas?

Como estudamos nos capítulos anteriores, o conhecimento científico não é o único tipo de conhecimento de mundo utilizado pelos diversos povos e sociedades da atualidade. Com base nessa informação, é possível inferir que os meios mais comuns utilizados pelos círculos acadêmicos e científicos para compartilhar conhecimentos também não são os únicos.

Além das escolas, das universidades e dos centros de pesquisa, as chamadas comunidades tradicionais também são produtoras de conhecimentos e contam com formas específicas de consolidá-los e compartilhá-los. Muitos povos tradicionais, como populações ribeirinhas, quilombolas, indígenas, povos da floresta, entre vários outros, são portadores de saberes e de técnicas transmitidos de geração a geração, por meios diversos.

Muitas vezes, esses conhecimentos tradicionais são comunicados mediante a oralidade ou práticas ritualísticas, de forma a garantir a consolidação e a continuidade desses saberes e tradições. Neste capítulo, serão apresentados alguns dos meios pelos quais esses conhecimentos são transmitidos.

Andre Dib/Pulsar Imagens

Homem quilombola colhendo arroz em plantação, na comunidade Kalunga de Vão de Almas, em Cavalcante (GO). Foto de 2022.

Gerson Gerloff/Pulsar Imagens

Colheita mecanizada de arroz em plantação, em Restinga Seca (RS). Foto de 2022.

Não escreva no livro.

CONHECIMENTOS TRADICIONAIS

Conhecimentos tradicionais

A ciência moderna, tal como a conhecemos hoje, tem raízes nas observações e nos experimentos desenvolvidos por diversos povos, em diferentes temporalidades. Parte dessa rica tradição científica influenciou estudiosos europeus, que, entre os séculos XVI e XVIII, desenvolveram uma série de parâmetros e metodologias, posteriormente definidos como **método científico**. Esse método propõe a elaboração de leis e teorias gerais com base na observação de casos particulares, sistematizados nas seguintes etapas:

- Observação dos fenômenos;
- Classificação com base na relação entre os fenômenos estudados;
- Formulação de hipóteses;
- Verificação das hipóteses (experimentos);
- Generalização do caso particular estudado;
- Confirmação das hipóteses visando à criação de leis gerais.

Como mencionado anteriormente, os conhecimentos também são produzidos fora dos círculos científicos. Eles estão presentes, por exemplo, em práticas de cultivo como a coivara, técnica agrícola baseada na rotação de culturas em regiões de mata, desenvolvida por povos indígenas séculos antes da chegada dos europeus ao continente americano; ou nas aprimoradas técnicas de pesca de tubarões desenvolvidas pelos povos sambaquieiros.

Em casos como esses, é possível observar que o conhecimento é resultado do acúmulo das experiências de pessoas que viveram antes de nós e de nossas próprias vivências. Ele é a forma pela qual os seres humanos produzem sentido sobre a observação que fazem do meio em que vivem.

Portanto, se o conhecimento pode ser produzido de diversas formas, tanto sob as condições da produção científica convencional quanto em situações variadas da vida cotidiana, podemos considerar que ele também é consolidado e transmitido de diferentes maneiras e é expresso nos mais diversos saberes e fazeres de povos distintos: métodos de produção artesanal, receitas de comida, técnicas de melhoramento do solo, plantio, colheita, criação de animais, caça e pesca, produção de medicamentos naturais, reconhecimento das características geográficas locais (fauna, flora e minérios) e muitos outros. A esses conhecimentos, construídos e compartilhados com base nos saberes e fazeres tradicionais de um povo ou de uma comunidade, é atribuído o nome **conhecimentos tradicionais**.

Ricardo Teles/Pulsar Imagens

Pesquisadora examinando amostras de fungo *Tricoderma Asperellum* em laboratório, em Delta (MG). Foto de 2022.

Cadu De Castro/Pulsar Imagens

Mulher quilombola ensinando filha a preparar defumadores com ervas no quilombo do Cafundó, em Salto de Pirapora (SP). Foto de 2023.

CONHECIMENTO E ORALIDADE

Para que os conhecimentos se consolidem, é preciso que eles sejam comunicados, isto é, transmitidos a outras pessoas. Uma das principais formas pelas quais essa comunicação se dá no presente é por meio da escrita. Apesar disso, a escrita não é o único meio pelo qual os conhecimentos podem ser divulgados e compartilhados com uma comunidade.

Povos ágrafos, isto é, populações que não têm ou não utilizam um sistema de escrita, também produzem e divulgam conhecimentos, geralmente por meio da oralidade.

Mesmo entre povos que utilizam sistemas de escrita, a oralidade desempenha um grande papel na transmissão de conhecimento, como pode ser observado nos diversos encontros acadêmicos ou de divulgação científica nos quais pesquisadores comunicam os resultados de suas pesquisas, o que se dá principalmente por meio da fala, ou até mesmo nas escolas, onde a fala (tanto dos professores quanto dos estudantes) desempenha um papel fundamental para a construção e a consolidação dos conhecimentos.

A coexistência dessas formas de comunicação do conhecimento evidencia a incoerência em considerar "inferiores", bem como caracterizados pela ausência de conhecimentos, histórias e culturas, os povos que atribuem mais importância à oralidade do que à escrita. Nesse sentido, o historiador e antropólogo belga Jan Vansina (1929-2017) afirmava que a oralidade é, na verdade, uma atitude diante da realidade, em vez da ausência de uma habilidade.

Nas sociedades que enfatizam a oralidade, a palavra dita é muito mais do que uma forma de comunicação cotidiana, ela é um veículo de preservação de uma sabedoria ancestral. Não por acaso é dito entre os malineses da atualidade que, quando uma pessoa idosa morre, é como se uma biblioteca pegasse fogo.

Essa ênfase na oralidade pode ser observada, por exemplo, na grande importância atribuída, em diversas sociedades da África Ocidental, à figura do griô. Aos griôs cabe a função de preservar e transmitir as histórias e os demais conhecimentos tradicionais de determinada sociedade. Para isso, esses indivíduos, cuja função geralmente é atribuída por sucessão hereditária, passam por um longo processo de aprendizado no qual memorizam essas histórias e aprendem formas de contá-las, muitas vezes com o auxílio de instrumentos musicais. Os griôs devem presenciar todos os grandes acontecimentos que ocorrem nessas sociedades, como casamentos, nascimentos e guerras, para posteriormente poder recontá-los. Além disso, em razão de seus grandes conhecimentos acerca das histórias e tradições, os griôs muitas vezes também desempenham atividades legislativas e relacionadas à mediação de conflitos.

Michele Cattani/AFP

Griô tocando algaita, espécie de flauta tradicional nigeriana, durante celebração do fim do jejum do Ramadã, em Agadez, na Nigéria. Foto de 2023.

Não escreva no livro.

Circulação do conhecimento

O desenvolvimento, o ensinamento e a transmissão dos conhecimentos tradicionais ocorrem, principalmente, pelo engajamento prático e cotidiano das pessoas envolvidas. De geração a geração, eles são construídos, repetidos, reforçados, transformados ou até mesmo descartados, como resultado das mudanças sociais ou das condições de sua produção, aplicação e transmissão.

A transmissão desses saberes pode variar de acordo com o gênero, a idade, o lugar social, o parentesco e os gostos individuais. Desse modo, estando os conhecimentos distribuídos de maneira desigual entre as pessoas do grupo, nenhum de seus membros é detentor pleno de todos os conhecimentos.

Além da prática cotidiana e da transmissão interna entre os membros de um mesmo grupo, esses saberes também podem ser colocados em circulação por meio das trocas comerciais e dos matrimônios entre pessoas de grupos distintos. Grandes encontros para realização de comemorações ou tomada de decisões entre líderes, realizados entre comunidades vizinhas ou aparentadas, também desempenham um papel de grande importância na circulação dos conhecimentos tradicionais.

Acervo do Centro Memorial da Univille/ID/BR

Cartaz de divulgação do XVII Encontro Nacional de História Oral, realizado em Joinville (SC), em setembro de 2024.

História oral: metodologias

Durante séculos, a ciência moderna ocidental rejeitou os conhecimentos tradicionais. Isso começou a mudar a partir de estudos historiográficos e antropológicos realizados na década de 1970, com o resgate da oralidade, que passou a ser vista como importante ferramenta de estudo e compreensão para as Ciências Humanas.

Relatos orais mantidos por diferentes populações e coletados pelos pesquisadores contribuem para fornecer diversas informações e pontos de vista que, geralmente, se mostram ausentes nas narrativas escritas tradicionais. Mesmo com o desenvolvimento de variados métodos de pesquisa histórica ao longo do século XX, muitas lacunas só começaram a ser preenchidas a partir da análise desses relatos e dessas tradições orais, que revelam, muitas vezes, histórias desconhecidas do grande público e até dos especialistas e que ajudam a entender melhor os diversos processos sociais, políticos e culturais que ocorrem nessas sociedades.

Como resultado do processo de análise da oralidade, os depoimentos orais deixaram de ser entendidos como acessórios e até mesmo como narrativas duvidosas e passaram a ser considerados uma forma de compreensão das relações sociais entre as pessoas e delas com as instâncias de poder. A história oral, então, se configurou como uma das formas de reconstituição da História por meio de suas múltiplas versões, algumas delas fornecidas pela oralidade.

Rodrigo Fernandes/Acervo do fotógrafo

Fachada do Museu da Pessoa, que abriga um importante acervo multimídia relacionado à história oral. São Paulo (SP), foto de 2022.

PROFETAS DA CHUVA

Há séculos, populações que habitam o sertão nordestino enfrentam condições ambientais que dificultam suas vidas em vários aspectos. O calor e as secas são obstáculos que impõem enormes dificuldades para o plantio e a criação de animais. Em muitas regiões, a obtenção de água está longe de ser uma atividade trivial, dada a falta de fornecimento adequado desse recurso natural.

Por isso, o conhecimento sobre os fenômenos da natureza se tornou particularmente importante para as pessoas que vivem nessas regiões. Assim, alguns indivíduos desenvolveram habilidades de observação e interpretação das manifestações naturais, sendo capazes de prever, por meio dessas observações, as possibilidades de chuva e seca. Eles construíram seus saberes pelo acúmulo de experiências, pela convivência e por práticas transmitidas ao longo do tempo. Com o aprimoramento dessas habilidades, os profetas da chuva, como são conhecidos, foram desenvolvendo formas individuais de interpretação dos fenômenos naturais.

Apesar das características particulares de cada profeta da chuva, um ponto une grande parte deles: a familiaridade com a terra em que vivem e, como consequência, um apreço pelo local que habitam. Essa proximidade ocorre em razão das atividades exercidas por eles, ligadas à agricultura e ao pastoreio, bem como das memórias de suas vivências passadas ou das de familiares que as transmitiram a eles.

O Encontro dos Profetas da Chuva

Todos os anos, desde 1996, no mês de janeiro, no município de Quixadá (CE), ocorre o **Encontro dos Profetas da Chuva**. No evento, essas pessoas se reúnem para anunciar suas previsões de chuva para a região em que vivem. As previsões são divulgadas por meio de poesias, histórias, conselhos, apelos e reclamações.

Helder Cortez/Acervo do cedente

Erasmo Barreira, profeta da chuva, com casa de pássaro joão-de-barro, um dos instrumentos que o auxiliam em suas previsões. Quixadá (CE), 2024.

Outros eventos acompanham esses anúncios, como pronunciamentos de lideranças políticas locais, apresentações de dança e música, homenagens a membros da comunidade e a participação de turistas, pesquisadores e profissionais da mídia. Além das previsões, os eventos têm como objetivo valorizar e resgatar a cultura rural do Nordeste, estimular novos profetas e fomentar a confraternização entre as pessoas.

Apesar do crescimento anual no número de participantes, os jovens não têm demonstrado muito interesse em se tornarem profetas da chuva. Leia, a seguir, um depoimento sobre esse fato.

> "O jovem hoje, ele não se liga muito [para a tradição de prever chuva]. Porque eu só vejo dizer na televisão, 'ah, tem estudo, o outro tá estudando, o meu filho vai se formar, meu filho vai ser enfermeiro, meu filho vai ser doutor, meu filho vai ser engenheiro, meu filho vai ser advogado' e não vem ninguém se ligar pra estudar a natureza e a terra, se ligar de que ele acha que aquilo não vai dar dinheiro pra ele… Aí também não vai se interessar a aprender aquilo que ele não vai ter financeiramente nada pra ele." [Jacaré, profeta da chuva. Entrevista concedida em maio de 2010.]

Pennesi, Karen; Souza, Carla Renata Braga de. O encontro anual dos profetas da chuva em Quixadá, Ceará: a circulação de discursos na invenção de uma tradição. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 18, n. 38, p. 165, jul./dez. 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/ha/v18n38/07.pdf. Acesso em: 11 jul. 2024.

Não escreva no livro.

Desenvolvendo tradições

Outro aspecto importante que podemos destacar desses eventos anuais é que eles são um exemplo de confluência entre conhecimentos tradicionais e científicos. No encontro dessas duas esferas, vão sendo construídas novas relações entre seus participantes. Essa construção cultural contribui para o desenvolvimento de novas tradições.

Muitas vezes, as tradições são desenvolvidas naturalmente, ao longo dos anos, por meio da relação entre os indivíduos com seus saberes e fazeres. Outras vezes, no entanto, as tradições são deliberadamente elaboradas, inclusive de forma institucionalizada, por governos e Estados. As tradições são, na perspectiva do historiador Eric Hobsbawm (1917-2012), relacionadas a um conjunto de práticas, ritualizadas ou simbólicas, que têm como objetivo reforçar valores e comportamentos pela prática da repetição e por uma suposta ligação com o passado. E o passado não precisa ser tão remoto. Há casos em que a tradição, por mais antiga que possa parecer, foi construída sobre bases relativamente recentes em termos históricos.

No caso dos profetas da chuva, por exemplo, é possível identificar a construção de uma tradição que invoca aspectos culturais e sociais de uma localidade específica e os mistura a elementos da contemporaneidade. Acompanhemos o raciocínio no parágrafo a seguir.

Um profeta decide realizar uma reunião com seus pares. A reunião é noticiada por um jornalista, que cita o evento em uma reportagem divulgada por um veículo de comunicação. Ao mesmo tempo, uma pesquisadora menciona a mesma situação em um artigo científico que é citado em outra reportagem. Outros jornalistas procuram essa pesquisadora e descobrem que existem outros pesquisadores se dedicando ao tema. Esse conjunto de citações (reportagens e artigos) passa a ser citado, nos eventos dos anos seguintes, pelo organizador do evento. Pouco a pouco, as pessoas começam a reverberar essas publicações, em particular as veiculadas na mídia. A essa altura, os profetas já sabem que estão sendo observados por várias pessoas. Com isso, alguns ou muitos deles mudam sua maneira de falar e de agir, procurando novas formas de se comunicar. Assim, todo esse circuito possibilita, ao mesmo tempo, o resgate de tradições (o próprio ato da profecia) e o surgimento de inovações (a criação dos eventos, o uso das citações e as novas formas de se comunicar).

INTERAÇÃO

1. **Há tradições recentes que resgatem acontecimentos, costumes e valores do passado em sua família ou comunidade? Se sim, como são essas tradições? Caso não existam, procure alguma festa ou tradição com essas características no município ou estado onde você vive.**

Vasilis Ververidis/Alamy/Fotoarena

Os jogos olímpicos da atualidade também são um exemplo de tradições desenvolvidas na contemporaneidade que evocam práticas, elementos e tradições de outras sociedades, no caso, os jogos olímpicos da Antiguidade grega. Na foto, jovem encena ritual que dá início aos jogos com a cerimônia de acendimento da tocha olímpica. Foto de 2024.

Não escreva no livro.

MEDICINA GUARANI

Nhanderu é o título dado a um grupo de divindades cultuadas por povos Guarani. O primeiro nhanderu foi Nhanderu Ru Ete, que criou outros nhanderu, como Karai Ru Ete, Jakaira Ru Ete, Nhanderu Tenonde e Nhanderu Tupã. Além deles, existem outros deuses que os auxiliam e acompanham.

Toda a epistemologia dos povos Guarani está baseada na relação que eles estabeleceram com o espaço natural em que vivem, de vital importância para a manutenção de seus modos de vida tradicionais. O texto a seguir comenta brevemente essa questão.

> "Nosso professor é Nhanderú. Índio aprende pela natureza, através de sonhos. Nosso sonho tem muito significado, nós sabemos se a planta vai servir ou não, se é venenosa ou não, e sabemos isso através da força de Nhanderú." [Gwaíra, pajé.]
>
> Apyká, Luan Elísio; Pacheco, Dhevan. *Ywyrá rogwé ywyrá rapó*: folhas e raízes – resgatando a medicina tradicional tupi-guarani. São Paulo: Comissão Pró-Índio de São Paulo, 2014. p. 3. Disponível em: https://cpisp.org.br/wp-content/uploads/2016/09/CPISP_pdf_CartilhaFolhasRaizes.pdf. Acesso em: 11 jul. 2024.

O trecho acima, que comenta a relação entre o espaço natural e a cultura guarani, evidencia que somente por meio da observação dessa relação é possível compreender de que modo conceitos como saúde e doença se expressam na cultura desses povos.

De acordo com as crenças guarani, as doenças surgem dos desequilíbrios espirituais e materiais. Para as doenças físicas, o tratamento tanto pode ser feito pelo curandeiro Guarani ou por alguém que conheça as composições das ervas e das raízes medicinais quanto por médicos não indígenas, chamados *juruá*.

Mas, para as doenças espirituais, o único tratamento possível é feito pelo pajé, ou xamã. Essas doenças são atribuídas à não observância das leis do grupo, manifestada pela ingestão de certos alimentos e bebidas, a ausência de solidariedade entre os membros do grupo, falta de orações, **exogamia** e abandono da língua do grupo, da família e da aldeia.

exogamia: casamento de um indivíduo pertencente a um grupo com um indivíduo não pertencente a esse grupo.

Entre as doenças espirituais mais comuns que afligem os Guarani estão dores de cabeça e no coração, pé muito frio e falta de apetite, muitas vezes acompanhadas de sonhos com parentes já falecidos e de um sentimento de nostalgia. As doenças físicas que mais os acometem são pneumonia, bronquite, gripes, verminoses, subnutrição, desidratação, sarna, além de alcoolismo, que podemos considerar uma condição física e mental.

Apesar da diferenciação entre doenças materiais e espirituais, a medicina guarani se sustenta sobre a concepção de que as doenças têm causas múltiplas e que a cura deve ocorrer em sua totalidade, isto é, deve ser biológica, psicológica e social.

Cadu De Castro/Pulsar Imagens

Homem Guarani preparando remédios naturais com cascas de árvores em casa de reza do núcleo Payaguaxu, da aldeia do Rio Silveira, na Terra Indígena Ribeirão Silveira, em Bertioga (SP). Foto de 2022.

Não escreva no livro.

Ameaças e resistências à preservação de tradições

Com o passar do tempo, muitos grupos Guarani têm relatado dificuldades para encontrar pessoas que possam assumir a função de pajé. Embora seja verdade que, em alguns casos, caciques e curandeiros tenham assumido certas funções dos pajés, esses indivíduos não receberam o mesmo treinamento e não desenvolvem os conhecimentos necessários a um pajé. Isso vem gerando uma crise de identidade e de organização social entre grupos Guarani. Essa situação coloca em risco a sobrevivência desse complexo conjunto de saberes relacionados à saúde, pois eles são transmitidos oralmente, dos mais velhos aos mais jovens, amparando-se na observação e na prática.

Além disso, as gerações mais novas tendem a não acreditar mais nos remédios tradicionais e, com isso, passam a substituí-los completamente por medicações que não pertencem ao universo dos conhecimentos tradicionais dos Guarani. O trecho a seguir é o depoimento de um indivíduo dessa etnia dado a um antropólogo e publicado em 1991.

> "Se for doença do branco, tem que tratar com médico juruá, gripe, pontada, isso. Mas quando for doença de índio, dor na cabeça, coisa da natureza que dá pra tirar do corpo, tem que procurar Pajé, se tiver; ou Cacique, e tomar remédio do mato. Se não for desse jeito o índio fica tomando muito comprimido, xarope, isso não é bom pro sistema do guarani. E o Pajé, o que vai fazer? Tem que acreditar no Pajé, não tem jeito, assim acaba tudo[.]" [...]
>
> LITAIFF, Aldo. O sistema médico Guarani. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, v. 14, n. 19, p. 112-113, 1996. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/viewFile/23503/21169. Acesso em: 29 jul. 2024.

A perda de suas terras acarreta dificuldades não apenas em relação à sobrevivência material desses povos, em face da redução das áreas de plantio, de caça e de coleta, mas também para a perpetuação de suas crenças espirituais. Ao perderem suas terras, os povos indígenas perdem também suas fontes de obtenção de produtos medicinais (ervas e raízes), que lhes permitem combater doenças e manter viva parte de suas tradições.

Diante dessas ameaças, muitos povos têm se organizado para resistir à perda de suas terras e de suas tradições, criando movimentos de defesa e adotando novos costumes, que envolvem a incorporação de saberes e tecnologias não indígenas. Foi organizando-se dessa forma que eles conquistaram direitos, muitos deles inseridos na Constituição Federal de 1988, inclusive o direito à ocupação de terras que tradicionalmente já eram habitadas por eles.

Cassandra Cury/Pulsar Imagens

Homens e mulheres indígenas do Acampamento Terra Livre em ato pela demarcação de terras e contra a mineração em Terras Índígenas, na Esplanada dos Ministérios, em Brasília (DF). Foto de 2024.

REFLEXÃO

Critérios da medicina

O relato apresentado acima evidencia uma preocupação entre os Guarani em diferenciar doenças que devem ser tratadas com medicina convencional e doenças que podem e devem ser tratadas com medicina tradicional.

1. **Quais são os critérios utilizados para essa distinção?**
2. **Por quais motivos você imagina que essa distinção seja estabelecida? Você a considera eficaz?**

PESCADORES DE IGUAPE

O conhecimento empírico, ou seja, aquele que é produzido por meio de experiências concretizadas, está presente em diversas situações do cotidiano. Muitos desses conhecimentos são construídos com base na observação e na repetição de determinada prática visando à reprodução de um resultado, sem que as pessoas que a realizam necessariamente reconheçam seus fundamentos teóricos ou científicos. Dessa forma, esses saberes se configuram como conhecimentos que se fundamentam e são transmitidos pela prática.

Esse tipo de conhecimento é bastante comum em comunidades tradicionais, que adotam costumes herdados de seus ancestrais e que mostraram, ao longo do tempo, resultados efetivos. Isso acontece com populações indígenas, ribeirinhas, povos da floresta, entre outros.

O município de Iguape está localizado no litoral sul do estado de São Paulo e faz parte da bacia do rio Ribeira, que envolve trinta municípios paulistas e paranaenses. A região se beneficia do encontro de águas salgadas e doces e da presença de um rico manguezal, produtor de altas taxas de matéria orgânica. Devido à sua conformação geográfica, o sistema estuarino-lagunar Iguape-Cananeia-Paranaguá é considerado um dos estuários mais importantes do mundo, hábitat de uma grande população de animais marinhos, em especial de peixes, como a manjuba.

Beneficiando-se dessas condições naturais, a pesca da manjuba vem se constituindo como importante atividade desde a década de 1920 e segue até hoje como a atividade econômica mais importante do município de Iguape.

Os pescadores de Iguape pertencem a grupos sociais que lutam por seu sustento diário e pela sobrevivência de suas antigas tradições. Com seu linguajar típico, um desses pescadores contou a uma pesquisadora um pouco da história da pesca da manjuba em Iguape.

Leia, a seguir, a transcrição de um dos depoimentos dados por ele.

> "Olhe dona eu vou falar uma coisa prá senhora, prá se entender o começo da pesca da manjuba, a senhora vai ter que aprendê sobre o Valo Grande, uma história lá do 'tempo de dantes'... eu conto prá senhora... porque senão a senhora não vai entender mais nada. Tem também a história dos industrial que chegô por aqui, o famoso 'patrão', a barrage, o assoreamento, a boca de barra... vixi tem coisa... tem os pobrema com os de fora, com o meio ambiente... tem muita coisa prá contar... quantas fitas de gravá a senhora trouxe?" (seu Benedito, Vila Nova, 2003).
>
> Saldanha, Iaskara Regina Ribeiro. *Espaços, recursos e conhecimento tradicional dos pescadores de manjuba* (Anchoviella lepidentostole) *em Iguape/SP*. 2005. 181 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Ambiental) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. p. 22.

Adriano Kirihara/Pulsar Imagens

A pesca da manjuba é uma importante fonte de renda para muitas famílias que vivem no município de Iguape (SP). Foto de 2021.

Não escreva no livro.

O resgate oral de uma rica tradição

A história oral permitiu o registro de narrativas como a de seu Benedito, que contou parte da história daquele local e das pessoas dedicadas à pesca da manjuba, com todas as peculiaridades de sua forma de falar. Esse relato foi obtido pela técnica da entrevista livre ou aberta, na qual o pesquisador/entrevistador evita ao máximo interferir. Há, também, as entrevistas com roteiros ou semiorientadas, nas quais o pesquisador direciona o depoimento por meio de roteiros e intervenções pontuais para os temas que pretende investigar.

Independentemente do método escolhido para registrar relatos orais, eles permitem compilar a história de uma pessoa ou de um grupo, sobretudo por meio das memórias dos mais velhos, as quais se tornam, nos dizeres da psicóloga brasileira Ecléa Bosi (1936-2017), uma experiência profunda, ou, como citou o sociólogo britânico Paul Thompson (1935-), em seu livro *A voz do passado* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 17): "A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos".

No caso dos pescadores de Iguape e de outros grupos, incluindo os de comunidades tradicionais, o resgate da memória individual pode ser fundamental para a reconstrução histórica de toda a coletividade. Esses relatos, ao narrarem os principais eventos que marcaram aquelas pessoas, nos mostram como elas se organizaram ao longo do tempo até os dias de hoje.

Na pesca da manjuba, o conhecimento e a familiaridade dessas comunidades se traduzem nas afinidades e nas percepções sobre o meio ambiente que permitem aos pescadores realizar sua pesca. As técnicas utilizadas por eles são reconhecidas por eles próprios como heranças de uma longa tradição.

O depoimento a seguir pode servir para mostrar a importância da história oral para o registro de relatos falados, em especial os dos mais velhos. Nele, podemos ver o valor dado pelo pescador ao trabalho realizado pela pesquisadora. É interessante notar o trecho em que ele diz que seria difícil conhecer toda essa história apenas contando com os livros.

> "Puxa que eu cansei de tanto falar… a senhora acha que entedeu tudo? Foi inté bão contá essas coisas todas aí prá senhora. A gente quando fica velho pensa que nem tem mais utilidade… mas sabe que eu me senti igual um professor! Não sei não se a senhora ia consegui entendê tudo só com os ensinamentos aí dos livro! Agora a senhora já pode escrevê aí do seu jeito a seu trabáio prá modo de todo mundo também entendê como é que a gente pesca a manjuba por aqui!"
>
> […]
>
> Seu Benedito, 05 de maio de 2004

Saldanha, Iaskara Regina Ribeiro. *Espaços, recursos e conhecimento tradicional dos pescadores de manjuba (*Anchoviella lepidentostole*) em Iguape/SP*. 2005. 181 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Ambiental) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. p. 166.

Vista panorâmica do centro histórico do município de Iguape (SP). Foto de 2021.

Adriano Kirihara/Pulsar Imagens

Não escreva no livro.

ATIVIDADES

1 **A imagem a seguir apresenta um cartaz de divulgação do XXVIII Encontro dos Profetas da Chuva, promovido pelo Ministério da Cultura e pelo Instituto de Pesquisa de Violas e Poesia Cultural Popular do Sertão Central.**

Ministério da Cultura/Governo Federal

Cartaz de divulgação do XXVIII Encontro dos Profetas da Chuva, que aconteceu em janeiro de 2024, em Quixadá (CE).

a) Em sua opinião, o que a promoção desse evento por um órgão federal, como o Ministério da Cultura, pode revelar sobre ele?

b) Você acredita que esse tipo de apoio ajuda ou atrapalha na preservação de uma tradição?

2 **Por que, em sua opinião, o desenvolvimento da ciência moderna não pode invalidar as outras formas de produção de conhecimento?**

3 **Como estudado no tema "Conhecimento e oralidade", a oralidade, de acordo com o historiador belga Jan Vansina, refere-se muito mais a uma atitude diante da realidade do que à ausência de uma habilidade. Como você interpreta essa afirmação?**

4 **O Museu da Pessoa é um museu virtual colaborativo, que tem por objetivo preservar e divulgar relatos orais de diversos indivíduos.**

a) Formem duplas ou trios e façam uma visita virtual ao *site* do Museu da Pessoa, disponível no endereço: https://museudapessoa.org/ (acesso em: 11 jul. 2024).

b) Cada grupo deverá selecionar uma narrativa disponível no museu e escutá-la atentamente.

c) Caso não seja possível acessar o portal do museu, entrevistem alguma pessoa mais velha de suas famílias ou da comunidade, solicitando a essa pessoa que conte uma memória importante de sua infância. Nesse caso, é importante que vocês estejam munidos com material para anotação e, se possível, com algum dispositivo para gravação de áudio.

d) Ao longo da narrativa, tentem identificar os seguintes elementos:

- Tema central da narrativa;
- Tempo e local em que o acontecimento narrado ocorreu;
- Quais sujeitos integram essa história;
- O que essa narrativa pode revelar sobre o cotidiano da comunidade ou do grupo no qual o narrador estava inserido quando o evento descrito ocorreu.

e) Em uma data e um horário previamente combinados com o professor, apresentem o resultado da atividade aos demais colegas da turma e façam uma roda de conversa para discutir as possibilidades de trabalho com história oral.

Não escreva no livro.

5 **O texto a seguir, publicado pela Organização das Nações Unidas (ONU), comenta os conhecimentos de comunidades tradicionais.**

O secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, dedicou a observância neste ano [2015] do Dia Internacional para a Redução de Desastres ao poder do conhecimento tradicional, indígena e local. A data é comemorada todos os anos no dia 13 de outubro para conscientizar sobre a urgência de ação para prevenir perdas por desastres naturais e provocados pelo homem.

"Conhecimentos tradicionais e indígenas são a base de informação indispensável para muitas sociedades que procuram viver em harmonia com a natureza e adaptar-se a eventos climáticos prejudiciais, um planeta em aquecimento e a elevação dos mares", disse Ban, lembrando que a construção de resiliência aos desastres também é uma característica-chave dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável recentemente adotados.

O chefe da ONU mencionou o Marco de Sendai para a Redução do Risco de Desastres[,] que destaca como o conhecimento tradicional pode complementar o científico na gestão de riscos de desastres. Ele citou como exemplo a chegada do ciclone Pam à ilha de Vanuatu, no Pacífico. As consequências do fenômeno natural poderiam ser ainda mais devastadoras se não fosse pelos abrigos construídos com material local e de maneira tradicional, que ajudaram a proteger a população.

Chefe da ONU defende conhecimentos tradicionais na prevenção de desastres. ONU Brasil, 14 out. 2015. Disponível em: https://brasil.un.org/pt-br/71075-chefe-da-onu-defende-conhecimentos-tradicionais-na-preven%C3%A7%C3%A3o-de-desastres. Acesso em: 12 ago. 2024.

a) Pesquise o que são os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e identifique aqueles que têm relação com o texto citado.

b) Por que os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável são importantes para as comunidades tradicionais?

6 **(Enem)**

Para dar conta do movimento histórico do processo de inserção dos povos indígenas em contextos urbanos, cuja memória reside na fala dos seus sujeitos, foi necessário construir um método de investigação, baseado na História Oral, que desvelasse essas vivências ainda não estudadas pela historiografia, bem como as conflitivas relações de fronteira daí decorrentes. A partir da história oral foi possível entender a dinâmica de deslocamento e inserção dos índios urbanos no contexto da sociedade nacional, bem como perceber os entrelugares construídos por estes grupos étnicos na luta pela sobrevivência e no enfrentamento da sua condição de invisibilidade.

Mussi, P. L. V. Tronco velho ou ponta da rama? A mulher indígena terena nos entrelugares da fronteira urbana. Patrimônio e Memória, n. 1, 2008.

O uso desse método para compreender as condições dos povos indígenas nas áreas urbanas brasileiras justifica-se por

a) focalizar a empregabilidade de indivíduos carentes de especialização técnica.

b) permitir o recenseamento de cidadãos ausentes das estatísticas oficiais.

c) neutralizar as ideologias de observadores imbuídos de viés acadêmico.

d) promover o retorno de grupos apartados de suas nações de origem.

e) registrar as trajetórias de sujeitos distantes das práticas de escrita.

7 **(Enem)**

Texto I

Acervo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Iphan. Fotografia: ID/BR

Disponível em: http://portal.iphan.gov.br. Acesso em: 6 abr. 2016.

Texto II

A eleição dos novos bens, ou melhor, de novas formas de se conceber a condição do patrimônio cultural nacional, também permite que diferentes grupos sociais, utilizando as leis do Estado e o apoio de especialistas, revejam as imagens e alegorias do seu passado, do que querem guardar e definir como próprio e identitário.

Abreu, M.; Soihet, R.; Gontijo, R. (org.). *Cultura política e leituras do passado*: historiografia e ensino de história. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

O texto chama a atenção para a importância da proteção de bens que, como aquele apresentado na imagem, se identificam como:

a) Artefatos sagrados.

b) Heranças materiais.

c) Objetos arqueológicos.

d) Peças comercializáveis.

e) Conhecimentos tradicionais.

ESTÚDIO FILOSÓFICO

A DECOLONIALIDADE EM NELSON MALDONADO-TORRES

Davi Augusto Studio/ID/BR

Neste capítulo, você conheceu alguns exemplos da diversidade epistemológica existente em nosso país, isto é, formas de ser e conhecer o mundo que não necessariamente correspondem a uma visão e forma de conhecimento característicos da modernidade eurocêntrica. Nesta seção, vamos aprofundar essa discussão a partir do conceito de decolonialidade, como proposto pelo filósofo porto-riquenho Nelson Maldonado-Torres (1971-).

PERFIL

Nelson Maldonado-Torres é um filósofo e teórico decolonial nascido em Porto Rico, amplamente reconhecido por seu trabalho inovador nas áreas de teoria decolonial, estudos pós-coloniais e filosofia latino-americana. Maldonado-Torres formou-se em Filosofia e Teologia, e obteve seu doutorado na Universidade de Brown, nos Estados Unidos. Seu percurso acadêmico é marcado por um profundo comprometimento com a análise crítica das estruturas de poder e opressão que emergem do colonialismo e continuam a influenciar as relações sociais e políticas no mundo contemporâneo.

OBRAS-CHAVE

- *Sobre a colonialidade do ser: contribuições para o desenvolvimento de um conceito* (2022)
- *Estudos coloniais latino-americanos e caribenhos e/na virada decolonial* (2020)
- *O que é crítica decolonial?* (2020)
- *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico* (2018)
- *A virada decolonial* (2017)
- *Epistemologia, ética e o tempo/espaço da decolonização* (2012)
- *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico* (2018)

EM LEITURA

Nelson Maldonado-Torres nos oferece uma visão crítica e profunda sobre o conceito de decolonialidade e sua relevância contínua. Ele destaca que a decolonialidade mantém viva a consciência da colonização e suas muitas dimensões, significando que, mesmo após a independência formal dos países colonizados, as estruturas e os legados do colonialismo continuam a influenciar e a oprimir as sociedades. Para ele, a luta contra essas influências coloniais ainda é necessária e relevante.

Entre outras abordagens, o filósofo explica que colonização e descolonização (isto é, o fim da colonização) são frequentemente vistas como eventos históricos específicos, pertencentes ao passado, mas sugere que esses conceitos têm implicações que transcendem esse período histórico e afetam o presente. Nesse sentido, a teoria decolonial compreende a colonização como processo em desenvolvimento até o presente, que não se encerra com a descolonização. Dessa forma, essa teoria desafia o senso comum e as pressuposições científicas sobre tempo, espaço, conhecimento e subjetividade, questionando as bases sobre as quais construímos nossa compreensão do mundo e propondo novas maneiras de pensar que reconhecem e valorizam as experiências dos povos colonizados.

Não escreva no livro.

O que chamo aqui de atitude decolonial encontra suas raízes nos projetos insurgentes que resistem, questionam e buscam mudar padrões coloniais do ser, do saber e do poder [...]. Durante a chamada época da ilustração europeia, esta atitude era parte de uma guinada mais ampla, quando a ideia e a tarefa da decolonialidade do ser, do poder e do saber adquiriu um estatuto de projeto político internacional. Isto se deu talvez de forma mais clara e contundente com a Revolução Haitiana. A Revolução Haitiana pode ser vista como ponto chave da "guinada decolonial" que impactaria em toda a região do Caribe e que inspiraria projetos de emancipação radicais até os nossos dias [...]. Frente a um contexto onde sujeitos negros deparavam-se com uma alienação perfeita das dimensões do ser e do significado (imagens e caracterizações do negro como bestial), do saber (tipologias sobre o lugar do negro no "sistema da natureza") e do poder (a escravidão naturalizada), há o levante de uma revolução de "negros" em uma colônia que não somente teve a audácia de se rebelar, como também seus sujeitos se tornam autoconscientes do significado revolucionário amplo de seu próprio levante. Isto contrasta com a impossibilidade que os europeus teriam em conceber a Revolução Haitiana como uma revolução político-epistêmica em sentido estrito, tal e como viam a Revolução Francesa, pois o paradigma imperante não admitia que os negros tivessem desejos de emancipação [...]. Assim, para eles, a Modernidade como projeto aparece como produtora de racismo e colonialismo e a Revolução Haitiana obtém o significado de uma forma distinta de ilustração: uma ilustração primeiramente preocupada como tema da igualdade da espécie humana e com a tarefa política, epistêmica e criativa da decolonização [...]. Quer dizer: trata-se de uma ilustração que tem por objetivo a superação da colonialidade do poder, do conhecer e do ser.

A Revolução Haitiana clama não só por um novo tipo de projeto, senão também por um novo tipo de atitude, pois o "negro" haitiano sente, em primeiro lugar, que tem de se desfazer de um presente que o exclui da zona do ser humano e não, como os modernos, de um passado que não o deixa avançar ou mudar. Enquanto o moderno reivindica o presente "moderno" frente ao passado "antigo", o negro escravizado opõe-se ao presente colonizado por um futuro distinto, decolonizado. A memória tem um lugar em oposição a esse presente e à concepção do futuro. A Modernidade, enquanto período e atitude, converte-se parcialmente em reivindicação do presente ou, ao menos, em ofuscação que impede observar o presente em sua plenitude. Nem o racionalismo nem a atitude histórico-crítica chegam a advertir ou a responder adequadamente à experiência vivida do negro.

Esta insuficiência do projeto e da atitude da Modernidade ficam desvelados claramente num texto como *Pele negra, máscaras brancas* de Frantz Fanon. Fanon, desde a periferia caribenha, procura esclarecer nesse texto a forma como os "negros" e as "negras" encontram o mundo e se veem a si mesmos nele. Fanon procura ilustrar as "atitudes mentais que o homem de cor adota frente à civilização branca", bem como as atitudes do branco frente ao negro. Assim, a Modernidade aparece associada a uma fobia antinegra e à colonialidade. Da mesma forma, a atitude moderna aparece como uma atitude moderno-colonial ou uma atitude colonial antinegra que cria e sustenta a colonialidade e que encobre a discussão da Modernidade como problema.

Maldonado-Torres, Nelson. Transdisciplinaridade e decolonialidade. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, v. 31, n. 1, p. 88-89, jan./abr. 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/j/se/a/CxNvQSnhxqSTf4GkQvzck9G/#. Acesso em: 12 ago. 2024.

PARA CONCLUIR

1 **O que você entende por decolonialidade?**

2 **Como você entende o trecho em que Maldonado-Torres afirma que, no contexto da Revolução Haitiana, "Enquanto o moderno reivindica o presente 'moderno' frente ao passado 'antigo', o negro escravizado opõe-se ao presente colonizado por um futuro distinto, decolonizado"?**

3 **Refletindo sobre a leitura de Maldonado-Torres, como você entende a relação entre conhecimento e poder na construção das narrativas históricas? Como essa relação pode ser desafiada a partir de uma perspectiva decolonial?**

PRÁTICAS DE PESQUISA

AS REDES SOCIAIS E O PODER DE ESCOLHA

Para começar

As redes sociais são espaços de interação de pessoas no ambiente da internet. Sabemos que o uso dessa forma de conectar uns aos outros é cada vez mais comum. Enquanto fenômeno social e histórico, as relações estabelecidas nas redes sociais exercem um poder muito grande na vida dos indivíduos, propiciando a construção de uma grande rede virtual de relações, na qual os indivíduos se conectam e constroem relações sociais ou desenvolvem novas formas de interagir nas relações já existentes.

As redes sociais contribuem de maneira significativa para moldar as formas de pensar e de agir de diversas pessoas. Muito disso se dá em decorrência de algoritmos que interferem diretamente na relação entre os indivíduos no ambiente virtual e determinam com quais informações você terá mais contato, criando as bolhas sociais.

O trecho da matéria a seguir, publicada em junho de 2024, no *site* do canal de notícias CNN, aborda essa questão.

> Uma pesquisa do Politico, veículo especializado em notícias da União Europeia, analisou em fevereiro e março as contas dos eurodeputados e concluiu que a plataforma chinesa ganhou muita relevância no bloco. Mais de 140 milhões de pessoas, dos 27 países da União Europeia, usam o TikTok.
>
> Políticos de todos os espectros migraram para a rede, com um terço dos eurodeputados franceses, italianos e alemães presentes na plataforma.
>
> [...]
>
> A maioria dos usuários do TikTok tem menos de 35 anos, o que ajuda os políticos a alcançar o eleitorado jovem, que normalmente não é o mais ativo nas eleições.
>
> Outro fenômeno associado ao TikTok é a simplificação excessiva das questões políticas, com seus vídeos de poucos segundos. O uso de um tipo de linguagem sarcástica, irônica e com memes, sobretudo pela extrema direita, também propicia a criação de visões estereotipadas da política.
>
> Outra característica ainda da "Tiktokenização" das campanhas é a formação de bolhas ideológicas ainda mais fechadas. Com algoritmos mais eficientes do que os de outras redes, o que começa com um pequeno interesse se transforma em um círculo vicioso.
>
> A rede chinesa captura algo que desperta a atenção e bombardeia o usuário com conteúdos que o levam a acreditar que aquele ponto de vista é o mais confiável.
>
> [...]
>
> No Brasil, com o uso crescente da rede, o TikTok também pode ter um papel relevante nas eleições municipais de 2024, com um avanço na distribuição de conteúdos políticos em relação a 2022.
>
> A julgar pelas eleições europeias, os vídeos de 15 segundos de *pets* e dancinhas podem deixar de viralizar apenas na internet e passar a ter um impacto real nas urnas.
>
> YAZBEK, Priscila. A "Tiktokenização" das eleições europeias e a viralização da extrema direita. *CNN Brasil*, São Paulo, 16 jun. 2024. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/blogs/priscila-yazbek/internacional/a-tiktokenizacao-das-eleicoes-europeias-e-a-viralizacao-da-extrema-direita/. Acesso em: 11 jul. 2024.

O problema

De que forma o uso de redes sociais influencia o poder de escolha de determinado segmento da população?

A investigação

- Prática de pesquisa: estudo de caso

Material

- Folhas para anotações, caneta e lápis
- Formulário de questões para entrevista (em papel ou digital)
- Dispositivo de gravação de áudio e/ou vídeo

Procedimentos

Parte I – Planejamento

1 **Formem com os colegas grupo de quatro integrantes.**

2 **Para iniciar a contextualização do tema, façam, em grupo, uma pesquisa inicial sobre as principais redes sociais em uso no momento: nome, data da criação, número aproximado de usuários, as principais características e propostas de cada uma, capital investido e rendimento anual.**

Não escreva no livro.

3 **Os resultados obtidos por meio dessa pesquisa deverão ser organizados na forma de um quadro comparativo a respeito dessas redes.**

4 **Em um segundo momento, procedam a um breve levantamento bibliográfico das formas pelas quais as interações por redes sociais podem influenciar nas escolhas cotidianas de seus usuários. Para isso, procurem por artigos acadêmicos em publicações especializadas sobre o assunto.**

5 **Em seguida, determinem os critérios que serão utilizados para a escolha dos indivíduos entrevistados. Esses critérios deverão ser pensados com base no recorte da população que se deseja analisar e podem envolver elementos como gênero, idade, formação escolar, tipo de rede social que mais usam, entre outros que vocês julgarem pertinentes.**

Parte II – Elaboração do roteiro

1 **As perguntas devem ser pensadas levando em consideração as informações que se deseja obter desse grupo específico de entrevistados e, entre outras possibilidades, podem incluir itens como os listados a seguir.**

- Qual rede social você mais utiliza?
- Quanto tempo por dia você costuma gastar interagindo por essas redes?
- Você já notou algum anúncio veiculado em alguma rede social que esteja relacionado a um item que tenha procurando anteriormente em uma ferramenta de busca?
- Se sim, esse anúncio foi útil?
- Que tipo de conteúdo você costuma consumir na internet?
- Você observa se os conteúdos apresentados a você nas diversas redes sociais refletem seus interesses e gostos pessoais? Se sim, por que você imagina que isso aconteça?
- Você costuma interagir com pessoas com gostos e pensamentos muito diferentes dos seus nas redes sociais?
- Você já mudou de ideia a respeito de algum posicionamento, opinião ou decisão por conta de suas interações via rede social? Se sim, como foi esse processo?
- Você costuma ser exposto a pensamentos e ideias inovadores, diferentes daqueles com os quais está acostumado?

2 **Em grupo, definam a quantidade de indivíduos que serão entrevistados e o espaço de tempo em que pretendem realizar essas entrevistas.**

3 **Definam também a forma como as entrevistas serão realizadas, se presencialmente ou por meio de formulários eletrônicos.**

4 **Caso optem por formulários, existem plataformas e *sites* que permitem a administração (criação, envio, organização, etc.) de formulários de maneira digital.**

Parte III – Sistematização e análise dos dados

1 **Após a realização das entrevistas, recolham e sistematizem os dados obtidos.**

2 **Com base na análise dos resultados, elaborem um resumo dessas informações que evidencie a forma como o grupo entrevistado se relaciona com a situação-problema em questão.**

Questões para discussão

1 **Qual é a percepção das pessoas em relação à influência das redes sociais em suas ações e decisões?**

2 **Elas tinham alguma noção do que são bolhas sociais?**

3 **As respostas dos entrevistados alteraram a percepção dos integrantes do grupo sobre o uso de redes sociais? Se sim, em quais pontos?**

4 **Quais são os benefícios e os prejuízos do direcionamento das atividades em redes sociais com base em algoritmos?**

Comunicação dos resultados

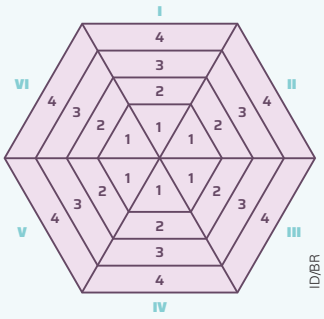
Para comunicar os resultados, produzam um relatório sobre a pesquisa. Esse relatório deverá conter os seguintes itens:

- Um resumo do tema pesquisado.
- Uma breve introdução sobre a situação-problema, evidenciando a pertinência dessa pesquisa.
- A metodologia de análise e o recorte de entrevistados, justificando como esse recorte contribui para a análise da situação proposta.
- O resumo das informações levantadas.
- As conclusões obtidas com base nessa análise.
- A bibliografia utilizada.

Formatem esse relatório de acordo com os critérios estabelecidos pela ABNT e, se possível, utilizem algum aplicativo de criação de revistas *on-line* para publicá-lo.

O QUE APRENDI: AUTOAVALIAÇÃO

PARTE A



ID/BR

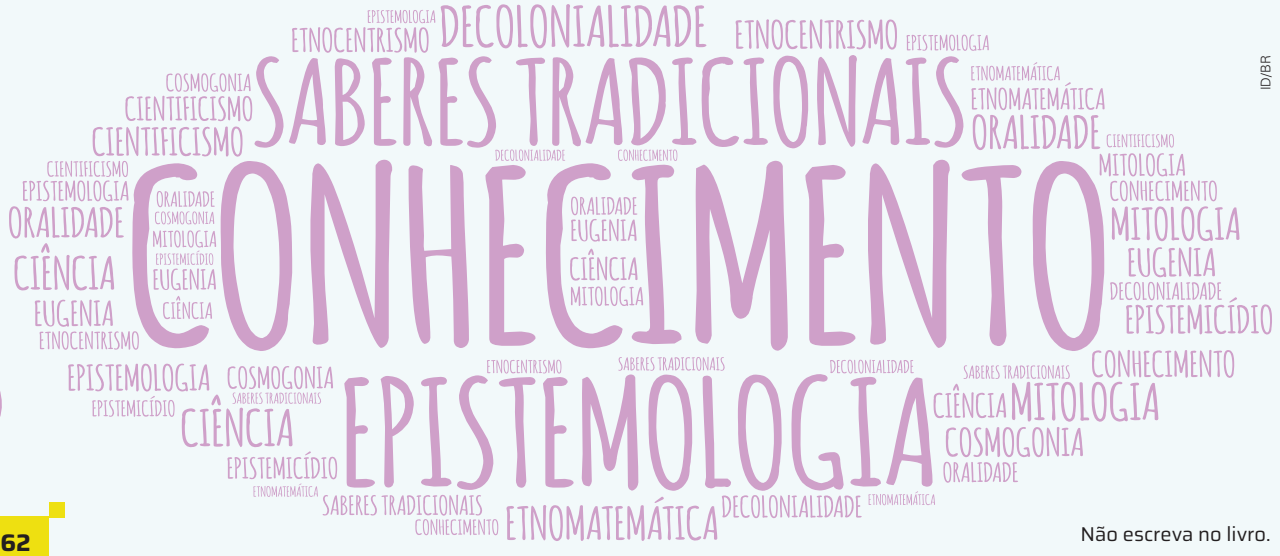
Como você avalia seu desempenho ao longo desta unidade?

- Reproduza no caderno a figura ao lado, renumerando-a conforme o modelo.
- Agora, leia as perguntas da tabela **A** e as possíveis respostas na tabela **B**.

TABELA A
I. Realizei as leituras e atividades no tempo planejado?
II. Respeitei todas as regras de trabalho e colaborei com o(a) professor(a) e os colegas?
III. Fui proativo na execução de atividades em grupo ou dupla?
IV. Mantive minhas anotações organizadas?
V. Desenvolvi as propostas de trabalho de modo autônomo e responsável?
VI. Utilizei materiais complementares para estudar?

TABELA B		
Campos para colorir	**Respostas**	**Cor indicada**
1	Nunca	Vermelho
2	Às vezes	Laranja
3	Sempre	Amarelo
4	Superei minhas expectativas	Verde

- Inicie a autoavaliação, respondendo a cada uma das perguntas da tabela **A**. Como resposta a cada pergunta, escolha entre as opções 1 a 4 da tabela **B**.
- No caderno, pinte a figura, preenchendo os campos nas cores correspondentes às suas respostas, conforme indicado na tabela **B**. Por exemplo: Se na primeira pergunta da tabela **A** você respondeu que "Sempre" realizou as leituras e atividades no tempo planejado, deverá pintar de amarelo o campo 3 no eixo da pergunta I.
- Ao final, some os pontos dos campos coloridos e, no decorrer do estudo do volume, compare-os com as pontuações entre as unidades.



ID/BR

Não escreva no livro.

PARTE B

Para avaliar o que você aprendeu, reúna-se em dupla ou em grupo e comente suas respostas para as seguintes questões:

Capítulo 7 – Conhecimentos tradicionais e suas tecnologias

1 Compreendi as diferentes formas de conhecimento (epistemologias) e como elas se aplicam a diversas culturas?

2 Identifiquei exemplos de como diferentes culturas produzem e utilizam conhecimento de maneiras distintas?

3 Comparei a epistemologia científica com outras formas de conhecimento, como o saber tradicional ou indígena?

4 Identifiquei algumas formas de superar o etnocentrismo em interações cotidianas e na maneira como vejo o mundo?

5 Compreendi o que é cientificismo e como ele se diferencia da prática científica saudável?

6 Compreendi as limitações do cientificismo e por que é importante considerar outras formas de conhecimento?

Capítulo 8 – Os mitos e o conhecimento

7 Compreendi o que é um mito e quais são suas principais funções em diferentes culturas?

8 Identifiquei exemplos de mitos que influenciaram a estruturação de poder em sociedades antigas e contemporâneas?

9 Compreendi como mitos podem ser usados para justificar ou desafiar relações de poder?

10 Entendi como os mitos podem ser reinterpretados ou ressignificados ao longo do tempo para servir a novos propósitos de poder?

11 Identifiquei narrativas contemporâneas que funcionam como mitos modernos e seus impactos nas relações de poder?

Capítulo 9 – Experiências comunitárias

12 Entendi o que são conhecimentos de povos e comunidades tradicionais?

13 Identifiquei exemplos de conhecimentos tradicionais em diferentes culturas e suas aplicações práticas?

14 Aprendi como os conhecimentos tradicionais contribuem para a identidade e a coesão social das comunidades?

15 Entendi o que é história oral e como ela difere de outras metodologias históricas?

16 Compreendi a importância da história oral para a preservação de memórias e histórias de comunidades tradicionais?

17 Compreendi como a preservação das tradições culturais contribui para a identidade de um grupo e seu reconhecimento nas sociedades?

18 Compreendi como as políticas públicas podem apoiar ou prejudicar o reconhecimento e a preservação das identidades culturais?

Thiago Limón/ID/BR

Não escreva no livro.

PARA IR ALÉM

Capítulo 7 – Conhecimentos tradicionais e suas tecnologias

Raoni, uma amizade improvável

Ao longo de cinco décadas, uma amizade floresceu entre o cacique Kaiapó Raoni e o cineasta belga Jean-Pierre Dutilleux. Desde 1973, Dutilleux tem documentado a vida do grande líder indígena através de suas lentes. Desses registros surgiu o documentário *Raoni, uma amizade improvável*, trabalho cinematográfico que é uma reverência ao líder globalmente influente, um símbolo na luta pela demarcação dos territórios indígenas, pela preservação de sua cultura e pelo cuidado com a Amazônia.

Raoni, uma amizade improvável. Direção: Jean-Pierre Dutilleux. Brasil, 2023 (90 min).

Globo Filmes/ID/BR

Paris Filmes/ID/BR

Ainbo: a guerreira da Amazônia

A animação narra a jornada épica de Ainbo, uma jovem indígena da Amazônia, que embarca em uma missão para salvar sua terra natal da destruição. Guiada por seus dons espirituais e pela sabedoria de seus ancestrais, Ainbo enfrenta desafios emocionantes e perigosos, descobrindo segredos antigos e conectando-se profundamente com a magia da floresta. Ao longo de sua jornada, ela se torna não apenas uma protetora de seu povo, mas também uma defensora incansável da biodiversidade e dos valores tradicionais da Amazônia.

Ainbo: a guerreira da Amazônia. Direção: José Zelada e Richard Claus. Brasil, 2021 (80 min).

A caçada

O filme mostra um grupo de pessoas com diferentes origens sociais e políticas que são sequestradas e levadas para uma localização remota. Lá, elas se tornam alvos de caça por parte de uma elite rica que as considera "deploráveis". O filme mistura sátira política e suspense, explorando temas de polarização social, preconceito e o uso de estereótipos para justificar a violência. As personagens lutam para sobreviver enquanto confrontam os preconceitos e as expectativas daqueles que as caçam, em uma trama que subverte as convenções de gêneros cinematográficos tradicionais.

A caçada. Direção: Craig Zobel. EUA, 2020 (90 min).

Blumhouse Productions/ID/BR

Não escreva no livro.

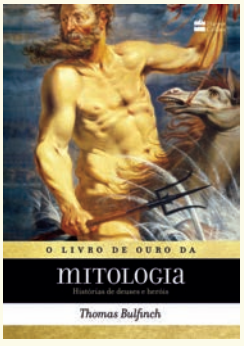
Capítulo 8 – Os mitos e o conhecimento

Raya e o último dragão

Ambientada no mundo fictício de Kumandra, que foi inspirado nas culturas mitológicas do Sudeste Asiático, a animação narra a história de Raya, uma guerreira determinada, que busca encontrar o último dragão, Sisu, para salvar seu reino da força maligna Druun. Raya deve unir as peças de uma relíquia mágica e, com a ajuda de novos amigos, enfrentar desafios que testam sua fé na cooperação e na confiança entre pessoas de diferentes origens.

Raya e o último dragão. Direção: Paul Briggs, Don Hall, Carlos Lopez Estrada. EUA, 2021 (107 min).

Walt Disney Pictures/ID/BR



HarperCollins Brasil/Acervo da editora

O livro de ouro da mitologia: histórias de deuses e heróis

Esse livro, de Thomas Bulfinch, é uma coletânea que aborda os principais mitos da Grécia e da Roma Antigas. Publicada pela primeira vez em 1855, a obra oferece uma visão fascinante das histórias que moldaram a literatura, a arte e a cultura ocidentais. Bulfinch reconta mitos clássicos, como as aventuras de Hércules, as jornadas de Odisseu e as trágicas histórias de Édipo e Antígona, entre muitos outros.

Bulfinch, Thomas. *O livro de ouro da mitologia*: histórias de deuses e heróis. 2. ed. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2017.

Capítulo 9 – Experiências comunitárias

Proteção aos conhecimentos das sociedades tradicionais

O livro aborda a importância da preservação e da proteção dos conhecimentos tradicionais detidos por comunidades indígenas, afrodescendentes e outras populações tradicionais ao redor do mundo. A obra analisa os desafios enfrentados por essas comunidades na defesa de seus saberes ancestrais contra a apropriação não autorizada e a exploração comercial por parte de entidades externas. Além de discutir questões legais e políticas relacionadas à proteção desses conhecimentos, a obra destaca a importância cultural, social e ambiental desses saberes para as próprias comunidades e para a humanidade.

Barros, Benedita da Silva. *Proteção aos conhecimentos das sociedades tradicionais*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2007.

Museu Paraense Emílio Goeldi/Centro Universitário do Pará

Global Editora/Acervo da editora

Contos tradicionais do Brasil

O livro, de Luís da Câmara Cascudo, é uma obra fundamental da literatura brasileira que reúne uma vasta coleção de contos populares, lendas e histórias folclóricas de diversas regiões do Brasil. Cascudo, renomado folclorista e estudioso da cultura popular brasileira, compilou e analisou essas narrativas, oferecendo aos leitores uma viagem pelas tradições orais e pelo imaginário do povo brasileiro. Cada conto não apenas entretém, mas também revela aspectos profundos da identidade cultural e social do país, transmitindo valores, crenças e visões de mundo presentes nas diferentes comunidades brasileiras ao longo do tempo.

Cascudo, Luís da Câmara. *Contos tradicionais do Brasil*. São Paulo: Global, 2015.

Não escreva no livro.

VIVER COLETIVO

ORGANIZAR IDEIAS

Em 2016, a prefeitura de São Paulo implementou o programa **Ruas Abertas**, no qual o trânsito de veículos é interrompido durante parte do dia, aos domingos e feriados, e as vias são liberadas para pedestres. O programa, fruto de ampla mobilização da sociedade civil, incentiva a ocupação de espaços públicos por pedestres e turistas, além de propiciar o convívio social e a realização de atividades culturais, econômicas e de lazer a todos os cidadãos em diferentes regiões da cidade.

1. **Você acha possível pensar em uma forma de vida humana que não seja política e social?**
2. **Em sua opinião, qual é a importância da sociedade no desenvolvimento pleno do indivíduo?**
3. **Você já se perguntou se a sociedade é algo que nos é dado pela natureza ou, pelo contrário, é instituído pelos próprios seres humanos? Converse com os colegas sobre essa questão.**

PRINCIPAIS PROBLEMAS FILOSÓFICOS

- Somos seres sociais?
- Como viver em sociedade?
- O que é e para que serve o Estado?

Paulistanos e turistas caminhando pela avenida Paulista, em São Paulo (SP). A avenida, considerada um dos pontos mais visitados da América Latina, é uma das vias abertas à população no contexto do programa Ruas Abertas. Foto de 2022. ▸

FILOSOFIA CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS

UNIDADE 4

10 Ser em sociedade

11 Política: um conceito amplo e plural

12 Nós somos o Estado

Alison Nunes Calazans/ Shutterstock.com/ID/BR

CAPÍTULO 10 CAPÍTULO 10 CAPÍTULO 10

SER EM SOCIEDADE

1. Observe a tira da cartunista Laerte, apresentada nesta página. Que relação podemos estabelecer entre os três quadrinhos?
2. Como podemos entender o quadrinho central? O que ele significa para você?
3. De que forma você relaciona a bagagem de memórias e projetos que adquirimos ao longo da vida à discussão sobre a vida em sociedade?

Laerte/Acervo da cartunista

Tira da cartunista Laerte Coutinho sobre memórias e projetos, 2022.

Quando somos introduzidos no mundo, já nos deparamos com dezenas de pessoas à nossa volta. No momento de nosso nascimento, o primeiro olhar que voltamos às coisas é permeado de informações sobre o mundo que os seres humanos criaram: máquinas, camas, sofás, luzes e paredes. Ouvimos ruídos diversos, sons de risos e de choros, e as primeiras palavras da língua na qual formaremos nossos primeiros pensamentos.

Fato é que, desde nossa chegada a este mundo, já existe uma estrutura construída e organizada para nos receber e nos introduzir em suas regras, fazendo com que possamos ser integrados ao convívio. A essa estrutura que compõe tudo aquilo que faz sentido para nós e que inclui nossa linguagem, nossos valores, nossos costumes, nossa cultura e nossa forma de organizar a vida em comum chamamos de "sociedade".

A sociedade é uma forma de associação humana que, à primeira vista, nos parece ser natural, afinal, nós não conseguimos imaginar muito bem a vida humana senão em associação coletiva com os demais, assim como não escolhemos estar inseridos nela. Ou seja, quando nascemos, a sociedade já está "dada". Mas, afinal, a sociedade é um dado da natureza, já que não há evidência alguma de vida humana que não seja no âmbito social? Ou, pelo contrário, a sociedade é uma invenção humana e, portanto, artificial?

O conceito de sociedade, tal como o conhecemos, foi desenvolvido no seio do mundo moderno. Contudo, desde Platão e Aristóteles, na Grécia Antiga, as reflexões sobre a natureza do convívio humano, com base na noção de bem comum, se tornaram o centro do pensamento filosófico. A Filosofia reflete tanto sobre sua fundação quanto sobre como e por que os seres humanos convivem, constroem em conjunto suas formas de existência e significam as próprias experiências. Em tempos de conflitos sociais e de crise de convivência, é urgente pensar sobre o significado de nossa vida em sociedade.

Não escreva no livro.

SOMOS ANIMAIS SOCIAIS?

Nascemos no seio de uma família que nos ensina as primeiras palavras e nos introduz à linguagem, assim como as primeiras regras de conduta e os valores morais. Crescemos e vamos à escola, para que tenhamos contato com outras pessoas e com aquilo que a humanidade construiu em conjunto: o conhecimento, seja ele artístico, científico ou filosófico. Nossa formação nos anos escolares prepara-nos para o mundo do trabalho e para a vida adulta, quando, então, nossas escolhas e nossos valores entrarão em contato com as escolhas e os valores dos outros. A humanidade parece ser, no sentido mais íntimo de sua definição, um ser social. Contudo, podemos afirmar com certeza que somos animais sociais? O que significa tal afirmação?

Desde, pelo menos, Aristóteles, essa questão já era um objeto de discussão dos mais importantes. Para o filósofo macedônio, os seres humanos têm uma inclinação natural para a sociabilidade. Em sua obra intitulada *Política*, Aristóteles concebe que a comunidade de cidadãos é uma associação tanto política quanto ética, a *koinonia politike*, expressão grega que significa, literalmente, comunidade política. Aristóteles não fala ainda de sociedade, mas de comunidade. A *pólis*, a cidade-Estado grega, é uma comunidade de cidadãos iguais e livres que organizam suas vidas em comum de forma autônoma e cooperativa em busca do bem viver, o viver feliz, o bem comum.

Seria por necessidade natural que, inicialmente, homens e mulheres se agrupem para formar a família, já que são incapazes de existirem um sem o outro. Do agrupamento de famílias surgem os povoados, e do agrupamento de povoados surgem as *poleis*. Aristóteles afirma que o humano é um animal que vive em uma cidade (*zoon politikon*), ou seja, um animal (*zoon*) que apenas terá sua qualificação como humano no interior da *pólis*, da cidade-Estado. Para o filósofo, tudo aquilo que nos concerne também concerne à cidade, pois somente nela inseridos os humanos podem alcançar a excelência (*areté*), o bem supremo, a felicidade (*eudaimonia*). Só é possível ser feliz, portanto, em comunhão com outros seres humanos na cidade. A felicidade é um conceito muito vago e pode significar muitas coisas. Para Aristóteles, ser feliz é poder atingir a sabedoria intelectual a partir da contemplação. Esse é o grau máximo da conduta humana. Quem vive desse modo atinge a felicidade, o bem supremo.

Somos seres de linguagem e, exatamente por conseguirmos comunicar valores, preferências e significações, somos também seres que vivem juntos. Vemos que, para Aristóteles, os seres humanos são animais que só podem viver em comunidade, nunca isolados, e isso se dá por uma necessidade natural.

Calvin & Hobbes, Bill Watterson © 1990 Watterson/Dist. by Andrews McMeel Syndication

Tira de Bill Watterson com as personagens Calvin e Haroldo, 1990.

INTERAÇÃO

1. Em sua opinião, qual seria o motivo por trás da afirmação de Calvin, na tira de Bill Watterson apresentada nesta página, de que é sinal de vida inteligente o fato de nenhuma raça alienígena ainda ter nos contactado? Compartilhe suas ideias com os colegas.

ENTRE O INDIVIDUAL E O COLETIVO

O filósofo romano Cícero (106 a.C.-43 a.C.) traduz o termo *koinonia politike* por *societas civilis*, a sociedade civil, e, como Aristóteles, também afirmava que ela é uma associação natural. Aparece aí, pela primeira vez, o termo "sociedade". Contudo, a ideia de comunidade ainda prevalecia. Em uma comunidade, as relações se estabelecem de maneira pessoal a partir de membros que possuem uma mesma origem. Todos falam a mesma língua, cultuam os mesmos deuses, compartilham o mesmo território, buscam o mesmo fim. Para Cícero, a sociedade civil constitui o bem comum (a ***res publica***) e é ela que preserva a liberdade e a dignidade de seus membros e que sozinha pode conduzi-los para uma forma de vida civilizada e não despótica.

A sociedade civil romana, assim como a grega, não possuía as características que, modernamente, compreendemos como a sociedade civil. Importantes autores da Sociologia, como Émile Durkheim (1858-1917) e Max Weber (1864-1920), definem a sociedade civil como um sistema de relações impessoais constituídas de determinadas regras, normas e leis. Segundo eles, diferentemente da comunidade e de suas relações pessoais e afetivas, a sociedade civil moderna seria constituída por relações guiadas por motivos racionais, levando em conta o interesse privado de seus participantes.

A transformação econômica na modernidade, a partir de novos modelos de produção e de circulação de mercadorias, bastante distinta da produção feudal, faz surgir a ideia de "mercado", que se torna central para o estabelecimento de novas formas da vida social, com conflitos e cooperações que podem estar separados do Estado. Isso permite a ascensão da esfera familiar e a vida privada passa a ocupar um papel de maior relevância. Com o surgimento do Estado moderno, o conceito de sociedade em seu sentido religioso, econômico e cultural foi criado. A noção de sociedade como um novo "reino" emerge por conta da rivalidade que a vida social estabelece entre seus participantes em relação à soberania absolutista do Estado.

Por conta dessas mudanças, autores modernos como Thomas Hobbes, John Locke e Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) partem de outros pressupostos para a reflexão sobre a sociedade civil, a saber: os valores liberais da moderna sociedade que está nascendo e a relação entre liberdade e autonomia. Esses filósofos se distanciam das reflexões dos antigos gregos e romanos e passam a teorizar sobre a passagem do isolamento para a vida social a partir de três conceitos básicos: estado de natureza, contrato social e estado de sociedade.

Para Hobbes, no **estado de natureza** os seres humanos são movidos por suas paixões e instintos e, quando se encontram, entram em conflito. Por isso sua famosa afirmação "o homem é o lobo do homem", ou seja, somos predadores de nós mesmos. Esse estado natural só pode ser o de guerra generalizada entre todos, já que nada garante a segurança dos humanos no seio do isolamento natural. Os humanos não são maus por natureza, mas lhes falta a própria noção de valores morais como o bem e o mal ou o justo e o injusto. Nesse estado de natureza, segundo Hobbes, os humanos têm o direito natural de fazer tudo aquilo que a natureza permitir, ou seja, praticamente tudo, incluindo roubar, aprisionar e matar. É preciso, portanto, instituir, por meio de um **contrato social**, o **estado de sociedade**, a partir de uma decisão mútua e racional entre os humanos. A sociedade surge, então, de maneira artificial, diferentemente do que os filósofos antigos pensavam. Ela é instituída racionalmente pelos seres humanos para sua segurança e sobrevivência.

Para John Locke, a sociedade também é uma instituição artificial, já que a sociedade civil é uma forma civilizada de ordem política que se contrapõe à liberdade bárbara do estado de natureza, mas é também uma sociedade que preserva a vida social e a propriedade de seus membros contra tentativas despóticas de usurpar o poder social. A sociedade, para Locke, é instituída também por meio de um contrato para garantir o direito natural que temos à propriedade e à liberdade. Apenas a sociedade civil, com a criação do **direito positivo**, é capaz de garantir a civilidade e a manutenção de nossos direitos naturais.

Jean-Jacques Rousseau, por sua vez, afirma que a natureza é generosa e nos oferece tudo o que precisamos para sobreviver no estado de natureza. Contudo, a felicidade natural termina quando alguém inventa a propriedade privada e expropria aquilo que é de todos para a posse individual. É preciso, então, instituir, por meio de um contrato social, as condições que garantam, pela autoridade das leis, a igualdade e a liberdade dos seres humanos.

Em todos esses autores, os indivíduos buscam em conjunto uma forma de garantir o convívio pacífico e mútuo entre todos. É o contrato social que servirá para banir a ameaça do estado de natureza que torna todo indivíduo uma ameaça aos outros. Chamamos de **contratualistas** os filósofos que sustentam a ideia de que os seres humanos nascem isolados e é por meio de um contrato social artificial – em oposição a um estado de natureza isolado – que a sociabilidade é instituída.

O filósofo John Rawls (1921-2002), herdeiro da tradição liberal moderna que relaciona liberdade e autonomia, define sociedade como sendo uma associação de pessoas que reconhecem certas regras de conduta como obrigatórias e agem de acordo com elas. Para ele, uma sociedade bem ordenada é aquela que é regulada por uma concepção pública de justiça.

res publica: o mesmo que coisa pública; é de onde se origina nosso conceito de República.

direito positivo: direito imposto por alguma autoridade, geralmente composto de leis escritas.

Não escreva no livro.

AÇÃO E CIDADANIA

Há limites para a liberdade de expressão?

Como estudado, para os filósofos contratualistas, a liberdade configura-se como um valor fundamental a ser preservado no convívio em sociedade. Porém, levando-se em consideração que o princípio da sociabilidade implica um acordo mútuo entre os indivíduos visando à segurança e à sobrevivência, é legítimo questionar quais são os limites da liberdade na vida em sociedade, especialmente quando o exercício desse valor pode ameaçar justamente a segurança e a sobrevivência de indivíduos e grupos que compõem a sociedade.

Essa reflexão se torna especialmente importante quando nos referimos ao direito constitucional à liberdade de expressão. A matéria a seguir traz algumas reflexões sobre essa discussão.

Os direitos fundamentais dos cidadãos estão determinados na Constituição Federal brasileira de 1988, que não autoriza qualquer tipo de controle prévio no exercício das atividades intelectual, artística, científica e de comunicação. Todo cidadão brasileiro tem direito, portanto, de se expressar sem sofrer qualquer tipo de retaliação. Entretanto, a liberdade de expressão é usada por vezes como escudo para invadir outros direitos consagrados na Constituição, gerando a necessidade de estabelecer limites para a lei e evitar interpretações equivocadas sobre o que pode e o que não pode ser dito.

O jurista e professor de Direito Constitucional da Faculdade de Direito da USP, Conrado Hübner Mendes, explica que, embora exista uma dificuldade em estabelecer fronteiras para a liberdade de expressão na lei, há valores e direitos que não devem ser violados, como o direito à dignidade humana, à igualdade, à não discriminação e o direito à honra. "No Código Penal, há crimes contra a honra: calúnia, injúria e difamação. Você não pode usar a liberdade de expressão para caluniar, injuriar, difamar, fazer apologia ao crime, ameaçar; incitar prática de discriminação também é ilegal", explica o professor, ressaltando que a construção de critérios pelo sistema de justiça se dá caso a caso para que a lei não seja praticada de forma arbitrária e abstrata.

Cazo/Acervo do cartunista

Tira de Luiz Fernando Cazo sobre liberdade de expressão, 2020.

Além da ideia do senso comum sobre os limites da liberdade de expressão, existe também a ideia de que esses limites se aplicam da mesma maneira em todos os contextos, para todas as pessoas. Porém, o peso de uma afirmação varia de acordo com a posição que o cidadão ocupa na sociedade. Mendes afirma que "é muito diferente um cidadão comum estar falando num contexto com capacidade de impactar um grupo pequeno de pessoas, ou um agente político importante que está falando. Seja porque esse agente político tem mais capacidade de atingir um número maior de pessoas, seja porque essa condição de agente político tem outro símbolo, outro poder, outra capacidade jurídica". É o caso de parlamentares como deputados federais, que gozam da prerrogativa da imunidade parlamentar que vem desde a Idade Média, um tipo de direito especial que evita certas consequências jurídicas, algo que cidadãos que estão fora dessa esfera política não têm acesso.

Zanfer, Gustavo. Liberdade de expressão não pode ser usada para violar direitos fundamentais. *Jornal da USP*, São Paulo, 22 jul. 2024. Disponível em: https://jornal.usp.br/atualidades/liberdade-de-expressao-nao-pode-ser-usada-para-violar-direitos-fundamentais/. Acesso em: 28 ago. 2024.

Debata com os colegas as questões a seguir.

1. **Considerando os argumentos apresentados no texto, é possível dizer que a personagem da tira está utilizando o conceito de liberdade de expressão de forma ética? Por quê?**
2. **Levando em consideração a finalidade do contrato social característico de um estado de sociedade, quais seriam as implicações do uso irrestrito da liberdade de expressão?**
3. **Como você responderia à pergunta presente no título deste boxe?**

CONVENCIONALISMO E PACTOS SOCIAIS

O convencionalismo é um pensamento que surgiu com os sofistas, por volta do século V a.C. na Grécia Antiga, e se baseia na ideia de que, ao longo da história, cada sociedade estabelece acordos e pactos sociais conforme seus costumes e suas tradições.

A convenção é contrária às leis naturais e, por isso, não é estática e preexistente, mas é estabelecida e se dá pelos limites da convivência social que permeiam a liberdade do indivíduo. Um pacto social, também chamado de "contrato social", é uma conjectura produzida para fundamentar os acordos entre os indivíduos que desejam viver em sociedade.

Vários filósofos se propuseram a analisar os pactos sociais, como Thomas Hobbes, John Locke e Jean-Jacques Rousseau, anteriormente citados neste capítulo. Eles investigaram os motivos que levam os indivíduos a sustentarem as instituições estatais, renunciando a algumas liberdades individuais e coletivas em prol da vida em comunidade. Mas como isso se relaciona com o convencionalismo? Trata-se de um modo de pensamento que perpassa praticamente toda a história da Filosofia e que abrange muitos tópicos, como a propriedade privada, a moralidade, a geometria, a sociedade, a representação pictórica artística, a identidade pessoal, a verdade e qualquer outro tópico que possamos imaginar.

O convencionalismo tem uma abrangência tão grande e aborda tantos temas que não é facilmente definido de maneira geral. No entanto, uma tese distintiva compartilhada pela maioria das teorias convencionalistas é a de que existem convenções alternativas que são, em certo sentido, igualmente boas. Nossa escolha de uma convenção entre as alternativas não é determinada pela natureza das coisas, por considerações racionais gerais ou por características universais da fisiologia, percepção ou cognição humanas. Uma convenção sempre é fruto de uma escolha livre.

Um exemplo famoso de convencionalismo é aquele sustentado pelo matemático, físico e filósofo Henri Poincaré (1854-1912), que mobilizou algumas formas de pensar convencionalistas para aplicá-las na análise dos pactos sociais e no estudo científico. Poincaré argumentou que os fenômenos são em parte frutos de nossas convenções sobre o significado ou o uso adequado das palavras, por exemplo, na geometria. Para ele, os axiomas da geometria são apenas definições disfarçadas, já que eles não passam de convenções, ou seja, de algo que foi simplesmente decidido. Nossas escolhas são conduzidas livremente e, por convenção, são aceitas, guiadas pelos fatos experimentais. Poincaré diz que os geômetras, por convenção e guiados por uma necessidade experimental, aceitam os postulados da geometria euclidiana em vez das geometrias não euclidianas. Não haveria, portanto, nenhum direcionamento anterior à experiência, determinado pela razão ou por qualquer outra instância cognitiva humana, apenas uma decisão livre de aceitar ou não certos postulados.

Os filósofos contratualistas sustentam algo similar ao afirmarem que a sociedade é, na verdade, fruto de uma decisão em conjunto dos indivíduos. Ao conjecturarem sobre um estado hipotético de natureza, no qual os seres humanos vivem isolados e sempre ameaçados, não apenas pelas intempéries naturais, mas também por outros seres humanos, vislumbram um nascimento convencional do estado de sociedade. É por decisão de seus integrantes que a sociedade passa a existir, não por uma inclinação natural, não porque a natureza nos conduz espontaneamente para a sociabilidade, mas por uma convenção decidida em conjunto. A decisão de viver de maneira artificial, isto é, social, rejeitando as condições imediatas dadas pela natureza e criando condições próprias para a vida humana, por conta das próprias experiências ameaçadoras do estado de natureza, é que instaura as condições de sociabilidade.

Contudo, há um problema quando aplicamos as ideias convencionalistas à busca pela verdade da natureza. Uma coisa é estabelecer que a sociedade é instituída

Coleção particular. Fotografia: Bridgeman Images/Easy Mediabank

Henri Poincaré em Paris, na França. Foto de *c.* de 1890.

Não escreva no livro.

por uma convenção humana, outra muito diferente é afirmar que a verdade das ciências que investigam a natureza é também convencionada. Quando Poincaré sustenta que as verdades da Matemática são convenções, o problema epistemológico que gera é aquele que nos conduz para um certo relativismo. Como é possível que a Matemática alcance a verdade sobre os fenômenos da natureza se a verdade é apenas uma convenção humana, decidida pelos matemáticos? Não haveria, então, uma verdade universal e necessária?

O texto a seguir problematiza essa perspectiva filosófica tanto na análise da sociedade quanto dos elementos da natureza.

O positivismo, dada a sua particular interpretação da ciência, atraiu o interesse não só de filósofos mas também de cientistas, cuja reflexão epistemológica sobre os resultados da sua própria atividade profissional ocasionou uma aproximação entre ciência e filosofia. No último quarto do século XIX, quando a filosofia das ciências não era ainda uma disciplina academicamente constituída [...], emergiram e foram defendidas, tanto por filósofos como por cientistas, posições epistemológicas de grande relevo, de caráter neokantiano, positivista crítico, instrumentalista, indutivista, convencionalista, etc. Esta última posição é a que foi sustentada por Henri Poincaré, tornando-se bem conhecida através da sua obra e também pela controvérsia que gerou.

Na história da filosofia as posições convencionalistas aparecem, por exemplo, no funcionamento de uma sociedade, traduzindo-se neste caso pela existência de um conjunto de normas que, estabelecidas por acordo entre as pessoas de um determinado grupo, definem o que é válido ou aceitável. A ideia de reger a sociedade com base nos acordos entre indivíduos procede da distinção entre aquilo que é dado pela natureza e aquilo que não o é. Ou seja, o que tem a sua origem na natureza é diferente do que é criado pelo ser humano. Esta distinção é atribuída a Hípias nos diálogos *Hípias* e *Protágoras* de Platão. Os sofistas consideravam que as leis são convenções humanas, ou seja, normas que os homens adotam para não viverem do mesmo modo que os animais. Desta forma, para o convencionalismo social a sociedade é um produto humano e, em consequência, não natural. Com a implicação consciente do ser humano nas normas sociais, chega-se à necessidade de um acordo, isto é, de um convênio entre os cidadãos que desejam viver em sociedade. Este tipo de posição fundamenta-se na noção de "contrato social". O contratualismo considera a sociedade como se, num momento histórico determinado, nela se tivesse realizado um pacto entre os membros do grupo que a compõem. No entanto, estas ideias não resultam quando tentamos aplicá-las à ciência. Dado que a ciência é entendida como um conhecimento da natureza, como é possível que este conhecimento seja o resultado de um acordo entre indivíduos? Ou, ainda, como é possível que o conhecimento da natureza seja algo que não tem a sua origem na própria natureza mas que, em vez disso, seja criado pelo homem?

[...] As posições convencionalistas na ciência podem entender-se, em geral, de duas maneiras: de um lado, aquelas que consideram que a verdade é algo sempre convencional; de outro lado, aquelas que consideram que algumas coisas comumente tidas por verdadeiras não o são, mas são, na realidade, convenções.

A primeira destas posições, ou seja, aquela que considera que a verdade é sempre convencional, está mais próxima do contratualismo social, no sentido em que a verdade resultaria de um acordo entre um grupo de indivíduos. No que diz respeito à ciência, esse grupo seria constituído pelos indivíduos que controlam ou produzem a ciência, nomeadamente, os cientistas. Desta forma, a verdade das teorias ou dos elementos que compõem a ciência é decidida em função dos interesses ou critérios comuns deste grupo de indivíduos. [...] Esta consideração responde à pergunta sobre como surgem as convenções em ciência, cuja resposta mais exata, tendo em conta o que foi dito, seria a de que a convenção surge a partir da decisão de um cientista ou de vários. [...]

Paz, María de. O convencionalismo de Poincaré contextualizado: origem e significado. *Kairos*, Lisboa, n. 7, p. 151-166, 2013. Disponível em: https://kairos.campus.ciencias.ulisboa.pt/wp-content/uploads/sites/17/2023/04/O-convencionalismo-de-Poincare-contextualizado.pdf. Acesso em: 19 jul. 2024.

INTERAÇÃO

1. **Em sua opinião, a ideia de verdade para os convencionalistas se aproxima de qual conceito de verdade que já estudamos? Explique para os colegas.**
2. **Você concorda com a relação proposta pela filósofa espanhola María de Paz ao abordar o convencionalismo tanto para analisar a natureza quanto os pactos sociais das comunidades humanas? Dialogue com a turma.**

A PRÁTICA SOCIAL E O VIVER EM SOCIEDADE

O filósofo alemão Immanuel Kant refletiu radicalmente sobre nossa sociabilidade. Kant estava interessado em pensar sobre o sentido da história humana e para onde nossa razão pode nos levar. Para ele, a história não é aleatória, mas determinada pela razão. Segundo Kant, nós humanos não somos como os outros animais, já que não seguimos apenas nossos instintos, mas também nossa razão. Como somos animais gregários por natureza, isto é, que vivem em conjunto, é impossível que os indivíduos sobrevivam sozinhos, mesmo após a vida adulta. Para Kant, diferentemente de outros animais gregários que vivem coletiva e ordenadamente, as sociedades humanas são desordenadas. Nelas, há o bem, a justiça, o progresso, mas também há a loucura, a vaidade, a maldade e a destruição. Junto com a ideia de progresso, Kant define o conceito de guerra perpétua entre os humanos que vem associada a ela. Há, pois, uma ambiguidade em nossa vida social, já que, mesmo na desordem e no conflito, nós não deixamos de progredir. Kant chama essa condição de **insociável sociabilidade**.

insociável sociabilidade: inclinação humana que, ao mesmo tempo, permite ao indivíduo socializar com os outros e se desligar dos outros.

Nas sociedades dos animais há conflitos, segundo o filósofo alemão, contudo eles são contingentes, isto é, não perpétuos, como nas sociedades humanas. Sua pergunta busca tentar compreender o que é o humano. Quem é esse ser que, apesar dos conflitos perpétuos, consegue progredir? Quem é esse ser que faz tudo o que poderia para regredir, mas no final progride? Para Kant, a guerra perpétua é uma condição exterior da insociável sociabilidade, porque não somos seres absolutamente racionais. Nós temos paixões, que também nos movem e que são responsáveis por nossa tendência de nos desligarmos dos outros. Contudo, essas paixões não conseguem apagar a inclinação que os humanos têm de se ligarem uns aos outros. A insociável sociabilidade é o que caracteriza a natureza humana.

As três paixões que todos os humanos têm são a cupidez, a inclinação à dominação e a ambição. A cupidez é uma espécie de ambição localizada, uma mania de possuir coisas. Para Kant, essa é a paixão mais inofensiva de todas. A inclinação à dominação se mostra desde a primeira idade, quando a criança tenta impor sua vontade. Essa seria a primeira corrupção do indivíduo. A ambição é a paixão que mais determina a insociável sociabilidade, já que ela implica um esforço em aparecer, em querer ser reconhecido por algo que apenas se aparenta ter. Ela se difere da honra, que é querer ser reconhecido pelos valores que se tem. Em Kant, a ambição é o que determina mais a insociável sociabilidade.

> Antagonismo [social] é sociabilidade insociável dos homens, isto é, a sua tendência para entrar em sociedade, tendência que, no entanto, está unida a uma resistência universal que ameaça dissolver constantemente a sociedade. Esta disposição reside manifestamente na natureza humana.
>
> KANT, Immanuel. Ideia de uma história universal com um propósito cosmopolita. *In*: KANT, Immanuel. *A paz perpétua e outros opúsculos filosóficos*. Tradução: Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 2009. p. 19.

Podemos definir uma prática social como sendo o lugar do exercício, mas também da constrição da autonomia, em que bens são criados e podem ou não ser compartilhados com as outras pessoas e, por isso, são centrais para a convivência e a busca por justiça social. Práticas sociais são plurais e dependem de uma época, de um contexto, de como a própria sociedade se organiza para existir. O hábito de fazer três refeições diárias, votar em representantes políticos, a forma de rezar para certas divindades, organizar-se em movimentos para lutar por direitos são exemplos de práticas sociais. Certas práticas sociais podem tanto excluir quanto incluir os indivíduos no convívio social e na garantia de seus direitos. Estruturas sociais consistem em práticas interconectadas e, portanto, podem variar em suas configurações. Viver em sociedade implica uma estrutura que conecta práticas sociais diversas.

Não escreva no livro.

AÇÃO E CIDADANIA

As insociáveis redes sociais

A matéria a seguir, publicada em 2022, comenta alguns dos impactos que as redes sociais podem causar nos processos de sociabilidade de seus usuários.

Mais conectados, porém mais tristes e sozinhos. Esse paradoxo reflete o perigo do mau uso das redes sociais. Tanto que não faltam dados relacionando o excesso de eletrônicos a problemas como baixa autoestima e satisfação social, depressão, ansiedade e distúrbios de sono. Mas, então, por que tanta gente ainda vive grudada nas telas?

Por um lado, ninguém discute que elas facilitam contatos, encontros, interações e troca de informações. E tiveram papel fundamental na pandemia, aproximando quem estava longe, inclusive dentro das unidades de terapia intensiva (UTI).

Por outro, sabe-se que elas são pensadas quase como que para viciar. Trata-se do mesmo mecanismo de recompensa que ativa neurotransmissores associados à expectativa diante de um prêmio ou atividade prazerosa. Por isso é tão difícil parar.

[...]

Antes mesmo da pandemia, pesquisadores americanos da West Virginia University já haviam soado o alerta. Intrigados em saber o impacto das experiências *on-line* na solidão, avaliaram mais de mil alunos com idades entre 18 e 30 anos.

Resultado: para cada 10% de aumento nas interações ruins, os participantes relatavam um crescimento de 13% na sensação de estar sozinho. Mas o oposto não ocorreu: o mesmo aumento nas experiências boas não melhorou a percepção de isolamento.

"O problema é que as redes sociais só mostram coisas boas, momentos felizes, comemorações de conquistas. A pessoa compara com sua vida, com suas experiências e até com sua aparência e acaba se sentindo inferior", observa Victoria Domingues, psicóloga do Hospital Israelita Albert Einstein.

Pior ainda no caso dos adolescentes, fase em que a pessoa está mais em busca da aprovação do grupo. "Os cliques acabam refletindo no humor", diz a especialista. "Estamos vendo uma geração cada vez mais ansiosa e deprimida."

CUPANI, Gabriela. Uso em excesso de redes sociais aumenta a sensação de solidão. *Agência Einstein*, 9 ago. 2022. Disponível em: https://www.agenciaeinstein.com.br/texto/uso-em-excesso-de-redes-sociais-aumenta-a-sensacao-de-solidao/. Acesso em: 25 set. 2024.

A falta de contato físico, a ilusão de que estamos construindo verdadeiros laços de amizade, o contato com conteúdos que vendem ilusões de vidas perfeitas, discursos de ódio e violência generalizados, tudo isso e muito mais pode contribuir para o sentimento de solidão, mesmo que estejamos conectados com os outros virtualmente.

Bruno Galvão/Acervo do cartunista

Tira de Bruno Galvão sobre redes sociais, 2012.

1. **Em sua opinião, as redes sociais contribuem para melhorar a socialização entre as pessoas? Por quê?**
2. **Quais práticas nas redes sociais, em sua opinião, podem fazer com que os seres humanos se desconectem uns dos outros ao invés de se conectarem?**

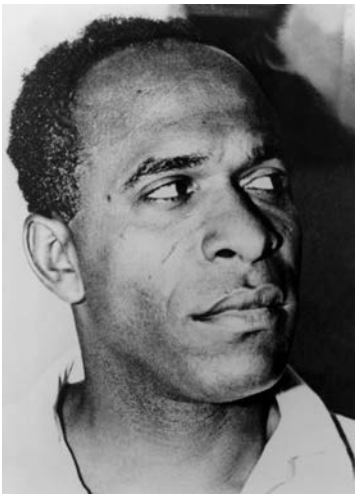
REIMAGINANDO A VIDA EM SOCIEDADE

aporofobia: o ódio destinado aos pobres.

reconhecimento falso: atribuir a uma pessoa ou grupo características que não pertencem a eles, assim como reconhecer as características existentes como negativas. Por exemplo: reconhecer falsamente que um gênero é mais fraco, ou que uma etnia é inferior, ou que uma orientação sexual é criminosa.

Em sociedades democráticas, as lutas por reconhecimento social, mesmo que sejam difíceis, são possíveis e desejadas. Apesar de muitas práticas sociais que excluem grande parte da população ainda resistirem ao tempo e às lutas, como os costumes misóginos, homofóbicos, **aporofóbicos** e racistas, cada vez mais nossa sociedade vem ampliando direitos e reconhecendo identidades que no passado não reconhecia. Para o filósofo Charles Taylor (1931-), o reconhecimento das identidades é uma necessidade humana vital e tem dimensões normativas e psicológicas. Quando reconhecemos uma pessoa como possuidora de certas características, como sendo um agente autônomo, por exemplo, não apenas constatamos um fato, mas agimos de maneira positiva por reconhecermos essas características.

Esse reconhecimento nos produz um sentimento de dever em relação à pessoa, já que ele implica que devemos tratá-la de acordo com o reconhecimento, como uma cidadã livre que merece respeito e justiça, por exemplo. Mas não existe apenas a dimensão normativa do reconhecimento, a dimensão psicológica é também um aspecto importante. Grande parte das teorias do reconhecimento argumentam que, no desenvolvimento da identidade prática, as pessoas dependem da forma como são vistas e reconhecidas pelos outros (ou pela sociedade no geral). As pessoas que não conseguem se reconhecer nem serem reconhecidas em uma sociedade têm dificuldades de integração. A falta de reconhecimento, ou um **reconhecimento falso**, destrói o relacionamento que uma pessoa pode travar consigo mesma e com seu entorno. A falha no processo de reconhecimento impede as pessoas de serem aceitas ou de aceitarem o sistema de normas e valores que estão postos, e isso faz com que seja muito difícil e doloroso para as pessoas não reconhecidas se integrarem nos projetos coletivos da sociedade da qual fazem parte. O filósofo Frantz Fanon aponta para o fato de que as vítimas do racismo e do colonialismo sofrem graves danos psicológicos por serem identificadas como seres humanos inferiores, ou seja, pelo processo falho de reconhecimento.



CSU Archives/Easy Mediabank

Filósofo e psiquiatra francês, Frantz Fanon é um dos maiores nomes do pensamento antirracista e anticolonial. Foto de 1960.

A filósofa Judith Butler argumenta que precisamos prestar atenção às pessoas que não podem ou não querem se adequar às expectativas dos outros, por serem elas excludentes, preconceituosas, violentas e silenciadoras. Butler pensa que, quando a sociedade impõe uma determinada expectativa sobre pessoas que não podem se adequar a elas, estas deixam de ser livres. O papel das instituições sociais em uma democracia deveria ser, portanto, aquele que preserva e fomenta a possibilidade de que as pessoas tenham vidas mais "vivíveis".

Em muitos casos, espera-se que as mulheres, os integrantes da comunidade LGBTQIA+, as pessoas pretas, os pobres e explorados, ou qualquer outro grupo discriminado e não reconhecido como plenamente sujeitos de direito aceitem suas condições subalternas e inferiorizadas e se integrem ao *status quo*, palavra oriunda do latim que significa "a situação atual". Aceitar o *status quo* seria, simplesmente, aceitar as coisas como elas são, seja para o bem, seja para o mal. Para Butler, a falta de amparo e reconhecimento que essas pessoas têm das instituições sociais leva ao medo, à violência e à morte.

Para Butler, nós somos seres de carência e precisamos dos outros para viver. O indivíduo são é autossuficiente e todos somos dependentes uns dos outros para viver bem, com alegria e liberdade. A filósofa chama essa condição de vulnerabilidade. Mas, se somos todos profundamente vulneráveis, há certas vidas que parecem ser mais vulneráveis que outras. Quando as pessoas são exploradas por conta de suas vulnerabilidades, afirma Butler, elas se tornam precarizadas. Aqueles que não estão inseridos na proteção e no reconhecimento das instituições sociais, aqueles que não estão amplamente amparados pelo direito e pela justiça, aqueles que não são ouvidos, aqueles que são violentados e não geram nenhuma comoção, estes estão na condição de precariedade. Todos somos vulneráveis, mas apenas alguns são precarizados.

Não escreva no livro.

Ricardo Teles/Pulsar Imagens

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) surgiu com a intenção de lutar pelo direito à terra e por mudanças na legislação que garantam uma reforma agrária ampla e que inclua todos os trabalhadores do campo. Na foto, integrantes do MST em assentamento em Madalena (CE). Foto de 2023.

O bem viver

Como bem escreveu o filósofo Enrique Dussel (1934-2023), em 1492 não tivemos apenas o "descobrimento" da América, mas também o encobrimento do outro. Os povos originários da América têm uma concepção de vida que respeita, diariamente, as regras do Universo, as exigências da comunidade e confere sentido a cada atividade realizada em sua organização social em torno de um projeto: o bem viver, *sumak kawsay*, no idioma quéchua.

Em oposição ao modelo neoliberal e individualista de vida que levamos, afirma Dussel, o bem viver é uma filosofia da ação que busca viver em harmonia com a natureza, com nosso território e com nossos concidadãos. Talvez a forma de compreender o bem viver nos permita repensar o que estamos fazendo com nossa convivência e com nossa vida compartilhada no planeta. As ideias filosóficas do bem viver foram incorporadas às constituições do Equador (2008) e da Bolívia (2009), que estabelecem o *sumak kawsay* como o princípio orientador do desenvolvimento nacional que respeita a natureza, a diversidade e os direitos humanos.

Junião/Acervo do cartunista

Tira do cartunista Junião com a personagem dona Isaura, 2014.

REFLEXÃO

Solidariedade e práticas sociais

A sociedade brasileira ainda convive com muitas expressões de insociabilidade: há incontáveis demonstrações de racismo, de machismo, de homofobia e desrespeito à dignidade das pessoas. Contudo, também vemos cada vez mais expressões de solidariedade e ações de inclusão e acolhimento.

1. **Reflita sobre a importância das práticas sociais de solidariedade em nossa sociedade.**
   a) Você já participou de alguma prática social solidária? Em caso afirmativo, qual?
   b) Você acredita que a solidariedade pode ajudar no desenvolvimento de uma sociedade pacífica e justa? Converse com os colegas sobre quais tipos de práticas sociais podem ajudar no progresso da convivência social.

ATIVIDADES

1 **Ao longo do capítulo, refletimos sobre algumas ideias que fundamentam a sociabilidade humana com base nos pensamentos de diversos filósofos. Leia agora o trecho de uma obra da filósofa brasileira Marilena Chaui:**

> Talvez um fato simples, conhecido de todos, nos ajude a compreender que a vida social é resultado da ação humana em condições determinadas: a socialização das crianças. Com efeito, se fôssemos seres sociais por natureza, tornar-se-ia incompreensível que as crianças precisem aprender a adquirir e manter relações sociais com outros humanos. Além disso, cada sociedade estabelece maneiras diferentes para essa socialização, dependendo de como concebe a infância, pois, como mostram os antropólogos, ser criança entre os índios guarani não é o mesmo que sê-lo entre os trobriandeses (habitantes das Ilhas Trobriand, atualmente chamadas Ilhas Kiriwina, na Nova Guiné). Ou, como mostram os historiadores, não é o mesmo ser criança na Grécia e na Roma antigas, na Europa medieval e no Brasil do século XXI.
>
> Chaui, Marilena. *O ser humano é um ser social*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013. p. 23.

a) Para a filósofa Marilena Chaui, a vida social é instaurada pela natureza ou instituída pelos seres humanos?

b) Que exemplo ela oferece para justificar essa posição?

2 **Leia a tira a seguir e depois responda à questão proposta.**

Laerte/Acervo da cartunista

Tira da cartunista Laerte Coutinho, 2020.

- Como podemos relacionar a tira da cartunista Laerte com o que vimos sobre a necessidade de reconhecimento social?

3 **Em duplas ou trios, pesquisem sobre movimentos sociais que lutam por reconhecimento político e social e debatam entre si sobre como esses movimentos podem ajudar a repensar o convívio social.**

Não escreva no livro.

4 **Segundo a concepção de bem viver (*sumak kawsay*), construída a partir das filosofias indígenas oriundas da América Latina, as ideias de harmonia com a natureza, de solidariedade comunitária e de respeito à diversidade fundamentam uma forma de se organizar socialmente que se distingue das sociedades contemporâneas neoliberais. Como você enxerga a maneira como vivemos e o projeto proposto pelas filosofias indígenas? Escreva um parágrafo sobre o tema e compartilhe-o com os colegas.**

5 **(Enem)**

TEXTO I

Tudo aquilo que é válido para um tempo de guerra, em que todo homem é inimigo de todo homem, é válido também para o tempo durante o qual os homens vivem sem outra segurança senão a que lhes pode ser oferecida por sua própria força e invenção.

Hobbes, T. *Leviatã*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

TEXTO II

Não vamos concluir com Hobbes que, por não ter nenhuma ideia de bondade, o homem seja naturalmente mau. Esse autor deveria dizer que, sendo o estado de natureza aquele em que o cuidado de nossa conservação é menos prejudicial à dos outros, esse estado era, por conseguinte, o mais próprio à paz e o mais conveniente ao gênero humano.

Rousseau, J.-J. *Discurso sobre a origem e o fundamento da desigualdade entre os homens*. São Paulo: Martins Fontes, 1993 (adaptado).

Os trechos apresentam divergências conceituais entre autores que sustentam um entendimento segundo o qual a igualdade entre os homens se dá em razão de uma

a) predisposição ao conhecimento.
b) submissão ao transcendente.
c) tradição epistemológica.
d) condição original.
e) vocação política.

6 **(Enem)**

Uma sociedade é uma associação mais ou menos autossuficiente de pessoas que em suas relações mútuas reconhecem certas regras de conduta como obrigatórias e que, na maioria das vezes, agem de acordo com elas. Uma sociedade é bem ordenada não apenas quando está planejada para promover o bem de seus membros, mas quando é também efetivamente regulada por uma concepção pública de justiça. Isto é, trata-se de uma sociedade na qual todos aceitam, e sabem que os outros aceitam, o mesmo princípio de justiça.

Rawls, J. *Uma teoria da justiça*. São Paulo: Martins Fontes, 1997 (adaptado).

A visão expressa nesse texto do século XX remete a qual aspecto do pensamento moderno?

a) A relação entre liberdade e autonomia do Liberalismo.
b) A independência entre poder e moral do Racionalismo.
c) A convenção entre cidadãos e soberano do Absolutismo.
d) A dialética entre indivíduo e governo autocrata do Idealismo.
e) A contraposição entre bondade e condição selvagem do Naturalismo.

7 **(Uece)**

Leia com atenção a seguinte passagem da obra de Thomas Hobbes (1588-1679), sobre o estado de natureza.

"E dado que a condição do homem [...] é uma condição de guerra de todos contra todos, sendo neste caso cada um governado pela sua própria razão, e nada havendo de que possa lançar mão que não lhe ajude na preservação da sua vida contra os seus inimigos, segue-se que numa tal condição todo homem tem direito a todas as coisas, até mesmo aos corpos uns dos outros. Portanto, enquanto durar este direito natural de cada homem a todas as coisas, não poderá haver para nenhum homem (por mais forte e sábio que seja) a segurança de viver todo o tempo que geralmente a natureza permite aos homens viver."

Hobbes, Thomas. *Leviatã ou matéria, forma e poder de uma república eclesiástica e civil*. São Paulo: Martins Fontes, 2014. (Texto adaptado).

De acordo com o fragmento anterior, é correto afirmar que, para Hobbes,

a) no estado de natureza, encontramos um sistema político e moral que garante a segurança dos homens.
b) o estado de natureza se constitui de uma existência pacífica, pois os homens têm direito a todas as coisas.
c) o estado de natureza é associado ao estado de guerra, pois nele são constantes os riscos à vida.
d) o estado de natureza se caracteriza por um poder soberano que promove a paz e a segurança dos homens.

ESTÚDIO FILOSÓFICO

A MERITOCRACIA EM MICHAEL SANDEL

Davi Augusto Studio/ID/BR

Neste capítulo, discutimos sobre o viver coletivo, o conceito de sociedade e a vida social com base em filósofos da Antiguidade, da modernidade e da contemporaneidade. Não é um tema sem importância, já que interessa a todos os seres humanos as reflexões sobre como organizamos nossas vidas e como podemos nos integrar com outras pessoas e com a natureza que nos rodeia de maneira pacífica e respeitosa.

Um dos mais importantes pensadores da atualidade, o filósofo Michael Sandel (1953-), produziu uma obra que trata diretamente das questões de justiça e bem comum que podem e que nos fazem pensar radicalmente sobre a situação atual de nossa sociedade. Vamos conhecer um pouco mais sobre esse filósofo e sobre como suas ideias sobre justiça e bem comum mobilizam as reflexões contemporâneas sobre a sociedade.

PERFIL

Michael Sandel é um renomado filósofo político estadunidense, conhecido por suas contribuições significativas para a teoria política e a filosofia moral. Nascido em 1953, nos Estados Unidos, Sandel se formou em Política na Universidade Brandeis, nos Estados Unidos, em 1975. Concluiu seu doutorado em Filosofia em 1985, pela Universidade de Oxford, no Reino Unido, sob a orientação do filósofo Charles Taylor.

Atualmente é professor na Universidade de Harvard, onde leciona desde 1980. Ele é amplamente reconhecido por sua habilidade em tornar questões filosóficas complexas acessíveis ao público geral, além de ser um defensor fervoroso do debate público sobre questões éticas e políticas.

OBRAS-CHAVE

- *A tirania do mérito: o que aconteceu com o bem comum?* (2020)
- *O que o dinheiro não compra: os limites morais do mercado* (2012)
- *Justiça: o que é fazer a coisa certa?* (2009)
- *Contra a perfeição: ética na era da engenharia genética* (2007)
- *Filosofia pública: ensaios sobre moralidade na política* (2005)
- *O descontentamento da democracia: uma nova abordagem para tempos periculosos* (1996)
- *Liberalismo e os limites da justiça* (1982)

EM LEITURA

Em *A tirania do mérito*, Sandel aborda a ideia de competição fortemente presente em nossa sociedade, problematizando a ideia de mérito, que muitas vezes oculta vantagens e privilégios que determinados indivíduos e grupos possuem em nosso meio social, chamando a atenção para como essa ideia muitas vezes reforça a desigualdade social e culpabiliza pessoas pelos sintomas de problemas estruturais.

No trecho a seguir, Sandel conclui que o bem comum só pode ser alcançado quando os seres humanos deliberam entre si em um espaço público, tendo em vista que a democracia é a busca em conjunto e compartilhada de fins dignos da comunidade política. Ele reforça o caráter coletivo da vida humana, que não pode se desenvolver plenamente senão no seio de uma sociedade que enfatize a solidariedade e a participação pública dos agentes políticos.

Não escreva no livro.

Não temos muita igualdade de condição hoje. São poucos os espaços públicos que reúnem pessoas de todas as classes, raças, etnias e crenças. Quatro décadas de globalização favorável ao mercado resultaram em desigualdades de renda e riqueza tão pronunciadas que nos levam a modos de vida separados. Pessoas abastadas e as de meios modestos raramente se encontram ao longo do dia. Vivemos e trabalhamos e fazemos compras e nos divertimos em lugares diferentes; nossos filhos e filhas frequentam escolas diferentes. E, quando a máquina de triagem meritocrática faz o seu trabalho, quem está no alto acha difícil resistir ao pensamento de que merece o sucesso que tem e quem está na base também merece o lugar onde está. Isso alimenta uma política tão venenosa e um partidarismo tão intenso que muitas pessoas hoje em dia consideram o casamento "interpartidário" mais difícil do que o casamento com uma pessoa fora da sua religião. É pouco surpreendente que tenhamos perdido a habilidade de refletir juntos sobre questões públicas amplas ou até mesmo escutar um ao outro.

O mérito começou sua carreira como a ideia poderosa de que conseguimos, por meio do trabalho e da fé, fazer com que a graça do Senhor se multiplique em nosso favor. A versão secular dessa ideia resultou em uma promessa animadora de liberdade individual: nosso destino está em nossas mãos. Nós conseguiremos, se tentarmos.

Mas essa visão de liberdade nos afasta das obrigações de um projeto democrático compartilhado. [...] Se o bem comum consistir em simplesmente maximizar o bem-estar dos consumidores, alcançar igualdade de condições, no fim, não importa. Se a democracia simplesmente for economia por outros meios, uma questão de somar nossos interesses e preferências pessoais, seu destino não depende dos laços morais dos cidadãos. Uma noção consumista de democracia consegue fazer seu trabalho limitado, independentemente de compartilharmos uma animada vida em comum ou de habitarmos territórios privados na companhia de pessoas como nós.

Mas se o bem comum pode ser alcançado apenas por meio da deliberação de nossos concidadãos sobre os propósitos e os fins dignos de nossa comunidade política, a democracia não pode ser indiferente ao caráter da vida em comum. Ela não exige igualdade perfeita. No entanto, exige que cidadãos de diferentes níveis sociais e estilos de vida se encontrem em espaços compartilhados e lugares públicos. Porque é assim que aprendemos a negociar e a acatar nossas diferenças. E é assim que passamos a nos importar com o bem comum.

A convicção meritocrática de que pessoas merecem quaisquer que forem as riquezas que o mercado concede a partir de seus talentos faz a solidariedade ser um projeto quase impossível. Por que as pessoas bem-sucedidas devem algo aos membros com menos vantagens na sociedade? A resposta para essa pergunta depende de reconhecer que, para todos os nossos esforços, não vencemos por conta própria nem somos autossuficientes; estar em uma sociedade que recompensa nossos talentos é sorte, não é obrigação. Uma sensação viva do contingente de nosso destino pode inspirar certa humildade: "aí vou eu, mas pela graça de Deus ou por acidente de nascimento, ou ainda, por mistério do destino". Essa humildade é o começo do caminho de volta da dura ética do sucesso que nos divide. Aponta para além da tirania do mérito na direção de uma vida pública menos rancorosa e mais generosa.

Sandel, Michael. *A tirania do mérito*: o que aconteceu com o bem comum? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020. p. 325-326.

PARA CONCLUIR

1 **O que você entende por bem comum?**

2 **Michael Sandel afirma que a democracia não pode ser indiferente ao caráter da vida em comum. Em sua opinião, é possível uma democracia ser plenamente vivenciada se as pessoas apenas se engajarem em interesses individuais?**

3 **Você acredita que a meritocracia é possível? Comente.**

PRÁTICAS DE TEXTO

MANIFESTO

Proposta

Um manifesto é um texto curto, cujo objetivo é declarar publicamente um ponto de vista, um pensamento, uma concepção individual ou de um grupo a respeito de um assunto de cunho social, político, econômico ou cultural que ainda não é de conhecimento da população.

Público	A sociedade como um todo.
Objetivo	Expor publicamente a defesa argumentada, mas também passional, de alguma ideia, seja ela cultural, seja política, social ou econômica.
Circulação	Em forma de panfletos em espaços públicos; em forma de *posts* em redes sociais.

Planejamento e elaboração

1 **Leia o texto a seguir.**

A Câmara Municipal de São Paulo aprovou, em primeira votação, um **projeto de lei que prevê multa de R$ 17 mil a quem descumprir determinados requisitos sobre doação de alimentos** a pessoas em situação de rua na capital.

A lei estabelece regras **tanto para ONGs e entidades quanto para pessoas físicas**.

Para doar alimentos, as pessoas físicas deverão:

- Limpar toda a área onde será realizada a distribuição dos alimentos e disponibilizar tendas, mesas, cadeiras, talheres, guardanapos e "demais ferramentas necessárias à alimentação segura e digna, responsabilizando-se posteriormente pela adequada limpeza e asseio do local onde se realizou a ação";
- Autorização da Secretaria Municipal de Subprefeituras;
- Autorização da Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS);
- Cadastro de todos os voluntários presentes na ação junto à SMADS.

Além dos requisitos descritos acima, as entidades e ONGs deverão:

- Apresentar a razão social da entidade registrada e reconhecida por órgãos competentes do município;
- Apresentar documento atualizado com informações sobre o quadro administrativo da entidade, com nomes e cargos dos membros e as devidas comprovações de identidade;
- Fazer cadastro das pessoas em situação de vulnerabilidade social com informações atualizadas;
- Identificar com crachá da entidade os voluntários do momento da entrega do alimento;
- Autenticar em cartório ou incluir atestado de veracidade nas documentações apresentadas pelas ONGs e entidades.

O texto também estabelece que o local em que os alimentos serão preparados deverá passar por vistoria da Vigilância Sanitária.

Não escreva no livro.

A Prefeitura de São Paulo informou que, **atualmente, não existe obrigação de TPU (Termo de Permissão de Uso) para entrega de alimentação às pessoas em situação de rua**. Disse também que o projeto será analisado pelo prefeito, caso seja aprovado em segunda votação.

HONÓRIO, Gustavo. Câmara de SP aprova em 1ª votação projeto que prevê multa de R$ 17 mil a quem doar comida a moradores de rua; entenda. *G1*, São Paulo, 27 jun. 2024. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2024/06/27/camara-de-sp-avanca-com-projeto-que-pode-dar-multa-de-r-17-mil-a-quem-doar-comida-a-pessoas-em-situacao-de-rua-entenda.ghtml. Acesso em: 19 jul. 2024.

a) Qual é a principal ideia apresentada no texto?

b) Você concorda com as opiniões contidas no projeto de lei?

2 **Antes de produzir seu manifesto, faça uma pesquisa na internet sobre alguns manifestos já escritos. Se puder, leia-os integralmente para se familiarizar com esse tipo de gênero textual. Faça um resumo dos manifestos lidos e aponte qual intervenção eles buscam aplicar na sociedade.**

3 **Escreva seu manifesto. O tema deverá focar a indignação com alguma injustiça social e propor alguma transformação urgente.**

Diferente de outros textos argumentativo-dissertativos, identifica-se um manifesto por meio das seguintes características:

- Título geralmente explicitando o problema a ser tratado.
- Delineamento claro do problema contra o qual ou a favor do qual se manifesta.
- Argumentos apresentados de maneira pontual, como se fosse uma lista.
- Local, data e identificação de quem elaborou o manifesto e de eventuais simpatizantes da causa.

Em um manifesto, deve haver um encadeamento lógico dos argumentos. Entretanto, esse encadeamento é geralmente implícito, ou seja, não há um conectivo explicitando, por exemplo, que o argumento seguinte é consequência do anterior ou sua conclusão. Em vez disso, cada argumento é iniciado por uma frase de efeito, que gere um impacto no leitor, na tentativa de convencê-lo do ponto de vista defendido. Em seguida, desenvolve-se o argumento para que ele se sustente e se justifique dentro da ideologia apresentada no manifesto.

O tom do texto é mais efusivo, ou seja, se o manifesto é em defesa de algum direito social, é preciso que o texto revele indignação com a situação que precisa ser resolvida. Em nenhum momento o manifesto é neutro e imparcial ou tenta apresentar prós e contras de um assunto. Uma vez que o posicionamento é claro desde a primeira sentença, os argumentos que seguem somente o reforçam e intensificam.

O manifesto provoca quem o lê a repensar as próprias opiniões e convida a participar do mesmo posicionamento defendido no texto.

Revisão e reescrita

1 **Releia seu texto com base nos itens a seguir.**

O texto apresenta clareza e firmeza, ou seja, o manifesto expressa claramente suas convicções e seus objetivos com uma linguagem direta e assertiva, evitando ambiguidades?
Há paixão e comprometimento no texto? O autor demonstra engajamento com a causa?
Há inclusão e representatividade no texto? A diversidade de experiências enriquece seu documento?
O texto mantém um senso de urgência que mobiliza o público para a ação imediata?
O texto oferece uma visão clara e transformadora do futuro? Há propostas concretas e soluções práticas aos problemas identificados?

2 **Faça as alterações necessárias e redija a versão final do texto.**

Circulação

1 **Redija seu texto e imprima algumas cópias dele para entregar aos colegas, ou crie um *blog* e poste seu texto, depois envie o *link* para os colegas poderem lê-lo e discuti-lo.**

CAPÍTULO 11 CAPÍTULO 11 CAPÍTULO 11

POLÍTICA: UM CONCEITO AMPLO E PLURAL

1. Quando você ouve a palavra "política", qual é o primeiro significado que você atribui a ela?
2. Observe a seguir a tira da personagem Mafalda. Por que você acha que ela se refere à palavra "política" como um "palavrão"?
3. Em sua opinião, as pessoas devem discutir política? Por quê?

© Sucesores de Joaquín S. Lavado Tejón (QUINO); TODA MAFALDA/Fotoarena

Tira da personagem Mafalda, criada pelo cartunista Quino, 1966.

Política é uma temática muito discutida, e, de imediato, sua definição parece simples. Afinal, assuntos sobre política estampam capas de jornais, postagens nas redes sociais e, atualmente, parece que todo mundo é especialista nesses temas. Contudo, como costumamos aprender com a reflexão filosófica, as coisas não são tão simples assim. O conceito de política, além de ser amplo e plural, foi considerado ao longo da história de maneiras muito distintas e, inclusive, contraditórias.

É comum achar que política está relacionada apenas à administração técnica da máquina pública. Política seria, então, aquilo que os políticos profissionais fazem. Mas contemporaneamente a figura do político profissional caiu em descrédito aos olhos da sociedade, então a relação entre política e administração pública acaba por descreditar, também, a própria política. "Se política é aquilo que os políticos fazem, então a política não vale de nada", é o pensamento geral.

Por isso, cada vez mais, vemos a ascensão de representantes que rejeitam a política, que se autointitulam gestores, administradores, *coaches* e outras nomenclaturas que busquem desviar-se da ideia de "político" e da rejeição social ao termo. Contudo, ao serem eleitas, essas pessoas também não se tornariam políticas?

Segundo a filósofa Hannah Arendt, devemos reabilitar a dignidade da política e mostrar o que ela é realmente e sua importância para a garantia da vida humana e de suas condições fundamentais, ou seja, é preciso reconhecer a importância da política não apenas como um meio de organização social, mas como uma prática fundamental para a vida humana, garantindo as condições para a liberdade, a justiça e a criação de uma comunidade plural e interativa. Para Arendt, sem uma verdadeira política, no sentido arendtiano, a humanidade corre o risco de perder sua capacidade de viver plenamente como seres livres e iguais.

Não escreva no livro.

POLÍTICA SE DISCUTE?

Há alguns anos, a sociedade brasileira vive um contexto de polarização política e ideológica que só faz aumentar os conflitos sociais. Desde as manifestações de 2013 em São Paulo (SP), que começaram com o objetivo de impedir o aumento das passagens do transporte público, o aprofundamento dos conflitos por causa de ideologias políticas se intensificou. Com a ampliação dos protestos a nível nacional, chegou um momento em que movimentos sociais e partidos políticos estavam proibidos de fazer parte das mobilizações nas ruas, o que já demonstrava uma significativa rejeição aos tradicionais agentes políticos reconhecidos pelo regime democrático, e uma tendência autoritária e conservadora começou a ser construída nas mobilizações populares. Apelidadas de mobilizações neutras ou apartidárias, elas deixaram de ser canais de expressão de indignação em relação às carências da sociedade, de construção de políticas públicas para a ampliação de direitos ou de reformas radicais no sistema político, e se tornaram pontos de disseminação do sentimento da antipolítica, com pautas genéricas como a da corrupção e o ataque a "tudo o que está aí". Sem debate sobre ideias, expressam apenas a percepção generalizada de que a saída para os problemas políticos estaria fora da esfera política.

Antonio Miotto/Fotoarena

Ativistas e manifestantes caminham da praça da Sé até a avenida Paulista, durante o sexto protesto contra o aumento da tarifa do transporte público de São Paulo. Foto de 2013.

Com o auxílio das redes sociais e a difusão cada vez mais intensa das *fake news*, os conflitos sobre temas políticos se aprofundaram ainda mais, impedindo qualquer debate sadio entre atores políticos distintos e abrindo lugar para uma violência generalizada, com ninguém mais disposto a ouvir as ideias do outro lado. A perda de credibilidade da política, assim como a transformação da esfera de discussão política em um conflito de preferências pessoais, acabou obscurecendo o que genuinamente significa a política.

Acostumamo-nos a torcer por personalidades políticas tal como fazemos com times de futebol, e o debate político convencionou-se a ser reconhecido em termos de opinião pessoal. Há os torcedores do político A ou B e, assim, as pessoas não mais se engajam em debates sobre ideias ou projetos que os partidos políticos oferecem para sanar os problemas do país, mas, sim, expressam preferência sobre alguma ideologia ou personalidade. A escolha de representantes políticos, portanto, se torna análoga à escolha de um sabor de sorvete: o que rege a escolha é uma predileção pessoal, um sentimento de agrado ou desagrado em vez de um julgamento racional sobre alguma proposta apresentada. Quando os interesses e as preferências pessoais passam a ser considerados como mais importantes do que os interesses coletivos, abrimos espaço para a degradação da vida política e para sua crescente implosão. Como escreve a filósofa Marilena Chaui, na obra *Simulacro e poder*: "trata-se do apelo à intimidade, à personalidade, à vida privada como suporte e garantia da ordem pública. Em outras palavras, os códigos da vida pública passam a ser determinados e definidos pelos códigos da vida privada, abolindo-se a diferença entre espaço público e espaço privado" (2006, p. 9).

Discutir política é essencial para a construção e a manutenção de uma sociedade democrática e plural. A ideia de que política se discute, sim, enfatiza a importância do debate aberto e livre sobre questões que afetam o bem-estar coletivo e o futuro de uma nação. Afirmar que política não deve ser discutida, um discurso frequentemente repetido em contextos familiares ou sociais, ignora a natureza fundamental da política como uma atividade que depende da participação dos cidadãos e do diálogo entre eles.

INTERAÇÃO

1. Discuta com os colegas: é possível que duas ou mais pessoas com perspectivas e opiniões políticas distintas convivam pacificamente e discutam ideias políticas de forma saudável e construtiva? Por quê?

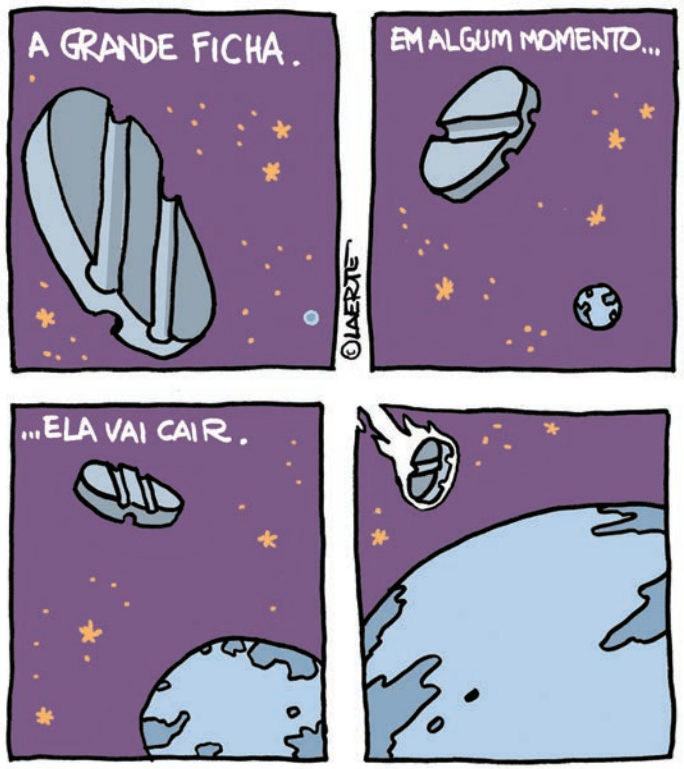
Não escreva no livro.

Perspectivas não binárias

Como vimos, a política, em seu sentido mais amplo, refere-se à maneira como as sociedades organizam o poder, tomam decisões coletivas e resolvem conflitos. O debate político permite que diferentes perspectivas sejam ouvidas e consideradas, promovendo uma compreensão mais abrangente e inclusiva dos problemas e soluções. Sem discussão, as decisões políticas se tornam monopolizadas por poucos, frequentemente resultando em descontentamento e alienação de grandes segmentos da população, o que gera conflitos, crises e uma constante ameaça para a democracia e a vida em sociedade.

Em uma democracia, a política se define pela participação cidadã. Esse modelo de governo se sustenta na premissa de que todos os cidadãos têm o direito de expressar suas opiniões e influenciar as decisões que afetam suas vidas. Portanto, discutir política é um exercício democrático por excelência. Por meio da discussão se garantem a transparência e a avaliação dos governantes e de seus projetos públicos. A ausência de debate político é um sinal de alerta para o enfraquecimento das instituições democráticas e a ascensão de regimes autoritários.

Laerte/Acervo da cartunista



Tira da cartunista Laerte Coutinho, de 2013.

No Brasil contemporâneo, mas também em outros países, a discussão política é muitas vezes marcada pelo embate de ideias e posturas associadas aos expectros políticos de "direita" e "esquerda". No imaginário político, é consolidada como uma posição de direita aquela que rejeita a intervenção do Estado nos problemas sociais, que combate políticas públicas de inclusão social e distribuição de renda, defendendo o livre-mercado e a liberdade individual como motores para a manutenção da ordem social. A esquerda, por sua vez, é geralmente associada às ideias que defendem um Estado mais atuante no desenho de políticas públicas de inclusão social e na importância da ação coletiva, e não individual, para uma mudança social progressista que inclua atores sociais marginalizados e rejeitados pela organização social e política vigentes. Esse imaginário político é muitas vezes cristalizado na figura de determinados líderes e partidos políticos, aos quais são atribuídos os valores e ideias correspondentes ao ideal de cada espectro político. Não raramente, essa personalização de valores e ideais de sociedade em determinadas figuras políticas contribuem para o acirramento de conflitos relacionados a perspectivas políticas, e muitas pessoas, inclusive, deixam de discutir política com receio de o debate se tornar um confronto. Entretanto, a dimensão política da vida em sociedade não se restringe às perspectivas binárias de direita ou esquerda, certo ou errado, este ou aquele; ao contrário, ela abrange diferentes aspectos da vida cotidiana, diversos sujeitos e atores sociais e uma pluralidade de ideias e projetos, que, quando reconhecidos, para além do aspecto passional que o debate político pode, às vezes, adquirir, contribuem para o resgate da política em uma dimensão mais ampla e profunda.

INTERAÇÃO

1. **Após a leitura do texto acima, você consegue relacioná-lo à tira da cartunista Laerte? Como poderíamos interpretar a "queda da ficha" no contexto político em que estamos inseridos?**

Não escreva no livro.

AFINAL, O QUE É POLÍTICA?

O conceito de política foi estabelecido no século IV a.C., na Grécia, pelo filósofo Aristóteles. Derivado do adjetivo originado de *pólis*, a palavra *politiká* significa, literalmente, "as coisas que dizem respeito à *pólis*, à cidade-estado". Se *pólis* e *politiká* se referem ao que conhecemos como cidade, a organização política na qual habitam os seres humanos, então a política se refere diretamente à cidadania. Aristóteles, em sua obra intitulada *Política*, trata de tudo aquilo que diz respeito à condição do cidadão. Isso porque, para o filósofo, a única forma de os seres humanos alcançarem a excelência, ou seja, a finalidade para a qual nascemos, consiste em desenvolver suas capacidades dentro da cidade. Como escreve o filósofo, para viver fora da organização política, precisaríamos ser animais bestiais ou deuses, já que o lugar natural da humanidade é a *pólis*, a organização política. Viver fora da cidade seria como uma peça de xadrez fora de seu tabuleiro, ou seja, seria uma vida sem significação, sem propósito, sem finalidade; em suma, uma vida inútil.

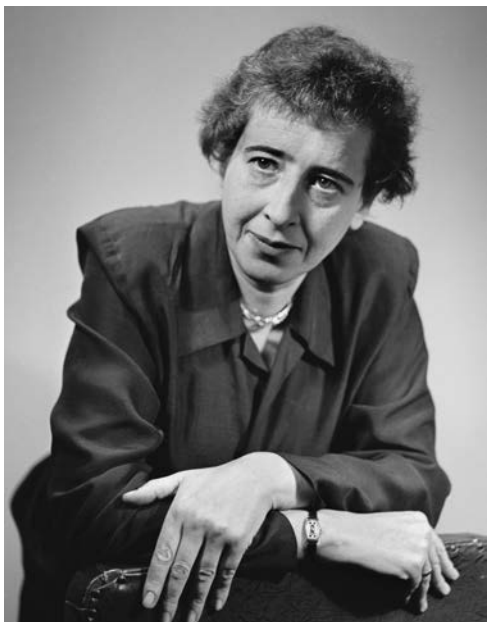
Como vimos no capítulo anterior, os seres humanos, para Aristóteles, vivem em conjunto por uma necessidade natural. E é por meio da linguagem que nos unimos e podemos comunicar aos outros nossos pensamentos, nossos julgamentos, apontar para os fenômenos e avaliá-los como bons ou maus, justos ou injustos. Portanto, para o pensador, a política não se resume apenas à administração técnica e burocrática da cidade, mas a toda relação humana mediada pela linguagem. É por isso que ele afirma que o humano é um *zoon politikon*, ou seja, um animal político, aquele que vive em comunhão com os outros em uma cidade.

Biblioteca Britânica, Londres, Inglaterra. Fotografia: Album/Easy Mediabank

Fragmento do papiro 131 da Constituição dos atenienses, documento atribuído a Aristóteles e seus discípulos, que reúne e comenta a constituição da cidade-Estado de Atenas, preservado em registro escrito do século I.

Para Aristóteles, a cidade deve ser fundada sobre leis justas, em uma constituição que seja capaz de promover o aprimoramento da condição humana. Uma constituição composta de leis justas significa que nela não deve haver a proteção de interesses pessoais, como em um Estado ditatorial, mas interesses em comum que digam respeito a todos os governados.

A alemã Hannah Arendt talvez tenha sido a filósofa que mais deu importância ao que disse Aristóteles sobre os seres humanos e sua condição de animais políticos. Ela levou muito a sério essa afirmação e buscou em seu trabalho estabelecer o que significa a política autêntica. Para Arendt, os seres humanos historicamente encontraram no exercício da política a sua maior realização. É a política a atividade que pode redimir a vida humana de certa futilidade cíclica determinada pela vida biológica, a saber, o ciclo do nascimento, da procriação e da morte. Se fôssemos como qualquer outro animal, nossa vida seria apenas determinada pelos instintos e pelo ciclo definido que não tem nenhuma significação mais profunda, já que o objetivo desse tipo de vida seria a mera reprodução biológica.



Fred Stein Archive/Archive Photos/Getty Images

Hannah Arendt, filósofa alemã considerada uma das maiores pensadoras políticas contemporâneas. Foto de 1949.

Não escreva no livro.

O fazer político

É na vida política, portanto, que os seres humanos têm a chance de transcender o meramente biológico e de construir iniciativas próprias que irrompem no domínio público e permanecem na memória e na história. Para Arendt, a condição humana é marcada por três atividades fundamentais que caracterizam a vida humana e a existência na Terra: o trabalho, a obra e a ação. O trabalho é tudo aquilo que os seres humanos fazem para a manutenção e a sobrevivência do corpo biológico. A obra é mundana e corresponde ao aspecto não natural da existência humana. Tudo aquilo que o ser humano produz para durar, como os prédios, as cidades, os livros, as máquinas, a arte e a ciência, tudo isso Arendt caracteriza como obra. A ação, por sua vez, é a única atividade que se pratica diretamente entre os seres humanos, sem a mediação de nenhuma coisa natural ou objeto fabricado. A ação corresponde à condição humana da pluralidade, e a pluralidade é a condição da vida política. Isso significa que, no plural, todos os seres humanos habitam o mundo e nossa generalidade humana se relaciona à nossa singularidade, o que quer dizer que, apesar de todos sermos humanos, não somos idênticos a ninguém que já viveu, vive ou viverá. A ação política depende do reconhecimento da pluralidade, pois é ela que permite ao indivíduo que confirme sua singularidade e apareça aos outros no espaço público por meio do discurso e da palavra. Política, então, é ação, e ação é discurso em público sobre questões públicas.

Hannah Arendt oferece uma visão única da política, principalmente em sua obra intitulada *A condição humana*. Para a filósofa, a política é a esfera da ação e do discurso, na qual os indivíduos aparecem uns aos outros como iguais e diferentes. Ela enfatiza a importância do espaço público como o local onde a liberdade e a pluralidade humanas se manifestam. A política, para Arendt, é essencialmente interativa e comunicativa, uma atividade que se desenrola entre pessoas que se reúnem para deliberar e decidir sobre assuntos comuns a todos. Sua reflexão visa recuperar a dignidade da política, destruída pelos regimes autoritários e totalitários que surgiram no século XX.

Essa concepção de política se distingue de outros dois autores, que também buscavam habilitar a dignidade da política, Max Weber e Carl Schmitt (1888-1985). Para Weber, política significa decidir pelos outros, comandá-los, exercer o poder sobre eles e afetar o rumo dos acontecimentos. Política seria, então, o que alguns fazem para outros, e não o que todos fazem juntos. Para Schmitt, política se resume a uma luta contra o inimigo, não a uma luta entre pessoas, mas entre sociedades soberanas armadas.

Para Hannah Arendt, a política nada tem a ver com a violência nem com a relação de poder de alguns sobre outros. A política não estaria reduzida à esfera da administração técnica e burocrática operada somente por políticos profissionais dentro das instituições públicas nem à relação de poder entre comandantes e comandados. Política significa aquilo que os seres humanos fazem juntos, ela é o espaço onde as pessoas estão com as outras, debatendo sobre aquilo que é comum e diz respeito à vida de todos.

Acervo do Arquivo da Câmara dos Deputados/Fundo Assembleia Nacional Constituinte de 1987-1988.

Indígenas acompanham, nas galerias do Plenário da Câmara, em Brasília (DF), a votação de artigos da Constituição relacionados aos seus direitos. Foto de 1988.

Na esfera do poder público, a política se manifesta por meio de instituições governamentais, processos eleitorais, legislação e administração pública. Em países democráticos como o Brasil, governos e parlamentares que foram eleitos pelo povo deliberam e decidem sobre políticas públicas, alocação de recursos e regulamentações que afetam a vida dos cidadãos. Os partidos políticos, movimentos sociais e organizações não governamentais (ONGs) também desempenham papéis cruciais na articulação de interesses e na influência sobre as decisões políticas.

Em última instância, o poder público é (ou deveria ser) um reflexo dos agentes políticos que o representam. As demandas públicas surgem da sociedade civil, que, mobilizada, cobra seus representantes por meio de articulações que buscam a ampliação de seus direitos e a construção de políticas públicas e projetos de lei que sanem alguma carência essencial, como a falta de saneamento básico, de moradia, de emprego, etc.

Não escreva no livro.

A política no cotidiano

No cotidiano, a política se expressa de maneiras variadas e sutis. Conversas sobre questões sociais, participação em protestos, engajamento em associações comunitárias e até mesmo ações individuais de solidariedade são formas de prática política. A política do dia a dia envolve escolhas e ações que refletem valores e crenças sobre como a sociedade deve ser organizada. Em um país como o Brasil, por exemplo, vemos a política cotidiana em ações como os movimentos por moradia, os debates sobre igualdade racial e de gênero, as mobilizações em torno de questões ambientais, os eventos organizados em universidades para se refletir sobre os caminhos do país e muitas outras ações produzidas no espaço público que têm o bem comum como o horizonte de realização.

Márcio Pannunzio/Fotoarena

Reunião aberta da sociedade civil de Ilhabela (SP) no contexto do movimento "Até quando?", que debate ações coletivas e planejamento urbano, entre outros, nas áreas de risco da cidade. Foto de 2023.

É sempre preciso lembrar que nossa existência é política e, portanto, quando alguém afirma que não se interessa por política ou que ela é inútil e não serve para nada, está na verdade falando que a vida humana em conjunto não serve para nada. O que falta é a reflexão sobre esse lugar-comum, repetido por tantos, bem como colocar a política em seu lugar de justiça. Quando socializamos com nossos colegas e amigos na escola, no trabalho, na padaria, na igreja, na sinagoga, na mesquita ou no terreiro; quando postamos algo nas redes sociais; quando viajamos e nos relacionamos com outras culturas; tudo isso faz parte de nossa vida política e do caráter necessariamente social em que a forma de vida humana se constituiu ao longo da história.

AÇÃO E CIDADANIA

Educação política e direito da cidadania

O trecho da matéria a seguir aborda a aprovação do projeto de lei que institui a obrigatoriedade do ensino de educação política e direito da cidadania nas escolas de Educação Básica.

A Comissão de Educação (CE) aprovou nesta terça-feira (23) projeto de lei que inclui a matéria de "Educação política e direitos da cidadania" na grade curricular obrigatória da educação básica. A comissão também aprovou regime de urgência para o projeto, que segue para o Plenário.

O PL 4088/2023, da Câmara dos Deputados, recebeu relatório favorável pelo senador Styvenson Valentim (Podemos-RN).

O texto altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394, de 1996) e tem como justificativa, segundo o autor, promover a formação de estudantes que saibam usufruir da cidadania e exercê-la em sua plenitude.

O relator ressalta que a educação política e os direitos de cidadania já fazem parte do arcabouço normativo da educação brasileira e a novidade trazida pelo PL é a afirmação de um lugar curricular específico para essa temática, o estudo da realidade social e política, especialmente do Brasil, e sua explicitação como componente curricular obrigatório.

— A nosso ver, essa inovação contribui para assegurar que esses temas sejam efetivamente abordados nas salas de aulas de todas as escolas, de modo a fortalecer os dispositivos mais gerais que a LDB já prevê — argumentou o senador Styvenson.

Agência Senado. Educação política no currículo da educação básica segue para Plenário. *Senado Notícias*, 23 abr. 2024. Disponível em: https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2024/04/23/educacao-politica-no-curriculo-da-educacao-basica-segue-para-plenario. Acesso em: 20 jul. 2024.

1. Imagine que você faz parte da Comissão de Educação do Senado e precisa elaborar um programa de educação política para as escolas. Quais seriam os valores fundamentais que você seguiria para produzir esse programa? O que seria mais importante para transmitir aos estudantes secundaristas sobre a política e o exercício da cidadania? Compartilhe suas ideias com a turma.

NOVOS AGENTES POLÍTICOS

O processo de redemocratização no Brasil, iniciado na década de 1980, após o fim da ditadura militar, trouxe consigo uma transformação significativa no cenário político do país. Esse período marcou o retorno das eleições diretas, a promulgação de uma nova Constituição em 1988 e a abertura para a participação de diversos novos agentes políticos no debate público. Esses novos atores, vindos de diferentes setores da sociedade, contribuíram para a pluralização e democratização do espaço político brasileiro.

A redemocratização permitiu a emergência e o fortalecimento de movimentos sociais representando minorias que, até então, eram marginalizadas ou silenciadas. Movimentos negros, feministas, indígenas e LGBTQIA+ começaram a ganhar visibilidade e voz. A Constituição de 1988, por exemplo, reconheceu os direitos dos povos indígenas às suas terras tradicionais e promoveu a igualdade de gênero e a proteção contra discriminações, pelo menos do ponto de vista formal. Esses movimentos têm lutado por maior inclusão, igualdade de direitos e reconhecimento de suas especificidades culturais e sociais.

Além dos movimentos sociais, a redemocratização também deu espaço para o surgimento de movimentos conservadores, sendo um dos mais atuantes e reconhecidos atualmente o Movimento Brasil Livre (MBL). Esses movimentos, muitas vezes apoiados por setores empresariais e da classe média, têm defendido pautas relacionadas ao livre mercado, à redução do tamanho do Estado e a valores tradicionais de família. A ascensão de figuras políticas que se alinham a essas ideias evidencia a força desses movimentos na política contemporânea brasileira.

A redemocratização, portanto, não apenas facilitou a participação de novos agentes políticos, mas tornou mais complexo o cenário político, introduzindo uma diversidade de interesses e agendas. Essa pluralidade reflete a própria heterogeneidade da sociedade brasileira, na qual múltiplos grupos buscam representar suas demandas e influenciar as políticas públicas.

Filósofas e filósofos como Hannah Arendt e Jürgen Habermas (1929-) ajudam a entender a importância dessa diversidade. Arendt, com sua ênfase na ação e no discurso no espaço público, destaca como a política só se faz possível a partir da pluralidade e da deliberação entre diferentes atores. Habermas, por sua vez, enfatiza a importância da comunicação livre de coerção e do debate racional inclusivo para a legitimação das decisões políticas. Ambos os filósofos nos mostram que a democracia se fortalece quando há espaço para a participação e a expressão de diversos grupos e interesses.

O processo de redemocratização no Brasil ampliou o leque de atores políticos, permitindo que minorias sociais e movimentos conservadores articulassem e disputassem o espaço político. Essa pluralidade de agentes e interesses enriquece a democracia brasileira, embora também traga desafios em termos de negociação e conciliação de demandas muitas vezes conflitantes. A redemocratização, portanto, não apenas resgatou a participação política, como também reafirmou a importância da diversidade e do diálogo para o fortalecimento da democracia no país.

No entanto, é preciso estar atento às ameaças autoritárias que, de tempos em tempos, surgem para atacar as bases do exercício político pleno. Os discursos de ódio sobre pessoas que não se enquadram em padrões normativos de gênero, raça, credo ou orientação sexual fundamentam ações de ódio violentas que buscam não apenas silenciar o outro, mas aniquilá-lo. Não podemos esquecer que toda ação tem antes um discurso que a fundamenta. Toda ação violenta é fundada sobre um discurso violento. Unido a esses discursos, frequentemente, vemos o desejo **reacionário** pela volta a um estado ditatorial que impõe a violência e a censura a qualquer um que ofereça críticas ao regime. Não apenas no Brasil, mas em vários outros países do globo, é possível perceber a ascensão de líderes que pregam o retorno a esse passado mítico.

reacionário: deve-se fazer uma distinção entre o conservadorismo e o reacionarismo. O conservador busca conservar certos valores e tradições que considera perenes (a ideia de família, pátria, moralidade, por exemplo) e dignos de serem mantidos. O reacionário, diferentemente, busca o retorno a um passado imaginário, tal como a nostalgia por uma ditadura militar, compreendida por seus defensores como ordeira, incorruptível, honesta.

Não escreva no livro.

Ricardo Stuckert/PR

A ativista indígena Sônia Guajajara, em Brasília (DF), ao assumir o cargo de ministra dos Povos Indígenas ao lado de demais ministros do governo Lula. Foto de 2023.

REFLEXÃO

Política e violência

Determinadas linhas de pensamento defendem a perspectiva de que a política se faz na base do autoritarismo e da violência. Contudo, toda violência e coerção, em vez de ampliar o debate sobre as questões que nos são importantes, acabam impedindo o próprio exercício da cidadania e da luta por uma sociedade justa. O texto a seguir, de autoria de André Duarte, professor de Filosofia da Universidade Federal do Paraná, comenta a perspectiva de Hannah Arendt sobre a incompatibilidade entre a política e a violência.

> Para entender o pensamento político-filosófico de Arendt é fundamental reconhecer que suas distinções políticas entre poder e violência, entre autoridade e autoritarismo, entre liberdade positiva e negativa, entre público, privado e social etc. [...] não são puros constructos normativos de pensamento, não são postulados ideais ou utópicos, nem, por outro lado, pretendem descrever empiricamente a dinâmica normal e convencional da vida política cotidiana. Antes, suas distinções estão enraizadas na análise conceitual de certos fenômenos políticos minoritários, e mesmo excepcionais, ao longo da história ocidental, os quais, entretanto, constituem instâncias privilegiadas da experiência política democrática, tais como a formação da pólis grega, a república romana, as revoluções da época moderna e as diversas instâncias de resistência coletiva contra o autoritarismo e a violência. Estes instantes raros são aqueles nos quais se revela com maior intensidade as determinações essenciais do político, isto é, a capacidade humana de agir de forma concertada e discutir publicamente assuntos de interesse comum.
>
> Duarte, André. Modernidade, biopolítica e violência: a crítica arendtiana ao presente. *In*: Duarte, André; Lopreato, Christina; Magalhães, Marion Brepohl de (org.). *A banalização da violência*: a atualidade do pensamento de Hannah Arendt. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004. p. 36.

1. Você concorda com a perspectiva de Hannah Arendt comentada no texto? Seria a violência uma prerrogativa legítima para o exercício da ação política entre os cidadãos ou há ações políticas mais eficazes? Por quê?

Não escreva no livro.

QUANDO RELIGIÃO E POLÍTICA SE MISTURAM

Religião e política

A discussão sobre a mistura entre religião e política é antiga e continua sendo relevante em muitos contextos contemporâneos. A laicidade do Estado, princípio que visa separar as instituições religiosas das governamentais, é um dos pilares fundamentais de muitas democracias modernas. Contudo, a realidade mostra que a influência religiosa frequentemente permeia as decisões políticas, moldando políticas públicas e leis.

Dessa mistura, surge um terreno complexo e muitas vezes controverso. A presença de grupos religiosos na esfera política pode trazer tanto desafios quanto oportunidades. Por isso, é fundamental reconhecer e analisar os diferentes aspectos dessa interação para compreender suas implicações para a sociedade.

No Brasil, após o período de redemocratização, em paralelo ao envolvimento de movimentos sociais de minorias e grupos conservadores na política, tornou-se crescente a participação de grupos religiosos no debate público. As igrejas evangélicas, particularmente, aumentaram sua influência política de forma significativa. Com o fortalecimento das bancadas religiosas no Congresso, pautas conservadoras ganharam destaque, e a construção de políticas públicas de áreas como educação sexual nas escolas, direitos LGBTQIA+ e direitos reprodutivos das mulheres passou a ser direcionada de acordo com as convicções religiosas. Todavia, a introdução de leis que refletem exclusivamente uma perspectiva religiosa pode ameaçar a pluralidade e a igualdade de direitos garantidos pela Constituição.

Em outros países, como os Estados Unidos, também é possível perceber a influência do movimento religioso conservador no cenário político. Decisões judiciais e legislações em diversos estados são frequentemente impulsionadas por grupos religiosos, como ocorre com as restrições ao aborto. Lá, como no Brasil, a imposição de valores religiosos específicos pode levar à marginalização de outras crenças e comprometer os direitos individuais.

Outro exemplo de local onde ocorre influência religiosa no governo é o do Afeganistão, que, sob o regime do Talibã, tem a lei islâmica implementada de maneira estrita, restringindo severamente os direitos das mulheres e impondo punições rigorosas a infrações baseadas em uma interpretação conservadora do Islã, o que resulta em um ambiente opressivo e que limita as liberdades individuais.

Waldemir Barreto/Agência Senado

A presença de símbolos religiosos, como crucifixos, em prédios públicos gera intenso debate social acerca da interferência de interesses religiosos na esfera pública. Na foto, é possível observar cruxifixo no Plenário do Senado Federal, em Brasília (DF). Foto de 2022.

Não escreva no livro.

Contudo, os grupos religiosos não se envolveram no discurso público e na ação política apenas do ponto de vista conservador. Em 1984, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) foi fundado, em grande parte, partindo do trabalho de comunidades religiosas que atuavam contra a opressão do regime militar, como a Comissão Pastoral da Terra (CPT) e a Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil (IECLB), que desempenharam um papel crucial na promoção da reforma agrária. Esses esforços ajudaram a melhorar as condições de vida de muitos trabalhadores rurais e a promover justiça social.

Zanone Fraissat/Folhapress

Padre Júlio Lancellotti em ação de distribuição de produtos de higiene à população em situação de rua, no município de São Paulo. Foto de 2023.

Nos Estados Unidos, durante as décadas de 1950 e 1960, líderes religiosos, como o pastor Martin Luther King Jr. (1929-1968), desempenharam um papel central no Movimento pelos Direitos Civis. Inspirados por suas crenças religiosas, esses líderes lutaram pela igualdade racial e pela justiça social, gerando mudanças significativas na legislação e na sociedade estadunidense.

Em suma, a interação entre religião e política pode ter múltiplos aspectos. Enquanto a imposição de políticas baseadas exclusivamente em crenças religiosas pode ameaçar a laicidade do Estado e os direitos individuais, há também exemplos de como a fé pode inspirar ações positivas e que buscam equidade e promoção de justiça social. É importante que a discussão sobre a mistura de religião e política procure um equilíbrio que permita a expressão religiosa sem comprometer os princípios democráticos e os direitos humanos universais, com respeito à diversidade de crenças e baseada no bem comum.

REFLEXÃO

O uso eleitoral do discurso religioso

Nas últimas décadas, temos assistido ao aumento do uso de discursos religiosos em contexto eleitoral. Não é incomum (tampouco recente) que políticos de diferentes matrizes declarem suas fés pessoais como aceno simbólico a grupos religiosos que integrem suas bases eleitorais. O uso de discursos religiosos com a finalidade de "demonizar" oponentes políticos tem chamado a atenção de diversos pesquisadores e setores da sociedade. Sobre esse tipo de discurso, o psicólogo e pesquisador Danillo Lisboa comenta.

> Ao fazer o uso calculado e mal-intencionado da emoção e da fé das pessoas, certos políticos crescem e se fortalecem sem apresentar projetos sólidos que de fato resolvam problemas concretos da população brasileira, como: saúde, educação, moradia, alimentação e renda. A política atravessou a religião e descobriu no Brasil um potencial a ser manipulado e corrompido. No momento da eleição, muitos brasileiros encontraram-se emocionalmente convictos, sem qualquer fundamento concreto de que o atual presidente é um "enviado de Deus" e de que quem o contradiz é o "próprio demônio". Assim, muitos preferiram acreditar que não estávamos em uma disputa eleitoral por projetos políticos, mas, sim, em uma "luta espiritual entre o bem e o mal".
>
> Esse tipo de discurso ganha capilaridade social porque tem ressonâncias antropológicas e psicológicas muito básicas em cada cidadão. Em nossa existência, sabemos que a questão do mal nos apavora, pois a nossa condição humana guarda consigo uma vulnerabilidade e uma fragilidade que colocam o ser humano sedento de algo que o transcenda, que o faça perceber-se maior do que a precariedade das coisas que lhe acontecem e sobre a qual o ser humano não tem um poder total de controle e decisão. Exemplo disso são os próprios fatos que se dão na vida cotidiana como nascimentos, mortes, perdas, doenças, mudanças, envelhecimento, lutos e dores. Podemos ter algum controle sobre esses fenômenos, mas nunca um controle total. [...]

LISBOA, Danillo. A violência de corromper a religião em nome da política. *Jornal da USP*, São Paulo, 1º nov. 2022. Disponível em: https://jornal.usp.br/artigos/a-violencia-de-corromper-a-religiao-em-nome-da-politica/. Acesso em: 27 ago. 2024.

1. Em sua opinião, quais são os riscos de se encarar uma disputa eleitoral como uma "luta espiritual entre o bem e o mal"?

ATIVIDADES

1 **(Enem)**

Se, pois, para as coisas que fazemos existe um fim que desejamos por ele mesmo e tudo o mais é desejado no interesse desse fim; evidentemente tal fim será o bem, ou antes, o sumo bem. Mas não terá o conhecimento, porventura, grande influência sobre essa vida? Se assim é, esforcemo-nos por determinar, ainda que em linhas gerais apenas, o que seja ele e de qual das ciências ou faculdades constitui o objeto. Ninguém duvidará de que o seu estudo pertença à arte mais prestigiosa e que mais verdadeiramente se pode chamar a arte mestra. Ora, a política mostra ser dessa natureza, pois é ela que determina quais as ciências que devem ser estudadas num Estado, quais são as que cada cidadão deve aprender, e até que ponto; e vemos que até as faculdades tidas em maior apreço, como a estratégia, a economia e a retórica, estão sujeitas a ela. Ora, como a política utiliza as demais ciências e, por outro lado, legisla sobre o que devemos e o que não devemos fazer, a finalidade dessa ciência deve abranger as das outras, de modo que essa finalidade será o bem humano.

Aristóteles. Ética a Nicômaco. *In*: *Pensadores*. São Paulo: Nova Gunman, 1991 (adaptado).

Para Aristóteles, a relação entre o sumo bem e a organização da *pólis* pressupõe que

a) o bem dos indivíduos consiste em cada um perseguir seus interesses.
b) o sumo bem é dado pela fé de que os deuses são os portadores da verdade.
c) a política é a ciência que precede todas as demais na organização da cidade.
d) a educação visa formar a consciência de cada pessoa para agir corretamente.
e) a democracia protege as atividades políticas necessárias para o bem comum.

2 **(Enem)**

TEXTO I

Aquele que não é capaz de pertencer a uma comunidade ou que dela não tem necessidade, porque se basta a si mesmo, não é em nada parte da cidade, embora seja quer um animal, quer um deus.

Aristóteles. *A política*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

TEXTO II

Nenhuma vida humana, nem mesmo a vida de um eremita em meio à natureza selvagem, é possível sem um mundo que, direta ou indiretamente, testemunhe a presença de outros seres humanos.

Arendt, H. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense, 1995.

Associados a contextos históricos distintos, os fragmentos convergem para uma particularidade do ser humano, caracterizada por uma condição naturalmente propensa à

a) atividade contemplativa.
b) produção econômica.
c) articulação coletiva.
d) criação artística.
e) crença religiosa.

3 **(Enem)**

Subjaz na propaganda tanto política quanto comercial a ideia de que as massas podem ser conquistadas, dominadas e conduzidas, e, por isso, toda e qualquer propaganda tem um traço de coerção. Nesse sentido, a filósofa Hanna Arendt diz que "não apenas a propaganda política, mas toda a moderna publicidade de massa contém um elemento de coerção".

Aguiar, O. A. Veracidade e propaganda em Hannah Arendt. *In*: *Cadernos de Ética e Filosofia Política 10*. São Paulo: Edusp, 2007 (adaptado).

Não escreva no livro.

À luz do texto, qual a implicação da publicidade de massa para a democracia contemporânea?

a) O fortalecimento da sociedade civil.
b) A transparência política das ações do Estado.
c) A dissociação entre os domínios retóricos e a política.
d) O combate às práticas de distorção de informações.
e) O declínio do debate político na esfera pública.

4 (UEG)

> As histórias, resultado da ação e do discurso, revelam um agente, mas este agente não é autor nem produtor. Alguém a iniciou e dela é o sujeito, na dupla acepção da palavra, mas ninguém é seu autor.
>
> Arendt, Hannah. A condição humana. *Apud* Sátiro, A; Wuensch, A. M. *Pensando melhor*: iniciação ao filosofar. São Paulo: Saraiva, 2001. p. 24.

A filósofa alemã Hannah Arendt foi uma das mais refinadas pensadoras contemporâneas, refletindo sobre eventos como a ascensão do nazismo, o Holocausto, o papel histórico das massas etc. No trecho citado, ela reflete sobre a importância da ação e do discurso como fomentadores do que chama de "negócios humanos".

Nesse sentido, Arendt defende o seguinte ponto de vista:

a) A condição humana atual não está condicionada por ações anteriores, já que cada um é autor de sua existência.
b) A necessidade do ser humano de ser autor e produtor de ações históricas lhe tira a responsabilidade sobre elas.
c) O agente de uma nova ação sempre age sob a influência de teias preexistentes de ações anteriores.
d) O produtor de novos discursos sempre precisa levar em conta discursos anteriores para criar o seu.

5 (UEL)

> A utilização da Internet ampliou e fragmentou, simultaneamente, os nexos de comunicação. Isto impacta no modo como o diálogo é construído entre os indivíduos numa sociedade democrática.
>
> (Adaptado de: Habermas, J. O caos da esfera pública. *Folha de São Paulo*, 13 ago. 2006, Caderno Mais!, p. 4-5.)

A partir dos conhecimentos sobre a ação comunicativa em Habermas, considere as afirmativas a seguir.

I. A manipulação das opiniões impede o consenso ao usar os interlocutores como meios e desconsiderar o ser humano como fim em si mesmo.
II. A validade do que é decidido consensualmente assenta-se na negociação em que os interlocutores se instrumentalizam reciprocamente em prol de interesses particulares.
III. Como regra do discurso que busca o entendimento, devem-se excluir os interlocutores que, de algum modo, são afetados pela norma em questão.
IV. O projeto emancipatório dos indivíduos é construído a partir do diálogo e da argumentação que prima pelo entendimento mútuo.

Assinale a alternativa correta.

a) Somente as afirmativas I e II são corretas.
b) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

6 Com base nas discussões desenvolvidas neste capítulo, como você explicaria a um amigo ou conhecido o que é política e qual é sua importância?

ESTÚDIO FILOSÓFICO

O FENÔMENO POLÍTICO EM JÜRGEN HABERMAS

Neste capítulo, debatemos sobre o conceito de política e a importância da discussão racional sobre as questões que dizem respeito aos seres humanos como indivíduos que vivem em conjunto. Desde a Antiguidade grega, as reflexões sobre como a humanidade se constitui e como ela pode se organizar politicamente são produzidas por filósofos e teóricos políticos com a finalidade de tornar evidente o que significa o fazer político autêntico. Vimos o que a filósofa Hannah Arendt compreende por política e como ela a distancia da violência e da mera administração burocrática.

Nesse contexto, o filósofo alemão Jürgen Habermas oferece-nos uma visão complementar à atividade política concebida por Arendt. Vamos conhecer um pouco mais sobre esse filósofo e suas ideias acerca do fenômeno político.

Davi Augusto Studio/ID/BR

PERFIL

Jürgen Habermas nasceu em 18 de junho de 1929 em Düsseldorf, na Alemanha. Ele é um dos mais influentes filósofos e sociólogos contemporâneos, conhecido principalmente por sua teoria da ação comunicativa e por suas contribuições à teoria crítica da Escola de Frankfurt. Habermas estudou Filosofia, História, Psicologia e literatura alemã nas universidades de Göttingen, Zurique e Bonn. Sob a orientação de Max Horkheimer (1895-1973) e Theodor Adorno (1903-1969), concluiu seu doutorado em Filosofia em 1954.

Habermas é uma figura central no pensamento político contemporâneo, especialmente por sua defesa da democracia deliberativa. Ele acredita que a legitimidade das instituições democráticas depende da participação ativa dos cidadãos no debate público. Sua ênfase na ação comunicativa como base para o entendimento e o consenso oferece uma visão robusta para superar conflitos e promover justiça social.

OBRAS-CHAVE

- *A inclusão do outro* (2018)
- *O Ocidente dividido* (2006)
- *Entre naturalismo e religião* (2005)
- *A ética da discussão e a questão da verdade* (2003)
- *Direito e democracia: entre facticidade e validade* (1992)
- *O discurso filosófico da modernidade* (1985)
- *Consciência moral e agir comunicativo* (1983)
- *Teoria do agir comunicativo* (1981)
- *A lógica das Ciências Sociais* (1967)
- *Teoria e práxis* (1962)
- *Mudança estrutural da esfera pública* (1962)

EM LEITURA

A teoria do agir comunicativo é uma das contribuições mais significativas de Habermas. Em sua obra principal, *Teoria do agir comunicativo* (1981), ele desenvolve a ideia de que a comunicação racional é a base da vida social. O filósofo argumenta que a modernidade deve ser guiada pela razão comunicativa, na qual a legitimidade das normas sociais é estabelecida por meio do discurso racional e do consenso alcançado livremente entre indivíduos.

Não escreva no livro.

No trecho a seguir, retirado do prefácio de *Direito e democracia: entre facticidade e validade* (1992), o autor apresenta seu projeto de enfrentamento às crises pelas quais as democracias ocidentais contemporâneas estão passando. Apesar de ser um texto da década de 1990, Habermas traça um perfil das crises da democracia que ainda são dramaticamente atuais.

> Nas atuais sociedades ocidentais, a política perde sua autoconsciência e a orientação perante o desafio iminente de uma delimitação ecológica iminente do crescimento econômico e da disparidade crescente entre as condições de vida no Norte e no Sul; perante a tarefa historicamente peculiar da reorganização de sociedades onde imperava o socialismo de Estado; perante a pressão das correntes migratórias oriundas das regiões empobrecidas do Sul e do Oriente; perante os riscos de novas guerras étnicas, nacionais e religiosas, de chantagens atômicas e de lutas internacionais de partilha. Aquém dos floreios retóricos, predomina a pusilanimidade. Nas próprias democracias estabelecidas, as instituições existentes da liberdade não são mais inatacáveis, mesmo que a democracia aparentemente continue sendo o ideal das populações. Suponho, todavia, que a inquietação possui uma razão mais profunda: ela deriva do pressentimento de que, numa época de política inteiramente secularizada, não se pode ter nem manter um Estado de direito sem democracia radical. A presente pesquisa pretende transformar esse pressentimento num saber explícito. Finalmente, convém ter em mente que os sujeitos jurídicos privados não podem chegar ao gozo das mesmas liberdades subjetivas, se eles *mesmos* – no exercício comum de sua autonomia política – não tiverem clareza sobre interesses e padrões justificados e não chegarem a um consenso sobre aspectos relevantes, sob os quais o que é igual deve ser tratado como igual e o que é diferente deve ser tratado como diferente.
>
> Não me iludo sobre os problemas e os estados de ânimo provocados por nossa situação. Todavia, estados de ânimo – e filosofias de estados de ânimo melancólicos – não conseguem justificar o abandono derrotista dos conteúdos radicais do Estado democrático de direito; eu proponho, inclusive, um novo modo de ler esses conteúdos, mais apropriado às circunstância de uma sociedade complexa. Caso contrário, eu deveria escolher um outro gênero literário – talvez o do diário de um escritor helenista, preocupado apenas em documentar para a posterioridade as promessas não cumpridas de sua cultura decadente.
>
> Habermas, Jürgen. *Direito e democracia*: entre facticidade e validade, v. 1. Tradução: Flávio Beno Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997. p. 13.

Para Habermas, é crucial que as pessoas, no exercício comum de sua autonomia política, tenham clareza sobre interesses e padrões justificados e cheguem a um consenso sobre os aspectos relevantes. Segundo ele, uma democracia verdadeira só pode existir quando os indivíduos estão ativamente envolvidos na deliberação pública e comprometidos com o bem comum, superando interesses particulares em favor de uma sociedade mais justa e equitativa.

PARA CONCLUIR

1. **Conforme o texto, qual é a importância do consenso entre os sujeitos jurídicos privados na manutenção das liberdades subjetivas?**
2. **Em sua opinião, as democracias (incluindo a nossa) vivem um período de crise?**
3. **Você acha que a construção de consensos a partir de debates racionais e livres é importante para o exercício da política e para a ampliação das liberdades democráticas? Explique.**
4. **De acordo com o texto, por que a política nas democracias estabelecidas está perdendo sua autoconsciência e orientação?**

AMPLIANDO

AS INCÔMODAS FILHAS DE EVA

Marlene Bergamo/Folhapress

Ivone Gebara, em 2012.

A filósofa e teóloga Ivone Gebara (1944-) é o perfeito exemplo de que política e religião se discutem. Nascida em São Paulo (SP), em 1944, Gebara é uma das mais influentes teólogas e filósofas feministas da América Latina. Ela é membro da Congregação de Nossa Senhora – Cônegas de Santo Agostinho e tem doutorado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo (SP) e doutorado em Ciências Religiosas pela Universidade Católica de Louvain, na Bélgica. Durante sua carreira, Gebara destacou-se por ter contribuído com reflexões radicais a respeito da teologia feminista, do ecofeminismo, da luta pelos direitos das mulheres e da justiça social na América Latina.

O continente latino-americano é marcado pelo passado colonial de exploração dos povos originários, assim como pela injustificada exploração da mão de obra escrava dos negros e dos indígenas. A fundação da América Latina pelos imperialismos espanhol e português legou às nações um passado de exploração, violência e expropriação que ainda ressoa no presente de maneira avassaladora, assim como a catequização e a imposição de uma só religião a todos os que estavam sob o domínio dos impérios católicos colonizadores. Em grande parte, por conta dessas contingências históricas, nosso continente se desenvolveu a partir de oceânicas desigualdades sociais, de gênero e de credo.

O ecofeminismo de Ivone Gebara busca conectar profundamente as questões ecológicas e feministas com a teologia e a prática política, reconhecendo a interdependência entre a opressão de gênero e a exploração da natureza. Para Gebara, a crise ecológica e a desigualdade de gênero são dois lados da mesma moeda, ambos resultantes de estruturas de poder patriarcais e antropocêntricas que desvalorizam tanto as mulheres quanto o meio ambiente. Ao unir essas lutas, Gebara oferece um novo paradigma para as ações social e política, em que o respeito à diversidade de vida e à igualdade entre os gêneros caminham juntos.

Sobre as questões políticas e sociais que assolam o continente americano e, sobretudo, as mulheres, escreve a filósofa:

> Como a teologia da libertação viu a destruição de nossa Terra, nossa casa maior? Não é resposta fácil, pois estávamos imersos nas ditaduras militares, na miséria e nas muitas injustiças vividas pelo povo da América Latina. Por isso não se trata de um julgamento, mas de uma tensão significativa entre a adesão teológica a uma tradição patriarcal e um convite para repensar a herança cristã em moldes mais amplos e inclusivos do mundo natural.
>
> Alguns teólogos da libertação como Leonardo Boff e Frei Betto mais recentemente se abriram para a ciência ecológica e a astrofísica como mediações para a teologia da libertação [...]. Entretanto, essa abertura não significou uma mudança radical de paradigmas e estruturas do pensamento teológico tradicional. Com isso, estou afirmando que há uma percepção mais ou menos clara de que cada vez que nos abrimos para uma problemática nova na teologia cristã, especialmente a católica romana, podemos apenas incluí-la na grande lista de problemas humanos, mas não admitimos a revisão e reformulação da dogmática teológica. Agimos como se ela fosse um depósito elástico no qual os novos problemas se incluem, porém não modificamos a textura e a forma do recipiente. O grande desafio é modificar a forma do recipiente, pois ele acaba dando a todas as novidades e desafios a forma antiga, como se ela fosse imutável e imortal. Sem dúvida há o risco da dissolução do depósito, mas o risco maior é o da explosão do planeta, da extinção de muitas espécies inclusive a humana, caso as ideologias religiosas, suas posses, palácios, poderes e privilégios, não mudem sua forma verticalista de ver o mundo. Nessa linha, podemos dizer que alguns teólogos e teólogas ensaiaram a mudança do "depósito elástico", porém chegaram a ser severamente criticados por seus pares visto que pareciam desviar a causa da libertação social para um paradigma considerado distante da injusta realidade cotidiana. Não se percebeu a necessidade de outra história quando a velha história da criação já não era mais significativa e performativa. O velho mito, de fato, formou por

Não escreva no livro.

muitos séculos nossas emoções e convicções em relação às origens e à conservação do mundo. Através dele tínhamos certa ordem nas perguntas e respostas sobre nossas origens, muito embora nossos sofrimentos continuassem os mesmos na sua diversidade.

Um vazio significativo tomou conta de nós, um vazio que expressava a necessidade de outra história de nossas origens, outra compreensão da inter-relação de nossos corpos, afirmando-nos como corpo da terra e o divino mistério em tudo. Mas, introduzir essas novidades significava mais uma vez destronar velhos poderes e permitir o nascimento de dúvidas e turbulentas emoções.

A nova história do universo acompanhou a crítica a uma visão colonialista e patriarcal da Bíblia e da Tradição das Igrejas cristãs, assim como dos dogmas cristãos na sua formulação canônica. Não faltaram estudos nessa linha. Entretanto, a questão ecológica foi para muitos apenas um adendo, uma inclusão, uma incorporação no discurso libertário e talvez até incentivo em vista de algumas práticas sociais e ecológicas pontuais. Porém, não significou uma real mutação que sem desprezar as cosmovisões e mitos do passado, acrescentaria a elas a dimensão evolutiva do universo e de nossos conhecimentos e permitiria um tipo de leitura mais humilde de nossa Tradição – enxertada em um movimento mais amplo. Entretanto, uma contrapartida foi imediatamente sentida. O movimento na direção dos fundamentalismos religiosos restaurou com força o uso abusivo da Bíblia como palavra divina que cura e dá segurança aos fiéis. Além disso, proporcionou o desenvolvimento de moralismos e uma recusa de integrar os novos avanços da ciência física às perguntas teológicas de nossa tradição, apenas uma tradição entre outras.

Creio, de fato, que os processos de mudança são lentos, também para a geração que viveu com foco na centralidade das relações entre os humanos e Deus a partir das categorias analíticas de esquerda. Nesses processos, a Bíblia e até a tradição de alguns Padres da Igreja podiam entrar, mas não havia chance para as questões ecológicas, as da astrofísica, os feminismos e a maioria das conquistas científicas. Por isso, para muitos libertários a ecologia e particularmente a ecologia profunda, que se atrelava à ciência astrofísica e à teoria da evolução, significou um desvio das grandes questões da libertação. Sem perceber, talvez, continuavam a situar o ser humano no centro do universo ou no centro da História e muitos imaginavam que ao falar do processo evolutivo da vida e da morte da vida, das florestas, rios, mares e animais, era uma espécie de romantismo sem saídas políticas reais. Temos dificuldade de conectar os conteúdos teológicos que nos ensinaram e os reproduzimos como produtores também de formas indiretas de destruição da vida. Ao apontar o dedo acusador dos outros insaciáveis de poder e de dinheiro, não percebemos que nossas teorias teológicas lhes dão sustento e indiretamente também são responsáveis pela destruição do mundo natural na medida em que permitem convergir todas as vidas do planeta para a dominação humana. Não podemos mais ignorar a interdependência nas relações sociais, nos conhecimentos e com todas as formas de vida. Ninguém é inocente dos crimes coletivos e individuais quando se trata do planeta.

Ouso afirmar que não se trata aqui primeiro de um problema religioso específico, mas de um problema de sustentação filosófica da teologia. De fato, o Cristianismo, a partir de sua estrutura antropocêntrica/androcêntrica, contribuiu para acentuar comportamentos parciais e limitativos das relações humanas com o chamado "mundo natural". Reafirmou-se através dos mitos creacionais uma Terra voltada para o homem e sob o domínio do homem. Entretanto, quando aludimos à história do universo, ao chamado Big Bang, entramos numa referência mais ampla porque se trata da explosão criadora do universo, de um evento captado pela ciência, evento comum a toda nossa galáxia, ao planeta, aos seres vivos e aos seres humanos. As tradições religiosas na sua diversidade se enxertariam como momentos pontuais nessa história ampla e em contínua evolução no esforço de não reduzir o comum ao próprio e de não apropriar-se da totalidade dos sentidos. Essa acolhida da unicidade originária na diversidade de expansões poderia possibilitar formas de diálogo e respeito às diferentes reverberações da vida. Como ensina Thomas Berry, astrofísico católico, os diferentes mitos e tradições provêm de necessidades culturais e contextuais de diferentes povos. Nenhuma pode pretender a supremacia sobre as outras [...].

Gebara, Ivone. A teologia da libertação e as mulheres. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, v. 23, 2020. Disponível em: https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/61023. Acesso em: 31 jul. 2024.

1 **Como a relação entre religião e política é retratada no texto e qual é seu impacto na sociedade atual?**

2 **Por que a autora afirma que o problema principal não é religioso, mas de sustentação filosófica da teologia, em relação à nova história do Universo?**

3 **Você acha que uma integração maior entre os seres humanos, a partir da igualdade de gênero e do cuidado com a natureza, pode fazer do mundo um lugar melhor, em que a vida humana e a dos demais seres vivos possam atingir uma plenitude pacífica ainda não vista?**

Não escreva no livro.

CAPÍTULO 12 CAPÍTULO 12 CAPÍTULO 12

NÓS SOMOS O ESTADO

1. O que você entende por Estado? Em sua opinião, qual seria a função do Estado?
2. Você acredita que os seres humanos precisam de um Estado para viver bem? Por quê?

Na era das redes sociais e da multiplicidade de informações disseminadas a todo momento entre bilhões de seres humanos, alguns conceitos que fundaram nossas modernas sociedades políticas acabam sendo compreendidos de maneira vaga, genérica e, muitas vezes, causando uma rejeição ao objeto conceituado. Um deles é o conceito de Estado. É comum vermos ataques severos ao Estado: ele não serve para nada; ele apenas beneficia as classes dominantes; ele é autoritário e não permite a liberdade e a livre-iniciativa dos indivíduos, etc. Mas, se pararmos para pensar sobre o que o Estado efetivamente é, nos confundimos e não conseguimos oferecer uma resposta objetiva e clara.

Ao longo da história do pensamento político, o Estado foi caracterizado de diversas formas a partir de suas circunstâncias histórico-políticas e, se quisermos compreender o que significa o Estado atualmente, precisamos entender como o seu sentido foi sendo modificado até aqui.

Uma coisa é certa: o Estado é uma criação da modernidade e não se confunde com as outras formas de sociedades políticas pré-modernas que o antecederam. Para uma primeira definição, podemos dizer que o Estado é a organização político-jurídica de uma sociedade, com a finalidade de realizar o bem comum a partir de um governo próprio e de um território determinado.

Podemos atribuir ao Estado duas significações: ele é um processo de auto-organização da sociedade a partir de um governo autônomo e, portanto, o Estado somos todos nós; mas também pode ser entendido como um aparelho que governa a sociedade a partir de uma posição exterior a ela. No primeiro sentido, Estado é uma forma de governo; no segundo, é uma máquina administrativa centralizada.

Coleção particular. Fotografia: Bridgeman Images/ Easy Mediabank

O Leviatã, de Abraham Bosse, 1651. Gravura colorizada.

Não escreva no livro.

ALGUMAS FORMAS DE PENSAR O ESTADO

O Estado é um conceito moderno, mas não apenas isso. Ele não é somente uma construção teórica, mas uma realidade efetiva que começa a se constituir a partir de meados do século XIII na Europa. Um dos primeiros pensadores a oferecer uma compreensão dessa nova forma de organização política e jurídica foi o filósofo, autointitulado "secretário florentino", Nicolau Maquiavel (1469-1527). O pensamento político de Maquiavel é revolucionário, pois rompe com as teorias da sociabilidade natural e com as ideias teológicas sobre o poder político que reinavam durante a Idade Média. Para ele, o que configura o Estado é a noção de soberania. O Estado, então, se caracteriza como um poder central soberano, ou seja, é ele quem decide de maneira concentrada as questões exteriores e interiores da coletividade.

Maquiavel rompe com a tradição política clássica e afirma a originalidade e a autonomia do político em relação à moral tradicional. Longe de ser um defensor da tirania e da imoralidade do exercício político por parte do soberano que governa o Estado, Maquiavel reflete sobre uma nova moral para a atividade da política. Se na moral tradicional cristã certos mandamentos determinam a conduta boa e justa do indivíduo, estes mesmos princípios levariam os Estados ao caos. Imagine um Estado que precisa se proteger de um inimigo externo levar às últimas consequências o mandamento "não matarás". Este sucumbiria a qualquer hostilidade inimiga. Em sua obra *O Príncipe*, Maquiavel dá conselhos a um soberano que possa utilizar de violência moderada para que o Estado garanta o equilíbrio entre seus cidadãos, que professam ideias e vontades distintas e conflitantes. Cabe ao soberano, portanto, servir-se da violência para produzir um equilíbrio tenso entre os partidos e os grupos conflitantes. De acordo com Sérgio Cardoso, professor do departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), em artigo para a revista *discurso*: "o caminho seria aquele do equilíbrio tenso e da mútua vigilância dos opositores [...]." (disponível em: https://www.revistas.usp.br/discurso/issue/download/8489/1372; acesso em: 13 ago. 2024). Longe da defesa de um Estado tirânico, em que os fins justificam os meios (algo que Maquiavel nunca professou nem defendeu), o soberano precisa servir-se dos meios corretos para atingir os fins visados. Nem todo meio, portanto, serve para o fim que se deseja, afinal, o mal nunca deve ser praticado para atingir fins egoístas. Essa prerrogativa é a do indivíduo, jamais a do Estado. Então, Maquiavel defende que o Estado é o poder soberano que produz leis para a garantia da liberdade civil. Se, em sua obra *O Príncipe*, dá conselhos sobre como manter ou conquistar o poder para um monarca, isto é só para estabelecer um primeiro ambiente de ordem que pode conduzir ao tipo de organização política que ele defende: a República.

Museu de Florença, Itália. Fotografia: Bridgeman Images/Easy Mediabank

Vista da cadeia, aquarela sobre papel atribuída a Francesco di Lorenzo Rosselli, *c.* 1490. A obra mostra um panorama da República de Florença na época da produção de Maquiavel (entre os séculos XV e XVI).

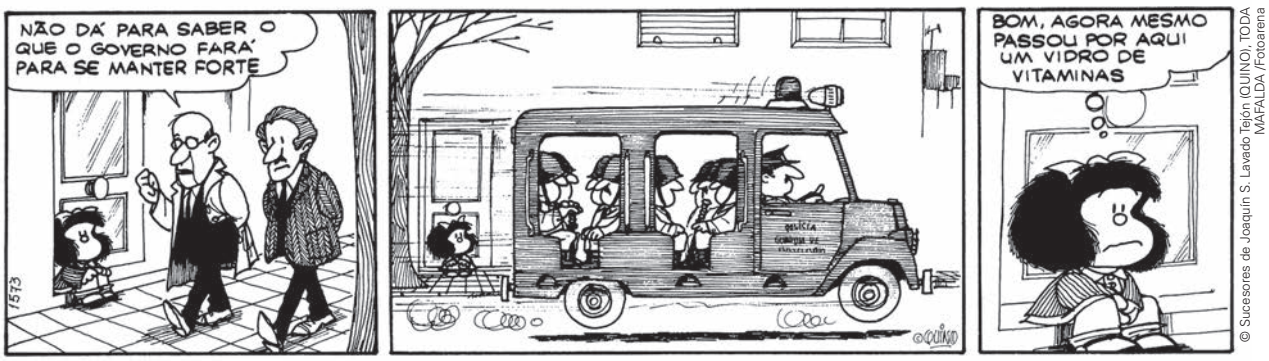
O pensamento do filósofo Thomas Hobbes, na esteira de Maquiavel, é a próxima contribuição para a compreensão do conceito de Estado moderno. Para ele, nada na natureza prepara os humanos para o estado de sociedade. Muito pelo contrário, o Estado é construído por meio de um artifício: o contrato social. Dado que o estado de natureza é insustentável, para esse grande mal deve-se criar um grande remédio: o Estado regido por um soberano, que será a fonte jurídica de todas as leis. Para que a violência generalizada da natureza tenha fim, a paz deve ser instituída a partir da transferência do poder de todos os indivíduos para o Estado. Não à toa o frontispício de *Leviatã,* livro de Hobbes que apresenta essa noção de Estado com poderes absolutos e ilimitados e cuja ilustração foi apresentada na abertura deste capítulo, tem a imagem de um soberano gigante (remontando à figura bíblica do Leviatã) que é composto de seus súditos. Ou seja, o Estado é uma criação artificial detentora do poder que foi dado por seus integrantes, operando uma desigualdade necessária: os indivíduos não têm mais nenhum poder, e o Estado é que determina, por meio de leis e do uso da coerção, as políticas que serão criadas para sua manutenção. A soberania do Estado-Leviatã, portanto, é indivisível e ilimitada e sua única função é garantir a tranquilidade e o bem-estar de seus integrantes.

John Locke, considerado o pai do liberalismo moderno, aceita a origem do Estado apresentada por Hobbes, mas discorda da função que ele deve ter. Para Locke, o Estado não pode ser absolutamente poderoso, já que é sua função garantir a liberdade e a individualidade estabelecida em nossa natureza. Locke pensa em um sistema que deve limitar o poder pelo poder, ou seja, criar instâncias institucionais para que o poder do soberano não seja absoluto. Em sua obra *Dois tratados do governo civil*, Locke vai desenhar a divisão dos poderes do Estado entre o Legislativo e o Executivo, que serviriam para regular e limitar o poder das instituições estatais. Contudo, para Locke, são os cidadãos que fundam este Estado e são eles que devem decidir qual será o corpo legislativo e o do governo. Os cidadãos têm, de fato, o poder de determinar qual é a forma que o Estado tomará. Em Hobbes, apenas o Estado dispõe de direitos e quase nenhum dever. Em Locke, os direitos pertencem aos cidadãos, sendo dever do Estado garantir o bem-estar deles.

Contudo, é com o filósofo Charles de Montesquieu (1689-1755) que a teoria da separação dos poderes ganha a forma como a conhecemos hoje. Para ele, assim como para Locke, o poder precisa ser limitado pelo poder, ou seja, são necessárias instâncias separadas, mas interdependentes, de poder estatal que fiscalizem e limitem umas às outras. Montesquieu irá desenhar a distinção dos poderes entre o Legislativo, o Executivo e o Judiciário. Eis o desenho que chegou até os dias atuais: o do Estado liberal. Esse pequeno percurso nos mostra como as ideias têm poder. A Filosofia e os filósofos, ao longo da história, foram desenhando (e não apenas imaginando) a própria forma como nossos Estados, efetivamente, foram construídos. As ideias importam, e muito.

INTERAÇÃO

1. Após a leitura do texto desta página, relacione as ideias de algum dos autores apresentados neste capítulo à tira da personagem Mafalda.



© Sucesores de Joaquín S. Lavado Tejón (QUINO), TODA MAFALDA /Fotoarena

Tira de Quino com a personagem Mafalda, 1971.

Não escreva no livro.

O ESTADO COMO O CONHECEMOS

O conceito de Estado, tal como o vivenciamos na América Latina, especialmente no Brasil, é resultado de um longo processo histórico marcado por diversas influências, desde a colonização até as recentes ondas de democratização. Para entender o que caracteriza o Estado na América Latina, é essencial compará-lo a outras formas de Estado e refletir sobre a concepção de poder e sua origem.

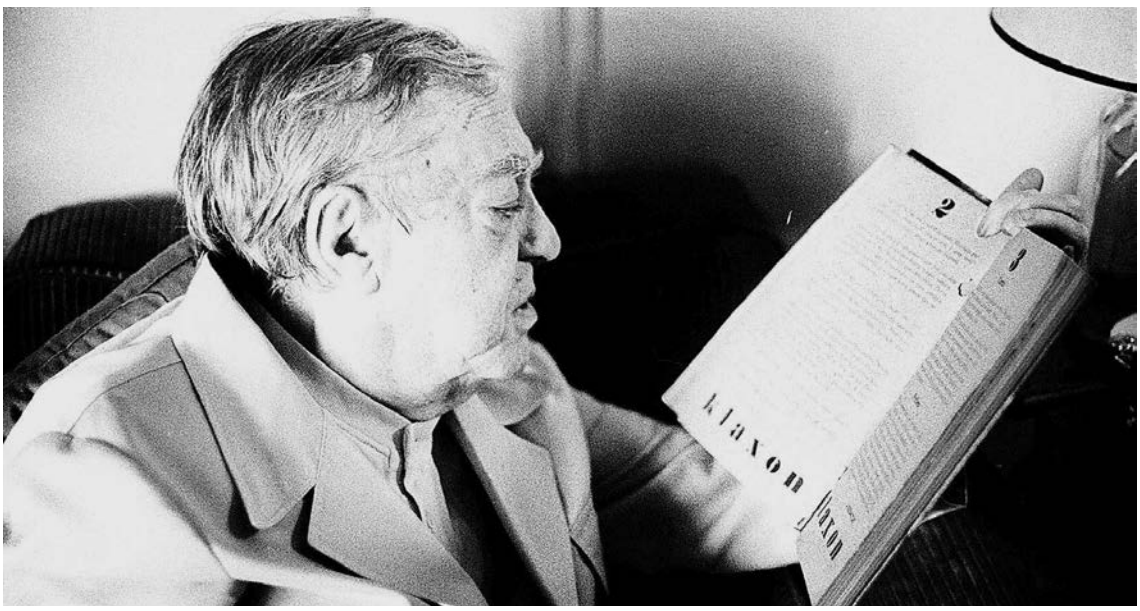
Na América Latina, o Estado se desenvolveu sob a influência colonial europeia, especialmente portuguesa e espanhola. Esse desenvolvimento trouxe consigo um modelo de administração centralizado e burocrático, voltado para a exploração dos recursos naturais e a manutenção da ordem colonial. Após os processos de independência ocorridos no século XIX, muitos países latino-americanos herdaram e adaptaram as estruturas estatais coloniais, enfrentando o desafio de construir uma identidade nacional e um sistema político próprio.

No Brasil, o Estado tem características únicas. Inicialmente, a monarquia portuguesa estabeleceu uma administração centralizada e hierárquica. Após a independência, o Brasil manteve essa centralização com a formação do Império e, posteriormente, com a transição para a República. O Estado brasileiro contemporâneo é uma federação, com poderes distribuídos entre a União, os estados e os municípios. Entretanto, essa descentralização é frequentemente desafiada por tensões regionais e desigualdades socioeconômicas.

Segundo o pensador social brasileiro Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982), a formação do Estado brasileiro apresenta uma singularidade, já que, enraizados na colonização pelo Império português, constituímos nossa vida política a partir de uma ordem patrimonial. O patrimonialismo pode ser entendido como uma relação promíscua entre a vida pública e a vida privada. Em sua obra *Raízes do Brasil*, Sérgio Buarque de Holanda reflete sobre a constituição do Estado brasileiro e suas características distintivas.

A colonização portuguesa, com seu modelo de administração e exploração, deixou marcas profundas na organização política e social do Brasil. Diferentemente de outras colônias, onde a imigração europeia foi massiva e criou uma base populacional estável, no Brasil, a colonização se deu de forma dispersa e muitas vezes predatória, com a economia voltada para a extração de riquezas e a utilização intensiva do trabalho escravo. Uma das contribuições mais conhecidas de Buarque de Holanda é o conceito de "homem cordial". Ele utiliza esse termo para descrever uma característica predominante na sociedade brasileira: a ênfase nas relações pessoais de fundo emotivo em detrimento das relações impessoais e racionais típicas de sociedades mais burocráticas e institucionalizadas. Esse personalismo, segundo o autor, influencia a maneira como o poder é exercido no Brasil, favorecendo a informalidade, o favoritismo e o clientelismo.

Em um Estado patrimonialista, as fronteiras entre o público e o privado são difusas, e o poder é frequentemente utilizado para benefício pessoal ou de grupos específicos. Essa característica é um legado das práticas coloniais e se manifesta nas instituições brasileiras por meio do uso pessoal dos recursos públicos, da corrupção e da falta de uma cultura de serviço público impessoal e eficiente.



F. Cícero/Folhapress

Sérgio Buarque de Holanda em seu escritório no município de São Paulo. Foto de 1982.

Acervo Iconographia/Reminiscências

Bandeira estadual sendo depositada em uma pira para ser incinerada, durante cerimônia no dia 2 de dezembro de 1937 na Esplanada do Russell, no Rio de Janeiro (RJ). O ato simbólico, encomendado pelo então presidente Getúlio Vargas, representava o fim dos poderes locais e a centralização do poder federativo na figura da presidência da República e do governo federal.

Por conta dessa herança, por mais que a forma do Estado brasileiro lembre aquela pensada por Montesquieu – afinal de contas, vivemos em uma república federativa, democrática e liberal cujo Estado distingue seus poderes entre o Executivo, o Legislativo e o Judiciário –, ainda não conseguimos atingir um nível de maturidade desejável para que o Estado deixe de responder aos interesses pessoais de seus governantes. Antes da década de 1930, por exemplo, os governadores dos estados que formam nossa federação eram chamados de presidentes e o poder do Estado era difuso. O presidente Getúlio Vargas (1882-1954), em um gesto simbólico de fundação do Estado Novo brasileiro, queima as bandeiras de todos os estados, elevando a bandeira do Brasil e dando um fim à chamada política do café com leite, a saber, aquela em que apenas proprietários de terras de São Paulo e Minas Gerais ascendiam ao poder para manter seus interesses privados.

Até hoje é possível sentir na configuração de nosso estamento político essa herança patrimonial quando o carreirismo político ainda representa um negócio de família. Grande parte de nossos representantes na Câmara e no Senado são oriundos de famílias influentes em suas regiões, proprietários de grandes conglomerados midiáticos, industriais, agrícolas e financeiros que defendem os próprios interesses no exercício da política.

Em contraste com o modelo latino-americano, muitos Estados europeus se desenvolveram a partir de um longo processo de consolidação interna, frequentemente marcado por guerras, revoluções e negociações entre diferentes poderes feudais. Por exemplo, a formação dos Estados-nação modernos na Europa, como a França e a Inglaterra, envolveu a centralização do poder e a criação de identidades nacionais fortes. Esses processos ajudaram a estabelecer Estados relativamente homogêneos em termos de cultura e identidade.

De onde vem o poder?

Podemos entender o poder político como a capacidade de ação de um Estado, a partir de um governo, de dar ordens aos cidadãos e fazê-las serem cumpridas. O poder político, portanto, é a capacidade de determinar o comportamento dos outros.

O sociólogo Max Weber define poder como a capacidade de um indivíduo ou grupo de realizar sua vontade, mesmo contra a resistência de outros. O filósofo Michel Foucault, por outro lado, concebe o poder como algo disseminado em todas as relações sociais, sendo exercido através de discursos e práticas que moldam o comportamento e o pensamento das pessoas, e não apenas a partir da centralidade do Estado.

Conforme Weber, há três tipos de poder que podem ser descritos. O primeiro, o poder legal-racional, é o tipo de poder predominante nos Estados modernos liberais, baseado em normas e regras impessoais. No Brasil, a Constituição Federal de 1988 é a fonte fundamental desse tipo de poder, pois estabelece as bases legais para a governança e para os direitos dos cidadãos. Não podemos esquecer o que a Constituição diz no artigo primeiro: "Parágrafo único. Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente, nos termos desta Constituição" (disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm; acesso em: 13 ago. 2024). O segundo tipo de poder é o tradicional, que se funda na legitimidade das tradições e das instituições históricas. No contexto brasileiro, elementos desse tipo de poder podem ser observados nas práticas políticas regionais e nas influências culturais remanescentes do período colonial. O terceiro tipo de poder, o carismático, deriva da autoridade pessoal e das qualidades excepcionais (não necessariamente boas) de um líder.

Não escreva no livro.

PARADOXOS DA DEMOCRACIA

A democracia representativa

A democracia, enquanto sistema político, é frequentemente celebrada por sua capacidade de promover a liberdade, a igualdade e a participação popular. No entanto, ela também está repleta de paradoxos que desafiam as próprias fundações e o próprio funcionamento. Esses paradoxos não apenas revelam as complexidades inerentes ao conceito democrático, mas também destacam as tensões entre os ideais democráticos e a realidade prática.

Desde Platão, a democracia vem sofrendo severas críticas. Principalmente em sua obra *A República*, o filósofo ateniense critica o sistema político de sua época (muito diferente do nosso) por permitir que qualquer um, nos debates públicos, possa emitir suas opiniões e conduzir o destino da cidade. Para Platão, era inconcebível que um cidadão, apenas por ser convincente e capaz de persuadir todos os outros, pudesse ser responsável por decisões que dizem respeito a todos. Platão pensava que a cidade justa deveria supor uma ciência do político e, portanto, quem deveria governar e ser responsável pelo destino da cidade seria aquele que sabe o que é a justiça, conhece sua ideia e sabe como introduzi-la na cidade, ou seja, apenas aqueles que provaram, pelo exercício e pelo estudo, sua capacidade de saber é que poderiam comandar. Segundo o filósofo, o poder deve ser derivado do saber, antes de mais nada, daquilo que é justo e bom para todos. Apesar de essa ideia de Platão poder nos conduzir para uma tirania, ele levanta uma questão ainda atual: Como é possível que pessoas que não fazem a menor ideia do que significam o bem comum, a justiça e a política comandem o Estado?

Nas democracias contemporâneas, como a brasileira, a questão da participação apresenta um paradoxo. A democracia idealiza a participação ativa e informada de todos os cidadãos. No entanto, na prática, nem todos os cidadãos têm o mesmo nível de interesse, conhecimento ou recursos para participar efetivamente da democracia. Isso pode levar a uma situação em que apenas uma parte da população, frequentemente a mais privilegiada, esteja engajada, enquanto os mais desfavorecidos permanecem marginalizados. Esse paradoxo questiona a própria legitimidade das decisões democráticas, se elas são tomadas sem a participação plena e igualitária de todos os cidadãos.

As democracias buscam promover a liberdade e a igualdade, mas a liberdade irrestrita pode levar a desigualdades significativas. Por exemplo, a liberdade econômica pode resultar em grandes disparidades de riqueza e poder, o que, por sua vez, pode minar a igualdade de oportunidades e a justiça social. Ao tentar equilibrar liberdade e igualdade, as democracias muitas vezes se veem em um dilema: Até que ponto se deve restringir a liberdade para promover a igualdade?

Alexandre Beck/Acervo do cartunista

Tira de Alexandre Beck, com a personagem Armandinho, sobre a responsabilidade dos cidadão para com a defesa da democracia, 2019.

Um Estado democrático de direito?

Quando falamos da ascensão dos Estados nacionais modernos, estamos pensando em uma organização política e jurídica que, dentro de um determinado território, estabelece as diretrizes para a vida em sociedade. O Estado, portanto, é um Estado de direito, ou seja, ele se funda em um ordenamento jurídico determinado do qual ele mesmo é fonte. Se há Estado, é porque há um ordenamento jurídico que o fundou. Lembre-se do que sustentou a filosofia de Thomas Hobbes.

Mas, para além de um Estado de direito, as tentativas de limitar o poder soberano, o único que tinha direitos, e ampliar a liberdade dos indivíduos, surgiu a figura do sujeito de direitos. Ora, um Estado democrático de direito é aquele que garante direitos a seus cidadãos, e não apenas deveres, em relação à ordem social. A ideia de direitos universais dos seres humanos, fundados a partir do século XVIII e do Iluminismo, conduziu à compreensão política de que a função do direito político era o de assegurar, a partir das instituições públicas, a proteção dos direitos e das liberdades de todos os cidadãos.

O conceito de Estado de direito surge na Alemanha com o termo *Rechtsstaat*, no século XIX, que corresponde ao de outras línguas, como *État de droit* em francês, *Law State* em inglês, e *Stato di diritto* em italiano, por exemplo. Esse conceito foi construído para se opor ao conceito de Estado autoritário, ou Estado de Polícia. Em suma, o Estado democrático de direito é um sistema político e jurídico em que a autoridade e a administração do Estado são exercidas conforme princípios democráticos e subordinadas ao império da lei. Isso significa que todos os cidadãos, incluindo governantes, estão sujeitos às leis e têm seus direitos fundamentais protegidos. Nesse sistema, o poder é dividido entre diferentes órgãos para garantir a separação de poderes, e a participação popular é essencial na tomada de decisões políticas. Em síntese, é um Estado no qual a democracia e o respeito às leis e aos direitos humanos coexistem e se reforçam mutuamente.

AÇÃO E CIDADANIA

A constituição e os direitos

Muito se fala em respeito aos direitos, às leis e às liberdades individuais. Em nosso país, é muito comum ouvirmos, ao mesmo tempo, a defesa absoluta da liberdade individual e a evocação de um regime ditatorial, que sempre se consolida na figura de um ou mais tiranos. O texto a seguir exemplifica muito bem a noção de pessoas que vivem em um sistema que se funda no respeito à lei e de pessoas que vivem em um sistema que obedece a um tirano.

"[...] em meados do século IV a.C., quando o historiador Heródoto quer explicar a vitória da Grécia sobre os Bárbaros, quando das duas guerras médicas, ele põe em evidência a superioridade dos cidadãos combatentes, que não têm outro senhor além da Lei e que comandam a si mesmos, em comparação com os guerreiros do Império Persa, que obedecem a um homem e não têm outras motivações além do interesse e do temor".

Châtelet, François; Duhamel, Olivier; Pisier-Kouchner, Evelyne. *História das ideias políticas*. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. p. 14.

Museu da República, Rio de Janeiro. Fotografia: Estúdio Aldemir Martins

Tela do artista plástico Aldemir Martins, feita na década de 1980, uma das várias obras sobre a Constituinte produzidas para o Centro Pró-Memória da Constituinte (CPMC).

1. **No texto acima, os autores enfatizam que os gregos se orgulhavam de não obedecerem a ninguém, senão à lei. Qual seria a grande diferença entre obedecer às leis ou a algum tirano?**

2. **Leia os primeiros artigos da Constituição de 1988 com os colegas e, juntos, reflitam sobre os direitos básicos nos quais o Estado brasileiro está fundado.**

Não escreva no livro.

Como morrem as democracias?

Os teóricos políticos e professores da Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, Steven Levitsky (1968-) e Daniel Ziblatt (1972-) publicaram em 2018 o livro *Como as democracias morrem*, que de imediato se tornou um clássico da literatura política. Segundo os autores, as democracias não são apenas mantidas por constituições e leis, mas também por normas democráticas informais. Duas normas são particularmente importantes: a tolerância mútua, na qual rivais políticos aceitam a legitimidade uns dos outros, e a reserva institucional, em que os políticos exercem autolimitação no uso do poder. A quebra dessas normas, segundo os autores, é um sinal evidente de que uma democracia está em perigo.

Há também quatro sinais, segundo os autores, que podem nos alertar sobre comportamentos autoritários de líderes políticos: primeiro, a rejeição ou a aceitação conveniente das regras democráticas do jogo, que inclui atos como a contestação da legitimidade das eleições, da atuação e legitimidade do Judiciário ou até mesmo forçar mudanças nas regras para favorecer seu grupo de atuação. Em segundo lugar, tem-se a negação da legitimidade dos oponentes políticos, rotulando-os como criminosos ou inimigos da nação, em vez de serem considerados adversários políticos legítimos. Em terceiro lugar, há o encorajamento da violência contra oponentes políticos ou a tolerância de atos de violência por parte de apoiadores. Em último lugar, temos a disposição para restringir as liberdades civis dos oponentes e a censura da mídia.

REFLEXÃO

Como salvar a democracia?

Se na obra *Como as democracias morrem*, Levitsky e Ziblatt analisam o enfraquecimento de sistemas democráticos no mundo ocidental, em *Como salvar a democracia*, de 2022, os autores apresentam importantes reflexões sobre os desafios para a reconstrução e o fortalecimento da democracia nos Estados Unidos. Segundo a perspectiva dos autores, não existe uma resposta simples e única para fortalecer o sistema democrático, em vez disso, a construção de uma democracia multirracial, isto é, de um sistema político com eleições regulares, livres e justas, na qual cidadãos de todos os grupos étnicos têm direito ao voto e a liberdades civis básicas, envolve reformas sociais profundas que levam em consideração a atuação ativa de diversos atores sociais, como podemos observar no trecho a seguir.

> Os eleitores jovens também aderiram à luta pela democracia multirracial durante os anos de Donald Trump na presidência. A Geração Z é a mais diversificada da história dos Estados Unidos. É também a que se sente mais incomodada com a situação atual da política americana e, de longe, a mais comprometida com os princípios da democracia multirracial. De acordo com uma pesquisa realizada em 2022 pelo Institute of Politics de Harvard, dois terços de eleitores prováveis com idade entre dezoito e 29 anos acham que a democracia americana está "em dificuldade" ou "fracassou". Da mesma forma, pesquisas do Pew Research Center revelaram que dois terços dos americanos nessa faixa etária apoiaram o movimento *Black Lives Matter* em 2021. Os americanos jovens são mais propensos do que gerações anteriores a apoiar a imigração e a preferir bairros mais diversificados. Essa é a geração que vai garantir a democracia multirracial nos Estados Unidos.

Selcuk Acar/Anadolu/Getty Images

Manifestantes reúnem-se no Washington Square Park, parque público da cidade de Nova York, para pedir justiça pelo assassinato da policial Sonya Massey, de 36 anos, em sua casa, no estado de Illinois, Estados Unidos. Foto de 2024.

Levitsky, Steven; Ziblatt, Daniel. *Como salvar a democracia*. Rio de janeiro: Zahar, 2023. *E-book*.

1. **Você considera que jovens de sua idade estão mais comprometidos com valores democráticos e com assuntos políticos e sociais? Por quê?**
2. **Dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) apontam que entre 2018 e 2022 houve um aumento de 52,3% no comparecimento de jovens entre 16 e 17 anos nas eleições federais no Brasil. Em sua opinião, o que pode explicar o aumento de eleitores dessa faixa etária?**

ATIVIDADES

1 **(Mackenzie)**

> Um príncipe sábio não pode nem deve manter-se fiel às suas promessas quando, extinta a causa que o levou a fazê-las, o cumprimento delas lhes traz prejuízo. Este preceito não seria bom se os homens fossem todos bons. Como, porém, são maus e, por isso mesmo, faltariam à palavra que caso nos dessem, nada impede venhamos nós a faltar também à nossa. Razões legítimas para encobrir esta inobservância, tê-las-á sempre o príncipe, e de sobra.
>
> Maquiavel, *O Príncipe*. 1512.

Sabemos que Maquiavel alterou profundamente o modo como se via e se praticava política até então. Nessa passagem, podemos observar uma dessas alterações.

Assinale a alternativa que corresponde à alteração proposta.

a) O seu texto propõe a divisão da sociedade em governantes e governados.
b) É possível observar a separação entre ética e política proposta por Maquiavel.
c) O pensador italiano é o primeiro teórico a usar métodos racionais para pensar a política.
d) Temos a ideia de estado de natureza, em que os homens são bons, e de estado civil, em que os homens são maus.
e) Em *O Príncipe*, o autor descobre, mediante sua prática como diplomata, que o bom governante é aquele que respeita a maldade dos homens.

2 **(Uema)**

> Para Thomas Hobbes, os seres humanos são livres em seu estado natural, competindo e lutando entre si, por terem relativamente a mesma força. Nesse estado, o conflito se perpetua através de gerações, criando um ambiente de tensão e medo permanente. Para esse filósofo, a criação de uma sociedade submetida à Lei, na qual os seres humanos vivam em paz e deixem de guerrear entre si, pressupõe que todos renunciem à sua liberdade original. Nessa sociedade, a liberdade individual é delegada a um só dos homens que detém o poder inquestionável, o soberano.
>
> Fonte: Malmesbury, Thomas Hobbes de. *Leviatã ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil*. Trad. João Paulo Monteiro; Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1997.

A teoria política de Thomas Hobbes teve papel fundamental na construção dos sistemas políticos contemporâneos que consolidou a(o)

a) Monarquia Paritária.
b) Despotismo Soberano.
c) Monarquia Republicana.
d) Monarquia Absolutista.
e) Despotismo Esclarecido.

3 **(Enem)**

> Para que não haja abuso, é preciso organizar as coisas de maneira que o poder seja contido pelo poder. Tudo estaria perdido se o mesmo homem ou o mesmo corpo dos principais, ou dos nobres, ou do povo, exercesse esses três poderes: o de fazer leis, o de executar as resoluções públicas e o de julgar os crimes ou as divergências dos indivíduos. Assim, criam-se os poderes Legislativo, Executivo e Judiciário, atuando de forma independente para a efetivação da liberdade, sendo que esta não existe se uma mesma pessoa ou grupo exercer os referidos poderes concomitantemente.
>
> Montesquieu, B. *Do espírito das leis*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

A divisão e a independência entre os poderes são condições necessárias para que possa haver liberdade em um Estado. Isso pode ocorrer apenas sob um modelo político em que haja

Não escreva no livro.

a) exercício de tutela sobre as atividades jurídicas e políticas.
b) consagração do poder político pela autoridade religiosa.
c) concentração do poder nas mãos de elites técnico-científicas.
d) estabelecimento de limites aos atores públicos e às instituições do governo.
e) reunião das funções de legislar, julgar e executar nas mãos de um governante eleito.

4 **(CEPERJ)**

O capítulo 5 "O Homem Cordial" da obra *Raízes do Brasil* (Holanda, 1990) é, sem dúvida, um dos mais discutidos do clássico livro da historiografia brasileira. É nele que o autor destaca uma característica cultural, própria dos brasileiros, como a tendência a não achar agradáveis as relações impessoais, típicas das ações do Estado, procurando reduzi-las ao padrão pessoal, familiar e afetivo. Esta tendência do "homem cordial" a comportamentos de aparência afetiva, dificulta a formação no Brasil de uma sociedade urbana de tipo moderno. Um importante conceito, derivado das reflexões de Max Weber, que o referido autor utiliza para ressaltar a tendência brasileira de aceitar quando não, promover, certa promiscuidade entre interesses pessoais e familiares e as instituições do Estado é o conceito de:

a) patrimonialismo
b) gerencialismo
c) coronelismo
d) racionalidade
e) legitimação

5 **Com base nos quatro sinais de alerta de comportamentos autoritários identificados por Levitsky e Ziblatt, como a rejeição ou a fraca aceitação das regras democráticas do jogo podem impactar a legitimidade de um processo eleitoral e a confiança pública nas instituições democráticas?**

6 **(FGV)**

Como as democracias morrem

O retrocesso democrático hoje começa nas urnas. Não há tanques nas ruas. Constituições e outras instituições nominalmente democráticas restam vigentes e as pessoas ainda votam. Autocratas eleitos mantêm um verniz de democracia enquanto corroem a sua essência. Muitos esforços do governo para subverter a democracia são "legais", no sentido de que são aprovados pelo Legislativo ou aceitos pelos tribunais. Eles podem até mesmo ser retratados como esforços para aperfeiçoar a democracia – tornar o Judiciário mais eficiente, combater a corrupção ou limpar o processo eleitoral. Os jornais continuam a ser publicados, mas são intimidados e levados a se autocensurar. A erosão da democracia é, para muitos, quase imperceptível.

Adaptado de Levitsky, Steven e Ziblatt, Daniel. *Como as democracias morrem*. Rio de Janeiro: Zahar, 2018, p. 17-18.

A partir do texto, relacione [no caderno] os indicadores do processo de erosão endógena das democracias aos exemplos apresentados.

1 Rejeição das regras do jogo democrático.
2 Negação da legitimidade dos oponentes políticos.
3 Redução das liberdades civis e da mídia.
4 Controle das instituições, como o Judiciário.

( ) Em 2018, o primeiro-ministro húngaro Viktor Orbán modificou as normas de nomeação para a Suprema Corte, garantindo uma maioria de juízes alinhados a seu partido e com jurisdição sobre a lei eleitoral e o direito de manifestação.
( ) Em 2016, no último debate presidencial, Donald Trump declarou que não reconheceria o resultado das urnas, caso a oponente vencesse as eleições.
( ) A partir de 2016, o governo Erdoğan, na Turquia, usou a tentativa de golpe militar contra seu governo para antecipar as eleições e reprimir a oposição de jornalistas, funcionários públicos e políticos.
( ) A partir de 2017, Nicolás Maduro obteve, na Assembleia Nacional Constituinte, a cassação dos principais partidos políticos adversários e indiciou seus opositores como traidores da Venezuela.

ESTÚDIO FILOSÓFICO

O TOTALITARISMO EM HANNAH ARENDT

Neste capítulo, discutimos sobre o conceito de Estado, poder e democracia e vimos como seus fundamentos remetem ao início da modernidade. Estudamos a importância de uma organização política que tenha como finalidade o bem comum e a segurança de seus cidadãos e a relevância de pensarmos sobre o tipo de vida que desejamos viver coletivamente. As preocupações acerca das características, das funções e dos poderes das sociedades políticas datam desde a Antiguidade clássica grega e continuam sendo urgentes até os dias atuais.

A filósofa alemã Hannah Arendt contribuiu muito para as reflexões sobre a vida política dos seres humanos, a importância dos Estados nacionais e a necessidade de respeitarmos a democracia e a pluralidade dos indivíduos. Ela foi testemunha da derrocada dos Estados nacionais europeus com a ascensão do Estado totalitário nazista e vislumbrou ali a destruição da política e da possibilidade de convivência das pessoas como animais políticos. Vamos conhecer um pouco mais sobre essa filósofa e suas ideias a respeito do totalitarismo.

Davi Augusto Studio/ID/BR

PERFIL

Johanna Cohn Arendt nasceu em 1906 na Alemanha, em uma família bem estabelecida de judeus seculares, e morreu em 1975 em Nova York, nos Estados Unidos. Arendt estudou Filosofia na Universidade de Marburg, onde foi aluna do ilustre filósofo Martin Heidegger (1889-1976). Posteriormente, transferiu-se para a Universidade de Heidelberg, onde concluiu seu doutorado sob a orientação de Karl Jaspers (1883-1969), com uma tese sobre o conceito de "amor" em Santo Agostinho. Foi professora de diversas instituições de ensino prestigiadas nos Estado Unidos.

A relevância de Arendt na temática da política e do Estado é profunda, tendo em vista que ela concebe a política não como um meio para alcançar um fim, mas como um espaço vital no qual a liberdade e a pluralidade humanas se realizam. Para Arendt, a política é essencialmente um espaço de aparência, em que os indivíduos revelam quem são e aparecem para as outras pessoas por meio de palavras e ações. Ela defende a existência de um espaço público onde os cidadãos podem debater, discordar e agir coletivamente.

OBRAS-CHAVE

- *A vida do espírito* (1978)
- *Sobre a revolução* (1963)
- *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal* (1963)
- *Entre o passado e o futuro* (1961)
- *A condição humana* (1958)
- *As origens do totalitarismo* (1951)

EM LEITURA

Em sua obra *As origens do totalitarismo*, Arendt examina os regimes totalitários do século XX, principalmente o nazismo, argumentando que esses sistemas de governo eram fundamentalmente diferentes das formas tradicionais de tirania. Ela identifica três elementos essenciais do totalitarismo: o uso do terror, a propaganda ideológica e o desprezo pela realidade factual. Arendt mostra como esses regimes não apenas reprimem a liberdade, mas também destroem a própria capacidade humana de pensar e julgar.

Não escreva no livro.

Seria um erro ainda mais grave esquecer, em face dessa impermanência, que os regimes totalitários, enquanto no poder, e os líderes totalitários, enquanto vivos, sempre "comandam e baseiam-se no apoio das massas". A ascensão de Hitler ao poder foi legal dentro do sistema majoritário, e ele não poderia ter mantido a liderança de tão grande população, sobrevivido a tantas crises internas e externas, e enfrentado tantos perigos de lutas intrapartidárias, se não tivesse contado com a confiança das massas. Isso se aplica também a Stálin. Nem os julgamentos de Moscou nem a liquidação do grupo de Rohm teriam sido possíveis se essas massas não tivessem apoiado Stálin e Hitler. A crença generalizada de que Hitler era simplesmente um agente dos industriais alemães e a de que Stálin só venceu a luta sucessória depois da morte de Lênin graças a uma conspiração sinistra são lendas que podem ser refutadas por muitos fatos e, acima de tudo, pela indiscutível popularidade dos dois líderes. Não se pode atribuir essa popularidade ao sucesso de uma propaganda magistral e mentirosa que conseguiu arrolar a ignorância e a estupidez. Pois a propaganda dos movimentos totalitários, que precede a instauração dos regimes totalitários e os acompanha, é invariavelmente tão franca quanto mentirosa, e os governantes totalitários em potencial geralmente iniciam suas carreiras vangloriando-se de crimes passados e planejando cuidadosamente os seus crimes futuros. Os nazistas "estavam convencidos de que o mal, em nosso tempo, tem uma atração mórbida"; os bolchevistas diziam não reconhecer os padrões morais comuns, e essa afirmação, feita dentro e fora da Rússia, tornou-se um dos pilares da propaganda comunista; e a experiência demonstrou que o valor propagandístico do mal e o desprezo geral pelos padrões morais independem do interesse pessoal, que se supõe ser o fator psicológico mais poderoso na política.

[...]

O sucesso dos movimentos totalitários entre as massas significou o fim de duas ilusões dos países democráticos em geral e, em particular, dos Estados-nações europeus e do seu sistema partidário. A primeira foi a ilusão de que o povo, em sua maioria, participava ativamente do governo e todo indivíduo simpatizava com um partido ou outro. Esses movimentos, pelo contrário, demonstraram que as massas politicamente neutras e indiferentes podiam facilmente constituir a maioria num país de governo democrático e que, portanto, uma democracia podia funcionar de acordo com normas que, na verdade, eram aceitas apenas por uma minoria. A segunda ilusão democrática destruída pelos movimentos totalitários foi a de que essas massas politicamente indiferentes não importavam, que eram realmente neutras e que nada mais constituíam senão um silencioso pano de fundo para a vida política da nação. Agora, os movimentos totalitários demonstravam que o governo democrático repousava na silenciosa tolerância e aprovação dos setores indiferentes e desarticulados do povo, tanto quanto nas instituições e organizações articuladas e visíveis do país. Assim; quando os movimentos totalitários invadiram o Parlamento com o seu desprezo pelo governo parlamentar, pareceram simplesmente contraditórios; mas, na verdade, conseguiram convencer o povo em geral de que as maiorias parlamentares eram espúrias e não correspondiam necessariamente à realidade do país, solapando com isto a dignidade e a confiança dos governos na soberania da maioria.

ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. Tradução: Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 356-362.

Hannah Arendt argumenta que o totalitarismo emerge como uma resposta distorcida que proporciona às massas uma sensação de pertencimento e propósito, porém à custa da supressão da individualidade e da submissão completa à ideologia dominante. A crítica de Arendt ao totalitarismo e ao autoritarismo permanece relevante hoje, especialmente em tempos de crescente polarização política e desafios à democracia.

Arendt alerta-nos sobre os perigos da conformidade e do pensamento irrefletido, enfatizando a necessidade de uma cidadania ativa e vigilante que respeite, antes de mais nada, a pluralidade de nossa humana condição, assim como ressalta a importância de uma constante defesa das liberdades civis e do pensamento crítico como barreiras contra a tirania.

PARA CONCLUIR

1. **Como você analisa a relação entre líderes populistas contemporâneos e a confiança das massas? Existe similaridade com o apoio que Hitler e Stálin receberam à época, em seus regimes?**
2. **Em sua opinião, o uso político das redes sociais influencia a popularidade de líderes autoritários? Por quê? As redes sociais desempenham um papel similar ao da propaganda no século XX?**
3. **De acordo com o texto, quais são os elementos que desmistificam a ideia de que Hitler e Stálin eram apenas agentes de conspirações maiores?**
4. **Como a propaganda dos movimentos totalitários é caracterizada no texto e qual é seu impacto na ascensão de líderes totalitários?**

PRÁTICAS DE PESQUISA

DICIONÁRIO DE TERMOS POLÍTICOS

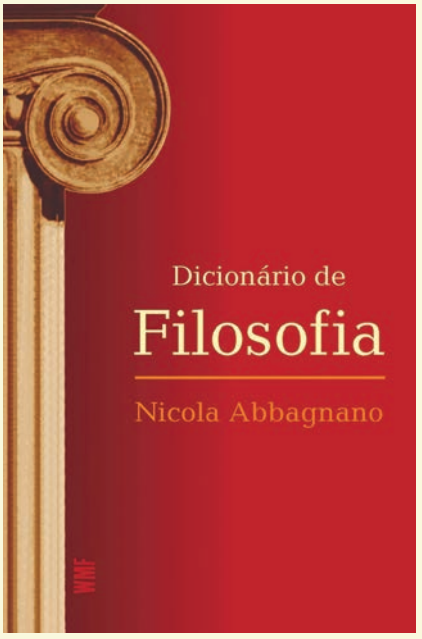
Para começar

O dicionário é um instrumento que serve para nos orientar sobre os sentidos e os usos das palavras para que possamos expressar nossas ideias da forma mais precisa possível. Um dicionário de conceitos, por sua vez, reúne termos relevantes para uma determinada área do conhecimento e suas diferentes formas de entendimento e de uso na literatura especializada, citando sempre o autor que popularizou um uso específico. Nesse sentido, um dicionário de termos políticos é um dicionário de conceitos que tem a política como objeto de investigação e orientação.

Observe a seguir uma das definições do termo "Política", segundo o *Dicionário de Filosofia*, de Nicola Abbagnano (Martins Fontes, 2007).

POLÍTICA [...]. Com esse nome foram designadas várias coisas, mais precisamente: 1º a doutrina do direito e da moral; 2º a teoria do Estado; 3º a arte ou a ciência do governo; 4º o estudo dos comportamentos intersubjetivos

1º O primeiro conceito foi exposto em Ética, de Aristóteles. A investigação em torno do que deve ser o bem e o bem supremo, segundo Aristóteles, parece pertencer à ciência mais importante e mais arquitetônica: "Essa ciência parece ser a política. Com efeito, ela determina quais são as ciências necessárias nas cidades, quais as que cada cidadão deve aprender, e até que ponto" [...]. Este conceito da [Política] teve vida longa na tradição filosófica. Hobbes, [por exemplo], dizia: "A [Política] e a ética, ou seja, a ciência do justo do injusto, do equânime do iníquo, podem ser demonstradas *a priori*, visto que nós mesmos fizemos os princípios pelos quais se pode julgar o que é justo e equânime, ou seus contrários, vale dizer, as causas da justiça, que são as leis ou as convenções [...]. Neste sentido, Althusius dava a seu tratado sobre o direito natural o título de Política *methodice digesta* (1603), e todas as obras sobre direito natural foram consideradas tratados de [Política].



WMF Martins Fontes/Arquivo da editora

Abbagnano, Nicola. Política. *In*: Abbagnano, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 773.

O problema

De que formas é possível sistematizar termos e conceitos políticos de maneira acessível para consulta cotidiana?

A investigação

- Prática de pesquisa: dicionário de termos políticos

Material

- Dispositivos para acesso à internet ou consulta na biblioteca
- Caderno, lápis e caneta para anotações
- Folhas de papel avulsas para impressão (se necessário)

Não escreva no livro.

Procedimentos

Parte I – Apresentação e definição

1. Primeiramente, pesquisem dicionários de conceitos políticos já existentes. Há alguns, inclusive brasileiros e com acesso *on-line* gratuito, no qual vocês podem se basear. Alguns exemplos: *Dicionário de conceitos políticos do Instituto Legislativo Paulista*, de Any Ortega (org.) e *Dicionário de Política*, de Norberto Bobbio.
2. Organizem-se em duplas ou trios de modo que cada dupla/trio seja responsável por uma ou duas letras do alfabeto.
3. Cada dupla/trio deve selecionar pelo menos dois conceitos relevantes na política que começam com a letra selecionada.
4. Escolhidos os termos, a turma toda se reúne e avalia se concorda com os conceitos pré-selecionados.

Parte II – Investigação

1. Na biblioteca ou no laboratório de informática da escola, pesquisem as seguintes informações para cada conceito:
   a) Quem são/foram os principais pensadores a discutir esse conceito?
   b) Como eles definiram esses conceitos?
   c) Em quais obras desses pensadores esses conceitos foram definidos?
2. Organizem as informações encontradas cronologicamente e tentem relacionar as definições para o mesmo conceito: A definição de uma autora ou de um autor reafirma ou invalida a definição anterior? Ou a definição é um desdobramento da primeira definição? Se possível, insiram uma citação curta para estruturar melhor seu texto.
3. Elaborem um texto claro e impessoal para cada definição. O objetivo é apenas mostrar o que cada autor ou autora pensa sobre determinado conceito, e não expressar a opinião da dupla ou do trio.

Parte III – Elaboração do dicionário

1. Compartilhem o texto escrito pela dupla ou pelo trio com a turma. Isso pode ser feito de forma impressa ou por meio de compartilhamento *on-line* para que a turma toda acesse todos os textos.
2. Leiam os textos dos colegas e façam comentários que possam ajudar a melhorar a definição do conceito: As informações estão claras? O texto é impessoal? Os autores ou as autoras selecionados foram inseridos adequadamente?

Questões para discussão

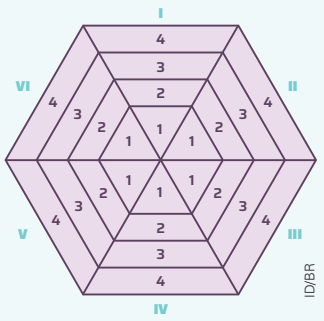
1. Os conceitos são interpretados sempre da mesma maneira pelos autores ou pelas autoras ao longo das épocas?
2. Há definições de um mesmo conceito que se relacionam? Se sim, de que forma? Se não, por quê?
3. O texto elaborado para a definição do conceito está compreensível, didático e impessoal?

Comunicação dos resultados

A pesquisa da turma só será útil se o dicionário for disponibilizado para a comunidade. Reúnam todos os verbetes em um único arquivo e escrevam uma introdução explicando para a comunidade qual é a função desse dicionário. Procurem uma imagem para a capa que represente o empenho da turma na elaboração do dicionário de termos políticos – alguém da turma pode até ser responsável pela arte dessa imagem – e depois insiram-na no arquivo. Por fim, criem um documento digital em PDF com o conteúdo produzido e divulguem na escola e entre conhecidos, contribuindo com a conscientização da comunidade quanto à participação política.

O QUE APRENDI: AUTOAVALIAÇÃO

PARTE A



ID/BR

Como você acha que foi seu desempenho ao longo desta unidade?

- Reproduza no caderno a figura ao lado, renumerando-a conforme o modelo.
- Agora, leia as perguntas da tabela **A** e as possíveis respostas na tabela **B**.

TABELA A
I. Realizei as leituras e atividades no tempo planejado?
II. Respeitei todas as regras de trabalho e colaborei com o(a) professor(a) e os colegas?
III. Fui proativo na execução de atividades em grupo ou dupla?
IV. Mantive minhas anotações organizadas?
V. Desenvolvi as propostas de trabalho de modo autônomo e responsável?
VI. Utilizei materiais complementares para estudar?

TABELA B		
Campos para colorir	**Respostas**	**Cor indicada**
1	Nunca	Vermelho
2	Às vezes	Laranja
3	Sempre	Amarelo
4	Superei minhas expectativas	Verde

- Inicie a autoavaliação, respondendo a cada uma das perguntas presentes na tabela **A**. Como resposta a cada pergunta, escolha entre as opções de 1 a 4.
- No caderno, pinte a figura, preenchendo os campos nas cores correspondentes às suas respostas, conforme indicado na tabela **B**. Por exemplo: se na primeira pergunta da tabela **A** você respondeu que "Sempre" realizou as leituras e atividades no tempo planejado, deverá pintar de amarelo o campo 3 no eixo da pergunta I.
- Ao final, some os pontos dos campos coloridos e, no decorrer do estudo do volume, compare-os com as pontuações entre as unidades.

ID/BR

Não escreva no livro.

PARTE B

Para avaliar o que você aprendeu, reúna-se em dupla ou em grupo e comente suas respostas para as seguintes questões:

Capítulo 10 – Ser em sociedade

1. Identifiquei quais são os aspectos fundamentais para o bem viver?
2. Entendi a diferença entre comunidade e sociedade civil?
3. Refleti sobre o conceito de sociedade e de sua elaboração como uma construção artificial?
4. Discuti a importância do reconhecimento social para os indivíduos?
5. Compreendi a relevância da discussão sobre precariedade e vulnerabilidade?

Capítulo 11 – Política: um conceito amplo e plural

6. Compreendi como a política se manifesta no poder público e na vida cotidiana?
7. Distingui as diferentes concepções do conceito de política?
8. Refleti sobre as consequências da antipolítica e da rejeição aos tradicionais agentes políticos?
9. Discuti sobre o impacto das redes sociais e das *fake news* no debate político?
10. Identifiquei os principais riscos e ameaças à democracia?

Capítulo 12 – Nós somos o Estado

11. Compreendi o que significa um Estado democrático de direito?
12. Refleti sobre a importância do pensamento filosófico para a teoria política?
13. Discuti sobre o dilema entre liberdade e igualdade na democracia?
14. Entendi a relação entre poder político e legitimidade no contexto de um Estado moderno?
15. Refleti sobre as implicações da soberania popular na construção e na manutenção de uma democracia?
16. Compreendi como o totalitarismo se diferencia de outras formas de governo, mesmo autoritários, especialmente no que diz respeito à propaganda ideológica?

Thiago Limón/ID/BR

Não escreva no livro.

PARA IR ALÉM

Capítulo 10 – Ser em sociedade

Barunson E&A e CJ Entertainment/ID/BR

Parasita

Parasita é um filme de suspense sul-coreano que explora as diferenças de classe por meio da história da família Kim, que se infiltra na vida da rica família Park. Com astúcia e manipulação, os Kim gradualmente se estabelecem na casa dos Park, mas suas ações levam a consequências inesperadas e violentas, revelando as profundas desigualdades sociais e a luta pela sobrevivência em um mundo implacável.

Parasita. Direção: Bong Joon Ho. Coreia do Sul, 2019 (132 min).

WMF Martins Fontes/Acervo da editora

O ser humano é um ser social

Nesse livro, Marilena Chaui reflete filosoficamente acerca da vida em sociedade, a partir de questões como: "O ser humano é um ser social?"; "Ele poderia viver isoladamente?". A obra também aborda questões como a liberdade, a alienação e o poder, oferecendo uma análise crítica das estruturas sociais que influenciam o comportamento e o pensamento humano.

Chaui, Marilena. *O ser humano é um ser social*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

Participa + Brasil/Brasil participativo

O Participa + Brasil é uma plataforma digital criada com o propósito de aprimorar o processo de participação social com a disponibilização de módulos, iniciando-se pelo sistema de consultas públicas, seguido de um ambiente específico para os órgãos colegiados federais e de um espaço para divulgação de audiências públicas. A plataforma é um instrumento em convergência com compromissos da Parceria para Governo Aberto (*Open Government Partnership* – OGP) e recomendações da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

O objetivo do canal é fortalecer a cidadania, viabilizando a participação dos indivíduos na formulação, na implementação, no monitoramento e na avaliação das políticas públicas, reduzindo intermediários e facilitando o diálogo direto entre governo e cidadão. Busca-se, assim, maximizar a transparência no processo de tomada de decisões no âmbito do governo federal.

Participa + Brasil. Disponível em: https://www.gov.br/participamaisbrasil/. Acesso em: 17 jul. 2024.

Disponível em: https://www.gov.br/participamaisbrasil/pagina-inicial. Acesso em: 7 ago. 2024.

Não escreva no livro.

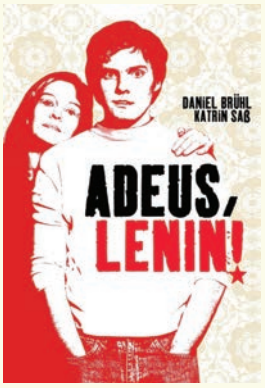
Capítulo 11 – Política: um conceito amplo e plural

Disponível em: <https://www.politize.com.br/quem-somos/>. Acesso em: 17 jul. 2024.

Politize!

O *site* Politize! é uma plataforma educativa que visa tornar a política mais acessível e compreensível para todos. Oferece conteúdos didáticos sobre temas políticos, econômicos e sociais, utilizando artigos, vídeos e infográficos. Com foco na educação cívica, o Politize! busca engajar cidadãos, fomentar a participação democrática e promover um entendimento crítico das estruturas e dos processos políticos no Brasil.

Politize! Disponível em: https://politize.com.br. Acesso em: 17 jul. 2024.



X-Filme Creative Pool /ID/BR

Adeus, Lenin!

Adeus, Lenin! é uma comédia dramática alemã que narra a história de Alex, um jovem berlinense que, após a queda do Muro de Berlim, tenta proteger sua mãe, uma fervorosa comunista, do choque das mudanças políticas. Para isso, ele recria a antiga Alemanha Oriental dentro de seu apartamento, fazendo de tudo para manter a ilusão de que o regime socialista ainda está de pé.

Adeus, Lenin! Direção: Wolfgang Becker. Alemanha, 2003 (121 min).

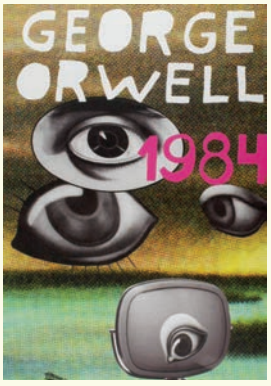
Capítulo 12 – Nós somos o Estado

Neon/ID/BR

O invasor americano

O documentário provocativo de Michael Moore, que viaja por diversos países em busca de ideias inovadoras para resolver os problemas sociais e econômicos dos Estados Unidos. Ao explorar políticas e práticas de sucesso no exterior, Moore desafia o público a repensar questões como educação, trabalho, saúde e justiça, propondo alternativas para a construção de uma sociedade justa e equitativa.

O invasor americano. Direção: Michael Moore. Estados Unidos, 2016 (120 min).



Companhia das Letras/Acervo da editora

1984

No romance, George Orwell descreve uma fictícia sociedade distópica controlada por um governo autoritário, que monitora todos os aspectos da vida dos cidadãos, manipulando a verdade, a história e constantemente vigiando e censurando a população, liderado pela figura enigmática do Grande Irmão. A história acompanha a trajetória do personagem Winston Smith, um funcionário do governo que, aos poucos, começa a questionar o regime opressor em que vive.

Orwell, George. *1984*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BIOÉTICA: DILEMAS E RESPONSABILIDADES

ORGANIZAR IDEIAS

As informações geradas pelo desenvolvimento científico da genética podem proporcionar mudanças nos valores, nas práticas médicas e nas tecnologias associados à Medicina. Nesse contexto, a reflexão sobre os dilemas e os questionamentos éticos vem se tornando essencial para encontrar o equilíbrio entre possíveis benefícios e danos propiciados pela aplicação desses conhecimentos aos indivíduos e à sociedade.

1. **Em sua opinião, o uso de informações relacionadas ao DNA humano é uma prática ética? Quais seriam as implicações para a sociedade? Como você imagina que isso poderia interferir em seu cotidiano?**
2. **Você conhece os códigos de ética que norteiam os estudos relacionados ao DNA? Por que esse tipo de código é importante para a sociedade? Levante hipóteses e compartilhe-as com a turma.**

PRINCIPAIS PROBLEMAS FILOSÓFICOS

- O que é beleza?
- Em quais critérios as ações e decisões devem ser baseadas?
- O que é consciência?

Pesquisador preparando sequenciamento de genoma humano em pesquisa sobre doenças raras, em laboratório na cidade de Lyon, na França. Foto de 2022. ▸

FILOSOFIA CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS

UNIDADE 5

13 Padrões de beleza: diálogos sobre estética

14 Saúde e controle do corpo

15 Inteligência artificial

Jean-Philippe Ksiazek/AFP/Getty Images

PADRÕES DE BELEZA: DIÁLOGOS SOBRE ESTÉTICA

1. Leia, a seguir, as duas primeiras estrofes da letra da canção "Máscara", da cantora baiana Pitty, e dialogue com a turma: Ao desempenhar as atividades do dia a dia, você se comporta como gostaria? Ou segue padrões de comportamento?
2. Como você relaciona as duas últimas estrofes aos padrões de beleza?
3. Em sua opinião, existe um padrão único de beleza? Comente com a turma.

Linoca Souza/ID/BR

Diga quem você é, me diga
Me fale sobre a sua estrada
Me conte sobre a sua vida

Tira a máscara que cobre o seu rosto
Se mostre e eu descubro se eu gosto
Do seu verdadeiro jeito de ser

Ninguém merece ser só mais um bonitinho
Nem transparecer consciente inconsequente
Sem se preocupar em ser adulto ou criança

O importante é ser você
Mesmo que seja estranho, seja você
Mesmo que seja bizarro, bizarro, bizarro

PITTY. Máscara. Intérprete: Pitty. *In*: *Admirável* chip *novo*. Rio de Janeiro: Desckdisc, 2003. 1 CD, faixa 3.

Assim como o conceito de verdade comporta diferentes definições e é relativo, a ideia de **beleza** varia de acordo com uma série de paradigmas. Individualmente, por exemplo, o que é belo para alguns pode ser considerado feio por outros. Essa ideia está presente no ditado popular "A beleza está nos olhos de quem vê". Portanto, cada sujeito apresenta gostos e preferências específicos, que são construídos por diferentes fatores, como a cultura e as relações sociais.

O tema da beleza tem suscitado a reflexão filosófica desde tempos remotos: esteve presente em diferentes sociedades da Antiguidade e aparece como uma questão relevante atualmente. Dos conhecimentos filosóficos sobre o assunto, evidencia-se o campo da estética, que, entre outros aspectos, mobiliza debates a respeito do conceito de beleza, levando-nos a refletir, por exemplo, sobre o desejo dos indivíduos de alcançar um determinado padrão.

No entanto, é possível estabelecer um padrão único de beleza ou há uma diversidade de padrões possíveis? Como lidar com situações em que alguém fora de um padrão estético socialmente estabelecido é julgado com base nesse padrão ou até mesmo sofre violências por não se enquadrar nos padrões aceitos pela cultura dominante?

Esses questionamentos entrelaçam a estética e a ética e serão o tema de reflexão desta unidade.

Não escreva no livro.

BELEZA: UM CONCEITO FILOSÓFICO

Como estudamos nas unidades anteriores, diversos conceitos foram debatidos, aprofundados e ressignificados ao longo de séculos – e até mesmo de milênios. O conceito de verdade é um deles. Agora, vamos dialogar sobre a ideia de beleza.

Filosoficamente, não existe uma definição única para beleza. Segundo o filósofo grego Platão, a beleza deve ser comparada ao amor, que se caracteriza pela insuficiência, ou seja, amamos algo que desejamos e não temos. Da mesma forma, a beleza também é vista como algo externo ao ser humano, mas desejado por ele. Para a escola platônica, portanto, o amor e a beleza são ideais inalcançáveis. Apesar disso, eles são desejáveis, e o ideal de beleza pode ser reconhecido e percebido de maneira objetiva e inquestionável.

Entre os séculos XVII e XVIII, John Locke e David Hume, filósofos alinhados ao pensamento empirista, relativizaram as percepções sobre a beleza, atribuindo a ela uma dimensão mais subjetiva: a identificação de algo como belo não diria respeito a uma qualidade do objeto observado, e sim aos sentimentos do observador. Com base nessa concepção, Immanuel Kant propôs novas elaborações sobre a beleza. Ele identificou a necessidade de uma distinção entre as nossas sensações e o verdadeiro prazer estético ao contemplarmos uma obra, por exemplo. Para Kant, o prazer ao observar algo considerado belo relaciona-se com as alterações emocionais causadas pelas diferentes manifestações culturais, especialmente as artísticas. Essas percepções são baseadas em juízos, ou seja, em uma apreciação que não se refere diretamente ao objeto considerado belo, mas à nossa subjetividade.

Nessa linha, podemos retomar outro provérbio popular, segundo o qual "gosto não se discute", dada à subjetividade que ele implica. Considerando a subjetividade, o filósofo Hegel, influente pensador do final do século XVIII e do início do século XIX, afirma que a noção de belo pode variar de acordo com os povos e ao longo do tempo.

Para além das discussões filosóficas, é importante notar que os ideias de beleza têm efeitos em nossas vidas e influenciam a forma como nos colocamos no mundo e a maneira como nos relacionamos com nós mesmos e com os outros. Apesar de habitar o âmbito filosófico, nossas percepções de beleza se refletem de várias formas em nossas vidas: muitas vezes, buscamos os ideais do belo por meio da aquisição de objetos e de transformações corporais.

Wirestock/Alamy/Fotoarena

Conjunto escultórico *Crawling babies* (Bebês engatinhando, em tradução livre), do escultor tcheco David Černý. A obra é de 2008 e está localizada no Parque Kampa, em Praga, República Tcheca. Foto de 2024.

INTERAÇÃO

1. A observação de obras de arte e o prazer associado a essa atividade são pertinentes ao campo da estética, mas nem sempre o senso comum considera bela uma obra de arte. Observe a escultura retratada na foto desta página e dialogue com a turma sobre as questões a seguir.

a) Você a considera bela? Por quê?

b) Quais sentimentos essa obra provoca em você?

c) O que você mudaria nela? Como você acha que essa mudança transformaria o sentido da obra?

MODIFICAÇÕES CORPORAIS

O debate sobre padrões de beleza e de comportamento resvalam na **bioética**, campo interdisciplinar de estudos e investigações sobre as questões éticas em face do desenvolvimento médico, científico e tecnológico. A reflexão bioética é suscitada nesse debate especialmente quando refletimos sobre as modificações corporais.

Cada cultura promove alterações específicas no corpo: seja por meio de cortes de cabelo, maquiagens e uso de adornos e vestimentas, seja por meio de procedimentos corporais permanentes, como perfurações e cortes em determinadas partes do corpo. Para alguns povos, essas modificações apresentam um conjunto de significados complexos: podem representar o *status* ou a função social de um indivíduo dentro de seu grupo, a fase da vida em que se encontra, entre outras possibilidades.

Essas intervenções estão associadas ao desenvolvimento de técnicas e tecnologias específicas que possibilitam a realização segura dos procedimentos, garantindo a cicatrização e prevenindo eventuais infecções. Assim, além dos elementos estéticos e das técnicas artísticas, essas práticas demandam conhecimentos sobre pigmentos, sobre o corpo humano e sobre fármacos e suas posologias.

Em nossa sociedade, as pessoas também fazem modificações corporais. Estas, geralmente, estão associadas à construção das identidades, especialmente individuais. Tatuagens, *piercings*, cortes e coloração dos cabelos são alguns exemplos. Há também procedimentos mais invasivos, que buscam a alteração do corpo para atender a um determinado padrão de beleza, a exemplo das cirurgias plásticas.

Luciola Zvarick/Pulsar Imagens

Homem Kuikuro recebendo pintura corporal para cerimônia Jawari, no Parque Indígena do Xingu, em Gaúcha do Norte (MT). Pinturas corporais são um exemplo de modificação corporal. No contexto do Jawari, cada um dos presentes recebe uma pintura corporal relacionada à personagem que representará nessa cerimônia. Foto de 2023.

Gerald Anderson/Anadolu Agency/Getty Images

Guerreiro Masai portando instrumentos de uso cotidiano no Parque Masai Mara, no Quênia. Entre os povos dessa região, as pinturas corporais são utilizadas como forma de identificação e comunicação. Foto de 2023.

Não escreva no livro.

Corpo e beleza

Em seu artigo "Body Modification (BM): o corpo e a experiência de si no contemporâneo", no qual analisa os significados que as experiências de marcar e modificar o corpo tem para os sujeitos, o psicólogo e pesquisador Sócrates Nolasco comenta:

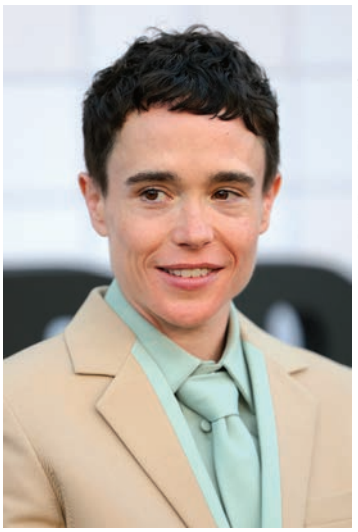
> Compreendo as [...] [modificações corporais] como uma prática que serve ao sujeito como uma possibilidade para determinação do Eu. Deste modo, ele atenua alguma dúvida cética que ameaça o seu existir, tomando as modificações corporais como uma ação de potência que lhe confere uma experiência de continuidade. Marcando-se, o sujeito reivindica uma certeza de sua permanência, diluída pelas sociedades do efêmero.
>
> No contemporâneo, as [...] [modificações corporais] podem ser analisadas como instrumentos cuja função é propiciar ao sujeito a posse de si mesmo, em um mundo que o destitui continuamente deste lugar. As democracias de mercado não o reconhecem enquanto um Eu singular, apesar de sustentarem um discurso a favor da individuação.
>
> Encontrei, nas entrevistas feitas com sujeitos tatuados, uma menção de que estas marcas lhes serviam como elementos através dos quais sentiam-se donos de si mesmos. Por intermédio desta [...] [modificação corporal], o sujeito se esforçava para elaborar a experiência de possuir a si. Neste caso, o corpo era mais do que um suporte sobre o qual se desenrola a cena subjetiva; ele também funcionava como um agente promotor do esforço de individuação, através do qual o Eu aspira determinar-se. Sentir-se sendo um corpo era uma conquista necessária à determinação do Eu.

Nolasco, Sócrates Álvares. Body Modification (BM): o corpo e a experiência de si no contemporâneo. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, Fortaleza, v. 6, n. 2, p. 371-372, set. 2006. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482006000200006. Acesso em: 3 set. 2024.

transgênero: pessoa que não se identifica com o gênero atribuído a ela ao nascer.

As modificações corporais desencadeiam debates complexos, já que abrangem muitas dimensões da condição humana: para além do enquadramento em padrões de beleza estabelecidos socialmente, há pessoas que não se identificam com o próprio corpo e fazem alterações para que ele corresponda à imagem com a qual se identificam, como é o caso de pessoas **transgênero**. Nesse contexto, os procedimentos corporais consistem em uma forma de manifestar suas identidades. Além dos aspectos fisiológicos, situações como essa envolvem uma outra dimensão da Medicina, a saúde mental, além de questões sociais, culturais e psicológicas.

Dessa forma, os acalorados debates acerca das modificações corporais mobilizam diferentes aspectos culturais e fisiológicos, bem como esbarram em dilemas éticos, característicos do campo da bioética.



Phillip Faraone/FilmMagic/Getty Images

Em sua autobiografia *Pageboy* (Intrínseca, 2023) o ator estadunidense Elliot Page relata seu processo de transição de gênero. Na foto, o ator em evento de divulgação da série *The Umbrella Academy*, em Los Angeles, nos Estados Unidos, em 2024.

INTERAÇÃO

1. **Você concorda com a afirmação de Sócrates Nolasco de que as modificações corporais servem a uma possibilidade de determinação do Eu? Por quê?**
2. **Você já realizou alguma modificação corporal? Compartilhe e comente sua resposta com a turma.**
3. **Em sua opinião, quais critérios devem ser levados em consideração ao se fazer uma modificação corporal? Como você caracterizaria uma atitude que respeitasse a diversidade, mas também fosse cuidadosa com a saúde física e mental? Debata com os colegas.**

BIOÉTICA

Mas, afinal, o que é **bioética**? Esse termo é formado pela união de duas palavras de origem grega: *bios*, que significa "vida", e *ethos*, que significa "ética". Bioética, seria, portanto, a "ética da vida" ou, aprofundando um pouco mais a tradução, a "ética prática", uma vez que a vida, nesse contexto, é entendida como a própria existência.

Essa definição gera outro questionamento: o foco da ética não seria, desde sempre, a preservação da vida e as atitudes dos indivíduos? Certamente. Porém, a bioética amplia o horizonte de discussões para diferentes áreas, com questionamentos que perpassam a genética, a biomedicina e as Ciências da Natureza, além de tratar da relação da humanidade com o meio ambiente. A reflexão bioética também pode ser aplicada no campo da estética para analisar a busca pela suposta "perfeição física", determinada por padrões de beleza construídos socialmente.

Em um contexto em que as intervenções corporais fundamentadas na subjetividade de cada indivíduo configuram-se como expressão de autonomia e identidade, a bioética propõe reflexões sobre esses padrões e sobre os limites das transformações corporais. Entretanto, é necessário questionar: Existem limites para essas modificações corporais? Como a bioética atua nesse contexto?

Joel Saget/AFP/Getty Images

Em seu projeto artístico *A reencarnação de Santa Orlan*, de 1990, a *performer* francesa Orlan (1947-) submeteu-se a uma série de cirurgias plásticas para assemelhar-se a determinadas obras de arte consagradas. Como em seus outros trabalhos, a artista provoca reflexões sobre o *status* dos corpos, especialmente os femininos, em nossa sociedade. Na foto, a artista posa em sessão fotográfica, em Paris, França, em 2023.

Nos debates pertinentes a essa área, a bioética considera como princípios a **autonomia** e o **consentimento**, aplicáveis a qualquer indivíduo considerado responsável por seus atos. Em uma situação na qual alguém deseja fazer uma modificação corporal permanente, a bioética considera, primeiro, o ponto de vista do sujeito que deseja restabelecer uma coerência entre seus "eus" em conflito. Esses "eus" podem ser entendidos de modo metafórico, como as máscaras que são citadas pela cantora Pitty no trecho da canção que abre este capítulo.

Outros princípios considerados pela bioética são o bem-estar, a qualidade de vida e o respeito à diversidade, que permitem legitimar ou deslegitimar as intervenções corporais. No entanto, muitas vezes, as intervenções corporais podem contrariar os costumes e os hábitos construídos culturalmente, o que repercute na aceitação dessas intervenções. Nesse ponto, a bioética pode entrar em conflito com a moral estabelecida socialmente.

Não escreva no livro.

REFLEXÃO

Bioética: a ciência da tolerância

A bioética, enquanto campo de estudo, se propõe a explorar e mediar complexos conflitos morais relacionados à saúde e ao bem-estar de humanos e animais. Tal mediação se torna ainda mais complexa ao levarmos em consideração a pluralidade moral dos diferentes grupos e indivíduos.

Em sua obra *O que é bioética*, as pesquisadoras brasileiras Debora Diniz e Dirce Guilhem definem a bioética como um "projeto de tolerância na diversidade", conforme apresentado no trecho a seguir.

> [...] [Costumamos] dizer que os pesquisadores da bioética são missionários de uma ilusão: a ilusão da tolerância. Os pesquisadores da bioética acreditam nesse valor moderno, ao mesmo tempo tão sedutor quanto impossível, e o defendem vigorosamente. E é exatamente em torno dele que está a essência da bioética: a difusão e o ensino da tolerância no campo dos conflitos morais relacionados à saúde e à doença dos seres humanos e dos animais não humanos. A bioética preocupa-se, portanto, com todas as situações de vida, especialmente dos seres humanos, que estejam em meio a diferentes escolhas morais quanto aos padrões de bem viver. Mas, diferentemente dos discursos filosóficos que a antecederam, especialmente o da ética médica, a proposta de mediação dos conflitos morais sugerida pela bioética caracteriza-se pelo espírito não normativo, não imperativo e, especialmente por sua harmonia com uma das maiores conquistas do iluminismo: o respeito à diferença moral da humanidade
>
> A bioética é, então, parte de um desses projetos de tolerância na diversidade. Com o reconhecimento da pluralidade moral da humanidade e, consequentemente, da ideia de que diferentes crenças e valores regem temas como aborto, eutanásia ou a clonagem, tornou-se imperativa a estruturação de uma nova disciplina acadêmica que refletisse sobre esses conflitos cotidianos, comuns não apenas à prática médica. E é sob esse espírito tolerante que a bioética se protege da tentação de eleger certezas morais definitivas para a humanidade. A resposta final para os conflitos não está em nenhum proponente da bioética ou corrente teórica, mas no próprio desenrolar da história moral das sociedades e dos indivíduos. Esse seguramente não é um objetivo fácil de ser perseguido, a começar pelo fato de que os pesquisadores da bioética, assim como todos os outros seres humanos moralizados, estão imersos e certos da superioridade de alguns valores morais em detrimento de outros. Em nome de tais valores, muitas vezes será possível encontrar pesquisadores da bioética dispostos ao confronto em nome da defesa de suas crenças.

DINIZ, Debora; GUILHEM, Dirce. *O que é bioética*. São Paulo: Brasiliense, 2002. p. 114-116. (Coleção Primeiros Passos).

Faga Almeida/UCG/Universal Images Group/Getty Images

Temas como aborto, eutanasia e clonagem são exemplos de discussões bioéticas pautadas pela pluralidade (e muitas vezes divergência) de valores e morais envolvidos. Na foto, protesto no município de São Paulo contra projeto de Lei n. 1 904/2024, conhecido como "PL do antiaborto" e "PL da gravidez infantil", que equipara a prática do aborto a crimes de homicídio, mesmo em casos nos quais a interrupção da gestação é prevista na Constituição. Foto de 2024.

1. **Em sua opinião, por que as pesquisadoras se referem à tolerância como uma ilusão, ao mesmo tempo sedutora e impossível?**
2. **Com base na leitura do texto, na observação da foto desta página e em suas percepções, escreva um parágrafo explicativo sobre a relação entre a tolerância e a bioética. Compartilhe seu texto com a turma e conheça as percepções dos colegas sobre o tema.**
3. **Em grupo, debatam como a bioética pode contribuir para o debate sobre um tema polêmico atual: a manipulação genética. Considerem na discussão a importância da tolerância e do reconhecimento da pluralidade moral para a elaboração de políticas públicas e práticas médicas relacionadas a esse tema.**

A busca pela ação correta

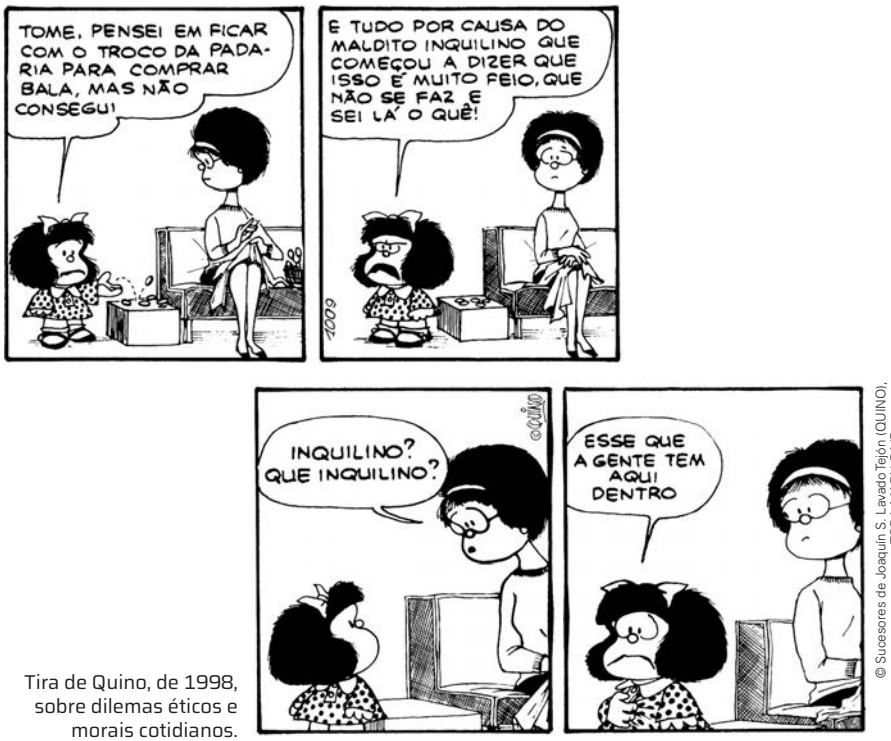
Os diversos temas abordados pela bioética perpassam, muitas vezes, questões morais. Para profundar as percepções sobre esse debate, é importante destacar algumas noções sobre os conceitos de ética e moral.

Toda sociedade tem costumes e códigos de conduta. Embora nem sempre esses códigos sejam transformados em leis oficiais, pertinentes ao Direito, eles se apresentam como juízos morais, que balizam as atitudes cotidianas e a aceitação social. Por exemplo, do ponto de vista moral, mentir é uma atitude condenável em nossa sociedade e, por isso, costuma ser julgada pelas pessoas e gerar desconfiança.

No âmbito jurídico, faltar com a verdade é considerado perjúrio, pois implica a quebra do juramento de falar a verdade diante da corte judicial. O desrespeito a uma regra que foi acordada e pactuada por meio de leis por toda a sociedade tem implicações éticas. Ainda que a ética também influencie as dimensões dos costumes e da tradição, nem sempre é associada a elas.

A filósofa francesa Monique Canto-Sperber (1954-) destaca duas propostas éticas essenciais: uma formulada por Aristóteles; outra, por Kant. O primeiro defende que, para viver bem, os seres humanos devem buscar a *eudaimonia*, conceito mais comumente traduzido como "felicidade". No entanto, é importante ressaltar que, para Aristóteles, a felicidade não tem relação com o prazer físico, mas sim com a mente e a alma, de acordo com a virtude ou a excelência moral. Em contrapartida, segundo Kant, as ações corretas que produzem o bem viver não são instigadas pelos desejos, mas pela razão prática.

Canto-Sperber observa que, para Kant, a ação correta é empreendida por uma questão de cumprir o dever, ou seja, agir de acordo com certas leis morais denominadas imperativos, bem como agir de modo para que se considere a humanidade, seja em sua própria pessoa ou na pessoa de outro, sempre como um fim, nunca como um meio. Dessa forma, o filósofo propõe que a ação respeite a dignidade humana e, ao mesmo tempo, seja autônoma, considerando as leis morais estabelecidas socialmente. Veja a *charge* a seguir, que apresenta uma decisão moral. Note que, apesar da recompensa oferecida à personagem central da *charge*, sua decisão foi movida pela intenção de fazer a coisa certa (devolver a moeda), ação que, segundo Kant, proporciona o bem viver.



Tira de Quino, de 1998, sobre dilemas éticos e morais cotidianos.

© Sucesores de Joaquín S. Lavado Tejón (QUINO). TODA MAFALDA/Fotcarena

Não escreva no livro.

Questionando padrões

Agir de acordo com a ética é essencial para a vida harmônica em comunidade, mas nem sempre agir única e exclusivamente segundo os padrões e os valores morais vigentes pode resultar nesse estado de bem viver. Isso ocorre, por exemplo, quando são feitos julgamentos baseados em morais específicas que impedem que indivíduos expressem suas identidades, como acontece recorrentemente com as pessoas trangênero.

Nessa perspectiva, questionar tradições e costumes também promove transformações culturais em uma sociedade. Problematizar os padrões de beleza e refletir sobre a forma como esses padrões afetam a saúde mental são atitudes essenciais para uma vida harmônica. Sobre o tema, leia o trecho de uma entrevista concedida pela pesquisadora e nutricionista Maria Fernanda Laus.

> A imagem corporal negativa é um aspecto importante a ser considerado em alguns transtornos, mas, ao contrário do que se pensa, ela não causa a doença. Essa imagem é proeminente nesses quadros porque muitas pessoas com transtornos alimentares dão demasiada importância à aparência física na determinação de seu autovalor. Perturbações na avaliação do peso e na forma corporal são critérios diagnósticos para anorexia e bulimia, mas não para a compulsão alimentar. Outra questão importante a ser considerada é que a insatisfação corporal é um dos fatores de risco mais importantes para a prática de dietas restritivas que estão entre as principais desencadeadoras e mantenedoras da anorexia e da bulimia. Por outro lado, muitas pessoas que não têm transtorno alimentar apresentam uma imagem corporal negativa. A percepção irreal do próprio tamanho corporal, aspecto central e um dos critérios diagnósticos de diversos transtornos alimentares, é observada em grande parte da população. [...]
>
> Laus, Maria Fernanda. Meu corpo, minhas regras. *Revide*, 6 jun. 2018. Disponível em: https://www.revide.com.br/editorias/entrevista/meu-corpo-minhas-regras/. Acesso em: 21 jun. 2024.

Palácio Barberini, Roma, Itália. Fotografia: ID/BR

Narciso, de Caravaggio, 1597-1599. Óleo sobre tela. A obra representa o mito grego de um jovem bonito e vaidoso que se apaixona pelo próprio reflexo.

Na contemporaneidade, o corpo gordo costuma ser relacionado à acusação social de negligência, de forma a culpabilizar o indivíduo. Assim, emagrecer parece tornar-se uma obrigação moral rigorosíssima e generalizada. Muitas vezes, as dietas ultrapassam os limites e geram quadros de anorexia e bulimia, transtornos alimentares que afetam cada vez mais indivíduos de todas as idades.

O corpo apresenta um valor simbólico e identitário, ou seja, é um agente das diferenças sociais. Dessa forma, padrões de beleza que valorizam o corpo magro não apenas refletem uma concepção cultural opressora de beleza, mas também impõem padrões de consumo, já que a busca por esse padrão requer o consumo de produtos, serviços e técnicas de adequação ao padrão imposto.

AÇÃO E CIDADANIA

Diálogos sobre a autoimagem

O diálogo é uma forma de identificar os padrões de beleza que eventualmente fazem com que a maioria das pessoas se sinta infeliz por ser diferente. Você já refletiu sobre quais padrões de beleza podem afetar sua autoestima? Converse com os colegas para descobrir o que eles sentem em relação a esse tema.

1. **Você já pensou em mudar seu corpo de alguma forma? Em alguma ocasião, sentiu vergonha dele? Como você lida com sentimentos como esse?**
2. **Você já se sentiu culpado por achar que não cuida adequadamente de seu corpo? Em caso afirmativo, o que gera culpa realmente faz mal à sua saúde ou está relacionado aos padrões de beleza?**
3. **Em sua opinião, de que modo você poderia se relacionar melhor com seu corpo, aceitando quem você é, sem descuidar dos hábitos saudáveis?**

CONSUMISMO E DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO

Para algumas linhas de análise da sociedade, o culto ao corpo, nos dias atuais, tornou-se tão central que se transformou em um componente valioso do mercado, de forma que incentiva o consumo e a proliferação das indústrias de cosméticos e das clínicas de estética.

O culto ao corpo e sua relação com o consumo, como marca da contemporaneidade, encontram-se ligados a alguns fatores históricos. Um deles é o contexto posterior à Segunda Guerra Mundial (1939-1945). O consumidor da década de 1950 conviveu com a escassez de ofertas para consumo. Já na década de 1960, houve o fortalecimento das economias que se recuperavam da guerra, e o consumo passou a ser associado à melhoria da qualidade de vida. A partir de 1970, houve o incremento do desenvolvimento tecnocientífico, o que resultou no aumento da qualidade e da variedade dos bens de consumo.

Nesse contexto, a beleza passou a ser considerada um bem de consumo. O desenvolvimento de técnicas e a descoberta de novas matérias-primas, na Medicina e na Cosmética, possibilitaram a criação de intervenções cirúrgicas e químicas, com o objetivo de construir corpos esteticamente padronizados. Porém, tais ações podem ser consideradas, muitas vezes, uma violência contra o corpo.

Igor Alecsander/Getty Images

O padrão de beleza determinado pela mídia é um assunto polêmico e, assim como a incessante busca pela imagem perfeita, gera consequências psicológicas que resultam em danos à saúde. Foto de 2023.

As mercadorias direcionadas à construção da beleza estão cada vez mais sofisticadas e segmentadas, segundo a faixa etária ou o tipo de pele. O corpo transforma-se, assim, em objeto de consumo, cuja aquisição ocorre por meio de procedimentos estéticos e substâncias que prometem a efetivação do padrão ideal de beleza.

Sobre essa intrincada e complexa relação, leia mais um trecho da entrevista com a nutricionista e pesquisadora Maria Fernanda Laus.

Antes de mais nada, é preciso esclarecer os mecanismos pelos quais a sociedade influencia a imagem corporal de um indivíduo. Alguns autores sugerem que a insatisfação com o próprio corpo é resultado de uma diferença entre a forma como o indivíduo se vê e o corpo que ele considera ideal. A mídia cria e perpetua um padrão de beleza e apresenta mensagens sobre como características positivas estão associadas ao ideal sociocultural de atratividade, levando as pessoas a acreditarem que, ao conseguirem este ideal, terão alcançado o sucesso não só na profissão, mas também nos relacionamentos sociais e amorosos. Sob uma perspectiva sociocultural, a família e os pares também têm uma participação importante neste processo, demonstrando de forma implícita ou explícita a preocupação com o próprio peso e o peso dos filhos [...] [e] amigos, reafirmando que as imagens veiculadas pelos meios de comunicação são ideais. Assim, embora a mídia não seja a única fonte de transmissão desses ideais, é ela quem cria e perpetua o padrão de beleza vigente. Universalmente, as pessoas tendem a comparar a própria aparência com a de outros indivíduos considerados por elas mais atraentes. Entretanto, para que a insatisfação ocorra, a pessoa tem que acreditar que aquilo que está sendo veiculado é de fato ideal. Damos a este fenômeno o nome de "internalização". Se considerarmos que o padrão de beleza atual é praticamente inatingível para a maioria das pessoas, é muito provável que a insatisfação surja.

LAUS, Maria Fernanda. Meu corpo, minhas regras. *Revide*, 6 jun. 2018. Disponível em: https://www.revide.com.br/editorias/entrevista/meu-corpo-minhas-regras/. Acesso em: 21 jun. 2024.

INTERAÇÃO

1. **Com base nas reflexões propostas e nos trechos da entrevista de Maria Fernanda Laus, escreva um texto, no caderno, sobre o impacto da mídia no modo como você se relaciona com seu corpo. Você pode abordar os cuidados que costuma ter com seu corpo e as expectativas associadas a esses cuidados. Caso você não goste de alguma característica de seu corpo, exponha no texto a forma como costuma lidar com isso. O texto pode ser mais literal ou mais poético, de acordo com sua preferência.**

Não escreva no livro.

REFLEXÃO

A mídia e o consumo

Por meio do crescente desenvolvimento das redes sociais, a mídia criou uma indústria corporal potente, que desperta o desejo das pessoas, enaltecendo imagens de corpos "perfeitos" e promovendo a padronização dos corpos. Como resultado, os indivíduos sentem-se inadequados e excluídos, incentivados a buscar uma forma física ideal que não existe.

O *marketing* e a publicidade são as principais ferramentas de uma sociedade de consumo. Com as estratégias publicitárias, tudo se transforma em objeto de venda e consumo: imagens, comportamentos, *performances* corporais, ideias, conceitos e estilos de vida. Não há nada que não possa ser vendido como produto, com a promessa de satisfação dos desejos de um público consumidor cada vez maior e mais heterogêneo.

O consumismo apresenta-se como uma possibilidade de realização da felicidade individual e coletiva. A busca pelo corpo perfeito torna-se um dever, de tal maneira que somos transformados em consumidores de bens e serviços de saúde e beleza. A forma e a aparência física convertem-se em objeto de consumo, assim como o desejo de consumir determina um círculo vicioso de mercado.

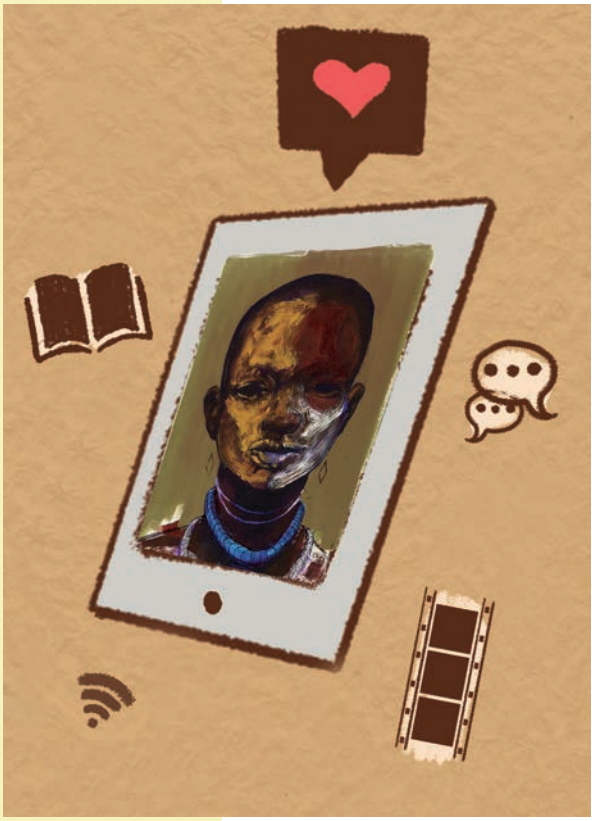
As redes sociais tomaram grande importância na vida da população contemporânea [e], mesmo sendo recentes, disseminam padrões estéticos fortes, valores e normas que são incorporados pela sociedade, difundindo e fortalecendo os ideais sociais relacionados ao corpo [...].

[...]

[...] Nas redes sociais como Instagram e Facebook, costuma-se postar fotos pessoais, e quem posta fotos nessas plataformas sociais quer passar uma boa imagem, ter *status* e ser reconhecido pelos números de curtidas e engajamento. [...]

Hoje em dia com a avalanche de publiposts, diversas famosas e influenciadoras digitais passam uma realidade muitas vezes inalcançável, fotos de celebridades costumam ser retocadas para distorcer sua imagem, o que pode gerar expectativas irreais, incentivando os consumidores a se submeterem a cirurgias excessivas ou agressivas, e com isso quem quer se parecer com uma celebridade costuma se frustrar, pois não percebe que as imagens de celebridades veiculadas pela mídia nem sempre correspondem à realidade. As fotos podem ser alteradas e retocadas com aplicativos de Photoshop antes de serem enviadas para as redes sociais. E se pegarmos e removermos esses efeitos, o resultado é uma pessoa normal, com um corpo real, não monstruoso ou defeituoso, com marcas e expressões, apenas normal, o que hoje em dia é algo abominável. [...]

Américo, Karine Andriele Pedroso; Oliveira, Rhayana Caroline Antunes; Baquião, Leandra Aurélia. A influência da mídia nos padrões de beleza. *Saúde em Foco*, Teresina, n. 14, p. 962, 2022. Disponível em: https://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2022/09/A-INFLUÊNCIA-DA-MÍDIA-NOS-PADRÕES-DE-BELEZA-pág-958-a-970.pdf. Acesso em: 18 jun. 2024.



Thiago Consp/ID/BR

1. **Quais são as mídias que você mais consome (televisão, redes sociais, etc.)? E quais são os produtos anunciados por elas que você mais visualiza?**
2. **Esses anúncios influenciam seus hábitos de consumo e fazem com que você sinta mais vontade de consumir tais produtos? Reflita sobre isso e compartilhe suas experiências com a turma.**
3. **Você já se sentiu triste ou frustrado com seu corpo ou com sua aparência por não poder consumir um produto ou um serviço que, em sua opinião, potencializaria sua beleza física? De acordo com o texto e com suas reflexões, esse sentimento está relacionado às suas preferências ou é influenciado pelas propagandas? Comente suas hipóteses com a turma.**

ESTÉTICA E OS PRINCIPAIS DIÁLOGOS FILOSÓFICOS

Ao longo do capítulo, abordamos diversos aspectos relacionados ao conceito e aos padrões modernos de beleza, com foco nos debates pertinentes à bioética. No entanto, para refletir sobre esses assuntos, também é necessário considerar uma área da Filosofia chamada estética. Esse termo, que também é usado para se referir às atividades de cuidado com a pele, com os cabelos e com outros aspectos da aparência, está intimamente ligado às reflexões sobre a beleza.

Estética é uma palavra com origem no termo grego *aisthésis*, que significa "sentir, notar e perceber por meio dos sentidos". No século XVIII, o filósofo Alexander Baumgarten (1714-1762) passou a utilizar esse termo para designar um ramo da Filosofia que teoriza o belo e trata da apreensão da beleza e de sua expressão por meio da criação artística. A estética também pode ser considerada um campo da filosofia da arte que estuda a essência da beleza (natural ou artística) e a base da arte. Além disso, trata do sentimento que as coisas belas proporcionam ou despertam nas pessoas e do que é considerado feio, desprovido de qualquer sentido de beleza.

Apesar de Baumgarten ter incluído a noção de estética na reflexão filosófica no século XVIII, historicamente o surgimento de uma filosofia do belo se deu na Grécia Antiga. Segundo Platão, vivemos no mundo dos sentidos, que é um mundo de ilusão, e existe um mundo além do sensível, onde tudo é perfeito, belo e verdadeiro: o mundo das ideias.

Assim, Platão estabelece um *status* para o conceito de beleza, a qual seria boa e verdadeira em si mesma. Além disso, as coisas podem ser consideradas mais ou menos belas de acordo com a proximidade em relação à beleza. Platão defende que a beleza é a expressão da essência verdadeira e das coisas belas, enquanto o que é considerado belo no mundo material e sensível baseia-se na aparência e nas opiniões.

Kant, por sua vez, no século XVIII, formula sua reflexão estética como uma ciência do belo, partindo do seguinte ponto: embora o gosto seja subjetivo e desinteressado, existe a necessidade de universalizar o juízo de gosto, por meio da adesão de outros sujeitos a um julgamento, isto é, todos devem considerar o belo como consenso. O filósofo propõe que, para que algo seja reconhecido como belo, deve-se compreender o que realmente é a beleza.

Scabin e Bernard/Fotoarena

Tira dos ilustradores Scabin e Bernard sobre o ideal de beleza na Antiguidade grega.

INTERAÇÃO

1. **Observe a tira desta página e responda:**
   - **a)** Quais personagens foram representadas?
   - **b)** Qual é a ideia de beleza presente na tira?
   - **c)** Essas ideias se alinham mais às concepções de beleza da Antiguidade greco-romana ou às da Modernidade? Explique.
   - **d)** Como você explicaria o humor da tira a um colega?

Não escreva no livro.

Estética no mundo contemporâneo

Como estudamos, os gostos e os padrões de beleza se transformam ao longo do tempo, assim como se altera a maneira com que os filósofos e outros pensadores definem esses temas e conceitos. De forma geral, as diferentes escolas do pensamento filosófico costumam divergir entre definições que atribuem maior importância à objetividade ou à subjetividade.

Kant, por exemplo, defende a educação como um processo que deve promover a compreensão da arte e, consequentemente, a formação da sensibilidade e do gosto. Assim, o gosto une a universalidade da apreciação da beleza às singularidades e às particularidades do artista, da obra e do público.

Já o pensador alemão Friedrich Nietzsche propõe que a criação artística deve rejeitar as noções de estética que estiverem fora do mundo real, em prol de uma estética da criatividade filosófica como obra de arte, cujo ponto de partida e de chegada é a vida.

Ao longo dos séculos, a estética filosófica, desde a noção de belo dos gregos antigos até a definição de uma área do conhecimento no século XVIII, vem se transformando e buscando compreender os principais fatores que levam os indivíduos a elaborarem um "pensamento estético".

Na contemporaneidade, as teorias sobre beleza deixaram de ser um campo de reflexão exclusivo dos filósofos e também passaram a ser produzidas por artistas que visam unir a prática e a teoria na produção do conhecimento estético. Um exemplo é a atuação do brasileiro Ariano Suassuna (1927-2014), romancista, dramaturgo e ensaísta que, ao longo da carreira, propôs diversas reflexões sobre a estética e o conceito de belo. Em 2012, ele ofereceu algumas aulas-espetáculo, nas quais provocava o público com algumas de suas elucubrações filosóficas, como mostra o trecho da entrevista a seguir.

INTERAÇÃO

1. **Quais falas de Ariano Suassuna sobre a arte mais chamaram a sua atenção? Por quê?**
2. **Qual é a relação entre o fazer artístico de Suassuna e o prazer? Você já teve alguma experiência parecida ao realizar uma atividade artística? Comente com a turma.**
3. **Você concorda com a frase "Não existe arte nova ou velha, só boa ou ruim"? Comente com os colegas.**

Folha *– Quais são os dez maiores romances da literatura universal, em sua opinião?*

Ariano Suassuna – O senhor está falando com um arcaico. O número de escritores bons e excepcionais é reduzido. Os dez são somente sete: *Dom Quixote*, *Crime e castigo*, *O idiota*, *Os demônios*, *Os irmãos Karamázov*, *Guerra e paz* e *Em busca do tempo perdido*.

O sr. acompanha a produção contemporânea?

Não, porque não gosto nem tenho tempo. [...] Não existe arte nova ou velha, só boa ou ruim. Para mim, o último grande romancista foi Proust.

O sr. usa computador?

Não sou contra computador, mas não quero usar. Escrevo à mão e eu mesmo ilustro as páginas dos meus livros. Não é por princípio, é por prazer, eu só sinto prazer de escrever à mão. [...]

Qual a importância do sertão na sua obra?

Todo universo de um escritor se forma na infância e na adolescência. E tudo na minha obra se passa dentro dos valores, das histórias e dos personagens que conheci até os 20 anos. Sou um ladrão desgraçado, copio o que eu vejo ou então roubo (risos).

O sr. assiste à TV?

Assisto à novela. Das seis, das sete e das oito. Acho melhor que qualquer enlatado americano.

Thales Stadler/ABCD/GIPRESS/AE

O escritor paraibano Ariano Suassuna em palestra no Teatro Municipal de Santo André (SP). Foto de 2013.

KACHANI, Morris. "No território da arte, não há democracia", diz Ariano Suassuna. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 28 jul. 2012. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/paywall/login.shtml?https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/1126704-no-territorio-da-arte-nao-ha-democracia-diz-ariano-suassuna.shtml?aff_source=%2056d95533a8284936a374e3a6da3d7996. Acesso em: 20 jun. 2024.

ATIVIDADES

1 **Retome a letra da canção da cantora Pitty, apresentada na abertura do capítulo, e faça o que se pede.**

a) Com base nos diálogos sobre bioética e padrões de comportamento e de beleza, você mudaria ou complementaria alguma das respostas que você deu anteriormente às questões sobre a canção? Comente com os colegas.

b) Há máscaras sociais ou padrões que te incomodam e que você gostaria de abandonar? Compartilhe suas percepções com a turma.

2 **Leia as frases a seguir, sobre temas abordados no capítulo, e faça o que se pede.**

a) Em seus trabalhos a respeito de estética, Kant ressalta a necessidade da educação para o aprimoramento do juízo estético. Elabore uma hipótese com os colegas de como seria essa forma de educação na prática.

b) Nietzsche propõe a constituição de uma estética da existência. Debata com os colegas o papel da dança e da canção de acordo com essa proposta.

3 **Observe novamente as fotos dos temas "Modificações corporais" e "Bioética", que mostram modificações corporais. Depois, dialogue com a turma sobre as questões a seguir. Lembre-se de explicar suas respostas com argumentos alinhados à bioética.**

a) Em sua opinião, é possível dizer que as fotos mostram diferentes padrões de beleza?

b) Em termos estéticos, qual é sua opinião sobre as modificações corporais representadas? Que impressões elas causam em você?

4 **Forme dupla com um colega. Retomem a tira do tópico "A busca pela ação correta" e respondam:**

a) Que situação foi retratada na tira? Vocês já passaram por alguma situação parecida? Comentem.

b) Qual é o dilema compartilhado por Mafalda? Como ela resolveu essa questão?

c) Na opinião de vocês, o que Mafalda considerou para tomar a decisão?

d) Que atitude vocês teriam se estivessem no lugar dela? Vocês considerariam essa atitude moralmente correta?

5 **Leia a seguir o texto da filósofa Sandra Caponi e do médico Paulo Poli Neto sobre medicina da beleza. Depois, em dupla, responda às questões.**

> A sociedade contemporânea assiste deslumbrada à passagem dos "corpos perfeitos", que invadem progressivamente todos os espaços da vida moderna. A expectativa de corpo das pessoas em relação a esses padrões de beleza é o que provavelmente interliga uma variedade de fenômenos cada vez mais comuns, como a maior incidência de bulimia e anorexia, as malhações e as cirurgias plásticas estéticas.
>
> Dentre esses fenômenos, o crescimento da Cirurgia Plástica Estética merece destaque pelo impacto que as alterações corporais, propostas pela medicina da beleza, causam em relação à imagem corporal e, também, pela posição que a medicina ocupa na sociedade, de divulgadora de "verdades científicas".
>
> Poli Neto, Paulo; Caponi, Sandra N. C. A medicalização da beleza. *Interface*, Botucatu, v. 11, n. 23, p. 570, set./dez. 2007. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1414-32832007000300012. Acesso em: 21 jun. 2024.

a) Na opinião de vocês, por que a expressão "verdades científicas" está entre aspas no texto? Expliquem com base nos debates realizados ao longo do capítulo.

b) Como pacientes, que ações podem ser realizadas para que a medicina da beleza traga qualidade de vida para as pessoas, e não descontentamento ou procedimentos invasivos que sejam prejudiciais à saúde? Pensem, dialoguem e elaborem uma lista. Depois, compartilhem as percepções de vocês com as demais duplas.

6 **Neste capítulo, você refletiu sobre padrões sociais de beleza e como eles influenciam na percepção que temos de nossa imagem. Levando essa discussão em consideração, responda:**

a) Você consegue identificar quais ideais de beleza orientam sua concepção pessoal do que é belo?

b) Você considera esses ideais realistas e saudáveis? Por quê?

c) Em sua opinião, a beleza pode se manifestar de diversas formas? Por quê?

Não escreva no livro.

7 **O texto e a imagem abaixo se referem a uma obra clássica da literatura de terror. Leia o texto, observe a imagem e sua legenda e responda às questões a seguir.**

Frankenstein é um romance de terror, de autoria de Mary Shelley. Com várias versões e adaptações para o cinema, relata a história de Victor Frankenstein, um estudante de ciências naturais que constrói um monstro em seu laboratório após descobrir o segredo da geração da vida e posteriormente enoja-se com sua criação e foge. A criatura desenvolve sua cognição, articulação e intelecto, e, após ser maltratada diversas vezes por seres humanos, resolve ir atrás de seu criador e exige que ele construa uma parceira para ele, para que ele não se sinta tão isolado e sozinho. No decorrer da narrativa, o monstro comete assassinatos e isso faz com que o cientista tema criar uma raça de monstros que possa se virar contra o seu criador e contra a raça humana.

Quando a criatura mata sua esposa, Victor passa a perseguir sua criação em busca de vingança e depois já doente acaba morrendo. A criatura, no leito de morte de Victor, jura, então, que seus crimes terminaram com a morte de Frankenstein e que cometeria o suicídio trazendo paz aos humanos.

[...]

Para o Conselho Federal de Medicina, a ciência e a tecnologia colocam ao alcance da humanidade uma oportunidade única: melhorar a vida radicalmente. Com o uso de novas drogas e técnicas e novos procedimentos, é possível tornar os indivíduos mais rápidos, inteligentes e aptos ao convívio social. Mas o que aparentemente traz apenas benefícios tem implicações legais, éticas e morais que não podem ser ignoradas. Afinal, estamos preparados para o melhoramento humano? [...]

Candace Higgins/ID/BR

Pôster de divulgação do filme *Frankenstein*, dirigido por Bernard Rose, 2015 (89 min). O filme apresenta uma releitura moderna do clássico de Mary Shelley, evidenciando discussões bioéticas do presente.

Bento, Luiz Antonio; Calvo, Paulo R. S. Quando a vida imita a arte: a bioética dos homens-máquinas. *Bioethikos*, São Paulo, v. 7, n. 3, p. 315-316, 2013. Disponível em: http://www.saocamilo-sp.br/pdf/bioethikos/105/1815.pdf. Acesso em: 21 jun. 2024.

a) Qual você imagina que tenha sido a intenção da escritora Mary Shelley (1797-1851) ao escrever o romance? Reúna-se com os colegas e, juntos, levantem hipóteses.

b) Em sua opinião, de que forma a engenharia gênica de melhoramento estaria relacionada às discussões sobre bioética apresentadas neste capítulo?

8 **(UEL) Para Kant, dois conceitos são fundamentais de sua teoria moral: o de autonomia e o de imperativo moral. Esses dois conceitos traduzem as duas condições básicas do dever: o aspecto objetivo, a lei moral, e o seu aspecto subjetivo, a obediência da lei pelo sujeito autônomo e livre, como condição necessária e suficiente da ação.**

Com base neste texto e nos conhecimentos sobre a teoria moral kantiana, é correto afirmar:

a) A Razão, quando livre de desejos e outras condições que a coagem é, em si, determinante conforme a autonomia do sujeito e sua adesão à lei moral, essencial para determinar uma ação como moralmente correta.

b) Para que possa ser qualificada do ponto de vista moral, uma ação deve ter como condição necessária e suficiente uma vontade condicionada por interesses particulares e inclinações sensíveis.

c) O imperativo categórico impõe-se ao sujeito, independentemente da condição de autonomia deste.

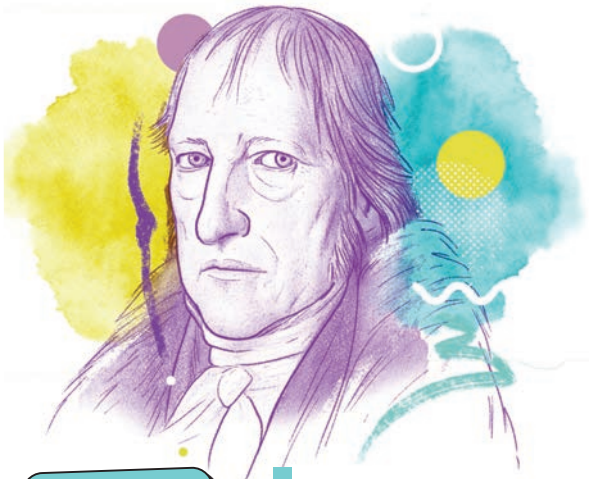
d) A razão é capaz de guiar a vontade como meio para a satisfação de todas as necessidades próprias do sujeito e assim realizar seu verdadeiro destino prático: a felicidade.

ESTÚDIO FILOSÓFICO

O BELO EM HEGEL

Dentre as diversas abordagens presentes neste capítulo, conhecemos um pouco mais sobre estética e beleza, por meio de diferentes pensamentos que exploram a natureza da arte, da beleza e da experiência estética, refletindo sobre como esses conceitos impactam nossa compreensão do mundo e de nós mesmos.

O filósofo germânico Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831) via a arte como a manifestação sensível do espírito absoluto. Ele acreditava que a beleza artística é superior à beleza natural porque envolve a expressão do espírito humano. Para o filósofo, aquilo que é considerado belo pode variar de acordo com os povos e ao longo do tempo. Nessa perspectiva, seguiremos conhecendo mais sobre as ideias e a riqueza da filosofia de Hegel.



Davi Augusto Studio/ID/BR

OBRAS-CHAVE

- *Filosofia da História* (1837)
- *Lições sobre estética* (1835)
- *Princípios da filosofia do direito* (1820)
- *Enciclopédia das ciências filosóficas* (1817)
- *Ciência da lógica* (1812)
- *Fenomenologia do espírito* (1807)

PERFIL

Georg Wilhelm Friedrich Hegel foi um importante filósofo alemão que, com o tempo, se tornou uma figura central no idealismo de seu país. Ele desenvolveu um sistema filosófico abrangente que influenciou diversas áreas, como metafísica, lógica, filosofia da história e estética. Em sua filosofia, Hegel aplicou a dialética para a arte, propondo que o desenvolvimento da arte ocorre por meio de uma série de contradições e resoluções (tese, antítese e síntese). Isso implica que a arte evolui e se transforma ao longo do tempo, refletindo mudanças históricas e culturais.

EM LEITURA

Para Hegel, na arte, o espírito humano cria um mundo novo a seu gosto, em que busca reconciliar a realidade com os ideais da mente. Para ele, a beleza artística não é uma mera cópia da natureza, mas uma recriação, uma idealização que expressa a essência espiritual do homem. Nesse sentido, Hegel expõe várias ideias centrais de sua filosofia estética, como o espírito humano, que, por meio da arte, tem a capacidade de criar um "mundo novo". Este mundo não é simplesmente uma reprodução do mundo natural, mas uma construção que reflete os ideais, os valores e as aspirações humanas.

O autor distingue a beleza artística da beleza natural, enfatizando que a arte não é uma simples imitação da natureza. Em vez disso, a arte envolve recriação e idealização da realidade. Isso significa que os artistas interpretam e transformam a natureza e a experiência humana, revelando a essência espiritual do ser humano. De acordo com o filósofo, o belo é a manifestação sensível da ideia, ou seja, é a forma pela qual a verdade e o espírito se tornam visíveis.

Dessa forma, Hegel expressa que a arte não deve ser apenas uma representação fiel do mundo físico, mas deve apreender e expressar ideias, emoções e a essência espiritual da humanidade. Da união harmoniosa entre conteúdo espiritual e forma sensível, a arte bela revela verdades profundas sobre a condição humana e o espírito, como podemos observar no trecho a seguir.

> [...] [Qual] é afinal o conteúdo da arte e por que este conteúdo deve ser representado [...]? A este respeito surge em nossa consciência a opinião comum que afirma como tarefa e finalidade da arte trazer ao nosso sentido, ao nosso sentimento e entusiasmo tudo o que possui um lugar no espírito humano. [...] Sua finalidade é assim expressa:

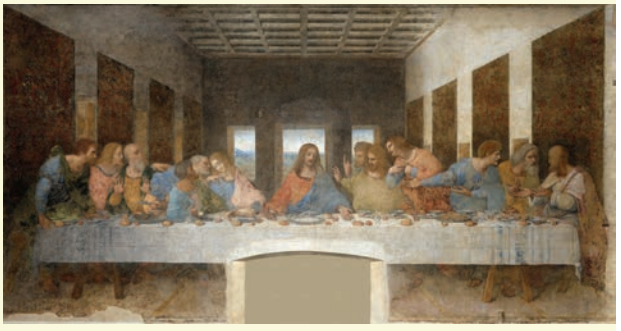
Não escreva no livro.

despertar e avivar as impressões [...], as inclinações e paixões adormecidas de todo tipo; preencher o coração; permitir que os homens possam sentir – desenvolvido ou não – tudo o que o ânimo humano possa ter, experimentar e produzir em seu ser mais íntimo e secreto; permitir que os homens possam sentir o que pode mover e excitar o peito humano em sua profundidade e em suas múltiplas possibilidades e aspectos; oferecer para o prazer dos sentimentos [...] e da intuição o que o espírito possui de essencial e de superior em seu pensamento e na Ideia, a saber, a magnificência do nobre, do eterno e do verdadeiro; igualmente, tornar apreensível o infortúnio, a miséria, o mal e o crime; ensinar a conhecer intimamente tudo o que é horrível e horripilante assim como o que é prazeroso e beato; e por fim, deixar a fantasia livre no jogo ocioso da imaginação assim como deixar as intuições e sentimentos sensivelmente excitantes se regalarem num encanto sedutor. A arte deve, por um lado, agarrar esta riqueza onipresente do conteúdo para completar a experiência natural de nossa existência exterior; por outro lado, deve excitar aquelas paixões em geral para que as experiências da vida não nos deixem insensíveis e então possamos alcançar a predisposição para todos os fenômenos. Mas tal excitação neste âmbito não se dá pela própria experiência efetiva, e sim apenas por sua aparência, uma vez que a arte coloca ilusoriamente suas produções no lugar da efetividade. A possibilidade desta ilusão por meio da aparência da arte reside na necessidade de toda efetividade no homem passar pelo *medium* da intuição e da representação, sendo que apenas por meio deste *medium* penetra no ânimo e na vontade. Aqui, pois, é indiferente se a efetividade exterior imediata recorre a ele ou se isso ocorre por meio de um outro caminho, a saber, mediante imagens, sinais e representações, que possuem em si mesmos o conteúdo da efetividade e o representam [...]. O ser humano pode representar coisas que não são efetivas como se o fossem. Se uma situação, uma relação e qualquer conteúdo da vida em geral são trazidos a nós pela efetividade exterior ou apenas pela aparência dela: para o nosso ânimo é indiferente, a fim de nos afligir e alegrar, nos comover e abalar segundo a essência de tal conteúdo assim como fazer com que nos atravessem os sentimentos [...] e as paixões de ódio, de cólera, de compaixão, de angústia, de temor, de amor, de atenção e de admiração, de honra e de glória.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Cursos de Estética I*. Tradução: Marco Aurélio Werle. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2001. p. 65-67.

NinaTavaresPhotos/Shutterstock.com/ID/BR

Davi, de Michelangelo, 1501-1504. A escultura em mármore de Michelangelo exemplifica a ideia de Hegel de que o belo é a encarnação da ideia no mundo sensível. A perfeição anatômica e a expressão serena de Davi representam a idealização do corpo humano e a manifestação do espírito.



Convento de Santa Maria delle Grazie, Milão, Itália. Fotografia: ID/BR

A última ceia, de Leonardo da Vinci, 1495-1498. Têmpera sobre gesso. A pintura de Da Vinci não só representa um evento religioso significativo, mas também encapsula emoções humanas e relações complexas, refletindo a manifestação do espírito na forma visível.

Para Hegel, a arte tem a capacidade de despertar emoções e impressões que podem estar adormecidas dentro de nós, preenchendo nossos corações e nos permitindo experimentar uma ampla gama de sentimentos e pensamentos, até mesmo aqueles que são mais íntimos e secretos. Para ele, mesmo que a arte apenas mostre paixões humanas, ela ainda teria um poder suavizante ao permitir que as pessoas se tornem conscientes dessas emoções como algo externo. Isso ajuda a pessoa a se libertar do aprisionamento imediato dessas paixões e a relacionar-se com elas de maneira idealizada.

Segundo o filósofo, a arte eleva o ser humano gentilmente, libertando-o dessa "prisão da natureza". Isso sugere que a arte tem um papel civilizador, ajudando as pessoas a transcenderem seus instintos mais básicos e a se elevarem a um estado mais refinado e consciente.

PARA CONCLUIR

1. **Como Hegel diferencia a arte bela de uma mera cópia da natureza?**
2. **Pesquise obras de arte moderna que você acha que exemplifiquem o conceito de "arte bela" de Hegel. Escolha uma como exemplo e explique por que você a escolheu.**
3. **Como você acha que a visão de Hegel sobre a arte se compara às concepções de arte e beleza em diferentes culturas?**
4. **Como as ideias de Hegel sobre a arte e a beleza influenciam a maneira como você aprecia a arte?**

Não escreva no livro.

SAÚDE E CONTROLE DO CORPO

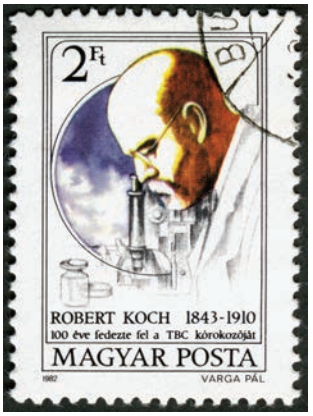
1. Qual é a importância da Medicina em nosso cotidiano? Comente com a turma.
2. Você já ouviu falar dos cientistas retratados nos selos reproduzidos nesta página? Sabe qual é a importância deles para a sociedade? Faça uma pesquisa e comente os resultados com a turma.
3. Relacione as informações do texto a seguir, de Carlos Fidelis Ponte e Ialê Falleiros, ao contexto histórico a que se referem. De que modo esse contexto impactou as perspectivas sobre saúde que vivenciamos atualmente?

Neste capítulo, vamos aprofundar algumas reflexões iniciadas no capítulo anterior sobre a forma como tomamos decisões relacionadas a nosso corpo. O foco, neste momento, serão os cuidados com a saúde e seus impactos para os indivíduos, um campo importante das discussões bioéticas. O principal objetivo é que, com base nessas reflexões, nos tornemos mais conscientes no momento de realizar escolhas pertinentes a nosso corpo e à nossa vida.

Ao longo de séculos, o desenvolvimento da Medicina, aliado à organização das áreas de conhecimento, das ciências e de seus métodos, trouxe grandes melhorias para a vida cotidiana, ampliando a longevidade e a qualidade de vida das pessoas, que têm acesso a estruturas e serviços que possibilitam os cuidados com a saúde. Saneamento básico e práticas profiláticas, isto é, que têm como objetivo prevenir as doenças, também contribuíram para esse quadro.

A partir do século XX, a Medicina passou a ser utilizada como referência para o desenvolvimento de práticas corporais e comportamentos, e os médicos e demais profissionais da área da saúde se tornaram detentores de poder sobre o corpo das pessoas. Porém, não podemos perder de vista que essa é uma construção histórica e cultural, já que a Medicina também é resultado de processos históricos e das perspectivas específicas da sociedade. Mas como isso começou? O texto a seguir traz algumas pistas.

Olga Popova/Shutterstock.com/D/BR



Selo húngaro de 1982 com o busto de Robert Koch (1843-1910).

123RF/Easy Mediabank

Selo sul-africano de 1985 com Louis Pasteur (1822-1895).

Para alguns historiadores, o longo período compreendido entre os trinta anos finais do século XIX e a década de 1960 pode ser caracterizado como a *era de ouro da medicina*. Seu início remonta ao surgimento da teoria microbiana das doenças, a partir das descobertas de Louis Pasteur e Robert Koch. O principal enunciado dessa teoria era que cada doença era causada por um ser vivo microscópico específico, e proteger um corpo são significava sobretudo destruir aquele agente patológico, evitar o seu contato com seres humanos e a sua propagação no ambiente. Defendia, também, a utilização de vacinas – que consistem basicamente na inoculação de fragmentos, de formas atenuadas ou inativadas dos micróbios – para imunizar o corpo humano de modo a tornar inócuo um eventual contágio.

Ponte, Carlos Fidelis; Falleiros, Ialê (org.). *Na corda bamba de sombrinha*: a saúde no fio da história. Rio de Janeiro: Fiocruz/COC: Fiocruz/EPSJV, 2010. p. 159.

Não escreva no livro.

A MEDICINA E O CONCEITO DE VERDADE

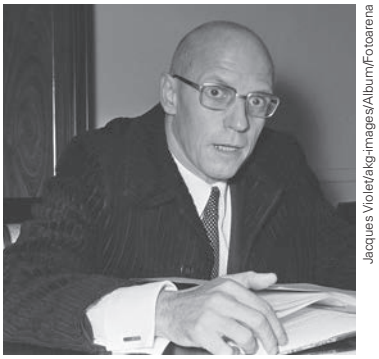
Desde o início deste livro, dialogamos sobre o conceito de verdade e sua importância na constituição das ciências contemporâneas. Ao longo do tempo, esse conceito foi relativizado, problematizado e intensamente debatido. Atualmente, o conhecimento médico é considerado uma verdade praticamente indiscutível. Assim, médicos e outros profissionais da saúde assumem, no mundo contemporâneo, uma posição de poder, em que podem indicar o que é melhor em relação ao tratamento do corpo humano, visando à saúde das pessoas.

Nas unidades anteriores, também refletimos sobre uma das funções mais importantes das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: questionar as relações de poder estabelecidas na sociedade. Essa é uma forma de reconhecermos as dinâmicas do mundo em que vivemos e pensarmos em ações para melhorá-lo, de modo ético e justo. Por isso, a análise dos discursos feitos pela Medicina é um passo importante. Isso não significa negar os avanços científicos, mas questionar se as práticas medicinais consideram, por exemplo, alguns dos parâmetros éticos analisados no capítulo anterior: a tolerância e o respeito à diversidade, além da identidade e do desejo do indivíduo.

Um dos intelectuais que se propuseram a analisar essas relações de poder foi o francês Michel Foucault. O filósofo debateu sobre o exercício do poder médico, caracterizado pelo controle do corpo dos indivíduos, destacando que, muitas vezes, os doentes perdem o direito de decidir sobre o próprio corpo e, assim, são destituídos de autonomia. Para o autor, a Medicina contemporânea detém o **regime de verdade**. Nessa expressão, a palavra "regime" se refere a um regime político, isto é, a um tipo de relação de poder. Assim, Foucault atribui o regime de verdade àqueles que têm o poder de determinar o que é ou não verdade e que são validados e aceitos por todos.

Segundo o filósofo, a Medicina contemporânea e seus profissionais e especialistas detêm o regime de verdade sobre a saúde e sobre nossos comportamentos. Em contrapartida, a Medicina, apesar de estar ancorada em pesquisas científicas, não é, por si só, uma ciência, mas a prática baseada nos conhecimentos produzidos pelos cientistas.

Essa consideração é importante para que possamos avaliar, por exemplo, se uma recomendação médica está dentro dos parâmetros éticos ou não. Existe um código de ética a ser respeitado por aqueles que exercem a Medicina. Conheça os principais pontos desse código a seguir.



Jacques Violet/akg-images/Album/Fotoarena

Michel Foucault em seu escritório no Collège de France, Paris, em 1970. Suas obras e ideias acerca da relação entre conhecimento, poder e controle social influenciaram e ainda influenciam intelectuais e movimentos sociais de diversas áreas.

Equidade

Os tratamentos aos que adoecem devem ser sempre os melhores possíveis, sem distinção de qualquer natureza.

Autonomia

O paciente deve ser tratado com o devido respeito à sua condição humana, levando em conta seu consentimento para os atos médicos, assim como tomar conhecimento de seu real estado de saúde.

Sigilo

Para resguardar o direito à privacidade e estabelecer relações de confiança e respeito entre médico e paciente, é garantido ao paciente o sigilo sobre seu estado de saúde.

Respeito à vida

Trata-se de um princípio absoluto de ética que faz parte da prática medicinal: garantir que a vida seja mantida com o máximo de qualidade possível.

Fonte de pesquisa: Monte, Fernando Q. A ética na prática médica. *Bioética*, Brasília, v. 10, n. 2, 2002. Disponível em: https://revistabioetica.cfm.org.br/revista_bioetica/article/view/212/213. Acesso em: 15 ago. 2024.

INTERAÇÃO

1. O código de ética da Medicina surgiu como uma demanda dos debates da bioética. Analise cada item do esquema desta página e explique, com suas palavras, como eles possibilitam que a Medicina seja exercida de modo ético.

Não escreva no livro.

Medicalização: biopolítica e biopoder

O desenvolvimento de áreas como Farmácia, Química, Bioquímica e Fisiologia trouxe avanços inquestionáveis para a cura e o tratamento de diferentes doenças e a promoção da saúde das pessoas. O século XX foi marcado pelo desenvolvimento da indústria farmacêutica. No contexto do pós-Segunda Guerra Mundial, ocorreu forte incentivo ao consumo de diferentes mercadorias, incluindo os remédios. Esse processo desencadeou um fenômeno chamado de **medicalização**, caracterizado pelo consumo excessivo – e por vezes desnecessário – de medicamentos. A busca pela pretensa perfeição física e pelos padrões corporais considerados ideais também fundamentou o surgimento da medicalização.

Em 2018, o Ministério da Saúde publicou um documento para incentivar os profissionais da saúde a refletirem sobre esse tema. Leia um trecho a seguir.

> […] o termo "medicamentalização" se refere ao uso de medicamentos em situações que, anteriormente, não eram consideradas problemas médicos e, consequentemente, não existia um tratamento farmacológico para tal. Portanto, a medicamentalização pode ser considerada uma das consequências da medicalização.
>
> Os medicamentos, se utilizados indevidamente, podem causar danos à saúde e levar o indivíduo ao óbito. Nesse debate de conceitos e termos, é importante demonstrar que o uso inadequado ou irracional de medicamentos é uma das formas de medicalização da vida, utilizado como meio para "normalizar" as pessoas. É importante ressaltar que o medicamento é uma tecnologia importante no processo terapêutico de inúmeros tipos de doenças, porém, é preciso evidenciar o uso indiscriminado e, muitas vezes, desnecessário, os quais perpassam a lógica do biopoder. Não é à toa que o psicofármaco clonazepam é altamente consumido no Brasil.
>
> Atualmente, pessoas são constantemente incentivadas a resolver os problemas sociais utilizando medicamentos, e com a ajuda das propagandas de medicamentos nos meios de comunicação, disponibilizadas a todo o momento, é fortalecida a ideia de que utilizar medicamento é sempre bom, quando isso não é verdade. Vale salientar que a indústria farmacêutica investe mais em *marketing* do que em pesquisa e desenvolvimento (PD).
>
> Para lidar melhor com essa questão, os profissionais da saúde precisam estar atentos aos diversos aspectos relacionados à farmacoterapia do paciente, observando se de fato determinado medicamento está indicado, se é efetivo e seguro, e se há adesão ao tratamento.
>
> Brasil. Ministério da Saúde. *Uso de medicamentos e medicalização da vida*: recomendações e estratégias. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2019. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/medicamentos_medicalizacao_recomendacoes_estrategia_1ed.pdf. Acesso em: 21 jun. 2024.

Acervo da Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro. Fotografia: ID/BR

Propaganda do fortificante Vinol veiculada na revista *Careta*, no ano de 1952, que supostamente tornaria o sangue mais vermelho, combateria anemia e ofereceria mais energia a quem o tomasse.

O conceito de **biopoder**, presente no trecho transcrito nesta página, foi criado por Foucault e sintetiza a ideia de que, nessa lógica contemporânea de controle da saúde, o corpo é transformado em objeto de controle e de intervenção do saber médico e das políticas promovidas pelas instituições de saúde.

Porém, esse controle do corpo humano não se restringe à saúde, estendendo-se para as condutas humanas, como a maneira de se vestir, o que e como comer, a maneira de construir e de limpar as casas, etc. Assim, as normas impostas ao modo de viver dos indivíduos "normalizam" as pessoas. Trata-se, portanto, de algo que extrapola o âmbito médico e os limites da Medicina. Essa política é chamada por Foucault de **biopolítica**.

Não escreva no livro.

AÇÃO E CIDADANIA

Perguntas que devem ser feitas ao médico

Um dos avanços conquistados pelos debates da bioética é a valorização do respeito aos pacientes e de sua autonomia. Trata-se de uma postura importantíssima para que os cidadãos tenham garantidos tanto seus direitos de acesso à saúde de qualidade quanto à privacidade e à autonomia. A lista a seguir apresenta perguntas e informações que podem ajudá-lo a se posicionar para garantir esses direitos em uma consulta.

É importante fazer perguntas, mas você deve certificar-se de que ouviu – e entendeu – as respostas que recebeu. Tome notas ou leve alguém à sua consulta para ajudá-lo a entender e lembrar o que você ouviu. Se você não entender a resposta ou estiver confuso, peça ao seu médico para explicar novamente.

[...]

1. Qual é o meu diagnóstico?
2. Quais são as minhas opções de tratamento? Quais são os benefícios de cada opção? Quais são os efeitos colaterais?
3. Vou precisar fazer um exame? Para que serve esse exame? O que os resultados vão me dizer?
4. O que o medicamento que você está prescrevendo vai fazer? Como devo [tomá-lo]? Existe algum efeito colateral?
5. Por que preciso de cirurgia? Existem outras maneiras de tratar a minha doença? Com que frequência você realiza essa cirurgia?
6. Preciso mudar a minha rotina diária?
7. Descubra o que você deve fazer em seguida. Peça instruções escritas, panfletos, indicação de vídeos ou *sites* que possam [ajudá-lo] a aprender mais.

PERGUNTAS para fazer ao seu médico. Centro Colaborador para a Qualidade do Cuidado e Segurança do Paciente (Proqualis), [20--]. Disponível em: https://proqualis.net/noticiaespecial/perguntas-para-fazer-ao-seu-m%C3%A9dico. Acesso em: 3 jul. 2024.

Luciana Whitaker/Pulsar Imagens

Adolescente durante consulta médica realizada pelo serviço de atendimento público, em Uruçuí (PI). Foto de 2022.

1. De que modo essa lista de perguntas pode auxiliar as pessoas em um atendimento médico?

2. Faça uma pesquisa sobre as posturas éticas que os pacientes devem esperar dos profissionais da saúde. Em seguida, elabore com a turma um folheto explicativo com as informações encontradas. Esse material deve ser disponibilizado à comunidade escolar como forma de conscientização. Se possível, divulguem-no nas redes sociais da escola e afixem-no nos murais das instituições públicas do município.

Necropolítica: a política da morte

Paul S. Amundsen/NTB/AFP

Achille Mbembe, filósofo e intelectual camaronês, discursa após receber o Prêmio Holberg durante cerimônia no University Hall em Bergen, na Noruega. Foto de 2024. Mbembe formulou o conceito de necropolítica ao ampliar as percepções de Foucault sobre biopoder, levando em consideração as perspectivas do pós-colonialismo.

A biopolítica e o biopoder visam, em primeira instância, à manutenção da vida em sociedade, em detrimento das doenças. Seus efeitos são o controle sobre o corpo das pessoas em muitos níveis, para além das questões médicas. No entanto, há populações que são excluídas dessa lógica. No Brasil, por exemplo, embora seja um direito garantido por lei, muitas pessoas não têm acesso à saúde de qualidade.

Surgem, assim, algumas questões, como: De que modo a biopolítica atinge esses indivíduos e como as Ciências Humanas e Sociais respondem a esse tipo de observação? Influenciados pelas reflexões de Foucault sobre o tema, filósofos, antropólogos, psicólogos e historiadores contemporâneos realizaram diferentes análises sobre as relações de poder na saúde, o controle sobre o corpo dos indivíduos e as ações do Estado. Para Foucault, uma das lógicas da biopolítica é o "fazer viver e deixar morrer". Isto é, trata-se de políticas que afirmam a vida ao máximo e tudo o que ela pode oferecer de bom e de belo, de acordo com os padrões sociais e de consumo, mas que também negam a vida àqueles que não se enquadram nesses padrões. Essa lógica origina estruturas sociais marcadas pela exclusão, pelo preconceito e pelo desrespeito profundo à pluralidade de corpos e à diversidade de condições sociais.

O intelectual camaronês Achille Mbembe (1957-) fundamenta-se nessas considerações para refletir sobre a sociedade contemporânea e identifica a existência de pessoas que não têm a vida protegida. É como se, simbolicamente, não importasse se esses indivíduos morressem.

As populações marginalizadas, como as pessoas em situação de rua, fazem parte desse grupo. No entanto, não se trata apenas de pessoas que não têm poder econômico, mas também de grupos sociais historicamente subalternizados, como os povos tradicionais e as populações negras e LGBTQIA+. Essa política da morte é chamada por Mbembe de **necropolítica**.

Carla Carniel/Reuters/Fotoarena

Manifestação contra a política de segurança do governo e por Mãe Bernadete Pacífico, uma ativista da comunidade negra que foi morta na Bahia em 17 de agosto. São Paulo (SP). Foto de 2023.

Não escreva no livro.

AS REDES SOCIAIS E O CONTROLE SOBRE O CORPO

A biopolítica caracteriza-se pelo controle social por meio de um poder exercido sobre os aspectos corporais. Muitas vezes, esse controle não é óbvio, e sim sutil, já que utiliza estratégias de sedução pautadas nos ideais de saúde e nos padrões de beleza.

No mundo contemporâneo, as redes sociais digitais desempenham um papel central na divulgação de padrões de beleza e de conduta, e isso pode aprofundar os mecanismos da biopolítica. A vigilância exercida pelos indivíduos sobre o próprio corpo e sobre a própria conduta também é direcionada ao outro, para verificar e avaliar suas atitudes. Essa lógica de vigilância torna os indivíduos mais produtivos e é chamada por Foucault de **panoptismo**. Observe a imagem a seguir e leia a legenda.

De acordo com o historiador Yuval Harari (1976-), a intensidade das trocas nas redes sociais virtuais, que seguem influenciando milhares de pessoas, colabora para a criação de um mundo onde os indivíduos não agem livremente, comportando-se como meros repetidores de padrões. Segundo o autor, esses sujeitos deixam de realizar escolhas de acordo com sua subjetividade e suas preferências e passam a replicar comportamentos sem refletir sobre eles. Além de transformar profundamente a forma como as pessoas estão no mundo, essa situação gera questões éticas importantes, pois fomenta escolhas que não consideram o autorrespeito, bem como o respeito pelas pessoas e pelo meio ambiente.

Michael Runkel/Robertharding/Getty Images

O panóptico foi desenvolvido pelo filósofo e jurista inglês Jeremy Bentham (1748-1832), em 1785, para projetar uma penitenciária ideal. Nesse tipo de arquitetura, as celas são dispostas em círculo. Ao centro, há uma única torre de vigilância, de onde é possível ver todas as celas. Os prisioneiros não conseguem ver quem está na torre; portanto, não sabem ao certo se estão sendo vigiados. Assim, essa estrutura gera uma autorregulação, ou seja, um controle realizado pelos indivíduos sobre si mesmos. Na foto, Presídio Modelo, construído em 1920, com base no ideal panóptico, na ilha da Juventude, em Cuba. Foto de 2023.

Além das publicações pessoais, é importante lembrar que as redes sociais divulgam anúncios de diversas empresas. Além disso, como estudado no capítulo 3 deste livro, há pessoas que são remuneradas para divulgar produtos e hábitos, criando tendências de consumo que podem influenciar milhares de indivíduos que acompanham seus conteúdos.

Nesse contexto, refletir sobre a cultura dos seguidores de personalidades famosas nas redes sociais é essencial para determinar os limites de nossas escolhas e nossos desejos. Você já parou para pensar se seus desejos de consumo, por exemplo, dizem respeito a seu gosto pessoal ou podem ter sido despertados por um influenciador?

A repetição constante de um determinado costume é uma estratégia eficiente, já adotada pelo rádio e pela televisão ao longo do século XX, para criar demandas específicas de consumo. O resultado é mais um mecanismo de biopolítica: são criadas normas de conduta que passam a ser consideradas essenciais para a higiene e para os padrões de beleza e de comportamento. Elas passam a participar da ordem social e da formação das identidades, como qualquer característica social. Os sujeitos passam a vigiar a si mesmos para seguir esses padrões e a vigiar os outros. Essa postura gera preconceitos em relação à diversidade de costumes, de aparência física e de hábitos, já que propõe a uniformização dos modos de vida.

Para a bioética, o uso consciente das redes sociais digitais é um ponto valioso: trata-se de utilizá-las para nos conectarmos de modo saudável com as pessoas, buscando acessar conteúdos de qualidade, em fontes confiáveis, durante um tempo adequado – em equilíbrio com a vida real.

REFLEXÃO

Big Data e inteligência artificial: o que esperar dos algoritmos no futuro

O texto a seguir discute o que significa *Big Data* e como ele se relaciona com nosso cotidiano.

Desde o início dos anos 2000, o *Big Data* faz parte do vocabulário de cientistas de dados, programadores e demais profissionais da tecnologia. O grande público o adotou em seguida, quando o *e-commerce* e as redes sociais passaram a fazer parte do seu dia a dia. Hoje o conceito está bem consolidado, mas sua influência na vida das pessoas ainda é motivo de muita discussão, especialmente com os avanços da Inteligência Artificial (IA).

[…]

De forma resumida, o significado de *Big Data* é a junção e análise estratégica de um grande volume de dados. […]

[…]

Duas revoluções devem acontecer em um futuro próximo. A primeira é a da biotecnologia, que tem o apoio da neurociência para decifrar o funcionamento do cérebro humano e dos sentimentos. […]

A segunda é a da tecnologia da informação, por meio dos avanços em IA e robótica. As duas revoluções combinadas produzirão algoritmos de *Big Data* que analisarão os sentimentos das pessoas. […]

OKLEINA. *Big Data* e Inteligência Artificial: o que esperar dos algoritmos no futuro. PUC-PR, Curitiba, 2 jun. 2021. Disponível em: https://posdigital.pucpr.br/blog/big-data-inteligencia-artificial. Acesso em: 21 jun. 2024.

1. Com base no excerto e em seus conhecimentos, debata com a turma:

a) Como a repetição de comportamentos incentivados pelas redes sociais se relaciona com a biopolítica?

b) Quais são as implicações do uso dessas informações pelas empresas de *Big Data* e como isso afeta o controle dos sentimentos e comportamentos dos indivíduos?

Não escreva no livro.

Saúde mental

No capítulo anterior, refletimos sobre a busca pelo equilíbrio entre as preferências e os gostos pessoais, a moral e os padrões de beleza. Pensar sobre esses temas é essencial para que cuidemos de modo adequado de nossa saúde mental. Mas, afinal, o que é saúde mental?

A Organização Mundial da Saúde (OMS) estabelece como conceito de saúde: um completo estado de bem-estar físico, mental e social, merecendo atenção em todas as suas vertentes. A saúde mental é uma parte integrante e complementar à manutenção das funções do corpo, sendo essencial para que os indivíduos tenham a capacidade de executar suas habilidades pessoais e profissionais, além de conferir a eles a possibilidade de exercer seus direitos sociais e de cidadania.

Muitas vezes, a busca incessante por atender determinados padrões de beleza e de comportamento pode provocar transtornos e doenças, como as que estudamos no capítulo 13. No entanto, há muitas outras consequências.

Depressão e ansiedade também podem ser deflagradas por conteúdos disponíveis nas redes sociais, especialmente os produzidos por influenciadores que exibem uma vida aparentemente plena de felicidade e de boas notícias. De acordo com diversos pesquisadores, esse tipo de conteúdo virtual pode nos causar a sensação, por exemplo, de que nossa vida não é boa o suficiente, gerando angústias e desejo de consumo, como uma possibilidade de alcançar um determinado estilo de vida.

Jean Galvão/Acervo do cartunista

Tira de Jean Galvão, feita em 2020, mostrando a possibilidade de atitudes de empatia em situações do cotidiano.

Apesar disso, as redes sociais – quando utilizadas de maneira consciente e responsável – podem ser benéficas à saúde mental, especialmente se considerarmos o acesso a informações e a agilidade nas comunicações que elas oferecem.

As áreas que se dedicam ao cuidado da saúde mental, como a Psicologia e a Psiquiatria, além dos espaços dedicados a esses cuidados, também constituem um importante campo de interesse da bioética. Por muito tempo, essas áreas e esses espaços foram usados como mecanismos da biopolítica, cerceando as liberdades de indivíduos considerados "anormais", isto é, que exibiam diversidade de comportamentos e de tipo físico.

A categoria "loucura", ao ser institucionalizada pelo Estado, legitimou um processo de exclusão social e econômica, que isolava as pessoas consideradas perigosas para a ordem social. Durante séculos, as causas orgânicas das doenças mentais foram consideradas centrais, anulando a autonomia do sujeito e sua participação no tratamento indicado pelo psiquiatra. Após a Segunda Guerra Mundial, a luta antimanicomial se intensificou, rompendo com a noção de isolamento em instituições fechadas, nas quais a internação poderia perdurar por toda a vida, buscando uma noção de tratamento humanizado, com respeito à autonomia do paciente. As reformas psiquiátricas são uma grande conquista da bioética.

INTERAÇÃO

1. **Se a tira reproduzida nesta página fosse publicada em uma rede social, você acha que esse conteúdo colaboraria para a manutenção da saúde mental dos usuários das redes sociais? Explique.**
2. **Que tipo de situação a tira retrata? Você conhece alguém que já presenciou uma situação semelhante à representada? Você considera a atitude retratada adequada?**

VACINA: RETOMANDO O DEBATE

As epidemias e as pandemias são situações passíveis de maior intervenção do Estado sobre o corpo das pessoas, por questões não apenas relacionadas à saúde, mas à economia, pois, quando uma epidemia atinge uma sociedade, a capacidade de produção e consumo é diretamente afetada, além de surgir a necessidade de investir intensamente em recursos para a saúde.

Na segunda unidade deste livro, analisamos o negacionismo científico associado às vacinas e a defesa dos cientistas sobre a manutenção da vacinação na saúde pública. Agora, vamos aprofundar esse debate, mobilizando os conceitos de biopolítica e de biopoder.

Como estudamos, a biopolítica exerce seu poder sobre o corpo dos indivíduos por meio de técnicas de gestão da vida, principalmente na área da saúde. Entre os séculos XIX e XX, houve a ampliação do controle biopolítico das populações. Assim, determinadas enfermidades passaram a ser tratadas com políticas públicas de vacinação. Trata-se de uma estratégia que se apresenta muito eficaz no controle das epidemias devido à ampla quantidade de pessoas que pode atingir. Ou seja, do ponto de vista da saúde em si, a vacinação é essencial para garantir o bem-estar da população.

No entanto, no início do século XX, o Brasil experimentou uma reação adversa à vacinação. Em 1904, ocorreu a **Revolta da Vacina** na então capital do país, o Rio de Janeiro. A campanha de vacinação contra a varíola, empreendida pelo governo da época, apresentou características que causaram revolta na população. O historiador brasileiro Sidney Chalhoub (1957-), ao investigar esse evento, elencou alguns pontos para análise. O primeiro deles foi o estabelecimento de um discurso higienista em defesa da obrigatoriedade da vacina (que também está presente nas medidas de vacinação atuais). No entanto, parte desse discurso de higienização da cidade era baseado na ideia de que a população pobre era considerada irresponsável em relação à higiene e à saúde. Assim, o Estado implementou medidas policiais para a vacinação dessas populações, muitas vezes vacinando as pessoas à força, sem informá-las sobre a real necessidade da vacina e sem que elas consentissem o tratamento.

Chalhoub aponta, ainda, outro elemento: no mesmo período, estava ocorrendo a desapropriação de vários imóveis da região central carioca, devido ao replanejamento da capital. A população foi forçada a buscar moradias em lugares distantes do centro e com pouco acesso à infraestrutura. Ou seja, as comunidades que ocupavam cortiços e prédios do centro eram diariamente abordadas por oficiais do Estado – fosse para deixarem as moradias ocupadas, fosse para serem vacinadas.

Leônidas/Acervo da Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

Revista *O Malho*, publicada em 29 de outubro de 1904. A *charge* retrata, ao centro, Oswaldo Cruz, responsável pela organização da vacinação compulsória no Rio de Janeiro. Ele foi apelidado de Napoleão da Seringa e Lanceta, como crítica à sua atuação autoritária.

Não escreva no livro.

Esse conjunto de eventos históricos pode nos ajudar a refletir sobre o papel da educação e da divulgação científica na conscientização da população acerca da importância da vacinação e dos serviços sanitários para a manutenção da saúde coletiva. Em contrapartida, também nos permite problematizar o uso da violência pelo Estado e o preconceito em relação aos hábitos de higiene das pessoas pobres.

Atualmente, ainda nos defrontamos com o debate sobre a vacina e seus dilemas sociais, políticos e éticos. Contudo, não podemos incorrer no erro de negativar a eficiência da vacina e seus benefícios como instrumento de política pública, principalmente em casos de pandemias, como a de covid-19. A vacinação deve fazer parte das ações do Estado, que tem o dever de elaborar políticas voltadas para a prevenção de doenças e o tratamento da população como um todo, sempre conscientizando e informando a sociedade sobre as intenções de suas medidas.

AÇÃO E CIDADANIA

Movimento Antivacina

O texto a seguir comenta alguns dos possíveis motivos para o crescimento do movimento antivacina no Brasil, especialmente no contexto da pandemia de covid-19.

Dentre as razões descritas para a queda do índice ou recusa em fazer parte do programa de imunização, a influência através da internet é considerada um dos pontos de maior poder sob a formação de opiniões da população [...]. Nesse sentido, com o advento da grande mídia, houve uma mudança entre o diálogo da sociedade com as organizações governamentais. O que antes era um monólogo por parte das autoridades, se tornou hoje um diálogo, onde qualquer indivíduo com acesso à tecnologia pode ser um criador de conteúdo e influenciador de opiniões.

[...]

Além disso, pesquisas indicam que com a rapidez que a internet pode providenciar uma resposta, os indivíduos preferem pesquisar por informações e opiniões disponíveis na rede a buscarem o ponto de vista de um profissional qualificado [...]. Por fim, países que apresentam queda significativa das taxas de vacinação foram associados a movimentos antivacina *online* fortemente ordenados [...]. Como resultado, os pacientes se deparam a toneladas de informações com uma base precária para realizar uma interpretação adequada.

Assim, nas chamadas "*fake news*", a promessa de acesso a uma fonte exclusiva disposta a revelar o que o governo e a mídia estão escondendo é a isca para pescar aqueles que estão frustrados com o sistema ou não cumpriram suas expectativas. A promoção de mecanismos de resiliência contra boatos não é uma tarefa nova para os programas de imunização, mas a internet trouxe uma sobrecarga de informações enganosas e deixa os órgãos governamentais com o encargo de informarem e tentarem evitar uma nova pandemia ao mesmo tempo.

Xavier, Fernanda Queiroz *et al*. Movimento antivacina: a pandemia da década. *Brazilian Journal of Health Review*, Curitiba, v. 7, n. 1, p. 5234-5235, jan./fev. 2024. Disponível em: https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/67114/47830. Acesso em: 3 set. 2024.

1. **Quais razões são apresentadas no texto para o crescimento do movimento antivacina?**
2. **Faça uma pesquisa a respeito do uso de redes e mídias sociais pelo movimento antivacinação no Brasil durante a pandemia de covid-19 e quais as consequências da disseminação desse conteúdo.**
3. **Com os colegas, proponha uma campanha informativa para promover a conscientização da importância da vacina para a saúde coletiva. Vocês podem elaborar cartazes ou folhetos que serão distribuídos para a comunidade escolar. Caso tenham oportunidade, convidem um agente de saúde para visitar a escola e conversar com a turma sobre esse tema.**

ATIVIDADES

1 **Junte-se a um colega para realizar esta atividade. Leiam o texto a seguir, que aborda a ideia de "políticas de vida" em oposição às políticas de morte. Ele é baseado em conhecimentos e epistemologias de povos africanos e de comunidades afro-brasileiras.**

> Não à toa, a dimensão da ancestralidade se manifesta como fundamento ético que interliga diferentes expressões da existência. [...]
>
> As sabedorias ancestrais ensinam que não existe no Universo o grande e o pequeno. O que há é a harmonia entre as coisas que possuem tamanhos distintos, sem relações de grandeza que, desprovidas de sentidos, não acrescentam nem diminuem nada.
>
> Nesse sentindo, o encantamento dribla e enfeitiça as lógicas que querem apreender a vida em um único modelo, quase sempre ligado a um senso produtivista e utilitário.
>
> Simas, Luiz Antonio; Rufino, Luiz. *Encantamento*: sobre política de vida. Rio de Janeiro: Mórula, 2020. p. 9.

a) Os conhecimentos filosóficos que constituem as reflexões de Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino são referenciados por quais expressões do texto? Expliquem.

b) Releiam o texto e imaginem proposições práticas da política de vida. Que ações podem ser feitas para combater a necropolítica no lugar onde vocês vivem? Compartilhem suas ideias com a turma.

2 **Com base na *charge* e no debate apresentados no tema "Vacina: retomando o debate" e em seus conhecimentos, faça o que se pede.**

a) Como é possível identificar a biopolítica e o biopoder na *charge*?

b) Quais questões da relação entre Medicina e sociedade podem ser identificadas na Revolta da Vacina?

c) Os benefícios da vacinação são inegáveis, do ponto de vista científico. Elabore propostas para despertar a confiança da população em relação às vacinas.

3 **A notícia a seguir foi publicada em 2020, durante a pandemia de coronavírus. O uso de máscaras de proteção é essencial para evitar o contágio da população, bem como a dispersão do vírus. A notícia aborda uma fala de Donald Trump, então presidente dos Estados Unidos.**

> "Precisamos das máscaras. Não queremos outros conseguindo máscaras. É por isso que estamos acionando várias vezes o ato de produção de defesa. Você pode até chamar de retaliação porque é isso mesmo. É uma retaliação. Se as empresas não derem o que precisamos para o nosso povo, nós seremos muito duros."
>
> Trump afirmou ainda que esta semana e a próxima provavelmente serão as mais difíceis na luta contra a doença e que "haverá muita morte".
>
> "Não queremos outros conseguindo máscaras", diz Trump sobre equipamentos em produção contra o coronavírus. *G1*, São Paulo, 4 abr. 2020. Disponível em: https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/04/04/nao-queremos-outros-conseguindo-mascaras-diz-donald-trump-sobre-equipamentos-de-protecao-contra-o-coronavirus.ghtml. Acesso em: 3 jul. 2024.

a) Que implicações bioéticas você identifica na fala de Donald Trump?

b) Como seria possível lidar com a falta de máscaras de modo ético? Identifique algumas possibilidades de ação.

4 **(Uncisal)** **Segundo o filósofo Michel Foucault "O controle da sociedade sobre os indivíduos não opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo e com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade biopolítica".**

Então, se o corpo é uma realidade biopolítica, conforme acredita Foucault, como esse corpo deve ser visto na atividade física?

a) Dando ênfase às suas articulações mecânicas.

b) Como parte integrante de manifestações estéticas.

c) A partir de uma ação reflexiva sobre valores estéticos e físicos.

d) Como um organismo de representações apenas das simbologias sociais.

e) No âmbito de suas definições biológicas já conhecidas pela sociedade.

Não escreva no livro.

5 **(Unicamp)**

De que se trata essa biopolítica, esse biopoder? A nova tecnologia do poder que se instala se dirige à multiplicidade dos homens, não na medida em que eles se resumem em corpos, mas na medida em que ela forma, ao contrário, uma massa global, afetada por processos de conjunto que são próprios da vida, que são processos como o nascimento, a morte, a produção, a doença etc. É com o nascimento da biopolítica que se lança mão da medição estatística desses fenômenos para fins de regulamentação e de intervenção. Um novo tipo de poder que consiste em fazer viver e em deixar morrer.

(Adaptado de Foucault, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. p. 204.)

Como tecnologia de poder, a biopolítica se inscreve no corpo

a) do indivíduo como problema existencial.

b) da família como problema reprodutivo.

c) da escola como problema disciplinar.

d) da população como problema político.

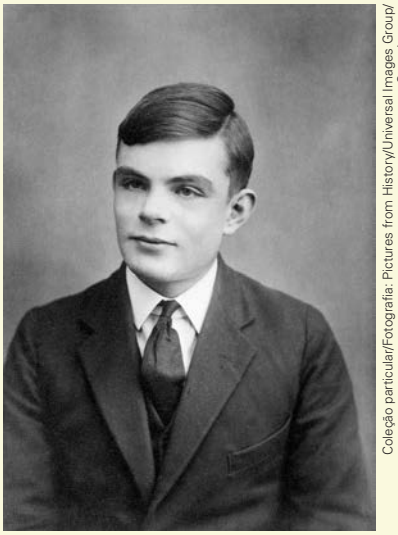
6 **(UEL)** **Leia o texto a seguir e responda.**

Durante a Segunda Grande Guerra, os alemães utilizavam a Enigma, uma engenhosa máquina eletromecânica para criptografar mensagens de sua força militar, tornando a comunicação indecifrável para o Reino Unido e seus aliados.

Alan Turing (1912-1954) foi um matemático e cientista britânico que atuou diretamente na decodificação da Enigma. Sem sequer desconfiar, o Estado-maior alemão tinha suas comunicações e estratégias militares decifradas, fato que alterou os rumos da Segunda Grande Guerra.

Com seu conhecimento e esforço, estima-se que Turing possa ter encurtado a guerra em dois anos e salvo mais de 14 milhões de vidas. Após a guerra, foi condenado pela Justiça britânica por manter relações homossexuais e foi submetido à castração química para não ser preso. Atribui-se a Turing o título de pai da computação e a formalização dos conceitos de algoritmo.

Adaptado de: brasilescola.uol.com.br.



Coleção particular/Fotografia: Pictures from History/Universal Images Group/Getty Images

A produção de conhecimentos sobre a sexualidade envolve, historicamente, a busca de instituições de controle a fim de usar o poder-saber para objetificar os sujeitos. Os trabalhos de Michel Foucault (1926-1984) explicitaram como o conhecimento é uma forma de poder e como é usado para controlar os sujeitos.

Com base no texto e nos conhecimentos sobre as relações entre saber e poder em Foucault, assinale a alternativa correta.

a) O conhecimento científico sobre os corpos e a sexualidade criou noções de patologias sociais a partir da classificação de normalidade e anormalidade.

b) O corpo, ao ser separado, medido, investigado e conhecido em seus detalhes, tornou-se fonte de liberdade, algo que a sociedade moderna é incapaz de controlar e submeter.

c) A biopolítica, como conhecimento, possibilita aos sujeitos individuais o exercício autônomo do controle em questões como saúde, higiene, natalidade, longevidade e sexualidade.

d) Procedimentos científicos de catalogar, categorizar e nomear as práticas sexuais [transferiram] o tema do conhecimento sobre a homossexualidade do campo médico para o penal.

e) Fábricas e prisões modernas se diferem quanto ao conhecimento e à disciplina dos corpos, sendo o corpo criativo de interesse da primeira e o corpo dócil o interesse da segunda.

ESTÚDIO FILOSÓFICO

OS DIREITOS DA POPULAÇÃO NEGRA EM SUELI CARNEIRO

Neste capítulo, aprendemos sobre a tomada de decisões relacionadas aos cuidados com a saúde e seus impactos nos indivíduos, no contexto das discussões bioéticas. Aprendemos também que a Medicina, assim como as práticas e os comportamentos relacionados à saúde, é uma construção histórica e cultural, resultado de processos históricos e de concepções específicas das sociedades. Sob a perspectiva desse entendimento de saúde física, mental e de análises históricas, conheceremos um pouco sobre a filósofa Sueli Carneiro (1950-), que há décadas vem lutando pelos direitos físicos, mentais e culturais da população negra do Brasil.

Davi Augusto Studio/ID/BR

PERFIL

Sueli Carneiro é filósofa, doutora em Filosofia da Educação, escritora e ativista brasileira, conhecida por sua luta pelos direitos das mulheres negras no Brasil. Paulista nascida em 1950, é uma das vozes mais influentes no movimento negro e feminista brasileiro. Sua atuação abrange a luta contra o racismo e o sexismo, e a promoção da igualdade de gênero e raça. É fundadora e diretora do Geledés – Instituto da Mulher Negra, uma das principais organizações de defesa dos direitos das mulheres negras no país.

Entre suas contribuições notáveis, Sueli Carneiro tem sido uma figura central na articulação de políticas públicas e ações afirmativas voltadas para a população negra no Brasil.

OBRAS-CHAVE

- *Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser* (2023)
- *Interseccionalidades: pioneiras do feminismo negro brasileiro* (2020)
- *Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto* (2019)
- *Pensamento feminista: conceitos fundamentais* (2019)
- *Escritos de uma vida* (2018)
- *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil* (2011)
- *Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero* (2003)
- *Gênero, raça e ascensão social* (1995)
- *Mulher negra: política governamental e a mulher* (1985)

EM LEITURA

Dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública mostram que as pessoas negras são as principais vítimas de violência no país. No ano de 2023, mais de 70% das pessoas assassinadas eram pretas; mais de 60% das vítimas de feminicídios eram mulheres pretas; 52% das vítimas de estupro de vulneráveis eram pessoas pretas. Esses índices são, entre outros aspectos, resultados de séculos de escravização, do racismo estrutural enraizado na sociedade brasileira, da desigualdade social e da falta de políticas públicas para proteger a vida e o desenvolvimento da população negra no país.

Sueli Carneiro contribui com diversos capítulos em livros que discutem temas de direitos humanos, racismo institucional e violência de gênero. Entre suas obras, a de maior repercussão é *Escritos de uma vida*, que traz diversas dimensões da luta contra o racismo, o sexismo e as desigualdades sociais no Brasil. O livro é uma coletânea de textos que refletem sua trajetória como uma das principais intelectuais negras do país e sua luta incansável pelos direitos humanos. A violência contra a população negra também é abordada pela autora, ao discutir a negação histórica do racismo no país em suas várias vertentes, como na educação, na cultura e no desenvolvimento social, e como isso cria uma cultura de impunidade.

Não escreva no livro.

No trecho a seguir, Sueli Carneiro aborda a violência racial no Brasil, destacando sua natureza sutil, mas devastadora, e reconhece que o racismo no país tem características únicas e profundamente enraizadas, que levam à miséria e à exclusão das pessoas negras.

Queremos ser corresponsáveis por promover e proteger uma ordem adequada ao desenvolvimento em termos políticos, sociais e econômicos. Queremos conquistar o direito de oferecer ao desenvolvimento deste país nossa inteligência, nosso vigor físico, nossa herança cultural, nossos valores espirituais, nossa criatividade, nossa extraordinária capacidade de resistência. E, para que possamos nos tornar agentes ativos no progresso do Brasil, reivindicamos políticas de inclusão efetivas, que rompam com o apartheid informal existente, que reunifiquem os dois países aqui criados pela exclusão, que promovam a purificação de nossa memória, conduzindo à conscientização da nação sobre seu passado e seu presente de violência e exclusão racial.

Existe, sim, um racismo brasileiro, um tipo de racismo e de intolerância próprios, que causam miséria e exclusão. Esse tipo de racismo se assemelha a um animal perigoso, que ataca à noite, silenciosamente, e cuja existência se denuncia apenas pelos rastros, pelas vítimas que se encontram pela manhã. A problemática racial requer vontade política dos governos, empresas e demais instituições da sociedade para a adoção de medidas que rompam com a apartação racial existente no Brasil. Somente com ações efetivas conseguiremos alterar a realidade que se exprime nos índices de desigualdades raciais aqui demonstrados [...].

Carneiro, Sueli. *Escritos de uma vida*. Belo Horizonte: Letramento, 2018. *E-book*.

Para a filósofa, são necessárias ações políticas efetivas e uma conscientização nacional para combater e reverter as desigualdades raciais no Brasil por meio de políticas inclusivas e uma conscientização coletiva que valorize e integre plenamente as contribuições das pessoas negras na sociedade.

Lutamos para que as mulheres pudessem estudar, ter uma carreira e trabalhar fora de casa. As mulheres entraram para o mercado de trabalho e novas contradições se colocaram, e passamos a nos defrontar com a desigualdade dos salários das mulheres em relação ao dos homens mesmo quando apresentamos as mesmas habilitações, desenvolvemos as mesmas tarefas e temos índices superiores de educação como ocorre atualmente no Brasil.

Enfrentamos o veto nas promoções, especialmente para os cargos de chefia; o assédio sexual a que muitas têm que se submeter para manter um emprego ou conseguir uma promoção; a ausência de creches para assegurar a guarda dos filhos e assim nos mantermos no mercado de trabalho que os empresários não garantem a falta de solidariedade dos maridos ou companheiros na divisão das tarefas domésticas e em relação à educação dos filhos.

Carneiro, Sueli. *Escritos de uma vida*. Belo Horizonte: Letramento, 2018. *E-book*.

Nelson Almeida/AFP

Durante toda sua trajetória de luta e resistência, Sueli Carneiro defendeu veementemente os direitos da população negra no Brasil, em especial das mulheres pretas, que diariamente sofrem nas mãos de uma sociedade racista e desigual. Na foto, marcha de mulheres pretas contra violência de gênero no município de São Paulo, no Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha (25 de julho). Foto de 2022.

Para Sueli Carneiro, todas as vitórias que os movimentos feministas conquistaram nas últimas décadas são de grande importância para as mulheres do país, porém, para a mulher preta, a trajetória é muito mais difícil, devido ao alto grau de preconceito que vivencia diariamente. Carneiro destaca a importância do empoderamento das mulheres negras como forma de resistência e autoafirmação. Ela enfatiza a necessidade de criar espaços nos quais as vozes das mulheres negras possam ser ouvidas e valorizadas e elas possam liderar e tomar decisões.

PARA CONCLUIR

1 **Em sua opinião, como o racismo estrutural impacta a vida das pessoas negras no Brasil, especialmente no acesso à educação, à saúde e ao mercado de trabalho? Quais são as consequências desse impacto a longo prazo?**

2 **Discuta com a turma formas pelas quais os jovens podem se envolver em movimentos de resistência e luta por justiça social.**

Não escreva no livro.

PRÁTICAS DE TEXTO

PODCAST

Proposta

Nesta seção, você e os colegas vão criar um *podcast* sobre o papel do Estado na saúde das pessoas.

O *podcast* apresenta características muito semelhantes às de alguns programas de rádio tradicionais. Contudo, diferentemente dos programas de rádio, que dependem da escuta dos ouvintes no horário da programação, o *podcast* pode ser acessado ou baixado pela internet, por meio de *sites* e aplicativos, para ser ouvido a qualquer hora.

Atualmente, há uma grande variedade de temas e tipos de *podcast*, sendo muito comuns entrevistas e discussões sobre temas de interesse geral.

Público	Estudantes, funcionários da escola e outros interessados.
Objetivo	Informar e discutir sobre um tema relevante.
Circulação	*Sites* e aplicativos de *podcast*.

Planejamento e elaboração

1 **Reúna-se com mais três colegas. Todos devem colaborar para a realização do *podcast*. Porém, para facilitar a organização das etapas, definam quem será responsável pelas atividades indicadas a seguir.**

- Pauteiro: criará a pauta do *podcast*, isto é, orientará a abordagem do tema, definirá como o episódio será dividido, seu tempo de duração, etc.
- Repórter: pesquisará e organizará dados atualizados sobre o tema, apresentará o *podcast* e realizará a entrevista e o encerramento.
- Produtor: cuidará da organização e da viabilização das etapas e dos recursos, entrará em contato com o entrevistado e providenciará materiais e aparelhos para a gravação.
- Editor: fará a edição do *podcast*, cortando trechos desnecessários do áudio, diminuindo ruídos e fazendo ajustes de som com a utilização de aplicativos de edição de áudio.

Davi Augusto Studio/ID/BR

Não escreva no livro.

2 Façam uma reunião de pauta para definir, com o pauteiro, como o tema será apresentado. Nessa reunião, definam:

a) quem será o entrevistado (um especialista ou outra pessoa envolvida com o tema);

b) quais perguntas serão feitas;

c) possíveis efeitos sonoros que serão inseridos no *podcast*, entre outros assuntos que considerarem relevantes;

d) como será o encerramento do episódio.

- Reflitam sobre a pertinência das perguntas feitas ao entrevistado e a relação delas com o tema. O pauteiro será responsável por organizar todas as informações em forma de texto.

3 Ensaiem as etapas de apresentação e encerramento do *podcast*.

4 Realizem testes prévios para a gravação, considerando a disponibilidade de equipamentos. Para isso, escolham um local silencioso.

5 Convidem o entrevistado, expliquem os motivos da entrevista e solicitem uma autorização para a disponibilização do áudio após a edição do conteúdo. Em caso de recusa, entrem em contato com outro possível entrevistado.

6 Combinem a data para a realização da gravação do *podcast* com o entrevistado.

7 Realizem a gravação no local combinado. Apresentem o tema do episódio e o entrevistado para os ouvintes, realizem a entrevista e, na sequência, façam o encerramento.

8 Na impossibilidade de gravar o *podcast* completo com a presença do entrevistado, gravem as etapas separadamente e reúnam essas partes na edição.

9 Caso não disponham de equipamentos para a gravação, convidem o entrevistado para ir à escola e apresentem o *podcast* e a entrevista para a turma.

Revisão e reescrita

1 Após a gravação, avaliem os seguintes itens:

Vocês pesquisaram e definiram o tema antes de organizar o *podcast*?
As etapas do *podcast* foram esclarecidas na reunião de pauta?
As perguntas feitas ao entrevistado foram relevantes para o tema?
Os equipamentos utilizados funcionaram corretamente?
A qualidade do áudio ficou de acordo com a expectativa do grupo?

2 Guardem o arquivo gravado, criem uma cópia de segurança e façam ajustes utilizando um aplicativo gratuito de edição de áudio.

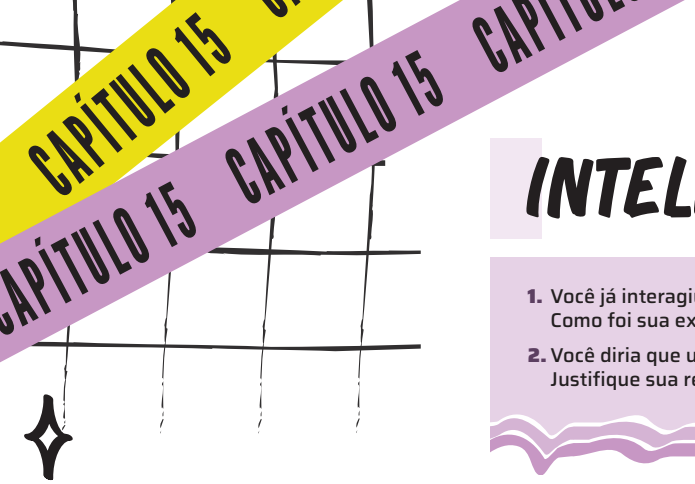
Davi Augusto Studio/ID/BR

Circulação

1 Disponibilizem o áudio em um *site* da turma ou em um aplicativo para ouvir *podcasts*.

2 Divulguem o *podcast* para os colegas e ouçam as opiniões deles a respeito do episódio.

Não escreva no livro.



INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

1. Você já interagiu com algum aplicativo que utiliza inteligência artificial? Se sim, qual? Como foi sua experiência?
2. Você diria que uma obra produzida por inteligência artificial pode ser considerada arte? Justifique sua resposta.

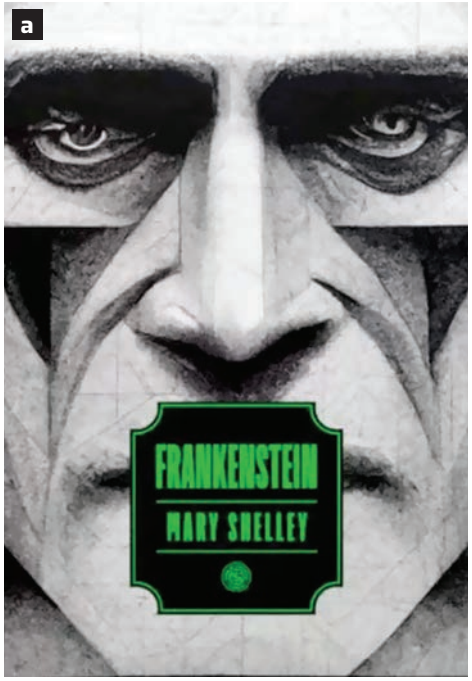
Para identificar os gostos e as preferências pessoais de seus usuários, as redes sociais utilizam algoritmos e robôs que auxiliam na interação com os usuários, proporcionando a experiência de conexão com aquilo que mais lhes agrada. Essas tecnologias estão relacionadas à **inteligência artificial** (IA), um ramo das Ciências da Computação que desenvolve programas capazes de desempenhar atividades que mimetizam a inteligência humana. O interesse por seres artificiais que podem, por exemplo, perceber, aprender, decidir, resolver problemas e usar linguagem é antigo e presente em várias culturas, evidenciado, por exemplo, pela construção de **autômatos**. Mas a concretização dessa ideia só foi realmente possível após o surgimento dos computadores digitais, na década de 1940. Em 1956, na Dartmouth College, nos Estados Unidos, ocorreu o primeiro congresso que reuniu pioneiros da área, os quais cunharam, nesse contexto, a expressão "inteligência artificial".

Avanços continuam sendo feitos desde então, e a inteligência artificial já faz parte de nosso cotidiano e pode ser utilizada de diversas formas. Algoritmos têm sido usados inclusive em atividades artísticas, que aparentam ser tipicamente humanas por demandar criatividade, como a escrita de poemas e a pintura de quadros. Atualmente, a inteligência artificial é uma ferramenta útil em várias áreas. No entanto, ainda estamos muito longe do desenvolvimento de uma inteligência artificial que seja indistinguível da inteligência humana. Mesmo assim, esse conhecimento promete gerar transformações profundas em nossa sociedade. Por isso, os limites dessas ações e as implicações éticas desse tipo de pesquisa são valiosos para o campo da bioética.

autômato: máquina que parece mover-se sozinha, sem a ajuda de força externa, por meio de mecanismos que causam essa impressão.

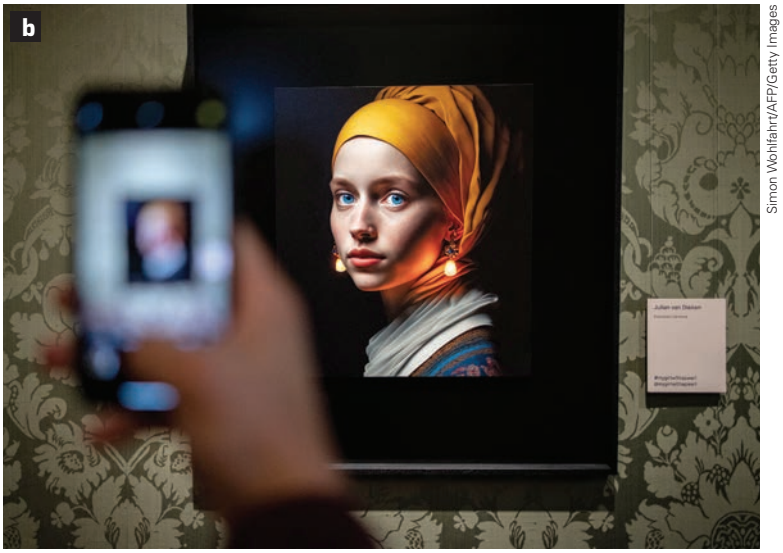
Capa de edição em língua portuguesa do livro *Frankenstein*, de Mary Shelley (1797-1851), publicado pelo Clube de Literatura Clássica em 2022. O livro se tornou alvo de polêmica no ano seguinte ao de sua publicação, ao ser indicado pela Câmara Brasileira do Livro para a lista de finalistas da categoria Ilustração do prêmio Jabuti, um dos maiores prêmios de literatura do país. A polêmica aconteceu devido ao fato de as ilustrações e outros elementos gráficos do livro terem sido feitos com o auxílio de inteligência artificial, o que, posteriormente, ocasionou a desclassificação do livro no concurso.

a



Clube de Literatura Clássica/Acervo da editora

b



Simon Wohlfahrt/AFP/Getty Images

Releitura contemporânea de *Moça com brinco de pérola*, obra originalmente criada por Johannes Vermeer, no ano de 1665. Essa releitura foi feita por um *software* que utiliza inteligência artificial para criar imagens, pelo criador digital Julian van Dieken, e foi exposta no Museu Mauritshuis, nos Países Baixos, no ano de 2023, enquanto a obra original de Vermeer foi emprestada a outro museu.

Não escreva no livro.

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NO COTIDIANO

No mundo contemporâneo, a inteligência artificial faz parte do dia a dia. Ela é usada, por exemplo, em redes sociais (para o reconhecimento de rostos em fotos), em *e-mails* (para a classificação de *e-mails* como *spam*), em *sites* de busca (para a filtragem de resultados), em serviços de *streaming* (para criar sugestões de programas), em *videogames* (para programar o comportamento de personagens) e em sistemas bancários (para garantir a segurança de transações e detectar fraudes).

O uso de inteligência artificial nas eleições

Um dos grandes marcos da inteligência artificial ocorreu em 1997, quando o computador Deep Blue, da IBM, conseguiu vencer o grande enxadrista russo Garry Kasparov em uma partida de xadrez. Um feito ainda mais impressionante aconteceu em 2016, quando o programa de computador AlphaGo venceu, em quatro de cinco partidas, o sul-coreano Lee Se-Dol, campeão do tradicional jogo de tabuleiro chinês Go.

Apesar de ter regras mais simples, o jogo é considerado mais complexo do que o xadrez por ter um número muito maior de jogadas possíveis, o que representava um desafio para a inteligência artificial. Esse feito foi atingido sem que o computador recebesse instruções precisas de seus programadores, que o alimentaram com dados de milhares de partidas jogadas por humanos. Além disso, o computador jogou contra si mesmo milhares de vezes, aprendendo com a experiência. Assim, desenvolveu estratégias próprias, muitas vezes surpreendentes e inteiramente diferentes das usadas por humanos. Essa foi a aplicação de uma técnica de IA conhecida como **aprendizado de máquina**. Esse mecanismo também foi usado na releitura de *Moça com brinco de pérola* feita com inteligência artificial, que você conheceu na página anterior.

Vamos estudar, agora, outros contextos de uso da inteligência artificial.

IA em trabalhos perigosos

Robôs com inteligência artificial podem realizar trabalhos considerados perigosos para os seres humanos, como desativar bombas ou explorar regiões impróprias. O robô Perseverance, que pousou em Marte em 2020, usa sua visão computacional de forma autônoma para detectar rochas e determinar suas propriedades por meio da análise de imagens. Assim, ele oferece novas informações aos pesquisadores que investigam o espaço.

Autorretrato do robô Perseverance realizado no planeta Marte. A imagem foi produzida com uma dezena de fotos tiradas pelo Perseverance em 2021.

Handout/JPL/Caltech/NASA/AFP

Não escreva no livro.

IA na Medicina

A IA tem sido cada vez mais utilizada na Medicina, e seu uso para diagnosticar doenças tem se desenvolvido de forma bastante promissora. Algoritmos de aprendizado de máquina podem receber uma grande quantidade de dados, extrair padrões e aprender a fazer distinções sutis, o que os torna capazes de diagnosticar, entre outras possibilidades, diversos tipos de câncer com base em exames de imagem.

Diagnosticar doenças não é uma tarefa simples, já que muitas delas apresentam sintomas semelhantes. O diagnóstico é particularmente difícil no caso de doenças raras, que afetam 1,3 pessoa em cada 2 mil pessoas. Acredita-se que há por volta de 7 mil tipos de doenças raras, e milhões de pessoas são afetadas por elas no mundo. Justamente porque são raras e apresentam grande variedade, muitas delas são desconhecidas pelos médicos. Além disso, muitas vezes, portadores de doenças raras apresentam sintomas parecidos com os de doenças mais conhecidas e, por isso, acabam sendo diagnosticados de forma incorreta; consequentemente, são submetidos a tratamentos inadequados e passam anos lidando com os problemas decorrentes da doença.

Nesse sentido, a IA pode ser especialmente útil no diagnóstico de doenças raras. Pensando nisso, cientistas da Universidade de Bonn, na Alemanha, desenvolveram um programa que recebeu dados de 679 pacientes com 105 doenças raras, causadas por alterações em um único gene. Todas elas provocavam anormalidades nos traços faciais. O programa analisou fotos dos pacientes, os sintomas clínicos e seus dados genéticos e conseguiu fazer os diagnósticos com um percentual alto de acertos.

A aplicação da IA em diagnósticos está apenas começando, mas até agora se mostrou eficiente e confiável, e tudo indica que pode revolucionar esse aspecto da Medicina. Além de ser utilizada em diagnósticos, a inteligência artificial pode ser útil, por exemplo, na criação rápida de remédios e na sugestão de tratamentos mais personalizados, que considerem as particularidades de cada indivíduo.

Robôs com IA podem ser extremamente precisos. Por isso, eles têm sido usados, sob a supervisão de médicos, em cirurgias. A utilização de IA tem provocado uma transformação na prática médica e ajudado a salvar vidas.

Masahiro Sugimoto/Yomiuri/The Yomiuri Shimbun/AFP

Cirurgia em válvulas cardíacas feita com o auxílio de sistema robô, na Universidade Metropolitana de Osaka, no Japão. Foto de 2023.

Não escreva no livro.

A FILOSOFIA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Com o desenvolvimento da computação e da inteligência artificial, algumas perguntas filosóficas passaram a ser especialmente oportunas. Essas novas tecnologias têm despertado o interesse dos filósofos e da sociedade, originando questionamentos como: "As máquinas podem pensar?". Alan Turing (1912-1954), um dos pioneiros na criação das Ciências da Computação, propôs uma resposta a essa pergunta.

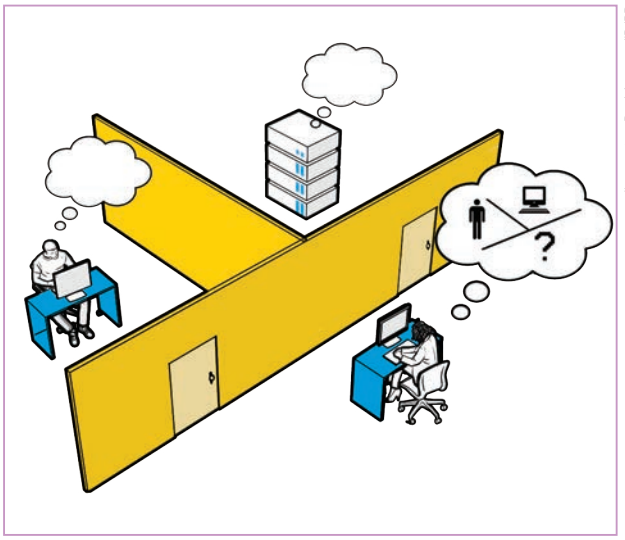
Para Turing, uma máquina poderia ser considerada inteligente se enganasse humanos avaliadores, em um teste às cegas, convencendo-os de que ela é um ser humano. Ou seja, seria possível afirmar que as máquinas podem pensar se elas utilizassem uma linguagem para responder a perguntas de modo semelhante a um ser humano. Com base nessas premissas, o matemático elaborou o **teste de Turing**.

Entretanto, nem todos os cientistas concordam com Turing. Um deles é o filósofo estadunidense John Searle (1932-), que desenvolveu um argumento conhecido como **quarto chinês**. Segundo esse argumento, se uma pessoa se encontra dentro de um quarto, onde recebe perguntas em escrita chinesa, ela poderá, por meio de um manual de instruções com respostas preconcebidas, responder a essas perguntas sem que de fato compreenda a escrita chinesa, pois está apenas manipulando símbolos mecanicamente, sem atribuir significados a eles.

Para Searle, esse comportamento é semelhante ao de um computador. Programas de computador podem simular a inteligência humana, mas não é possível concluir que um computador seja realmente inteligente, já que ele não compreende os significados dos símbolos que manipula. Segundo o filósofo, os computadores não apresentam **intencionalidade**. Portanto, ainda que uma máquina passasse no teste de Turing, não seria possível concluir que ela tem pensamento.

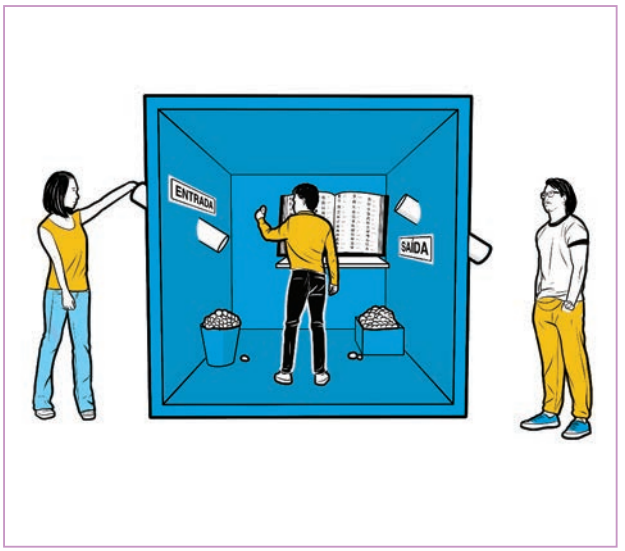
Searle também critica a ideia de que a mente humana funciona como um programa de computador, que poderia ser reproduzido em qualquer tipo de material. Para ele, nossos pensamentos são produto do cérebro. Uma máquina artificial só poderia ter pensamentos se ela tivesse uma base física que reproduzisse a capacidade do cérebro de gerar estados mentais.

Outros filósofos, como Jerry Fodor (1935-2017), acreditam que robôs que interagissem com o ambiente poderiam eventualmente desenvolver intencionalidade. O que caracteriza o pensamento, no entanto, é uma questão que segue sendo debatida.



Ilustrações: Davi Augusto/ID/BR

Ilustração do teste de Turing, em que um avaliador conversa com um computador e com um humano e precisa identificar quem é o indivíduo e quem é a máquina.



Com o experimento mental do quarto chinês, Searle pretende mostrar que os programas de computador apenas manipulam símbolos sem significado. Por isso, não podem ser considerados inteligentes.

INTERAÇÃO

1. **Com base nos experimentos e nas reflexões propostas, converse com a turma sobre as questões a seguir.**
   - **a)** Em sua opinião, o que faz com que um ser seja capaz de pensar?
   - **b)** Você acha possível desenvolver robôs que apresentem características humanas, como sentir dor ou ter emoções como alegria e tristeza?

intencionalidade: no contexto filosófico, refere-se à propriedade que estados mentais e símbolos têm de se referir a algo no mundo.

Principais dilemas da IA

Ainda que a inteligência artificial tenha o potencial de melhorar diversos aspectos da vida humana, muitos de seus usos suscitam controvérsias. Um bom exemplo dos diversos dilemas éticos relacionados ao uso da inteligência artificial são os carros autônomos, que se movimentam sem o auxílio de um motorista. Atualmente, há empresas produzindo e testando carros autônomos nos Estados Unidos e na China, e tudo indica que no futuro eles farão parte de nosso cotidiano.

Carros autônomos usam sensores e visão computacional, o que lhes permite detectar e classificar objetos. Eles conseguem determinar, por exemplo, se há um obstáculo à frente e se o farol está vermelho ou verde, bem como as distâncias dos outros carros e suas velocidades.

Mas nem todas as decisões envolvidas no trajeto de um carro são simples. Podemos imaginar situações em que o veículo estaria diante de decisões com implicações morais, cujas respostas podem variar de acordo com os valores implícitos em sua programação. Imagine a seguinte situação: um carro autônomo está levando um profissional até o trabalho quando seus freios param de funcionar. Nesse momento, dois adultos e duas crianças estão atravessando uma faixa de pedestres localizada no trajeto previsto pelo carro. Se o carro não mudar seu caminho, quatro pessoas morrerão. Se desviar, poderá bater em um muro e matar o homem que está em seu interior. Nesse caso, qual seria a melhor escolha?

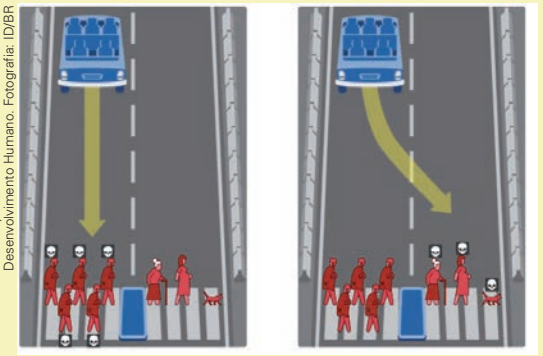
Podemos imaginar diversas situações análogas nas quais o carro precisaria rapidamente tomar uma decisão com implicações morais. Em meados de 2015, cientistas do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (em inglês, Massachusetts Institute of Technology – MIT), nos Estados Unidos, fizeram uma pesquisa *on-line* sobre carros autônomos que envolvia dilemas éticos desse tipo. Eles apresentaram cenários possíveis, e os participantes indicaram a decisão que julgavam ser correta. Foram obtidas 40 milhões de respostas de pessoas de 233 países. Segundo os pesquisadores, na maior parte dos lugares, a maioria das pessoas optou por salvar um número maior de pessoas no lugar de um número menor, por salvar jovens em vez de idosos e por salvar pessoas no lugar de animais.

No entanto, independentemente das respostas a esses dilemas, qualquer uma dessas escolhas pode ser considerada uma forma de discriminação. Uma comissão de ética na Alemanha, por exemplo, lançou diretrizes para carros autônomos. Entre elas, está a recomendação de que os carros não levem em consideração características pessoais em suas decisões. Contudo, eles julgam aceitável programar o carro para, em caso de acidentes, minimizar o número de feridos. Decisões morais como essas não são simples, e é fundamental haver um debate público sobre elas antes que carros autônomos façam parte de nosso cotidiano.

REFLEXÃO

Um dilema

Observe, a seguir, um dos dilemas propostos pelos cientistas do MIT.



Iyad Rahwan, Instituto Max Planck de Desenvolvimento Humano. Fotografia: ID/BR

Representação de um dos dilemas éticos propostos pela *Moral Machine*, do MIT. Trata-se de cenários apresentados no estudo, no qual o participante precisa escolher deixar o carro sem freio seguir seu curso e salvar uma idosa, uma mulher grávida e um gato (imagem da esquerda) ou desviar o carro e salvar cinco moradores de rua (imagem da direita).

1. **Qual das opções você escolheria? Por quê? Quais critérios você utilizou para fazer essa escolha? Compartilhe suas respostas com os colegas.**

Não escreva no livro.

IA e mão de obra

Uma das preocupações relacionadas ao uso da inteligência artificial é a possibilidade de aumentar o desemprego. À medida que os computadores forem capazes de executar tarefas atualmente desempenhadas por seres humanos, muitas vezes de modo mais eficiente e seguro, é provável que eles passem a ser empregados nesses serviços. A utilização de carros autônomos ilustra esse problema.

Em todo o mundo, milhões de pessoas trabalham como motoristas (de transporte público, de táxis e aplicativos, de caminhões, etc.) ou entregadores de encomendas. Quando os carros autônomos se tornarem suficientemente eficazes e seguros, eles poderão substituir o trabalho de humanos que executam essas funções. Essa substituição provavelmente terá efeitos positivos, como menos acidentes de trânsito e, consequentemente, menos mortes. Isso porque muitos acidentes de trânsito são causados por erros humanos: motoristas alcoolizados, que usam o celular ao dirigir ou que estão cansados e dormem ao volante, por exemplo. Além disso, muitos serviços serão realizados de maneira mais eficiente, como o transporte de cargas em caminhões, já que o carro autônomo não precisa parar para dormir ou se alimentar. Mas, ao mesmo tempo que há aspectos positivos, é preciso pensar e lidar com as consequências econômicas e sociais dessa utilização: é possível que milhões de pessoas acabem perdendo seus empregos e que a pobreza e a desigualdade se intensifiquem.

Há diversas outras atividades humanas que podem perder espaço para a inteligência artificial. Já estudamos, no início do capítulo, o uso da IA na Medicina. Atualmente, a IA funciona como uma ferramenta que o médico utiliza para aprimorar seu trabalho. Mas, se os programas ficarem cada vez mais eficientes no diagnóstico de doenças e na prescrição de tratamentos, e se forem desenvolvidos novos robôs capazes de realizar cirurgias delicadas, é possível que a presença do médico passe a ser vista como supérflua.

De fato, não é fácil estimar qual será o real impacto da introdução da IA nessas e em outras áreas, e ainda não há consenso sobre isso. Alguns estudiosos observam que a introdução de novas tecnologias tem ocorrido ao longo da história humana e que as sociedades se adaptaram aos novos contextos gerados por essas inovações. Por exemplo, no passado muitas pessoas trabalhavam em fazendas, mas o advento da automação de certas tarefas eliminou vários empregos no campo. Os processos históricos em diferentes sociedades trouxeram a adaptação de muitas comunidades a essas transformações, já que, ao mesmo tempo, outros empregos foram criados. Do mesmo modo, alguns defendem que muitas pessoas perderão seus empregos para a IA, mas novos empregos serão gerados. Assim, se a substituição de mão de obra humana pela IA for gradual, trabalhadores poderão se adaptar à nova economia.

Além disso, em alguns casos, mesmo que haja máquinas capazes de executar serviços humanos, é possível que haja motivos para preferir manter pessoas em certos empregos. No caso da Medicina, a impossibilidade de um robô se relacionar de forma empática pode ser um entrave na substituição de médicos, já que esse é um elemento central na relação médico-paciente. De todo modo, ao introduzir novas tecnologias na sociedade, é preciso ponderar, tanto quanto possível, seus benefícios e possíveis impactos.

INTERAÇÃO

1. **Você andaria em um carro autônomo? Você se sentiria seguro? Justifique suas respostas.**
2. **Você confiaria em um robô caso precisasse realizar uma cirurgia? Por quê?**
3. **Como você imagina que a utilização de inteligência artificial em serviços cotidianos, como a entrega de produtos e alimentos, poderia impactar seu dia a dia?**

Richard A. Brooks/AFP/Getty Images

Robô entregador realizando entrega de alimento em Tóquio, no Japão. Foto de 2024. Os robôs entregadores são equipados com câmeras, sensores e navegadores de GPS. Muitos deles navegam de forma autônoma a partir de um sistema de navegação por rotas colaborativas, considerando obstáculos e características do trajeto.

IA e responsabilização

O uso de *drones* com inteligência artificial tem gerado perguntas pertinentes e igualmente difíceis de serem respondidas. Um *drone* é um veículo aéreo não tripulado que pode ser controlado remotamente, sendo que alguns, inclusive, são programados para operar de modo autônomo. Assim como os carros autônomos, eles usam visão computacional para detectar e classificar diferentes objetos. Os *drones* também podem ter sensores específicos para serem empregados em diversas funções. No entanto, alguns desses usos são controversos. *Drones* podem ser utilizados para filmar ou tirar fotos aéreas e para uso científico ou artístico em locais de difícil acesso (como desertos, florestas e oceanos) de modo mais barato e mais seguro. Também apresentam várias possibilidades de uso na agricultura. Podem ser utilizados, por exemplo, para acompanhar a altura, a densidade e a qualidade de uma plantação ou para monitorar o gado em amplas áreas de terra. Eles também podem ser usados para detectar e mapear incêndios florestais, facilitando o trabalho dos bombeiros.

Contudo, a mesma tecnologia empregada nesses casos pode ser usada para fins controversos e que levantam sérios dilemas éticos, como a utilização de *drones* em situações militares e de guerra. Eles podem ser usados para sobrevoar um território inimigo, monitorando as atividades das pessoas e obtendo dados estratégicos relevantes. Além disso, eles também podem ser empregados para atacar inimigos, matando ou espalhando armas biológicas, demandando novas estratégias de defesa, possivelmente não acessíveis a países com menos poder tecnológico.

Quanto mais autônomas essas tecnologias se tornam, mais difícil é determinar como um algoritmo chega a uma decisão. Além disso, é bastante difícil atribuir a responsabilidade por eventuais erros e más condutas. Por exemplo, se um carro autônomo comete um erro e atropela uma criança que atravessava uma faixa de pedestres, alguém deve ser responsabilizado? E quem seria: o dono do carro ou a empresa que o produziu? Se um *drone* de guerra decide atacar um vilarejo de civis porque localiza crianças brincando com armas de brinquedo, quem deve ser responsabilizado: a empresa que o produziu ou o governo que o utilizou?

Todos esses dilemas éticos que dizem respeito aos usos da inteligência artificial indicam que há decisões que precisam ser tomadas antes que essas tecnologias façam parte de nosso cotidiano. Cabe aos governantes a tarefa de atentar para possíveis usos danosos da tecnologia e impor regras e restrições. Além disso, as empresas que produzem novas tecnologias devem considerar possíveis maus usos de seus programas.

AÇÃO E CIDADANIA

Armas autônomas letais

No ano de 2023, António Guterres, secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), e Mirjana Spoljaric, presidente do Comitê Internacional da Cruz Vermelha, emitiram um apelo conjunto em que expressam preocupação com o uso de armas autônomas letais e pedem providências dos líderes de Estado.

Nossas preocupações só aumentaram com a crescente disponibilidade e acessibilidade de novas tecnologias sofisticadas, em áreas como robótica e inteligência artificial, que poderiam ser integradas em armas autônomas.

Os próprios cientistas e líderes do setor que são responsáveis por tais avanços tecnológicos também têm feito este alerta. Se quisermos aproveitar as novas tecnologias para o bem da humanidade, devemos primeiro abordar os riscos mais urgentes e evitar consequências que podem ser irreparáveis.

Isso significa proibir os sistemas de armas autônomas cujo funcionamento tenha consequências que não possam ser previstas. Por exemplo, permitir que armas autônomas sejam controladas por algoritmos de aprendizado de máquina – um *software* essencialmente imprevisível que escreve seu próprio código – é perigoso e inaceitável.

Além disso, são necessárias restrições claras para todos os outros tipos de armas autônomas, a fim de garantir o respeito pelo direito internacional e a aceitabilidade ética. Por exemplo, limitar onde, quando e por quanto tempo eles são usados, os tipos de alvos que atingem e a magnitude da força usada, bem como garantir a capacidade de supervisão humana eficaz e de intervenção e desativação oportunas.

Apelo conjunto do secretário-geral das Nações Unidas e da presidente do Comitê Internacional da Cruz Vermelha para que os Estados estabeleçam novas proibições e restrições aos sistemas de armas autônomas. Comitê Internacional da Cruz Vermelha, 5 out. 2023. Disponível em: https://www.icrc.org/pt/document/apelo-conjunto-onu-cicv-proibir-restringir-armas-autonomas. Acesso em: 18 jun. 2024.

1. **Quais são os dilemas éticos relacionados ao uso de armas autônomas?**
2. **Você acredita que essas armas poderiam ser utilizadas de forma positiva? E quais seriam as consequências negativas dessa utilização?**

Não escreva no livro.

ALGORITMOS TAMBÉM REVELAM ASPECTOS CULTURAIS

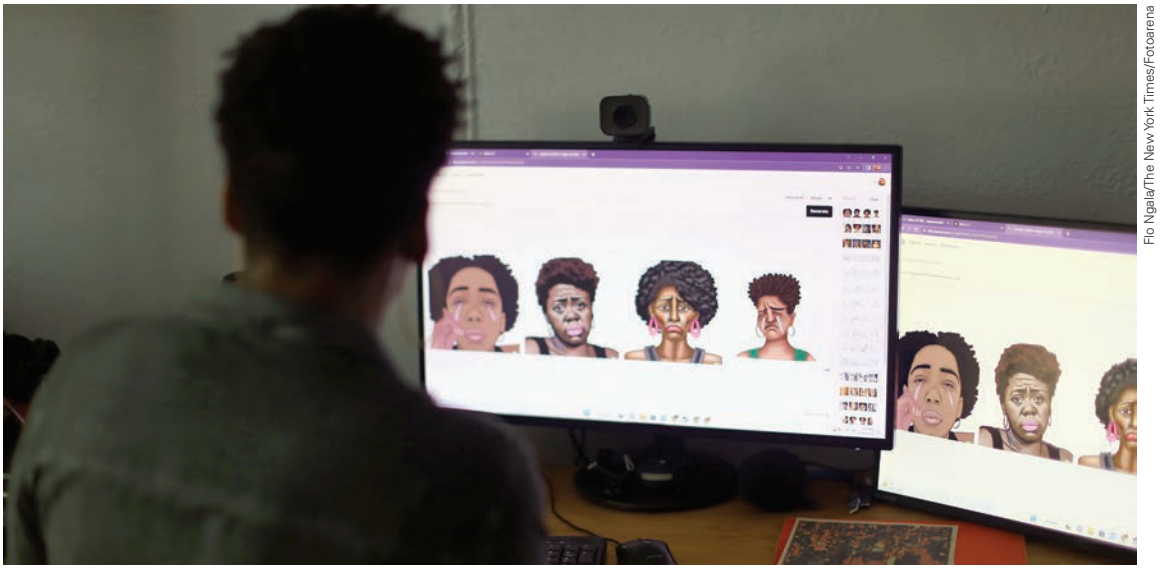
A inteligência artificial pode muitas vezes reproduzir certas preferências de seus criadores, seja por meio dos algoritmos escolhidos, seja pela escolha dos bancos de dados aos quais o programa terá acesso durante seu treinamento. Essas escolhas, que estão sujeitas à influência de fatores culturais, ditam o modo como a inteligência artificial se comportará no futuro. Às vezes, elas podem produzir efeitos indesejados, reproduzindo atitudes discriminatórias presentes na sociedade.

Em um estudo publicado no ano de 2022, pesquisadores da Universidade de Washington, da Universidade Johns Hopkins e do Instituto de Tecnologia da Geórgia alertaram para o fato de que inteligências artificiais falhas podem tornar robôs racistas e sexistas. Nesse estudo, robôs foram encarregados de classificar imagens de pessoas de acordo com determinadas atividades, como prática médica, roubo e cuidados com a casa, entre outros. Ao longo da pesquisa, observou-se que a inteligência artificial empregada era incapaz de fazer tal classificação sem preconceitos raciais ou de gênero.

No mesmo ano, o viés racial também foi percebido nos algoritmos de uma grande rede social, conforme a notícia a seguir.

> [...] Frequentadores da rede começaram a reparar que um algoritmo que recortava automaticamente imagens postadas para exibi-las na *timeline* privilegiava pessoas brancas, excluindo as negras da pré-visualização. Elas só apareciam quando alguém clicava para ver a imagem completa.
>
> No ano passado, a direção de engenharia de *software* da empresa admitiu que, após as reclamações, conduziu experiências com o algoritmo que mostraram um viés de preferência por exibir pessoas brancas. Mas afirmou também que isso serviu para alterar o sistema e melhorá-lo.
>
> O reconhecimento facial ainda é bastante falho com pessoas negras, principalmente ao lidar com fotos de mulheres, muitas vezes identificadas como homens. [...]
>
> ARAÚJO, Aurélio. Inteligência artificial fora de controle? Relembre casos polêmicos. *Tilt UOL*, São Paulo, 13 jun. 2022. Disponível em: https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2022/06/13/inteligencia-artificial-fora-de-controle-relembre-casos-polemicos.htm. Acesso em: 19 jun. 2024.

Casos como esses sugerem que é necessário considerar os possíveis maus usos da inteligência artificial. Ao mesmo tempo que ela pode ser benéfica e ajudar a salvar vidas, como na Medicina, também pode levar à disseminação de atitudes discriminatórias. A inteligência artificial não tem a capacidade de filtrar com um olhar crítico e de acordo com os direitos humanos as informações que recebe e seus programadores devem estar atentos a isso.



Flo Ngala/The New York Times/Fotoarena

A artista transdisciplinar estadunidense Stephanie Dinkins (1964-) é conhecida por explorar e experimentar as potencialidades da inteligência artificial em sua arte, abordando principalmente temas como raça e gênero. Em entrevista no ano de 2023, Dinkins relatou imensa dificuldade em criar imagens realistas de pessoas negras, principalmente mulheres, devido ao viés racial e de gênero dessas ferramentas. Na foto, a artista trabalha em uma de suas experimentações com IA em seu estúdio em Nova York, nos Estados Unidos. Foto de 2023.

ATIVIDADES

1 **Em 2023, uma suposta foto do papa Francisco (1936-) vestindo um casaco *puffer*, peça de vestuário associado a *rappers* e celebridades, viralizou em diversas redes sociais, gerando discussões sobre a veracidade da imagem. Posteriormente, constatou-se que se tratava de uma imagem gerada por inteligência artificial. Observe esta imagem e leia o texto que comenta o ocorrido.**

Midjourney/Pablo Xavier

Imagem criada em 2023 por inteligência artificial retratando o papa Francisco usando casaco *puffer*. Apesar dos traços realistas, a imagem não é uma foto nem corresponde a um evento real.

Se você pedir para uma ferramenta de inteligência artificial criar a imagem de um cavalo tomando chá com um cachorro, ela fará isso de forma inquestionável. O mesmo vale para um urso de pelúcia andando de *skate* na Times Square. Mas pedir o retrato de uma simples mão humana é um desafio gigantesco para as máquinas. O resultado pode ser uma mão com quatro, seis ou até oito dedos. Ou então, a mão será "fundida" com qualquer objeto próximo.

[...]

"Por que ele acerta dois braços e não acerta cinco dedos? Porque as posições anatômicas dos dedos são muito mais complexas do que as do braço. Então, às vezes, ele se confunde com essas imensas composições possíveis nos nossos dedos e a interação entre os próprios dedos", explica Alexandre Chiavegatto, professor de inteligência artificial na Faculdade de Saúde Pública da USP e colunista do *Estadão*.

[...]

"Modelos de linguagem não têm uma visão de mundo embutida neles. Eles aprendem via dados. No caso de modelos de imagem, aprendem via *pixels* das imagens. E, em princípio, ninguém inseriu no algoritmo o fato de que uma mão tem cinco dedos", pontua Chiavegatto.

Além disso, as ferramentas "estudam" em bancos de imagens bidimensionais. Não sabem reconhecer, portanto, as diversas posições que uma mão e seus cinco dedos conseguem assumir em um mundo tridimensional. E isso, como consequência, torna muito mais limitada a sua reprodução fidedigna.

Gomes, Isabel. Por que a inteligência artificial tem tanta dificuldade em desenhar mãos e dedos? *Estadão,* São Paulo, 17 fev. 2024. Disponível em: https://www.estadao.com.br/link/cultura-digital/por-que-a-inteligencia-artificial-tem-tanta-dificuldade-em-desenhar-maos-e-dedos/. Acesso em: 19 jun. 2024.

a) De acordo com o texto, qual é a justificativa para a dificuldade das ferramentas de inteligência artificial em criarem mãos?

b) Além das mãos, quais outros elementos presentes na imagem podem indicar que ela foi criada por inteligência artificial e que não é uma foto verídica?

c) Em sua opinião, a criação de imagens que retratem pessoas reais em situações inverídicas pode ser considerada ética? Por quê?

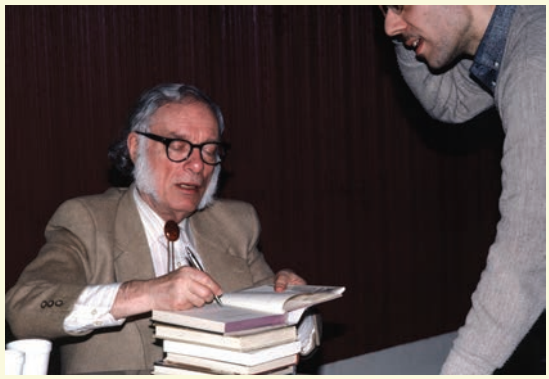
2 **Forme dupla com um colega e, juntos, leiam o texto a seguir, do escritor russo Isaac Asimov (1920-1992), em que ele enuncia as três leis da robótica.**

1 – Um robô não pode ferir um ser humano ou, por omissão, permitir que um ser humano sofra algum mal.

2 – Um robô deve obedecer às ordens que lhe sejam dadas por seres humanos, exceto nos casos em que tais ordens contrariem a Primeira Lei.

3 – Um robô deve proteger sua própria existência, desde que tal proteção não entre em conflito com a Primeira e a Segunda Leis.

Asimov, Isaac. *Eu, robô*. São Paulo: Aleph, 2014. p. 16.



Jim DeLillo/Alamy/Fotoarena

Essas leis podem ser entendidas como diretrizes éticas para o comportamento de robôs com inteligência artificial. Sobre elas, respondam às questões a seguir.

a) O uso de *drones* em guerras desrespeitaria alguma dessas leis? Se sim, qual delas? Justifiquem suas respostas.

Não escreva no livro.

b) Essas leis sugerem que a existência de um robô tem um certo valor, porém menor do que o valor da vida de um ser humano. No entanto, elas não especificam o valor da vida dos outros animais. Se um cachorro atacar um robô, você acha que o robô deveria seguir a terceira lei, preservando a própria existência? Comente isso com a turma.

3 **O emprego da IA suscita inúmeras questões éticas. Imagine que o avanço tecnológico chegou a um ponto em que são desenvolvidos robôs que se comportam como humanos e que demonstram ter sensações (como dor) e emoções (como alegria e tristeza). Você diria que esses robôs merecem ter direitos? Se sim, eles deveriam ter os mesmos direitos que os seres humanos? Você acha que seria permissível, por exemplo, desligá-los a qualquer momento ou mesmo submetê-los a algum tipo de sofrimento ou constrangimento?**

4 **(UERJ)**

O uso de tecnologias para influenciar o debate político não é novidade. Na eleição presidencial brasileira de 2014, 10% das interações no Twitter foram feitas por máquinas. Desde então, os cientistas encontraram evidências da influência de robôs em todos os grandes debates. Uma pesquisa da USP, com participantes de um protesto em São Paulo contra o governo Dilma, em 2015, mostrou que 64% acreditavam que o PT queria implantar um regime comunista, 71% que o filho de Lula é um dos sócios da Friboi e 53% que o PCC é um braço armado do PT. Já em manifestação contra o *impeachment*, no ano seguinte, 56,7% afirmavam que os protestos contra a corrupção foram articulados pelos EUA e 55,7% diziam que o juiz Sergio Moro é filiado ao PSDB. Nenhum dos pontos mencionados nas enquetes é fato.

Felipe Floresti. Adaptado de revistagalileu.globo.com, 27/02/2018.

A influência da inteligência artificial no debate político tornou-se eficaz após a ocorrência do seguinte processo social:

a) ampliação da inclusão digital.
b) enfraquecimento da ação legal.
c) eliminação da regulação estatal.
d) crescimento da competição empresarial.

5 **(Enem)**

"O computador, dando prioridade à busca pela própria felicidade, parou de trabalhar para os humanos." É assim que termina o conto *O Dia em que um computador escreveu um conto*, escrito por uma inteligência artificial com a ajuda de cientistas humanos. [...]

Os cientistas selecionaram palavras e frases que seriam usadas na narrativa, e definiram um roteiro geral da história, que serviria como guia para a inteligência artificial. A partir daí, o computador criou o texto combinando as frases e seguindo as diretrizes que os cientistas impuseram. [...] Os juízes não sabem quais textos são escritos por humanos e quais são feitos por computadores, o que mostra que o conto estava bem escrito. *O Dia* só não passou para as próximas etapas porque, de acordo com os juízes, os personagens não foram muito bem descritos, embora o texto estivesse estruturalmente impecável.

A ideia dos cientistas é continuar desenvolvendo a criatividade da IA para que ela se pareça cada vez mais com a humana. Simular esse tipo de resposta é difícil, porque o computador precisa ter, primeiro, um banco de dados vasto vinculado a uma programação específica para cada tipo de projeto – escrita, pintura, música, desenho e por aí vai.

Dangelo, H. Disponível em: https://super.abril.com.br. Acesso em: 5 dez. 2018.

O êxito e as limitações da tecnologia utilizada na composição do conto evidencia a:

a) indistinção entre personagens produzidos por máquinas e seres humanos.
b) necessidade de reformulação da base de dados elaborada por cientistas.
c) autonomia de programas computacionais no desenvolvimento ficcional.
d) diferença entre a estrutura e a criatividade da linguagem humana.
e) qualidade artística de textos produzidos por computadores.

ESTÚDIO FILOSÓFICO

A CONSCIÊNCIA EM JOHN SEARLE

Neste capítulo, discutimos sobre o uso de inteligência artificial (IA) em diversas áreas. O interesse por máquinas inteligentes é antigo e pode ser observado em diferentes épocas e culturas; porém, a concretização da IA moderna só foi possível com o surgimento dos computadores digitais na década de 1940. De lá para cá, houve um grande desenvolvimento da IA no mundo, colocando em debate os impactos de seus usos e as implicações éticas dessa ferramenta.

Nesse contexto, conhecemos o filósofo estadunidense John Searle e seu argumento conhecido como quarto chinês, abordado no tema "A filosofia da inteligência artificial". Agora, conheceremos um pouco mais sobre esse filósofo e suas ideias acerca da mente e sua relação com o corpo.

Davi Augusto Studio/ID/BR

PERFIL

Searle é filósofo, professor e escritor estadunidense, nascido em 1932 no estado do Colorado, Estados Unidos. Formou-se na Universidade de Oxford, na Inglaterra, onde também adquiriu o título de doutor. Lecionou Filosofia na Universidade da Califórnia por mais de 60 anos. Ao longo de sua jornada, contribuiu veementemente para a filosofia com seus estudos sobre a mente humana e no campo da linguagem, por meio de diversos livros, argumentos e artigos.

OBRAS-CHAVE

- *Construindo o mundo social: a estrutura da civilização humana* (2010)
- *Liberdade e neurobiologia: reflexões sobre livre-arbítrio, linguagem e poder político* (2004)
- *Racionalidade em ação* (2001)
- *Mente, linguagem e sociedade: filosofia no mundo real* (1998)
- *A construção da realidade social* (1995)
- *A redescoberta da mente* (1992)
- *Mente, cérebro e ciência* (1984)
- *Intencionalidade: um ensaio na filosofia da mente* (1983)
- *Expressão e significado: estudos na teoria dos atos de fala* (1979)
- *Atos de fala: um ensaio na filosofia da linguagem* (1969)

EM LEITURA

No livro *Mente, cérebro e ciência*, Searle aborda questões centrais da filosofia da mente e da ciência cognitiva, discutindo a relação entre o corpo e a mente e explorando como processos físicos no cérebro estão ligados às experiências subjetivas conscientes. Também examina temas como a intencionalidade, a natureza da realidade e a relação entre os estados mentais e as ações.

No trecho a seguir, extraído do capítulo "O problema da mente-corpo" dessa obra, Searle apresenta algumas características dos fenômenos mentais que dificultam a compreensão desses fenômenos de acordo com uma perspectiva exclusivamente materialista de mundo.

Não escreva no livro.

A mais importante destas características é a consciência. E, no momento em que estou a escrever isto, e vocês no momento de a lerem, somos ambos conscientes. É um fato evidente que o Mundo contém tais estados e eventos mentais conscientes, mas é difícil ver como é que meros sistemas físicos podem ter consciência. Como pode tal coisa ocorrer? Como é que, por exemplo, pode essa substância cinzenta e branca dentro do meu crânio ser consciente?

Penso que a existência da consciência deveria ser espantosa para nós. É bastante fácil imaginar o Universo sem ela, mas se o fizermos, veremos que imaginámos um universo verdadeiramente sem sentido. A consciência é o fato central da existência especificamente humana, porque sem ela todos os outros aspectos especificamente humanos da nossa existência – linguagem, amor, humor e assim por diante – seriam impossíveis. A propósito, penso que é algo escandaloso que as discussões contemporâneas na Filosofia e na Psicologia tenham tão pouca coisa de interessante a dizer-nos acerca da consciência.

A segunda característica intratável da Mente é o que os filósofos e psicólogos chamam "intencionalidade", a característica pela qual os nossos estados mentais se dirigem a, ou são acerca de, ou se referem a, ou são de objetos e estados de coisas no mundo diferentes deles mesmos. A propósito, "intencionalidade" não se refere justamente a intenções, mas também a crenças, desejos, esperanças, temores, amor, ódio, prazer, desgosto, vergonha, orgulho, irritação, divertimento, e todos aqueles estados mentais (quer conscientes ou inconscientes) que se referem a, ou são acerca do Mundo, diverso da mente. Ora, a questão acerca da "intencionalidade" tem muita semelhança com a questão acerca da consciência. Como é que esta substância dentro da minha cabeça pode ser acerca de alguma coisa? Como é que ela se pode referir a algo? Ao fim e ao cabo, esta substância no crânio consiste em «átomos no vazio», tal como o resto da realidade material consta de átomos no vazio. Ora, como é que, em termos grosseiros, podem átomos no vazio representar alguma coisa?

A terceira característica da Mente que parece difícil de inserir dentro de uma concepção científica da realidade é a subjetividade dos estados mentais. Esta subjetividade é assinalada por um facto como este: posso sentir as minhas dores e vocês não. Eu vejo o Mundo do meu ponto de vista; vocês veem-no a partir do vosso ponto de vista. Eu estou ciente de mim mesmo e dos meus estados mentais internos, enquanto inteiramente distintos da individualidade e dos estados mentais das outras pessoas. Desde o século XVII, pensámos a realidade como algo que deve ser igualmente acessível a todos os observadores competentes – isto é, que pensam que ela deve ser objetiva. Ora, como é que vamos acomodar a realidade dos fenómenos mentais subjetivos com a concepção científica da realidade enquanto totalmente objetiva?

Finalmente, há um quarto problema, o problema da causação mental. Todos nós supomos, como parte do senso comum, que os nossos pensamentos e sentimentos são realmente importantes para a maneira como nos comportamos, que efetivamente têm algum efeito causal sobre o mundo físico. Decido, por exemplo, levantar o meu braço e – vejam – o meu braço levanta-se. Mas se os nossos pensamentos e sentimentos são verdadeiramente mentais, como podem eles afetar algo de físico? Como pode algo que é mental originar uma diferença física? Pensamos, supostamente, que os nossos pensamentos e sentimentos podem de algum modo produzir efeitos químicos nos nossos cérebros e no resto do nosso sistema nervoso? Como pode tal coisa ocorrer? Pensamos, supostamente, que os pensamentos podem embrulhar-se a si mesmos nos axónios ou sacudir as dendrites ou esgueirar-se para dentro da membrana celular e atacar o núcleo da célula?

SEARLE, John. *Mente, cérebro e ciência*. Lisboa: Edições 70, 2019. p. 20-23.

Para Searle, nem todo estado mental possui essas características; entretanto, qualquer explicação satisfatória sobre a mente e sua relação com o corpo deve levá-las em consideração.

PARA CONCLUIR

1 **O que você entende por consciência?**

2 **Searle apresenta uma aparente contradição entre o fato de o corpo humano ser formado por matéria inconsciente, mas ainda assim apresentar consciência. Em sua opinião, como isso é possível?**

3 **Você considera a realidade objetiva ou subjetiva? Comente.**

4 **Com base no que você estudou neste capítulo, você considera possível afirmar que as ferramentas de inteligência artificial têm consciência ou intencionalidade? Por quê?**

AMPLIANDO

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E LINGUAGEM

Em nosso cotidiano, muitas vezes interagimos com programas de computadores conhecidos como *chatbots*, que simulam conversas para interagir com usuários humanos. Esses programas costumam ser bastante utilizados em serviços de atendimento ao cliente, suporte técnico e até mesmo como entretenimento. Para entender e gerar linguagem humana, *chatbots* utilizam modelos de linguagem que são sistemas de inteligência artificial treinados com grandes quantidades de textos para prever a sequência de palavras em uma frase com base no contexto fornecido.

Graeme Sloan/Newscom/Fotoarena

Tristan Harris, à esquerda, e Aza Raskin, à direita, em fórum sobre inteligência artificial no Capitólio, sede do Poder Legislativo dos Estados Unidos. Foto de 2023.

Mais recentemente, com o desenvolvimento de tecnologias de inteligência artificial, foi possível que *chatbots* e outros programas começassem a usar modelos de linguagem de grande escala, também conhecidos como grandes modelos de linguagem, que se diferenciam dos modelos de linguagem convencionais pela alta complexidade, capacidade e quantidade de dados nos quais foram treinados, gerando textos em escala muito maior e com grande precisão.

Se, de um lado, a capacidade de precisão dos modelos de linguagem em grande escala tem demonstrado grande potencial para auxiliar diversas atividades, como atendimento, pesquisa e criação de conteúdo, de outro, os riscos que esse tipo de tecnologia pode trazer são alvo de preocupação entre especialistas e pesquisadores de diversas áreas, como discutido no texto do historiador e filósofo Yuval Noah Harari, em parceria com os desenvolvedores Tristan Harris e Aza Raskin.

Yuval Noah Harari em conferência sobre desenvolvimento sustentável em Boom, na Bélgica. Foto de 2022.

Nicolas Maeterlinck/Belga Mag/AFP/Getty Images

O espectro da inteligência artificial assombra a humanidade desde meados do século 20, mas até recentemente não passava de um projeto distante, algo que pertence mais à ficção científica do que ao debate científico e político sério. É difícil para as nossas mentes humanas captar e compreender as novas capacidades do GPT-4 e outras ferramentas similares, e é ainda mais difícil dar conta da velocidade exponencial na qual essas ferramentas estão desenvolvendo capacidades mais avançadas e poderosas. Mas a maioria das capacidades principais se resume a uma coisa: manipular e gerar linguagem, seja com palavras, sons ou imagens.

[...] A linguagem é o sistema operacional da cultura humana. Da linguagem emergem o mito e o direito, os deuses e o dinheiro, a arte e a ciência, as amizades, as nações e os códigos computacionais. O novo domínio da linguagem por parte da inteligência artificial significa que ela é capaz agora de invadir e manipular o sistema operacional da civilização. Ao ganhar domínio da linguagem, a IA está se apoderando da chave-mestra da civilização, de cofres de bancos a santos sepulcros.

Não escreva no livro.

[...]

O que significaria para os humanos viver em um mundo no qual uma grande porcentagem das narrativas, melodias, imagens, leis, políticas e ferramentas é moldada por inteligência não humana, que sabe como explorar com eficiência sobre-humana fraquezas, vieses e vícios da mente humana – ao mesmo tempo que sabe formar relações íntimas com os seres humanos? [...]

A inteligência artificial poderia devorar rapidamente toda a cultura humana, tudo o que produzimos ao longo de milhares de anos, digerir e começar a jorrar uma torrente de novos artefatos culturais. Não apenas trabalhos escolares, mas também discursos políticos, manifestos ideológicos e livros sagrados para novos cultos. Até 2028, a corrida presidencial dos Estados Unidos poderia não ser mais protagonizada por humanos.

Fusionstudio/Shutterstock.com/ID/BR

Chatboot gerando texto explicativo sobre modelos de linguagem em grande escala. Foto de 2024.

Os humanos com frequência não possuem acesso direto à realidade. Nós somos encapsulados pela cultura, experimentando a realidade através de um prisma cultural. Nossas visões políticas são forjadas por reportagens de jornalistas e anedotas de amigos. Nossas preferências sexuais são ajustadas em função de arte e religião. Essa cápsula cultural tem sido, até aqui, tecida por outros humanos. Como será experimentar a realidade através de um prisma produzido por inteligência não humana?

[...]

As redes sociais foram o primeiro contato entre a inteligência artificial e a humanidade, e a humanidade perdeu. O primeiro contato nos deixa um sabor amargo do que está por vir. Nas redes sociais, IA primitiva foi usada não para criar conteúdo, mas para curar conteúdo gerado pelos usuários. A IA por trás dos nossos *feeds* de notícias ainda está escolhendo quais palavras, sons e imagens chegam às nossas retinas e tímpanos com base na seleção das postagens que obtêm mais viralidade, mais reações e mais engajamento.

Ainda que muito primitiva, a inteligência artificial por trás das redes sociais foi suficiente para criar uma cortina de ilusões que elevou a polarização social, minou nossa saúde mental e desgastou a democracia. Milhões de pessoas confundiram essas ilusões com a realidade. Os EUA têm a melhor tecnologia da informação na história, mas os cidadãos americanos não conseguem mais concordar sobre quem venceu as eleições. Apesar de todos estarem agora cientes dos problemas das redes sociais, eles ainda não foram solucionados porque tantas de nossas instituições sociais, econômicas e políticas estão emaranhadas.

Os grandes modelos de linguagem são nosso segundo contato com a inteligência artificial. Nós não podemos nos dar ao luxo de perder novamente. Mas sobre quais bases nós deveríamos acreditar que a humanidade é capaz de alinhar essas novas formas de IA para nosso benefício? Se nós continuarmos a fazer as coisas como sempre, as novas capacidades de IA serão usadas novamente para obtenção de lucro e poder, mesmo isso que destrua inadvertidamente as fundações da nossa sociedade.

Harari, Yuval Noah; Harris, Tristan; Raskin, Aza. O domínio da inteligência artificial sobre a linguagem é uma ameaça à civilização. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 15 jun. 2023. Disponível em: https://www.estadao.com.br/internacional/yuval-harari-o-dominio-da-inteligencia-artificial-sobre-a-linguagem-e-uma-ameaca-a-civilizacao/. Acesso em: 20 jun. 2024.

1 **Como você explicaria a um amigo o que é um modelo de linguagem em grande escala?**

2 **De acordo com o texto apresentado, quais riscos o uso de modelos de linguagem em grande escala pode representar para a sociedade?**

3 **Com base na leitura do texto desta seção e nas demais discussões desenvolvidas neste capítulo, quais atitudes você considera necessárias para o uso consciente, ético e seguro das tecnologias de inteligência artificial em seu cotidiano?**

PRÁTICAS DE PESQUISA

A CONSTRUÇÃO DO CORPO SAUDÁVEL NAS MÍDIAS SOCIAIS

Para começar

Nesta unidade, vimos que a ideia de **corpo saudável** é uma construção social e historicamente influenciada pelo discurso médico-científico, que procura determinar o que é um corpo saudável e o que é preciso fazer para obtê-lo e mantê-lo.

As prescrições quanto à alimentação, à atividade física e ao estilo de vida foram amplificadas com a popularização da internet e passaram a alcançar um número crescente de pessoas. A partir de meados da década de 2000, com o surgimento e o aumento da importância das redes sociais, uma nova personagem passou a fazer parte desse cenário: o(a) influenciador(a) digital.

O problema

As mídias sociais têm forte papel na divulgação de informações sobre a saúde do corpo. Nesse universo, como atuam os influenciadores digitais, fortemente presentes entre os jovens? Qual é o conceito de corpo saudável que eles empregam? E quais interesses os movem?

A investigação

- Prática de pesquisa: análise de mídias sociais (análise das métricas das mídias e dos princípios de análise de discurso multimodal).

Material

- Computador com acesso à internet e programa de apresentação de *slides*
- Papéis para anotação, lápis e caneta
- Folhas de cartolina, cola e canetas coloridas para a elaboração de cartazes caso não haja projetor multimídia disponível na escola

Procedimentos

Parte I – Levantamento de informações prévias

1 **Faça uma pesquisa na internet sobre o conceito de corpo saudável em publicações científicas e escreva um texto relatando o que você encontrou. Não se esqueça de citar suas fontes. Você pode encontrar publicações desse tipo em ferramentas de busca e nos seguintes *sites*:**

- Scielo. Disponível em: https://scielo.org/.
- Portal de Periódicos. Disponível em: http://www.periodicos.capes.gov.br/.
- Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. Disponível em: https://bdtd.ibict.br.

Acessos em: 19 jun. 2024.

Panther Media GmbH/Alamy/Fotoarena

Grupo de amigos registrando uma *selfie* em uma academia de ginástica. Foto de 2022.

Não escreva no livro.

2 **Forme com os colegas grupos de três ou quatro integrantes e compartilhem seus textos. Em seguida, discutam qual seria, do ponto de vista científico, a definição de corpo saudável.**

Parte II – Planejamento

1 **Façam um levantamento para descobrir os blogueiros que produzem vídeos em redes sociais que tratam de temas relacionados à saúde do corpo. Para isso, façam uma busca na internet.**

2 **Depois, acessem as contas ou os canais dessas pessoas nas redes sociais para verificar quantos seguidores elas têm. Estabeleçam coletivamente o número de seguidores a partir do qual se pode considerar que uma pessoa é realmente influente, e então selecionem um(a) influenciador(a) para analisar. Façam uma pesquisa para elaborar um traço biográfico desse(a) influenciador(a), como idade, região onde reside e formação acadêmica.**

3 **Escolham um vídeo desse(a) influenciador(a) que tenha atingido um número expressivo de visualizações para realizar a análise.**

Parte III – Análise do vídeo

1 **Observem os elementos visuais do vídeo.**

- Em qual ambiente o(a) influenciador(a) está: ao ar livre, como um parque ou outro local, ou em um ambiente interno, como uma academia de ginástica ou uma residência? Se estiver em casa, em qual cômodo fez o vídeo: quarto, cozinha, sala?
- Qual pode ter sido a intenção do(a) influenciador(a) ao escolher esse ambiente? Que mensagem ele(a) quer passar?

2 **Analisem a postura do(a) influenciador(a).**

- Qual é sua posição: está sentado ou em movimento? Como é essa movimentação? O que está fazendo?
- Qual é o tipo de enquadramento utilizado: apenas a parte superior do tronco e o rosto aparecem ou o corpo inteiro? Como está vestido(a)?
- Como ele(a) se comporta: alegre, compenetrado(a), animado(a)? Parece espontâneo(a) ou sua atitude parece calculada?
- Que mensagem esses elementos transmitem em relação ao(à) influenciador(a)?

3 **Analisem a fala do(a) influenciador(a).**

- O vocabulário usado por ele(a) é simples ou complexo? Há ênfase ou repetição de termos? Quais são esses termos?
- A fala traz mais informações ou mais opiniões? Há citação das fontes utilizadas para embasá-las?
- É possível identificar, explícita ou implicitamente, julgamentos de valor? Quais?
- Há menção a algum produto ou serviço?
- Algum produto ou serviço é ofertado?

Parte IV – Organização dos resultados

1 **Elaborem um relatório que contenha:**

- Identificação da mídia social em que o conteúdo foi veiculado.
- Apresentação dos traços biográficos do(a) influenciador(a) e do conteúdo do vídeo.
- Relato da análise realizada. Na parte referente à fala, transcrevam trechos do vídeo para enriquecer o relatório e dar sustentação à análise.

Questões para discussão

1 **Que desafios vocês encontraram durante a realização dessa pesquisa (análise de mídias sociais)? O que foi mais fácil e o que foi mais difícil? A partir dos resultados, a que conclusões é possível chegar em relação ao problema da pesquisa?**

2 **Os conceitos relacionados à saúde e ao corpo saudável nos artigos científicos pesquisados e os conceitos propagados pelos influenciadores digitais convergem ou divergem?**

3 **A ideia de corpo saudável defendida nas mídias sociais respeita as diferenças de biotipos da população brasileira?**

4 **É possível identificar quais são os interesses dos influenciadores digitais em divulgar conteúdos relacionados a alimentação, exercícios e estilo de vida?**

5 **Vocês seguem influenciadores digitais que produzem conteúdo sobre corpo saudável? Quais? Eles têm formação adequada para tratar de saúde nas mídias sociais?**

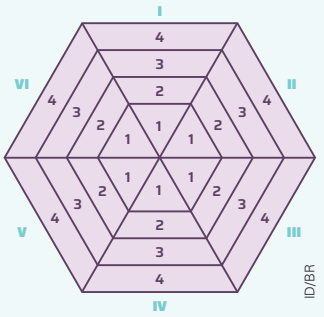
Comunicação dos resultados

Organizem uma apresentação dos resultados da pesquisa para a turma utilizando um programa de apresentação de *slides* e um projetor multimídia. Selecionem trechos do vídeo analisado para enriquecer a apresentação.

Caso a escola não conte com projetor multimídia, façam cartazes para a apresentação. Para elaborá-los, se possível, imprimam em tamanho legível a apresentação feita no programa de *slides* e colem-na em uma cartolina.

O QUE APRENDI: AUTOAVALIAÇÃO

PARTE A



ID/BR

- Como você acha que foi seu desempenho ao longo desta unidade?
- Reproduza no caderno a figura ao lado, renumerando-a conforme o modelo.
- Agora, leia as perguntas da tabela **A** e as possíveis respostas na tabela **B**.

TABELA A
I. Realizei as leituras e atividades no tempo planejado?
II. Respeitei todas as regras de trabalho e colaborei com o(a) professor(a) e os colegas?
III. Fui proativo na execução de atividades em grupo ou dupla?
IV. Mantive minhas anotações organizadas?
V. Desenvolvi as propostas de trabalho de modo autônomo e responsável?
VI. Utilizei materiais complementares para estudar?

TABELA B		
Campos para colorir	**Respostas**	**Cor indicada**
1	Nunca	Vermelho
2	Às vezes	Laranja
3	Sempre	Amarelo
4	Superei minhas expectativas	Verde

- Inicie a autoavaliação respondendo a cada uma das perguntas presentes na tabela **A**. Como resposta a cada pergunta, escolha entre as opções 1 a 4 da tabela **B**.
- No caderno, pinte a figura, preenchendo os campos nas cores correspondentes às suas respostas, conforme indicado na tabela **B**. Por exemplo: Se na primeira pergunta da tabela **A** você respondeu que "Sempre" realizou as leituras e atividades no tempo planejado, deverá pintar de amarelo o campo 3 no eixo da pergunta I.
- Ao final, some os pontos dos campos coloridos e, no decorrer do estudo do volume, compare-os com as pontuações entre as unidades.

ID/BR

Não escreva no livro.

PARTE B

Para avaliar o que você aprendeu, reúna-se em dupla ou em grupo com os colegas e comente suas respostas para as seguintes questões:

Capítulo 13 – Padrões de beleza: diálogos sobre estética

1. Analisei as concepções do belo e suas transformações ao longo do tempo e a influência dessas noções em diferentes contextos sociais e temporais?
2. Refleti sobre modificações corporais realizadas para alcançar um ideal de beleza ou um ideal de saúde e seus impactos?
3. Compreendi os conceitos de **ética** e **moral**, relacionando-os ao conceito de **bioética**?
4. Refleti sobre o consumismo e como ele impacta minha vida e minhas escolhas?
5. Identifiquei pensamentos filosóficos acerca de estética?

Capítulo 14 – Saúde e controle do corpo

6. Refleti sobre o papel da Medicina como reguladora do corpo das pessoas em nossa sociedade?
7. Identifiquei o poder de vida e morte exercido pelo Estado sobre o corpo dos indivíduos?
8. Refleti sobre a influência das redes sociais na percepção e no controle do corpo das pessoas?
9. Refleti sobre escolhas mais éticas e conscientes que beneficiam nosso corpo e nossa vida?

Capítulo 15 – Inteligência artificial

10. Reconheci como a inteligência artificial se faz presente em meu cotidiano?
11. Refleti sobre benefícios e desafios que o uso de inteligência artificial pode representar?
12. Analisei transformações promovidas pela inteligência artificial na sociedade atual?
13. Refleti sobre a existência de espaços de trabalho específicos para os seres humanos e os possíveis limites da robótica?
14. Discuti sobre dilemas éticos relacionados ao uso de inteligência artificial?

Thiago Limón/ID/BR

Não escreva no livro.

PARA IR ALÉM

Capítulo 13 – Padrões de beleza: diálogos sobre estética

Disponível: https://terrasindigenas.org.br/pt-br/noticia/143787. Acesso em: 26 jun. 2024.

Tatuagem e tecnologia a serviço da identidade do povo Kawaiwete

Saiba mais sobre as técnicas e as tecnologias utilizadas pelos Kawaiwete para realizar suas modificações corporais tradicionais, como a manipulação de pigmentos naturais e o uso de cicatrizantes e anti-inflamatórios produzidos com base em resinas naturais.

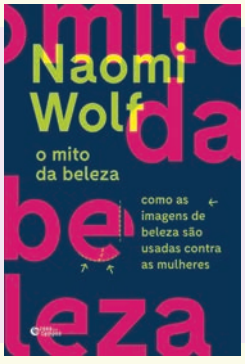
Instituto Socioambiental. *Tatuagem e tecnologia a serviço da identidade do povo Kawaiwete*. ISA, 14 out. 2014. Disponível em: https://terrasindigenas.org.br/pt-br/noticia/143787. Acesso em: 21 jun. 2024.

Embrace

Southern Light Alliance/ID/BR

Produzido e dirigido pela australiana Taryn Brumfitt, ativista do corpo adepta do movimento Body Positivity ("corpo positivo", em tradução livre), o qual luta pela aceitação, valorização e celebração de todos os corpos, principalmente os que são social e culturalmente considerados indesejados, o documentário traz importantes questionamentos sobre as imposições estéticas direcionadas ao corpo feminino. O vídeo apresenta histórias de mulheres de diversas partes do mundo sobre o próprio corpo, buscando desnaturalizar e desconstruir visões estereotipadas e preconceituosas sobre o que seria um corpo perfeito.

Embrace: o peso silencioso do ódio ao corpo. Direção: Taryn Brumfitt. Austrália, 2016 (90 min).



Editora Rosa dos Tempos/Acervo da editora

O mito da beleza

A jornalista estadunidense Naomi Wolf (1962-) é referenciada como uma das principais autoras da terceira onda do feminismo, movimento iniciado por volta da década de 1990 e também conhecido como feminismo intersecional e que abarca discussões relacionadas a raça, sexualidade e classe. Em seu livro *O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*, a autora expõe a opressão proporcionada pelo conceito de belo, especialmente no que se refere ao corpo feminino, evidenciando como esse conceito é construído industrial e midiaticamente e atravessa as mais diversas instâncias da vida em sociedade.

Wolf, Naomi. *O mito da beleza*: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

Capítulo 14 – Saúde e controle do corpo

Pense SUS

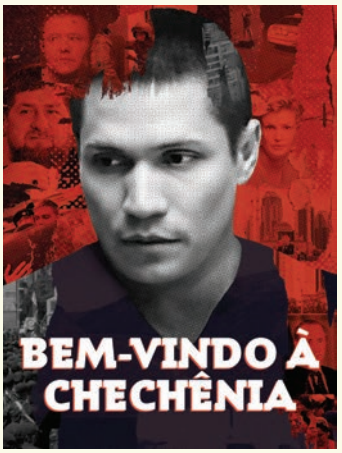
O Ministério da Saúde, em parceria com a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), disponibiliza diferentes materiais sobre saúde mental, assim como informações sobre as principais opções de atendimento oferecidas pela rede do Serviço Único de Saúde (SUS). Nesse portal, você pode encontrar, por exemplo, a rede de atendimento de saúde mental do município em que você mora e ler conteúdos confiáveis sobre o tema.

Fiocruz. *Pense Sus*. Disponível em: https://pensesus.fiocruz.br/. Acesso em: 21 jun. 2024.

Disponível em: https://pensesus.fiocruz.br/. Acesso em: 26 jun. 2024.

Não escreva no livro.

Bem-vindo à Chechênia



HBO Films/ID/BR

Realizado pelo documentarista estadunidense David France (1959-), o documentário aborda histórias de refugiados LGBTQIA+ que são ajudados por ativistas a fugirem da Rússia e regiões vizinhas, onde imperam políticas de expurgo a essa população. O título do documentário faz referência a prisões na Chechênia, análogas aos campos de extermínio da Segunda Guerra Mundial, onde pessoas LGBTQIA+ são torturadas e assassinadas pelo Estado.

Bem-vindo à Chechênia. Direção: David France, 2020 (107 min).

Companhia das Letras/Acervo da editora

O avesso da pele

Vencedor do prêmio Jabuti de literatura no ano de 2021, o livro narra a história de Pedro a partir da morte de seu pai, no contexto de uma abordagem policial violenta. Em seu processo de luto, Pedro mergulha na história do pai, enquanto lida com a complexidade das vivências negras na sociedade brasileira, atravessada pelo racismo estrutural.

Tenório, Jeferson. *O avesso da pele*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

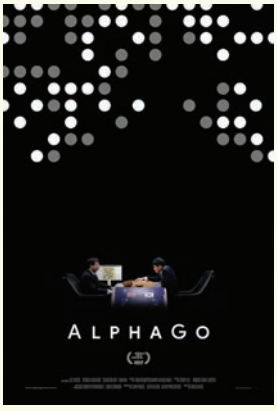
Capítulo 15 – Inteligência artificial

Moral Machine

Página desenvolvida pelo Massachusetts Institute of Technology (MIT) para pesquisas sobre carros autônomos em que são indicados dilemas éticos relacionados ao uso desses veículos, conforme mencionado no tópico "Principais dilemas da IA" deste capítulo. Para realizar o teste completo proposto pelos cientistas do MIT, acesse o *link* indicado a seguir, clique em "Comece a julgar" e escolha uma resolução para cerca de 13 dilemas. Ao final, compare suas escolhas com as escolhas da maioria das pessoas que fizeram o teste.

Moral Machine. Disponível em: https://moralmachine.mit.edu/hl/pt. Acesso em: 21 jun. 2024.

Disponível em: <https://www.moralmachine.net/hl/pt>. Acesso em: 28 jun. 2024.



Netflix/ID/BR

AlphaGo

Esse documentário narra a história da criação do programa de inteligência artificial AlphaGo, que participou de diferentes disputas de criptografia, codificação e decodificação de dados, contra humanos. O filme pode auxiliar a aprofundar seus conhecimentos sobre esse ramo das ciências da computação e sobre os debates bioéticos envolvidos.

AlphaGo: o filme. Direção: Greg Kohs. Rússia, 2018 (90 min).

TECNOLOGIA E SUSTENTABILIDADE

ORGANIZAR IDEIAS

A produção industrial de determinado lugar e época e os hábitos de consumo de uma população revelam aspectos importantes sobre as dinâmicas dessa sociedade e as maneiras como seus integrantes veem o mundo. As sociedades modernas ocidentais frequentemente atrelam a ideia de desenvolvimento à grande produção industrial de determinada região, assim como a ideia de sucesso é, geralmente, associada à quantidade de bens consumidos pelos indivíduos. Esses padrões desenfreados de produção e consumo, no entanto, não são sustentáveis em médio e longo prazos e precisam ser acompanhados de reflexões e ações que levem em consideração os impactos ambientais e sociais que ocasionam.

1. **Qual é o papel dos indivíduos na propagação da ideia de consumo consciente e sustentável?**
2. **Em sua opinião, o que seria necessário para que as práticas sustentáveis fossem amplamente adotadas? Você se preocupa com a quantidade de bens de consumo que adquire? Você reflete sobre práticas sustentáveis para decidir quais produtos deseja consumir?**

PRINCIPAIS PROBLEMAS FILOSÓFICOS

- O que é e para que serve a tecnologia?
- O que é uma cidade ideal?
- É possível superar a crise ecológica?

UNIDADE 6

16 Natureza e o ser humano

17 Direito à cidade

18 Agroecologia: possibilidades de futuro

Vista de *drone* de painéis solares e estufas de produção de mudas clonadas de eucaliptos em propriedade rural em Caetanópolis (MG), 2022.

Chico Ferreira/Pulsar Imagens

CAPÍTULO 16

NATUREZA E O SER HUMANO

1. A crise ambiental é um tema recorrente em noticiários nacionais e internacionais. Com base nos conhecimentos adquiridos, você considera que essa crise ameaça a sobrevivência das espécies vivas no presente? Dê exemplos para fundamentar sua opinião.
2. Desde pequenos, a educação ambiental é parte de nossos estudos na escola, estando presente em diversos componentes curriculares. Você considera que os estudos sobre esse tema contribuíram para o desenvolvimento de sua consciência ambiental?

Na segunda metade do século XVIII, com o advento da Revolução Industrial, o desenvolvimento de novas tecnologias para tornar os modos de produção mais eficientes aumentou exponencialmente o consumo de recursos naturais. O alto consumo desses recursos para obtenção de matéria-prima e geração de energia desencadeou uma série de impactos ambientais.

Durante os séculos XIX e XX, a degradação ambiental foi crescente e, por vezes, desenfreada. Os processos de industrialização e urbanização de diversas sociedades estiveram muitas vezes relacionados ao aumento da poluição atmosférica, da contaminação da água e do solo e do desmatamento. Esses impactos ambientais foram, muitas vezes, considerados por alguns governos, empresas e indivíduos um preço inevitável e até necessário para o desenvolvimento tecnológico.

Por volta da década de 1970, a ação de diversos grupos e indivíduos chamou a atenção para a necessidade de cidadãos e governos desenvolverem consciência e responsabilidade ambiental. Esse movimento esteve, em grande medida, atrelado aos protestos contrários ao uso de tecnologia nuclear (como fonte de energia ou como armamento), bem como à publicação de estudos científicos que evidenciavam a finitude dos recursos naturais.

Mark Reinstein/Shutterstock.com/ID/BR

Protesto contra o uso de armas nucleares realizado em frente ao Capitólio, prédio que abriga o Congresso e o Senado estadunidenses, em Washington D. C., Estados Unidos. Foto de 1979.

Não escreva no livro.

PERIODIZAÇÕES HISTÓRICAS E O DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO

Para facilitar o estudo dos diversos povos e sociedades, os pesquisadores costumam dividir a história desses grupos em períodos, para que haja uma organização cronológica dos eventos e dos processos que ocorreram ou ocorrem no interior dessas sociedades.

Uma das divisões mais comuns da história ocidental é a organizada em quatro períodos: Idade Antiga, Idade Média, Idade Moderna e Idade Contemporânea. Ela foi desenvolvida por estudiosos europeus no século XIX, que identificaram determinados acontecimentos como marcos históricos considerados importantes por eles, com base nos processos históricos do continente europeu.

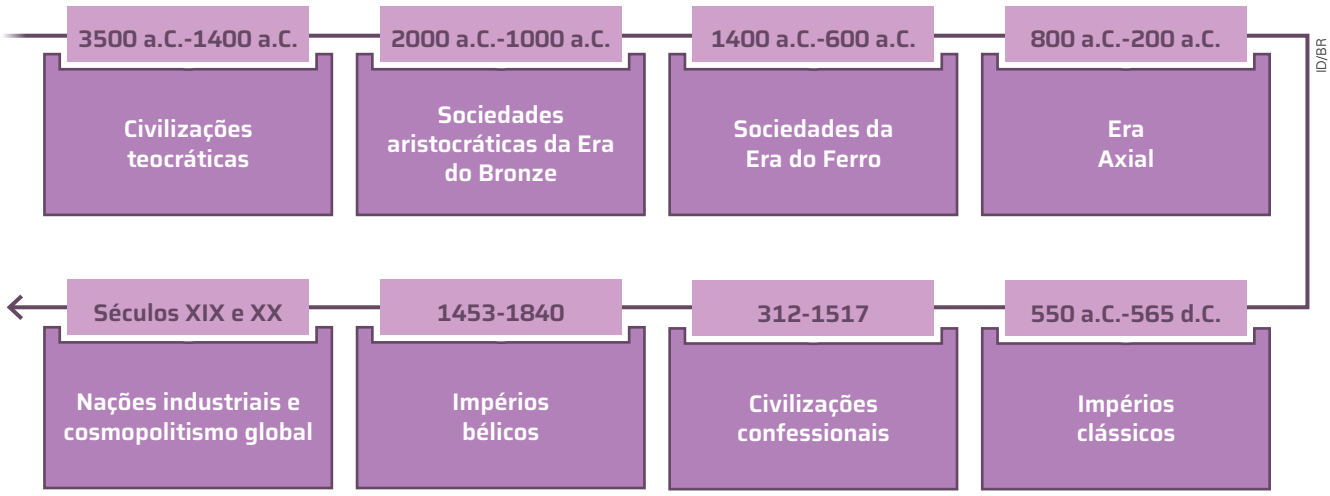
No entanto, o uso desses marcos para o estabelecimento de uma periodização universal, aplicável às histórias de todos os povos ao redor do mundo, é bastante criticado na atualidade, justamente pela ênfase atribuída aos processos históricos europeus, desconsiderando assim as especificidades dos povos de outros continentes.

Tomemos o período conhecido como Idade Média, por exemplo, que abrange os séculos V a XV. Uma parte significativa dos povos europeus desse período organizava-se em uma estrutura conhecida atualmente como feudalismo, que, entre outras coisas, era caracterizada pela hegemonia cultural do cristianismo ocidental. Povos de outros continentes, no entanto, vivenciavam outros processos políticos, sociais e culturais, pouco semelhantes aos ocorridos na Europa medieval, de forma que dificilmente podemos falar em uma Idade Média fora da Europa, por exemplo.

Essa periodização quadripartite, no entanto, é apenas uma das formas de organizar as histórias das diversas sociedades. Existem outras periodizações, que consideram critérios econômicos, políticos e sociais de diferentes povos, mas todas estruturadas a partir da observação de determinadas condições de vida em sociedade.

Uma dessas possibilidades de periodização foi elaborada pelo pesquisador latino-americanista Charles Truxillo (1953-2015), que propôs uma divisão da história do mundo em oito períodos, como pode ser observado a seguir.

A periodização de Truxillo leva em consideração uma perspectiva latino-americana na análise de diversos acontecimentos históricos das sociedades ocidentais. Além disso, se concentra no período entre 2000 a.C. e 1800 d.C., considerado por esse pesquisador como o de máxima diferenciação entre as diversas sociedades. A ênfase atribuída por Truxillo a esse período também evidencia sua preferência pela Revolução Industrial como o grande divisor de águas da história mundial, uma tendência observada em diversos outros pesquisadores.



ID/BR

Linha do tempo sem escala temporal.

A tecnologia como critério

A periodização quadripartite da história foi fortemente influenciada por três correntes de pensamento:

- **Positivismo** – caracterizado por uma concepção linear e evolutiva da história, que, segundo seus adeptos, seria a ciência que narra de maneira completamente imparcial os "grandes feitos" dos "grandes homens".
- **Dialética hegeliana** – caracteriza a história como um embate entre ideias que evoluem da tese (uma ideia) para a antítese (negação dessa ideia) e então para a síntese (negação da negação dessa ideia), e determinam como os seres humanos agem em cada época.
- **Materialismo histórico** – pensa a história com base nas relações sociais e na maneira como as sociedades se organizam para produzir e manter a vida, determinando assim as formas de produção de cada época.

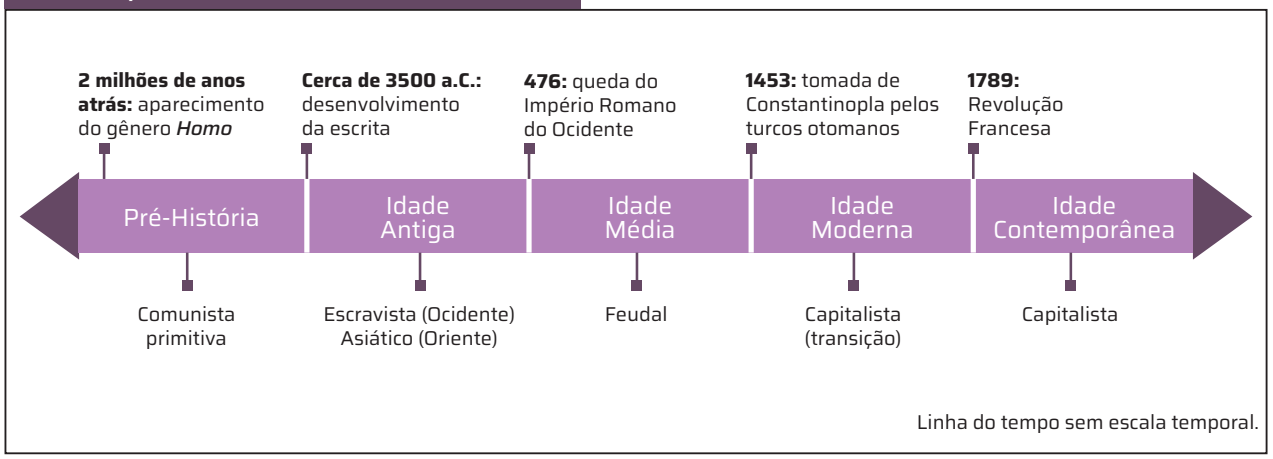
Essas correntes de pensamento foram desenvolvidas no contexto de intensas transformações tecnológicas na Europa do século XIX e incorporadas pelos movimentos intelectuais da época, como pode ser observado no texto a seguir.

> […] Quando, a partir do século XIX, a Revolução Industrial começou a transformar a economia, a sociedade e a cultura no mundo, ela se baseou fundamentalmente nesses princípios de progresso e razão, que, associados à necessidade de novidades técnicas para impulsionar a indústria, deram origem à formação de um novo paradigma para o Ocidente, o tecnicismo, que estabelecia o desenvolvimento tecnológico como parâmetro a ser seguido por toda sociedade.
>
> Tal processo histórico teve contrapartida na produção intelectual do Ocidente, cujo resultado na historiografia e ciências sociais, por exemplo, foi a glorificação da tecnologia como parâmetro para se classificar as sociedades. A partir daí, a historiografia tradicional, fosse positivista, fosse materialista histórica, começou a construir periodizações e classificações sociais usando a tecnologia como critério. Por exemplo, a conhecida classificação de períodos históricos em Paleolítico, Neolítico, Idade dos Metais utiliza exatamente a tecnologia como padrão, pois separa os períodos históricos de acordo com a forma pela qual as pessoas usavam as ferramentas e de como as construíam, se de pedra lascada, polida ou de metais.
>
> Silva, Kalina Vanderlei; Silva, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009. p. 387.

INTERAÇÃO

1. De acordo com a periodização quadripartite, o período conhecido como Idade Contemporânea se inicia no século XVIII, com a Revolução Francesa, e se estende até os dias atuais. Pensando na tecnologia como critério para essa periodização, você considera que todos os povos da atualidade estejam vivendo na Idade Contemporânea? Por quê?

PERIODIZAÇÃO SEGUNDO O MATERIALISMO HISTÓRICO



IDBR

Linha do tempo sem escala temporal.

Não escreva no livro.

REVOLUÇÕES INDUSTRIAIS

As diversas transformações tecnológicas e socioeconômicas que marcaram a sociedade inglesa do século XVIII impulsionaram o processo que alterou para sempre o cenário mundial. Vários pesquisadores consideram esse processo revolucionário porque transformou a capacidade humana de produzir mercadorias e serviços, bem como as relações de trabalho e as formas de organização social, de uma maneira que pode ser percebida até hoje em nosso cotidiano.

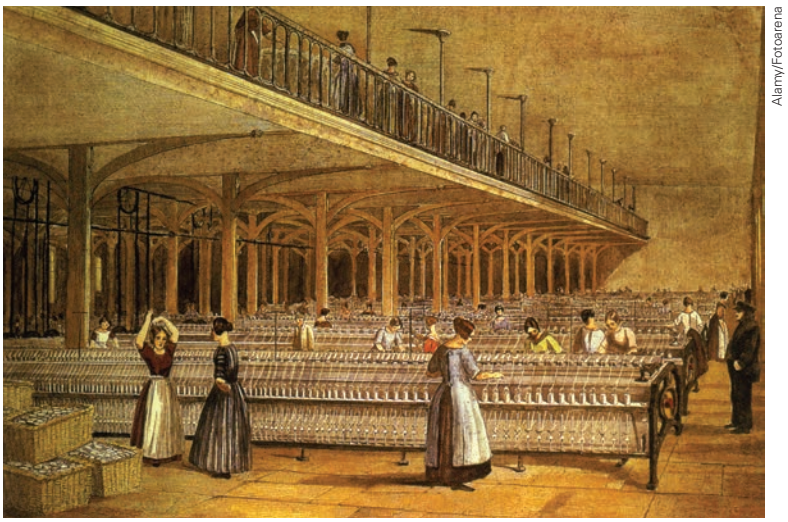
A Inglaterra de 1760 começava a se transformar aos poucos, deixando de ser uma sociedade essencialmente rural (em razão do elevado êxodo do campo) para se tornar uma sociedade industrial. O trabalho artesanal dava cada vez mais lugar ao trabalho assalariado, e a energia do vapor passava a movimentar as máquinas, substituindo a energia humana. Esse período, que durou aproximadamente de 1760 a 1850, ficou conhecido como **Revolução Industrial**.

No entanto, as transformações das tecnologias de produção foram diferentes em cada época. Por isso, diversos pesquisadores defendem que houve, ao longo dos séculos, pelo menos três revoluções industriais: a primeira, caracterizada pela geração de energia a partir do vapor; a segunda, marcada pelo uso da energia elétrica e pela produção em massa; e a terceira, caracterizada pela computação e pelas tecnologias digitais.

Primeira Revolução Industrial

A Primeira Revolução Industrial teve início nas últimas décadas do século XVIII, na Europa, quando foram desenvolvidas formas de usar o vapor para movimentar equipamentos, possibilitando assim a mecanização da produção. Originada na Inglaterra, essa tecnologia migrou para o restante do continente europeu e, até o final do século XIX, para a América e a Ásia.

Nesse período, o setor industrial que mais se destacou foi o têxtil. A substituição dos teares movidos pela tração humana ou animal por versões mecanizadas impulsionadas a vapor aumentou em cerca de oito vezes a produção. O aumento da produção no setor têxtil incentivou o surgimento de outras máquinas movidas a vapor de combustão de carvão, como as locomotivas, o que, por sua vez, provocou ainda mais mudanças nas relações humanas, ao possibilitar a circulação de pessoas e mercadorias por grandes distâncias em tempos cada vez menores.



Alamy/Fotoarena

Sala de duplicação, de Dean Mills, 1851. Gravura colorizada, representando o interior de uma fábrica de tecidos inglesa.

Galeria de Arte de Leeds, Inglaterra. Fotografia: Bridgeman Images/Easy Mediabank

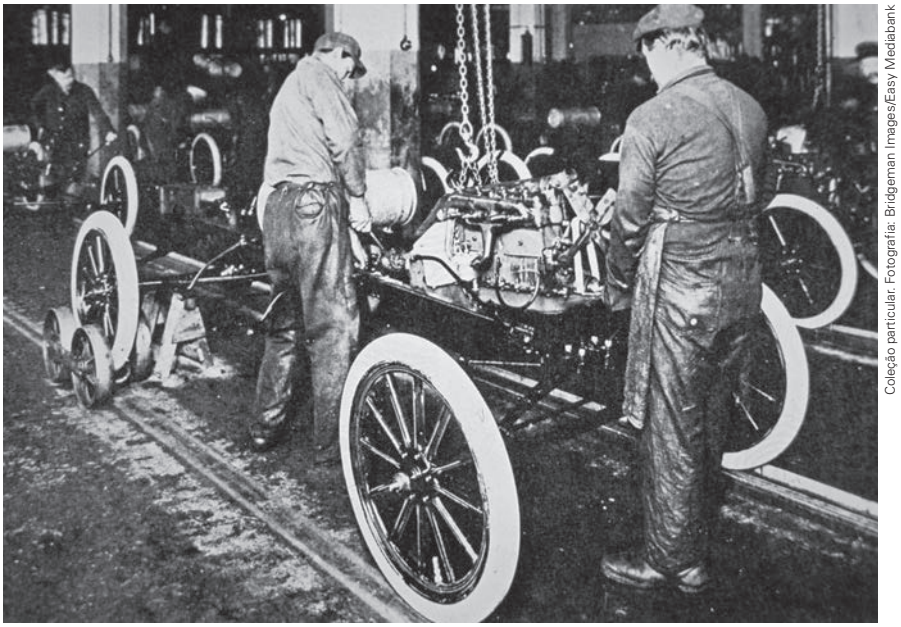
Gravura colorizada de Alphonse Dousseau, que mostra a paisagem da região de Lymington, na Inglaterra, em 1840.

Segunda Revolução Industrial

A Segunda Revolução Industrial teve início por volta da década de 1870, após o desenvolvimento de tecnologia que possibilitasse o uso da eletricidade para a produção em massa. Esse período foi mais marcante nos Estados Unidos, e as inovações tecnológicas foram expressivas na siderurgia, na metalurgia, na eletromecânica e na petroquímica. As principais fontes de energia passaram a ser a eletricidade e o petróleo, principalmente após a invenção do motor a explosão.

A indústria automobilística influenciou significativamente esse período. Além da inovação tecnológica, ela foi marcante por introduzir uma forma de produção em série padronizada e com **regulação técnica**, idealizada e implementada pelo empresário Henry Ford (1863-1947). A fabricação de produtos padronizados e em massa reduziu ainda mais os custos de produção e, consequentemente, o valor de venda deles, possibilitando uma ampliação do mercado consumidor.

regulação técnica: conjunto de normas e práticas que possibilita padronizar a fabricação, a importação, a comercialização e/ou a utilização de um produto.



Coleção particular. Fotografia: Bridgeman Images/Easy Mediabank

Trabalhadores em uma linha de produção da fábrica da Ford, em Michigan, Estados Unidos, 1913. O sistema de regulação técnica e de trabalho fordista consistia em produzir etapas parciais em uma correia transportadora, tornando a produção mais rápida e com menor custo.

REFLEXÃO

Diferentes formas de trabalho

O modo de produção fordista inaugurou uma nova divisão do trabalho: de um lado, os trabalhadores "desqualificados", que exerciam uma função mecânica, e, de outro, os "qualificados", que organizavam a massa de trabalhadores e gerenciavam o sistema da fábrica. Passado mais de um século, essa separação entre o trabalho manual e o intelectual ainda é marcante em nossa sociedade. Leia o trecho a seguir e depois responda às questões.

> O "ponto de honra" para Henry Ford com referência ao trabalho vivo imediatamente aplicado à produção era a desqualificação, tanto nos processos de fabricação mecânica quanto na linha de montagem. No primeiro caso, a implantação das *semi-special purpose machines*, em substituição às máquinas-ferramenta universais, fez com que, nas palavras de um importante executivo da Ford Company à época, a operação pudesse ser realizada à perfeição por um *farm boy*. [...]
>
> Moraes Neto, Benedito Rodrigues de. Fordismo e ohnoísmo: trabalho e tecnologia na produção em massa. *Estudos Econômicos*, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 326, abr./jun. 1998.

1. **Na atualidade, existe trabalho manual qualificado? Justifique.**
2. **Um trabalhador manual pode ter uma remuneração maior do que um trabalhador intelectual? Justifique.**

Não escreva no livro.

Terceira Revolução Industrial

A Terceira Revolução Industrial começou na década de 1970, com o desenvolvimento de equipamentos eletrônicos que possibilitaram a automação parcial da produção e a criação de computadores programáveis.

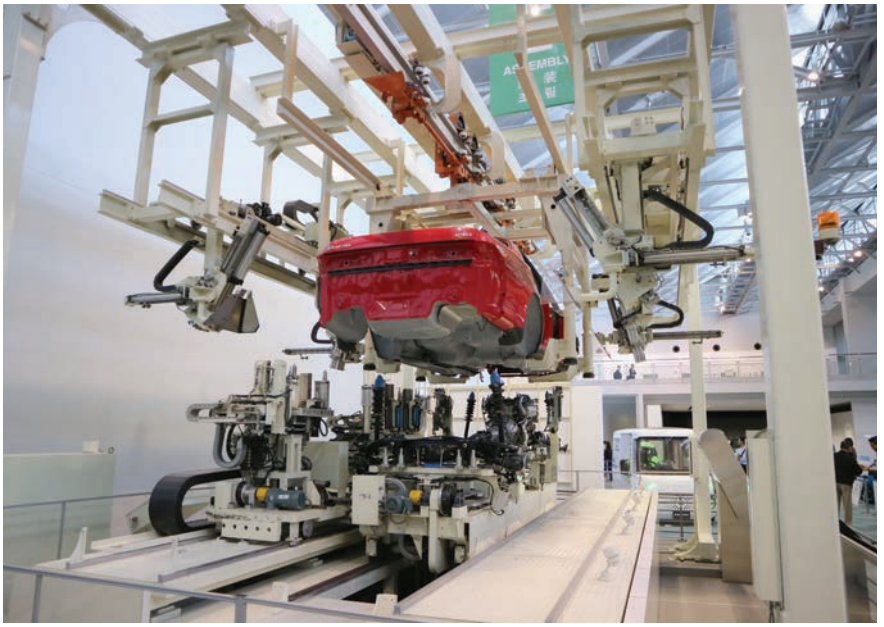
Essa revolução técnico-científica é marcada pelo avanço da microeletrônica, da informática, da robótica e da biotecnologia, sendo o computador a principal máquina dessa revolução; e a área das comunicações, a de maior destaque.

A introdução dessas novas tecnologias possibilitou automatizar ainda mais o processo de produção, tornando desnecessária a assistência humana em algumas etapas. Com isso, determinadas áreas passaram a demandar uma qualificação ainda maior da mão de obra, o que resultou em novas negociações e estratégias de trabalho.

Entretanto, nenhum desses períodos da Revolução Industrial ocorreu de maneira homogênea em todas as partes do mundo. A Terceira Revolução Industrial, por exemplo, foi aplicada de maneira retardatária em diversas regiões e países. O Brasil foi um desses países que demoraram para fazer uso dessas novas tecnologias, como explica o trecho do texto a seguir.

> […] pelo curso da Terceira Revolução Industrial, a manufatura terminou se modificando substancialmente, com a introdução do paradigma da produção enxuta e da automação flexível, cuja organização do trabalho tornou-se cada vez mais terceirizado (*outsourcing*). Também cresceu significativamente a participação do complexo da microeletrônica, mecatrônico, novos materiais, nanotecnologia e de comunicação e informação na estrutura industrial […].
>
> Diante de tantas alterações concentradas no quadro produtivo, comercial, laboral e financeiro internacional que se encontrava sob o questionamento da hegemonia estadunidense, o Brasil buscou estabelecer um grande bloco de investimentos de caráter anticíclico […].
>
> Ao invés do ajuste recessivo adotado na maior parte das economias, o Brasil se propôs a fugir para frente, com ousada programação de investimentos concentrados na indústria de bens de capital e de insumos básicos […] que fortaleceu ainda mais a industrialização tardia.
>
> Pochmann, Marcio. *Brasil sem industrialização*: a herança renunciada. Ponta Grossa: Ed. da UEPG, 2016. p. 113-114.

Arsada image/Shutterstock.com/ID/BR



Fábrica de automóveis da Toyota em Nagoya, Japão. A indústria automobilística passou por grandes transformações na Terceira Revolução Industrial, e os trabalhadores da linha de produção fordista foram substituídos por linhas de montagem com maquinários robotizados. Foto de 2023.

Estamos vivendo a Quarta Revolução Industrial?

Atualmente, vivemos em uma época em que as fronteiras do mundo físico e do mundo virtual não são bem delimitadas. A cada ano, os equipamentos eletrônicos se tornam mais potentes e flexíveis, e surgem novos *softwares* que integram o produtor ao consumidor final e que possibilitam que diversas empresas funcionem remotamente.

A popularização da internet possibilitou que a sociedade humana pudesse se conectar quase que em sua totalidade ("quase", pois a desigualdade social existente em todo o planeta ainda não trouxe essa democratização), resultando em uma automação de todos os meios que envolvem os seres humanos: industrial, comercial, econômico, financeiro e social.

Foi diante dessa realidade que, em 2011, o governo da Alemanha lançou um projeto denominado Indústria 4.0, que visa a utilização de alta tecnologia, de modo a fazer com que equipamentos industriais possam se comunicar entre si para otimizar o processo de produção.

Para alguns estudiosos, em especial economistas e sociólogos, esses são indícios de que vivemos em uma época de virtualismo globalizado, que inaugura um novo modo de vida da sociedade: a Quarta Revolução Industrial. O texto a seguir, de autoria do engenheiro e economista alemão Klaus Schwab (1938-), aborda essa questão.

> As tecnologias digitais, fundamentadas no computador, *software* e redes, não são novas, mas estão causando rupturas na terceira revolução industrial; estão se tornando mais sofisticadas e integradas e, consequentemente, transformando a sociedade e a economia global. [...]
>
> [...] Ao permitir "fábricas inteligentes", a quarta revolução industrial cria um mundo onde os sistemas físicos e virtuais de fabricação cooperam de forma global e flexível. Isso permite a total personalização de produtos e a criação de novos modelos operacionais.
>
> A quarta revolução industrial, no entanto, não diz respeito apenas a sistemas e máquinas inteligentes e conectadas. Seu escopo é muito mais amplo. Ondas de novas descobertas ocorrem simultaneamente em áreas que vão desde o sequenciamento genético até a nanotecnologia, das energias renováveis à computação quântica. O que torna a quarta revolução industrial fundamentalmente diferente das anteriores é a fusão dessas tecnologias e a interação entre os domínios físicos, digitais e biológicos.
>
> Nessa revolução, as tecnologias emergentes e as inovações generalizadas são difundidas muito mais rápida e amplamente do que nas anteriores, as quais continuam a desdobrar-se em algumas partes do mundo. [...]
>
> Schwab, Klaus. *A Quarta Revolução Industrial*. São Paulo: Edipro, 2019. *E-book*.

INTERAÇÃO

1. **Como você avalia os impactos da Quarta Revolução Industrial no cotidiano dos trabalhadores brasileiros na atualidade?**
2. **Faça uma pesquisa sobre a expressão "nomadismo digital" e, a seguir, relacione essa expressão aos desdobramentos da Quarta Revolução Industrial.**

CFoto/Future Publishing/Getty Images

Coworking é um modelo de trabalho em que o espaço e os recursos do escritório são compartilhados por pessoas que trabalham não necessariamente para a mesma empresa. Na foto, espaço de *coworking* em Xangai, na China. Foto de 2023.

Não escreva no livro.

RESINAS E POLÍMEROS: PASSADO E PRESENTE

Os plásticos são materiais formados por cadeias de polímeros, macromoléculas que se originam da ligação de moléculas menores, denominadas monômeros. Os polímeros podem ser naturais, isto é, encontrados na natureza, como o látex, utilizado para a produção de borracha; ou sintéticos, popularmente conhecidos como plásticos, produzidos artificialmente como alternativa aos naturais.

Há vestígios históricos que evidenciam que o uso desse tipo de material remonta a séculos atrás. Os mesoamericanos, por exemplo, já utilizavam bolas de borracha em 1600 a.C.

A industrialização dos polímeros teve início com o domínio da tecnologia de vulcanização da borracha natural, que possibilitou, a partir da década de 1910, a ampliação da fabricação de pneus e câmaras de ar para automóveis.

Ao longo do século XX, a indústria do plástico expandiu-se para diversas áreas. Em 1933, foi inventado o polietileno, que foi aperfeiçoado, em 1935, para se tornar uma resina de baixa densidade e, em 1953, de alta densidade. O polietileno é usado em cerca de 25% das resinas produzidas atualmente e que são matérias-primas na fabricação de papel filme, garrafas plásticas, sacos de alimentos, entre outros produtos. Na década de 1930, também surgiu o poliestireno, um polímero que suporta fortes impactos e é usado atualmente tanto na indústria de embalagens quanto na fabricação de equipamentos eletrônicos (como televisores e computadores) e em aeromodelismo.

No presente, o uso do plástico proporciona muitas facilidades e benefícios aos seres humanos. Eles são maleáveis, podem ser utilizados para diversos fins, possíveis de serem esterilizados e de fácil fabricação. No entanto, toda essa facilidade tem um preço a ser pago e, nesse caso, o maior preço é o ambiental. A alta durabilidade do plástico faz com que ele se desintegre muito devagar, o que resulta em um grave problema para o meio ambiente quando esse material não é destinado à reciclagem.

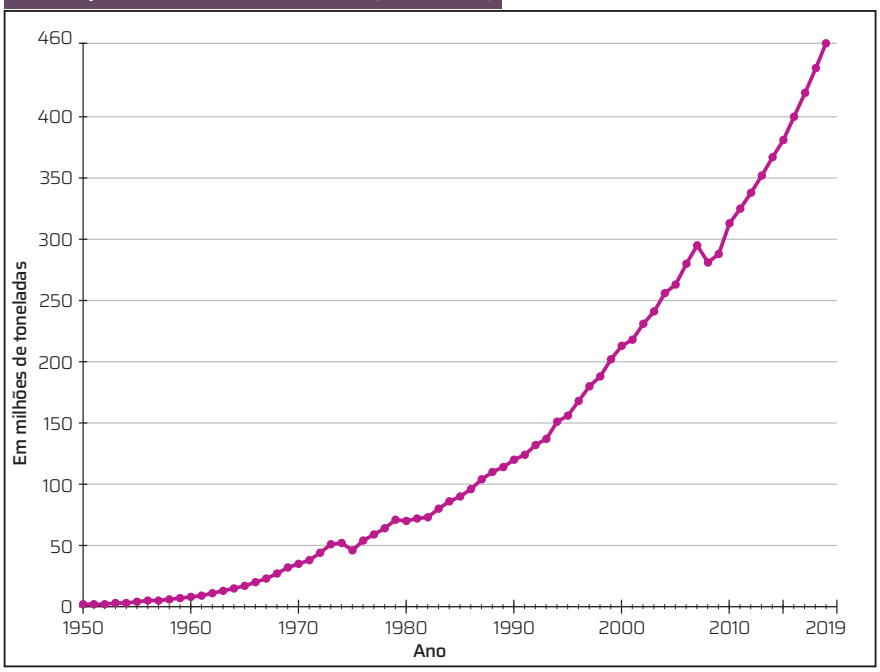
Essa é uma das razões pelas quais as pesquisas atuais acerca das propriedades dos polímeros são encaminhadas com o objetivo de desenvolver plásticos biodegradáveis. Essa é uma tentativa para diminuir a poluição causada pelas mais de 350 milhões de toneladas de plástico produzidas pelos seres humanos a cada ano nesta última década.

Chinahbzyg/Shutterstock.com/ID/BR

Em 2020, os chineses eram os maiores fabricantes de plástico do mundo, produzindo cerca de 29% do material descartável. No mesmo ano, o governo chinês anunciou um plano para banir plásticos descartáveis até 2025. Na foto, setor de produção de plástico em uma fábrica localizada em Luannan, na China. Foto de 2022.

PRODUÇÃO MUNDIAL DE PLÁSTICO (1950-2019)

Adilson Secco/ID/BR



Fonte de pesquisa: Ritchie, Hannah; Samborska, Veronika; Roser, Max. Plastic Pollution. *Our World in Data*, [20--]. Disponível em: https://ourworldindata.org/plastic-pollution. Acesso em: 18 jul. 2024.

Não escreva no livro.

O CONCEITO DE SUSTENTABILIDADE

Ao longo deste capítulo e em outros momentos desta coleção, vimos como as tecnologias têm mediado a relação entre as sociedades e a natureza e como, em muitos casos, a ação humana tem sido prejudicial ao meio ambiente.

O reconhecimento das consequências da devastação da natureza por ações humanas resultou em uma tomada de consciência de muitos indivíduos, organizações e governos, que passaram, a partir de meados do século XX, a se reunir e partilhar os conhecimentos adquiridos com o objetivo de alcançar um novo equilíbrio, uma forma mais harmônica de os seres humanos se relacionarem com a natureza: o desenvolvimento sustentável.

De acordo com a Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, criada pela Organização das Nações Unidas (ONU), o desenvolvimento sustentável é a denominação dada ao conjunto de estratégias e práticas desenvolvidas pelos seres humanos para suprir as próprias necessidades sem comprometer os recursos naturais, possibilitando às gerações futuras que também possam suprir suas necessidades. Esse desenvolvimento não esgota os recursos naturais que serão necessários no futuro.

O desenvolvimento sustentável pode ser promovido por meio da mudança de hábitos e atitudes por parte das pessoas e das empresas, das organizações e dos governos, que, por meio de inovações, conseguem propor outras formas de produção e consumo que respeitem o meio ambiente. Conheça algumas das principais tecnologias sustentáveis no texto a seguir.

As tecnologias sustentáveis têm sido protagonistas na busca por um futuro *eco-friendly* e na promoção da preservação do meio ambiente. Dentre as principais inovações que estão revolucionando a forma como nos relacionamos com o planeta, destacam-se:

Energias Renováveis: O uso de fontes de energia limpa, como a solar, eólica, hidráulica e biomassa, tem se expandido significativamente. As energias renováveis reduzem a dependência de combustíveis fósseis, diminuindo as emissões de gases de efeito estufa e contribuindo para a mitigação das mudanças climáticas.

Eficiência Energética: Tecnologias que promovem o uso mais inteligente e consciente da energia têm ganhado destaque. Sistemas de iluminação LED, aparelhos eletrônicos de baixo consumo e automação predial são exemplos de soluções que visam reduzir o consumo de energia e os custos operacionais.

Transporte Sustentável: Inovações como veículos elétricos, bicicletas compartilhadas, transporte público eficiente e até mesmo aeroportos e portos com baixa emissão de carbono estão revolucionando a mobilidade urbana e reduzindo a poluição do ar.

Economia Circular: A economia circular busca minimizar a produção de resíduos e promover o reaproveitamento de materiais. Tecnologias de reciclagem, reúso e remanufatura têm contribuído para o fechamento do ciclo de vida dos produtos, reduzindo o impacto ambiental.

Agricultura Sustentável: O uso de tecnologias na agricultura, como a agricultura de precisão e o monitoramento remoto das lavouras, permite uma produção mais eficiente e sustentável, reduzindo o consumo de água, fertilizantes e pesticidas.

Camara, Vitória Luiza. *Inovações tecnológicas sustentáveis*: rumo a um futuro *eco-friendly*. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 28 nov. 2023. Disponível em: https://www.ufsm.br/pet/sistemas-de-informacao/2023/09/25/inovacoes-tecnologicas-sustentaveis-rumo-a-um-futuro-eco-friendly. Acesso em: 18 jul. 2024.

Chico Ferreira/Pulsar Imagens

Horta comunitária do Complexo de Manguinhos, integrante do Projeto Hortas Cariocas, no município do Rio de Janeiro, que promove a implantação de hortas em espaços urbanos desocupados e incentiva a economia circular. Foto de 2021.

Não escreva no livro.

Tecnologia, consumo e sustentabilidade

Ainda hoje, o desenvolvimento tecnológico está bastante relacionado à degradação ambiental, como efeito de suas formas de produção e consumo. Ao mesmo tempo em que a indústria tecnológica se aprimora, desenvolvendo produtos e dispositivos cada vez mais modernos e arrojados, estimula-se o consumo desenfreado dessas novas tecnologias e produtos, muitas vezes por meio de práticas de **obsolescência programada**.

obsolescência programada: prática que torna um produto, em um período determinado, obsoleto ou não funcional propositalmente, obrigando o consumidor a adquirir uma versão mais recente.

O consumo desenfreado tem grandes impactos ambientais, uma vez que a produção de novos bens de consumo requer uma utilização cada vez maior de recursos naturais. Além disso, o lixo eletrônico gerado no pós-consumo também é alvo de preocupação, pois a reciclagem desses resíduos ainda é muito pequena e o descarte incorreto de material eletrônico pode contaminar o solo e os corpos de água de seu entorno, uma vez que são usados metais pesados em sua composição.

Não por acaso, um dos principais pilares do desenvolvimento sustentável é a observação dos 5 Rs (repensar, recusar, reduzir, reutilizar e reciclar), conjunto de práticas que visam estabelecer formas de produção e consumo conscientes, que levem em consideração a utilização sustentável dos recursos naturais em todas as etapas que envolvam a existência de determinado produto, dispositivo ou tecnologia.

Luciana Whitaker/Pulsar Imagens

Trabalhadora do Ecoponto de Reciclagem da Cooperativa Barro Vermelho separando materiais eletrônicos. São Gonçalo (RJ). Foto de 2024.

Reinaldo Vignati/ID/BR

REUTILIZAR

Significa dar maior utilidade ao que consumimos, para além de seu uso inicial, seja pessoalmente, seja por outras pessoas, ampliando, assim, a vida útil desse item.

RECICLAR

Envolve reaproveitar algo que já foi utilizado, transformando-o em algo novo, com as mesmas características, ou até características completamente novas.

REPENSAR

Significa refletir sobre os processos socioambientais de produção, desde a obtenção de matéria-prima, passando pelas condições de trabalho e distribuição, até o descarte.

RECUSAR

Está relacionado à recusa ao consumo exagerado e desnecessário, principalmente de produtos que causem danos ao meio ambiente e à saúde.

REDUZIR

Refere-se à redução do consumo, mas principalmente à redução da produção de lixo e resíduos, dando preferência a itens e produtos que tenham maior durabilidade.

Fonte de pesquisa: Silva, Saionara da *et al*. Os 5 R's da sustentabilidade. *V Seminário de Jovens Pesquisadores em Economia & Desenvolvimento*, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 9 nov. 2017. Disponível em: https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/533/2019/05/OS_5_RS_DA_SUSTENTABILIDADE_OS_5_RS_DA_SUSTENTABILIDADE_OS_5_RS_DA_SUSTENTABILIDADE_OS_5_RS_DA_SUSTENTABILIDADE_OS_5_RS_DA_SUSTENTABILIDADE_OS.pdf. Acesso em: 19 jul. 2024.

ATIVIDADES

1 **A história, como campo de estudo, tradicionalmente tem sido dividida em grandes períodos. Leia o texto a seguir e, depois, responda às questões propostas.**

Na França, o estudo e o ensino da História como disciplina integrada à máquina universitária estão organizados em quatro grandes conjuntos, entre os quais supõe-se repartido o tempo histórico:

História Antiga, de fato, história da Antiguidade greco-romana, com uma tímida abertura para o Egito faraônico e os impérios assírio-babilônicos. Esse período se estende tradicionalmente até a queda do Império Romano (conquista de Roma pelos bárbaros, em 410, ou queda do Império Romano do Ocidente, em 484);

História da Idade Média, de fato, da Idade Média ocidental, com um esforço para estendê-la a Bizâncio, ao Leste da Europa e aos países árabes do Mediterrâneo. Esse período se estende até a conquista de Bizâncio pelos turcos (1453) ou até o descobrimento da América por Cristóvão Colombo (1492);

História moderna, sempre da Europa, aí compreendida sua expansão colonial de ultramar, período que se estende até a Revolução Francesa (1789?, 1799?, 1815?);

História contemporânea, a única que ultrapassa, bem ou mal, o marco europeu e deixa um lugar efetivo para os países de Ásia, África e América.

É preciso advertir desde já que esse sistema quadripartite de organização da história universal é um fato francês. Em outros países, o passado está organizado de modo diferente, em função de pontos de referência diferentes. [...]

CHESNEAUX, Jean. *Devemos fazer tábula rasa do passado?*: sobre a história e os historiadores. São Paulo: Ática, 1995. p. 92-93.

a) Esse modelo de ensino e estudo de História apresentado pelo autor é usado nas universidades e nas escolas francesas. Você considera que ele tenha influenciado o estudo de História nas escolas brasileiras? Por quê?

b) Ao apontar a transição de um período a outro, o autor indica algumas possibilidades, sem dar uma data específica. Por que, em sua opinião, ele faz isso? Elabore hipóteses.

c) O autor ressalta que, somente ao estudar a história contemporânea, os franceses dão espaço para outros povos: americanos, africanos e asiáticos. A organização dos estudos históricos brasileiros é bem diferente nesse sentido. Por que você imagina que essa escolha foi feita?

2 **Se você fosse organizar a história de sua família ou comunidade em períodos, qual seria o critério utilizado para essa periodização? Organize uma linha do tempo evidenciando esse critério e destacando os períodos e os eventos a eles relacionados.**

3 **Podemos afirmar que a humanidade vive uma revolução tecnológica que não chegou ao fim? Justifique.**

4 **Leia o texto a seguir, que aborda parte dos desafios para a implementação de políticas de desenvolvimento sustentável nos municípios brasileiros. Depois, faça o que se pede.**

A pergunta fundamental é: como queremos viver, individual e coletivamente? Certamente, esta pergunta é mais importante do que o questionamento imposto pelas tendências econômicas globais, cuja principal preocupação é como competir, aproveitar as brechas do mercado e ficar entre os primeiros. O desenvolvimento sustentável não depende da competitividade, conceito um tanto simplista, mas da capacidade das pessoas e dos grupos sociais para entender e manejar com responsabilidade e eficiência as circunstâncias em que é produzida e reproduzida a vida humana. A estratégia de desenvolvimento de cada município, essencialmente, surge do sistema de valores culturais e políticos que definem a missão da sociedade e da natureza. Sem resposta à pergunta de como queremos viver, ficamos enclausurados nos modelos convencionais, nas mesmas finalidades e princípios orientadores. Significa que a consciência social ainda não está preparada para questionar as vulnerabilidades do atual padrão de desenvolvimento.

JARA, Carlos Julio. *A sustentabilidade do desenvolvimento local*: desafios de um processo em construção. Brasília, DF: IICA; Recife: Seplan, 1998. p. 144-145.

a) Você concorda que o questionamento sobre como queremos viver é mais importante do que as tendências econômicas globais? Justifique sua resposta.

b) Segundo o autor, "A estratégia de desenvolvimento de cada município, essencialmente, surge do sistema de valores culturais e políticos que definem a missão da sociedade e da natureza". Em uma democracia como a nossa, esses valores e essa missão são expressos pelos candidatos e apresentados em seus planos de governo, que, após a eleição, devem ser colocados em prática. Quais são os valores que atualmente definem a relação entre os seres humanos e a natureza em seu município? Se você não souber, reúna-se com dois colegas para pesquisar.

Não escreva no livro.

c) Participe de um debate em sala de aula para discutir as descobertas feitas no item anterior e as estratégias que os governantes de seu município propõem. Emita opiniões dizendo se você concorda ou não com essas propostas e esses encaminhamentos, fundamentando-as.

d) Para concluir, responda: Como você quer viver, individual e coletivamente?

5 (Fuvest)

Sob qualquer aspecto, este [a Revolução Industrial] foi provavelmente o mais importante acontecimento na história do mundo, pelo menos desde a invenção da agricultura e das cidades. E foi iniciado pela Grã-Bretanha. É evidente que isto não foi acidental.

Eric Hobsbawm, *A Era das Revoluções*. 19. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005. p. 52.

A Revolução Industrial, ocorrida na Inglaterra nos decênios finais do século XVIII,

a) deveu-se ao pioneirismo científico e tecnológico dos britânicos, aliado a uma grande oferta de mão de obra especializada e a uma política estatal pacifista e voltada para o comércio.

b) originou-se das profundas transformações agrárias expressas pela concentração fundiária, perda da posse da terra pelo campesinato e formação de uma mão de obra assalariada.

c) vinculou-se à derrocada da aristocracia e à ascensão da burguesia, orientada pela política mercantilista e sintetizada na filosofia de Adam Smith.

d) resultou da supressão de leis protecionistas de inspiração mercantilista e do combate ao tráfico negreiro, com vistas à conquista de mercados externos consumidores.

e) decorreu da ampla difusão de um ideário Ilustrado, o qual teria promovido aquilo que o sociólogo alemão Max Weber descreve como o "espírito do capitalismo".

6 (Enem)

A promessa da tecnologia moderna se converteu em uma ameaça, ou esta se associou àquela de forma indissolúvel. Ela vai além da constatação da ameaça física. Concebida para a felicidade humana, a submissão da natureza, na sobremedida de seu sucesso, que agora se estende à própria natureza do homem, conduziu ao maior desafio já posto ao ser humano pela sua própria ação. O novo continente da práxis coletiva que adentramos com a alta tecnologia ainda constitui, para a teoria ética, uma terra de ninguém.

Jonas, H. *O princípio da responsabilidade*. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-RIO, 2011 (adaptado).

As implicações éticas da articulação apresentada no texto impulsionam a necessidade de construção de um novo padrão de comportamento, cujo objetivo consiste em garantir o(a)

a) pragmatismo da escolha individual.

b) sobrevivência de gerações futuras.

c) fortalecimento de políticas liberais.

d) valorização de múltiplas etnias.

e) promoção da inclusão social.

7 (Enem)

A Inglaterra pedia lucros e recebia lucros. Tudo se transformava em lucro. As cidades tinham sua sujeira lucrativa, suas favelas lucrativas, sua fumaça lucrativa, sua desordem lucrativa, sua ignorância lucrativa, seu desespero lucrativo. As novas fábricas e os novos altos-fornos eram como as Pirâmides, mostrando mais a escravização do homem que seu poder.

Deane, P. *A Revolução Industrial*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979 (adaptado).

Qual relação é estabelecida no texto entre os avanços tecnológicos ocorridos no contexto da Revolução Industrial Inglesa e as características das cidades industriais no início do século XIX?

a) A facilidade em se estabelecerem relações lucrativas transformava as cidades em espaços privilegiados para a livre iniciativa, característica da nova sociedade capitalista.

b) O desenvolvimento de métodos de planejamento urbano aumentava a eficiência do trabalho industrial.

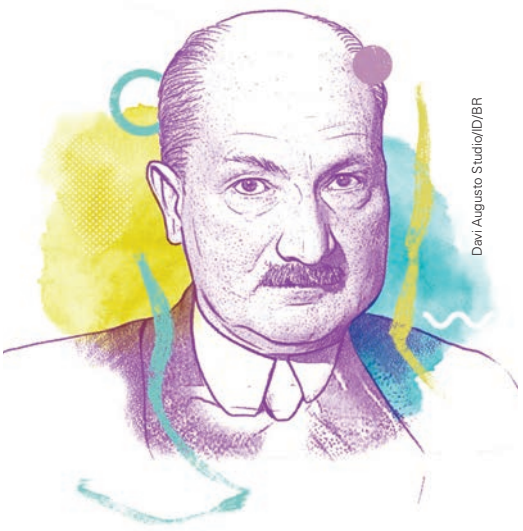
c) A construção de núcleos urbanos integrados por meios de transporte facilitava o deslocamento dos trabalhadores das periferias até as fábricas.

d) A grandiosidade dos prédios onde se localizavam as fábricas revelava os avanços da engenharia e da arquitetura do período, transformando as cidades em locais de experimentação estética e artística.

e) O alto nível de exploração dos trabalhadores industriais ocasionava o surgimento de aglomerados urbanos marcados por péssimas condições de moradia, saúde e higiene.

ESTÚDIO FILOSÓFICO

A TECNOLOGIA EM MARTIN HEIDEGGER



Davi Augusto Studio/ID/BR

Neste capítulo, estudamos o impacto dos avanços tecnológicos em toda a estrutura mundial de produção. Analisamos as transformações profundas trazidas pelas revoluções industriais e discutimos a relação entre a natureza e o ser humano. Essas reflexões nos preparam para entender a crítica de Martin Heidegger (1889-1976) à tecnologia moderna.

Heidegger não vê a tecnologia apenas como um conjunto de ferramentas ou avanços técnicos, mas sim como uma maneira de revelar e interagir com o mundo. Em diferentes textos, ele argumenta que a tecnologia moderna nos leva a uma visão instrumental e calculada da existência, em que tudo, inclusive os seres humanos, é reduzido a recursos a serem explorados. A perspectiva heideggeriana nos desafia a reconsiderar nossa relação com a tecnologia, questionando suas implicações na natureza do ser, ou ontológicas, e existenciais, e a refletir criticamente sobre o papel da tecnologia em nossas vidas e seu impacto sobre o ser.

Essas abordagens nos conduzem a uma reflexão sobre como a técnica molda nossa percepção do real e influencia nossas decisões cotidianas. Além disso, Heidegger nos alerta para os perigos de uma sociedade que se torna dependente de uma visão técnica e funcional do mundo, em que valores humanos e éticos podem ser obscurecidos.

OBRAS-CHAVE

- *A caminho da linguagem* (1959)
- *Identidade e diferença* (1957)
- *O que é isto – a filosofia?* (1956)
- *A questão da técnica* (1954)
- *Carta sobre o humanismo* (1947)
- *Introdução à metafísica* (1935)
- *Sobre a essência da verdade* (1930)
- *O que é metafísica?* (1929)
- *Ser e tempo* (1927)
- *O problema da realidade na filosofia moderna* (1912)

PERFIL

Martin Heidegger nasceu em uma cidade do interior da Alemanha e se doutorou em Filosofia na Universidade de Freiburg, em 1913. Ele foi um dos filósofos mais influentes do século XX, conhecido principalmente por sua obra *Ser e tempo* (1927) e por seu papel central no desenvolvimento da fenomenologia, do existencialismo e da hermenêutica. Heidegger propôs uma nova forma de pensar sobre a ontologia, focando na questão fundamental do que significa "ser".

EM LEITURA

A principal obra de Martin Heidegger que aborda a questão da tecnologia é o ensaio intitulado "A questão da técnica" (*Die Frage nach der Technik,* em alemão). Publicado em 1954 como parte do livro *Conferências e ensaios* (*Vorträge und Aufsätze*), esse ensaio é crucial para entender a visão de Heidegger sobre a natureza da tecnologia moderna e suas implicações ontológicas e existenciais. Nele, o filósofo explora como a tecnologia revela o mundo de uma maneira específica, influenciando profundamente nossa relação com a realidade.

No ensaio, Heidegger desafia a compreensão tradicional da tecnologia como um simples conjunto de ferramentas ou meios para alcançar fins. Em vez disso, ele propõe que a tecnologia deve ser entendida como uma maneira de revelar o mundo, que ele chama de "desvelamento" (*aletheia,* em grego). Segundo ele, a tecnologia moderna não é neutra; ela molda nossa percepção da realidade, transformando tudo, inclusive os seres humanos, em recursos a serem controlados e utilizados. Esse "enquadramento" (*Gestell*, em alemão) da realidade limita nossa compreensão mais profunda do ser.

Não escreva no livro.

No trecho a seguir, o autor questiona a visão instrumental da tecnologia, que a define apenas como um meio para alcançar fins. Ele argumenta que, embora essa visão esteja correta em um nível superficial, ela não captura a essência da tecnologia. Para compreender verdadeiramente a tecnologia, devemos ir além de sua descrição instrumental e buscar seu desvelamento essencial.

Mas, supondo que a técnica não seja um mero meio, como se coloca a vontade de dominá-la? [...] Devemos questionar: o que é o instrumental mesmo? Onde se situam algo como um meio e um fim? Um meio é algo pelo qual algo é efetuado e, assim, alcançado. Aquilo que tem como consequência um efeito, denominamos causa. Contudo, não somente aquilo mediante o qual uma outra coisa é efetuada é uma causa. Também o fim, a partir de que o tipo do meio se determina, vale como causa. Onde fins são perseguidos, meios são empregados e onde domina o instrumental, ali impera causalidade <*Ursächlichkeit*>, a causalidade <*Kausalität*>.

[...]

Apenas quando, por seu lado, o homem for desafiado a desafiar as energias naturais pode acontecer este desabrigar que requer algo <*bestellende*>. Se o homem é requerido para tanto, é desafiado, também ele então não pertence, ainda mais originariamente do que a natureza, à subsistência? O discurso que nos cerca no cotidiano, sobre o material humano, sobre o material de doentes de uma clínica, testemunha a favor disso. O guarda florestal, que faz o levantamento da madeira derrubada na floresta e, ao que parece, tal como o seu avô, percorre do mesmo modo os mesmos caminhos da floresta, é hoje requerido pela indústria madeireira, saiba ele disso ou não. Ele é requerido para a exigência de celulose que, por sua vez, é desafiada pela necessidade de papel, que é fornecido para os jornais e para as revistas ilustradas. [...] No entanto, porque o homem é desafiado mais originariamente do que as energias naturais, a saber, no requerer <*Bestellen*>, ele nunca será uma mera subsistência. Na medida em que o homem cultiva a técnica, ele toma parte no requerer enquanto um modo de desabrigar. Entretanto, o descobrimento mesmo, no seio do qual o requerer se desdobra, nunca é algo feito pelo homem, muito menos o âmbito que o homem a toda hora sempre percorre, quando, enquanto um sujeito, se relaciona com um objeto.

Onde e como acontece o desabrigar, caso não seja uma mera construção humana? Não precisamos procurar muito. É apenas necessário que captemos despretensiosamente aquilo que sempre já recorreu ao homem e decidi-lo de modo que, somente assim, o homem possa cada vez ser um homem. Onde quer que o homem abra seu ouvido e seu olho, abra seu coração, liberte-se de todo o seu pesar, ao imaginar e operar, ao pedir e agradecer, em toda parte sempre já se encontrará levado para o que está descoberto. Seu descobrimento já aconteceu todas as vezes que convoca o homem nos seus modos de desabrigar a ele dispostos. Se a seu modo o homem, no seio do descobrimento, desabriga o que se apresenta, então ele apenas corresponde ao apelo do descobrimento, mesmo onde se opuser a ele. Se, portanto, o homem, ao pesquisar e observar, persegue a natureza enquanto uma região de seu representar, então ele já é convocado por um modo de desabrigamento que o desafia a ir ao encontro da natureza enquanto um objeto de pesquisa, até que também o objeto desapareça na ausência de objeto da subsistência.

Assim, a técnica moderna, enquanto desabrigar que requer, não é um mero fazer humano. Por isso, devemos também tomar aquele desafiar, posto pelo homem para requerer o real enquanto subsistência tal como se mostra. Aquele desafiar reúne o homem no requerer. Isto que é reunido concentra o homem para requerer o real enquanto subsistência.

HEIDEGGER, Martin. A questão da técnica. *Scientiae Studia*, São Paulo, v. 5, n. 3, set. 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ss/a/QQFQSqx77FqjnxbGrNBHDhD/. Acesso em: 18 jul. 2024.

Heidegger sugere que a tecnologia moderna desafia o ser humano a revelar as energias naturais de maneira controlada e calculada, o que transforma a relação desse ser humano com a natureza e consigo mesmo. O desvelamento que a tecnologia promove não é apenas uma construção humana, mas algo que nos convoca a perceber o mundo de uma maneira particular, reduzindo tudo a uma subsistência utilitária.

PARA CONCLUIR

1 **Como podemos relacionar a tecnologia moderna com o conceito de "enquadramento" (Gestell) conforme as ideias de Heidegger?**

2 **Baseando-se no que você estudou neste capítulo, principalmente com relação aos avanços tecnológicos desenvolvidos nas revoluções industriais, você diria que além das mudanças nas produções, há uma mudança no ser? Cite exemplos.**

PRÁTICAS DE TEXTO

RESENHA

Proposta

Nesta seção, você vai escrever uma resenha sobre um livro ou artigo científico que aborde o desenvolvimento sustentável. A resenha circula principalmente em jornais e revistas e tem o objetivo de fazer uma avaliação a respeito de um livro, de um texto e, às vezes, de um objeto cultural (álbum musical, filme, etc.), oferecendo argumentos sobre os aspectos que chamam a atenção na obra.

Público	Colegas da turma e leitores em geral.
Objetivo	Descrever e divulgar um livro ou artigo científico sobre desenvolvimento sustentável.
Circulação	Redes sociais ou *blog* da turma.

Planejamento e elaboração

1 **Você vai escrever uma resenha sobre um livro ou artigo científico que aborde a questão do desenvolvimento sustentável. Para embasar essa discussão, leia o texto a seguir.**

> […] Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade. Enquanto isso – enquanto seu lobo não vem –, fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza.
>
> […]
>
> O que é feito de nossos rios, nossas florestas, nossas paisagens? Nós ficamos tão perturbados com o desarranjo regional que vivemos, ficamos tão fora do sério com a falta de perspectiva política, que não conseguimos nos erguer e respirar, ver o que importa mesmo para as pessoas, os coletivos e as comunidades nas suas ecologias. Para citar o Boaventura de Sousa Santos, a ecologia dos saberes deveria também integrar nossa experiência cotidiana, inspirar nossas escolhas sobre o lugar em que queremos viver, nossa experiência como comunidade. Precisamos ser críticos a essa ideia plasmada de humanidade homogênea na qual há muito tempo o consumo tomou o lugar daquilo que antes era cidadania. […]
>
> KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 9, 12.

Andre Dib/Pulsar Imagens

Vista de *drone* de águas avermelhadas do rio Negro e vegetação de restinga ao fundo, no Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses, em Santo Amaro do Maranhão (MA), 2024.

Não escreva no livro.

2 No trecho da página anterior, Ailton Krenak discute a ideia da separação entre homem e natureza como algo que contribui para a devastação das florestas e dos elementos naturais. Essa visão é incompatível com a perspectiva dos povos originários, como os indígenas brasileiros e outros povos tradicionais de outras partes do mundo, que procuram defender os espaços que ocupam, compreendendo-os não como um espaço externo, mas como parte inseparável dos indivíduos que o habitam.

3 Com base nas ideias apresentadas, pesquise um artigo científico ou livro relacionado ao tema desenvolvimento sustentável para escrever sua resenha.

4 Lembre-se de que a resenha deve conter:

- o nome de quem a escreveu;
- a referência bibliográfica completa da obra comentada no seguinte padrão, no caso de livro: "Nome do autor. *Título do livro*. Cidade da editora: nome da editora, ano. Quantidade de páginas.";
- uma introdução sobre a obra ou o texto comentado, indicando o tema abordado e, se possível, informações sobre quem a escreveu;
- desenvolvimento da resenha com a descrição e a análise da obra, descrevendo os pontos que mais chamaram a atenção do autor durante a leitura;
- conclusão sobre a obra, retomando as razões que levaram o autor da resenha a ter determinadas opiniões sobre o texto.

5 Leia o livro ou o artigo científico e anote seus dados principais: autor, título, editora, ano de publicação. No caso de livros, essas informações normalmente encontram-se na ficha catalográfica, que pode estar nas páginas iniciais ou finais da obra.

6 Faça uma avaliação da organização do conteúdo no texto e das estratégias utilizadas pelo autor para defender determinados pontos de vista (São consistentes? Há incoerências ou ambiguidades?). Se preferir, para auxiliar em sua análise, em uma folha separada, faça um esquema para demonstrar a organização dos conteúdos apresentados no texto.

7 Destaque trechos do texto que considerou mais relevantes. Se achar pertinente, você pode citar alguns deles na resenha, utilizando aspas.

8 Pesquise outros textos sobre o tema para embasar sua opinião a respeito do texto e do tema abordado.

9 Avalie a obra, apresentando argumentos para demonstrar pontos positivos e negativos do texto. Destaque a contribuição da obra para a reflexão sobre o desenvolvimento sustentável.

10 Escreva sua resenha na terceira pessoa do singular, utilizando linguagem formal e respeitando a norma de prestígio da língua.

Revisão e reescrita

1 Avalie sua resenha com base nos itens a seguir.

Foram apresentados os dados técnicos da obra?
Foram apresentados argumentos para salientar pontos positivos e negativos da obra?
Foram destacadas as contribuições do texto para a reflexão sobre o tema proposto?
Foi utilizada linguagem formal, observando a norma de prestígio da língua?

2 Faça os ajustes necessários e escreva a versão final de seu texto.

Circulação

1 Combine com os colegas uma forma de disponibilizar todas as resenhas produzidas pela turma. Vocês podem, por exemplo, divulgar os textos em postagens nas redes sociais ou, ainda, criar um *blog* da turma para a disponibilização dos textos.

2 No caso do *blog*, pesquisem *sites* gratuitos que permitam esse tipo de publicação. Estabeleçam critérios de padronização para os textos, como tamanho e cor da fonte. Aproveitem os recursos do *blog*, como a possibilidade de inserir *hiperlinks* no texto.

CAPÍTULO 17 CAPÍTULO 17 CAPÍTULO 17

DIREITO À CIDADE

1. Ao ler a expressão “direito à cidade”, o que vem à sua mente?
2. Você se lembra de algum protesto que tenha ocorrido recentemente no município onde mora? Você considera que ele está, de alguma forma, relacionado ao direito à cidade? Se sim, como?

Não raramente, escutamos expressões como “ocupação do espaço urbano” e “direito à cidade” em manifestações populares que reivindicam melhor qualidade de vida. Mas você sabe o que essas expressões significam?

O conceito de direito à cidade foi desenvolvido pelo sociólogo francês Henri Lefebvre (1901-1991), em 1968, e se refere ao direito que todos os cidadãos têm de usufruir de maneira igualitária da qualidade de vida e dos benefícios que as cidades oferecem, sem exclusão.

No entanto, ao observar a realidade de diversas cidades pelo mundo, é possível identificar que esse direito nem sempre é garantido a todos os indivíduos e grupos da população. Não é incomum, por exemplo, que os bens e serviços disponíveis nas áreas periféricas das cidades brasileiras sejam diferentes dos oferecidos nas áreas consideradas nobres, geralmente mais centrais. Da mesma forma, regiões com maior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) tendem a ter mais equipamentos urbanos do que as regiões cujo índice é mais baixo.

Luiz Barrionuevo/Shutterstock.com/ID/BR

Crianças brincando em pista de *skate*, área de lazer do Parque Municipal Antônio Molinari, em Poços de Caldas (MG). Foto de 2023.

Walmor Carvalho/Fotoarena

Ativistas em ato contra a privatização das Casas de Cultura de São Paulo no Largo São Bento, no centro da capital de São Paulo. Foto de 2023.

Não escreva no livro.

A MÃE URBANA

Como vimos em capítulos anteriores, a Filosofia, desde seus primórdios, está intimamente ligada ao contexto urbano. As cidades-Estado da Grécia Antiga, especialmente Atenas, são frequentemente consideradas o berço da Filosofia ocidental. Filósofos como Sócrates, Platão e Aristóteles desenvolveram suas ideias em um ambiente profundamente urbano, onde a *pólis* (cidade) era não apenas um espaço físico, mas também um espaço de convivência, debate e troca intelectual. Platão, em *A república*, e Aristóteles, em *Política*, exploraram extensivamente a relação entre a organização da cidade e o desenvolvimento do pensamento filosófico.

A ideia de que a Filosofia é "filha da *pólis*" reflete a importância do contexto urbano na formação e na disseminação do pensamento crítico. A *pólis* grega era um espaço de cidadania ativa, onde os indivíduos participavam diretamente da vida pública e das decisões coletivas. Esse ambiente propício ao diálogo e ao questionamento foi essencial para o surgimento da Filosofia.

RPBaiao/Shutterstock.com/ID/BR

Vista das ruínas da Ágora, em Atenas, Grécia, local onde os cidadãos atenienses da Antiguidade se reuniam para tratar de assuntos relacionados à política e à Filosofia, entre outros. Foto de 2024.

Ao longo da história, muitos filósofos e estudiosos de outras áreas têm proposto reflexões sobre a cidade ideal. Mais recentemente, pensadores como Henri Lefebvre e David Harvey (1935-) têm discutido o direito à cidade em contextos modernos. Lefebvre, em *O direito à cidade*, propõe a urbanização como um processo em que todos os cidadãos têm o direito de moldar o ambiente urbano e de serem moldados por ele. Harvey expande essa ideia, argumentando que o direito à cidade é um direito humano fundamental, essencial para a justiça social e para a democracia.

Na contemporaneidade, a "mãe urbana" pode ser entendida como a figura que nutre e protege a cidadania ativa e a participação democrática na vida urbana. As cidades modernas enfrentam desafios complexos, como a segregação social, a gentrificação e a desigualdade de acesso aos serviços urbanos. Entretanto, seus governantes ou os movimentos sociais vêm tentando garantir o direito à cidade.

Em São Paulo (SP), por exemplo, movimentos sociais como o Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST) lutam pelo direito à moradia digna e ao espaço urbano. Em Nova York, nos Estados Unidos, iniciativas como o High Line transformam antigas infraestruturas em espaços públicos acessíveis e verdes, promovendo a inclusão e o uso democrático da cidade.

Não escreva no livro.

Cidadania e acesso à cidade

A cidadania consiste no exercício dos direitos e deveres de todos os indivíduos em relação à sociedade em que vivem. Entre os direitos dos cidadãos, estão os de liberdade de pensamento e expressão, de ir e vir, de escolher representantes para o governo e de ter acesso à saúde, moradia, alimentação e educação. Já entre os deveres, estão os de cumprir as leis, zelar pelo espaço público e exercer o voto eleitoral.

A essência do conceito de cidadania está em um ideal de universalização, em que todos os cidadãos desfrutam dos mesmos direitos e exercem os mesmos deveres para garantir o bom funcionamento da sociedade. Essa mesma universalização está presente no conceito de direito à cidade.

Sabemos, porém, que vivemos em uma sociedade pautada por desigualdades. Segundo o "Relatório de desenvolvimento humano 2021-2022", da Organização das Nações Unidas (ONU), os 10% mais ricos da população brasileira detêm 39,4% da renda total do país. Essa diferença na distribuição de renda tem impacto direto tanto na manutenção da estrutura de classes sociais quanto na organização do modo de vida urbano, pois reduz o acesso de grande parte da população a condições mínimas de sobrevivência, promovendo, assim, a **marginalização social**.

marginalização social: conceito da Sociologia aplicado aos indivíduos que, por causa de sua situação econômica, são discriminados e não têm acesso à saúde, moradia, alimentação e a outros benefícios, não podendo, portanto, usufruir de seu direito à cidade.

Para Lefebvre, a segregação socioeconômica é um dos principais fatores que impedem a população de exercer seu direito à cidade, pois, na maioria das vezes, as pessoas de baixa renda são forçadas a viver em locais com baixa oferta de bens e serviços. Para ele, a retomada desse direito pelos moradores das regiões periféricas somente seria possível por meio de uma demanda coletiva de recuperação do espaço urbano.

As ideias de Lefebvre foram bastante estudadas nas décadas finais do século XX e ainda nestas primeiras décadas do século XXI, tornando-se fundamentais na busca de novas formas de planejamento urbano e inspiração para diversos movimentos sociais.

Estudiosos contemporâneos, como o geógrafo britânico David Harvey e a cientista política alemã Margit Mayer (1949-), desenvolveram as ideias de Lefebvre para conceituar o direito à cidade como uma demanda de todas as pessoas que vivem nela, realinhando essas ideias a temáticas fundamentais para o exercício da cidadania plena, como a luta por moradia e a busca por justiça social.

INTERAÇÃO

1. **Como você avalia o acesso a bens e serviços essenciais, como saúde, transporte, lazer e segurança, no bairro onde você vive?**
2. **Em sua opinião, como o acesso a esses bens e serviços influencia o cotidiano dos moradores de seu bairro?**

Paraisópolis, bairro de São Paulo (SP), é um dos muitos exemplos no Brasil da desigualdade de acesso aos benefícios de uma cidade, mesmo em regiões espacialmente próximas. Na foto, rua da comunidade de Paraisópolis, em que é possível avistar ao fundo os prédios de luxo do bairro vizinho. Foto de 2023.

ImagensstockBR/Shutterstock.com/D/BR

Não escreva no livro.

REIMAGINANDO AS CIDADES

A urbanização acelerada das últimas décadas trouxe desafios complexos, como a desigualdade, a exclusão social e a degradação ambiental. Imaginar um futuro em que as cidades sejam mais inclusivas, justas e igualitárias é essencial para a sustentabilidade do planeta e a equidade entre as pessoas. Para alcançar esse objetivo, é preciso que haja ações do poder público e da sociedade civil.

Entre as ações do poder público que visam à inclusão e à justiça urbana estão a criação ou a adaptação de cidades que ofereçam igualdade de oportunidades e de acesso a todos os seus habitantes. Para que funcionem e sejam postas em prática, é preciso criar e implementar políticas que garantam esses direitos a todas as pessoas, independentemente de sua classe social, gênero, raça ou origem. Dessa maneira, os cidadãos poderão desfrutar dos benefícios da vida urbana, com habitação digna e acessível, boa mobilidade urbana, com transporte público eficiente, e participação comunitária nas decisões.

Urbanscape/Shutterstock.com/ID/BR

A cidade de Hong Kong, China, destacou-se em 2022 em um relatório do Instituto McKinsey sobre transporte urbano. Além de oferecer variados tipos de meios de transporte público, o sistema permite percorrer mais de 200 quilômetros de extensão, é barato, pontual e tem alternativas menos poluentes. Foto de 2023.

Governos municipais, estaduais e federais podem colaborar entre si para implementar uma variedade de ações que visem promover a equidade urbana. Um bom exemplo de política de habitação é o desenvolvido em Viena, Áustria. A capital austríaca é conhecida por seu modelo de habitação social, em que cerca de 60% da população vive em moradias subsidiadas. Esse modelo garante que todos os cidadãos tenham acesso a uma habitação digna, independentemente de sua renda, promovendo a inclusão social e reduzindo a segregação urbana.

Outro exemplo de programa de moradia urbana subsidiada é o praticado no Brasil desde 2009, chamado Minha Casa, Minha Vida. Ele é um projeto do governo federal que visa reduzir o déficit habitacional, oferecendo subsídios e financiamento acessível para famílias de baixa renda. Apesar dos desafios e de ter sido pausado por um tempo, o programa tem proporcionado a milhares de famílias a oportunidade de adquirir uma casa própria ou de recebê-la gratuitamente, a depender de alguns critérios.

Joa Souza/Shutterstock.com/ID/BR

Uma das críticas enfrentadas pelo programa Minha Casa, Minha Vida se refere à localização dos imóveis, que, em alguns casos, não previu a mobilidade urbana. Na imagem, condomínio do programa em Feira de Santana, Bahia, em 2023.

Cidades para todos

Para atender de maneira igualitária às demandas e às necessidades de todos os seus moradores, as cidades precisam de infraestrutura, com oferta de serviços públicos de qualidade e de políticas sólidas de inclusão e acessibilidade. Especialmente se pensarmos na realidade de muitas cidades espalhadas pelo globo, em que há grandes desigualdades. Para procurar reduzir essas desigualdades e oferecer melhor qualidade de vida para todos, é possível pensar em maneiras de um trabalho conjunto entre governo e sociedade civil.

A cidade de Medellín, na Colômbia, foi um desses lugares que, com investimentos em infraestrutura e apoio civil, se tornou cada vez mais igualitário, melhorando principalmente a vida dos que viviam em áreas mais pobres. Uma das principais iniciativas foi a criação de teleféricos urbanos que conectam as comunidades no alto dos morros ao centro da cidade. Até meados da década de 1990, essas áreas eram isoladas e de difícil acesso; atualmente, os moradores podem se deslocar mais facilmente para estudar, trabalhar e acessar serviços. Além disso, essas áreas contam com bibliotecas, escolas e centros culturais, proporcionando mais oportunidades de educação e lazer.

No Brasil, podemos falar de dois exemplos de movimentos que contam com a participação da sociedade civil e visam ao acesso igualitário à cidade: o Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST) e o Orçamento Participativo (OP), em Porto Alegre. O primeiro é um movimento social que luta pelo direito à moradia e à cidade, organizando ocupações e negociando com o governo a regularização fundiária e a construção de habitações populares. O segundo é conhecido mundialmente por garantir aos cidadãos que decidam diretamente como uma parte do orçamento municipal será utilizada. Esse processo promove a inclusão e a justiça ao permitir especialmente aos mais vulneráveis que tenham voz nas decisões de investimento urbano.

REFLEXÃO

Vida urbana e natureza

A arquiteta e autora britânica Carolyn Steel explora a relação intrínseca entre a urbanização e a sustentabilidade, argumentando que as cidades devem ser planejadas considerando a produção e o consumo de alimentos. Ela enfatiza que as cidades modernas muitas vezes negligenciam a integração entre a vida urbana e a natureza, resultando em problemas ambientais e sociais significativos. Em sua obra *Cidade faminta: como a comida molda nossas vidas* (em tradução livre), Steel propõe que as cidades sejam redesenhadas, incluindo sistemas alimentares locais e focando na redução da pegada ecológica, promovendo, dessa maneira, uma urbanização mais equilibrada e sustentável. Leia um trecho de sua obra a seguir e, depois, responda às questões.

> Vivemos em cidades há milhares de anos, mas continuamos sendo animais, definidos por necessidades animais. E aí está o paradoxo básico da vida urbana. Habitamos cidades como se isso fosse a coisa mais natural do mundo, mas, em um sentido mais profundo, ainda vivemos na terra. A civilização pode ser urbana, mas a grande maioria das pessoas no passado eram caçadores e coletores, fazendeiros e servos, camponeses que levavam vidas predominantemente rurais. A história deles é em grande parte esquecida, mas, sem eles, nenhuma das outras histórias humanas teria sido possível. A relação entre comida e cidades é extremamente complexa, mas em um nível é completamente simples: sem agricultores e a agricultura, as cidades não existiriam.
>
> Steel, Carolyn. *Hungry city*: how food shapes our lives. London: Vintage, 2013. p. 6-7. Tradução livre para esta obra.

1. **O que a autora quis dizer com "paradoxo básico da vida urbana"?**
2. **Você concorda com a autora quando ela diz que a relação entre comida e cidades é "extremamente complexa, mas em um nível é completamente simples"? Explique.**

Não escreva no livro.

Cidades sustentáveis

Atualmente, mais da metade da população mundial vive em cidades, e esse número aumenta a cada ano. As cidades estão em constante crescimento, mas como fazer para que elas possam crescer de modo a oferecer a todos os seus moradores o direito de usufruir dela plenamente e, ao mesmo tempo, pensar na manutenção do meio ambiente para que as gerações futuras também consigam desfrutar desses direitos?

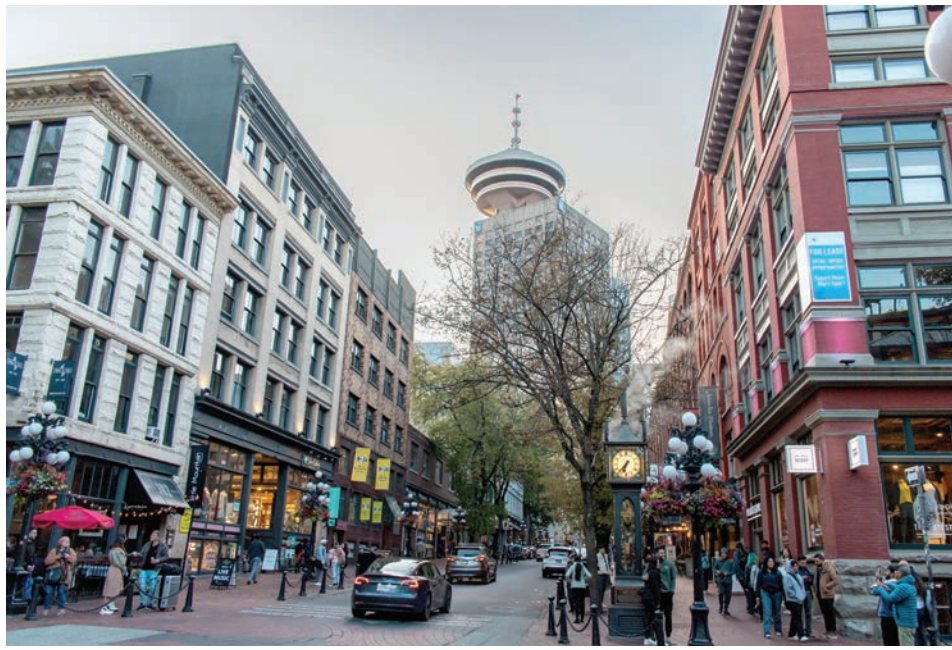
Cidades sustentáveis

Foi pensando nesse desafio que a ONU inseriu na **Agenda 2030** o objetivo de desenvolver cidades e comunidades sustentáveis, para auxiliar os países a melhorar o planejamento urbano de seus espaços, tornando-os mais seguros, inclusivos e sustentáveis.

Para ser considerada sustentável, uma cidade deve ser capaz de: integrar áreas verdes a seu ambiente urbano, diminuindo assim as emissões de CO_2 e melhorando a qualidade do ar; promover o uso de energias renováveis, protegendo ao máximo os recursos naturais; implementar transporte público sustentável; e promover uma economia preocupada com a redução, a reutilização, a recuperação e a reciclagem de materiais e de energia.

A ONU acompanha anualmente o trabalho realizado pelos países para alcançar essas metas. Esse acompanhamento ocorre por meio da avaliação dos três itens fundamentais para o desenvolvimento sustentável: o social (por meio da avaliação dos índices de qualidade de vida dos moradores da cidade – expectativa de vida, taxa de criminalidade, índices educacionais, entre outros), o econômico (a saúde econômica dos habitantes – quanto menor a diferença social, mais saudável estará essa sociedade) e o ambiental (análise de programas de reciclagem, cálculo de áreas verdes, implementação de energia limpa, entre outras ações).

Agenda 2030: plano de ação desenvolvido pela ONU em 2015, e pactuado pelo Brasil e por mais 192 países, que tem a missão de propor um desenvolvimento sustentável para todo o planeta. Nele, foram apresentados 17 objetivos e 169 metas a serem alcançados até 2030 para a concretização dos direitos humanos e o equilíbrio do desenvolvimento sustentável nas suas três dimensões: a social, a econômica e a ambiental.



Koshiro K/Shutterstock.com/ID/BR

O Canadá tem um dos maiores índices sociais do mundo. Na foto, pessoas passeiam pela zona urbana de Gastown em dia nublado. Vancouver, Canadá. Foto de 2023.

AÇÃO E CIDADANIA

Programa Cidades Sustentáveis

No Brasil, o programa Cidades Sustentáveis auxilia os municípios que desejam desenvolver práticas e ações voltadas à sustentabilidade.

1. **Visite a página do programa (disponível em: https://www.cidadessustentaveis.org.br; acesso em: 22 jul. 2024) e consulte quais são as cidades do estado em que você vive que fazem parte desse programa. Caso não tenha nenhuma, escolha uma cidade de outro estado. Leia sobre as boas práticas que essa cidade tem adotado para alcançar o desenvolvimento sustentável.**
2. **Com base nessas experiências, escreva um pequeno texto, de até três parágrafos, apresentando práticas sustentáveis que poderiam ser adotadas no município onde você mora e sugestões de como essas práticas poderiam ser aplicadas.**

A eficiência energética de Fujisawa

Em 11 de março de 2011, um terremoto de 8,9 graus na escala Richter e o *tsunami* que se seguiu abalaram a região noroeste do Japão, provocando danos na usina nuclear de Fukushima, que era responsável pelo fornecimento de quase 30% da energia elétrica do país.

O terremoto provocou explosões e o superaquecimento de parte dos reatores da usina, enquanto o *tsunami* impediu o funcionamento dos geradores a *diesel* que alimentavam o sistema de resfriamento, resultando no derretimento do núcleo de quatro reatores e em uma sequência de reações, incluindo vazamentos radioativos. Os níveis de radiação no local foram oito vezes maiores do que os limites de segurança, fazendo com que fosse necessário evacuar toda a população que vivia em um raio de 20 quilômetros da usina. As explosões em Fukushima não deixaram mortos imediatos, mas estima-se que cerca de 30 mil pessoas que foram evacuadas ainda sofram os efeitos da radiação, e até hoje não foi possível mensurar o impacto ambiental do vazamento de água radioativa no mar.

A tragédia alertou as autoridades japonesas para a necessidade de uma busca mais enfática por outras possibilidades de produção de energia que fossem mais sustentáveis e oferecessem menos riscos à população e ao meio ambiente. O país apresentou planos para, até 2024, converter as áreas destruídas de Fukushima em um centro de energia renovável, com 11 usinas solares, dez parques eólicos e uma rede de transmissão para fornecer energia à capital do país: Tóquio.

Outra ação que teve origem no desastre de Fukushima foi a construção de uma cidade que usasse o máximo possível de recursos renováveis, com maior integração entre as moradias e os espaços públicos. A Fujisawa Sustainable Smart City (apelidada de Fujisawa SST) foi um projeto criado por oito empresas privadas japonesas em parceria com a prefeitura de Fujisawa, uma cidade de pouco mais de 400 mil habitantes localizada a cerca de 50 quilômetros de Tóquio. A cidade foi planejada para ter soluções tecnológicas inovadoras em categorias fundamentais para o bem-estar de seus moradores, como segurança, saúde, lazer, gestão compartilhada de recursos e produção e consumo de energia.

Na Fujisawa SST, a principal solução energética aplicada foi a produção e o uso de energia solar. Todas as moradias, os espaços públicos e até os veículos de transporte são equipados com microgeradores de energia, garantindo-lhes autonomia energética.

Tomohiro Ohsumi/Bloomberg/Getty Images

A cidade de Fujisawa, no Japão, proporciona um estilo de vida sustentável a seus habitantes. Nela, são utilizados sistemas de energia solar nas residências e na iluminação pública. Na foto, ciclista passa por casas com painéis fotovoltaicos em Fujisawa. Foto de 2016.

Não escreva no livro.

O sistema de transmissão de energia da cidade é equipado com baterias especiais, que armazenam as cargas de energia solar excedentes para que elas sejam usadas no período noturno, redistribuídas no próprio sistema ou até mesmo vendidas.

Além do uso de energia elétrica solar nas moradias e nos espaços públicos, ela também é usada no abastecimento dos veículos, que são carregados em estações semelhantes aos postos de gasolina que temos no Brasil. Além disso, na cidade, há um sistema bastante estruturado de compartilhamento de carros e bicicletas, que diminui a quantidade de veículos circulando nessa área e estimula a interação entre os cidadãos e o cuidado com os equipamentos urbanos.

No caso de Fujisawa, o governo buscou essas mudanças para evitar outros acidentes com a produção de energia à base de elementos radioativos. Apesar de ser um exemplo inspirador, não é preciso recriar uma cidade para que ela seja sustentável. Esse objetivo pode ser alcançado também por meio da execução de bons projetos pelo poder público e pela mudança de hábitos dos cidadãos.

Outras cidades buscaram mudar suas fontes de energia para energias renováveis, a fim de garantirem a redução na emissão de gases de efeito estufa e se tornarem cidades climaticamente neutras, ou seja, que não contribuem para as mudanças climáticas.

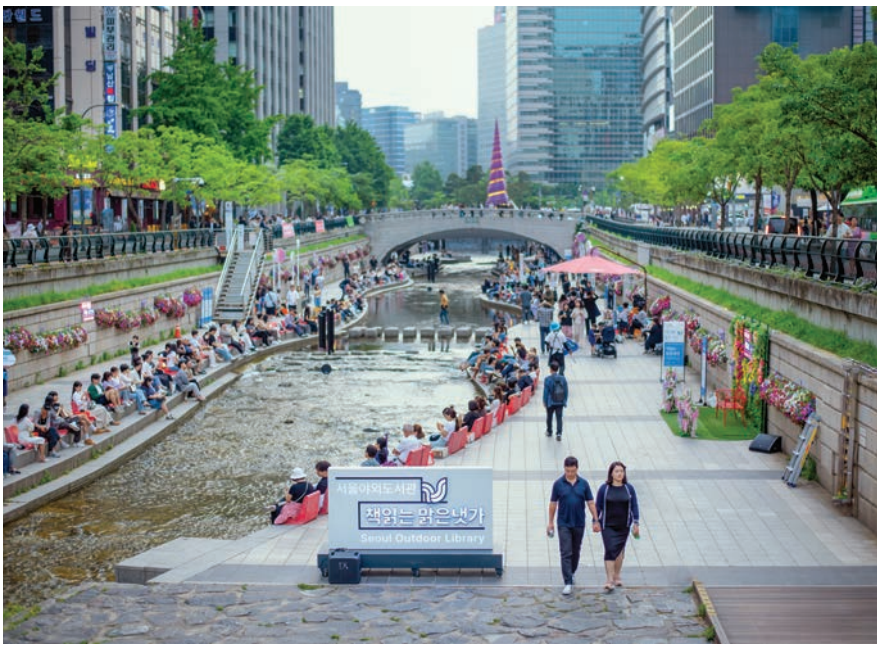
Desde 2020, por exemplo, a cidade de Adelaide, na Austrália, é abastecida totalmente por energias renováveis provenientes de energia solar e eólica, ofertadas por fazendas eólicas e solares da região. Além disso, a governança da cidade busca transformá-la em uma cidade neutra em emissão de carbono. Dessa maneira, prédios e outras instalações públicas e particulares participam desse esforço, instalando placas fotovoltaicas.

A Coreia do Sul é outro país que vem avançando na busca pela neutralidade em emissão de carbono. Em 2020, o governo sul-coreano anunciou que alcançaria esse patamar até 2050. E entre as cidades que se destacam está Seul. Se em 2005 ela aparecia em um relatório da Organização Mundial da Saúde (OMS) como uma cidade que apresentava uma péssima qualidade do ar, com quantidade excedente de **materiais particulados**, um novo relatório emitido pela ONU em 2023 revelou que o ar em Seul está limpo e adequado para a saúde humana.

BeyondImages/Getty Images

Muitas construções em Adelaide, Austrália, aderiram à instalação de placas fotovoltaicas para a produção de energia renovável e a manutenção de uma cidade sustentável. Na foto, casas com placas fotovoltaicas no subúrbio de Adelaide. Foto de 2023.

material particulado: pequenos fragmentos de poluentes que se mantêm suspensos na atmosfera, constituídos de fuligem, poeira, fumaça e todo tipo de material sólido ou líquido.



Pionote/Shutterstock.com/ID/BR

Com mais de 10 milhões de habitantes, o governo de Seul criou diretrizes rígidas para o controle da qualidade do ar e contou com o apoio da sociedade civil. Na foto, biblioteca ao ar livre de Seul em Cheonggyecheon, operada pela Biblioteca Metropolitana de Seul. Foto de 2024.

Escolhas sustentáveis para as mudanças climáticas

Os exemplos que conhecemos anteriormente são escolhas de criações de cidades ou de transformações que visam reduzir o impacto humano nas mudanças climáticas. Entretanto, alguns estudiosos afirmam que vivemos um ponto de não retorno e as consequências dessas mudanças na atualidade são reais. Dessa maneira, além de pensar nas cidades como neutras nessa influência de piora do clima global, é preciso encontrar soluções que visem à redução de perdas humanas e materiais no caso de uma catástrofe natural.

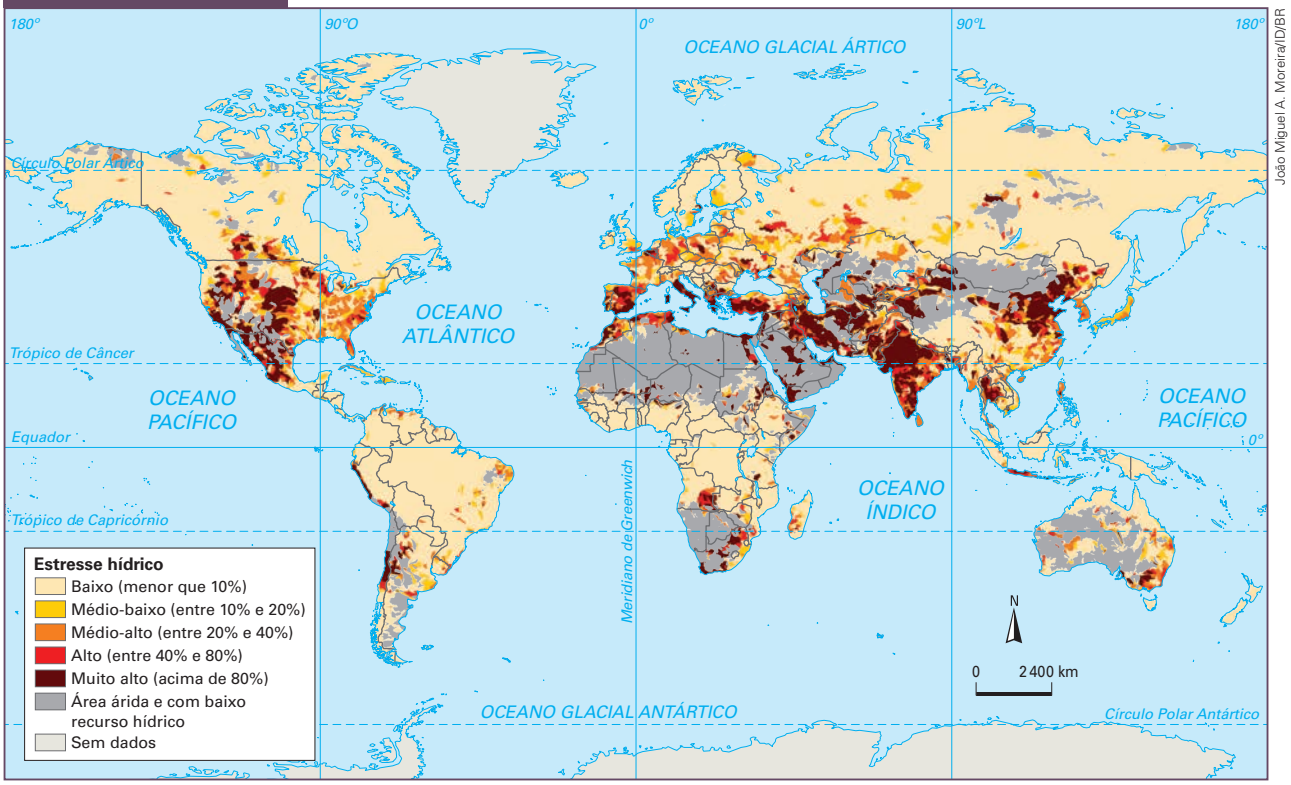
No início de 2024, tivemos um exemplo de como um território vulnerável às variações climáticas pode sofrer com chuvas intensas, como ocorreu no estado do Rio Grande do Sul, que teve diversas cidades alagadas. Para evitar situações trágicas como essa, algumas cidades estão fazendo adaptações sustentáveis para serem cidades-esponja.

De acordo com o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma), cidade-esponja é aquela que usa recursos presentes na natureza para se adaptar aos ciclos das águas daquela região. Dessa maneira, a cidade permite que a água penetre no solo para alimentar os lençóis freáticos locais e delimitar áreas alagáveis, evitando que regiões de habitação e de comércio sofram com a água excedente.

A China tem aplicado esse conceito em algumas de suas cidades. Desde 2012, 16 cidades já podem ser consideradas cidades-esponja. Além das cidades chinesas, também vemos a aplicação desse conceito em Nova York, nos Estados Unidos, em Berlim, na Alemanha, e em Copenhague, na Dinamarca.

Atualmente, muitos países convivem com o risco iminente de falta de água. Quando a relação entre a demanda por água e as fontes de água subterrânea e superficial são desiguais, chamamos essa "competição" entre os usuários de estresse hídrico. O mapa a seguir indica a realidade atual do estresse hídrico no globo.

ESTRESSE HÍDRICO (2023)



João Miguel A. Moreira/D/BR

Fonte: World Resources Institute. *Aqueduct*: using cutting-edge data to identify and evaluate water risks around the world. [*S. l.*], [20--]. Disponível em: https://www.wri.org/aqueduct. Acesso em: 23 jul. 2024.

Não escreva no livro.

Dessa maneira, é importante considerar a utilização de grande parte da água proveniente da chuva, principalmente substituindo as coberturas frequentemente isolantes das cidades por coberturas permeáveis ou mesmo áreas verdes. Uma das cidades a incorporar esse conceito foi Shijiazhuang, na China, no contexto da implementação do projeto urbano de cidades-esponja, segundo o qual medidas como sistemas alternativos de drenagem são adotadas visando a melhor absorção e reutilização da água em ambientes urbanos.

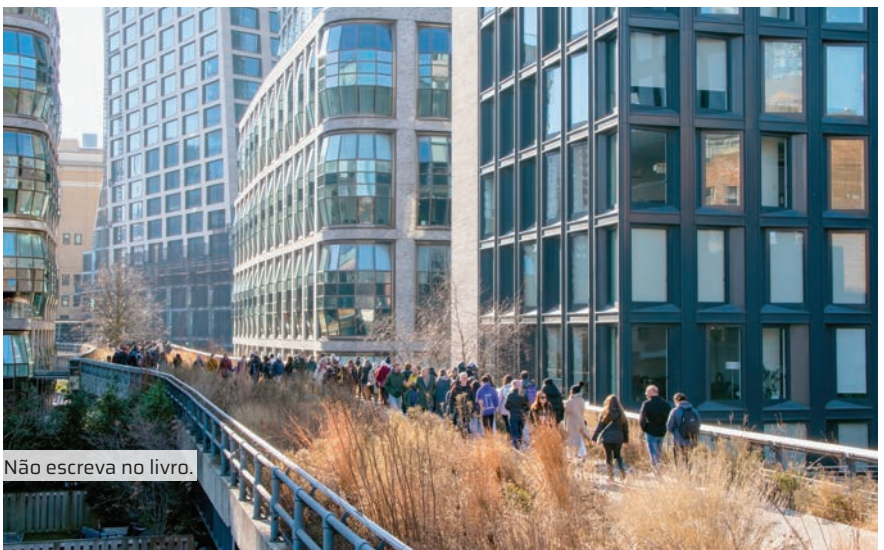
Mu Yu/XINHUA/Xinhua via AFP

Cinturão vegetal às margens do lago Huang Taihu, em Shijiazhuang, na China. Foto de 2021. A cobertura permeável do cinturão propicia maior absorção da água durante as estações chuvosas, prevenindo, assim, as inundações características do período na região.

Outra adaptação possível é incorporar à paisagem das cidades corredores verdes, uma iniciativa que ajuda a torná-las mais sustentáveis e agradáveis de se viver. Esses corredores são áreas verdes contínuas que conectam diferentes partes da cidade, como parques, praças, jardins e reservas naturais. Eles funcionam como verdadeiros "pulmões" urbanos, melhorando a qualidade do ar, reduzindo a temperatura ambiente e proporcionando um refúgio para a fauna e a flora. Além disso, esses espaços incentivam a prática de atividades físicas, como caminhadas e ciclismo, promovendo um estilo de vida mais saudável para os cidadãos e contribuindo para a escolha por meios de transporte não poluentes.

Um exemplo de corredor verde é o Parque High Line, em Nova York, Estados Unidos. Originalmente, ele era uma linha ferroviária elevada abandonada e foi transformado em um parque linear que se estende por mais de dois quilômetros. Além de ser um local agradável para os cidadãos passearem e relaxarem, também conecta vários bairros, revitalizando áreas antes degradadas.

O foco não é apenas na melhoria da qualidade de vida dos moradores locais, mas na preservação da biodiversidade. Os corredores verdes servem de hábitat para diferentes espécies de plantas e de animais, criando um ecossistema urbano. Em cidades como Copenhague, na Dinamarca, corredores verdes foram projetados para permitir que a vida selvagem se mova livremente entre diferentes áreas, promovendo a biodiversidade e ajudando a preservar espécies ameaçadas.



Lena Chert/Shutterstock.com/ID/BR

Pessoas caminhando no Parque High Line, em Nova York, Estados Unidos. Foto de 2023.

Não escreva no livro.

ATIVIDADES

1 **(UFRGS)**

Considere o segmento abaixo, a respeito do Plano Diretor de uma cidade.

Segundo a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), o Plano Diretor de uma cidade é instrumento básico de um processo de planejamento municipal para a implantação da política de desenvolvimento urbano. Em uma sociedade desigual como a brasileira, o resultado do planejamento urbano e a sua execução geraram uma série de insatisfações na população.

Assinale com V (verdadeiro) ou F (falso) as afirmações abaixo, sobre os resultados da aplicação do Plano Diretor como causa das demandas de mobilidade urbana.

- ▨ A criação de bairros funcionais, a exemplo dos comerciais, residenciais, mistos e industriais, aumenta a necessidade de deslocamentos e o uso de transporte público.
- ▨ O desequilíbrio do uso dos equipamentos urbanos, a valorização e o uso do solo urbano evitam a criação de centros e periferias.
- ▨ O estímulo ao transporte público em vias principais promove um maior deslocamento das pessoas.
- ▨ O estímulo ao transporte coletivo, através de malha abrangente e rápida, evita o transporte individual. A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

a) V – V – F – F
b) F – V – F – V
c) V – F – V – F
d) F – F – V – F
e) V – V – F – V

2 **(Enem)**

A cidade

E a situação sempre mais ou menos,
Sempre uns com mais e outros com menos.
A cidade não para, a cidade só cresce
O de cima sobe e o de baixo desce.

Chico Science e Nação Zumbi. *In*: *Da lama ao caos*. Rio de Janeiro: Chaos; Sony Music, 1994 (fragmento).

A letra da canção do início dos anos 1990 destaca uma questão presente nos centros urbanos brasileiros que se refere ao(à)

a) déficit de transporte público.
b) estagnação do setor terciário.
c) controle das taxas de natalidade.
d) elevação dos índices de criminalidade.
e) desigualdade da distribuição de renda.

3 **(Enem)**

Estima-se que no Brasil mais de 20% da população tenha algum tipo de dificuldade de locomoção, seja por deficiência física, motora, sensorial ou mesmo por uma condição específica transitória. Para que essa parcela da população exerça plenamente o seu direito constitucional de ir e vir, os sistemas de transporte têm de apresentar características adequadas de acessibilidade, dentro dos conceitos do desenho universal.

Ipea. *Políticas de melhoria das condições de acessibilidade do transporte urbano no Brasil*. Rio de Janeiro: Ipea, 2015.

No meio urbano, o atendimento da proposta de inclusão social apresentada no texto demanda um conjunto de intervenções técnicas que promovam o(a)

a) ocupação de áreas periféricas.
b) democratização do espaço público.
c) alargamento da malha de rodovias.
d) monitoramento de fluxos populacionais.
e) expansão de sistemas de comunicação.

4 **(EBMSP)**

O desenvolvimento urbano sustentável, compreendido como um ideal de gestão e planejamento das cidades capaz de aliar o crescimento econômico à inclusão social e à proteção e preservação do meio ambiente, natural e construído, de modo a atender as necessidades das gerações presentes, sem comprometer os interesses e as necessidades das gerações futuras, tem influenciado a elaboração, a execução e o controle de planos urbanísticos em todo o mundo, a partir dos parâmetros fixados pela Agenda 21, elaborada na Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento em 1992, e pela Agenda Habitat, firmada na Conferência da ONU para os Assentamentos Humanos em Istambul no ano de 1996.

Sotto, Debora. *Cidades do futuro. Geografia/conhecimento prático*. São Paulo: Escala, p. 30- 32, e. 55.

Considerando-se as informações do texto e os conhecimentos sobre cidades, pode-se afirmar:

a) No Brasil, as cidades mais sustentáveis estão localizadas na Região Centro-Oeste, porque elas se originaram espontaneamente.
b) A cidade sustentável é gerida por padrões de governança eficiente com participação da sociedade.
c) Devido à autossuficiência, as cidades globais mais importantes estão localizadas no Hemisfério Sul.
d) As cidades sustentáveis se caracterizam pela homogeneidade e, por isso, não apresentam variações de natureza demográfica, histórica, política ou cultural.
e) O *status* de "cidade global" só é conseguido quando há grandes intervenções urbanísticas e quando o IDH da população é 1.

Não escreva no livro.

5 (Enem)

A urbanização brasileira, no início da segunda metade do século XX, promoveu uma radical alteração nas cidades. Ruas foram alargadas, túneis e viadutos foram construídos. O bonde foi a primeira vítima fatal. O destino do sistema ferroviário não foi muito diferente. O transporte coletivo saiu definitivamente dos trilhos.

Janot, L. F. *A caminho de Guaratiba*. Disponível em: www.iab.org.br. Acesso em: 9 jan. 2014 (adaptado).

A relação entre transportes e urbanização é explicada, no texto, pela

a) retirada dos investimentos estatais aplicados em transporte de massa.
b) demanda por transporte individual ocasionada pela expansão da mancha urbana.
c) presença hegemônica do transporte alternativo localizado nas periferias das cidades.
d) aglomeração do espaço urbano metropolitano, impedindo a construção do transporte metroviário.
e) predominância do transporte rodoviário associado à penetração das multinacionais automobilísticas.

6 Comente quais consequências ambientais os países mais pobres sofreram com a rápida urbanização. Cite ao menos um país como exemplo.

7 Leia o texto a seguir.

Apenas 2 em cada 10 cidades estão preparadas para mudanças climáticas

Pesquisa da CNM ouviu mais de 3,6 mil municípios no país

A gerente de sustentabilidade da Confederação Nacional de Municípios (CNM), Cláudia Lins, afirmou, nesta terça-feira [19 mar. 2024], em Brasília, que apenas 22% dos gestores consideram que seus municípios estão preparados para enfrentar as mudanças climáticas. O dado é resultado de um estudo, ainda em andamento, que ouviu representantes de mais de 3,6 mil cidades brasileiras.

[...]

Segundo Cláudia, a ausência de capacidade técnica e financeira seria a principal razão apontada por gestores para a falta de preparo. "Nós precisamos pensar lá na ponta a adaptação, mas precisamos agir também na prevenção. Os dados dessa pesquisa também relataram que 68% dos municípios afirmaram nunca terem recebido nenhum recurso de estados ou do governo federal para atuar na prevenção às mudanças climáticas", disse.

Sinimbú, Fabíola. Apenas 2 em cada 10 cidades estão preparadas para mudanças climáticas. *Agência Brasil*, Brasília, 19 mar. 2024. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-03/apenas-2-em-cada-10-cidades-estao-preparadas-para-mudancas-climaticas. Acesso em: 24 jul. 2024.

a) Como a urbanização está relacionada às mudanças climáticas nas cidades?
b) Quais são as consequências das mudanças climáticas para as cidades?
c) Quais medidas podem ser adotadas nas cidades para combater os efeitos das mudanças climáticas?
d) Você acredita que a urbanização é inevitável? Se sim, como podemos equilibrar o crescimento urbano com a sustentabilidade ambiental?

8 O estudo "Destaques do mapeamento anual das áreas urbanizadas no Brasil entre 1985 e 2021", realizado por uma ação conjunta entre universidades, ONGs e empresas de tecnologia, apresenta algumas características da urbanização brasileira. Leia um trecho de uma notícia sobre ele a seguir e, depois, responda às questões.

Em 1985, as áreas urbanizadas correspondiam a 1,2 milhão de hectares. Já em 2021, esse número atingiu 3,7 milhões de hectares. Simultaneamente, o assentamento das favelas, denominadas no estudo como áreas urbanizadas em aglomerados subnormais (AGSM), aumentou em 3,4 vezes. A cada 100 hectares de urbanização das AGSN, 15 foram sobre área de risco. [...]

Riscos ambientais atingem população pobre com mais intensidade. *Jornal da USP*, 30 nov. 2022. Disponível em: https://jornal.usp.br/noticias/riscos-ambientais-atingem-populacao-pobre-com-mais-intensidade/. Acesso em: 24 jul. 2024.

a) Qual é a relação entre o crescimento da urbanização e a habitação em áreas vulneráveis?
b) Quais são as possíveis consequências para os moradores das áreas de risco? Como elas poderiam ser minimizadas?

ESTÚDIO FILOSÓFICO

A UTOPIA EM THOMAS MORE

Neste capítulo exploramos temas centrais como a "mãe urbana", cidadania e acesso à cidade, além de considerarmos possibilidades futuras de planejamento para os ambientes urbanos. Entre os estudos sobre o tema, temos a obra *Utopia*, de Thomas More (1478-1535), filósofo renascentista que apresenta a concepção de uma cidade ideal, com propostas de organização urbana, da vida comunitária e das estruturas sociais ideais. Na obra, o autor reflete sobre como essas concepções podem nos inspirar a repensar as cidades contemporâneas e suas potencialidades.

Davi Augusto Studio/ID/BR

PERFIL

Thomas More foi um estadista, humanista, filósofo e escritor inglês, célebre por sua obra *Utopia*. Nascido em Londres, Reino Unido, More teve uma educação privilegiada. Estudou na St. Anthony's School e, posteriormente, na Universidade de Oxford. Destacou-se como um brilhante estudante de Direito e, mais tarde, como um proeminente advogado e político.

More iniciou sua carreira pública como membro do Parlamento inglês em 1504. Sua integridade e habilidade o levaram a ocupar posições de crescente responsabilidade, culminando em sua nomeação como Lord Chancellor da Inglaterra em 1529, um dos cargos mais elevados no governo do rei Henrique VIII. Durante sua administração, More foi um fervoroso defensor da Igreja católica e um crítico severo das reformas religiosas que começavam a se espalhar pela Europa, especialmente das ideias de Martinho Lutero.

A vida de More tomou um rumo dramático quando ele se opôs ao divórcio do rei Henrique VIII e ao subsequente rompimento da Igreja da Inglaterra com a Igreja católica romana. Sua recusa em jurar lealdade ao Ato de Supremacia, que declarava o rei chefe da Igreja da Inglaterra, levou à sua prisão e posterior execução por traição em 1535. More foi canonizado pela Igreja católica em 1935, sendo lembrado como um mártir da fé e um defensor da consciência moral.

OBRAS-CHAVE

- *Diálogo sobre a Reforma (A dialogue concerning heresies)* (1528)
- *Resposta a Lutero (Responsio ad Lutherum)* (1523)
- *Epigramas* (1520)
- *Utopia* (1516)
- *História do rei Ricardo III* (início da década de 1510, mas não publicada durante sua vida)

EM LEITURA

Utopia, sua obra mais famosa, descreve uma sociedade fictícia organizada segundo princípios de justiça, igualdade e racionalidade, oferecendo uma crítica às desigualdades e injustiças da sociedade europeia de sua época. A obra permanece influente como um clássico da literatura política e social.

Neste trecho de *Utopia*, Thomas More descreve a cidade ideal de Amaurota. O autor destaca a engenhosidade urbana dos amaurotanos, incluindo uma ponte de pedra arqueada, que facilita a passagem de navios, e sistemas elaborados de irrigação e defesa. A estrutura social também é notável, com a prática da posse comum e a rotação periódica de residências, uma tentativa de eliminar a noção de propriedade privada absoluta em favor do bem comum e da igualdade.

> Quem conhece uma das cidades da ilha de Utopia praticamente conhece todas, tanto são semelhantes entre si, à medida que a geografia local o permite. Dessa forma, descreverei uma, ao acaso, não importa qual. Mas, por que não escolher Amaurota, a mais digna de todas? Sua primazia é reconhecida por todas as demais cidades, que para lá enviam seus representantes para a reunião anual. Além disso, é a que conheço melhor, por ter lá vivido durante cinco anos.

Não escreva no livro.

A cidade de Amaurota espraia-se por sobre o flanco de uma colina, em suave declive. Tem quase a forma de um quadrado que começa pouco abaixo do cume e se estende por cerca de duas milhas até o rio Anidro e vai acompanhando sua margem por uma distância um pouco maior. [...]

Na altura da cidade, as duas margens do rio são ligadas por uma ponte construída não sobre simples pilotis de madeira, mas sobre sólidos arcos de pedra. Essa ponte, situada no ponto extremo da cidade, rio acima, permite que os navios naveguem sem obstáculos ao longo de toda a extensão da cidade. Um outro rio, não muito grande, mas muito calmo e agradável, brota da colina, desce em direção a Amaurota e, depois de atravessá-la, junta suas águas às do Anidro. Os habitantes de Amaurota cercaram a nascente desse rio, situada fora da cidade, com uma muralha que se liga aos muros da cidade de tal forma que, em caso de um ataque inimigo, seu curso não pode ser interrompido, desviado nem envenenado. A água desse rio é distribuída por meio de canais de alvenaria até a parte baixa da cidade e onde o terreno toma esse método impraticável, a água da chuva é coletada em cisternas que lhes servem perfeitamente bem. A cidade é circundada por alta e espessa muralha, guardada por torres e bastiões. Em três dos seus lados há um fosso sem água, mas largo e profundo, cheio de mato espinhoso. O quarto lado é protegido pelo próprio rio. As ruas foram traçadas de maneira a facilitar o trânsito de veículos e proteger do vento. As casas não são mesquinhas e propiciam uma bela visão ao formarem duas fileiras contínuas, em cada rua, com as fachadas postas face a face. [...]

Todas as casas possuem uma porta para a rua e outra para o jardim. As portas de duas lâminas abrem-se facilmente e fecham-se automaticamente de modo que qualquer um pode entrar e sair de qualquer casa, uma vez que não há propriedade privada e, por sorteio, os habitantes mudam de casa a cada dez anos. Os utopienses apreciam muito seus jardins. Neles cultivam videiras, árvores frutíferas, ervas e flores. Nunca vi tanta fertilidade, nem vegetação tão bem cuidada e de tão belo aspecto. O prazer não é o único incentivo à jardinagem. Os utopienses promovem competições entre as várias ruas, que disputam entre si quem tem o mais belo jardim. Seria difícil encontrar ocupação mais útil e prazerosa a todos. O fundador do Estado deve ter compreendido isso, ao criar esses jardins. Segundo a tradição, o plano da cidade foi traçado pela própria mão do rei Utopos e que deixou aos seus sucessores o cuidado de aperfeiçoar e embelezar sua obra, uma vez que considerava que essa obra se estenderia para muito além do tempo de uma vida. Os registros de sua história, que se iniciam há 1760 anos com a conquista da ilha, são preservados cuidadosamente na forma escrita e nos contam que, nos primeiros tempos, suas habitações eram casas baixas, semelhantes a cabanas ou chalés rústicos feitas de todo tipo de madeira, com paredes de barro e telhados inclinados de sapé. Hoje, as casas têm três andares e são bem construídas.

More, Thomas. *Utopia*. Tradução: Anah de Melo Franco. Brasília, DF: Ed. Universidade de Brasília: Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, 2004. p. 51-54.

bastião: construção fortificada que oferece visão para a artilharia tanto da área externa quanto da área interna da fortaleza.

piloti: coluna estrutural.

PARA CONCLUIR

1 Você considera importante a posse comum e a rotação de residências na sociedade utópica descrita por Thomas More? Por quê?

2 Em *Utopia*, More critica aspectos da sociedade europeia do século XVI, como a propriedade privada e as desigualdades sociais. Sobre isso, responda:

a) Como essas críticas são refletidas na organização utópica?

b) Quais são os princípios mais relevantes que sustentam a sociedade utópica ideal?

3 Em sua opinião, como seria uma sociedade ideal?

4 Você considera a sociedade em que vive ideal? Por quê?

Não escreva no livro.

AMPLIANDO

ARQUITETURA E SUSTENTABILIDADE

A aplicação de ideias e práticas relacionadas à sustentabilidade nas diversas cidades exige uma nova forma de pensar, criar e aproveitar os espaços urbanos que leve em consideração os impactos tanto ambientais quanto sociais que as dinâmicas características desses espaços ocasionam.

Para tanto, faz-se necessário repensar as diversas áreas que compõem o urbanismo, entre elas a arquitetura, responsável pela projeção das diversas construções que formam o espaço urbano.

A arquitetura sustentável busca integrar princípios ecológicos e sociais no planejamento e na construção de edifícios e de espaços públicos com o uso de materiais ecológicos, com eficiência energética, com a gestão sustentável da água e com a promoção de ambientes saudáveis e inclusivos. A consideração desses fatores é essencial para minimizar a pegada ecológica das cidades e promover um ambiente urbano mais harmonioso e resiliente às mudanças climáticas.

Além dos aspectos técnicos, a sustentabilidade urbana requer uma abordagem participativa que envolva a comunidade na tomada de decisões. Dessa maneira, arquitetos, urbanistas, governos e cidadãos devem trabalhar juntos para criar soluções que atendam às necessidades de todos, especialmente das populações mais vulneráveis. A inclusão de diferentes perspectivas e experiências é fundamental para garantir que os projetos urbanos sejam cada vez mais sustentáveis.

Sobre essa questão, o docente em Teoria e História da Arquitetura, Antonio Manoel N. Castelnou, comenta:

[...] [O] ponto-chave da sustentabilidade aplicada à questão urbana seria justamente a disseminação da chamada **ecoarquitetura** ou **arquitetura sustentável**, termos estes intimamente ligados a dois conceitos básicos: energia e meio ambiente. Nesta prática arquitetônica, destacam-se a eficiência energética do edifício, a correta especificação dos materiais, a proteção da paisagem natural e o planejamento territorial, além do reaproveitamento de edifícios existentes, históricos ou não, procurando dar-lhes um novo uso. [...] [A]o se projetar uma edificação, deve-se saber quanto petróleo é consumido para fabricar ou processar os materiais empregados na construção; quanta água intervém no processo de produção; e como completar uma trama urbana existente para não repetir falsas soluções, antissociais e insustentáveis.

[...]

João Carlos Mazella/Fotoarena

Telhado com horta orgânica em sede da Comunidade dos Pequenos Profetas, organização não governamental no bairro de São José, Centro do Recife (PE). Esse tipo de cobertura garante o isolamento térmico e regula a drenagem de águas. Foto de 2023.

Em uma sociedade onde os riscos passam a compor o dia a dia das pessoas, em especial nos ambientes urbanizados, a prática arquitetônica e urbanística deve procurar avançar em direção a metodologias e procedimentos que objetivam, essencialmente, a diminuição do desperdício energético das edificações, a utilização de matérias-primas renováveis, a adequação topográfica e bioclimática das estruturas, a reciclagem de edifícios antigos, o zoneamento ambiental e a preservação das áreas naturais. Deve-se fazer a promoção de saúde e do saneamento, cujo objetivo básico é garantir a qualidade da água para a prevenção de doenças; o tratamento adequado do lixo e resíduos urbanos, evitando a contaminação do solo e das águas; a ênfase em fontes alternativas e limpas de energia, tais como a solar, a eólica e a hidráulica, aplicadas tanto no espaço construído como no transporte, em especial no coletivo, solução mais viável para as metrópoles futuras.

Não escreva no livro.

Henry Saint John/Shutterstock.com/ID/BR

Em países ricos, é comum que grande parcela da população tenha um carro próprio. Na foto, é possível notar o tráfego urbano intenso em uma rua da cidade de Tóquio, Japão. Foto de 2023.

Hoje em dia, a tarefa tem de ser firme e clara de modo tanto a convencer quem está intrigado por estas novas posições, quanto para atrair quem está longe delas. É preciso avançar em direção a uma arquitetura ecológica ou *green architecture* [...] [Integrando] todas as contribuições parciais. Afinal, existe uma dimensão ecológica e ambiental em todas as atividades humanas, o que vai desde a reciclagem do lixo doméstico até a responsabilidade ética no corte de uma árvore ou na economia de luz e energia. Entretanto, de maneira paradoxal, a maioria dos habitantes do chamado **primeiro mundo** é vagamente consciente de que a utilidade em curto prazo tem de ser substituída por modos de vida mais sustentáveis. No momento, ainda são muito poucos os cidadãos preparados para abandonar hábitos esbanjadores e, em grande parte, isto se atribui a uma carência de alternativas confiáveis, que estejam plenamente desenvolvidas ou mesmo acessíveis à população. Além disso, a própria divulgação de conceitos, tais como o da sustentabilidade, ainda depende, lamentavelmente, dos interesses políticos e comerciais. E aqui novamente predomina a **irresponsabilidade organizada**.

Algumas conclusões

Nos relatórios oficiais elaborados mais recentemente acerca da problemática global, ressalta-se a necessidade de se buscarem estratégias que resultem em uma nova forma de pensar a vida urbana, tendo como base a inclusão de políticas ambientais nos programas estratégicos de governo. Discute-se, enfim, no limiar do século XXI, frente a um descontrole inevitável do crescimento urbano em todo o mundo, se o ser humano está ciente das transformações em curso nas cidades e no campo, ou se a consciência das questões urbana e ambiental é suficiente para uma transformação do atual estado das coisas, envolvendo mudanças de comportamento e ação rumo à sustentabilidade.

Castelnou, Antonio Manuel N. Arquitetura e sustentabilidade na sociedade de risco. *Terra e Cultura*, Londrina, ano 19, n. 37, p. 141-142. Disponível em: https://web.unifil.br/docs/revista_eletronica/terra_cultura/37/Terra%20e%20Cultura_37-12.pdf. Acesso em: 24 jul. 2024.

1 **O que você entende por arquitetura sustentável?**

2 **De que forma medidas sustentáveis aplicadas à arquitetura, como as mencionadas no texto, podem contribuir para a minimização dos impactos ambientais relacionados às construções urbanas e ao modo de vida nas grandes cidades?**

3 **Existe alguma construção sustentável no município onde você mora? Faça uma pesquisa e comente quais características dessa construção fazem dela uma obra sustentável.**

Não escreva no livro.

CAPÍTULO 18

AGROECOLOGIA: POSSIBILIDADES DE FUTURO

1. Quais são os principais gêneros agrícolas cultivados no estado onde você mora? Em sua opinião, eles são cultivados para consumo local ou para exportação?
2. Você sabe qual é a origem dos alimentos que consome? Consegue identificar se eles são saudáveis para seu corpo e produzidos de forma a preservar o meio ambiente?

Entre os primeiros agrupamentos humanos, o desenvolvimento de técnicas agrícolas foi um dos fatores que contribuíram para o processo de sedentarização, criando bases para o surgimento de comunidades organizadas que posteriormente viraram cidades. A agricultura também está ligada às origens do comércio, pois as trocas comerciais começaram com a produção de excedentes agrícolas.

Essa atividade é a principal fonte de produção de alimentos, cujo consumo é fundamental para a sobrevivência humana. Dada sua importância, ao longo do tempo, muitas pesquisas foram feitas e tecnologias foram desenvolvidas para modificar a forma de cultivar a terra e aumentar sua produtividade.

No entanto, a mecanização, a inovação nas técnicas produtivas e a utilização de insumos para aumentar a produtividade da terra resultaram em impactos significativos no meio ambiente. Esses impactos são amplamente estudados em diferentes áreas do conhecimento, e uma série de pesquisas são constantemente realizadas para diminuí-los e encontrar novas formas de alimentar a população de forma sustentável. Mas será que esse é um objetivo alcançável?

Produção de alface em horta orgânica de pequena propriedade rural no município de Formosa do Rio Preto (BA). Foto de 2022.

Luciana Whitaker/Pulsar Imagens

Não escreva no livro.

AGROECOLOGIA

Agroecologia

Ao longo dos séculos, a modernização da agricultura proporcionou o aumento da produtividade agrícola, mas, na maioria das vezes, desconsiderou o agricultor e o ambiente como partes fundamentais desse processo de desenvolvimento, resultando em problemas sociais e ambientais.

Nesse contexto, surgiram movimentos de agricultores que, conscientes dos danos causados pela **agroquímica**, passaram a propor modelos alternativos de produção agrícola, mais preocupados com os problemas ecológicos. Esse movimento começou tímido, restrito à produção de pequenas comunidades alternativas, que buscavam desenvolver um modo de vida ecológico mais radical, que envolvesse todos os aspectos do cotidiano. Foi assim que surgiu a **agroecologia**, uma forma alternativa de produção agrícola que pretende integrar aspectos agronômicos, ecológicos e socioeconômicos.

agroquímica: aplicação de substâncias químicas para otimizar a atividade agrícola e a pecuária.

Ainda que essa prática tenha suas origens no começo do século XX, foi somente na década de 1960 que passou a ser considerada nos cursos de Agronomia. No decorrer das décadas de 1960 a 1980, quando o conceito de sustentabilidade começou a se expandir e diversos indivíduos e grupos ao redor do mundo passaram a pleitear práticas agrícolas sustentáveis, o termo "agroecologia" passou a representar uma possibilidade de superar os danos que a prática da monocultura e o uso de transgênicos, fertilizantes industriais e agrotóxicos causaram à biodiversidade e à sociedade como um todo.

Alekk Pires/Shutterstock.com/ID/BR

O *mulching* (cobertura morta) é uma técnica utilizada pela agroecologia para proteger o solo e as raízes das plantas de erosões, mantendo assim as propriedades e nutrientes do solo. Na foto, plantação de morango utilizando *mulching*, no sul do estado de Minas Gerais. Foto de 2023.

REFLEXÃO

Revolução Verde

As discussões relacionadas à agroecologia e à sustentabilidade, na segunda metade do século XX, ocorreram simultaneamente ao processo conhecido como Revolução Verde, que em grande medida representava sua antítese, como pode ser observado no texto a seguir.

> Essa "revolução" [...] significou a disseminação de novas sementes e práticas agrícolas que permitiram um vasto aumento na produção de alimento. O modelo se baseia na utilização de sementes modificadas (particularmente sementes híbridas), insumos industriais (fertilizantes e agrotóxicos), mecanização e diminuição do custo de manejo. Também é creditado à Revolução Verde o uso extensivo de tecnologia de plantio, na irrigação e na colheita, assim como no gerenciamento de produção. Com a Revolução Verde, os países industrializados prometiam aumentar a produtividade agrícola e resolver o problema da fome no mundo [...].
>
> CHIARAVALLOTI, Rafael Morais; PÁDUA, Cláudio Valadares. *Escolhas sustentáveis*: discutindo biodiversidade, uso da terra, água e aquecimento global. São Paulo: Urbana, 2011. p. 73-74.

1. **A Revolução Verde introduziu as sementes modificadas em nosso cotidiano. Parte dos alimentos que consumimos hoje são fruto dessas sementes e, em suas embalagens, recebem o símbolo de alimento transgênico. Em sua casa, verifique as embalagens dos alimentos que estão guardados. Quais deles são transgênicos?**
2. **Pesquise quais foram os principais impactos da Revolução Verde no Brasil.**

Agroecologia e agricultura orgânica

A agroecologia contempla um conjunto de técnicas que visam produzir alimentos mais saudáveis fazendo uso sustentável dos recursos naturais. Ao redor do mundo, há uma série de formas de produção que utilizam seus princípios básicos, que são:

- conservar e ampliar a biodiversidade dos ecossistemas;
- assegurar as condições de vida do solo e a manutenção de sua fertilidade para o desenvolvimento saudável das plantas, possibilitando a autorregulação do agroecossistema local;
- plantar espécies ou variedades adaptadas às condições locais de solo e clima, minimizando a interferência no solo;
- diversificar as atividades econômicas da propriedade agrícola;
- não utilizar insumos químicos que possam degradar o ambiente, dando preferência à adubação orgânica e a manejos fitossanitários para controlar pragas e doenças;
- estimular a cultura e a dinâmica social, favorecendo os produtores locais.

Por meio da análise desses princípios, é possível identificar a proximidade da agroecologia com a prática da agricultura orgânica, embora elas tenham distinções.

A ciência agroecológica propõe princípios e metodologias para o encaminhamento de uma agricultura que respeite as condicionantes ambientais impostas pela natureza a essa atividade econômica. Ela oferece as bases teóricas e metodológicas de análise e avaliação dos agroecossistemas.

Já a agricultura orgânica consiste em um modo de produção agrícola cujas características técnicas são definidas em função do contexto social e do tipo de agricultor envolvido. Ela tem como princípio estabelecer sistemas de produção para produzir alimentos sadios, com características e sabor originais, e que atendam às expectativas do consumidor.

Há várias correntes de produção agrícola que seguem os princípios da agroecologia, como a agricultura biodinâmica, a agricultura natural, a agricultura ecológica e os sistemas agroflorestais. Entre essas correntes, a agricultura orgânica é a mais difundida no Brasil e no mundo.

Para garantir ao consumidor a procedência de um alimento orgânico, desde a década de 1970 foram fixados procedimentos e normas que, com o passar dos anos, foram legalizados e transformados em certificações. No Brasil, essa certificação é obtida pelo credenciamento do produtor rural no Ministério da Agricultura e assegurada pelo Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia (Inmetro), que avalia se determinado produto, processo ou serviço obedece às normas e práticas da produção orgânica.

Chico Ferreira/Pulsar Imagens

Com o intuito de oferecer alimentos saudáveis, as feiras de produtos orgânicos trazem diversas opções aos seus consumidores. Na foto, produtos orgânicos na Feira Nacional Saberes e Sabores da Agroecologia e Economia Solidária, no município do Rio de Janeiro (RJ), em 2023.

Não escreva no livro.

CONHECIMENTOS TRADICIONAIS E TECNOLOGIAS

O modelo de produção agroecológico é caracterizado pelo uso de tecnologias com o objetivo de respeitar a natureza, buscando equilibrar o processo de produção de alimentos com a preservação ambiental.

Há quem diga que é uma "volta ao passado", pois técnicas como cobertura permanente do solo, adubação verde, proteção contra os ventos, controle da erosão, rotação e consorciação de culturas, cultivo em faixas, entre outras, são aplicadas há muitos anos e há pouca novidade nesse sentido.

De fato, essas técnicas estão presentes nos conhecimentos de diversos grupos. O conhecimento sobre o meio em que se vive é essencial para a sobrevivência de um povo e parte marcante da construção cultural dele. Desde o controle do fogo e o desenvolvimento da agricultura, a humanidade tem aprimorado sua relação com a natureza, recriando paisagens, gerando tecnologias e divulgando seus conhecimentos.

Na busca por um modo de vida mais sustentável, esses conhecimentos (que desde a Revolução Industrial foram desvalorizados, pois não se relacionavam ao aumento da produtividade) passaram a receber uma atenção diferenciada dos pesquisadores, que começaram a identificar ali uma série de riquezas e possibilidades e os tornaram objeto de pesquisa.

Ao reconhecer o valor dos conhecimentos e das práticas sustentáveis dos povos tradicionais, surgiu uma nova possibilidade de conservação dos recursos naturais e teve início um diálogo entre os conhecimentos tradicionais e o conhecimento científico, que, antes entendidos como incompatíveis, passaram a ser considerados complementares. Essa união entre conhecimentos tradicionais e científicos tem gerado bons frutos e possibilitado que os conhecimentos tradicionais sejam disseminados para outras comunidades por meio de órgãos oficiais, que legitimam e estimulam suas práticas e contribuem para sua preservação.

INTERAÇÃO

1. **Faça uma pesquisa sobre as comunidades tradicionais existentes no estado onde você vive e responda:**
   - **a)** Quais técnicas e tecnologias são utilizadas por essa(s) comunidade(s) para a própria subsistência?
   - **b)** Essas práticas podem ser consideradas sustentáveis? Por quê?

Piratá Waura/Pulsar Imagens

Os conhecimentos tradicionais são passados de geração em geração. Na foto, pai e filha Wauja selecionando sementes de urucum para a fabricação do corante. Parque Indígena do Xingu, Paranatinga (MT). Foto de 2024.

Projeto Pais

No Brasil, há uma série de iniciativas para promover a produção agroecológica de alimentos. Algumas dessas iniciativas inclusive recebem apoio de instituições e organizações influentes, como o projeto Produção Agroecológica Integrada e Sustentável (Pais).

O projeto foi idealizado em 1999 pelo agrônomo senegalês Aly Ndiaye, para atender pequenos produtores rurais do município de Petrópolis, no Rio de Janeiro. Ele consiste na instalação de áreas de produção integradas, em que seja possível criar animais e produzir alimentos isentos de insumos químicos na mesma propriedade.

Para isso, as áreas produtivas foram redesenhadas: construíram-se canteiros circulares para a produção de hortaliças, irrigadas por gotejamento, com um galinheiro no ponto central e uma área para a pastagem das aves. O esterco produzido pelas aves é utilizado para adubar a horta, e os ovos são usados tanto para a alimentação dos produtores quanto para a comercialização. Além disso, a sobra do plantio é usada como alimento para as aves.

Com os objetivos de possibilitar o cultivo de alimentos mais saudáveis e ampliar as ações de segurança alimentar no país, algumas instituições – como o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), a Fundação Banco do Brasil, a Petrobras, entre outras –, em parceria com os governos municipais, estaduais e federal, passaram a investir na ampliação desse projeto.

A participação dessas instituições tanto contribui para a divulgação da técnica como oferece ao produtor rural possibilidades concretas de colocá-la em prática. Ao participar do projeto, o produtor rural recebe um *kit* com os materiais necessários para montar a estrutura do projeto, além de cursos de capacitação e consultoria. A preparação do terreno para a transição e a escolha das espécies que serão cultivadas são feitas de forma coletiva, para que os agricultores possam trocar experiências, auxiliar uns aos outros na obtenção de certificação de produtos orgânicos para a venda e avaliar juntos o potencial de comercialização desses produtos na região.

A coletividade também está presente no ato da venda desses produtos. O agricultor pode realizar a venda diretamente ao consumidor ou, por meio de associações e cooperativas parceiras, participar de feiras de produtos orgânicos e vender alimentos a órgãos públicos. Com esses incentivos, o projeto tem sido aplicado em vários municípios do país, promovendo a disseminação de técnicas de produção baseadas na proteção ambiental que fornecem alimentos nutritivos e promovem inclusão social e maior geração de renda para os trabalhadores rurais.

Luciana Whitaker/Pulsar Imagens

Produção de hortaliças orgânicas em assentamento de pequenos produtores rurais na Gleba Roça do Povo, em Porto Seguro (BA). Foto de 2024.

Não escreva no livro.

Comunidades quilombolas do vale do Ribeira

O vale do Ribeira, região localizada no sul do estado de São Paulo, é habitado por aproximadamente 50 comunidades remanescentes de quilombos. Essas comunidades, como visto em outros momentos desta coleção, se originaram de quilombos formados por africanos e seus descendentes, que fugiram da escravidão, e têm em comum o desenvolvimento de práticas de manutenção de seu modo de vida.

Dessas comunidades, 19 receberam o reconhecimento, em 2018, do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) pelo sistema tradicional agrícola que aplicam para cultivar cerca de duzentas variedades agrícolas e medicinais, valorizando boas práticas de salvaguarda e conservação da agrobiodiversidade.

Comunidades quilombolas existem na região do vale do Ribeira há mais de trezentos anos, e manejam a parte remanescente da Mata Atlântica desde então. Há séculos essas comunidades praticam um tipo de agricultura itinerante na região, denominada roça de coivara, que não usa nenhum tipo de adubo químico ou agrotóxicos.

A coivara é uma técnica agrícola tradicional utilizada em comunidades quilombolas, indígenas e ribeirinhas no Brasil. Seu ciclo inicia-se no mês de junho ou julho, com a derrubada da mata nativa, que geralmente não passa de um hectare. Após 15 dias, é feita uma queima controlada da vegetação, e as cinzas são usadas para fertilizar o solo. Entre agosto e setembro, é feito o plantio. O manejo dessa área aberta na floresta ocorre no período de dois a três anos, ou até que aquele solo não esteja mais tão fértil (sem esgotá-lo, no entanto). Depois disso, o produtor abandona esse trecho para que o solo se recupere e a floresta se regenere por meio de processos naturais.

A agricultura de coivara do vale do Ribeira tem sido estudada por diversos pesquisadores, e os conhecimentos dos quilombolas sobre suas práticas e seu manejo estão sendo documentados. Essa junção de conhecimento tradicional e aval científico foi o alicerce que embasou, em 2014, o pedido de registro no Iphan dessa prática como patrimônio cultural.

Estúdio Arado Arte/SA

Cartaz da feira de troca entre as comunidades quilombolas, de 2023. Durante o evento, que já se tornou uma tradição no vale do Ribeira, ocorrem apresentações de dança e música, além da realização de oficinas e seminários.

Fabio Colombini/Acervo do fotógrafo

Colheita de banana em cultivo orgânico no quilombo Ivaporunduva, no vale do Ribeira, em Eldorado (SP). Foto de 2022. As famílias que vivem no quilombo cultivam, para uso próprio, arroz, mandioca, milho, feijão, verduras e legumes. Como principal fonte para geração de renda, produzem banana orgânica e artesanato.

IMPACTOS NO MUNDO

A grande vantagem apontada pela agroecologia está no fato de os alimentos denominados "orgânicos" serem mais saudáveis e ambientalmente "amigáveis", por serem produzidos sem o uso de fertilizantes e pesticidas químicos, que danificam tanto a saúde humana quanto os ecossistemas.

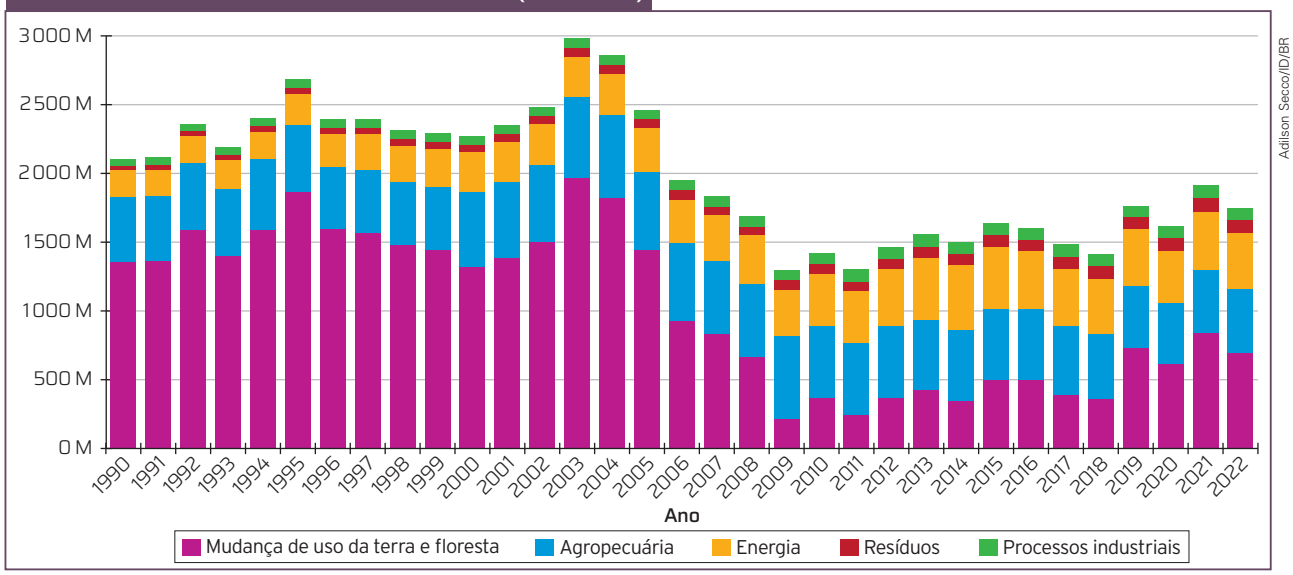
No entanto, a crise climática que vivemos no século XXI não se limita ao solo. Também temos uma grande concentração de emissões anuais de gases do efeito estufa (GEE), e aproximadamente 25% da emissão desses gases provêm de atividades agrícolas: cerca de metade disso, segundo o World Resources Institute, vem do que os pesquisadores chamam de "mudança de uso da terra", ou seja, da retirada da vegetação para a plantação de uma nova cultura; a outra metade, de emissões de óxido nitroso (que é liberado por fertilizantes) e combustíveis fósseis relacionados à produção e ao uso de insumos (como pesticidas e o combustível dos tratores).

Um estudo publicado na revista *Nature Communications*, em 2019, mostrou o resultado de uma análise feita na transição da produção agrícola convencional para a orgânica na Inglaterra e no País de Gales, e concluiu que a prática da agricultura orgânica reduziria as emissões diretas de GEE, se comparada com a agricultura convencional. No entanto, também haveria uma diminuição de cerca de 40% na produção de alimentos, de modo que seria necessário que mais terras fossem desmatadas para produzir a mesma quantidade de alimentos, o que, por sua vez, aumentaria as emissões de GEE em geral.

Por outro lado, uma pesquisa conduzida pelo Instituto Rodale, dos Estados Unidos, concluiu que os rendimentos menores da agricultura orgânica com relação à convencional seriam limitados a alguns anos, até que a biologia do solo fosse plenamente restaurada, de modo que, em aproximadamente quatro décadas, não haveria mais diferenças estatísticas. Além disso, o instituto apresenta outra vantagem: em cenários de mudanças climáticas, como o aumento do período de seca, o desempenho dos orgânicos seria melhor do que o da agricultura convencional, pois a água penetra com mais facilidade em solos saudáveis, que retêm umidade por mais tempo.

Ainda há muito a se descobrir sobre as práticas de agricultura orgânica, seus benefícios e suas limitações. Isso porque a agricultura orgânica envolve sistemas complexos e diversos, com rotações variadas de culturas a serem testadas e analisadas, assim como possibilidades de integração com animais e diferentes formas de preservação do ecossistema.

BRASIL: EMISSÕES DE GASES DO EFEITO ESTUFA (1990-2022)



Adilson Secco/ID/BR

Fonte de pesquisa: Seeg Brasil – Sistema de Estimativas de Emissões e Remoções de Gases de Efeito Estufa. Emissões totais. Seeg Brasil, Piracicaba, [20--]. Disponível em: https://plataforma.seeg.eco.br/?highlight=br-net-emissions-by-sector-nci&_gl=1*1vacfde*_ga*NDMwMjI1NDk0LjE3MjM3NDI4ODE.*_ga_XZWSWEJDWQ*MTcyMzc0Mjg4MC4xLjAuMTcyMzc0Mjg4MC4wLjAuMA. Acesso em: 15 ago. 2024.

Não escreva no livro.

Ativismo ambiental

As décadas de 1960 a 1980, além de serem marcantes pela disseminação do conceito de sustentabilidade e pelo surgimento de propostas mais limpas e conscientes de uso e consumo dos recursos naturais, também foram marcadas pelo aparecimento dos primeiros ativistas ambientais.

Nas discussões sobre sustentabilidade, os primeiros ativistas, na década de 1960, procuravam usar diversos meios de comunicação para externar suas preocupações com a não preservação e a velocidade de degradação dos meios naturais. O movimento de contestação aumentou em consonância com o incremento da degradação ao longo dos anos, de modo que, na década de 1980, ele já estava presente em todo o globo, atraindo novos adeptos e envolvendo-se em conflitos. No Brasil, esses conflitos são frequentemente veiculados nos noticiários, principalmente os que envolvem ambientalistas e grupos de fazendeiros, garimpeiros e desmatadores ilegais nas regiões Norte e Centro-Oeste.

Bettmann Archive/Getty Images

Estudantes da faculdade Claremont Colleges, no estado da Califórnia, Estados Unidos, em protesto contra as propostas de políticas ambientais do então candidato à presidência Ronald Reagan. Alguns estudantes usam máscaras de proteção facial e portam cartazes com dizeres como, em tradução livre: "Não culpe a natureza pelo ar insalubre" e "Pare o sufocamento por poluição, Reagan". Foto de 1980.

Atualmente, a conscientização ambiental é promovida em diferentes esferas da sociedade, como nas escolas, na grande mídia e até na publicidade; mas essa divulgação não tem sido suficiente para controlar a devastação do meio ambiente, o que torna necessária, ainda hoje, a ação de ativistas ambientais.

Em sua etimologia, a palavra "ativismo" significa transformar a realidade por meio de ações práticas. Assim, os ativistas ambientais são pessoas que, por se identificarem com a luta pela proteção do meio ambiente, atuam em diferentes organizações – que podem ser tanto governamentais quanto não governamentais – para divulgar suas preocupações com as questões socioambientais, promover ações coletivas e propor soluções sustentáveis.

Em busca de uma sociedade mais sustentável, muitas pessoas têm se tornado ativistas ambientais. Algumas delas são celebridades, como os cantores Bono Vox e Jack Johnson; os atores Leonardo DiCaprio, Matt Damon, Cate Blanchett, Christiane Torloni e Isabel Fillardis; e a modelo Gisele Bündchen.

Mas não é essencial ser uma celebridade para ser um ativista ambiental nem ter uma idade mínima. Muitos jovens são ativistas e têm provocado transformações positivas na sociedade. Conheça a seguir três jovens que se destacaram nesse aspecto.

Brendan Smialowski/AFP/Getty Images

O ator Leonardo DiCaprio em encontro com lideranças políticas e ecológicas durante a COP 26 (Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas), em novembro de 2021. O ator é reconhecido por seu ativismo ambiental.

Cassandra Cury/Pulsar Imagens

Indígenas do acampamento Terra Livre em ato pela demarcação de Terras Indígenas e contra mineração nesses locais, na Esplanada dos Ministérios, em Brasília (DF). Foto de 2024.

grupo de trabalho: conjunto ou rede de pesquisadores que se reúnem continuamente com o objetivo de investigar determinado eixo temático ou questões relacionadas a determinada área do conhecimento.

Newscom/Fotoarena

Voluntário distribuindo garrafas de água em Flint, Estados Unidos. Na camiseta dele, é possível ler a frase "Flint lives matter" (vidas de Flint importam, em tradução livre), ***slogan*** que se tornou comum nos protestos contra a crise hídrica que, desde 2014, assola a cidade. Foto de 2016.

Hamangaí Pataxó

Hamangaí Marcos Melo Pataxó nasceu no município de Pau Brasil, na Bahia, filha de duas nações indígenas, Terena e Pataxó Hã-Hã-Hãe. Ela cresceu ouvindo os ensinamentos de sua avó sobre a importância das ervas no processo de cura dos enfermos e observando tudo o que acontecia dentro e fora de sua comunidade.

Conforme foi crescendo, Hamangaí foi se tornando cada vez mais ativa nos assuntos da comunidade. Em 2015, ela participou pela primeira vez do Acampamento Terra Livre, um evento que ocorre anualmente e reúne indígenas do Brasil inteiro para dar voz a esses povos e reivindicar direitos. Desde então, ela não parou mais. Participa com frequência tanto das reuniões da comunidade onde vive quanto de delegações que vão a Brasília (DF) lutar pelos direitos dos indígenas. Ao entrar na faculdade, ela se reuniu com outros estudantes indígenas e quilombolas e também passou a fazer parte de **grupos de trabalho** que estudam o clima e as questões de gênero na Amazônia. Já viajou para diversos países para promover a luta em defesa do meio ambiente e dos direitos humanos. Em 2019, aos 22 anos, foi uma das cinco participantes da Cúpula de Jovens Ativistas na sede das Nações Unidas, em Genebra, Suíça.

Mari Copeny

Em 2016, a estadunidense Amariyanna (Mari) Copeny, na época com 8 anos, escreveu uma carta ao então presidente Barack Obama pedindo-lhe que fosse à cidade de Flint, no estado de Michigan, para discutir a questão da água limpa.

O problema de distribuição de água limpa em Flint não era uma consequência de um desastre natural, mas era causado por racismo ambiental. "Racismo ambiental" é uma expressão usada para descrever uma injustiça ambiental em um contexto racializado, ou seja, quando comunidades formadas por minorias étnicas têm o acesso a recursos naturais negado ou são expostas a poluentes nocivos à vida humana, como resíduos tóxicos.

A crise aquífera de Flint teve início em 2014, quando a fonte de água potável da cidade foi transferida do lago Huron e do rio Detroit para o rio Flint, por ser mais barato. No entanto, o tratamento da água do rio Flint não incluiu o agente anticorrosivo, de modo que o chumbo dos canos antigos lixiviou e contaminou a água potável, expondo mais de 100 mil habitantes à substância tóxica. Somente em janeiro de 2016 foi comprovado que o suprimento de água da cidade estava contaminado, e os moradores da cidade foram instruídos a usar água engarrafada ou filtrada para beber, cozinhar, limpar e tomar banho. Na época, 53,9% da população de Flint era negra e 41,2% de seus cidadãos viviam na pobreza, sem poder aquisitivo para comprar água engarrafada ou filtrada.

Não escreva no livro.

Ao ler a carta de Mari, o presidente Barack Obama comoveu-se com a realidade dos moradores de Flint e decidiu ler a carta em público, para que todos os cidadãos estadunidenses conhecessem a menina e a mãe dela e se sensibilizassem com a questão. A visita do presidente atraiu a atenção de todo o país para a situação da cidade e ajudou a arrecadar 100 milhões de dólares para as obras de correção do sistema aquífero.

Atualmente, Mari Copeny continua sendo uma ativista ambiental em destaque e muito dedicada a enfrentar a crise da água em Flint, Michigan. A jovem ativista vem expandindo seus esforços para abordar questões de água tóxica em todo o país, especialmente em comunidades carentes. Seu trabalho inclui palestras que inspiram os jovens a se envolverem na luta pela preservação do meio ambiente.

Fionn Ferreira

Fionn Ferreira é um jovem ativista irlandês que ganhou destaque na luta ambiental a partir da sua significativa contribuição para o combate à poluição por microplásticos. Os microplásticos são pequenas partículas de plástico com menos de cinco milímetros de diâmetro que resultam da degradação de produtos plásticos maiores ou são intencionalmente produzidas para uso em produtos como cosméticos e produtos de limpeza. Quando são jogados em rios, lagos e oceanos, prejudicam os peixes e toda a vida marinha. Essas partículas também são encontradas em solos agrícolas, provenientes de lodos de esgoto utilizados como fertilizantes. Isso pode impactar a qualidade do solo e a saúde de plantas, alimentos e pessoas.

Em 2019, Fionn Ferreira desenvolveu um método eficiente para remover microplásticos da água, utilizando uma mistura de óleo e pó de magnetita. Esse processo magnético atrai e separa os microplásticos da água, oferecendo uma solução prática e eficaz para um problema ambiental crescente. A invenção de Fionn ganhou destaque internacional quando ele venceu a Google Science Fair, recebendo reconhecimento e prêmios por sua abordagem criativa e impactante. Sua inovação não apenas destaca a engenhosidade dos jovens cientistas, mas também oferece esperança na luta contínua pela preservação dos recursos hídricos. Atualmente, o jovem ativista trabalha para aprimorar seu equipamento e expandir a sua utilização.

Estudantes coletando microplástico na praia Can Pere Antoni, em Palma, Espanha. Foto de 2022. Esse material chega aos oceanos principalmente com a decomposição do lixo plástico marinho, o escoamento de encanamentos e o vazamento de instalações de produção, causando intoxicação e sufocamento à fauna marinha, além de estar associado a diversos prejuízos à saúde humana.

Clara Margais/picture alliance via Getty Images

ATIVIDADES

1 **Como você definiria agricultura sustentável para uma pessoa leiga?**

2 **Leia o texto a seguir e faça o que se pede.**

Para alimentar o mundo e, ao mesmo tempo, salvar o planeta em tempos de aquecimento global, a ONU encoraja, a partir de agora, a agroecologia, um giro histórico após décadas de "revolução verde" baseada na agricultura intensiva para lutar contra a fome no mundo.

"Precisamos promover sistemas alimentares duráveis [...] e preservar o meio ambiente: a agroecologia pode ajudar a chegar lá", declarou [...] o diretor-geral da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), José Graziano da Silva, na abertura do segundo simpósio internacional sobre agroecologia em Roma.

"O sistema de produção alimentar baseado nos sistemas agrícolas utilizando muitos *inputs* e recursos teve um preço alto para o meio ambiente. O resultado foi que os solos, as florestas, a água, a qualidade do ar e a biodiversidade continuam a se degradar, enquanto o aumento da produção a qualquer preço não erradicou a fome", alegou.

A agroecologia vira as costas para o produtivismo estimulado pela agroquímica e pela mecanização agrícola desde o fim da Segunda Guerra Mundial, apelando para o conhecimento dos agricultores locais e dos cientistas, assim como para um melhor cuidado do solo para que ele seja mais fértil e armazene mais carbono, para uma biodiversidade de espécies plantadas e para uma redução da dependência em relação aos adubos sintéticos.

ONU deixa conceito de "revolução verde" para trás e adere à agroecologia. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 3 abr. 2018. Disponível em: https://www.correiodopovo.com.br/notícias/mundo/onu-deixa-conceito-de-revoluão-verde-para-trás-e-adere-à-agroecologia-1.257914. Acesso em: 19 jul. 2024.

a) Qual é o impacto mundial dessa decisão da ONU?

b) A reportagem reforça que a agroecologia utiliza os conhecimentos tradicionais e os científicos. Você considera que essa informação é fundamental para legitimar esse tipo de técnica? Justifique.

3 **(Enem)**

A agricultura ecológica e a produção orgânica de alimentos estão ganhando relevância em diferentes partes do mundo. No campo brasileiro, também acontece o mesmo. Impulsionado especialmente pela expansão da demanda de alimentos saudáveis, o setor cresce a cada ano, embora permaneça relativamente marginalizado na agenda de prioridades da política agrícola praticada no país.

Aquino, J. R.; Gazzolla, M.; Schneider, S. *In*: Sambuichi, R. H. R. *et al*. (org.). *A política nacional de agroecologia e produção orgânica no Brasil*: uma trajetória de luta pelo desenvolvimento rural sustentável. Brasília: Ipea, 2017 (adaptado).

Que tipo de intervenção do poder público no espaço rural é capaz de reduzir a marginalização produtiva apresentada no texto?

a) Subsidiar os cultivos de base familiar.

b) Favorecer as práticas de fertilização química.

c) Restringir o emprego de maquinário moderno.

d) Controlar a expansão de sistemas de irrigação.

e) Regulamentar o uso de sementes selecionadas.

4 **(Uerj)**

Obama acrescenta a seu legado a luta contra a mudança climática

O presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, revelou, em agosto de 2015, seu plano definitivo para reduzir as emissões de dióxido de carbono na atmosfera, consideradas as principais responsáveis pelo aquecimento global. É a primeira vez que um presidente norte-americano determina limites para as emissões das usinas de energia do país. "A mudança climática já não é um problema das gerações futuras", afirma o

Não escreva no livro.

presidente num vídeo publicado em sua página no Facebook. Nele, Obama descreve o novo plano como "o maior e mais importante passo dado pelos EUA na luta contra o aquecimento global". As previsões mais recentes indicam graves consequências se a temperatura global média subir 2 °C. Como Obama alerta no vídeo mencionado, seu conjunto de medidas "pode não ser suficiente".

Adaptado de brasil.elpais.com, agosto/2015.

Donald Trump decide retirar EUA do Acordo Climático de Paris

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, anunciou em junho de 2017 que o país sairá do Acordo de Paris. Em declaração realizada nos jardins da Casa Branca, afirmou: "Para proteger a América e seus cidadãos, os Estados Unidos se retirarão do Acordo Climático de Paris. Mas começaremos a rediscutir esses acordos em termos justos para os trabalhadores e os contribuintes: estamos saindo, mas iniciaremos negociações para um acordo justo". A saída norte-americana abre precedente para que outros Estados repensem e até desistam do Acordo de 2015, algo considerado extremamente preocupante por especialistas no assunto. Afinal, o tratado também deseja garantir que o aumento da temperatura média global fique 2 °C abaixo dos níveis da época pré-industrial, além de prosseguir com os esforços para limitar o aumento da temperatura em até 1,5 °C.

Adaptado de revistagalileu.globo.com, junho/2017.

A diferença entre as posições de Barack Obama e Donald Trump, quanto aos problemas relacionados à mudança climática na atualidade, está associada, respectivamente, aos seguintes aspectos:

a) expansão dos insumos agrícolas – incremento da indústria bélica.
b) ingerência dos organismos internacionais – aprofundamento da crise financeira.
c) neutralização dos desastres ecológicos – valorização da independência nacional.
d) reconhecimento dos prognósticos científicos – defesa do crescimento econômico.

5 (Enem)

Texto I

A introdução de transgênicos na natureza expõe nossa biodiversidade a sérios riscos, como a perda ou alteração do patrimônio genético de nossas plantas e sementes e o aumento dramático no uso de agrotóxicos. Além disso, ela torna a agricultura e os agricultores reféns de poucas empresas que detêm a tecnologia e põe em risco a saúde de agricultores e consumidores. O Greenpeace defende um modelo de agricultura baseado na biodiversidade agrícola e que não se utilize de produtos tóxicos, por entender que só assim teremos agricultura para sempre.

Disponível em: www.greenpeace.org. Acesso em: 20 maio 2013.

Texto II

Os alimentos geneticamente modificados disponíveis no mercado internacional não representam um risco à saúde maior do que o apresentado por alimentos obtidos através de técnicas tradicionais de cruzamento agrícola.

Essa é a posição de entidades como a Organização Mundial da Saúde (OMS), a Organização das Nações Unidas para Alimentação e para Agricultura (FAO), o Comissariado Europeu para Pesquisa, Inovação e Ciência e várias das principais academias de ciência do mundo.

A OMS diz que até hoje não foi encontrado nenhum caso de efeito sobre a saúde, resultante do consumo de alimento geneticamente modificado (GM) "entre a população dos países em que eles foram aprovados".

Disponível em: www.bbc.co.uk. Acesso em: 20 maio 2013.

Os textos tratam de uma temática bastante discutida na atualidade. No que se refere às posições defendidas, os dois textos

a) revelam preocupações quanto ao cultivo de alimentos geneticamente modificados.
b) destacam os riscos à saúde causados por alimentos geneticamente modificados.
c) divergem sobre a segurança do consumo de alimentos geneticamente modificados.
d) alertam para a necessidade de mais estudos sobre sementes modificadas geneticamente.
e) discordam quanto à validade de pesquisas sobre a produção de alimentos geneticamente modificados.

6 (Enem)

Um alimento orgânico deve apresentar em sua embalagem o selo de uma instituição certificadora, garantindo ao consumidor que, além de ser um alimento isento de agrotóxicos, também é produzido com técnicas planejadas e controladas. A técnica de produção desses alimentos causa menor impacto aos recursos naturais, contribuindo para melhorar a qualidade de vida das pessoas.

Nesse sistema de produção de alimentos vegetais, o controle de insetos é manejado por meio do(a)

a) prática de adubação verde.
b) emprego da compostagem.
c) controle da irrigação do solo.
d) utilização de predadores naturais.
e) uso de sementes inoculadas com *Rhizobium*.

ESTÚDIO FILOSÓFICO

A ECOLOGIA PROFUNDA EM ARNE NAESS

Nesta seção, voltamos nossa atenção para a ecologia profunda, proposta pelo filósofo norueguês Arne Naess (1912-2009). Em nossas discussões anteriores, exploramos diversos temas, incluindo agroecologia, conhecimentos tradicionais, comunidades quilombolas e outras questões ambientais e sociais. Agora, mergulharemos nas ideias de Naess, que nos convidam a repensar nossa relação com a natureza, enfatizando a interconexão de todos os seres e a importância de um respeito profundo pelo meio ambiente. A ecologia profunda nos desafia a ir além das abordagens superficiais e utilitárias da ecologia, buscando uma transformação radical em nossa consciência e nas práticas ambientais.

Davi Augusto Studio/ID/BR

PERFIL

Arne Naess foi um influente filósofo norueguês, amplamente reconhecido como o fundador da filosofia da ecologia profunda, uma abordagem que promove uma compreensão radicalmente holística e não antropocêntrica da relação entre humanos e o ambiente natural.

Naess estudou Filosofia e completou seu doutorado na Universidade de Oslo, em 1936. Posteriormente, tornou-se professor de Filosofia na mesma universidade, onde lecionou por várias décadas. Durante sua carreira, Naess desenvolveu um interesse profundo pela ecologia e pelas questões ambientais, influenciado por suas experiências na natureza, especialmente nas montanhas da Noruega, onde praticava alpinismo.

OBRAS-CHAVE

- *Ecologia profunda da sabedoria* (2009)
- *A ecologia da sabedoria: escritos de Arne Naess* (2008, compilação de escritos organizada por Bill Devall e Alan Drengson)
- *Filosofia da vida: razão e sentimento em um mundo mais profundo* (2002)
- *Ecologia, comunidade e estilo de vida: esboço de uma ecosofia* (1989, versão em inglês do trabalho original de 1976)
- *Liberdade, emoção e autossubsistência: a estrutura de uma parte central da ética de Spinoza* (1970)
- *Ceticismo* (1968)
- *Comunicação e argumento: elementos de semântica aplicada* (1966)
- *Interpretação e precisão* (1953)

EM LEITURA

Arne Naess aborda a ecologia profunda principalmente em sua obra *Ecologia, comunidade e estilo de vida: esboço de uma ecosofia*. A versão em inglês foi publicada em 1989 e é uma tradução e expansão de seu trabalho original publicado em norueguês, em 1976. Nessa obra, Naess delineia os princípios fundamentais da ecologia profunda, explicando como a Filosofia pode ser aplicada para promover uma relação mais harmoniosa e sustentável entre os seres humanos e o meio ambiente.

Conheça alguns dos princípios da ecologia profunda proposta por Naess a seguir.

Não escreva no livro.

(1) Rejeição da imagem do homem-no-ambiente em favor da *imagem relacional do campo total*. Organismos vistos como "nós" que se entrelaçam na rede biosférica ou no campo de relações intrínsecas. Uma relação intrínseca entre duas coisas *A* e *B* é tal que a relação pertence às definições ou constituições básicas de *A* e *B*, de modo que, sem uma relação, *A* e *B* deixam de ser as mesmas coisas. O modelo do campo total dissolve não apenas o conceito do homem-no-ambiente, mas todo conceito de coisa compacta no meio, exceto quando se fala em um nível superficial ou preliminar de comunicação.

(2) *Igualitarismo biosférico* – em princípio. A cláusula "em princípio" é inserida porque qualquer prática realista exige algum tipo de matança, exploração e supressão. O trabalhador de campo ecológico adquire um profundo respeito, ou até mesmo veneração, pelas formas e expressões da vida. Ele alcança uma compreensão interna, um tipo de compreensão que outras pessoas reservam para seus semelhantes e para um estreito espectro de formas e expressões de vida. Para o trabalhador de campo ecológico, o igual direito de viver e florescer é um axioma de valor intuitivamente claro e óbvio. Sua restrição aos humanos é um antropocentrismo com efeitos prejudiciais para a qualidade de vida dos próprios humanos. Essa qualidade depende em parte do profundo prazer e da satisfação que recebemos a partir da estreita parceria que temos com outras formas de vida. A tentativa de ignorar nossa dependência e estabelecer um papel de "mestre e escravo" tem contribuído para a alienação do próprio humano acerca de si.

O igualitarismo ecológico implica a reinterpretação da variável de pesquisa futura "nível de aglomeração", de modo que a aglomeração geral de mamíferos e a perda da igualdade de vida sejam levadas a sério, não apenas a aglomeração humana. (A pesquisa sobre os altos requisitos de espaço livre de certos mamíferos sugeriu, incidentalmente, que os teóricos do urbanismo humano subestimaram amplamente os requisitos do espaço de vida humano. Os sintomas de aglomeração comportamental [neuroses, agressividade, perda de tradições…] são, em grande parte, os mesmos entre os mamíferos.)

(3) *Princípios de diversidade e de simbiose*. A diversidade aumenta as potencialidades de sobrevivência, as chances de novos modos de vida, a riqueza de formas. E a assim chamada luta pela vida, bem como a sobrevivência do mais bem adaptado, deve ser interpretada no sentido de capacidade de coexistir e cooperar em relacionamentos complexos, em vez de capacidade de matar, explorar e suprimir. "Viva e deixe viver" é um princípio ecológico mais poderoso do que "Ou você ou eu".

Este último tende a reduzir a multiplicidade de tipos de formas de vida e, também, a criar destruição dentro das comunidades da mesma espécie. Atitudes inspiradas ecologicamente, portanto, favorecem a diversidade de formas de vida humana, culturas, ocupações e economias. Elas apoiam a luta contra a invasão e dominação econômica e cultural, assim como a militar e, ainda, elas se opõem à aniquilação de focas e baleias, tanto quanto a de tribos ou culturas humanas.

NAESS, Arne. *O movimento da ecologia rasa e profunda de longo alcance*. Um resumo. Tradução: Ronan Silva Cardoso. Disponível em: https://www.academia.edu/103963389/O_Movimento_da_Ecologia_Rasa_e_Profunda_de_Longo_Alcance_Um_Resumo. Acesso em: 22 jul. 2024.

A proposta de Naess sobre ecologia profunda vai além das preocupações ambientais tradicionais, que ele chamava de "ecologia superficial". Naess defendia que a crise ambiental não poderia ser resolvida apenas por meio de soluções tecnológicas ou regulamentações, mas exigia uma mudança fundamental na forma como os humanos percebem e se relacionam com o mundo natural. Ele argumentava que todas as formas de vida têm valor intrínseco, independentemente de sua utilidade para os seres humanos, e que a sustentabilidade verdadeira só pode ser alcançada quando esta percepção é profundamente integrada em nossas culturas e práticas.

PARA CONCLUIR

De acordo com o texto e com possíveis pesquisas, responda às questões a seguir.

1 **Como você explicaria o conceito de ecologia profunda a um amigo?**

2 **Segundo Arne Naess, qual é a principal diferença entre a imagem do "homem-no-ambiente" e a "imagem relacional do campo total", e como essa diferença impacta a compreensão da relação entre os organismos e o meio ambiente?**

3 **Em que sentido o princípio "Viva e deixe viver" é considerado mais poderoso na ecologia profunda de Naess e como isso contrasta com a visão tradicional da sobrevivência?**

4 **Como a ecologia profunda de Naess aborda a questão da diversidade cultural e econômica e quais são as atitudes inspiradas ecologicamente em relação à invasão, dominação e aniquilação?**

PRÁTICAS DE PESQUISA

SUSTENTABILIDADE LOCAL

Nesta unidade, vimos que a criação de um modelo de desenvolvimento que leve em consideração as necessidades econômicas, sociais e ambientais não tem sido uma tarefa fácil. Nesse contexto, o engajamento dos indivíduos, da sociedade civil e dos governantes é fundamental para viabilizar a construção de uma sociedade mais sustentável.

Para começar

Do ponto de vista do indivíduo, como tornar isso possível? A resposta não se limita à economia no consumo da água e da energia, ao controle da eliminação do óleo de cozinha ou à colaboração com a coleta seletiva do lixo doméstico. Essas ações são importantes, mas não são suficientes. Também é fundamental observar o lugar de vivência, identificar situações ambientais que requeiram intervenção do ponto de vista de políticas públicas e cobrar dos representantes políticos a formulação e a implementação dessas medidas.

O problema

Quais são os problemas ambientais no bairro onde a escola está localizada e que ações do poder público seriam necessárias para resolvê-los?

A investigação

- Prática de pesquisa: construção e uso de questionários

Material

- Computador com acesso à internet
- Impressora para imprimir os questionários e envelopes para acondicioná-los
- Papéis para anotação, lápis e caneta

Tarcisio Schnaider/Pulsar Imagens

Reunião de representantes do conselho consultivo da Floresta Nacional do Tapajós (Flona) na comunidade de Jamaraquá, no município de Belterra (PA). O evento reuniu pesquisadores, representantes do governo e da população local para discutir e promover práticas de conservação e produção sustentável. Foto de 2024.

Não escreva no livro.

Procedimentos

Parte I – Planejamento

1. Organizem-se em grupos com quatro integrantes.
2. Elaborem um questionário com perguntas que os ajudem a identificar os problemas ambientais da região onde fica a escola. Esse questionário será entregue a moradores da região, que devem respondê-lo por escrito.
3. Ao formular o questionário, é importante considerar que vocês não estarão presentes para garantir que as perguntas sejam bem compreendidas. Assim, as perguntas devem ser claras e objetivas. É preciso considerar que as perguntas devem colaborar para a busca de respostas ao problema da pesquisa – quais são os problemas ambientais do bairro da escola. Por isso, tomem cuidado para não fugir do assunto ou fazer perguntas abertas demais, que podem levar o respondente a falar sobre coisas que não interessam à pesquisa.
4. Logo no início do questionário, antes das perguntas, criem campos de identificação do respondente: nome, gênero, idade, profissão e há quanto tempo mora no bairro. Em seguida, incluam um texto explicando quais são os objetivos da pesquisa.
5. Depois de redigido, o questionário deve ser testado, para verificar se será eficiente. Vocês podem fazer esse teste com colegas da turma: cada grupo responde ao questionário de outro grupo, de modo que todos os questionários sejam testados.
6. Caso os colegas identifiquem uma pergunta difícil de entender ou tenham alguma sugestão, devem anotar suas observações em uma folha à parte e entregar ao grupo que elaborou aquele questionário. Em seguida, os grupos devem ler os comentários sobre seus questionários e realizar ajustes, se necessário.

Parte II – Realização da pesquisa

1. Com o questionário pronto, definam a amostra, que é uma pequena parte da população que será analisada (nesse caso, os moradores do bairro da escola). Essa amostra é necessária porque seria muito custoso entrevistar todos os moradores do bairro. Sugerimos determinar essa amostra da seguinte forma: localizem a escola em um mapa, que pode ser físico ou virtual. A ideia é que vocês possam visualizar as ruas do entorno da escola.
2. Com a ajuda do professor, decidam o perímetro da região a ser pesquisada pela turma, e dividam esses perímetros em setores que serão trabalhados por cada grupo.
3. Cada grupo deve então se organizar para entregar os questionários nas residências de todas as ruas que fazem parte do setor sob sua responsabilidade. De acordo com o número de ruas que serão pesquisadas, estimem quantas casas devem receber o questionário por rua. Quanto maior a amostra, maior a representatividade da pesquisa. Assim, avaliem qual é o maior número possível.
4. Sempre entreguem os questionários em dupla, em horário diurno, e, se possível, utilizem o uniforme da escola para serem imediatamente identificados.
5. Ao abordar um morador, não entrem em sua residência. Caso o morador os convide, recusem gentilmente. Isso é importante para a segurança de vocês. Expliquem educadamente do que se trata, perguntem ao morador se ele ou outra pessoa que reside na casa pode responder ao questionário e combinem uma data em que vocês retornarão para buscá-lo.

Parte III – Análise das informações

1. Após receber os questionários preenchidos, tabulem as respostas, utilizando, para isso, tabelas e/ou gráficos.
2. Com os resultados organizados, identifiquem quais são os principais problemas ambientais no bairro onde a escola se situa e discutam quais seriam as ações governamentais necessárias para resolvê-los.

Questões para discussão

1. Que desafios vocês encontraram durante a realização desse tipo de pesquisa (construção e uso de questionários)? O que foi mais fácil e o que foi mais difícil?
2. De acordo com os dados coletados e considerando as pesquisas de todos os grupos da turma, quais são os principais problemas ambientais do bairro onde a escola está situada?
3. Que medidas poderiam ser tomadas pelo poder público para resolver esses problemas? E de que forma os cidadãos poderiam participar dessa resolução?

Comunicação dos resultados

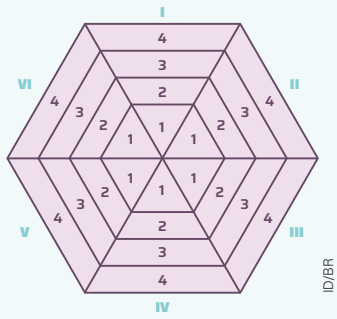
Elaborem um documento para ser enviado ao órgão do Poder Executivo de seu município responsável pelas questões ambientais. Ele deve ser composto de uma síntese dos resultados da pesquisa e do conjunto de propostas em relação à sustentabilidade ambiental do bairro onde se situa a escola.

Verifiquem como o envio desse documento pode ser feito e solicitem uma resposta da autoridade que o receber. O ideal seria eleger uma comissão de estudantes para levá-lo pessoalmente, pois, dessa forma, as chances de receber uma resposta são maiores.

Se possível, tirem cópias desse documento e entreguem para as pessoas que responderam aos questionários, como uma forma de permitir que elas conheçam e acompanhem os resultados da pesquisa com a qual colaboraram.

O QUE APRENDI: AUTOAVALIAÇÃO

PARTE A



ID/BR

Como você avalia seu desempenho ao longo desta unidade?

- Reproduza no caderno a figura ao lado, numerando-a conforme o modelo.
- Agora, leia as perguntas da tabela **A** e as possíveis respostas na tabela **B**.

TABELA A
I. Realizei as leituras e atividades no tempo planejado?
II. Respeitei todas as regras de trabalho e colaborei com o(a) professor(a) e os colegas?
III. Fui proativo na execução de atividades em grupo ou dupla?
IV. Mantive minhas anotações organizadas?
V. Desenvolvi as propostas de trabalho de modo autônomo e responsável?
VI. Utilizei materiais complementares para estudar?

TABELA B		
Campos para colorir	**Respostas**	**Cor indicada**
1	Nunca	Vermelho
2	Às vezes	Laranja
3	Sempre	Amarelo
4	Superei minhas expectativas	Verde

- Inicie a autoavaliação, respondendo a cada uma das perguntas presentes na tabela **A**. Como resposta a cada pergunta, escolha entre as opções de 1 a 4.
- No caderno, pinte a figura, preenchendo os campos nas cores correspondentes às suas respostas, conforme indicado na tabela **B**. Por exemplo: Se na primeira pergunta da tabela **A** você respondeu que "Sempre" realizou as leituras e atividades no tempo planejado, deverá pintar de amarelo o campo 3 no eixo da pergunta I.
- Ao final, some os pontos dos campos coloridos e, no decorrer do estudo do volume, compare-os com as pontuações das demais unidades.

ID/BR

Não escreva no livro.

PARTE B

Para avaliar o que você aprendeu, reúna-se em dupla ou em grupo e comente suas respostas às seguintes questões:

Capítulo 16 – Natureza e o ser humano

1. Compreendi como o desenvolvimento tecnológico influenciou diferentes sociedades ao longo da história?
2. Identifico as técnicas e materiais específicos utilizados em diferentes culturas para o desenvolvimento tecnológico?
3. Posso explicar como os objetivos sociais e econômicos moldaram as inovações tecnológicas em diferentes regiões?
4. Reconheço as formas como diferentes sociedades impactaram e foram impactadas pelo meio ambiente?
5. Entendi que a tecnologia é um aspecto cultural que varia entre as sociedades?
6. Percebi as diferentes formas de classificar as etapas históricas com base no desenvolvimento tecnológico?
7. Compreendi a importância da sustentabilidade para o desenvolvimento das sociedades?

Capítulo 17 – Direito à cidade

8. Compreendi o conceito de direito à cidade e sua importância para a cidadania?
9. Consigo identificar os principais desafios enfrentados pelos cidadãos no acesso ao direito à cidade?
10. Entendi como políticas públicas podem garantir ou dificultar o exercício do direito à cidade?
11. Reconheço a importância de espaços públicos inclusivos e acessíveis para todos os cidadãos?
12. Percebi como práticas sustentáveis podem ser implementadas tanto em contextos urbanos quanto rurais?
13. Compreendi a importância da cooperação entre governo, empresas e sociedade civil para alcançar a sustentabilidade?

Capítulo 18 – Agroecologia: possibilidades de futuro

14. Compreendi o que é agroecologia e a sua importância para o desenvolvimento sustentável?
15. Compreendi como as técnicas das comunidades tradicionais podem contribuir para o desenvolvimento tecnológico sustentável?
16. Entendi a importância de valorizar e preservar os conhecimentos tradicionais no contexto do desenvolvimento tecnológico?
17. Percebi como uma abordagem colaborativa entre comunidades tradicionais e desenvolvedores de tecnologia pode beneficiar a sustentabilidade?
18. Reconheço a importância da inclusão e do respeito às comunidades tradicionais no processo de desenvolvimento sustentável?
19. Reconheço a importância do ativismo ambiental para o bem-estar de uma sociedade sustentável?

Thiago Limón/ID/BR

Não escreva no livro.

PARA IR ALÉM

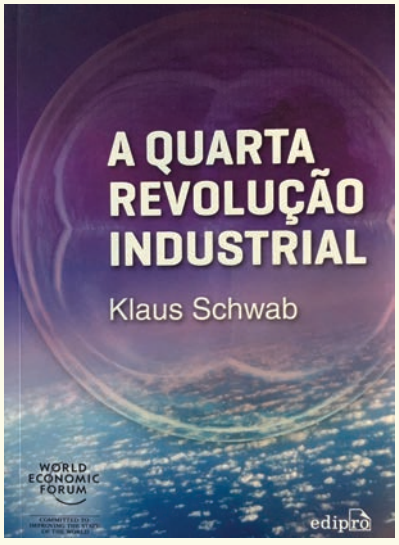
Capítulo 16 – Natureza e o ser humano

Free Guy: assumindo o controle

O filme conta a história de Guy, um caixa de banco que descobre ser uma personagem não jogável (NPC) em um *videogame*. Ao tomar consciência de sua condição, Guy decide se tornar o herói de sua própria história, lutando contra as ameaças que colocam seu mundo em risco. Com a ajuda de uma jogadora do mundo real, Guy tenta salvar seu universo antes que seja destruído pelos desenvolvedores do jogo.

Free Guy: assumindo o controle. Direção: Shawn Levy. Canadá e EUA, 2021 (115 min).

20th Century Studios/Walt Disney/ID/BR



Edipro/Acervo da editora

A Quarta Revolução Industrial

Escrito por Klaus Schwab, o livro explora as transformações profundas que estão moldando a economia global e as sociedades contemporâneas. Nele, o autor argumenta que estamos no início de uma nova era impulsionada pela convergência de tecnologias digitais, físicas e biológicas, que estão transformando todos os aspectos da vida humana, desde como trabalhamos e nos relacionamos até como nos definimos como indivíduos.

Schwab, Klaus. *A Quarta Revolução Industrial*. São Paulo: Edipro, 2018.

Capítulo 17 – Direito à cidade

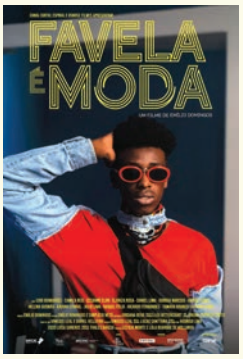
Cidades possíveis

O documentário aborda as complexidades e possibilidades do ambiente urbano contemporâneo, explorando como diferentes cidades ao redor do mundo enfrentam desafios e oportunidades únicas na busca por sustentabilidade, inclusão social e qualidade de vida para seus habitantes. Com um olhar sensível e crítico, Goldenstein apresenta histórias inspiradoras de comunidades e líderes locais que estão reimaginando o futuro urbano.

Cidades possíveis. Direção: Eduardo Goldenstein. Brasil, 2024 (26 min).

Aion Filmes/ID/BR

Não escreva no livro.



Espiral e Osmose Filmes/ID/BR

Favela é moda

Em *Favela é moda*, Emílio Domingos mergulha nas vibrantes paisagens da moda dentro das favelas brasileiras, revelando um universo de criatividade, estilo e resistência cultural. O documentário leva o telespectador a uma jornada fascinante por diferentes comunidades urbanas, onde estilistas, modelos e empreendedores locais estão redefinindo conceitos e quebrando estereótipos.

Favela é moda. Direção: Emílio Domingos. Brasil, 2021 (75 min).

Capítulo 18 – Agroecologia: possibilidades de futuro

Antes do prato

Antes do prato é um documentário revelador que explora as complexas cadeias de produção e distribuição dos alimentos que consumimos diariamente. Dirigido por Carol Quintanilha, o filme conduz os espectadores por uma jornada, desde as plantações e criações rurais até as prateleiras dos supermercados, passando por quem protagoniza a produção e o acesso a alimentos saudáveis enquanto preserva a natureza.

Antes do prato. Direção: Carol Quintanilha. Brasil, 2023 (53 min).

Greenpeace Brasil/ID/BR

Companhia das Letras/Arquivo da editora

A vida não é útil

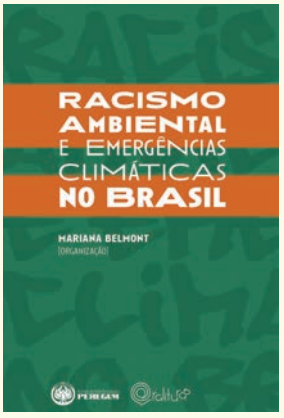
O livro *A vida não é útil*, de Ailton Krenak, nos convida a repensar nossa relação com a natureza e a vida em sociedade. Krenak é um renomado líder indígena, ativista ambiental, escritor e filósofo brasileiro, nascido em 1953, na região do vale do Rio Doce, Minas Gerais. Pertencente ao povo Krenak, destaca-se como uma voz poderosa na defesa dos direitos indígenas e na luta pela preservação ambiental no Brasil e no mundo.

Krenak, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

Racismo ambiental e emergências climáticas no Brasil

O livro traça um panorama histórico do racismo ambiental no Brasil, desde a colonização até os dias atuais, destacando casos emblemáticos de injustiça ambiental. Nele, a autora discute como a industrialização, a expansão agrícola e a urbanização têm contribuído para a degradação ambiental em territórios habitados por essas comunidades, exacerbando a vulnerabilidade social e econômica. A autora também explora as estratégias de resistência e resiliência adotadas por essas comunidades, ressaltando a importância do conhecimento tradicional e das práticas sustentáveis na luta contra as emergências climáticas

Belmont, Mariana (org.). *Racismo ambiental e emergências climáticas no Brasil*. São Paulo: Instituto de Referência Negra Peregum/Oralituras, 2023.



Instituto de Referência Negra Peregum e Oralituras Editora/ Acervo das editoras

PROJETO PROJETO PROJETO PROJETO

SIMPÓSIO FILOSÓFICO

A FILOSOFIA NA PRÁTICA

O que será feito

A Filosofia nos convida a pensar profundamente sobre questões fundamentais da vida, da sociedade e do mundo em que vivemos. Ela nos desafia a questionar, refletir e buscar entendimento sobre conceitos complexos e, muitas vezes, abstratos. No entanto, a Filosofia não se limita apenas à teoria, ela também tem uma aplicação prática que pode influenciar nossas decisões, ações e perspectivas diárias.

Com isso em mente, neste projeto, vocês vão planejar, organizar, desenvolver e participar de um simpósio de Filosofia na prática, no qual terão a oportunidade de explorar como as ideias filosóficas podem ser aplicadas em situações concretas da vida em sociedade.

Um simpósio é uma reunião ou conferência em que especialistas se encontram para discutir um determinado tema. O termo "simpósio" tem origem no grego antigo e referia-se a um banquete no qual os convidados discutiam ideias e pensamentos enquanto comiam e bebiam. Sobre esses banquetes, o pesquisador Milton Torres, comenta:

> O banquete era um momento privilegiado de instrução e mostrava que "o comportamento importa", o que fez com que se tornasse "uma abreviatura" que codificava e replicava "as complexas realidades da estrutura social, numa magnífica interação de voz e gesto" [...]. Servia também para a passagem de conteúdo filosófico, profissional e sapiencial. Ateneu [...] descreve que Mirtilo, um dos convidados à ceia descrita na obra, sabatina alguns discípulos cínicos com questões de biologia, o acesso à comida sendo liberado apenas depois de as respostas corretas serem dadas. Em outros momentos, temos a reação de alguns convivas à demora no início da ceia por causa das discussões filosóficas [...] [.]
>
> [...]
>
> Nos banquetes, os filósofos reuniam os jovens [...], no início da noite [...], segundo regras [...] cuidadosamente elaboradas e bem conhecidas [...], de acordo com as quais se proibiam, à mesa [...], as lágrimas [...], o espirro [...] e a cusparada [...], a fim de que todos desfrutassem de um banquete civilizado [...] . O ideal era encontrar jovens inteligentes [...], pois os antigos mestres criam que a inteligência fazia com que a lição [...] fosse mais rápida e fácil [...].
>
> Além de ensinar as boas maneiras aos participantes, os banquetes e simpósios serviam para desinibir os discípulos, muitos dos quais eram criticados por serem mais tímidos do que a corça [...], tão calados quanto os monossílabos [...] e tão arredios quanto os insetos que zumbem pelos cantos [...]. Finalmente, banquetes e simpósios visavam à provisão de modelos e à confirmação de tradições educativas.
>
> Torres, Milton. O banquete e o simpósio antigos como oportunidades educacionais: a perspectiva de Ateneu de Náucratis. *Revista de História e Estudos Culturais*, Uberlândia, v. 19, n. 1, p. 112 e 114, ano 19, jan./jun. 2022. Disponível em: https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/1002. Acesso em: 2 set. 2024.

Cena de banquete em detalhe de vaso grego do século V a.C.

Museu Arqueológico Nacional, Nápoles. Fotografia: André Held/akg-images/Album/Fotoarena

Não escreva no livro.

Atualmente, um simpósio pode incluir palestras, mesas-redondas, apresentações de trabalhos e debates, oferecendo um espaço para troca de conhecimento e opiniões sobre um tópico específico.

No simpósio desenvolvido pela turma, vocês vão explorar e discutir como a Filosofia pode ser aplicada em situações reais. Para isso, vão se organizar em grupos, definir temas, planejar o evento e compartilhar reflexões e descobertas com os colegas e os demais membros da comunidade escolar.

Objetivos

- Refletir sobre a aplicação prática de temas, considerações e discussões filosóficas em situações da vida cotidiana.
- Desenvolver propostas de intervenção na sociedade que promovam o combate a diversas formas de injustiças e violências e valorizem princípios éticos, democráticos e solidários.
- Divulgar discussões e reflexões filosóficas à comunidade escolar.
- Exercitar o protagonismo juvenil e o engajamento em práticas cooperativas para a formulação e a resolução de problemas.

Marina Ramos/Câmara dos Deputados

Mesa-redonda em II Seminário Sobre Direitos dos Povos Indígenas em plenário da Câmara dos Deputados, em Brasília (DF). Seminários e simpósios podem apresentar elementos semelhantes, como mesas-redondas. Foto de 2024.

Preparação

Todo projeto se inicia com um planejamento. Nesta etapa, vocês vão conhecer o projeto mais profundamente, definir grupos de trabalho e temas de pesquisa, além de dividir tarefas. Para isso, sigam os passos indicados a seguir.

Discussão prévia: façam uma reunião inicial entre todos os participantes para estudar o projeto. Nessa reunião, é importante que vocês leiam todas as etapas desta seção, discutam o conceito de simpósio e os objetivos do projeto.

Definição do formato: após a conversa inicial, discutam o formato do simpósio que desejam desenvolver. Um simpósio pode apresentar diversos modelos e ocorrer em um ou mais dias. Além disso, as discussões podem acontecer de forma simultânea ou assíncrona e ser desenvolvidas por meio de palestras, painéis, mesas-redondas, etc. Pesquisem e discutam cada um dos formatos possíveis para definir o que melhor se adeque ao projeto desenvolvido pela turma, levando em consideração os objetivos do projeto. Nesta seção, apresentaremos o formato de um simpósio com mesas-redondas assíncronas como modelo, podendo este ser adaptado pela turma se assim for desejado.

Uma mesa-redonda configura-se em uma discussão composta de mais de um apresentador, em que todos os participantes se manifestam em pé de igualdade sobre o tema discutido. Geralmente, as mesas-redondas contam com um mediador, que apresenta o tema e articula a discussão. Além disso, é costume que, ao final da discussão, os espectadores da mesa também possam apresentar perguntas e questionamentos a seus membros.

Definição dos temas: em seguida, dividam-se em seis grupos de pesquisa. Cada grupo será responsável por pesquisar um dos temas indicados a seguir, que correspondem aos temas que serão apresentados e discutidos no simpósio.

Davi Augusto Studio/ID/BR

Não escreva no livro.

ÉTICA E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL
Explorar as implicações éticas do uso crescente de inteligência artificial na sociedade e no cotidiano.
SUSTENTABILIDADE E FILOSOFIA AMBIENTAL
Analisar como a Filosofia pode contribuir para práticas sustentáveis e a preservação do meio ambiente.
DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA SOCIAL
Investigar questões de direitos humanos e como a Filosofia pode ajudar a promover a justiça social.
IDENTIDADE DE GÊNERO E DIVERSIDADE
Explorar conceitos de identidade de gênero e a importância da diversidade e da inclusão na sociedade.
A FILOSOFIA DA FELICIDADE
Explorar diferentes teorias filosóficas sobre o que constitui uma vida feliz e plena.
DEMOCRACIA E PARTICIPAÇÃO CIDADÃ
Discutir a importância da participação cidadã na democracia e como a Filosofia pode incentivar o engajamento político.

Pesquisem o tema escolhido pelo grupo, buscando identificar as seguintes informações:

- Notícias relacionadas ao tema, preferencialmente em seu município, mas também em outras regiões do país que apresentem situações concretas da vida em sociedade onde o tema esteja em evidência.
- Exemplos de discussões nas mídias (digitais e impressas) que apresentem diferentes visões e perspectivas sobre o tema.
- Filósofos que refletiram sobre o tema e o discutiram, bem como suas principais ideias a respeito dele. Deem prioridade a filósofos cujas ideias sobre o tema proponham melhorias à sociedade. Dica: Se julgarem pertinente, façam uma revisão bibliográfica do tema, como proposto na seção *Práticas de pesquisa* do capítulo 3 deste livro.

Feita a pesquisa, reúnam-se em grupo e discutam os resultados obtidos. Na sequência, com base nas informações pesquisadas, respondam às seguintes perguntas:

1 **Por que esse tema é relevante para a sociedade?**

2 **Quais atores sociais estão envolvidos nessa discussão e quais perspectivas sobre o tema eles apresentam?**

3 **Com quais perspectivas vocês mais se identificam? Por quê?**

4 **Quais são os principais debates filosóficos relacionados ao tema?**

5 **As ideias dos filósofos pesquisados podem contribuir para a construção de uma sociedade justa e democrática? Como?**

6 **Com base nas informações pesquisadas e nas reflexões feitas, quais ações vocês consideram que poderiam ser desenvolvidas pela comunidade escolar para promover um impacto positivo relacionado ao tema na sociedade?**

Não escreva no livro.

Desenvolvimento

Na etapa anterior, vocês desenvolveram o planejamento inicial do simpósio e pesquisaram alguns aspectos do tema que cada grupo vai abordar. Nesta etapa, vocês vão preparar as apresentações e planejar mais detalhadamente o simpósio proposto neste projeto.

Planejamento das apresentações

Uma mesa-redonda geralmente é desenvolvida como um diálogo entre os interlocutores (apresentadores) que a integram. Dessa forma, todos os integrantes da mesa devem participar ativamente da discussão, expondo diferentes perspectivas e pontos de vista sobre o tema apresentado, com base nas questões propostas pelo mediador.

Em grupo, escolham quem desempenhará o papel de mediador. Feito isso, definam um roteiro das discussões que serão desenvolvidas durante a mesa. Para auxiliar nesta etapa, vocês podem definir uma série de perguntas que o mediador fará aos integrantes da mesa para que discutam o tema em questão.

É importante ter em consideração que, geralmente, as discussões desenvolvidas em mesas-redondas não se restringem a opiniões pessoais de seus integrantes, de forma que o grupo deverá discutir os elementos pesquisados na etapa anterior durante a apresentação da mesa. Tendo em conta os objetivos deste projeto, definam quais aspectos da discussão sobre o tema serão apresentados e dividam-se de forma que cada um dos apresentadores comente um desses aspectos durante a discussão.

Após essas definições, reúnam-se para ensaiar a apresentação da mesa. Cronometrem o tempo de apresentação considerando as definições de planejamento do evento (discutidas no próximo tópico) e buscando desenvolver a discussão da forma mais natural possível, como uma conversa. Se possível, convidem outros estudantes ou professores para assistir a algum dos ensaios e peça a eles que façam perguntas após a discussão dos apresentadores, simulando os questionamentos que podem ser feitos pelos espectadores do simpósio durante o evento. Se necessário, aprofundem a pesquisa, levando em consideração essas perguntas ou outros aspectos que, na opinião do grupo, não estejam muito detalhados ou precisem de mais fundamento.

Davi Augusto Studio/ID/BR

Planejamento e organização do simpósio

Concomitantemente ao planejamento das apresentações, reúnam-se com toda a turma para planejar o dia da realização do simpósio.

Na etapa inicial do projeto, vocês definiram o formato do simpósio. Retomando essa definição, agora vocês vão definir, com o professor e/ou a coordenação da escola, o dia em que o evento será realizado, o tempo de duração, quem será o público do evento e o espaço da escola que poderá acomodá-lo.

Em seguida, para a organização e a realização do simpósio, a turma vai se dividir em três frentes de trabalho. É importante que cada estudante integre uma frente de trabalho e que cada grupo tenha integrantes nas três frentes tanto para garantir que o grupo de pesquisa seja representado quanto para permitir o revezamento entre os integrantes de cada frente durante a apresentação dos grupos.

FRENTES DE TRABALHO	
Frente 1 – Logística e organização do espaço	Responsável por: – organizar e cuidar dos materiais necessários, como projetores, computadores, microfones, etc.; – cuidar da montagem e da decoração do espaço do evento. No dia do evento, um ou mais estudantes dessa frente devem estar presentes na apresentação de cada grupo para fornecer (ou solicitar à coordenação escolar) suporte técnico, caso necessário.
Frente 2 – Comunicação e divulgação	Responsável por: – criar materiais de divulgação e comunicação, como cartazes e convites; – coletar devolutivas dos participantes e da audiência. No dia do evento, os integrantes dessa frente devem circular pelo espaço, prestando assistência e oferecendo informações aos convidados.
Frente 3 – Coordenação e acompanhamento	Responsável por: – coordenar a sequência das apresentações durante o evento; – atuar como mediadores entre o público e os apresentadores, facilitando as sessões de perguntas e respostas. No dia do evento, dois ou mais estudantes dessa frente devem estar presentes em cada apresentação, zelando pelo cronograma e intermediando a discussão com o público.

Providenciem todos os equipamentos e recursos necessários para o simpósio e, se possível, organizem o espaço de sua realização com pelo menos um dia de antecedência. Consultem a coordenação escolar em todos os processos de tomada de decisões e obtenções de recursos e materiais. Sempre que possível e se julgarem pertinente, envolvam demais membros da comunidade escolar no evento. Lembrem-se de que este é um evento para a comunidade.

Conclusão

Realização do simpósio

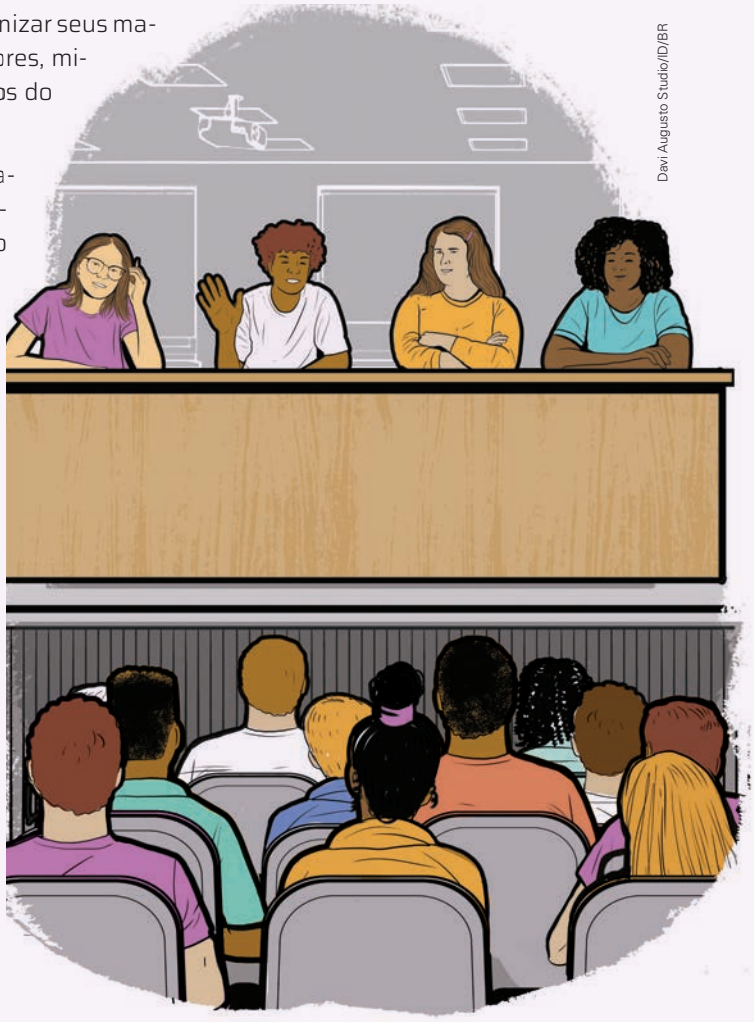
A etapa final deste projeto consiste na apresentação do simpósio e, posteriormente, em sua avaliação. É chegado o momento de concentrar esforços na concretização do projeto, garantindo que todos estejam prontos para o grande dia e que possam compartilhar o trabalho com a comunidade escolar.

No dia do simpósio, cada grupo terá a oportunidade de apresentar seu tema à audiência, acompanhado pelos integrantes das frentes de trabalho definidas na etapa anterior.

A seguir, apresentamos algumas dicas e orientações para que o simpósio transcorra da melhor forma possível.

Não escreva no livro.

- Cheguem com antecedência ao local do evento para organizar seus materiais e testar os equipamentos (projetores, computadores, microfones, etc.) e certifiquem-se de que todos os membros do grupo estejam presentes e preparados.
- Sigam a ordem das apresentações conforme programado. A frente de coordenação e acompanhamento auxiliará na supervisão do cronograma, mas cada grupo deve cuidar para cumpri-lo, respeitando o tempo acordado de forma que todos os grupos consigam se apresentar.
- Usem linguagem clara e acessível durante a apresentação. Lembrem-se de que o objetivo é comunicar suas ideias de forma compreensível para todos; envolvam a audiência, incentivando perguntas e participações. As sessões de perguntas e respostas são uma parte essencial do simpósio.
- Sejam respeitosos e cordiais com todos os participantes do simpósio – estudantes, professores, demais membros da comunidade escolar e convidados. É importante ter em mente que pessoas diferentes têm visões, vivências e opiniões diferentes. O evento deverá garantir um espaço de respeito e acolhimento a todos os envolvidos.
- Apoiem uns aos outros. Se algum grupo ou frente de trabalho enfrentar dificuldades, ofereçam ajuda e suporte. Trabalhar em equipe e colaborar são habilidades fundamentais desenvolvidas ao longo do projeto.
- Aproveitem o evento!


Davi Augusto Studio/ID/BR

Avaliação

Após a realização do simpósio, é importante que vocês realizem uma reunião final de avaliação e autoavaliação dos resultados do projeto, bem como do envolvimento da turma. Para tanto, reúnam as devolutivas obtidas durante o evento e organizem uma roda de conversa com a turma e os professores envolvidos. Para orientar a avaliação, discutam os seguintes pontos:

1 **Como cada grupo de pesquisa e frente de trabalho avalia seu envolvimento e seu desempenho no evento considerando as tarefas pelas quais foram responsáveis?**

2 **Quais foram as tarefas e etapas que vocês mais gostaram de realizar neste projeto? E quais menos gostaram de fazer?**

3 **Na eventual realização de uma nova edição do evento, o que vocês consideram que poderia ser reproduzido (casos de sucesso) e o que poderia ser melhorado (pontos de desenvolvimento)?**

4 **O que vocês consideram terem sido os principais aprendizados desenvolvidos na realização deste projeto?**

5 **Como vocês avaliam o resultado do simpósio em relação aos objetivos do projeto?**

6 **Quais impactos vocês consideram que a realização do projeto tenha causado na comunidade escolar?**

TRANSCRIÇÃO DOS ÁUDIOS

As transcrições aqui apresentadas não foram corrigidas de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, resguardando a autenticidade dos textos e preservando aspectos característicos das variações linguísticas e do registro oral das pessoas gravadas.

UNIDADE 1

Podcast: O conceito de *Amor Fati* (Página 54)

Locutor: O conceito de *Amor Fati*. Neste áudio, Bruno Neppo, bacharel e mestre em Filosofia e criador do canal *Filosofares*, apresenta um conceito fundamental da obra do pensador Nietzsche: o *Amor Fati*. O apresentador reflete sobre as origens do conceito e o detalhe da expressão, com base na origem dos termos da expressão. Vamos refletir sobre o *Amor Fati*?

Bruno Neppo: O *Amor Fati* é um conceito que o Nietzsche cunha a partir de uma inspiração dos estoicos. Os estoicos tinham uma interpretação em relação aos fatos da natureza muito interessante. Eles pensavam que os eventos eram uma realização de sucessivas causas: as coisas acontecem necessariamente porque outras anteriormente as causaram. E essas causas, elas não estão relacionadas a uma vontade divina ou uma ordem lógica preexistente e até mesmo metafísica. Esses acontecimentos são resultado de movimentações naturais, materiais da existência. Por isso acontecem diversas coisas que somos nós, os seres humanos, que interpretamos como positivas ou negativas, mas em si mesmo elas não são nem positivas nem negativas, são só acontecimentos naturais se desenvolvendo. Diante de um acontecimento que nós interpretamos como positivo, nós queremos sempre estendê-lo ao máximo, porque nós colocamos naquele acontecimento o motivo de nossa alegria e felicidade. Porém, ao mesmo tempo, a gente trabalha com uma inconstância emocional, tanto ao fato presente, porque a gente não quer que ele acabe, mas, ao mesmo tempo, a gente vive tentando prolongar essa duração e sofrendo com o possível acontecimento de seu término. Ao mesmo tempo também, antes de esse acontecimento feliz se dar, nós vivemos ansiando para que ele chegue, então cultivando também mais uma instabilidade emocional: a ansiedade. Nesse caso, os eventos naturais são alheios às nossas vontades e decisões, eles vão acontecer de forma necessária. Portanto, nada que nós façamos vai fugir dessa ordem natural das coisas. O problema também se manifesta quando acontece algo negativo, que nós julgamos negativo. Porque se nós lidarmos com essa situação de forma inconstante emocionalmente, como eu "tava" dizendo agora, nós também acabamos alimentando um sofrimento desnecessário. Porque a gente briga com o acontecimento, dizendo: "eu não queria que fosse assim"; "por que logo comigo?"; "por que desse jeito?". E aí você perde tempo, energia, se desgasta com a coisa que provavelmente vai passar, no seu tempo, na sua hora. Essa inspiração que o Nietzsche traz do *Amor Fati* também foi trabalhada no cristianismo. E ali no cristianismo, a partir, principalmente, de Santo Agostinho, ele vai dar uma nova conotação a esse conceito, querendo significar o seguinte: é o momento em que você aceita, que você se resigna diante dos fatos, a fim de entender aquilo como uma vontade de Deus, e, portanto, ao mesmo tempo, criando em si uma esperança de dias melhores. Ou, pelo menos, de uma situação em que a fatalidade não existirá mais, porque não existirá mais matéria. Portanto, se ligando à ideia de cidade de Deus, o lugar do paraíso, o lugar da ausência de sofrimento. "Então, Bruno, o que que é de fato *Amor Fati*?" Tá, eu te explico. *Amor Fati* é uma expressão latina que significa "amor aos fatos, aos acontecimentos necessários". Ou de forma mais direta, e, portanto, eu evito usar ela, porque ela dá, sim, um pouco de uma interpretação deturpada da própria ideia, que seria "amor ao destino". Nesse caso, a palavra "destino", ela não "tá" relacionada de forma nenhuma com uma vontade metafísica de um deus que tem que se realizar, ou um destino teleológico que nós todos vamos cumprir com a finalização ou a finalidade de nossas existências, portanto também preconcebidas. Não. O Nietzsche diz que esse amor é "aos acontecimentos" que virão de forma necessária, sobre os quais nós não temos nenhum controle. Por isso nós não podemos antecipá-los, então eliminamos o sofrimento da antecipação. Também nós não podemos ter controle nenhum sobre eles no momento do acontecimento, seja ele muito bom e, portanto, naquela tentativa de fazê-los perdurar, e também seja ele muito ruim, naquela tentativa de fazê-lo extinguir-se rapidamente. Nós não temos esse controle. E também elimina de nós um pensamento sobre o que virá depois. Tira de nós essa ansiedade de um sofrimento possivelmente futuro. Vamos pegar então separadamente as duas palavras e entender um pouco melhor. O que o Nietzsche chama de amor? Amor é uma vontade criadora, afirmativa. O Nietzsche entende amor muito próximo daquilo que o Spinoza já falava, como um afeto que aumenta em nós a capacidade de agir. O amor então é uma força criadora, propositora de um novo mundo, de um novo *status*. É a partir do amor que você pode, então, adentrar nos acontecimentos. Portanto, o que se estabelece aqui é uma relação afetiva com os acontecimentos, não uma relação gnosiológica. Então você não "tá" querendo entender o porquê das coisas, ou por que justamente aconteceu com você, ou por que não com você, né? A gente tem essa ideia um pouquinho deturpada de que a gente é melhor do que todo mundo. Esse amor, portanto, é o querer a realidade. É afirmar os fatos que se afirmam. Portanto, é uma afirmação da afirmação. Não só da sua vontade de se afirmar, mas também da afirmação dos fatos em relação a você e à sua vida. E o que que é *fati*? *Fati*, como eu já disse, é o jogo de forças naturais que acontecem ao nosso redor, que geram, de forma necessária, diversos acontecimentos que não têm nenhuma relação teleológica com a nossa vida. Então não foi para nos ensinar que algo aconteceu, não foi porque nós merecemos que algo aconteceu ou porque tinha que ser

Não escreva no livro.

logo comigo que algo aconteceu. As coisas aconteceram independente de sua existência ou não. Elas aparecem como necessárias a partir de outras causas que também foram necessárias por suas vezes. *Fati* seria, então, o jogo de cartas ou de dados que o Universo faz com os acontecimentos, que não tem nenhuma consciência por trás. Por isso, portanto, o Nietzsche precisa se afastar da ideia do cristianismo. *Amor Fati* não é uma aceitação. *Amor Fati* não é uma resiliência. *Amor Fati* não é uma humildade diante dos acontecimentos. *Amor Fati* é uma postura afirmativa, dizendo: "É isso que aconteceu? Portanto, é a partir disso que eu vou viver, porque as coisas não dependeram de minha escolha, mas a maneira como eu reajo depende de minha escolha".

Locutor: Episódio "Nietzsche: o conceito de *Amor Fati*". Crédito: Bruno Neppo/Canal Filosofares. Locução: Jader Cardoso/ID/BR.

Fonte de pesquisa: NIETZSCHE: O que é AMOR FATI?: Vocabulário Nietzschiano – A. [*S. l.: s.n.*], 8 maio 2019. 1 vídeo (9 min 58 s). Publicado pelo canal Filosofares – Bruno Neppo. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=l8OtFkPcLfA&ab_channel=Filosofares-BrunoNeppo. Acesso em: 10 out. 2024.

UNIDADE 5

Podcast: O uso de inteligência artificial nas eleições (Página 253)

Locutor: O uso de inteligência artificial nas eleições. No episódio "Bê-á-bá da IA: impactos positivos da IA nas eleições de 2024", do *podcast Bê-á-bá da IA*, o especialista em tecnologia Fernando Melo discute como a inteligência artificial pode influenciar o processo eleitoral, analisando tanto os impactos positivos como o aumento da disponibilidade de informações, quanto os negativos, ao problematizar o uso de *fake news* e *deepfakes* como estratégia de disseminação de mentiras.

Vinheta de abertura: *Bê-á-bá da IA: inteligência artificial de um jeito simples.*

Fernando Melo: Olá, eu sou Fernando Melo, especialista em inteligência artificial, e, aqui no *Bê-á-bá da IA*, nós vamos falar tudo sobre inteligência artificial [IA] de um jeito simples e prático. Ao longo da história, vimos diversas tecnologias serem aplicadas tanto para fins benéficos quanto prejudiciais. Os aviões, que revolucionaram o transporte e a conectividade global, se tornaram instrumentos de guerra. A internet, que possibilitou o compartilhamento global de conhecimento, igualmente se tornou um meio de desinformação e crimes cibernéticos. E os *drones*, que têm aplicações em pesquisa, agricultura e entretenimento, foram adaptados para uso militar. Esses exemplos ilustram como a mesma tecnologia pode ter impactos variados, dependendo de como e por quem é utilizada. A inteligência artificial é uma dessas tecnologias revolucionárias e é importante lembrar que a tecnologia em si não é boa nem má. Seu impacto depende de como é utilizada pelas pessoas. Precisamos fortalecer nossas instituições para punir aqueles que fazem mau uso das tecnologias, ao invés de condenar ou impedir o seu desenvolvimento. Afinal, a inovação pode trazer inúmeros benefícios para a sociedade. As eleições são um pilar fundamental da democracia. A IA terá um papel significativo nas eleições de 2024, com pleitos importantes ocorrendo em países populosos, como Índia, Brasil, Estados Unidos e Grã-Bretanha. Cerca de 2 bilhões de pessoas em todo o mundo exercerão o seu direito ao voto. Inevitavelmente, tanto pessoas bem-intencionadas quanto mal-intencionadas utilizarão a IA nessas eleições. Já vimos exemplos disso em eleições recentes. Além dos conhecidos vídeos *deepfakes*, existem outras ameaças, como a criação de áudios falsos imitando vozes de pessoas influentes, que são mais difíceis de identificar, e a produção de textos convincentes, com o objetivo de desinformar e confundir os eleitores. No entanto, a IA também pode e deve ser usada para o bem, beneficiando todos os envolvidos no processo eleitoral. Vamos ver alguns exemplos. Para os eleitores, a IA pode ser usada na verificação de fatos em tempo real, verificando instantaneamente a veracidade de informações compartilhadas; assistentes virtuais para esclarecer dúvidas sobre o processo eleitoral e as propostas dos candidatos; além de ferramentas de acessibilidade, como tradução automática de conteúdo eleitoral para pessoas com deficiência auditiva e visual. Já para os candidatos, a IA pode ajudar na análise de sentimento dos comentários dos eleitores, ou seja, se os comentários são positivos ou negativos sobre diversos temas do eleitorado, facilitando o entendimento das preocupações e expectativas dos cidadãos. Pode também criar assistentes digitais para ajudar na elaboração de propostas mais embasadas e viáveis. Para o TSE e demais instituições de controle, a IA pode ser usada para fazer a triagem automática de denúncias de atos ilícitos dos candidatos, acelerando a análise e eventual punição. Pode também fazer o monitoramento de redes sociais para combater a disseminação de desinformação, além de melhorar a qualidade do processo de prestação de contas dos candidatos. Em conclusão, a IA é uma ferramenta poderosa que pode transformar positivamente nossas eleições e fortalecer nossa democracia. Embora existam riscos, os benefícios potenciais são enormes. A solução passa por capacitar e apoiar as pessoas bem-intencionadas para usar a IA de forma ética e responsável, promovendo a transparência, a participação e a correta aplicação da IA no processo eleitoral. Por outro lado, precisamos estar vigilantes e cobrar das autoridades a punição daqueles que fizerem mau uso da tecnologia. O futuro de nossas eleições e de nossa democracia depende de como escolhemos usar essas ferramentas poderosas.

Locutor: *Podcast Bê-á-bá da IA: inteligência artificial de um jeito simples*. Episódio "Bê-á-bá da IA: impactos positivos da IA nas eleições de 2024". Crédito: Arquivo Rádio Senado. Locução: Jader Cardoso/ID/BR.

BÊ-Á-BÁ DA IA: impactos positivos da IA nas eleições de 2024. [Locução de]: Fernando Melo. Brasília, DF: Rádio Senado, 1º out. 2024. *Podcast*. Disponível em: https://www12.senado.leg.br/radio/1/conexao-senado/2024/07/04/be-a-ba-da-ia-impactos-positivos-da-ia-nas-eleicoes-de-2024. Acesso em: 10 out. 2024.

UNIDADE 6

Podcast: Agroecologia (Página 307)

Locutor: Agroecologia. O episódio "Mulheres Tupinambá criam produtos inovadores à base de mandioca no Pará", do *podcast Momento Agroecológico*, apresenta detalhes da produção, por mulheres indígenas, de produtos feitos com mandioca. Essa produção envolve questões culturais e comerciais e divulga ingredientes derivados da mandioca e que são diferenciais no mercado, como o tucupi preto, conhecido como o *shoyu* da Amazônia.

Vinheta: *Momento Agroecológico*.

Mariana Castro: Composta por cerca de quarenta famílias da comunidade de Surucuá, na Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns, uma associação coordenada pelas irmãs Mariane Chaves e Raquel Tupinambá tem resgatado os saberes ancestrais aliados à inovação e tecnologia para a produção sustentável. É o que explica Mariane Chaves, coordenadora da Associação de Moradores Agroextrativistas e Indígenas do Tapajós, a AMPRAVAT.

Mariane Chaves: Trabalhamos de forma coletiva através dos puxiruns, onde reunimos principalmente as mulheres, para fazer a produção e o beneficiamento dos produtos. Trabalhamos com os derivados da mandioca, principalmente a farinha amarela, a goma de tapioca, o carimã, os beijus, o tucupi preto, que deriva a partir do tucupi amarelo, que é o sumo da mandioca. Também trabalhamos com geleias de frutos daqui da região, molhos e caldas de... é... molhos de cogumelo nativos da floresta Amazônica.

Mariana Castro: A associação tem, em sua maioria, mulheres indígenas agroextrativistas, que, para além da produção, participam também de cursos de formação e garantem o fortalecimento da autonomia feminina na região.

Mariane Chaves: São as mulheres que são as responsáveis pela alimentação familiar. Então, elas precisam... é... ter essa conexão com a floresta, com a produção do alimento, principalmente na questão da qualidade. É... não pensando apenas na geração de renda, mas na segurança e soberania alimentar da sua família. Então, esse é um dos nossos principais objetivos: organizar a produção, gerando renda pras famílias e levando autonomia para as mulheres.

Mariana Castro: Raquel Tupinambá, filha da comunidade, mestre em Botânica, está por trás da inovação de produtos à base de mandioca, principal alimento beneficiado pela associação. As mulheres produzem desde o vinho de mandioca, chamado Mani-Oara, até o aclamado tucupi preto, batizado de Manibé, e conhecido como o *shoyu* da Amazônia. Ele pode ser consumido em saladas, peixes e frangos, mas com um sabor característico amazônico.

Raquel Tupinambá: Tem alguns produtos com destaque, que um deles é o tucupi preto. Ele vem do tucupi amarelo, que é o suco da mandioca. Então, o que se faz para que o tucupi preto, né, se torne esse produto diferente? É um processo de cozimento que é muito mais demorado. Então vai havendo uma redução aí do tucupi. E a gente tem um produto, um alimento muito maravilhoso, um sabor... é... diferente, uma coloração diferente, que a gente se utiliza dele, passa a utilizar ele como um tempero, que ele faz parte da nossa culinária, né? Desde muito tempo, a gente se utiliza dele para fazer algumas comidas. Eu destaco aqui o arubé, que é uma comida, que é ancestral. E a gente passa a também a comercializar ele pra fora, né, aqui na região de Santarém, nas regiões... é... do estado do Pará e também no Brasil. E é um produto que é produzido por outros povos indígenas. Ele é feito, né, é na nossa cultura indígena. Então, vários outros povos na Amazônia produzem também o tucupi preto.

Mariana Castro: Com uma unidade de beneficiamento da mandioca em fase de construção na comunidade, a associação vai além. E mais do que a geração de renda, a organização coletiva e os produtos chamam a atenção para a riqueza e importância da defesa das matas, das florestas e do rio Tapajós. Raquel Tupinambá reforça ainda o papel de enfrentamento à emergência climática e o fortalecimento da cultura indígena por meio da produção.

Raquel Tupinambá: A relação entre humanos e floresta, ela é necessária pra nossa existência enquanto população humana vivendo no planeta. A gente precisa ter essa boa relação para que a gente continue existindo. Então, os povos indígenas, eles sempre souberam disso. E aí a gente tem hoje essa oportunidade de passar a valorizar esse olhar, essa cosmovisão, o modo de vida indígena. Então, é muito nesse sentido que nós temos trabalhado aqui no meu território, junto com as mulheres, pensando esse enfrentamento à emergência climática, à destruição, né, das nossas vidas, das florestas, dos rios e, ao mesmo tempo, o empoderamento das mulheres, do povo, fortalecendo a nossa cultura.

Mariana Castro: Do Pará para a Rádio Brasil de Fato, Mariana Castro.

Locutor: *Podcast Momento Agroecológico*. Episódio "Mulheres Tupinambá criam produtos inovadores à base de mandioca no Pará". Crédito: Momento Agroecológico/Rádio Brasil de Fato. Locução: Jader Cardoso/ID/BR.

Momento Agroecológico: Mulheres Tupinambá criam produtos inovadores à base de mandioca no Pará. [Locução de]: Mariana Castro. [*S. l.*]: Rádio Brasil de Fato, 21 mar. 2024. *Podcast*. Disponível em: https://www.brasildefato.com.br/2024/03/21/mulheres-tupinamba-criam-produtos-inovadores-a-base-de-mandioca-no-para. Acesso em: 10 out. 2024.

Não escreva no livro.

BIBLIOGRAFIA COMENTADA

Aquino, Adriana Maria de; Assis, Renato Linhares de. *Agroecologia*: princípios e técnicas para uma agricultura orgânica sustentável. Rio de Janeiro: Embrapa Agrobiologia, 2005.

A obra expõe os princípios e as técnicas da agricultura orgânica, defendendo sua prática por possibilitar o acesso da população a alimentos livres de resíduos tóxicos e por preservar os ecossistemas e a saúde dos agricultores.

Arêas, Ana Paula M. *Visão crítica da biotecnologia*. Santo André: UFABC, Núcleo de Tecnologias Educacionais, 2016.

A obra expõe conceitos da biotecnologia e diferentes visões geradas pelas atuais pesquisas e práticas médicas e biotecnológicas, com o intuito de discutir a importância da bioética e suas principais linhas de atuação.

Bauman, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Tradução: Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

Considerado um dos maiores clássicos sobre a pós-modernidade, o livro discute e comenta incertezas e ansiedades características do período, ao qual o autor considera como marcado pela fluidez das relações. Nele, Bauman discute os impactos das constantes mudanças na vida em sociedade.

Boff, Leonardo. *Sustentabilidade*: o que é, o que não é. Petrópolis: Vozes, 2017.

Nessa obra, o teólogo e filósofo brasileiro Leonardo Boff discute as origens do conceito de sustentabilidade e investiga os diversos modelos existentes de desenvolvimento sustentável. Explora, também, o conceito de sustentabilidade integral, que busca integrar todas as dimensões da vida humana e da natureza.

Bosi, Ecléa. *Memória e sociedade*: lembranças de velhos. 9. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

A obra é fruto de uma longa pesquisa da psicóloga Ecléa Bosi (1936-2017), na qual, por meio de entrevistas com pessoas idosas, a autora reconstrói formas de viver, pensar e ver o mundo em um passado recente.

Bourdieu, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

Nessa obra, o sociólogo francês faz reflexões sobre os conceitos fundamentais da Sociologia e o ofício de sociólogo. Ele propõe novas categorias, sínteses e métodos de análise para esse campo do saber.

Bulfinch, Thomas. *O livro de ouro da mitologia*: histórias de deuses e heróis. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

Escritor estadunidense que viveu no século XIX, Thomas Bulfinch escreveu esse livro no intuito de divulgar os mitos de diferentes sociedades, com ênfase na mitologia grega, explorando sua força como narrativa literária.

Campbell, Joseph. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 2011.

Joseph Campbell foi um profundo conhecedor dos mitos. Nessa obra, em que o jornalista Bill Moyers o entrevista, seus principais conceitos e ideias são expostos e explicados de maneira didática e acessível.

Castro, Susana de. *Ontologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

O livro apresenta e discute os principais conceitos da ontologia, termo que se refere ao ser, àquilo que existe, e às suas características básicas, de maneira didática e acessível com base em autores como Aristóteles, Parmênides, Leibniz e Heidegger.

Châtelet, François; Duhamel, Olivier; Pisier-Kouchner, Evelyne. *História das ideias políticas*. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

A obra apresenta e discute o desenvolvimento do pensamento político ao longo do tempo, explorando correntes de pensamentos e filósofos que desenvolveram ideias fundamentais para a forma como compreendemos política no presente, bem como as transformações de ideias políticas ao longo do tempo.

Chaui, Marilena. *O ser humano é um ser social*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

O livro aborda a vida em sociedade, com base na ideia de que sociabilidade é uma característica fundamental da condição humana. A autora explora os impactos da convivência em sociedade na formação de nossas identidades, nossos valores e comportamentos, refletindo sobre como os indivíduos se constroem mutuamente dentro das estruturas sociais.

Chesneaux, Jean. *Devemos fazer tábula rasa do passado?*: sobre a história e os historiadores. São Paulo: Ática, 1995.

A obra do historiador francês Jean Chesneaux discute alguns dos fundamentos da História, tendo como base a defesa de que essa área do conhecimento deve extrapolar o ambiente acadêmico e assumir uma função social.

Eliade, Mircea. *Mito e realidade*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016. (Coleção Debates).

O filósofo romeno discute, nessa obra, os sentidos e os significados dos mitos e suas funções em diferentes sociedades. Para ele, os mitos devem ser entendidos no contexto cultural em que se originam e são importantes elementos de coesão e identidade social.

Feenberg, Andrew. O que é filosofia da tecnologia? [*S. l.*: *s. d.*]. Disponível em: http://www.sfu.ca/~andrewf/Feenberg_OQueEFilosofiaDaTecnologia.pdf. Acesso em: 23 ago. 2024.

O artigo busca definir a filosofia da tecnologia partindo de uma perspectiva histórica e explorando as diferentes teorias desse campo de conhecimento em discussão na atualidade.

Gonçalves, Renata de Sá; Ferro, Lígia (org.). *Cidades em mudança*: processos participativos em Portugal e no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad X, 2018.

Fruto da cooperação entre pesquisadores brasileiros e portugueses, essa obra discute a diversidade e a complexidade das dinâmicas urbanas contemporâneas do Rio de Janeiro e de Lisboa.

Habermas, Jürgen. *Direito e democracia*: entre facticidade e validade. Tradução: Flávio Beno Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997. v. 1.

Nesse livro, Habermas, analisa a relação entre o direito, a democracia e a sociedade contemporânea, propondo uma teoria do direito baseada na comunicação racional e no consenso, argumentando que a legitimidade democrática depende da participação pública e da deliberação coletiva.

Harvey, David *et al*. *Cidades rebeldes*: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

A obra é uma coletânea de textos de diversos autores, na qual busca-se interpretar e elaborar explicações para as manifestações conhecidas como jornadas de junho de 2013.

Lefebvre, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2008.

O filósofo e sociólogo francês inaugurou, com essa obra, um vasto estudo sobre a construção social do espaço urbano no século XX, considerando que esse fator, mais do que a industrialização, provocou profundas transformações sociais.

Le Goff, Jacques. *A história deve ser dividida em pedaços?* São Paulo: Ed. da Unesp, 2015.

Nessa obra, o historiador francês Jacques Le Goff investiga os processos que estabeleceram determinadas periodizações da história e as consequências delas no direcionamento de pontos de vista acerca desses períodos.

Lima, Alessandro Wendel Borges de *et al*. *Indústria 4.0*: conceitos e fundamentos. São Paulo: Blucher, 2018.

A obra discute a chamada Quarta Revolução Industrial (ou Indústria 4.0) sob variados ângulos, abordando seus conceitos e fundamentos, com o objetivo de subsidiar estudos que visem à implementação de políticas de desenvolvimento econômico no Brasil.

Malvezzi, Mariana. *Sustentabilidade e emancipação*: a gestão de pessoas na atualidade. São Paulo: Ed. Senac São Paulo, 2019.

Nessa obra, discute-se o conceito de sustentabilidade e suas implicações no gerenciamento de pessoas. A autora identifica o surgimento de um modelo de conduta considerado ecologicamente correto, que nem sempre se mostra eficaz, e propõe novas formas de abordagem do conceito de sustentabilidade no contexto da gestão empresarial.

Pãrõkumu, Umusĩ; Kẽhíri, Tõrãmũ. *Antes o mundo não existia*: mitologia dos antigos Desana-Kẽhíripõrã. São Gabriel da Cachoeira: FOIRN, 1995.

A obra, cujos autores são indígenas, reúne os principais mitos dos Desana, povo pertencente à família linguística Tukano que vive na Amazônia.

Prado, Helbert Medeiros. Quilombolas no vale do Ribeira. *Ciência Hoje*, Rio de Janeiro, n. 58, p. 32-37, 2016.

Esse artigo apresenta um panorama dos principais estudos acadêmicos sobre as comunidades quilombolas do vale do Ribeira, expondo alguns dos eventos que marcaram a história da ocupação quilombola na região.

Reis, Maurício de N.; Andrade, Marcilea F. F. de. O pensamento decolonial: análise, desafios e perspectivas. *Revista Espaço Acadêmico*, Maringá, n. 202, mar. 2018. Disponível em: https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/41070/21945. Acesso em: 23 ago. 2024.

O artigo discute o conceito de decolonialidade, levando em consideração o processo de reestruturação das nações africanas, e busca identificar as práticas políticas que se inspiram nessas ideias.

Sambuichi, Regina Helena Rosa *et al* (org.). *A política nacional de agroecologia e produção orgânica no Brasil*: uma trajetória de luta pelo desenvolvimento rural sustentável. Brasília, DF: Ipea, 2017.

Esse texto apresenta parte dos resultados de um estudo sobre a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (Pnapo). Investiga o histórico de construção dessa política e identifica a necessidade do reconhecimento de sua importância pela sociedade.

Thompson, Paul. *A voz do passado*: história oral. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

O sociólogo e historiador Paul Thompson é especialista em história oral, método que toma os relatos de experiências pessoais como fonte histórica fundamental para a reconstrução de determinado período do passado. Nessa obra, o autor desenvolve uma reflexão sobre esse método e defende seu uso nas pesquisas históricas.

Não escreva no livro.

MANUAL DO PROFESSOR

APRESENTAÇÃO

CARA PROFESSORA, CARO PROFESSOR,

O principal objetivo deste manual é oferecer aos docentes do Ensino Médio subsídios e sugestões para o trabalho cotidiano com os conteúdos da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e suas diversas possibilidades escolares e sociais.

O Novo Ensino Médio e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) regulamentam e propõem iniciativas para alguns dos desafios que enfrentamos atualmente como cidadãos brasileiros, por exemplo, estar preparados para as novas formas de emprego das novas tecnologias digitais, de informação e de comunicação, e para o uso ético e autônomo delas. A educação é o meio estratégico para que as transformações sociais possam ocorrer e para que os jovens brasileiros construam uma sociedade justa, alinhada aos valores universais e defensora da democracia e do Estado de direito.

Na primeira parte deste manual, são abordados os principais aspectos teóricos e metodológicos das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, bem como as perspectivas pedagógicas que embasam a coleção. Também são propostas reflexões e sugestões sobre os processos de avaliação sugeridos. Há, ainda, a descrição comentada da estrutura dos livros da coleção e dos conteúdos deste volume, além das referências bibliográficas mobilizadas, acompanhadas de sinopses.

A segunda parte deste manual contém orientações didáticas mais específicas para o planejamento e o trabalho em sala de aula. São disponibilizados, capítulo a capítulo, comentários, sugestões pedagógicas detalhadas, atividades complementares e respostas às atividades do Livro do Estudante. Nessa parte, também são apresentadas indicações de *sites*, livros, artigos, portais digitais, filmes e outros materiais que, de alguma maneira, possam apoiar a ação docente.

Com isso, é esperado que este material dê suporte à oferta de caminhos didáticos criativos e significativos às diversas comunidades escolares do país, ampliando as possibilidades de futuro dos jovens.

Bom trabalho!

Equipe editorial

SUMÁRIO

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA E ORGANIZAÇÃO DA OBRA 340

O Novo Ensino Médio e a Base Nacional Comum Curricular 340
Temas contemporâneos transversais 342
Juventudes, currículo e equidade 342
Escola e inclusão 343
O Ensino Médio e as Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 344
Ciências Humanas e Sociais e interdisciplinaridade 345
Do ensino da Filosofia: estratégias interdisciplinares 346
O uso de novas tecnologias no ensino de Geografia 346
O compartilhamento de informações e os impactos no ensino de História 347
Conjugar conhecimentos: Sociologia, Antropologia e Ciência Política 347
Desenvolvimento de competências e habilidades 348
Estratégias e abordagem teórico-metodológica 349
Metodologias ativas 350
Formas de organização da turma 351
Avaliação 351
Avaliação e novos paradigmas educacionais 352
Organização da obra 353
Sugestão de cronograma 354
Quadros de conteúdos da coleção 356
Leituras complementares 364
Bibliografia comentada 366

ORIENTAÇÕES E COMENTÁRIOS ESPECÍFICOS 369

Unidade 1 **Ser no mundo** 369
Unidade 2 **Em busca da verdade** 382
Unidade 3 **Diversidade epistemológica** 394
Unidade 4 **Viver coletivo** 408
Unidade 5 **Bioética: dilemas e responsabilidades** 420
Unidade 6 **Tecnologia e sustentabilidade** 432
Projeto **Simpósio filosófico: A Filosofia na prática** 447
Objetos digitais do livro 448

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA E ORGANIZAÇÃO DA OBRA

O NOVO ENSINO MÉDIO E A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

Esta coleção se estabelece como uma proposta para o ensino das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, que compreende os componentes curriculares Filosofia, História, Sociologia e Geografia, em diálogo com os princípios normativos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e com outros documentos curriculares. Nesse sentido, levantam-se duas questões para esse diálogo: Qual é a necessidade de uma base comum curricular? E, considerando-se a importância dos currículos escolares na construção da sociedade, como esse documento comum impacta no projeto de Ensino Médio, de escola, de educação, de sociedade e de nação?

A criação de uma base comum curricular está vinculada à necessidade de resolver questões pertinentes à educação que emergiram especialmente nas décadas de 2000 e 2010. Entre essas questões, destacam-se a:

- melhoria dos índices de aprendizagem em Língua Portuguesa e Matemática, conforme o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb);
- preocupação com a estrutura curricular, compreendida por 13 ou mais disciplinas antes da BNCC;
- necessidade de diversificar e flexibilizar o currículo, tendo como modelos os países que apresentam melhor desempenho no Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa, na sigla em inglês);
- necessidade de ampliar o acesso dos estudantes ao Ensino Superior, já que menos de 17% dos estudantes que concluem o Ensino Médio acessam o Ensino Superior;
- necessidade de garantir maior acesso à escola e a permanência dos estudantes, principalmente no Ensino Médio; e
- preocupação com a educação profissional, que atende cerca de 10% das matrículas dos estudantes.

Embora as décadas de 2000 e 2010 tenham sido decisivas para a definição de políticas públicas que resultaram nas propostas da BNCC e do Novo Ensino Médio, as formas de ensino-aprendizagem já eram especialmente questionadas desde a década de 1950. Em parte, esse questionamento se deve aos altos índices de evasão e de repetência, bem como a um imaginário da necessidade de "aperfeiçoamento" do corpo discente e "uniformização" da educação.

Nesse período, currículos regionais foram propostos com maior frequência e programas de produção e distribuição de materiais didáticos foram desenvolvidos. Com isso, as ideias e representações de ensino e aperfeiçoamento de professores começaram a circular cada vez mais no país (França, 2013), mas faltava ao debate político e educacional maior maturação, até mesmo para implementar uma reflexão ampla e nacional que buscasse abranger as diversidades regionais. Desde então, houve a implementação de iniciativas públicas fundamentais, como a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), em meados dos anos 1990, oriundas dos debates da Constituição de 1988. Entretanto, somente em 2014, com a construção do Plano Nacional de Educação (PNE) e, com ele, a definição das vinte metas para a melhoria da Educação Básica, o processo que resultou na atual BNCC teve maior impulso.

Em junho de 2015, um grupo formado por especialistas em educação começou a elaborar a primeira versão da BNCC. De julho a outubro do mesmo ano, o grupo passou a contar com a colaboração de técnicos das Secretarias de Educação e também de professores. Entre outubro de 2015 e março de 2016, o debate sobre o documento se intensificou, pois o projeto possibilitou a ampla participação dos educadores nos diálogos sobre a BNCC. Por meio de uma plataforma digital, qualquer pessoa ou instituição poderia comunicar suas análises e considerações sobre o documento. Após o processamento e a análise de todas as contribuições, uma banca de especialistas de todas as áreas do conhecimento consolidou a terceira versão da BNCC para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental, homologada em 2017.

Vale lembrar que a BNCC é fundamentada no artigo 206 da Constituição Federal de 1988, que trata da garantia de padrão de qualidade da educação, bem como no diálogo com as diretrizes educativas de organismos internacionais, como o Banco Mundial, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e a Organização das Nações Unidas (ONU). O documento também prevê o crescimento da eficiência do sistema educacional público, facilitando, por exemplo, a avaliação de rendimento dos estudantes por meio de exames de larga escala. Ainda sobre a Constituição Cidadã, é salutar lembrar que apenas a partir dela se desenvolvem incentivos reais para a universalização do Ensino Médio, além das legislações já citadas.

A construção em diálogo com a sociedade foi uma tentativa de integrar as diferentes visões de mundo, em busca de um consenso mínimo para a construção da Base Nacional Comum Curricular. De acordo com o documento, a BNCC nasce como:

> Referência nacional para a formulação dos currículos dos sistemas e das redes escolares dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios e das propostas pedagógicas das instituições escolares [...].
>
> Nesse sentido, espera-se que a BNCC ajude a superar a fragmentação das políticas educacionais, enseje o fortalecimento do regime de colaboração entre as três esferas de governo e seja balizadora da qualidade da educação. Assim, para além da garantia de acesso e permanência na escola, é necessário que sistemas, redes e escolas garantam um patamar comum de aprendizagens a todos os estudantes, tarefa para a qual a BNCC é instrumento fundamental.
>
> (Brasil, 2018a, p. 8)

O documento apresenta um projeto educacional de **formação integral** que visa constituir uma sociedade alicerçada em valores e princípios éticos, políticos e estéticos comprometidos com a justiça, a democracia e a inclusão social. Para isso, reconhece que a educação tem um compromisso com a formação e o desenvolvimento humano global, em todas as suas dimensões (intelectual, física, afetiva, social, ética, moral e simbólica).

Mas isso não é algo inédito nos debates sobre a educação: trata-se da oficialização de movimentos que já faziam parte do cenário educativo. Por isso, a BNCC dialoga com documentos que são referência da política educacional, como a LDB e o PNE, já citados, e as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCNEM), de 2018.

A BNCC também dialoga com documentos ligados aos organismos internacionais, como a *Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável* (ONU, 2015) e a *Global Competency for an Inclusive World* (OCDE, 2018). A interlocução com esses textos aparece principalmente na abertura do documento, na qual se destaca o discurso educacional dos organismos internacionais.

Diferentemente de outros textos políticos educacionais, o interlocutor da BNCC é toda a sociedade, e não apenas docentes, gestores escolares e estudantes. Dessa forma, reforça-se a concepção de que a BNCC representa um projeto de sociedade e, mais do que isso, de nação, cujos cidadãos – por meio da educação – aprenderão as competências e as habilidades necessárias para a transformação da sociedade brasileira naquela que se pretende construir por meio do conhecimento que mobiliza para o agir com consciência, ética e autonomia.

O eixo norteador do documento é o **desenvolvimento das aprendizagens essenciais dos estudantes**, em uma perspectiva de eficiência educativa e em consonância com o proposto pelas avaliações realizadas em larga escala. Para isso, estabelece as competências gerais e essenciais, que são compreendidas como:

> [...] mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho.
>
> (Brasil, 2018a, p. 8)

Assim, estas são as competências gerais para a Educação Básica:

> **1.** Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
>
> **2.** Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
>
> **3.** Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
>
> **4.** Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
>
> **5.** Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
>
> **6.** Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
>
> **7.** Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
>
> **8.** Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
>
> **9.** Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
>
> **10.** Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.
>
> (Brasil, 2018a, p. 9-10)

De acordo com Antoni Zabala, o desenvolvimento de competências e habilidades desloca o foco dos currículos do conteúdo para a aprendizagem:

> Não é suficiente saber ou dominar uma técnica, nem é suficiente sua compreensão e sua funcionalidade, é necessário que o que se aprende sirva para poder agir de forma eficiente e determinada diante de uma situação real. É nisso que estamos envolvidos.
>
> (Zabala, 2014, p. 10)

Não basta saber *o que* fazer; é essencial saber *para quê*. Assim, o desenvolvimento de competências e habilidades não objetiva apenas a obtenção de melhores resultados nas avaliações; ele é uma resposta a anseios como "o que o estudante fará com o que estuda?", ou seja, preocupa-se com o agir. A finalidade passa a nortear o processo de aprendizagem, e o foco desloca-se da formação centrada na transmissão de conhecimentos e memorização para um modelo fundamentado no desenvolvimento por competências. Ainda segundo Zabala:

> A competência identificará aquilo que qualquer pessoa necessita para responder aos problemas aos quais se deparará ao longo da vida. Portanto, competência consistirá na intervenção eficaz nos diferentes âmbitos da vida mediante ações nas quais se mobilizam, ao mesmo tempo e de maneira inter-relacionada, componentes atitudinais, procedimentais e conceituais.
>
> (Zabala, 2014, p. 42-43)

É importante salientar que a BNCC não se propõe a "uniformizar" os currículos, e sim a relacionar as escalas nacional, regional e local ao pensar a educação brasileira, orientando o processo de formação dos currículos escolares e do corpo discente com base na diversidade de realidades locais.

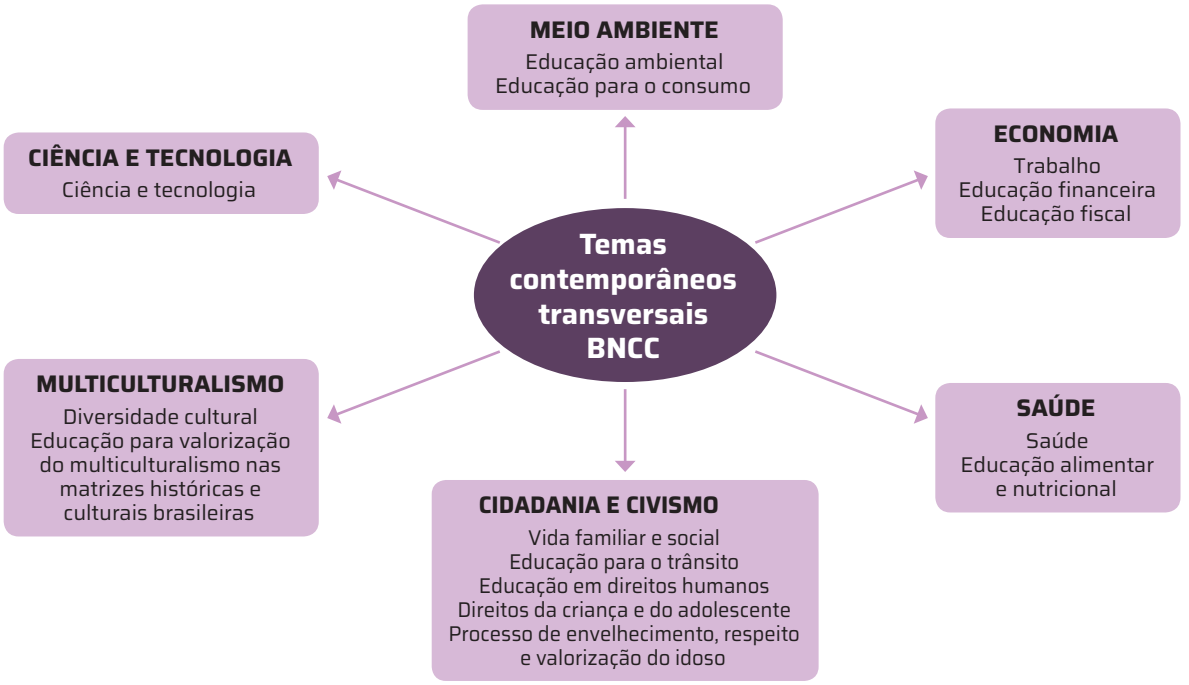
Dessa forma, o documento coloca em pauta o pensamento intercultural, cujas pretensões se opõem aos processos de uniformização do outro.

Entende, ainda, a educação integral como o desenvolvimento do estudante em todas as suas dimensões – intelectual, física, emocional, social e cultural –, tendo em vista as múltiplas culturas juvenis. E isso envolve a responsabilidade não só da escola, mas também das famílias, dos educadores em geral e da comunidade.

Temas contemporâneos transversais

A BNCC também orienta que as escolas e redes de ensino incorporem a seus respectivos currículos e a suas propostas pedagógicas o trabalho com Temas Contemporâneos Transversais (TCTs). O objetivo é contextualizar o ensino com temas que afetam a vida humana, que despertam o interesse dos estudantes e que têm relevância em sua formação como cidadãos em diversas escalas (local, regional e global).

Os TCTs possibilitam estabelecer ligações entre diferentes componentes curriculares, atendem às demandas da sociedade contemporânea e contribuem para um ensino integrador e transversal. Essa abordagem se baseia na problematização da realidade e das situações de aprendizagem, na integração das habilidades e competências curriculares à resolução de problemas e na visão do conhecimento como uma construção coletiva. Os TCTs perpassam diferentes áreas do conhecimento e se dividem em seis grandes áreas temáticas, ilustradas no esquema a seguir.



Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Temas contemporâneos transversais na BNCC*: proposta de práticas de implementação. Brasília: MEC/SEB, 2019. p.13.

Juventudes, currículo e equidade

De acordo com Dayrell e Carrano, observou-se, nas últimas décadas, uma mudança significativa na forma como os jovens se comportam e se comunicam e no modo como expressam suas identidades e opiniões, por meio de linguagens culturais. No contexto urbano, o sentido de pertencimento a um grupo somado aos impulsos pessoais de expressão de subjetividade levou os jovens a ocupar espaços públicos para produzir e expressar suas culturas. Assim, tais espaços passaram a ser entendidos como locais de uso coletivo ou espaços sociais que potencializam os encontros, as trocas e a expressão de suas culturas. E os jovens passaram a se reunir nesses lugares não só para compartilhar ideias com seus pares e fruir de manifestações artísticas, mas também para produzir músicas, vídeos, programas de rádios comunitárias, eventos culturais, entre outras formas de expressão.

> Por meio da produção dos grupos culturais a que pertencem, muitos deles recriam as possibilidades de entrada no mundo cultural além da figura do espectador passivo, ou seja, como criadores ativos. Por meio da música ou da dança que criam, dos shows que fazem ou dos eventos culturais que promovem, eles colocam em pauta, no cenário social, o lugar do jovem, principalmente no caso dos mais empobrecidos.
>
> Dayrell, Juarez; Carraro, Paulo; Maia, Carla Linhares (org.). *Juventude e ensino médio*: sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2014. p. 116.

Assim, os jovens estabeleceram uma nova relação com o consumo de bens culturais, tornaram-se protagonistas em seus meios e criaram novas formas de atuar na sociedade. Tudo isso indica que é salutar aproximar-se das culturas juvenis, acolhendo suas diversas modalidades de expressão, em uma educação que visa ao protagonismo e à autonomia.

Uma diferença importante é que muitos jovens do século XXI estão utilizando diversas formas de interação multimidiática e multimodal, em aplicativos educativos ou de entretenimento, por exemplo, e especialmente atuando nas redes sociais. Nesse cenário, existe um elemento fundamental a ser considerado: a desigualdade de acesso aos recursos tecnológicos. Enquanto algumas pessoas sentem que o uso exagerado das telas acirrou o imediatismo, o individualismo e a solidão, outras se sentem isoladas exatamente pelo inverso, ou seja, por não terem acesso a essas tecnologias e à internet. A pandemia de covid-19, que se iniciou em 2020 e persistiu por alguns anos, potencializou e escancarou os sentimentos de isolamento, ansiedade e exclusão, que não se restringiram a esse período, mas se tornaram problemas reais para famílias e para a sociedade de forma ampla.

Se já não podíamos antes dizer que existe uma juventude, no singular, e padronizar nossa entrega aos estudantes, hoje, depois da publicação da BNCC e de tantos estudos nas áreas de educação, psicologia e sociologia, é imprescindível olhar para as individualidades e procurar enxergar que um jovem de periferia

de uma metrópole provavelmente não tem as mesmas necessidades que um jovem residente em um pequeno município rural, por exemplo. Temos uma diversidade de jovens e de juventudes, no Brasil e no mundo – basta pensarmos em alguns fatores que claramente impactam a forma de vivenciar o mundo e ser jovem, como gênero, local de residência, cor de pele, cultura da comunidade em que está inserido.

A rede pública de ensino agrupa, em suas salas de aula, estudantes com diferentes perfis econômicos, sociais, políticos, identitários e de instrução e, por isso, para que os objetivos de aprendizagem façam sentido para cada grupo específico de estudantes (ou seja, de cada escola, de cada ano, de cada turma), é preciso que esses objetivos sejam definidos com base no que se conhece de cada estudante, assegurando, com isso, que não se recorra a práticas de massificação e apagamento das diferenças observadas na turma, mas, sim, que se promova a equidade na educação. Equidade, como a própria BNCC explicita, significa, na prática, reconhecer que as necessidades dos estudantes são diferentes.

Ao fazer as escolhas curriculares, é papel de cada rede considerar a comunidade que a integra, de forma ampla, assim como devem ficar nas mãos das escolas e dos professores as escolhas necessárias para que esse currículo dialogue com a realidade de seus estudantes e os engaje no desejo de aprendizagem. Ou seja, a equidade se explicita a cada escolha feita pelos atores que compõem cada rede estadual e municipal de ensino e cada comunidade escolar, e essas decisões devem, necessariamente, dialogar com os diferentes perfis culturais e socioeconômicos que cada sala de aula acolhe. Não se trata de uma tarefa fácil. Por isso, sob essa perspectiva, é preciso engajamento, colaboração e respeito mútuo, para que seja possível garantir um melhor índice nas aprendizagens e uma cultura de paz na comunidade escolar e em seu entorno.

Escola e inclusão

Compreender que a diversidade é uma característica intrínseca à sociedade e, por consequência, às salas de aula é imperioso. Cada estudante traz uma bagagem de habilidades, experiências e necessidades, e é papel da escola e dos educadores reconhecer e valorizar essa diversidade. É essencial reconhecer que cada estudante é único e apresenta demandas e capacidades muito próprias.

Para aprofundar as percepções sobre a múltipla diversidade de condições dos estudantes do Ensino Médio, é importante identificar as especificidades das deficiências e dos transtornos. De acordo com o Estatuto da Pessoa com Deficiência (n. 13.146/2015) , as pessoas com deficiência são aquelas que "têm impedimentos de longo prazo de natureza física, intelectual, mental ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.".

Por sua vez, de acordo com a Resolução n. 4/2009 do Conselho Nacional de Educação Básica (Brasil, 2009), os alunos com transtornos do neurodesenvolvimento são os "que apresentam um quadro de alterações no desenvolvimento psicomotor, comprometimento nas relações sociais, na comunicação ou estereotipias motoras". Os transtornos do neurodesenvolvimento englobam uma diversidade de condições que podem variar em nível e em grau, de acordo com o contexto. Nesse sentido, é possível citar o Transtorno do Espectro Autista (TEA), a Deficiência Intelectual (DI), o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e os transtornos de aprendizagem, sendo os mais comuns entre estes últimos a dislexia, a discalculia e a disgrafia.

É necessário compreender os desafios enfrentados pelos jovens que têm transtornos dessa ordem. Muitos deles podem apresentar dificuldades relativas a comunicação, interação social, compreensão das emoções dos outros, aprendizado acadêmico e comportamentais, sendo necessário adotar abordagens pedagógicas específicas para atender às necessidades de cada uma delas.

Por outro lado, as deficiências agrupam grande diversidade de condições humanas e podem se apresentar em diferentes dimensões, como a física (no caso de pessoas surdas e/ou cegas, de usuários de cadeiras de rodas, etc.) e a intelectual (por exemplo, a Síndrome de Down). Assim como ocorre com os transtornos, é importante garantir ambientes que possam receber esses estudantes em tais condições e preparar-se para incentivá-los de maneira específica, adaptando propostas pedagógicas e ampliando o repertório escolar concernente a esse cenário.

Resumindo, esses jovens exigem uma política de gestão da escola para recebê-los e cuidar de sua formação de acordo com seus direitos e possibilidades. A arquitetura inclusiva é essencial para facilitar o acesso à escola não só aos estudantes com condições físicas específicas, mas também a outras pessoas que tenham dificuldade de locomoção. É preciso incluir a disponibilização de material didático adaptado, a implementação de estratégias de ensino diferenciadas, como currículo individualizado, o suporte emocional e comportamental (se necessário), a tutoria e o uso de recursos digitais e até mesmo visuais (como cartões de emoções, que ajudam a identificar os próprios sentimentos e compartilhá-los com outras pessoas).

Outra estratégia eficaz é trabalhar com os jovens habilidades de resolução de problemas e conflitos. Aqueles que apresentam tais transtornos podem se sentir desafiados em situações de conflito, o que pode ser sanado ou amenizado mediante o ensino de habilidades de negociação, escuta e empatia.

Em relação às Ciências da Natureza, pode-se explorar propostas de trabalho colaborativo, em duplas ou grupos, a expressão oral ou a dramatização como recursos para entender ou explicar o pensamento. No entanto, para cada jovem não bastam as estratégias de ensino, mas, também, repensar o que ensinar em função de suas possibilidades. Algumas orientações que podem auxiliar seu planejamento para esses estudantes são:

- **Organizar o trabalho**, combinando com a turma a maneira de trabalho com os estudantes, de modo que todos saibam o que se espera de cada um. Por exemplo, começar a aula organizando o que será feito, as tarefas e, se for o caso, as expectativas diferenciadas para os estudantes com deficiência.
- **Selecionar conteúdos**, relacionando os conceitos das Ciências da Natureza ao contexto e às experiências dos estudantes.
- **Utilizar recursos digitais e ferramentas *on-line*** que os estudantes possam acessar em função de seu potencial, inclusive permitindo retomadas ou preparação prévia de qualquer lugar. Plataformas de aprendizagem *on-line*, vídeos educativos e aplicativos interativos podem ser muito úteis.
- **Planejar o ensino colaborativo** por meio do trabalho em grupo e a aprendizagem colaborativa. Diferentes estudantes podem se beneficiar ao compartilhar seus conhecimentos e habilidades.

Por fim, as decisões para a real inclusão de estudantes com deficiências devem sempre levar em conta que a ideia a ser promovida é evidenciar, bem como assegurar, em condições de igualdade, que a pessoa com deficiência faz parte do grupo social e é aceita do modo como se apresenta. Não se trata de oferecer concessões ou favores, mas de demarcar o território escolar como um espaço de acolhimento e de cidadania. Portanto, escolas verdadeiramente inclusivas são importantíssimas para a construção de uma sociedade inclusiva. Acreditamos, com isso, que a diversidade de condições físicas e neurológicas pode ser bem atendida quando há promoção de valores como colaboração e empatia; criação de ambientes acolhedores e seguros; valorização ativa da diversidade; envolvimento da comunidade.

O ENSINO MÉDIO E AS CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS

A concepção de área de conhecimento das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas tem relação, segundo França (2013), com estudos desenvolvidos na década de 1950 pelo Instituto Internacional de Pedagogia de Sèvres, em Paris, França. Esse centro de pesquisa possuía uma escola experimental, onde eram realizadas pesquisas educacionais que fomentaram discussões acerca do papel das Ciências Sociais na investigação de problemas escolares e de questões de ordem social. O debate estava alinhado aos fundamentos da Escola Nova, que ganhou força no Brasil a partir da década de 1930, por meio de cursos de formação de professores e da circulação de guias curriculares que defendiam um sistema de ensino público e laico, com liberdade de pensamento, que, entre outras questões, possibilitasse a superação das desigualdades sociais brasileiras.

Outro debate importante nesse sentido ocorreu a partir da publicação do *Guia Metodológico para Cadernos MEC – Estudos Sociais* (1971), cujo prefácio, escrito por Humberto Grande, diretor executivo da Fundação Nacional do Material Escolar (Fename), apresentou os então Estudos Sociais como *atividade* interdisciplinar, concepção bem próxima da ideia de integração e interdisciplinaridade difundida na atualidade. Sob a representação de Estudos Sociais, essa concepção de ensino circulou nas Escolas Normais, nos centros de treinamento, nos cursos de "aperfeiçoamento" de professores, nas publicações pedagógicas e nos materiais didáticos.

Relacionar aspectos da concepção de Estudos Sociais à concepção de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas não significa afirmar que sejam considerados a mesma coisa. Porém, pode ajudar a compreender melhor como, nesse movimento de aproximação e distanciamento de representações sobrepostas no decorrer do tempo histórico, foi constituído o que hoje é chamado de área de conhecimento Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Se, no passado, a área de Estudos Sociais era um aglutinado de conceitos mais ou menos desconexos que fomentavam práticas de memorização de nomes de relevo, hidrografia, capitais de países, datas cívicas e nomes de batalhas, sem a devida contextualização dos processos temporais e espaciais, das estruturas sociais e do campo ético, a atual área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, de acordo com a BNCC, tem como foco a formação integral do cidadão, balizada por preceitos éticos e democráticos, que reforçam a valorização da autonomia de pensamento e a superação de desigualdades. Cabe a essa área de conhecimento oportunizar aos educandos a compreensão dos elementos essenciais da cultura dos povos e a promoção do sentimento de justiça e de empoderamento democrático, princípios essenciais para a formação humana e social.

De acordo com a BNCC:

> [...] [A] área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas – integrada por Filosofia, Geografia, História e Sociologia – propõe a ampliação e o aprofundamento das aprendizagens essenciais desenvolvidas no Ensino Fundamental, sempre orientada para uma formação ética. Tal compromisso educativo tem como base as ideias de justiça, solidariedade, autonomia, liberdade de pensamento e de escolha, ou seja, a compreensão e o reconhecimento das diferenças, o respeito aos direitos humanos e à interculturalidade, e o combate aos preconceitos de qualquer natureza.
>
> (Brasil, 2018a, p. 561)

Apresentamos, a seguir, alguns exemplos práticos da importância estratégica das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas para a formação ética e cidadã:

- identificar e analisar as relações de poder, assim como dialogar e refletir sobre elas, favorece a formulação de percepções sobre a sociedade em que se vive e sobre os impactos dessas relações em diferentes níveis na própria comunidade, como a formação do território ocupado;
- investigar as próprias identidades culturais e refletir sobre elas possibilita não apenas o autoconhecimento, mas também a percepção sobre si e sobre os outros, sobre o modo como os estudantes colocam no mundo suas identidades individuais e coletivas, afetando desde as relações pessoais até as relações institucionais;
- debater e fomentar essas ideias promove a apreensão filosófica dos estudantes e colabora para torná-los críticos e atentos ao mundo em que vivem.

Como é possível observar, a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas tem entre seus objetivos provocar os estudantes para a percepção crítica do conhecimento, com o intuito de buscar soluções sociais criativas e éticas. A concepção apresentada pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações para essa área do conhecimento é consonante com aquela observada na BNCC, como é possível identificar a seguir.

> As pesquisas em ciências humanas vão desde o estudo do comportamento humano passando pela interação em contextos sociais, culturais, ambientais, econômicos e políticos, aos desenvolvimentos da linguagem, artes e arquitetura. Estas pesquisas têm na dinâmica humana sua centralidade, com focos históricos ou contemporâneos, de contextos pessoais a globais, e consideram o nosso preparo para os desafios do futuro. Por meio da pesquisa em macroáreas da Linguística, Artes, Humanidades, Ciências Sociais, Sociais Aplicadas e Ética, e de seus desdobramentos e inter-relações, espera-se a habilitação coletiva da sociedade brasileira em sua capacidade de questionar, pensar criticamente, resolver problemas, comunicar de maneira eficaz, tomar decisões e adaptar-se às mudanças. Responder aos desafios humanos exige uma compreensão dos principais fatores, linguísticos, cognitivos, históricos, geográficos, políticos, econômicos, culturais, éticos e sociais envolvidos, e como esses diferentes fatores se inter-relacionam.
>
> (Brasil, [20--])

Percebe-se, por essa concepção, que a escola que se pretende é aquela que ensina a pensar, por meio do domínio teórico-metodológico característico dos componentes curriculares relacionados à área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

> Considerando as aprendizagens a ser garantidas aos jovens no Ensino Médio, a BNCC da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas está organizada de modo a **tematizar e problematizar algumas categorias da área**, fundamentais à formação dos estudantes: Tempo e Espaço; Territórios e Fronteiras; Indivíduo, Natureza, Sociedade, Cultura e Ética; e Política e Trabalho. Cada uma delas pode ser desdobrada em outras ou ainda analisada à luz das especificidades de cada região brasileira, de seu território, da sua história e da sua cultura.
>
> (Brasil, 2018a, p. 562)

Ciências Humanas e Sociais e interdisciplinaridade

Garantir um processo adequado de transição do Ensino Fundamental para o Ensino Médio é um desafio que se impõe ao processo de formação escolar. Além da mudança do ciclo escolar, há, em marcha, a mudança da própria estrutura do Ensino Médio, como discutido anteriormente.

O tempo vivido pelo estudante no Ensino Médio é caracterizado por inquietudes que não são silenciosas; ao contrário, são bastante expressivas. É nessa vivência, caracterizada pela intensificação das questões existenciais, sociais e culturais próprias da adolescência, que os estudantes assumem novos compromissos e responsabilidades, constituindo seu modo de ser e estar no mundo. Dessa forma, a questão que se impõe à escola é: Como a escola pode contribuir para potencializar a vida dos jovens?

Para isso, uma possibilidade é apostar em uma educação intercultural, que significa pensar a organização do currículo escolar tendo como foco os estudantes, contemplando a aceitação e o respeito às diferenças e à diversidade cultural.

É importante considerar que a escola exerce um papel fundamental para a formação humana por meio de práticas educativas planejadas e intencionais. É essencial, nesse processo, incentivar os estudantes a exercitarem a autonomia, ou seja, o efetivo protagonismo, dando oportunidade à produção e à apropriação de saberes de forma crítica, incentivando os diálogos culturais e gerenciando as questões relacionadas ao universo do adolescente.

Assim, a escola se abrirá para a diversidade das culturas juvenis, buscando olhar, aproximar e sentir o outro em toda a complexidade da sua formação humana. Nesse aspecto, as Ciências Humanas e Sociais Aplicadas desempenham um papel essencial na educação da juventude, já que permitem investigar, analisar, identificar e observar de modo crítico o mundo e a sociedade, os papéis sociais, as dinâmicas de poder e outras características culturais que favorecem as percepções sobre a própria identidade e, também, as possibilidades de transformação social.

As Ciências Humanas em geral, muitas vezes, formularam conceitos globais e abrangentes, explicando a realidade, sem estabelecer limites muito rígidos entre o seu objeto e os objetos de outras ciências. Isso deixou como legado um vasto campo para tratamentos interdisciplinares.

Aponta-se, portanto, para a integração interdisciplinar sem perder de vista os conhecimentos disciplinares e estruturada em torno de objetivos comuns e do estudo de problemas concretos, que sirvam como temas integradores.

É possível, assim, estabelecer diálogos entre disciplinas e, ao mesmo tempo, mobilizar o conhecimento delas para o tratamento dos temas de forma interdisciplinar.

O desafio é construir uma prática pedagógica articulada em torno de objetivos construídos em conjunto por grupos de professores de diferentes disciplinas, que passam a ser estruturadores do trabalho pedagógico ao mobilizar os conteúdos de suas disciplinas que contribuam para a abordagem do tema escolhido.

> A interdisciplinaridade é vivenciada pelo homem sempre que ele se apropria de algum conhecimento em suas relações com o mundo. O simples fato de acordar, trabalhar e interagir com outros indivíduos, e com isso alterar sua forma de pensar e de agir, constitui uma atividade interdisciplinar. As diferentes formas de conhecimentos que precisam ser acionadas no dia a dia correlacionam-se para que o ser humano possa aprimorar novas estratégias que facilitem sua vida.
>
> (Giordani, 2000, p. 81)

Conforme o pensamento de Jean Piaget (1896-1980), citado por Giordani, a interdisciplinaridade é o movimento que a ciência faz em busca da produção de conhecimentos mais abrangentes. Embora aconteça no cotidiano, em relação ao conhecimento científico e à prática didática, esse movimento não é espontâneo, devendo fundamentar-se em um planejamento que deixe evidente sua intencionalidade.

Desse modo, espera-se que essa escola favoreça o desenvolvimento do conhecimento socialmente produzido e acumulado, aliado às propostas de flexibilidade, autonomia e protagonismo que se pretende desenvolver na formação dos estudantes. Assim, as Ciências Humanas e Sociais Aplicadas visam promover um processo de aprendizagem para a formação de cidadãos autônomos e capazes de fazer uso dos próprios conhecimentos para solucionar problemas de diversas naturezas ao longo da vida.

> No Ensino Fundamental, a BNCC se concentra nos processos de tomada de consciência do Eu, do Outro e do Nós, das diferenças em relação ao Outro e das diversas formas de organização da família e da sociedade em diferentes espaços e épocas históricas. Para tanto, prevê que os estudantes explorem conhecimentos próprios da Geografia e da História: temporalidade, espacialidade, ambiente e diversidade (de raça, religião, tradições étnicas etc.), modos de organização da sociedade e relações de produção, trabalho e poder, sem deixar de lado o processo de transformação de cada indivíduo, da escola, da comunidade e do mundo.
>
> (Brasil, 2018a, p. 561)

Dessa forma, no Ensino Médio, torna-se possível ao estudante aprofundar e ampliar os conhecimentos, desenvolvendo a competência de articular informações e conhecimentos de forma argumentativa e dialogada.

> Portanto, no Ensino Médio, a BNCC da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas propõe que os estudantes desenvolvam a capacidade de estabelecer **diálogos** – entre indivíduos, grupos sociais e cidadãos de diversas nacionalidades, saberes e culturas distintas –, elemento essencial para a aceitação da alteridade e a adoção de uma conduta ética em sociedade. Para tanto, define habilidades relativas ao **domínio** de conceitos e metodologias próprios dessa área. As operações de identificação, seleção, organização, comparação, análise, interpretação e compreensão de um dado objeto de conhecimento são procedimentos responsáveis pela construção e desconstrução dos significados do que foi selecionado, organizado e conceituado por um determinado sujeito ou grupo social, inserido em um tempo, um lugar e uma circunstância específicos.
>
> (Brasil, 2018a, p. 561-562)

A organização por área do conhecimento permite que o processo de ensino-aprendizagem seja abordado de forma contextualizada e aplicado à realidade, favorecendo a adoção de abordagens que se fundamentam na investigação de situações-problema e oportunizando o desenvolvimento de competências e habilidades que contribuam para a formação integral do estudante.

Nesse sentido, a integração ocorre entre os componentes curriculares, e a interdisciplinaridade se dá no diálogo, próprio e distinto, entre os saberes desses componentes, conforme a identidade e a especificidade metodológica de cada um. A concepção de área de conhecimento permite ao professor a percepção e a efetivação da docência pautada na forma mais ampla dos fenômenos humanos e sociais aplicados à práticas sociais.

Do ensino da Filosofia: estratégias interdisciplinares

A grande incumbência pedagógica da Filosofia é mostrar aos jovens o sentido de sua existência concreta. É assim que a Filosofia se torna formativa, na medida em que ela permite ao jovem dar-se conta do lugar que ocupa na realidade histórica de seu mundo, como ele se situa no seu contexto real de existência. Cabe à Filosofia, pois, ajudá-lo a compreender o sentido de sua própria experiência existencial, situando-a em relação ao sentido da existência humana em geral. Pode-se então dizer que o papel pedagógico da Filosofia, na condição de uma mediação curricular, é o de subsidiar o jovem aprendiz a ler o seu mundo e a se ler inserido nele. Eis por que se diz que se quer levar o aluno à reflexão, ao exercício do pensamento, à apreensão do sentido das coisas. [...]

Esse processo de transposição didática da Filosofia não pode ser visto separadamente de uma visão mais abrangente do processo formativo como um todo, tal como precisa se realizar também no Ensino Médio. Nesse contexto de escolaridade, Ciências e Filosofia têm uma tarefa comum, ao visarem à formação do adolescente no Ensino Médio: através do conhecimento, levá-los a uma compreensão mais conceitual do significado de sua existência concreta no contexto da existência mais abrangente do mundo natural, do mundo social e do mundo cultural. O próprio lado predominantemente técnico-institucional, profissionalizante, só faz sentido para o adolescente nesse contexto mais amplo. Assim, todo o currículo do Ensino Médio precisa voltar-se para esse objetivo intrínseco. Bem entendido não é só a que forma: são todas as disciplinas, assim como todas as demais práticas curriculares, tanto quanto o próprio contexto da convivência escolar que respondem, conjuntamente, pelo investimento na formação do estudante. O currículo atua como uma mediação, paralelamente à própria atuação do professor e todas as suas estratégias didático-pedagógicas. Por sua vez, o conhecimento se realiza mediante diversas modalidades de linguagens: a científica, a estética, a ética, a política, a epistemológica, a técnica etc., que constituem os discursos assumidos e praticados pelas diversas disciplinas. Com sua perspectiva de síntese, a Filosofia pode trabalhar conjuntamente com essas várias disciplinas, articulando suas linguagens e explicitando aquelas dimensões abordadas de modo especializado pelas Ciências. A interdisciplinaridade, para ser fecunda, pressupõe que também a Filosofia tenha, no currículo, o status de disciplina autônoma. [...]

As abordagens de cunho interdisciplinar vão referir-se, predominantemente, às situações do campo existencial concreto das pessoas e das sociedades, pois é nele que objetos, eventos e situações se apresentam marcados por uma complexidade mais qualitativa. [...]

Utilizando materiais comuns, desenvolvendo atividades conjuntas, debatendo temas de interesse recíproco, explorando interfaces, o trabalho didático pode ser feito de forma integrada, a partir de programações elaboradas e executadas de comum acordo, ponto a ponto ou por módulos de Filosofia, trabalhando sintética e simultaneamente as dimensões abordadas pelas Ciências. Essa atividade integrada tem uma utilidade de mão dupla – a abordagem de uma disciplina reforçando a de outra –, além de assegurar convergência e motivação de interesse por parte dos alunos.

(Severino, 2011, p. 82- 85)

O uso de novas tecnologias no ensino de Geografia

O uso de novas tecnologias aplicadas ao ensino de Geografia é uma necessidade cada vez mais presente na prática da educação escolar e o que levou o presente estudo a fazer uma reflexão sobre os meios de transportes aéreo e marítimo, com o uso dos recursos tecnológicos, disponíveis na internet: Google Maps, site das rotas dos aviões – Flightradar24 e rota dos navios – Marine Traffic, uma vez que no mundo contemporâneo as revoluções culturais e tecnológicas provocam incessantes mudanças nas organizações e no pensamento humano revelando um novo universo no dia a dia das pessoas, de forma muito rápida. Diante desta realidade se faz necessário repensar as práticas pedagógicas na sala de aula. O uso de recursos tecnológicos pode favorecer o aprofundamento de diversas disciplinas, em particular a Geografia, pois o estudo do espaço geográfico como hoje é entendido, requer a apropriação de métodos diversos para o seu entendimento. Nessa direção insere-se a cartografia digital com destaque para o Google Maps, uma ferramenta gratuita na internet, fornecida pela empresa Google, a qual disponibiliza um serviço de pesquisa e visualização de mapas e imagens de satélites da Terra. Desse modo, o ensino da Geografia, bem como de outras disciplinas, deve estar articulado com as ferramentas tecnológicas disponíveis na escola. [...]

Percebe-se que muitos recursos tecnológicos já se encontram nas escolas, no entanto, não se percebem as mudanças que os mesmos podem proporcionar, pois segundo Moran, "As tecnologias chegaram na escola, mas estas sempre privilegiaram mais o controle a modernização da infra-estrutura e a gestão do que a mudança." [...] Porém, acreditamos que essa realidade pode mudar, uma vez que as novas tecnologias podem contribuir com os professores na sua tarefa de transmitir conhecimento e desenvolver uma nova forma de ensinar, cada vez mais criativa e dinâmica, como aponta Archela: "A necessidade de procurar caminhos para trabalhar de uma forma mais criativa é tão importante para o professor quanto para os alunos" [...]. Tais recursos permitem trabalhar os conteúdos da Geografia, a exemplo da informática, que com o uso de programas computacionais e da internet, auxiliam o professor em seu trabalho. [...]

Um dos recursos tecnológicos de fácil acesso, gratuitamente, através da internet, é o Google Maps, uma ferramenta de pesquisa e visualização de mapas, desenvolvido pela empresa Google. Através deste aplicativo é possível a visualização de mapas de uma cidade ou do planeta como um todo, possibilitando ao usuário a localização de cidades, bairros, ruas e diferentes pontos geográficos com rapidez e facilidade. Sendo uma ferramenta que todo professor de Geografia tem que conhecer, pois facilita a compreensão da cartografia em diferentes escalas geográficas: planeta, continente, país, estado, cidade e bairro, possibilitando a visualização de imagens entre mapa, satélite e terreno. Também a criação de trajetórias e rotas entre pontos escolhidos pelos utilizadores. Outro aplicativo disponível no Google Maps é o Street View que permite a visualização de diversos locais do planeta por meio de fotos em 360 graus no nível da rua. Este recurso permite a exploração de áreas de cidades sem sair do local de origem. O Google Maps não foi desenvolvido para fins educacionais, mas é uma ferramenta de grande potencial para ajudar no processo ensino-aprendizagem da geografia. Vale salientar que as possibilidades que esta ferramenta apresenta para o ensino da Geografia são diversas.

(Oliveira, 2016, p. 3-8)

O compartilhamento de informações e os impactos no ensino de História

A escola não pode ignorar o fato de crianças e jovens terem acesso diariamente a todo esse conteúdo que circula nas redes sociais e nos meios de comunicação em suas casas ou outros espaços através [da] televisão, [de] smartphones, [de] tablets ou [de] outro equipamento transmissor e receptador de dados conectados à internet. […]

Numa sociedade tecnológica, o educador assume um papel fundamental como mediador das aprendizagens [na medida em que] traz para dentro da sala de aula o debate, tornando esse espaço propício para a reflexão e a mudança de paradigmas frente aos desafios impostos pela realidade. Cabe ao professor analisar cuidadosamente os materiais encontrados e colocados à disposição dos seus alunos nas redes virtuais, compreendendo que os mesmos mecanismos que permitem a proliferação das notícias falsas podem ser desmascarados com idêntica rapidez.

É papel do professor/historiador analisar a fundo as informações que compartilha em suas redes sociais próprias e os conteúdos que compartilha seja através de seus espaços de interação virtuais ou na sala de aula, bem como utilizar aquilo que circula na internet com um objetivo pedagógico e não apenas como passatempo, promovendo o debate necessário acerca de determinadas posturas e posicionamentos. Nos últimos anos temos visto aumentar as manifestações de todo tipo de preconceito e ódio nas redes sociais. Em nome da liberdade de expressão, internautas, usuários e grupos intolerantes tem destilado veneno na rede e conquistado discípulos. A ignorância e a intolerância precisam ser combatidas. Merece a nossa atenção constante a questão dos memes sempre utilizarem imagens de personagens de atores e atrizes de novelas, filmes e seriados contemporâneos, políticos e personagens históricos para repassarem valores. A simbologia que esses personagens reiteram é relevante, uma vez que se produzem falas, comportamentos, atitudes que se tornaram sistemáticas e que passaram a construir significados na sociedade num determinado momento histórico. Em relação a isso, percebe-se que esses personagens integram o imaginário e ideário, permeado de ideologias, representando classes, demonstrando poder e hegemonia de determinados grupos em detrimento de outros. Produção de memes deve promover uma reflexão sobre o uso da imagem, a construção linguística, o conhecimento prévio, entre outros aspectos que são relevantes ao conhecimento do aluno e sua consciência crítica sobre o uso das linguagens. O professor não pode deixar de reconhecer que os memes disputam as memórias do que é de fato conhecimento histórico construído e sistematizado ao longo dos processos históricos. Mas, se os memes interferem nas aulas, sobretudo nas de história, isso de algum modo pode ser utilizado a favor delas. Essa nova forma de se comunicar e transmitir informações, dependendo da abordagem que for dada, pode render bons debates e aulas de história que assegurem na prática o cumprimento do seu caráter questionador. A disciplina de história é campo fértil para uma ação relevante sobre discussões do presente e na formação de cidadãos autônomos [...]. Refletir sobre as realidades vividas e as transformações, compreendendo o passado sem perder de vista as peculiaridades dos desafios atuais, é uma tarefa atribuída aos professores de história. E esse exercício deve ser feito com a consciência de que não se deve emitir juízo de valores. É necessário considerar as mentalidades próprias dos sujeitos envolvidos, dos períodos estudados e observá-los com lentes do presente.

(Bezerra, 2020, p. 4-11)

Conjugar conhecimentos: Sociologia, Antropologia e Ciência Política

[…]. A obrigatoriedade da disciplina de Sociologia nos currículos do Ensino Médio, espaço por excelência das ciências sociais que deve conjugar conhecimentos de Sociologia, Antropologia e Ciência Política – impele a Antropologia a construir um novo lócus para debate e a refletir sobre as questões referentes à Educação Básica. Agora, o ensino de conteúdos antes pensados apenas para o Ensino Superior deve também ser pensado para o Ensino Médio, apresentando desafios para os professores com essa formação, tanto no nível pedagógico quanto metodológico […]

O ensino de Sociologia permite que a Antropologia e a Ciência Política, que embora não sejam disciplinas obrigatórias, possam fazer parte da formação e estejam presentes no processo de ensino-aprendizagem. Nesse contexto, é importante considerar o fato de a Antropologia fornecer elementos teórico-metodológicos para se pensar as sociedades atuais. A partir de noções como experiências culturais, rede de relações, papéis sociais e o processo de constituição das identidades sociais, pode-se compreender os contextos sociais, culturais, políticos e econômicos através dos constantes fluxos, dos hibridismos, do multiculturalismo, das novas identidades e sociabilidades contemporâneas, na maioria das vezes marcados por atitudes etnocêntricas e de diferenciações entre "nós" e os "outros".

O papel da Sociologia, e consequentemente da Antropologia, na escola, está atrelado a uma formação para a cidadania e vivência com as diversidades, contribuindo para o desenvolvimento de competências cognitivas e culturais, levando em consideração os conhecimentos prévios dos jovens estudantes. Problemas como o reconhecimento da alteridade e das diversas formas de exclusão e desigualdades sociais, no Brasil e no mundo, podem ser abordados a partir de uma perspectiva socioantropológica […]

Partimos do pressuposto de que a Antropologia, dentro da disciplina de Sociologia, pode ajudar alunos e professores da Educação Básica a conhecer, relativizar e pensar criticamente a diversidade e a desigualdade que conforma a realidade brasileira, desmistificando noções já naturalizadas e/ou especializadas. À Antropologia cabe a investigação sobre a especificidade do comportamento, da organização, dos valores, sentimentos e crenças das sociedades humanas, enfim, seu estilo de vida e cosmovisão.

Ancorados em metodologia própria, os antropólogos estão habilitados a oferecer interpretações de práticas culturais e de representações simbólicas específicas dos diferentes grupos sociais, proporcionando um olhar de alcance profundo sobre a vida em sociedade. Com esta finalidade, a coleta de dados empíricos, etnográficos, por meio do trabalho de campo, dos levantamentos de histórias de vida, depoimentos e entrevistas em profundidade, pesquisa documental de fontes primárias, secundárias e teóricas, permite interpretações de realidades que podem nortear antropologicamente as possibilidades de atuação de instituições, envolvendo os diferentes grupos sociais, culturais e políticos. […] o ensino da Antropologia, através da disciplina de Sociologia, pode ajudar alunos e professores da Educação Básica a conhecer, relativizar e pensar criticamente a diversidade e a desigualdade que conformam a realidade brasileira, desmistificando noções já naturalizadas.

(Silva, 2021, p. 4-11)

Desenvolvimento de competências e habilidades

É esperado que os estudantes do Ensino Médio sejam capazes de: obter informações; comunicar-se; argumentar; compreender; agir; identificar problemas; fazer escolhas; propor soluções, entre outras competências ou qualificações. O trabalho com competências e habilidades, além de reforçar o aspecto interdisciplinar, estimula a autonomia, o protagonismo e o pensamento crítico dos estudantes, levando-os a um papel central como sujeitos do próprio aprendizado. Elencamos, a seguir, as competências específicas e as habilidades de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas para o Ensino Médio (Brasil, 2018a, p. 571-579).

CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS NO ENSINO MÉDIO: COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS E HABILIDADES

Competência específica 1

Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica.

(EM13CHS101) Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.

(EM13CHS102) Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.

(EM13CHS103) Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros).

(EM13CHS104) Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.

(EM13CHS105) Identificar, contextualizar e criticar tipologias evolutivas (populações nômades e sedentárias, entre outras) e oposições dicotômicas (cidade/campo, cultura/natureza, civilizados/bárbaros, razão/emoção, material/virtual etc.), explicitando suas ambiguidades.

(EM13CHS106) Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica, diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais, incluindo as escolares, para se comunicar, acessar e difundir informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

Competência específica 2

Analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão das relações de poder que determinam as territorialidades e o papel geopolítico dos Estados-nações.

(EM13CHS201) Analisar e caracterizar as dinâmicas das populações, das mercadorias e do capital nos diversos continentes, com destaque para a mobilidade e a fixação de pessoas, grupos humanos e povos, em função de eventos naturais, políticos, econômicos, sociais, religiosos e culturais, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.

(EM13CHS202) Analisar e avaliar os impactos das tecnologias na estruturação e nas dinâmicas de grupos, povos e sociedades contemporâneos (fluxos populacionais, financeiros, de mercadorias, de informações, de valores éticos e culturais etc.), bem como suas interferências nas decisões políticas, sociais, ambientais, econômicas e culturais.

(EM13CHS203) Comparar os significados de território, fronteiras e vazio (espacial, temporal e cultural) em diferentes sociedades, contextualizando e relativizando visões dualistas (civilização/barbárie, nomadismo/sedentarismo, esclarecimento/obscurantismo, cidade/campo, entre outras).

(EM13CHS204) Comparar e avaliar os processos de ocupação do espaço e a formação de territórios, territorialidades e fronteiras, identificando o papel de diferentes agentes (como grupos sociais e culturais, impérios, Estados Nacionais e organismos internacionais) e considerando os conflitos populacionais (internos e externos), a diversidade étnico-cultural e as características socioeconômicas, políticas e tecnológicas.

(EM13CHS205) Analisar a produção de diferentes territorialidades em suas dimensões culturais, econômicas, ambientais, políticas e sociais, no Brasil e no mundo contemporâneo, com destaque para as culturas juvenis.

(EM13CHS206) Analisar a ocupação humana e a produção do espaço em diferentes tempos, aplicando os princípios de localização, distribuição, ordem, extensão, conexão, arranjos, casualidade, entre outros que contribuem para o raciocínio geográfico.

Competência específica 3

Analisar e avaliar criticamente as relações de diferentes grupos, povos e sociedades com a natureza (produção, distribuição e consumo) e seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à proposição de alternativas que respeitem e promovam a consciência, a ética socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional, nacional e global.

(EM13CHS301) Problematizar hábitos e práticas individuais e coletivos de produção, reaproveitamento e descarte de resíduos em metrópoles, áreas urbanas e rurais, e comunidades com diferentes características socioeconômicas, e elaborar e/ou selecionar propostas de ação que promovam a sustentabilidade socioambiental, o combate à poluição sistêmica e o consumo responsável.

(EM13CHS302) Analisar e avaliar criticamente os impactos econômicos e socioambientais de cadeias produtivas ligadas à exploração de recursos naturais e às atividades agropecuárias em diferentes ambientes e escalas de análise, considerando o modo de vida das populações locais – entre elas as indígenas, quilombolas e demais comunidades tradicionais –, suas práticas agroextrativistas e o compromisso com a sustentabilidade.

(EM13CHS303) Debater e avaliar o papel da indústria cultural e das culturas de massa no estímulo ao consumismo, seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à percepção crítica das necessidades criadas pelo consumo e à adoção de hábitos sustentáveis.

(EM13CHS304) Analisar os impactos socioambientais decorrentes de práticas de instituições governamentais, de empresas e de indivíduos, discutindo as origens dessas práticas, selecionando, incorporando e promovendo aquelas que favoreçam a consciência e a ética socioambiental e o consumo responsável.

(EM13CHS305) Analisar e discutir o papel e as competências legais dos organismos nacionais e internacionais de regulação, controle e fiscalização ambiental e dos acordos internacionais para a promoção e a garantia de práticas ambientais sustentáveis.

(EM13CHS306) Contextualizar, comparar e avaliar os impactos de diferentes modelos socioeconômicos no uso dos recursos naturais e na promoção da sustentabilidade econômica e socioambiental do planeta (como a adoção dos sistemas da agrobiodiversidade e agroflorestal por diferentes comunidades, entre outros).

Competência específica 4

Analisar as relações de produção, capital e trabalho em diferentes territórios, contextos e culturas, discutindo o papel dessas relações na construção, consolidação e transformação das sociedades.

(EM13CHS401) Identificar e analisar as relações entre sujeitos, grupos, classes sociais e sociedades com culturas distintas diante das transformações técnicas, tecnológicas e informacionais e das novas formas de trabalho ao longo do tempo, em diferentes espaços (urbanos e rurais) e contextos.

(EM13CHS402) Analisar e comparar indicadores de emprego, trabalho e renda em diferentes espaços, escalas e tempos, associando-os a processos de estratificação e desigualdade socioeconômica.

(EM13CHS403) Caracterizar e analisar os impactos das transformações tecnológicas nas relações sociais e de trabalho próprias da contemporaneidade, promovendo ações voltadas à superação das desigualdades sociais, da opressão e da violação dos Direitos Humanos.

(EM13CHS404) Identificar e discutir os múltiplos aspectos do trabalho em diferentes circunstâncias e contextos históricos e/ou geográficos e seus efeitos sobre as gerações, em especial, os jovens, levando em consideração, na atualidade, as transformações técnicas, tecnológicas e informacionais.

Competência específica 5

Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.

(EM13CHS501) Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade.

(EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.

(EM13CHS503) Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.

(EM13CHS504) Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.

Competência específica 6

Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

(EM13CHS601) Identificar e analisar as demandas e os protagonismos políticos, sociais e culturais dos povos indígenas e das populações afrodescendentes (incluindo as quilombolas) no Brasil contemporâneo considerando a história das Américas e o contexto de exclusão e inclusão precária desses grupos na ordem social e econômica atual, promovendo ações para a redução das desigualdades étnico-raciais no país.

(EM13CHS602) Identificar e caracterizar a presença do paternalismo, do autoritarismo e do populismo na política, na sociedade e nas culturas brasileira e latino-americana, em períodos ditatoriais e democráticos, relacionando-os com as formas de organização e de articulação das sociedades em defesa da autonomia, da liberdade, do diálogo e da promoção da democracia, da cidadania e dos direitos humanos na sociedade atual.

(EM13CHS603) Analisar a formação de diferentes países, povos e nações e de suas experiências políticas e de exercício da cidadania, aplicando conceitos políticos básicos (Estado, poder, formas, sistemas e regimes de governo, soberania etc.).

(EM13CHS604) Discutir o papel dos organismos internacionais no contexto mundial, com vistas à elaboração de uma visão crítica sobre seus limites e suas formas de atuação nos países, considerando os aspectos positivos e negativos dessa atuação para as populações locais.

(EM13CHS605) Analisar os princípios da declaração dos Direitos Humanos, recorrendo às noções de justiça, igualdade e fraternidade, identificar os progressos e entraves à concretização desses direitos nas diversas sociedades contemporâneas e promover ações concretas diante da desigualdade e das violações desses direitos em diferentes espaços de vivência, respeitando a identidade de cada grupo e de cada indivíduo.

(EM13CHS606) Analisar as características socioeconômicas da sociedade brasileira – com base na análise de documentos (dados, tabelas, mapas etc.) de diferentes fontes – e propor medidas para enfrentar os problemas identificados e construir uma sociedade mais próspera, justa e inclusiva, que valorize o protagonismo de seus cidadãos e promova o autoconhecimento, a autoestima, a autoconfiança e a empatia.

Estratégias e abordagem teórico-metodológica

Definir os pressupostos teóricos e metodológicos desta coleção implica considerações teóricas amplas e complexas. Por isso, neste manual, opta-se por fazê-lo a partir do diálogo entre a teoria e a prática. Assim, dialogando com a proposta dos documentos curriculares apresentados, propõe-se uma perspectiva intercultural, que se fundamenta na diversidade cultural e se contrapõe à condição colonial, ainda existente, mesmo depois da independência de países dos continentes americano, asiático e africano. Os fundamentos dessa posição estão na construção de posturas de valorização de diversas visões de mundo, no diálogo de saberes e na estreita relação entre teoria e prática.

O objetivo é potencializar o olhar para a realidade com o intuito de compreendê-la em sua totalidade e em sua complexidade. Por isso, as propostas de ensino e de aprendizagem têm como base a realidade dos educandos, sempre que possível problematizando-as e relacionando-as em níveis locais, regionais e mundiais. São fruto de realidades socioeconômicas, políticas e culturais diversificadas e complexas, que podem ser mais bem compreendidas de um ponto de vista interdisciplinar que rompa com a fragmentação do saber.

Para isso, a coleção propõe certa reordenação geopolítica do conhecimento, retomando a memória coletiva de povos indígenas, africanos e afro-brasileiros, bem como de outras comunidades historicamente subalternizadas e invisibilizadas no trato oficial. Também assume uma postura crítica diante dos cânones, que devem ser conhecidos como repertório cultural, mas também debatidos e problematizados.

É importante considerar que o saber e a cultura precedem a ciência. É o saber acumulado, que circula social e culturalmente, que constrói a ciência. Assim, torna-se fundamental incentivar no estudante a reflexão sobre a relação entre seus conhecimentos prévios e o saber científico, além de estimular a alteridade, o relativismo cultural e o raciocínio próprio da ciência, abordando os aspectos metodológicos de uma pesquisa, por exemplo.

A proposta para o atual Ensino Médio tem como princípios pedagógicos a pesquisa e a interdisciplinaridade. Assim, ao longo dos volumes, enfatiza-se a metodologia de pesquisa, com a aplicação de técnicas e métodos diversificados para a construção do saber científico, reconhecendo que o conhecimento é desenvolvido e apreendido de maneiras diferentes e dinâmicas.

A pesquisa é um processo de questionamento da realidade, que propicia, a partir disso, a reconstrução e a ressignificação do conhecimento. Ter a pesquisa como princípio educativo contribui para que o estudante se torne sujeito dos processos de ensino-aprendizagem, possibilitando ao professor ser, cada vez mais, um orientador responsável por propor seu modo criativo de teorizar e praticar a pesquisa.

A diversidade cultural apresenta-se como um recurso para ampliar a visão da integridade humana, valorizando a divergência, o respeito e o compartilhamento na construção das práticas sociais e culturais.

Interculturalidade e decolonialidade

A educação é estratégica para a transformação social e, por isso, abordagens que incentivem a interculturalidade e a decolonialidade são importantes, seja no modo de pensar cotidianamente, seja em termos científicos. Mais uma vez, não se trata de rejeitar cânones, já que eles fazem parte de muitas identidades brasileiras, sul-americanas e ocidentais, mas de admitir outras matrizes de pensamento e de valorizá-las tanto quanto os cânones. Os resultados esperados, em última instância, são a valorização e o respeito aos conhecimentos e saberes da comunidade, assim como a conscientização acerca das responsabilidades individuais e coletivas sobre os espaços (físicos e culturais) onde se vive.

Portanto, sugere-se que, no planejamento docente, a busca pela decolonialidade da educação seja constante. Também se incentiva o ativismo social, desenvolvendo ações de colaboração intercultural, como a escuta do outro por meio de atividades didáticas como a criação de assembleias estudantis; a organização de rodas de conversa; o planejamento e a execução de exposições, entre muitas outras possibilidades. Em diferentes momentos da coleção, apresentam-se conteúdos que visam ressignificar os espaços tradicionais da escola, por meio de atividades que objetivam engajar a comunidade escolar, promovendo a ação protagonista dos estudantes, a mediação dos docentes e a participação de funcionários da escola, dos moradores do entorno e das famílias dos estudantes.

Para dar conta dessas escolhas, optou-se pela mobilização de **metodologias ativas**, com foco na **resolução de problemas** e no incentivo do **protagonismo juvenil**. Essa decisão reverbera tanto nos tipos de atividade propostos quanto nos contextos mobilizadores de aprendizagem. Ambos vão incentivar os estudantes a buscar os conhecimentos necessários para elaborar análises sobre os problemas apresentados e as ações possíveis para resolvê-los.

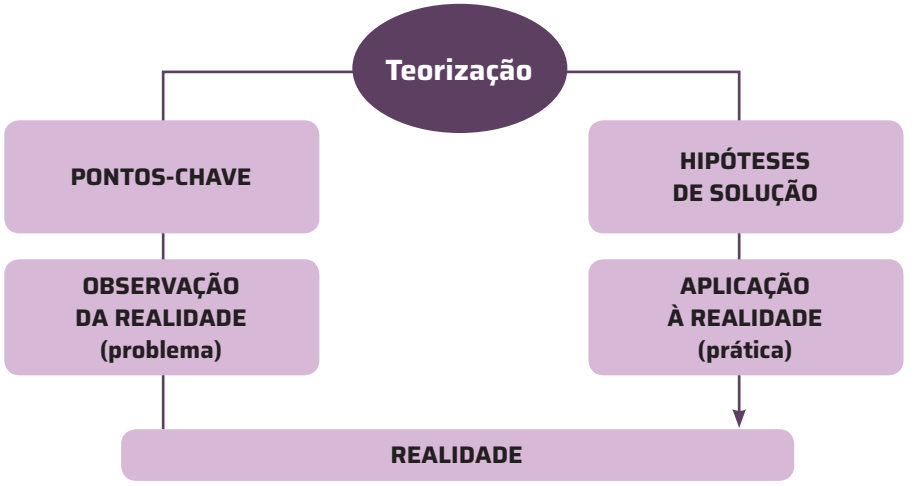
Metodologias ativas

> O grande desafio deste início de século [XXI] está na perspectiva de se desenvolver a autonomia individual em íntima coalizão com o coletivo. A educação deve ser capaz de desencadear uma visão do todo – de interdependência e de transdisciplinaridade –, além de possibilitar a construção de redes de mudanças sociais, com a consequente expansão da consciência individual e coletiva. Portanto, um dos seus méritos está, justamente, na crescente tendência à busca de métodos inovadores, que admitam uma prática pedagógica ética, crítica, reflexiva e transformadora, ultrapassando os limites do treinamento puramente técnico, para efetivamente alcançar a formação do [...] ser histórico, inscrito na dialética da ação-reflexão-ação.
>
> (Mitre, 2008)

O excerto acima assinala aspectos importantes das metodologias ativas, isto é, aquelas que fomentam práticas que não trazem ações em um plano ideal, e sim na realidade, nos espaços concretos, levando em consideração a pluralidade escolar e, também, a das comunidades brasileiras. Essas práticas, que envolvem a organização de grupos de trabalho, a identificação de questões do cotidiano, o desenvolvimento de pesquisas, a sistematização das descobertas, a divulgação científica, o planejamento das ações e a transformação objetiva do entorno, possibilitam aos estudantes desenvolver habilidades e competências por meio da resolução de problemas que fazem parte de suas vidas, seja em nível individual, seja em diferentes níveis coletivos. O deslocamento do protagonismo da pesquisa, nesse caso, sai do conteúdo puro e simples e passa para o estudante-pesquisador, que vai em busca do conhecimento para solucionar questionamentos que lhe causam algum impacto.

Essas estratégias também fomentam a autonomia e a tomada de decisões conscientes por parte dos jovens, aspectos essenciais para a formação de cidadãos aptos a conduzir as transformações de mundo preconizadas pelos projetos políticos veiculados pela BNCC e pelos demais documentos nacionais e internacionais que as embasam.

A utilização de metodologias ativas para a resolução de situações-problema pode ser esquematizada com base no diagrama conhecido como **arco de Maguerez** – nome dado em alusão a seu desenvolvedor, o pesquisador francês Charles Maguerez –, apresentado a seguir:



Fonte de pesquisa: Prado, Marta Lenise do *et al*. Arco de Charles Maguerez: refletindo estratégias de metodologia ativa na formação de profissionais de saúde. *Escola Anna Nery*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, mar. 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-81452012000100023&script=sci_arttext. Acesso em: 11 set. 2024.

No diagrama, é possível observar que o trabalho para a resolução de determinada situação-problema necessariamente parte da realidade concreta e retorna a ela, seja na observação do problema, seja na aplicação de sua resolução. Esse processo, ancorado na realidade, contribui para o desenvolvimento do pensamento crítico dos estudantes, bem como de sua autonomia e de seu protagonismo, além de valorizar as culturas juvenis e suas soluções inovadoras.

Nesta coleção, essas perspectivas ativas podem ser notadas desde a escolha dos grandes temas até os recortes estabelecidos para sua observação, análise e reflexão, especialmente nas propostas de pesquisa e ampliações oferecidas aos estudantes. As atividades, por exemplo, envolvem diferentes processos cognitivos, como a análise, a definição, a resolução e a comparação, com a finalidade de possibilitar ao estudante o desenvolvimento de um pensamento autônomo e metódico para a identificação e a resolução de problemas, favorecendo, assim, a análise de dados de forma lógica e o reconhecimento de padrões e generalizações para aplicar esses processos na resolução de problemas diversos. Essa abordagem contribui, em parte, para que os estudantes adotem posturas mais éticas no uso das novas tecnologias da informação, como as computacionais, e mais conscientes quanto à lógica de seu desenvolvimento e funcionamento.

Assim, pretende-se incentivar essas abordagens no processo de ensino-aprendizagem, que não se encerra no livro didático, mas o extrapola, atingindo não apenas os atores diretos (estudantes e docentes), mas também a comunidade escolar. Há, também, uma preocupação com o desenvolvimento da capacidade e dos modos de se expressar, argumentar e debater coerentemente. A seção *Práticas de texto*, por exemplo, aproxima-se dessa questão contribuindo para a formação de estudantes capazes de compreender a linguagem e as relações entre o que está explícito no texto e aquilo que, ao contrário, exige do leitor uma inferência, um pensamento, uma conclusão.

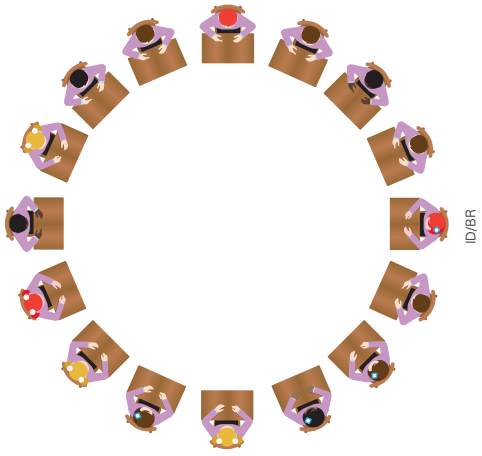
Formas de organização da turma

Pensar a escola é pensar em um espaço, pois é por meio das relações, reações, vivências e convivências nesses ambientes que professores e estudantes se formam juntos. A organização alternativa das carteiras em sala de aula tem como objetivo atender melhor às necessidades diversas dos estudantes, promover interações mais significativas e facilitar métodos de ensino mais dinâmicos e participativos.

As disposições em círculo ou em U, por exemplo, permitem que todos os estudantes se vejam e se ouçam claramente, facilitando a discussão em grupo, a colaboração e o compartilhamento de ideias. Isso não apenas enriquece a experiência de aprendizagem, mas também ajuda a desenvolver habilidades sociais e comunicativas essenciais para o sucesso dentro e fora da sala de aula. Outra possibilidade ideal para trabalhos em grupo ou projetos colaborativos com mais de quatro estudantes é organizar as carteiras em ilhas ou grupos menores para fomentar um ambiente mais cooperativo. Para atividades que exigem foco individual, como testes ou tarefas de escrita, uma disposição em filas ou em forma de L pode ser mais adequada para reduzir distrações e aumentar a concentração. Já a organização da sala em diferentes estações ou áreas, cada uma dedicada a uma atividade específica, estimula a autonomia dos estudantes, permitindo que se movimentem e escolham as atividades que desejam realizar. Observe a seguir a representação de algumas dessas disposições.

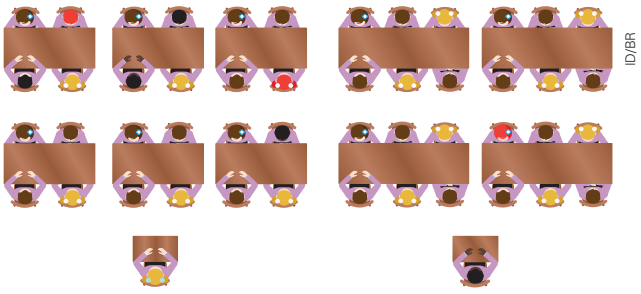
Círculo

Ideal para debates, discussões em grupo e atividades de compartilhamento.



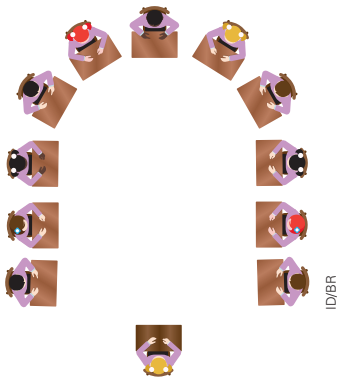
Grupos ou ilhas

Facilita a realização de projetos e atividades em grupo.



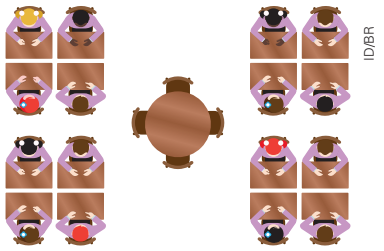
Formato em U

Recomendado para aulas expositivas, discussões e apresentações, permitindo uma boa interação com o professor.



Organização em estações

Ideal para aprendizagem baseada em centros de interesse, projetos e rotação por estações.



A flexibilidade na organização das carteiras permite que os professores adaptem o ambiente aos objetivos específicos de cada aula ou atividade. Essa adaptabilidade é crucial em um mundo educacional em constante mudança, onde as metodologias e abordagens pedagógicas estão sempre evoluindo para melhor atender às necessidades dos estudantes. Há ainda a possibilidade de utilizar espaços externos à sala de aula, de modo que os estudantes possam experimentar diferentes arranjos em um ambiente mais dinâmico e inclusivo.

Avaliação

Nas últimas décadas, foi se consolidando um referencial para a concepção de aprendizagem, com base nas contribuições teóricas da psicologia do desenvolvimento, que se fundamentaram nas pesquisas de Lev Vygotsky (1896-1934), de Jean Piaget (1896--1980) e de Henri Wallon (1879-1962), entre outros. Uma das principais hipóteses dessas linhas de pensamento é a de que o indivíduo constrói um conjunto de conhecimentos nas mais diversas situações vivenciadas, dentro e fora da escola, e leva esse repertório para o espaço educativo. Assim, o indivíduo passa a ser visto como sujeito ativo de seu conhecimento, na busca de responder às inúmeras interrogações colocadas pelo mundo que o rodeia.

Tal concepção altera radicalmente o papel do estudante – de mero receptáculo de conteúdos para protagonista na construção de seu conhecimento. Essa mudança de perspectiva impõe alterações na forma de avaliar o aluno, especialmente na compreensão de que a avaliação constitui um processo permanente, instaurado ao longo de todo o período letivo, e deve contemplar as múltiplas capacidades e habilidades desenvolvidas pelo estudante no trajeto educativo.

Os novos modelos de avaliação implicam o rompimento da ideia arraigada no imaginário escolar de que avaliação é sinônimo de prova. Os instrumentos de avaliação variam de acordo com a dinâmica da sala de aula. Sem perder de vista os objetivos específicos da disciplina, o professor pode avaliar os resultados de uma vasta gama instrumental, como: produção de textos sobre a análise de modelos ou hipóteses científicas ou de situações do contexto social; debates e rodas de conversa acerca de determinado tema dos conteúdos em estudo; produções artísticas resultantes da troca de ideias; registros escritos de experimentos laboratoriais; resoluções propostas para situações-problema variadas; relatos escritos sobre as dificuldades no aprendizado de certos conteúdos; entre outros.

A avaliação passa a ser também um objeto de investigação do professor, com potencial para produzir informações diagnósticas e qualitativamente indicativas sobre as transformações e os avanços na relação entre o grupo de estudantes, o professor e o sistema didático-pedagógico adotado. Hoffmann (1993-1995) propõe três momentos distintos de avaliação: **a avaliação diagnóstica**, ou **inicial**; a **avaliação contínua**, ou **formativa**; e a **avaliação final**, ou **somativa**.

Nas abordagens pedagógicas em que os estudantes são concebidos como indivíduos que constroem o conhecimento dentro e fora da escola, é adequado, na introdução de cada novo tópico, realizar um levantamento do que eles já sabem, com o objetivo de possibilitar-lhes tomar consciência das concepções que já têm sobre o assunto em foco e facilitar ao professor a identificação dos limites das soluções que propõem para construir argumentos que conduzam à compreensão do tópico científico estudado. É a avaliação diagnóstica. Além das questões de abertura de capítulo, dedicadas a esse propósito, isso pode ser feito ao introduzir a unidade ou em outro momento que o professor considere oportuno.

A avaliação pode ser também um instrumento para o professor repensar seu planejamento. Nesse caso, é importante não se restringir a um momento final da etapa de aprendizado, quando já não há mais tempo de redirecionar o trabalho nos pontos necessários. É com esse objetivo que se propõe uma avaliação contínua ou formativa: momentos variados de avaliação ao longo do processo de ensino e aprendizado, que possibilitem aos estudantes tomar consciência de suas dúvidas, dificuldades e avanços e ao professor perceber se suas escolhas didáticas foram adequadas.

O término de uma sequência didática é o momento adequado para a avaliação final – também conhecida como somativa. Objetiva-se, com ela, sobretudo, perceber se os objetivos propostos inicialmente foram atingidos, se houve de fato aprendizado, se é possível dar prosseguimento ao processo de ensino ou se há necessidade de revisão e/ou de complementação.

Além desses modelos avaliativos, é importante também destacar estas avaliações:

- **avaliação comparativa:** utilizada para comparar o desempenho de diferentes grupos de estudantes ou de um grupo de estudantes em diferentes momentos. O objetivo da avaliação comparativa é analisar diferenças no desempenho entre grupos de estudantes (como diferentes turmas ou escolas) ou, ao longo do tempo, entender tendências e efetividade de métodos de ensino.
- **avaliação ipsativa:** empregada para comparar o desempenho atual de um estudante com seu desempenho anterior. Ela pode ser utilizada para manter registros das avaliações dos estudantes ou pedir a eles que façam autoavaliações e estabeleçam metas de aprendizagem, revisando essas metas periodicamente para monitorar seu progresso pessoal. O objetivo principal da avaliação ipsativa é focar no progresso individual e na melhoria contínua dos estudantes, incentivando o desenvolvimento pessoal.

Outro aspecto importante para a formação do estudante é o incentivo à autoavaliação. Esse processo ajuda o estudante a tornar-se responsável pelo próprio processo de aprendizado, pois a autoavaliação subsidia o desenvolvimento de estratégias metacognitivas. Tais estratégias são entendidas como a capacidade do ser humano de monitorar o que é percebido, julgar o que é aprendido, ou o que precisa aprender, e predizer as consequências das ações futuras.

Neste manual, procuramos oferecer, nas orientações específicas de cada unidade, uma série de subsídios e de estratégias que possibilitam ao professor conduzir, da melhor maneira, a avaliação dos estudantes.

Avaliação e novos paradigmas educacionais

Ao seguir o paradigma de uma aprendizagem centrada em conteúdos – e pressionada pela necessidade de medir, de forma objetiva, o "sucesso" ou o "fracasso" de seus estudantes –, a escola tradicional perpetuou um modelo de avaliação de caráter classificatório, seletivo e frequentemente punitivo, que deixa de lado aspectos importantes (hoje entendidos como centrais) do processo educacional, como a aquisição de competências e habilidades e a construção de valores e atitudes.

Em decorrência do entendimento atual sobre como se processa a aprendizagem, surge a necessidade de romper com essa concepção de avaliação. O "erro" deve ser encarado como parte fundamental do processo de ensino-aprendizagem, visto que ele é uma evidência dos processos mentais por meio dos quais os estudantes experimentam a realidade, formulam hipóteses sobre o seu objeto de estudo, confrontam-nas com as hipóteses de seus pares, reestruturam-nas e criam concepções que devem ser aplicadas à realidade. Quando visto dessa forma, o "erro" – e também um "acerto" – não é mais do que um elemento que ajuda a compor o diagnóstico do professor sobre as aprendizagens de seus estudantes, sinalizando a necessidade de repensar seu planejamento, de experimentar outras estratégias de ensino-aprendizagem e de realizar de forma mais próxima a gestão da aprendizagem de um estudante. A avaliação, nessa perspectiva formativa, significa saber em que ponto está o estudante e o que é preciso ser feito para encaminhá-lo ao que se pretende.

Um dos instrumentos mais importantes para operacionalizar essa forma de avaliação é o estabelecimento de objetivos de aprendizagem claros e passíveis de ser aferidos. Sobre habilidades e competências, é necessário cuidado especial para traduzir em notas ou conceitos a relação entre os objetivos estabelecidos para a aprendizagem e aquilo que os estudantes demonstram como conhecimento efetivamente construído. Esses objetivos devem ser traçados considerando-se o programa de ensino de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e seus componentes curriculares como um todo, mas, idealmente, devem ser subdivididos em objetivos parciais, para que seja possível transformar a avaliação em uma prática processual. Para ser produtiva, a avaliação deve ser dialógica, valorizando igualmente atividades individuais e coletivas, atividades de avaliação do professor, entre pares e autoavaliação. A troca de experiências entre professores da área pode ser valiosa para a busca de alternativas, bem como partilhar situações de ensino e aprendizagem bem-sucedidas e buscar subsídios teóricos e metodológicos para reorientar a prática, quando necessário.

ORGANIZAÇÃO DA OBRA

Organização e estrutura da obra

Esta coleção está organizada em quatro volumes únicos: Filosofia, Geografia, História e Sociologia. Cada volume é composto de 6 ou 8 unidades, constituídas de 2 a 4 capítulos e uma proposta de projeto que mobiliza práticas de trabalho colaborativo em grupo.

Os textos didáticos são complementados por itens iconográficos e cartográficos, organogramas e textos citados de diferentes tipos (letras de música, poesias, excertos de artigos acadêmicos, notícias, textos de divulgação científica, trechos de romances de segmentos diversos, entre outros). Os capítulos e as unidades apresentam as seguintes seções e boxes:

Seções

- **Abertura de unidade:** Em página dupla, a abertura apresenta uma imagem de impacto que, além de despertar o interesse dos estudantes, sugere pistas sobre o assunto a ser discutido na unidade. Nessa seção, também são propostas questões e reflexões para o levantamento do conhecimento prévio da turma sobre o tema a ser trabalhado.
- **Abertura de capítulo:** Marca o início da abordagem dos contextos abordados no capítulo. O desenvolvimento dessa abordagem conta com texto didático, acompanhado de imagens, tabelas, mapas, notícias, poesias, letras de música, entre outros recursos. Na abertura de capítulo, há ainda questões, cujo objetivo é chamar a atenção dos estudantes para os assuntos propostos e realizar uma investigação inicial sobre aspectos relacionados à comunidade onde vivem.
- **Atividades:** Ocorre ao final de cada capítulo. O conjunto de atividades proposto aprofunda e/ou amplia os diálogos realizados no capítulo, contribuindo para o desenvolvimento das competências e das habilidades selecionadas. O conjunto dessas atividades possibilita, portanto, estabelecer relações entre os tópicos tratados e avaliar o conhecimento adquirido.
- **Ampliando:** Aborda textos científicos ou de circulação social relacionados aos temas do capítulo e da unidade. As atividades propostas na seção buscam ampliar as possibilidades de leitura suscitadas pelos textos apresentados.
- **Práticas de texto:** Apresenta e analisa um gênero textual relacionado aos assuntos da unidade e propõe a elaboração de diferentes gêneros (escritos, orais, digitais), com o intuito de capacitar a construção de argumentos, conclusões e opiniões de maneira qualificada e com respeito às colocações dos outros. A seção pode contar com um texto introdutório que contextualiza o gênero ou a linguagem em questão. A seção tem como objetivo ressaltar o trabalho com o gênero textual, em ação interdisciplinar com o componente curricular Língua Portuguesa.
- **Práticas de pesquisa:** Propõe atividades de caráter investigativo, voltadas à aplicação organizada e orientada de metodologias e procedimentos de pesquisa com o objetivo de aprimorar a investigação e o raciocínio científico. Além disso, sistematiza o compartilhamento dos resultados obtidos na pesquisa, trabalhando variados modos de apresentação na comunicação das investigações e de suas conclusões. A seção está estruturada em etapas: "Para começar" (contextualização da proposta); "O problema" (questão a ser investigada); "A investigação" (indicação da prática de pesquisa); "Procedimentos" (texto instrucional de como realizar a atividade); "Questões para discussão" (indagações relacionadas ao modo como a atividade foi realizada e de que maneira os resultados foram obtidos); e "Comunicação dos resultados" (orientação a respeito do compartilhamento do conhecimento produzido).
- **Representações:** (Especial em Geografia) Trabalha a alfabetização cartográfica, não se restringindo somente aos elementos tradicionais.
- **Estúdio filosófico:** (Especial em Filosofia) Apresenta breve biografia de pensadores com lista de suas obras principais e textos relevantes para a Filosofia.
- **Estúdio de História:** (Especial em História) Trabalha procedimentos do ofício do historiador.
- **Estúdio do Pensamento Social:** (Especial em Sociologia) Apresenta breve biografia de pensadores e textos de destaque da Sociologia, da Antropologia ou de Ciência Política.
- **O que aprendi:** É uma autoavaliação. Com base em perguntas e elementos visuais, o estudante faz uma autoavaliação com a possibilidade de relacionar os temas estudados.
- **Para ir além:** Sugere materiais que extrapolam o livro, propiciando aos estudantes a ampliação e o aprofundamento do tema proposto. São indicados livros, *sites*, filmes, etc. Sempre que oportuno, o professor pode partir das sugestões indicadas nessa seção para promover encontros de leitura em bibliotecas, visitas virtuais a museus e outras instituições ou organizar sessões para exibição dos vídeos ou filmes sugeridos. A seção aparece ao final de cada unidade.
- **Projeto:** A obra apresenta um projeto final, no qual os estudantes desenvolvem um produto relevante para a comunidade, em busca de um bem coletivo. A realização do projeto é um dos principais momentos de protagonismo do estudante. A ideia é que ele seja desenvolvido ao longo do trabalho com o volume, respeitando o planejamento do professor.
- **Transcrições dos áudios:** Neste Manual do Professor, as transcrições dos áudios (*podcasts*) se encontram no final do Livro do Estudante.
- **Bibliografia comentada:** Para ampliar as possibilidades de pesquisa e aprofundamento dos estudantes em relação às bases de referência utilizadas na elaboração dos materiais oferecidos, é disponibilizada uma bibliografia comentada em cada volume.

Boxes

- **Ação e cidadania:** Promove o diálogo sobre as atitudes cidadãs, valorizando exemplos atitudinais relacionados aos **temas contemporâneos transversais** com o objetivo de promover melhorias sociais, ambientais e culturais, entre outras.
- **Interação:** Por meio de atividades, proporciona um momento de análise do tema abordado, chamando a atenção, sempre que possível, dos estudantes para as relações entre suas vidas e o tema abordado.
- **Reflexão:** É uma ampliação do tema abordado, sempre acompanhada de questões que incentivam os estudantes a retomar os conteúdos e a refletir sobre eles.
- **Objetos digitais:** A obra apresenta, em sua versão digital, doze objetos digitais para cada volume, totalizando 36 na coleção. São *podcasts*, vídeos, carrosséis de imagens, mapas clicáveis e infográficos clicáveis, que podem ser localizados pelo sumário, presente no início do Livro do Estudante, ou ao longo dos capítulos, por meio deste ícone:

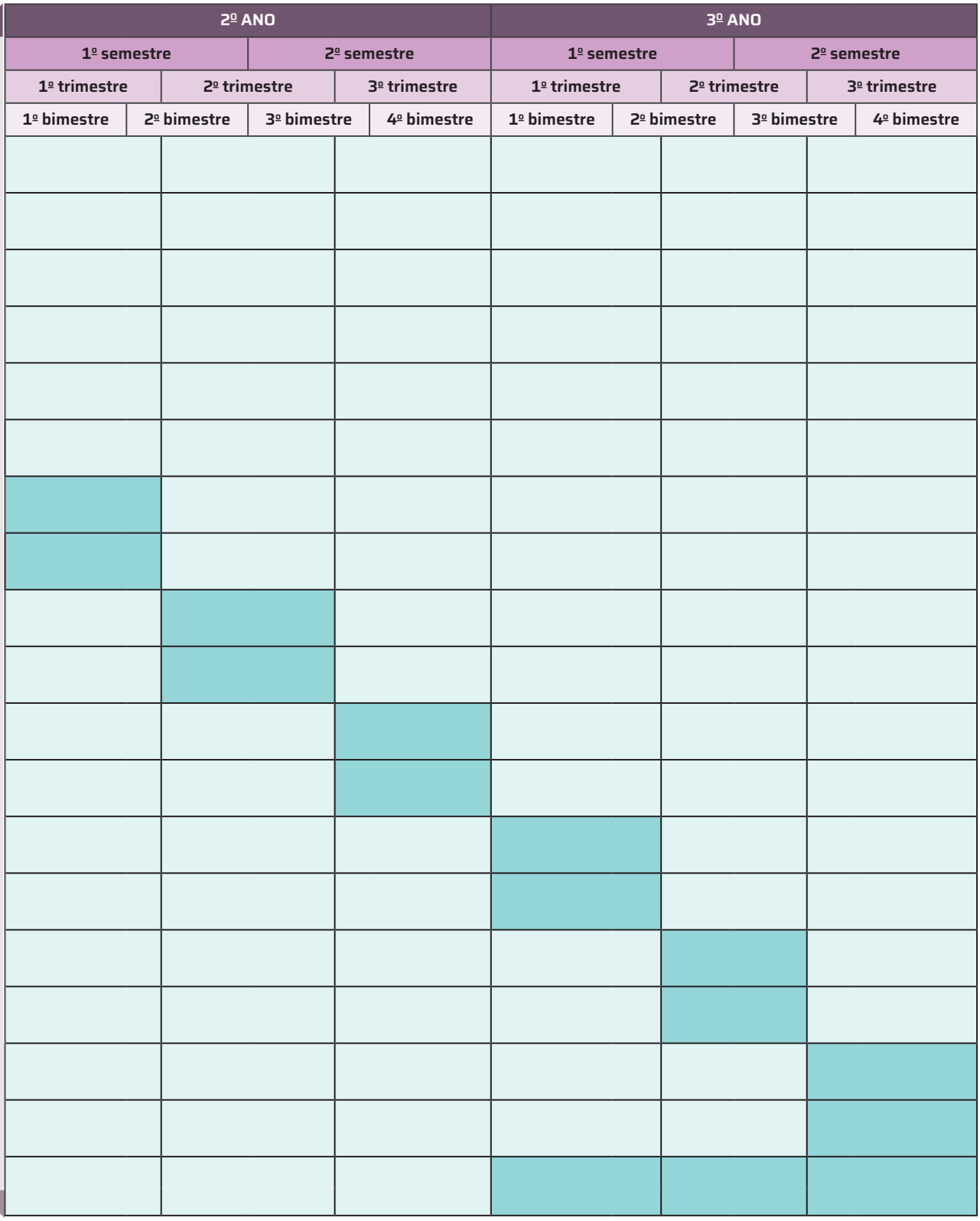
SUGESTÃO DE CRONOGRAMA

Apresentamos, a seguir, uma sugestão de distribuição dos conteúdos propostos neste volume em bimestres, trimestres e semestres ao longo dos três anos previstos para o Ensino Médio. Entretanto, sabemos que o dinamismo do contexto escolar exige uma prática docente que se flexibilize diante dos desafios que surgem ao longo do ano letivo. Assim, esta sugestão tem o objetivo de nortear sua prática pedagógica de maneira que você possa adaptá-la à sua realidade escolar e ao projeto pedagógico desenvolvido na instituição de ensino em que leciona.

UNIDADE	CAPÍTULO	1º ANO			
		1º semestre		2º semestre	
		1º trimestre	2º trimestre	3º trimestre	
		1º bimestre	2º bimestre	3º bimestre	4º bimestre
1. Ser no mundo	1. Afinal, o que significa ser humano?				
	2. Um mundo pós-moderno				
	3. Juventude plural				
2. Em busca da verdade	4. Onde está a verdade?				
	5. Desenvolvimento do pensamento ocidental				
	6. Ciência ocidental moderna				
3. Diversidade epistemológica	7. Conhecimentos tradicionais e suas tecnologias				
	8. Os mitos e o conhecimento				
	9. Experiências comunitárias				
4. Viver coletivo	10. Ser em sociedade				
	11. Política: um conceito amplo e plural				
	12. Nós somos o Estado				
5. Bioética: dilemas e responsabilidades	13. Padrões de beleza: diálogos sobre estética				
	14. Saúde e controle do corpo				
	15. Inteligência artificial				
6. Tecnologia e sustentabilidade	16. Natureza e o ser humano				
	17. Direito à cidade				
	18. Agroecologia: possibilidades de futuro				
Projeto	Simpósio filosófico: A Filosofia na prática				

Caso considere oportuno apresentar os temas em outra ordenação, atente para os temas e os conceitos abordados em unidades precedentes e posteriores, suas ligações com os demais conteúdos e como isso pode interferir no andamento do projeto. Esse projeto, por sua vez, também pode ser executado no momento que julgue ser mais adequado à sua realidade escolar.

Além disso, você pode complementar essa proposta esmiuçando os temas, os boxes e as seções que compõem os capítulos e as unidades e, ainda, os momentos previstos para as avaliações.



QUADROS DE CONTEÚDOS DA COLEÇÃO

Volume de Filosofia

Unidade	Capítulo	Conteúdos
1 Ser no mundo	**1.** Afinal, o que significa ser humano?	• O ser e o estudo do ser (ontologia). • O ser humano e a condição humana. • O processo de individuação. • Debate sobre a pluralidade do ser humano. • O sujeito em Simone de Beauvoir. • O fichamento de uma leitura.
	2. Um mundo pós-moderno	• Debate sobre as definições de pós-modernidade. • Desafios da pós-modernidade. • Sujeitos pós-modernos. • Interseccionalidade e lugar de fala. • Empoderamento e apropriação. • O lugar de fala em Djamila Ribeiro. • O imperativo do desempenho na pós-modernidade.
	3. Juventude plural	• Debate sobre geração e o conceito de juventude. • Jovens como sujeitos sociais. • Múltiplas culturas juvenis. • Juventude e a busca por autenticidade. • Juventude e participação social. • Conselhos à juventude em Nietzsche. • A felicidade como problema filosófico.
2 Em busca da verdade	**4.** Onde está a verdade?	• Debate filosófico e diferentes percepções sobre o que é a verdade. • Características das correntes do pensamento relacionadas ao positivismo, ao relativismo e ao perspectivismo. • Reflexão acerca do fenômeno da pós-verdade. • A verdade em Marilena Chauí. • A escrita de uma carta do leitor.
	5. Desenvolvimento do pensamento ocidental	• Desenvolvimento da ideia de razão na Grécia Antiga. • Discussão acerca do negacionismo científico e do cientificismo na contemporaneidade. • Desenvolvimento da filosofia na Antiguidade greco-romana. • A razão em Descartes. • Viés de confirmação.
	6. Ciência ocidental moderna	• Panorama histórico sobre as universidades e a importância delas para o desenvolvimento científico contemporâneo. • Desenvolvimento de metodologias científicas e das áreas do conhecimento (Iluminismo científico). • Noções sobre os métodos científicos das ciências humanas, das ciências exatas e das ciências da natureza. • O método científico em Kant. • Construção e uso de amostragens sobre a identificação de *fake news*.
3 Diversidade epistemológica	**7.** Conhecimentos tradicionais e suas tecnologias	• Conceito de epistemologia e noções sobre a diversidade de saberes. • Reflexão sobre o conceito de etnocentrismo. • Filosofia da tecnologia. • Etnomatemática e tecnologias de comunidades tradicionais. • O conhecimento em Derrida. • O etnocentrismo e a eugenia.
	8. Os mitos e o conhecimento	• Definição e reflexão sobre os mitos como repertório de conhecimentos de uma sociedade. • Relações entre as mitologias e a política. • Concepções religiosas das mitologias. • Estudos de caso: budismo, xintoísmo e tradições suaílis. • Discussão sobre mitos no mundo contemporâneo (influência, reinterpretação e criação). • Os mitos em Platão. • Desenvolvimento de um relato oral de experiência.
	9. Experiências comunitárias	• Estudos de caso de conhecimentos e tecnologias tradicionais: medicina guarani; profetas da chuva no Ceará; pescadores de Iguape (SP). • A importância da oralidade como registro dos conhecimentos tradicionais. • Conscientização sobre a preservação das técnicas e tecnologias tradicionais como alternativas sustentáveis. • A decolonialidade em Nelson Maldonado-Torres. • Estudos de caso: relações entre o uso das redes sociais e o poder de escolha dos indivíduos expostos a elas.

Unidade	Capítulo	Conteúdos
4 Viver coletivo	**10.** Ser em sociedade	• Debate sobre o viver coletivo e a vida em sociedade. • Diferentes tipos de sociedade. • Convencionalismo e pactos sociais. • A prática social. • Reflexão sobre transformações sociais e o bem viver. • A meritocracia em Michael Sandel. • A escrita de um manifesto.
	11. Política: um conceito amplo e plural	• Caracterização do debate político na atualidade. • O conceito de política. • O fazer político e a política no cotidiano. • Novos agentes políticos. • Religião e política. • O fenômeno político em Habermas. • Ecofeminismo, política e teologia da libertação.
	12. Nós somos o Estado	• Debate sobre algumas formas de pensar o Estado. • O Estado no Brasil contemporâneo. • A democracia na atualidade. • Riscos à democracia. • Totalitarismo em Hannah Arendt. • Elaboração de um dicionário de conceitos políticos.
5 Bioética: dilemas e responsabilidades	**13.** Padrões de beleza: diálogos sobre estética	• Debate sobre o conceito de beleza (concepções filosóficas e panorama histórico). • Estudos de caso: modificações corporais e diferentes formas de expressar a identidade por meio da aparência física. • Conceito de bioética. • Problematização da relação entre consumismo e desenvolvimento tecnológico. • Conceito de estética. • O belo em Hegel.
	14. Saúde e controle do corpo	• Conceitos de biopolítica, biopoder e necropolítica. • A importância da medicina e dos cuidados com a saúde mental. • O controle dos corpos por meio da saúde (conscientização e problematização sobre os padrões de beleza). • As redes sociais e o controle dos corpos. • A Revolta da Vacina (panorama histórico e problematização). • Direitos da população negra em Sueli Carneiro. • Produção de um *podcast*.
	15. Inteligência artificial	• Conceito de inteligência artificial no cotidiano. • Estudos de caso: algoritmos e automatizações. • Aspectos da filosofia da inteligência artificial. • Principais dilemas éticos da inteligência artificial. • A consciência em John Searle. • Inteligência artificial e linguagem. • Análise de postagens em mídias sociais sobre como se espera que seja construído o corpo saudável.
6 Tecnologia e sustentabilidade	**16.** Natureza e o ser humano	• As relações entre periodizações históricas e o desenvolvimento tecnológico. • Panorama sobre as revoluções industriais. • Conceito de sustentabilidade. • A tecnologia em Heidegger. • Elaboração de uma resenha.
	17. Direito à cidade	• Debate sobre a relação entre Filosofia e cidade. • O exercício da cidadania plena em contextos urbanos. • Diálogo sobre o conceito de sustentabilidade aplicado aos modos de vida urbanos. • Estudos de caso: eficiência energética nas cidades e coleta seletiva. • A utopia em Thomas More. • Arquitetura e sustentabilidade.
	18. Agroecologia: possibilidades de futuro	• Conceito de agroecologia e suas possibilidades para a melhoria das cadeias produtivas (benefícios sociais e ambientais). • A aliança entre conhecimentos científicos e conhecimentos tradicionais nas práticas da agroecologia. • Estudo de caso: agroecologia em comunidades quilombolas. • Impactos ambientais da produção de elementos (foco na emissão de gases que causam o efeito estufa). • A ecologia profunda em Arnes Naess.
Projeto Simpósio filosófico	A Filosofia na prática	• Planejamento, produção e participação de um simpósio de Filosofia na prática.

Volume de Geografia

Unidade	Capítulo	Conteúdos
1 Mundo globalizado	**1.** Formação do mundo capitalista	• O renascimento comercial e urbano e as Grandes Navegações, com destaque para as inovações técnicas e a cartografia. • As revoluções industriais e suas particularidades produtivas. • Capitalismo industrial, capitalismo financeiro e as características do sistema capitalista. • A Divisão Internacional do Trabalho e sua influência na organização do espaço geográfico.
	2. Globalização	• Os principais fundamentos e atores da globalização. • A concentração do capital, com destaque para a situação do Brasil. • A globalização financeira e a oscilação entre crescimento e crise. • Aspectos controversos da globalização, desigualdade social e a relação entre integração econômica e fragmentação cultural. • Organizações não governamentais e movimentos antiglobalização.
	3. Comércio mundial	• O comércio internacional e o fluxo de mercadorias. • As guerras comerciais. A disputa entre Estados Unidos e China. • As atividades ilegais e a globalização, com ênfase nos fluxos comerciais do narcotráfico. • A formação de blocos econômicos. • Análise da situação brasileira no comércio internacional. • Análise documental sobre o comércio exterior brasileiro.
2 Indústria, campo e cidade no mundo contemporâneo	**4.** A atividade industrial	• As indústrias e seus fatores locacionais. • Mudanças e inovações na indústria. • Panorama atual da indústria no mundo e distribuição da atividade industrial. • As grandes indústrias globais e a indústria no Brasil.
	5. O mundo rural	• Transformações no campo. • A diversidade no mundo rural. • Diferentes tipos de agricultura e de sistemas de produção agrícola. • A agropecuária no mundo. • A agricultura e pecuária no Brasil. • Impactos ambientais da atividade agropecuária e práticas sustentáveis.
	6. A urbanização	• Aspectos dos processos de urbanização nos séculos XX e XXI. • Expansão espacial nas cidades, com destaque para as metrópoles, megalópoles, megacidades e cidades globais. • Problemas sociais e ambientais das cidades. • Urbanização no Brasil, hierarquias, redes urbanas e o processo de metropolização. • Estudo de caso sobre o papel das incubadoras e das aceleradoras no desenvolvimento empresarial e industrial no mundo contemporâneo.
3 Mundo do trabalho	**7.** O que é trabalho?	• Trabalho, técnica e transformação da natureza. • O Trabalho em diferentes sociedades. • O trabalho ao longo da história no mundo ocidental. • O trabalho na sociedade capitalista, análises de Durkheim, Marx e Weber. • Dimensões cultural e simbólica do trabalho.
	8. O mundo do trabalho na sociedade contemporânea	• Mudanças no mundo do trabalho. • Os modelos fordista e toyotista e a sociedade do conhecimento pós-industrial. • O trabalho informal, a terceirização e a precarização do trabalho. • As relações de trabalho no campo brasileiro. • As mulheres no mercado de trabalho e as desigualdades étnico-raciais e de gênero. • A juventude no mercado de trabalho e o cooperativismo. • O desemprego no Brasil, futuras profissões e a legislação trabalhista. • Análise documental (princípios de análise do discurso) sobre as mulheres no mercado de trabalho em diferentes contextos históricos.
4 Natureza, recursos e sustentabilidade	**9.** Natureza, recursos naturais e energéticos	• Teoria da tectônica de placas. Formação de rochas. • Recursos: naturais, minerais, vegetais, energéticos e matriz energética. • Fontes de energia renováveis e não renováveis. • Estrutura geológica e recursos minerais do Brasil. • Recursos hídricos.
	10. Relevo e hidrografia	• Agentes internos e externos do relevo. • Formação e degradação dos solos. • Características do relevo brasileiro. • Bacias hidrográficas. • Ciclo da água. • Poluição hídrica em continentes e oceanos.
	11. Dinâmica climática	• Elementos e fatores do clima. • Circulação geral da atmosfera. • Climas no mundo e no Brasil. • Mudanças climáticas. • Impactos da exploração de recursos e da agropecuária. • Poluição atmosférica.
	12. Formações vegetais e sustentabilidade ambiental	• Formações vegetais no mundo e no Brasil. • Desmatamento e desertificação. • Segurança alimentar. • Sustentabilidade, comunidades tradicionais e conferências mundiais sobre o meio ambiente.

Unidade	Capítulo	Conteúdos
5 Fronteiras e territórios	**13.** Estado, território e fronteira	• Conceitos de fronteira, território e Estado. • A relação entre Estado, nação e território nacional. • Fronteiras e diferentes tipos de limite. • O papel do Estado na gestão, na organização e no desenvolvimento do território.
	14. Território e cultura	• Relações entre território e cultura, considerando as dinâmicas sociais. • Diversidade e trocas culturais, destacando o papel da globalização no processo de homogeneização cultural. • Conflitos e disputas territoriais, abordando o papel do etnocentrismo em conflitos ao longo da história. • Consideração sobre as desigualdades socioeconômicas no Brasil. • Relação entre território, identidade e pertencimento e os patrimônios culturais.
	15. Fronteiras: abertura e redefinição	• Diferentes tipos de fronteira: culturais, sociais, econômicas e de informação. • O mundo sem fronteiras do capital transnacional. • Migração irregular. • Entrevista semiestruturada sobre fronteiras sociais e culturais na comunidade. • Comunicação dos resultados: organização de uma apresentação oral com programa de apresentação de *slides* e posterior publicação das entrevistas autorizadas em *podcast* ou no *site* da escola.
6 Geopolítica, conflitos e transformações territoriais	**16.** Território: conflitos e transformações no século XX	• Concepção de território e expansão territorial. Nação e território. • Disputas e transformações territoriais entre nações. • Grandes conflitos e reorganização do espaço mundial. • Guerra Fria e fim da União Soviética. • Relação entre os conflitos no continente africano e o imperialismo europeu.
	17. Potências geopolíticas internacionais	• Formas de atuação e influência das principais potências nacionais geopolíticas: Estados Unidos, China, União Europeia e Japão. • Potências regionais: Rússia, Índia, África do Sul, Brasil.
	18. Conflitos no século XXI	• Conflitos na América Latina, África, Europa, Ásia e Oceania. • Conflitos na Europa, com destaque para a Guerra da Ucrânia. • Conflitos na Ásia e na Oceania, com destaque para o Oriente Médio. • Atuação dos organismos internacionais na resolução de conflitos. • Conflitos por acesso a recursos hídricos.
7 Território brasileiro	**19.** Formação territorial do Brasil	• Processo de formação territorial do Brasil, abordando os povos originários e o processo de colonização. • Relação entre ciclos econômicos e formação, ocupação e organização do território brasileiro. • Redes e sistemas de transporte e integração do território. • A influência da diversidade paisagística na ocupação do território.
	20. Território e territorialidades no Brasil	• Diferentes territorialidades que compõem o Brasil. • Territorialidade ambiental e Unidades de Conservação, enfatizando os riscos e as ameaças a que estão sujeitas.
	21. Conflitos territoriais no Brasil	• Conflitos no território brasileiro. • Conflitos com países europeus durante o período colonial. • Conflitos territoriais do Brasil com outros países da América do Sul. • A crise da Venezuela e o fluxo de imigrantes e refugiados venezuelanos para o Brasil. • Fechamento de fronteiras durante a pandemia de covid-19. • Conflitos rurais e urbanos no Brasil. • Observação participante sobre territorialidades juvenis e a ocupação dos espaços públicos.
8 Dinâmicas populacionais	**22.** A população mundial	• Crescimento da população mundial e dinâmicas e taxas demográficas. • Transição demográfica e estrutura da população.
	23. Migração	• Migrações ao longo do tempo e os fatores que as influenciam. • Migrações em diferentes regiões, com destaque para Europa e Estados Unidos. • Refugiados e deslocados internos.
	24. O Brasil: população e fluxos migratórios	• Estrutura étnica e dinâmica populacional. • Educação no Brasil. • Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). • Imigração no Brasil. Migrações internas ao longo do tempo. • Emigração de brasileiros. O Brasil como rota de imigrantes e refugiados.
Projeto Portal de Geografia	Dimensão étnico-racial no Brasil	• Planejamento, elaboração e exposição de infográficos temáticos sobre a dimensão étnico-racial brasileira.

Volume de História

Unidade	Capítulo	Conteúdos
1 A formação dos Estados	**1.** O Estado no cotidiano	• Presença do Estado no dia a dia, com foco em transporte, saúde e educação. • Formação da humanidade e os processos evolutivo e de sedentarização dos seres humanos. • Processo de formação dos Estados em diferentes Antiguidades (na América, na África e no Oriente Médio). • Relação entre a educação e o projeto de sociedade no mundo contemporâneo. • O ofício do historiador na perspectiva de Marc Bloch.
	2. Governo e Estado	• Principais diferenças entre Estado e governo. • Papel do Estado no desenvolvimento das políticas públicas. • Diferenciação entre público e privado na Grécia Antiga e no Brasil contemporâneo. • Formação da democracia na Antiguidade grega e principais características da democracia representativa no Brasil contemporâneo. • Definição dos três poderes no Brasil. • Conceito de *res publica* na Roma Antiga e principais características da república no Brasil contemporâneo.
	3. Estado: o dono da força	• Debate sobre o porte de armas e de munições no Brasil contemporâneo. • Panorama social da Europa Ocidental durante a Idade Média. • Processo de centralização do poder no Estado moderno. • Principais pensadores do contratualismo e os desdobramentos dessas ideias nos pactos sociais atuais. • Debates sobre os direitos humanos (panorama histórico e principais aspectos). • Pesquisa-ação sobre democracia na escola. • Comunicação dos resultados: organização de um *blog* para a divulgação da pesquisa.
2 Estado em transformação	**4.** Direitas e esquerdas	• Conceitos políticos de direita, centro e esquerda na contemporaneidade. • Processos da Revolução Francesa (investigação dos valores da revolução e seus impactos nos projetos políticos do mundo contemporâneo). • Contextos sociais das revoluções industriais e as inovações tecnológicas. • Revolução Russa e a formação da União Soviética.
	5. Estado-nação: quem tem direito?	• Migrações contemporâneas na Europa e seus dilemas em relação ao nacionalismo. • Conceito de nacionalismo e seus desdobramentos. • Haitianos no Brasil atual. • Teoria do liberalismo econômico. • Imperialismo europeu nos continentes africano e asiático. • Estudo de caso: povos indígenas no Brasil. • Conceitos de curta, média e longa duração.
	6. A quem serve o Estado?	• Desafios do Estado brasileiro contemporâneo e de suas instituições. • Liberalismo econômico na América Latina. • Conceito de mais-valia. • Sistemas econômicos. • Análise documental sobre os níveis de intervenção do Estado no cotidiano, especialmente na economia. • Comunicação dos resultados: elaboração de um texto com o posicionamento do estudante em relação à interferência do Estado na economia.
3 Brasil: política e representatividade	**7.** A política é para todos?	• Debates sobre a participação política e a democracia representativa na contemporaneidade. • Projetos políticos do Brasil imperial (continuidades e rupturas). • Participação política no Brasil: passado e presente. • Canais para o exercício da cidadania no Brasil contemporâneo. • Passado e presente a partir do conceito de cidadania.
	8. Ações afirmativas e poder	• Políticas afirmativas institucionais. • Políticas de marginalização durante o Império e a Primeira República. • Lei de Terras e política de branqueamento no Brasil.
	9. Representatividade e poder	• Representação religiosa no Congresso Nacional Brasileiro. • Crise de representatividade nos regimes democráticos. • Participação feminina na política brasileira: passado e presente. • A Primeira República e a Constituinte de 1934. • A Era Vargas e a representatividade dos trabalhadores. • Revisão bibliográfica sobre a mudança do sistema político monárquico para o republicano no Brasil. • Comunicação dos resultados: organização de uma revista com a coletânea de revisões bibliográficas da turma.
4 Ecos da escravidão	**10.** Escravidão e trabalho análogo à escravidão	• Trabalho análogo à escravidão (construção civil, indústria têxtil e mecanismos de combate à prática). • Escravidão dos povos indígenas no Brasil. • Escravidão e diáspora africana. • Outros problemas associados ao trabalho análogo à escravidão (o desmatamento e a invasão das Terras Indígenas).
	11. Existe racismo no Brasil?	• Racismo estrutural e protagonismo negro. • Estruturalismo e pós-estruturalismo. • Contexto histórico do Brasil pós-abolição da escravidão. Escravidão no Brasil Colônia e Império.
	12. Vidas negras no Brasil	• Indicadores sociais sobre a população negra no Brasil. • Violência institucional. • Práticas antirracistas. • Movimento Vidas Negras Importam! • Políticas públicas para a igualdade racial. • Revisão bibliográfica sobre o tema racismo estrutural. • Comunicação dos resultados: organização e publicação de revista com a coletânea de revisões bibliográficas, em versão digital e/ou impressa.

Unidade	Capítulo	Conteúdos
5 Privilégio e cidadania	**13.** Igualdade social ou privilégios?	• Conceitos de desigualdade de privilégio e de meritocracia. • Panorama da desigualdade no Brasil contemporâneo. • Formação histórica dos privilegiados na sociedade brasileira.
	14. A busca pela igualdade	• Primeira República e os direitos políticos. • Políticas afirmativas. • Movimento Negro Unificado (MNU). • Movimentos feministas e emancipação da mulher. • Teoria *queer*. • Igualdade de gênero. • Filosofias feministas.
	15. Povos tradicionais: a luta permanente	• Constituição de 1988 e povos indígenas. • Mineração e desmatamento: enfrentamentos indígenas. • Comunidades de remanescentes quilombolas. • Cidadania para os povos tradicionais. • Estudo de recepção sobre os privilégios na sociedade brasileira. • Comunicação dos resultados: relatório da pesquisa para ser publicado em meios digitais.
6 Conflito e resistência	**16.** Autoritarismos	• Panorama das guerras mundiais e seus impactos. • Índice da democracia: tipos de regime (democracia plena, democracia imperfeita, regime híbrido e regime autoritário). • Conceito de autoritarismo. • Democracia no Brasil. • Atos Institucionais (AIs). • Movimentos de resistência durante o regime militar.
	17. Representatividade e democracia	• Crise na representatividade democrática: origens, debate filosófico e expressões na democracia brasileira. • Dilemas da democracia moderna: como as democracias plenas enfrentam a crise. • Movimentos pela democracia e a importância da participação popular. • Constituição de 1988: marcos históricos e sociais, aprofundamento do compromisso democrático e próximos passos. • Guerra fria e o embate de dois modelos econômicos.
	18. Os movimentos populares	• Conceito de ética e movimentos populares. • Movimentos pelo acesso à terra. • Movimentos sociais no contexto urbano. • Ciberativismo. • Análise de mídias tradicionais (princípios de análise de discurso multimodal). • Comunicação dos resultados: organização de debate com as outras turmas sobre as conclusões da pesquisa.
7 Desafios no Brasil contemporâneo	**19.** Direitos sociais	• Conceito de direitos sociais e seus desdobramentos no cotidiano (saúde pública, educação e programas sociais). • Conceito de projetos políticos e seus desdobramentos no cotidiano. • Características das políticas neoliberais.
	20. Múltiplos desafios	• Principais desafios para a garantia dos direitos sociais e o acesso a esses direitos. • Indicadores sociais e suas aplicações políticas (análise de dois casos: segurança pública e cultura). • Projetos de transformação cultural (iniciativas locais e Plano Nacional de Cultura).
	21. Possibilidades de futuro: a periferia	• Iniciativas de transformação social com ênfase no protagonismo juvenil. • Identidades das periferias urbanas brasileiras. • A importância da atuação dos jovens na comunidade. • A arte e a geração de renda nas áreas periféricas. • Produções culturais realizadas nas periferias e as diferentes subjetividades (identidades juvenis). • Conceito de empreendedorismo social e a importância do engajamento da população nas comunidades. • A ampliação do conceito de sujeitos históricos e seu impacto na historiografia.
8 O Brasil e os outros Estados	**22.** O Brasil e a América do Sul	• Panorama histórico das relações diplomáticas entre Brasil e Venezuela. • Panorama da diplomacia brasileira diante do cenário global. • Organizações dos povos indígenas na América do Sul. • Histórico recente dos posicionamentos políticos eleitos nos países da América do Sul (aproximações e distanciamentos).
	23. Conexões do Atlântico Sul: Brasil e África	• Relações diplomáticas entre Brasil e Estados do continente africano. • Intervenções europeias no continente africano (colonização, descolonização e a desconstrução dos mitos civilizatórios europeus). • Debate sobre o etnocentrismo. • Debate sobre o eurocentrismo. • Cooperação Sul-Sul entre países africanos e o Brasil.
	24. Outras conexões	• Panorama das relações diplomáticas entre Brasil e China. • Panorama das relações diplomáticas entre Brasil e Estados Unidos. • Relações diplomáticas contemporâneas entre Brasil e União Europeia. • A União Europeia e a preservação da floresta Amazônica. • O protagonismo dos Brics e o G20. • Entrevista semiestruturada sobre os migrantes no Brasil atual. • Comunicação dos resultados
Projeto Fórum historiográfico	Construindo o trabalho solidário na comunidade	• Planejamento, produção e participação de uma campanha que promova ações solidárias.

Volume de Sociologia

Unidade	Capítulo	Conteúdos
1 O estudo da sociedade	**1.** A produção do conhecimento sobre a sociedade	• Ser humano como ser social e a vida em sociedade. • A construção dos conhecimentos: senso comum, religioso, filosófico e científico. • Conhecimento científico e as concepções racionalista, empirista e construtivista. • Conhecimento sobre a sociedade e a emergência da Sociologia. • Conhecimento científico sobre a sociedade: desnaturalização, estranhamento. • Caracterização das Ciências Sociais.
	2. A relação entre indivíduo e sociedade	• Abordagens clássicas da relação entre indivíduo e sociedade: Auguste Comte, Émile Durkheim, Max Weber, Karl Marx e Friedrich Engels. • Teorias sociológicas contemporâneas: Norbert Elias, Richard Sennet, Erving Goffman e Pierre Bourdieu. • Processo de socialização, papéis sociais e identidades.
2 Cultura, diversidade e resistência	**3.** O que é cultura?	• A relação entre cultura e sociedade. • A noção de cultura, a importância da alteridade, a valorização da diversidade cultural e os processos de transformação cultural. • Etnocentrismo, relativismo cultural e os processos de dominação e de resistência. • Escolas de pensamento da antropologia: evolucionismo, funcionalismo, estruturalismo e estrutural-funcionalismo. • Etnocentrismo e dominação, com ênfase na dominação cultural e na violência. • Perspectivismo ameríndio.
	4. Dominação e resistência	• O dinamismo da identidade cultural. • Identidade, nação e narrativas hegemônicas. • Narrativas sobre o Brasil, os processos de dominação, resistência e a construção da cidadania. • Patrimônio, memória e resistência cultural: samba, resistência indígena, resistência artística, cultural e política.
3 Arte e bens culturais: ideologia e massificação	**5.** Ideologia e indústria cultural	• Ideologia e a consolidação dos interesses de classes: processos de hegemonia e contra hegemonia. • Consumo, *status*, posição e distinção social capitais (social, cultural, simbólico, econômico). • A indústria cultural e a crítica à massificação dos bens culturais e do esvaziamento dos sentidos da arte. • A relação entre globalização e consumo na perspectiva do processo de homogeneização cultural. • Relações entre propaganda, consumo e sociabilidade. • A noção de indústria cultural.
	6. Arte, cultura e estética	• A arte e o belo como construções culturais e históricas. • A relação entre o conceito de beleza, a objetividade e a subjetividade segundo abordagem filosófica. • Relações entre arte, artista e técnica e as definições sobre o que é ou não é arte. • A representatividade e o empoderamento por meio da arte. • Apropriação cultural, a crítica decolonial e o uso da linguagem (artística, literária, acadêmica) como meio de resistência.
4 Relações de poder e resistência	**7.** Estado, poder e controle social	• Os mecanismos de poder e controle social nas perspectivas sociológicas clássicas. • Teorias sobre o Estado, a caracterização do Estado Moderno e os tipos de poder. • Caracterização do Estado brasileiro: conceito e forma. • O controle social e as teorias contemporâneas. • Mídia, sociedade do espetáculo e o impacto nos comportamentos e nas identidades.
	8. Mecanismo de ação coletiva e movimentos sociais	• A redemocratização do Brasil, a Constituição de 1988, a atuação popular e a construção da cidadania. • Formas de controle e regulação do Estado pela sociedade civil: estatutos e conselhos. • Conceituação de movimentos sociais, clássicos e novos, suas pautas e as formas de atuação. • Ambiente virtual: regulação, legislação e proteção aos usuários. • O direito à cidade e o uso do espaço

Unidade	Capítulo	Conteúdos
5 Estratificação, desigualdades e violências	**9.** Estratificação e desigualdade social	• Conceituação de estratificação social, destacando a relação entre estratificação e classe social. • A relação entre estratificação e desigualdade no Brasil. • Desigualdade, segregação e discriminação. • Segregação socioespacial: favelização e gentrificação. • Vulnerabilidade e juventudes.
	10. Desigualdade e violência	• Tipos de violência e as relações com as formas de desigualdade. • Formas de discriminação e desigualdade: LGBTfobia, transfobia, desigualdade de gênero e xenofobia. • A desigualdade de gênero e as formas atreladas de violência: misoginia, feminicídio e violência política. • Necropolítica e o viés da violência estatal.
6 Desigualdade racial e justiça social	**11.** Desigualdade racial	• As discussões raciais e a conformação do racismo estrutural no Brasil. • Perspectivas clássicas sobre a formação do povo brasileiro e os mecanismos de conformação da identidade nacional. • Democracia racial como mito, desigualdade racial e racismo. • O viés estatal do racismo: as vítimas da violência policial. • Movimento negro, resistência, legado e novas lutas.
	12. Justiça social	• Concepções filosóficas de justiça: Aristóteles, Thomas Hobbes e Immanuel Kant. • Reflexões contemporâneas sobre justiça social. • Representatividade política, direitos sociais, políticas de redistribuição de renda e inclusão (antietarismo e anticapacitismo) como mecanismos de justiça social.
7 Sociedade contemporânea e mundo do trabalho	**13.** Sociedade contemporânea: teorias sobre modernidade	• Caracterização da Modernidade. • Teorias sobre a Modernidade e sobre a transição da Modernidade. • Pós-modernidade, Modernidade líquida. • Os impactos das características das sociedades contemporâneas nas identidades, nas relações pessoais e sociais. • A sociedade do cansaço e a ode à produtividade.
	14. Trabalho: categoria histórica e social	• As concepções históricas, filosóficas e sociais do trabalho. • As teorias clássicas sobre trabalho na ótica das sociedades capitalistas. • Alienação, mais-valor e a desumanização do trabalhador no contexto das sociedades industriais e pós-industriais. • O impacto da pós-modernidade nas relações de trabalho e as consequências para os trabalhadores. • Precarização, flexibilização, uberização e empreendedorismo.
8 Sociedade, mundo digital e ambiente	**15.** Sociedade e informação na era digital	• Relação entre globalização e era digital no contexto da sociedade da informação. • Exclusão e inclusão digital. • Cultura e identidade na era da informação: cibercultura e sociabilidade. • *Fake News*, pós-verdade, mídia e democracia: o perigo da desinformação. • *Deepfake* e inteligência artificial: aplicações, questões éticas e regulação. • Crimes virtuais e *cyberbullying*. • A importância do ativismo digital.
	16. Sociedade e ambiente	• Contexto histórico das mobilizações ambientais. • Crise ambiental: revisão de paradigmas e de valores. • Questões ambientais contemporâneas: agropecuária, mineração e os "desastres" ambientais. • Acordos e conferências mundiais sobre o ambiente. • Políticas públicas e desafios ambientais no Brasil e a perseguição a ambientalistas. • Ativismo, sustentabilidade e boas práticas ambientais como meio para a cidadania. • Soberania e segurança alimentar.
Projeto Dossiê sociológico	Diversidade e identidade no Brasil contemporâneo: um olhar sobre preconceitos e discriminações	• Planejamento, produção e elaboração de um dossiê sobre como as questões de diversidade, discriminação, preconceito e inclusão se manifestam na realidade brasileira.

LEITURAS COMPLEMENTARES

Os textos a seguir podem aprofundar e/ou ampliar os diálogos propostos ao longo deste volume, proporcionando reflexões diferentes sobre os objetos de pesquisa analisados e as perspectivas teórico-metodológicas adotadas na coleção.

Protagonismo juvenil

[…] O tema da participação política dos jovens é um lugar comum nas políticas públicas de juventude atualmente, constituindo-se como uma espécie de pilar metodológico para estas, de forma que, sem ele, a legitimidade de uma política pública é posta em dúvida. Esse tema, como foi evidenciado até aqui, não surgiu em 1985 com o Ano Internacional da Juventude, não era uma novidade, mas sim uma orientação que já vinha sendo discutida pela ONU há algum tempo. […]

Essa modalidade de política pública teria como objetivo uma ação sobre várias esferas da vida dos jovens, não sendo uma temeridade dizer que ela tem como estratégia a gestão de suas vidas em relação à sociedade, fazendo com que esses jovens sejam atores estratégicos no desenvolvimento social, incluindo-os e fazendo-os participarem da sociedade enquanto tal, sem rupturas ou conflitos que ponham em risco as estratégias que visam à melhoria da vida de toda a população.

A prática do protagonismo juvenil, em termos oficiais, desse modo, se torna um eixo fundamental das ações políticas que têm os jovens como público-alvo, isto é, na concepção do protagonismo juvenil "[…] o jovem tem que ser o ator principal em todas as etapas das propostas a serem construídas em seu favor" […]. É claro que não podemos nos prender apenas ao termo "protagonismo juvenil", mas levar em consideração que ele está relacionado a um tipo de prática política que não prescinde de todo um trabalho de formação e autoformação do jovem, elementos comuns em ações políticas que tentam incentivar um ideal de cidadania para a juventude. […]

[…] Ora, isso significa não apenas a ideia de que os jovens devem se tornar atores principais das ações políticas governamentais ou não governamentais, mas sim, que a sua força deve ser capitalizada, deve ser transformada numa espécie de moeda de troca, um trunfo para desenvolvimento e progresso mundial.

É preciso levar em consideração que, com esse dito acerca da juventude enquanto "futuro no presente", temos uma espécie de estreitamento do discurso da responsabilidade para com as futuras gerações. Isso é um ponto importante, pois não se está apenas falando de uma preocupação com as gerações futuras, aquelas que nem existem ainda, e sim de uma preocupação de quem vive agora consigo mesmo. Diríamos que a sociedade quer ações no presente por parte dos jovens, porém, para eles, essas ações são vendidas como investimentos no seu próprio futuro. […]

[…] Os comportamentos de risco dos jovens são prejudiciais, tanto para eles quanto para a sociedade, isto é, o prejuízo de um é o prejuízo do outro. Investir no jovem é investir no país. Entretanto, não podemos deixar de levar em consideração a noção capital humano, pois ela diz respeito à relação que um sujeito estabelece consigo mesmo. Ela tem um significado importante, pois, a partir dessa noção, o sujeito, com aquilo que ele é e sabe fazer, passa a ser a sua própria moeda de troca. As suas habilidades, portanto, serão vistas como um capital, algo que pode lhe gerar, inclusive, renda. Falar em investimento no capital humano significa falar em investimento nas capacidades das pessoas e, por conseguinte, nas suas maneiras de gerir suas próprias vidas.

[…]

O incentivo ao empreendedorismo juvenil é um ponto comum em alguns documentos que pautam as políticas públicas de juventude. No entanto, é preciso levar em consideração que empreender não é apenas constituir uma empresa ou investir dinheiro, porém, executar uma tarefa, fazer algo que exija certa força e coragem: algo como uma capacidade própria que só depende de si mesmo. Por outro lado, tendo em vista a concepção de capital humano, empreender é formar-se, é também investir em si, acumulando saberes para que esses sejam contabilizados como capital, numa espécie de economia de conhecimento. Dessa maneira, podemos estabelecer uma conexão entre protagonismo e empreendedorismo, tendo em vista que ambos dizem respeito a um autoinvestimento que tem por finalidade um tipo de autonomia.

GOULART, Marcos Vinicius da Silva; SANTOS, Nair Iracema Silveira dos. Protagonismo juvenil e capital humano: uma análise da participação política da juventude no Brasil. *Ciências Sociais Unisinos*, São Leopoldo, v. 50, n. 2, p. 129-134, 2014. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/938/93832099004.pdf. Acesso em: 24 set. 2024.

Educação e sustentabilidade

A sociedade tem demonstrado ansiar pela partilha do saber da ciência e da tecnologia, cujas descobertas reflitam na melhoria da qualidade de vida, do ambiente e da saúde, para se alcançar a almejada sustentabilidade. Assim, além do caráter informativo, a divulgação científica apresenta uma função educativa, na formação de opinião pública qualificada, assumindo os contornos de uma prática fundamentalmente comunicativa de vulgarização e mediação. […]

[…] A divulgação científica é um recurso de mídia que opera como uma força de reconhecimento e legitimação dos círculos de saber, conferindo à atividade científica um lugar de prestígio e poder. […]

Por isso, embora seja comum advogar a natureza conciliatória da divulgação científica que cumpriria a função social de aproximar o homem leigo dos saberes e conhecimentos historicamente excluídos da laicidade e, cada vez mais, restritos a comunidades fechadas, "é preciso ver na atividade de divulgação mais do que uma forma de lançar pontes de trânsito entre o saber institucionalizado e o não-saber laico" […].

Nos dez artigos da série "Sustentabilidade na Escola", apresenta-se o papel da ciência e da tecnologia para a construção da "sustentabilidade verde". Nesse sentido, a educação ambiental proposta apoia-se na legitimidade do conhecimento científico, representado pelas leis da termodinâmica, colocando a agricultura moderna como caminho para a sustentabilidade no Brasil. Como referência, está a eficiência na produção de alimentos e de energia limpa e renovável, que se materializa, nas explanações de Evaristo Miranda, nos alimentos transgênicos e na agroenergia.

No entanto, o articulista coloca a responsabilidade dessa nova forma de produzir e consumir sobre o "livre-arbítrio" do consumidor, sem considerar as desigualdades sociais, culturais

e econômicas que limitam a escolha individual [...]. À Educação Ambiental importa a relação entre ensino científico e cidadania:

[...] em uma delas, o aprendizado não pode ser pleno e completo sem considerar as implicações sociais do desenvolvimento científico e tecnológico; e outra, é imperativo analisar as relações da evolução da ciência e tecnologia e da qualidade e do modo de vida em diferentes comunidades. Embora haja uma clara conjunção desses processos, a educação – qualquer que seja o nível e a instância em que se realize – deverá fazer com que os participantes analisem as diferentes facetas relacionadas às causas, possibilidades e limitações e perspectivas da ciência e tecnologia como processo, como produto e como instituição social. [...]

Na série analisada, foram enfatizadas a eficiência tecnológica, a gestão ambiental e as mudanças de comportamento, com forte grau de normatividade e prescritividade, abordagem que implica propostas de Educação Ambiental centradas na formação econômica e técnica, não ética [...].

Esse é o problema identificado no *corpus*: um discurso da sustentabilidade, voltado ao público docente, com alto grau de cientificismo e comportamentalismo, que se materializou, inclusive, na linguagem, com novos termos para velhos pensamentos, como: "agroenergia", para manter a monocultura, o agronegócio e a exportação de *commodities*; "florestas energéticas" e "apagão florestal", para valorar o meio ambiente e veicular a noção de capital natural; "sustentabilidade verde", para sustentar a produção energética pelo agronegócio.

O papel da escola em relação à sustentabilidade, segundo a série analisada, é informar, aos alunos, sobre as inovações tecnológicas em relação ao aquecimento global, ao efeito estufa, à produção de energia e alimentos, à gestão da água e dos resíduos, desmistificando a problemática ambiental pelo conhecimento científico.

É inegável o potencial e a contribuição da ciência, e isso deve fazer parte do processo educacional. No entanto, temos um conceito limitado de ciência, pretensamente neutra e objetiva, o que a torna dogmática, já que indiscutível. Além disso, problematizamos a questão do otimismo tecnológico que se coloca como panaceia para todos os males, principalmente os ambientais, e "recurso mágico" capaz de inventar soluções para qualquer problema interveniente.

Sulaiman, Samia Nascimento. Educação ambiental, sustentabilidade e ciência: o papel da mídia na difusão de conhecimentos científicos. *Ciência & Educação*, Bauru, v. 17, n. 3, p. 645-662, 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132011000300008&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 24 set. 2024.

Inteligência artificial: reflexões

Ao utilizarmos o termo Inteligência Artificial (IA), logo nos vem à mente a importância do seu real significado e de sua finalidade. Dessa forma, podemos defini-la como o estudo de conceitos cujo objetivo é fazer com que os computadores sejam, de certa forma, mais inteligentes, facilitando o seu uso em várias áreas que exijam um raciocínio rápido e lógico e buscando torná-los mais eficientes na execução de atividades do que se estas fossem executadas por um humano.

No entanto, para entendermos mais facilmente esse conceito, devemos abordar o real sentido do que é realmente a inteligência em uma perspectiva mais ampla: inteligência nada mais é que a capacidade de raciocinar e adquirir conhecimento em determinadas ações aplicadas a um mundo real, com finalidade de otimizar a conclusão de uma tarefa específica.

Quando passamos a unir os dois conceitos, do real significado do que é a IA e de sua aplicação em várias áreas, temos um conceito básico, mas de fácil entendimento para podermos iniciar o estudo: IA é a forma de tornar os computadores mais úteis em tarefas não muito comuns aos humanos, nas quais também é possível que tais máquinas possam adquirir conhecimento artificialmente, evoluindo através das suas funções atribuídas. [...]

Podemos citar algumas aplicações nas quais a IA já é utilizada há algum tempo e outras em que ela pode vir a ser usada. [...] Na educação, o uso de sistemas de tutoria inteligentes (do inglês, *intelligent tutoring systems*) auxilia na composição do conhecimento discente em sala de aula. Esses sistemas são capazes de adaptar o material de instrução às necessidades individuais de cada aluno, proporcionando um caminho de aprendizagem personalizado. A área médica é outro segmento em que o uso das máquinas se torna algo essencial. Podemos ver isso através de análises médicas, monitoramento de pacientes ou controle de uso de medicamentos, em cirurgias complexas etc. [...]

Os algoritmos de IA atualmente permeiam e moldam imperceptivelmente o comportamento humano. Atividades corriqueiras como uma simples busca na internet, a escolha de um filme em uma plataforma de *streaming* ou uma mera compra *on-line* são mediadas por algoritmos de IA. Estes, de acordo com o perfil do usuário, recomendam e decidem o que será possível visualizar ou não.

A máquina aprende a recomendar e o que ela sugere nem sempre corresponde à realidade, mas sim ao que supostamente lhe convém ver, priorizando aquilo que mais conecta as pessoas em detrimento do que realmente é verídico. Isso representa um problema grave, uma vez que a função primordial de um algoritmo generativo é maximizar a satisfação do usuário, facilitando a obtenção do que busca.Dessa forma, estamos constantemente subjugados a vieses inconscientes ao acessar as redes sociais ou qualquer aplicação estruturada pela IA. Tal situação nos afeta continuamente, acarretando um redemoinho de dilemas éticos.

Portanto, é imperativo que os desenvolvedores de *softwares* de IA sejam supervisionados, dado o alto grau de riscos envolvidos. Frequentemente, esses profissionais não estão cientes das consequências, pois a eles parece inofensivo simplesmente fornecer ao usuário aquilo que ele deseja ver, em vez do que é correto e legal. Por essa razão, necessitamos da participação de antropólogos, sociólogos, filósofos, psicólogos – indivíduos versados na condição humana – capazes de definir os objetivos que devem ser atribuídos aos algoritmos, evitando a perpetuação de uma visão apocalíptica que preconiza que a IA irá aniquilar o mundo, como frequentemente retratado em filmes de ficção científica.

Alves, Lynn (org.). *Inteligência artificial e educação*: refletindo sobre os desafios contemporâneos. Salvador: EDUAFBA; Feira de Santana: UEFS Editora, 2023. p. 21-31.

BIBLIOGRAFIA COMENTADA

Alves, Lynn (org.). *Inteligência artificial e educação*: refletindo sobre os desafios contemporâneos. Salvador: EDUAFBA; Feira de Santana: UEFS Editora, 2023.

O livro apresenta uma discussão atual sobre a interação e a mediação com as Inteligências Artificiais Generativas (IAGs), sob o prisma das Ciências Humanas, com destaque para a área de educação.

Bezerra, Cicero Anderson de Almeida. *Fake News*, memes e o ensino de História. *Revista da Associação Nacional de História – Seção Ceará*, Fortaleza, v. 11, n. 21, p. 30-40, jan./jul. 2020.

Artigo sobre o impacto, na sala de aula, dos conteúdos que circulam diariamente nas redes sociais, especialmente quando se trata das manifestações que difundem discursos de ódio, *bullying*, racismo, homofobia, xenofobia ou qualquer outro tipo de preconceito.

Bittar, Eduardo C. B. *Ética, educação, cidadania e direitos humanos*. Barueri: Manole, 2004.

A obra apresenta reflexões filosóficas sobre o trabalho na sala de aula com foco nas posturas e propostas éticas alinhadas aos direitos humanos. O ponto de partida para os debates são as experiências selecionadas pelo autor, enriquecendo as proposições que aliam filosofia e direito.

Brasil. Casa Civil. Lei n. 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF, 1996. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/lei%209394.pdf. Acesso em: 12 set. 2024.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), promulgada em 1996, tem a função de organizar a estrutura e o funcionamento do sistema de educação brasileiro, definindo os objetivos e as responsabilidades de cada ente federativo na garantia aos direitos educacionais e estabelecendo as formas de financiamento do ensino público.

Brasil. Casa Civil. Lei n. 13005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação (2014-2024). Brasília, DF, 2014. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm. Acesso em: 12 set. 2024

O Plano Nacional de Educação estabelece as diretrizes, metas e estratégias para a política educacional entre o período de 2014 e 2024. Os principais objetivos visados por ele são a expansão da Educação Básica e do Ensino Superior, a diminuição das desigualdades educacionais e a preparação e a valorização dos profissionais da educação.

Brasil. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações. Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas. [20--]. Disponível em: https://antigo.mctic.gov.br/mctic/opencms/ciencia/SEPED/ciencias_humanas/O_que_e_as_CGHS/O_que_e_as_CGHS.html#:~:text=Responder%20aos%20desafios%20humanos%20exige,diferentes%20fatores%20se%20interrelacionam. Acesso em: 12 set. 2024.

Nesse *link*, estão disponibilizadas definições oficiais do governo sobre a área de Ciências Humanas e Sociais aplicadas, seus principais desafios e as temáticas que se destacam nas abordagens dessa área.

Brasil. Ministério da Educação. Conselho Nacional dos Secretários Estaduais de Educação. *Guia de implementação do Novo Ensino Médio*. 2019. Disponível em: https://anec.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Guia-de-implantacao-do-Novo-Ensino-Medio.pdf. Acesso em: 12 set. 2024.

O documento – elaborado pelo Ministério da Educação (MEC) e pelo Conselho Nacional de Secretários de Educação (Consed) – explica as mudanças previstas pela reforma do Ensino Médio na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e fornece aos técnicos da rede de ensino e aos gestores escolares orientações sobre como implementá-las.

Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Base Nacional comum curricular*. Brasília: MEC/SEB, 2018a. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal.pdf. Acesso em: 12 set. 2024

Documento elaborado pelo Ministério da Educação, conforme previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Estabelece as competências, as habilidades e as aprendizagens essenciais aos estudantes de todas as escolas públicas e particulares do país, em todas as etapas da Educação Básica.

Brasil. Resolução n. 4, de 2 de outubro de 2009. Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_09.pdf. Acesso em: 8 out. 2024.

O documento oferece subsídios técnicos e pedagógico para professores e outros profissionais com o objetivo de garantir um atendimento adequado e inclusivo aos estudantes com necessidades especiais.

Brasil. Resolução n. 3, de 21 de novembro de 2018b. Disponível em: https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/51281622. Acesso em: 12 set. 2024.

A Resolução atualizou as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio para orientar as políticas públicas educacionais em todas as formas e modalidades de Ensino Médio no Brasil. O documento favorece, ainda, a elaboração, o planejamento e a avaliação das propostas curriculares das instituições de ensino públicas e privadas que ofertam o Ensino Médio.

Candau, Vera Maria (org.). *Interculturalizar, descolonizar, democratizar*: uma educação "outra"? Rio de Janeiro: 7Letras, 2016.

O livro reúne uma série de artigos elaborados por especialistas de diferentes nacionalidades. Os textos tratam da interculturalidade crítica e de suas implicações para os processos educacionais, da relação entre descolonização e educação e da literatura pedagógica sob uma perspectiva das práticas educativas interculturais.

Dayrel, Juarez; Carranos, Paulo; Main; Carla Linhares (org.). *Juventude e Ensino Médio*: sujeitos e currículos em diálogos. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

A obra apresenta reflexões sobre a realidade juvenil brasileira e as múltiplas dimensões da condição de ser jovem no contexto do debate em torno do currículo para o Ensino Médio.

França, Aldaíres Souto. Propostas Curriculares para o Ensino de Estudos Sociais: circulação e apropriações de representações de ensino de História e de aperfeiçoamento de professores (Espírito Santo, 1956-1976). 2013. 294 f. Tese (Doutorado) – Curso de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2013. Disponível em: https://sappg.ufes.br/tese_drupal/tese_7250_TEXTO%20COMPLETO%20TESE%20DA%20ALDAIRES%20SOUTO%20FRAN%C7A.pdf. Acesso em: 8 out. 2024.

O estudo problematiza as representações sobre o ensino de Estudos Sociais com base em publicações pedagógicas e em propostas curriculares entre os anos de 1956 e 1976, no estado do Espírito Santo. A tese analisa como tais documentos foram apropriados e legitimados na cultura escolar ao longo do tempo.

Giordani, Estela Maris. O "como" implementar a dimensão interdisciplinar em práticas pedagógicas nas escolas. *Revista Contexto e Educação*, São Geraldo, ano 15, n. 60, p. 81-98, 2000. Disponível em: https://revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/1224/977. Acesso em: 12 set. 2024.

A autora apresenta algumas considerações sobre seu entendimento acerca das relações interdisciplinares e analisa possibilidades de sua implementação no processo de ensino-aprendizagem desenvolvido nas escolas.

Gomes, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. *Currículo sem Fronteiras*, v. 12, n. 1, p. 98-109, jan./abr. 2012. Disponível em: http://www.curriculosemfronteiras.org/vol12iss1articles/gomes.pdf. Acesso em: 6 jul. 2020.

Considerado um dos textos de referência para as relações étnico-raciais na educação brasileira, esse artigo da pedagoga brasileira Nilma Lino Gomes dialoga sobre a construção dos currículos escolares no Brasil, a importância política deles e os impactos para a descolonização nos modos de pensar.

Goulart, Marcos Vinicius da Silva; Santos, Nair Iracema Silveira dos. Protagonismo juvenil e capital humano: uma análise da participação política da juventude no Brasil. *Ciências Sociais Unisinos*, São Leopoldo, v. 50, n. 2, p. 127-136, 2014. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/938/93832099004.pdf. Acesso em: 12 set. 2024.

Nesse artigo da área da psicologia social, são analisados os principais discursos institucionais sobre o protagonismo juvenil e as políticas públicas que fomentam a participação dos jovens na vida pública, em contexto nacional e internacional, ressaltando a importância desse tipo de investimento para a sociedade contemporânea.

Machado, Cristiane; Alavarse, Ocimar Munhoz. Qualidade das escolas: tensões e potencialidades das avaliações externas. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 39, n. 2, abr./jun. 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362014000200005&lang=pt. Acesso em: 12 set. 2024.

No artigo, os autores discutem como as avaliações externas se tornaram diretrizes da política educacional nacional para proporcionar melhorias na qualidade da educação no Brasil.

Melo, Bárbara de Caldas; Sant'ana, Geisa. A prática da metodologia ativa: compreensão dos discentes enquanto autores do processo ensino-aprendizagem. *Comunicação em Ciências da Saúde*, Brasília, DF, v. 23, n. 4, p. 327-339, 2012. Disponível em: https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-755235. Acesso em: 12 set. 2024.

As autoras do artigo apresentam alguns aspectos importantes sobre a construção da aprendizagem dos estudantes por meio das metodologias ativas. Além disso, investigam a adaptação e analisam as vantagens e fragilidades da aplicação dessas metodologias na prática docente, em especial na articulação entre teoria e prática.

Mitre, Sandra M. *et al*. Metodologias ativas de ensino-aprendizagem na formação profissional em saúde: debates atuais. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 13, supl. 2, dez. 2008. Disponível em: https://www.scielo.br/j/csc/a/9M86Ktp3vpHgMxWTZXScRKS/?lang=pt. Acesso em: 12 set. 2024

No artigo, é discutida a transformação proporcionada pela adoção de metodologias ativas, que partem prementemente da indissociabilidade entre teoria e prática no decorrer da formação dos profissionais de saúde.

Munsberg, João A. S. *et al*. O currículo decolonial: da reflexão à prática intercultural. *Religare*: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da UFPB, João Pessoa, v. 16, n. 2, p. 593-614, dez. 2019. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/religare/article/view/44085. Acesso em: 12 set. 2024.

Preocupados com a naturalização do eurocentrismo no currículo escolar, os autores propõem a decolonização do poder, do saber e do ser mediante uma atitude decolonial, assumindo uma postura crítica em relação à colonialidade em termos teóricos e práticos.

Oliveira, Ivan Nascimento de. O uso das novas tecnologias no ensino da Geografia: Google maps, Flightrader24 e Marine traffic abordando os meios de transporte aéreo e marítimo. *In*: Paraná. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. *Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE*, 2013. Curitiba: SEED/PR, 2016. v. 1. (Cadernos PDE). Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_uepg_geo_artigo_ivan_nascimento_de_oliveira.pdf. Acesso em: 23 set. 2024.

O artigo apresenta propostas para o uso dos recursos tecnológicos disponíveis na internet, demonstrando que, no mundo contemporâneo, é necessário repensar as práticas pedagógicas na sala de aula por meio de recursos tecnológicos que favoreçam o aprofundamento de conceitos e estratégias importantes para Geografia.

Organização das Nações Unidas (ONU). *Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável*, 2015. Disponível em: https://brasil.un.org/pt-br/91863-agenda-2030-para-o-desenvolvimento-sustentavel. Acesso em: 12 set. 2024.

A Agenda 2030 é um plano de ação que visa ao desenvolvimento de um mundo mais justo e igualitário. O documento apresenta 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável para fortalecer a paz universal e para erradicar a pobreza em suas diversas dimensões.

Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). *Global Competency for an Inclusive World*. Disponível em: https://repositorio.minedu.gob.pe/handle/20.500.12799/4561. Acesso em: 8 out. 2024.

O documento versa sobre a importância do desenvolvimento de uma competência global em que os indivíduos, em especial os estudantes, possam analisar questões locais, globais e interculturais. Nesse aspecto, a escola torna-se o ambiente propício para o desenvolvimento de uma competência global envolvendo diferentes povos, línguas e culturas em diversas localidades do mundo.

Prado, Marta Lenise do. *et al*. Arco de Charles Maguerez: refletindo estratégias de metodologia ativa na formação de profissionais de saúde. *Escola Anna Nery*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, mar. 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ean/a/89NXfW4dC7vWdXwdKffmf4N/?lang=pt. Acesso em: 8 out. 2024.

As autoras apresentam um relato a respeito de um seminário sobre metodologia ativa que tomou como base o Arco de Charles Maguerez. As informações discutidas no artigo possibilitam reflexões acerca das práticas pedagógicas dos participantes do evento.

Severino, Antônio Joaquim. Do ensino da Filosofia: estratégias interdisciplinares. *Educação em Revista*, Marília, v. 12, n. 1, p. 81-96, jan./jun. 2011.

O artigo apresenta estratégias interdisciplinares no desenvolvimento do trabalho didático-pedagógico para o ensino de Filosofia, articulando as demais disciplinas do currículo.

Silva, Eliane Anselmo da. *et al*. As Ciências Sociais e o desafio da Antropologia na prática docente na Educação Básica. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 16, n. esp. 3, p. 1493-1508, jun. 2021.

A proposta deste artigo é refletir sobre as contribuições do saber antropológico e das Ciências Sociais no contexto escolar, reconhecendo a importância desses saberes para a construção da identidade plural e democrática da sociedade contemporânea brasileira.

Sulaiman, Samia Nascimento. Educação ambiental, sustentabilidade e ciência: o papel da mídia na difusão de conhecimentos científicos. *Ciência & Educação*, Bauru, v. 17, n. 3, p. 645-662, 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ciedu/a/p44QSP7WTTnRnGwtV8jhLMp/?lang=pt. Acesso em: 24 ago. 2020.

Nesse artigo, a educadora Samia Sulaiman faz uma análise sobre a educação ambiental, em especial no que se refere à sustentabilidade na escola, com base em revistas de divulgação científica de grande circulação.

Zabala, Antoni. A avaliação. *In*: Zabala, Antoni. *A prática educativa*: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.

O pedagogo Antoni Zabala problematiza o conceito de avaliação, levando em consideração os processos individual e grupal. Para isso, pauta-se nas possibilidades de identificação do objeto e do sujeito da avaliação para questionar o que é preciso avaliar, a quem e como, além da maneira de comunicar o conhecimento obtido por meio da avaliação.

Zabala, Antoni; Arnau, Laia. *Como aprender e ensinar competências*. Porto Alegre: Penso, 2014.

Nessa obra, os autores abordam a importância do uso educacional das competências para o desenvolvimento integral dos estudantes. Além disso, argumentam que o ensino pautado em competências desenvolve, necessariamente, habilidades e atitudes, dando um caráter metadisciplinar aos componentes curriculares de maior relevância diante de problemas reais.

Zanella, Andréa Vieira. Escolarização formal e cidadania: possíveis relações, relações possíveis? *In*: Silveira, A. F. (org.). *Cidadania e participação social*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. Disponível em: https://books.scielo.org/id/hn3q6/pdf/silveira-9788599662885-09.pdf. Acesso em: 12 set. 2024.

O artigo apresenta um debate interessante sobre as relações entre a educação escolar e a formação cidadã, traçando um panorama histórico do debate e, em seguida, dialogando sobre experiências de estudantes e docentes por meio de abordagens pertinentes à filosofia da educação.

1 SER NO MUNDO

INTRODUÇÃO

A unidade 1 tem como contexto mobilizador o ser no mundo contemporâneo. Nesse sentido, as discussão desenvolvidas visam problematizar os conceitos de "ser", "contemporaneidade" e "juventude" como forma de provocar a reflexão filosófica dos estudantes a respeito de si e do mundo em que vivem. Para tanto, eles serão mobilizados a conhecer ideias, reflexões e questionamentos filosóficos e de outros componentes da área de Ciências Humanas acerca desses conceitos.

No capítulo 1, os estudantes serão incentivados a refletir sobre a natureza ou condição humana – para isso, terão contato com discussões ontológicas que problematizam o ser e, em especial, o ser humano –, sobre o processo de individuação e a experiência da alteridade e sobre a diversidade de formas de ser e existir no mundo.

O capítulo 2 centra-se na caracterização da contemporaneidade, a partir do conceito de "pós-modernidade". Nesse sentido, os estudantes conhecerão problematizações acerca desse conceito e refletirão sobre algumas características, sujeitos e desafios desse contexto temporal, com especial ênfase para a discussão acerca dos novos sujeitos sociais do mundo pós-moderno.

Por fim, no capítulo 3, os estudantes serão convidados a refletir acerca da própria identidade como jovens, questionando definições estanques e exclusivamente biológicas que muitas vezes são associadas ao conceito de "juventude", compreendendo-se como sujeitos ativos em suas experiências e vivências em sociedade.

Sugestão de planejamento

As discussões desenvolvidas nesse capítulo são especialmente propícias ao trabalho interdisciplinar com o componente de Sociologia, embora discussões como a pós-modernidade como recorte temporal e sobre a relação entre juventude e territorialidade também se apresentem como momentos oportunos para o trabalho com os componentes de História e Geografia,

Objetivos da unidade

- Caracterizar o ser e os debates filosóficos sobre o ser.
- Refletir sobre a condição humana em diferentes contextos.
- Compreender o significado de individuação.
- Reconhecer a experiência da alteridade.
- Caracterizar o mundo pós-moderno.
- Reconhecer identidades e sujeitos sociais característicos da pós-modernidade.
- Problematizar a ideia de sujeito universal.
- Refletir sobre desafios do mundo pós-moderno.
- Problematizar o conceito de "juventude" em sua pluralidade de significados.
- Reconhecer-se como sujeito social.
- Refletir sobre desafios e questionamentos das juventudes no presente.
- Conhecer formas de participação social ativa e protagonismo social.

COMPETÊNCIAS E HABILIDADES DA UNIDADE

CAPÍTULO	COMPETÊNCIAS GERAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA	COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS E HABILIDADES	TEMAS CONTEMPORÂNEOS TRANSVERSAIS
1	CGEB1 e CGEB4	**CECHSA1:** EM13CHS101, EM13CHS102, EM13CHS103 e EM13CHS105 **CECHSA4:** EM13CHS401 **CECHSA6:** EM13CHS601 **CECNT2:** EM13CNT206	Educação ambiental; Diversidade cultural
2	CGEB1, CGEB3 e CGEB6	**CECHSA1:** EM13CHS102 e EM13CHS105 **CELT7:** EM13LGG702	Educação para valorização do multiculturalismo nas matrizes históricas e culturais brasileiras
3	CGEB1, CGEB6, CGEB7, CHEB8, CGEB9 e CGEB10	**CECHSA2:** EM13CHS204 e EM13CHS205 **CECHSA4:** EM13CHS401 **CECHSA5:** EM13CHS502 **CECHSA6:** EM13CHS601 e EM13CHS606	Educação em direitos humanos; Direitos da criança e do adolescente

ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS

ABERTURA DE UNIDADE (Páginas 10 e 11)

Para introduzir as discussões a respeito do ser, da pós-modernidade e das culturas juvenis, a abertura da unidade apresenta uma reflexão inicial sobre a temática da identidade. Essa reflexão é desenvolvida a partir da discussão acerca da pintura corporal, cultura que evoca discussões acerca de questões como pertencimento, identidade e fluidez.

Inicie a aula questionando os estudantes se estão familiarizados com pinturas corporais, se já viram ou até mesmo se já praticaram a pintura nos próprios corpos em alguma manifestação artística. Chame a atenção para o fator identitário presente nessa cultura, estabelecendo paralelos com outras manifestações culturais que possibilitam o sentimento de pertencimento. Nesse sentido, é importante evidenciar que, quando uma pessoa realiza uma pintura corporal, ela não está "se fantasiando" , está se comunicando por meio do corpo e empunhando símbolos identitários do grupo ao qual pertence.

ORGANIZAR IDEIAS

1. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes citem que a Filosofia oferece ferramentas para compreender a multiplicidade de identidades ao questionar a essência da existência humana e os processos de autoconstrução. Diferentes correntes filosóficas, como o existencialismo, sugerem que a identidade não é algo fixo, mas uma construção contínua que se desenvolve ao longo da vida.
2. Resposta pessoal. Como possibilidade de resposta, talvez os estudantes mencionem que pinturas corporais podem ser entendidas como forma de expressão daquilo que se é e daquilo que se deseja comunicar sobre si.
3. Resposta pessoal. Sugestão de resposta: Crise de identidade é um período de intensa reflexão e incerteza sobre quem a pessoa realmente é, suas crenças, valores e propósito de vida. Ela pode ocorrer em momentos de transição ou mudança significativa, como durante a adolescência, ao enfrentar desafios pessoais ou profissionais, ou em situações que desafiem as crenças e a autoimagem estabelecidas.

CAPÍTULO 1 AFINAL, O QUE SIGNIFICA SER HUMANO? (Página 12)

O capítulo 1 propõe uma análise sobre o conceito de "ser humano", levando os estudantes a refletir sobre as múltiplas dimensões que compõem essa condição, como a biológica, a psicológica e a social. Partindo de uma abordagem ontológica, o capítulo explora como, ao longo da história, diferentes correntes filosóficas moldaram nosso entendimento do que significa ser humano, desde os filósofos antigos, como Aristóteles e Parmênides, até pensadores contemporâneos, como Jean-Paul Sartre e Albert Camus. O texto analisa a ontologia, a ciência do Ser e a evolução da compreensão do "ser humano", destacando as diferentes visões que o concebem como um ser político, dividido entre corpo e alma, ou como alguém que se autoproduz, responsável por sua própria liberdade e existência.

A filosofia contemporânea desafia o conceito de um sujeito universal, revelando que a experiência humana é plural e profundamente influenciada por fatores sociais, culturais e históricos. Esses aspectos são fundamentais para compreender como nossas identidades são construídas em diálogo com o outro e com o mundo ao nosso redor.

O objetivo do texto introdutório é problematizar o que significa ser humano com os estudantes. Uma abordagem inicial possível seria propor uma discussão sobre o que eles entendem por "ser humano". A partir disso, você pode introduzir diferentes perspectivas filosóficas, usando exemplos concretos, como os personagens de *videogames* ou filmes mencionados no texto, que personificam dilemas existenciais.

É interessante adotar uma abordagem que conecte a reflexão filosófica com a experiência cotidiana. O ponto de partida pode ser a ideia de que o ser humano é único pela sua capacidade de pensar sobre si e o mundo ao seu redor, abordando as diferentes dimensões que formam essa condição humana.

Inicie uma discussão aberta sobre o que os estudantes acreditam que diferencia os seres humanos dos outros seres vivos. Pergunte a eles sobre as características que consideram essenciais ao ser humano, como a capacidade de sentir emoções complexas, raciocinar ou criar cultura. Então, apresente os conceitos filosóficos relacionados à essência do ser humano, como a noção de que somos conscientes de nossa finitude e potencial, e como essa consciência nos impulsiona a criar significados que vão além da mera sobrevivência.

Incentive os estudantes a refletir sobre como cada indivíduo, ao fazer escolhas e agir no mundo, contribui para a formação e a transformação das sociedades. A relação entre liberdade individual e responsabilidade social pode ser problematizada por meio de perguntas: "Como suas ações diárias influenciam seu entorno?"; "Como as normas sociais afetam suas escolhas?". Esse debate ajuda a relacionar o conteúdo filosófico com os desafios contemporâneos que os estudantes vivenciam ou observam.

Essa abordagem está alinhada à habilidade **EM13CHS101**.

RESPOSTAS ÀS QUESTÕES

1. Resposta pessoal. Os estudantes devem refletir sobre as próprias experiências e observações para descrever o que consideram ser a essência do ser humano, podendo considerar aspectos como sentimentos, relações interpessoais, valores e a busca por significado. A resposta deve demonstrar uma compreensão pessoal e única sobre o que define a natureza humana, integrando experiências e percepções individuais.
2. Respostas pessoais. As questões apresentam uma oportunidade valiosa para explorar como os ideais de perfeição e humanidade evoluíram ao longo do tempo e como são influenciados por contextos culturais e históricos. Leonardo da Vinci apresentou um ideal de perfeição que refletia os valores do Renascimento e o eurocentrismo da época, enquanto a releitura contemporânea questiona e expande essas ideias, integrando uma visão mais inclusiva e diversificada do ser humano. É esperado que os estudantes percebam como os ideais de perfeição podem variar entre diferentes culturas e períodos históricos, e reflitam sobre como a arte pode ser uma ferramenta poderosa para desafiar e redefinir esses ideais.
3. Resposta pessoal. Os estudantes devem explorar como as sociedades, a cultura e as interações com outras pessoas moldam a percepção deles do que significa ser humano. Eles podem discutir como normas sociais, valores culturais e relacionamentos pessoais influenciam suas ideias sobre identidade, comportamento e propósito.

O estudo do Ser (Página 13)

O tema oferece uma oportunidade para trabalhar o conceito de "ontologia", tema central na Filosofia que explora a natureza do ser e da existência. Ao trabalhar o conteúdo, destaque que o

espanto diante do mundo é a raiz da Filosofia. Foi essa capacidade de questionar, comum a todos os seres humanos, que deu origem ao pensamento filosófico.

A ontologia, ao perguntar "O que é o Ser?", convida os estudantes a refletir sobre a essência das coisas, das pessoas e da realidade em geral. Um exercício interessante seria perguntar aos estudantes: "Quais são as qualidades essenciais que definem o que algo é?".

Leve os estudantes a pensar sobre noções contemporâneas de ontologia. Questões como "O que significa ser humano?", "O que é a identidade?" ou "Como a liberdade define nossa existência?" podem ser debatidas em sala de aula, trazendo a ontologia para um contexto mais próximo da realidade deles. Isso também favorece a conexão com temas atuais, como subjetividade e identidade.

Essa temática mobiliza a habilidade **EM13CHS103**.

BOXE INTERAÇÃO

1. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes identifiquem aspectos essenciais do ser humano, como a capacidade de refletir sobre si e sobre o mundo ao seu redor. Eles podem também mencionar a habilidade de criar significados, de se comunicar, de sentir emoções complexas e de se organizar em sociedades. Espera-se que reconheçam a dimensão biológica, psicológica e social do ser humano, assim como a consciência de sua própria finitude e a busca por sentido na vida.
2. Resposta pessoal. Nessa questão, espera-se que os estudantes reflitam sobre a ideia de uma essência compartilhada por todos os seres humanos, algo que os caracteriza como membros da mesma espécie. Eles podem afirmar que sim, todos os humanos compartilham características como a racionalidade, a capacidade de comunicação e a necessidade de interação social. Em contrapartida, alguns estudantes podem argumentar que a diversidade humana é tão grande que é difícil identificar uma única essência.
3. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes reflitam sobre a diferença entre "ser" (algo mais permanente, relacionado à essência) e "estar" (algo transitório, relacionado ao estado momentâneo). Eles podem identificar que o verbo "ser" se refere a algo fixo, enquanto "estar" indica uma condição temporária. Ao compartilhar suas percepções, alguns estudantes podem levantar a ideia de que em diferentes idiomas a fusão desses conceitos implica que, em alguns contextos, o "ser" e o "estar" podem ser vistos como complementares ou intercambiáveis.

Ser humano (páginas 14 e 15)

Esse tema aborda duas grandes vertentes do pensamento existencialista: as ideias de Jean-Paul Sartre sobre a liberdade e a responsabilidade humana, e a filosofia do absurdo de Albert Camus. Ambas as concepções são fundamentais para a compreensão contemporânea do ser humano, especialmente em relação à noção de autoprodução e à capacidade de cada indivíduo em construir a própria essência por meio das escolhas que faz.

Essas duas abordagens podem ser exploradas de maneira dinâmica com os estudantes, já que ambas tocam em questões muito presentes no cotidiano dos jovens, como as escolhas pessoais, a liberdade e a busca por sentido em um mundo que, por vezes, parece desorganizado ou caótico. A reflexão sobre esses filósofos pode ajudar os estudantes a entender a responsabilidade que têm com as próprias ações e também a lidar com a frustração de não encontrar sempre uma lógica clara no mundo ao redor.

Sugestões para o professor

» **Camus, Albert. *O mito de Sísifo*. Rio de Janeiro: Record, 2015.**
Esse ensaio sobre o absurdo tornou-se uma importante contribuição filosófico-existencial e exerceu profunda influência sobre toda uma geração. Camus destaca o mundo imerso em irracionalidades e lembra Sísifo, condenado pelos deuses a empurrar incessantemente uma pedra até o alto da montanha, de onde ela tornava a cair, caracterizando seu trabalho como inútil e sem esperança.

» **Sartre, Jean Paul. *O ser e o nada*. Rio de Janeiro: Vozes, 2020.**
Publicado em 1943, *O ser e o nada* dá continuidade a uma reflexão que já se iniciara no início do século com pensadores como Kierkegaard, Jaspers e Heidegger, exercendo uma incontornável influência sobre as cinco últimas décadas. Sartre desenvolveu um prodigioso e completo sistema de "explicação total do mundo" por meio de um exame detalhado da realidade humana e de como ela se manifesta, estudando o abstrato concretamente. Ao ser publicado, *O ser e o nada* causou espanto, polêmica, protestos e admiração. Com sua originalidade transgressora e contestações às verdades eternas da tradição filosófica, constitui o apogeu da primeira fase da filosofia sartriana.

BOXE REFLEXÃO

Ao propor a diferenciação entre labor e trabalho, Arendt nos oferece uma chave para interpretar as transformações nas esferas pública e privada e sua relação com a liberdade. Enquanto o labor está vinculado à necessidade biológica, o trabalho gera um mundo compartilhado, mas é na ação que a liberdade humana se manifesta plenamente, na pluralidade e no exercício da política.

Ao trabalhar o texto com os estudantes, sugere-se iniciar com uma reflexão coletiva sobre as diferentes formas de atividade humana e como elas impactam o cotidiano. É interessante problematizar a visão de valorização do labor e do trabalho, questionando se essas atividades nos aproximam ou nos afastam da experiência da liberdade e da participação política.

Promova um debate sobre como, na modernidade, o excesso de valorização do labor e do trabalho pode ter alterado nossa relação com a esfera pública. Essa discussão mobiliza as habilidades **EM13CHS101** e **EM13CHS103**.

1. Resposta pessoal. Hannah Arendt diferencia as atividades de labor, trabalho e ação com base em suas características e impactos na vida humana. O labor refere-se às atividades relacionadas à sobrevivência biológica e é cíclico, repetitivo e necessário, mas não envolve criatividade ou liberdade. O trabalho é a atividade que cria artefatos duráveis e transforma o mundo, proporcionando um ambiente habitável e artificial que transcende a vida individual. O trabalho envolve criatividade, mas ainda está ligado à utilidade e à necessidade.
2. Hannah Arendt argumenta que na modernidade há uma tendência crescente de valorizar o labor e o trabalho em detrimento da ação, o que gera profundas consequências para a esfera pública e a experiência da liberdade. O labor, associado à sobrevivência biológica, e o trabalho, relacionado à produção de objetos e utilidades, tornaram-se atividades predominantes na sociedade moderna. Isso tem levado a uma "privatização" da vida, em que o foco está na

manutenção da vida individual e no acúmulo de bens materiais, enquanto a ação, que exige um espaço público de interação e pluralidade, é cada vez mais marginalizada.

Tornar-se indivíduo (Página 16)

A ontologia, ao se debruçar sobre o Ser, nos ajuda a compreender o que significa ser humano. No entanto, além de sermos humanos, também somos indivíduos únicos, com identidades próprias e características que nos distinguem dos demais. Esse processo de nos tornarmos seres singulares é conhecido como individuação.

A discussão sobre o que faz de cada ser humano uma pessoa única começou a ganhar relevância na Filosofia durante a Idade Média, com o filósofo persa Avicena. Avicena influenciou pensadores da Escolástica, como Tomás de Aquino e Duns Scot, que também tentaram resolver esse enigma. Na modernidade, a questão da individuação perdeu um pouco de espaço, mas ressurgiu com força no pensamento contemporâneo, com filósofos como Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir, Frantz Fanon e Lélia Gonzalez, que trouxeram novas interpretações para esse conceito.

Ao abordar o tema da individuação com os estudantes, sugira uma reflexão sobre o que nos torna diferentes e únicos, apesar de compartilharmos características universais como seres humanos. Proponha a pergunta: "O que faz de você uma pessoa única, mesmo pertencendo à espécie humana?".

ATIVIDADE COMPLEMENTAR

Solicite aos estudantes que elaborem uma pequena reflexão escrita sobre o conceito de individuação, com base na explicação apresentada. Incentive-os a pensar sobre as próprias experiências e sobre como suas identidades foram sendo moldadas ao longo do tempo.

Apresente o exemplo de Sócrates, discutindo como ele era: ao mesmo tempo, semelhante a outros homens de sua época, mas também singular. Proponha um debate sobre a relação entre o universal e o particular, questionando como podemos entender a humanidade como algo comum a todos e, ao mesmo tempo, ver cada indivíduo como único.

Indivíduo em diálogo (Página 17)

A teoria de Freud leva a uma reflexão sobre a alteridade na constituição psíquica do indivíduo. A ideia de que nossa identidade não é construída isoladamente, mas em relação ao outro e à cultura que nos cerca, aponta para a importância das interações sociais e da cultura na formação de cada indivíduo.

Apresente o conceito de identidade e como diferentes filósofos abordaram a formação do indivíduo ao longo da história. Explique de forma acessível as instâncias psíquicas de interação. Sugira aos estudantes que reflitam a respeito das normas sociais (superego), como elas influenciam suas próprias decisões e ações diárias e de que forma eles lidam com os desejos e impulsos que muitas vezes precisam ser reprimidos.

ATIVIDADE COMPLEMENTAR

Proponha aos estudantes que identifiquem exemplos de manifestações do *id*, ego e superego em personagens de filmes, livros ou séries de TV. Essa reflexão pode auxiliá-los a materializar os conceitos abstratos e a relacioná-los com contextos conhecidos. A análise de personagens que enfrentam dilemas morais, por exemplo, pode ser um excelente ponto de partida para compreender o funcionamento dessas instâncias psíquicas.

BOXE REFLEXÃO

No poema "Contranarciso", Leminski destaca a multiplicidade de vozes que coexistem dentro de nós, remetendo à ideia freudiana de que somos constituídos por diversas forças psíquicas que, muitas vezes, entram em conflito. Além disso, ele sublinha a importância da convivência harmoniosa entre o "eu" e o "outro", tanto externa quanto internamente, para alcançar a paz e a compreensão de si. O outro não é apenas alguém com quem interagimos, mas parte constitutiva de quem somos.

Essa sequência de atividades e reflexões permite aos estudantes explorar o conceito de alteridade e entender como a formação do indivíduo é um processo coletivo e relacional, estimulando uma visão crítica e integradora sobre o tema. São favorecidas as habilidades **EM13CHS101** e **EM13CHS105**.

1. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes respondam que o "eu" e o "outro" estão interligados e que nossa identidade é formada por meio de interações com o outro, ao mesmo tempo que carregamos dentro de nós influências e marcas das pessoas e culturas com as quais convivemos. Segundo Freud, o superego, que internaliza as normas sociais, é um exemplo de como o "outro" está sempre presente em nossa formação psíquica. Leminski também sugere que nossa identidade está em constante diálogo com os "outros" que fazem parte de nossa vida de nossa psique.
2. Resposta pessoal. É esperado que os estudantes reconheçam que o outro desempenha um papel fundamental na formação da identidade individual. Desde o nascimento, buscamos a aceitação, o cuidado e o amor do outro, o que nos ajuda a nos desenvolver como seres humanos. As relações sociais, as normas culturais e as interações interpessoais moldam nossa personalidade, nossas escolhas e nossa visão de mundo. Assim, o outro é uma parte indissociável da construção do "eu". A partir da perspectiva freudiana, o superego, que internaliza as normas sociais, e o ego, que medeia o *id* e o mundo externo, são influenciados diretamente pela convivência com o outro.

Diferentes formas de ser no mundo (Páginas 18 e 19)

A máxima "Penso, logo existo", de René Descartes, marca o início da filosofia moderna ao propor que o ato de pensar é a única certeza inabalável. Descartes introduz o racionalismo, defendendo que a razão é a única fonte de conhecimento verdadeiro. Para ele, a dúvida metódica é um ponto de partida fundamental, pois, se tudo pode ser questionado, o fato de questionar implica que algo pensa e, portanto, existe.

Essa ênfase na razão como guia para a verdade influenciou o movimento iluminista no século XVIII, que representou o ápice do racionalismo moderno. Os filósofos iluministas acreditavam que a razão deveria guiar todas as ações humanas, promovendo o progresso moral, social e científico. A razão não era apenas individual, mas universal, válida para todos em qualquer tempo e lugar. Eles rejeitavam o irracionalismo e a superstição, acreditando que o uso pleno da razão levaria a uma sociedade mais justa e avançada.

Portanto, tanto Descartes quanto os iluministas defendiam que o ser humano, por meio da razão, pode alcançar o conhecimento e o progresso, eliminando crenças infundadas e irracionais.

Organize um debate em que os estudantes defendam ou critiquem a visão iluminista de que a razão é o principal guia da humanidade. Eles podem usar exemplos históricos ou atuais para embasar suas opiniões.

A noção de sujeito universal, que ganhou força na modernidade, concebe um modelo homogêneo de existência humana, baseando-se na ideia de que todos os indivíduos compartilham as mesmas capacidades racionais e devem se adequar a um padrão normativo de comportamento e pensamento. Essa visão ignora a pluralidade e a complexidade que caracterizam os seres humanos e suas diversas formas de viver, sentir e conhecer o mundo. Pensadores como Sigmund Freud, Frantz Fanon e Lélia Gonzalez desafiaram essa perspectiva.

Freud defende que o indivíduo é marcado por camadas inconscientes, desejos e conflitos internos que não podem ser explicados somente pela razão. Fanon e Gonzalez, por sua vez, apontaram para as implicações da raça, gênero e colonialidade na constituição das identidades. Para eles, o sujeito universal da modernidade exclui aqueles que não se encaixam nos parâmetros raciais e culturais dominantes, e o reconhecimento das diferentes formas de existência é essencial para uma compreensão mais inclusiva do ser humano, que leve em conta as desigualdades sociais e históricas.

A filosofia contemporânea, ao problematizar o conceito de sujeito universal, contribui para a valorização da diversidade humana e para a construção de uma sociedade mais justa, em que as identidades plurais são respeitadas e não hierarquizadas.

Sugestão para o professor

» Gonzalez, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*: **ensaios, intervenções e diálogos. Rio Janeiro: Zahar, 2020.**

Com organização de Flavia Rios e Márcia Lima, o livro reúne um panorama amplo da obra da pensadora tão múltipla quanto engajada. São textos produzidos durante um período efervescente que compreende quase duas décadas de história – de 1979 a 1994 – e que marca os anseios democráticos do Brasil e de outros países da América Latina e do Caribe. O livro traz ainda uma introdução crítica e a cronologia de vida e obras da autora.

BOXE AÇÃO E CIDADANIA

Segundo Krenak, "adiar o fim do mundo" significa recuperar esse pensamento ancestral que não separa a vida humana das outras formas de vida.

Apresente a visão de Ailton Krenak sobre o colapso ambiental e social, destacando como ele critica a forma de vida ocidental e propõe um retorno ao conhecimento ancestral como solução, e promova uma discussão sobre o conceito de antropocentrismo e como ele influencia nossas relações com o meio ambiente e com outros seres vivos.

Essa proposta de trabalho visa conscientizar os estudantes sobre a necessidade de uma mudança de paradigma em nossa relação com o ambiente e de respeito aos saberes tradicionais, valorizando a pluralidade de perspectivas para a construção de um futuro mais sustentável e inclusivo, favorecendo, dessa forma, a mobilização de aspectos das habilidades **EM13CHS401**, **EM13CHS601** e **EM13CNT206**.

1. A crítica de Krenak ao sujeito universal iluminista reside em sua visão de que a concepção ocidental moderna de humanidade é limitada e reducionista, desconsiderando a interconexão entre os seres humanos e o mundo natural. O autor argumenta que a ideia de um corpo humano separado e superior a outros organismos é uma construção estreita e empobrecedora criada por uma civilização que, segundo ele, carece de imaginação. Essa perspectiva ocidental, que vê o ser humano como um ente distinto e superior ao resto da natureza, é criticada por Krenak como uma visão que contribui para a violência e a exploração dos povos indígenas e do meio ambiente. A ideia de "guerra entre mundos" refere-se à colisão entre essa visão ocidental e as concepções indígenas, que veem a humanidade como intrinsecamente conectada aos outros seres e ao ambiente.
2. A concepção de indivíduo humano apresentada por Krenak, conforme descrito na tradição do povo Tukano, difere das noções ocidentais predominantes ao afirmar que não há uma separação rígida entre o corpo humano e outros organismos ao seu redor. Enquanto a visão ocidental geralmente entende o ser humano como um ente autônomo e superior à natureza, a visão dos Tukano vê o corpo como parte de uma rede interconectada, sem fronteiras rígidas entre o ser humano e o mundo natural. Essa abordagem holística e integradora reflete uma compreensão profunda da interdependência e da coexistência entre os seres humanos e o meio ambiente. Para enfrentar o colapso ambiental, adotar essa visão pode ser fundamental, pois promove maior responsabilidade e respeito pela natureza, incentivando práticas que preservam e prezam o equilíbrio ecológico.

Atividades (Páginas 20 e 21)

1. Resposta correta: alternativa **e**. A questão aborda o tema da formação da autoidentidade pela aparência. Esse é um processo complexo e multifacetado em que a imagem externa desempenha um papel significativo na construção do sentido de quem somos. A aparência inclui aspectos como o corpo, o vestuário, o estilo pessoal e a forma como nos apresentamos ao mundo, e pode influenciar tanto a autopercepção quanto a percepção dos outros sobre nós.
2. Resposta correta: alternativa **c**. Simone de Beauvoir, em sua obra *O segundo sexo*, oferece uma análise profunda do conceito de feminilidade, argumentando que é uma construção cultural em um mundo dominado pelos homens. A filósofa examina a história, a literatura e as experiências vividas para demonstrar como a sociedade patriarcal moldou e continua a moldar a ideia de "ser mulher". Assim, a pensadora traça a construção da feminilidade ao longo da história, mostrando como as mulheres foram sistematicamente relegadas a um papel secundário definido pelos homens. Ela argumenta que as mulheres foram historicamente confinadas a esferas domésticas e limitadas em suas oportunidades, o que reforçou a noção de que seu valor reside em sua aparência e na capacidade de cuidar dos outros, em vez de estar atrelada às suas capacidades intelectuais ou conquistas individuais.
3. Resposta correta: alternativa **b**. Para Jean-Paul Sartre, toda ação humana é livre porque estamos fadados a ser os únicos responsáveis por aquilo que somos. Isso reflete um dos princípios centrais do existencialismo sartreano: a noção de liberdade radical e responsabilidade absoluta. Sartre, em suas obras filosóficas, especialmente em *O ser e o nada*, explora profundamente a ideia de que a existência precede a essência, o que significa que os seres humanos não têm uma natureza predeterminada e que nossas escolhas e ações definem quem somos.
4. Resposta correta: alternativa **b**. Calvin traça uma crítica aos produtos que estampam suas marcas e transformam seus compradores em uma propaganda ambulante. Além disso, ele mostra como esses produtos tentam estabelecer um padrão identitário entre os usuários, ao mesmo tempo que, supostamente, fortalecem a expressão da individualidade.
5. Resposta correta: alternativa **b**. Para Parmênides, o *Ser* é imutável, uma ideia que se encontra no centro de seu

pensamento filosófico e que desafia muitas noções intuitivas sobre a realidade e a mudança. No poema, ele faz uma distinção crucial entre a via da verdade e a via da opinião. Na via da verdade, Parmênides argumenta que o *Ser* é único, eterno, indestrutível e imutável. Segundo ele, aquilo que realmente "é" não pode vir a ser ou deixar de ser. O *Ser* é completo e contínuo, sem divisões ou mudanças, porque qualquer mudança implicaria a passagem do *Ser* para o não *Ser*, o que é logicamente impossível.

6. Resposta correta: alternativa **c**. No trecho destacado, Kant aborda a menoridade como incapacidade de usar o próprio entendimento sem a direção de outras pessoas, afirmando-a como falta de resolução e coragem para fazer uso do próprio entendimento. Já o trecho apresentado de Foucault, por sua vez, destaca o corpo como objeto e alvo de poder. Nesse sentido, ambos os autores abordam o nível de autonomia dos seres humanos em relação à sociedade, como exposto nos itens 2 e 3.

Estúdio filosófico: O sujeito em Simone de Beauvoir (Páginas 22 e 23)

O trabalho de Beauvoir é uma análise profunda da condição feminina e das relações de poder que moldam a construção das identidades das mulheres. Seu pensamento, amplamente influenciado pelo existencialismo, aborda a liberdade e a responsabilidade que o ser humano tem sobre a própria existência. Sua famosa frase "Não se nasce mulher, torna-se mulher" resume o cerne de sua filosofia: a feminilidade não é algo inato, mas construído socialmente.

Beauvoir aponta que as mulheres foram historicamente tratadas como "o outro" em relação ao homem, que ocupa o lugar de sujeito universal. Isso cria uma condição em que a liberdade das mulheres é restringida pelas normas sociais e culturais que determinam o que uma mulher pode ou deve ser. Para superar essa condição, Beauvoir defende a necessidade de romper com esses papéis impostos, permitindo às mulheres serem sujeitos plenos de suas vidas.

Ao introduzir o pensamento de Simone de Beauvoir, é importante fazer uma conexão com o contexto histórico e social do século XX, destacando o papel do existencialismo e da crítica feminista no desenvolvimento da filosofia contemporânea. Isso pode ser feito por meio de um diálogo com os estudantes sobre os desafios enfrentados pelas mulheres ao longo da história e a maneira como essas questões ainda ressoam na atualidade.

Essa seção contribui para o desenvolvimento das habilidades **EM13CHS101**, **EM13CHS102** e **EM13CHS103**.

PARA CONCLUIR

1. Resposta pessoal. Para Beauvoir, a realização plena de uma mulher só pode ocorrer quando ela consegue transcender essas limitações impostas pelo patriarcado e viver uma vida autêntica e livre. Isso significa que as mulheres precisam romper com as tradições e expectativas que as confinam a papéis passivos e subordinados. Ela defende a autonomia e a liberdade das mulheres para se definirem e se realizarem por si mesmas, em vez de serem definidas por sua relação com os homens, ou seja, a realização de um ser humano na condição feminina, para Beauvoir, implica uma luta constante contra as estruturas opressivas que reduzem as mulheres a objetos e um esforço para alcançar a liberdade e a autenticidade como sujeito.

2. A frase sintetiza a crítica de Simone de Beauvoir à naturalização dos papéis de gênero. Beauvoir argumenta que a feminilidade não é uma essência biológica ou um destino inato, mas uma construção social imposta às mulheres ao longo de suas vidas. Desde a infância, as mulheres são moldadas pelas expectativas culturais, educacionais e institucionais que definem o que significa "ser mulher" em uma sociedade patriarcal. Essas normas limitam as mulheres a papéis subalternos e objetificados, impedindo sua plena realização como sujeitos autônomos. Relativamente ao conceito de liberdade existencial, Beauvoir entende a liberdade como a capacidade de autoprodução, ou seja, de se construir e agir de acordo com as próprias escolhas e valores, em vez de simplesmente seguir as prescrições externas. No entanto, essa liberdade é restringida quando a sociedade impõe padrões de gênero que reduzem as mulheres a ser "o outro", negando-lhes a possibilidade de serem sujeitos soberanos. Portanto, a frase reflete a necessidade de reconhecer e romper com essas construções sociais para que as mulheres possam exercer sua liberdade de forma autêntica.

3. A análise de Simone de Beauvoir sobre a condição feminina desafia a concepção tradicional de identidade ao questionar a ideia de que as identidades são essências fixas, determinadas por características biológicas ou naturais. Em vez disso, Beauvoir propõe que a identidade é um processo contínuo de construção, profundamente influenciado pelas estruturas sociais e pelas relações de poder. No contexto da condição feminina, isso significa que as mulheres são socialmente construídas como "o outro", em oposição ao homem, que é considerado o sujeito universal. Essa perspectiva abre espaço para questionar outras formas de identidade que também são marginalizadas pela norma social. Por exemplo, identidades raciais, de classe ou orientações sexuais que são definidas e limitadas por normas sociais hegemônicas podem ser entendidas como construções que servem para questionar determinadas hierarquias de poder. Assim como Beauvoir desafia a ideia de uma identidade feminina essencial e subordinada, podemos aplicar sua perspectiva para questionar e desconstruir outras identidades que são oprimidas ou marginalizadas, promovendo uma visão de identidade como algo fluido e construído em interação com as estruturas sociais, e não como algo fixo e determinado.

Práticas de texto: Fichamento (Páginas 24 e 25)

Nessa seção, o objetivo é ensinar aos estudantes a técnica de fichamento, uma ferramenta importante para organizar ideias, fixar conteúdos e preparar-se para futuros estudos. A prática do fichamento favorece a capacidade de sintetizar informações, analisar e comentar textos de forma crítica, ajudando no desenvolvimento de habilidades como leitura analítica e escrita.

O fichamento pode assumir diversas formas, como o fichamento de citação, de conteúdo, bibliográfico ou temático, e a escolha do modelo depende do propósito do estudo. Ao realizar um fichamento, os estudantes devem destacar as principais ideias do texto, selecionar e comentar citações relevantes e fazer conexões com outros conteúdos abordados no capítulo.

A proposta favorece o desenvolvimento da habilidade **EM13CHS102** e das **CGEB1** e **CGEB4**.

CAPÍTULO 2 UM MUNDO PÓS-MODERNO

(Página 26)

O capítulo 2 propõe uma análise sobre a era pós-moderna, que emerge como resposta às promessas não cumpridas da modernidade. Filósofos como Jean-François Lyotard, Fredric Jameson e Jean Baudrillard trazem conceitos que questionam as grandes narrativas da razão, do progresso e da emancipação.

Em contraste ao mundo organizado, seguro e pleno de liberdade que era prometido, o que temos é uma sociedade fragmentada, marcada pela desilusão com o progresso técnico e pela crescente dependência da tecnologia digital, que redefine as relações humanas, culturais e econômicas.

O capítulo explora a transição do pensamento moderno para o pós-moderno, ajudando os estudantes a compreender como os grandes ideais de racionalidade, progresso e liberdade, defendidos pelos filósofos iluministas, foram questionados e transformados com o tempo.

A partir dessa base, o capítulo apresenta a crítica à modernidade e o surgimento da pós-modernidade, marcada por uma visão fragmentada e pluralista da realidade.

A análise pós-moderna revela como as narrativas universais da modernidade foram desconstruídas e substituídas por uma multiplicidade de experiências, microrrelatos e fragmentos que refletem a pluralidade do mundo contemporâneo.

As tecnologias digitais e as redes sociais assumem um papel central na determinação das relações sociais e culturais. A constante vigilância e exposição da vida privada nas redes, como sugerido por Foucault ao tratar da estrutura panóptica, exemplificam como a sociedade contemporânea vive sob um novo regime de controle. Não se trata apenas de um controle físico, mas de um controle da alma e das ações, em que a conformidade social é imposta por meio da exposição constante à observação alheia.

Inicie a aula com uma breve explicação sobre as promessas da modernidade, enfatizando as ideias iluministas de razão, progresso e emancipação. Explique como essas ideias moldaram as expectativas de um futuro mais racional e justo. Em seguida, introduza o conceito de pós-modernidade, mostrando como esse período se caracteriza por uma crítica às grandes narrativas da modernidade, e como ele se relaciona com o contexto cultural e tecnológico atual.

Amplie o diálogo com os estudantes e pergunte o que eles entendem por um mundo fragmentado e como enxergam a diversidade de narrativas presentes no dia a dia. Incentive-os a refletir sobre como suas experiências pessoais, influenciadas por redes sociais, mídia e cultura, podem ser vistas como exemplos de múltiplas realidades coexistindo ao mesmo tempo.

Nesse contexto, o uso de imagens é essencial para ilustrar os conceitos. A exposição *Cuide de você*, da artista Sophie Calle, apresentada na página, é um excelente exemplo visual. Nessa obra, diversas mulheres interpretam uma carta de término de relacionamento, cada uma de uma forma distinta, revelando como uma mesma situação pode ser vista e sentida de maneiras completamente diferentes. As múltiplas interpretações visuais dessa carta oferecem um ponto de partida para discutir como, na pós-modernidade, a verdade e a realidade não são únicas, mas moldadas por perspectivas diversas.

Se possível, navegue com os estudantes pelo *link* indicado e apresente outras imagens da exposição.

Por meio dessa análise, os estudantes podem relacionar conceitos filosóficos da pós-modernidade com suas experiências diárias, estimulando uma reflexão crítica. Esse trabalho mobiliza a habilidade **EM13CHS105**.

RESPOSTAS ÀS QUESTÕES

1. Resposta pessoal. Espera-se que o estudante responda se já ouviu falar de pós-modernidade e, em caso afirmativo, ofereça algum exemplo que explique um aspecto do conceito.
2. Resposta pessoal. Espera-se que o estudante reflita sobre o significado das palavras "pluralista" e "fragmentada" e consiga mobilizá-los a partir de exemplos próprios.

Definindo pós-modernidade (Página 27)

Ao trabalhar o conceito de pós-modernidade com os estudantes, é importante iniciar a discussão com exemplos do cotidiano que possam ilustrar essa ruptura com a modernidade. Nesse ponto, é importante discutir como a cultura digital, as redes sociais e a constante exposição a imagens e informações fragmentadas refletem as ideias de Baudrillard sobre simulacros e hiper-realidade. Uma abordagem possível seria exibir trechos do filme *Matrix* (1999), que usa o conceito de simulacro para questionar a distinção entre o real e o virtual.

Também é possível solicitar aos estudantes que reflitam sobre a fragmentação das narrativas, comparando a diversidade de vozes e perspectivas que encontram nas redes sociais com o conceito de micronarrativas de Lyotard.

Em outro momento, utilize imagens ou vídeos curtos que ilustram a estética do pastiche e da profundidade superficial, como sugerido por Fredric Jameson. Você pode usar exemplos de moda, publicidade ou música que ilustrem como essas indústrias frequentemente recontextualizam elementos do passado de maneira superficial, criando um senso de nostalgia que pode mascarar a ausência de profundidade histórica.

Novos questionamentos, novos desafios (Páginas 28 e 29)

A era digital contemporânea traz consigo uma série de desafios filosóficos e sociológicos, sobretudo no que diz respeito à privacidade, vigilância e identidade. A crescente interdependência das pessoas em relação às tecnologias digitais e a hiperconectividade dos dispositivos revelam um novo paradigma de vigilância que se estende para além dos espaços físicos e atinge a vida cotidiana por meio de dados pessoais e algoritmos.

A sociedade atual não se organiza mais apenas em torno da disciplina, mas também em torno do desempenho e da autoexploração. Nesse contexto, o uso excessivo das redes sociais molda nossa identidade, nos expõe a vigilância constante e gera sentimentos de alienação e cansaço, alterando profundamente a maneira como vivemos, nos percebemos e interagimos com o mundo.

Ao introduzir esses conceitos, é interessante partir da análise das redes sociais e como elas afetam a percepção de privacidade e identidade. Explore a obra de Djalouz nas ruas de Paris, que explora a relação entre vigilância e redes sociais. Peça aos estudantes que reflitam sobre como as representações artísticas podem criticar ou denunciar a vigilância digital. Questione-os a respeito de quais elementos do cotidiano contemporâneo o artista critica em sua obra.

Outra possibilidade é trabalhar o conceito de panoptismo de Michel Foucault por meio da observação da rotina de vigilância a que estamos sujeitos nas plataformas digitais. Uma atividade interessante pode ser a análise dos termos de privacidade das redes sociais, comparando-os com a ideia de controle simbólico, em que o poder não se dá apenas pela vigilância direta, mas pelo medo de estarmos sendo observados. Incentive os estudantes a discutir como a vigilância molda o comportamento das pessoas no ambiente digital.

Hiperconectividade (Página 30)

O impacto psicológico das redes sociais, cada vez mais estudado e debatido, traz à tona a fragilidade das interações humanas na era digital. Ao lado de estudiosos como Sherry Turkle, o filósofo Zygmunt Bauman oferece uma perspectiva interessante sobre como as relações contemporâneas, mediadas pela tecnologia, são superficiais e efêmeras. A ideia de "amor líquido", desenvolvida por Bauman, reflete o caráter instável e volátil dos laços sociais no mundo pós-moderno, onde a facilidade de conexão é acompanhada pela mesma facilidade de desconexão, gerando insegurança e solidão. Dessa forma, essa discussão contribui para a mobilização de aspectos da habilidade **EM13LGG702**.

A tira do cartunista Willian Leite, que apresenta um diálogo entre Bauman e um jovem sobre amizade, pode ser uma abordagem possível de ilustrar esses conceitos para os estudantes, facilitando a compreensão por meio do humor e da crítica social.

A atividade proposta com a tira de Willian Leite permite introduzir os estudantes ao conceito de "modernidade líquida" de Bauman. Comece por exibir a tira em sala de aula e conduza uma análise crítica em grupo. Pergunte aos estudantes: "Por que o jovem considera Bauman 'chato' ao falar sobre amizade?". Incentive-os a refletir sobre a maneira como as relações são tratadas no ambiente digital, comparando a profundidade das conexões virtuais com as interações presenciais.

BOXE INTERAÇÃO

1. Resposta pessoal. A tira de Willian Leite aborda o conceito de modernidade líquida de Bauman e o impacto das redes sociais nas relações humanas. Ao discutir por que o rapaz considera Bauman "chato", os estudantes podem explorar como as críticas sobre a superficialidade e a efemeridade das relações na era digital podem ser recebidas com resistência. Incentive os estudantes a refletir sobre as próprias experiências com as redes sociais e como essas plataformas influenciam suas relações e o sentido de conexão emocional. Isso pode promover uma discussão mais ampla sobre a natureza das interações digitais e as implicações para a saúde mental e o bem-estar.

ATIVIDADE COMPLEMENTAR

A análise da tira pode se desdobrar para uma discussão mais ampla sobre o impacto psicológico das redes sociais. Proponha aos estudantes que reflitam sobre questões como: "As amizades virtuais são menos duradouras ou significativas do que as presenciais?"; "Quais são os efeitos de cultivar relações *on-line*, como em redes sociais, comparadas às interações face a face?". Sugira aos estudantes que façam uma roda de conversa e peça-lhes que compartilhem situações em que sentiram que suas interações em redes sociais não corresponderam à profundidade desejada. Eles podem discutir alternativas para fortalecer as conexões pessoais em um mundo hiperconectado.

Múltiplos sujeitos (Páginas 31 e 32)

A crítica ao conceito de sujeito universal oferece uma ferramenta para explorar com os estudantes questões de diversidade, identidade e opressão. A noção de que todos os seres humanos compartilham uma mesma forma pura e abstrata de ser desconsidera a pluralidade de experiências que caracterizam a humanidade.

Pensadores como Judith Butler e Michel Foucault mostram que o sujeito universal é uma construção histórica que exclui as particularidades e marginaliza aqueles que não se enquadram nas normas dominantes. Essa crítica nos ajuda a entender como as relações de poder moldam as subjetividades e, ao mesmo tempo, nos convida a valorizar a singularidade de cada indivíduo.

O mural *Coexistência*, do artista brasileiro Kobra, serve como referência visual para discutir a pluralidade das experiências humanas. Nele, Kobra expressa as diferentes formas de fé e espiritualidade, oferecendo um exemplo poderoso de como a arte pode refletir e valorizar a diversidade das subjetividades. Esse tipo de abordagem facilita a compreensão de que o conceito de humanidade não é uniforme, mas construído por uma série de fatores culturais, sociais e históricos que produzem subjetividades singulares. A partir dessa reflexão, incentive os estudantes a identificar exemplos de como diferentes subjetividades são construídas em suas próprias experiências, explorando temas como gênero, etnia, religião e classe social.

ATIVIDADE COMPLEMENTAR

Conduza uma discussão sobre como os movimentos sociais progressistas desafiam o conceito de sujeito universal. Pergunte aos estudantes como as lutas por direitos civis, igualdade de gênero e justiça social contribuem para a valorização das singularidades humanas. Relacione essas discussões com questões contemporâneas, como o aumento da visibilidade de grupos marginalizados.

Interseccionalidade (Página 32)

O conceito de interseccionalidade, abordado por pensadoras como Angela Davis, Seyla Benhabib e Sueli Carneiro, é fundamental para promover discussões mais amplas sobre opressão e desigualdade social. Essa abordagem permite que os estudantes compreendam como diferentes formas de opressão — como gênero, raça, classe e orientação sexual — se interconectam, criando realidades complexas e muitas vezes invisíveis nas análises tradicionais.

Inicie com uma introdução ao conceito de interseccionalidade, explicando como diferentes formas de opressão se sobrepõem e afetam certos grupos de maneira específica. Apresente o trabalho de Angela Davis, mostrando como suas ideias podem ser aplicadas à realidade dos estudantes.

Lugar de fala (Página 33)

Além da interseccionalidade, o conceito de lugar de fala, trazido pela filósofa Djamila Ribeiro, oferece uma ferramenta essencial para que os estudantes reflitam sobre a importância de ouvir e dar prioridade às vozes daqueles que vivenciam diretamente as opressões. Essas discussões são importantes para uma educação que busca formar cidadãos conscientes e engajados na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Ao trazer esse debate para a sala de aula, é possível incentivar os estudantes a pensar criticamente sobre as estruturas sociais que perpetuam a exclusão de grupos marginalizados. A partir dessa perspectiva, eles podem começar a questionar a neutralidade aparente das esferas de poder e reconhecer como a noção de sujeito universal exclui uma diversidade de experiências e identidades. Utilize trechos do livro *Lugar de fala*, de Djamila Ribeiro. Apresente também o texto de Sueli Carneiro em que ela afirma "Falarei do lugar da escrava..." e peça aos estudantes que reflitam sobre o que significa falar a partir de um lugar de opressão. Incentive-os a relacionar o conceito com as próprias experiências ou com situações que observaram na sociedade.

Empoderamento e apropriação (Páginas 34 e 35)

Os conceitos de empoderamento e apropriação cultural têm raízes profundas nas lutas por justiça social e igualdade, sendo fundamentais para a compreensão das dinâmicas de poder e resistência. O empoderamento, que emergiu das lutas por direitos

civis e feminismo, visa dar às pessoas o controle sobre a própria vida e promover mudanças estruturais na sociedade. No entanto, sua apropriação comercial por marcas tem transformado o termo em uma mera ferramenta de *marketing*, reduzindo seu impacto transformador a uma questão de consumo individual.

Da mesma forma, a apropriação cultural, quando praticada por empresas, muitas vezes desconsidera o contexto e o significado original dos elementos culturais, resultando em sua exploração e desrespeito. Esse uso comercial não apenas trivializa a riqueza cultural das comunidades marginalizadas, mas perpetua desigualdades históricas.

Como abordagem possível, proponha uma análise crítica de campanhas publicitárias ou produtos que utilizam o conceito de empoderamento ou elementos culturais de forma comercial. Peça aos estudantes que identifiquem como esses conceitos foram descontextualizados e discuta as possíveis consequências disso para as comunidades que originaram esses conceitos e práticas culturais.

BOXE AÇÃO E CIDADANIA

1. Resposta pessoal. A experiência de discriminação vivida pela narradora oferece uma importante reflexão sobre o racismo e a apropriação cultural no ambiente escolar, destacando a necessidade de ações para transformar esse espaço em um local mais inclusivo e acolhedor. Espera-se que os estudantes discutam a importância de criar um ambiente escolar inclusivo e respeitoso. Ações concretas para valorizar a diversidade podem incluir: implementação de programas educacionais sobre a história e a cultura afro-brasileira, organização de palestras e *workshops* com ativistas e especialistas na área, implementação da edução antirracista, capacitação de professores, valorização da estética afro e incentivo à representatividade. Outras propostas são: criação de um comitê de diversidade e inclusão, que trabalhe para garantir que todos os estudantes se sintam representados e respeitados; promoção de campanhas de conscientização sobre os danos da apropriação cultural; e valorização dos elementos culturais em seus contextos originais.

Sugestão para o professor

» **William, Rodney. *Apropriação cultural*. São Paulo: Jandaíra, 2020.**

Doutor em Ciências Sociais e babalorixá, Rodney William trata o tema da apropriação cultural na ótica histórico-cultural do colonialismo, relembrando o processo de aculturação e aniquilamento dos costumes pelo qual passaram os povos escravizados. Faz, a partir daí, a conexão com as práticas predatórias dos mercados capitalistas colonizadores atuais, que se valem dos traços culturais de um povo para lucrar, e esvaziam de significado esses símbolos de pertencimento.

Novas narrativas (Páginas 36 e 37)

As mídias sociais e a internet têm transformado profundamente a forma como nos comunicamos e compartilhamos informações, oferecendo novas oportunidades e desafios. A ascensão dos influenciadores, como Djamila Ribeiro e Felipe Neto, exemplifica como essas plataformas podem amplificar vozes e causas que, anteriormente, teriam dificuldade em alcançar um público amplo. Ribeiro usa sua visibilidade para promover discussões importantes sobre feminismo negro e racismo, enquanto Neto evolui de criador de conteúdo de entretenimento para ativista social.

No entanto, essa transformação também apresenta desafios críticos, como os apontados por Byung-Chul Han e Zygmunt Bauman. Han destaca a superficialidade e o excesso de exposição nas interações digitais, enquanto Bauman observa a fluidez e a incerteza das informações nas redes sociais, o que pode exacerbar divisões sociais e dificultar a formação de consensos.

Apresente o impacto das mídias sociais na comunicação e na visibilidade de novos agentes sociais. Utilize exemplos de influenciadores citados para ilustrar como essas plataformas podem promover mudanças sociais e políticas. Discuta como influenciadores usam suas plataformas para abordar questões políticas e sociais. Pergunte aos estudantes como a atuação desses indivíduos pode influenciar a opinião pública e quais são os desafios enfrentados por aqueles que buscam utilizar sua visibilidade para causas importantes.

Proponha uma análise de casos específicos, como o impacto de movimentos como #MeTooBrasil e #EleNão. Explore como esses exemplos demonstram o poder das mídias sociais na ampliação de vozes e na organização de movimentos sociais.

Destaque o papel das mídias sociais na democratização do espaço público e na inclusão de vozes diversas, com o alerta para a necessidade de um uso consciente e crítico dessas plataformas para evitar a disseminação de informações errôneas e a polarização. Essa abordagem permitirá que os estudantes compreendam a complexidade das mídias sociais e desenvolvam uma visão crítica sobre como essas plataformas podem ser usadas para promover mudanças sociais positivas enquanto enfrentam os desafios contemporâneos.

Atividades (Páginas 38 e 39)

1. Resposta correta: alternativa **d**. A alternativa é correta porque descreve o conceito do panóptico como um sistema de controle sutil, baseado na vigilância constante. O panóptico, criado por Jeremy Bentham, utiliza a ideia de um olhar centralizado e invisível para disciplinar e regular comportamentos, ilustrando um controle discreto e eficaz, não uma vigilância explícita ou repressiva.

2. Resposta correta: alternativa **d**. A alternativa **d** é a correta, pois o texto de Bauman aborda como a raiva causada pelas forças da globalização é direcionada aos seus produtos próximos e tangíveis, em vez de lidar diretamente com as causas profundas da globalização. Ele destaca como a raiva e a frustração são canalizadas para alvos mais imediatos.

3. Resposta correta: alternativa **e**. A alternativa **e** é correta porque o texto explora a ideia de lugar de fala e como as perspectivas são influenciadas pelo contexto social e racial. A teoria do ponto de vista feminista e lugar de fala reflete como as identidades moldam discursos e experiências, desafiando visões universais e representativas.

4. Resposta pessoal. Na discussão, é fundamental analisar tanto os impactos positivos (como a amplificação de vozes importantes e engajamento social) quanto os negativos (como a propagação de padrões irreais e a influência de desinformação). Exemplos podem incluir a mudança de comportamento por campanhas de saúde pública e as consequências de padrões de beleza inatingíveis.

5. Resposta correta: alternativa **c**. A alternativa **c** é correta, pois a letra da canção faz referência à Lei Maria da Penha, que visa combater a violência doméstica e as relações de gênero desiguais. A letra aborda a resistência contra o desrespeito e a violência em relações de gênero, alinhando-se com a luta contra a violência doméstica.

6. Resposta correta: alternativa **a**. A alternativa **a** é correta, pois a positividade tóxica é um fenômeno em que a representação exagerada e superficial da felicidade nas redes sociais

cria uma pressão para manter um estado constante de alegria, impactando negativamente a saúde mental dos seguidores. A busca incessante por uma vida perfeita pode gerar sentimentos de inadequação e insatisfação.

7. Resposta correta: alternativa **a**. A alternativa **a** é correta, pois reflete a visão de Byung-Chul Han sobre a necessidade de um distanciamento entre a vida privada e a esfera pública para que o respeito seja mantido. Han argumenta que, na esfera pública, o respeito se baseia em não se intrometer na vida íntima dos indivíduos, algo que é comprometido no "enxame digital" devido à exposição excessiva da intimidade nas mídias sociais.

Estúdio filosófico: O lugar de fala em Djamila Ribeiro (Páginas 40 e 41)

A seção destaca o conceito de "lugar de fala", que se refere à perspectiva única que cada indivíduo possui com base em sua localização social, enquanto a "representatividade" diz respeito à presença de indivíduos de grupos marginalizados em espaços de poder ou privilégio. Djamila Ribeiro defende que, embora a representatividade seja importante, ela não substitui a necessidade de que todos, inclusive pessoas em posições de privilégio, reflitam criticamente sobre as próprias identidades e posições sociais. Homens brancos cisgêneros, por exemplo, devem se engajar no estudo da branquitude, cisgeneridade e masculinidade para compreender como suas posições impactam as dinâmicas de poder e privilégio na sociedade.

Inicie a abordagem destacando aos estudantes a importância da compreensão dos conceitos de "lugar de fala" e "representatividade" para entender a dinâmica das relações sociais e o impacto das identidades individuais na forma como vemos e debatemos questões de desigualdade e opressão. Incentive os estudantes a refletir sobre como suas próprias experiências e posições sociais influenciam suas perspectivas sobre temas importantes. Utilize exemplos contemporâneos para ilustrar como a falta de diversidade e a exclusão de diferentes vozes podem limitar a compreensão dos problemas sociais.

PARA CONCLUIR

1. O trecho diferencia "lugar de fala" e "representatividade" ao afirmar que o primeiro se refere à localização social de cada indivíduo e a perspectiva única que isso oferece, enquanto o segundo diz respeito à presença de pessoas de grupos marginalizados em espaços de privilégio. A autora sugere que homens brancos cisgêneros deveriam estudar e refletir sobre a própria branquitude, cisgeneridade e masculinidade para entender melhor as hierarquias sociais e como suas posições de privilégio impactam os grupos subalternizados. Ela argumenta que essa postura ética é fundamental para abordar questões de desigualdade, pobreza, racismo e sexismo.
2. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes concordem que homens brancos cisgêneros deveriam estudar e refletir sobre branquitude, cisgeneridade e masculinidade. Essa autoanálise pode ajudá-los a reconhecer seus privilégios e as desigualdades sistêmicas que beneficiam alguns grupos em detrimento de outros. Contudo, se a resposta for negativa, os argumentos devem ser sustentados de maneira sólida e racional, sem cair em racismo, misoginia ou transfobia.

Ampliando: A sociedade do cansaço (Páginas 42 e 43)

Byung-Chul Han considera a atenção multitarefa um retrocesso porque, em vez de promover um progresso civilizatório, a multitarefa fragmenta e destrói a atenção, tornando-a superficial e rasa. A comparação com a atenção dos animais selvagens, que deve ser ampla e dividida entre várias atividades para sobrevivência, ilustra como essa capacidade de dividir a atenção simultaneamente é mais uma adaptação evolutiva necessária para o ambiente de alta pressão, em vez de um avanço para uma atenção profunda e contemplativa que caracteriza o desenvolvimento cultural e intelectual humano.

Han argumenta que o tédio profundo é crucial para a criatividade, pois proporciona um espaço de repouso espiritual e introspecção. O tédio é visto como uma condição que permite a reflexão e a inovação, ao contrário da hiperatenção, que se caracteriza por uma rápida mudança de foco e falta de tolerância ao tédio.

O autor explora como o excesso de estímulos e a exigência de desempenho constante resultam em um estado de cansaço e esgotamento. A sociedade atual, com sua ênfase na hiperatividade e na produtividade, leva ao que Han descreve como uma sociedade de desempenho, em que a falta de tempo para uma atenção profunda e contemplativa resulta em exaustão mental e emocional.

Essa abordagem proporciona uma reflexão crítica sobre a modernidade e incentiva os estudantes a desenvolver estratégias para lidar com o cansaço e o estresse, promovendo um entendimento mais profundo das dinâmicas da sociedade contemporânea.

O trabalho com essa seção possibilita o desenvolvimento das habilidades **EM13CHS105** e **EM13CHS102**.

RESPOSTAS ÀS QUESTÕES

1. De acordo com Byung-Chul Han, a atenção multitarefa é considerada um retrocesso porque a fragmentação e a superficialidade da atenção moderna se assemelham à atenção dispersa dos animais na vida selvagem, que têm que dividir seu foco entre várias atividades simultaneamente para sobreviver. A capacidade de realizar múltiplas tarefas ao mesmo tempo não representa um avanço civilizatório, mas sim um retrocesso em relação à atenção profunda e contemplativa que caracteriza os desempenhos culturais e filosóficos da humanidade.
2. Han destaca que o tédio profundo é essencial para o processo criativo, pois proporciona um descanso espiritual que permite a reflexão e o surgimento de novas ideias. O tédio profundo, ao contrário da hiperatividade e da distração, pode catalisar a criatividade e promover uma reflexão mais profunda. O tédio, ao nos forçar a enfrentar a inatividade e a ausência de estímulos constantes, pode criar um espaço mental propício para a introspecção e a inovação.
3. A reflexão de Han sobre a atenção multitarefa e o tédio está diretamente relacionada ao título "Sociedade do cansaço", pois ele argumenta que a pressão para estar constantemente ativo e produtivo resulta em uma sobrecarga mental e emocional. A sociedade moderna, com sua ênfase na *performance* e na conectividade, acaba promovendo um estado de exaustão e esgotamento. A fragmentação da atenção e a falta de tempo para a contemplação são sintomas dessa "sociedade do cansaço".
4. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes mencionem: pressão para a perfeição, hiperconectividade, expectativas de produtividade. Para lidar com essas características e buscar um modo de vida mais satisfatório, é possível citar ações como: priorizar o tempo para o ócio e a reflexão; estabelecer fronteiras claras entre o trabalho e a vida pessoal para evitar a sobrecarga; e praticar técnicas de meditação para cultivar uma atenção mais profunda e consciente.

CAPÍTULO 3 JUVENTUDE PLURAL
(Página 44)

O capítulo 3 apresenta e discute as culturas juvenis no mundo contemporâneo, em especial no Brasil. Nesse sentido, as discussões desenvolvidas têm por objetivo definir e problematizar o que significa ser jovem atualmente no Brasil, chamando atenção para a multiplicidade de juventudes existentes e também para alguns dos principais desafios vivenciados pelas juventudes na contemporaneidade.

O capítulo aborda, portanto, temas como geração, a pluralidade de experiências que caracterizam os jovens como sujeitos sociais, a busca pela autenticidade no contexto das mídias digitais e a participação social dos jovens.

Para iniciar a discussão, solicite aos estudantes que se reúnam em grupos de 2 ou 3 integrantes, respondam às questões de abertura do capítulo e registrem suas respostas. A seguir, peça a eles que leiam o texto de abertura, em especial o poema de Eugénio Andrade apresentado, e promova uma roda de conversa sobre o que os estudantes percebem e como compreendem a juventude.

A discussão mobiliza aspectos das competências **CGEB1**, **CGEB7** e **CHEB8**, bem como das habilidades **EM13CHS401** e **EM13CHS502**.

RESPOSTAS ÀS QUESTÕES

1. Respostas pessoais. Espera-se que os estudantes mencionem seus sentimentos e percepções a respeito do momento da vida em que se encontram. Ao trabalhar essa questão em sala de aula, chame a atenção dos estudantes para a multiplicidade de respostas, bem como para suas semelhanças e diferenças.
2. Respostas pessoais. A questão trabalha a percepção de semelhanças e diferenças na concepção dos estudantes sobre juventude em um contexto temporal. Se julgar pertinente, incentive os estudantes a refletir sobre outros contextos temporais, como o da juventude dos pais ou outros adultos que fazem parte do cotidiano deles, e a imaginar como será a juventude das crianças com as quais convivem.
3. Respostas pessoais. Essa questão tem por objetivo provocar a reflexão acerca das formas como os jovens vivem e atuam na sociedade. Para tanto, relembre o que foi discutido nos capítulos anteriores acerca da vivência em sociedade e incentive os estudantes a refletir como se inserem nesse contexto.

Falando em geração (Página 45)

O tema apresenta e discute o conceito de geração, com destaque para as perspectivas de Ortega y Gasset e Manheinn sobre o assunto. Essas perspectivas são exploradas de forma a chamar atenção para as identidade geracionais compartilhadas por indivíduos, introduzindo assim a discussão sobre a juventude como identidade social, que será desenvolvida no próximo tema desse capítulo.

É importante que os estudantes compreendam que integrar uma geração não significa que todos as pessoas que fazem parte desse recorte necessariamente apresentam os mesmos hábitos e costumes e que a experiência geracional também é atravessada por outros recortes, além, é claro, da própria individualidade de cada um.

Solicite aos estudantes que façam uma pesquisa sobre relatos acerca do cotidiano de jovens com idade próxima à deles no presente, porém em outras localidades, no Brasil ou no exterior, de forma que, ao conhecerem esses relatos, os estudantes possam observar semelhanças e diferenças com o próprio cotidiano.

ATIVIDADE COMPLEMENTAR

Como aprofundamento dessa discussão, proponha uma dinâmica aos estudantes em que eles deverão imaginar como jovens de gerações anteriores se comunicavam em seu cotidiano.

Para isso, selecione previamente alguns objetos ou imagens de objetos que tenham sido utilizados para comunicação cotidiana em outras temporalidades, como cartas, cartões-postais, telefones antigos, *pagers*, etc. Apresente-os aos estudantes, contextualizando sua época e uso, chamando a atenção para o fato de que alguns deles ainda são usados no presente, embora não com a mesma frequência e, muitas vezes, não com a mesma utilidade. A seguir, incentive os estudantes a refletir sobre como pessoas próximas se comunicavam utilizando esses meios de comunicação, pensando no tempo que essa comunicação demorava para acontecer e no desdobramento dessa temporalidade para o desenvolvimento de questões práticas do cotidiano (como marcar uma visita, por exemplo).

Por fim, peça a eles que comparem a comunicação no passado e no presente, evidenciando prós e contras dos meios de comunicação no passado e no presente.

Jovem: um sujeito social (Página 46)

Nesse tema, os estudantes refletirão sobre as juventudes como identidades sociais, isto é, refletirão sobre a forma como percebem, experienciam e como atuam na sociedade. Para isso, retome o que foi discutido no tema anterior, sobre identidade geracional. Retome também a discussão sobre os múltiplos sujeitos da contemporaneidade, incentivando-os a se identificar como um desses sujeitos.

O tema apresenta ainda um trecho do artigo "O jovem como sujeito social", de Juarez Dayrell, sobre a definição de juventude a partir de uma perspectiva plural, que compreende os jovens como sujeitos múltiplos, atravessados por diversas subjetividades. Nesse sentido, utilize o texto como uma oportunidade para aprofundar essa discussão, de forma a compreender a juventude, não como uma categoria estanque, mas como uma identidade fluida.

Pensando juventudes (Página 47)

O tópico aprofunda a discussão sobre a pluralidade de significados de juventude, chamando a atenção para algumas formas pelas quais essas identidades são compreendidas nos diversos componentes que integram a área de Ciências Humanas.

O conceito de culturas juvenis também é apresentado aos estudantes. Explique que, nesse contexto, a expressão "culturas juvenis" é compreendida como aquilo que é produzido (material e simbolicamente) a partir da relação desenvolvida pelos jovens entre si e entre eles e os demais sujeitos sociais, ou seja, é o fruto da vivência em sociedade.

Sugestão para o professor

» **Oliveira, Victor Hugo Nedel e outros. Culturas juvenis e temas sensíveis ao contemporâneo: uma entrevista com Carles Feixa Pampols. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 34, n. 70, p. 311-325, jul./ago. 2018. Disponível em: https://doi.org/10.1590/0104-4060.58145. Acesso em: 13 set. 2024.**

A entrevista traz reflexões do professor e pesquisador de juventudes e culturas juvenis, Carles Freixe Pampols, da Universidade Pompeu Fabra, em Barcelona, acerca da pluralidade das juventudes e da atuação de jovens enquanto sujeitos sociais.

BOXE REFLEXÃO

A discussão desse boxe propicia o trabalho interdisciplinar com o componente Geografia ao refletir sobre a relação entre

juventude e territorialidade. Essa reflexão permite o aprofundamento da discussão sobre as diversas subjetividades que atravessam as juventudes.

A proposta do boxe favorece a mobilização de aspectos das competências, bem como das competências **CGEB1**, **CGEB6** e **CGEB9** e das habilidades **EM13CHS204** e **EM13CHS205**.

1. Resposta pessoal. Como possibilidade de resposta, os estudantes podem indicar que uma nova compreensão sobre o conceito de rural pode ampliar o entendimento dos sujeitos que interagem nesse espaço. Dessa forma, é possível reconhecer a pluralidade de experiências e vivências de jovens nas áreas rurais, de forma desvinculada de estereótipos.
2. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes reflitam sobre as características do território onde vivem, bem como das relações sociais estabelecidas nesse território, identificando como essas relações não podem ser pensadas de forma desvinculada a uma territorialidade.

A busca pela autenticidade (Página 48)

Nesse tema, a discussão sobre culturas juvenis é aprofundada a partir da reflexão sobre a busca pela autenticidade, compreendida como uma característica das juventudes na pós-modernidade. É importante que os estudantes compreendam que não é possível refletir sobre sujeitos sociais de forma desvinculada do recorte temporal e social no qual estão inseridos. Nesse sentido, retome a discussão desenvolvida no capítulo 1 sobre o processo de individuação, bem como a discussão sobre novos questionamentos e desafios na pós-modernidade, desenvolvida no capítulo 2, de forma a problematizar a busca pela autenticidade como uma característica da nossa sociedade.

Chame a atenção dos estudantes para as características do processo de individuação na adolescência, evidenciando como, nessa etapa da vida, muitas vezes começamos a questionar códigos e valores recebidos anteriormente a partir de uma consciência diferenciada de individualidade, que nos faz querer compreender e vivenciar o mundo de forma autêntica, a partir de nós mesmos.

BOXE INTERAÇÃO

1. Respostas pessoais. Espera-se que os estudantes reflitam e apresentem seus próprios entendimentos acerca do que consideram autenticidade.
2. Resposta pessoal. Incentive os estudantes a refletir sobre as situações cotidianas que fazem com que eles se sintam "eles mesmos", como ouvir um determinado tipo de música, conviver com determinadas pessoas, realizar determinadas atividades, etc.
3. Respostas pessoais. A questão promove a reflexão acerca da relação entre autenticidade e pertencimento. Nesse sentido, é importante que os estudantes compreendam a busca por esses dois aspectos, como desejos legítimos, que podem e devem ser vivenciados em sua plenitude.

Entre influenciadores e tendências

(Página 49)

Nesse ponto do capítulo, a discussão sobre culturas juvenis propicia a discussão a respeito do papel que os influenciadores digitais desempenham em nossa sociedade. Não se trata de uma problematização exclusivamente crítica, mas, antes, de uma reflexão acerca do papel desempenhado por esses indivíduos no desenvolvimento de perspectivas sobre o mundo, hábitos e costumes.

Para iniciar a discussão, questione os estudantes sobre quem, na opinião deles, determinaria o que significa ser autêntico. Aprofunde o diálogo, questionando-os sobre quem são as pessoas que desempenham papel de referência naquilo que consideram como bom, verdadeiro, bonito, correto e valoroso, entre outros. A seguir, questione-os se esses valores condizem com aquilo que eles sentem e acreditam.

Sugestão para o professor

» **Erner, Guillaume. *Sociologia das tendências*. São Paulo: Gustavo Gilli, 2015.**

A obra apresenta discussões sobre o funcionamento de tendências mercadológicas, bem como seu impacto na sociedade, e apresenta subsídios para aprofundamento da discussão a respeito do papel dos influenciadores no desenvolvimento e divulgação de tendências.

BOXE INTERAÇÃO

1. a) Respostas pessoais. Espera-se que os estudantes mobilizem em suas respostas tanto suas opiniões pessoais acerca de autenticidade como as perspectivas de autores como Sartre e Beauvoir sobre o assunto.

   b) Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes reflitam sobre suas percepções acerca da relação entre autenticidade e influência e discutam-nas com os colegas. Nesse sentido, é importante que a turma perceba que, apesar de não serem completamente opostas, a influência pode tolher a liberdade, que, de acordo com determinados pensadores, como Sartre e Beauvoir, é inseparável da autenticidade.

Juventude e participação social

(Páginas 50 e 51)

Nesse tema, os estudantes são convidados a conhecer e refletir sobre formas como podem exercer seu protagonismo e atuar ativamente na sociedade, como cidadãos éticos e conscientes. Para isso, priorizou-se a discussão sobre a participação de jovens em processos eleitorais. É importante ressaltar que essa não se trata da única forma como os jovens podem exercer seu protagonismo. É fundamental que compreendam a importância dos processos eleitorais no funcionamento de uma sociedade democrática, e que conheçam e se apropriem das formas como podem e devem participar desse processo.

As discussões desenvolvidas nesse tema contribuem para a mobilização de aspectos das competências **CGEB7**, **CGEB9** e **CGEB10** e das habilidades **EM13CHS401**, **EM13CHS601** e **EM13CHS606**.

BOXE AÇÃO E CIDADANIA

O boxe, por sua vez, chama a atenção dos estudantes para outra importante forma como os jovens podem desempenhar seu protagonismo: a participação em movimentos estudantis. Esses movimentos desempenharam e continuam a desempenhar um papel crucial na luta pela construção de uma sociedade mais justa, igualitária e democrática e é fundamental que os estudantes reconheçam o potencial dessa ferramenta.

O boxe traz um texto abordando o protagonismo juvenil no contexto da atuação da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (Ubes), que desempenhou um papel central nas greves estudantis em 2015, no contexto da reforma do Ensino Médio.

1. Itens **a** e **b**. Respostas pessoais. Se julgar pertinente, elabore uma lista com os projetos de lei apontados pelos estudantes e promova uma pesquisa coletiva a respeito deles. Na sequência, promova um debate acerca do posicionamento dos estudantes em relação a esses projetos de lei.
2. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes evidenciem suas percepções acerca desse tipo de atuação social.

3. Resposta pessoal. Acolha as respostas dos estudantes, incentivando-os a refletir sobre os motivos pelos quais gostariam ou não de participar dessas formas de ativismo.

Atividades (Páginas 52 e 53)

1. Atividade de pesquisa. Nessa atividade, os estudantes irão entrevistar pessoas de diferentes gerações, buscando identificar percepções dessas pessoas sobre temas de relevância no discurso em sociedade que possam contribuir para a percepção de laços geracionais. Reforce com os estudantes que, integrar uma geração não significa uma confluência de opiniões acerca de determinado tema, porém pode revelar discussões sociais vigentes em torno do tema, o que poderá contribuir para uma melhor percepção dos laços geracionais compartilhados.
2. Resposta correta: alternativa **a**. Espera-se que os estudantes apontem que a juventude se refere tanto ao processo natural e orgânico de desenvolvimento como aos aspectos culturais e sociais atribuídos a esse processo.
3. Resposta correta: alternativa **a**. A questão aborda a subjetividade de gênero presente nas identidades e culturas juvenis.
4. Resposta correta: alternativa **a**. Espera-se que os estudantes relacionem o que discutiram nesse capítulo sobre culturas juvenis e pertencimento a uma determinada identidade social para responder a essa pergunta.
5. Resposta correta: alternativa **a**. A questão aborda a discussão sobre autenticidade, influenciadores e tendências desenvolvida nesse capítulo.

Estúdio filosófico: Conselhos à juventude em Nietzsche (Páginas 54 e 55)

A seção apresenta o filósofo Friedrich Nietzsche e discute algumas de suas ideias, especialmente no que se refere à temática da juventude. Frequentemente, Nietzsche relaciona a juventude a ideias como crescimento, transformação e liberdade, compreendendo esse momento da vida como uma fase de intensa energia, criatividade e potencial, mas também como um período marcado pela vulnerabilidade à influência de normas sociais e culturais.

No trecho citado da obra *Assim falou Zaratustra*, Nietzsche apresenta os conselhos do personagem Zaratustra a um jovem que encontrou em suas perambulações, expondo assim algumas das percepções do autor sobre como os jovens deveriam ser: livres do conformismo, esperançosos e comprometidos com seus mais altos ideais.

PARA CONCLUIR

1. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes respondam que Zaratustra não considera o jovem livre, pois ele ainda está preso às expectativas dos outros.
2. Resposta pessoal. Como possibilidade de resposta, os estudantes podem indicar que os principais conselhos são a busca pela verdade e pela liberdade.
3. Resposta pessoal. O trecho indicado pode ser especialmente relacionado à discussão desenvolvida nesse capítulo sobre a busca pela autenticidade. Nesse sentido, é importante que os estudantes retomem as discussões desenvolvidas nesse tema, bem como suas reflexões acerca do significado de autenticidade.

Práticas de pesquisa: A felicidade como problema filosófico (Páginas 56 e 57)

Essa seção promove a mobilização de habilidades de práticas de pesquisa relacionadas à revisão bibliográfica no contexto da investigação da felicidade enquanto problema filosófico. Nesse sentido, os estudantes serão incentivados a identificar e conhecer filósofos que já tenham refletido sobre esse tema e suas percepções sobre esse assunto.

Como exemplos de abordagens filosóficas sobre a felicidade, podemos citar:

- A reflexão sobre a **eudaimonia**, como finalidade última da vida, desenvolvida por Aristóteles.
- A **filosofia hedonista** de Epicuro, centrada na busca por prazeres.
- A primazia no cumprimento do dever do **imperativo categórico** de Kant, em relação à busca pela felicidade individual e coletiva.
- A virtude e o autodomínio característicos do **estoicismo** de Sêneca.
- O **pessimismo** de Schopenhauer em relação à possibilidade de realização da felicidade.

Os estudantes também poderão pesquisar outras perspectivas filosóficas não eurocêntricas à respeito da felicidade (ou estabelecer paralelos com elas), como a perspectiva do budismo vajrayana, segundo o qual a verdadeira felicidade é obtida principalmente pelo envolvimento ativo no cessar do sofrimento de todos os seres sencientes, ou na busca pelo bem viver de povos originários da América Latina, que preza pela vivência em harmonia com a natureza, a território e os concidadãos.

Ao fim da atividade, os estudantes deverão organizar um seminário para a comunicação do resultado de suas pesquisas. Para tanto, organize a turma de forma que cada grupo seja responsável por apresentar e discutir um dos autores ou perspectivas filosóficas pesquisadas.

O que aprendi: Autoavaliação (Páginas 58 e 59)

Na autoavaliação, incentive os estudantes a refletir criticamente sobre a própria postura diante de cumprimento de prazos, engajamento, colaboração, proatividade, autonomia e busca por aprofundamento. Esse processo os ajuda a identificar pontos fortes e áreas de melhoria, promovendo um aprendizado mais consciente e autônomo. A proposta da seção é retomada ao final de todas as unidades.

Para ir além (Páginas 60 e 61)

A seção apresenta diversas indicações de filmes, livros, documentários e outros materiais. Se considerar adequado, leia com eles as sinopses de cada indicação e promova seções de leitura ou exibição de audiovisuais sugeridos. Ao final de todas as unidades, a proposta da seção é reiterada com novas indicações.

2 EM BUSCA DA VERDADE

INTRODUÇÃO

Esta unidade aborda a formação do pensamento racional e científico no Ocidente, com o objetivo de instrumentalizar os estudantes para que analisem os diversos discursos a que estão expostos diariamente, problematizando o conceito de verdade e buscando identificar as informações oriundas de fontes confiáveis a fim de construir uma postura ativa contra a desinformação e as *fake news*. O conceito de verdade é relativizado por meio de um panorama das diferentes concepções filosóficas acerca do assunto, favorecendo a construção de posturas dialógicas sobre a diversidade de verdades existentes. Recomenda-se que o trabalho com a unidade seja realizado pelos docentes de Filosofia, História e/ou Sociologia.

No capítulo 4, o conceito de verdade é problematizado à luz das percepções do senso comum e da Filosofia. Por meio de uma análise temporal das percepções e dos questionamentos feitos por diversos pensadores, nesse capítulo busca-se mostrar aos estudantes que a verdade é relativa e provisória, além de não ser única nem estática. A intenção é demonstrar que, em Filosofia, diversas verdades podem coexistir e que, na realidade, isso faz parte do debate filosófico.

O capítulo 5 propõe uma investigação sobre as origens do pensamento filosófico no Ocidente, apresentando o conceito de razão e outras noções fundamentais para a compreensão dos discursos contemporâneos, como o cientificismo e o negacionismo científico. Nesse momento, o enfoque histórico recai sobre a Antiguidade clássica (greco-romana) e as principais escolas de pensamento advindas desse período histórico.

O capítulo 6 dá continuidade a essa investigação enfocando o contexto da Idade Moderna, especialmente em relação ao Iluminismo científico. O capítulo aborda ainda a origem das universidades e o papel dessas instituições como centralizadoras do conhecimento científico; trata também das diferenciações entre a metodologia científica em diferentes áreas das ciências. Nesse sentido, há algumas atividades que favorecem as reflexões sobre o futuro profissional dos jovens e as possibilidades relacionadas aos cursos técnicos e universitários, constituindo-se como oportunidades valiosas para o trabalho com o projeto de vida dos jovens.

Sugestão de planejamento

A discussão acerca do desenvolvimento das ciências ocidentais elaborada nesta unidade se configura como um momento especialmente propício para o trabalho interdisciplinar com a área de Ciências da Natureza e suas Tecnologias. Além disso, o trabalho a respeito de *fake news* pode ser realizado em conjunto com a área de Linguagens.

Objetivos da unidade

- Compreender as várias concepções de verdade, construídas e ressignificadas em diferentes contextos históricos e de acordo com diversas escolas de pensamento.
- Analisar a origem do pensamento racional e científico e as construções e as ressignificações pelas quais ele passou até chegar às percepções que temos na atualidade.
- Avaliar as verdades apresentadas em discursos, identificando a parcialidade decorrente da formação cultural de cada sociedade.
- Discutir o conceito de verdade e avaliar os impactos da ideia de pós-verdade no mundo contemporâneo, especialmente em relação à difusão de informações por meio das redes sociais digitais.
- Problematizar o cientificismo e, igualmente, o negacionismo científico.
- Construir uma postura crítica em relação ao conhecimento científico, valorizando, de modo responsável, o desenvolvimento das ciências.
- Analisar o desenvolvimento dos diferentes métodos científicos, de acordo com os contextos e as demandas sociais de cada época.
- Refletir sobre a importância das universidades para o desenvolvimento científico.
- Diferenciar os métodos científicos mais adequados para as Ciências Humanas, Ciências Exatas e Ciências da Natureza, reconhecendo as principais especificidades de cada uma.
- Avaliar o papel social das universidades e a relação destas com a produção de conhecimento científico.

COMPETÊNCIAS E HABILIDADES DA UNIDADE

CAPÍTULO	COMPETÊNCIAS GERAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA	COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS E HABILIDADES	TEMAS CONTEMPORÂNEOS TRANSVERSAIS
4	CGEB1, CGEB2, CGEB4, CGEB5, CGEB6, CGEB7 e CGEB10	**CECHSA1:** EM13CHS101, EM13CHS102, EM13CHS103, EM13CHS105 e EM13CHS106 **CECHSA4:** EM13CHS401 **CECHSA5:** EM13CHS501 e EM13CHS504 **CEMT2:** EM13MAT202 **CEMT3:** EM13MAT301 **CEMT4:** EM13MAT407	Vida familiar e social

CAPÍTULO	COMPETÊNCIAS GERAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA	COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS E HABILIDADES	TEMAS CONTEMPORÂNEOS TRANSVERSAIS
5	CGEB1, CGEB2, CGEB4, CGEB6 e CGEB7	**CECHSA1:** EM13CHS101, EM13CHS103 e EM13CHS105 **CECHSA5:** EM13CHS501 e EM13CHS502 **CECNT2:** EM13CNT201 e EM13CNT204 **CECNT3:** EM13CNT304, EM13CNT305 e EM13CNT310	Saúde
6	CGEB1, CGEB2, CGEB4, CGEB6 e CGEB7	**CECHSA1:** EM13CHS101, EM13CHS102 e EM13CHS106 **CECHSA2:** EM13CHS202 **CECHSA4:** EM13CHS401 **CECHSA5:** EM13CHS501 e EM13CHS504 **CECHSA6:** EM13CHS605 **CECNT2:** EM13CNT201 **CECNT3:** EM13CNT302 e EM13CNT305 **CELT1:** EM13LGG101 e EM13LGG102 **CELT3:** EM13LGG302 e EM13LGG303 **CELT4:** EM13LGG401 **CEMT1:** EM13MAT102 **CEMT2:** EM13MAT202 **CEMT3:** EM13MAT301 **CEMT4:** EM13MAT407, EM13MAT408 e EM13MAT409	

ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS

ABERTURA DE UNIDADE

(Páginas 62 e 63)

A Universidade de Oxford, representada na foto que abre a unidade, foi fundada no século XI e é considerada pela maioria dos estudiosos a primeira instituição do gênero. Apesar de ter características bastante diferentes das universidades atuais, ela foi criada com o mesmo objetivo: ser um local para ensinar e aprender ofícios específicos.

Sugere-se esclarecer aos estudantes que, desde sua origem, as universidades tinham um caráter elitista, e eram poucos os ofícios ensinados nesses locais, muitas vezes pagos e restritos a determinados grupos sociais. Essa seleção também se aplicava aos docentes, que eram os maiores intelectuais do período, o que tornou a universidade um símbolo de produção de conhecimento legítimo e, por séculos, inquestionável.

A partir dessa reflexão prévia, pergunte aos estudantes que diferença eles veem (nesse momento, podem se valer apenas do senso comum) entre as informações provenientes de uma instituição universitária, da imprensa e de outros veículos de comunicação. Em seguida, dê andamento às atividades propostas para iniciar efetivamente os estudos da unidade.

ORGANIZAR IDEIAS

1. Respostas pessoais. As universidades medievais tinham características eclesiásticas. Eram criadas por determinação da Igreja católica, e todos os docentes eram religiosos. Nelas, lecionava-se Teologia, Gramática, Dialética, Música, Geometria, componentes curriculares de caráter científico e filosófico, e também se ensinava o latim, obrigatório em todos os cursos. O ensino era majoritariamente oral, realizado em auditórios, segundo um método baseado na leitura e na análise de textos consagrados, seguidas de comentários baseados em pontos de vista variados. Atualmente, as universidades têm origens diversas: há universidades religiosas, leigas, públicas e privadas. Os cursos hoje são mais diversificados e específicos, e os componentes curriculares são direcionados para cada área de conhecimento. O método de ensino também é bastante variado para adaptar-se às necessidades de cada curso.
2. Respostas pessoais. Atualmente, a universidade é um espaço de produção de conhecimento e de aprimoramento intelectual daqueles que a frequentam buscando desenvolver habilidades e competências para ingressar no mercado de trabalho em áreas específicas ou para prosseguir na carreira acadêmica.
3. Respostas pessoais. Peça aos estudantes que compartilhem os conhecimentos que já têm sobre o conceito de verdade, incentivando o debate para que percebam que se trata de uma ideia multifacetada.

CAPÍTULO 4 ONDE ESTÁ A VERDADE?

(Página 64)

O capítulo 4 propõe reflexões sobre a concepção de verdade e instiga os estudantes a refletir sobre as formas como o entendimento contemporâneo do que é verdade foi construído ao longo dos séculos, desde a Antiguidade, misturando as concepções grega (*aletheia*), latina (*veritas*) e hebraica (*emunah*). Em seguida, discorre sobre como a concepção de verdade se solidificou com o positivismo e apresenta as transformações pelas quais passou até chegar ao fenômeno da pós-verdade, que vivenciamos atualmente.

O objetivo do texto é problematizar a noção de verdade, demonstrando que, mais do que uma palavra que tem seu sentido construído em oposição à ideia de mentira, trata-se de um conceito que implica diferentes visões de mundo, as quais serão explicitadas ao longo do capítulo.

Leia o poema de Carlos Drummond de Andrade em sala de aula e, antes de propor a realização das atividades, peça aos estudantes que exponham suas percepções sobre a mensagem transmitida pelo poema. Pergunte a eles o que significa dizer que somente meia pessoa passava por vez pela porta da verdade. Em seguida, indague o significado de a porta ter sido arrebentada e derrubada. Pergunte se eles se lembram de alguma vez em que tenham anunciado ou recebido meias-verdades e quais foram as reações quando a verdade completa foi revelada. Essa reflexão pode ser o pontapé inicial para as discussões que permeiam a unidade.

RESPOSTAS ÀS QUESTÕES

1. Resposta pessoal. O objetivo é despertar a compreensão dos estudantes para o caráter relativista proposto no poema, segundo o qual a verdade não é absoluta nem universal. Assim, pretende-se que os estudantes atentem para o fato de que a verdade pode ser diferente para cada um, ou seja, está ligada às subjetividades.
2. Os dois últimos versos evidenciam o caráter relativo e subjetivo da verdade. Espera-se que a questão dê continuidade ao diálogo iniciado na primeira atividade, aprofundando as percepções dos estudantes sobre o assunto e preparando-os para as principais reflexões promovidas no capítulo.

A busca pela verdade: questões filosóficas (Página 65)

Nesse tema do capítulo, sugere-se abordar como a Filosofia, enquanto área do conhecimento, pode contribuir para problematizar as questões do senso comum. Procure aprofundar o conceito de senso comum exemplificando com comportamentos, pensamentos e valores que, arraigados nas culturas, operacionalizam a vida social e, ao mesmo tempo, naturalizam temáticas que não deveriam ser tratadas de forma superficial e sem questionamentos.

A partir do aprofundamento da noção de senso comum, apresente a Filosofia como uma ciência que propõe uma nova forma de pensar e busca o afastamento do senso comum ao questionar "verdades" absolutas disseminadas sem comprovação científica.

O trabalho proposto nesse tema favorece a mobilização da habilidade **EM13CHS105** ao analisar a dicotomia entre o senso comum e o conhecimento científico, distinção fundamental para o estudo do capítulo.

BOXE INTERAÇÃO

1. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes percebam que a sequência de tiras do artista Carlos Ruas problematiza a forma como a Filosofia busca a verdade, enfatizando a necessidade de, por meio do constante questionamento, abandonar todas as certezas que advêm do senso comum.

A verdade é relativa (Páginas 66 a 68)

Inicie esse tópico questionando os estudantes sobre a importância da verdade para o convívio social e por que estamos sempre em busca dela. Destaque que esse anseio está na própria origem do pensamento filosófico, razão pela qual a filósofa Marilena Chaui propõe a discussão das concepções de verdade em três sociedades antigas diferentes: grega, latina e hebraica.

Procure promover uma reflexão com toda a turma acerca do significado das três concepções de verdade: *aletheia*, que se refere à manifestação da realidade; *veritas*, correspondente à narrativa dos fatos; e *emunah*, relacionada à confiança no divino.

É importante que os estudantes consigam perceber como esses três conceitos se complementam, uma vez que *aletheia* se refere ao presente (às coisas como elas realmente são); *veritas*, ao passado (aos relatos de como os acontecimentos se sucederam); e *emunah*, ao futuro (à promessa a ser cumprida pelo divino).

Retome com os estudantes o que o senso comum define como verdade, questionando-os como essa percepção se relaciona às três concepções de verdade propostas por Chaui.

BOXE REFLEXÃO

Essa atividade propõe aos estudantes uma reflexão acerca das redes sociais e da manipulação da imagem que elas promovem para gerar engajamento, sem que haja compromisso com a realidade.

1. Ao nos afastarmos da essência e enfocarmos a aparência, corremos o risco de perpetuar falsas narrativas e equívocos. Desse modo, a verdade, no sentido grego de *aletheia*, torna-se obscurecida. A utilização consciente e crítica das redes sociais é fundamental para distinguir entre realidade e ilusão, assegurando que nossa percepção da verdade não seja distorcida por algoritmos e aparências artificiais.
2. Resposta pessoal. Acolha os relatos dos estudantes e promova um debate sobre as consequências do uso acrítico das redes sociais.
3. Resposta pessoal. Diversas estratégias podem ser tomadas para evitar a distorção de imagem nas redes sociais, por exemplo: manter a autenticidade nas postagens; diversificar o conteúdo, mostrando diferentes aspectos da vida; estabelecer limites de uso; e evitar comparações excessivas, o que pode reduzir a pressão por corresponder a padrões irreais.

BOXE INTERAÇÃO

1. a) Resposta pessoal. Para a realização da atividade, promova uma explicação prévia sobre os meios de comunicação de massa e a parcialidade que perpassa a redação das notícias. Procure fazer uma seleção de notícias que forneçam exemplos de como a atividade poderá ser realizada, explicando o que é manchete, sugerindo canais para pesquisa e indicando fatos recentes que possam ser alvo de buscas massivas nos canais de comunicação. É importante que os estudantes reconheçam algumas características do sensacionalismo, como o exagero de alguns aspectos da notícia (geralmente, os mais negativos) e a informação incompleta sobre os eventos. Por outro lado, lembre os estudantes de que toda informação veiculada é produzida por seres humanos e, por isso, já se constitui como parcial, por maior que seja o compromisso dos meios de comunicação com a imparcialidade. Essa reflexão é importante para que os jovens possam construir posturas críticas diante das notícias às quais têm acesso.

   b) Resposta pessoal. Considerando a noção de *veritas*, espera-se que os estudantes concluam que as narrativas dos fatos não correspondem à realidade, e, assim, não respondem ao rigor e à precisão exigidos pela verdade, sendo então exemplos de falseamento.

Sugestão para o professor

» **Terra, Renato. O social da rede. *Piauí*, São Paulo, n. 66, mar. 2012. Disponível em: https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-social-da-rede/. Acesso em: 22 ago. 2024.**

Nesse artigo, o autor demonstra como são ressignificadas as ações dos indivíduos em cada perfil de rede social, narrando os elementos e os fatos que geram a identificação entre os diferentes leitores.

Positivismo (Página 69)

Para introduzir o tema, é possível pedir aos estudantes que reflitam acerca da frase presente na bandeira nacional: "Ordem e Progresso". Pergunte-lhes que mensagem essa frase transmite e como ela se relaciona ao ideal de ética social que se imaginava no período histórico em que a bandeira foi concebida.

De fato, na época do Império brasileiro, o pensamento positivista estava no auge e era bastante estudado pelos republicados, que levaram a máxima da percepção comtiana "Amor por princípio, ordem por base e progresso por fim" para a base fundadora da República brasileira.

Para concluir essa reflexão inicial e preparar os estudantes para a atividade proposta, peça que enumerem como os ideais positivistas dialogam com os ideais republicanos na atualidade, destacando a busca constante pela melhoria das circunstâncias sociais (condições dignas de vida para a população) e pelo desenvolvimento do país (econômico, político, moral, etc.).

A discussão proposta nesse tema e a atividade que o sucede contribuem para o desenvolvimento da habilidade **EM13CHS501**.

BOXE AÇÃO E CIDADANIA

O boxe favorece, com destaque, a construção da **CGEB1** e da **CGEB7**. A discussão sobre a inclusão da palavra "amor" na bandeira nacional proporciona a mobilização dos debates realizados até o momento acerca do positivismo, buscando o aprofundamento das percepções que os estudantes têm sobre os diferentes projetos políticos e os discursos a estes associados.

1. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes discutam, em suas respostas, seus entendimentos acerca das implicações dessa alteração na bandeira nacional.
2. Apesar de desconhecidos os motivos que levaram à exclusão da palavra "amor", se nos ativermos ao lema positivista de Augusto Comte, essa omissão pode ser considerada, simbolicamente, como a exclusão desse sentimento no âmbito do projeto de nação que se formava.
3. Como possibilidade de resposta, os estudantes podem indicar que essa inclusão proporcionaria uma nova orientação, menos violenta e mais compassiva, dos princípios de ordem e progresso.

Relativismo (Página 70)

Procure trabalhar as diferentes perspectivas do relativismo por meio de exemplos do cotidiano dos estudantes, como o embate frente a costumes considerados "repulsivos" (nesse quesito, a alimentação nos fornece muitos casos pertinentes – pode-se comparar, por exemplo, as escolhas por alimentos de origem animal em oposição a alimentos veganos), ou a declarações pejorativas nas quais se corroboram estereótipos que pautam algumas piadas com nordestinos.

Outra abordagem possível, de cunho histórico-social, é problematizar as relações violentas nos contatos entre europeus e ameríndios no momento da "descoberta" e da posterior colonização do país, enfatizando a caracterização dos indígenas como "selvagens" porque se afastavam do modelo "civilizado" europeu. Essa proposta favorece a exploração da *charge* da página.

A discussão proposta nesse tema contribui para o trabalho com as habilidades **EM13CHS103** e **EM13CHS504**.

Perspectivismo (Página 71)

Nesse tema, a proposta é trabalhar o perspectivismo por meio de uma aplicação prática: o perspectivismo ameríndio. Importa aos estudantes que reconheçam a maior radicalidade dessa abordagem se comparada ao relativismo, posto que sugere uma mudança total de perspectiva para que seja possível interpretar os valores, os pensamentos e as práticas de determinado povo, para além de simplesmente encontrar paralelos, aproximações e distanciamentos com base em uma ótica autorreferenciada nas dicotomias que organizam a própria cultura do pesquisador.

O exemplo do perspectivismo ameríndio procura deslocar o binarismo natureza/cultura que organiza nossa sociedade, afirmando que ele não se aplica ao pensamento das sociedades ameríndias no Brasil. Os diálogos apresentados nesse tema contribuem para o trabalho com as habilidades **EM13CHS101** e **EM13CHS106**.

A pós-verdade (Páginas 72 e 73)

É possível iniciar esse tópico desafiando os estudantes a responder à pergunta-título do capítulo: Onde está a verdade? Em seguida, proponha à turma a seguinte reflexão: Se, conforme vimos ao longo do capítulo, uma história pode ser contada de várias maneiras, então, seria tudo verdade?

Esclareça aos estudantes que, mesmo conduzindo a análise sob os pilares do relativismo ou do perspectivismo, é fundamental conhecer todo o contexto que circunda os discursos para, em seguida, realizar análises e inferências.

O combate à pós-verdade, ou à ideia de verdade única, somente é possível quando damos voz a diferentes sujeitos que estão envolvidos no mesmo fenômeno apresentado no discurso. Proponha um exercício prático dessa observação com base em algum acontecimento recente na comunidade e ressalte como a educação midiática e a postura crítica são ferramentas importantes.

BOXE REFLEXÃO

Essa atividade propõe aos estudantes uma reflexão acerca das práticas e atitudes que eles podem tomar para contribuir com o combate à desinformação. Além disso, proporciona a conscientização dos estudantes acerca do assunto.

1. Respostas pessoais. Espera-se que os estudantes articulem seus conhecimentos prévios sobre os efeitos da disseminação de *fake news* no contexto da pandemia de covid-19, mas também em outros contextos, para responder que sim, *fake news* podem matar.
2. a) Respostas pessoais. O objetivo da questão é que os estudantes se conscientizem de suas responsabilidades na contenção de *fake news*.

   b) Resposta pessoal. O resultado do diálogo e a lista elaborada por eles podem ser divulgados à comunidade escolar como forma de expandir a conscientização sobre o tema.

ATIVIDADE COMPLEMENTAR

Como prévia para essa reflexão e esse debate, é possível propor uma abordagem prática que possibilite aos estudantes reconhecer, em seus próprios dispositivos eletrônicos, informações que tenham recebido e compartilhado e que se encaixem na definição de *fake news*.

Para isso, a proposta é pedir que procurem, nos arquivos dos celulares (ou em outros dispositivos aos quais tenham acesso) e nas postagens realizadas nas redes sociais, mensagens e informações que compartilharam e, então, sujeitem esse conteúdo à análise em uma das ferramentas que identificam *fake news* (pode ser as ferramentas indicadas ou outra de sua preferência).

Após a identificação de algumas *fake news* entre os conteúdos selecionados pela turma, é importante que sejam problematizadas, com base nas características presentes nas próprias notícias, as razões que justificam classificá-las como *fake news* e, além disso, o que teria motivado o compartilhamento.

Para finalizar a discussão, pode-se incluir na análise casos de repercussão nacional e internacional que tenham ganhado destaque por envolver falseamento de informação.

Atividades (Páginas 74 e 75)

As atividades dessa seção colaboram para o desenvolvimento das habilidades **EM13CHS101**, **EM13CHS103**, **EM13CHS501** e **EM13CHS504**.

1. a) Respostas pessoais. Procure estimular a reflexão para que os estudantes possam perceber que a inclusão ou a exclusão de um componente curricular depende da proposta do governo em exercício.

   b) Respostas pessoais. No confronto de hipóteses, é provável que surjam ideias semelhantes, mas o debate em grupo deve aprofundar a discussão que antecede a construção do texto.

2. Resposta pessoal. O objetivo é que os estudantes possam identificar e comunicar que, na concepção judaica, as verdades são aceitas por todos, na medida em que resultam da consideração de princípios e convenções universais.

3. a) A tira problematiza a pós-verdade, abordando o fato de a noção de verdade não ser mais um critério relevante para compartilhar, ou não, determinado conteúdo.

   b) Resposta pessoal. Espera-se que, em seus textos, os estudantes identifiquem que ambas as imagens abordam os conceitos de verdade e de pós-verdade por meio da ideia de que uma verdade pode ser "produzida" ou escolhida.

4. O texto aborda o conceito de *aletheia*. A verdade, tal como sugere a origem grega da *aletheia*, acontece quando essência e aparência são correspondentes; em oposição, o erro, o falso e a mentira acontecem quando não conseguimos atingir a essência da coisa, do fato ou do ser. Isso pode ocorrer porque temos uma aparência superficial e ilusória ou porque atribuímos qualidades a coisas, fatos e seres que não as possuem, seja por uma sensação equivocada de nossos sentidos, seja de forma deliberada.

5. Resposta correta: alternativa **b**. As classificações depreciativas organizadas com base naquilo que é normal na cultura tida como padrão são a base do etnocentrismo.

6. Resposta correta: alternativa **e**. Embora seja mais difícil, essa questão é importante para que os estudantes apliquem a lógica do perspectivismo, uma vez que tal abordagem tende a aparecer de maneira contextual. A escolha da alternativa **e** como correta justifica-se, especialmente, pela última parte do texto citado, que indica a necessidade de transitar para a lógica de outros seres, ou seja, de assumir uma perspectiva segundo a qual o homem não é a chave para a compreensão dos fatos (antropocentrismo).

Estúdio filosófico: A verdade em Marilena Chaui (Páginas 76 e 77)

Essa seção propõe promover o entendimento do conceito de verdade segundo a filósofa Marilena Chaui.

Pergunte aos estudantes quantas vezes eles já ouviram falar que toda verdade depende de determinado ponto de vista, que algo considerado adequado em uma sociedade pode não ser considerado adequado em outra em razão das diferentes concepções e percepções de mundo. Evidencie a proposição da autora em destaque, que, com sua abordagem crítica, questiona a noção de uma verdade universal e propõe um olhar multifacetado.

Peça aos estudantes que respondam às atividades e incentive-os a refletir profundamente sobre o conceito de verdade no contexto da história, explorando a complexidade de interpretar eventos passados e reconstruir narrativas baseadas em evidências históricas variadas.

Nessa seção, são mobilizadas as habilidades **EM13CHS101** e **EM13CHS501**, além da **CGEB1** e da **CGEB6**.

PARA CONCLUIR

1. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes identifiquem os três sentidos no excerto citado e expliquem que a noção de verdade pode ser compreendida como síntese dos três conceitos porque combina a ideia de algo que é revelado e acessível (*aletheia*), que corresponde à realidade e pode ser verificado (*veritas*) e que envolve uma dimensão de confiança e autenticidade (*emunah*). Assim, a verdade não é apenas uma questão de correspondência factual, mas também de revelação e autenticidade relacional.

2. a) Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes mencionem que definir a verdade em relação aos eventos da Revolução Francesa envolve reconhecer a multiplicidade de narrativas e fontes referentes a esse momento histórico.

   b) Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes respondam que a verdade histórica é, em grande parte, moldada por perspectivas e interesses dos historiadores e da sociedade.

Práticas de texto: Carta do leitor (Páginas 78 e 79)

A atividade e a proposta de apresentação final favorecem tanto a prática de escrita quanto o posicionamento e a participação dos estudantes em um debate de interesse público. Por meio do trabalho desenvolvido nesse momento, a abordagem da **CGEB2**, da **CGEB4**, da **CGEB5** e da **CGEB10** é favorecida.

Ao longo do planejamento e da produção da carta do leitor, solicite aos estudantes que atentem para as orientações relacionadas ao objetivo da atividade. Comente com eles que a carta do leitor é um instrumento comunicativo que circula em veículos impressos ou mesmo digitais e diz respeito a notícias ou reportagens publicadas nesses meios ou a solicitações feitas pelos leitores, tendo como objetivo divulgar suas reflexões e percepções acerca de determinado tema, possibilitando que os demais leitores tenham acesso a essas ideias.

Esclareça que esse tipo de comunicação é mais eficaz quando a carta é enviada rapidamente, antes que a discussão sobre determinado assunto se esgote; portanto, o gênero tem um prazo de vigência determinado conforme a velocidade da comunicação. Essa característica, porém, foi relativizada devido à função didática da atividade; portanto, deve-se instruir como elaborar esse tipo de comunicação adequadamente.

Acompanhe os estudantes em todas as etapas de pesquisa e elaboração dos textos, solicitando que se orientem pelas instruções dispostas no Livro do Estudante.

Após a conclusão da atividade, pode ser interessante propor aos estudantes que a repitam, agora com maior autonomia, usando notícias recentes. Para isso, pode-se tanto escolher uma única reportagem para a turma ou selecionar várias delas em mídias diversas. É possível deixá-los passar por toda a etapa de produção desses textos individualmente e apenas fazer uma revisão final com cada estudante antes de enviar a carta ao veículo de informação.

Essa seção colabora para o desenvolvimento das habilidades **EM13CHS102**, **EM13CHS401**, **EM13CHS501**, **EM13MAT202**, **EM13MAT301** e **EM13MAT407**.

CAPÍTULO 5 DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO OCIDENTAL (Página 80)

O segundo capítulo desta unidade aborda as origens do pensamento ocidental, com destaque para as noções de opinião, verdade e conhecimento, e prepara o campo para o próximo capítulo, que discutirá como a ciência é construída com base nos parâmetros ocidentais modernos.

De modo semelhante ao adotado no capítulo 4, nesse capítulo serão apresentadas diversas concepções de verdade, assim como formas de fazer ciência, enfatizando que o que a torna confiável é o rigor científico.

A abertura do capítulo aborda um assunto bastante atual e polêmico: o terraplanismo. De modo geral, a liberdade de expressão e o direito à opinião são mobilizados para justificar a propagação de diversas irracionalidades presentes nesse tipo de "debate". Nesse sentido, sua mediação é fundamental, a fim de que a discussão entre os estudantes seja produtiva. Se possível, leia a matéria toda, disponível no *link* indicado na referência do texto, para se munir de mais argumentos.

Promova uma discussão em sala de aula acerca da temática abordada nessa abertura; isso tornará o aproveitamento do capítulo mais significativo. Se julgar conveniente, apresente outros casos, como as campanhas antivacina, as alegações de que a pandemia de coronavírus foi uma conspiração comunista mundial e que o coronavírus não é perigoso, as afirmações de que nazismo e fascismo são movimentos de esquerda, entre outros.

Para tanto, peça aos estudantes que se organizem em grupos. Distribua algumas notícias ou artigos com essas temáticas de forma que os grupos possam discuti-las de modo mais aprofundado, baseados em dados e informações, fugindo do senso comum e de opiniões vazias.

Importa que os estudantes percebam que esse tipo de negacionismo está intimamente ligado ao negacionismo histórico e à geração de *fake news*, representando, assim, ameaças à democracia. Vale destacar que tanto o negacionismo científico quanto o revisionismo histórico são elementos centrais e constitutivos de uma revolução cultural baseada no controle moral e na lógica dos costumes dos grupos sociais hegemônicos que colocam à margem as minorias.

Essa abertura colabora para a construção das habilidades **EM13CHS101** e **EM13CHS103**. O trabalho será aprofundado ao longo do capítulo, promovendo também a abordagem da **CGEB1**, da **CGEB2**, da **CGEB4** e da **CGEB7**.

RESPOSTAS ÀS QUESTÕES

1. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes reflitam criticamente sobre o assunto e percebam que, opinar sobre algo e imputar a essa opinião um valor de verdade sem respaldá-la em fontes confiáveis, caímos em um relativismo nocivo na medida em que a racionalidade cede espaço a desejos individuais e à defesa de interesses exclusivamente pessoais, o que se mostra incompatível com a vida em sociedade. Afora isso, recusar as ciências tem seu preço, que pode se manifestar em perdas econômicas e de vidas, entre outras. A pandemia do coronavírus também é um exemplo disso, assim como as campanhas antivacinação. Procure incentivar os estudantes a refletir sobre as perdas decorrentes de situações em que o conhecimento científico é negado ou visto como uma opinião qualquer.
2. Resposta pessoal. Solicite aos estudantes que compartilhem suas respostas, promovendo uma grande discussão. É possível (e desejável) que eles discutam o papel da escola e dos meios de comunicação na construção de um conhecimento científico mais sólido e difundido na sociedade. Procure também incentivá-los a refletir a quem interessa essa falta de conhecimentos e de raciocínio lógico.

ATIVIDADE COMPLEMENTAR

Para explorar de modo mais aprofundado as informações do texto de Andressa Mendes, pergunte aos estudantes: "Para vocês, por que vídeos com discurso favorável ao terraplanismo têm como objetivo modificar a percepção de mundo de quem os assiste?".

Incentive os estudantes a refletir sobre os dados apresentados pela reportagem, como os relativos à formação do público e às dimensões da onda de disseminação do terraplanismo nas plataformas digitais. É importante ressaltar que as forças que atuam na sociedade são sempre múltiplas, ou seja, não é possível dar explicações simples para fenômenos sociais, mas é importante incentivar a reflexão a respeito destes.

O nascimento da razão (Página 81)

Inicie esse tema questionando os estudantes sobre o que eles entendem por "razão". Encaminhe a conversa para que eles percebam que a razão é a capacidade dos seres humanos de utilizar seus conhecimentos intelectuais valendo-se do pensamento dedutivo para realizar abstrações e elaborar argumentos.

Esclareça aos estudantes que a razão, tal como entendida no mundo ocidental moderno, tem sua origem na Grécia Antiga e está relacionada ao contexto de desenvolvimento da democracia vivido naquele período. Tal contexto privilegiava a argumentação, que, por essência, rejeita as verdades absolutas e abre caminho para a universalização de ideias, o que a torna fundamental para o exercício da democracia.

BOXE REFLEXÃO

Desde sua origem até os dias atuais, a razão é entendida como manifestação oposta à emoção. Essa dicotomia entre racionalidade e passionalidade é bastante disseminada no senso comum e, por séculos, foi seriamente considerada pela comunidade científica, de modo que a emoção passou a ser vista como um componente negativo do pensamento humano, pois considerava-se que ela impedia os seres humanos de usar sua racionalidade de forma plena, gerando descontroles temporários de comportamento. A *charge* apresentada na atividade apresenta essa característica dicotômica.

Essas atividades contribuem para o desenvolvimento da habilidade **EM13CHS105**.

1. Espera-se que os estudantes identifiquem que, na *charge*, a razão é representada pelo cérebro; e a emoção, pelo coração.
2. Respostas pessoais. Incentive os estudantes a compartilhar suas experiências. Os adolescentes, pela própria fase do desenvolvimento humano em que estão, tendem a ser mais passionais e menos racionais. O compartilhamento de informações pode auxiliá-los a perceber que esse tipo de sensação e comportamento, ainda que muitas vezes criticado, faz parte da normalidade.
3. Ainda que a resposta seja pessoal, pois será resultado do debate, espera-se que os estudantes notem que, na *charge*, a razão representa o ideal científico, indicando os critérios de avaliação para a compra de um produto. Já a emoção representa a vontade, a impulsividade e o gosto pessoal, que são características da personalidade humana.

Negacionismo científico (Página 82)

A discussão acerca do negacionismo científico é importante e complexa. Por isso, é fundamental apresentar para a turma uma variedade de informações e reflexões sobre os motivos pelos quais, contra a racionalidade, as pessoas optam por negar aspectos específicos das ciências. Assim, mobilizam-se as habilidades **EM13CNT201**, **EM13CNT204**, **EM13CNT304**, **EM13CNT305** e **EM13CNT310**. Além disso, algumas atividades destacam a importância da ciência, enquanto outras contribuem para a discussão quanto às alegações nela embasadas.

Destaque que os negacionistas não rejeitam as ciências como um todo, afinal, são também usuários de produtos resultantes da ciência e da tecnologia, mas negam efetivamente algumas pautas como as mencionadas no texto do capítulo. Essa negação, no geral, está ligada a ideias conservadoras que se alicerçam no controle sobre os costumes.

BOXE INTERAÇÃO

1. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes indiquem, a partir de seu entendimento, se possível apresentando exemplos, que ceticismo se refere a uma postura de busca por evidências, enquanto o negacionismo nega tais evidências.
2. Porque o negacionismo desconsidera evidências, conhecimentos produzidos e consensos cientificamente aceitos sobre determinado tema, impossibilitando que se produzam novos conhecimentos, evidências e consensos válidos.
3. Resposta pessoal. Como possibilidade de resposta, os estudantes podem mencionar que os conhecimentos podem ser aprimorados e desenvolvidos a partir de uma postura cética.
4. Resposta pessoal. Os estudantes podem mencionar a perda de parâmetros para ler e avaliar a vida e o mundo, o desgaste mental gerado pela postura de constante desconfiança nas instituições, a adoção de condutas de risco para a saúde e para o planeta, entre outras consequências.

Ciência e ceticismo (Página 83)

Continuando a discussão iniciada no tema anterior, nesse tópico é abordada a diferença entre o negacionismo e a dúvida como ferramenta metodológica característica do método científico. Ao trabalhar esse assunto, procure salientar que os negacionistas rejeitam somente ideias que não lhes são convenientes, pois, como o texto do capítulo sinaliza, o negacionismo se firma em estratégias de desinformação para garantir a manipulação de conceitos problematizados pelas ciências. O debate pode ser subsidiado pelo material sugerido após a *Atividade complementar*, enriquecendo a abordagem proposta.

BOXE AÇÃO E CIDADANIA

O conteúdo do boxe aborda o aumento dos casos de sarampo devido à queda de vacinação da população, por conta do aumento de *fake news* que colocam em dúvida a eficácia da vacina.

1. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes utilizem argumentos com base científica que comprovam a eficácia da vacina, assim como sua importância.

ATIVIDADE COMPLEMENTAR

Para dar continuidade ao trabalho com as *fake news*, proponha uma oficina sobre essa temática. Para isso, sugere-se que os estudantes busquem notícias com informações notadamente falsas ou afirmações do senso comum que não dispõem de confirmação científica.

As afirmações falsas podem ser dispostas em papéis coloridos afixados em um mural, e cada uma deve ser desconstruída com base no diálogo e na pesquisa científica. Uma estratégia é que os estudantes se organizem em duplas, cada uma delas se responsabilizando por refutar uma das *fake news*.

Após a apresentação das afirmações falsas e dos argumentos de cada dupla, os estudantes devem compor pequenos textos que expliquem por que cada afirmação é infundada. Esse texto pode ser afixado ao lado da respectiva afirmação, de modo que a comunidade escolar também possa se informar.

Sugestão para o professor

» **Trigueiro, André. Negacionismo científico mata! *Mundo Sustentável*, 28 mar. 2020. Disponível em: https://mundosustentavel.com.br/negacionismo-cientifico-mata-ouca-no-podcast/. Acesso em: 24 ago. 2024.**

Nesse *podcast*, o jornalista André Trigueiro apresenta algumas das principais consequências práticas do negacionismo.

O cientificismo (Páginas 84 e 85)

Nesse tema, recomendam-se as mesmas considerações feitas acerca do negacionismo científico, com uma singularidade a ser levada em conta: a relevância da alfabetização científica, ou seja, a importância de conhecer efetivamente os conteúdos científicos.

Feita essa observação, procure ir além, discutindo com os estudantes o que é ciência e como os conhecimentos científicos são produzidos, isto é, propiciando que a turma conheça aspectos da natureza das ciências. A literatura especializada em ensino de Ciências e de Filosofia, bem como diversos documentos oficiais, tem apontado para a importância e a necessidade de discutir tais aspectos em ambiente escolar.

Cuide para que a crítica feita às ciências seja compreendida como parte do método científico, do questionamento das verdades acessadas até o momento, dos consensos e do fazer científico. Essa ressalva é importante, pois não se trata de negar as ciências, mas de dar continuidade à produção científica de modo consciente e alinhado aos valores universais. Se necessário, reforce que as ciências não podem comportar dogmatismos ou verdades absolutas e que isso não significa negar as ciências, mas, sim, transformar e expandir as possibilidades das pesquisas científicas. O debate proposto no boxe *Interação* aborda esses questionamentos.

BOXE INTERAÇÃO

1. A *charge* apresenta uma pessoa em postura proselitista, como um pregador religioso. A contradição se refere ao tratamento da ciência, sistema fortemente marcado pelo racionalismo, pelo questionamento e pela investigação, como uma verdade religiosa, experiência marcada pela fé, independentemente de comprovação ou explicações racionais.
2. Atividades de debate. Propõe-se aos estudantes uma ação efetiva em um mundo polarizado entre o negacionismo e o cientificismo. Não há um consenso absoluto entre os filósofos das ciências acerca do que é a ciência e tampouco sobre seus aspectos fundamentais. No entanto, algum consenso há sobre esse tema. É importante que os estudantes percebam que os conhecimentos estão sujeitos a controvérsias e que a tarefa do pensamento nunca se esgota – e deve assim ser empreendida. A inexistência de consensos absolutos não deve ser encarada como fraqueza ou fragilidade do pensamento, mas, antes, como sua força.

Sugestão para o professor

» ***Associação Brasileira de Filosofia e História da Biologia (ABFHiB)*. Disponível em: http://www.abfhib.org/. Acesso em: 24 ago. 2024.**

Nesse *site*, há muitos textos sobre aspectos da natureza das ciências, bem como estudos de caso que podem ser úteis para os estudantes e para o enriquecimento da discussão em aula.

A Antiguidade greco-romana e a Filosofia (Página 86)

Esclareça aos estudantes que, acompanhando as origens do pensamento racional, a Filosofia também surgiu na Grécia Antiga, no contexto do surgimento da democracia nas cidades-Estado.

Os registros arqueológicos indicam que o uso da lógica e da racionalidade foi fundamental para a construção de diversas ideias políticas que foram perpetuadas pelo Ocidente, especialmente com o advento da Modernidade, que busca suas raízes nas antiguidades grega e romana. Essa ressalva é importante para que os estudantes percebam as origens discursivas das matrizes do pensamento ocidental contemporâneo e possam refletir sobre elas buscando encontrar, em suas manifestações culturais, outras matrizes.

Esse repertório é importante para desconstruir eventuais preconceitos e supostas hierarquias entre as diferentes matrizes de pensamento.

BOXE REFLEXÃO

O boxe problematiza a história da filosofia ocidental e chama a atenção dos estudantes para a pluralidade do pensamento filosófico como um atributo que não é exclusivo do Ocidente, e sim uma característica das comunidades humanas em diferentes espaços e temporalidades. Retome com os estudantes que a palavra "filosofia" tem sua origem no mundo dos gregos antigos e que os outros povos empregam outras palavras para definir esse elemento cultural.

1. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes questionem o fato de a filosofia ser considerada originária exclusivamente da tradição grega. Além disso, é importante relacioná-la aos processos de colonização e, portanto, de imposição de certas epistemologias em detrimento de outras. Como diria a física e ativista ambiental indiana Vandana Shiva (1952-), a hegemonia cognitiva e cultural leva a monoculturas da mente. Os estudantes podem, se quiserem, afirmar que a Filosofia é grega sim e que as demais epistemologias talvez possam ser categorizadas de outra forma, mas o caminho crítico e argumentativo precisa ser percorrido.

Em busca da *arkhé* (Página 87)

Esclareça aos estudantes que os filósofos pré-socráticos, considerados fundadores da filosofia ocidental, inauguraram um pensamento racional que buscava desvincular-se das teorias mitológicas para explicar os fenômenos da natureza.

Entre a imobilidade e o movimento (Página 88)

Explique que os filósofos pré-socráticos da segunda fase, conhecidos como pluralistas, a exemplo de Empédocles, Demócrito e Leucipo, concebiam o mundo natural como composto de múltiplos elementos ou átomos. Heráclito, por sua vez, acreditava no constante fluxo e mudança das coisas, inaugurando o pensamento dialético. Em contraste, Parmênides, um dos principais pensadores pré-socráticos, defendia a imutabilidade do ser, distinguindo a aparência da essência e inaugurando, assim, a preocupação filosófica com a ontologia.

Promova uma discussão sobre a frase "não se pode entrar no mesmo rio duas vezes", conectando-a com exemplos do cotidiano. Proponha um debate sobre a ideia de mudança *versus* permanência. Por fim, peça aos estudantes que identifiquem aspectos do pensamento pré-socrático em debates científicos ou filosóficos atuais, como a natureza da matéria ou o conceito de tempo.

A metafísica (Página 89)

É esperado que os estudantes tenham dificuldades em compreender a importância da busca pela *arkhé*. Isso porque, possivelmente, em vez de tentar ver o passado com olhos mais despidos do presente, podem tentar justificar e compreender aquele nos termos deste. Esse anacronismo é inevitável, mas pode ser mitigado.

Busque motivar os estudantes não apenas no sentido de evitar o anacronismo, mas também buscando tentar traçar paralelos com alguns problemas que se apresentam hoje para os quais não existem respostas prontas ou cujas respostas podem ser controversas. Pode ser interessante propor, por exemplo, um problema ético. Para aproveitar a atualidade do assunto, sugere-se que os estudantes sejam incentivados a pensar, a título de ilustração, a respeito das escolhas que os médicos precisam fazer quando há a superlotação dos hospitais: "Quais pacientes priorizar?".

Atividades (Páginas 90 e 91)

Essa seção de atividades contribui para o desenvolvimento das habilidades **EM13CHS101**, **EM13CHS103** e **EM13CHS501**.

1. a) Resposta pessoal. A relação entre Attico Chassot e os pré-socráticos está na busca em comum por explicar o mundo natural de forma racional. Assim como os primeiros filósofos, que usavam a observação e a razão para entender a natureza, Chassot vê a ciência como uma linguagem que nos permite compreender e controlar as transformações do mundo, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida.

b) Respostas pessoais. A ciência desempenha um papel fundamental ao fornecer as ferramentas necessárias para compreender o mundo de forma mais profunda, possibilitando intervenções que possam resolver problemas práticos e melhorar o bem-estar das pessoas.

c) Respostas pessoais. Conhecer a ciência e suas dinâmicas de produção e divulgação de conhecimento é fundamental para os cidadãos, pois permite a eles compreenderem os processos pelos quais o conhecimento científico é validado e disseminado. Ao entender como a ciência funciona, as pessoas podem desenvolver uma postura mais crítica diante de notícias falsas.

2. O mobilismo de Heráclito é baseado na ideia do mundo como um eterno devir e no equilíbrio de contrários. Nesse sentido, o mundo estaria em constante mudança daquilo que é para seu contrário, ou seja, para aquilo que não é. Em contraposição, Parmênides considera que o ser é uno, imutável e eterno. Isso porque, se o ser fosse algo diferente daquilo que é, ele seria um não ser. Esse "não ser" é impossível na acepção de Parmênides, dado que o ser será sempre uno.

3. Resposta correta: alternativa **b**. Sócrates busca um modelo racional e reflexivo para interpretar a informação dada pelo oráculo, porém sem utilizar o modelo mitológico, o que caracteriza uma mudança no pensamento grego.

4. Resposta correta: alternativa **d**. De acordo com Platão, a realidade e o conhecimento são formulados entre o inteligível e o sensível; porém, o conhecimento advém da razão, e não das sensações, pois, para ele, estas são apenas cópias do inteligível, portanto, são imperfeitas.

5. Resposta correta: alternativa **e**. No texto, a autora menciona que, no contexto atual, evidências e consensos científicos são facilmente contestados por convicções pessoais ou experiências vividas, especialmente nas redes sociais.

6. Resposta correta: alternativa **c**. De acordo com o texto, Aristóteles define o enigma como uma contradição que, apesar de associar coisas impossíveis, ainda designa algo real, inovando ao desvincular essa definição de um fundo religioso.

Estúdio filosófico: A razão em Descartes (Páginas 92 e 93)

A seção busca proporcionar aos estudantes uma compreensão das raízes da filosofia moderna e de como ela influenciou a ciência e o pensamento racional contemporâneo. Ao introduzir os estudantes ao método científico de Descartes, enfatize a importância da dúvida sistemática e da decomposição de problemas complexos em porções menores e mais acessíveis à razão como partes do método científico. Proponha a reflexão acerca do fato de as ideias de Descartes continuarem influenciando o debate filosófico e científico na atualidade, especialmente em questões relacionadas ao negacionismo científico.

Nessa seção, são mobilizadas as habilidades **EM13CHS101** e **EM13CHS501**, além da **CGEB1** e da **CGEB6**.

PARA CONCLUIR

1. a) Descartes foi motivado pelo desejo de encontrar uma base firme e inquestionável para o conhecimento. Ele queria eliminar todas as incertezas e descobrir se restava algo absolutamente certo.

   b) Resposta pessoal. A expressão "Penso, logo existo" significa que o ato de pensar é uma evidência inquestionável da existência do pensador. Se ele duvida ou pensa, isso prova que ele existe.
2. Respostas pessoais. Espera-se que os estudantes reflitam sobre a importância da dúvida para que crenças que não são inquestionavelmente verdadeiras possam ser descartadas. A importância da dúvida, para Descartes, está no fato de ela garantir que apenas as verdades mais sólidas e certas sejam aceitas, evitando erros e enganos.
3. Resposta pessoal. A importância da dúvida está em seu papel de depurar o pensamento e conduzir à descoberta de verdades que resistem a qualquer questionamento.
4. As implicações dessa afirmação são profundas, pois questionam a confiabilidade dos sentidos na obtenção do conhecimento. Isso sugere que a ciência deve ir além das observações sensoriais e buscar fundamentos racionais para suas teorias. Em termos epistemológicos, isso eleva a razão acima da percepção sensorial como fonte de conhecimento verdadeiro.

Ampliando: Viés de confirmação (Páginas 94 e 95)

Essa seção propõe uma reflexão sobre o viés de confirmação, ou seja, a tendência a considerar como verdadeiras informações que reforçam ou validam crenças e opiniões pessoais a respeito de determinado assunto, independente da veracidade dessas informações.

Solicite aos estudantes que realizem a leitura atenta do excerto, destacando os elementos que eles consideram centrais para a definição do que é viés de confirmação.

Destaque aos estudantes o impacto do viés de confirmação e das bolhas informacionais que se constituem como meios de polarização e desinformação, especialmente em áreas como política, futebol e ciência. Estudos mostram que as pessoas tendem a reforçar suas crenças quando confrontadas com opiniões opostas, e isso se agrava com o uso de algoritmos nas redes sociais.

Proponha uma discussão sobre como a falta de empatia e a adesão a identidades pré-formatadas dificultam o diálogo e a convivência com o contraditório, enquanto a desinformação se alimenta da desconfiança na ciência e da dificuldade de lidar com a complexidade do mundo contemporâneo.

Nessa seção, são mobilizadas as habilidades **EM13CHS101**, **EM13CHS501** e **EM13CHS502**, além da **CGEB1** e da **CGEB6**.

RESPOSTAS ÀS QUESTÕES

1. Resposta pessoal. Viés de confirmação é uma tendência que todos nós temos de buscar, interpretar e lembrar apenas as informações que confirmam nossas crenças ou opiniões já formadas, ignorando ou rejeitando aquilo que as contradiz.
2. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes evidenciem seu entendimento acerca do que é o viés de confirmação, identificando situações nos quais o tenham vivenciado ou presenciado em seu cotidiano.
3. Resposta pessoal. Como possibilidade de resposta, os estudantes podem mencionar atitudes como abertura, respeito, acolhimento e curiosidade frente a perspectivas e informações que contrariem suas opiniões, visões de mundo e conhecimentos prévios.

CAPÍTULO 6 CIÊNCIA OCIDENTAL MODERNA (Página 96)

O terceiro capítulo da presente unidade aborda o desenvolvimento do conhecimento científico na modernidade e algumas das transformações pelas quais ele passou até consolidar-se como o conjunto de métodos e experimentos analíticos que temos hoje. Trata-se de uma investigação a respeito do desenvolvimento dos métodos científicos considerados hegemônicos e aceitos pela comunidade de pesquisadores na construção de conceitos, paradigmas e postulados.

A abertura do capítulo retoma a ideia de que a busca por conhecimento faz parte da natureza humana e esteve presente em toda a história da humanidade.

Ressalte aos estudantes que a produção de conhecimento é constante e está presente ao nosso redor. Nesse capítulo, uma temática específica é analisada: a ciência construída com base nos parâmetros ocidentais modernos. É importante dar esse destaque porque, assim como refletimos, no capítulo 1, sobre a existência de muitas verdades, também há muitas formas de fazer ciência, porém é o rigor científico – desenvolvido no contexto estudado nesse capítulo – que a torna confiável.

Destaque para os estudantes que esse rigor é pautado basicamente no uso intenso da razão no ceticismo. Para ilustrar essa premissa inicial, lance questionamentos acerca da teoria heliocêntrica, proposta por Copérnico e representada na imagem. É possível promover uma conversa com os estudantes para levantar hipóteses acerca de questões como: "Que tipo de observações Copérnico teve de fazer para chegar à conclusão de que a Terra girava em torno do Sol?"; "Quais experiências ele pode ter conduzido para chegar a essa conclusão?"; "Quanto tempo foi necessário para que as constatações de Copérnico se tornassem hegemônicas?".

A abertura do capítulo colabora para a construção das habilidades **EM13CHS102** e **EM13CHS504**. Esse trabalho será aprofundado ao longo do capítulo, promovendo também a abordagem da **CGEB1**, da **CGEB2**, da **CGEB4** e da **CGEB7**.

RESPOSTAS ÀS QUESTÕES

1. Resposta pessoal. O intuito da atividade é instigar a análise de obras de arte e, nesse caso, vincular uma obra com o conteúdo do material. Os estudantes podem indicar diversos elementos: os signos do horóscopo dispostos na arcada da gravura, os anjos sobrevoando a gravura como elemento da cultura cristã, entre outros. Mas espera-se que pontuem os aspectos astronômicos presentes na representação: a Terra redonda

circulando o Sol, e os corpos celestes circulando o campo solar; enfim, indícios de uma visão heliocêntrica do Universo.

2. Resposta pessoal. É provável que os estudantes mencionem atitudes que, de algum modo, fazem parte da ciência, como a observação, a descrição, a comparação, etc. O objetivo é incitá-los a refletir sobre as formas possíveis de conhecer o mundo, uma operação tão natural que acabamos deixando de problematizá-la e, assim, não reconhecemos as diversas maneiras como pode ser realizada.

A importância do Ensino Superior: formação e pesquisa
(Página 97)

No Ensino Médio, há muitos estudantes pensando em cursar o Ensino Superior. Procure iniciar esse tópico perguntando quantos da turma têm esse interesse. A partir daí, questione-os sobre a definição de universidade, percebendo, assim, as noções que os jovens têm desse tipo de escola.

Pergunte a eles como se pode conceituar o que é uma universidade e solicite que identifiquem a função social dessa instituição, suas regras de funcionamento e as diferenças, além da gratuidade, entre as universidades públicas e privadas. Caso os estudantes não tenham argumentos para encaminhar um debate sobre a temática, solicite que façam uma pesquisa prévia para, na sequência, continuar com as reflexões aqui propostas.

Instrua os estudantes a refletir sobre qual seria a preparação prévia para uma pessoa ou um grupo de pessoas realizar a referida descoberta e que tipo de infraestrutura é necessária para que esse tipo de pesquisa seja realizada.

Essa reflexão inicial contribuirá para a elaboração das respostas das atividades. Essa atividade contribui para o desenvolvimento das habilidades **EM13CHS401** e **EM13CHS501**.

BOXE REFLEXÃO

1. Resposta pessoal. Os estudantes devem refletir sobre o fato de que uma nova descoberta científica feita em curto espaço de tempo só é possível em um país com tradição de pesquisa na área, como o Brasil, que tem realizado estudos sobre outros vírus, como o zika e o da dengue.
2. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes reflitam sobre a relevância da pesquisa científica e a importância do investimento adequado e constante para que cada centro de pesquisa se mantenha atuante em sua excelência. Um corte no apoio e/ou investimento significaria um retrocesso cujos efeitos demorariam a ser superados.

Origens das universidades
(Página 98)

Inicie esse tópico retomando a foto da Universidade de Oxford, no Reino Unido, e as reflexões iniciais propostas no começo dessa unidade.

Encaminhe a reflexão dos estudantes para avaliar as diferenças entre a formação intelectual proposta pelos antigos, como os filósofos gregos, que tinham espaços destinados para a transmissão de conhecimento, mas de forma não institucionalizada, e a proposta pela Igreja católica na Idade Média. É importante que eles identifiquem que a proposta dos antigos para a disseminação de conhecimento era mais democrática, enquanto as universidades, quando foram criadas, eram mais seletivas.

É fundamental que os estudantes percebam essa transformação, assim terão clareza de que a universidade, desde sua origem, se constitui como instituição de ensino, com características próprias, visando à formação de um tipo específico de profissional, o qual é habilitado a exercer seu trabalho por meio de um documento que certifica suas capacidades: o diploma.

A proposta favorece a abordagem das habilidades **EM13CHS102** e **EM13CHS401**.

ATIVIDADE COMPLEMENTAR

Uma possibilidade de ampliação do diálogo proposto ao longo do capítulo é organizar uma visita dos estudantes a uma universidade da região onde se localiza a escola. Sugere-se que os docentes responsáveis contatem a coordenação da instituição que desejam visitar para que possam contar com o acompanhamento dos profissionais da universidade. Essa troca pode enriquecer as vivências dos estudantes e mesmo auxiliá-los em seus projetos de vida, atividade pertinente à construção da **CGEB6**.

Iluminismo e seus reflexos hoje
(Página 99)

O Iluminismo, assunto já conhecido dos estudantes nos Anos Finais do Ensino Fundamental, é revisitado nesse tema sob o viés de suas contribuições para a formação do pensamento científico ocidental.

É essencial que os estudantes identifiquem que esse movimento foi transformador para a sociedade ocidental devido à valorização da razão, então compreendida como a única forma de conduzir os seres humanos à sabedoria e, com isso, alcançar a verdade ou ao menos aproximar-se dela.

Destaque para os estudantes que a Filosofia e a ciência caminharam juntas tanto na formação como na aplicação do pensamento iluminista. A proposta dos iluministas quanto à aplicação cotidiana do uso da razão consistia em exercer a crítica a toda crença ou saber existente, de modo que seria possível revisá-los e corrigi-los constantemente. Consistia também no uso do conhecimento para melhorar a qualidade de vida da humanidade, social e individualmente. Além disso, os iluministas propõem parte dos princípios éticos da ciência.

Por outro lado, é importante problematizar o eurocentrismo característico do Iluminismo, chamando a atenção dos estudantes para o racismo epistêmico frequentemente produzido e desenvolvido nesse contexto, evidenciando que os processos de colonização e escravização não somente financiaram o desenvolvimento das ideias iluministas, como também, muitas vezes, as próprias ideias embasavam teorias racistas.

Procure concluir esse tema demonstrando como as ideias iluministas influenciam ainda hoje as instituições ocidentais.

Ao longo do capítulo, o trabalho com essas percepções favorece a construção das habilidades **EM13LGG101**, **EM13LGG102**, **EM13LGG302**, **EM13LGG303** e **EM13LGG401**.

Sugestão para o professor

» **Andrade, Érico. A opacidade do iluminismo: o racismo na filosofia moderna. *Kriterion*, Belo Horizonte, v. 58, n. 137, p. 291-309, ago. 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/j/kr/a/DFCbhHfgddLVjBgHcd7GqdS#. Acesso em: 4 out. 2024.**

Nesse artigo, o professor e doutor Érico Andrade, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), analisa as razões de os discursos racistas estarem presentes nas ideias iluministas, chamando a atenção para os desdobramentos do discurso eurocêntrico, em especial a violência epistêmica, presentes na Filosofia ocidental.

BOXE INTERAÇÃO

1. Para Kant, a menoridade é a situação em que o indivíduo prescinde de usar seu próprio entendimento para guiar sua vida, atitude que caracteriza uma espécie de dependência ou servidão, tal como se comporta uma criança, que depende de um adulto para sobreviver.

2. Segundo Kant, o uso da razão e do entendimento permite ao indivíduo que seja capaz de decidir por si os rumos de sua vida, o que caracteriza sua autonomia.

As origens do método científico na modernidade (Página 100)

Explicite aos estudantes que, apesar de haver precursores, Descartes, fundador da filosofia moderna, também é considerado o criador do método científico. Dentre tais precursores, Francis Bacon foi o que mais contribuiu para a formação das bases do pensamento de Descartes. Destaque para os estudantes que as formulações de Bacon fundamentam-se na ideia de que o conhecimento científico deveria ser desenvolvido e usado em benefício da humanidade, assim como toda transformação da paisagem natural, que deveria ter o mesmo fim.

Conclua a abordagem sobre Bacon esclarecendo que sua proposição de que a investigação científica deveria ser orientada com base no pensamento indutivo sofreu influências dos estudos de Copérnico e Galileu Galilei, permitindo-lhe demonstrar como todo conhecimento é resultado da construção e da continuidade de estudos.

Inicie a análise do pensamento de Descartes indicando a importância da dúvida para o filósofo. É fundamental que os estudantes consigam relacionar a máxima "Penso, logo existo", referenciada em diferentes contextos, com a concepção de Descartes de que o pensamento, fruto da razão, é a única certeza que o ser humano pode ter. Incentive os estudantes a refletir sobre como o método cartesiano transcendeu a proposta baconiana de instrumentalização da natureza ao propor explicações racionais – e, na maioria das vezes, matemáticas – para todos os fenômenos naturais, ainda que seja necessário analisar cada uma das partes para compreender o todo. Ressalte que, com isso, o pensamento indutivo baconiano começou a ceder espaço para o método dedutivo cartesiano.

Demonstre para os estudantes que, nessa linha, a valorização do conhecimento científico construído por meio da razão é acompanhada pela valorização da experiência, pois a experimentação é uma das formas mais concretas de testar hipóteses e chegar a resultados por meio do método científico. O empirismo, assim, é uma das principais armas para combater ideias falsas.

A proposta favorece o desenvolvimento das habilidades **EM13CHS106**, **EM13CHS202** e **EM13CHS605**. O diálogo sobre métodos de pesquisa mobiliza as habilidades **EM13CNT201**, **EM13CNT302** e **EM13CNT305**.

As Ciências Exatas e as Ciências da Natureza (Página 101)

Inicie esse tópico indicando aos estudantes que, desde Descartes até os dias atuais, desenvolveu-se uma série de métodos científicos, alguns dos quais são comuns a diversas áreas do conhecimento, enquanto outros são mais específicos.

Destaque para os estudantes que, nas Ciências Exatas e nas Ciências da Natureza, a experimentação é o método mais utilizado, podendo ser aplicado tanto em ambientes externos (como nas pesquisas *in loco*) quanto em ambientes internos (por exemplo, em laboratórios).

As Ciências Humanas (Página 102)

Para iniciar a reflexão acerca desse tópico, retome com os estudantes qual é o objeto de estudo das Ciências Humanas.

Antes de prosseguir com o assunto, peça que elaborem hipóteses acerca de quais dos métodos estudados até o momento eles consideram mais apropriados para o estudo das Ciências Humanas. Após a apresentação das hipóteses, retome com a turma que o objeto de estudo desse campo do saber é o próprio ser humano e sua relação com outras pessoas e com a sociedade. Essa característica faz com que seja necessário avaliar os seres humanos por meio de diversos aspectos: históricos, políticos, sociais, econômicos, psicológicos, entre outros.

Ou seja, as análises em Ciências Humanas são mais subjetivas do que objetivas, o que demanda métodos mais direcionados para o olhar do sujeito que as conduz. Conclua o tópico enfatizando para os estudantes que, por essa razão, os métodos científicos aplicados em Ciências Humanas são mais investigativos e interpretativos.

BOXE REFLEXÃO

O boxe promove a análise de um argumento jornalístico sobre um evento histórico, possibilitando aos estudantes mobilizar seus conhecimentos sobre as universidades em diferentes épocas.

1. Nessa atividade, espera-se que os estudantes entendam os ideais de questionamento e liberdade como princípios do espaço universitário, que pode propiciar esse tipo de reflexão e contestação, tendo em vista que a universidade está intimamente vinculada ao seu entorno e deve lidar diretamente com os problemas sociais e culturais que ele apresenta.
2. Os estudantes usaram várias estratégias para mobilizar e disseminar suas ideias durante o movimento de Maio de 1968. Entre essas estratégias, estavam a organização de "contra-cursos" e a criação da "universidade crítica", que questionavam o conteúdo acadêmico tradicional e ofereciam alternativas pedagógicas mais alinhadas com as realidades sociais. Além disso, eles buscaram novas formas de comunicação, estabelecendo vínculos com trabalhadores e explorando canais alternativos de divulgação de suas ideias, como as tentativas de implantar universidades populares. As manifestações de rua, ocupações e assembleias gerais também foram estratégias cruciais para a articulação e a visibilidade do movimento.
3. A partir da crítica ao sistema educacional, emergiram discussões sobre a necessidade de uma ciência mais compromissada com os problemas reais da sociedade, propondo uma metodologia de pesquisa participativa e emancipatória. O movimento acadêmico expandiu-se para envolver a sociedade como um todo, articulando-se em torno de ideias de justiça social, participação popular e democratização do conhecimento.

Sugestão para o professor

» Chizzotti, Antonio. *Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais*. São Paulo: Cortez, 2018.

A obra apresenta um panorama das principais metodologias usadas pelos pesquisadores das Ciências Humanas e Sociais na contemporaneidade.

Atividades (Páginas 104 e 105)

As atividades dessa seção colaboram com o desenvolvimento das habilidades **EM13CHS102**, **EM13CHS401**, **EM13CHS501**, **EM13CHS504** e da **CGEB6**.

1. Resposta correta: alternativa **c**. Descartes e Bacon discordavam sobre qual método científico utilizar, porém, ambos concordavam que o desenvolvimento das ciências era fundamental para o crescimento intelectual e social dos seres humanos.
2. Resposta correta: alternativa **c**. Os estudos astronômicos de Galileu Galilei questionavam os paradigmas da filosofia escolástica consolidada naquele contexto.

3. Resposta correta: alternativa **e**. A Enciclopédia propunha uma reorganização do saber, valorizando o papel dos filósofos como os novos guias do conhecimento, sobretudo aquele baseado em observação e experimentação, ou seja, no conhecimento empírico.
4. Resposta correta: alternativa **a**. O Iluminismo ampliou a ideia renascentista da racionalidade humana, ou seja, a capacidade do homem de usar a razão para a análise de tudo o que o rodeia. Além disso, os iluministas defendiam a total liberdade nesse exercício, ou seja, o pensamento humano não deveria estar limitado por nada.
5. a) Essa tarefa pode ser realizada individualmente ou em grupo, de acordo com o planejamento do professor. A riqueza da pintura permite desenvolver e elaborar diversas suposições sobre as reações à ciência na época: admiração, medo, respeito, entusiasmo, curiosidade, compaixão, desconfiança, etc. O importante é que os estudantes consigam, com base na análise da pintura, pensar as maneiras pelas quais a prática científica nos afeta.

   b) Aqui é esperado que os estudantes relacionem o contraste entre a luz e a escuridão com o combate entre a razão e o desconhecido. É possível ainda que os estudantes indiquem que a luz de velas produz um clima de mistério, como se algo fosse feito secretamente, o que caracteriza os experimentos privados realizados nas academias científicas da época.
6. As respostas aos itens **a** e **b** são variáveis e construídas em duas etapas. A primeira é mais ampla e envolve analisar a relevância do curso escolhido no contexto dos estudantes, que pode apresentar uma perspectiva social, econômica, política, cultural, etc. O importante é justificar, de maneira evidente e crítica, a inserção de tal curso na sociedade. A segunda tarefa é mais específica e implica caracterizar o curso segundo os tipos de ciências explorados no capítulo.

   c) Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes listem algumas universidades que tenham os cursos pretendidos por eles.

Estúdio filosófico: O conhecimento em Kant (Páginas 106 e 107)

Nessa seção, o foco está na introdução e análise da teoria do conhecimento segundo Immanuel Kant, inserida no contexto mais amplo de uma discussão sobre o desenvolvimento da ciência e da Filosofia ao longo da Modernidade. Incentive os estudantes a pensar criticamente sobre como avaliar interpretações filosóficas e a compreender a complexidade de diferentes abordagens da teoria kantiana.

Essa abordagem mobiliza as habilidades **EM13CHS101** e **EM13CHS501**, além da **CGEB1** e da **CGEB6**.

PARA CONCLUIR

1. Espera-se que os estudantes citem, entre outros critérios, verificar se a interpretação está fiel ao texto original, se ela está coerente e se considera o contexto histórico; e compará-la com outras filosofias e ideias da época.
2. Resposta pessoal. É esperado que os estudantes respondam que a teoria de Kant é apresentada como universal, mas as pessoas a entendem e aplicam de diferentes maneiras ao longo do tempo, pois novos contextos e avanços podem mudar a forma como tal teoria é entendida.
3. a) Segundo Kant, conhecimento é juntar sentidos e pensamento. Para o autor, diz-se que algo é conhecido por nós quando nossos sentidos o percebem e nossa mente organiza essas percepções de forma lógica.

   b) Os textos de Kant são complicados, e diferentes filósofos podem interpretá-los de maneiras variadas, sem chegar a um consenso.

   c) Novas interpretações podem adaptar ou criticar as ideias de Kant, ajudando-nos a entendê-las melhor, ou de maneiras diferentes, na atualidade.

Práticas de pesquisa: Identificação de *fake news* (Páginas 108 e 109)

Nessa seção, pretende-se viabilizar o desenvolvimento de habilidades e práticas investigativas a partir da construção e do uso de amostragens. Mais especificamente, propõe-se realizar uma pesquisa para identificar quanto a população está exposta à desinformação.

A metodologia de pesquisa mista – que combina as pesquisas quantitativa e qualitativa – é uma das mais utilizadas para se obter resultados extensos, e por essa razão foi escolhida para esse projeto. Esse método é bastante indicado quando o objeto de pesquisa (nesse caso, as *fake news*) pode ser esclarecido por meio de informações quantitativas e qualitativas, por vezes pesquisadas em momentos distintos.

A proposta é que os estudantes pesquisem a oferta de *fake news*, bem como o conteúdo e a disseminação delas na comunidade mais próxima a eles. O objetivo é que a turma amplie seus conhecimentos a respeito do assunto e experimente o uso de métodos científicos consolidados na área das Ciências Humanas, dialogando diretamente com o que foi estudado ao longo do capítulo 3. Acompanhe com os estudantes cada uma das etapas, solicitando a eles que retomem constantemente as instruções detalhadas nos Procedimentos.

A discussão após o levantamento e a consolidação dos dados é fundamental e deve ser feita com bastante concentração. Acompanhe o debate para garantir que os argumentos sempre sejam respaldados por confirmação científica, com base na pesquisa realizada pelos estudantes e em investigações ou observações complementares, mas adequadamente referenciadas.

Essa proposta de pesquisa busca mobilizar habilidades de busca, seleção, interpretação e análise de textos e de dados.

O processo de execução e discussão da atividade deve priorizar o envolvimento de todos os estudantes, e é importante que eles aprendam a desenvolver argumentos de modo oral. Por sua vez, o produto final da atividade de pesquisa é a apresentação dos dados sistematizados em forma de gráficos, o que demanda o uso de tecnologia de informação. Assim, o projeto possibilita articular o conhecimento divulgado de forma escrita ao uso das novas tecnologias de comunicação e informação.

O projeto, portanto, colabora com o desenvolvimento das habilidades **EM13MAT102**, **EM13MAT202**, **EM13MAT301**, **EM13MAT407**, **EM13MAT408**, **EM13MAT409**, **EM13CHS102**, **EM13CHS106**, **EM13CHS401** e **EM13CHS501**.

3 DIVERSIDADE EPISTEMOLÓGICA

INTRODUÇÃO

Nesta unidade, será problematizado o lugar da ciência moderna como forma hegemônica de pensamento, com todas as características que lhe são peculiares e que foram trabalhadas na unidade anterior. Para isso, serão apresentadas outras epistemes que não são contempladas pela epistemologia científica, mas que apresentam tanta legitimidade e validade quanto as que estão compreendidas nesta última.

O capítulo 7 é estruturado em torno do pressuposto da diversidade epistemológica, segundo o qual toda forma de conhecimento que organiza cultural e socialmente um grupo deve ser reconhecida e respeitada. Assim, são discutidos, em uma perspectiva crítica, a hegemonia de formas de conhecimento; o epistemicídio, que anula epistemologias consideradas subalternas; o cientificismo, caracterizado pela primazia do conhecimento científico; e o etnocentrismo, como concepção de base de todas essas ideias. Como decorrência dessa perspectiva crítica, compreende-se que todas as formas de conhecimento são válidas e devem ser legitimadas e valorizadas, uma vez que ordenam a vida simbólica e a prática de determinados grupos.

No capítulo 8, é dedicada especial atenção aos mitos como forma de conhecimento que orienta diferentes visões de mundo, traduzidas em *ethos* e práxis específicas. Para o estudo desse capítulo, são focalizados alguns casos que demonstram a enorme potencialidade dos mitos para estruturar as relações de poder que definem um grupo social ou mesmo uma sociedade inteira.

A apresentação conceitual da epistemologia dos povos e das comunidades tradicionais acontece ao longo do capítulo 9. Em paralelo, é apresentada a metodologia da história oral como forma de acessar significados mais subjetivos, que orientam as construções identitárias desses grupos, com foco no instrumento da entrevista. Nesse capítulo, desenvolve-se também uma discussão referente à simbiose entre grupo e meio ambiente para a composição de algumas das identidades coletivas estudadas e, nesse ponto, problematizam-se os direitos dos povos tradicionais.

No decorrer dos capítulos, é importante que a discussão sobre epistemologia, no âmbito das identidades coletivas, não resulte na essencialização e, consequentemente, na estereotipização dos grupos estudados. Para isso, é necessário pautar-se pela perspectiva da alteridade, que reconhece o outro em toda a sua complexidade, com características próximas ou distintas da cultura do observador, no caso, os estudantes.

Apesar de articular conceitos comuns a todas as áreas das Ciências Humanas, sugere-se que o trabalho com esta unidade seja liderado especialmente pelo docente de Filosofia e que, sempre que possível, visando à interdisciplinaridade, em conjunto com docentes de outras áreas de conhecimento, como os de Linguagens e Ciências da Natureza.

Sugestão de planejamento

O trabalho com a diversidade epistemológica, pautado pelos princípios da decolonialidade, propicia o trabalho interdisciplinar com o componente de História. Além disso, a discussão sobre Etnomatemática desenvolvida no capítulo 7 representa uma oportunidade favorável ao trabalho conjunto com a área de Matemática e suas Tecnologias.

Objetivos da unidade

- Compreender a diversidade epistemológica.
- Desconstruir o etnocentrismo.
- Analisar, de forma crítica, a hegemonia da epistemologia científica, traduzida no cientificismo.
- Compreender as funções do mito e a sua atuação na estruturação das relações de poder dos grupos sociais.
- Apreender o conceito de conhecimentos de povos e comunidades tradicionais.
- Tomar contato com a metodologia da história oral, especialmente a partir das características da entrevista.
- Relacionar a construção das identidades ao processo de garantia de direitos, ao reconhecimento social e à preservação das tradições.

COMPETÊNCIAS E HABILIDADES DA UNIDADE

CAPÍTULO	COMPETÊNCIAS GERAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA	COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS E HABILIDADES	TEMAS CONTEMPORÂNEOS TRANSVERSAIS
7	CGEB1, CGEB4, CGEB6 e CGEB7	**CECHSA1:** EM13CHS101, EM13CHS102 e EM13CHS104 **CECHSA2:** EM13CHS202 **CECHSA3:** EM13CHS306 **CECHSA4:** EM13CHS401 e EM13CHS404 **CECNT2:** EM13CNT201 **CELT1:** EM13LGG102 e EM13LGG103 **CELT4:** EM13LGG401	Ciência e tecnologia

CAPÍTULO	COMPETÊNCIAS GERAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA	COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS E HABILIDADES	TEMAS CONTEMPORÂNEOS TRANSVERSAIS
8	CGEB1, CGEB2, CGEB3, CGEB4, CGEB5, CGEB6 e CGEB7	**CECHSA1:** EM13CHS101, EM13CHS102, EM13CHS103, EM13CHS104 e EM13CHS105 **CECHSA2:** EM13CHS205 **CECHSA5:** EM13CHS501 **CECNT2:** EM13CNT201 **CELT1:** EM13LGG101, EM13LGG103 e EM13LGG104 **CELT4:** EM13LGG402	Educação para a valorização do multiculturalismo nas matrizes históricas e culturais brasileiras
9	CGEB1, CGEB2, CGEB3, CGEB4, CGEB5, CGEB6 e CGEB7	**CECHSA1:** EM13CHS101, EM13CHS102, EM13CHS103 e EM13CHS104 **CECHSA2:** EM13CHS202 e EM13CHS205 **CECHSA5:** EM13CHS502 **CECNT2:** EM13CNT205 **CECNT3:** EM13CNT301 e EM13CNT302 **CELT1:** EM13LGG101, EM13LGG103 e EM13LGG104 **CELT2:** EM13LGG201 **CELT4:** EM13LGG402 **CELT5:** EM13LGG503	

ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS

ABERTURA DE UNIDADE

(Páginas 114 e 115)

A compreensão das diferentes visões de mundo e dos significados que orientam a vida em grupos sociais distintos é fundamental para que se construa uma definição abrangente de epistemologia.

A visão abrangente sobre a epistemologia permitirá incluir, lado a lado, entre as formas possíveis de compreensão do mundo social, os conhecimentos tradicionais e aqueles provenientes da metodologia científica, compreendendo que ambos operam com base em referenciais diferentes, mas possuem o mesmo grau de validade e legitimidade para os seus grupos.

É possível motivar os estudantes a refletir sobre a imagem que abre a unidade. Peça a eles que descrevam, com o auxílio da legenda, o que observam. A análise deles pode ser orientada para a identificação das vestimentas e do cenário captado na fotografia.

Com base na análise da imagem, os estudantes poderão traçar paralelos com a realidade vivenciada por eles. Para isso, proponha perguntas disparadoras como: "Que tipos de alimentos, medicamentos e cosméticos você consome em sua casa?"; "Você sabe como eles são produzidos?"; "As pessoas pertencentes às gerações mais velhas da sua família tinham os mesmos hábitos?"; "Você já ouviu falar de alimentos veganos?"; "O que sabe sobre eles?"; "Por que eles têm alcançado maior publicidade?".

A sistematização das respostas dos estudantes pode ser feita por meio de anotações na lousa ou outra forma de registro que permita destacar as palavras-chave ou expressões que se repitam entre os estudantes. A partir dos registros na lousa, eles poderão diferenciar exemplos de respostas que estejam relacionados aos conhecimentos tradicionais.

Esse momento é propício para construir com os estudantes uma percepção de que os conhecimentos tradicionais estão presentes no cotidiano, mesmo que não sejam comumente percebidos. Dessa forma, começa-se a construir, de fato, uma percepção sobre diferentes epistemologias que, ainda que sejam apresentadas como opostas, são complementares.

ORGANIZAR IDEIAS

1. Resposta pessoal. Nessa pergunta há a possibilidade de desenvolver uma análise sobre a indústria farmacêutica e cosmética, que também se vale dos conhecimentos tradicionais para ampliar seu escopo de produtos, além de áreas da medicina que se organizam a partir desses conhecimentos (homeopatia e biomedicina).
2. Respostas pessoais. É importante conduzir a reflexão da turma para exemplos nos quais os conhecimentos tradicionais são rechaçados em comparação com os conhecimentos científicos, reforçando que eles são conhecimentos complementares, e não excludentes, embora os conhecimentos científicos sejam concebidos como mais legítimos do que os tradicionais, em razão de uma formação mental de cunho racional-cientificista. Ainda que as explicações de cada grupo de conhecimento sejam pautadas em diferentes pressupostos e procedimentos, ambos apresentam uma validade dentro do contexto de sua aplicação, porque desempenham a eficácia que lhe está posta pelo grupo. Um exemplo que pode ser explorado é a utilização de procedimentos provenientes dos saberes populares para o tratamento de icterícia em recém-nascidos, prática que, aliada a outras, tem sido reconhecida como terapêutica a ser ofertada no SUS (Sistema Único de Saúde). Para melhor detalhamento do exemplo, recomenda-se a leitura do artigo: Luchesi, Bruna Moretti; Beretta, Maria Isabel Ruiz; Dupas, Giselle. Conhecimento e uso de tratamentos alternativos para icterícia neonatal. *Cogitare Enfermagem*, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, v. 15, n. 3, p. 506-512, jul./set. 2010. Disponível em: https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/18896. Acesso em: 11 out. 2024.

CAPÍTULO 7 CONHECIMENTOS TRADICIONAIS E SUAS TECNOLOGIAS (Página 116)

O capítulo 7 inicia o diálogo sobre novas possibilidades epistemológicas, ampliando os potenciais saberes tecnológicos dos estudantes, que podem dispor tanto dos paradigmas da ciência contemporânea como dos paradigmas de comunidades tradicionais que fazem parte de seus cotidianos. Nos próximos dois

capítulos, os diálogos iniciados serão aqui aprofundados por meio de análises de casos específicos.

Ao longo do capítulo, um dos principais referenciais teóricos para abordar o diálogo é a obra: Santos, Boaventura de Sousa; Meneses, Maria Paula (org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2017.

Na abertura de capítulo, o diálogo está voltado para a desnaturalização do conhecimento científico como única forma de epistemologia possível, dando início à abordagem sobre o que caracteriza a epistemologia dos saberes tradicionais.

É importante trabalhar as diferenças das formas de conhecimento (científico e tradicional), demonstrando que elas também se assemelham em outros aspectos. Dessa maneira, os estudantes poderão compreender que elas não são formas opostas.

Deve-se apresentar o conceito de epistemologia e realizar o resgate de elementos históricos para explicar a imputação de legitimidade apenas aos conhecimentos científicos. Isso pode ser feito a partir da crítica ao eurocentrismo, utilizando a imagem de Joaquín Torres García e a atividade subsequente.

Problematizar a legitimidade incontestável da epistemologia científica é fundamental, pois assim os estudantes compreenderão que, no âmbito dos grupos sociais, diferentes formas de conhecimento podem ser manejadas ao mesmo tempo e todas possuem validade, sendo, por isso, legítimas.

A abertura colabora para a mobilização da **CGEB1**, da **CGEB6**, da **CGEB7**, das habilidades **EM13CHS101** e **EM13CHS104** e aspectos da habilidade **EM13LGG102**. Esse trabalho será aprofundado ao longo do capítulo.

RESPOSTAS ÀS QUESTÕES

1. Resposta pessoal. O objetivo da questão é sensibilizar os estudantes para que identifiquem saberes que fazem parte de suas comunidades, e não necessariamente apreendidos na escola ou pelas vias da ciência contemporânea.
2. Espera-se que os estudantes percebam que a imagem indica uma mudança no paradigma do planisfério, uma produção humana que, muitas vezes, é eurocêntrica. O texto aborda justamente as demais possibilidades de compreender o mundo e de se relacionar com o conhecimento.
3. Se for conveniente, pode-se ofertar aos estudantes um planisfério tradicional, para que possam se localizar mais facilmente. Espera-se que eles utilizem os paralelos indicados e também o contorno do litoral para realizar a atividade.

Sugestão para o professor

» **Abertura do evento Entremundos: povos e comunidades tradicionais no Brasil. [*S. l.: s. n.*], 2014. 1 vídeo (14 min e 32 s). Publicado pelo canal Ocareté. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Vd6FFGgrKwQ&list=PLKjA1Fj4Ti2Arfw-tZeSww_PSb13BB3Yt&index=2. Acesso em: 3 set. 2024.**

No canal Ocareté, há uma *playlist* com os vídeos dos quatro dias do evento Entremundos. O vídeo aqui indicado, com pouco mais de 13 minutos, mostra a abertura do evento. O Entremundos aconteceu entre os dias 23 e 26 de agosto de 2010 e um de seus objetivos foi debater temas para a formação sobre povos e comunidades tradicionais. Você pode encontrar a programação na íntegra na *playlist* do canal.

A política da ciência (Página 117)

Por meio de breve retomada sobre o conceito de verdade, é possível analisar como se confere, ou não, legitimidade a determinado conhecimento e como essa construção hierárquica está ancorada em uma cosmogonia culturalmente imposta.

A análise do fac-símile apresentado permite exemplificar a discussão sobre cosmogonia a partir da perspectiva cultural dos astecas. Com base em exemplos diversos, o conceito de cosmogonia pode ser abordado, indicando que, em uma mesma sociedade, podem conviver duas ou mais cosmogonias, que são acessadas pelos grupos sociais como referência para compreender a origem do universo e para obter explicações para as questões que orientam a vida em sociedade.

Para aprofundar essa discussão, contextualize o colonialismo europeu como impulso para a classificação e/ou valorização de uma cosmogonia em detrimento de outras. Essa problematização é necessária, caso não tenha sido realizada na abertura de capítulo.

Sugere-se apresentar o significado de epistemicídio, aplicando-o na análise histórica do colonialismo europeu e, se possível, traçando um paralelo com a visão dos jesuítas sobre os indígenas no momento da colonização do Brasil e com a proposta de catequização para "civilizar" um povo que era tido como "selvagem" e sem cultura.

Se julgar pertinente, leia em sala de aula ou sugira aos estudantes que façam a leitura do trecho da resenha de Manuel Tavares sobre a obra de Boaventura de Sousa Santos, que comenta a existência e a convivência de várias epistemologias. Para a compreensão mais aprofundada do texto, sugere-se especial atenção às noções de mosaico cultural, monocultural e monopólio da ciência.

As discussões propostas nesse tema favorecem a mobilização das habilidades **EM13CHS101** e **EM13CHS104** e aspectos da **CGEB4** e das habilidades **EM13LGG102** e **EM13CNT201**.

BOXE INTERAÇÃO

Para a correta orientação dessa atividade, é importante retomar a noção de negacionismo, diferenciando-a da noção de diversidade epistemológica.

1. Espera-se que os estudantes reconheçam que não. No texto, o autor explicita que "[...] Não se questiona a importância e o valor da intervenção científica ao longo dos dois últimos séculos, sobretudo através da produtividade tecnológica, mesmo tendo em consideração os problemas criados para os quais a ciência moderna não tem solução. No entanto, este monopólio da ciência não pode ocultar e impedir-nos de reconhecer que há outras formas de conhecimento [...]".
2. Boaventura Santos aborda os problemas ambientais, apontando que os conhecimentos dos povos tradicionais podem ser as chaves para solucioná-los, como afirma no trecho: "É o caso, por exemplo, da 'preservação da biodiversidade', só possível por formas de conhecimento camponesas e indígenas e que, paradoxalmente, se encontram ameaçadas pela intervenção crescente da ciência moderna [...]". Promover uma roda de conversa para que os estudantes compartilhem suas percepções pode ser uma estratégia eficaz.

Etnocentrismo (Página 118)

Nesse tópico, apresenta-se a concepção de etnocentrismo aos estudantes, retomando os argumentos históricos que evidenciaram a tentativa de imposição da cultura europeia sobre os povos colonizados. Como sugere o Livro do Estudante, resgatar as contribuições do relativismo e do perspectivismo para o conceito de verdade é importante para orientar a discussão. A verdade passa a designar formas específicas e contextualizadas de conhecimento, e não padrões universais que devem ser o guia para todas as sociedades, exatamente como se deu com o eurocentrismo ao longo da história mundial.

Nesse ponto, podem ser apresentados exemplos de etnocentrismo que permitam uma visão alargada do conceito. Nesse sentido, o etnocentrismo pode ser apreendido de práticas mais coletivas (como nos casos de epistemicídio e colonização no Brasil) ou, ainda, por meio de juízos individuais, que avaliam práticas culturais sob o jugo do certo e do errado de acordo com a "minha" cultura. Temas que podem facilitar o debate sobre o etnocentrismo e a imposição de um padrão epistemológico e cosmogônico são: religião, alimentação/culinária, vestimentas e formas de enfeitar o corpo.

A discussão sobre o etnocentrismo poderá impactar positivamente o desenvolvimento de aspectos das habilidades **EM13LGG102** e **EM13LGG401**.

ATIVIDADE COMPLEMENTAR

Muitas vezes, opiniões etnocêntricas e preconceituosas são emitidas por grupos e indivíduos sob o pretexto de estarem amparadas pela liberdade de expressão e de opinião. Se julgar pertinente, leia o texto "Discurso de ódio e preconceito não são liberdade de expressão!", da historiadora Caroline Silveira Bauer para o portal Geledés (disponível em: https://www.geledes.org.br/discurso-de-odio-e-preconceito-nao-sao-liberdade-de-expressao/; acesso em: 3 set. 2024). Em seguida, promova uma roda de conversa com os estudantes sobre a discussão proposta no texto. Sugere-se que sejam feitas perguntas disparadoras, tais como: "Quais são os limites da liberdade de expressão?" e "Como a suposta liberdade de expressão de uns pode prejudicar outros?". Cuide para que o debate seja respeitoso e para que os estudantes se conscientizem da importância do respeito e da empatia para a plena vivência em sociedade.

BOXE INTERAÇÃO

A análise, se possível coletiva, das tirinhas de Carlos Ruas e Dik Browne pode ser orientada para as expressões e os contextos que exemplifiquem o etnocentrismo.

A proposta favorece a abordagem das habilidades **EM13LGG102** e **EM13LGG103**.

1. Na tira de Carlos Ruas, uma das personagens considera estranhas as percepções do outro sobre o que é certo ou errado por não se assemelharem às próprias percepções. Já na tira de Dik Browne, a personagem Hagar reduz as possibilidades de classificação de todas as pessoas em apenas dois grupos (navegantes e não navegantes), com base nas próprias percepções de mundo como navegante.
2. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes façam uma análise sobre as próprias atitudes a fim de perceber momentos em que veiculam ideias etnocêntricas. Trata-se de um momento de autoavaliação e autocrítica que pode contribuir para a formação cidadã.

A filosofia da tecnologia (Página 119)

Apresente a diferença conceitual entre ciência e tecnologia, com base nas teorias do filósofo estadunidense Andrew Feenberg. Enquanto a ciência busca construir verdades – relativas, provisórias e dependentes do contexto analisado –, os estudos da filosofia da tecnologia enfocam a dimensão prática, a utilidade daquilo para o controle do meio. Como ponto em comum, no entanto, ambas seriam decorrentes da capacidade racional do ser humano e, por essa razão, seriam consideradas áreas objetivas, portanto não dependentes de valores subjetivos.

Problematize com os estudantes essa pretensa objetividade na ciência e na tecnologia, que esvaziaria qualquer tipo de valor subjetivo ou juízo político-ideológico, por meio de exemplos sobre como são escolhidas as áreas que terão maior ou menor investimento em pesquisa no país. Pode-se problematizar também a quantidade de pesquisadores homens e mulheres, pois, ainda que as mulheres tenham uma participação maior, em geral, os homens têm mais visibilidade no que se refere às produções acadêmicas. Para essa abordagem, sugere-se a leitura do artigo "Pós-graduação brasileira tem maioria feminina", publicado em 11 de fevereiro de 2022 no *site* da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e disponível em: https://www.gov.br/capes/pt-br/assuntos/noticias/pos-graduacao-brasileira-tem-maioria-feminina (acesso em: 4 set. 2024).

As habilidades focalizadas nesse tema, assim como na proposta de atividade do boxe *Ação e cidadania*, são **EM13CHS202** e **EM13CHS306**, em alguns de seus aspectos.

BOXE AÇÃO E CIDADANIA

O texto do boxe aborda a relação entre ética e tecnologia, tema que será retomado e aprofundado na unidade 5 do Livro do Estudante. Se julgar pertinente, solicite aos estudantes que se organizem em grupos para responder às questões propostas.

1. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes se posicionem em relação à produção e à venda de armas e o controle do governo sobre esse tipo de atividade. Dialogue com eles sobre a frase apresentada por Feenberg, que problematiza a responsabilidade da produção desse tipo de tecnologia, criada apenas para ferir ou mesmo assassinar seres humanos, desnaturalizando a ideia segundo a qual a tecnologia não carregaria valores, posto que se orienta apenas por sua instrumentalidade.
2. Respostas pessoais. As questões visam incentivar os estudantes a refletir de modo inicial sobre as relações políticas e filosóficas da tecnologia, desconstruindo a ideia de que se trata de algo puramente objetivo. As temáticas serão aprofundadas de modo mais vertical na unidade 5, mas é possível iniciar o debate com exemplos trazidos pelos estudantes ou apresentados por você. Um exemplo muito presente na vida dos estudantes é o caso dos algoritmos que apreendem nosso perfil nas redes sociais e nos enviam publicidade orientada por esse perfil.

Etnomatemática (Páginas 120 e 121)

O tema da etnomatemática pode ser um ponto de partida para discussões sobre como a cultura e o ambiente influenciam a maneira como as sociedades desenvolvem seu conhecimento. O estudo da etnomatemática valoriza as diferentes formas de saber, em contraponto ao etnocentrismo, ou seja, a ideia de que apenas a matemática formal, reconhecida academicamente, é válida.

Ao tratar desse tema com os estudantes, incentive-os a compartilhar exemplos de como utilizam a matemática em suas vidas, mesmo que de maneira não formalizada. Isso pode incluir situações simples, como dividir uma pizza entre amigos, medir ingredientes para uma receita ou contar peças em um jogo. Tais exemplos ilustram que o uso da matemática vai além das fórmulas e teorias tradicionais, estando presente em muitos aspectos do cotidiano.

BOXE REFLEXÃO

Os estudantes são convidados a refletir sobre como a etnomatemática pode contribuir para uma visão mais pluralista e inclusiva da ciência, e como eles podem se conectar de maneira mais pessoal com o conhecimento matemático. Com essa proposta de atividade, poderão ser desenvolvidos aspectos da **CECHSA1**, em especial das habilidades **EM13CHS101** e **EM13CHS102**.

1. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes respondam

que a etnomatemática complementa e desafia a visão tradicional/academista da matemática como campo isolado e homogêneo, permitindo uma compreensão maior dela como diversa e plural. Desse modo, essa abordagem permite valorizar e preservar conhecimentos tradicionais, estimulando o respeito a eles.

2. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes indiquem elementos encontrados no cotidiano, como: construção de moradias tradicionais, em que povos indígenas e quilombolas utilizam conceitos geométricos e matemáticos nas estruturas; produção de artesanato e tecelagem, em que muitos grupos aplicam padrões e simetrias que envolvem geometria e álgebra; além disso, calendários agrícolas baseados em observações astronômicas e naturais também envolvem cálculos de tempo e estações, etc.

3. a) Ubiratan D'Ambrosio reconhece que a interação entre matemática e outros campos do conhecimento é estreita, ao observar que as manifestações da matemática em diferentes culturas geralmente estão interligadas a outras áreas como "Arte, Religião, Música, Técnicas, Ciências".

   b) Essa interação é significativa porque revela que a matemática não se desenvolveu isoladamente, mas em conjunto com outras formas de conhecimento, atendendo tanto a necessidades práticas de sobrevivência quanto a anseios de transcendência espiritual e cultural.

   c) O exemplo mostra a utilização por um grupo cultural (crianças da comunidade Vila Nogueira-São Quirino) de instrumentos materiais (as pedras) como forma de placar dos jogos de futebol realizados no campo daquela comunidade, ação originada da necessidade de entender o placar dos jogos realizados.

Os A'uwe Uptabi e suas tecnologias
(Páginas 122 e 123)

O infográfico traz a abordagem de algumas características da epistemologia dos A'uwe Uptabi, também conhecidos pelos não indígenas como Xavante. Sugere-se que a ilustração seja analisada em sala, pois a sua mediação poderá conduzir os estudantes a uma reflexão mais aprofundada.

Apoiando-se na ilustração e na leitura e compreensão das legendas, é importante destacar as características dos A'uwe Uptabi, especialmente a centralidade do sonho como elemento estruturante da cosmogonia e dos papéis sociais relacionados a ela, como a relação entre os mais jovens e os mais velhos, e as funções dos sonhadores. Pode-se destacar, ainda, a visão binária como organizadora da cosmogonia desse povo, explicando como outros grupos não pertencentes a ele também operam com base em figuras de oposição como sagrado e profano, bom e mau, certo e errado.

A abordagem sobre a epistemologia e a cosmogonia Xavante contribuirá para o desenvolvimento das habilidades **EM13CHS101**, **EM13CHS104**, **EM13CHS202**, **EM13CHS401**, **EM13CHS404**, **EM13LGG102**, **EM13LGG401** e **EM13CNT201**.

Atividades (Páginas 124 e 125)

1. Sugere-se que essa atividade seja proposta a partir do compartilhamento de alguma tradição identificada previamente, podendo ser apresentada em forma de narrativa descritiva ou mesmo com objetos ou bens que revelem algumas características da tradição escolhida. É preciso um cuidado especial para evitar essencializações ou juízos de valor que criem ou reforcem estereótipos associados à tradição escolhida.

2. a) Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes destaquem alguns elementos, como a importância dos sonhos e o binarismo.

   b) Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes sejam capazes de identificar as principais características do método A'uwe: consulta aos sonhos; ensinamento dos rituais de geração em geração; funções sociais dos anciãos; funções sociais dos sonhadores; binarismo.

   c) *A'hödi*, que indica muitas/muitos (mais de seis), e *Ahö'uptabidi*, que indica muito/muita exageradamente.

3. Resposta correta: alternativa **c**. As demais alternativas pressupõem que o etnocentrismo seja uma perspectiva adotada pelas Ciências Humanas e Sociais, o que não é mais considerado um fato desde que as correntes que propunham a compreensão dos grupos sociais organizados em uma escala hierarquizada – evolucionismo social ou darwinismo social – foram criticadas e rechaçadas no mundo acadêmico.

4. Resposta correta: alternativa **c**. O filósofo defende que a tecnologia não é neutra, ou seja, não é apenas uma ferramenta objetiva e independente, mas sim um processo social que incorpora e promove valores humanos.

5. Resposta correta: alternativa **b**. O decolonialismo, especialmente no Brasil, promove uma crítica às estruturas de poder e conhecimento coloniais que continuam a perpetuar hierarquias e exclusões.

6. Resposta correta: alternativa **b**. O etnocentrimo tende a criar preconceitos e visões distorcidas sobre outras sociedades, em vez de promover o entendimento mútuo ou a valorização equânime de diferentes culturas.

7. Resposta correta: alternativa **a**. O texto indica que o epistemicídio é uma forma de opressão contra povos subjugados, que tem seus saberes e suas formas de existência deslegitimados. Portanto, é incorreto afirmar que o sistema de cotas universitárias contribui com o epistemicídio, visto que esse sistema contribui para o ingresso de grupos marginalizados a espaços de produção do saber (universidades); e é correto afirmar que o epistemicídio limita a circulação do saber de oprimidos e que uma das formas pelas quais ele ocorre é pela imposição de valores de grupos dominantes

Estúdio Filosófico: O etnocentrismo em Derrida (Páginas 126 e 127)

Essa seção aborda o conceito de etnocentrismo e como ele pode se manifestar em diversos campos, incluindo a Antropologia e a Linguística. A crítica de Derrida ao etnocentrismo de Lévi-Strauss pode ser utilizada para discutir a forma como as sociedades ocidentais frequentemente impõem seus próprios padrões e conceitos sobre outras culturas, ignorando ou desvalorizando as práticas e formas de conhecimento que não se encaixam em seus modelos.

Apresente o texto de Derrida como uma crítica ao etnocentrismo acadêmico. Estimule os estudantes a identificar o problema que Derrida vê na obra de Lévi-Strauss e a pensar em como o conceito de "escrita" pode ser mais amplo do que imaginamos.

Peça a eles que pesquisem exemplos de formas de comunicação ou registro cultural que não sejam consideradas "escrita" no sentido tradicional (por exemplo, os desenhos aborígenes australianos, a tecelagem de padrões em culturas indígenas, etc.). Discuta como essas práticas podem ser vistas sob uma nova perspectiva, reconhecendo sua importância cultural.

Nessa seção, são mobilizadas as habilidades **EM13CHS101** e **EM13CHS104**, além da **CGEB1**.

PARA CONCLUIR

1. Respostas pessoais. É importante que os estudantes sejam capazes de identificar essas atitudes, percebendo as consequências dessa postura para as relações humanas e o desenvolvimento de sociedades mais inclusivas.
2. Derrida critica a forma como Lévi-Strauss classifica os Nhambiquara como uma sociedade "sem escritura", desconsiderando outras formas de registros produzidas por esse povo.

Ampliando: Etnocentrismo e eugenia (Páginas 128 e 129)

Essa seção propõe uma reflexão sobre o cientificismo como uma marca da superioridade do pensamento científico em relação a outras formas de conhecimento. Essa predominância na ciência, promulgada a partir do século XIX, deu abertura para teorias bastante problemáticas e contestáveis, como é o caso da eugenia, exemplo proposto no texto.

Mediante uma leitura atenta do excerto indicado, será possível aos estudantes destacar as características da eugenia, tais como expostas no texto.

A partir das características elencadas pelos estudantes, é possível problematizar como a eugenia impactou alguns momentos históricos marcantes, como na Alemanha, no período de governo do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, liderado por Adolf Hitler, que incentivou e financiou estudos baseados em técnicas eugenistas visando ao que consideravam ser a melhoria da "raça alemã".

Provocar os estudantes a pensar em momentos contemporâneos, nos quais discursos ou eventos atuais possam ser relacionados aos propósitos da eugenia, possibilitará a eles compreender quando a ciência é levada ao extremo para justificar ideais de superioridade de um grupo em relação aos demais.

RESPOSTAS ÀS QUESTÕES

1. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes apontem que a teoria eugenista de Francis Galton buscava formas de identificar indivíduos com características que considerava "superiores", bem como de incentivar a reprodução desses indivíduos e de desestimular a reprodução daqueles com características consideradas "inferiores", em uma tentativa de aperfeiçoar a humanidade, segundo critérios racistas da época.
2. Essas teorias raciais foram elaboradas com base em uma visão de mundo eurocêntrica, que considerava as experiências, os padrões, os conhecimentos e as vivências das sociedades europeias como ideal de superioridade e parâmetro para avaliar todos os demais povos.
3. Resposta pessoal. Os estudantes poderão mencionar que a disseminação de teorias como a de Francis Galton propicia a desvalorização de indivíduos e grupos considerados diferentes dos referenciais adotados pelos que desenvolveram essa teoria e que essa desvalorização, por sua vez, gera preconceito, atos discriminatórios e, em situações mais extremas, pode conduzir a ações de perseguição e extermínio.

CAPÍTULO 8 OS MITOS E O CONHECIMENTO (Página 130)

O capítulo começa com uma assertiva bastante pronunciada a respeito dos mitos: "Mitos fazem parte do repertório cultural de todas as sociedades". Nesse sentido, busca-se desnaturalizar, ao longo do capítulo e pelos exemplos estudados, a hierarquia comumente estruturante do pensamento mítico em comparação a outras formas de pensamento que seriam racionais e, portanto, consideradas melhores, como é o caso da ciência.

Como apoio para o desenvolvimento deste capítulo, sugere-se a leitura de *O livro de ouro da mitologia*, de Thomas Bulfinch, que também está disponível em versão digital. A obra apresenta diversos mitos da Antiguidade e, por isso, pode ser trabalhada em sala de aula, por meio da organização da turma em grupos, que podem escolher, pesquisar e apresentar o mito estudado aos outros grupos. A apresentação pode ocorrer de formas variadas, de acordo com o perfil e os interesses dos estudantes: seminários, teatro, poema, letra de música, mímica e o que mais eles propuserem.

É comum associar a definição de mitos a povos diferentes do nosso, porque, no senso comum, os mitos são considerados formas inferiores de pensamento e de estruturação da vida social. É justamente nesse ponto que se deve problematizar a seguinte questão: todas as sociedades conhecidas se orientam por mitos, embora não se denominem assim alguns dos elementos responsáveis pela estrutura e pela transmissão dos conhecimentos que organizam a vida social e lhe conferem significado.

Sugere-se uma análise intertextual dos elementos presentes na abertura de capítulo: um trecho de narrativa sobre o mito Desana acerca da criação do mundo e a ilustração que apresenta, em forma de imagem, alguns elementos da narrativa.

A discussão sobre o mito, realizada nessa abertura e ao longo do capítulo, está relacionada ao desenvolvimento das habilidades **EM13CHS101**, **EM13CHS501** e **EM13CNT201**.

RESPOSTAS ÀS QUESTÕES

1. Resposta pessoal. Essa questão pode ser utilizada para sondar os conhecimentos prévios dos estudantes a respeito de mitos. É possível que eles estejam familiarizados com narrativas míticas religiosas, ou até mesmo de povos da Antiguidade clássica, entre outras. Refletir sobre a importância que determinado mito desempenha para o povo que o desenvolveu é fundamental para a compreensão da validade e legitimidade do mito no contexto no qual ele opera.
2. Respostas pessoais. É provável que os estudantes estejam familiarizados com outros mitos de criação, mesmo sem ter consciência disso. Para apreender esses mitos, sugere-se a reflexão sobre os mitos de criação presentes em diversas religiões e a comparação desses com outros mitos, de outros povos e religiões. A reflexão sobre esses mitos deve acontecer de maneira respeitosa, pois todas as expressões culturais são legítimas e devem ser respeitadas. Uma aproximação com o mundo dos estudantes é possível ao fazer referências à mitologia nórdica presente nas HQs e nos filmes, por meio de personagens como Thor, Odin, Sif, Loki, ressaltando, no entanto, que, nessas obras ficcionais, a mitologia pode ser modificada.

ATIVIDADE COMPLEMENTAR

Caso julgue pertinente, antes de introduzir a temática discutida e como forma de sondagem dos conhecimentos prévios, solicite aos estudantes que pesquisem narrativas míticas com as quais já tenham tido contato.

No dia previsto para essa aula, peça a eles que apresentem oralmente os mitos pesquisados, descrevendo-os, mencionando a forma pela qual tiveram contato com esse mito e o que lhes chamou a atenção nele.

O que é um mito? (Páginas 131 e 132)

Antes de iniciar, propriamente, a abordagem sobre as características dos mitos e responder à pergunta do título desse item, é importante compreender como a Filosofia, primeiramente, e consequentemente o pensamento científico moderno, em seguida, rechaçaram o mito como forma de conhecimento legítimo, imputando-lhe um lugar de oposição ao *logos*, que seria a razão.

Na verdade, ainda que os filósofos gregos desejassem se afastar do mito, porque as explicações míticas não apresentariam o ideal de racionalidade tão almejado naquele momento, o que se percebeu foi uma complementaridade do mito em relação ao *logos*. Assim, a oposição aparente que marcava a hierarquia do *logos* em relação ao mito pôde ser reorientada.

Ainda no intuito de desnaturalizar essa oposição e a hierarquia entre o pensamento mítico e outras formas de conhecimento, é possível problematizar com os estudantes o porquê de alguns sistemas religiosos não se identificarem sob a denominação "mitologia" e, ao mesmo tempo, atribuírem essa nomenclatura a outros sistemas religiosos que se distanciam da sua visão de mundo, como foi o caso do cristianismo na Europa da Idade Média.

No que tange às características do mito, cabe salientar que, assim como apresentado na abertura do capítulo, os mitos têm características plurais, e, portanto, essas características podem diferir entre os grupos. Apesar disso, é possível observar algumas características comuns, que devem ser abordadas com os estudantes, se possível, com base em exemplos.

Algumas características que se mostram semelhantes em mitos de diversos povos são: narrativa sobre genealogia do universo, em geral atribuindo maternidade e paternidade a deuses ou figuras divinas, em um contexto de tempos imemoriais; incorporação de elementos do sagrado; possibilidade de ser narrado de diversas formas ao longo das gerações, pois permite a incorporação de detalhes por quem narra, podendo ser adaptado ao público para o qual será narrado.

Por fim, é importante garantir certo destaque sobre o potencial dos mitos para revelar a estrutura simbólica que organiza a visão de mundo e a estrutura social de determinado grupo.

As discussões propostas nesse tópico podem contribuir com a mobilização de aspectos das habilidades **EM13CHS101**, **EM13CHS103**, **EM13CHS104**, **EM13CHS105** e **EM13CHS501**.

BOXE AÇÃO E CIDADANIA

O texto aborda a mitologia iorubá e sua influência cultural, com foco especial na criação do mundo a partir da narrativa de Obatalá, com o objetivo de estimular a discussão sobre a relação entre as mitologias de origem africana e sua relevância na cultura brasileira contemporânea. Se julgar pertinente, solicite aos estudantes que se organizem em grupos para fazer a atividade proposta.

1. Atividade de pesquisa. A mitologia iorubá foi trazida ao Brasil com os povos africanos escravizados e continua a influenciar práticas culturais, religiosas e sociais, especialmente nas religiões afro-brasileiras como o candomblé e a umbanda. As histórias e os valores da mitologia iorubá permanecem vivos nas tradições orais, rituais, danças e músicas, influenciando a forma como muitos brasileiros de ascendência africana se conectam com sua herança cultural e espiritual.

   A inclusão desse tema no currículo escolar pode ser vista como uma ferramenta importante para combater o preconceito e a discriminação racial, ao valorizar as contribuições culturais e religiosas de povos africanos para a sociedade brasileira.

   A discussão pode ressaltar como a inclusão dessas narrativas no currículo escolar contribui para a valorização da diversidade cultural e religiosa no Brasil, além de promover uma maior compreensão sobre a formação de uma sociedade mais inclusiva, pluralista e consciente de sua diversidade histórica.

As funções dos mitos (Página 133)

Apresentar os mitos como elementos sociais cercados de rituais e circunstâncias específicas permite identificar a inserção dos mitos no *ethos* do grupo social ou da sociedade em questão.

É necessário, para a compreensão dos mitos como parte do *ethos*, resgatar o próprio conceito de *ethos*. O *ethos* é definido, na Sociologia e na Antropologia, como o conjunto de hábitos e crenças que constituem determinado povo, comunidade ou nação, e que, portanto, consolida identidades coletivas. O *ethos*, ao mesmo tempo que identifica um grupo social, visibiliza os traços distintivos desse grupo em relação aos demais, demarcando as instituições, os papéis sociais, os valores, os rituais, as ideias e as crenças que organizam socialmente o grupo.

A partir dessa definição de *ethos*, é possível compreender a função dos mitos no que se refere à reafirmação do *ethos* de um grupo que, ao ser ritualizado, reafirma, a cada narrativa mítica, o conjunto de costumes e hábitos fundamentais que orientam a vida dos indivíduos pertencentes ao grupo.

Outra função de destaque para os mitos é permitir um reconhecimento, pelo indivíduo, das conexões entre a experiência vivida e o âmbito mais amplo de significados que orientam e conferem sentido à vida, à humanidade. Para explorar essa função do mito como elo entre a experiência e os sentidos mais subjetivos associados a ela, recomenda-se a leitura do trecho de Joseph Campbell apresentado no Livro do Estudante e a realização da atividade correspondente.

BOXE INTERAÇÃO

1. Resposta pessoal. Incentive os estudantes a rememorar mitos que conhecem e a refletir sobre os significados que esses mitos representam para os povos que os desenvolveram, relacionando esse significado à experiência de vida desses povos.

Diferentes visões sobre os mitos (Página 134)

Além de compreender as funções dos mitos, abordadas anteriormente, será necessário analisar, por meio de exemplos, como os mitos operam nos grupos sociais. Para isso, é importante cultivar um diálogo fundado no respeito e na tolerância, mediante o qual seja possível analisar exemplos míticos de diferentes grupos, sem recair em juízo de valor ou visões que essencializam os mitos e os rituais que estão associados a eles.

Para a abordagem sobre o culto aos orixás, recomenda-se, se possível na escola, apresentar imagens (fotografias, documentários, trechos de documentários e filmes) de alguns rituais e as narrativas míticas que o orientam. É importante apresentar a complexidade que orienta os rituais e explica os mitos, na tentativa de desnaturalizar os estereótipos e os preconceitos.

Com base nos exemplos do transe ritualístico no culto aos orixás e da transubstanciação do catolicismo, sugere-se a possibilidade de compreender os mitos de uma perspectiva distanciada, que os analisa, adotando-se metodologias e cuidados epistemológicos como elementos estruturantes da práxis de um grupo social.

Essa discussão pode contribuir para a mobilização da **CGEB1**, da **CGEB2**, da **CGEB3** e da **CGEB6**, bem como das habilidades **EM13CHS101** e **EM13CHS104**.

Sugestão para o professor

» ***A dona do terreiro*. Direção: Deisy Anunciação. Brasil, 2018 (36 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6wP1Tg8MF2I. Acesso em: 5 set. 2024.**

O documentário, produzido como trabalho de conclusão de curso de Deisy Anunciação na graduação em Jornalismo no Centro Universitário FIAM-FAAM (São Paulo-SP), apresenta algumas tradições do candomblé de diversas matrizes, focalizando as mulheres praticantes.

Mitos e relações de poder entre os suaílis (Página 135)

Tomando como base duas narrativas sobre a origem dos suaílis, será possível compreender como os mitos estão imbricados nas relações de poder que estruturam o grupo e as relações externas a ele, que orientam como o grupo será percebido em termos identitários.

É importante salientar que as narrativas míticas, ao imputar ou negar a origem de um povo, estão inseridas em um sistema complexo de relações de poder, segundo as quais são definidos os grupos hegemônicos e os subalternos. A reflexão sobre isso poderá se dar também com a análise da imagem, que reflete a influência de povos não islâmicos na arquitetura de mesquitas.

É possível encontrar narrativas míticas contemporâneas forjadas para justificar as relações de poder de um grupo sobre outro. Um bom exemplo disso são os esforços após a Segunda Guerra Mundial, especialmente nas áreas do entretenimento, para criar a narrativa do herói estadunidense, narrativa essa reforçada durante a Guerra Fria para legitimar as ações e as ideologias de base da cultura estadunidense, que se impunha de forma hegemônica sobre diversas nações. Sugere-se a seguinte provocação aos estudantes: peça a eles que pesquisem personagens em quadrinhos criadas entre as décadas de 1940 e de 1990, tentando identificar como o imperialismo estadunidense pode estar refletido nessas personagens.

A temática discutida nesse tópico é especialmente propícia para a mobilização da habilidade **EM13CHS205**.

BOXE REFLEXÃO

Nesse boxe, os estudantes serão convidados a refletir sobre situações em que mitos são utilizados para embasar relações de poder. Com essa proposta de atividade, poderão ser desenvolvidos aspectos da **CGEB4**, da **CGEB5**, da **CGEB7** e da habilidade **EM13CHS103**.

1. Resposta pessoal. Como possibilidade de resposta, os estudantes poderão mencionar as estruturas de machismo e racismo existentes em nossa sociedade, que contribuem para a opressão de homens sobre mulheres e de indivíduos brancos sobre negros, respectivamente.
2. O reconhecimento de outras epistemologias evidencia que todos os povos desenvolvem conhecimentos e que todos os conhecimentos devem ser respeitados e valorizados, contribuindo, assim, para desconstruir ideias que atribuem a produção de conhecimento somente a um povo, segundo apenas uma visão de mundo.

O Japão de Izanagi e Izanami (Página 136)

Sugere-se a retomada de aspectos históricos importantes para compreender, no âmbito do exemplo japonês, como as narrativas míticas podem atuar como ferramentas para a assunção ou a construção de uma identidade.

Dadas as características que definem os mitos, já abordadas anteriormente, é possível compreender o imenso potencial das narrativas míticas no que tange ao fortalecimento de um povo ou de um projeto de nação, como pode ser verificado no caso do Japão, em que os governantes yamato incorporaram os mitos regionais ao xintoísmo, forma de espiritualidade mais comum entre os japoneses.

Cabe, nesse momento, abordar o conceito de sincretismo religioso ao analisar o esforço do governo japonês para centralizar a cultura e fortalecer a ideia de unificação. O sincretismo pode ser compreendido como um processo que promove a fusão de elementos religiosos pertencentes a doutrinas diferentes, sugerindo com essa fusão uma reinterpretação dos significados dos cultos, dos preceitos e dos rituais pertencentes, originariamente, a visões de mundo distintas.

A partir da abordagem do sincretismo religioso, pode-se analisar, também, o budismo, uma vez que, enquanto filosofia ou doutrina religiosa, incorpora elementos de diversas tradições religiosas e mitologias distintas.

O tema trabalhado favorece a compreensão da diversidade cultural e religiosa, da perspectiva do sincretismo religioso. Dessa forma, a proposta é um ótimo momento para mobilizar as competências **EM13CHS103**, **EM13CHS104** e **EM13CHS205**.

Mitos no mundo atual (Página 137)

Esse tema mostra como os mitos antigos continuam a desempenhar um papel importante na sociedade moderna, sendo reinterpretados em diversas mídias, como livros, filmes, séries de TV e *videogames*. Eles influenciam nossas narrativas e comportamentos, enquanto preservam identidades culturais, especialmente em comunidades indígenas. Além disso, os mitos são utilizados em estratégias de *marketing* para criar conexões emocionais e, até mesmo na ciência, são usados como metáforas para comunicar descobertas de maneira acessível.

Essa temática permite mobilizar as habilidades **EM13CHS101** e **EM13CHS104**.

Novos ou velhos mitos? (Página 138)

A criação e a adaptação de mitos refletem e respondem aos desafios contemporâneos. Além de reimaginar mitos antigos, a sociedade também cria novos mitos que abordam questões atuais. Nesse tópico, a influência da tecnologia, a ascensão dos mitos urbanos e o papel dos mitos na política e identidade nacional são discutidos, mostrando como essas narrativas moldam e são moldadas pelas ansiedades e esperanças da vida moderna. A adaptação contínua dos mitos permite que eles permaneçam relevantes, conectando o passado com o presente e oferecendo novas percepções sobre questões contemporâneas.

A heroína das mil e uma faces (Página 139)

O tópico destaca a presença marcante dessa estrutura nas histórias populares atuais, e propõe uma reflexão sobre como a narrativa do herói é frequentemente adaptada para oferecer uma experiência envolvente e familiar.

O texto apresenta a obra de Sandra Trabucco Valenzuela, *A heroína de mil e uma faces*, que expande a estrutura do monomito para incluir a perspectiva feminina. Valenzuela argumenta que as narrativas de heroínas seguem uma trajetória similar à dos heróis tradicionais, mas com nuances específicas que refletem as experiências e desafios das mulheres, mostrando que as heroínas também podem trilhar jornadas épicas e transformadoras.

Atividades (Páginas 140 e 141)

1. a) Ambas as imagens retratam a instrução de jovens no corpo de mitos de suas respectivas comunidades. Seja por meio

da leitura da Torá, no caso do judaísmo, seja pela cerimônia de batismo entre os Xavante.

b) Ao serem instruídos nas narrativas míticas e rituais de suas comunidades, os mais jovens também recebem o conjunto de códigos que configuram o *ethos* dessas comunidades, reafirmando, assim, o seu pertencimento a elas e a continuidade desse *ethos*.

2. a) A personagem Thor, interpretada por Chris Hemsworth, faz referência ao deus Thor, da mitologia nórdica.

b) Por se tratar de produções cinematográficas do século XXI, a análise desses filmes pode, entre outras coisas, revelar a visão dos produtores e roteiristas acerca da cultura dos povos retratados (gregos e nórdicos) e a utilização de um referencial cultural de matriz europeia adotado para grande parte das produções culturais da sociedade ocidental no presente, entre outros elementos.

c) Resposta pessoal. Como possibilidade de resposta, os estudantes podem mencionar que esse fato se deve à hegemonia exercida pela cultura europeia na produção cultural ocidental e o decorrente apagamento de outros referenciais culturais não europeus.

3. a) Para os Pawnee, o critério de diferenciação entre uma história verdadeira e uma falsa é o caráter do conteúdo que ela descreve. Se o conteúdo aborda a esfera do sagrado e do sobrenatural, essa história é considerada verdadeira. Ao contrário, se estiver relacionada a assuntos profanos, essa história é considerada falsa.

b) Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes respondam que não, pois em nossa sociedade, geralmente, um dos principais critérios utilizados para diferenciar uma narrativa verdadeira de uma falsa é o ancoramento dessa narrativa em dados concretos e científicos. Essa reflexão pode, acima de tudo, nos mostrar que não existem definições únicas de verdade e mentira e que, portanto, todas as concepções sobre o assunto devem ser valorizadas e respeitadas.

4. a) O mito de Ceres e Prosérpina busca explicar ou fornecer uma alegoria para a mudança das estações ao longo do ano. De acordo com o mito, a terra torna-se infértil, em alusão ao inverno, em decorrência da fúria de Ceres pelo rapto de sua filha.

b) A grande semelhança entre as duas narrativas míticas revela um intercâmbio cultural entre gregos e romanos, por meio do qual atributos e mitos característicos das divindades de um povo ora se misturavam, ora se sobrepunham às características das divindades do outro. A título de contextualização, sugere-se a apresentação das narrativas míticas correspondentes na cultura grega: Deméter (Ceres) e Perséfone (Prosérpina).

5. Resposta correta: alternativa **a**. O texto menciona que o mito da porca e os sete leitões, que no passado era transmitido oralmente, de geração em geração, está desaparecendo. Nesse sentido, o texto contribui para registrá-lo e preservá-lo, como exposto nessa alternativa.

Estúdio filosófico: Os mitos em Platão
(Páginas 142 e 143)

Essa seção aborda o modo como Platão utiliza os mitos como instrumentos para explorar questões metafísicas, éticas e epistemológicas. Exponha aos estudantes que essas narrativas antigas não apenas entretêm, mas também instruem, desafiando-nos a ir além das aparências superficiais e a contemplar os princípios fundamentais que sustentam o universo e nossa existência dentro dele.

Nessa seção, são mobilizadas as habilidades **EM13CHS101** e **EM13CHS104**, além da **CGEB1**.

PARA CONCLUIR

1. Resposta pessoal. O mito de Giges em *A República* de Platão serve como uma parábola que explora a natureza da justiça e do poder. Ele desafia os leitores a considerar se a justiça é intrínseca ou se é influenciada pelo medo das consequências. Platão utiliza Giges para ilustrar como a posse do anel de invisibilidade muda não apenas suas ações, mas também sua percepção do certo e do errado.

2. Resposta pessoal. Platão utiliza o mito de Giges para investigar até que ponto o caráter moral de uma pessoa é moldado por sua capacidade de agir sem ser detectado. Ele desafia a ideia de que a virtude é intrínseca, explorando como o poder invisível pode corromper ou revelar a verdadeira natureza moral de alguém.

3. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes compreendam que os mitos, como o de Giges, são ferramentas educativas que Platão usa para ilustrar conceitos filosóficos complexos de forma acessível. O mito permite que Platão discuta a natureza da justiça, do poder e da moralidade de maneira mais vívida e memorável, facilitando a compreensão e o debate entre seus discípulos.

Práticas de texto: Relato oral de experiência **(Páginas 144 e 145)**

Nessa seção, pretende-se desenvolver as habilidades associadas à escrita e ao uso de tecnologias para captar imagens e editá-las, a partir do método do relato oral de experiência. Com esse intuito, serão mobilizadas, principalmente, a **CGEB3** e as habilidades **EM13CHS101**, **EM13CHS102**, **EM13LGG101**, **EM13LGG103**, **EM13LGG104** e **EM13LGG402**.

O Livro do Estudante oferece orientações detalhadas para que os estudantes possam realizar a atividade de acordo com os objetivos propostos.

Sugere-se que o *site* do Museu da Pessoa seja apresentado aos estudantes, para que eles se familiarizem com o tipo de conteúdo produzido, que deverá ser norteador do material a ser elaborado ao longo da atividade.

Para a edição do vídeo, os estudantes poderão fazer uso de *softwares* de edição de imagem. De acordo com o contexto da sua escola, se possível, estabeleça uma parceria com o laboratório de informática, se existir esse espaço, para que alguns computadores tenham *softwares* gratuitos e leves para edição. Se, no entanto, a escola não dispuser de computadores para uso dos estudantes, sugira aplicativos leves para edição, que podem ser instalados no próprio celular do estudante.

Solicite aos estudantes que observem com atenção as orientações da atividade, pois, dessa forma, ela será mais facilmente executada. Se houver muita dificuldade, sugira que a proposta seja desenvolvida em duplas ou trios, pois o importante é passar pela experiência, especialmente no momento da revisão e da reescrita.

CAPÍTULO 9 EXPERIÊNCIAS COMUNITÁRIAS **(Página 146)**

O capítulo aborda, com maior profundidade, o modo como as epistemologias dos povos e das comunidades tradicionais são comunicadas. De forma introdutória, as epistemologias desses grupos já haviam sido tratadas no capítulo 4, mas é importante retomar a discussão sobre a validade, a legitimidade e a valorização delas, pois esse é o pressuposto a partir do qual a reflexão desse capítulo se constrói.

Reconhecer a legitimidade das epistemologias dos povos e das comunidades tradicionais é o ponto de partida para a reflexão desse tema. Com isso consolidado, é possível compreender que uma parte constituinte dessas epistemologias, que as diferencia da ciência, por exemplo, é a forma como são transmitidas.

Independentemente da epistemologia analisada, é fundamental problematizar com os estudantes que toda forma de conhecimento, para que se perpetue no grupo correspondente por gerações, está associada a maneiras peculiares de transmissão dos conhecimentos.

As escolas, as universidades e os centros de pesquisa são, por excelência, os lugares de construção, propagação e revisão dos conhecimentos científicos, geralmente organizados em registros escritos e divulgados em teses, dissertações, monografias, artigos e aulas.

Para os povos e as comunidades tradicionais, o compartilhamento dos saberes acontece, em geral, por meio da oralidade e de práticas ritualistas, que consolidam os conhecimentos de forma concreta. É por meio dos comportamentos enraizados no grupo que os membros mais jovens da comunidade apreendem esses saberes, em um processo de observação e reiteração contínuo.

A análise aprofundada das imagens que abrem o capítulo é fundamental para que os estudantes possam distinguir as técnicas/tecnologias utilizadas para a atividade agrícola em contextos de epistemologias diferentes. Uma análise contextualizada possibilitará a eles concluir que cada técnica/tecnologia é voltada para a visão de mundo e para os objetivos que o grupo social possui.

Dada a contemporaneidade das discussões empreendidas nesse capítulo, o texto de abertura realiza um trabalho consistente, que integra aspectos da **CGEB1**, da **CGEB2**, da **CGEB3**, da **CGEB4**, da **CGEB5**, da **CGEB6** e da **CGEB7**. Elas serão retomadas ao longo do capítulo, por meio do desenvolvimento de habilidades específicas.

RESPOSTAS ÀS QUESTÕES

1. Na primeira imagem, um homem quilombola colhe arroz manualmente. A segunda imagem retrata uma colheita de arroz mecanizada, que utiliza um veículo motorizado conduzido por uma pessoa.
2. Resposta pessoal. Espera-se que, em ambos os casos, os estudantes identifiquem que essas tecnologias surgiram do acúmulo de experiências da população que as desenvolveu, bem como da relação com outros povos e dos saberes construídos a partir da relação entre os indivíduos dessa população e os meios em que vivem.

Conhecimentos tradicionais (Página 147)

Para começar, é possível apresentar, na lousa, os nomes que identificam as etapas do método científico e, a partir disso, questionar os estudantes sobre seus conhecimentos prévios em relação a alguma etapa apresentada. Se eles estiverem inseguros ou desconfortáveis para se expressar sobre esse tema, talvez seja interessante sugerir que tentem acessar o que caracteriza cada etapa a partir das palavras utilizadas para identificá-la: observação, hipóteses, generalização.

Considerando o desenvolvimento das habilidades **EM13CHS502**, **EM13CNT301** e **EM13CNT302** e com base nos conhecimentos prévios dos estudantes, será necessário conduzir uma reflexão detalhada sobre o método científico, especificando o que o caracteriza, assim como as etapas que lhe são necessárias. Sugerem-se as seguintes explicações:

- Observação dos fenômenos: nessa etapa, caracterizada pelo primeiro contato do pesquisador com o tema pesquisado, é importante ressaltar que a observação deverá ser conduzida com distanciamento e estranhamento, a fim de evitar que sejam mobilizadas noções prévias, julgamentos, juízos de valor ou opiniões que afetem todo o estudo.
- Classificação com base na relação entre os fenômenos estudados: nesse momento, o pesquisador deverá reunir o arcabouço teórico que lhe permitirá inserir o tema pesquisado em um contexto mais amplo de discussão – isso é chamado de revisão de literatura. Nessa etapa, o maior esforço se dará no intuito de compreender como o tema pesquisado pode começar a ser compreendido no âmbito de discussões empreendidas anteriormente com o mesmo tema, ou temas pertinentes.
- Formulação de hipóteses: as hipóteses são possíveis explicações para o problema que o pesquisador pretende responder com seu trabalho. Para formular as hipóteses, as duas etapas anteriores são fundamentais, pois apenas a partir da observação imparcial dos fenômenos e da classificação destes no âmbito geral das teorias é que o pesquisador poderá começar a delinear as possíveis explicações para os fenômenos analisados.
- Verificação das hipóteses (experimentos): etapa de aplicação dos instrumentos para a coleta de dados e informações a fim de confrontá-los com as hipóteses formuladas na etapa anterior. Como nas Ciências Humanas muitos dos fenômenos analisados não podem conduzir experimentos, por questões éticas e pela própria qualidade da informação que seria obtida, é importante apresentar uma diferenciação entre as abordagens das Ciências Naturais e das Ciências Humanas, pois, com base nessa distinção, os estudantes poderão compreender que, para cada enfoque do tema, há uma série de instrumentos metodológicos, e é necessária uma escolha a partir da definição do problema a ser estudado. Nessa etapa, também é possível apresentar uma breve diferenciação entre instrumentos quantitativos e qualitativos, de forma que os estudantes compreendam que, na ciência, há caminhos diversificados para atingir os objetivos da pesquisa, mas todos apresentam uma validade, desde que orientados pelo problema de pesquisa e por uma condução ética dos experimentos e da aplicação dos instrumentos.
- Generalização do caso particular estudado: a partir das informações e dos dados obtidos no passo anterior, o pesquisador deverá, nessa etapa, avaliar quais das hipóteses levantadas encontraram correspondência com o caso e podem, por isso, atuar como generalizações do fenômeno estudado.
- Confirmação das hipóteses visando à criação de leis gerais: nessa última etapa da pesquisa, que sistematiza todo o percurso desenvolvido pelo pesquisador, ele deve apresentar as conclusões obtidas (confirmação das hipóteses) e indicar quais delas apresentam potencial para explicar fenômenos semelhantes.

Após a reflexão sobre o método científico, os estudantes poderão ser motivados a pensar em formas de caracterizar a produção e a disseminação de conhecimentos fora do âmbito acadêmico. É possível que a apresentação dos exemplos sobre o cultivo coivara e sobre a pesca de tubarões pelos sambaquieiros seja suficiente para motivá-los. No entanto, se necessário, sugira exemplos complementares, mais próximos da realidade vivenciada pelos estudantes.

É importante aprofundar as formas de consolidação e de transmissão dos conhecimentos tradicionais, demonstrando que

esses saberes e os procedimentos a eles ligados são tão válidos e criteriosos quanto o método científico. Para isso, pode-se escolher um dos exemplos citados no texto – métodos de produção artesanal, receitas de comida, técnicas de melhoramento do solo, plantio, colheita, criação de animais, caça e pesca, produção de medicamentos naturais, reconhecimento das características geográficas locais (fauna, flora e minérios) – para abordar o tema em profundidade.

Sugere-se usar as fotografias como suporte para equalizar a importância do método científico e dos saberes tradicionais, proposta que contribui para o desenvolvimento das habilidades **EM13LGG101**, **EM13LGG103** e **EM13LGG104**.

Sugestão para o professor

» **Cunha, Manuela Carneiro da. Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico. *Revista USP*, São Paulo, n. 75, p. 76-84, set./nov. 2007. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13623/15441. Acesso em: 5 set. 2024.**

Nesse artigo, a professora e antropóloga Manuela Carneiro da Cunha apresenta uma discussão sobre as aproximações e os limites dos saberes científicos e dos saberes tradicionais.

Conhecimento e oralidade (Página 148)

O conteúdo retoma a discussão sobre diversas formas possíveis para a transmissão de conhecimento, focalizando a relação entre a escrita e a oralidade. Nesse ponto, é importante que não seja criada nenhuma espécie de comparação que leve os estudantes a hierarquizar essas formas. Ao contrário, deve-se problematizar a maneira pela qual, no senso comum, as sociedades consideradas racionais e científicas tendem a supervalorizar a escrita em detrimento da oralidade.

Assim, é fundamental demonstrar a importância da transmissão oral de tradições, costumes e ensinamentos que condensam a epistemologia de muitos povos e comunidades tradicionais.

A compreensão sobre distintas formas de transmissão dos conhecimentos nos diferentes grupos sociais permitirá desenvolver as habilidades **EM13LGG101**, **EM13LGG103**, **EM13LGG104** e **EM13LGG201**.

Circulação do conhecimento (Página 149)

Com a oralidade já sedimentada como uma das possíveis formas de transmissão de saberes, é preciso, a partir de agora, especificar como se deu a valorização desse meio de transmissão e, consequentemente, o reconhecimento de todo seu potencial, inclusive como método científico.

A oralidade, como meio de transmissão de saberes, permite que estes sejam ajustados conforme a necessidade, a partir de critérios identitários (gênero, idade, lugar social, grau de parentesco e gostos) e espaciais (local onde se fala sobre determinado saber). Além disso, considerando os requisitos inerentes ao saber que será transmitido, determina-se quem são as pessoas autorizadas a contar, a falar e a carregar junto da sua narrativa a legitimidade que o grupo confere a esse saber. Por mais que o senso comum delegue menor importância e valor aos saberes orais, é preciso traduzir, pelas suas características, a complexidade que lhes é peculiar.

História oral: metodologias (Página 149)

Assumindo a complexidade dos conhecimentos tradicionais e dos meios de seu desenvolvimento, ensinamento e da sua transmissão, é possível abordar com os estudantes a aversão, até os anos de 1970, do registro oral em pesquisas científicas.

Os relatos orais assumiram novo reconhecimento somente a partir de estudos antropológicos e historiográficos, que demonstraram uma chance de preencher, fidedignamente, as lacunas presentes nas análises de diferentes populações. Foi quando a história oral ganhou destaque e alcançou o reconhecimento necessário que os especialistas puderam perceber o potencial que havia nessa metodologia.

Sugestão para o professor

» ***Associação Brasileira de História Oral* (ABHO). Disponível em: https://www.historiaoral.org.br/site/capa. Acesso em: 5 set. 2024.**

O *site* da ABHO apresenta um breve histórico da história oral e da própria associação, além de disponibilizar o acervo do periódico *Revista História Oral* e materiais de apoio, como notícias, boletins e *sites* relacionados ao tema.

Profetas da chuva (Página 150)

Nesse tema, propõe-se o estudo dos profetas da chuva a fim de exemplificar a importância dos saberes tradicionais e a forma como eles são ensinados ao longo das gerações.

Para a compreensão aprofundada da dimensão assumida por esses profetas na cultura tradicional da Região Nordeste, sugere-se a abordagem conjunta do texto de apoio, do trecho da entrevista com o profeta da chuva Jacaré, bem como a exibição e a análise do material indicado na *Sugestão para o professor* a seguir. A proposta é penetrar nas estruturas de significado que orientam a identidade desses profetas e como eles atuam para a manutenção dos saberes tradicionais no que tange à terra e à natureza.

Pode-se, de maneira adicional, problematizar a respeito da falta de motivação dos jovens de assumirem novos lugares de profetas da chuva. Nesse ponto, é fundamental que os estudantes reflitam não apenas sobre os profetas da chuva, mas analisem como essa falta de motivação para perpetuar alguns saberes tradicionais também se estende a outros grupos e práticas sociais.

Em contrapartida ao passo anterior, é possível solicitar aos estudantes que pesquisem iniciativas de gerações mais jovens cujo intuito seja a manutenção e a perpetuação dos saberes tradicionais.

O estudo de caso dos profetas da chuva, aliado à compreensão das características da história oral, mobiliza as habilidades **EM13CHS101** e **EM13CHS102** e aspectos das habilidades **EM13LGG101**, **EM13LGG103** e **EM13CNT205**.

Sugestão para o professor

» ***Os Profetas: pelo observar da natureza e o desejo de chover*. Disponível em: https://www.livroprofetas.com.br/. Acesso em 5 set. 2024.**

Site do projeto Os Profetas, que tem por objetivo registrar, promover e valorizar a tradição dos profetas da chuva cearenses.

No *site* é possível acessar, de forma gratuita, o livro e o documentário desenvolvidos pelos participantes do projeto.

O Encontro dos Profetas da Chuva; Desenvolvendo tradições (Páginas 150 e 151)

Apoiando-se no estudo de caso dos profetas da chuva, é possível apresentar como as tradições são pensadas em termos científicos e conceituais. Nesse momento, retoma-se o diálogo entre a epistemologia científica e a epistemologia dos povos e comunidades tradicionais, da perspectiva de acordo com a qual a segunda é tema de estudo da primeira, dada a importância já legitimada dos saberes tradicionais para a compreensão das identidades, dos processos culturais e da própria estrutura social. É possível, dessa forma, abordar em profundidade a **CGEB1**, a **CGEB2**, a **CGEB3**, a **CGEB6** e a **CGEB7**.

Nesse sentido, servir-se da noção de invenção de tradições, tal como proposto pelo historiador Eric Hobsbawm, auxilia a compreensão de como o Encontro Anual dos Profetas da Chuva constitui-se como estratégia fundamental para a manutenção desse saber. Para o historiador, as tradições inventadas são um "[...] conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita e abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado histórico apropriado" (Hobsbawm, Eric. Introdução: a invenção das tradições. *In*: Hobsbawm, Eric; Ranger, Terence. *A invenção das tradições.* São Paulo: Paz e Terra, 2008. p. 9).

O Encontro Anual dos Profetas da Chuva traduz, assim, um esforço para dar visibilidade aos saberes desse grupo e, ao mesmo tempo, impulsionar sua continuidade como traço distintivo. O mecanismo que possibilita a eficácia desse esforço e a propagação dos saberes dos profetas da chuva foi apresentado no texto de apoio aos estudantes e deve ser retomado.

BOXE INTERAÇÃO

1. Respostas pessoais. Para motivar a reflexão e a pesquisa sugerida no boxe, é possível analisar a fotografia do acendimento da tocha olímpica, que apresenta um exemplo de tradição recente apoiada em elementos do passado. É possível que os estudantes encontrem um pouco de dificuldade para identificar na trajetória da família ou da comunidade os exemplos; por isso, é possível orientá-los a pedir o auxílio dos familiares, especialmente os mais velhos, que terão mais experiência e um repertório maior de exemplos a serem analisados.

Medicina guarani (Página 152)

Para dar continuidade à análise de alguns saberes tradicionais, aqui o foco está na epistemologia dos povos Guaranis, mais especialmente na forma como os conhecimentos desses povos estão interligados com a compreensão que eles detêm da natureza e na relação que estabelecem com ela.

Como a discussão caminhará para uma percepção de doença e saúde que pressupõe um ser biopsicossocial, sugere-se a leitura do texto "As técnicas do corpo", do sociólogo e antropólogo francês Marcel Mauss. Publicado originalmente em 1934, esse texto discute como o corpo deve ser pensado em sua tríplice dimensão: biológica, psicológica e social. Segundo Mauss, o corpo é o primeiro instrumento, objeto e meio técnico do homem, sobre o qual se desenvolverá a técnica, ou, nas palavras do autor, "o ato tradicional eficaz". Nesse sentido, ainda que Mauss não tenha analisado etnografias sobre os povos guaranis, é possível uma evidente associação, pois também entre os Guarani a tradição é o meio fundamental para a transmissão da técnica, que varia de sociedade para sociedade.

A partir da compreensão do corpo como produto da sociedade na qual ele está inserido, é possível acessar mais profundamente os significados guaranis de doença física (material) e espiritual.

Cabe um destaque para a imagem presente na página, que, acompanhada de sua legenda, pode ser explorada em suas aproximações e distanciamentos com a terapêutica oriunda da epistemologia científica.

Ameaças e resistências à preservação de tradições (Página 153)

Como a epistemologia guarani está diretamente relacionada à terra e à natureza, a perpetuação dos saberes tradicionais está ameaçada com a perda do direito desse povo sobre o seu território.

Para problematizar a questão dos direitos indígenas sobre a demarcação de terras e os conflitos com garimpeiros, grileiros e seringueiros, sugere-se a busca por notícias mais recentes sobre o assunto. A partir da reunião dessas notícias, a turma pode ser organizada em grupos para fazer a leitura delas e reflexão sobre elas. Em seguida, os grupos são convidados a escolher uma forma de apresentação do conteúdo da notícia e da reflexão empreendida coletivamente. Essa atividade auxilia na problematização da questão indígena na interface com acontecimentos reais, que marcam a contemporaneidade da disputa por direitos no âmbito do território brasileiro, ainda que as populações tradicionais sejam resguardadas pela lei, desde a aprovação da Constituição de 1988.

Esse item enseja, com propriedade, a abordagem das demandas políticas, sociais e culturais de indígenas, bem como a necessidade da preservação da biodiversidade para a manutenção da identidade coletiva dos Guarani, compreendidas nas habilidades **EM13CHS103**, **EM13CHS202** e **EM13CHS205** e em alguns aspectos da habilidade **EM13LGG503**.

BOXE REFLEXÃO

Nesse boxe, os estudantes são convidados a refletir sobre as concepções dos Guarani acerca da saúde e da doença, bem como sobre a complementaridade entre os papéis atribuídos à medicina convencional e à medicina tradicional Guarani. Trata-se de um importante momento para reforçar aos estudantes como a valorização de outras epistemologias em nada se relaciona ao negacionismo científico.

1. Segundo o relato apresentado, as doenças de "branco", isto é, doenças não indígenas, devem ser tratadas com medicina convencional, ao passo que as doenças indígenas devem ser tratadas com medicina tradicional.
2. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes reconheçam que as medicinas tradicionais indígenas se apoiam em séculos de conhecimentos sobre essas enfermidades e os meios possíveis para combatê-las, não se tratando de superstições ou crendices. É importante que eles reconheçam também que essa abordagem não se relaciona com correntes negacionistas da medicina e da ciência, visto que esses povos também fazem uso dessas abordagens quando necessário.

Pescadores de Iguape (Página 154)

O breve estudo de caso dos pescadores de Iguape permitirá compreender a transmissão dos saberes tradicionais com base na oralidade, já trabalhada em outros momentos do capítulo, mas também com base na repetição do comportamento, ou, como se costuma chamar, pela empiria. A empiria é o típico conhecimento produzido e reproduzido a partir da experiência vivenciada, sem base científica ou teórico-conceitual que explique os comportamentos e os justifique – na verdade, eles são resultado da repetição.

O exemplo dos pescadores de Iguape pode ser explorado sob a ótica da relação simbiótica entre eles e a natureza, uma vez que esse grupo depende da pesca para a própria sobrevivência e para a sobrevivência de suas tradições.

O depoimento do "seu" Benedito, reproduzido no Livro do Estudante, permite resgatar a discussão sobre as narrativas míticas como elementos fundantes dos povos e comunidades tradicionais. Ele diz, na entrevista, que, para compreender a pesca da manjuba, seria necessário à pesquisadora aprender sobre o "Valo Grande, uma história lá do 'tempo de dantes'".

Sugere-se aproveitar a discussão sobre os pescadores de Iguape para desenvolver aspectos associados à habilidade **EM13CHS502**, pois a identidade dos pescadores se dá mediante

aspectos intrínsecos às relações de trabalho e renda. Pode-se, inclusive, problematizar como as tecnologias voltadas à pesca afetam o modo de vida desses pescadores e, consequentemente, a maneira como se percebem e são percebidos pelos demais.

Sugestão para o professor

» ***Mar pequeno*. Direção: Déborah Dornellas. Brasil, 2013 (28 min).**

Esse documentário aborda o cotidiano e o imaginário dos caiçaras, pescadores artesanais, fandangueiros e pequenos comerciantes do município de Cananéia (SP), enfatizando o declínio da pesca artesanal na região.

O resgate oral de uma rica tradição
(Página 155)

Para trabalhar esse conteúdo, sugere-se a retomada das etapas do método científico abordadas anteriormente. Partindo desse conhecimento já tratado, é possível apresentar a metodologia da história oral como um dos possíveis instrumentos a serem utilizados na etapa da verificação das hipóteses.

Sugere-se apresentar, como característica fundamental da narrativa estruturante da história oral, a diferenciação entre entrevista aberta (ou livre) e semiorientada (com roteiros e que também pode ser apresentada aos estudantes como semiestruturadas). Como a entrevista aberta não permite muitas intervenções do pesquisador, ela é indicada para os casos nos quais os temas pesquisados sao mais amplos, de modo que as narrativas e informações obtidas possam ser analisadas com maior profundidade. Já as entrevistas semiorientadas funcionam melhor em pesquisas que pretendem responder a aspectos mais circunscritos, sendo necessária, para a sua condução, a elaboração de um roteiro prévio que norteará as perguntas apresentadas ao longo da entrevista e as possíveis intervenções do pesquisador.

É preciso aproveitar a oportunidade para apresentar os cuidados que se deve ter no momento da condução e da análise de uma entrevista, tanto a aberta quanto a semiestruturada. Em primeiro lugar, deve-se proporcionar um ambiente no qual pesquisador e sujeito/participante entrevistado estejam o mais à vontade possível, pois qualquer tipo de constrangimento pode influenciar as respostas fornecidas pelo participante. Outro cuidado fundamental é com a forma de registro das falas do participante: a gravação se dará apenas em áudio ou terá imagem também? Na verdade, ambas as opções têm repercussões diferentes e servem a propósitos distintos, sendo necessário que o pesquisador escolha aquilo que melhor atenderá aos seus objetivos de pesquisa. Um terceiro cuidado, já no momento da transcrição das entrevistas, é manter o discurso do participante completamente fiel à narrativa. Nesse ponto, é importante salientar que uma das características fundamentais da entrevista é permitir a reprodução de qualquer traço de oralidade, seja gíria, português não formal, termos regionais, vícios de linguagem ou outro signo. Ao longo da transcrição das entrevistas, é preciso uma atenção minuciosa aos detalhes; este é sempre um momento muito trabalhoso para o pesquisador, ainda que existam *softwares* que auxiliem o processo. Depois de transcritas, as entrevistas podem ser analisadas a partir de diferentes enfoques metodológicos, a depender, também, do objetivo da pesquisa e dos critérios do pesquisador.

Depois de apresentados os tipos de entrevista e alguns dos principais cuidados que se deve observar, sugere-se que os estudantes sejam convidados a conduzir uma pesquisa, se possível, com os funcionários da própria escola, sob orientação e supervisão docente. A proposta é que o grupo de estudantes opte por um tipo de entrevista, de preferência sobre o tema dos saberes tradicionais, e a realize, transcreva e, por fim, prossiga com a análise. Considerando a faixa etária dos estudantes e o tempo para a realização da atividade, imagina-se que a experiência será muito proveitosa, sobretudo porque vai resvalar em erros e estratégias ineficazes, muitas vezes. Assim, como finalização da atividade, é possível apresentar os resultados das entrevistas e, principalmente, avaliar coletivamente como foi passar por essa experiência. Com a proposição desse encerramento de atividade, volta-se ao conceito original de empiria, pensado como aprendizagem por repetição baseada na observação e na experiência.

Dada a abordagem de características associadas aos métodos de investigação científica e às formas complexas pelas quais se dá a constituição dos discursos, essa seção permite o aprofundamento das habilidades **EM13CHS101**, **EM13CHS102** e de aspectos da habilidade **EM13LGG402**.

Atividades **(Páginas 156 e 157)**

1. a) Espera-se que os estudantes percebam que o fato de o evento contar com o apoio oficial do governo pode mostrar a preocupação das autoridades locais em preservar essa tradição, oferecendo, ao mesmo tempo, outras atividades de entretenimento que ampliam a participação de artistas e do público.

b) Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes respondam que o apoio governamental pode ser eficaz na preservação das tradições, visto que a sociedade passa a reconhecer a importância dos costumes tradicionais e a respeitar essas tradições cada vez mais.

2. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes reconheçam que o conhecimento científico não anula outras formas de produção de conhecimentos e que, muitas vezes, os conhecimentos científicos e os tradicionais se complementam. Além disso, os conhecimentos tradicionais levam em consideração realidades específicas e são construídos a partir do acúmulo de vivências e experiências diversas, sendo consolidados e perpetuados justamente por sua eficácia perante a comunidade ou grupo que os produziu.

3. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes indiquem em suas interpretações que essa fala é uma afirmação de que o uso da palavra "oral" como construção, consolidação e transmissão de um conhecimento é uma forma tão válida de enfrentamento das questões colocadas no cotidiano quanto a escrita pode ser.

4. Resposta pessoal. Com base no que estudaram sobre a história oral, os estudantes devem reconhecer que a memória, por meio da oralidade, traz diversos dados e percepções que podem contribuir para que os pesquisadores produzam análises mais amplas sobre os acontecimentos de outra temporalidade.

5. a) Os estudantes devem fazer a pesquisa preferencialmente no *site* da ONU, disponível em: https://brasil.un.org/pt-br/sdgs (acesso em: 11 out. 2024). Os objetivos que podem ser associados ao texto são o ODS2, na medida em que alterações climáticas podem afetar a produção alimentar, o ODS13, o ODS14 e o ODS15.

ODS2: Fome Zero e Agricultura Sustentável – Acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhoria da nutrição e promover a agricultura sustentável.

ODS13: Ação contra a mudança global do clima – Tomar medidas urgentes para combater a mudança climática e seus impactos.

ODS14: Vida na água – Conservação e uso sustentável dos oceanos, dos mares e dos recursos marinhos para o desenvolvimento sustentável.

ODS15: Vida terrestre – Proteger, recuperar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, deter e reverter a degradação da terra e deter a perda de biodiversidade.

b) Espera-se que os estudantes compreendam que esses objetivos visam preservar tanto a cultura desses povos quanto sua sobrevivência ao propor medidas que promovam o equilíbrio ambiental e, com isso, a preservação dos locais habitados por essas comunidades e dos recursos utilizados por elas em seu cotidiano.

6. Resposta correta: alternativa **e**. A história oral permite dar voz a essas vivências que, muitas vezes, não estão documentadas pela historiografia tradicional. Esse método possibilita compreender a dinâmica do deslocamento e da inserção dos povos indígenas na sociedade, capturando experiências que não foram registradas por escrito, mas que fazem parte da memória e das narrativas orais desses grupos.
7. Reposta correta: alternativa **e**. Em primeiro lugar, a imagem retrata uma técnica associada a um saber tradicional cuja fonte é o Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Além disso, o texto II remete ao patrimônio cultural nacional e à possibilidade de que os grupos revejam alegorias do passado para definir sua identidade, como na acepção de invenção das tradições de Eric Hobsbawm, abordada no capítulo.

Estúdio filosófico: A decolonialidade em Nelson Maldonado-Torres (Páginas 158 e 159)

A seção aborda o pensamento de Nelson Maldonado-Torres, que oferece uma base crítica para compreender como as narrativas e as estruturas coloniais continuam a influenciar as sociedades contemporâneas.

Ao apresentar o conceito de decolonialidade, como proposto por ele, comente com os estudantes que essa perspectiva proporciona uma lente para reavaliar e reinterpretar os conhecimentos e práticas culturais, promovendo uma abordagem mais justa e representativa das experiências dos povos colonizados.

São mobilizadas as habilidades **EM13CHS101** e **EM13CHS104**, além da **CGEB1**.

PARA CONCLUIR

1. Resposta pessoal. Decolonialidade é um conceito que busca questionar as estruturas de poder, conhecimento e pensamento que foram estabelecidas durante e após o colonialismo, e que ainda perpetuam desigualdades e hierarquias globais, e romper com elas.
2. Resposta pessoal. O autor sugere que a modernidade, frequentemente associada a ideais de progresso e desenvolvimento, busca se distanciar de um passado que considera "antigo" e arcaico, frequentemente relacionado às práticas coloniais e escravistas.
3. Respostas pessoais. Essa dinâmica revela como o poder pode influenciar a validação de certos conhecimentos ao mesmo tempo que deslegitima outros. Narrativas históricas que enfatizam a modernidade, o progresso e a civilização frequentemente marginalizam as vozes e as experiências daqueles que foram oprimidos. Assim, a construção da História é uma forma de controle social, em que enquanto certas narrativas são legitimadas, outras são relegadas à invisibilidade.

Práticas de pesquisa: As redes sociais e o poder de escolha (Páginas 160 e 161)

Nessa seção, desenvolve-se uma proposta de apropriação de uma metodologia de pesquisa, o estudo de caso. Os estudantes deverão colher dados relacionados à relação entre as redes sociais e o poder de escolha da população.

As orientações contidas no Livro do Estudante são bastante detalhadas e é importante que eles sejam conduzidos à leitura e à compreensão dessas instruções. Além disso, a observação e a mediação ao longo do processo são fundamentais para respaldar as ações dos estudantes.

Essa proposta de prática de pesquisa possui grande potencial para integrar diferentes áreas do conhecimento, em uma perspectiva de educação integral.

Como a proposta prevê a comunicação dos resultados mediante a entrega de um relatório, sugere-se que sejam trabalhados os aspectos exigidos para a confecção desse texto: resumo; introdução; metodologia e a justificativa para o perfil escolhido; síntese dos resultados obtidos nas entrevistas; considerações sobre o desenvolvimento do trabalho e bibliografia utilizada.Talvez os estudantes nunca tenham utilizado a normatização da ABNT para a elaboração de trabalhos, e ainda que a tenham utilizado, é importante apresentar algumas das características principais da norma vigente. Sugere-se que seja utilizada a versão de 2018 da NBR 6023.

No Livro do Estudante sugere-se a utilização de aplicativos para a criação de revistas *on-line*. Para isso, é possível recorrer a *sites* que oferecem plataformas de criação desse tipo de material, sem a necessidade de fazer *download* de um aplicativo ou programa.

Nessa seção, que sugere o desenvolvimento de um olhar mais cuidadoso e elaborado sobre o tema do impacto das redes sociais, as subjetividades e a identidade dos grupos sociais, mobiliza-se a **CGEB5** e é possível ampliar aspectos das habilidades **EM13CHS202, EM13CHS502**, **EM13CNT205**, **EM13CNT301** e **EM13CNT302**.

4 VIVER COLETIVO

INTRODUÇÃO

Nesta unidade, serão discutidos os conceitos de sociedade, e suas implicações para o convívio humano, e de política como um fenômeno que permeia todos os aspectos da vida coletiva; também será analisada a noção de Estado como estrutura essencial para a organização social. Partindo das reflexões dos filósofos da Antiguidade, como Platão e Aristóteles, a unidade traça a evolução do pensamento social até a Modernidade, abordando o modo como as formas de convívio humano se transformaram e como o termo "sociedade" passou a englobar não apenas o coletivo, mas também o indivíduo e sua subjetividade. O capítulo 10 trata do conceito de sociedade desde sua concepção pelos filósofos da Antiguidade. Dando seguimento ao tema, o capítulo trabalha ainda questões relacionadas ao ser em sociedade, aos convívios sociais e a alguns aspectos que envolvem a ideia de coletividade.

Já o capítulo 11 aborda questões sobre política enquanto conceito filosófico que remonta à Antiguidade, destacando a importância de discuti-lo como fator de influência no modo de vida de organizar e ser sociedade.

O capítulo 12 explora os conceitos de Estado, poder e democracia, com ênfase em suas origens na Modernidade. Posteriormente, analisa-se a importância da organização política voltada para o bem comum social.

O estudo desses temas é fundamental para a formação de cidadãos críticos e engajados na construção de uma sociedade mais democrática e consciente. Ao compreender os conceitos de sociedade, política, Estado, poder e democracia, os estudantes podem refletir sobre seu papel nas dinâmicas sociais e sobre a relevância de suas ações na construção do bem comum.

Sugestão de planejamento

Os conceitos e discussões mobilizados nesta unidade propiciam o trabalho interdisciplinar com os componentes História e Sociologia. É importante promover um diálogo interdisciplinar para que os estudantes possam situar as discussões filosóficas em um contexto histórico e social mais amplo. A abordagem integrada pode favorecer uma compreensão mais profunda sobre as transformações que moldaram a vida política moderna e os desafios que hoje se impõem à democracia.

Objetivos da unidade

- Compreender o desenvolvimento do conceito de sociedade desde a Antiguidade até a atualidade.
- Entender a importância das relações de vivência nas sociedades.
- Compreender o conceito de política tal como proposto por diferentes filósofos.
- Refletir sobre a importância do debate político para o desenvolvimento das sociedades.
- Estudar o que é Estado, poder e democracia e a relevância desses conceitos para as sociedades.
- Entender que a organização política é essencial para o bem-estar humano.

COMPETÊNCIAS E HABILIDADES DA UNIDADE

CAPÍTULO	COMPETÊNCIAS GERAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA	COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS E HABILIDADES	TEMAS CONTEMPORÂNEOS TRANSVERSAIS
10	CGEB1, CGEB2, CGEB5, CGEB6, CGEB7 e CGEB9	**CECHSA1:** EM13CHS101 e EM13CHS102 **CECHSA2:** EM13CHS201, EM13CHS202 e EM13CHS203 **CECHSA3:** EM13CHS302 **CECHSA4:** EM13CHS403 **CECNT3:** EM13CNT208 **CELT3:** EM13LGG301, EM13LGG302 e EM13LGG303	Educação em direitos humanos; Ciência e tecnologia
11	CGEB1, CGEB2, CGEB4 e CGEB6	**CECHSA1:** EM13CHS101, EM13CHS102, EM13CHS103 e EM13CHS104 **CECHSA2:** EM13CHS201 **CECHSA3:** EM13CHS302 e EM13CHS303 **CECHSA4:** EM13CHS402 e EM13CHS405	Educação em direitos humanos
12	CGEB1, CGEB2, CGEB3, CGEB4, CGEB5 e CGEB6	**CECHSA1:** EM13CHS102, EM13CHS103, EM13CHS104 e EM13CHS106 **CECHSA2:** EM13CHS202 **CECHSA3:** EM13CHS301, EM13CHS302, EM13CHS305 e EM13CHS306 **CECHSA4:** EM13CHS401, EM13CHS403 e EM13CHS405	Educação em direitos humanos

ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS

ABERTURA DE UNIDADE (Páginas 166 e 167)

A abertura da unidade explora o conceito de sociedade. Inicie pedindo aos estudantes que observem a imagem e façam a leitura do texto com atenção. Prosseguindo com a abordagem do conceito, comece explorando suas origens filosóficas, que remontam a Platão e Aristóteles. Enfatize como esses filósofos discutiram a natureza do convívio humano e a ideia de bem comum, elementos fundamentais para a filosofia política. Em seguida, explique como, a partir do século XVI, a noção de sociedade se expandiu para incluir o conceito de mundo social, influenciado pelo surgimento dos Estados nacionais modernos e pelo desenvolvimento da noção de subjetividade humana. Destaque como o desenvolvimento do conceito de indivíduo contribuiu para a compreensão da política moderna e a formação das sociedades que conhecemos hoje.

Além disso, a abertura da unidade proporciona reflexões que favorecem a construção da **CGEB1** e da **CGEB6**.

ORGANIZAR IDEIAS

1. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes respondam que não é possível imaginar uma vida humana totalmente isolada dos contextos social e político, pois, desde o nascimento, o ser humano faz parte de uma família, vive em uma comunidade e segue regras que organizam a convivência social. Mesmo se alguém vivesse sozinho, longe de qualquer sociedade, ainda estaria influenciado por ideias e comportamentos que aprendera enquanto vivia em sociedade.
2. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes respondam que a sociedade é fundamental para o desenvolvimento de toda pessoa. É por intermédio das interações sociais que aprendemos a nos comunicar, a entender o mundo ao nosso redor e a desenvolver nossas habilidades. Além disso, as relações sociais nos ajudam a formar nossa identidade, a encontrar nosso lugar no mundo e a ter oportunidades para progredir e alcançar nossos objetivos.
3. Resposta pessoal. Interessa discutir essa questão com os estudantes porque é possível que eles tenham outras perspectivas sobre o assunto. Sendo assim, mencione aos estudantes que nós, seres humanos, organizamos nossa vida em grupo porque isso facilita nossa sobrevivência e bem-estar. As regras, as tradições e as estruturas sociais foram desenvolvidas ao longo do tempo para ajudar as pessoas a viverem juntas de forma mais harmoniosa.

Essa discussão pode contribuir para a mobilização da habilidade **EM13CHS101**.

CAPÍTULO 10 SER EM SOCIEDADE (Página 168)

O capítulo 10 aborda a vida em comunidade, o conceito de sociedade e a dinâmica social, com base em ideias de filósofos da Antiguidade, da Modernidade e da Contemporaneidade. Essa temática nos leva a refletir sobre a organização vida em sociedade e sobre a busca por formas de convivência pacífica e respeitosa, tanto entre as pessoas quanto em relação à natureza ao nosso redor.

Ao abordar o conteúdo apresentado na página, destaque a ideia de que, desde o nascimento, os indivíduos são inseridos em uma estrutura social preexistente. Essa estrutura, chamada de sociedade, inclui a linguagem, os valores, os costumes e toda a organização da vida em comum.

Durante a explicação, convide os estudantes a refletir sobre o que significa viver em sociedade, questionando-os se essa estrutura é natural ou se consiste em uma criação humana. Incentive a discussão sobre como as sociedades moldam a percepção que temos do mundo desde o momento em que nascemos e como elas influenciam nossas ações e pensamentos.

Proponha aos estudantes que pensem sobre os desafios atuais da vida em sociedade, especialmente em tempos de conflitos sociais e crises de convivência. Esse debate pode ser enriquecido com exemplos contemporâneos, levando os estudantes a ponderar o papel da Filosofia na compreensão e no questionamento das estruturas sociais, bem como na busca por alternativas para uma convivência mais harmoniosa.

Sugestão para o professor

» **Rousseau, Jean-Jacques. *O contrato social*. Tradução: Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2017.**

Essa obra explora a origem da sociedade e o contrato que, segundo Rousseau, os indivíduos fazem ao se submeter às leis e ao governo em troca de proteção e ordem.

RESPOSTAS ÀS QUESTÕES

1. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes identifiquem a relação entre nossos projetos e nossas memórias no âmbito das condições sociais dadas, as quais determinam grande parte das experiências que vivenciamos e das aspirações que produzimos em relação ao nosso futuro na sociedade.
2. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes identifiquem que, entre aquilo que fizemos e aquilo que queremos fazer em nossa vida social, há inúmeras possibilidades, erros e acertos que também fazem parte de nossa vivência em sociedade.
3. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes identifiquem que as pessoas só têm memórias, projetos e uma vida atribulada pois estão inseridas na sociedade, com valores, regras e demandas que só existem por conta de sua preexistência.

A discussão proposta nesta abordagem contribui para o trabalho com as habilidades **EM13CHS202** e **EM13CHS203**.

Somos animais sociais? (Página 169)

Para iniciar a abordagem do conteúdo da página, enfatize a concepção de Aristóteles sobre a sociabilidade humana e a importância da comunidade na busca pelo bem viver. Destaque como a formação inicial de cada indivíduo ocorre dentro de uma família, em que aprendemos valores e regras básicas, e como essa formação se expande na escola por meio do contato com o conhecimento coletivo da humanidade.

Incentive os estudantes a refletir sobre a ideia de que somos "animais sociais" e a questionar o que isso realmente significa. Utilize a noção de Aristóteles de que a sociabilidade é uma inclinação natural dos seres humanos e que a realização plena da humanidade só ocorre dentro de uma comunidade organizada, como a *pólis* grega.

Durante as discussões, peça aos estudantes que considerem a diferença entre viver em comunidade e viver isoladamente e avaliem como essa visão aristotélica ainda pode ser aplicada ou debatida na atualidade. Pergunte se eles concordam com a ideia de que a felicidade e a excelência humanas só podem ser alcançadas em comunhão com os outros. Questione, ainda, como essa perspectiva pode influenciar suas próprias vidas.

Se achar interessante, promova um debate sobre como os conceitos de felicidade, sabedoria e bem comum podem ser entendidos e buscados nos dias atuais, comparando as visões antigas com as modernas. Essa discussão pode ajudar os estudantes a conectar o

pensamento filosófico clássico com as realidades contemporâneas, incentivando um aprendizado mais profundo e crítico.

A discussão proposta neste tópico contribui para o trabalho com a habilidade **EM13CHS302** e pode propiciar o trabalho interdisciplinar com a área de Ciências da Natureza e suas Tecnologias, no que se refere à discussão acerca da característica gregária dos seres humanos no âmbito do estudo do processo de evolução biológica, propiciando, assim, a mobilização de aspectos da habilidade **EM13CNT208**.

BOXE INTERAÇÃO

1. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes reajam à tira e relacionem o suposto medo ou desinteresse de uma raça alienígena de nos visitar por causa de nossas desigualdades e desordens sociais.

O desenvolvimento do conteúdo do boxe colabora para a construção da **CGEB2**.

Entre o individual e o coletivo (Páginas 170 e 171)

Destaque a evolução do conceito de sociedade desde a Antiguidade até a Modernidade, começando com a visão de Cícero, que traduz a *koinonia politike* de Aristóteles como *societas civilis* e vê a sociedade como uma associação natural voltada para o bem comum. Explique como essa ideia se transformou ao longo do tempo, especialmente com a introdução de conceitos modernos de sociedade civil por filósofos como Durkheim e Weber, que enfatizaram as relações impessoais e as normas racionais que regem as interações sociais.

Incentive os estudantes a explorar as diferenças entre a visão de comunidade na Antiguidade, em que as relações eram mais pessoais e baseadas em origens comuns, e a sociedade civil moderna, caracterizada por regras e leis que orientam as relações entre indivíduos com interesses próprios. Promova uma discussão sobre como as mudanças econômicas e a emergência do mercado influenciaram a formação de novas estruturas sociais e desafiaram a soberania do Estado levando à necessidade de teorias contratuais.

Durante a explicação, destaque as contribuições de contratualistas como Hobbes, Locke e Rousseau, que conceberam a sociedade como uma instituição artificial, criada para superar o estado de natureza e garantir a segurança, a liberdade e a igualdade dos indivíduos. Estimule os estudantes a refletir sobre como essas teorias continuam a influenciar o pensamento político e social contemporâneo.

Por fim, incentive os estudantes a pensar sobre a relevância dessas discussões na atualidade, especialmente em relação à definição de uma sociedade justa e bem ordenada, conforme proposta por John Rawls. Questione como eles veem a relação entre liberdade, justiça e as regras que hoje estruturam a convivência social.

A discussão proposta neste item contribui para o trabalho com as habilidades **EM13CHS101** e **EM13CHS102**.

BOXE AÇÃO E CIDADANIA

O boxe aprofunda a discussão a respeito do contrato social, característico do estado de sociedade, chamando a atenção para os limites da autonomia individual necessários à convivência em sociedade. Esses limites são aqui abordados a partir da discussão sobre a liberdade de expressão. Nesse sentido, os estudantes são mobilizados a refletir acerca dos limites da liberdade de expressão levando em consideração a busca por segurança, sobrevivência e bem-estar na sociedade.

1. Espera-se que os estudantes respondam que não, pois a personagem da tira está se valendo de seu direito à liberdade de expressão para atuar de forma prejudicial aos demais membros da sociedade.
2. Na perspectiva dos autores contratualistas, o abuso de um direito, de maneira egoísta e irrestrita, pode causar prejuízos aos demais membros da sociedade. Quando alguém se vale de seu suposto direito à liberdade de expressão para ofender um indivíduo ou grupo de pessoas, isso prejudica tal indivíduo ou grupo e pode infringir outras leis.
3. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes respondam que existem, sim, limites à liberdade de expressão, os quais se impõem ao uso dessa liberdade para causar prejuízo, dano ou ameaça ao próximo.

Convencionalismo e pactos sociais (Páginas 172 e 173)

Para abordar o conceito de convencionalismo com os estudantes, incentive-os a refletir sobre como as convenções sociais e científicas moldam nossa compreensão do mundo. Ao introduzir o conceito, é importante destacar que o convencionalismo sugere que muitos dos acordos, leis e até mesmo verdades científicas que tomamos como naturais são, na verdade, resultados de escolhas e pactos sociais. Questione-os sobre quais aspectos da vida cotidiana são realmente naturais e quais são fruto de convenções estabelecidas pelas sociedades ao longo da história.

Conduza os estudantes a ponderar sobre os desafios que o convencionalismo apresenta, especialmente em relação à busca pela verdade. Duas questões-chave a serem debatidas são: "Até que ponto a verdade pode ser considerada uma convenção?"; "Quais são as implicações disso para o conhecimento científico?".

Encorajar os estudantes a comparar o contratualismo social e o convencionalismo na ciência pode proporcionar uma visão mais abrangente sobre como as sociedades estruturam o conhecimento e as normas que guiam a vida coletiva.

A discussão proposta neste item contribui para o trabalho com as habilidades **EM13CHS302** e **EM13CHS403**.

BOXE INTERAÇÃO

1. Resposta pessoal. É possível que os estudantes percebam conexões com percepções relativistas e perspectivistas, já que o convencionalismo relaciona a verdade à posição dos indivíduos.
2. Resposta pessoal. O objetivo é que os estudantes formulem questionamentos sobre os conceitos apresentados no texto, testando as ideias mobilizadas pelos convencionalistas.

A prática social e o viver em sociedade (Páginas 174 e 175)

O conceito de sociabilidade, explorado na filosofia de Immanuel Kant, oferece uma rica perspectiva para discussão em sala de aula.

Em seguida, introduza a reflexão filosófica de Immanuel Kant sobre a insociável sociabilidade. Explique aos estudantes que Kant considera a sociabilidade humana uma característica ambígua: ao mesmo tempo que buscamos viver em sociedade, com todas as suas normas e estruturas, a natureza humana também está marcada por conflitos e paixões que podem levar à desordem e ao antagonismo. A ideia de insociável sociabilidade se refere à tensão entre o desejo humano de se conectar com os outros e as paixões que frequentemente nos afastam ou causam conflitos interpessoais.

Encoraje os estudantes a refletir sobre como essas ideias se manifestam nas práticas sociais cotidianas. Questione-os como a natureza ambígua da sociabilidade, descrita por Kant, pode ser

observada em diferentes práticas sociais, como as interações diárias, a participação política e a luta por direitos.

BOXE AÇÃO E CIDADANIA

Para abordar o impacto do uso de redes sociais na sociabilidade dos indivíduos, inicie a aula com uma discussão sobre como, a despeito de promoverem a comunicação, essas redes não necessariamente substituem o contato físico e emocional essencial para as interações humanas. O ideal é fomentar uma reflexão crítica sobre as limitações das interações virtuais e suas implicações para o bem-estar emocional. Incentive os estudantes a questionar suas próprias experiências com as redes sociais, explorando os motivos pelos quais o uso excessivo desses recursos pode causar sentimentos de desconexão. Utilize o texto como ponto de partida para promover debates e atividades que favoreçam a compreensão das diferenças entre interações presenciais e virtuais e das maneiras de equilibrar esses dois mundos.

1. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes mobilizem os conceitos trabalhados anteriormente considerando as oportunidades, mas também os prejuízos, das redes sociais.
2. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes mencionem alguma prática comum nas interações em redes sociais que responda pela desconexão social entre seus usuários.

Essa proposta contribui para o trabalho com a habilidade **EM13CHS403** e para a construção da **CGEB5** e da **CGEB7**.

Sugestão para o professor

» Lanier, Jaron. *Dez argumentos para você deletar agora suas redes sociais*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

Neste livro, o autor e pioneiro da realidade virtual Jaron Lanier expõe como as redes sociais podem afetar negativamente as pessoas, levando a uma sensação de isolamento e solidão, ao mesmo tempo que reforçam comportamentos compulsivos e tóxicos.

Reimaginando a vida em sociedade (Páginas 176 e 177)

Para trabalhar com os estudantes a noção de reconhecimento social e as lutas por direitos em sociedades democráticas, é importante promover reflexões que vão além do reconhecimento formal das identidades. Para isso, incentive discussões sobre as dimensões normativas e psicológicas do reconhecimento, como apontado por Charles Taylor, destacando que o ato de reconhecer alguém não é apenas uma questão de constatação, mas envolve agir de forma ética, respeitando direitos e promovendo a justiça.

É essencial discutir como o reconhecimento (ou a ausência deste) influencia a construção da identidade individual e coletiva, assim como as dificuldades que grupos marginalizados enfrentam em sociedades que ainda mantêm práticas excludentes, como o racismo, a misoginia e a homofobia. Mencione o trabalho de Frantz Fanon, que trata do impacto psicológico devastador provocado nas vítimas de racismo pela falta de reconhecimento, e explore as ideias de Judith Butler sobre a vulnerabilidade e a precariedade.

Ao abordar esses conceitos, fomente debates que questionem o *status quo* e desafiem os estudantes a pensar sobre como podemos criar uma sociedade mais inclusiva, que reconheça e respeite as diferentes identidades, promovendo uma convivência democrática e justa. A análise crítica dessas ideias permitirá aos estudantes entender a importância do reconhecimento pleno para a construção de uma sociedade mais equitativa.

O bem viver (Página 177)

Inicie a discussão do conteúdo da página destacando a importância de questionar modelos de vida baseados no individualismo e no neoliberalismo, incentivando uma reflexão crítica sobre a relação humana com a natureza e a comunidade. Mencione que Enrique Dussel propõe a ideia do bem viver como uma filosofia de ação que valoriza a harmonia com o meio ambiente e a vida em coletividade, algo muito presente nas culturas originárias da América. Uma boa estratégia é incentivar os estudantes a comparar essa perspectiva com a forma de vida atual, especialmente em relação ao consumismo e às práticas que impactam negativamente o planeta. Além disso, é possível explorar o fato de que esse conceito foi formalmente reconhecido nas constituições de países como Equador e Bolívia, estimulando debates sobre a inclusão de práticas ancestrais em legislações modernas e sobre os desafios que essas nações enfrentam para equilibrar desenvolvimento e respeito aos direitos naturais e humanos.

A discussão proposta contribui para o trabalho com as habilidades **EM13CHS201** e **EM13CHS202** e para a construção da **CGEB9**.

ATIVIDADE COMPLEMENTAR

Para ampliar a discussão desenvolvida no tópico "O bem viver", solicite aos estudantes que façam uma pesquisa sobre a concepção de bem viver entre povos originários da América Latina. Para isso, instrua-os a pesquisar, em *sites*, livros e periódicos, palavras-chave como "bem viver", "*buen vivir*" e "*sumak kawsay*". Eles deverão identificar: o nome do povo sobre cuja visão de bem viver é discutida no material encontrado; e as características do que esse povo considera como bem viver. Após concluída essa etapa, realize uma roda de conversa para que os estudantes compartilhem o resultado de suas pesquisas e avaliem se concordam ou não com as perspectivas que encontraram.

BOXE REFLEXÃO

1. a) Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes mencionem práticas sociais de que já fizeram parte, como campanhas de arrecadação de alimentos e agasalhos, visitas a asilos e orfanatos, entre outras. Caso não tenham nenhuma experiência nesse sentido, enfatize a importância de auxiliar e acolher os mais necessitados.

   b) Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes mencionem que a solidariedade é essencial para o desenvolvimento de uma sociedade mais pacífica e justa. Enfatize que, quando ajudamos os outros, promovemos a empatia e o respeito entre as pessoas. Práticas como o voluntariado, campanhas de doação e ações comunitárias podem contribuir para melhorar o convívio social, pois ensinam valores como o cuidado com o próximo e a responsabilidade coletiva. Isso pode ajudar a diminuir desigualdades e promover mais harmonia e cooperação.

Atividades (Páginas 178 e 179)

1. a) Para a filósofa, a vida social é uma instituição humana, não uma determinação da natureza.

   b) O exemplo que a filósofa oferece é o da socialização das crianças. Se a natureza conduz a socialização, então naturalmente as crianças seriam socializadas e não precisariam da instituição da educação para aprender a viver em conjunto. Assim, não há apenas uma forma de sociabilidade nem uma só visão sobre a infância. Esses aspectos mudam de acordo com a cultura e a época.

2. A tira pode ser relacionada à importância do reconhecimento social, tal como apresentado por Charles Taylor. A pessoa que se reconhece como indivíduo e também é reconhecida pelo que é por sua comunidade sente-se respeitada e percebe-se integrante de uma coletividade que a ampara e protege.
3. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes tragam exemplos de movimentos sociais pesquisados em livros ou na internet e os utilizem como mote para debater a noção de reconhecimento e convívio coletivo.
4. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes relacionem a noção de bem viver com seu contexto social atual.
5. Resposta correta: **d**. As divergências observadas nas filosofias dos dois autores dizem respeito ao próprio conceito de estado de natureza originária do ser humano.
6. Resposta correta: **a**. O autor herda os conceitos de liberdade e autonomia criados pela sociedade liberal moderna, mais especificamente os conceitos oriundos da filosofia kantiana.
7. Resposta correta: **c**. Para Thomas Hobbes, o estado de natureza é caracterizado por desorganização e mortes. Nessa tese, o autor faz a alegoria "leviatã": os homens são maus e dão seus direitos e privilégios para um governante que os protegerá.

Estúdio filosófico: A meritocracia em Michael Sandel (Páginas 180 e 181)

A seção traz algumas abordagens do filósofo Michael Sandel sobre as noções de viver coletivo, sociedade e vida social, trabalhadas no capítulo. É importante destacar o caráter interdisciplinar da discussão proposta. A relação entre as ideias de filósofos da Antiguidade, da Modernidade e da Contemporaneidade, como Michael Sandel, permite aos estudantes que conectem questões filosóficas ao próprio cotidiano.

Apresente Sandel como um exemplo de filósofo contemporâneo que busca trazer a filosofia para o debate público. Estimule os estudantes a discutir questões éticas e políticas atuais, como desigualdade social e direitos humanos, relacionando-as às noções de bem comum e justiça preconizadas por Sandel. Promova um debate em sala de aula para permitir aos estudantes que reflitam sobre o papel das práticas sociais solidárias na construção de uma sociedade mais justa, utilizando o pensamento de Sandel como base para essa reflexão.

PARA CONCLUIR

1. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes expliquem com as próprias palavras o que entendem por bem comum, preferencialmente estabelecendo diálogo com as discussões mobilizadas no capítulo.
2. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes se sirvam do texto de Sandel para refletir sobre a possibilidade de uma democracia mais cooperativa.
3. Resposta pessoal. A noção de meritocracia é muito vaga no linguajar do senso comum. Espera-se que os estudantes consigam mobilizar os conceitos estudados no capítulo para ponderar de maneira um pouco mais rigorosa sobre tal noção.

Sugestão para o professor

» **Freud, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2011.**

Nessa obra, Freud analisa as tensões entre os impulsos individuais e as exigências da vida em sociedade, revelando o preço psicológico que pagamos por viver em comunidade.

Práticas de texto: Manifesto (Páginas 182 e 183)

Considerando que um manifesto é um texto breve, cujo propósito é expor publicamente uma opinião, ideia ou posição – de um indivíduo ou de um grupo – sobre um tema social, político, econômico ou cultural que ainda não é amplamente conhecido pela sociedade, incentive os estudantes a escrever o manifesto proposto na seção. O intuito é promover uma reflexão sobre a necessidade de mudanças sociais.

A realização da atividade sugerida na seção é essencial para que os estudantes compreendam todo processo de elaboração de um manifesto, gênero textual que, em geral, se destina a garantir melhora na vida de determinada parcela da população.

O trabalho com essa prática de texto propicia a interdisciplinaridade com a área de Linguagens e suas Tecnologias, especialmente no que se refere a planejamento, produção, revisão e reescrita de gêneros textuais, contribuindo para a mobilização de aspectos das habilidades **EM13LGG301, EM13LGG302** e **EM13LGG303**.

CAPÍTULO 11 POLÍTICA: UM CONCEITO AMPLO E PLURAL (Página 184)

A política é um assunto amplamente discutido e, por ocupar com frequência as capas de jornais e as redes sociais, a definição desse conceito pode parecer simples à primeira vista. No entanto, como a reflexão filosófica nos ensina, a realidade é mais complexa. A política é um conceito amplo e plural que, ao longo da história, foi interpretado de maneiras variadas e até contraditórias.

Comente com os estudantes que é comum pensar que política se resume à administração técnica da máquina pública, ou seja, ao trabalho dos políticos profissionais.

Atualmente, vemos aumentara quantidade de representantes públicos que rejeitam a etiqueta de "político", preferindo termos como "gestor", "administrador" ou "*coach*". No entanto, ao assumir cargos eletivos, essas figuras também acabam se tornando políticas. A filósofa Hannah Arendt nos desafia a reabilitar a dignidade da política, destacando sua importância para garantir a vida humana e as condições que a fundamentam.

Ao abordar o assunto com os estudantes, explore a evolução histórica das concepções políticas e questione-os sobre como a política vai além da administração pública, englobando aspectos mais profundos da vida social e humana. Encoraje os estudantes a refletir sobre o papel da política em sua vida e na sociedade, ajudando-os a perceber a relevância desse conceito para a construção de uma sociedade justa e equitativa.

RESPOSTAS ÀS QUESTÕES

1. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes citem um conceito de senso comum referente à política.
2. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes reflitam sobre como a política é vulgarmente compreendida e por que, muitas vezes, as pessoas evitam até mesmo se referir a ela.
3. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes reforcem a importância do diálogo na construção da democracia.

A discussão proposta contribui para o trabalho com as habilidades **EM13CHS101** e **EM13CHS102** e para a construção da **CGEB1**.

Política se discute? (Página 185)

Para iniciar a abordagem do conteúdo da página, mencione aos estudantes que, nos últimos anos, o Brasil tem vivenciado

crescente polarização política e ideológica, intensificada desde as manifestações de 2013, que começaram como uma reação ao aumento no preço das passagens de transporte público e evoluíram para movimentos apartidários. Destaque que estes movimentos refletem uma progressiva rejeição aos tradicionais agentes políticos e uma ascensão de tendências autoritárias e conservadoras. Inicialmente destinados a expressar indignação e exigir reformas, esses protestos tornaram-se focos de antipolítica, priorizando pautas genéricas, como a corrupção, e atacando o sistema político vigente sem propor soluções concretas.

Enfatize que a proliferação das redes sociais e a disseminação de *fake news* agravaram esses conflitos, substituindo o debate construtivo por um cenário de polarização e violência verbal, transformando o palco político em uma arena de preferências pessoais e discursos emocionados, em vez de promover discussões racionais acerca de propostas e ideias. Comente com os estudantes que essa dinâmica faz com que a eleição de representantes políticos seja comparada a decisões banais, como a escolha de um sabor de sorvete, que é baseada em preferências pessoais, não em análises racionais.

Para trabalhar esse tema com os estudantes, enfatize a importância do debate político como ferramenta essencial para a construção e a manutenção de uma sociedade democrática e plural. Incentive-os a refletir sobre a natureza da política como espaço para a participação cidadã e o diálogo aberto. Ressalte que discutir política é fundamental para enfrentar os desafios coletivos e promover o bem-estar da nação. A polarização e a desinformação só prejudicam o processo democrático, e é por meio do debate crítico e informado que podemos avançar em direção a soluções efetivas e inclusivas.

A discussão proposta nesse tema contribui para o trabalho com as habilidades **EM13CHS201** e **EM13CHS302** e para a construção da **CGEB2** e da **CGEB4**.

Sugestão para o professor

» **Arendt, Hannah. *O que é política?* Tradução: Reinaldo Guarany. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.**

Esse livro é uma introdução à reflexão de Arendt sobre a política. Nele, a autora explora o significado da ação política, a importância da pluralidade e o papel da liberdade.

BOXE INTERAÇÃO

1. Respostas pessoais. Espera-se que os estudantes reflitam sobre a importância da política e a necessidade de debatê-la publicamente de forma construtiva e respeitosa.

Perspectivas não binárias (Página 186)

Comente com os estudantes que a política, em seu sentido mais amplo, diz respeito à forma como as sociedades organizam o poder, tomam decisões coletivas e resolvem conflitos. Comente também que a discussão política é fundamental para garantir que diferentes perspectivas sejam ouvidas e consideradas, promovendo uma compreensão mais abrangente e inclusiva de problemas e soluções. Enfatize que, sem um debate público e robusto, as decisões políticas tendem a ser monopolizadas por poucos, resultando em descontentamento e alienação de grandes segmentos da população, o que pode gerar conflitos e ameaçar a democracia. Lembre-os de que, em uma democracia, a participação cidadã é essencial e todos os cidadãos têm o direito de expressar suas opiniões e de influenciar as decisões que afetam sua vida. Discutir política é, portanto, um exercício democrático crucial que assegura a transparência e a avaliação dos governantes e de seus projetos. A ausência de debate político é um sinal de alerta para o enfraquecimento das instituições democráticas e a ascensão de regimes autoritários.

Nesse sentido, é fundamental que os estudantes entendam a importância do debate político como um meio de garantir a saúde democrática e a participação cidadã efetiva. Incentive-os a ver a política não como campo de batalhas pessoais, mas como espaço para a discussão e a busca por soluções para os problemas coletivos.

Essa abordagem contribui para o trabalho com a habilidade **EM13CHS102**.

BOXE INTERAÇÃO

1. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes compreendam a necessidade de a "ficha" de muitos cidadãos "cair" no que concerne à forma como entendem a vida política.

Sugestões para o professor

» **Marcon, Telmo. Educação e democracia: formação política para a convivência em uma sociedade plural. *Roteiro*, Joaçaba, v. 40, n. 2, p. 377-394, jul./dez. 2015. Disponível em: https://periodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/6548/4932. Acesso em: 8 set. 2024.**

O artigo traz reflexões sobre os desafios de educar para a democracia no contexto das sociedades complexas, em que a diversidade e a pluralidade se evidenciam com muita ênfase.

» **Ribeiro, Renato Janine; Cortella, Mario Sergio. *Política*: para não ser idiota. Campinas: Papirus 7 Mares, 2010.**

A obra apresenta um diálogo acessível entre dois filósofos brasileiros sobre a política, sua importância e como ela influencia a vida em sociedade. Os autores desmistificam a ideia de que a política é algo distante ou desinteressante.

Afinal, o que é política? (Página 187)

O conceito de política em Aristóteles, tal como apresentado no texto, oferece uma excelente oportunidade para introduzir os estudantes na ideia de que a política não se limita apenas à administração pública, mas abrange todas as relações humanas que ocorrem no espaço coletivo. Ao discutir o pensamento aristotélico, é importante enfatizar aos estudantes que a política, para o filósofo, é uma dimensão essencial da vida em sociedade, pois é na *pólis* que o ser humano pode exercer sua natureza por meio da convivência e do diálogo.

Ao abordar esse tema, incentive os estudantes a refletir sobre a ideia de que a política vai além de uma função burocrática e está diretamente ligada à cidadania e à busca por uma vida virtuosa. Explique como a linguagem desempenha um papel fundamental na organização social, permitindo a comunicação de ideias e a avaliação de julgamentos éticos.

Além disso, promova discussões sobre o conceito de *zoon politikon*, destacando que Aristóteles via o ser humano como um "animal político", cuja existência ganha sentido no espaço coletivo. Estimule os estudantes a comparar essa visão com a realidade contemporânea, questionando como a política pode ou não estar cumprindo esse papel de aprimoramento da condição humana nas sociedades modernas.

A discussão proposta contribui para o trabalho com as habilidades **EM13CHS102**, **EM13CHS201** e **EM13CHS303** e para a construção das competências **CGEB2**, **CGEB4** e **CGEB6**.

Sugestão para o professor

» **Aristóteles. *Política*. Tradução: Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: Edipro, 2019.**

Clássico da filosofia política, esse livro é fundamental para entender o pensamento político ocidental. Explora temas como Estado, cidadania, justiça e ética política.

O fazer político (Página 188)

Ao abordar esse tópico com os estudantes, é importante destacar a visão de Hannah Arendt sobre a política como espaço de ação e discurso, enfatizando a importância da pluralidade e da participação coletiva. Arendt propõe que a política vai além da simples administração técnica ou do exercício do poder por alguns sobre muitos. Para a autora, na verdade esse conceito implica o espaço onde as pessoas se reúnem para discutir e deliberar sobre questões que afetam a todos. Incentive os estudantes a refletir acerca do papel da pluralidade e da singularidade no debate público, mostrando como cada indivíduo pode contribuir com suas ideias para o bem comum.

Além disso, vale a pena destacar a distinção entre a política tal como vista por Arendt e a visão de outros autores, como Max Weber e Carl Schmitt, evidenciando que, para Arendt, a política não deve ser um espaço de violência ou de dominação, mas de colaboração e construção coletiva. Para facilitar a discussão, proponha atividades em que os estudantes simulem debates sobre questões relevantes para as sociedades, praticando a ação política em seu sentido mais autêntico, conforme Arendt descreve.

Conduza os estudantes a entenderem a importância do engajamento público e da responsabilidade coletiva na manutenção da vida democrática.

A discussão proposta nesse tópico contribui para o trabalho com as habilidades **EM13CHS102**, **EM13CHS303** e **EM13CHS405** e para a construção das competências **CGEB2**, **CGEB4** e **CGEB6**.

Sugestão para o professor

» Freire, Paulo. *Política e educação*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção Questões de Nossa Época, 23).

Nessa obra, Paulo Freire trata da política como um processo coletivo de transformação e emancipação social. Freire enxerga a política como espaço de diálogo e ação conjunta no qual a construção coletiva do saber e da justiça social são centrais.

A política no cotidiano (Página 189)

Inicie a abordagem do conteúdo da página incentivando os estudantes a refletir sobre a presença da política em seu cotidiano, ressaltando que ela não se limita ao âmbito governamental ou às grandes instituições. Importa destacar que a política envolve nossas ações diárias, escolhas e interações sociais, como ocorre nas discussões sobre direitos, na participação em movimentos populares e até em pequenos gestos de solidariedade. Favoreça o entendimento de que, mesmo que os estudantes não se deem conta, a vida deles está muito conectada à prática política. Dessa forma, eles poderão entender que o engajamento na política do dia a dia é essencial para o fortalecimento da cidadania e a construção de uma sociedade mais justa e democrática.

BOXE AÇÃO E CIDADANIA

O conteúdo do boxe aborda a relevância de incluir a educação política e os direitos da cidadania no currículo escolar. Introduza os conceitos de cidadania, democracia e participação social de forma acessível e conectada à realidade dos estudantes, promovendo discussões sobre seus direitos e deveres como cidadãos. Em seguida, mencione exemplos práticos da vida cotidiana, incentivando o engajamento político responsável e mostrando como as decisões políticas impactam diretamente a vida em sociedade. Dessa maneira, os estudantes poderão perceber a importância de se tornarem cidadãos conscientes e ativos.

1. Resposta pessoal. Para criar um programa de educação política nas escolas, é essencial enfocar valores como democracia e participação, responsabilidade e cidadania, diversidade e inclusão, transparência e ética, e pensamento crítico.

O programa concebido pelos estudantes deve viabilizar que os secundaristas reconheçam a importância da participação ativa no processo democrático, os direitos e deveres dos cidadãos e o funcionamento dos três poderes do governo. Deve também favorecer que se compreendam o sistema eleitoral, a importância do voto e as formas de engajamento além das eleições, como o envolvimento em conselhos comunitários e movimentos sociais. Recomenda-se também que esse programa preveja o ensino de habilidades de resolução de conflitos e diálogo construtivo, preparando os secundaristas para o exercício da cidadania ativa e responsável.

A discussão proposta contribui para o trabalho com as habilidades **EM13CHS102**, **EM13CHS103** e **EM13CHS405**.

Sugestão para o professor

» **Menezes, Francisco Hugo P. *et al*. Uma análise sobre a importância da educação política no ensino básico brasileiro para a formação cidadã dos indivíduos. *In*: Encontro de Pesquisa e Extensão da Faculdade Luciano Feijão, 7., 2014, Sobral. *Anais* [...]. Sobral: Faculdade Luciano Feijão, 2014. Disponível em: https://flucianofeijao.com.br/faculdade/site_novo/anais/servico/2014/Direito/UMA_ANALISE_SOBRE_A_IMPORTANCIA_DA_EDUCACAO_POLITICA.pdf. Acesso em: 8 set. 2024.**

Pautada em pesquisas bibliográficas, a obra aborda os benefícios da educação política nas escolas, enfocando projetos de lei e ações promovidas pela sociedade.

Novos agentes políticos (Páginas 190 e 191)

Ao abordar a redemocratização, destaque que esse processo, iniciado na década de 1980, com o fim da ditadura militar, restaurou a democracia no Brasil, viabilizando eleições diretas e uma nova Constituição, o que permitiu a representação de movimentos sociais e de grupos historicamente marginalizados, como negros, feministas, indígenas e a comunidade LGBTQIA+.

Cite o surgimento de movimentos conservadores e o modo como a pluralidade política enriqueceu a democracia, mas também trouxe desafios, como a necessidade de conciliar diferentes interesses e enfrentar ameaças autoritárias. Utilize os conceitos de Arendt e Habermas para ilustrar como a política se realiza mediante a ação e o discurso público e ressalte a relevância do debate racional para a legitimidade democrática.

Encoraje os estudantes a refletir sobre os avanços e os desafios da redemocratização e a importância de garantir que a política se configure como espaço de inclusão e diálogo.

BOXE REFLEXÃO

O conteúdo do boxe trata de política e violência. O texto citado explica que o pensamento político de Hannah Arendt se baseia na análise de eventos históricos excepcionais, como a formação da *pólis* grega e as revoluções modernas. Essas análises ajudam a entender aspectos fundamentais da política, como a capacidade humana de agir conjuntamente e discutir questões de interesse comum. As distinções feitas por Arendt não são meramente teóricas ou idealizadas, mas enraizadas em momentos históricos significativos que revelam o verdadeiro caráter da política.

1. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes associem o texto de André Duarte às reflexões sobre política propostas no capítulo de tal modo que eles considerem outras formas de ação política mais eficazes do que a violência.

A discussão proposta contribui para o trabalho com as habilidades **EM13CHS103**, **EM13CHS104**, **EM13CHS402** e **EM13CHS405** e para a construção da **CGEB6**.

Quando religião e política se misturam (Páginas 192 e 193)

Inicie a abordagem do conteúdo destacando a complexidade e os diferentes aspectos da relação entre religião e política. A laicidade do Estado, que busca separar instituições religiosas e governamentais, é um princípio fundamental em muitas democracias modernas. No entanto, a influência religiosa pode moldar decisões e políticas públicas de maneira significativa.

Mencione que no Brasil, por exemplo, o aumento da participação de grupos religiosos no debate público e a presença crescente das bancadas religiosas no Congresso refletem como as crenças religiosas podem impactar a formulação de políticas, sobretudo para temas controversos, como educação sexual e direitos reprodutivos. Enfatize que esse fenômeno não é exclusivo do Brasil; nos Estados Unidos e no Afeganistão, a influência religiosa também afeta decisões políticas e direitos individuais.

Por outro lado, a religião pode inspirar ações progressistas. Iniciativas como o MST, no Brasil, e o Movimento pelos Direitos Civis, nos Estados Unidos, mostraram como líderes e comunidades religiosas podem lutar por justiça social e igualdade.

A discussão proposta contribui para o trabalho com as habilidades **EM13CHS103**, **EM13CHS104**, **EM13CHS402** e **EM13CHS405**.

Sugestão para o professor

» **Gabatz, Celso. O desafio da laicidade diante do fundamentalismo religioso numa sociedade multicultural e pluralista: perspectivas, interlocuções e diálogos. *In*: Seminário Internacional de demandas sociais e políticas públicas na sociedade contemporânea, 8.; Mostra Internacional de Trabalhos Científicos, 9., 2016, Santa Cruz do Sul. *Anais* [...]. Santa Cruz do Sul: Unisc, 2016.**

Esse artigo apresenta uma discussão sobre os limites e os riscos oferecidos pelas convicções religiosas no âmbito da laicidade na realidade brasileira contemporânea.

BOXE REFLEXÃO

O conteúdo do boxe aborda o uso político de discursos religiosos em contextos eleitorais, propiciando a discussão sobre a laicidade do Estado e a busca pelo bem comum.

1. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes comentem, em suas respostas, que o uso político de discursos religiosos pode desviar o foco das campanhas políticas, afastando-as da apresentação de propostas sólidas para a sociedade em prol de narrativas passionais que apelam exclusivamente aos sentimentos religiosos dos eleitores, desconsiderando a laicidade do Estado e a busca pelo bem comum a toda a sociedade, independentemente do credo e da fé professados por indivíduos e grupos.

Atividades (Páginas 194 e 195)

1. Resposta correta: alternativa **c**. Na perspectiva de Aristóteles, o fazer político, compreendido como busca pelo bem comum, detém primazia sobre todas as demais atividades.
2. Resposta correta: alternativa **c**. Os textos citados abordam a característica gregária dos seres humanos, dos quais, portanto, pode-se dizer que são propensos à articulação coletiva.
3. Resposta correta: alternativa **e**. Na perspectiva de Arendt, a manutenção do debate na esfera pública não pode ocorrer em sua plenitude quando há coerção. Dessa forma, a publicidade de massa propicia o declínio do debate político em tal esfera.
4. Resposta correta: alternativa **c**. No trecho apresentado, Arendt defende que os agentes de uma nova ação sempre agem sob a influência de teias preexistentes de ações anteriores.
5. Resposta correta: alternativa **b**. Segundo a perspectiva de Habermas, a manipulação de opiniões impede o consenso, e o projeto emancipatório é construído a partir do diálogo. Assim, está correto o que se afirma em I e IV.
6. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes evidenciem suas reflexões sobre o que compreenderam como política, com base nas discussões desenvolvidas no capítulo.

Estúdio filosófico: O fenômeno político em Jürgen Habermas (Páginas 196 e 197)

Essa seção expõe algumas abordagens do filósofo Jürgen Habermas, importante pensador da política e da importância da discussão racional sobre as questões relativas aos seres humanos como indivíduos que vivem em conjunto.

Para abordar o pensamento de Habermas, destaque como sua teoria complementa a visão de Hannah Arendt sobre a política. O filósofo e sociólogo alemão é conhecido por sua teoria da ação comunicativa e defesa da democracia deliberativa. Ele argumenta que a legitimidade das instituições democráticas vem da comunicação racional e do consenso alcançado por meio do debate público. Sua proposição, exposta em *Teoria do agir comunicativo* (1981), enfoca a importância da participação cidadã e do discurso livre para a justiça social, oferecendo uma perspectiva adicional à análise de Arendt sobre política, violência e administração.

PARA CONCLUIR

1. O texto afirma que é crucial que os sujeitos jurídicos privados, no exercício comum de sua autonomia política, tenham clareza sobre interesses e padrões justificados e cheguem a um consenso sobre aspectos relevantes. Isso é fundamental para garantir que o que é igual seja tratado como igual e o que é diferente seja tratado como diferente. Esse consenso é necessário para que todos possam desfrutar das mesmas liberdades subjetivas. Espera-se que os estudantes consigam, minimamente, identificar essas ideias no texto.
2. As democracias, incluindo a brasileira, enfrentam uma crise marcada por diversos fatores. A polarização política crescente e a erosão da confiança nas instituições são preocupantes, exacerbadas por desinformação e discursos de ódio. Além disso, a corrupção e a falta de transparência corroem a credibilidade dos sistemas políticos. A crise econômica e a desigualdade social também contribuem para o descontentamento e a instabilidade. Em muitos casos, esses desafios geram uma crise de legitimidade. Por conseguinte, a população questiona a eficácia e a representatividade das democracias, o que provoca enfraquecimento das práticas democráticas e aumento da insatisfação pública.
3. A construção de consensos por meio de debates racionais e livres é crucial para a política e as liberdades democráticas. Esses debates garantem que as decisões políticas sejam inclusivas e se baseiem em extensa consideração de diferentes perspectivas, aumentando a legitimidade das políticas e assegurando que os direitos e as liberdades individuais sejam respeitados e ampliados.
4. O texto sugere que a política nas democracias estabelecidas está perdendo sua autoconsciência e orientação devido à pusilanimidade predominante e ao fato de que, mesmo que a democracia continue sendo o ideal das populações, as instituições existentes da liberdade não são mais inatacáveis. Há uma inquietação profunda derivada do pressentimento de que, em uma época de política inteiramente secularizada, não se pode ter nem manter um Estado de direito sem uma democracia radical.

A discussão proposta na seção contribui para o trabalho com as habilidades **EM13CHS103**, **EM13CHS104**, **EM13CHS402** e **EM13CHS405**.

Sugestão para o professor

» **Buber, Martin. *Eu e tu*. Tradução: Newton Aquiles von Zuben. 10. ed. 3. reimp. São Paulo: Centauro Editora, 2009.**

Nessa obra, Buber explora as relações humanas sob uma perspectiva filosófica e existencial, descrevendo como os indivíduos interagem uns com os outros e com o mundo em termos de "Eu-Tu", em relação direta, pessoal e autêntica, e "Eu-Isso", em relação objetificadora e impessoal. O livro reflete sobre o sentido de comunidade e a convivência entre as pessoas.

Ampliando: As incômodas filhas de Eva (Páginas 198 e 199)

Essa seção tem o intuito de mostrar aos estudantes outros olhares filosóficos sobre o conteúdo abordado no capítulo. Inicialmente, é importante destacar a relevância da filosofia e da teologia de Ivone Gebara como uma ponte entre política e religião, ressaltando a crítica dessa freira católica ao colonialismo e ao patriarcado na América Latina. Para isso, enfatize o ecofeminismo de Gebara, que vincula a luta pela justiça social e de gênero à questão ecológica, e a forma como sua perspectiva oferece uma visão crítica do impacto histórico da imposição religiosa e das desigualdades desta resultantes.

Incentive os estudantes a refletir sobre como o discurso religioso pode ser usado tanto para legitimar práticas opressivas quanto para impulsionar movimentos de libertação e transformação social. Além disso, discutir o contexto latino-americano, marcado por exploração e desigualdade, e explorar a maneira como o pensamento de Gebara propõe uma nova leitura das tradições religiosas à luz das descobertas científicas e de uma consciência ecológica global são práticas que podem ampliar o entendimento da interseção entre fé, política e justiça.

1. O texto retrata a relação entre religião e política como uma infiltração mútua, na qual lideranças religiosas se envolvem na política, e lideranças políticas buscam alianças religiosas. Tal relação é vista sob o viés da manutenção da antiga ordem, que distinguia os poderes espiritual e material, ou da ruptura com essa ordem. O impacto na sociedade atual é significativo, pois cria um ambiente de insegurança e polarização. Espera-se que os estudantes encontrem no texto esses elementos que integram a argumentação.
2. Porque a crítica não se restringe a aspectos específicos da religião, mas aborda a fundamentação filosófica que sustenta a teologia cristã tradicional. A estrutura antropocêntrica/androcêntrica do cristianismo contribuiu para uma visão limitada das relações humanas com o mundo natural, reafirmando, por meio dos mitos de criação, que a Terra é voltada para o homem e dominada por este.
3. A igualdade de gênero e o cuidado com a natureza podem contribuir para um mundo melhor, promovendo justiça social e uma convivência mais harmônica entre humanos e o meio ambiente. Ao integrar esses valores, poderíamos alcançar uma coexistência pacífica e equilibrada, respeitando tanto a vida humana quanto a dos animais, propiciando um futuro mais sustentável e inequívoco.

CAPÍTULO 12 NÓS SOMOS O ESTADO (Página 200)

Neste capítulo, trabalha-se o conceito de Estado, poder e democracia e analisa-se a fundamentação de suas bases na Modernidade. Discute-se, ainda, a importância de uma estrutura política voltada para o bem-estar comum e a segurança dos cidadãos, além da necessidade de reflexão acerca do tipo de vida que queremos levar em sociedade.

No contexto atual das redes sociais e da vasta quantidade de informações que circulam constantemente, conceitos fundamentais que sustentam as sociedades políticas modernas muitas vezes são entendidos de forma vaga e genérica, levando a rejeições frequentes. Um exemplo é o conceito de Estado, alvo comum de críticas severas que aludem a sua suposta inutilidade, ao favorecimento das classes dominantes e/ou ao autoritarismo. No entanto, a compreensão clara do Estado é complexa e pode ser confusa.

Para explorar o conceito de Estado, é crucial considerar como ele foi caracterizado ao longo da história do pensamento político, adaptando-se às mudanças histórico-políticas. O Estado, como o conhecemos, é uma criação da Modernidade, distinta das formas de sociedades políticas que o antecederam.

Em uma definição inicial de Estado, este representa a organização político-jurídica de uma sociedade e tem como objetivo promover o bem comum em determinado território por meio de um governo específico. O Estado pode ser visto de duas maneiras: como processo de auto-organização da sociedade, consistindo, portanto, em uma extensão de todos nós, e como estrutura administrativa centralizada que governa a sociedade a partir de uma posição externa. Ambas as perspectivas ajudam a compreender o papel e a natureza do Estado na sociedade contemporânea.

RESPOSTAS ÀS QUESTÕES

1. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes respondam que o Estado é uma forma de organização que tem o objetivo de administrar e regulamentar a vida em sociedade. Ele é composto de instituições, como o governo, o sistema judiciário e a polícia, que trabalham juntas para criar e aplicar leis, proteger os direitos dos cidadãos e garantir a ordem. Sua principal função é promover o bem-estar geral, assegurando que todos tenham acesso a serviços essenciais, como saúde, educação e segurança.
2. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes respondam que os seres humanos precisam de um Estado para viver bem e que, sem isso, seria muito difícil manter a ordem e garantir o acesso de toda a população a serviços básicos. O Estado ajuda a resolver conflitos, protege os direitos das pessoas e cria regras que ajudam as sociedades a funcionar de maneira mais organizada.

A discussão proposta contribui para o trabalho com as habilidades **EM13CHS103**, **EM13CHS106**, **EM13CHS301** e **EM13CHS405** e para a construção das competências **CGEB1**, **CGEB2**, **CGEB4** e **CGEB6**.

Sugestão para o professor

» **Hobbes, Thomas. *Leviatã ou Matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil*. Tradução: Rosina D'Angina. São Paulo: Martin Claret, 2014.**

Nessa obra, Hobbes discute a necessidade de um Estado forte e centralizado para garantir a paz e a ordem social. Ele vê o Estado como um "leviatã", entidade soberana que protege os indivíduos da natureza caótica que os caracteriza.

Algumas formas de pensar o Estado (Páginas 201 e 202)

Para explicar o conceito de Estado aos estudantes, destaque que, embora o Estado seja uma ideia moderna, sua formação começou no século XIII na Europa. Nicolau Maquiavel, um pensador importante da época, foi pioneiro em entender o Estado como um poder centralizado e soberano. Maquiavel rompeu com a moral tradicional da Idade Média e defendeu que o soberano deve usar a violência de forma moderada para manter o equilíbrio entre grupos conflitantes, sem cair na tirania. Em *O Príncipe*, Maquiavel oferece conselhos sobre preservação da ordem, mas seu objetivo é estabelecer um Estado que garanta a liberdade civil e eventualmente leve a uma organização política mais estável, como a República.

Explique aos estudantes que Thomas Hobbes vê o Estado como criação artificial resultante do contrato social para substituir o caos do estado de natureza. No *Leviatã*, Hobbes descreve um Estado soberano e absoluto que centraliza o poder para garantir a ordem.

John Locke concorda com a origem do Estado, mas defende que deve ser limitado e garantir a liberdade dos cidadãos. Em *Dois tratados do governo civil*, Locke propõe a separação dos poderes em Legislativo e Executivo para evitar a concentração de poder e assegurar a participação dos cidadãos.

Charles de Montesquieu aprimora a separação dos poderes, introduzindo o Judiciário e criando um sistema em que os poderes são distintos, mas interdependentes; tal sistema seria a base do Estado liberal moderno. Essas ideias mostram como a Filosofia influenciou a construção das instituições políticas.

BOXE INTERAÇÃO

1. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes sejam capazes de relacionar as ideias de ao menos um dos autores citados sobre o poder coercitivo do Estado e a tira de Mafalda, que compara o poder policial ao de vitaminas.

A discussão proposta contribui para o trabalho com as habilidades **EM13CHS103**, **EM13CHS202**, **EM13CHS301** e **EM13CHS403** e para a construção da competência **CGEB5**.

Sugestão para o professor

» **Maquiavel, Nicolau. *O Príncipe*. Tradução: Fábio Kataoka. Belo Horizonte: Garnier, 2023.**

Essa obra oferece uma abordagem direta acerca da natureza e do poder político, defendendo conceitos pragmáticos, entre os quais a ideia de um governante ser capaz de agir sem restrições morais para manter o controle do Estado que chefia.

O Estado como o conhecemos (Páginas 203 e 204)

Mencione aos estudantes que o conceito de Estado na América Latina, especialmente no Brasil, é moldado por um longo histórico de influências coloniais e tentativas de construção nacional. O Estado latino-americano herdou características da administração colonial europeia, como a centralização e a burocracia. Destaque que, no Brasil, o patrimonialismo, descrito por Sérgio Buarque de Holanda, reflete a mistura entre esferas públicas e privadas, resultando em práticas de clientelismo e favoritismo. Apesar de ter uma estrutura republicana e federal, o Brasil ainda enfrenta desafios relacionados à corrupção e ao carreirismo político. Em contraste, muitos estados europeus desenvolveram-se através de processos internos de centralização e construção de identidades nacionais, os quais culminaram em Estados mais homogêneos e consolidados.

A discussão proposta contribui para o trabalho com as habilidades **EM13CHS103**, **EM13CHS104** e **EM13CHS302**.

De onde vem o poder? (Página 204)

Ao explorar o conceito de poder político, é fundamental conduzir os estudantes por uma compreensão multidimensional do tema. Apresente a definição básica de poder político: a capacidade de um Estado, por meio de seu governo, ordenar e fazer cumprir regras entre seus cidadãos. Explique que o poder é essencialmente a habilidade de influenciar o comportamento dos outros. Introduza as definições de Max Weber e Michel Foucault para oferecer uma perspectiva diversificada sobre o conceito.

Incentive os estudantes a comparar e contrastar os tipos de poder descritos por Weber e Foucault. Pergunte como cada conceito de poder pode ser observado em diferentes aspectos da sociedade e das relações sociais. Por exemplo: "Como o poder carismático de um líder pode coexistir com o poder legal-racional estabelecido pela Constituição?".

Encoraje uma discussão crítica sobre a eficácia e os limites dos diferentes tipos de poder. Pergunte aos estudantes como a presença predominante de um tipo de poder pode impactar a governança e a cidadania. Avalie as respostas considerando a profundidade da análise e a conexão entre teoria e prática.

A discussão proposta contribui para o trabalho com as habilidades **EM13CHS104**, **EM13CHS305** e **EM13CHS403**.

Sugestão para o professor

» **Osorio, Jaime Sebastian. Sobre o Estado, o poder político e o Estado dependente. *Temporalis*, Brasília, DF, v. 17, n. 34, p. 25–51. Disponível em: https://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/17820/pdf_1. Acesso em: 23 set. 2024.**

Esse artigo traz elementos que determinam e definem o Estado e o poder político em geral.

Paradoxos da democracia (Página 205)

Inicie a abordagem do conteúdo com uma revisão dos conceitos básicos de democracia, como liberdade, igualdade e participação popular, para assegurar o entendimento desses princípios fundamentais. Em seguida, explique os paradoxos e as críticas históricos, a começar pelos de Platão. Comente por que esse filósofo criticava a democracia e de que maneira suas ideias refletem preocupações sobre a capacidade de decisão dos cidadãos. Estimule a reflexão sobre a diferença entre teoria e prática na democracia.

Promova a análise dos desafios enfrentados por democracias na tentativa de equilibrar liberdade e igualdade. Depois, discuta casos em que a liberdade econômica resultou em desigualdades significativas. Discuta também o impacto da livre economia na justiça social e na igualdade de oportunidades.

A discussão proposta contribui para o trabalho com as habilidades **EM13CHS103**, **EM13CHS305** e **EM13CHS401**.

Um Estado democrático de direito? (Página 206)

Explique aos estudantes que o Estado de direito é uma estrutura política e jurídica na qual o poder é exercido conforme leis estabelecidas a que todos, incluindo os governantes, estão sujeitos. Mencione que esse conceito surgiu para limitar o poder absoluto e garantir direitos individuais, contrastando com sistemas autoritários. Enfatize que, em um Estado democrático de direito, a separação de poderes e a participação popular são essenciais, e o respeito aos direitos humanos e à lei é fundamental para assegurar uma sociedade justa e equilibrada.

BOXE AÇÃO E CIDADANIA

1. Resposta pessoal. A principal diferença entre obedecer às leis e obedecer a um tirano está na legitimidade e na justiça do poder. Obedecer às leis significa seguir um sistema de regras imparciais estabelecidas democraticamente que visa garantir direitos e deveres justos para todos os cidadãos. Em contraste, obedecer a um tirano significa submeter-se a um indivíduo que exerce o poder de forma absoluta e pessoal, frequentemente desrespeitando direitos e impossibilitando contestações. Portanto, a obediência às leis promove justiça e igualdade, enquanto a obediência a um tirano pode levar a abusos e injustiças.
2. Resposta pessoal. A Constituição Federal Brasileira de 1988 estabelece os direitos fundamentais que sustentam o Estado brasileiro, incluindo dignidade humana, igualdade, liberdade de expressão e processo legal adequado. Ela garante direitos sociais, como saúde, educação, trabalho e previdência, e protege direitos individuais, coletivos e difusos, como liberdade de consciência e privacidade. Também assegura direitos políticos, como o voto e a participação política. Em resumo, a Carta Magna fundamenta o Estado democrático de direito de modo a promover justiça social e proteção das liberdades individuais.

A discussão proposta contribui para o trabalho com as habilidades **EM13CHS104**, **EM13CHS306** e **EM13CHS401** e para a construção da **CGEB3**.

Sugestão para o professor

» Diamond, Larry. *O espírito da democracia*: **como enfrentar os inimigos da liberdade. Curitiba: Atuação, 2015.**

O sociólogo estadunidense Larry Diamond examina o estado atual da democracia ao redor do mundo, incluindo o fenômeno da "recessão democrática", e oferece reflexões sobre como revitalizá-la diante de ameaças autoritárias.

Como morrem as democracias? (Página 207)

Comente com os estudantes que, no livro *Como as democracias morrem*, Steven Levitsky e Daniel Ziblatt destacam que a preservação das democracias depende não apenas de leis formais, mas também de normas informais, como a tolerância mútua e a reserva institucional. Os autores identificam quatro sinais de alerta para comportamentos autoritários: rejeição das regras democráticas; negação da legitimidade dos oponentes; incentivo ou tolerância à violência; restrição das liberdades civis e censura da mídia. Esses sinais podem indicar que a democracia está em perigo e devem ser monitorados com vistas à proteção da integridade do sistema democrático.

BOXE REFLEXÃO

Incentive os estudantes a ler o texto do boxe. Mencione, que de acordo com o texto, a Geração Z, a mais diversa da história dos Estados Unidos, começou a se mobilizar pela democracia multirracial durante a presidência de Donald Trump. Mencione também que, embora historicamente a taxa de votação entre jovens seja baixa, a Geração Z demonstrou crescente apoio a causas como Black Lives Matter e interesse em questões relativas à imigração. Isso se tornou especialmente relevante, pois a maior participação juvenil pode contrabalançar a influência conservadora dos eleitores mais velhos, promovendo uma democracia mais inclusiva.

1. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes respondam que muitos jovens estão mais comprometidos com valores democráticos e com assuntos políticos e sociais. Isso pode ser explicado por várias razões. Primeiro, a Geração Z tem maior facilidade de acesso à informação por causa das redes sociais e da internet, que lhe permite ser bem-informada sobre o que acontece no mundo. Além disso, questões relativas a justiça social, meio ambiente e diversidade têm ganhado destaque e atraído a atenção de muitos jovens.
2. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes respondam que o aumento no comparecimento de jovens entre 16 e 17 anos nas eleições pode ser explicado por fatores como: maior conscientização sobre a importância do voto e sobre como ele pode influenciar mudanças na sociedade; campanhas de educação política e envolvimento de figuras públicas jovens, o que pode motivar essa faixa etária a participar mais; maior acesso à informação; maior facilidade de obtenção do título de eleitor.

A discussão proposta contribui para o trabalho com as habilidades **EM13CHS102**, **EM13CHS305** e **EM13CHS403** e para a construção das competências **CGEB1**, **CGEB2** e **CGEB3**.

Atividades (Páginas 208 e 209)

1. Resposta correta: alternativa **b**. Na passagem destacada, é possível observar a separação entre ética e política na proposta de Maquiavel.
2. Resposta correta: alternativa **d**. A teoria de Hobbes embasa e fundamenta a monarquia absolutista.
3. Resposta correta: alternativa **d**. O estabelecimento de limites aos atores públicos e instituições do governo são características de um Estado com divisão e independência entre os poderes.
4. Resposta correta: alternativa **a**. O conceito de Weber que aborda a mistura entre interesses pessoais e familiares e as instituições do Estado é o patrimonialismo.
5. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes avaliem que a rejeição ou a fraca aceitação das regras democráticas do jogo pode minar a confiança pública nas instituições, polarizar a sociedade e enfraquecer a legitimidade do processo eleitoral. Quando líderes políticos questionam a integridade das eleições ou manipulam as regras, isso aumenta a desconfiança e a apatia entre os eleitores, facilitando a ascensão de regimes autoritários.
6. Correspondência correta, de cima para baixo: 4, 1, 2 e 3.

Estúdio filosófico: O totalitarismo em Hannah Arendt (Páginas 210 e 211)

A seção traz algumas abordagens da filósofa Hannah Arendt sobre política e democracia, dando continuidade aos conteúdos abordados no capítulo.

Ao mencionar o pensamento de Hannah Arendt com os estudantes, é fundamental destacar a relevância das reflexões dessa filósofa alemã sobre a vida política e a importância da democracia. Mencione que Arendt vivenciou o contexto do totalitarismo nazista, o que a levou a explorar profundamente o impacto desses regimes sobre a política e a convivência humana.

Destaque que, em sua obra *As origens do totalitarismo*, Arendt analisa como os regimes totalitários do século XX, especialmente o nazismo, diferem das formas tradicionais de tirania.

Para enriquecer a discussão , enfatize aos estudantes os três aspectos principais identificados por Arendt como essenciais ao totalitarismo: o uso do terror, a propaganda ideológica e o desdém pela realidade factual. Ressalte que a filósofa argumenta que esses regimes não apenas reprimem a liberdade, mas também destroem a capacidade humana de pensar e julgar de

forma independente. Favoreça o entendimento de que a filosofia de Arendt oferece uma lente crítica para examinar a política e ressalte a importância da manutenção de valores democráticos em contextos de crise.

PARA CONCLUIR

1. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes respondam que os líderes populistas contemporâneos ganham confiança prometendo soluções simples para problemas complexos, tal como fizeram Hitler e Stálin. Esses líderes se apresentam como salvadores e usam retórica e propaganda para mobilizar apoio, manipulando as frustrações das pessoas.
2. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes respondam que as redes sociais aumentam a popularidade de líderes autoritários ao permitir comunicação direta e disseminação de desinformação, funcionando como uma forma moderna de propaganda, alcançando rapidamente o público e criando bolhas de informação.
3. O texto argumenta que a popularidade de Hitler e Stálin pode ser considerada elemento central na desmistificação da ideia de que ambos eram apenas agentes de conspirações maiores.
4. A propaganda totalitária usa terror, ideologia e distorção da realidade para controlar a opinião pública e eliminar críticas. Isso ajuda a legitimar os regimes que se beneficiam dessa estratégia e a suprimir a oposição, facilitando a ascensão e manutenção do poder dos líderes autoritários.

A discussão proposta na seção contribui para o trabalho com as habilidades **EM13CHS102**, **EM13CHS305** e **EM13CHS403**.

Sugestão para o professor

» **Arendt, Hannah. *As origens do totalitarismo*. Tradução: Roberto Raposo. São Paulo: Companhia de Bolso, 2013.**

Nesse livro, Arendt analisa as origens históricas e políticas do totalitarismo, enfocando os regimes nazista e stalinista, além de discutir fenômenos que contribuíram para o surgimento dessas ditaduras totalitárias.

Práticas de pesquisa: Dicionário de termos políticos (Páginas 212 e 213)

Nessa seção, pretende-se que os estudantes desenvolvam as habilidades e as práticas de pesquisa, por meio da elaboração de um dicionário de termos políticos, recurso fundamental para a compreensão precisa e eficaz da terminologia política.

Um dicionário de termos políticos não apenas define palavras, mas também explora suas variações e usos ao longo do tempo por diferentes autores. Ele é essencial para qualquer discussão política, pois fornece um entendimento claro e bem fundamentado dos conceitos discutidos e debatidos.

Explique aos estudantes que um dicionário de conceitos políticos ajuda a revelar como diferentes autores e épocas interpretam termos e ideias. Isso permite uma comunicação mais precisa e alinhada, crucial para a participação política informada e o exercício da cidadania.

No Livro do Estudante é apresentado o passo a passo para a elaboração do dicionário até a disponibilização do resultado (nos formatos impresso e digital) para a escola e a comunidade. Incentive os estudantes a se dedicar ao máximo à atividade, pois isso servirá para enriquecer-lhes o vocabulário.

Encoraje os estudantes a utilizar esses dicionários para aprofundar seu conhecimento e melhorar sua capacidade de articular e discutir conceitos políticos de maneira mais criteriosa e alicerçada.

5 BIOÉTICA: DILEMAS E RESPONSABILIDADES

INTRODUÇÃO

Nesta unidade, será abordada a presença da bioética em nossa vida, em diferentes aspectos, principalmente relacionados à saúde.

No capítulo 13, a concepção de belo é problematizada à luz das percepções de filósofos cujo pensamento foi marcante para os estudos de Estética desde a Antiguidade clássica até o presente. Em seguida, são analisadas as concepções atuais de beleza e as questões bioéticas, que envolvem tanto a autoimagem das pessoas que buscam se enquadrar em determinado padrão de beleza quanto a atuação de indústrias fabricantes de produtos que prometem alcançar esse fim.

O capítulo 14 promove discussões sobre os conceitos de bioética, biopoder e biopolítica, demonstrando que a medicina pode ser usada como forma de controle da vida individual e coletiva.

Já no capítulo 15 analisam-se a expansão da inteligência artificial no nosso cotidiano e os dilemas que essa tecnologia em constante evolução traz para as sociedades humanas, interferindo em diferentes esferas da nossa vida.

Sugestão de planejamento

Sugere-se que o trabalho com a temática da bioética, especialmente no que se refere às discussões sobre corpo e saúde, seja desenvolvido em parceria com o professor de Biologia. O trabalho com as temáticas de biopolítica e necropolítica também favorece o diálogo com os componentes curriculares História e Sociologia. A proposta de produção de um *podcast*, apresentada na seção *Práticas de texto*, em especial, representa um momento oportuno para o trabalho interdisciplinar com os professores de Linguagens.

Objetivos da unidade

- Compreender o conceito de bioética e identificar sua presença no cotidiano.
- Analisar a concepção de belo e suas transformações ao longo do tempo, bem como sua influência em diferentes contextos sociais e temporais.
- Estudar as modificações corporais que visam alcançar um ideal de beleza ou de saúde.
- Refletir sobre escolhas mais éticas e conscientes que beneficiam o corpo e a vida.
- Analisar as transformações promovidas pela inteligência artificial.
- Refletir sobre a existência de espaços de trabalho específicos para os seres humanos e os possíveis limites da robótica.

COMPETÊNCIAS E HABILIDADES DA UNIDADE

CAPÍTULO	COMPETÊNCIAS GERAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA	COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS E HABILIDADES	TEMAS CONTEMPORÂNEOS TRANSVERSAIS
13	CGEB1, CGEB2, CGEB3, CGEB6, CGEB7, CGEB8, CGEB9 e CGEB10	**CECHSA1:** EM13CHS101 e EM13CHS104 **CECHSA2:** EM13CHS202 **CECHSA3:** EM13CHS303 **CECHSA4:** EM13CHS403 **CECHSA5:** EM13CHS501, EM13CHS502, EM13CHS503 e EM13CHS504 **CELT1:** EM13LGG102 **CELT5:** EM13LGG503 **CELT6:** EM13LGG602 **CELT7:** EM13LGG701	Saúde
14	CGEB1, CGEB5, CGEB6, CGEB8, CGEB9 e CGEB10	**CECHSA1:** EM13CHS101 e EM13CHS103 **CECHSA2:** EM13CHS202 **CECHSA3:** EM13CHS303 **CECHSA4:** EM13CHS401 **CECHSA5:** EM13CHS501 e EM13CHS504 **CECHSA6:** EM13CHS606 **CELT2:** EM13LGG202 **CELT5:** EM13LGG502 **CELT7:** EM13LGG702	Saúde; Ciência e tecnologia
15	CGEB3, CGEB5, CGEB7, CGEB8 e CGEB10	**CECHSA1:** EM13CHS101 **CECHSA2:** EM13CHS202 **CECHSA3:** EM13CHS303 e EM13CHS304 **CECHSA4:** EM13CHS401 e EM13CHS403 **CECHSA5:** EM13CHS501, EM13CHS502 e EM13CHS504 **CECNT:** EM13CNT304	Ciência e tecnologia; Educação em direitos humanos

ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS

ABERTURA DE UNIDADE (Páginas 218 e 219)

Para iniciar a discussão, explique aos estudantes que as pesquisas com DNA recombinante realizadas na década de 1970 possibilitaram cortar e manipular as cadeias dessa estrutura, dando origem a uma área do conhecimento chamada engenharia genética. Em 1990, iniciou-se o Projeto Genoma Humano, que tinha o objetivo de decodificar os 3 bilhões de pares básicos do genoma humano. Concluído em 2003, o resultado desse projeto possibilitou uma série de avanços científicos, de modo que, atualmente, a humanidade controla diversas técnicas de modificação genética relacionadas a hereditariedade e reprodução, entre outras.

Como uma forma de trazer esses conhecimentos para a realidade mais próxima dos estudantes, você pode mencionar que os transgênicos foram criados em decorrência desses estudos genéticos. Destaque a presença dos transgênicos nos produtos industrializados e a importância desses conhecimentos para os estudos relativos à clonagem. Comente com a turma o fato de este ser um assunto amplamente estudado nas Ciências Biológicas.

Após essa apresentação prévia, converse com os estudantes sobre a necessidade de limitar a exploração científica para que evitemos, como no romance da escritora britânica Mary Shelley, a criação de Frankensteins. Estimule discussões sobre esse assunto, questionando a turma sobre a necessidade de estabelecer limites éticos claros a serem seguidos pelos cientistas. Depois dessa provocação, prossiga com as questões sugeridas.

O trabalho proposto na abertura de unidade favorece a mobilização da habilidade **EM13CHS504** ao analisar os impactos do desenvolvimento tecnológico na genética.

ORGANIZAR IDEIAS

1. Respostas pessoais. Espera-se que os estudantes notem que, embora os avanços genéticos sejam extraordinários, eles vêm acompanhados de uma série de dilemas éticos relativos à intimidade genética dos indivíduos. A Declaração Universal do Genoma Humano, publicada pela Unesco, é uma das bases utilizadas para o estabelecimento de leis em muitos países e foi criada com vistas à proteção dos direitos humanos e à prevenção de violações associadas à investigação genética. Por exemplo, as pesquisas na área de engenharia genética que analisam doenças consideradas genéticas devem orientar-se no sentido de aliviar o sofrimento do indivíduo e viabilizar tratamentos que beneficiem a saúde de toda a humanidade. Assim, a privacidade e a confidencialidade são essenciais para evitar, entre outras consequências, a discriminação baseada na quebra do sigilo genético mediante testes pessoais que indiquem suscetibilidade a doenças futuras. Essa é uma das formas de impedir abusos.
2. Respostas pessoais. Por sua faixa etária, é esperado que os estudantes não conheçam os códigos de ética relacionados a esse assunto. Antes de seguir com o debate e a elaboração de hipóteses, pode-se apresentar à turma a Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos, da Unesco (disponível em: http://www.bioetica.org.br/?siteAcao=DiretrizesDeclaracoesIntegra&id=17; acesso em: 23 ago. 2024), e as Diretrizes para Análise Ética na área de Genética Humana, publicadas em 2004 (disponíveis em: http://www.bioetica.org.br/?siteAcao=DiretrizesDeclaracoesIntegra&id=16; acesso em: 17 ago. 2024).

CAPÍTULO 13 PADRÕES DE BELEZA: DIÁLOGOS SOBRE ESTÉTICA (Página 220)

Esse capítulo discute o conceito de beleza, relacionando-o à bioética. Assim, provoca reflexões sobre as questões éticas concernentes à noção de beleza, à busca por determinados padrões estéticos e à atuação da indústria da beleza em nosso cotidiano.

O objetivo do texto introdutório do capítulo é problematizar a noção de beleza e estimular o estudante a refletir sobre a acepção atual desse conceito, bem como sobre o culto ao corpo jovem, conforme as normativas sociopolíticas e econômicas.

É importante ler a letra da canção de Pitty em sala de aula e, antes de orientar a realização das atividades propostas, pedir aos estudantes que exponham suas percepções sobre a mensagem transmitida pela canção. Outra possibilidade é perguntar a eles o que significa tirar a máscara do rosto e mostrar o verdadeiro jeito de ser. Essas reflexões podem iniciar as discussões que permeiam a unidade.

A abertura de capítulo promove reflexões que viabilizam a construção das competências **CGEB1**, **CGEB2**, **CGEB3** e **CGEB8**.

RESPOSTAS ÀS QUESTÕES

1. Respostas pessoais. O objetivo da questão é incentivar os estudantes a observar seus comportamentos e analisar suas ações cotidianas para reconhecer, de maneira introdutória, os padrões de comportamento que eles seguem.
2. Resposta pessoal. As duas últimas estrofes criticam os padrões de comportamento e de aparência física e conclamam as pessoas a mostrar suas preferências sem os vernizes sociais.
3. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes argumentem que cada sociedade e época apresentam padrões de beleza definidos culturalmente, os quais estabelecem o conjunto de traços e características que definem se uma pessoa é bonita ou não. Incentive os estudantes a perceber que, apesar disso, não existe um padrão de beleza único e universal, comum a todas as sociedades e épocas, e que, portanto, os paradigmas de estética corporal não devem ser essencializados.

Beleza: um conceito filosófico (Página 221)

Nesse tema, propõe-se uma observação do conceito de belo na Filosofia, desde os gregos antigos até meados do século XIX, para que os estudantes identifiquem as transformações desse conceito conforme o contexto social em que estão inseridos.

Comente com os estudantes que se dá o nome "estética" ao campo da Filosofia que estuda o belo, o feio (ou seja, aquilo que é considerado desprovido de beleza) e as emoções provocadas por essas percepções e sensibilidades.

O trabalho proposto nesse tema contribui para o desenvolvimento da habilidade **EM13CHS501** e de aspectos da habilidade **EM13LGG602** ao analisar o conceito de beleza.

BOXE INTERAÇÃO

1. a) Respostas pessoais. É possível que a obra cause certo desconforto nos estudantes. Possibilite que eles exponham suas percepções e incentive-os a observar também outros aspectos da obra que extrapolem o juízo de valor sobre a beleza dela, como o domínio técnico do escultor, as dimensões das esculturas, entre outros.

   b) Resposta pessoal. O objetivo é que os estudantes observem a obra e reflitam sobre como se sentem em relação a ela. Trata-se

de um momento de fruição estética, com base nos debates propostos no texto. Para além do gosto pessoal, os estudantes devem investigar as próprias emoções e levantar hipóteses sobre o sentido da obra. Se necessário, é possível incentivá-los com perguntas como: "Por que será que o escultor optou por essas formas?"; "Por que ele não fez uma escultura realista?".

c) Respostas pessoais. O objetivo é que os estudantes problematizem a ideia de beleza relacionando seus valores culturais ao sentido da obra. Essa proposta favorece a empatia, a alteridade e o respeito pela diversidade, além de possibilitar a investigação dos próprios posicionamentos.

Sugestão para o professor

» Gonçalves, Márcia Cristina Ferreira. *O belo e o destino*: **uma introdução à filosofia de Hegel. São Paulo: Loyola, 2001.**

Nesse livro, a autora apresenta diversos aspectos da filosofia da arte hegeliana, perpassando os fundamentos éticos e políticos dos estudos estéticos de Hegel.

Modificações corporais (Páginas 222 e 223)

Nesse tema, o corpo é entendido como um processo vivo por meio do qual se dão a consciência de si e as experiências. Destaque aos estudantes que, conforme a teoria hegeliana, o indivíduo se reconhece por meio do corpo. A modificação corporal, assim, seria uma das ações do espírito humano para exteriorizar representações de si.

Esclareça que as modificações corporais têm sido historicamente compreendidas como processos que articulam diferentes dimensões do sujeito, resultando em conexões estéticas e sensoriais para a afirmação do eu em relação ao mundo e a si mesmo. Assim, a pessoa que realiza modificações corporais enfatiza sua singularidade e sua autenticidade, de modo que o sujeito e seu corpo se tornem indistintos. Portanto, marcar o corpo é uma forma de apropriar-se de si mesmo.

O trabalho proposto nesse tema favorece a mobilização das habilidades **EM13CHS101**, **EM13CHS104**, **EM13CHS502** e **EM13CHS504**, além de aspectos da habilidade **EM13LGG503**, ao analisar as modificações corporais. As competências **CGEB2**, **CGEB3**, **CGEB6** e **CGEB10** também são abordadas.

BOXE INTERAÇÃO

1. Resposta pessoal. Chame a atenção dos estudantes para o primeiro parágrafo do texto citado e, juntos, reflitam sobre o significado da expressão "determinação do Eu". Se julgar pertinente, retome a discussão sobre o processo de individuação abordado na unidade 1 do Livro do Estudante.
2. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes avaliem seus hábitos, percebendo que as práticas de modificação corporal são cotidianas (cortes de cabelo, bronzeamento, uso de maquiagem, brincos e outros acessórios, etc.). Esse também é o momento de refletir sobre modificações corporais mais profundas, como as analisadas no texto. Aproveite a oportunidade para explorar as imagens que trazem modificações corporais realizadas por povos tradicionais.
3. Respostas pessoais. É importante que, em suas respostas, os estudantes considerem duas dimensões do debate: os padrões de beleza que pressionam o indivíduo e não respeitam a diversidade de corpos, e a saúde mental do indivíduo que não se reconhece em seu próprio corpo.

Bioética (Páginas 224 e 225)

O objetivo desse item é esclarecer o conceito de bioética e tratar das relações desse campo de estudo com o que os estudantes vivenciam em seu cotidiano.

É essencial que os estudantes compreendam que a bioética discute e evidencia os inúmeros dilemas que envolvem o avanço da biotecnologia, da engenharia genética e de campos correlatos, considerando valores sociais, a diversidade moral e os direitos humanos.

Essa proposta contribui para o desenvolvimento da competência **CGEB7** e das habilidades **EM13CHS202**, **EM13CHS403** e **EM13CHS501** ao analisar os conceitos de bioética.

BOXE REFLEXÃO

O boxe apresenta uma reflexão interdisciplinar desenvolvida por uma antropóloga (Debora Diniz) e uma enfermeira (Dirce Guilhem) acerca do significado e da importância da bioética.

1. Resposta pessoal. Como possibilidade de resposta, os estudantes podem dizer que as autoras se referem à tolerância como uma ilusão sedutora e impossível, pois, ao mesmo tempo que o exercício da tolerância se faz fundamental no diálogo entre posições éticas e morais divergentes, o apego excessivo a tais posições pode dificultar esse diálogo.
2. Resposta pessoal. O objetivo dessa questão é que os estudantes reflitam sobre as propostas da bioética não apenas como parâmetros para um diálogo científico, mas também como repertório atitudinal.
3. Atividade de debate. Divida a turma em dois grupos; um deles será responsável por desenvolver um argumento a favor da manipulação genética, e o outro, um argumento contrário. Reserve algum tempo para que os estudantes discutam a temática, façam pesquisas, se necessário, e desenvolvam um argumento coletivo para o grupo. Reforce aos estudantes que não se trata de um debate com vencedores e perdedores e que, portanto, não se trata de provar qual grupo está certo ou errado, mas sim de um exercício em que eles mobilizam sua capacidade de desenvolvimento de argumentos.

A busca pela ação correta (Página 226)

Inicie a abordagem desse tópico destacando aos estudantes que a ética e a moral são dois conceitos fundamentais para a bioética. Antes de solicitar a eles que leiam a explanação apresentada no Livro do Estudante, você pode promover uma roda de conversa para que os jovens explicitem, com suas próprias palavras, o que entendem sobre esses conceitos. Por meio desse diálogo, você poderá identificar os conhecimentos prévios dos estudantes e avaliar quanto necessita intervir para que toda a turma alcance o resultado médio esperado em seu planejamento.

Espera-se que, ao final desse diálogo, os estudantes concluam que, para a Filosofia, ética e moral têm significados diferentes. Enquanto a moral refere-se aos costumes, às regras e aos tabus estabelecidos socialmente, a ética é um conceito mais amplo, que envolve o conjunto de regras e preceitos relacionados aos valores e à moral de um indivíduo, um grupo social ou, até mesmo, uma sociedade.

A discussão proposta nesse tópico contribui para o trabalho com a habilidade **EM13CHS501** e as competências **CGEB2** e **CGEB10**.

Sugestão para o professor

» Canto-Sperber, Monique. *A inquietude moral e a vida humana*. **São Paulo: Loyola, 2005.**

A autora propõe uma série de reflexões sobre a vida humana, abordando teorias morais e princípios éticos essenciais.

Questionando padrões (Página 227)

Dando continuidade às reflexões acerca da ética e da moral propostas na página anterior, destaque aos estudantes que um dos objetivos da ética (talvez o principal deles) é a busca do equilíbrio entre os valores morais e as ações humanas, com a finalidade de alcançar o bom funcionamento da sociedade sem que os indivíduos sejam prejudicados.

Conclua demonstrando como esse equilíbrio dialoga diretamente com a noção aristotélica de que a ética é um guia moral das ações humanas com o objetivo de alcançar a felicidade.

A discussão proposta nesse tópico contribui para o trabalho com a competência **CGEB9** e com as habilidades **EM13CHS501**, **EM13CHS503** e **EM13CHS504**.

BOXE AÇÃO E CIDADANIA

Se julgar pertinente, considere envolver outros docentes e a coordenação pedagógica na condução dessa proposta, de forma a ampliar a atividade e fornecer maior apoio aos jovens na exposição de informações e emoções pessoais relativas a sua autoimagem. Por isso, é importante dialogar previamente com a turma sobre a importância das posturas de respeito, empatia e acolhimento para que todos se sintam confortáveis em reconhecer aspectos sobre o próprio corpo.

1. Respostas pessoais. É importante que os estudantes possam se expressar confortavelmente. Se julgar apropriado, compartilhe experiências pessoais ou relatos de terceiros sobre o assunto.
2. Respostas pessoais. Uma possibilidade é retomar os debates propostos no capítulo sobre as modificações corporais e as pressões relacionadas à adequação aos padrões contemporâneos de beleza.
3. Resposta pessoal. O objetivo dessa questão é que os estudantes reflitam sobre os limites dos cuidados com o corpo e da adequação a um padrão de beleza específico.

Sugestão para o professor

» **Silva, Nayra *et al*. Autoimagem e satisfação corporal em adolescentes escolares. *Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento*, São Paulo, v. 12, n. 75, p. 948-953, 2018. Disponível em: https://www.rbone.com.br/index.php/rbone/article/view/831/614. Acesso em: 23 ago. 2024.**

O artigo expõe uma pesquisa sobre as insatisfações com a imagem corporal em adolescentes da rede estadual de educação de Minas Gerais. As constatações produzidas pelas pesquisadoras podem subsidiar o debate proposto no boxe.

Consumismo e desenvolvimento tecnológico (Páginas 228 e 229)

Você pode iniciar esse tópico sugerindo aos estudantes que busquem imagens que retratem "antes e depois" de pessoas submetidas a procedimentos estéticos ao longo do tempo. Ressalte que é comum que pessoas que se tornam mais conhecidas passem por esses procedimentos para adequar-se ao padrão de beleza estabelecido socialmente, conforme estudamos no início do capítulo, e para satisfazer-se com o próprio corpo.

Outra abordagem possível é refletir sobre a relação entre a felicidade e a satisfação com o próprio corpo. Nesse sentido, você pode propor aos estudantes que façam uma autorreflexão. Sem que eles precisem compartilhar suas conclusões, oriente-os a refletir sobre o grau de satisfação com o próprio corpo, o que gostariam de modificar e quais seriam as escolhas éticas para alcançar essa felicidade esperada.

A reflexão proposta nesse tema contribui para o trabalho com a **CGEB8** e com a habilidade **EM13CHS303**, além de aspectos das habilidades **EM13LGG102** e **EM13LGG701**.

BOXE INTERAÇÃO

1. Resposta pessoal. A proposta dá continuidade ao trabalho iniciado no boxe *Ação e cidadania* da página anterior, aprofundando as percepções dos estudantes sobre os modos como se relacionam com o próprio corpo e sobre a importância de cuidar da saúde mental diante de tantos estímulos para conquistar formas físicas e comportamentos considerados perfeitos.

BOXE REFLEXÃO

Esse boxe propõe uma reflexão acerca da relação entre a mídia, especialmente as redes sociais, e a construção e a perpetuação de padrões de beleza muitas vezes nocivos e irreais. Também convida os estudantes a considerar como a perpetuação desses padrões, por sua vez, contribui para o consumismo.

1. Respostas pessoais. Se julgar conveniente, é possível construir um gráfico com os estudantes para que avaliem quais são as mídias mais consumidas pela turma, com base nas respostas à pergunta apresentada.
2. Resposta pessoal. A reflexão busca conscientizar os estudantes sobre os impactos do *marketing* em seu cotidiano, possibilitando maior liberdade de escolha de consumo. Esse trabalho continuará ao longo da unidade.
3. Respostas pessoais. Os questionamentos que fecham o boxe aprofundam as reflexões propostas até o momento sobre a construção dos desejos de consumo e seus reflexos na autoimagem da população.

Estética e os principais diálogos filosóficos (Página 230)

Nesse tema, retoma-se o conceito de belo apresentado no início do capítulo e aprofundam-se as reflexões sobre tal conceito, relacionando-o com a noção de estética.

"Estética" é uma palavra já conhecida pelos estudantes, porém não necessariamente no que tange à relação desse termo com a Filosofia. Assim, você pode iniciar fazendo um diagnóstico dos conhecimentos prévios dos estudantes sobre estética. É comum que eles mobilizem noções contemporâneas associadas ao senso comum. Não as rejeite, apenas aponte as transformações dessas noções ao longo do tempo, para que os estudantes visualizem com mais clareza a influência do contexto e da historicidade nos significados atribuídos ao termo.

Após essa reflexão inicial, prossiga com a abordagem apresentada no Livro do Estudante, que analisa a origem do estudo da estética na Grécia Antiga e apresenta um panorama que se estende à noção kantiana, ressaltando as mudanças na percepção do belo em cada contexto.

BOXE INTERAÇÃO

1. a) Além de representar visitantes de uma exposição artística, a tira mostra Medusa, figura da mitologia grega capaz de transformar seres humanos em estátuas de pedra, e um homem que, por meio da ação da Medusa, foi transformado em estátua – a mesma estátua que os visitantes apreciam no primeiro quadro.

   b) A tira faz alusão a uma beleza idealizada, sem defeitos, como se fosse esculpida em pedra.

c) Esse ideal está mais próximo da concepção greco-romana de belo, visto que enfatiza uma forma de beleza idealizada.

d) A tira usa o sarcasmo para fazer alusão aos sacrifícios a que algumas pessoas se sujeitam para alcançar um ideal de beleza.

Estética no mundo contemporâneo
(Página 231)

Esse tópico aprofunda as proposições de Kant, que expôs uma aplicação diferente do conceito de beleza ao afirmar que belo é aquilo que satisfaz o espírito. Esclareça que essa concepção moderna transformou a percepção da estética e a compreensão do que é belo, pois, contrapondo-se à concepção clássica, considera a importância da interpretação do sujeito que contempla, de seus sentimentos e de seu entendimento.

Para que os estudantes visualizem esse aspecto subjetivo, apresente-lhes obras de arte abstrata. Pergunte a eles que sensações elas transmitem e que sentimentos despertam. Incentive que estudantes diferentes manifestem suas sensações para que verifiquem a afirmação de Kant de que o belo é um sentimento do sujeito, não um conceito que pode ser aplicado a um objeto.

BOXE INTERAÇÃO

1. Respostas pessoais. Os estudantes podem comentar os gostos e as preferências do autor em relação à arte e às mídias consumidas por ele.
2. Espera-se que os estudantes comentem a fala: "Escrevo à mão e eu mesmo ilustro as páginas dos meus livros. Não é por princípio, é por prazer, eu só sinto prazer de escrever à mão". Para o autor, o fazer artístico manual é uma fonte de prazer. Por isso, ele dispensa a facilidade da tecnologia, como a digitação em um computador, para manter a alegria que sente quando escreve à mão.
3. Resposta pessoal. A atividade retoma os diálogos sobre os padrões de beleza e o conceito de belo. Aproveite a oportunidade para conversar sobre preferências e gostos pessoais, reforçando a importância do respeito à diversidade.

Sugestão para o professor

» **Suassuna, Ariano. *Iniciação à estética*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.**

Nesse livro, o autor introduz a filosofia da beleza e propõe reflexões sobre as teorias do belo, as artes e suas implicações na vida cotidiana.

Atividades **(Páginas 232 e 233)**

1. a) Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes retomem as questões iniciais com um olhar crítico fundamentado nas discussões propostas ao longo do capítulo.

   b) Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes reflitam sobre padrões de comportamento opressores ou que não correspondam a suas identidades, valores e aspirações, os quais porventura tenham sido adquiridos no curso da vida.
2. a) Resposta pessoal. O objetivo é que os estudantes reconheçam a importância da educação para a formação e para o questionamento de gostos e preferências pessoais.

   b) Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes avaliem a dança e a música como manifestações artísticas e possibilidades de existência, já que são comuns à multiplicidade de culturas.
3. a) Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes reconheçam que sim, as fotos apresentam diferentes padrões de beleza, e que não existe algo que seja única e universalmente belo, mas que o sentido de beleza é diverso. Enfatize a relevância da postura de tolerância e empatia promovida pela bioética.

   b) Respostas pessoais. Espera-se que os estudantes confrontem suas noções de estética com padrões de beleza retratados nas fotos e exponham tais noções de modo reflexivo e livre.
4. a) Respostas pessoais. A tira retrata um dilema ético, ou, mais precisamente, a reflexão da personagem Mafalda acerca do dilema ético que lhe foi apresentado (devolver ou não o troco). Espera-se que os estudantes mencionem situações semelhantes que já tenham vivenciado e nas quais tiveram de fazer escolhas ponderando a ética e a obtenção de vantagens.

   b) O dilema é devolver ou não o troco da padaria à mãe. Na tira, Mafalda fez uma escolha ética, isto é, devolveu o troco.

   c) Resposta pessoal. Entre outros elementos, os estudantes podem mencionar que, para tomar a decisão, Mafalda se baseou em sua própria consciência, bem como em valores culturalmente construídos a respeito do que é certo ou errado.

   d) Respostas pessoais. Espera-se que os estudantes evidenciem o que entendem por ação moralmente correta.
5. a) Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes identifiquem que os autores relativizam as supostas verdades científicas que desconsideram a autonomia dos indivíduos e promovem a busca pelos padrões de beleza.

   b) Espera-se que os estudantes, como pacientes e cidadãos, se vejam como protagonistas na relação com os profissionais da saúde, apropriando-se de uma postura ativa. Uma das ações possíveis é fazer perguntas sobre seu estado de saúde aos profissionais, informando-se sobre a real necessidade de um tratamento. Outra possibilidade é avaliar quais são os motivos que podem levar um paciente a buscar determinado padrão: o objetivo é expressar a própria identidade ou atender a uma demanda externa?
6. a) Resposta pessoal. Para auxiliar os estudantes a identificar os ideais de beleza que orientam sua noção de belo, auxilie-os a refletir sobre personalidades que eles acham bonitas e a identificar também o que consideram belo nessas pessoas.

   b) Respostas pessoais. Chame a atenção dos estudantes para a importância de nutrir apreço por eles mesmos e valorizar a própria imagem.

   c) Respostas pessoais. Espera-se que os estudantes reflitam sobre a atitude de ampliar suas percepções do belo para além de um mero conceito ou padrão de corpo perfeito.
7. a) Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes levantem e compartilhem hipóteses sobre a intencionalidade da obra de Mary Shelley. É importante que eles tenham em mente que nem sempre uma produção criativa tem sentido único, mas que, diante disso, é possível observar, na obra-prima de Shelley, elementos que evocam certa preocupação relacionada ao domínio do ser humano sobre a natureza.

   b) Resposta pessoal. Como possibilidade de resposta, os estudantes podem mencionar que a engenharia gênica se vincula às discussões da bioética porque as práticas da primeira devem ser regulamentadas pela segunda, visando beneficiar os seres vivos e sempre considerando o respeito à vida.
8. Resposta correta: alternativa **a**. Espera-se que os estudantes identifiquem que o sujeito racional autônomo é livre para estabelecer a lei moral e agir segundo sua vontade e, com base na perspectiva da filosofia moral de Kant, age de modo moralmente correto.

Estúdio filosófico: O belo em Hegel
(Páginas 234 e 235)

Essa seção tem a finalidade de complementar os conteúdos apresentados no decorrer do capítulo e o faz por meio da análise de algum filósofo que tenha proposto questionamentos importantes sobre determinado conceito. Nesse contexto, estudar o belo em Hegel é essencial para que os estudantes possam realizar e interpretar as diversas análises sobre tal noção.

Inicie mencionando a importância de Hegel para os estudos do belo e comentando que uma de suas principais alegações é que o que se considera belo pode variar de acordo com os povos e ao longo do tempo.

Enfatize que, além de influenciar diversas áreas, como a metafísica, a lógica, a filosofia da história e a estética, Hegel elaborou diversas obras sobre esses assuntos.

PARA CONCLUIR

1. Resposta pessoal. Hegel diferencia a arte bela da mera cópia da natureza ao afirmar que a primeira não se limita a imitar a segunda de forma literal. Em vez disso, a arte bela recria e idealiza a natureza para expressar a verdade espiritual e a essência das coisas.
2. Nesta atividade, espera-se que os estudantes retomem a resposta fornecida na atividade **1** e pesquisem imagens que, na opinião deles, recriem e idealizem a natureza.
3. Resposta pessoal. Em algumas culturas, a arte é profundamente enraizada em práticas espirituais e rituais, o que se alinha com a visão de Hegel. Em outras culturas, a arte tem enfoque mais sobre a funcionalidade, a estética cotidiana ou a expressão política, o que pode divergir da ênfase de Hegel no conteúdo espiritual.
4. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes discutam de que forma se relacionaram com os conceitos de arte e beleza em Hegel. Independentemente de concordarem ou não com a acepção de beleza apresentada por Hegel, é importante que eles reflitam sobre os motivos que os levaram a concordar ou discordar dessa noção e que os discutam.

CAPÍTULO 14 SAÚDE E CONTROLE DO CORPO (Página 236)

Nesse capítulo, são aprofundadas as reflexões iniciadas no capítulo anterior acerca das decisões que tomamos para transformar nosso corpo, porém não mais por buscar um ideal de beleza, mas por almejar um ideal de saúde.

A abertura do capítulo promove uma reflexão acerca do objetivo da medicina ao longo da história. Sugere-se destacar que a medicina foi concebida como uma arte de cura em constante evolução, com vistas a combater todos os tipos de doença.

O conteúdo desse capítulo objetiva conscientizar os estudantes acerca de seus direitos sobre o próprio corpo, incentivando as percepções de que os cuidados corporais e com a saúde mental são essenciais para a qualidade de vida, mas devem ser sempre realizados com atenção e protagonismo. Essas perspectivas colaboram para a construção da **CGEB8**, da **CGEB9** e da **CGEB10**.

RESPOSTAS ÀS QUESTÕES

1. Espera-se que os estudantes expressem a importância da medicina para o tratamento de doenças e a manutenção da saúde e para a descoberta de medidas de prevenção. Esse é um momento exploratório inicial sobre a medicina.
2. Atividade de pesquisa e de levantamento de conhecimentos prévios. Louis Pasteur estudou e identificou diversos microrganismos responsáveis por infecções em seres humanos e desenvolveu vários métodos e técnicas para combatê-los; Robert Koch é reconhecido como um dos pais da moderna medicina tropical e da microbiologia, tendo desenvolvido métodos de cultivo de bactérias que ainda hoje são aplicados no estudo dos microrganismos. Chame a atenção dos estudantes para o tipo de documento histórico reproduzido: trata-se de selos postais, o que indica o prestígio desses cientistas no mundo contemporâneo.
3. O texto aborda o período entre 1870 e 1960, caracterizado pela formação de diferentes escolas de pensamento científico, pelo surgimento do capitalismo financeiro, pelos avanços tecnológicos em diferentes áreas – motivados em grande parte pelas guerras mundiais – e pelo consumismo. A atividade permite identificar os conhecimentos prévios dos estudantes sobre esse período histórico.

A medicina e o conceito de verdade
(Página 237)

Inicie esse tópico destacando que os avanços da medicina foram acompanhados de um processo de legitimação do poder dos médicos, que passaram, de certa forma, a ter o controle sobre a vida e a morte.

Para Foucault, esse poder dificultou o princípio do cuidado de si. Segundo o autor, na Grécia Antiga, a relação entre o indivíduo e a verdade se dava com base no cuidado de si e na exposição da verdade, princípios esses considerados essenciais para o modo de vida na *pólis*. Com a Modernidade e o aumento do poder do médico, a verdade passou a ser relacionada ao saber especializado do cientista, instaurando-se um jogo de poder e saber em que o indivíduo, o paciente, é concebido como um corpo dócil. Criou-se assim, para essa relação, um padrão ético que está envolto tanto na moral quanto na aplicação de leis criadas especialmente para o desempenho da medicina.

Essa discussão pode contribuir para a mobilização da habilidade **EM13CHS501**.

Sugestão para o professor

» **Branco, Rosele Maria. *Michel Foucault e a medicina*: sobre o nascimento da clínica moderna. 2018. Tese (Doutorado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: https://tede2.pucsp.br/handle/handle/21440. Acesso em: 23 ago. 2024.**

Nessa tese questionam-se as práticas discursivas médicas enquanto saber totalizante e hegemônico que exerce controle sobre os indivíduos.

BOXE INTERAÇÃO

1. Resposta pessoal. A atividade incentiva os estudantes a aprofundar suas análises sobre os pilares da bioética. Retome com eles o fato de a atitude ética considerar a vida e as liberdades dos indivíduos. Se julgar conveniente, complemente a proposta convidando a turma a escrever um texto coletivo sobre cada item. O objetivo é conscientizar os estudantes e empoderá-los para que respeitem seus corpos e reivindiquem atendimento médico ético e de qualidade.

Medicalização: biopolítica e biopoder
(Páginas 238 e 239)

Esse tópico trabalha os conceitos de biopolítica e biopoder e a noção de medicalização, que desempenha papel central nos debates sobre tais conceitos.

É importante que os estudantes tenham clareza de que Foucault utiliza o termo "medicalização" para destacar como a medicina passou influenciar diversos aspectos da existência humana, afetando inclusive a vida cotidiana.

Para que os estudantes identifiquem como sua própria vida é influenciada pela medicina, promova uma reflexão acerca de suas práticas cotidianas. Você pode propor perguntas como: "Na sua casa, as janelas são abertas todos os dias?"; "Por que é importante abrir as janelas da casa?"; "Como é feita a limpeza de sua casa?"; "Por que é importante realizar essa limpeza constantemente?"; "Como você decide o que vai comer?"; "Por que não é adequado alimentar-se de *fast food* todos os dias?".

Após essa reflexão, destaque as maneiras como a sociedade, com base em conhecimentos científicos, cria normas que determinam os comportamentos e os modos de vida das pessoas e das populações. Essa é uma das relações de poder destacadas por Foucault e que envolve a produção e a circulação de saberes, os quais, por sua vez, são legitimados por meio dos discursos da verdade.

Foucault afirma que os conceitos de biopoder e biopolítica surgiram nos séculos XVIII e XIX, quando o Estado passou a administrar a vida e o corpo de seus cidadãos por meio de processos normatizadores.

Essa discussão contribui para o trabalho com as habilidades **EM13CHS103**, **EM13CHS501**, **EM13CHS504** e **EM13LGG502**.

BOXE AÇÃO E CIDADANIA

A proposta visa à formação de sujeitos protagonistas e conscientes de seus direitos, inclusive durante os atendimentos médicos, favorecendo a construção da **CGEB1** e da **CGEB6**.

1. Espera-se que os estudantes percebam que o roteiro de perguntas permite ao paciente conhecer seu real estado de saúde e aferir a validade do tratamento indicado pelo médico.
2. Atividade de pesquisa e de elaboração de material de divulgação. Os estudantes podem buscar informações em publicações do Ministério da Saúde, tanto impressas quanto digitais. O material informativo deve conter textos e imagens. O objetivo é que os estudantes reconheçam o direito ao atendimento médico ético e divulguem à comunidade escolar informações sobre como fazer valer esse direito. De certa forma, essa proposta dá continuidade ao que foi elaborado na atividade **1** do boxe *Interação* da página 237.

Necropolítica: a política da morte
(Página 240)

O conceito de necropolítica está diretamente relacionado à violência contemporânea, principalmente àquela praticada contra a população negra. Mbembe relaciona a noção foucaultiana de biopoder com dois outros conceitos, o estado de exceção e o estado de sítio, para esclarecer como são criadas as normativas que justificam a morte de outrem, concedendo a determinadas pessoas o direito de matar.

Para ilustrar o pensamento de Mbembe, converse com os estudantes sobre o poder que era concedido aos governantes e aos proprietários de escravizados durante os períodos da colonização e do império no Brasil. Questione-os se consideram que, naquele período havia, ainda que de modo rudimentar, uma aplicação de biopolítica. Destaque que, em tal contexto, o escravizado não tinha controle sobre a própria vida, uma vez que ele não usufruía de direitos políticos, não dispunha de um lar nem tinha autonomia sobre o próprio corpo, uma vez que era propriedade de outra pessoa. No contexto de escravidão do Brasil, a própria legislação normatizava o exercício do poder dos senhores de escravizados, dando-lhes o direito de decidir sobre a vida ou a morte dos escravizados.

A discussão proposta nesse tópico contribui para o trabalho com a habilidade **EM13CHS101**.

Sugestão para o professor

» **Ferrari, Mariana. O que é necropolítica. E como se aplica à segurança pública no Brasil. *Ponte*, 25 set. 2019. Disponível em: https://ponte.org/o-que-e-necropolitica-e-como-se-aplica-a-seguranca-publica-no-brasil/. Acesso em: 23 ago. 2024.**

Nessa entrevista, a pesquisadora Rosane Borges apresenta o conceito de necropolítica em uma linguagem mais acessível e propõe uma discussão sobre a relação desse conceito com a política de segurança pública brasileira, demonstrando sua relação direta com o racismo.

As redes sociais e o controle sobre o corpo **(Páginas 241 e 242)**

Para que os estudantes possam compreender o sistema de construção panóptico, a análise da imagem apresentada no Livro do Estudante é fundamental. Explique a eles que o panóptico foi elaborado no século XVIII pelo filósofo e jurista Jeremy Bentham para criar um sistema penitenciário que demandasse menos carcereiros para a observação dos presos. Bentham concebeu um modelo de prisão circular em cujo centro ficava o carcereiro; assim, este vigiava todas as celas sem que os presos pudessem vê-lo. Dessa forma, os presos nem sempre sabiam se estavam sendo observados ou não.

Para trazer essa discussão para a atualidade, compare esse modelo de construção com os *reality shows*, em que pessoas ficam em um lugar cercado por câmeras que gravam suas ações constantemente; contudo, devido à edição feita antes da transmissão, essas pessoas não têm controle sobre o que os telespectadores veem. Em seguida, prossiga com a reflexão proposta por Yuval Harari explorada no Livro do Estudante. Esse debate é aprofundado na seção *Atividades* desse mesmo capítulo 14 e na seção *Ampliando* do capítulo 15.

BOXE REFLEXÃO

Comente o conteúdo do boxe com os estudantes. Enfatize que o texto discute o conceito de *Big Data* e sua influência crescente na sociedade, especialmente com o avanço da inteligência artificial (IA). Ele destaca que o historiador Yuval Noah Harari prevê duas grandes revoluções: uma na biotecnologia, que busca entender o cérebro e os sentimentos humanos, e outra na tecnologia da informação, impulsionada pela IA e robótica.

1. a) Resposta pessoal. A repetição de comportamentos incentivados pelas redes sociais se relaciona com a biopolítica ao moldar e controlar a vida dos indivíduos.

   b) Empresas de *Big Data* usam essas informações para analisar e influenciar sentimentos e comportamentos, promovendo um controle sutil sobre as pessoas, controle esse alinhado a interesses comerciais, o que pode limitar a autonomia e a liberdade pessoal.

Essa discussão contribui para o trabalho com a **CGEB5**, com as habilidades **EM13CHS202**, **EM13CHS303**, **EM13CHS401** e **EM13CHS504** e com aspectos das habilidades **EM13LGG202** e **EM13LGG702**.

Sugestão para o professor

» **Foucault, Michel. *Vigiar e punir*: o nascimento da prisão. São Paulo: Almedina, 2014.**

Publicada originalmente em 1975, essa obra foi utilizada como referência para a transformação de grande parte dos sistemas penais ocidentais na contemporaneidade. Nesse livro, o filósofo analisa a presença e a atuação da vigilância e da punição em instituições que são fundamentais para o funcionamento da sociedade: os hospitais, as prisões e as escolas.

Saúde mental (Página 243)

Foucault também estudou as instituições de saúde mental – que ele frequentou ainda na juventude, quando presenciou a brutalidade da relação com os pacientes. Historicamente, essas instituições, além de serem prisões, praticaram inúmeras torturas durante séculos por desconhecimento dos problemas psíquicos ou mesmo por discriminação. Esses atos eram legitimados pelo Estado (portanto, constituíam uma prática de contenção com base no exercício do biopoder) e autorizados tanto pelos familiares dos adoentados quanto pelos médicos da época.

Ressalte aos estudantes que, com a ascensão da bioética, os profissionais que trabalham em instituições de saúde mental passaram a adotar posturas mais humanizadas para cuidar dos pacientes, muitas vezes contraponto a técnica médica com a afetividade, alcançando, assim, resultados mais efetivos.

A discussão proposta nesse tópico contribui para o trabalho com as habilidades **EM13CHS101** e **EM13CHS504**.

BOXE INTERAÇÃO

1. Resposta pessoal. Como possibilidade de resposta, os estudantes poderão responder que sim, pois trata-se de uma tira que incentiva a empatia, importante fator na manutenção da saúde mental.
2. Respostas pessoais. A tira retrata duas pessoas prestando assistência a uma terceira, que está sofrendo algum tipo de crise. Espera-se que os estudantes reflitam sobre a importância da empatia e do cuidado com o próximo em diversas situações do cotidiano.

Vacina: retomando o debate (Páginas 244 e 245)

Como vimos na unidade 1, a vacinação pode ser considerada uma das maiores conquistas médicas da humanidade, pois é uma das formas mais eficazes de erradicar doenças infectocontagiosas. Pode-se considerar, portanto, que essa é uma grande conquista.

Contudo, do ponto de vista bioético, as vacinas geram uma reflexão central: quando analisamos a vacinação compulsória, o interesse coletivo deve ser priorizado em detrimento do interesse individual? Utilize o exemplo da Revolta da Vacina apresentado no Livro do Estudante para debater essa questão com os estudantes.

A proposta permite o desenvolvimento da **CGEB1**, da **CGEB10** e da habilidade **EM13CHS606**.

BOXE AÇÃO E CIDADANIA

O texto do boxe enfatiza o aumento do movimento antivacina, que recrudesceu durante a pandemia de covid-19 no Brasil.

1. O texto aponta como razões para o aumento do movimento antivacina: a influência de novos agentes comunicadores, a rapidez com a qual informações são disseminadas na internet, a base precária para a interpretação adequada de informações disponíveis e a descrença em relação ao governo e à mídia tradicional.
2. Atividade de pesquisa. Espera-se que os estudantes percebam por meio de suas pesquisas que o crescimento de discursos antivacina pode contribuir para o agravamento de doenças que podem ser controladas ou amenizadas por meio da vacinação, além de potencializar a insegurança em relação a fontes oficiais de informação.
3. Atividade prática. Nesta campanha, espera-se que os estudantes mobilizem seus conhecimentos acerca da importância da vacinação, bem como do combate à desinformação.

Atividades (Páginas 246 e 247)

1. a) Pelas expressões "ancestralidades" e "ancestrais". A atividade retoma reflexões propostas especialmente na unidade 2, mobilizando percepções acerca da diversidade da construção de saberes. Neste caso, os autores evocam as ideias sobre o Universo transmitidas de geração em geração para justificar posições éticas e de respeito à diversidade, contra a padronização, de modo análogo à bioética.

   b) Resposta pessoal. Os autores citam o "encantamento", que pode ser compreendido como uma lógica contrária à massificação. Algumas possibilidades de ação são a preservação e a participação de manifestações culturais populares, como danças, festas e musicalidades, com saberes e conhecimentos que nem sempre são divulgados pelos meios digitais ou impressos.
2. a) Tanto a biopolítica como o biopoder podem ser identificados na *charge* pela presença de aparatos do Estado para imposição da vacinação à população.

   b) A Revolta da Vacina foi originada pelo fato de o governo instituir uma vacinação compulsória sem comunicar de forma clara para a sociedade a necessidade desse procedimento e seus efeitos. Vale ressaltar que, na época do evento, os meios de comunicação não eram tão eficientes, e a população pobre carioca já sofria com a expulsão de suas casas por conta do "Bota-abaixo". Portanto, o contexto era marcado pela falta de confiança da população nos governantes.

   c) Resposta pessoal. Como possibilidade de resposta, os estudantes poderão sugerir campanhas de divulgação de informações confiáveis referentes aos benefícios e à necessidade das vacinas para a manutenção da saúde pública.
3. a) Resposta pessoal. A atividade mostra um contraexemplo de atitude ética. Espera-se que os estudantes reconheçam que o fato de Donald Trump restringir o acesso de outros países às máscaras demonstra egoísmo e uma postura contrária à preservação de vidas. Como presidente do país, é correto defender a aquisição de máscaras, mas isso deve respeitar os limites estadunidenses. Há também uma ameaça em "nós seremos muito duros", evocando uma postura de violência que acirra ânimos e não contribui para a atitude dialógica, que favorece a colaboração.

   b) Resposta pessoal. Os estudantes podem mencionar como possibilidade de ação a busca por parcerias com países experientes no manejo da crise do coronavírus e que dispusessem de equipamentos, por exemplo. Ou, ainda, o estabelecimento de parcerias com companhias nacionais ou internacionais que produzissem os equipamentos necessários.
4. Resposta correta: alternativa **a**. Espera-se que os estudantes reflitam sobre os corpos como alvo de controle biopolítico.
5. Resposta correta: alternativa **d**. Espera-se que os estudantes consigam compreender como a biopolítica se preocupa com a gestão da vida da população como um todo, tratando-a como um problema político a ser regulado e controlado.
6. Resposta correta: alternativa **a**. A alternativa está alinhada com a análise de Foucault sobre o modo como o saber médico e científico foi utilizado para estabelecer normas sociais, criando distinções entre o que é considerado "normal" e "anormal". A partir dessa classificação, práticas como a homossexualidade foram patologizadas e sujeitas a controle social e institucional, como ocorreu no caso de Alan Turing.

Estúdio filosófico: Os direitos da população negra em Sueli Carneiro (Páginas 248 e 249)

Dentro do contexto bioético trabalhado no capítulo, a seção traz algumas abordagens da filósofa Sueli Carneiro, que há décadas vem lutando pelos direitos físicos, mentais e culturais da população negra do Brasil.

PARA CONCLUIR

1. Resposta pessoal. O racismo estrutural no Brasil impacta profundamente a vida das pessoas negras, afetando seu acesso à educação, à saúde e ao mercado de trabalho. Na educação, a desigualdade é visível na qualidade das escolas públicas, que enfrentam problemas como falta de infraestrutura e recursos, resultando em maior taxa de evasão escolar e menor nível de escolaridade entre os negros. Na saúde, o acesso aos serviços é limitado e frequentemente de menor qualidade, o que contribui para maior incidência de doenças crônicas e expectativa de vida mais baixa. No mercado de trabalho, a discriminação resulta em menor remuneração e oportunidades reduzidas, além de condições de trabalho menos seguras. Essas desigualdades perpetuam um ciclo de pobreza e ampliam as disparidades sociais, impactando negativamente a qualidade de vida e a longevidade das pessoas negras.
2. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes mencionem que os jovens podem se envolver em movimentos de resistência participando de protestos, inteirando-se sobre questões sociais e raciais, juntando-se a organizações que fomentam a justiça social e utilizando as mídias sociais para promover consciência e mobilizar ações.

Práticas de texto: *Podcast* (Páginas 250 e 251)

Essa seção propõe a criação de um *podcast* cujo tema será a influência do Estado na saúde da população. É importante esclarecer que o *podcast* pressupõe a criação de um texto com características próprias, marcado pela prática oral, cujo produto será um áudio gravado (e posteriormente editado) para ser consumido quando o ouvinte desejar.

Destaque aos estudantes que uma das características dos *podcasts* é apresentar conteúdos de acordo com a demanda; portanto, tratam de assuntos contemporâneos que interessam aos ouvintes. Assim, ainda que a demanda temática tenha sido proposta pelo Livro do Estudante, é fundamental que eles pesquisem acontecimentos recentes e de grande repercussão para comentar e debater durante o programa.

Muitos adolescentes – principalmente os moradores de grandes cidades – estão familiarizados com *podcasts* e têm seus canais favoritos; porém, dificilmente têm ciência da complexidade da criação desse tipo de comunicação. Assim, acompanhe a turma no desenvolvimento das etapas apresentadas no Livro do Estudante, garantindo que não falte planejamento e que todos os passos necessários para a elaboração do produto final sejam realizados.

O trabalho desenvolvido nessa seção pode contribuir para a mobilização da **CGEB5**.

CAPÍTULO 15 INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL (Página 252)

Esse capítulo aborda os impactos da inteligência artificial em nossa vida, os quais nos colocam diante de novas questões éticas. Para isso, são apresentados diferentes contextos que podem ser mais ou menos próximos do dia a dia dos estudantes, de acordo com a realidade deles. Assim, há a continuidade do trabalho de aprofundamento sobre os principais dilemas da bioética.

A abertura do capítulo apresenta, de forma breve, a presença da inteligência artificial em nosso cotidiano e a origem dessa tecnologia. Analise com os estudantes as duas imagens apresentadas na abertura. Retome os conceitos de arte e estética estudados anteriormente e questione os estudantes se é possível que uma máquina produza obras que transmitam sentimentos e despertem emoções nos observadores. Em seguida, prossiga com as questões propostas.

A discussão desenvolvida nessa abertura contribui para a mobilização das habilidades **EM13CHS101**, **EM13CHS202** e **EM13CHS403**.

RESPOSTAS ÀS QUESTÕES

1. Respostas pessoais. Espera-se que os estudantes citem suas experiências com aplicativos que utilizam IA.
2. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes mencionem suas impressões sobre o que leva uma obra a ser considerada arte. Pode-se pensar que arte é o resultado de uma atividade criativa, e que, com ela, o artista tem uma certa intenção: provocar admiração, suscitar emoções, chocar. Embora algoritmos de aprendizado de máquina possam exibir criatividade (na medida em que exercem uma certa liberdade em suas criações), eles não parecem ter uma intenção por trás de suas obras.

Inteligência artificial no cotidiano (Página 253)

A inteligência artificial está tão presente no nosso cotidiano que, muitas vezes, passa despercebida. Antes de abordar o uso da inteligência artificial em trabalhos perigosos e na medicina, você pode propor aos estudantes que façam uma pesquisa para conhecer melhor o funcionamento dessa tecnologia em situações cotidianas. Para isso, você pode organizar a turma em seis grupos e orientá-los a pesquisar a presença da IA nos aplicativos de rotas, nos assistentes virtuais, nos *sites* de busca na internet, em plataformas de *e-commerce*, nas câmeras de vigilância e nos serviços de *streaming*.

Há outros ramos em que a IA está presente e é fundamental, como no mercado financeiro, na agricultura e na indústria; porém, essa investigação pode ser mais complexa e demorada. Portanto, avalie se convém pesquisar esse cenário considerando as condições estruturais e de tempo de que você dispõe na escola.

IA em trabalhos perigosos (Página 253)

Para exemplificar o emprego de IA em tarefas que oferecem risco aos seres humanos, o tópico apresenta o robô Curiosity, utilizado em uma operação de reconhecimento de território em Marte.

Chame a atenção dos estudantes para o potencial da IA na exploração de alguns territórios inacessíveis ou que oferecem riscos aos seres humanos, como cavernas, o fundo do mar e até mesmo outros planetas, como no exemplo apresentado.

IA na Medicina (Página 254)

Em continuidade ao trabalho iniciado na página anterior, agora os estudantes vão dialogar sobre o uso de IA na realização de procedimentos médicos. Explore a imagem reproduzida na página e incentive-os a pesquisar quais são os principais processos hospitalares em que são empregadas tecnologias

como a retratada na foto. Desafie-os também a descobrir se há hospitais na região onde moram que oferecem esse tipo de tratamento.

A filosofia da inteligência artificial
(Página 255)

Nesse tema são discutidos critérios para que uma máquina ou dispositivo possa ser considerado inteligente, segundo as proposições de Alan Turing, matemático cujo trabalho desempenhou um papel fundamental para o desenvolvimento da computação, e John Searle, importante filósofo analítico estadunidense.

ATIVIDADE COMPLEMENTAR

Proponha um debate em sala de aula sobre o teste de Turing e o argumento do quarto chinês, levantando questões como: "O que faz com que um ser seja capaz de pensar?"; "Você acha possível desenvolver robôs que apresentem outras características humanas, como sentir dor ou emoções como alegria e tristeza?".

É possível também propor uma espécie de encenação do teste de Turing. Para promover a atividade, sugira aos estudantes algumas etapas, como as descritas a seguir.

- Prepare uma lista de perguntas e respostas sobre um assunto qualquer, aleatoriamente selecionado, mas de pleno conhecimento da turma.
- Compartilhe a lista das perguntas com todos, mas não as respostas.
- Convoque três voluntários. Dois deles devem sair da sala de aula. Um fará o papel do computador: receberá a lista das respostas e responderá às perguntas conforme o "programa". O outro fará o papel do humano e responderá às perguntas conforme julgar melhor. O terceiro voluntário fará a comunicação entre os dois e a turma, trazendo as respostas, mas sem revelar a quem elas pertencem.
- A tarefa da turma será debater e tentar identificar quais respostas foram elaboradas pela "máquina" e quais foram criadas pelo "humano".

BOXE INTERAÇÃO

1. a) Resposta pessoal. O objetivo do debate proposto é incentivar os estudantes a observar que os dilemas apresentados permanecem em debate e são subsidiados por diferentes pesquisas científicas. Os estudantes podem subsidiar suas respostas com os experimentos narrados, tendo como perspectiva a intencionalidade para diferenciar a ação das máquinas da ação dos seres humanos.

   b) Resposta pessoal. Os seres humanos podem desenvolver máquinas que emulem reações, mas o debate sobre sentimentos permanece aberto.

Principais dilemas da IA **(Página 256)**

Para iniciar o estudo sobre essa temática, destaque que toda tecnologia disruptiva vem acompanhada de dilemas éticos, e a inteligência artificial segue essa tendência.

Peça aos estudantes que mencionem, com base nas aulas de História, profissões que existiam há um século e que atualmente não existem mais em função do desenvolvimento tecnológico, como os acendedores de postes, os despertadores humanos, etc.

O medo de perder o emprego diante de crises ou de cenários econômicos desfavoráveis é bastante comum e costuma ser considerado parte do modo como o mundo do trabalho, no capitalismo, funciona. O mesmo ocorre em relação ao medo de perder o emprego por causa do avanço tecnológico.

BOXE REFLEXÃO

Se houver laboratório de informática, selecione alguns cenários apresentados na pesquisa e faça uma votação em sala para descobrir qual ação do carro a maioria da turma julga correta. Compare as respostas, promovendo um debate com o intuito de evidenciar a dificuldade de escolher uma resposta certa para dilemas éticos.

1. Respostas pessoais. Espera-se que os estudantes ressaltem a responsabilidade dos cientistas sobre o desenvolvimento da IA e os dilemas envolvidos nesse tipo de programação. Retome, se necessário, os princípios estudados nos capítulos anteriores, como a autonomia dos indivíduos e o respeito à vida e à diversidade de existências.

IA e mão de obra **(Página 257)**

Oriente os estudantes a debater sobre as profissões surgidas com o desenvolvimento tecnológico e sobre a responsabilidade que vem com elas. Como incentivo inicial para esse debate, você pode sugerir a reflexão sobre os veículos autômatos por meio de questões como: "Se não houver um motorista, quem deve ser responsabilizado em caso de um acidente com vítimas: o proprietário do veículo ou o fabricante?". Também é possível debater as questões éticas que envolvem os sistemas de vigilância: "É ético capturar vídeos e imagens de pessoas sem o consentimento prévio delas, mesmo sob o risco de expô-las em situações particulares e de fragilidade?".

Essa discussão pode contribuir para a mobilização da habilidade **EM13CHS401**.

BOXE INTERAÇÃO

1. Respostas pessoais. Espera-se que o estudante reflita sobre a percepção natural que temos dos carros de autônomos. É natural que esse tipo de tecnologia gere uma sensação de desconforto. Nesse caso, é possível perguntar: "Como você lidaria com isso?". A proposta pode ser ampliada ao incentivar os estudantes a mencionar outros empregos dos computadores e dos robôs no futuro e estimular uma discussão. Por exemplo, peça que reflitam sobre as possíveis consequências (positivas e/ou negativas) dessa substituição.
2. Respostas pessoais. Espera-se que os estudantes reflitam sobre como essa nova tecnologia seria recebida na prática. O desconforto ou a desconfiança experimentada por muitas pessoas em tal situação pode ser um entrave para a implementação dessa tecnologia.
3. Resposta pessoal. É possível que os estudantes mencionem que a utilização de inteligência artificial em serviços cotidianos, como a entrega de produtos e alimentos, poderia tornar o dia a dia mais conveniente e eficiente. As entregas poderiam ser mais rápidas e precisas, com menos erros e atrasos. A IA também poderia personalizar recomendações com base em preferências pessoais, tornando as compras mais relevantes. No entanto, também poderia haver preocupações com a privacidade e a dependência excessiva de tecnologias, além de potenciais impactos em postos de emprego.

IA e responsabilização **(Página 258)**

Destaque que não é possível responsabilizar a tecnologia, pois são as ações e o uso que os seres humanos fazem dela que a tornam positiva ou negativa para a vida em sociedade. Assim, cabe aos seres humanos a responsabilidade de estabelecer normas de utilização da IA de modo que os direitos humanos sejam respeitados. Outro uso controverso da inteligência artificial é o reconhecimento facial. Há algumas máquinas que comparam rostos humanos "fragmentando-os" em características relevantes

para sua identificação. Você pode promover uma discussão em sala sobre o uso dessa tecnologia de IA sob a perspectiva da cidadania: "Até que ponto os direitos fundamentais seriam afetados pelo emprego dessa tecnologia por empresas, governos e demais organizações sociais?".

A proposta favorece a abordagem da **CGEB8** e da **CGEB10**, das habilidades **EM13CHS501**, **EM13CHS502** e **EM13CHS504** e de aspectos da habilidade **EM13CNT304**, no que se refere ao debate sobre situações controversas envolvendo o uso de tecnologias.

BOXE AÇÃO E CIDADANIA

O boxe aborda o uso das armas autônomas letais. Essas armas são sistemas de combate que utilizam inteligência artificial para identificar, selecionar e atacar alvos sem intervenção humana direta. Elas causam preocupações éticas e de segurança – pois a delegação de decisões de vida ou morte a máquinas pode resultar em consequências imprevisíveis –, além de questionamentos sobre responsabilidade em caso de erros. Essas armas têm o potencial de mudar a dinâmica das guerras, mas também podem desencadear novos desafios em termos de controle e regulamentação desse tipo de arsenal.

Essa discussão contribui para a mobilização de aspectos da habilidade **EM13CHS304**.

1. Os dilemas éticos relacionados ao uso de armas autônomas envolvem a delegação de decisões de vida ou morte a máquinas, a falta de responsabilidade em caso de erros, a desumanização da guerra e o potencial para violações de direitos humanos.
2. Embora as armas autônomas possam ser usadas de forma positiva para reduzir baixas humanas e aumentar a precisão dos ataques, as consequências negativas incluem a escalada de conflitos, dificuldades no controle de uso desse tipo de recurso, riscos de mal funcionamento e impactos éticos significativos.

Sugestão para o professor

» **Magrani, Eduardo. *Entre dados e robôs*: ética e privacidade na era da hiperconectividade. 2. ed. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2019.**

Nessa obra, o autor apresenta os desafios que a inteligência artificial, o uso de *Big Data* e outros aspectos tecnológicos atuais trazem para o campo do direito e da ética.

Algoritmos também revelam aspectos culturais (Página 259)

Mencione aos estudantes que, de acordo com o texto citado, a utilização de inteligências artificiais, que são desenvolvidas com base em dados e algoritmos, pode resultar em preconceitos raciais e de gênero. O estudo mencionado revela que robôs, ao serem programados para classificar imagens de pessoas, acabaram reproduzindo estereótipos racistas e sexistas, o que indica que a IA empregada não conseguiu fazer essa classificação de maneira imparcial. Da mesma forma, o segundo exemplo mostra que um algoritmo de uma grande rede social apresentava viés racial ao recortar imagens, favorecendo a exibição de pessoas brancas em detrimento de pessoas negras. Esses exemplos ilustram o perigo de preconceitos embutidos em sistemas de IA, que podem perpetuar e até intensificar desigualdades sociais existentes, ainda que não sejam intencionalmente programados para isso.

Os debates propostos favorecem a continuidade do trabalho com a **CGEB3**, a **CGEB5** e a **CGEB7** e contribuem para o desenvolvimento da habilidade **EM13CHS303**.

Atividades (Páginas 260 e 261)

1. a) De acordo com o texto, a dificuldade das ferramentas de inteligência artificial em criar mãos é justificada pelo fato de que as posições anatômicas dos dedos são muito mais complexas do que as dos braços. As inteligências artificiais, que aprendem por meio de dados e *pixels* de imagens, não dispõem de uma visão de mundo embutida e, muitas vezes, não têm a noção de que uma mão tem cinco dedos. Além disso, elas estudam a partir de bancos de imagens bidimensionais, o que limita sua capacidade de reconhecer as diversas posições que uma mão pode assumir em um mundo tridimensional.

   b) Além das mãos, outros elementos presentes na imagem que podem contribuir para sua identificação como uma imagem criada por inteligência artificial, e não uma foto verídica, incluem possíveis distorções ou incoerências na interação entre objetos e figuras, como a fusão de partes do corpo humano com objetos próximos, proporções incorretas e a presença de detalhes estranhos e inconsistentes, que não correspondem à realidade.

   c) Resposta pessoal. A criação de imagens que retratem pessoas reais em situações inverídicas pode ser considerada antiética, pois pode levar a desinformação, manipulação de percepções e danos à reputação das pessoas retratadas. Essas práticas podem ser usadas para fins maliciosos, como propaganda enganosa, difamação ou fraude, comprometendo a confiança nas informações visuais e prejudicando a sociedade como um todo.
2. a) Um *drone* usado em guerra com o propósito de ferir um ser humano estaria desrespeitando a primeira lei. O estudante poderá observar também que essas leis não condenam outros usos de *drones* em guerra, como o monitoramento das atividades militares do inimigo.

   b) Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes retomem as discussões sobre bioética desenvolvidas nos capítulos anteriores para refletir sobre o cuidado com todas as formas de vida.
3. Respostas pessoais. Avalie os argumentos dos estudantes pelo viés ético, analisando as transposições dos direitos humanos à máquina.
4. Resposta correta: alternativa **a**. O debate político, tanto no Brasil quanto no mundo, foi ampliado exponencialmente com a popularização da internet e, ainda mais, com a disseminação de informações em massa pelas redes sociais.
5. Resposta correta: alternativa **d**. A atividade retoma a discussão sobre as limitações das máquinas inteligentes, que, embora consigam seguir regras, não são capazes de agir com criatividade.

Estúdio filosófico: A consciência em John Searle (Páginas 262 e 263)

Dentro do contexto sobre IA trabalhado no capítulo, compreender a consciência segundo o filósofo John Searle é fundamental para a compreensão dos estudantes.

PARA CONCLUIR

1. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes expliquem a seu modo o que entendem por consciência, se possível relacionado as respostas às discussões desenvolvidas no capítulo 1, e diferenciando o que entendem por seres conscientes e não conscientes.
2. Resposta pessoal. A questão tem por objetivo introduzir a reflexão sobre o problema mente-corpo, que é abordado

nos campos da filosofia da mente e da metafísica. Searle defende que corpo e mente interagem, mas não são seres distintos, e que os fenômenos mentais são causados por processos biológicos.

3. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes respondam que a realidade é objetiva, embora a percepção dos fenômenos seja subjetiva.
4. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes respondam que, até esse momento, não é possível afirmar que as ferramentas de inteligência artificial dispõem de consciência, pois não atuam com intencionalidade, nem têm consciência de si; elas apenas respondem a comandos por meio de instruções pré-definidas.

Ampliando: Inteligência artificial e linguagem (Páginas 264 e 265)

A seção traz uma reflexão acerca das implicações do avanço da inteligência artificial na sociedade, com foco no domínio da linguagem por parte de grandes modelos de IA. A linguagem é vista como o "sistema operacional" da cultura humana, fundamentando mitos, leis, artes e muito mais. Sendo a IA capaz de manipular e gerar linguagem, surge a preocupação de que ela possa influenciar profundamente todos esses aspectos, criando novas narrativas, ideologias e culturas que não serão genuinamente humanas.

Mencione aos estudantes que, assim como a IA nas redes sociais já contribuiu para a polarização e a ilusão social, a nova geração de IA pode trazer ainda mais riscos, moldando a realidade e a cultura de maneiras que poderiam minar a democracia e as instituições sociais.

O conteúdo da seção traz, como mensagem central, um alerta para os perigos de permitir que a IA evolua sem uma regulação cuidadosa, pois as consequências podem ser a perda de controle sobre as bases da nossa civilização.

RESPOSTAS ÀS QUESTÕES

1. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes respondam que um modelo de linguagem em grande escala é um tipo avançado de inteligência artificial que foi treinado com uma quantidade gigantesca de textos para entender e gerar linguagem humana. Esses modelos conseguem prever a sequência de palavras em uma frase com base no contexto, o que os torna capazes de produzir textos de forma muito precisa e em grande quantidade. Eles são usados em diversas áreas, como atendimento ao cliente e criação de conteúdo, e até mesmo em pesquisas.
2. Os riscos do uso de modelos de linguagem em grande escala incluem a manipulação da cultura humana, já que a IA, ao dominar a linguagem, pode criar narrativas, ideologias e até novas culturas que não serão genuinamente humanas. Além disso, existe o perigo de a IA explorar fraquezas humanas, aumentar a polarização social e enfraquecer instituições democráticas, como já aconteceu com o uso desse recurso nas redes sociais. Se não forem regulados, esses modelos podem ser utilizados para ganhos financeiros e de poder, o que pode vir a destruir as bases da sociedade.
3. Resposta pessoal. Para o uso consciente, ético e seguro das tecnologias de inteligência artificial, é essencial adotar uma postura crítica e informada, entendendo como essas tecnologias funcionam e reconhecendo seus possíveis impactos. É importante apoiar a criação de regulamentações que garantam que a IA seja utilizada de forma transparente e que seus benefícios sejam distribuídos de maneira justa. Também devemos estar atentos às influências que a IA pode ter em nossas opiniões e decisões, questionando sempre a origem e a veracidade das informações que recebemos. Por fim, é crucial promover o uso da IA de maneira que respeite os direitos humanos e a diversidade cultural, evitando que essas tecnologias perpetuem ou ampliem desigualdades.

Práticas de pesquisa: A construção do corpo saudável nas mídias sociais (Páginas 266 e 267)

Essa seção desenvolve as habilidades e as práticas de pesquisa por meio da análise de métricas das mídias. A proposta é que os estudantes realizem uma pesquisa para identificar a influência das mídias sociais na formação do pensamento de seus usuários.

A análise de redes sociais é um método de pesquisa utilizado mais especificamente em Sociologia, Psicologia social e Antropologia para compreender seu impacto nas relações entre os indivíduos. É fundamental que os estudantes percebam que as redes sociais divulgam informações oriundas de diferentes sujeitos sociais que se relacionam de alguma forma. Assim, ao analisar as postagens nas redes, é possível compreender como essas conexões influenciam o comportamento dos usuários.

Acompanhe com os estudantes cada uma das etapas sugeridas, solicitando a eles que retomem, constantemente, as instruções bastante detalhadas na subseção Procedimentos.

6 TECNOLOGIA E SUSTENTABILIDADE

INTRODUÇÃO

Nesta unidade, serão discutidas questões pertinentes à relação estabelecida entre o ser humano e o meio ambiente, os quais, durante muito tempo, foram analisados separadamente. Essa concepção legitimou o controle da natureza pelo ser humano, por meio de técnicas e tecnologias, e a exploração dos recursos naturais sem considerar os impactos ambientais. Sobretudo a partir da década de 1970, movimentos da sociedade civil organizada começaram a impulsionar ações e estudos que revelaram a ação nociva do ser humano sobre o ambiente, que passou a ser compreendido como uma totalidade que inclui o homem.

O capítulo 16 é dedicado à análise da estrutura de pensamento que consolidou as formas de lidar com os recursos naturais e as técnicas associadas ao seu controle e manejo, e também aos eventos importantes para a classificação das etapas da história. O capítulo 17 problematiza a relação entre a cidadania e a sustentabilidade, destacando a defesa do direito irrestrito à cidade, que deve compreender a oferta de infraestrutura de serviços pautada no desenvolvimento sustentável. Por fim, o capítulo 18 apresenta alternativas para o contexto de caos e destruição, já abordado anteriormente, entre elas, a agroecologia, a agricultura orgânica e os movimentos ambientalistas.

As discussões empreendidas durante os estudos da unidade convergem para temas muito caros à sociedade como um todo, pois a perspectiva de ações empresariais, governamentais e individuais baseadas no paradigma vigente tem demonstrado ser bastante contestável. É preciso discutir com os estudantes as estratégias para a formação integral, que inclui a sustentabilidade como parâmetro dos direitos humanos e da cidadania. Dada a importância das discussões, a mediação docente bem informada é fundamental para abordar os temas com a profundidade que eles merecem. Além disso, é muito importante valorizar os saberes prévios sinalizados pelos estudantes, seja para reforçá-los, seja para ressignificá-los e reorientá-los sob a ótica dos conhecimentos acumulados pelas Ciências Humanas e Sociais ao longo do tempo.

Sugestão de planejamento

A discussão desenvolvida nesta unidade propicia o trabalho conjunto com os componentes curriculares Biologia e Geografia, especialmente no que se refere às temáticas relacionadas à tecnologia e à sustentabilidade, e com o componente História, no que se refere a periodizações históricas e Revoluções Industriais.

Objetivos da unidade

- Historicizar o desenvolvimento tecnológico de modo abrangente/universalista.
- Apresentar as especificidades locais em relação a técnicas, objetivos e matérias-primas que permitam apreender como se dá, sócio-historicamente, a relação entre os seres humanos e a natureza.
- Discutir a noção de tecnologia como aspecto cultural.
- Problematizar as formas de classificação das etapas históricas.
- Discutir o direito à cidade como uma dimensão da cidadania.
- Abordar o conceito de sustentabilidade, relacionando-o a espaços urbanizados e rurais.
- Refletir sobre responsabilidade social e ambiental compartilhada entre governo, empresas e sociedade civil.
- Conhecer e investigar as possibilidades de aliança entre as técnicas das comunidades tradicionais e o desenvolvimento tecnológico sustentável.

COMPETÊNCIAS E HABILIDADES DA UNIDADE

CAPÍTULO	COMPETÊNCIAS GERAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA	COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS E HABILIDADES	TEMAS CONTEMPORÂNEOS TRANSVERSAIS
16	CGEB1, CGEB6, CGEB7 e CGEB10	**CECHSA3:** EM13CHS301 **CECHSA4:** EM13CHS403 **CECHSA5:** EM13CHS504 **CECNT2:** EM13CNT203 e EM13CNT206 **CECNT3:** EM13CNT302, EM13CNT307 e EM13CNT309 **CELT1:** EM13LGG101 e EM13LGG103 **CELT3:** EM13LGG303 e EM13LGG305 **CELT7:** EM13LGG701 e EM13LGG703 **CEMT1:** EM13MAT102	
17	CGEB1, CGEB6, CGEB7 e CGEB10	**CECHSA3:** EM13CHS301 **CECHSA5:** EM13CHS504 **CECNT2:** EM13CNT203 e EM13CNT206 **CECNT3:** EM13CNT309	Educação ambiental; Educação para o consumo

18	CGEB1, CGEB2, CGEB4, CGEB6, CGEB7 e CGEB10	**CECHSA1:** EM13CHS102 e EM13CHS104 **CECHSA3:** EM13CHS302, EM13CHS304 e EM13CHS305 **CECNT1:** EM13CNT104 **CECNT2:** EM13CNT203 e EM13CNT206 **CECNT3:** EM13CNT309 **CEMT1:** EM13MAT102 **CEMT2:** EM13MAT202	

ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS

ABERTURA DE UNIDADE

(Páginas 272 e 273)

O texto de abertura de unidade propõe uma reflexão sobre a relação entre produção, consumo, desenvolvimento e sucesso, levando o estudante a problematizar a visão de mundo disseminada nas sociedades modernas ocidentais, que, ao associar todos esses aspectos, orienta os comportamentos individuais.

É possível questionar os estudantes a respeito de suas noções prévias no que se refere a consumo e sustentabilidade. Considerando esse levantamento, introduza os aspectos conceituais do consumo e da sustentabilidade, tendo como pano de fundo a reflexão sobre a tecnologia, a cultura e os padrões de classificação e de *status* na sociedade.

Utilize esse levantamento para abordar o conceito de consumo. Para isso, identifique, com os estudantes, as diferenças entre o consumo de bens e serviços essencialmente fundamentais e o consumo de bens e serviços que parecem necessários em razão do *status* e da satisfação que esse consumo poderá promover. Nesse sentido, um exemplo eficaz é a alimentação: para sobreviver, o ser humano depende da ingestão de alimentos; assim, a fome caracteriza um estado momentâneo de necessidade. No entanto, ainda que a fome possa ser suprida com qualquer alimento, os grupos sociais estabelecem, culturalmente, classificações que recomendam ou proíbem o consumo de determinados alimentos. Desse modo, quando consideramos os padrões de consumo das diferentes classes sociais, é possível notar que muitos indivíduos nem sempre têm acesso a todo tipo de alimento. Além disso, existem estratégias de publicidade e *marketing* que, com o intuito de vender mais, buscam influenciar o consumo de alguns produtos. Dessa forma, é possível concluir que a escolha de consumo dos indivíduos é um resultado dessa rede intrincada de influências. Portanto, o simples ato de comer está envolvido em uma série de complexas relações e significados que nem sempre considera os impactos do consumo no meio ambiente. Muitas vezes, as pessoas buscam suprir suas necessidades induzidas pelos hábitos culturais e pela publicidade, o que lhes dá a falsa sensação de que têm liberdade de escolha.

Outro conceito fundamental para nortear o trabalho com a unidade é a sustentabilidade. Da mesma forma, sugere-se que, partindo do levantamento realizado com os estudantes, se apresente tal conceito como parte de uma tríade de desenvolvimento econômico, complementada pela consciência ambiental e pela igualdade social. Somente considerando essas três dimensões é possível compreender a sustentabilidade como prática que ressignifica a produção e o consumo de bens e serviços.

Depois de trabalhar os conceitos de consumo e sustentabilidade de maneira introdutória, é importante explicitar a relação entre consumo e produção industrial. Sabe-se que, quanto mais se consome, mais aumenta a produção. Nesse sentido, o estímulo constante ao consumo visa à manutenção da produção industrial, que, por sua vez, gera impactos no meio ambiente porque, via de regra, a produção depende da extração de matéria-prima e/ou do uso dos recursos naturais, além de aumentar a geração de resíduos, fato que se configura como problema ambiental cada vez maior e cujas soluções são complexas e caras para os governos. Além disso, a produção industrial influencia diretamente o modo de vida dos trabalhadores e o aumento dos índices de desemprego.

A abertura de unidade, ao envolver diferentes temáticas, possibilita o desenvolvimento da habilidade **EM13CHS301**. As reflexões propostas nessa abertura podem contribuir, direta ou indiretamente, para a abordagem das habilidades **EM13LGG303** e **EM13CNT309**. Ao longo dos capítulos, essas habilidades serão mais expressivamente mobilizadas.

ORGANIZAR IDEIAS

1. Espera-se que os estudantes reflitam sobre a intrínseca relação entre consumo e comportamento, pois essa reflexão embasará as estratégias que podem exemplificar ações individuais para a propagação da ideia de consumo consciente e sustentável. A forma como uma sociedade e seus indivíduos consomem e o que consomem associam-se à visão de mundo desse grupo. Assim, para impactar positivamente a propagação da ideia de consumo consciente e sustentável, são necessárias proposições que alterem, a curto prazo, os comportamentos cotidianos e, a médio e longo prazos, os valores e parâmetros adotados pela sociedade.
2. Respostas pessoais. Essa atividade é composta de três perguntas que visam problematizar a responsabilização individual diante dos hábitos de consumo. Assim, espera-se que os estudantes reflitam sobre a forma como o próprio consumo é orientado, tomando consciência de aspectos invisíveis que estejam diretamente atrelados a essa orientação. A segunda e a terceira perguntas questionam os pontos que servem de base para a construção da resposta à primeira pergunta, pois algumas das estratégias possíveis para a propagação de práticas sustentáveis se dão exatamente nos planos da consciência individual e da responsabilização pelos hábitos de consumo.

CAPÍTULO 16 NATUREZA E O SER HUMANO

(Página 274)

O capítulo 16 aborda vários temas correlatos para explorar a relação entre homem e ambiente, mediada e classificada pelas técnicas e pelas tecnologias que marcam os processos históricos, especialmente das sociedades de base ocidental europeia. Para isso, discutem-se as características da Revolução Industrial e os impactos socioambientais decorrentes de cada período histórico. Problematiza-se, ainda, o modo como os períodos históricos são classificados, bem como se evidencia a marca indelével das técnicas de cada período como forma de identificação clássica. Por fim, delineada toda a temática do capítulo, discutem-se a sustentabilidade, o desenvolvimento sustentável e a forma encontrada pela sociedade civil para reivindicar, por meio do ambientalismo, mudanças nos paradigmas vigentes.

Para iniciar o capítulo, sugere-se abordar a relação entre os aspectos produtivos da Revolução Industrial e a degradação socioambiental, que se intensificou a partir do século XIX.

Durante o Renascimento, os pensadores e os cientistas estavam concentrados em desenvolver reflexões e teorias que possibilitassem o controle da natureza, sem necessariamente se preocupar com os impactos das ações humanas sobre o meio.

Para alguns analistas, a publicação de *Man and Nature* (Homem e Natureza, em tradução livre), em 1864, pelo estadunidense George Perkins Marsh, marcou o pioneirismo do pensador em alertar para o impacto negativo da ação humana no ambiente. Mesmo com essa obra e outras posteriores, no âmbito da então nascente ecologia, a discussão sobre os efeitos nocivos da ação humana nos recursos naturais, que passam a ser entendidos como finitos e esgotáveis, só ganha certo destaque a partir da década de 1970.

Ainda que tenha se tornado um paradigma no século XVIII, a partir da Revolução Industrial, o modo de produção fabril só começou a ser de fato analisado sob perspectiva mais crítica após a degradação ambiental que ocorreu nos séculos XIX e XX, quando as marcas de seu impacto ficaram evidenciadas na devastação das florestas, na contaminação de rios e solos e na escassez de alguns recursos.

Caracterizado fundamentalmente pela massificação de produtos e pela mecanização da linha de produção, o modo industrial capitalista de produzir esteve atrelado diretamente à utilização de recursos naturais, utilizados tanto como meio de acesso à matéria-prima quanto como insumo para a produção, na forma de energia, por exemplo.

Como consequência da produção massificada, impulsionada pela cultura do consumo e cada vez mais arraigada nas sociedades ocidentais modernas, setores da sociedade civil começaram a se organizar com mais força a partir da década de 1970, no intuito de pressionar os Estados para que gerissem melhor a relação entre as indústrias e o meio ambiente.

Ao mesmo tempo que ONGs e movimentos sociais pressionavam o Estado, passaram a problematizar, no âmbito individual, as relações que cada pessoa estabelece com o meio. Para cumprir seus objetivos, esses movimentos de cunho ambientalista, pautados por estudos científicos e motivados pela ocorrência de desastres ambientais e pela ameaça do terror nuclear, organizaram protestos em vários lugares do mundo. As iniciativas tinham o intuito de chamar a atenção para a problemática relação do ser humano com o meio.

Essa abordagem colabora para a mobilização das habilidades **EM13CHS301**, **EM13LGG303** e **EM13LGG305**. Esse trabalho será aprofundado ao longo do capítulo, promovendo também a abordagem da **CGEB1**, da **CGEB7** e da **CGEB10**.

RESPOSTAS ÀS QUESTÕES

1. Espera-se que, para emitir suas opiniões, os estudantes relembrem notícias recentes com essa temática veiculadas nos meios de comunicação. É possível promover uma roda de conversa para que todos possam ser ouvidos e compartilhem conhecimentos e opiniões prévias. Essa questão pode ser utilizada como atividade prévia ao início dos estudos do capítulo, incentivando os estudantes a pesquisar notícias relacionadas a consequências da ação humana no meio ambiente (como poluição do ar, desmatamento, reflorestamento, entre outras) para fundamentar melhor suas opiniões. Esse também pode ser um exercício de análise da confiabilidade das fontes consultadas, pois as questões ambientais são um assunto bastante presente nas *fake news*.

2. Essa é uma atividade de autorreflexão que propõe aos estudantes avaliar as próprias ações cotidianas. Para isso, é importante destacar que as situações divulgadas na mídia são resultado de escolhas feitas pelos seres humanos, os quais são influenciados por sua formação e pelo contexto em que estão inseridos. Ressalte, ainda, que a inserção da educação ambiental nas escolas é resultado de um processo de mudança de pensamento. Comente que esse processo se iniciou há cinquenta anos e ocorre de forma gradual, geracional e contínua. É importante que fique claro para os estudantes que suas ações cotidianas têm impacto direto no ambiente e que, na escola, são ensinadas atitudes voltadas a uma relação mais harmoniosa entre os seres humanos e a natureza.

Periodizações históricas e o desenvolvimento tecnológico (Página 275)

Nesse tema, são abordadas as estruturas que orientam as divisões da história segundo critérios específicos. É importante que os estudantes sejam convidados a refletir sobre o caráter pragmático implícito nessas divisões, que são orientadas por abordagens teórico-conceituais e resultam de disputas e imposições ideológicas.

Sugere-se, em um primeiro momento, resgatar com os estudantes a divisão mais clássica de história, que possivelmente esteve presente nos livros didáticos deles durante toda a Educação Básica. Essa periodização quadripartite (Idade Antiga, Idade Média, Idade Moderna e Idade Contemporânea) deve, no entanto, ser problematizada, dado seu caráter eurocêntrico. É fundamental que os estudantes compreendam que toda divisão do processo histórico é artificial e, como resulta em teorias sobre a periodização, é passível de críticas e apontamentos.

Para problematizar a periodização quadripartite, pode-se abordar o fato de ter sido formulada com base em uma perspectiva eurocêntrica, conforme expõe o Livro do Estudante, pois os acontecimentos históricos tomados como marcos para cada período são relevantes para as nações e os povos europeus; o período histórico atual tem como marco inicial a Revolução Francesa, por exemplo.

Outros argumentos podem ser mobilizados para problematizar a divisão quadripartite. Como os períodos históricos são frutos de processos e transformações graduais, e não de mudanças repentinas geradas por acontecimentos únicos, pode-se concluir que a identificação de marcos é, conceitualmente, imprecisa. Por essa razão, inclusive, há controvérsias entre os defensores dessa periodização relacionada aos anos de início e fim de cada idade.

Outra crítica possível diz respeito ao advento da escrita, que ocorreu em períodos diferentes em culturas distintas, tornando, assim, impreciso comparar os povos apenas com base em critérios cronológicos. Portanto, deve-se lembrar aos estudantes que considerar a invenção da escrita um marco para o início da Idade Antiga relaciona-se diretamente à valorização da escrita como única fonte histórica legítima até o século XIX, como se as sociedades sem escrita não fossem passíveis de história, uma vez que não registravam esse processo de tal forma. Representativo desse aspecto é o fato de o período que antecede o advento da escrita ser identificado como Pré-História. Por último, importa salientar que a divisão quadripartite conduz à ideia de uma história linear em direção ao progresso.

Desconstrua essa ideia com os estudantes, mencionando que a história é cumulativa e que não é possível afirmar que as sociedades de "antes" eram piores ou menos desenvolvidas se comparadas às sociedades de "agora" ou "depois".

Após a problematização da periodização quadripartite, sugere-se apresentar a periodização elaborada pelo pesquisador

latino-americanista Charles Truxillo, sistematizada na linha do tempo presente no Livro do Estudante.

Pode-se, também, explorar outros exemplos de periodização, como a perspectiva da história cíclica ou a perspectiva sugerida por Max Weber, que propõe uma divisão temática da história com base em aspectos econômicos: a) economia de consumo; b) sociedades agrárias – desde as civilizações orientais até o período feudal; c) comércio pré-capitalista – dos fenícios ao Renascimento europeu; d) capitalismo comercial – do século XV em diante; e) capitalismo industrial – a partir do século XVIII.

Sugestão para o professor

» **Le Goff, Jacques. *A história deve ser dividida em pedaços?* São Paulo: Ed. da Unesp, 2015.**

Um dos grandes expoentes da Escola dos Annales, Jaques Le Goff (1924-2014) problematiza a compartimentação da história em períodos. Ao analisar os processos de permanências e rupturas medievais, Le Goff reinterpreta o período entre os séculos XV e XIX como um desdobramento ou uma continuidade de mentalidades e estruturas culturais europeias, propondo, assim, a concepção de uma longa Idade Média na Europa.

A tecnologia como critério (Página 276)

Esse tema propõe o aprofundamento da discussão sobre a periodização quadripartite, considerando as bases teórico-conceituais que a sustentam: positivismo, dialética hegeliana e materialismo histórico.

Para abordar o positivismo, importa destacar a noção de progresso que orienta essa escola de pensamento. Segundo os positivistas, a ciência, de base estritamente racional e objetiva, poderia conduzir as sociedades a transformações que culminariam em "versões" melhores de si mesmas, dando uma dimensão valorativa para a história, que seria, portanto, linear e evolutiva.

Ressalte aos estudantes que, para Hegel, a história é uma forma de manifestação da própria razão, que muda e se transforma por meio da unidade e da oposição de contrários: tese (afirmação), antítese (negação) e síntese (conciliação).

Explique à turma que, de acordo com a perspectiva do materialismo histórico, a história é marcada pelos modos de produção de cada época, os quais são determinados, por sua vez, pelas relações de produção. Pode-se usar, como suporte à explicação, a linha do tempo que mostra a maneira como a estrutura da periodização histórica foi feita segundo o materialismo.

Sugere-se, após a abordagem das bases teórico-conceituais, relacionar as diferentes compreensões sobre a periodização da história às transformações ocorridas no mundo europeu a partir do século XIX. Para isso, é possível explorar, por meio do trecho citado, a relação facilmente identificada entre as divisões da história – Paleolítico, Neolítico e Idade dos Metais – e os materiais que davam origem às ferramentas. É possível notar, assim, a clara relação entre a classificação dessas épocas e a tecnologia.

Esses diálogos contribuem de modo significativo para a construção da habilidade **EM13CHS504**, que será mobilizada mais intensamente ao longo do capítulo.

BOXE INTERAÇÃO

1. Respostas pessoais. Espera-se que os estudantes mencionem as rupturas ocasionadas nas diversas sociedades atuais pelo desenvolvimento e pelo uso em larga escala das tecnologias da informação, bem como a impossibilidade de agrupar todas as experiências dos diversos povos em uma única periodização.

Revoluções industriais (Página 277)

A fim de mobilizar a atenção da turma para esse tema, sugere-se investigar, por meio de uma atividade coletiva, os conhecimentos prévios dos estudantes sobre o contexto que antecedeu a Revolução Industrial – considerando que esta tenha se iniciado com o advento da máquina a vapor – relacionando-o ao contexto econômico e social que vem se modelando desde então. Para isso, pode-se usar diferentes estratégias, de acordo com o perfil da turma. Sugere-se, no entanto, que os estudantes sejam incentivados a refletir sobre as diferenças que marcam, especialmente, três temas: as formas de produção; as consequências para os indivíduos da substituição do trabalho artesanal pelo assalariado; e como tudo isso refletiu na organização das sociedades. Partindo dos saberes que os estudantes já têm, pode-se organizar, com eles, um mapa mental ou alguma outra forma de sistematização do conhecimento que concretize as principais diferenças observadas nessa reflexão.

Primeira Revolução Industrial (Página 277)

Proponha uma análise mais detalhada das imagens dispostas na página, solicitando aos estudantes que identifiquem o que acontece nas cenas retratadas, as características dos espaços e das pessoas, bem como as possíveis alterações e/ou contradições.

Após o mapeamento dos conhecimentos prévios dos estudantes e a análise das imagens, pode-se sistematizar os principais aspectos da Primeira Revolução Industrial, marcada pela introdução da tecnologia a vapor (pela combustão do carvão) como combustível para as máquinas, especialmente da área têxtil. Esse invento possibilitou a substituição da tração humana e animal e produziu um aumento considerável da produção, o que impulsionou o desenvolvimento das locomotivas, uma alternativa de transporte de pessoas e cargas com o uso do carvão.

Segunda Revolução Industrial (Página 278)

Para abordar a Segunda Revolução Industrial, é importante destacar as alterações decorrentes da inovação representada pelo uso da eletricidade, e não mais apenas do vapor. Embora a Inglaterra tenha sido o cenário mais marcante durante a Primeira Revolução, vale salientar que, na Segunda Revolução, o centro passou a ser os Estados Unidos e, principalmente, a transformação que se apresentou com o desenvolvimento da linha de montagem.

A fim de identificar as características que estruturavam a linha de montagem na Segunda Revolução Industrial, sugere-se a análise da imagem da página. Entre os fatores que podem motivar a discussão, é fundamental ressaltar que essa forma da divisão do trabalho alienava o trabalhador do processo produtivo e, consequentemente, do produto.

A discussão suscitada pela inserção da linha de montagem é muito propícia para aprofundar a reflexão sobre a alienação do trabalhador, tomando por base a perspectiva marxista, que o vê separado/alijado em quatro dimensões diferentes: 1) o trabalhador está alienado dos meios de produção, pois estes pertencem ao capitalista; 2) o trabalhador, em geral, está alienado do conhecimento sobre o processo produtivo, pois, ao desempenhar apenas uma pequena e específica parte do processo, perde a compreensão do processo produtivo como um todo; 3) o trabalhador está alienado do controle da produção porque é "responsável" apenas por uma tarefa específica e não tem autorização para administrar o processo produtivo, nem mesmo sua rotina de trabalho e de vida, pois esta está sujeita às necessidades

impostas pelas condições do contrato de trabalho; 4) o trabalhador, por fim, está alienado da mercadoria que produz, pois, na condição de assalariado, o produto final de seu trabalho pertence ao dono dos meios de produção. Para explicar as dimensões que compõem a compreensão marxista sobre a alienação, é importante mencionar algum produto como exemplo, de preferência algo presente na realidade dos estudantes, para que eles se identifiquem com a análise proposta, seja porque algum familiar trabalha ou já trabalhou em indústrias que fabricam o produto, seja porque, de alguma forma, eles têm conhecimento sobre seu processo produtivo.

BOXE REFLEXÃO

A proposta do boxe favorece a reflexão sobre o mundo do trabalho e a valorização de ocupações que envolvem o esforço manual, promovendo percepções acerca do valor desse tipo de atividade. Essa perspectiva dá continuidade à abordagem deste volume, ao problematizar o senso comum, a estereotipia e eventuais preconceitos.

1. Espera-se que os estudantes respondam que sim. Todas as profissões, manuais ou intelectuais, necessitam de alguma qualificação. Procure incentivar os estudantes a refletir sobre quais são as qualificações necessárias para exercer trabalhos manuais, fazendo perguntas como: "Um eletricista precisa ter conhecimentos de física?"; "Quais são os conhecimentos matemáticos necessários para tornar-se marceneiro?"; "Um artesão precisa conhecer a ciência dos materiais para realizar o seu trabalho?".
2. O objetivo dessa questão é romper com o estereótipo de que é necessário ter uma escolaridade completa para ter sucesso financeiro. É importante que os estudantes percebam que a remuneração de um trabalho está diretamente associada à qualidade oferecida e também ao *status* que a profissão tem na sociedade. Por exemplo: um excelente trabalhador manual terá seu trabalho requisitado por muitos clientes, o que lhe possibilitará aumentar o valor cobrado por sua mão de obra, valor esse que pode ser superior ao salário de um trabalhador intelectual cujo trabalho não tenha demanda tão grande, fazendo com que o valor pago a este por sua mão de obra seja menor. No entanto, os trabalhadores intelectuais tendem a ser mais valorizados do que os trabalhadores manuais em termos de remuneração, por sua íntima relação com a escolaridade, o que caracterizaria, para a sociedade, maior esforço e investimento na formação para o trabalho. Logo, atribui-se socialmente um *status* menor ao trabalho manual. É possível que essa ideia apareça nas respostas dos estudantes. Se isso acontecer, é importante apontar que nem todos os conhecimentos necessários para o exercício profissional são provenientes da escolarização. Ressalte que os trabalhadores manuais utilizam saberes tradicionais (uma epistemologia diferente da científica e escolar) para o exercício de seu trabalho.

Terceira Revolução Industrial (Página 279)

Para iniciar a discussão sobre a Terceira Revolução Industrial, pode-se explorar a contraposição entre a imagem da página e a imagem da página anterior. Após a análise da imagem da página 278, que poderá ter ocorrido durante a discussão sobre a Segunda Revolução Industrial, a observação da imagem da página poderá evidenciar a substituição, novamente, da mão de obra humana pelas máquinas – neste caso, robôs que, programados e administrados por poucos trabalhadores, desempenham sua função de forma mais rápida e eficiente.

Pode-se perguntar aos estudantes de que maneira a vida do trabalhador, dentro e fora da empresa, pode ser afetada quando acontecem alterações como a implementação da linha de montagem e a robotização da produção, ocorridas na Segunda e na Terceira Revolução Industrial, respectivamente.

Com base nas respostas dos estudantes, pode-se solicitar a eles que criem alternativas passíveis de utilização por empresas e governos no intuito de minimizar os impactos negativos dessas transformações sobre as condições de trabalho e de vida.

Considerando que as revoluções industriais alteraram significativamente as formas de produção e, por conseguinte, as relações entre trabalhadores e patrões, essa abordagem impulsiona o desenvolvimento da habilidade **EM13CHS403**.

Estamos vivendo a Quarta Revolução Industrial? (Página 280)

A fim de contextualizar o tópico e permitir que os estudantes consigam, de maneira autônoma, responder à pergunta que o nomeia, é preciso abordar as possíveis características da Quarta Revolução Industrial.

Em primeiro lugar, deve-se discutir a ideia de que os limites entre a realidade física e a virtual são nebulosos, não sendo possível identificar facilmente onde termina uma e começa a outra. Nessa discussão, pode-se solicitar aos estudantes que pensem em sua rotina e identifiquem práticas, comportamentos e ações que se dão no âmbito da realidade virtual ou que, pelo menos, dependem do virtual para que aconteçam.

É provável que muitos exemplos de uso das redes sociais e relacionados à comunicação sejam levantados, mas também é possível explorar outros exemplos: serviços de TV e bancários, recarga de cartão para transporte público, declaração de imposto de renda, agendamento de consultas e serviços públicos, compra de mercadorias, inscrição para o Enem, entre outros.

A imagem da página ilustra um fenômeno bastante contemporâneo caracterizado por práticas como o *home office* e o *coworking*. Para não ficar à mercê do desemprego, alguns profissionais buscam essas alternativas para reduzir custos e viabilizar a prestação de serviços.

Com base nos exemplos citados pelos estudantes, sugere-se que estes sejam incentivados a pensar como seria o contexto de isolamento social durante a pandemia de covid-19 se a virtualidade estivesse ausente da vida dos brasileiros.

Após a análise e a reflexão desses exemplos mais voltados ao cotidiano, é possível explorar com os estudantes características da virtualidade que dizem respeito ao funcionamento das empresas e do governo, contribuindo para o desenvolvimento da **CGEB6**.

Em seguida, pode-se discutir a proposta do governo alemão de implantação da Indústria 4.0, que permitiria uma espécie de comunicação entre as máquinas. Nessa lógica de avanço computacional, pode-se questionar os estudantes quais seriam os impactos econômicos e sociais do cenário industrial 4.0. Nesse ponto, é importante discutir que, possivelmente, os trabalhadores perderiam algumas funções no processo produtivo, o que geraria mais desemprego e maior necessidade de reestruturação da economia.

Mediante a leitura do texto de Klaus Schwab, é possível ampliar a compreensão sobre a Quarta Revolução Industrial. O texto pode ser lido em sala de aula e, em seguida, pode-se propor um exercício de interpretação. Este trecho merece destaque especial: "O que torna a quarta revolução industrial fundamentalmente diferente das anteriores é a fusão dessas tecnologias e a interação entre os domínios físicos, digitais e biológicos". Nessa frase, o autor reitera a compreensão de que os limites entre a realidade física e a virtual estão nebulosos.

BOXE INTERAÇÃO

1. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes façam uma avaliação crítica dos impactos positivos e negativos dos desdobramentos da Quarta Revolução Industrial. Durante a pandemia de covid-19, em 2020, por exemplo, muitos profissionais passaram a trabalhar remotamente, aderindo às medidas de quarentena e distanciamento social; por outro lado, em razão das imensas desigualdades sociais que caracterizam o país, nem todos foram beneficiados da mesma maneira pela integração de tecnologias, o que pôde ser observado, por exemplo, nos casos de crianças e adolescentes que não puderam acompanhar as aulas remotas por não disporem de acesso à internet.
2. A expressão "nomadismo digital" refere-se a uma tendência entre jovens profissionais que utilizam tecnologias digitais como principais ferramentas de trabalho e o fazem remotamente, o que muitas vezes lhes permite trabalhar em diferentes localidades, sem se fixar na sede de uma empresa, por exemplo. Esse movimento está relacionado à ascensão da Quarta Revolução Industrial, que é caracterizada pela integração entre as tecnologias e pelo virtualismo.

Resinas e polímeros: passado e presente (Página 281)

As informações e os dados sobre o uso do plástico, em suas várias composições, apresentados no Livro do Estudante apontam para o crescente uso desse material em razão da alta maleabilidade, da durabilidade, da possibilidade de esterilização e do desenvolvimento de um processo simplificado de fabricação. Esse cenário, entretanto, relaciona-se diretamente com o aumento dos problemas ambientais associados ao descarte incorreto do plástico, especialmente quando não é destinado à reciclagem. Sugere-se que seja feita a análise do gráfico com os estudantes, a fim de favorecer o desenvolvimento da habilidade **EM13MAT102**.

Para isso, incentive-os a relacionar o uso cotidiano que fazem de itens plásticos aos números do gráfico, que indicam aumento do consumo desse tipo de material. Pergunte, por exemplo, se os estudantes percebem alta ou queda no uso do plástico em seu dia a dia; se evitam o uso de garrafas, canudos e sacolas descartáveis de plástico; se separam as embalagens plásticas com foco na coleta seletiva; entre outras possibilidades de observação. Essas perguntas também promovem a conscientização sobre as responsabilidades individuais nesse cenário.

O conceito de sustentabilidade (Página 282)

Esse tema retoma a discussão proposta na abertura de unidade, por isso, sugere-se que sejam retomadas as orientações referentes à dupla de páginas de abertura, especialmente para a abordagem das noções de consumo e sustentabilidade.

Para além disso, partindo da noção de sustentabilidade, é importante desenvolver o conceito de desenvolvimento sustentável, segundo o qual pessoas, empresas e governos devem adotar práticas inovadoras que promovam estratégias desenvolvimentistas, considerando o impacto nas comunidades locais e no meio ambiente como parâmetros essenciais para a ação. O tripé constituído pelas dimensões social, econômica e ambiental norteia o desenvolvimento sustentável.

O texto de Vitória Luiza Camara discute como as tecnologias sustentáveis estão moldando um futuro mais ecológico, destacando várias inovações que contribuem para preservar o meio ambiente. Enfatize que as energias renováveis, como a solar e a eólica, estão se tornando mais comuns, reduzindo a dependência de combustíveis fósseis e ajudando a combater as mudanças climáticas. Ressalte, ainda, que a eficiência energética é promovida por tecnologias como iluminação LED e aparelhos de baixo consumo, os quais diminuem o uso e os custos de energia. Já no transporte, veículos elétricos e sistemas de transporte público mais eficazes poluem menos o ar. Comente também que a economia circular busca minimizar resíduos e promover o reaproveitamento de materiais, enquanto a agricultura sustentável usa tecnologias para produzir de forma mais eficiente e com menos impacto ambiental. Mencione que essas inovações estão revolucionando as interações humanas com o planeta e promovendo práticas mais sustentáveis.

Tecnologia, consumo e sustentabilidade (Página 283)

Para compreender o consumo sob o viés da tecnologia e da sustentabilidade, é necessário analisar criticamente o conceito de obsolescência programada, haja vista que essa estratégia tem sido identificada como uma das principais responsáveis por compras recorrentes e pela geração de resíduos. Para trabalhar esse conceito com os estudantes, sugere-se a leitura de um artigo de Diego Garcia publicado na revista *Superinteressante* intitulado "O que é obsolescência programada?". O artigo está disponível em: https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-e-obsolescencia-programada/ (acesso em: 23 ago. 2024).

Outras questões relevantes que podem ser destacadas de forma introdutória são a geração e o descarte de resíduos sólidos, problemas cada vez mais comuns nas principais cidades do mundo. Dada a contemporaneidade do assunto, pode-se solicitar aos estudantes que pesquisem notícias sobre descarte irregular de resíduos sólidos (lixo) e analisem essas reportagens em sala de aula. A proposta favorece a construção das habilidades **EM13CNT203**, **EM13CNT206**, **EM13CNT302** e **EM13CNT307**.

Atividades (Páginas 284 e 285)

1. a) Respostas pessoais. Espera-se que os estudantes percebam que sim, uma vez que eles pertencem a uma geração que vivenciou alguns anos de ensino pautado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) como marco legal, e a própria BNCC propõe uma estrutura semelhante à do modelo citado. É possível, durante a conversa, fazer um quadro indicativo dos temas que se repetem e dos que se diferenciam, para que os estudantes possam visualizar os eixos comuns. Esse levantamento será importante para as atividades seguintes.

   b) Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes considerem que os processos históricos não são estanques. Como o próprio enunciado da atividade apresenta, há uma transição. Assim, ainda que cada período histórico tenha suas características, há um processo de transição de um modelo a outro que não é passível de ser objetivamente datado.

   c) Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes compreendam que a escolha de critérios para periodização é subjetiva e depende, em grande medida, dos fatores que se deseja estudar sobre determinado grupo.
2. Resposta pessoal. Em complemento à atividade anterior, os estudantes vão experienciar, de modo mais consciente, a seleção de fatos e recortes históricos sobre suas vivências e as vivências de suas famílias.
3. Espera-se que os estudantes concluam que sim, pois a humanidade está em constante desenvolvimento, e as descobertas tecnológicas são parte de sua história, independentemente de elas terem surgido com a fabricação das primeiras ferramentas, milênios atrás, ou no século XVIII.

4. a) Espera-se que os estudantes identifiquem que a pergunta "Como queremos viver?" está diretamente relacionada às escolhas que o indivíduo e/ou a sociedade fará ao longo dos anos. Os indivíduos, as famílias, as sociedades e até os Estados procuram satisfazer suas necessidades vitais, e a satisfação dessas necessidades resulta em escolhas econômicas, ou seja, essa satisfação é uma importante força social e econômica. Um produto ou qualquer outra tendência de mercado que sejam apresentados a esses grupos e não estejam de acordo com suas necessidades estão fadados ao fracasso. O sucesso e o desenvolvimento econômico somente acontecem quando há uma interação com o público com o qual eles se relacionam, ou seja, são parte integrante da resposta à pergunta original. Assim, por exemplo, se um município é conhecido por ter uma boa estrutura para a prática de esportes aquáticos, lucra com esse tipo de turismo e com o comércio gerado por ele e almeja ampliar esse aspecto para se tornar uma referência no turismo de aventura, não permitirá que uma indústria polua seu solo e seus corpos d'água, a despeito de quão famosa ela seja globalmente. Se permitisse, estaria indo contra os próprios valores éticos e contra os próprios interesses.

   b) A sustentabilidade, em termos coletivos, está diretamente relacionada à prática cidadã. É essencial que os estudantes conheçam as políticas públicas ambientais do local em que vivem para contribuir com a implementação delas ou efetuar críticas e cobrar ações mais efetivas dos políticos locais, caso elas não estejam de acordo com o "como queremos viver" da comunidade. Pode-se instruir os estudantes a iniciar a pesquisa no *site* da prefeitura do município e, em seguida, a coletar informações no *site* da câmara municipal, concluindo com a consulta a outros veículos de comunicação confiáveis.

   c) Após a reunião de todas as descobertas dos estudantes, será possível eleger alguns pontos centrais para promover esse debate em sala de aula. A comparação das "promessas de campanha" com a implementação de políticas públicas e seus impactos nos municípios e no ambiente é fundamental para a formação da consciência cidadã dos jovens, que já estão na idade de se tornar eleitores. Além disso, esse tipo de debate ajuda os estudantes a compreender melhor a responsabilidade política que eles têm ao eleger os governantes e ao monitorar o desempenho destes, cujas atitudes têm impacto direto no modo de vida, nas possibilidades e no futuro de cada um deles, os estudantes.

   d) Resposta pessoal. Espera-se que, em suas considerações, os estudantes indiquem situações relacionadas ao bem-estar individual e ao bem-estar da coletividade, aspectos essenciais para a sustentabilidade social.

5. Resposta correta: alternativa **b**. A resposta apresenta razões de cunho socioeconômico para o pioneirismo inglês, sobretudo em relação aos cercamentos das terras comunais e ao cerceamento das pequenas propriedades, o que gerou grande disponibilidade de mão de obra e intenso êxodo rural.

6. Resposta correta: alternativa **b**. O texto apresenta uma reflexão sobre aspectos concernentes à bioética, e, nesse sentido, o objetivo do novo comportamento a ser construído deve ser possibilitar a sobrevivência das gerações futuras.

7. Resposta correta: alternativa **e**. Essa alternativa traz as principais características da situação dos trabalhadores fabris durante a Primeira Revolução Industrial.

Estúdio filosófico: A tecnologia em Martin Heidegger (Páginas 286 e 287)

Quando se trata de tecnologia e sustentabilidade, estudar algumas das abordagens do filósofo Martin Heidegger é essencial para a compreensão do mundo de acordo com os avanços tecnológicos, pois Heidegger nos leva a refletir de maneira crítica sobre o papel da tecnologia em nossa vida e sobre o impacto desse recurso sobre o ser.

Antes de começar o trabalho com essa seção, questione os estudantes sobre o que entendem por tecnologia e peça-lhes que citem exemplos de tecnologias que costumam usar em seu cotidiano. Retome essa discussão inicial ao longo do trabalho com o conceito de tecnologia em Heidegger, relacionando a reflexão do filósofo às respostas fornecidas pelos estudantes.

Ao apresentar Heidegger, é importante chamar a atenção dos estudantes para o envolvimento direto do filósofo no regime nazista. Heidegger permaneceu filiado ao partido nazista durante toda sua vida e nunca relativizou as suas posições, inclusive fez discursos a favor de Hitler em 1935. Essa contextualização propicia o trabalho interdisciplinar com o componente curricular História.

PARA CONCLUIR

1. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes relacionem o ser à existência ou à essência. Para Heidegger, lançar foco sobre o ser é uma questão crucial que reorienta a filosofia ocidental.
2. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes reflitam sobre as ideias de Heidegger e, com argumentos coerentes, expressem concordância ou discordância em relação a elas.

Práticas de texto: Resenha (Páginas 288 e 289)

Essa seção propõe a elaboração da resenha de um livro ou um artigo científico com o intuito de estimular a leitura e a compreensão de textos de cunho acadêmico. Para o desenvolvimento da atividade, sugere-se apresentar um modelo de resenha para cada tipo de texto.

Será necessário, também, auxiliar os estudantes no processo de busca de livros e artigos que versem sobre o tema "desenvolvimento sustentável", de preferência com foco nas ações e nas epistemologias características dos povos e das comunidades tradicionais. Para pesquisar livros, é possível fazer uma busca no Google Livros (disponível em: https://books.google.com.br/; acesso em: 23 ago. 2024), plataforma que permite a busca por títulos e, algumas vezes, o acesso ao conteúdo integral das obras. Para os artigos científicos, o primeiro contato dos estudantes poderá acontecer no Google Acadêmico (disponível em: https://scholar.google.com.br/?hl=pt; acesso em: 23 ago. 2024) este, no entanto, tem mecanismo de busca mais simples e gera resultados menos satisfatórios. Em seguida, é possível escolher outra base de dados que permita a criação de filtros e possibilite resultados que aprofundem o tema. Para isso, sugere-se o SciELO (disponível em: https://www.scielo.br/; acesso em: 23 ago. 2024), dada a confiabilidade dos periódicos indexados e da qualidade dos textos publicados.

Se não houver acesso à internet na escola, nem a possibilidade de ensinar à turma como efetuar a busca por livros e artigos científicos, recomenda-se montar uma lista com opções para que os estudantes escolham o material sobre o qual farão a resenha. Os requisitos para a elaboração de uma resenha, assim como o passo a passo para realizar a atividade, são apresentados no Livro do Estudante, mas é importante orientar os estudantes a cada momento da atividade, pois ela exige bastante dedicação e envolvimento.

Nessa seção, são especialmente mobilizadas as habilidades **EM13LGG101**, **EM13LGG103**, **EM13LGG303, EM13LGG701** e **EM13LGG703**.

ATIVIDADE COMPLEMENTAR

As resenhas podem ser compartilhadas pelos estudantes em um repositório virtual ou em uma roda de conversa (ou ambos). Para isso, pode-se dialogar com os estudantes sobre como estes preferem compartilhar seus apontamentos, ressaltando a importância da troca de ideias e também da comunicação dos conhecimentos produzidos.

Essa proposta favorece a atitude científica e ressalta a responsabilidade individual e coletiva na construção dos saberes.

CAPÍTULO 17 DIREITO À CIDADE (Página 290)

O capítulo inicia com a proposta de uma reflexão sobre expressões relacionadas à disputa pelo espaço urbano e, em seguida, inicia a discussão sobre o direito à cidade.

Dialogando com a temática da sustentabilidade, introduzida no capítulo anterior, os demais temas desse capítulo compõem uma discussão bastante profícua sobre a relação entre a cidadania, no contexto urbano, e a garantia de direitos de circulação e de uso de espaços e serviços ambientalmente responsáveis.

Para motivar a discussão proposta nessa abertura, é possível questionar os estudantes a respeito de seus conhecimentos sobre o significado da expressão "direito à cidade". É importante propor questões que pautem o conceito, como: "Quem tem direito à cidade"; "Como se dá a distribuição espacial das moradias na cidade?"; "O que essa distribuição das moradias informa sobre classe e ocupação?"; "Como estão distribuídos os bens culturais da cidade?"; "Onde eles se localizam?"; "O que acontece quando pessoas ocupam espaços que, usualmente, não pertenceriam a elas?"; "Como se dão os conflitos por espaço na cidade?"; "Você já vivenciou algum?"; "Você lembra de algum conflito desse tipo que tenha repercutido na mídia?".

Após a abordagem inicial, é possível apresentar a definição de direito à cidade proposta por Henri Lefebvre, compreendendo que esse conceito foi cunhado pelo autor em uma aproximação com as manifestações populares. Para Lefebvre, o direito à cidade está firmado sobre a ótica da não exclusão de nenhum indivíduo na cidade. Assim, toda a sociedade deve usufruir das qualidades e dos benefícios da vida urbana, sem nenhum tipo de segregação socioeconômica. Nessa perspectiva, o direito à cidade se apresenta como reivindicação coletiva de ocupação do espaço urbano por grupos marginalizados, que, em geral, vivem em áreas periféricas, apartados das localidades que concentram melhor qualidade de vida.

Uma boa estratégia para trabalhar as diferenças socioeconômicas presentes no contexto urbano é analisar o IDH das regiões da cidade. É possível solicitar aos estudantes que coletem essa informação; alternativamente, pode-se apresentar-lhes essa informação e analisá-la com a turma. Há várias fontes de consulta para isso, mas o Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (disponível em: http://www.atlasbrasil.org.br/; acesso em: 11 out. 2024) é uma base de dados *on-line* muito interessante, que permite consultar dados de estados, regiões metropolitanas e cidades. Além disso, apresenta uma série de informações significativas que pode interessar aos estudantes.

Nessa abertura, o trabalho pautado na análise de IDH e a reflexão ampliada sobre o direito à cidade contribuem para o trabalho com as competências **CGEB1**, a **CGEB6**, a **CGEB7** e a **CGEB10**, que serão aprofundadas ao longo do capítulo.

RESPOSTAS ÀS QUESTÕES

1. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes respondam que o direito à cidade consiste na garantia de que todas as pessoas usufruam de uma cidade justa, onde todos possam viver bem. Isso inclui o acesso a moradia e transporte, entre outros serviços essenciais, e a espaços públicos, bem como a participação nas decisões que afetam a vida na cidade.
2. Respostas pessoais. Os estudantes devem identificar que os protestos, independentemente de como sejam realizados, são termômetros importantes para identificar se o direito à cidade está sendo exercido adequadamente.

A mãe urbana (Página 291)

O conteúdo da página oferece uma excelente oportunidade para explorar com a turma a relação entre o desenvolvimento da filosofia e o ambiente urbano, tanto no contexto histórico quanto nas discussões contemporâneas. Para trabalhar esse conteúdo em sala de aula, é importante que os estudantes compreendam a relevância das cidades-Estado gregas, sobretudo Atenas, como berço da Filosofia ocidental, e entendam a influência do ambiente urbano no pensamento filosófico na Antiguidade.

Uma boa estratégia é iniciar a aula contextualizando as cidades-Estado, com destaque para o papel de Atenas como centro do pensamento filosófico, e questionar os estudantes sobre como o ambiente urbano pode influenciar o pensamento e a cultura de uma sociedade. Em seguida, divida a turma em grupos, para que leiam o texto atentamente e discutam suas principais ideias, especialmente a frase "a filosofia é filha da *pólis*" e a importância do contexto urbano na formação do pensamento crítico.

Após essa análise, proponha uma discussão sobre as ideias de Henri Lefebvre e David Harvey, enfatizando como elas se aplicam às cidades modernas e aos desafios que estas enfrentam, como a segregação social e a gentrificação. Relacione essas questões com os movimentos sociais mencionados no texto, como o Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST) em São Paulo, e incentive os estudantes a pensar em exemplos locais ou globais em que o direito à cidade esteja em debate.

Cidadania e acesso à cidade (Página 292)

Para abordar a desigualdade de renda, base da discussão sobre o acesso desigual à cidade, é possível apresentar um exemplo prático. Selecione dez estudantes para formar um grupo, que ficará de frente para a turma.

Em seguida, distribua 50 objetos entre esse grupo (pedaços de papel, giz, balas, lápis, etc.). Um estudante deve receber 42% desse total de objetos, ou seja, 21 objetos. Restarão 29 objetos para 9 estudantes. Após a distribuição de todos os objetos, é possível problematizar a concentração de 42% da renda do país nas mãos de apenas 10% da população.

Após as reflexões propostas na atividade inicial, apresente aos estudantes a íntima relação entre concentração de renda/desigualdade de renda e acesso diferenciado à cidade, evidenciando que essa é uma das manifestações da marginalização social.

A produção teórica de Lefebvre foi fortemente influenciada pela alegação de David Harvey de que o direito à cidade é uma questão de direito coletivo, pois implica a possibilidade de fazer e refazer a cidade, e, por isso, deve ser compreendido como um direito humano essencial, e não negligenciado, como tem sido.

No que diz respeito às elaborações de Margit Mayer sobre o

conceito de direito à cidade cunhado por Henri Lefebvre, a autora afirma que não se trata de um direito formal e jurídico, e sim de um direito político, caracterizado pela oposição aos ricos e aos poderosos.

A discussão desenvolvida nesse tópico contribui para a mobilização de aspectos das habilidades **EM13CHS301** e **EM13CHS504**.

Sugestão para o professor

» **Tavolari, Bianca. Direito à cidade: uma trajetória conceitual. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, v. 35, n. 1, p. 93-109, mar. 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002016000100005. Acesso em: 23 ago. 2024.**

Nesse artigo, Tavolari apresenta as bases conceituais e o contexto que motivaram as discussões sobre o direito à cidade, abordando a pluralidade de sentidos que essa expressão assumiu ao longo do tempo e sobre a qual, segundo a autora, repousa justamente toda a relevância social e teórica de tal expressão. David Harvey e Margit Mayer, citados no Livro do Estudante, são contemplados no artigo.

BOXE INTERAÇÃO

1. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes analisem a oferta dos serviços públicos na região onde moram.
2. Resposta pessoal. A proposta amplia a análise sugerida, incentivando os estudantes a identificar problemas e pensar em melhorias possíveis.

Reimaginando as cidades (Página 293)

O texto apresentado oferece uma oportunidade valiosa para discutir com os estudantes os impactos da urbanização acelerada e a importância de políticas públicas voltadas para a inclusão social e a justiça urbana. Para trabalhar esse conteúdo em sala de aula, sugere-se iniciar com uma reflexão sobre os desafios enfrentados pelas cidades modernas, como a desigualdade, a exclusão social e a degradação ambiental.

Depois, proponha aos estudantes que discutam como as ações do poder público e da sociedade civil podem colaborar para que as cidades sejam mais inclusivas e sustentáveis. Utilize os exemplos mencionados no texto, como o modelo de habitação social de Viena e o Programa Minha Casa, Minha Vida, para ilustrar políticas concretas que buscam promover a equidade urbana. Incentive os estudantes a refletir sobre como essas iniciativas podem ser aplicadas em diferentes contextos e como eles, enquanto cidadãos, podem participar ativamente dessas discussões.

Para aprofundar o debate, pode-se organizar uma atividade em que os estudantes pesquisem outras políticas públicas de habitação e inclusão urbana em diferentes países ou cidades e apresentem seus achados à turma. Essa abordagem ajudará a contextualizar o conteúdo, tornando-o mais relevante para os estudantes e estimulando uma compreensão crítica dos desafios e soluções para a urbanização sustentável.

Cidades para todos (Página 294)

O texto aborda a importância de uma infraestrutura urbana sólida, acompanhada por políticas inclusivas e participativas, para atender às demandas de todos os moradores das cidades, especialmente em contextos de grandes desigualdades. Para explorar esse conteúdo em sala de aula, inicie uma discussão sobre os desafios inerentes aos espaços urbanos em diferentes partes do mundo, com foco na demanda por serviços públicos de qualidade e de políticas que promovam a inclusão e a acessibilidade.

Proponha aos estudantes que analisem os exemplos apresentados no texto, como o caso de Medellín, na Colômbia, onde investimentos em infraestrutura, como a criação de teleféricos urbanos, transformaram a vida de comunidades isoladas. Use esse exemplo para estimular uma reflexão sobre como melhorias na infraestrutura podem impactar positivamente a vida dos moradores e reduzir desigualdades.

Em seguida, aborde os movimentos sociais mencionados no texto e sugira aos estudantes que investiguem como esses movimentos contribuem para o acesso igualitário à cidade e promovem a participação cidadã nas decisões sobre o uso de recursos públicos.

BOXE REFLEXÃO

O conteúdo do boxe argumenta que a urbanização e a sustentabilidade estão profundamente conectadas e que o planejamento das cidades precisa considerar a produção e o consumo de alimentos. Steel critica a falta de integração entre a vida urbana e a natureza nas cidades modernas, o que resulta em problemas ambientais e sociais. A autora propõe redesenhar as cidades para incluir sistemas alimentares locais, reduzindo a pegada ecológica e promovendo uma urbanização mais sustentável. Ela destaca que, embora a civilização seja urbana, a sobrevivência das cidades depende da agricultura e dos agricultores, cuja história é muitas vezes esquecida.

1. Espera-se que os estudantes respondam que a autora se referiu ao fato de, a despeito de vivermos em cidades e isso parecer natural, ainda dependemos da terra e das práticas rurais para sobreviver.
2. Resposta pessoal. A autora afirma que, embora existam muitos fatores complicados na relação entre cidades e alimentação, no fundo, essa relação é simples: sem a produção de alimentos no campo, as cidades não poderiam existir. Espera-se que os estudante argumentem adequadamente a favor ou contra essa ideia, refletindo sobre o assunto.

Cidades sustentáveis (Página 295)

Como já apresentado na abertura de capítulo, o direito à cidade supõe uma noção de cidadania que se constrói pela garantia de direitos de circulação e de uso de espaços e serviços ambientalmente responsáveis, portanto, sustentáveis.

Partindo dessa compreensão de cidadania, os governantes das cidades devem ser compromissados com o desenvolvimento sustentável, na perspectiva trabalhada no capítulo anterior, e fiscalizar as ações das empresas nelas instaladas Talvez seja necessário retomar o conceito de desenvolvimento sustentável com os estudantes, lembrando-os de que ele traduz práticas de incentivo à economia que adotam as características sociais e ambientais como parâmetros para o planejamento de ações, fundamentando-se no tripé economia, meio ambiente e sociedade.

Nessa perspectiva, será importante apresentar uma visão geral dos acordos e dos pactos internacionais realizados para incentivar os países signatários a adotar medidas condizentes com os objetivos firmados nos documentos. A Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (Cnumad) que aconteceu na cidade do Rio de Janeiro, em junho de 1992, e ficou popularmente conhecida como Rio-92 (ou Eco-92 ou, ainda, Cúpula da Terra), foi o marco para o reconhecimento do desenvolvimento sustentável como parte da agenda das nações. Sugere-se a apresentação de um panorama das principais conferências internacionais sobre meio ambiente e dos ganhos mais significativos resultantes

de cada uma delas. Esse mapeamento pode ser realizado pelo docente ou pelos estudantes, sob mediação e orientação. O objetivo é munir os estudantes de argumentos e ferramentas histórico-conceituais para que eles possam debater com mais profundidade assuntos relacionados ao desenvolvimento sustentável e aos impactos nocivos da extração e do uso inadequado dos recursos naturais.

Depois de contextualizar as conferências, é fundamental apresentar a Agenda 2030, cujo objetivo é planejar eixos de ação que possibilitem o desenvolvimento sustentável. Entre eles estão o fortalecimento da paz universal e da liberdade individual e a erradicação da pobreza em todas as suas formas.

No Livro do Estudante, há alguns detalhes específicos sobre a Agenda 2030 que podem ser abordados com a turma. Além disso, sugere-se que sejam explorados os 17 objetivos que integram a Agenda. Pode ser proposto um trabalho em grupo. Para isso, será preciso dividir os objetivos pelo número de grupos formados, e cada grupo ficará responsável por apresentar à turma, de forma lúdica, o(s) objetivo(s) que lhe foram atribuídos. Se esse tipo de estratégia não for possível, no *site* da Agenda 2030 (disponível em: https://brasil.un.org/pt-br/sdgs; acesso em: 18 out. 2024) há uma representação gráfica de cada um dos 17 objetivos, que pode ser impressa em folha A4 e exposta para a análise dos estudantes.

BOXE AÇÃO E CIDADANIA

Essa abordagem favorece o trabalho com as habilidades **EM13CHS301**, **EM13CNT206** e **EM13CNT309**, pois incentiva a pesquisa e o posicionamento ético dos estudantes, com foco no protagonismo dos jovens em suas comunidades.

1. Atividade de pesquisa. A proposta, além de incentivar a pesquisa, incita os estudantes a refletir sobre a comunidade da qual fazem parte e a criar estratégias de interferência social. Encoraje todos os estudantes a apresentar suas descobertas e, durante a roda de conversa, a desenvolver ainda mais essas ideias. Delas, pode surgir um projeto cidadão que trará benefícios para toda a comunidade.
2. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes citem diversas práticas sustentáveis, entre elas: utilização de transporte público e bicicletas; utilização de energias renováveis; criação de espaços verdes urbanos, etc.

A eficiência energética de Fujisawa (Páginas 296 e 297)

Nesse tópico, apresenta-se um estudo de caso sobre como um desastre ambiental motivou a reestruturação de ações governamentais japonesas relacionadas à produção de energia e, inclusive, impulsionou a gestão de uma cidade-modelo, que usa formas renováveis de energia para a manutenção de casas, carros e espaços públicos. O Livro do Estudante oferece informações detalhadas sobre tais ações, no intuito de expor aos estudantes alternativas viáveis de gestão pública dos recursos naturais.

As imagens podem ser exploradas com os estudantes. A primeira delas mostra painéis solares, uma estratégia encontrada para suprir a energia da cidade-modelo.

O exemplo de Fujisawa ilustra que mudanças significativas em uma cidade podem inspirar, mas não é necessário recriar uma cidade para alcançar a sustentabilidade. Fujisawa demonstrou que é possível melhorar a segurança na produção de energia sem a necessidade de uma transformação completa, evidenciando que boas políticas e mudanças de hábitos podem ser igualmente eficazes.

Em Adelaide, na Austrália, a transição para energias renováveis foi bem-sucedida. Desde 2020, a cidade é completamente abastecida por energia solar e eólica, com a instalação de placas fotovoltaicas em edifícios públicos e privados, contribuindo para sua meta de neutralidade em carbono. A fotografia atual dos telhados em Adelaide, cobertos por placas fotovoltaicas, exemplifica a prática dessa mudança.

A Coreia do Sul também está avançando na busca pela neutralidade em emissões de carbono, como um objetivo para 2050. Seul, que em 2005 tinha péssima qualidade do ar, apresentou melhorias notáveis desde então, com um ar considerado limpo e saudável em 2023, revelando o impacto positivo de políticas eficazes em saúde e em ambiente urbano.

Essa tão relevante discussão sobre os recursos naturais e a geração e o consumo de energia contribui para o desenvolvimento das habilidades **EM13CNT203**, **EM13CNT206** e **EM13CNT309**.

Escolhas sustentáveis para as mudanças climáticas (Páginas 298 e 299)

É fundamental reconhecer que, apesar das iniciativas para criar cidades sustentáveis, as sociedades já estão enfrentando consequências severas das mudanças climáticas. Um exemplo recente é a inundação no Rio Grande do Sul, em 2024, que demonstra a necessidade urgente de estratégias de adaptação.

Mencione aos estudantes que as cidades-esponja são importantes, pois usam recursos naturais para gerenciar as águas pluviais e reduzir o risco de enchentes. Algumas cidades da China e outras como Nova York, Berlim e Copenhague estão adotando essa medida para melhorar sua resiliência hídrica. Os estudantes devem explorar como essas cidades implementaram o conceito e identificar os resultados dessa iniciativa.

Enfatize aos estudantes que os corredores verdes são áreas contínuas de vegetação que conectam diferentes partes da cidade, beneficiando a qualidade do ar, reduzindo a temperatura e oferecendo espaços para atividades físicas. Os estudantes devem considerar como projetar corredores verdes em suas comunidades para melhorar a qualidade de vida e o ambiente urbano.

Atividades (Páginas 300 e 301)

1. Resposta correta: alternativa **c**. As afirmativas falsas são a segunda e a quarta. A segunda é falsa, pois o desequilíbrio entre o uso dos equipamentos urbanos e a valorização e o uso do solo urbano impulsiona/reforça, e não evita, a criação de centros e periferias. A quarta afirmativa é falsa, pois o estímulo ao transporte coletivo não garante que o transporte individual seja desestimulado.
2. Resposta correta: alternativa **e**. O segundo verso do trecho de música selecionado representa a resposta correta ao afirmar que "Sempre uns com mais e outros com menos". Além disso, o quarto verso reforça, dizendo "O de cima sobe e o de baixo desce". É clara a referência à concentração e à desigualdade de renda.
3. Resposta correta: alternativa **b**. Toda referência à discussão sobre inclusão social implica refletir sobre a democratização dos espaços, dos serviços e da comunicação. Segundo o texto, que discute a mobilidade das pessoas que apresentam algum tipo de dificuldade de locomoção, definitiva ou temporária, a democratização do espaço urbano envolve a acessibilidade nos transportes públicos.

4. Resposta correta: alternativa **b.** O texto caracteriza o desenvolvimento urbano sustentável como um ideal que prescinde de ações eficientes de governança, mas também da participação ativa da sociedade.
5. Resposta correta: alternativa **c**. O transporte alternativo, como vans e ônibus informais, se torna predominante devido à ausência de infraestrutura adequada e de serviços de transporte público eficiente.
6. Por causa da cobertura impermeável nas cidades e da alocação desordenada de moradias, muitos países pobres sofrem com deslizamentos de terra e enchentes, que ocasionam perdas materiais e humanas. O Brasil é um exemplo de país que teve uma urbanização rápida, sem planejamento do uso do solo urbano, causando inúmeros problemas, principalmente a moradores de periferias.
7. a) Espera-se que os estudantes comentem as maneiras pelas quais diferentes aspectos da urbanização, como a construção de edifícios, o aumento do tráfego de veículos e a diminuição de áreas verdes, contribuem para o aquecimento global e outros problemas climáticos – as "ilhas de calor" em áreas urbanas, por exemplo.

   b) As cidades podem sofrer de diversas maneiras com as mudanças climáticas, por exemplo, com enchentes, ondas de calor ou poluição do ar. As consequências podem ser perdas materiais e/ou humanas.

   c) Resposta pessoal. Os estudantes podem citar algumas soluções sustentáveis passíveis de implementação em uma cidade para mitigar os efeitos das mudanças climáticas, como criação de corredores verdes, melhorias no transporte público e uso de energias renováveis, entre outras.

   d) Respostas pessoais. Espera-se que os estudantes compreendam que dificilmente a sociedade voltaria a habitar os campos em maior quantidade e, por isso, ações sustentáveis são necessárias para equilibrar a expansão das cidades.
8. a) O crescimento da urbanização no Brasil, especialmente entre 1985 e 2021, está associado a uma expansão desordenada, que frequentemente resulta na formação de favelas e áreas vulneráveis. O aumento das favelas indica que a urbanização não foi acompanhada por políticas efetivas de planejamento urbano e de inclusão social, resultando na concentração da população em áreas muitas vezes impróprias à moradia.

   b) Os moradores de áreas de risco enfrentam diversas consequências, como vulnerabilidade a desastres naturais, uma vez que muitas favelas estão localizadas em terrenos instáveis, além da falta de infraestrutura, com acesso limitado a serviços básicos, como água potável e saneamento, impactando a saúde e a qualidade de vida dessas pessoas. Para minimizar essas consequências, é essencial adotar medidas como planejamento urbano inclusivo, programas de habitação digna, educação sobre segurança e prevenção de desastres, e investimentos em infraestrutura para melhorar as condições de vida nessas áreas.

Estúdio filosófico: A utopia em Thomas More (Páginas 302 e 303)

Em *Utopia*, Thomas More descreve uma sociedade imaginária baseada em princípios de igualdade, justiça e bem-estar coletivo. A obra apresenta uma crítica implícita à organização das cidades europeias de seu tempo, marcadas por desigualdade e exclusão. Ao imaginar uma cidade planejada, onde todos têm acesso a recursos básicos e à participação política, More antecipa questões fundamentais sobre o direito à cidade, como a distribuição equitativa dos espaços urbanos e a garantia de condições dignas de vida para todos os cidadãos.

Ao trabalhar a seção, discuta com os estudantes o significado da palavra "utopia", convidando-os a imaginar o que consideram uma cidade ideal.

PARA CONCLUIR

1. Espera-se que os estudantes compreendam que as práticas de posse comum e de rotação de residências promovem coesão social e igualdade dentro da sociedade utópica, promovendo princípios de justiça e de distribuição equitativa.
2. a) Ao propor a estrutura social idealizada, Thomas More critica a sociedade de sua época, possibilitando imaginar uma sociedade harmônica e feliz.

   b) Os princípios que sustentam a sociedade utópica ideal baseiam-se na distribuição igualitária dos bens comuns, na preocupação com o outro, no livre ir e vir e na continuidade das propostas dos governantes.
3. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes articulem suas opiniões, conhecimentos e vivências prévias, bem como as discussões desenvolvidas no capítulo, de forma a evidenciar o que consideram ser uma sociedade ideal.
4. Respostas pessoais. A atividade complementa a questão anterior, de forma que, a partir da resposta dada a ela, os estudantes são instigados a avaliar a sociedade em que vivem. Incentive-os a refletir sobre o que seria necessário para que essa sociedade fosse ideal, levando em consideração princípios como ética, justiça e igualdade de acesso a serviços e a recursos básicos.

Ampliando: Arquitetura e sustentabilidade (Páginas 304 e 305)

A atividade dessa seção favorece o conhecimento de alternativas sustentáveis na área de arquitetura, levando os estudantes a perceber que o custo para implementar soluções ambientalmente responsáveis não é muito diferente do custo para implantar soluções arquitetônicas tradicionais e, portanto, não é restrito a uma classe social específica.

O texto de apoio para a realização da atividade é muito rico em exemplos, o que pode aguçar a curiosidade dos estudantes. Assim, pode ser interessante ler o texto antes da aula e identificar os recursos utilizados nas construções sustentáveis para se antecipar às dúvidas dos estudantes. Outra possibilidade é disponibilizar, se for possível, computadores com acesso à internet para que os estudantes pesquisem o assunto, que pode ser muito distante da realidade em que estão inseridos.

RESPOSTAS ÀS QUESTÕES

1. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes compreendam que a arquitetura sustentável é aquela em que se consideram custos econômicos e viabilidade socioambiental.
2. Nessa resposta, os estudantes poderão utilizar os exemplos citados no texto e apresentar sua contribuição. Seguem alguns exemplos para ilustração: o aproveitamento de prédios antigos diminui a demanda por novos materiais que seriam empregados na construção de um edifício, utilizando menos petróleo e diminuindo o entulho; a eficiência energética de um edifício e a implementação de soluções de energia alternativa, como os painéis solares, podem contribuir para o uso racional da energia; a adequação topográfica e bioclimática das estruturas pode contribuir para que se reduza a

utilização de recursos artificiais voltados ao controle de temperatura, como ar-condicionado e aquecedor.

3. Resposta pessoal. Se os estudantes não identificarem uma construção sustentável no município onde moram, é possível instigar-lhes a memória para avaliar se já estiveram diante de alguma ou se já viram exemplos em filmes ou séries de TV.

CAPÍTULO 18 AGROECOLOGIA: POSSIBILIDADES DE FUTURO (Página 306)

Nesse capítulo, o tema que delineia todas as discussões é a relação estabelecida entre o ser humano e a natureza, seja na perspectiva dos processos tecnológicos e de suas consequências para o meio ambiente, seja na análise de alternativas ao modelo hegemônico de produção.

De uma forma ou de outra, a proposta é conduzir uma reflexão sobre o meio ambiente, do qual o ser humano é parte constituinte, e sobre possibilidades que promovam a melhoria da relação entre o uso dos recursos e a produção de alimentos.

A abertura do capítulo instiga a reflexão sobre a relação intrínseca entre as técnicas agrícolas e as características da sociedade. No passado, o desenvolvimento da agricultura permitiu a fixação dos seres humanos em um dado território; atualmente, o desenvolvimento de tecnologias que aumentam a produtividade e alteram tanto o modo de cultivar como os padrões dos alimentos induz os grupos a uma forma de consumo cultural e economicamente estruturada, que causa impactos na natureza.

Para problematizar os impactos das novas tecnologias agrícolas na produção e, consequentemente, no consumo dos alimentos e na própria maneira como a sociedade percebe esse processo, sugere-se que seja feita uma rápida pesquisa sobre os hábitos alimentares dos estudantes: "Quais são os tipos de alimento mais consumidos?"; "Por que isso acontece?"; "Vocês comem frutas, verduras e legumes?"; "Qual é a origem desses alimentos?"; "Vocês conhecem os produtores?".

Com base nas respostas obtidas, é possível abordar os aspectos mais gerais dos hábitos de consumo dos estudantes. Caso eles vivam em contextos urbanos, possivelmente vão mencionar uma alimentação mais voltada a produtos industrializados, com o consumo de frutas, verduras e legumes pouco presente e desconhecimento da origem da produção. Caso os estudantes vivam em contextos mais periféricos, ainda que na cidade, ou em contextos rurais, o padrão de respostas pode ser diferente. Se a turma for heterogênea, é possível anotar as respostas na lousa e compará-las para demonstrar que o lugar de moradia interfere na constituição dos hábitos alimentares.

A abertura dá continuidade ao trabalho com a **CGEB1**, a **CGEB6**, a **CGEB7** e a **CGEB10**.

RESPOSTAS ÀS QUESTÕES

1. Respostas pessoais. Espera-se que os estudantes identifiquem que uma parte considerável dos gêneros agrícolas produzidos no Brasil é destinada à exportação.
2. Respostas pessoais. Nessa atividade, espera-se que os estudantes reflitam sobre seus hábitos de consumo e sobre os ciclos de produção dos alimentos.

Agroecologia (Página 307)

Esse item discute a proposição de modelos alternativos para a produção agrícola diante dos danos causados pela agroquímica, que otimiza a produção em detrimento do meio ambiente. Para abordar a questão, pode-se retomar a discussão já iniciada na abertura do capítulo, complementando-a com dados históricos.

É importante salientar que os modelos de agricultura, inicialmente considerados radicais, demoraram para ser absorvidos como prática a ser adotada e estudada nos cursos que formam agrônomos. Os modelos das comunidades alternativas passaram a ser integrados aos estudos acadêmicos apenas a partir dos anos 1960 com a denominação "agroecologia". No entanto, somente após a popularização das discussões relativas à sustentabilidade é que, de fato, a agroecologia passou a representar uma possibilidade real para superar as consequências da agroquímica.

Nesse ponto, é importante trabalhar a noção de Revolução Verde, presente no texto de apoio. Destaque que a agroecologia se contrapõe a esse processo e que ambas – Revolução Verde e agroecologia – disputavam espaço e reconhecimento. Vale, contudo, problematizar o fato de a Revolução Verde ter sido apoiada por grandes empresas de insumos, sementes e maquinários agrícolas, ao passo que a agroecologia era desenvolvida por comunidades alternativas e estudada por alguns representantes da academia.

A discussão empreendida nesse tópico, e já iniciada na abertura do capítulo, contribui para o desenvolvimento das habilidades **EM13CHS302**, **EM13CHS304** e **EM13CHS305** e de aspectos da habilidade **EM13CNT206**.

BOXE REFLEXÃO

Nesse boxe, os estudantes são incentivados a perceber os impactos da Revolução Verde em seu cotidiano e a refletir sobre os próprios hábitos alimentares e de consumo. Isso dá continuidade aos debates que buscam conscientizar os jovens acerca de suas ações individuais e coletivas e sobre como eles se posicionam diante dos contextos abordados.

1. Essa atividade visa sensibilizar os estudantes e auxiliá-los a identificar os alimentos que consomem. É importante que eles percebam que, atualmente, os óleos de cozinha são quase todos transgênicos, assim como o milho (cerca de 85% da produção de milho brasileira é transgênica) e parte dos produtos que apresentam trigo e centeio em sua composição.
2. Espera-se que os estudantes identifiquem que, no Brasil, a Revolução Verde promoveu a mecanização do campo e a criação de sementes geneticamente modificadas visando aumentar a produção agrícola. Os impactos para o meio ambiente foram nocivos, pois a utilização de agrotóxicos nas sementes modificadas resultou na contaminação do solo e da água. No caso dos produtores rurais, tal revolução aumentou a desigualdade social, pois os pequenos proprietários, para manter-se competitivos, precisavam investir em maquinários e mão de obra qualificada, pelos quais, muitas vezes, não podiam pagar.

Sugestão para o professor

» Costa, Manoel Baltasar Baptista da. *Agroecologia no Brasil*: história, princípios e práticas. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

Nesse livro, o autor apresenta a agricultura convencional e a agroecologia, qualificando cada uma delas e colocando-as em debate. É uma leitura que permite o contato com os princípios da agroecologia, pois o autor apresenta, de forma abrangente, as características ideológicas e as técnicas implicadas nessa forma de produção agrícola.

Agroecologia e agricultura orgânica (Página 308)

Nesse tópico, apresenta-se a distinção entre agroecologia e agricultura orgânica e, para que essa diferenciação fique clara, pode-se começar abordando o assunto com base nos

conhecimentos prévios dos estudantes sobre os produtos orgânicos. Proponha questões como: "Vocês sabem o que é um produto orgânico?"; "Qual é a diferença entre um alimento orgânico e um alimento proveniente das formas de cultivo baseadas na agroquímica?"; "Como podemos identificar um produto orgânico no mercado?". Essas perguntas disparadoras podem pautar toda a discussão sobre essa temática. Assim, sugere-se que sejam apresentados inicialmente os princípios da agroecologia, pois alguns deles foram incorporados às técnicas da agricultura orgânica.

Em seguida, pode-se distinguir agroecologia e agricultura orgânica enfocando os condicionantes que definem cada forma de produção. Para a agroecologia, o principal condicionante são as características ambientais do território onde se dará a produção; para a agricultura orgânica, que se estrutura como atividade com fim comercial, há dois condicionantes fortes: o contexto social do produtor e as características que lhe são peculiares, como capacidade produtiva, uso ou não de processos mecanizados, mão de obra disponível, possibilidade de investimento de capital, escolaridade, potencial para integrar outras atividades à agricultura para geração de renda, entre outras.

Para discutir a garantia de procedência de um alimento orgânico, sugere-se que sejam retomadas as perguntas disparadoras. Se os estudantes mencionarem que costumam observar o selo de certificação, pode-se começar a discussão desse ponto. No entanto, caso eles desconheçam ou nunca tenham observado atentamente esse selo, sugere-se apresentá-lo à turma. Mostre um produto que tenha o selo ou ainda fotografias e imagens em que ele aparece. O importante é que os estudantes se apropriem desse conhecimento para refletir sobre os processos de certificação.

É fundamental problematizar o que significa para um produtor de alimentos orgânicos exibir o selo em seus produtos. Além disso, a reflexão sobre o processo de obtenção da certificação também deve acontecer, pois, ainda que sejam adotados parâmetros formais condizentes com o modelo da técnica adotada – agricultura orgânica –, nem todos os produtores conseguem certificar seus alimentos, seja em razão dos requisitos exigidos pela burocracia, seja em função dos custos.

É importante informar aos estudantes que grande parcela da produção orgânica no Brasil é proveniente da agricultura familiar, cujas características são muito diferentes da agricultura realizada por grandes empresas. A problematização dos processos de regulação e certificação contribui para que se desenvolva, especialmente, a habilidade **EM13CHS305**.

Conhecimentos tradicionais e tecnologias (Página 309)

Nesse tópico, discute-se a reaproximação entre duas epistemologias que, desde a Revolução Industrial, foram distanciadas: a epistemologia científica e a epistemologia dos povos e das comunidades tradicionais. Partindo do pressuposto de que eram formas de conhecimento inconciliáveis, a ciência passou a rechaçar os saberes tradicionais sob a alegação de que estes não acompanhavam os procedimentos e os critérios de racionalidade, cientificidade e verificabilidade que definiam os conhecimentos produzidos no âmbito da epistemologia científica.

De outra parte, muitos dos conhecimentos científicos não se tornavam conhecidos pelos povos e pelas comunidades tradicionais, porque eram restritos a uma formação escolarizada que, muitas vezes, não correspondia à realidade vivenciada por crianças, jovens e adultos culturalmente vinculados a esses povos e comunidades.

Como resultado dessa fragmentação, cientistas, de um lado, e povos e comunidades tradicionais, de outro, formularam técnicas diferentes para lidar com o meio ambiente. No entanto, tendo relação direta com a terra e com os recursos naturais, esses povos e comunidades desenvolveram, no decorrer da história, relações mais harmoniosas com o meio ambiente. Em virtude disso, a ciência passou a estudar a epistemologia dos povos tradicionais, aliada aos conhecimentos acumulados ao longo do desenvolvimento das ciências, no intuito de promover uma interface baseada no diálogo e na troca de saberes.

BOXE INTERAÇÃO

Para orientar os estudantes na realização dessa atividade, é importante explicar a eles quais são os grupos tradicionalmente reconhecidos como comunidades e povos tradicionais. Segundo o Departamento de Direitos Humanos e Cidadania, da Secretaria da Justiça, Trabalho e Direitos Humanos, do governo federal, são povos e comunidades tradicionais: quilombolas, ciganos, grupos de matriz africana, seringueiros, castanheiros, quebradeiras de coco-babaçu, comunidades de fundo de pasto, faxinalenses, pescadores artesanais, marisqueiros, ribeirinhos, varzeiros, caiçaras, praieiros, sertanejos, jangadeiros, açorianos, campeiros, pantaneiros, caatingueiros, entre outros.

1. a) Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes citem ao menos um grupo que possa ser identificado como povo ou comunidade tradicional e que respondam à questão salientando as técnicas utilizadas por esse grupo para garantir a própria subsistência. Alguns grupos podem gerar renda por meio da agricultura; outros, da produção de doces, do artesanato ou de pequenos negócios locais, dependendo da característica do grupo e do contexto em que está inserido.

b) Respostas pessoais. Ainda que a primeira resposta dependa daquela dada ao item **a**, é possível que os estudantes concluam que são práticas sustentáveis, pois a relação harmônica com o meio ambiente é fundamental para a geração de renda e a subsistência de grande parte das comunidades tradicionais.

Projeto Pais (Página 310)

O tópico apresenta uma iniciativa voltada à produção agroecológica que une a ciência – representada pelo agrônomo idealizador do projeto –, a produtores, órgãos públicos e privados de âmbito nacional, estadual e federal. Ainda que seja importante apresentar o projeto, o mais relevante nesse tópico é demonstrar o ganho obtido quando se estabelece parcerias com vários setores da sociedade e do governo.

Os objetivos relacionados ao desenvolvimento sustentável só poderão ser atingidos se houver a interlocução e o estabelecimento de parcerias, tais como o Pais. Problematizar com os estudantes essa necessidade de interlocução é fundamental para que eles reconheçam os ganhos e as garantias obtidos com tais parcerias a curto, médio e longo prazo.

Comunidades quilombolas do vale do Ribeira (Página 311)

A discussão sobre as comunidades remanescentes de quilombos no vale do Ribeira pode suscitar problematizações diversas. A primeira delas diz respeito ao reconhecimento do grupo como quilombola. É possível perguntar aos estudantes o que isso significa em termos simbólicos e em termos práticos. Em termos simbólicos, ter a própria identidade reconhecida pelo Estado fortalece a percepção de si como membro de uma comunidade de valores culturais específicos; em termos práticos, o reconhecimento como comunidade quilombola possibilita o acesso a direitos e políticas

públicas exclusivos, que fortalecem a comunidade em sua relação com a terra e com a história de seus ascendentes.

Outra questão importante refere-se à classificação do Sistema Agrícola Tradicional das comunidades do vale do Ribeira como patrimônio imaterial brasileiro. Para discutir essa questão com os estudantes, é importante retomar a reflexão sobre patrimônio histórico e a função desempenhada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) nessa questão.

As discussões empreendidas nesse tópico contribuem para o desenvolvimenta das habilidades **EM13CHS102** e **EM13CHS104**, bem como aspectos das habilidades **EM13CNT104**, **EM13CNT203**, **EM13CNT206** e **EM13CNT309**.

Sugestão para o professor

» **Santos, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu, 2023.**

Nesta obra, o poeta e filósofo quilombola, também conhecido como Nêgo Bispo, traz importantes reflexões acerca das epistemes quilombolas, abordando conceitos como contracolonização, cosmofobia e pensamento afro-pindorâmico.

Impactos no mundo (Página 312)

Ainda que consista em alternativa ambientalmente correta, a agricultura orgânica, devido à sua complexidade, precisa de estudos ao longo do tempo a fim de que seja tomada como parâmetro efetivo para a redução da emissão de gases do efeito estufa (GEE). O Livro do Estudante situa bem os pontos a serem considerados no debate, mas sugere-se iniciar a abordagem do tema com a análise do gráfico sobre as emissões de GEE no Brasil no período entre 1990 e 2022.

É importante trabalhar a leitura e a compreensão de dados apresentados por meio de gráficos, pois isso estimula o desenvolvimento de habilidades como a **EM13MAT102**, que favorece a interpretação de situações econômicas, sociais e ambientais, como o caso em análise.

Ativismo ambiental (Páginas 313 a 315)

A discussão sobre o ativismo ambiental já foi iniciada na introdução do capítulo 16. Nesse tópico, no entanto, são retomadas e aprofundadas algumas ideias por meio do estudo de grupos considerados ativistas ambientais.

Para iniciar o trabalho com esse tema, pode-se explorar o histórico dos ativistas ambientais, tal como sugerido no texto do Livro do Estudante, ressaltando a especificidade que as pautas ambientalistas assumiram no contexto brasileiro.

Sugere-se uma atividade de pesquisa na qual os estudantes sejam convidados a mapear grupos ativistas ambientais, no Brasil e no exterior, identificando mobilizações que impactaram positivamente a ação de empresas e governos. Essa estratégia objetiva colocar os estudantes em contato com dados históricos sobre a atuação de membros da sociedade civil, sobretudo no combate aos danos ambientais.

Com base no mapeamento realizado pelos estudantes, pode-se explorar os exemplos de Hamangaí Marcos Melo Pataxó e Amariyanna (Mari) Copeny, apresentados no Livro do Estudante. Em relação à ativista Hamangaí Pataxó, pode-se destacar a defesa do meio ambiente em consonância com a defesa da identidade coletiva e cultural, pois a jovem faz reivindicações em nome dos povos originários indígenas.

Já em relação à ativista Mari Copeny, cabe um destaque para o conceito de racismo ambiental, que, embora seja indicado apenas nesse exemplo, pode ser estendido para o anterior e para os demais casos de povos e comunidades tradicionais que tenham seus direitos violados, especialmente no que se refere ao direito à terra, ao reconhecimento de suas culturas e ao acesso à cidadania.

Mencione também o ativismo do jovem Fionn Ferreira, destacando sua invenção para remover microplásticos da água por meio do uso de uma mistura de óleo e pó de magnetita. Com o aperfeiçoamento desse método, muitas partes do planeta poderão se beneficiar dessa invenção.

ATIVIDADE COMPLEMENTAR

Como forma de ampliar a discussão sobre ativismo ambiental, solicite aos estudantes que façam uma pesquisa sobre iniciativas relacionadas a esse modo de ativismo na comunidade ou no município em que vivem.

Para isso, eles deverão identificar ONGs e outras organizações que atuem nesse sentido na região onde moram, além dos objetivos dessas ONGs, suas metologias de trabalho e os resultados por elas obtidos desde a implementação de cada projeto.

Caso não exista nenhuma iniciativa nesse sentido, se julgar pertinente, solicite aos estudantes que proponham um plano de ação para a resolução ou a minimização de algum problema ambiental na região, investigando possibilidades de ações e também as instituições governamentais responsáveis que podem ser acionadas para contingenciar o problema identificado.

Atividades (Páginas 316 e 317)

1. Resposta pessoal. Essa atividade visa ajudar os estudantes a recuperar o conceito central desse capítulo e a pensar em formas mais simples de comunicar o conhecimento adquirido. Esse é um exercício fundamental para a disseminação de tal conhecimento. Espera-se que indiquem que a agricultura sustentável é um tipo de produção agrícola no qual se preveem cultivos a longo prazo com impacto ambiental mínimo.
2. a) Um dos objetivos da ONU é promover a melhoria na qualidade de vida da população mundial, portanto suas decisões são consideradas por todos os países-membros. Ao aderir à agroecologia, esse órgão indica, com base em estudos confirmados, que até o momento essa é a opção mais saudável para a população e para o meio ambiente e incentiva os países a investirem mais nessa técnica.

   b) Espera-se que os estudantes argumentem que a ciência é sempre utilizada como meio seguro de legitimar um discurso, em decorrência de seus métodos e suas exigências. Assim, ainda que o conhecimento tradicional seja eficaz, é necessário o aval científico para que ele seja legitimado por órgãos oficiais e suas práticas se tornem políticas públicas.
3. Resposta correta: alternativa **a**. Essa intervenção pode reduzir a marginalização produtiva ao fortalecer a agricultura familiar, promovendo a segurança alimentar, gerando renda e valorizando práticas sustentáveis. O apoio a esses cultivos contribui para a inclusão social e econômica das comunidades rurais, melhorando sua capacidade de produção e resiliência.
4. Resposta correta: alternativa **d**. No texto que apresenta a posição de Barack Obama, é mencionada uma iniciativa para o controle da emissão do dióxido de carbono na atmosfera, em consonância com os estudos científicos que demonstram quanto esse gás é danoso. Já o texto sobre a posição de Donald Trump apresenta uma fala do próprio ex-presidente, na qual ele evidencia a saída dos Estados Unidos do acordo climático, pois este não seria justo para os trabalhadores e os contribuintes, denotando uma preocupação maior com o crescimento econômico do que com o impacto ambiental.
5. Resposta correta: alternativa **c**. O primeiro texto apresenta uma perspectiva crítica sobre o consumo e a produção de

alimentos transgênicos, enquanto o segundo texto informa, referendado por instituições internacionais, que o consumo desse tipo de alimento não traz riscos à saúde humana.

6. Resposta correta: alternativa **d**. Para responder a essa questão,os estudantes devem recorrer aos próprios conhecimentos sobre cadeia alimentar concernentes ao controle de insetos por meio da inserção de predadores naturais.

Estúdio filosófico: A ecologia profunda em Arne Naess (Páginas 318 e 319)

Dentro do contexto sobre ecologia, o filósofo Arne Naess nos convida a repensar nossa relação com a natureza, enfatizando a interconexão de todos os seres e a importância de um respeito profundo pelo meio ambiente.

Promova uma roda de conversa para que os estudantes discutam o que entenderam do conceito de ecologia profunda, como refletido por Naess, incentivando-os a pensar atitudes cotidianas que venham de encontro a esse conceito.

PARA CONCLUIR

1. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes respondam que a ecologia profunda é uma corrente de pensamento que vai além da visão tradicional da ecologia.
2. A principal diferença é que a imagem do "homem-no-ambiente" vê o ser humano como um ente separado que existe dentro do ambiente, enquanto a "imagem relacional do campo total" considera os organismos como entrelaçados em uma rede biosférica de relações intrínsecas.
3. O princípio "Viva e deixe viver" amplia a diversidade e a complexidade das formas de vida. A visão tradicional, por sua vez, tende a reduzir essa diversidade e a causar destruição, tanto entre diferentes espécies quanto dentro das comunidades da mesma espécie.
4. A ecologia profunda defende uma coexistência harmoniosa e a preservação da diversidade em todos os níveis, combatendo qualquer forma de destruição e dominação que ameace essa diversidade.

Práticas de pesquisa: Sustentabilidade local (Páginas 320 e 321)

Nessa seção, pretende-se que os estudantes desenvolvam habilidades e práticas de pesquisa por meio do método qualitativo de questionários. Para isso, será preciso construir um conjunto de perguntas sobre o problema a ser investigado de modo a abarcar a investigação de informações gerais sobre o perfil do interlocutor. Esse questionário deve ser previamente testado para evitar dubiedade ou incompreensão nas perguntas.

O problema a ser investigado refere-se à identificação, pelos moradores locais, das demandas ambientais existentes no bairro da escola. Após coletar as respostas dos questionários, os estudantes deverão pensar em possíveis encaminhamentos e soluções a serem implementadas pelo poder público. Essas considerações serão parte de um documento que deverá ser entregue e protocolado, para retorno posterior, a algum representante do Poder Executivo municipal.

O Livro do Estudante apresenta um passo a passo detalhado da atividade, desde as orientações mais gerais sobre o que é e como fazer, até dicas de segurança para a abordagem dos moradores no entorno da escola. É importante que essas orientações sejam lidas e compreendidas na íntegra pelos estudantes para que o resultado da atividade seja satisfatório.

Como o intuito dessa atividade é colocar os estudantes em contato direto com os procedimentos que orientam o método científico, executá-la com primor garante uma aprendizagem significativa, que poderá conduzir outras etapas da formação discente. Além disso, o envolvimento com problemas reais da comunidade contribui para um senso de pertencimento e para o reconhecimento das necessidades locais, aspectos fundamentais para a consolidação da cidadania como prática intrínseca à sociedade democrática.

Essa proposta de pesquisa favorece o trabalho com as habilidades **EM13CHS302** e **EM13CHS304** ao propor a elaboração e a análise de questionários visando à identificação de problemas ambientais que envolvem a comunidade escolar.

Por se tratar de uma pesquisa amostral, essa abordagem também contribui para a mobilização de aspectos da habilidade **EM13MAT202**.

A seção promove o trabalho com a **CGEB1**, a **CGEB6**, a **CGEB7** e a **CGEB10**, desenvolvidas com destaque ao longo da unidade, enquanto mobiliza também a **CGEB2** e a **CGEB4**.

SIMPÓSIO FILOSÓFICO: A FILOSOFIA NA PRÁTICA

INTRODUÇÃO

Esse projeto tem como principal objetivo colocar em prática as discussões promovidas ao longo deste livro. Os estudantes deverão desenvolver e participar de um simpósio, no qual abordarão temas filosóficos de grande impacto na sociedade, bem como propostas de intervenção social que promovam valores éticos e democráticos.

Sugestão de planejamento

Sugere-se que esse projeto seja desenvolvido como um trabalho de conclusão de curso, no qual os estudantes deverão mobilizar conhecimentos e ferramentas do componente curricular Filosofia, bem como competências e habilidades da área de Ciências Humanas para sua elaboração. Nesse sentido, apesar de enfatizar discussões características da Filosofia, é importante que o desenvolvimento do projeto ocorra em parceria com os demais docentes da área.

Objetivos do projeto

- Refletir sobre a aplicação prática de temas, considerações e discussões filosóficas em situações da vida cotidiana.
- Desenvolver propostas de intervenção na sociedade que promovam o combate a diversas formas de injustiças e violências e valorizem princípios éticos, democráticos e solidários.
- Divulgar discussões e reflexões filosóficas à comunidade escolar.
- Exercitar o protagonismo juvenil e o engajamento em práticas cooperativas para a formulação e a resolução de problemas.

COMPETÊNCIAS E HABILIDADES DO PROJETO

PROJETO	COMPETÊNCIAS GERAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA	COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS E HABILIDADES	TEMAS CONTEMPORÂNEOS TRANSVERSAIS
Simpósio filosófico: a Filosofia na prática	CGEB1, CGEB2, CGEB4, CGEB6, CGEB7, CGEB9 e CGEB10	**CECHSA2:** EM13CHS202 **CECHSA3:** EM13CHS301 e EM13CHS303 **CECHSA4:** EM13CHS401 e EM13CHS403 **CECHSA5:** EM13CHS501, EM13CHS502 e EM13CHS503 **CECHSA6:** EM13CHS601	Educação ambiental; Educação em direitos humanos; Diversidade cultural; Ciência e tecnologia

O que será feito (Páginas 326 e 327)

É essencial que os estudantes compreendam que a Filosofia é um componente fundamental das Ciências Humanas e que, além de nos fazer pensar, ela nos torna "atores" de nossas ações e escolhas. Por isso, colocar em prática tudo o que se aprende é extremamente importante para o próprio desenvolvimento pessoal e social.

Dito isso, aborde o conceito de simpósio, explicando a origem grega do conceito e como, ao longo do tempo, ele se tornou um espaço de discussão formal sobre temas específicos. Destaque a importância de se organizar um evento como esse, no qual os estudantes terão a oportunidade de explorar a aplicação prática da Filosofia em situações concretas.

Preparação (Páginas 327 e 328)

Auxilie a turma na divisão dos grupos para a elaboração do simpósio e a apresentação detalhada do projeto. Realize uma leitura conjunta das etapas para assegurar que todos os estudantes estejam cientes do processo.

Posteriormente, discuta com a turma os diferentes formatos de simpósio disponíveis, como palestras, painéis e mesas-redondas. Em seguida, divida os temas com os grupos. Certifique-se de que cada grupo compreende o tema e as expectativas para a pesquisa e a apresentação. Oriente-os sobre como organizar a pesquisa e preparar as apresentações, garantindo que todos saibam como contribuir de forma eficaz para o simpósio.

Desenvolvimento (Páginas 329 e 330)

Instrua as frentes de trabalho em quaisquer possíveis obstáculos. Enfatize que a contribuição de todos é essencial para o bom desenvolvimento do trabalho. Se julgar pertinente, faça uma nova leitura da etapa "Realização do simpósio" na véspera das apresentações para que não paire nenhuma dúvida sobre o deverá ser feito durante as apresentações, antes e depois delas.

Conclusão (Páginas 330 e 331)

Após as apresentações, reúna-se com os estudantes para a autoavaliação. Permita que eles se expressem livremente. Ao final, enfatize a importância da realização desse projeto para o desenvolvimento pessoal deles.

OBJETOS DIGITAIS DO LIVRO

Os objetos digitais são recursos complementares ao processo de aprendizagem dos estudantes e contribuem para o aprofundamento dos temas abordados no Livro do Estudante. Eles oferecem uma alternativa didática e podem ser utilizados conforme critérios definidos pelo professor. Nesta obra, os recursos digitais estão presentes de forma equilibrada, relevante e articulada ao conteúdo. Observe as indicações a seguir.

OBJETO DIGITAL	TIPO	UNIDADE	CAPÍTULO	PÁGINA	ORIENTAÇÃO DIDÁTICA
Interseccionalidade	Vídeo	1	2	32	Para aprofundar a discussão sobre interseccionalidade, assista com os estudantes à entrevista em que a pesquisadora e militante do feminismo negro Carla Akotirene apresenta sua perspectiva sobre o assunto.
O conceito de *Amor Fati*	*Podcast*	1	3	54	Ouça com os estudantes o *podcast* em que o pesquisador Bruno Neppo fala sobre *Amor fati* e reflita sobre esse conceito fundamental de Nietzsche.
Negacionismo científico	Infográfico clicável	2	5	82	Sugira aos estudantes que explorem o infográfico para aprimorar a reflexão sobre o negacionismo científico e reforçar a importância de validar as informações utilizadas na argumentação.
As primeiras universidades europeias	Carrossel de imagens	2	6	98	Explore com os estudantes esse objeto digital sobre as primeiras universidades europeias, discutindo a importância dessas instituições como centros de saber e formadoras de opinião.
Conhecendo mitos	Mapa clicável	3	8	131	Oriente os estudantes a explorar o mapa interativo para conhecer mitos de diversas culturas. Em seguida, questione-os sobre como esses mitos explicam o universo e moldam identidades.
Conhecimentos tradicionais	Carrossel de imagens	3	9	147	Explore esse objeto digital, que enfatiza a importância da reprodução das práticas e dos conhecimentos tradicionais, ao longo das gerações, para a manutenção da cultura de um povo.
Religião e política	Infográfico clicável	4	11	192	Ao discutir a importância da representatividade e da influência política de grupos religiosos em um Estado democrático, proponha aos estudantes que analisem os dados apresentados nesse infográfico.
A democracia representativa	Vídeo	4	12	205	Assista ao vídeo da Escola Virtual de Cidadania e aprofunde com os estudantes as características e o modo de funcionamento da democracia representativa.
Corpo e beleza	Infográfico clicável	5	13	223	Explore o infográfico sobre a corpo e beleza e discuta com os estudantes como padrões socialmente impostos de beleza afetam a percepção sobre si.
O uso de inteligência artificial nas eleições	*Podcast*	5	15	253	Ouça o *podcast* com os estudantes para compreender o impacto da inteligência artificial nos processos democráticos, especialmente no contexto das eleições municipais de 2024.
Cidades sustentáveis	Vídeo	6	17	295	Assista ao vídeo com os estudantes e conheça estratégias de sustentabilidade que vêm sendo implementadas no Brasil e que dialogam com o Objetivo do Desenvolvimento Sustentável Cidade Sustentável.
Agroecologia	*Podcast*	6	18	307	Ouça com os estudantes o *podcast* e explore as formas de desenvolvimento e comercialização de produtos à base de mandioca e suas implicações culturais para os povos indígenas.

2 2 4 8 1 4

ISBN 978-85-418-3561-9

2 900002 248142